O MAHABHARATA

de

Krishna-Dwaipayana Vyasa

LIVRO 12

SANTI PARVA

Traduzido para a Prosa Inglesa do Texto Sânscrito Original

por

Kisari Mohan Ganguli

[1883-1896]

Traduzido para o Português por Eleonora Meier.

Índice escrito por Duncan Watson.
Traduzido por Eleonora Meier.

1

(Rajadharmanusasana Parva)

Om! Tendo reverenciado Narayana e Nara, o principal dos seres masculinos, como também a deusa Sarasvati, a palavra "Jaya" deve ser proferida.

"Vaisampayana disse, 'Tendo oferecido oblações de água a todos os seus amigos e parentes, os filhos de Pandu, Vidura, Dhritarashtra, e todas as senhoras Bharata continuaram a morar lá (nas margens do rio sagrado). Os filhos de Pandu desejaram passar o período de luto, que se estendia por um mês, fora da cidade Kuru. Depois de o rei Yudhishthira o justo ter realizado os ritos de água, muitos sábios de grande alma coroados com êxito ascético e muitos dos principais Rishis regenerados foram lá para ver o monarca. Entre eles estavam o Nascido na Ilha (Vyasa) e Narada, e o grande Rishi Devala, e Devasthana, e Kanwa. Todos eles estavam acompanhados por seus melhores pupilos. Muitos outros membros da ordem regenerada, possuidores de sabedoria e educados nos Vedas, levando vida familiar ou pertencentes à ordem Snataka, foram ver o rei Kuru. Aqueles de grande alma, quando chegaram, foram devidamente adorados por Yudhishthira. Os grandes Rishis então tomaram seus assentos em tapetes caros. Aceitando o culto adequado àquele período (de luto e impureza) que foi oferecido a eles, eles sentaram na devida ordem em volta do rei. Milhares de Brahmanas ofereceram consolo e conforto àquele rei de reis residindo nas margens sagradas do Bhagirathi com o coração extremamente agitado pela dor. Então Narada, depois de ter abordado os Rishis, o Nascido na Ilha por primeiro, no devido tempo, dirigiu-se a Yudhishthira, o filho de Dharma, dizendo, 'Pelo poder de teus braços e a graça de Madhava, toda a Terra, ó Yudhishthira, foi ganha justamente por ti. Por boa sorte, tu escapaste com vida desta batalha terrível. Cumpridor como és dos deveres de um Kshatriya, tu não te regozijas, ó filho de Pandu? Tendo matado todos os teus inimigos, tu não gratificarás teus amigos, ó rei? Tendo obtido esta prosperidade, eu espero que a dor não te aflija ainda.'"

"Yudhishthira disse, 'De fato a Terra inteira foi subjugada por mim por minha confiança no poder de Krishna, pela graça dos Brahmanas, e pela força de Bhima e Arjuna. Esta angústia pesada, no entanto, está sempre no meu coração, isto é, que por avareza eu causei esta carnificina terrível de parentes. Tendo causado a morte do filho querido de Subhadra, e dos filhos de Draupadi, esta vitória, ó santo, aparece para mim à luz de uma derrota. O que Subhadra da linhagem de Vrishni, aquela minha cunhada, dirá para mim? O que também dirão as pessoas residentes em Dwaraka ao matador de Madhu quando ele for para lá deste local? Esta Draupadi, também, que está sempre empenhada em fazer o que é agradável para nós, enlutada por filhos e parentes, está me atormentando extremamente. Há outro tópico, ó santo Narada, sobre o qual eu falarei contigo. Por Kunti ter mantido seu parecer oculto a respeito de uma questão muito importante, grande tem sido

minha dor. Aquele herói que tinha a força de dez mil elefantes, que neste mundo era um guerreiro em carro inigualável, que possuía um porte e orgulho leoninos, que era dotado de grande inteligência e compaixão, cuja generosidade era muito grande, que praticava muito votos superiores, que era o refúgio dos Dhartarashtras, que era sensível sobre sua honra, cuja bravura era irresistível, que estava sempre pronto para revidar todas as injúrias e era sempre colérico (em batalha), que nos derrotou em repetidos combates, que era rápido no uso de armas, conhecedor de todos os modos de guerra, possuidor de grande habilidade, e dotado de uma coragem extraordinária (aquele Karna) era um filho de Kunti, nascido secretamente dela, e portanto, um irmão nosso. Enquanto nós estávamos oferecendo oblações de água para os mortos, Kunti falou dele como o filho de Surya. Possuidora de todas as virtudes, aquela criança foi lançada à água. Tendo-o colocado em um cesto feito de materiais leves, Kunti confiou-o à corrente do Ganga. Ele que era considerado pelo mundo como um filho de Suta nascido de Radha era realmente o filho mais velho de Kunti e, portanto, nosso irmão. Ávido pelo reino, ai, eu involuntariamente fiz aquele meu irmão ser morto. É isto que está queimando meus membros como um fogo queimando uma pilha de algodão. Arjuna de corcéis brancos não o conhecia como um irmão. Nem eu, nem Bhima e nem os gêmeos o conhecíamos como tal. Ele, no entanto, de arco excelente, nos conhecia (como seus irmãos). Nós soubemos que em uma ocasião Pritha foi até ele para procurar nosso bem e se dirigiu a ele, dizendo, 'Tu és meu filho!' Aquele herói ilustre, no entanto, se recusou a obedecer aos desejos de Pritha. Posteriormente, nós fomos informados, ele disse à sua mãe estas palavras, 'Eu não posso abandonar Duryodhana em batalha! Se eu fizesse isso, este seria um ato desonroso, cruel, e ingrato. Se, cedendo aos teus desejos, eu fizer as pazes com Yudhishthira, as pessoas dirão que eu tenho medo de Arjuna de corcéis brancos. Tendo vencido Arjuna com Kesava, portanto, em batalha, eu posteriormente farei as pazes com o filho de Dharma.' Estas foram as palavras dele como nós ouvimos. Assim respondida, Pritha dirigiu-se mais uma vez a seu filho de peito largo e disse, 'Lute com Phalguna então, mas poupe meus outros quatro filhos.' O inteligente Karna, com mãos unidas, então respondeu para sua mãe que tremia, dizendo, 'Se eu tiver teus outros quatro filhos sob meu poder, eu não os matarei. Sem dúvida, ó deusa, tu continuarás a ter cinco filhos. Se Karna for morto por Arjuna, tu terás cinco! Se, por outro lado, Arjuna for morto, tu também terás cinco, contando comigo.' Desejosa do bem de seus filhos, sua mãe lhe falou novamente, 'Vá, ó Karna, faça o bem àqueles teus irmãos cujo bem tu sempre procuraste.' Tendo dito estas palavras, Pritha se despediu e voltou para sua residência. Aquele herói foi morto por Arjuna, o irmão pelo irmão! Nem Pritha, nem ele alguma vez revelaram o segredo, ó senhor! Aquele grande herói e arqueiro foi morto portanto por Arjuna em batalha. Posteriormente eu vim a saber, ó melhor dos regenerados, que ele era meu irmão. De fato, pelas palavras de Pritha eu soube que Karna era meu irmão mais velho! Tendo causado a morte de meu irmão, meu coração está queimando extremamente. Se eu tivesse ambos Karna e Arjuna para me ajudar eu poderia ter vencido o próprio Vasudeva. Enquanto eu era torturado no meio da assembléia pelos filhos de mente má de Dhritarashtra, minha cólera, subitamente provocada, se acalmou à visão de Karna. Mesmo enquanto eu estava escutando as palavras duras e amargas do próprio

Karna naquela ocasião da nossa partida de dados, as palavras que Karna proferiu pelo desejo de fazer o que era agradável para Duryodhana, a minha ira esfriou à visão dos pés de Karna. Pareceu-me que os pés de Karna pareciam com os pés de nossa mãe Kunti. Desejoso de descobrir a razão daquela semelhança entre ele e nossa mãe, eu refleti por muito tempo. Mesmo com meus melhores esforços eu fracassei em encontrar a causa. Por que, de fato, a terra engoliu as rodas do carro dele na hora da batalha? Por que meu irmão foi amaldiçoado? Cabe a ti relatar tudo isso para mim. Eu desejo ouvir tudo de ti, ó santo! Tu estás familiarizado com tudo neste mundo e tu conheces o passado e o futuro!'

2

“Vaisampayana disse, ‘Aquele principal dos oradores, o sábio Narada, assim questionado, narrou tudo acerca da maneira pela qual aquele que se acreditava ser um filho de Suta foi amaldiçoado (nos tempos passados).’”

"Narada disse, 'É exatamente assim, ó tu de braços poderosos, como tu disseste, ó Bharata! Nada poderia resistir a Karna e Arjuna em batalha. Isto, ó impecável, que eu estou prestes a te dizer é desconhecido para os próprios deuses. Escute, ó poderoso, como isto aconteceu no passado. Como todos os Kshatriyas, purificados por meio de armas alcançariam regiões de bem-aventurança, era a questão. Por isto, uma criança foi concebida por Kunti em seus anos de virgindade, capaz de provocar uma guerra geral. Dotado de grande energia, aquele menino veio a ter a posição de um Suta. Ele posteriormente adquiriu a ciência de armas do preceptor (Drona), aquele principal descendente da linha de Angirasa. Pensando no poder de Bhimasena, na rapidez de Arjuna no uso de armas, na tua inteligência, ó rei, na humildade dos gêmeos, na amizade, desde a juventude, entre Vasudeva e o manejador do Gandiva, e na afeição do povo por vocês todos, aquele homem jovem queimava de inveja. Bem cedo ele fez amizade com o rei Duryodhana, levado por um acidente e sua própria natureza e o ódio que ele tinha por vocês todos. Vendo que Dhananjaya era superior a todos na ciência de armas, Karna um dia se aproximou de Drona em particular e disse estas palavras a ele, 'Eu desejo conhecer a arma Brahma, com todos os seus mantras e o poder de retirá-la, porque eu desejo lutar com Arjuna. Sem dúvida, a afeição que tu tens por cada um dos teus pupilos é igual àquela que tu tens por teu próprio filho. Eu rogo que todos os mestres da ciência de armas possam, pela tua graça, me considerar como alguém aperfeiçoado no uso de armas!' Assim endereçado por ele, Drona, por predileção por Phalguna, como também por seu conhecimento da maldade de Karna, disse, 'Ninguém exceto um Brahmana, que tenha cumprido devidamente todos os votos, deve conhecer a arma Brahma, ou um Kshatriya que praticou penitências austeras, e nenhum outro.' Quando Drona respondeu dessa maneira, Karna, tendo-o reverenciado, obteve sua permissão, e procedeu sem demora até Rama então residindo nas montanhas Mahendra. Aproximando-se de Rama, ele curvou sua cabeça a ele e disse, 'Eu sou um Brahmana da linhagem de Bhrigu.' Isto conseguiu honra para ele. Com este conhecimento sobre seu nascimento e família, Rama o recebeu bondosamente e

disse, 'Tu és bem vindo!' No que Karna ficou muito contente. Enquanto residia nas montanhas Mahendra que pareciam com o próprio céu, Karna encontrou e se misturou com muitos Gandharvas, Yakshas, e deuses. Residindo lá ele adquiriu todas as armas devidamente, e se tornou um grande favorito dos deuses, dos Gandharvas, e dos Rakshasas. Um dia ele vagava pelo litoral ao lado daquele retiro. De fato, o filho de Surya, armado com arco e espada, vagava sozinho. Naquele momento, ó Partha, ele matou inadvertidamente, sem premeditar, a vaca Homa de certo proferidor de Brahma, que realizava diariamente seu rito Agnihotra. Sabendo que tinha cometido aquele ato por inadvertência, ele informou o Brahmana disto. De fato, Karna, com o objetivo de gratificar o dono, disse repetidamente, 'Ó santo, eu matei esta tua vaca sem ter a intenção. Perdoe-me a ação!' Cheio de cólera, o Brahmana, o repreendendo, disse estas palavras, 'Ó tu de má conduta, tu mereces ser morto. Que o fruto desta ação seja teu, ó tu de alma perversa. Enquanto lutando, ó canalha, com aquele a quem tu sempre desafiaste, e por cuja causa tu te esforças tanto todo dia, a terra engolirá a roda do teu carro! E quando a roda do teu carro for assim engolida pela terra, teu inimigo, mostrando sua destreza, cortará tua cabeça, tu mesmo estando perplexo naquele momento! Deixe-me, ó homem vil! Como tu mataste desatentamente esta minha vaca, da mesma forma teu inimigo cortará tua cabeça enquanto tu estiveres desatento!' Embora amaldiçoado, Karna ainda procurou gratificar aquele principal dos Brahmanas por lhe oferecer vacas e riquezas e pedras preciosas. O último, no entanto, mais uma vez respondeu a ele, 'Todas as palavras não conseguirão neutralizar as palavras faladas por mim! Vá embora ou permaneça, faça o que quiseres.' Assim endereçado pelo Brahmana, Karna, de cabeça baixa pelo desânimo, retornou timidamente para Rama, refletindo sobre aquela questão.'"

3

"Narada disse, 'Aquele tigre da raça Bhrigu (Rama), estava bem satisfeito com a força dos braços de Karna, sua afeição (por ele), seu autocontrole, e os serviços que ele fazia para seu preceptor. Cumpridor de penitências ascéticas, Rama comunicou alegremente, de forma apropriada, para seu discípulo cumpridor de penitências, tudo acerca da arma Brahma com os mantras para retirá-la. Tendo adquirido o conhecimento daquela arma, Karna começou a passar seus dias alegremente no retiro de Bhrigu, e dotado de destreza extraordinária, ele se dedicou com grande ardor à ciência de armas. Um dia Rama de grande inteligência, enquanto passeava com Karna na vizinhança de seu retiro, sentiu muita fraqueza por causa dos jejuns que ele tinha feito. Por afeição gerada pela confiança, o cansado filho de Jamadagni colocando sua cabeça no colo de Karna dormiu profundamente. Enquanto seu preceptor estava assim dormindo (com a cabeça) em seu colo, um verme terrível, cuja mordida era muito dolorosa e que subsistia de muco e gordura e carne e sangue, se aproximou de Karna. Aquele verme sugador de sangue se aproximou da coxa de Karna e começou a perfurá-la. Por medo de (despertar) seu preceptor, Karna não podia jogar para longe ou matar aquele verme. Embora seu membro fosse atravessado de um lado a outro

por aquele verme, ó Bharata, o filho de Surya, para que seu preceptor não despertasse, suportou isso para agradá-lo. Embora a dor fosse intolerável, Karna a suportou com paciência heróica, e continuou a segurar o filho de Bhrigu em seu colo, sem estremecer o mínimo e sem manifestar qualquer sinal de dor. Quando finalmente o sangue de Karna tocou o corpo de Rama de grande energia, o último despertou e disse estas palavras por medo, 'Ai, eu estou impuro! O que é que tu estás fazendo? Me diga, sem medo, qual é a verdade neste caso!' Então Karna o informou da mordida daquele verme. Rama viu aquele verme que parecia com um porco em forma. Ele tinha oito pés e dentes muito afiados, e estava coberto com cerdas que eram todas pontudas como agulhas. Chamado pelo nome de Alarka, seus membros estavam então encolhidos (com medo). Logo que Rama lançou seu olhar nele, o verme abandonou seu ar vital, se fundindo naquele sangue que ele tinha chupado. Tudo isso parecia extraordinário. Então no firmamento foi visto um Rakshasa de forma terrível, de cor escura, com um pescoço vermelho, capaz de assumir qualquer forma, sobre as nuvens. Com seu objetivo cumprido, o Rakshasa, com mãos unidas, dirigiu-se a Rama, dizendo, 'Ó melhor dos ascetas, tu me resgataste deste inferno! Abençoado sejas tu, eu te reverencio, tu me fizeste bem!' Possuidor de grande energia, o poderoso filho de Jamadagni disse a ele, 'Quem és tu? E por que também tu caíste no inferno? Diga-me tudo sobre isto.' Ele respondeu, 'Antigamente eu era um grande Asura chamado Dansa. No período Krita, ó senhor, eu tinha a mesma idade que Bhrigu. Eu raptei a cônjuge ternamente amada daquele sábio. Pela maldição dele eu caí sobre a terra na forma de um verme. Com raiva teu antepassado disse a mim, 'Subsistindo de urina e muco, ó canalha, tu levarás uma vida de inferno.' Eu então supliquei a ele, dizendo, 'Quando, ó Brahmana, esta maldição terá fim?' Bhrigu me respondeu, 'Esta maldição terminará através de Rama da minha linhagem.' Foi por isso que eu obtive tal curso de vida como alguém de alma impura. Ó virtuoso, por ti, no entanto, eu fui resgatado daquela vida pecaminosa.' Tendo dito estas palavras, o grande Asura, curvando a sua cabeça a Rama, foi embora. Então Rama dirigiu-se colericamente a Karna, dizendo, 'Ó tolo, nenhum Brahmana poderia suportar tal agonia. Tua paciência é como aquela de um Kshatriya. Diga-me a verdade, sem medo.' Assim questionado, Karna, por medo de ser amaldiçoado, e procurando gratificá-lo disse estas palavras, 'Ó tu da linhagem de Bhrigu, saiba que eu sou um Suta, uma classe que surgiu da mistura de Brahmanas com Kshatriyas. As pessoas me chamam de Karna filho de Radha. Ó tu da linhagem de Bhrigu, fique satisfeito com minha pobre pessoa que agiu pelo desejo de obter armas. Não há dúvida de que um venerável preceptor nos Vedas e outros ramos de conhecimento é um pai. Foi por isso que eu me apresentei a ti como uma pessoa da tua própria linhagem.' Ao triste e trêmulo Karna, prostrado sobre a terra com mãos unidas, aquele principal da linhagem de Bhrigu, sorrindo embora cheio de ira, respondeu, 'Já que tu, pela cobiça de armas, te comportaste aqui com falsidade, portanto, ó infeliz, aquela arma Brahma não ficará na tua memória. Já que tu não és um Brahmana, realmente a arma Brahma, perto da hora da tua morte, não ficará contigo (tu a esquecerás ou ela não virá ao teu chamado) quando tu estiveres empenhado em combate com um guerreiro igual a ti! Vá embora, este não é um lugar para uma pessoa de comportamento falso como tu! Sobre a terra, nenhum Kshatriya será teu igual em batalha.' Assim endereçado por

Rama, Karna foi embora, tendo recebido a permissão dele devidamente. Chegando então diante de Duryodhana, ele o informou, dizendo, 'Eu tenho o domínio de todas as armas.'"

4

"Narada disse, 'Tendo assim obtido armas daquele da linhagem de Bhrigu, Karna começou a passar seus dias em grande alegria, na companhia de Duryodhana, ó touro da raça Bharata! Uma vez, ó monarca, muitos reis foram para uma escolha de marido na capital de Chitrangada, o soberano do país dos Kalingas. A cidade, ó Bharata, cheia de opulência, era conhecida pelo nome de Rajapura. Centenas de soberanos foram para lá para obter a mão da donzela. Sabendo que diversos reis estavam lá reunidos, Duryodhana também, em seu carro dourado, foi para lá, acompanhado por Karna. Quando as festas começaram naquela escolha de marido, diversos soberanos, ó melhor dos reis, foram para lá pela mão da moça. Entre eles estavam Sisupala e Jarasandha e Bhishmaka e Vakra, e Kapotaroman e Nila e Rukmi de destreza imperturbável, e Sringa que era soberano do reino feminino, e Asoka e Satadhanwan e o heróico soberano dos Bhojas. Além destes, muitos outros que moravam nos países do Sul, e muitos preceptores (em armas) das tribos mlechchas, e muitos soberanos do Leste e do Norte, ó Bharata, chegaram lá. Todos eles estavam enfeitados com Angadas dourados, e possuíam o esplendor do ouro puro. De corpos refulgentes, eles eram como tigres de bravura feroz. Depois que aqueles reis tinham tomado seus assentos, ó Bharata, a donzela entrou na arena, acompanhada por sua acompanhante e uma guarda de eunucos. Enquanto era informada dos nomes dos reis (enquanto ela fazia sua rota), aquela moça das mais belas feições passou pelo filho de Dhritarashtra (como tinha passado por outros antes dele). Duryodhana, no entanto, da linhagem de Kuru, não pode suportar aquela rejeição. Desrespeitando todos os reis, ele mandou a moça parar. Embriagado com orgulho de energia, e confiando em Bhishma e Drona, o rei Duryodhana, colocando aquela moça em seu carro, a sequestrou à força. Armado com espada, vestido em cota de malha, e com seus dedos envolvidos em tiras de couro, Karna, aquele principal de todos os manejadores de armas, em seu carro, procedeu na retaguarda de Duryodhana. Um grande tumulto então ocorreu entre os reis, todos os quais foram incitados pelo desejo de lutar, 'Ponham suas cotas de malha! Que os carros sejam aprontados!' (Eram os sons que eram ouvidos). Cheios de cólera, eles perseguiram Karna e Duryodhana, despejando setas sobre eles como massas de nuvens despejando chuva sobre um par de colinas. Enquanto eles os perseguiam, Karna derrubava seus arcos e setas no chão, cada um com uma única seta. Entre eles alguns ficaram sem arcos, alguns avançavam com arco nas mãos, alguns estavam a ponto de atirar suas flechas, e alguns os perseguiam armados com dardos e maças. Possuidor de grande leveza de mãos, Karna, aquele principal de todos os batedores, afligiu eles todos. Ele privou muitos reis de seus motoristas e assim venceu todos aqueles senhores de terra. Então eles mesmos pegaram as rédeas de seus corcéis, e dizendo, ‘Vamos embora!’, ‘Vamos embora!’, desistiram

da batalha com corações desanimados. Protegido por Karna, Duryodhana também foi embora, com o coração alegre, levando com ele a donzela para a cidade chamada de elefante.'

5

"Narada disse, 'Sabendo da fama do poder de Karna, o soberano dos Magadhas, o rei Jarasandha, o desafiou para um combate. Como ambos eram conhecedores de armas celestes, uma batalha violenta ocorreu entre eles na qual eles atacaram um ao outro com diversas espécies de armas. Finalmente quando suas setas estavam esgotadas e arcos e espadas estavam quebrados e ambos ficaram sem carro, eles começaram, possuidores de força como eles eram, a lutar com braços nus. Enquanto envolvido com ele em combate mortal com braços nus, Karna estava prestes a separar as duas partes do corpo de seu oponente que tinham sido unidas por Jara. O rei (de Magadha), então depois de se sentir muito atormentado, abandonou todo o desejo de hostilidade e dirigiu-se a Karna, dizendo, 'Eu estou satisfeito'. Por amizade ele então deu para Karna a cidade Malini. Antes disto, aquele tigre entre homens e subjugador de todos os inimigos (Karna) era rei dos Angas somente, mas daquele tempo em diante aquele opressor de tropas hostis começou a governar sobre Champa também, em conformidade com os desejos de Duryodhana, como tu sabes. Assim Karna se tornou famoso sobre a terra pelo valor de seus braços. Quando, para o teu bem, o Senhor dos celestiais pediu dele sua armadura e brincos (naturais), entorpecido pela ilusão celeste, ele deu aquelas posses preciosas. Privado de seus brincos e de sua armadura natural, ele foi morto por Arjuna na presença de Vasudeva. Por consequência da maldição de um Brahmana, como também da maldição do ilustre Rama, do benefício concedido à Kunti e da ilusão praticada sobre ele por Indra, de sua depreciação por Bhishma como somente meio guerreiro em carro, na contagem de Rathas e Atirathas, da destruição de sua energia causada por Salya (com suas palavras mordazes), da política de Vasudeva, e, por fim, das armas celestes obtidas por Arjuna de Rudra e Indra e Yama e Varuna e Kuvera e Drona e do ilustre Kripa, o manejador do Gandiva conseguiu matar o filho de Vikartana, Karna, de refulgência como aquela do próprio Surya. Dessa maneira teu irmão foi amaldiçoado e iludido por muitos. Como, no entanto, ele caiu em batalha, tu não deves te afligir por aquele tigre entre homens!'"

6

"Vaisampayana disse, 'Tendo dito estas palavras, o Rishi celeste Narada ficou silencioso. O sábio real Yudhishthira, cheio de dor, ficou mergulhado em meditação. Vendo aquele herói desanimado e abatido pela tristeza, suspirando como uma cobra e derramando lágrimas copiosas, Kunti, ela mesma cheia de angústia e quase privada de sua razão pela tristeza, dirigiu-se a ele nestas palavras gentis de significado importante e bem adequadas à ocasião, 'Ó

Yudhishthira de braços poderosos, não cabe a ti ceder assim à tristeza. Ó tu de grande sabedoria, mate esta tua dor, e escute o que eu digo. Eu tentei no passado informar Karna de sua irmandade contigo. O deus Surya também, ó principal de todas as pessoas justas, fez o mesmo. Tudo o que um amigo que deseja o bem, pelo desejo de bem, deve dizer a alguém foi dito para Karna por aquele deus em um sonho e mais uma vez na minha presença. Nem por aflição nem por argumentos Surya ou eu mesma conseguimos acalmá-lo ou induzi-lo a se unir a ti. Sucumbindo à influência do Tempo ele resolveu descarregar sua inimizade sobre ti. Como ele estava inclinado a ferir vocês todos eu desisti da tentativa.' Assim endereçado por sua mãe, o rei Yudhishthira, com olhos cheios de lágrimas e coração agitado pela dor, disse estas palavras, 'Por tu teres escondido este segredo esta grande aflição me alcançou!' Possuidor de grande energia, o rei virtuoso, então, em tristeza, amaldiçoou todas as mulheres do mundo, dizendo, 'De agora em diante nenhuma mulher conseguirá guardar um segredo!' O rei, então, se lembrando de seus filhos e netos e parentes e amigos, encheu-se de ansiedade e dor. Afligido pela tristeza, o rei inteligente, parecendo um fogo coberto com fumaça, foi dominado pelo desespero."

7

Vaisampayana disse, "Yudhishthira de alma justa, com coração agitado e queimando de tristeza, começou a chorar por aquele poderoso guerreiro em carro, Karna. Suspirando repetidamente, ele se dirigiu a Arjuna, dizendo, 'Se, ó Arjuna, nós tivéssemos levado uma vida de mendicância nas cidades dos Vrishnis e dos Andhakas, então este fim miserável não teria sido nosso por termos exterminado nossos parentes. Nossos inimigos, os Kurus, ganharam em prosperidade (pois tendo morrido em combate foram todos para o céu), enquanto nós ficamos privados de todos os objetos de vida, pois que frutos de virtude podem ser nossos quando nós somos culpados de autodestruição? Que vergonha para os costumes de Kshatriyas, para o poder e coragem, e para a ira, já que por causa destes tal calamidade nos alcançou. Abençoados são perdão, autocontrole, pureza, com renúncia e humildade, e abstenção de ferir, e veracidade de palavras em todas as ocasiões, que são todos praticados por reclusos das florestas. Cheios de orgulho e arrogância, nós, no entanto, pela avareza e tolice e desejo de desfrutar da soberania, caímos nesta situação. Vendo aqueles nossos parentes, que estavam resolvidos a obter a soberania do mundo, mortos sobre o campo de batalha, tal é a nossa dor que nós não poderíamos nos alegrar nem se ganhássemos a soberania dos três mundos. Ai, tendo matado, por causa da terra, tais senhores de terras que não mereciam ser mortos por nós, nós estamos suportando o peso da existência, carentes de amigos e privados dos próprios objetivos da vida. Como um matilha de cães lutando entre si por um pedaço de carne, um grande desastre nos alcançou! Aquele pedaço de carne não é mais caro para nós. Por outro lado, ele será jogado de lado. Aqueles que estão mortos não deveriam ter sido mortos nem por toda a terra nem por montanhas de ouro, nem por todos os cavalos e vacas deste mundo. Cheios de inveja e de um desejo ardente por todos os objetos

mundanos, e influenciados por ira e prazer, todos eles, dirigindo-se à estrada da Morte, foram para as regiões de Yama. Praticando ascetismo e Brahmacharya e verdade e renúncia, pais desejam filhos dotados de todos os tipos de prosperidade. Da mesma maneira, por jejuns e sacrifícios e votos e ritos sagrados e cerimônias auspiciosas as mães concebem. Elas então mantêm o feto por dez meses. Passando seu tempo em miséria e na expectativa de resultado, elas sempre se perguntam em ansiedade, 'Estes sairão do útero com segurança? Eles viverão depois do nascimento? Eles crescerão em poder e serão objetos de respeito sobre a terra? Eles serão capazes de nos dar felicidade neste e no outro mundo?' Ai, já que seus filhos, jovens e resplandecentes com brincos, foram todos mortos, portanto, aquelas esperanças delas foram tornadas inúteis, tendo sido abandonadas por elas. Sem terem desfrutado do prazer deste mundo, e sem terem pagado as dívidas que tinham com seus pais e com os deuses, eles foram para a residência de Yama. Ai, ó mãe, aqueles reis foram mortos justamente quando seus pais esperavam colher os frutos de seu poder e riqueza. Eles eram sempre cheios de inveja e de avidez pelos objetos terrestres, e eram extremamente sujeitos à alegria e à raiva. Por isto, não se podia esperar que eles desfrutassem em tempo algum e em lugar algum dos frutos da vitória. Eu penso que aqueles entre os Panchalas e os Kurus que morreram (nesta batalha) estão perdidos, do contrário aquele que matou deveria, por aquela ação dele, obter todas as regiões de felicidade. (Isto é, todos os guerreiros que foram mortos nessa batalha pereceram, eles não alcançaram o céu; se, de fato, o céu fosse deles, então os matadores também alcançariam o céu, a ordenança escritural tendo dito isso. É impossível, no entanto, supor que os homens de ira que fizeram tais atos perversos tenham alcançado tais regiões de bem-aventurança após a morte.) Nós somos considerados como a causa da destruição que ocorreu no mundo. A culpa, no entanto, é realmente atribuível aos filhos de Dhritarashtra. O coração de Duryodhana estava sempre colocado na fraude. Sempre nutrindo malícia, ele era dedicado à fraude. Embora nós nunca o tenhamos ofendido ainda assim ele sempre se comportou falsamente conosco. Nós não conseguimos nosso objetivo, nem eles o deles. Nós não os vencemos, nem eles nos venceram. Os Dhartarashtras não podiam desfrutar desta terra, nem de mulheres e música. Eles não escutavam os conselhos de ministros e amigos e homens eruditos nas escrituras. Eles não podiam, de fato, desfrutar de suas jóias caras e da tesouraria bem abastecida e dos vastos territórios. Queimando com o ódio que tinham por nós, eles não podiam obter paz e felicidade. Vendo nosso engrandecimento, Duryodhana ficou sem cor, pálido e emaciado. O filho de Suvala informou o rei Dhritarashtra disto. Como um pai cheio de afeição por seu filho, Dhritarashtra tolerou a política má que seu filho adotou. Sem dúvida, por desrespeitar Vidura e o filho de grande alma de Ganga, e por sua negligência em reprimir seu filho pecaminoso e avarento, totalmente governado pelas suas paixões, o rei encontrou com a destruição como minha pobre pessoa. Sem dúvida, Suyodhana, tendo causado a morte de seus irmãos e tendo deixado este casal em uma dor ardente, abandonou sua fama resplandecente. Queimando com o ódio que tinha por nós Duryodhana sempre teve um coração pecaminoso. Que outro parente de nascimento nobre poderia usar tal linguagem com outro parente, como ele, pelo desejo de batalha, realmente usou na presença de Krishna? Nós também, pelo

erro de Duryodhana, estamos perdidos pela eternidade, como sóis queimando tudo ao redor deles com sua própria energia. Aquele indivíduo de alma vil, aquela encarnação da hostilidade, foi nossa estrela má. Ai, somente pelas ações de Duryodhana esta nossa classe foi exterminada. Tendo matado aqueles a quem nós nunca deveríamos ter matado, nós incorremos na desaprovação do mundo. O rei Dhritarashtra, tendo instalado aquele príncipe de alma vil e atos pecaminosos, aquele exterminador de sua família, na soberania, é obrigado a sofrer hoje. Nossos inimigos heróicos estão mortos. Nós cometemos pecado. Suas posses e reino se foram. Tendo-os matado, nossa ira foi acalmada. Mas a aflição está me entorpecendo. Ó Dhananjaya, um pecado cometido é expiado por ações auspiciosas, por proclamá-lo desenfreadamente, por arrependimento, por esmolas dadas, por penitências, por viagens a tirthas depois da renúncia de tudo, e por meditação constante nas escrituras. De tudo isto, se acredita que aquele que praticou a renúncia é incapaz de cometer pecados de novo. Os Srutis declaram que quem pratica a renúncia escapa do nascimento e da morte, e seguindo o caminho correto, aquela pessoa de alma fixa alcança Brahma. Eu irei, portanto, ó Dhananjaya, para as florestas, com sua permissão, ó destruidor de inimigos, desconsiderando todos os pares de opostos, adotando o voto de taciturnidade, e trilhando o caminho indicado pelo conhecimento. Ó matador de inimigos, os Srutis declaram isto, e eu mesmo tenho visto com meus próprios olhos, que alguém que é apegado a esta terra nunca pode obter todo o tipo de mérito religioso. Desejoso de obter as coisas desta terra, eu cometi pecado, pelo qual, como os Srutis declaram, nascimento e morte são ocasionados. Abandonando todo o meu reino, portanto, e as coisas desta terra, eu irei para as florestas, escapando dos vínculos do mundo, livre da dor, e sem afeição por coisa alguma. Governe esta terra, na qual a paz foi restaurada, e que está privada de todos os seus espinhos. Ó melhor da família de Kuru, eu não necessito de reino ou de prazer.' Tendo dito estas palavras, o rei Yudhishthira, o justo, parou. Seu irmão mais novo Arjuna então dirigiu-se a ele nas seguintes palavras.”

8

Vaisampayana disse, "Como uma pessoa relutante em perdoar um insulto, Arjuna de palavras sagazes, e possuidor de energia e coragem, mostrando grande fúria e lambendo os cantos de sua boca, disse estas palavras de grande importância, sorrindo: 'Oh, quão doloroso, quão infeliz! Eu sofro ao ver esta grande agitação do teu coração, já que tendo realizado tal façanha sobre-humana tu estás determinado a abandonar esta grande prosperidade. Tendo matado teus inimigos, e tendo adquirido a soberania da terra que foi ganha pela prática dos deveres da tua própria classe, por que tu deverias abandonar tudo por inconstância de coração? Onde sobre a terra um eunuco ou uma pessoa de procrastinação alguma vez adquiriu soberania? Por que então, insensato com raiva, tu mataste todos os reis da terra? Aquele que vive por mendicância não pode, por alguma ação dele, desfrutar das coisas boas da terra. Privado de prosperidade e sem recursos, ele nunca pode ganhar fama sobre a terra ou

adquirir filhos e animais. Se, ó rei, abandonando este reino próspero, tu viveres na observância do modo de vida desprezível levado por um mendicante, o que o mundo dirá de ti? Por que tu dizes que, abandonando todas as coisas boas da terra, privado de prosperidade e de recursos, tu levarás uma vida de mendicância como uma pessoa comum? Tu nasceste nesta linhagem de reis. Tendo ganhado por conquista a terra inteira, tu desejas por tolice viver nas florestas depois de abandonar tudo de virtude e lucro? Se tu te retirares às florestas, na tua ausência, homens desonestos destruirão sacrifícios. Este pecado certamente te poluirá. O rei Nahusha, tendo feito muitas ações vis em um estado de pobreza, apregoou a vergonha daquele estado e disse que a pobreza é para reclusos. Não fazer provisões para o dia seguinte é uma prática que convém a Rishis. Tu sabes bem disso. Aquela, no entanto, que é chamada de religião da realeza depende totalmente da riqueza. Alguém que rouba a riqueza de outro rouba a religião dele também. (Porque a riqueza capacita seu possuidor a praticar os ritos religiosos). Quem entre nós, portanto, ó rei, perdoaria um ato de espoliação praticado sobre nós? É visto que um homem pobre, mesmo quando ele se encontra perto, é acusado falsamente. Pobreza é um estado de pecaminosidade. Não cabe a ti elogiar a pobreza, portanto. O homem que é decaído, ó rei, se aflige, como também o que é pobre. Eu não vejo a diferença entre um homem decaído e um homem pobre. Todos os tipos de atos meritórios fluem da posse de grande riqueza como uma montanha. Da riqueza nascem todas as ações religiosas, todos os prazeres, e o próprio céu, ó rei! Sem riqueza, um homem não pode encontrar os próprios meios de manter sua vida. As ações de uma pessoa que, possuidora de pouca inteligência, se permite ser privada de riqueza, são todas secadas completamente como rios rasos no verão. Aquele que tem riqueza tem amigos. Aquele que tem riqueza tem parentes. Aquele que tem riqueza é considerado como um verdadeiro homem no mundo. Aquele que tem riqueza é considerado como um homem erudito. Se uma pessoa que não tem riqueza deseja realizar um propósito específico, ela encontra o fracasso. A riqueza ocasiona acessões de riqueza, como elefantes capturando elefantes (selvagens). Atos religiosos, prazeres, alegria, coragem, cólera, erudição, e senso de dignidade, todos esses procedem da riqueza, ó rei! Da riqueza se adquire honra familiar. Da riqueza, o mérito religioso aumenta. Aquele que não tem riqueza não tem nem este mundo, nem o seguinte, ó melhor dos homens! O homem que não tem riqueza não tem sucesso em realizar atos religiosos, pois estes últimos vem da riqueza, como rios de uma montanha. Aquele que é magro em relação à (posse de) corcéis e vacas e empregados e convidados, é realmente magro e não aquele cujos membros somente são assim. Julgue realmente, ó rei, e olhe a conduta dos deuses e dos Danavas. Ó rei, os deuses alguma vez desejam qualquer coisa mais do que a morte de seus parentes (os Asuras)? Se a apropriação da riqueza pertencente a outros não é considerada como justa, como, ó monarca, reis praticarão a virtude nesta terra? Homens eruditos, nos Vedas, declararam esta conclusão. Os eruditos afirmaram que reis devem viver, recitando todo dia os três Vedas, procurando adquirir riqueza, e realizando sacrifícios cuidadosamente com a riqueza assim adquirida. Os deuses, através de disputas destrutivas (para ambos os lados), obtiveram posição no céu. Quando os próprios deuses ganharam sua prosperidade através de disputas mortais, que defeito pode haver em tais

disputas? Os deuses, tu vês, agem dessa maneira. Os preceitos eternos dos Vedas também sancionam isto. Aprender, ensinar, sacrificar, e ajudar nos sacrifícios de outros, estes são nossos quatro deveres principais. A riqueza que reis tomam de outros se torna os meios de sua prosperidade. Nós nunca vemos riqueza que foi ganha sem fazer algum dano para outros. É assim mesmo que reis conquistam este mundo. Tendo conquistado, eles chamam aquela riqueza deles, assim como filhos falam da riqueza de seus pais como deles. Os sábios nobres que foram para o céu declararam que este é o dever dos reis. Como água fluindo em todas as direções de um oceano cheio, aquela riqueza corre em todas as direções das tesourarias dos reis. Esta terra antigamente pertenceu ao rei Dilipa, Nahusha, Amvarisha, e Mandhatri. Ela agora pertence a ti! Um sacrifício grandioso, portanto, com presentes abundantes de todos os tipos e requerendo uma pilha vasta de produtos da terra, te espera. Se tu não realizares este sacrifício, ó rei, então todos os pecados deste reino serão teus. Os súditos cujo rei realiza um Sacrifício de Cavalo com presentes abundantes, se tornam todos limpos e santificados por contemplarem as abluções no fim do sacrifício. O próprio Mahadeva, de forma universal, em um grande sacrifício requerendo libações de todas as espécies de carne, despejou todas as criaturas como libações sacrificais e então sua própria pessoa. Eterno é este caminho auspicioso. Seus frutos nunca são destruídos. Este é o grande caminho chamado Dasaratha. Abandonando-o, ó rei, para que outro caminho tu te dirigirias?'"

9

"Yudhishthira disse, 'Por um momento, ó Arjuna, concentre tua atenção e fixe tua mente e audição na tua alma interna. Se tu ouvires as minhas palavras em tal estado de espírito, elas encontrarão tua aprovação. Abandonando todos os prazeres mundanos, eu me dirigirei àquele caminho que é trilhado pelos virtuosos. Eu, por tua causa, não seguirei o caminho que tu recomendaste. Se tu me perguntares qual caminho é auspicioso que alguém deve trilhar sozinho, eu te direi. Se tu não desejares me perguntar, eu irei, ainda que não perguntado por ti, te falar disto. Abandonando os prazeres e observâncias dos homens do mundo, dedicado a realizar as mais austeras das penitências, eu vagarei na floresta, com os animais que têm sua casa lá, vivendo de frutas e raízes. Despejando libações no fogo nas horas devidas, e realizando abluções de manhã e à noite, eu me diminuirei por uma dieta reduzida, me cobrirei com peles, e terei cabelos emaranhados em minha cabeça. Suportando frio, vento, e calor como também fome e sede e fadiga, eu emaciarei meu corpo por meio de penitências como declarado nas ordenanças. Encantadoras para o coração e os ouvidos, eu irei diariamente escutar as melodias puras de aves alegres e animais que residem nas florestas. Eu desfrutarei da fragrância de árvores carregadas de flores e trepadeiras, e verei diversas espécies de produtos agradáveis que crescem na floresta. Eu também verei muitos reclusos excelentes da floresta. Eu não farei a menor injúria para alguma criatura, o que dizer então daqueles que moram nas aldeias e cidades? (Quando eu não ferirei os habitantes até da floresta há pouca

chance de ferir algum homem do mundo). Levando uma vida retirada e me dedicando à contemplação, eu viverei de frutos maduros e verdes e gratificarei os Pitris e as divindades com oferendas de frutos selvagens e água de nascente e hinos agradecidos. Observando dessa forma os regulamentos austeros de uma vida na floresta, eu passarei meus dias, esperando calmamente a dissolução do meu corpo. Ou, vivendo só e cumprindo o voto de taciturnidade, com minha cabeça raspada, eu derivarei meu sustento por esmolar cada dia de uma única árvore. (Há uma classe de reclusos que se mantêm por colher os frutos caídos de árvores. Tomando a árvore por uma pessoa viva, eles caminham sob sua sombra e pedem seus frutos. Aqueles frutos que caem em tais ocasiões são considerados como as esmolas concedidas pela árvore para seu convidado mendicante). Cobrindo meu corpo com cinzas, e aproveitando o abrigo de casas abandonadas, ou deitando na base de árvores, eu viverei, rejeitando todas as coisas queridas ou odiosas. Sem ceder à dor ou alegria, e considerando censuras e elogios, esperança e aflição, igualmente, e triunfando sobre todos os pares de opostos, eu viverei rejeitando as coisas do mundo. Sem conversar com ninguém, eu assumirei a forma externa de um idiota cego e surdo, enquanto vivendo em contentamento e derivando felicidade de minha própria alma. Sem fazer a menor injúria para as quatro espécies de criaturas móveis e imóveis, eu me comportarei igualmente com todas as criaturas, sejam elas conscientes de seus deveres ou seguindo somente dos ditames dos sentidos. Eu não zombarei de ninguém, nem olharei com censura para alguém. Reprimindo todos os meus sentidos, eu sempre terei um rosto alegre. Sem perguntar a ninguém sobre o caminho, procedendo por qualquer rota que encontrar, eu irei em frente, sem considerar o país ou o ponto do horizonte para o qual ou pelo qual eu possa ir. Indiferente ao lugar para onde eu possa proceder, eu não olharei para atrás. Livrando-me do desejo e da ira, e voltando meu olhar para dentro, eu seguirei em frente, rejeitando o orgulho de alma e corpo. A natureza sempre segue adiante; então, comida e bebida de alguma maneira serão obtidas. Eu não pensarei naqueles pares de opostos que ficam no caminho de tal vida. Se alimento puro, mesmo em uma pequena quantidade, não for obtenível na primeira casa (à qual eu possa ir), eu o conseguirei por ir a outras casas. Se eu fracassar em obtê-lo mesmo em tal ronda, eu procederei a sete casas em sucessão e saciarei meu desejo. Quando a fumaça das casas cessar, o fogo de seus lares se extinguir, quando suas varas de descascar forem colocadas de lado, e todos os habitantes tiverem se alimentado, quando mendicantes e convidados pararem de vagar, eu escolherei um momento para minha ronda de mendicância e pedirei esmolas em duas, três, ou cinco casas no máximo. Eu vagarei sobre a terra, depois de quebrar os vínculos do desejo. Preservando equanimidade no sucesso e no fracasso, eu ganharei grande mérito ascético. Eu não me comportarei nem como alguém que é apegado à vida nem como alguém que está prestes a morrer. Eu não manifestarei alguma simpatia pela vida nem antipatia pela morte. Se uma pessoa corta fora um braço meu e outra passa pasta de sândalo no outro braço, eu não desejarei mal a um ou bem ao outro. Descartando todos aqueles atos conducentes à prosperidade que alguém possa fazer na vida, as únicas ações que eu realizarei serão abrir e fechar meus olhos e aceitar comida e bebida apenas o suficiente para manter a vida. Sem ser vinculado à ação, e sempre reprimindo as funções dos sentidos, eu abandonarei

todos os desejos e purificarei minha alma de todas as impurezas. Livre de todas as amarras e cortando todos os laços e vínculos, eu viverei livre como o vento. Vivendo em tal liberdade de afeições, o contentamento eterno será meu. Pelo desejo, eu, por ignorância, cometi grandes pecados. Certa classe de homens, fazendo atos auspiciosos e inauspiciosos aqui, mantêm suas esposas, filhos, e parentes, todos ligados a eles em relações de causa e efeito. (Todas as posses de um homem dependem dos atos de uma vida anterior. Esposas, filhos e parentes, portanto, como agentes de felicidade ou o contrário, dependem dos atos passados do homem. Eles são efeitos de causas preexistentes. Eles também podem ser causas de efeitos a serem manifestados na próxima vida, pois supõe-se que seus atos também afetam a vida seguinte daquele a quem eles pertencem.) Quando acaba o período da vida deles, abandonando seus corpos enfraquecidos, eles tomam sobre si mesmos todos os efeitos de suas ações pecaminosas, pois ninguém exceto o ator é sobrecarregado com as consequências de seus atos. (Isto é, aqueles por quem ele age não recebem as consequências dos atos dele). Assim, dotadas de ações, as criaturas entram nesta roda da vida que está girando continuamente como a roda de um carro, e assim, vindo para cá, elas se reúnem com suas próximas. Quem, no entanto, abandona o curso de vida mundana, o qual é realmente uma ilusão fugaz embora pareça eterno, e que é afligido por nascimento, morte, decrepitude, doença, e dor, está certo de obter felicidade. Quando também, os próprios deuses caem do céu e grandes Rishis de suas respectivas posições de eminência quem, que seja familiarizado com as verdades das causas (e efeitos) desejaria ter até a prosperidade celestial? Reis insignificantes, tendo realizado diversas ações relativas aos diversos meios da arte de reinar (conhecidas pelos meios de conciliação, presentes, etc.) muitas vezes matam um rei por meio de algum artifício. Refletindo sobre estas circunstâncias, este néctar de sabedoria vem a mim. Tendo-o alcançado, eu desejo adquirir um lugar permanente, eterno e imutável (para mim mesmo). Sempre (me comportando) com tal sabedoria e agindo desta maneira, eu irei, por me dirigir àquele caminho de vida destemido, acabar com este corpo físico que está sujeito a nascimento, morte, decrepitude, doença, e dor.' “

10

Bhimasena disse, "Tua mente, ó rei, se tornou cega para a verdade, como a de um tolo e ininteligente narrador do Veda por sua recitação repetida daquelas escrituras. Se criticando os deveres dos reis tu levares uma vida de ociosidade, então, ó touro da raça Bharata, esta destruição dos Dhartarashtras foi totalmente desnecessária. Generosidade e compaixão e piedade e abstenção de ferir não são encontrados em alguém que anda pelo caminho das funções Kshatriya! Se nós soubéssemos que esta era tua intenção, nós então nunca teríamos tomado nossas armas e matado uma única criatura. Nós teríamos vivido por mendicância até a destruição deste corpo. Esta batalha terrível entre os soberanos da terra também nunca teria ocorrido. Os eruditos dizem que tudo isso que nós vemos é alimento para os fortes. De fato, este mundo móvel e imóvel é um objeto de prazer

para a pessoa que é forte. Homens sábios conhecedores dos deveres Kshatriya, declaram que aqueles que ficam no caminho da pessoa que toma a soberania da terra devem ser mortos. Culpados dessa falha, aqueles que ficaram como inimigos do nosso reino foram todos mortos por nós. Tendo-os matado, ó Yudhishthira, governe justamente esta terra. Esta nossa ação (de recusar o reino) é como a de uma pessoa que, tendo cavado um poço para em seu trabalho antes de obter água e sobe sujo de lama. Ou, este nosso ato é como o de uma pessoa que tendo subido numa árvore alta e pegado mel lá encontra a morte antes de prová-lo. Ou, ele é como aquele de uma pessoa que tendo saído por um longo caminho volta em desespero sem ter alcançado seu destino. Ou, ele é como o de uma pessoa que tendo matado todos os seus inimigos, ó tu da linhagem e Kuru, morre ao final pela sua própria mão. Ou, ele é como aquele de uma pessoa afligida pela fome, que tendo obtido alimento, se recusa a comê-lo, ou de um homem sob a influência do desejo, que tendo obtido uma mulher que corresponde à sua paixão se recusa a se unir com ela. Nós nos tornamos objetos de crítica, ó Bharata, porque, ó rei, nós seguimos a ti que és de intelecto fraco, por tu seres nosso irmão mais velho. Nós possuímos braços poderosos; nós somos aperfeiçoados em conhecimento e dotados de grande energia. Ainda assim nós obedecemos às palavras de um eunuco como se nós fôssemos totalmente impotentes. Nós somos o refúgio de todas as pessoas desamparadas. Contudo, quando as pessoas nos vêem assim, por que elas não diriam que em relação à conquista de nossos objetos nós somos totalmente impotentes? Reflita sobre isso que eu digo. É afirmado que (uma vida de) renúncia deve ser adotada somente em épocas de infortúnio, por reis vencidos pela decrepitude ou derrotados por inimigos. Homens de sabedoria, portanto, não aprovam a renúncia como o dever de um Kshatriya. Por outro lado, aqueles que são perspicazes pensam que a adoção daquele modo de vida (por um Kshatriya) envolve até a perda de virtude. Como podem aqueles que nasceram naquela classe, que são dedicados às práticas daquela classe, e que têm refúgio nelas, criticar aqueles deveres? De fato, se aqueles deveres são censuráveis, então por que o Ordenador Supremo não deveria ser criticado? (Como o Ordenador não pode ser criticado, então o que Ele ordenou para os Kshatriyas não pode ser merecedor de crítica). São somente aquelas pessoas que são privadas de prosperidade e riqueza e infiéis que têm promulgado este preceito dos Vedas (sobre a adequação de um Kshatriya adotar uma vida de renúncia), como a verdade. Na verdade, no entanto, nunca é apropriado para um Kshatriya fazer isto. Aquele que é competente para sustentar a vida pela coragem, que pode se sustentar pelos seus próprios esforços, não vive, mas realmente se desvia de seu dever pela aparência hipócrita de uma vida de renúncia. O homem que é capaz de levar uma vida solitária de felicidade nas florestas é somente aquele que é incapaz de manter filhos e netos e as divindades e Rishis e convidados e Pitris. Como os veados e javalis e as aves (embora eles levem uma vida na floresta) não podem alcançar o céu, assim mesmo aqueles kshatriyas que são dotados de destreza porém não dispostos a fazerem bons serviços não podem alcançar o céu por levarem somente uma vida na floresta. Eles devem adquirir mérito religioso por outras maneiras. Se, ó rei, alguém obtivesse êxito da renúncia, então montanhas e árvores certamente o obteriam! Estes últimos são sempre vistos levando vidas de renúncia. Eles não ferem ninguém. Eles estão, também, sempre distantes de uma

vida de mundanidade e são todos Brahmacharins. Se é verdade que o sucesso de uma pessoa depende de sua própria sina na vida e não da de outro, então (como uma pessoa nascida na classe Kshatriya) tu deves te dedicar à ação. Aquele que é desprovido de ação nunca pode ter sucesso. Se aqueles que somente enchem seus próprios estômagos pudessem alcançar o sucesso, então todas as criaturas aquáticas o obteriam, pois estas não têm ninguém mais para sustentar exceto a si mesmas. Veja, o mundo se move, com todas as criaturas nele empenhadas em ações apropriadas à sua natureza. Portanto, uma pessoa deve se dirigir à ação. O homem sem ação nunca pode obter sucesso.'"

11

"Arjuna disse, 'Ligado a isto uma história antiga é citada, isto é, as palavras entre certos ascetas e Sakra, ó touro da raça Bharata! Diversos Brahmanas jovens, bem nascidos e de pouca inteligência, sem os pêlos distintivos da idade adulta, abandonando suas casas, foram para os bosques para levar uma vida na floresta. Considerando que aquilo era virtude, aqueles jovens de recursos abundantes ficaram desejosos de viver como Brahmacharins, tendo abandonado seus pais e irmãos. E então aconteceu que Indra se tornou compassivo para com eles. Assumindo a forma de uma ave dourada, o santo Sakra se dirigiu a eles, dizendo, 'Aquilo que é feito por pessoas que comem os restos de um sacrifício é o mais difícil dos atos que os homens podem realizar. (Isto é, aqueles que realizam sacrifícios e partilham do alimento sacrifical depois de oferecê-lo para deuses e convidados adquirem tal mérito religioso que igual a ele não pode ser adquirido por outros homens. Sacrifício, portanto, é o ato mais sublime na vida e o mais meritório que um homem pode fazer.) Tal ato é altamente meritório. As vidas de tais homens são dignas de todo louvor. Tendo alcançado o objetivo da vida, aqueles homens, dedicados à virtude, obtém o fim mais sublime.' Ouvindo estas palavras, os Rishis disseram, 'Vejam, esta ave louva aqueles que subsistem dos restos de sacrifícios. Ele nos informa disto, pois nós vivemos de tais restos.' A ave então disse, 'Eu não louvo vocês. Vocês são posicionados com lodo e muito impuros. Vivendo de sobras, vocês são pecaminosos. Vocês não são pessoas que vivem de restos de sacrifícios.'

Os Rishis disseram, 'Nós consideramos este nosso modo de vida como altamente abençoado. Nos diga, ó ave, o que é para o nosso bem. Tuas palavras nos inspiram com grande fé.'

A ave disse, 'Se vocês não me recusam sua fé por se colocarem contra seus próprios interesses, então eu lhes direi palavras que são verdadeiras e benéficas.'"

"Os Rishis disseram, 'Nós ouviremos tuas palavras, ó senhor, pois as diferentes linhas de conduta são todas conhecidas por ti. Ó tu de alma justa, nós desejamos também obedecer tuas ordens. Nos instrua agora.'"

"A ave disse, 'Entre os quadrúpedes a vaca é o principal. Dos metais, o ouro é o principal. Das palavras, os mantras, e dos bípedes, os Brahmanas são os

principais. Estes mantras regulam todos os ritos da vida de um Brahmana começando com aqueles concernentes ao nascimento e o período depois disto, e terminando com aqueles concernentes à morte e ao crematório. Estes ritos Védicos são seu céu, caminho, e principal dos sacrifícios. Se isso fosse de outra maneira, como eu poderia achar que as ações (de pessoas à procura do céu) se tornam bem sucedidas através de mantras? Aquele que, neste mundo, adora sua alma, firmemente a considerando como uma divindade de um tipo específico, obtém sucesso compatível com a natureza daquela deidade particular. (Compatível com a maneira pela qual uma pessoa de convicção firme se aproxima da sua Alma é o sucesso que ela alcança.) Os períodos medidos pela metade dos meses levam ao Sol, à Lua, ou às Estrelas. Estes três tipos de sucesso, dependendo das ações, são desejados por todas as criaturas. (Aqueles que morrem durante as quinzenas iluminadas do solstício de verão alcançam as regiões solares de bem-aventurança. Aqueles que morrem durante as quinzenas escuras do solstício de inverno alcançam as regiões lunares. Estes últimos têm que retornar depois de passarem seus períodos designados de desfrute e felicidade, enquanto aqueles que estão livres de vínculos, qualquer que seja a época de sua morte, vão para as regiões estelares que são iguais àquelas de Brahma). O modo de vida familiar é muito superior e sagrado e é chamado de campo (para o cultivo) do sucesso. Por qual caminho vão aqueles homens que criticam a ação? De pouca compreensão e carentes de riqueza, eles incorrem em pecado. E já que aqueles homens de pouco entendimento vivem por abandonarem os caminhos eternos dos deuses, os caminhos dos Rishis, e os caminhos de Brahma, portanto, eles chegam aos caminhos desaprovados pelos Srutis. (Sem alcançarem a companhia dos deuses e Pitris, e sem alcançarem Brahma, eles afundam na escala e existência e se tornam bichos e insetos.) Há uma ordenança nos mantras que diz, 'Ó sacrificador, realize o sacrifício representado por presentes de coisas de valor. Eu te darei felicidade representada por filhos, animais, e céu!' Vivam, portanto, de acordo com o que a ordenança diz que é o mais elevado ascetismo dos ascetas. Portanto, vocês devem realizar tais sacrifícios e penitências na forma de doações. O desempenho devido destes deveres eternos: o culto dos deuses, o estudo dos Vedas, e a satisfação dos Pitris, como também serviços respeitosos para os preceptores, estes são chamados de as mais austeras das penitências. Os deuses, por realizarem tais penitências extremamente difíceis, obtiveram a mais alta glória e poder. Eu, portanto, digo a vocês para levarem a carga muito pesada dos deveres da vida familiar. Sem dúvida, as penitências são as principais de todas as coisas e são a base de todas as criaturas. O ascetismo, no entanto, é para ser obtido por levar uma vida familiar, da qual depende tudo. Aqueles que comem os restos de banquetes, depois de repartirem devidamente a comida de manhã e à noite entre os parentes, alcança resultados que são extremamente difíceis de alcançar. São chamados de comedores de restos de banquetes aqueles que comem depois de terem servido os convidados e deuses e Rishis e parentes. Portanto, as pessoas que são cumpridoras de seus próprios deveres praticam votos excelentes e são verdadeiras em palavras, se tornam objetos de grande respeito no mundo, com sua própria fé extremamente fortalecida. Livres de orgulho, aqueles realizadores

das mais difíceis façanhas alcançam o céu e vivem por tempo interminável nas regiões de Sakra.'"

"Arjuna continuou, 'Os ascetas então, ouvindo estas palavras que eram benéficas e repletas de retidão, abandonaram a religião da renúncia, dizendo, 'Não há nada nisto' e se dirigiram para uma vida familiar. Portanto, ó tu que estás familiarizado com a retidão, chamando para te ajudar aquela sabedoria eterna, governe o mundo vasto, ó monarca que está agora desprovido de inimigos.'"

12

"Vaisampayana disse, 'Ouvindo estas palavras de Arjuna, ó destruidor de inimigos, Nakula de braços poderosos e peito largo, moderado em palavras e possuidor de grande sabedoria, com um rosto cuja cor então parecia com aquela do cobre, olhou para o rei, aquela principal de todas as pessoas justas, e falou estas palavras, preocupando o coração de seu irmão (com justificação).'"

"Nakula disse, 'Os próprios deuses estabeleceram seus fogos na região chamada Visakha-yupa. Saiba, portanto, ó rei, que os próprios deuses dependem dos frutos da ação. (Isto é, os próprios deuses se tornaram assim pela ação.) Os Pitris, que sustentam, (pela chuva), as vidas até de todos os descrentes, observando as ordenanças (do Criador como declarado nos Vedas), estão, ó rei, engajados em ação. Conheça como rematados ateus aqueles que rejeitam a declaração dos Vedas (que inculca a ação). A pessoa que é erudita nos Vedas, por seguir suas declarações em todos os seus atos, alcança, ó Bharata, a mais elevada região do céu pelo caminho das divindades (o caminho pelo qual as divindades seguiram, a estrita observância dos ritos Védicos).

Este (modo de vida familiar também) é considerado por todas as pessoas conhecedoras das verdades Védicas como superior a todos os (outros) modos de vida. Sabendo disto, ó rei, a pessoa que em sacrifícios dá sua riqueza justamente adquirida para aqueles Brahmanas que são familiarizados com os Vedas, e reprime sua alma, é, ó monarca, considerada como um verdadeiro renunciante. Aquele, no entanto, que, desconsiderando (uma vida familiar, que é) a fonte de muita felicidade, pula para o próximo modo de vida, aquele renunciador de si mesmo, ó monarca, é um renunciante trabalhando sob a qualidade de ignorância. (Renunciador de si mesmo porque ele seca seu próprio corpo por negar alimento para si mesmo.) Aquele homem que não tem lar, que vaga pelo mundo (em suas rondas de mendicância), que tem a base de uma árvore como seu abrigo, que pratica o voto de taciturnidade, nunca cozinha para si mesmo, e procura reprimir todas as funções de seus sentidos, é, ó Partha, um renunciante na observância do voto de mendicância. Aquele Brahmana que, desconsiderando ira e alegria, e especialmente a falsidade, sempre emprega seu tempo no estudo dos Vedas, é um renunciante na observância do voto de mendicância. (Mas para um Kshatriya tal modo de vida seria pecaminoso). Os quatro diferentes modos de vida foram pesados na balança uma vez. Os sábios disseram, ó rei, que quando o modo de

vida familiar foi colocado em um prato da balança, foi preciso que os três outros fossem colocados no outro para equilibrá-la. Vendo o resultado deste exame por pesagem, ó Partha, e vendo além disso, ó Bharata, que somente a vida familiar contém ambos o céu e o prazer, este se tornou o caminho dos grandes Rishis e o refúgio de todas as pessoas conhecedoras dos caminhos do mundo. Aquele, portanto, ó touro da raça Bharata, que segue para este modo de vida, pensando que este é seu dever e abandonando todo o desejo por resultados, é um verdadeiro renunciante, e não o homem de compreensão nublada que vai para as florestas, abandonando o lar e seus arredores. Uma pessoa, também, que sob o hipócrita traje de virtude fracassa em esquecer seus desejos (mesmo enquanto vivendo nas florestas), é atado pelo Rei lúgubre da morte com seus grilhões mortais ao redor do pescoço. É dito que aquelas ações que são feitas por vaidade não produzem frutos. Aqueles atos, por outro lado, ó monarca, que são feitos com um espírito de renúncia, sempre dão frutos abundantes. Tranquilidade, autocontrole, fortaleza, verdade, pureza, simplicidade, sacrifícios, perseverança, e retidão, estas são sempre consideradas como as virtudes recomendadas pelos Rishis. Na vida familiar, é dito, há ações planejadas para os Pitris, deuses, e convidados. Somente neste modo de vida, ó monarca, o alvo triplo (religião, prazer e lucro) é atingido. O renunciante que adere rigidamente a este modo de vida, no qual uma pessoa está livre para fazer todas as ações, não tem que encontrar a ruína nem aqui nem no futuro. O impecável Senhor de todas as criaturas, de alma justa, criou as criaturas com a intenção de que elas o adorassem por meio de sacrifícios com presentes abundantes. Trepadeiras e árvores e ervas decíduas, e animais que são puros, e manteiga clarificada foram criados como ingredientes de sacrifício. Para alguém na observância da vida familiar o desempenho de sacrifícios é repleto de obstáculos. Por isto, aquele modo de vida é considerado extremamente difícil e inalcançável. As pessoas, portanto, na observância do modo de vida familiar que, possuidoras de riqueza e grãos e animais, não realizam sacrifícios, ganham, ó monarca, pecado eterno. Entre os Rishis, há alguns que consideram o estudo dos Vedas como um sacrifício, e alguns consideram que a contemplação é um grande sacrifício que eles realizam em suas mentes. Os próprios deuses, ó monarca, cobiçam a companhia de uma pessoa regenerada como esta, que por trilhar por tal caminho que consiste na concentração da mente se torna igual a Brahma. Por se recusar a gastar em sacrifício as diversas espécies de riqueza que tu tiraste dos teus inimigos, tu estás somente expondo tua falta de fé. Eu nunca vi, ó monarca, um rei na prática da vida familiar renunciando à sua riqueza de alguma outra maneira qualquer exceto no Rajasuya, no Astwamedha, e em outros tipos de sacrifícios. Como Sakra, o chefe dos celestiais, ó senhor, realize aqueles outros sacrifícios que são elogiados pelos Brahmanas. É dito do rei por cuja negligência os súditos são arrastados por ladrões, e que não oferece proteção àqueles a quem ele deve governar, que ele é a própria encarnação de Kali. Se, sem dar corcéis, e vacas, e escravas mulheres, e elefantes enfeitados com arreios ricamente enfeitados, e aldeias, e regiões populosas, e campos, e casas, aos Brahmanas, nós nos retirarmos para as florestas com corações não nutrindo sentimentos afetuosos pelos parentes, nós seremos, ó monarca, tais Kalis da classe real. Aqueles membros da ordem real que não praticam a caridade e nem dão proteção (aos outros) incorrem em

pecado. A dor é sua sina no futuro e não felicidade. Se, ó senhor, sem realizar grandes sacrifícios nem os ritos em honra dos teus antepassados falecidos, e sem te banhar em águas sagradas, tu seguires uma vida errante, tu então encontrarás a destruição como uma nuvem pequena separada de uma massa e diluída pelos ventos. Tu então cairás de ambos os mundos e terás que tomar nascimento na classe Pisacha. Uma pessoa se torna um verdadeiro renunciante por rejeitar todas as atrações internas e externas, e não simplesmente por abandonar o lar para residir nas florestas. Um Brahmana que vive na prática destas ordenanças nas quais não há impedimentos, não cai deste ou do outro mundo. Cumpridor dos deveres de sua própria ordem, deveres respeitados pelos antigos e praticados pelos melhores dos homens, o que há, ó Partha, para se afligir, ó rei, por ter matado em um instante em batalha seus inimigos cheios de prosperidade, como Sakra matando as forças armadas dos Daityas? Tendo na observância dos deveres Kshatriya subjugado o mundo pela ajuda da tua destreza, e tendo feito presentes para pessoas conhecedoras dos Vedas, tu podes, ó monarca, ir para regiões mais altas do que o céu. Não cabe a ti, ó Partha, te entregar à aflição."

13

"Sahadeva disse, 'Por rejeitar somente os objetos externos, ó Bharata, alguém não alcança o sucesso. Até por rejeitar as atrações mentais a obtenção de sucesso é incerta. Que aquele mérito religioso e aquela felicidade que são daquele que rejeitou os objetos externos mas cuja mente ainda os cobiça internamente seja a porção de nossos inimigos! Por outro lado, que o mérito religioso e a felicidade que são daquele que governa a terra, tendo rejeitado todas as ligações internas também, seja a porção de nossos amigos. A palavra mama (meu), consistindo em duas letras (no sânscrito as vogais estão ocultas), é a própria Morte; enquanto a palavra oposta na-mama (não meu), consistindo em três letras, é o eterno Brahma. (Tudo o que vem do egoísmo produz a morte, enquanto que tudo o que vem de um estado de mente oposto a este conduz à Brahma ou imortalidade). Brahma e morte, ó rei, entrando invisivelmente em cada alma, sem dúvida, fazem todas as criaturas agirem. Se este ser, ó Bharata, que é chamado de Alma, nunca está sujeito à destruição, então por destruir os corpos das criaturas uma pessoa não pode ser culpada de matar. Se, por outro lado, a alma e o corpo de um ser são nascidos e destruídos juntos, e quando o corpo é destruído a alma também é destruída, então o caminho (prescrito nas escrituras) de ritos e ações seria inútil. Portanto, afastando todas as dúvidas acerca da imortalidade da alma, o homem de inteligência deve adotar o caminho que foi trilhado pelos virtuosos dos tempos antigos e mais antigos. É certamente inútil a vida do rei que tendo adquirido a terra inteira com suas criaturas móveis e imóveis não desfruta dela. Em relação ao homem que vive na floresta de frutas e raízes selvagens, mas cuja atração pelas coisas da terra não cessou, tal homem, ó rei, vive dentro das mandíbulas da Morte. Veja, ó Bharata, os corações e as formas externas de todas as criaturas como as tuas próprias manifestações. Aqueles que cuidam de todas as criaturas como de si mesmas escapam do grande medo (da

destruição). Tu és meu rei, tu és meu protetor, tu és meu irmão, e tu és meu superior e preceptor. Cabe a ti, portanto, perdoar estas declarações incoerentes em tristeza de uma pessoa tomada pela angústia. Verdadeiro ou falso, isto que foi proferido, ó senhor da terra, foi proferido por um devido respeito por ti, ó melhor dos Bharatas, que eu tenho!"'

14

Vaisampayana disse, "Quando o filho de Kunti, o rei Yudhishthira, o justo, permaneceu silencioso depois de escutar seus irmãos que estavam dizendo estas verdades dos Vedas, aquela principal das mulheres, Draupadi, de olhos grandes e grande beleza, e descendência nobre, ó monarca, disse estas palavras àquele touro entre reis sentado no meio de seus irmãos que pareciam muitos leões e tigres, e como o líder no meio de uma manada de elefantes. Sempre expectante de saudações carinhosas de todos os seus maridos mas especialmente de Yudhishthira, ela era sempre tratada com afeição e indulgência pelo rei. Conhecedora dos deveres e cumpridora deles na prática, aquela dama de quadris largos, olhando para seu marido, desejou sua atenção em palavras calmantes e gentis e falou o seguinte.

Draupadi disse, 'Estes teus irmãos, ó Partha, estão chorando e secando seus palatos como chatakas mas tu não os alegras. Ó monarca, alegre estes teus irmãos, que parecem elefantes enfurecidos (em bravura), com palavras apropriadas, estes heróis que sempre beberam do cálice da miséria. Por que, ó rei, enquanto vivendo ao lado do lago Dwaita, tu disseste a estes teus irmãos então residindo contigo, e sofrendo com o frio e o vento e o sol, estas palavras: 'Avançando para a batalha pelo desejo de vitória, nós mataremos Duryodhana e desfrutaremos da terra que é capaz de conceder todos os desejos. Privando grandes guerreiros em carros de seus carros e matando elefantes enormes, e cobrindo o campo de batalha com os corpos de guerreiros em carros e cavaleiros e heróis, ó castigadores de inimigos, nós realizaremos sacrifícios grandiosos de diversos tipos com presentes em profusão. Todos estes sofrimentos, devido a uma vida de exílio nas florestas, então terminarão em felicidade.' Ó principal de todos os praticantes de virtude, tendo tu mesmo então dito estas palavras para teus irmãos, por que, ó herói, tu deprimes nossos corações agora? Um eunuco nunca pode desfrutar de riqueza. Um eunuco nunca pode ter filhos assim como não pode haver um peixe em um lodo (desprovido de água). Um Kshatriya sem a vara de castigo nunca pode brilhar. Um Kshatriya sem a vara de castigo nunca pode desfrutar da terra. Os súditos de um rei que não tem a vara de castigo nunca podem ter felicidade. Amizade por todas as criaturas, caridade, estudo dos Vedas, penitências, estes constituem os deveres de um Brahmana e não de um rei, ó melhor dos reis! Reprimir os maus, apreciar os honestos, e nunca se retirar da batalha, estes são os maiores deveres dos reis. É considerado como conhecedor dos deveres aquele em quem há perdão e ira, doação e tomada, medo e destemor, e castigo e recompensa. Não foi por estudo, ou doação, ou mendicância que tu adquiriste a terra. Aquele exército do inimigo, ó herói,

preparado para irromper sobre ti com todo o seu poder, abundando com elefantes e cavalos e carros, forte com três tipos de força (a força que depende do mestre, aquela que depende de bons conselhos, e a que depende da força e coragem dos próprios homens), protegido por Drona e Karna e Aswatthaman e Kripa, foi derrotado e morto por ti, ó herói! É por isso que eu te peço para desfrutar da terra. Antigamente, ó poderoso, tu, ó monarca, dominaste com poder (literalmente: subjugaste com a vara de castigo), a região chamada Jambu, ó tigre entre homens, cheia de regiões populosas. Tu também, ó soberano de homens, dominaste com poder aquela outra região chamada Kraunchadwipa situada no oeste do grande Meru e igual ao próprio Jambu dwipa. Tu subjugaste com poder, ó rei, aquela outra região chamada Sakadwipa no leste do grande Meru e igual ao próprio Kraunchaa dwipa. A região chamada Bhadraswa, no norte do grande Meru e igual a Sakadwipa foi também dominada por ti, ó tigre entre homens! Tu até penetraste no oceano e dominaste outras regiões, também, ó herói, e as próprias ilhas cercadas pelo oceano e contendo muitas províncias populosas. Tendo, ó Bharata, realizado tais façanhas incomensuráveis, e tendo obtido (através delas) as adorações dos Brahmanas, como é que tua alma não está satisfeita? Vendo estes teus irmãos diante de ti, ó Bharata, estes heróis cheios de poder e parecendo com touros ou elefantes enfurecidos (em bravura), porque tu não te diriges a eles em palavras aprazíveis? Todos vocês são como celestiais. Todos vocês são capazes de resistir a inimigos. Todos vocês são competentes para chamuscar seus inimigos. Se somente um de vocês tivesse se tornado meu marido, minha felicidade mesmo assim teria sido muito grande. O que eu preciso dizer então, ó tigres entre homens, quando todos vocês cinco são meus maridos, (e olham por mim) como os cinco sentidos inspirando o corpo físico? As palavras de minha sogra que é possuidora de grande conhecimento e previdência não podem ser falsas. Dirigindo-se a mim ela disse, 'Ó princesa de Panchala, Yudhishthira sempre manterá você em felicidade, ó dama excelente!' Tendo matado muitos milhares de reis possuidores de destreza ativa, eu vejo, ó monarca, que por tua insensatez tu estás prestes a tornar aquele feito inútil. Aqueles cujo irmão mais velho se torna louco, o seguem todos na loucura. Pela tua loucura, ó rei, todos os Pandavas estão prestes a ficarem loucos. Se, ó monarca, estes teus irmãos estivessem em seus juízos, eles teriam então te prendido com todos os incrédulos (em uma prisão) e tomado sobre si mesmos o governo da terra. A pessoa que por estupidez de intelecto age desta maneira nunca consegue ganhar prosperidade. O homem que trilha o caminho da loucura deve ser submetido a um tratamento médico pela ajuda de incenso e colírio, de remédios aplicados pelo nariz, e de outros medicamentos. Ó melhor dos Bharatas, eu sou a pior de todas aquelas do meu sexo, já que eu desejo continuar a viver embora eu esteja privada de meus filhos. Tu não deves desconsiderar as palavras faladas por mim e por estes teus irmãos que estão se esforçando dessa maneira (para te dissuadir do teu propósito). De fato, abandonando a terra inteira, tu estás convidando adversidade e perigo a virem sobre ti. Tu brilhas agora, ó monarca, assim como aqueles dois melhores dos reis, Mandhatri e Amvarisha, respeitados por todos os senhores da terra, nos tempos passados. Protegendo teus súditos justamente, governe a deusa Terra com suas montanhas e florestas e ilhas. Não fique desanimado, ó rei. Adore os deuses em diversos sacrifícios. Lute com teus

inimigos. Faça doações de riqueza e roupas e outros objetos de prazer para os Brahmanas, ó melhor dos reis!'"

15

Vaisampayana disse, "Ouvindo estas palavras da filha de Yajnasena, Arjuna falou mais uma vez, mostrando respeito apropriado por seu irmão mais velho de braços poderosos e glória imorredoura.'"

"Arjuna disse, 'O homem armado com a vara de castigo governa todos os seus súditos e os protege. O vara de castigo está desperta quando tudo mais está adormecido. Por isto, os sábios caracterizaram a vara de castigo como a própria Justiça. A vara de castigo protege Justiça e Lucro. Ela protege também, ó rei! Por isto, a vara de castigo é identificada com o objetivo triplo da vida. Grãos e riquezas são ambos protegidos pela vara de castigo. Sabendo disto, ó tu que és possuidor de erudição, tome a vara de castigo e observe o rumo do mundo. Uma classe de homens pecaminosos desiste de pecar por medo da vara de castigo nas mãos do rei. Outra classe desiste de ações parecidas por medo da vara de Yama, e ainda outra por medo do mundo seguinte. Outra classe de pessoas desiste das ações pecaminosas por medo da sociedade. Assim, ó rei, neste mundo, cujo curso é tal, tudo é dependente da vara de castigo. Há uma classe de pessoas que são impedidas de devorarem umas às outras somente pela vara de castigo. Se a vara de castigo não protegesse as pessoas, elas afundariam na escuridão do inferno. A vara de castigo (danda) foi assim nomeada pelos sábios porque ela reprime os indisciplinados e pune os maus. A punição de Brahmanas deve ser pela palavra da boca, (censura); de Kshatriyas, por dar a eles somente o alimento que baste o sustento da vida (tirando todas as suas posses); de Vaisyas, pela imposição de multas e confisco de propriedades, enquanto que para Sudras praticamente não há punição, (pois eles não possuem riquezas e a prestação de serviços já é seu dever, apesar disso, trabalho duro pode ser imposto a ele). Para manter os homens alertas (aos seus deveres) e para a proteção da propriedade, ordenanças, ó rei, foram estabelecidas no mundo, sob o nome de castigo (ou legislação punitiva). Onde o castigo, de cor escura e olhos vermelhos, permanece em uma atitude de prontidão (para atacar todo transgressor) e o rei tem uma visão correta, os súditos nunca esquecem eles mesmos. O Brahmacharin e o chefe de família, o recluso na floresta e o mendicante religioso, todos estes seguem seus respectivos caminhos somente pelo medo do castigo. Aquele que não tem nenhum medo, ó rei, nunca realiza um sacrifício. Aquele que não tem medo nunca faz doações. O homem que não tem qualquer medo nunca deseja aderir a qualquer compromisso ou pacto. Sem perfurar os órgãos vitais de outros, sem realizar os feitos mais difíceis e sem matar criaturas como um pescador (matando peixes), nenhuma pessoa pode obter grande prosperidade. (Um pescador que não matasse peixes não teria alimento.) Sem matar, nenhum homem foi capaz de alcançar fama neste mundo ou adquirir riqueza ou súditos. O próprio Indra, por matar Vritra, se tornou o grande Indra. Aqueles entre os deuses que são dados a massacrar outros são muito mais adorados pelos homens. Rudra, Skanda, Sakra, Agni, Varuna, são

todos matadores. Kala e Mrityu e Vayu e Kuvera e Surya, os Vasus, os Maruts, os Sadhyas, e os Viswadevas, ó Bharata, são todos matadores. Humilhadas por sua destreza, todas as pessoas se curvam àqueles deuses, mas não a Brahman ou Dhatri ou Pushan em qualquer tempo. Somente poucos homens que são de disposição nobre adoram em todas as suas ações aqueles entre os deuses que são dispostos igualmente para com todas as criaturas e são autocontrolados e pacíficos. Eu não vejo a criatura neste mundo que sustente a vida sem fazer qualquer ato de injúria para outros. Animais vivem de animais, os mais fortes dos mais fracos. O mangusto devora ratos; o gato devora o mangusto; o cachorro devora o gato; o cachorro é devorado pelo leopardo pintado. E todas as coisas são também devoradas pelo Destruidor quando ele chega! Este universo móvel e imóvel é alimento para as criaturas vivas. Isto foi ordenado pelos deuses. O homem de conhecimento, portanto, nunca fica perplexo por isto. Cabe a ti, ó grande rei, te tornar aquilo que tu és por nascimento. Somente (Kshatriyas) tolos, reprimindo ira e alegria, se refugiam nas florestas. Os próprios ascetas não podem manter suas vidas sem matar criaturas. Na água, sobre a terra, e nas frutas, há inúmeras criaturas. Não é verdade que uma pessoa não as mata. Qual dever maior há do que manter a vida? (Se em manter a vida uma pessoa mata essas criaturas, ela de nenhuma maneira comete pecado.) Há muitas criaturas que são tão minúsculas que sua existência somente pode ser inferida. Com a queda das pálpebras somente, elas são destruídas. Há homens que, subjugando ira e orgulho se dirigem para rumos ascéticos de vida e deixando aldeias e cidades vão para as florestas. Chegados lá, aqueles homens podem ser vistos tão perplexos a ponto de adotarem o modo de vida familiar mais uma vez. Outros podem ser vistos, que (no cumprimento da vida familiar) cultivando a terra, arrancando ervas, cortando árvores e matando aves e animais, realizam sacrifícios e finalmente alcançam o céu. Ó filho de Kunti, eu não tenho dúvida de que as ações de todas as criaturas se tornam coroadas com sucesso somente quando a política do castigo é devidamente aplicada. Se o castigo fosse abolido do mundo, as criaturas logo seriam destruídas. Como peixes na água, animais mais fortes matam os mais fracos para servirem de alimento. Esta verdade foi antigamente falada pelo próprio Brahmana, isto é, que a punição devidamente aplicada mantém criaturas. Veja, os próprios fogos, quando extinguidos, resplandecem novamente, em terror, quando soprados. Isto é devido ao medo da força ou castigo. Se não houvesse castigo no mundo distinguindo o bom do mau, então o mundo inteiro estaria envolvido em completa maldade e todas as coisas estariam confusas. Mesmo aqueles que são quebradores de regras, que são ateus e zombadores dos Vedas, afligidos pelo castigo, logo se tornam dispostos a cumprir as regras e restrições. Todos neste mundo são mantidos corretos pelo castigo. Uma pessoa naturalmente pura e justa é rara. Cedendo ao medo da punição, o homem se torna disposto a cumprir regras e restrições. O castigo foi ordenado pelo próprio Criador para proteger religião e lucro, para a felicidade de todas as quatro classes, e para fazê-las corretas e modestas. Se o castigo não pudesse inspirar medo, então corvos e animais predadores comeriam todos os outros animais e homens e a manteiga clarificada destinada para sacrifício. Se o castigo não sustentasse e protegesse, então ninguém estudaria os Vedas, ninguém ordenharia uma vaca leiteira, e nenhuma donzela se casaria (a vaca leiteira se permite ser ordenhada somente pelo medo

do castigo, e donzelas também se casam, sem praticarem o amor livre, por medo do castigo pelo rei, sociedade, ou Yama no mundo seguinte). Se o castigo não sustentasse e protegesse, então devastação e confusão teriam se manifestado por todos os lados, e todas as barreiras teriam sido varridas, e a idéia de propriedade teria desaparecido. Se o castigo não sustentasse e protegesse, o povo nunca realizaria devidamente sacrifícios anuais com grandes presentes. Se o castigo não sustentasse e protegesse, ninguém, qualquer que fosse o modo de vida ao qual pertencesse, cumpriria os deveres daquele modo como declarados (nas escrituras), e ninguém conseguia adquirir conhecimento. (Se isso não corresponde à grosseria da doutrina 'poupe a vara e arruíne a criança', pelo menos é evidente que o medo de ser considerado um burro e um tolo e incorrer no ridículo ou desagrado do tutor e condiscípulos induz uma pessoa a adquirir conhecimento.) Nem camelos, nem bois, nem cavalos, nem mulas, nem jumentos iriam, mesmo se atrelados, arrastar carros e carruagens, se o castigo não sustentasse e protegesse. Do castigo dependem todas as criaturas. Os eruditos, portanto, dizem que o castigo é a base de tudo. Do castigo depende o céu que os homens desejam, e dele depende este mundo também. Onde o castigo destruidor de inimigo é bem aplicado, nenhum pecado, nenhuma fraude, e nenhuma maldade é vista. Se a vara de castigo não fosse erguida, o cachorro lamberia a manteiga sacrifical. O corvo também levaria a primeira oferenda (sacrifical), se a vara não fosse mantida erguida. Justamente ou injustamente este reino agora se tornou nosso. Nosso dever agora é abandonar a aflição. Portanto, desfrute deste (reino) e realize sacrifícios. Homens que são afortunados, vivendo com suas queridas esposas (e filhos), comem boa comida, usam roupas excelentes, e adquirem virtude alegremente. Todas as nossas ações, sem dúvida, dependem da riqueza; e aquela riqueza também é dependente do castigo. Veja, portanto, a importância do castigo. Os deveres foram declarados somente para a manutenção das relações do mundo. Há duas coisas aqui, isto é, abstenção de ferir e ferir incitado por motivos justos. Destes dois, é superior aquele pelo qual a virtude possa ser adquirida. (É melhor matar o tigre que invadiu o pasto do que permanecer quieto por medo de ferir aquele animal predador e cometer pecado. Pois naquela morte há mérito, porque se não fosse morto o animal mataria as vacas diante dos olhos do espectador e o último incorreria em pecado por testemunhar a visão passivamente. Para ser mais geral, Arjuna diz que é melhor ferir por motivos corretos do que não ferir por medo do pecado.) Não há ato que seja totalmente meritório, nem algum que seja totalmente mau. Certos ou errados, em todos os atos alguma coisa de ambos é vista. Submetendo animais à castração, seus chifres também são cortados. Eles são então obrigados a suportar pesos, são amarrados e castigados. Neste mundo que é insubstancial e decaído com abusos e tornado doloroso, ó monarca, pratique os antigos costumes dos homens, seguindo as regras e analogias citadas acima. Realize sacrifícios, dê esmolas, proteja teus súditos, e pratique a justiça. Mate teus inimigos, ó filho de Kunti, e proteja teus amigos. Que o desânimo não seja teu, ó rei, enquanto matando inimigos. Aquele que faz isso, ó Bharata, não incorre no menor pecado. Aquele que pega uma arma e mata um inimigo armado avançando contra ele não incorre no pecado de matar um feto, pois é a ira do inimigo atacante que provoca a ira do matador. A alma interna de toda criatura não pode ser morta. Quando a

alma não pode ser morta, como então alguém pode ser morto por outro? Como uma pessoa entra em uma casa nova, assim mesmo uma criatura entra em corpos sucessivos. Abandonando formas que estão desgastadas, uma criatura adquire novas formas. As pessoas capazes de ver a verdade consideram essa transformação como a morte.'"

16

Vaisampayana disse, "Depois da conclusão do discurso de Arjuna, Bhimasena de grande ira e energia, reunindo toda a sua paciência, disse estas palavras para seu irmão mais velho, 'Tu és, ó monarca, conhecedor de todos os deveres. Não há nada desconhecido para ti. Nós sempre desejamos imitar tua conduta, mas, ai, nós não podemos fazer isso! 'Eu não direi nada! Eu não direi nada!' Isso mesmo era o que eu desejava! Impelido, no entanto, por grande aflição eu sou obrigado a dizer alguma coisa. Escute estas minhas palavras, ó soberano de homens! Pela estupefação das tuas faculdades tudo está posto em perigo, e nós mesmos estamos ficando desanimados e fracos. Como é que tu que és o soberano do mundo, que és familiarizado com todos os ramos de conhecimento, permites que tua compreensão seja nublada pela tristeza, como um covarde? Os caminhos justos e injustos do mundo são conhecidos por ti. Não há nada pertencente ao futuro ou ao presente que seja também desconhecido para ti, ó poderoso! Quando tal é o caso, ó monarca, eu indicarei, ó soberano de homens, as razões a favor de nós assumirmos a soberania. Ouça-me com total atenção. Há dois tipos de doenças, físicas e mentais. Uma surge da outra. Nenhuma delas pode ser vista existindo independentemente. Sem dúvida, doenças mentais surgem das físicas. Da mesma maneira doenças físicas provêm das mentais. Esta é a verdade. Aquele que se entrega a desgostos por causa de sofrimentos passados físicos ou mentais colhe dor da dor e sofre dor em dobro. Frio, calor, e vento, estes três são os atributos do corpo (de outra maneira chamados muco, bile, e gases). Sua existência em harmonia é sinal de saúde. Se um dos três prevalece sobre o resto, remédios são prescritos. O frio é controlado pelo calor, e o calor é controlado pelo frio. Bondade, paixão, e ignorância são os três atributos da mente. A existência destes três em harmonia é sinal de saúde (mental). Se um destes prevalece sobre o resto, remédios são prescritos. Aflição é controlada pela alegria, e alegria é controlada pela aflição. Uma pessoa, vivendo no atual desfrute de felicidade, deseja se lembrar de suas dores passadas. Outra, vivendo no presente sofrendo aflição, deseja se lembrar de sua felicidade passada. Tu, no entanto, nunca foste triste na dor ou contente na felicidade. (Isto é, tu foste sempre superior à alegria e aflição e nunca te permitiste ser jubiloso com alegria ou abatido pela tristeza). Tu não deves, portanto, usar tua memória para ficar triste durante tempos de felicidade, ou contente durante tempos de tristeza. Parece que o Destino é todo poderoso. Ou, se esta for tua natureza, pela qual tu estás assim aflito, como é que tu não te lembras da visão que tiveste antes, de Krishna precariamente vestida sendo arrastada, em seu período, perante a assembléia? (Se é da tua natureza relembrar as angústias em tempos alegres, porque tu não te lembras do insulto à

tua esposa? Esta lembrança te encherá de raiva e te convencerá de que ao matar teus inimigos, que a insultaram, tu agiste muito apropriadamente). Por que tu não te lembras da nossa expulsão da cidade (Kuru) e do nosso exílio (nas florestas), vestidos em camurças, como também da nossa vida nas grandes florestas? Por que tu te esqueceste das aflições infligidas por Jatasura, da batalha com Chitrasena, e da angústia sofrida nas mãos do rei Sindhu? Por que tu te esqueceste do chute recebido pela princesa Draupadi de Kichaka enquanto nós estávamos vivendo em segredo? Um batalha violenta, ó destruidor de inimigos, como aquela que tu lutaste com Bhishma e Drona está agora diante de ti, para ser lutada (no entanto) somente com tua mente. De fato, está agora à tua frente aquela batalha na qual não há necessidade de setas, de amigos, de parentes e partidários, mas a qual terá que ser lutada só com tua mente. Se tu abandonares teu ar vital antes de vencer nesta batalha, então, assumindo outro corpo, tu terás que lutar com estes mesmos inimigos novamente. (Por teu abandono de prosperidade e reino e, portanto, dos meios de efetuar tua salvação por meio de sacrifícios e doações e outros atos de piedade, tu terás que renascer e recomeçar esta batalha mental com tuas dúvidas.) Portanto, lute esta batalha hoje mesmo, ó touro da raça Bharata, desconsiderando o que diz respeito ao teu corpo, e ajudado pelas tuas próprias ações, conquiste e te identifique com o inimigo da tua mente. (Yudhishthira deve se identificar com sua própria alma, pois é a alma que é seu inimigo e com a qual ele está lutando. Tal conquista e identificação implica na cessação da batalha e, daí, na obtenção de tranquilidade.) Se tu não podes vencer esta batalha, qual será tua condição? Por outro lado, ao vencê-la, ó monarca, tu terás alcançado o grande objetivo da vida. Aplicando teu intelecto a isto, e averiguando os caminhos corretos e errados das criaturas, siga o rumo adotado pelo teu pai antes de ti e governe teu reino apropriadamente. Por boa sorte, ó rei, o pecaminoso Duryodhana foi morto com todos os seus seguidores. Por boa sorte, tu também obtiveste a condição das madeixas de Draupadi. (Tu as restauraste à condição normal, pois ela tinha mantido os cabelos desgrenhados desde que eles haviam sido agarrados por Duhsasana. Depois da morte dos Kurus, aqueles cabelos foram amarrados para cima como antes, ou restaurados à sua condição normal.) Realize com os ritos devidos e presentes abundantes o Sacrifício de Cavalo. Nós somos teus servos, ó filho de Pritha, como também Vasudeva de grande energia!'"

17

"Yudhishthira disse, 'Descontentamento, atração descuidada por bens mundanos, ausência de tranquilidade, poder, insensatez, vaidade, e ansiedade, afetado por estes pecados, ó Bhima, tu cobiças soberania. Livre do desejo, prevalecendo sobre alegria e tristeza e obtendo tranquilidade, te esforce para ser feliz. Aquele monarca sem igual que governará esta terra ilimitada terá somente um estômago. Por que então tu louvas este modo de vida? Os desejos de uma pessoa, ó touro da raça Bharata, não podem ser saciados em um dia, ou em muitos meses. O desejo, o qual é incapaz de ser satisfeito, não pode, de fato, ser

saciado no curso de toda uma vida. O fogo, quando alimentado com combustível, se inflama; quando não assim alimentado, ele é extinto. Portanto, extinga com pouca comida o fogo no teu estômago quando ele aparece. Aquele que é privado de sabedoria procura muita comida para seu estômago. Conquiste teu estômago primeiro. (Tu então serás capaz de conquistar a Terra). A terra estando conquistada, aquilo que é para o teu bem permanente então será obtido por ti. Tu louvas desejos e prazeres e prosperidade. Aqueles, no entanto, que renunciaram a todos os prazeres e reduziram seus corpos por meio de penitências alcançam regiões de beatitude. A aquisição e conservação do reino estão ligadas à justiça e injustiça. O desejo por elas existe em ti. Liberte-se, no entanto, das tuas grandes cargas, e adote a renúncia. O tigre, para encher seu estômago, mata muitos animais. Outros animais desprovidos de força e movidos pela cobiça vivem das presas do tigre. (O tigre de Bengala age como um pescador para animais e homens. Quando um tigre sai em uma expedição de pesca, o que ele usualmente faz é apanhar peixes grandes de rios rasos e jogá-los em direção à terra para longe da beira d'água. O pobre animal é muito frequentemente seguido, sem perceber, por animais carnívoros menores, e às vezes por bandos de pescadores. Eu tenho visto grandes peixes com as marcas das garras do tigre sobre eles expostos para venda em um mercado de aldeia.) Se reis, aceitando posses mundanas, praticarem a renúncia, eles nunca poderão ter contentamento. Veja a perda de discernimento que é visível neles. Na realidade, no entanto, aqueles que vivem de folhas de árvores, ou usam somente duas pedras ou seus dentes para descascar seus grãos, ou vivem só da água ou do ar, conseguem conquistar o inferno. (A menos que reis realizem tais penitências eles não podem escapar do inferno. Tais penitências, no entanto, são impossíveis para eles enquanto eles estiverem no meio de luxos. Aceitar riqueza e não usá-la, portanto, é impraticável.) O rei que governa esta terra ilimitada, e a pessoa que considera ouro e seixos igualmente, entre estes dois, o último é citado como o que alcançou o objetivo de sua vida e não o primeiro. Dependendo, portanto, daquilo que é o eterno refúgio de alegria neste mundo e após a morte, pare de agir e de ter expectativas com relação aos teus desejos e cesse de ter atração por eles. Quem desistiu do desejo e prazer nunca tem que sofrer. Tu, no entanto, te afliges por prazeres. (Isto é, tu não estás livre do desejo). Rejeitando desejo e prazer, tu podes conseguir te libertar do falso discurso. (O falso discurso, neste caso, consiste em se declarar como realmente desapegado enquanto desfrutando de riqueza e poder, isto é, a declaração hipócrita de renúncia no meio de luxos. Como já dito por Yudhishthira, tal renúncia é impraticável.) Há dois caminhos bem conhecidos (por nós), o caminho dos Pitris e o caminho dos deuses. Aqueles que realizam sacrifícios vão pelo caminho dos Pitris, enquanto os que são pela salvação vão pelo caminho dos deuses. (O caminho dos Pitris significa o curso de ritos Védicos pelos quais uma pessoa obtém felicidade futuramente. O caminho dos deuses significa o abandono dos ritos religiosos por contemplação e conduta piedosa). Por penitências, por Brahmacharya, por estudo (dos Vedas), os grandes Rishis, abandonando seus corpos, procedem para regiões que estão acima do poder da Morte. Os prazeres mundanos têm sido intitulados como vínculos. Eles também são chamados de Ação. Livre daqueles dois pecados (vínculos e ação), uma pessoa alcança o fim mais sublime. É mencionado um verso cantado (nos tempos antigos) por Janaka

que era livre dos pares de opostos, livre de desejo e prazeres, e praticante da religião de Moksha. O verso é assim: 'Meus tesouros são imensos, contudo eu não tenho nada! Além disso se Mithila inteiro fosse queimado e reduzido a cinzas, nada meu seria queimado!' Como uma pessoa no topo de uma colina olha para baixo sobre os homens na planície, assim aquele que subiu no topo da mansão do conhecimento vê as pessoas se afligindo por coisas que não requerem aflição. Quem, no entanto, tem uma inteligência superficial, não vê isto. Aquele que, olhando para as coisas visíveis, realmente as vê, é citado como tendo visão e compreensão. A faculdade chamada de compreensão é assim chamada por causa do conhecimento e compreensão que ela dá de coisas desconhecidas e incompreensíveis. Aquele que conhece as palavras de pessoas que são eruditas, que são de almas purificadas, e que alcançaram a um estado de Brahma, conseguem obter honras grandiosas. Quando uma pessoa vê que criaturas de infinita diversidade são todas uma e a mesma, e que são somente emanações diversificadas da mesma essência, então ela é considerada como tendo alcançado Brahma. (O fato é, a unificação da variedade infinita e sua identificação com a Alma Suprema é obtenção de Brahma. Uma pessoa, portanto, que alcançou Brahma cessa de se considerar como separada do resto do universo. O Egoísmo, a fonte do pecado e injúria, desaparece dela.) Aqueles que alcançam este estado elevado de cultura alcançam aquele objetivo supremo e bem-aventurado, e não aqueles que não têm conhecimento, ou aqueles que têm almas pequenas e estreitas, ou que são desprovidos de discernimento, ou que não fazem penitências. De fato, tudo depende da compreensão (desenvolvida)!'"

18

Vaisampayana disse, "Quando Yudhishthira, depois de dizer estas palavras, ficou silencioso, Arjuna, afligido por aquele discurso do rei, e queimando de tristeza e aflição, se dirigiu novamente a seu irmão mais velho, dizendo, 'O povo conta esta história antiga, ó Bharata, acerca da conversa entre o soberano dos Videhas e sua rainha. Aquela história se refere às palavras que a cônjuge aflitíssima do soberano dos Videhas disse para seu marido quando o último, abandonando seu reino, tinha resolvido levar uma vida de mendicância. Rejeitando riqueza e filhos e esposas e posses preciosas de várias espécies e o caminho consagrado para adquirir mérito religioso e o próprio fogo (isto é, sacrifício), o rei Janaka raspou sua cabeça (e assumiu o traje de um mendicante). Sua querida cônjuge o viu privado de riqueza, instalado na observância do voto de mendicância, resolvido a se abster de infligir qualquer tipo de dano a outros, livre de todos os tipos de vaidade, e disposto a subsistir de um punhado de cevada caído do caule e obtido por apanhar os grãos de fendas no campo. Aproximando-se de seu marido em uma hora quando ninguém estava com ele, a rainha, dotada de grande força mental, sem medo e em cólera, disse a ele estas palavras repletas de razão: 'Por que tu adotaste uma vida de mendicância, abandonando teu reino cheio de riqueza e grãos? Um punhado de cevada caída não pode ser apropriado para ti. Tua resolução não corresponde aos teus atos, já que

abandonando teu grande reino tu cobiças, ó rei, um punhado de grãos! Com este punhado de cevada, ó rei, tu conseguirás satisfazer teus convidados, deuses, Rishis e Pitris? Este teu trabalho, portanto, é inútil. Ai, abandonado por todos estes: deuses, convidados e Pitris, tu levas uma vida de mendicância errante, ó rei, tendo rejeitado toda a ação. Tu eras, antes disto, o sustentador de milhares de Brahmanas versados nos três Vedas e de muito mais além desses. Como tu podes desejar mendigar deles tua própria comida hoje? Abandonando tua prosperidade resplandecente, tu olhas em volta como um cachorro (em busca de seu alimento). Tua mãe foi hoje feita sem filhos por ti, e tua esposa, a princesa de Kosala, uma viúva. Estes Kshatriyas desamparados, expectantes de resultados e méritos religiosos, te servem, colocando todas as suas esperanças em ti. Por matar aquelas esperanças deles, para quais regiões tu irás, ó rei, especialmente quando a salvação é duvidosa e as criaturas dependem das ações? Pecaminoso como tu és, tu não tens nem este mundo nem o outro, já que tu desejas viver, tendo rejeitado tua esposa. (Uma esposa é a companheira dos atos religiosos de um homem.) Por que, de fato, tu levas uma vida de mendicância errante, te abstendo de todas as ações, depois de ter abandonado guirlandas e perfumes e ornamentos e mantos de diversos tipos? Tendo sido, como tu eras, um grande e sagrado lago para todas as criaturas, tendo sido uma árvore imensa digna de adoração e concedendo seu abrigo a todos, ai, como tu podes servir e adorar outros? Se até um elefante que desiste de todo o trabalho é comido inteiro por criaturas carnívoras vindo em bandos e inúmeros vermes, o que dizer de ti então que és tão fraco? (Tu não deves, portanto, abandonar a ação.) Como pode o teu coração se fixar neste modo de vida que recomenda uma panela de barro, e um bastão de três cabeças, e que força uma pessoa a abandonar suas próprias roupas e que permite a aceitação de somente um punhado de cevada depois do abandono de tudo? Se, além disso, tu dizes que o reino e um punhado de cevada são o mesmo para ti, então por que tu abandonaste o primeiro? Se, também, um punhado de cevada se torna um objeto de atração para ti, então tua decisão original (de abandonar tudo) cai por terra. Se tu ages de acordo com tua resolução de abandonar tudo, então quem sou eu para ti, quem és tu para mim, e qual pode ser tua graça para mim? (Se uma pessoa pode realmente agir de acordo com sua decisão de renúncia completa a tudo, então aquela pessoa permanece sozinha no meio do mundo, e ele é de ninguém, e ninguém é dele. Daí, ele não pode ficar satisfeito nem insatisfeito com alguém. O abandono do rei Janaka, portanto, de esposa e reino, é inconsistente com aquela renúncia perfeita ou retraimento do eu dentro do eu. Ele pode continuar a desfrutar de suas posses sem ser apegado ou afetado em absoluto por elas.) Se tu estás inclinado à graça, então governe esta Terra! Aqueles que são desejosos de felicidade mas são muito pobres e indigentes e abandonados por amigos podem adotar a renúncia. Mas aquele que imita aqueles homens por abandonar mansões suntuosas e camas e veículos e mantos e ornamentos age impropriamente, de fato. Uma pessoa sempre aceita doações feitas por outras; outras sempre fazem doações. Tu conheces a diferença entre as duas. Quem, de fato, dessas duas deve ser considerada a superior? Se uma doação é feita para alguém que sempre aceita doações, ou para alguém que possua orgulho, aquela doação se torna inútil como a manteiga clarificada que é despejada sobre um incêndio florestal. (Tais libações, para serem eficazes, devem

ser despejadas sobre fogos acesos apropriadamente com mantras). Como um fogo, ó rei, nunca morre até que tenha consumido tudo o que é jogado nele, assim mesmo um mendigo nunca pode ser silenciado até que receba um donativo. Neste mundo, o alimento que é dado por uma pessoa caridosa de fato sustenta os pios. Se, portanto, o rei não dá (alimento) aonde irão os pios que desejam a salvação? (Portanto, Janaka deve retomar seu reino e praticar caridade, do contrário, mendicantes religiosos seriam negligenciados.) Aqueles que têm alimento em suas casas são chefes de famílias. Os mendicantes são sustentados por eles. A vida flui do alimento. Portanto, o doador de alimento é doador de vida. Saindo dentre aqueles que levam um modo de vida familiar, os mendicantes dependem daquelas mesmas pessoas das quais eles vem. Aqueles homens autocontrolados, por fazerem isto, adquirem e desfrutam de fama e poder. Alguém não é chamado de mendicante somente por ter renunciado às suas posses, ou por ter somente adotado uma vida de dependência de caridade. Aquele que renuncia às posses e prazeres do mundo em um estado de espírito sincero é para ser considerado um verdadeiro mendicante. (Tal homem pode até governar um reino sem perder sua posição de ser considerado um mendicante, pois ele pode governar sem apego.) Não apegado de coração, embora vinculado na aparência externa, permanecendo indiferente ao mundo, tendo rompido todos os seus laços, e considerando amigos e inimigos igualmente, tal homem, ó rei, é considerado emancipado! Tendo raspado suas cabeças e adotado as vestes marrons, homens podem ser vistos se dirigirem para uma vida de mendicância errante, embora atados por vários vínculos e sempre à procura de riqueza inútil. Aqueles que, rejeitando os três Vedas, suas ocupações usuais e filhos, adotam uma vida de mendicância por tomarem a muleta de três cabeças e a veste marrom, são realmente pessoas de pouca inteligência. Sem ter se livrado da raiva e outros defeitos, somente a adoção da veste marrom, saiba, ó rei, é devida ao desejo de ganhar os meios de sustento. Aquelas pessoas de cabeças raspadas que levantaram a bandeira da virtude, têm isto somente (a aquisição do sustento) como seu objetivo na vida. Portanto, ó rei, mantendo tuas paixões sob controle, ganhe regiões de bem-aventurança futuramente por manter aqueles que são realmente pios entre os homens de cabelos emaranhados ou cabeças raspadas, nus ou vestidos em trapos, peles ou vestes marrons. Quem é mais virtuoso do que aquele que mantém seu fogo sagrado, que realiza sacrifícios com presentes de animais e Dakshina, e que pratica caridade dia e noite?'"

"Arjuna continuou, 'O rei Janaka é considerado como uma pessoa conhecedora da verdade neste mundo. Até ele, nesta questão (da determinação do dever) se tornou estupefato. Não ceda à estupefação! Os deveres da vida familiar são cumpridos pelas pessoas praticando caridade. Pela abstenção de ofensas de todos os tipos, pelo abandono do desejo e da raiva, pela dedicação a proteger todas as criaturas, pelo cumprimento do excelente dever da caridade, e por fim pela apreciação dos superiores e pessoas de idade, nós conseguiremos alcançar tais regiões de bem-aventurança como nós queremos. Por gratificar devidamente os deuses, convidados, e todas as criaturas, por adorar os Brahmanas, e pela veracidade de palavras, nós certamente alcançaremos regiões desejáveis de beatitude.'"

19

"Yudhishthira disse, 'Eu estou familiarizado com os Vedas e as escrituras que levam ao alcance de Brahma. Nos Vedas há preceitos de ambos os tipos, isto é, os que inculcam a ação e os que inculcam a renúncia à ação. As escrituras confundem e suas conclusões são baseadas sobre fundamentos. A verdade, no entanto, que está nos Mantras, é devidamente conhecida por mim. Tu estás familiarizado somente com armas e és cumpridor das práticas de heróis. Tu és incapaz de compreender realmente o sentido das escrituras. Se tu fosses realmente conhecedor do dever, então tu poderias ter entendido que palavras tais como estas não deveriam ter sido endereçadas a mim mesmo por alguém possuidor de mais claro discernimento do significado das escrituras e conhecedor das verdades de religião. Aquilo, no entanto, que tu me disseste, induzido por afeto fraterno, foi adequado e apropriado, ó filho de Kunti! Eu estou, por isso, satisfeito contigo, ó Arjuna! Não há ninguém igual a ti nos três mundos em todos os deveres ligados à batalha e em habilidade com relação a diversos tipos de ações. Tu podes, portanto, falar das sutilezas ligadas com aqueles assuntos, sutilezas que são impenetráveis por outros. Não cabe a ti, no entanto, ó Dhananjaya, duvidar da minha inteligência. Tu és conhecedor da ciência de combate, mas tu nunca visitaste os idosos. Tu não conheces as conclusões chegadas por aqueles que têm estudado o assunto em resumo e detalhes. Esta é a conclusão de homens inteligentes cuja compreensão está inclinada a alcançar a salvação: que entre penitências ascéticas, renúncia, e conhecimento de Brahma, o segundo é superior ao primeiro, e o terceiro é superior ao segundo. Isto, no entanto, que tu pensas, isto é, que não há nada superior à riqueza, é um erro. Eu te convencerei disto, para que a riqueza não possa aparecer outra vez para ti neste aspecto. Todos os homens que são virtuosos são vistos serem dedicados a penitências ascéticas e ao estudo dos Vedas. Os Rishis também, que têm muitas regiões eternas para eles, têm o mérito de penitências. Outros, possuidores de tranquilidade de alma, não tendo inimigos, e residindo nas florestas, têm, através de penitências e estudo dos Vedas, ido para o céu. Homens virtuosos, por reprimirem o desejo por posses mundanas, e rejeitando aquela ignorância que nasce da insensatez, procedem para o norte (isto é, por caminhos luminosos) para as regiões reservadas para os praticantes de renúncia. O caminho que se encontra ao sul e que leva para regiões de luz (isto é, regiões lunares), está reservado para homens dedicados à ação. Estes são alcançados por pessoas sujeitas a nascimento e morte. O fim, no entanto, que pessoas desejosas de salvação têm diante de seus olhos é indescritível. Yoga é a melhor maneira para alcançá-lo. Não é fácil explicar isso (para ti). Aqueles que são eruditos vivem, refletindo sobre as escrituras pelo desejo de descobrir o que é irreal. Eles são, no entanto, muitas vezes levados a isto e àquilo na crença de que o objetivo de sua busca existe nisto e naquilo. Tendo dominado, no entanto, os Vedas, os Aranyakas, e as outras escrituras, eles perdem o real, como homens falhando em encontrar madeira sólida em um pé de banana arrancado. Há alguns que, não

acreditando em sua unidade, consideram a Alma, que habita neste corpo físico que consiste nos cinco elementos, como possuidora dos atributos de desejo e aversão (e outros). (Isto se refere à bem conhecida definição da alma ou mente na filosofia Nyaya, a qual diz que ela é distinguida pelos atributos de desejo, aversão, vontade, prazer e dor, e as faculdades cognitivas.) Incapaz de ser vista pelo olho, extremamente sutil, e inexprimível por palavras, ela gira em uma ronda (de renascimentos) entre as criaturas da terra, mantendo diante dela aquilo que é a raiz da ação. (A alma, embora realmente desprovida de atributos, todavia gira em uma ronda entre as criaturas, isto é, entra em outros corpos após a dissolução daqueles previamente ocupados. A razão desta ronda ou jornada contínua é Avidya ou ilusão, aquela ausência de verdadeiro conhecimento pela qual os homens se engajam em ação. Quando a alma está livre deste Avidya, a ação cessa, e a alma se revela em sua verdadeira natureza, a qual consiste na ausência de todos os atributos.) Tendo feito a Alma avançar em direção a si mesma, que é a fonte de todo o tipo de bem-aventurança, tendo refreado todos os desejos da mente, e tendo abandonado todas as espécies de ação, uma pessoa pode se tornar perfeitamente independente e feliz. Quando há tal caminho que é trilhado pelos virtuosos e que é alcançável pelo Conhecimento, por que, ó Arjuna, tu louvas a riqueza que é cheia de todos os tipos de calamidade? Homens dos tempos antigos que eram familiarizados com as escrituras, ó Bharata, homens que estavam sempre empenhados em doações e sacrifícios e ações eram desta opinião. Ó Bharata! Há alguns tolos que, talentosos na ciência da argumentação, negam a existência da Alma, por consequência da força de suas convicções de uma vida anterior. É muito difícil fazê-los aceitar esta verdade acerca da emancipação final. Aqueles homens pecaminosos, embora possuidores de grande erudição, viajam por toda a terra, fazendo discursos em assembléias, e desaprovando a doutrina verdadeira acerca da emancipação. Ó Partha, quem mais conseguirá compreender o que nós não entendemos? De fato, (como aqueles homens não podem entender o verdadeiro sentido das escrituras), similarmente eles não podem reconhecer aquelas pessoas sábias e virtuosas que são realmente grandiosas e têm um profundo conhecimento das escrituras. Ó filho de Kunti, homens conhecedores da verdade alcançam Brahma por meio de ascetismo e inteligência, e grande felicidade pela renúncia.'"

20

Vaisampayana disse, "Depois que Yudhishthira tinha parado, o grande asceta Devasthana, possuidor de eloquência, disse estas palavras, repletas de razão, ao rei."

"Devasthana disse, 'Phalguna te disse que não há nada superior à riqueza. Eu te falarei sobre este assunto. Ouça-me com toda a atenção, ó Ajatasatru, tu que ganhaste a terra justamente. Tendo-a ganhado, não cabe a ti, ó rei, abandoná-la sem motivo. Quatro modos de vida são indicados nos Vedas. Passe por eles, ó rei, devidamente, um depois do outro. No momento tu deves, portanto, realizar grandes sacrifícios com presentes abundantes. Entre os próprios Rishis, alguns

são dedicados ao sacrifício representado pelo estudo Védico, e alguns àquele apresentado pelo conhecimento. Portanto, ó Bharata, tu deves saber que os próprios ascetas também são devotados à ação. Os Vaikhanasas, no entanto, pregam que quem não procura riqueza é superior ao que a procura. (Ao invés de realizar sacrifícios depois da aquisição de riqueza, é melhor não realizar sacrifícios se eles não podem ser realizados sem riqueza.) Eu penso que quem segue este preceito incorre em muitas falhas. Os homens reúnem diversas coisas (para a realização de sacrifícios) simplesmente por causa da ordenança (Védica). Aquele que, corrompido por sua própria compreensão, doa riqueza para uma pessoa não merecedora sem dá-la à merecedora, não sabe que ele incorre no pecado de matar um feto. (Tal pessoa incorre no pecado de matar um feto, porque este pecado procede de matar a si mesmo. Uso impróprio de riqueza é considerado como suicídio.) O exercício do dever da caridade depois de distinguir o merecedor do não merecedor não é fácil. O Ordenador Supremo criou a riqueza para o sacrifício, e Ele criou o homem também para cuidar daquela riqueza e para realizar sacrifícios. Por esta razão toda a riqueza de uma pessoa deve ser aplicada no sacrifício. Prazer proviria disto como uma consequência natural. Possuidor de energia abundante, Indra, pela realização de diversos sacrifícios com presentes abundantes de objetos de valor, superou todos os deuses. Tendo obtido sua chefia por estes meios, ele brilha no céu. Portanto, tudo deve ser aplicado em sacrifícios. Vestido em camurças, Mahadeva de grande alma, tendo despejado a si mesmo como uma libação no sacrifício chamado Sarva, se tornou o primeiro dos deuses, e superando todas as criaturas no universo e prevalecendo sobre elas por meio daquela realização, brilha em resplendor. O rei Marutta, o filho de Avikshit, pela profusão de sua riqueza, superou o próprio Sakra, o chefe dos deuses. No grande sacrifício que ele realizou, todos os recipientes eram de ouro, e a própria Sree apareceu em pessoa. Tu soubeste que o grande rei Harischandra, tendo realizado sacrifícios, ganhou grande mérito e grande felicidade. Embora um homem, ele todavia derrotou Sakra por meio de sua riqueza. Por esta razão tudo deve ser aplicado em sacrifícios.'"

21

"Devasthana disse, 'Ligado a isto é citada uma antiga história, isto é, o discurso que Vrihaspati, pedido por Indra, proferiu para ele. Vrihaspati disse, 'O contentamento é o céu mais sublime, o contentamento é a maior bem-aventurança. Não há nada mais elevado do que o contentamento. O contentamento ocupa o lugar mais elevado. Quando alguém se afasta de todos os seus desejos como uma tartaruga recolhendo todos os seus membros, então a resplandecência natural de sua alma logo se manifesta. Quando uma pessoa não teme alguma criatura, nem é temida por alguma criatura, quando ela conquista seu desejo e aversão, então é dito que ela contempla a própria alma. É dito que quando alguém, de fato, em palavra e pensamento, não procura ferir ninguém e não nutre desejo, ele alcança Brahma. Assim, ó filho de Kunti, qualquer que seja a religião seguida pelas criaturas, elas obtêm resultados correspondentes. Desperte

a ti mesmo por esta consideração, ó Bharata! (Os Srutis declaram que aquele que amedronta é ele mesmo amedrontado; enquanto aquele que não amedronta não é amedrontado. Os resultados ganhos por uma pessoa correspondem às suas práticas. Yudhishthira é, portanto, exortado a aceitar a soberania, pois a soberania, virtuosamente exercida e sem apego, o coroará com bem-aventurança futuramente.) Alguns louvam a Quietude, uns louvam o Esforço; uns a Contemplação; e alguns louvam ambos, Quietude e Esforço. Uns louvam sacrifício; outros, a renúncia. Alguns louvam doações; outros, a aceitação. Alguns, abandonando tudo, vivem em meditação silenciosa. Uns louvam a soberania e a apreciação dos súditos, depois de matar, cortar e perfurar (inimigos). Alguns são a favor de passar seus dias em isolamento. Observando tudo isto, a conclusão dos eruditos é que aquela religião que consiste em não ferir alguma criatura é digna da aprovação dos justos. Abstenção de ferir, veracidade de palavras, justiça, compaixão, autocontrole, procriação (de descendência) nas próprias esposas, amabilidade, modéstia, paciência; a prática destes é a melhor das religiões como dito pelo próprio Manu autocriado. Portanto, ó filho de Kunti, pratique esta religião com cuidado. O Kshatriya que, conhecedor das verdades ou deveres reais, toma a soberania sobre si mesmo, reprimindo sua alma em todos os momentos, considerando igualmente o que é caro e o que não é, e subsistindo dos restos de banquetes sacrificais, que é dedicado a reprimir os pecaminosos e apreciar os íntegros, que obriga seus súditos a trilharem o caminho da virtude e trilha ele mesmo aquele caminho, que finalmente transmite sua coroa para seu filho e se dirige para as florestas, e vive lá dos produtos da selva e age segundo as ordenanças ou os Vedas depois de ter se livrado de toda a preguiça, aquele Kshatriya que se comporta dessa maneira, correspondente em tudo aos bem conhecidos deveres dos reis, está certo de obter excelentes resultados neste mundo e no próximo. Aquela emancipação final, da qual tu falaste, é extremamente difícil de se obter, e sua busca está ligada a muitos obstáculos. Aqueles que adotam tais deveres e praticam caridade e penitências ascéticas, que são possuidores da qualidade de compaixão e estão livres do desejo e da raiva, que estão empenhados em governar seus súditos com justiça e lutando por causa de vacas e Brahmanas, alcançam um fim sublime após a morte. Pois os Rudras com os Vasus e os Adityas, ó opressor de inimigos, e os Sadhyas e hostes de reis adotam esta religião. Praticando sem negligência os deveres inculcados por aquela religião, eles alcançam o céu através daqueles seus atos.'"

22

Vaisampayana disse, "Depois disto, Arjuna mais uma vez se dirigiu a seu irmão mais velho de glória imorredoura, o rei Yudhishthira de coração triste, e disse estas palavras: 'Ó tu que és conhecedor de todos os tipos de deveres, tendo pela prática dos deveres Kshatriya obtido a soberania que é muito difícil de adquirir, e tendo conquistado todos os teus inimigos, por que tu estás queimando de angústia? Ó rei, com relação aos Kshatriyas, a morte em batalha é considerada mais meritória para eles do que a realização de diversos sacrifícios. Isto é

declarado na ordenança que declara os deveres de Kshatriyas. Penitências e Renúncia são os deveres de Brahmanas. Esta é a ordenança (concernente às duas classes) sobre o mundo seguinte. De fato, ó poderoso, a morte em batalha é declarada para Kshatriyas. Os deveres Kshatriyas são extremamente violentos e estão sempre ligados com o uso de armas, e é afirmado, ó chefe dos Bharatas, que eles devem, quando chega a hora, perecer por meio de armas no campo de batalha. Até a vida de um Brahmana, ó rei, que vive no cumprimento dos deveres Kshatriya não é censurável, pois Kshatriyas também nascem de Brahmana. Nem Renúncia, nem Sacrifícios, nem Penitências, nem dependência da riqueza de outros, ó soberano de homens, são ordenados para Kshatriyas. Tu és conhecedor de todos os deveres, e tu tens alma virtuosa, ó touro da raça Bharata! Tu és um rei sábio, hábil em todas as ações. Tu podes distinguir o que é certo neste mundo do que é errado. Rejeitando este desânimo pelo arrependimento, dirija-te a ti mesmo com uma vontade forte de agir. O coração de um Kshatriya especialmente é duro como o trovão. Tendo pelo exercício dos deveres Kshatriya derrotado teus inimigos e adquirido o império sem um tormento do seu lado, conquiste tua alma, ó soberano de homens, e te dedique à realização de sacrifícios e à prática da caridade. O próprio Indra, embora um Brahmana, se tornou um Kshatriya em seus atos, e lutou com seus parentes pecaminosos por oitocentas e dez vezes. Aqueles atos dele, ó monarca, são adoráveis e dignos de louvor. Através deles ele obteve, como nós sabemos, a chefia dos deuses. Portanto, ó monarca, realize sacrifícios com presentes abundantes assim como Indra fez, ó soberano de homens, e assim livre-te da tua febre. Ó touro entre Kshatriyas, não sofra assim pelo que é passado. Aqueles que foram mortos alcançaram o mais fim mais sublime, santificados por armas e de acordo com as ordenanças da religião Kshatriya. Aquilo que aconteceu estava ordenado para acontecer. O destino, ó tigre entre reis, não pode ser resistido.'"

23

Vaisampayana disse, “Assim endereçado por Arjuna de cabelo ondulado, o rei Kuru nascido de Kunti permaneceu silencioso. Então o Nascido na Ilha (Vyasa) disse estas palavras.”

"Vyasa disse, 'As palavras de Arjuna, ó amável Yudhishthira, são verdadeiras. A religião mais elevada, como declarado pelas escrituras, depende dos deveres da vida familiar. Tu és conhecedor de todos os deveres. Pratique então devidamente os deveres prescritos para ti (isto é, os deveres da vida familiar). Uma vida de retiro nas florestas, rejeitando os deveres da vida familiar, não foi prescrita para ti. Os deuses, Pitris, convidados, e empregados, todos dependem (para seu sustento) da pessoa que leva uma vida familiar. Sustente então todos estes, ó senhor da terra! Aves e animais e várias outras criaturas, ó soberano de homens, são mantidos por homens que levam vidas familiares. Aquele, portanto, que pertence a este modo de vida é superior (a todos os outros). Uma vida familiar é o mais difícil de todos os quatro modos de vida. Pratique este modo de vida então, ó Partha, o qual é difícil de ser praticado por pessoas de sentidos descontrolados.

Tu tens um bom conhecimento de todos os Vedas. Tu ganhaste grande mérito ascético. Cabe a ti, portanto, suportar como um boi a carga do teu reino ancestral. Penitências, sacrifícios, perdão, erudição, mendicância, manter os sentidos sob controle, contemplação, viver em solidão, contentamento, e conhecimento (de Brahma), devem, ó rei, ser buscados seriamente por Brahmanas com o melhor de sua habilidade para o alcance do sucesso. Eu agora te direi os deveres dos Kshatriyas. Eles não são desconhecidos para ti. Sacrifício, erudição, esforço, ambição (literalmente, a ausência de contentamento com a prosperidade atual), empunhar a 'vara de castigo', ferocidade, proteção dos súditos, conhecimento dos Vedas, prática de todos os tipos de penitências, bondade de conduta, aquisição de riqueza, e doações para pessoas dignas; estes, ó rei, bem realizados e adquiridos por pessoas da ordem real, garantem para eles este mundo e o seguinte, como ouvido por nós. Entre estes, ó filho de Kunti, manejar a vara de castigo é citado como o principal. A força deve sempre residir em um Kshatriya, e da força depende a punição. Esses deveres que eu mencionei são, ó rei, os principais para os Kshatriyas e contribuem imensamente para seu sucesso. Vrihaspati, sobre isto, cantou este verso: 'Como uma cobra devorando um camundongo, a Terra devora um rei que é inclinado à paz e um Brahmana que é extremamente afeiçoado a uma vida familiar.' É sabido também que o sábio real Sudyumna, somente por manejar a vara de castigo, obteve o mais alto sucesso, como o próprio Daksha, o filho de Prachetas.'

Yudhishthira disse, 'Ó santo, por quais ações Sudyumna, aquele senhor da terra, obter o mais alto sucesso? Eu desejo ouvir a história daquele rei!'"

"Vyasa disse, 'Sobre isto é citada esta história antiga. Havia dois irmãos, Sankha e Likhita, de votos rígidos. Os dois irmãos tinham duas residências separadas e ambas eram belas. Situadas perto da margem do rio chamado Vahuda, ambas aquelas residências eram adornadas com árvores que estavam sempre carregadas com flores e frutos. Uma vez Likhita foi à residência de seu irmão Sankha. Naquela hora, no entanto, Sankha tinha saído de seu retiro em nenhum propósito fixo. Chegando ao retiro de seu irmão, Likhita colheu muitas frutas maduras. Obtendo-as o regenerado Likhita começou a comê-las sem quaisquer escrúpulos. Enquanto ainda estava empenhado na ação de comer, Sankha voltou para seu retiro. Vendo-o comendo, Sankha se dirigiu a seu irmão, dizendo, 'De onde estas frutas foram obtidas e por que razão tu as estás comendo?' Aproximando-se de seu irmão mais velho e saudando-o, Likhita respondeu sorridente, dizendo, 'Eu as peguei deste retiro mesmo.' Cheio de grande raiva, Sankha disse a ele, 'Tu cometeste roubo por pegar estas frutas. Vá e se aproximando do rei confesse a ele o que tu fizeste. Diga a ele, 'Ó melhor dos reis, eu cometi o delito de me aproximar do que não me foi dado. Sabendo que eu sou um ladrão e cumprindo o dever da tua classe, inflija logo sobre mim, ó soberano de homens, a punição de um ladrão.' Assim endereçado, o altamente abençoado Likhita de votos rígidos, por ordem de seu irmão, foi até o rei Sudyumna. Sabendo pelos guardas do portão que Likhita tinha chegado, o rei Sudyumna, com seus conselheiros, avançou (para receber o sábio). Encontrando-o, o rei se dirigiu àquela principal de todas as pessoas conhecedoras dos deveres,

dizendo, 'Diga-me, ó venerável, a razão da tua vinda. Considere-a como já realizada.' Assim questionado, o sábio regenerado disse a Sudyumna, 'Prometa primeiro que tu a realizarás. Caberá então a ti, depois de me ouvir, realizar a promessa. Ó touro entre homens, eu comi algumas frutas que não me foram dadas pelo meu irmão mais velho. Ó monarca, me puna por isto sem demora.' Sudyumna respondeu, 'Se o rei é considerado como competente para manejar a vara de castigo, ele deve ser considerado, ó touro entre Brahmanas, como igualmente competente para perdoar. Purificado em relação ao teu ato, ó tu de votos elevados, te considere como perdoado. Diga-me agora que outros desejos tu tens. Eu certamente realizarei aqueles teus comandos!'"

"Vyasa continuou, 'Assim honrado pelo rei de grande alma, o sábio regenerado Likhita, no entanto, não lhe pediu qualquer outro favor. Então aquele soberano da terra fez as duas mãos de Likhita de grande alma serem cortadas, depois do que o último, suportando o castigo, foi embora. Voltando para seu irmão Sankha, Likhita, em grande afeição, disse, 'Cabe a ti agora perdoar este canalha que foi devidamente punido (pelo que fez).' Sankha disse, 'Eu não estou zangado contigo, nem tu me ofendeste, ó principal de todas as pessoas conhecedoras dos deveres. Tua virtude, no entanto, tinha sofrido um abalo. Eu te resgatei daquela situação. Vá sem demora ao rio Vahuda e gratifique devidamente, com oblações de água, os deuses, Rishis e os Pitris, e nunca mais coloque teu coração no pecado.' Ouvindo estas palavras de Sankha, Likhita realizou suas abluções na corrente sagrada e preparou-se para começar o rito de água. Nisto, duas mãos, parecendo lotos, apareceram nas extremidades de seus tocos. Maravilhado ele voltou até seu irmão e mostrou a ele as duas mãos. Sankha disse a ele, 'Tudo isso foi realizado por mim através das minhas penitências. Não fique surpreso por isto. A Providência foi o instrumento aqui.' Likhita respondeu, 'Ó tu de grande esplendor, por que tu não me purificaste a princípio, quando, ó melhor dos regenerados, tal era a energia de tuas penitências?' Sankha disse, 'Eu não deveria ter agido de outra maneira. Eu não sou teu castigador. Aquele monarca (que te puniu) foi ele mesmo purificado, como também tu mesmo, junto com os Pitris!'

"Vyasa continuou, 'Aquele rei, ó filho mais velho de Pandu, se tornou eminente por este ato e obteve o mais elevado sucesso como o próprio senhor Daksha! Exatamente este é o dever dos Kshatriyas, isto é, o ato de governar os súditos. Qualquer outro, ó monarca, seria considerado como um caminho errado para eles. Não ceda à aflição. Ó melhor de todas as pessoas conhecedoras do dever, escute as palavras benéficas deste teu irmão. Manejar a vara de castigo, ó rei, é o dever dos reis e não a raspagem da cabeça.'"

24

Vaisampayana disse, "Uma vez mais o grande sábio Krishna-Dwaipayana disse estas palavras para Ajatasatru, o filho de Kunti: 'Deixe que estes grandes guerreiros em carros de abundante energia mental, ó monarca, que estes teus irmãos, ó Yudhishthira, ó chefe dos Bharatas, obtenham aqueles desejos deles

que eles nutriram enquanto residiram nas florestas. Governe a terra, ó filho de Pritha, como (outro) Yayati, o filho de Nahusha. Antes de agora a miséria era sua enquanto vocês moravam na floresta na prática de penitências ascéticas. Aquela miséria está terminada, ó tigre entre homens! Desfrute de felicidade, portanto, por algum tempo. Tendo ó Bharata, ganhado e desfrutado de mérito religioso e riqueza e prazer por algum tempo com teus irmãos, tu poderás então, ó rei, te retirar para as florestas. Seja livre primeiro, ó Bharata, da dívida que tens com as pessoas que possam mendigar de ti, os Pitris, e os deuses. Tu poderás então, ó filho de Kunti, praticar todos os outros modos de vida (que vem depois). Ó filho da linhagem de Kuru, realize os sacrifícios de Sarvamedha e Aswamedha. Tu então alcançarás, ó monarca, o fim mais sublime após a morte. Instalando teus irmãos também em sacrifícios grandiosos com presentes abundantes (para os Brahmanas), tu irás, ó filho de Pandu, obter grande fama. Há um ditado, ó tigre entre homens e melhor dos Kurus! Ouça-o, pois por agir segundo ele, ó rei, tu não te desviarás da virtude. Somente aqueles homens, ó Yudhishthira, cujas práticas parecem aquelas de ladrões, fazem um rei por seus conselhos fazer uma carreira de guerra e vitória. O rei que, guiado por considerações de hora e lugar e movido por uma compreensão baseada nas escrituras, perdoa até vários ladrões, não incorre em pecado. O rei que, realizando seu imposto de um sexto (da produção), não protege seu reino, recebe uma quarta parte dos pecados de seu reino. Escute também àquilo pelo qual um rei não pode se desviar da virtude. Por transgredir as escrituras (uma pessoa incorre em pecado), enquanto por obedecê-las pode-se viver destemidamente. O rei que, guiado por uma compreensão baseada nas escrituras e desconsiderando luxúria e a ira se comporta imparcialmente, como um pai, para com todos os seus súditos, nunca incorre em pecado. Ó tu de esplendor grandioso, se um rei, afligido pelo destino, fracassa em realizar uma ação que ele deveria fazer, tal fracasso não será chamado de uma transgressão. Pela força e política o rei derruba seus inimigos. Ele não deve permitir que o pecado seja cometido em seu reino, mas deve fazer a virtude ser praticada. Homens valentes, aqueles que são respeitáveis em suas práticas, aqueles que são virtuosos em seus atos, aqueles que são possuidores de erudição, ó Yudhishthira, Brahmanas conhecedores dos textos e ritos Védicos, e homens de riqueza, devem ser especialmente protegidos. Em determinar litígios e realizar atos religiosos somente devem ser empregados aqueles de grande conhecimento. Um rei prudente nunca colocará sua confiança em um indivíduo, embora ilustre. O rei que não protege seus súditos, cujas paixões são desenfreadas, que é cheio de vaidade, que é maculado com arrogância e malícia, incorre em pecado e ganha a vergonha da tirania. Se os súditos de um rei, ó monarca, decaem por falta de proteção e são afligidos pelos deuses e oprimidos por ladrões, o pecado de todos estes mancha o próprio rei. Não há pecado, ó Yudhishthira, em fazer uma ação com amabilidade, depois de completa deliberação e consulta com homens capazes de oferecer bons conselhos. Nossas tarefas fracassam ou são bem sucedidas pelo destino. Se o esforço, no entanto, for aplicado, o pecado não toca o rei. Eu narrarei para ti, ó tigre entre reis, a história do que aconteceu a um rei antigo de nome Hayagriva, ó filho de Pandu, a história do heróico Hayagriva de atos imaculados, que depois de ter matado um grande número de seus inimigos em batalha foi ele mesmo derrotado e morto enquanto não tinha um seguidor ao

seu lado. Tendo realizado tudo o que deve ser feito para manter os inimigos sob controle, e adotado todas aquelas medidas principais pelas quais os homens podem ser protegidos, Hayagriva adquiriu grande fama das batalhas que ele lutou e está agora desfrutando de grande felicidade no céu. Mutilado por ladrões com armas, lutando audaciosamente com eles, e perdendo sua vida em batalha, Hayagriva de grande alma, sempre atento aos seus deveres (reais), realizou o objetivo de sua vida e está agora desfrutando de grande bem-aventurança no céu. O arco era sua estaca (sacrifical) e a corda do arco era a corta para atar as vítimas. Flechas constituíam a concha menor e a espada a grande, e sangue era a manteiga clarificada que ele despejava. O carro era o altar e a ira que ele sentia em batalha era o fogo, e os quatro principais dos corcéis unidos ao seu veículo eram os quatro Hotris. Tendo despejado seus inimigos naquele fogo sacrifical como libações e então sua própria vida na conclusão do sacrifício, aquele leão vigoroso entre reis, Hayagriva, ficou livre do pecado e está agora se divertindo nas regiões dos deuses. Tendo protegido seu reino com política e inteligência, Hayagriva de grande alma e resignado (sem orgulho) e de grande força mental e acostumado à realização de sacrifícios encheu todos os mundos com sua fama e está agora se divertindo na região dos deuses. Tendo obtido o mérito que depende da realização de sacrifícios como também todos os tipos de méritos relacionados com assuntos humanos, ele manejou a vara de castigo e governou a Terra com vigor e sem orgulho. Pois este é o virtuoso Hayagriva de grande alma que está agora se divertindo na região dos deuses. Possuidor de conhecimento, praticando a renúncia, estimulado pela fé, e cheio de gratidão, aquele rei, tendo realizado diversas ações, deixou este mundo de homens e ganhou as regiões que estão reservadas para os inteligentes e os sábios e aqueles que são de costumes e comportamento aprovados e preparados para abandonar suas vidas em batalha. Tendo estudado bem os Vedas e as outras escrituras também, tendo governado seu reino devidamente e feito todas as quatro ordens aderirem às suas respectivas funções, Hayagriva de grande alma está passando seu tempo em alegria nas regiões dos deuses. Tendo vencido muitas batalhas e cuidado de seus súditos, tendo bebido o suco Soma em sacrifícios e gratificado os principais dos Brahmanas com presentes e manejado judiciosamente a vara de castigo sobre aqueles colocados sob seu domínio e finalmente perdendo sua vida em batalha, aquele rei está vivendo felizmente no céu. Sua vida foi digna de todo o louvor. Homens eruditos e honestos o elogiam, merecedor como ele é de todos os louvores. Tendo ganhado o céu e adquirido as regiões reservadas para heróis, aquele monarca de grande alma e feitos virtuosos veio a ser coroado com sucesso.'”

25

Vaisampayana disse, "Ouvindo as palavras do Rishi Nascido na Ilha e vendo Dhananjaya enfurecido, Yudhishthira, o filho de Kunti, saudou Vyasa e deu a seguinte resposta.”

"Yudhishthira disse, 'Esta soberania terrestre e os diversos prazeres (pertencentes a esta) fracassam em dar qualquer alegria ao meu coração. Por outro lado, esta dor pungente (consequente da perda de meus parentes) está corroendo seu âmago. Ouvindo as lamentações dessas mulheres que perderam seus maridos e filhos heróicos, eu fracasso em obter paz, ó sábio!'"

Vaisampayana continuou, "Assim endereçado, o virtuoso Vyasa, aquela principal de todas as pessoas conhecedoras de Yoga, possuidor de grande sabedoria e intimamente familiarizado com os Vedas, disse a Yudhishthira (as palavras seguintes)."

"Vyasa disse, 'Nenhum homem pode adquirir qualquer coisa por seus próprios atos ou por sacrifícios e culto. Nenhum homem pode dar qualquer coisa para um outro homem. O homem adquire tudo por meio do Tempo. O Ordenador Supremo fez do curso do Tempo os meios de aquisição. Por mera inteligência ou estudo das escrituras, os homens, se o Tempo for desfavorável, não podem adquirir qualquer posse mundana. Às vezes um tolo ignorante pode ter sucesso em ganhar riqueza. O Tempo é o meio eficaz para a realização de todas as ações. Durante tempos de adversidade, nem ciência, nem encantamentos, nem drogas produzem quaisquer resultados. Em tempos, no entanto, de prosperidade, essas mesmas coisas, devidamente aplicadas, se tornam eficazes e dão sucesso. Pelo Tempo os ventos sopram violentamente; pelo Tempo as nuvens se tornam carregadas de chuva; pelo Tempo os tanques ficam adornados com lotos de diferentes espécies; pelo Tempo as árvores na floresta ficam decoradas com flores. Pelo Tempo as noites se tornam escuras ou iluminadas. Pelo Tempo a Lua se torna cheia. Se o Tempo para isto não chegasse, as árvores não dariam flores e frutos. Se o Tempo para isto não chegasse, as correntezas dos rios não se tornariam violentas. Aves e cobras e veados e elefantes e outros animais nunca ficam excitados quando o Tempo para isto não chega. Se o Tempo não viesse, as mulheres não conceberiam. É com o Tempo que o inverno, e o verão, e a estação chuvosa vem. Se o Tempo para isto não viesse, ninguém nasceria ou morreria. Se o Tempo não chegasse, a criança não adquiriria o poder de falar. Se o Tempo não chegasse, não se chegaria à juventude. É com o Tempo que a semente semeada estende seus brotos. Se o Tempo não chegasse, o Sol não apareceria acima do horizonte, nem, quando o Tempo para isto não vem, ele vai para as colinas Asta. Se o Tempo para isto não chegasse, a Lua não aumentaria nem diminuiria, nem o oceano, com suas grandes ondas, se ergueria e baixaria. Em relação a isto é citada como exemplo a história antiga narrada, ó Yudhishthira, pelo rei Senajit em aflição. 'A irresistível passagem do Tempo afeta todos os mortais. Todas as coisas terrestres, amadurecidas pelo Tempo, sofrem destruição. Alguns, ó rei, matam alguns homens. Os assassinos, também, são mortos por outros. Esta é a linguagem do mundo. Realmente, no entanto, ninguém permanece e ninguém é morto. Alguns pensam que os homens matam (seus semelhantes). Outros pensam que os homens não matam. A verdade é que o nascimento e a destruição de todas as criaturas estão ordenados para acontecer por sua própria natureza. Pela perda da riqueza ou pela morte da esposa ou filho ou pai, um homem lamenta, exclamando 'Ai, que dor!' e insistindo naquela tristeza sempre a aumenta.

Por que você, como uma pessoa tola, se entrega à dor? Por que você se aflige por aqueles que estão sujeitos à dor (e que, por sua morte, escaparam de toda a dor)? Veja, a dor é aumentada pela indulgência como o medo é por entregar-se a ele. Nem este corpo é meu. Nada nesta terra é meu. Ou, as coisas desta terra pertencem tanto aos outros quanto a mim. Os sábios, vendo isto, não se permitem ser iludidos. Há milhares de causas para a tristeza, e centenas de causas para a alegria. Estas todos os dias afetam os ignorantes somente, mas não aquele que é sábio. Estas, com o decorrer do Tempo, se tornam objetos de afeição ou aversão, e aparecendo como felicidade ou dor giram (como se em uma roda) para afetar as criaturas vivas. Há somente tristeza neste mundo mas não felicidade. É por isto que somente a tristeza é sentida. De fato, a tristeza surge daquela aflição chamada desejo, e a felicidade surge da aflição chamada tristeza. A tristeza vem depois da felicidade, e a felicidade depois da tristeza. Ninguém sempre sofre de tristeza ou sempre desfruta de felicidade. Felicidade sempre termina em tristeza, e às vezes procede da própria tristeza. Aquele, portanto, que deseja a felicidade eterna deve abandonar ambas. Já que a tristeza deve surgir depois do término da felicidade, e a felicidade depois do término da tristeza, uma pessoa deve, por isso, rejeitar, como um membro (mordido por cobra) de seu corpo, aquilo por causa do qual ela sente tristeza ou aquele ressentimento que é nutrido pela tristeza ou aquilo que é a raiz da ansiedade. Seja felicidade ou tristeza, agradável ou desagradável, o que quer que venha deve ser tolerado com um coração impassível. Ó amável, se tu te abstiveres, mesmo em pequena medida, de fazer o que é agradável para tuas esposas e filhos, tu então saberás quem é de quem e por que é assim e para que. Aqueles que são muito estúpidos e aqueles que são mestres de suas almas desfrutam de felicidade aqui. Aqueles, no entanto, eu ocupam um lugar intermediário sofrem tristeza.’ Isto, ó Yudhishthira, é o que Senajit de grande sabedoria disse, aquela pessoa que era familiarizada com que é bom ou mau neste mundo, com os deveres, e com felicidade e tristeza. Aquele que se aflige pelas aflições de outras pessoas nunca pode ser feliz. Não há fim da tristeza, e a tristeza nasce da própria felicidade. Felicidade e tristeza, prosperidade e adversidade, lucro e perda, morte e vida, em sua sucessão, visitam todas as criaturas. Por esta razão o homem sábio de alma tranquila não deve nem se rejubilar com alegria nem se deprimir com tristeza. É dito que se envolver em batalha é o Sacrifício para um rei; um cumprimento apropriado da ciência de castigo é seu Yoga; e a doação de riqueza em sacrifícios na forma de Dakshina é sua Renúncia. Todas estas devem ser consideradas como ações que o santificam. Por governar o reino com inteligência e política, abandonando o orgulho, realizando sacrifícios, e olhando para tudo e todas as pessoas com bondade e imparcialidade, um rei de grande alma, depois da morte, se diverte na região dos deuses. Por vencer batalhas, proteger seu reino, beber o suco Soma, ajudar seus súditos, manejar judiciosamente a vara de castigo, e abandonando seu corpo finalmente em luta, um rei desfruta de felicidade no céu. Tendo estudado devidamente todos os Vedas e as outras escrituras, tendo protegido o reino apropriadamente, e tendo feito todas as quatro classes se dedicarem às suas respectivas funções, um rei se torna santificado e ao final se diverte no céu. É o melhor dos reis aquele cuja conduta, mesmo depois de sua morte, é elogiada pelos habitantes da cidade e país e por seus conselheiros e amigos.”’

26

Vaisampayana disse, "Em relação a isso, Yudhishthira de grande alma disse a Arjuna estas palavras repletas de razão: 'Tu achas, ó Partha, que não há nada superior à riqueza, e que o homem pobre não pode ter nem o céu, nem a felicidade, nem a aquisição de seus desejos. Isto, no entanto, não é verdade. São vistas muitas pessoas que foram coroadas com sucesso pelo sacrifício na forma de estudo Védico. São vistos muitos sábios que por dedicação a penitências alcançaram regiões eternas de felicidade. Aqueles, ó Dhananjaya, que sempre observam as práticas dos Rishis por se dedicarem a Brahmacharya e que se tornam familiarizados com todos dos deveres, são considerados pelos deuses como Brahmanas. Ó Dhananjaya, tu deves sempre considerar aqueles Rishis que são devotados ao estudo dos Vedas e dedicados à busca do conhecimento verdadeiro como pessoas que são realmente virtuosas. Ó filho de Pandu, todas as nossas ações dependem daqueles que são devotados à aquisição de conhecimento verdadeiro. (Verdadeiro conhecimento é conhecimento de Brahma. Nossa conduta deve ser moldada de acordo com a opinião das pessoas possuidoras deste conhecimento). Nós sabemos que esta é a opinião dos Vaikhanasas, ó poderoso! Os Ajas, os Prishnis, os Sikatas, ó Bharata, os Arunas, e os Kitavas, foram todos para o céu pelo mérito do estudo Védico. Por realizar aquelas ações, ó Dhananjaya, que são indicadas nos Vedas, isto é, batalha, estudo dos Vedas, sacrifícios, a restrição da emoção que é tão difícil, uma pessoa vai para o céu pelo caminho do sul do Sol (Dakshinayana). Antes disto, eu te disse que aquelas mesmas regiões pertencem às pessoas que são praticantes de atos (Védicos). Tu verás, no entanto, que o caminho do norte (Uttarayana) é percorrido por aqueles que são dedicados a penitências Yoga. Aquelas regiões eternas e brilhantes às quais aquele caminho leva pertencem aos homens de Yoga. Destes dois, o caminho do norte é muito elogiado por aqueles conhecedores dos Puranas. Tu deves saber que se adquire o céu através do contentamento. Do contentamento surge grande felicidade. Não há nada superior ao contentamento. Para o Yogin que controlou a raiva e a alegria, o contentamento é seu alto louvor e sucesso. Em relação a isto é citado o discurso por Yayati antigamente. Ouvindo aquele discurso uma pessoa pode conseguir se afastar de todos os seus desejos como uma tartaruga recolhendo todos os seus membros. Quando não se tem medo de nada, quando não se é temido por nada, quando não se nutre desejo, quando não se sente ódio, então alcançou-se ao estado de Brahma. Daquele que não se comporta pecaminosamente para com qualquer criatura, em ações, pensamentos, ou palavras, é dito que alcançou Brahma. Quando uma pessoa controlou seu orgulho e insensatez, e se afastou de todos os afetos, é então que aquele homem pio de alma irradiada se torna apto para alcançar aquela salvação que consiste na aniquilação da existência separada. Ouça-me agora com atenção concentrada, ó filho de Pritha, enquanto eu te falo. Alguns desejam virtude; alguns, boa conduta; e alguns, riquezas. Uma pessoa pode desejar riqueza (como

meio de aquisição de virtude). O abandono, no entanto, de tal desejo seria melhor para ele. Há muitos erros ligados à riqueza e por conseguinte àqueles atos religiosos que são realizados com riqueza. Nós temos visto isto com nossos próprios olhos. Cabe a ti também ver isto. Aquele que deseja riqueza acha muito difícil abandonar aquilo que deve ser abandonado por todos os meios. Bons feitos são muito raros naqueles que acumulam riquezas. É dito que a riqueza nunca pode ser adquirida sem prejudicar outros, e essa, quando ganhada, traz numerosos distúrbios. Uma pessoa de alma estreita, desprezando o medo do arrependimento, comete atos de agressão a outros, tentada mesmo por pouca riqueza, inconsciente todo o tempo do pecado de Brahmanicídio em que incorre por seus atos. Obtendo riqueza a qual é de aquisição tão difícil, uma pessoa queima de aflição se ela tem que dar uma parte desta para seus empregados, com aflição que é igual àquela que alguém sentiria se fosse realmente roubado por saqueadores. Se, por outro lado, não se partilha com alguém a riqueza, a desonra se torna seu quinhão. No entanto, quem não tem riqueza nunca se torna assunto de censura. Afastada de todas as atrações, tal pessoa pode se tornar feliz em todas as circunstâncias por manter a vida com o pouco que ela possa obter como esmolas. Ninguém, no entanto, pode ser feliz pela aquisição de riqueza. Ligado a isto certos versos relativos a sacrifícios são recitados por pessoas conhecedoras das escrituras antigas. A riqueza foi criada pelo Criador por causa de sacrifícios, e o homem foi criado por Ele para proteger aquela riqueza e realizar sacrifícios. Por isto, toda a riqueza deve ser aplicada em sacrifícios. Não é apropriado que ela seja gasta para a satisfação do desejo de prazer. O Criador então dá riqueza aos mortais por causa de sacrifícios. Saiba, ó filho de Kunti, que tu és a principal de todas as pessoas ricas! É por isto que os sábios pensam que a riqueza, sem dúvida, é de ninguém sobre a terra. Deve-se realizar sacrifícios com ela e doá-la com um coração confiante. Deve-se gastar (em doação) o que se adquiriu, e não perdê-la ou gastá-la na satisfação do desejo de divertimento. Que utilidade há em acumular riqueza quando existem tais objetos apropriados nos quais gastá-la? Aquelas pessoas de pouca compreensão que dão (riqueza) para homens que se desviaram dos deveres de sua classe têm que subsistir de excremento e sujeira futuramente por cem anos. Que homens doem aos não merecedores e se abstenham de doar aos merecedores é devido à inabilidade de discriminar entre o merecedor e o não merecedor. Por esta razão até a prática da virtude da caridade é difícil. Estes são os dois erros ligados com a riqueza quando adquirida, isto é, doar para uma pessoa indigna e se abster de doar àquela que é digna.'"

27

"Yudhishthira disse, 'Pela morte do jovem Abhimanyu, dos filhos de Draupadi, de Dhrishtadyumna, de Virata, do rei Drupada, de Vasusena conhecedor de todos os deveres, do nobre Dhrishtaketu, e de diversos outros reis vindos de diversas regiões, em batalha, a dor não abandona minha pessoa pecaminosa, eu que sou um matador de parentes. De fato, eu sou desmedidamente cobiçoso de reino e

sou um exterminador da minha própria linhagem. Ele sobre cujo peito e membros eu costumava rolar em divertimento, ai, aquele filho de Ganga foi morto por mim em batalha pela avidez de soberania. Quando eu vi aquele leão entre homens, nosso avô, atacado por Sikhandin e tremendo e cambaleando por causa das flechas de Partha que pareciam raios em energia, quando eu vi sua forma alta totalmente perfurada por setas brilhantes e ele mesmo se tornando fraco como um leão idoso, meu coração ficou profundamente aflito. Quando eu vi aquele que afligia carros hostis oscilar como um topo de montanha e cair sem forças no terraço de seu próprio veículo com seu rosto virado para o leste, meus sentidos ficaram entorpecidos. Aquele descendente da linhagem de Kuru que, com arco e setas nas mãos, tinha lutado em combate violento por muitos dias com o próprio Rama da linha de Bhrigu no campo santificado por Kuru, aquele filho de Ganga, aquele herói, que, em Baranasi, por causa de noivas, em um único carro, desafiou para a batalha os Kshatriyas do mundo reunidos, ele que queimou pela energia de suas armas aquele irresistível e principal dos reis, isto é, Ugrayudha, ai, aquele herói foi morto em batalha por minha causa. Sabendo perfeitamente que Sikhandin, o príncipe de Panchala, era seu destruidor, aquele herói ainda se absteve de matar o príncipe com suas setas. Ai, tal guerreiro magnânimo foi morto por Arjuna. Ó melhor dos sábios, naquele momento quando eu contemplei o avô esticado na terra e coberto com sangue, uma febre violenta afligiu meu coração. Ele que nos protegeu e criou quando nós éramos crianças, ai, ele foi feito ser morto por minha pessoa pecaminosa, eu que sou cobiçoso de reino, que sou um assassino de superiores veneráveis, e um perfeito tolo, por causa da soberania que duraria somente uns poucos dias. Nosso preceptor, o grande arqueiro Drona, adorado por todos os reis, foi aproximado por mim e endereçado falsamente a respeito de seu filho. A memória daquela minha ação está queimando todos os meus membros. O preceptor me disse, 'Diga-me verdadeiramente, ó rei, se meu filho ainda vive.' Esperando veracidade de mim, o Brahmana perguntou a mim de todos os outros. Por proferir silenciosamente a palavra elefante, eu me comportei falsamente com ele. Pecaminoso como sou e extremamente ávido pelo reino, e um assassino de meus superiores veneráveis, eu me comportei exatamente assim para com meu preceptor em batalha, me desfazendo do traje da verdade (o qual eu acreditava usar), pois eu disse a ele que Aswatthaman tinha sido morto quando, realmente, um elefante daquele nome fora morto. Para quais regiões eu irei (após a morte), tendo cometido tais atos infames? Eu causei também a morte de meu irmão mais velho Karna, aquele guerreiro terrível que nunca recuava da batalha. Quem há mais pecaminoso do que eu? Pela avareza eu fiz o jovem Abhimanyu, aquele herói que parecia um leão nascido nas colinas, penetrar no esquadrão que era protegido pelo próprio Drona. Eu sou como alguém culpado de infanticídio. Pecaminoso como eu sou, eu não tenho desde então sido capaz de olhar Arjuna ou Krishna de olhos de lótus no rosto. Eu sofro também por Draupadi, que está desprovida de seus cinco filhos como a Terra privada de suas cinco montanhas. Eu sou um grande criminoso, um grande pecador, e um destruidor da terra! Sem me levantar deste assento que eu agora ocupo, eu enfraquecerei meu corpo (por inanição) e encontrarei a morte. Conheçam a mim que sou o assassino de meu preceptor como alguém que sentou-se aqui na observância do voto Praya. Um exterminador da minha linhagem, eu devo fazer isso a fim de que eu não

possa renascer em alguma das outras classes de seres! (Isto é, eu devo passar por tal penitência austera para que na minha próxima vida eu não possa nascer como algum animal inferior, mas consiga tomar nascimento entre homens). Eu renunciarei a toda comida e bebida, e sem me mover deste local, ó grande asceta, secarei completamente meus ares vitais que são tão preciosos. Eu rogo a você com humildade, me conceda permissão para isto e vá para onde quer que lhe agrade. Que todos me concedam permissão. Eu rejeitarei este meu corpo.'"

Vaisampayana continuou, "Refreando o filho de Pritha que, estupefato pela tristeza por causa de seus parentes, proferiu tais palavras, Vyasa, aquele melhor dos ascetas, falou como segue, dizendo primeiro a ele, 'Isto não pode ser!'"

"Vyasa disse, 'Não cabe a ti, ó monarca, te entregar a tal dor pungente. Eu vou repetir o que eu disse uma vez. Tudo isto é Destino, ó pujante! Sem dúvida, todas as criaturas que nascem exibem a princípio uma união (de diversos materiais e forças). A dissolução, no entanto, as alcança no fim. Como bolhas na água elas surgem e desaparecem. Todas as coisas reunidas sem dúvida se desagregarão e todas as coisas que sobem devem cair. União termina em dissolução e vida termina em morte. A ociosidade, embora temporariamente agradável, termina em miséria, e trabalho com habilidade, embora temporariamente doloroso, termina em felicidade. Riqueza, Prosperidade, Modéstia, Contentamento, e Fama residem em trabalho e habilidade mas não em ociosidade. Amigos não podem conceder felicidade, nem inimigos podem infligir tristeza. Similarmente sabedoria não traz riqueza nem a riqueza traz felicidade. Ó filho de Kunti, tu foste criado pelo Criador para te engajar em Trabalho. O Sucesso surge do Trabalho. Tu não és apto, ó rei, para evitar o Trabalho.'"

28

Vaisampayana disse, "Vyasa então dissipou a angústia do filho mais velho de Pandu, que, queimando de tristeza por causa da morte de seus parentes, tinha resolvido por um fim em si mesmo."

Vyasa disse, 'Em relação a isto é citada a história antiga, ó tigre entre homens, que é conhecida pelo nome de discurso de Asma. Ouça-a, ó Yudhishthira! Janaka, o soberano dos Videhas, ó rei, cheio de tristeza e dor, questionou um Brahmana sábio de nome Asma para o esclarecimento de suas dúvidas.'

"Janaka disse, 'Como um homem desejoso do seu próprio bem deve se comportar em ocasiões de acessão e de destruição de ambos, parentes e riqueza?'"

"Asma disse, 'Imediatamente depois da formação do corpo de um homem, alegrias e tristezas se ligam a ele. Embora haja a possibilidade de um ou outro alcançar a pessoa, qualquer um dos dois que realmente a alcance rouba rapidamente sua razão como o vento afastando nuvens reunidas. (Em tempos de prosperidade) alguém pensa desta maneira: 'Eu sou nobre de nascimento! Eu

posso fazer tudo o que eu quiser! Eu não sou um homem inferior!' Sua mente fica saturada com tal vaidade tripla. Viciado em todos os prazeres mundanos, ele começa a desperdiçar a riqueza acumulada por seus antepassados. Empobrecido com o passar do tempo, ele considera a apropriação do que pertence a outros como até louvável. Como um caçador perfurando um veado com suas setas, o rei então pune aquele indivíduo pecaminoso, aquele ladrão das posses de outras pessoas, aquele transgressor de leis e regras. Sem alcançar os cem anos (o período usual de vida humana), tais homens mal vivem além de vinte ou trinta anos. Observando cuidadosamente o comportamento de todas as criaturas, um rei deve, pelo exercício de sua inteligência, aplicar remédios para aliviar as grandes tristezas de seus súditos. As causas de toda a tristeza mental são duas, isto é, a ilusão da mente e a acessão de infortúnio. Nenhuma terceira causa existe. Todas estas diversas espécies de angústias como também aquelas surgidas da atração pelos prazeres mundanos, que se apossam do homem, são tais, (isto é, surgem de tais causas). Velhice e Morte, como um par de lobos, devoram todas as criaturas, fortes ou fracas, baixas ou altas. Nenhum homem pode escapar da velhice e da morte, nem mesmo o subjugador da terra inteira cercada pelo mar. Seja felicidade ou tristeza o que venha sobre as criaturas, esta deve ser desfrutada ou suportada sem exaltação ou depressão. Não há método de escapar delas. Os males da vida, ó rei, alcançam as pessoas na juventude ou na meia idade ou na velhice. Eles nunca podem ser evitados, enquanto aquelas (fontes de felicidade) que são cobiçadas nunca vem. (O homem cobiça liberdade de decadência e imortalidade, mas, em vez de obter o que ele deseja, decadência e morte se tornam sua porção sobre a Terra). A ausência do que é agradável, a presença do que é desagradável, bem e mal, felicidade e dor, seguem o Destino. Similarmente, o nascimento das criaturas e sua morte, e as acessões de ganho e perda, estão todos pré-ordenados. Assim como aroma, cor, gosto e toque surgem naturalmente, a felicidade e a tristeza resultam do que está pré-ordenado. Assentos e camas e veículos, prosperidade e bebida e comida, sempre se aproximam deixando as criaturas segundo o curso do Tempo. (Isto é, estes aparecem e desaparecem no decorrer do Tempo). Até os médicos ficam doentes. O forte se torna fraco. Aqueles que estão no desfrute de prosperidade perdem tudo e se tornam indigentes. O curso do Tempo é muito extraordinário. Nascimento nobre, saúde, beleza, prosperidade, e objetos de prazer, são todos obtidos através do Destino. Os indigentes, embora eles possam não desejar isto, têm muitos filhos. Os ricos por outro lado são vistos serem sem filhos. Admirável é o rumo do Destino. Os males causados por doença, fogo, água, armas, fome, veneno, febre, e morte, e quedas de lugares altos alcançam um homem de acordo com o Destino sob o qual ele é nascido. É visto neste mundo que alguém, sem ter pecado, sofre diversos males, enquanto outro, tendo pecado, não é abatido pelo peso da calamidade. É visto que alguém no desfrute de riqueza perece na juventude; enquanto alguém que é pobre arrasta sua existência, abatido pela decrepitude, por cem anos. Alguém nascido em uma linhagem ignóbil pode ter uma vida muito longa, enquanto alguém que nasceu em uma linhagem nobre perece logo como um inseto. Neste mundo, é muito comum que pessoas em circunstâncias opulentas não tenham apetite, enquanto os que são indigentes podem digerir até lascas de madeira. Impelido pelo destino, quaisquer pecados

que o homem de alma má, descontente com sua condição, cometa, dizendo, 'Eu sou o fazedor', ele considera ser tudo para o seu bem. Caça, dados, mulheres, vinho, brigas, são desaprovados pelos sábios. Muitas pessoas, no entanto, até as possuidoras de extenso conhecimento das escrituras são vistas serem viciadas neles. Os objetos, se cobiçados ou não, encontram as criaturas em consequência do curso do Tempo. Nenhuma outra causa pode ser traçada. Ar, espaço, fogo, lua, sol, dia, noite, os corpos luminosos (no firmamento), rios, e montanhas, quem os faz e quem os mantém? Frio, e calor, e chuva, vem um depois do outro em consequência da passagem do Tempo. É exatamente assim, ó touro entre homens, com a felicidade e a tristeza da humanidade. Nem remédios, nem encantamentos podem resgatar o homem atacado pela decrepitude ou pela morte. Como dois troncos de madeira, flutuando no grande oceano, se juntam e são novamente separados (quando chega a hora), assim mesmo as criaturas se unem e são novamente separadas (quanto chega a hora). O Tempo age igualmente para com aqueles homens que (estão em circunstâncias afluentes e que) desfrutam dos prazeres de música e dança na companhia de mulheres e para com aqueles homens desamparados que vivem do alimento que outros fornecem. Neste mundo mil espécies de relacionamento são contraídos, tais como mãe e pai e filho e mulher. Na verdade, no entanto, de quem são eles e de quem somos nós? Ninguém pode se tornar próprio de alguém, nem alguém pode se tornar próprio de alguém mais. Nossa união aqui com esposas e parentes e benquerentes é como aquelas de viajantes em uma hospedaria do lado da estrada. Onde eu estou? Aonde irei? Quem sou eu? Como eu cheguei aqui? Por quê e por quem eu sofro? Refletindo sobre estas perguntas uma pessoa obtém tranquilidade. A Vida e seu meio ambiente estão girando constantemente como uma roda, e a companhia daqueles que são caros é transitória. A união com irmãos, mãe, pai, e amigos é como a de viajantes em uma hospedaria. Homens de conhecimento contemplam, como se com olhos corpóreos, o mundo seguinte que é invisível. Sem desconsiderar as escrituras, uma pessoa desejosa de conhecimento deve ter fé. Uma pessoa possuidora de conhecimento deve realizar os ritos prescritos em relação aos Pitris e aos deuses, praticar todos os deveres religiosos, realizar sacrifícios, procurar judiciosamente virtude, lucro, e prazer. Ai, ninguém compreende que o mundo está afundando no oceano do Tempo que é muito profundo e que está infestado com aqueles crocodilos enormes chamados de velhice e morte. Muitos médicos podem ser vistos afligidos com todos os membros de suas famílias, embora eles tenham estudado cuidadosamente a ciência de Medicina (literalmente, a ciência da Vida). Tomando medicamentos amargos e diversas espécies de remédios oleosos, eles não conseguem escapar da morte, como o oceano em ultrapassar seus continentes. Homens bem versados em química, apesar de compostos químicos aplicados judiciosamente, são vistos serem derrubados pela decrepitude como árvores derrubadas por elefantes. Da mesma maneira, pessoas possuidoras de mérito ascético, dedicadas ao estudo dos Vedas, praticantes de caridade, e que realizam sacrifícios frequentemente, não têm êxito em escapar da velhice e da morte. Em relação a todas as criaturas que nasceram, nem anos, nem meses, nem quinzenas, nem dias, nem noites, uma vez passados, voltarão. O homem, cuja existência é tão transitória, é forçado, pela passagem do Tempo, ele deseje ou não, a percorrer

este caminho inevitável e amplo (o caminho da Vida) que tem que ser trilhado por todas as criaturas. Se o corpo surge da criatura ou a criatura surge do corpo, a união no entanto, com esposas e outros amigos é como aquela de viajantes em uma estalagem. Não se pode obter uma companhia durável com alguém. Não se pode obter tal companhia com o próprio corpo. Como então esta pode ser tida com alguém mais? Onde, ó rei, está teu pai hoje e onde está teu avô? Tu não os vê hoje e eles não te vêem, ó impecável! Nenhuma pessoa pode ver o céu ou o inferno. As escrituras, no entanto, são os olhos dos virtuosos. Ó rei, modele tua conduta de acordo com as escrituras. De coração puro, deve-se praticar primeiro o voto de Brahmacharya e então gerar filhos e então realizar sacrifícios, para pagar a dívida que se tem com os Pitris, os deuses, e os homens. Realizando sacrifícios e empenhado em procriar (filhos), depois de ter primeiro cumprido o voto de Brahmacharya, alguém que tem a sabedoria como seus olhos, abandonando toda a ansiedade de coração, deve cortejar o céu, este mundo, e sua própria alma. (Cortejar, isto é, procurar alcançar e desfrutar deles.) Aquele rei inclinado à prática de virtude que se esforça judiciosamente para adquirir o Céu e a Terra, e que pega dos bens mundanos apenas o que está ordenado (como a parte do rei) nas escrituras, ganha uma reputação que se espalha por todos os mundos e entre todas as criaturas, móveis e imóveis.' O soberano dos Videhas, de compreensão clara, tendo ouvido estas palavras cheias de razão, ficou livre da aflição, e se despedindo de Asma procedeu em direção à sua residência. Ó tu de glória imorredoura, rejeite tua angústia e levante. Tu és igual ao próprio Sakra. Permita que tua alma seja alegrada. A terra foi ganha por ti no exercício dos deveres Kshatriya. Desfrute dela, ó filho de Kunti, e não desconsidere minhas palavras.'"

29

Vaisampayana disse, "Aquele principal dos reis, Yudhishthira, o filho de Dharma, ainda permanecendo silencioso, o filho de Pandu, Arjuna, se dirigiu a Krishna e falou o seguinte."

"Arjuna disse, 'Este opressor de inimigos, o filho de Dharma, está queimando de angústia por causa de seus parentes (mortos). Console-o, ó Madhava! Mais uma vez, ó Janardana, todos nós caímos em grande perigo. Cabe a ti, ó poderosamente armado, dissipar a aflição dele.'"

Vaisampayana continuou, "Assim endereçado por Arjuna de grande alma, Govinda de olhos de lótus de glória imorredoura virou seu rosto em direção ao rei. Kesava não poderia de nenhuma maneira ser desconsiderado por Yudhishthira. Desde os primeiros anos Govinda era mais querido para Yudhishthira do que o próprio Arjuna. Pegando a mão do rei enfeitada com pasta de sândalo e parecendo com uma coluna de mármore, Saurin de braços fortes começou a falar, alegrando (os corações de todos os que o ouviam). Seu rosto, ornado com dentes e olhos que eram muito belos, brilhava intensamente como um lótus totalmente desabrochado ao nascer do sol."

"Vasudeva disse, "Ó tigre entre homens, não te entregue a tal angústia que emacia teu corpo. Aqueles que foram mortos nesta batalha não voltarão em hipótese alguma. Aqueles Kshatriyas, ó rei, que morreram nesta grande batalha, são assim como objetos que alguém adquire em seus sonhos e que desaparecem quando ele desperta. Todos eles eram heróis e ornamentos de batalhas. Eles foram derrotados enquanto avançavam com os rostos em direção a seus inimigos. Nenhum dentre eles foi morto com ferimentos nas costas ou enquanto fugia. Todos eles, tendo lutado com heróis em grande batalha e tendo perdido suas vidas então, santificados por armas, procederam para o céu. Não cabe a ti sofrer por eles. Dedicados aos deveres de Kshatriyas, possuidores de coragem, perfeitamente familiarizados com os Vedas e seus ramos, todos eles alcançaram aquele fim bem-aventurado que é obtenível por heróis. Não cabe a ti te afligir por eles depois de ouvir a respeito daqueles senhores de grande alma da terra, dos tempos antigos, que partiram deste mundo. Com relação a isto é citado o velho discurso de Narada perante Srinjaya quando o último estava profundamente afligido pela tristeza por causa da morte de seu filho. (Narada disse), 'Sujeitos à felicidade e tristeza, eu mesmo, tu mesmo e todas as criaturas, ó Srinjaya, teremos que morrer. Que causa então há para tristeza? Ouça-me enquanto eu descrevo a grandiosa bem-aventurança de (alguns) reis antigos. Ouça-me com atenção concentrada. Tu irás então, ó rei, rejeitar tua aflição. Ouvindo a história daqueles senhores de grande alma da terra, diminua tua tristeza. Ó, ouça-me enquanto eu narro suas histórias para ti em detalhes. Por escutar as encantadoras e fascinantes histórias daqueles reis dos tempos antigos, estrelas malignas podem ser propiciadas e o período da vida de uma pessoa pode ser aumentado. Nós sabemos, ó Srinjaya, que houve um rei de nome Marutta que era filho de Avikshit. Mesmo ele caiu vítima da morte. Os deuses com Indra e Varuna e Vrihaspati em sua dianteira foram ao sacrifício, chamado Viswasrij (no qual o realizador partilha com todos sua riqueza), realizado por aquele monarca de grande alma. Desafiando Sakra, o chefe dos deuses, aquele rei o venceu em batalha. O erudito Vrihaspati, desejando fazer o bem para Indra, tinha se recusado a oficiar no sacrifício de Marutta. Então Samvarta, o irmão mais novo de Vrihaspati, concordou com o pedido do rei. Durante o governo daquele rei, ó melhor dos monarcas, a terra produzia colheitas sem ser cultivada e estava enfeitada com diversas espécies de ornamentos. No sacrifício daquele rei, os Viswedevas se sentaram como cortesãos, os Maruts agiam como distribuidores (de alimento e presentes) e os Sadhyas de grande alma também estavam presentes. Naquele sacrifício de Marutta, os Maruts beberam Soma. Os presentes sacrificais que o rei fez superaram (em valor) até àqueles feitos pelos deuses, os Gandharvas, e homens. Como até aquele rei, ó Srinjaya, que te superava em mérito religioso, conhecimento, renúncia, e riqueza, e que era mais puro do que teu filho, caiu vítima da morte, não sofra por teu filho. Houve outro rei de nome Suhotra, o filho de Atithi. Nós sabemos, ó Srinjaya, que até ele caiu vítima da morte. Durante seu governo, Maghavat despejou ouro por um ano inteiro sobre seu reino. Obtendo aquele rei como seu senhor, a terra se tornou na verdade (e não somente em nome como antes) Vasumati (possuidora de riqueza). Os rios, durante o domínio daquele rei, tinham tartarugas, caranguejos, jacarés, tubarões, e golfinhos dourados, pois o adorável Indra, ó rei, tinha-os despejado sobre eles.

Contemplando aqueles peixes e tubarões e tartarugas dourados às centenas e milhares, o filho de Atithi se encheu de admiração. Reunindo aquela vasta riqueza de ouro que cobria a terra, Suhotra realizou um sacrifício em Kurujangala e a deu para os Brahmanas. Quando aquele rei, ó Srinjaya, que te superava nos quatro atributos de mérito religioso, conhecimento, renúncia, e riqueza, e que era mais puro do que teu filho, caiu vítima da morte, não sofra por teu filho (que está morto). Teu filho nunca realizou um sacrifício e nunca fez doações. Sabendo disto, acalme tua mente e não te entregue à dor. Nós ouvimos também, ó Srinjaya, que Vrihadratha, o rei dos Angas, caiu vítima da morte. Ele doou cem mil corcéis. Cem mil donzelas também, enfeitadas com ornamentos dourados, ele deu como presentes em um sacrifício que ele realizou. Cem mil elefantes também da melhor raça, ele deu como presentes em outro sacrifício realizado por ele. Cem milhões também de touros, adornados com correntes de ouro, com milhares de vacas acompanhado-os, ele deu como presentes sacrificais. Enquanto o rei de Anga realizava seu sacrifício perto da colina chamada Vishnupada, Indra ficou embriagado com o Soma que ele bebeu, e os Brahmanas com os presentes que eles receberam. Nos sacrifícios, ó monarca, numerando centenas, que aquele rei realizou antigamente, os presentes que ele fez superaram de longe aqueles sempre feitos pelos deuses, Gandharvas, e homens. Nenhum outro homem nasceu, ou nascerá, que deu ou dará tanta riqueza quanto a que foi dada pelo rei dos Angas nos sete sacrifícios que ele realizou, cada um dos quais era caracterizado pela consagração do Soma. (Aqueles sete sacrifícios eram o Agnishtoma, o Atyagnishtoma, o Ukthya, o Shodashi, o Vajapeya, o Atiratra, e o Aptoryama, cada um dos quais requeria a consagração do Soma). Quando, ó Srinjaya, até este Vrihadratha, que era superior a ti nos quatro atributos e que era mais puro do que teu filho, caiu vítima da morte, não te aflija por teu filho que está morto. Nós sabemos também, ó Srinjaya, que Sivi, o filho de Usinara, caiu vítima da morte. Aquele rei dominava a terra inteira como alguém domina a proteção de couro em sua mão. Sobre um único carro que veio a ser vitorioso em todas as batalhas, o rei Sivi fez a terra inteira ressoar com o estrépito de suas rodas e subjugou todos os monarcas. (A expressão usada é ‘Ele fez somente um guarda-sol ser levantado’. O costume é bem conhecido que ninguém exceto reis podia fazer guarda-sóis serem mantidos sobre suas cabeças). O filho de Usinara, Sivi, deu, em um sacrifício, todo o gado e cavalos que ele tinha, domésticos e selvagens. O próprio Criador pensou que nenhum dentre os reis do passado ou do futuro teve ou teria a habilidade para suportar a carga, ó Srinjaya, que o filho de Usinara, Sivi, aquele principal dos reis, aquele herói que era possuidor de destreza igual àquela do próprio Indra, suportou. Não sofra, portanto, por teu filho que nunca realizou algum sacrifício nem fez alguma doação. De fato, ó Srinjaya, quando Sivi, que era muito superior a ti nos quatro atributos e que era mais puro do que teu filho, caiu vítima da morte, não chore por teu filho que está morto. Nós sabemos, ó Srinjaya, que Bharata de grande alma também, o filho de Dushmanta e Sakuntala, que tinha uma vasta tesouraria bem abastecida, caiu vítima da morte. Dedicando trezentos cavalos aos deuses nas margens do Yamuna, vinte nas margens do Saraswati, e catorze nas margens do Ganga, aquele rei de grande energia, nos tempos passados, realizou (nesta ordem) mil sacrifícios de cavalo e cem Rajasuyas. Nenhum entre os reis da terra pode imitar os grandes feitos de

Bharata, assim como nenhum homem pode, pelo poder de seus braços, se elevar ao firmamento. Erigindo numerosos altares sacrificais, ele deu inúmeros cavalos e riqueza incontável ao sábio Kanwa. (Kanwa tinha criado em seu retiro a mãe de Bharata, Sakuntala, que tinha sido abandonada, imediatamente após seu nascimento, por sua mãe, Menaka, e o próprio Bharata nasceu no retiro de Kanwa). Quando até ele, ó Srinjaya, que era muito superior a ti nos quatro atributos e que era mais puro do que teu filho, caiu vítima da morte, não sofra por teu filho que está morto. Nós sabemos, ó Srinjaya, que Rama também, o filho de Dasaratha, caiu vítima da morte. Ele sempre cuidou de seus súditos como se eles fossem seus próprios filhos. Em seus domínios não haviam viúvas e ninguém que estivesse desamparado. De fato, Rama em governar seu reino sempre agiu como seu pai Dasaratha. As nuvens, produzindo chuvas na época habilmente, faziam as colheitas crescerem abundantemente. Durante o período de seu reinado, o alimento era sempre abundante em seu reino. Nenhuma morte ocorreu por afogamento ou pelo fogo. Enquanto Rama o governou, não houve medo de qualquer doença em seu reino. Todo homem vivia por mil anos, e todo homem era abençoado com mil filhos. Durante o período do governo de Rama, todos os homens eram sadios e todos os homens obtinham a realização de seus desejos. As próprias mulheres não brigavam entre si, o que dizer então dos homens? Durante seu governo seus súditos estavam sempre dedicados à virtude. Contentes, coroadas com realização em relação a todos os objetos de seu desejo, sem medo, livres, e dedicadas ao voto da veracidade eram todas as pessoas quando Rama governava o reino. As árvores sempre produziam flores e frutos e não estavam sujeitas a acidentes. Toda vaca produzia leite enchendo um drona até a borda. Tendo morado, na prática de penitências rígidas, por quatorze anos nas florestas, Rama realizou dez Sacrifícios de Cavalo de grande esplendor e a eles o acesso mais livre foi dado a todos. Possuidor de juventude, de uma cor escura, com olhos vermelhos, ele parecia com o líder de uma manada de elefantes. Com braços se estendendo até seus joelhos e de rosto belo, seus ombros eram como aqueles de um leão e a força de seus braços era grande. Ascendendo ao trono de Ayodhya, ele governou por onze mil anos. Quando ele, ó Srinjaya, que te superava nos quatro atributos principais e que era mais puro do que teu filho, caiu vítima da morte, não sofra por teu filho que está morto. Nós sabemos, ó Srinjaya, que o rei Bhagiratha também morreu. Em um dos sacrifícios daquele rei, embriagado com o Soma que ele tinha bebido, Indra, o adorável castigador de Paka e o chefe dos deuses, derrotou, por aplicar o poder de seus braços, muitos milhares de Asuras. O rei Bhagiratha, em um dos sacrifícios que ele realizou, doou um milhão de donzelas enfeitadas com ornamentos de ouro. Cada uma daquelas moças estava sobre um carro e a cada carro estavam unidos quatro corcéis. Com cada carro haviam cem elefantes, todos da raça principal e enfeitados com correntes de ouro. Atrás de cada elefante haviam mil corcéis, e atrás de cada corcel mil vacas, e atrás de cada vaca mil cabras e ovelhas. (A deusa-rio) Ganga, chamada (desde antes) Bhagirathi, sentou-se sobre o colo deste rei que morava perto (de sua corrente), e a partir deste incidente ela veio a ser chamada de Urvasi. (Ganga é nada mais do que a forma liquefeita de Vishnu. Por um tempo ela morou no cântaro (Kamandalu) de Brahman. Os ancestrais de Bhagiratha tendo perecido por causa da maldição de Kapila, Bhagiratha resolveu

resgatar suas almas por chamar Ganga do céu e fazer suas águas sagradas passarem sobre o local onde as cinzas deles se encontravam. Ele conseguiu executar sua resolução depois de vencer muitas dificuldades. Urvasi literalmente significa alguém que senta no colo.) Ganga de curso triplo (uma corrente no céu, uma na terra, e uma nas regiões inferiores), concordou em ser a filha de Bhagiratha da linhagem de Ikshvaku, aquele monarca era sempre dedicado à realização de sacrifícios com presentes em profusão para os Brahmanas. Quando ele, ó Srinjaya, que te superava em relação aos quatro atributos principais e que era mais puro do que teu filho, caiu vítima da morte, não sofra por teu filho. Nós ouvimos, ó Srinjaya, que Dilipa de grande alma também caiu vítima da morte. Os Brahmanas gostam muito de recitar seus feitos inumeráveis. Em um de seus grandes sacrifícios, aquele rei, com coração totalmente complacente, doou a terra inteira, cheia de riquezas, para os Brahmanas. Em cada sacrifício realizado por ele, o sacerdote principal recebia como taxa sacrifical mil elefantes feitos de ouro. Em um de seus sacrifícios, a estaca (levantada para matar as vítimas) era feita de ouro e parecia extremamente bela. Cumprindo as funções atribuídas a eles, os deuses, tendo Sakra como seu chefe, costumavam procurar a proteção daquele rei. Sobre aquela estaca dourada possuidora de grande refulgência e decorada com um aro, seis mil Deuses e Gandharvas dançaram em alegria, e o próprio Viswavasu em seu meio tocou em sua Vina as sete notas segundo as regras que regulam suas combinações. Tal era a característica da música de Viswavasu que cada criatura (onde quer que ela pudesse estar) pensava que o grande Gandharva estava tocando somente para ela. Nenhum outro monarca poderia imitar esta realização do rei Dilipa. Os elefantes daquele rei, embriagados e adornados com mantas de ouro, costumavam deitar nas estradas. (Tal era a profusão da riqueza de Dilipa que nenhum cuidado era tomado para manter os elefantes enfeitados com ouro dentro de cercas protegidas.) Procederam para o céu aqueles homens que conseguiram obter mesmo uma visão do rei Dilipa de grande alma que era sempre verdadeiro em palavras e cujo arco podia resistir a cem inimigos iguais em energia a cem Anantas. Estes três sons nunca cessavam na residência de Dilipa, isto é, a voz de recitações Védicas, a vibração de arcos, e os gritos de ‘Que isto seja dado’. Quando ele, ó Srinjaya, que te superava nos quatro atributos principais e que era mais puro do que teu filho, caiu vítima da morte, não chore por teu filho que está morto. Mandhatri, o filho de Yuvanaswa também, ó Sanjaya, nós soubemos, caiu vítima da morte. As divindades chamadas Maruts extraíram aquela criança do estômago de seu pai através de um de seus lados. Surgido de uma quantidade de manteiga clarificada que tinha sido santificada por mantras (e que por engano tinha sido bebida por seu pai em vez da esposa de seu pai) Mandhatri nasceu do estômago de Yuvanaswa de grande alma. Possuidor de grande prosperidade, o rei Mandhatri conquistou os três mundos. Vendo aquela criança de beleza celestial deitada no colo de seu pai, os Deuses perguntaram uns aos outros, 'De quem esta criança irá mamar?' Então Indra se aproximou dele, dizendo, 'Ele irá mamar de mim!' A partir desta circunstância, as principais das divindades vieram a chamar a criança pelo nome de Mandhatri. (Literalmente: "A mim ele sugará".) Para a alimentação daquele filho de grande alma de Yuvanaswa, o dedo de Indra, colocado em sua boca, começou a produzir um jato de leite. Chupando o dedo de Indra, ele cresceu para um jovem vigoroso em cem

dias. Em doze dias ele parecia com alguém de doze anos. A terra inteira em um dia veio a estar sob o domínio daquele rei virtuoso e corajoso e de grande alma que parecia com o próprio Indra por destreza em batalha. Ele derrotou o rei Angada, Marutta, Asita, Gaya, e Vrihadratha, o rei dos Angas. Quando o filho de Yuvanaswa lutou em batalha com Angada, os deuses pensaram que o firmamento estava se partindo com a vibração de seu arco. A terra inteira desde onde o Sol se ergue até onde ele se põe é citada como o campo de Mandhatri. Tendo realizado Sacrifícios de Cavalo e cem Rajasuyas, ele deu para os Brahmanas muitos peixes Rohita. Aqueles peixes tinham cada um dez Yojanas de comprimento e um de largura. Aqueles que sobravam depois de satisfazer os Brahmanas eram divididos pelas outras classes entre elas mesmas. Quando ele, ó Srinjaya, que te superava em relação aos quatro atributos principais e que era mais puro do que teu filho, caiu vítima da morte, não sofra por teu filho que está morto. Nós sabemos, ó Sanjaya, que Yayati, o filho de Nahusha, também caiu vítima da morte. Tendo subjugado o mundo todo com seus mares, ele viajou através dele, decorando-o com sucessivos altares sacrificais, os intervalos entre os quais eram medidos por arremessos de um pedaço pesado de madeira. (Yayati, tendo erigido um altar, pegava e arremessava um pedaço de madeira adiante, e sobre o local onde ele caía, erigia outro altar. Dessa maneira ele procedeu até que ele alcançou a própria beira-mar.) De fato, ele alcançou as próprias margens do oceano enquanto procedia realizando grandes sacrifícios (naqueles altares ao longo de seu caminho). Tendo realizado mil sacrifícios e cem Vajapeyas, ele gratificou os principais dos Brahmanas com três montanhas de ouro. Tendo matado muitos Daityas e Danavas devidamente organizados em batalha, o filho de Nahusha, Yayati, dividiu toda a terra (entre seus filhos). Finalmente rejeitando seus outros filhos encabeçados por Yadu e Drahyu, ele instalou (seu filho mais novo) Puru, em seu trono e então entrou nas florestas acompanhado por sua esposa. Quando ele, ó Srinjaya, que te superava de longe nos quatro atributos principais e que era mais puro do que teu filho, caiu vítima da morte, não sofra por teu filho que está morto. Nós ouvimos, ó Srinjaya, que Amvarisha também, o filho de Nabhaga, caiu vítima da morte. Aquele protetor (do mundo) e principal dos reis era considerado por seus súditos como a encarnação da virtude. Aquele monarca, em um de seus sacrifícios, designou para os Brahmanas, para servi-los, um milhão de reis que tinham eles mesmos realizado milhares de sacrifícios cada um. Homens de piedade louvaram Amvarisha, o filho de Nabhaga, dizendo que tais façanhas nunca tinham sido realizadas antes, nem que ações similares a elas seriam realizadas no futuro. Aquelas centenas e centenas e milhares e milhares de reis (que por ordem de Amvarisha serviram em seus sacrifícios os Brahmanas que tinham ido lá) se tornaram (pelos méritos de Amvarisha) coroados com os frutos do Sacrifício de Cavalo, e seguiram seu senhor pelo Caminho do Sul (para regiões de esplendor e felicidade). Quando ele, ó Srinjaya, que te superava de longe nos quatro atributos principais e que era mais puro do que teu filho, caiu vítima da morte, não sofra por teu filho que está morto. Nós ouvimos, ó Srinjaya, que Sasavindu também, o filho de Chitrasena, caiu vítima da morte. Aquele rei de grande alma tinha cem mil esposas, e um milhão de filhos. Todos eles costumavam vestir armaduras douradas e todos eles eram arqueiros excelentes. Cada um daqueles príncipes se casou com cem princesas, e cada princesa trouxe

cem elefantes. Com cada um daqueles elefantes haviam cem carros. Com cada carro haviam cem corcéis, todos de boa raça e todos enfeitados com arreios de ouro. Com cada corcel haviam cem vacas, e com cada vaca haviam cem ovelhas e cabras. Esta riqueza incontável, ó monarca, Sasavindu doou, em um Sacrifício de Cavalo, para os Brahmanas. Quando ele, ó Srinjaya, que te superava de longe nos quatro atributos principais e que era mais puro do que teu filho, caiu vítima da morte, não sofra por teu filho que está morto. Nós ouvimos, ó Srinjaya, que Gaya também, o filho de Amurtarayas, caiu vítima da morte. Por cem anos, aquele rei subsistiu dos restos de comida sacrifical. (Satisfeito com tal devoção) Agni desejou lhe dar bênçãos. As bênçãos pedidas por Gaya foram, 'Que minha riqueza seja inesgotável mesmo se eu doar incessantemente. Que meu respeito pela virtude exista para sempre. Que meu coração sempre tenha prazer na Verdade, pela tua graça, ó comedor de libações sacrificais.' Foi ouvido por nós que o rei Gaya obteve todos aqueles desejos de Agni. Nos dias da lua nova, naqueles da lua cheia, e em todo quarto mês, por mil anos, Gaya realizou repetidamente o Sacrifício de Cavalo. Erguendo-se (no término de cada sacrifício) ele dava cem mil vacas e centenas de mulas (aos Brahmanas) durante este período. Aquele touro entre homens satisfazia os deuses com Soma, os Brahmanas com riqueza, os Pitris com Swadha, e as mulheres com a realização de todos os seus desejos. Em seu grande Sacrifício de Cavalo, o rei Gaya fez uma base dourada ser feita, medindo cem cúbitos de comprimento e cinquenta de largura, e a deu como a taxa sacrifical. Aquele principal dos homens, Gaya, o filho de Amurtarayas, doou tanto gado quanto os grãos de areia que há, ó rei, no rio Ganga. Quando ele, ó Srinjaya, que te superava de longe nos quatro atributos principais e que era mais puro do que teu filho, caiu vítima da morte, não sofra por teu filho que está morto. Nós sabemos, ó Srinjaya que Rantideva o filho de Sankriti também caiu vítima da morte. Tendo praticado as mais rígidas das penitências e o adorado com grande reverência, ele obteve estes benefícios de Sakra, tendo-os solicitado, dizendo: 'Que nós tenhamos comida abundante e convidados numerosos. Que a minha fé não sofra diminuição, e que nós não tenhamos que pedir nada de alguma pessoa.' Os animais, domésticos e selvagens, mortos em seus sacrifícios, costumavam se aproximar dele, isto é, Rantideva de grande alma de votos rígidos e grande fama, por sua própria vontade. As secreções que fluíam das peles dos animais (mortos em seus sacrifícios), produziram um rio poderoso e célebre o qual até hoje é conhecido pelo nome de Charmanwati. O rei Rantideva costumava fazer doações para os Brahmanas em um extenso cercado. Quando o rei dizia, 'Para ti eu dou cem nishkas! A ti eu dou cem,' os Brahmanas (sem aceitarem o que era oferecido) faziam um barulho (expressivo de recusa). Quando, no entanto, o rei dizia, 'Eu dou mil nishkas' as doações eram todas aceitas. Todos os recipientes e pratos, no palácio de Rantideva, para guardar alimento e outros artigos, todos os jarros e panelas, os potes e pratos e xícaras, eram de ouro. Naquelas noites durante as quais os convidados costumavam morar na residência de Rantideva, vinte mil e cem vacas tinham que ser mortas. Ainda em tais ocasiões, os cozinheiros, enfeitados com brincos, costumavam proclamar (entre aqueles que se sentavam para jantar): 'Há sopa abundante, tomem tanto quanto vocês desejem; mas de carne nós não temos tanto hoje quanto em ocasiões anteriores.' Quando ele, ó Srinjaya, que te superava de longe nos quatro atributos principais e que era mais

puro do que teu filho, caiu vítima da morte, não sofra por teu filho que está morto. Nós ouvimos, ó Srinjaya, que Sagara de grande alma também caiu vítima da morte. Ele era da linhagem de Ikshvaku, um tigre entre homens, e de destreza sobre-humana. Sessenta mil filhos costumavam andar atrás dele, como miríades e mais miríades de estrelas servindo a Lua no firmamento sem nuvens do outono. Seu domínio se estendia por sobre toda esta terra. (Literalmente: Não havia senão um guarda-sol aberto sobre a terra naquela época). Ele gratificou os deuses por realizar mil Sacrifícios de Cavalo. Ele doava para Brahmanas dignos mansões suntuosas com colunas de ouro e (outras partes) feitas totalmente daquele metal precioso, contendo camas caras e grupos de damas belas com olhos parecendo pétalas de lótus, e diversos outros tipos de objetos valiosos. Por sua ordem, os Brahmanas dividiam aqueles presentes entre eles mesmos. Por raiva aquele rei fez a terra ser escavada depois do que ela veio a ter o oceano em sua superfície, e por isto, o oceano veio a ser chamado Sagara pelo seu nome. Quando ele, ó Srinjaya, que te superava de longe nos quatro atributos principais e que era mais puro do que teu filho, caiu vítima da morte, não sofra por teu filho que está morto. Nós ouvimos, ó Srinjaya, que o rei Prithu também, o filho de Vena, caiu vítima da morte. Os grandes Rishis, reunindo-se na grande floresta, o instalaram na soberania da terra. E porque era pensado que ele melhoraria toda a humanidade, ele foi, por esta razão, chamado de Prithu (o que melhora). E porque também ele protegia o povo de injúrias (Kshata), ele foi, por esta razão, chamado de um Kshatriya (o que protege de injúrias). Contemplando Prithu, o filho de Vena, todas as criaturas da terra exclamavam, 'Nós somos afeiçoados carinhosamente a ele!' Por esta circunstância do apego carinhoso (a ele de todas as criaturas), ele veio a ser chamado de um Raja (alguém que pode inspirar afeto). A terra, durante seu domínio, produzia colheitas sem ser cultivada, cada folha que as árvores tinham portava mel; e cada vaca produzia um jarro cheio de leite. Todos os homens eram vigorosos e todos os seus desejos costumavam ser coroados com realização. Eles não tinham medo de qualquer tipo. Eles costumavam viver, como lhes agradava, em campos ou em casas (protegidas). Quando Prithu desejava atravessar o oceano, as águas se tornavam solidificadas. Os rios também nunca aumentavam quando ele tinha que cruzá-los, mas permaneciam perfeitamente calmos. O estandarte sobre seu carro se movia livremente em todos os lugares (sem ser obstruído por algum obstáculo). O rei Prithu, em um de seus grandes Sacrifícios de Cavalo, deu para os Brahmanas vinte e uma montanhas de ouro, cada uma medindo três nalwas. (Cada nalwa mede quatrocentos cúbitos). Quando ele, ó Srinjaya, que te superava de longe nos quatro atributos principais e que era mais puro do que teu filho, caiu vítima da morte, não chore por teu filho que está morto. Sobre o que, ó Srinjaya, tu refletes em silêncio? Parece, ó rei, que tu não ouviste estas minhas palavras. Se tu não as ouviste, então este meu discurso foi uma rapsódia inútil, como remédios ou dieta para uma pessoa às portas da morte.'”

"Srinjaya disse, 'Eu estou prestando atenção, ó Narada, a este teu discurso de significado excelente e perfumado como uma guirlanda de flores, este discurso sobre a conduta de sábios nobres de grande alma de atos meritórios e grande fama, que pode certamente dissipar a dor. Teu discurso, ó grande sábio, não foi uma rapsódia inútil. Eu estou livre da aflição na tua própria vista. Como alguém

nunca saciado ao beber néctar, eu não estou saciado com tuas palavras. Ó tu de visão verdadeira, se tu, ó senhor, estiveres inclinado a mostrar tua graça por esta pessoa queimando por causa da morte de seu filho, então aquele filho, por aquela tua graça, com certeza reviverá e se misturará mais uma vez comigo (nesta vida).'"

"Narada disse, 'Eu devolverei para ti aquele teu filho, chamado Suvarnashthivin, que Parvata te deu e que foi privado de vida. Do esplendor do ouro, aquele filho terá mil anos.'"

30

"Yudhishthira disse, 'Como o filho de Srinjaya se tornou Suvarnashthivin? (Literalmente, alguém cujas fezes são ouro). Por que também Parvata deu a Srinjaya aquele filho? E por que ele morreu? Quando as vidas de todos os homens naqueles dias se estendia por mil anos, por que o filho de Srinjaya morreu na infância? Ou, ele era Suvarnashthivin em nome somente? Como também ele veio a ser assim? Eu desejo saber tudo isto.'"

"Krishna disse, 'Eu narrarei para ti, ó rei, os fatos como eles aconteceram. Há dois Rishis, os principais no mundo, chamados Narada e Parvata. Narada é o tio materno e Parvata é o filho de sua irmã. Com corações alegres, o tio Narada e o sobrinho Parvata, antigamente, ó rei, deixaram o céu para um passeio agradável na terra para experimentar manteiga clarificada e arroz. Ambos, possuidores de grande mérito ascético, vagaram sobre a terra, subsistindo do alimento comido por seres humanos. Cheios de alegria e nutrindo grande afeição um pelo outro, eles fizeram um pacto que, qualquer desejo, bom ou mau, que fosse nutrido por um deveria ser revelado ao outro, mas no acontecimento de um deles agir de outra maneira ele estaria sujeito à maldição do outro. Concordando com aquele entendimento, aqueles dois grandes Rishis, adorados de todos os mundos, foram ao rei Srinjaya, o filho de Sitya, e disseram a ele, 'Nós dois, para o teu bem, moraremos contigo por uns poucos dias. Ó senhor da terra, atenda às nossas necessidades devidamente.' O rei, dizendo, 'Assim seja', se pôs ele mesmo a servi-los com hospitalidade. Depois de um tempo, um dia, o rei cheio de alegria apresentou para aqueles ilustres ascetas sua filha da aparência mais formosa, dizendo, 'Esta minha filha servirá vocês. Brilhante como os filamentos do lótus, ela é bela e de membros impecáveis, talentosa e de modos gentis, e se chama Sukumari.' 'Muito bem', disseram os Rishis em resposta, e então o rei se dirigiu à sua filha, dizendo, 'Ó filha, sirva estes dois Brahmanas como se tu estivesses servindo os deuses ou teu pai.' A princesa virtuosa, dizendo, 'Assim seja' começou a servi-los em obediência à ordem de seu pai. Seus serviços respeitosos e beleza inigualável logo inspiraram Narada com uma paixão carinhosa por ela. Aquele sentimento carinhoso começou a crescer no coração do santo ilustre como a lua crescendo gradualmente na acessão da quinzena iluminada. O virtuoso Narada, no entanto, dominado pela vergonha, não pode revelar aquela atração ardente para o filho de sua irmã, Parvata de grande alma. Por meio de seu poder ascético, como também por sinais, Parvata compreendeu tudo. Inflamado com raiva, o

último então resolveu amaldiçoar Narada angustiado de amor. E ele disse, 'Tendo por tua própria vontade feito um acordo comigo que, qualquer desejo, bom ou mau, que fosse nutrido um de nós deveria ser revelado ao outro, tu o violaste. Estas foram tuas próprias palavras. Ó Brahmana! É por isto que eu te amaldiçoarei. Tu não me disseste antes que teu coração tinha sido perfurado pelos encantos da donzela Sukumari! É por isto que eu te amaldiçoarei. Tu és um Brahmacharin. Tu és meu preceptor. Tu és um asceta e um Brahmana. Ainda assim tu quebraste o pacto que fizeste comigo. Cheio de raiva eu irei, por isto, te amaldiçoar. Ouça-me. Esta Sukumari irá, sem dúvida, se tornar tua esposa. Desde o momento do teu casamento, no entanto, ó poderoso, ela e todos os homens te verão um macaco, pois tuas verdadeiras feições terão desaparecido, e tu parecerás um macaco para todos.' Ouvindo estas palavras dele, o tio Narada, cheio de ira, amaldiçoou seu sobrinho Parvata em retorno, dizendo, 'Embora tu tenhas mérito ascético e Brahmacharya e verdade e autocontrole, e embora tu estejas sempre dedicado à virtude, tu ainda não conseguirás proceder para o céu.' Cheios de raiva e desejo de vingança, eles se amaldiçoaram e se inflamaram dessa maneira um contra o outro como um par de elefantes enfurecidos. Desde aquele tempo Parvata de grande alma começou a vagar sobre a terra, respeitado como ele merecia, ó Bharata, por sua própria energia. Narada então, aquele principal dos Brahmanas, obteve segundo os ritos devidos a mão da filha de Srinjaya, a impecável Sukumari. A princesa, no entanto, viu Narada exatamente como a maldição havia dito. De fato, exatamente depois que o último dos mantras do casamento foi recitado, Sukumari viu que o Rishi celeste tinha um rosto como aquele de um macaco. Ela, no entanto, por causa daquilo, não desrespeitou seu marido. Por outro lado, ela dedicou seu amor a ele. De fato, a princesa, casta como ela era, se devotou totalmente a seu marido e em seu coração não desejou ninguém mais nem entre os deuses, Munis, e Yakshas, como marido. Um dia, quanto o ilustre Parvata, no decurso de suas vagueações, entrou em uma floresta solitária, ele viu Narada lá. Saudando-o, Parvata disse, 'Mostre tua graça para mim por me permitir ir para o céu, ó pujante.' Vendo o triste Parvata ajoelhado diante dele com mãos unidas, Narada, ele mesmo triste, disse a ele, 'Tu me amaldiçoaste primeiro, dizendo, 'Seja tu um macaco!' e depois que tu me disseste isto, eu te amaldiçoei de raiva, dizendo, 'Deste dia em diante tu não morará no céu.' Isto não foi certo de tua parte, já que tu és como um filho para mim.' Os dois santos então libertaram um ao outro das suas maldições mútuas. Vendo seu marido possuidor de forma celeste e resplandecente com beleza, Sukumari fugiu dele, tomando-o por alguém que não era seu marido. Vendo a bela princesa fugindo de seu marido, Parvata se dirigiu a ela, dizendo, 'Este é mesmo teu marido. Não tenha nenhum receio. Este é o ilustre e poderoso Rishi Narada, este principal dos seres virtuosos. Ele é teu marido, de uma alma contigo. Não tenha qualquer dúvida.' Assegurada de diversas maneiras pelo ilustre Parvata e informada também da maldição sobre seu marido, a princesa recuperou sua equanimidade. Então Parvata procedeu para o céu e Narada para sua casa."

"Vasudeva continuou, 'O ilustre Rishi Narada, que foi ele mesmo um ator neste caso, está aqui. Ó melhor dos homens, perguntado por ti, ele te dirá tudo o que aconteceu.'"

31

Vaisampayana disse, "O nobre filho de Pandu então se dirigiu a Narada, dizendo, 'Ó santo, eu desejo saber sobre o nascimento da criança cujas fezes eram ouro.' Assim endereçado pelo rei Yudhishthira, o justo, o sábio Narada começou a narrar a ele tudo o que tinha ocorrido com relação àquela criança de fezes douradas."

"Narada disse, 'Foi exatamente assim, ó tu de braços poderosos, como Kesava aqui disse. Solicitado por ti eu agora narrarei a parte restante desta história. Eu mesmo, e o filho de minha irmã, o grande asceta Parvata, fomos (em uma ocasião) até Srinjaya, aquele principal de todos os reis vitoriosos, para residir com ele. Honrados por ele com os ritos devidos, e com todos os nossos desejos satisfeitos, nós tomamos nossa residência em seu domicílio. Depois que a estação das chuvas tinha passado, e quando chegou a hora da nossa partida, Parvata me disse estas palavras importantes e convenientes à hora: 'Nós, ó Brahmana, moramos na residência deste rei por algum tempo, muito honrados por ele. Pense qual retribuição nós devemos dar.' Eu então, ó monarca, me dirigi a Parvata de aspecto abençoado, dizendo, 'Ó sobrinho, isto fica bem em ti, e, ó tu de grande poder, tudo isto depende de ti. Pelas tuas bênçãos que o rei seja feito feliz e que ele realize seus desejos. Ou, se tu escolheres, que ele seja coroado com sucesso pelo mérito ascético de nós dois.' Depois disto, Parvata chamou o rei Srinjaya, aquela principal das pessoas vitoriosas, e lhe disse estas palavras, ó touro da raça Kuru, 'Nós estamos muito satisfeitos, ó rei, com tuas atenções hospitaleiras dadas a nós com toda a sinceridade. Com a nossa permissão, ó principal dos homens, pense no benefício que tu desejas solicitar. Que o benefício, no entanto, seja tal que não possa implicar em inimizade para com os deuses ou destruição para os homens! Aceite então, ó rei, uma bênção, pois tu mereces uma como nós pensamos.' Ouvindo estas palavras, Srinjaya respondeu, 'Se vocês estão satisfeitos comigo, meu objetivo então foi alcançado, pois isso em si mesmo é o minha grande bênção e é considerado por mim como a realização de todos os meus desejos.' Para Srinjaya que falou dessa maneira, Parvata disse novamente, 'Solicite, ó rei, a realização daquele desejo que tu nutres no teu coração, por muito tempo.' Srinjaya respondeu, 'Eu desejo um filho que seja heróico e possuidor de grande energia, firme em seus votos e de vida longa, altamente abençoado e possuidor de esplendor igual ao do próprio Chefe das divindades.' Nisto, Parvata disse, 'Este teu desejo será realizado. Teu filho, no entanto, não viverá muito tempo, pois teu desejo por tal filho é para predominar sobre o Chefe dos deuses. Teu filho será conhecido pelo nome de Suvarnashthivin. Ele será possuidor do esplendor como aquele do Chefe dos deuses, mas cuide de protegê-lo sempre daquela divindade.' Ouvindo estas palavras de Parvata de grande alma, Srinjaya começou a suplicar àquele santo para ordenar de outra maneira, dizendo, 'Que meu filho seja de vida longa, ó Muni, pelo teu mérito ascético.' Parvata, no entanto, não disse nada, por predileção por Indra. Vendo o rei muito triste, eu disse a ele, 'Pense em mim, ó rei, (na tua angústia), e eu prometo vir quando pensado por ti. Não sofra, ó senhor da terra! Eu te darei de volta aquele teu filho

querido, mesmo se ele estiver morto, em sua forma viva.' Tendo dito isso àquele monarca, nós dois deixamos sua presença para irmos para onde nós desejávamos, e Srinjaya voltou para sua residência como lhe agradava. Depois que algum tempo tinha passado, nasceu para o sábio nobre Srinjaya um filho de grande destreza e brilhante com energia. A criança cresceu como um lótus grande em um lago, e se tornou Suvarnashthivin na verdade como em nome. Este fato extraordinário, ó melhor dos Kurus, logo se tornou amplamente conhecido pelo mundo. O Chefe dos deuses também veio a saber disto como o resultado da bênção de Parvata. Temendo humilhação (pelas mãos da criança quando ele crescesse), o matador de Vala e Vritra começou a vigiar o príncipe. Ele comandou sua arma celeste Trovão, que estava perante ele em forma incorporada, dizendo, 'Vá, ó poderoso, e assumindo a forma de um tigre mate aquele príncipe. Quando crescer, este filho de Srinjaya pode, por suas realizações, me humilhar, ó Trovão, como Parvata disse.' Assim endereçado por Sakra, a arma celeste Trovão, aquele subjugador de cidades hostis, começou daquele dia em diante a vigiar constantemente o príncipe. Srinjaya, enquanto isso, tendo obtido aquele filho cujo esplendor parecia aquele do próprio Indra, se encheu de alegria. O rei, acompanhado por suas esposas, e as outras senhoras de sua família, foi residir no meio de uma floresta. Um dia, nas margens do Bhagirathi, o menino, acompanhado por sua babá, corria para lá e para cá em brincadeiras. Embora com somente cinco anos de idade, sua destreza, mesmo então, parecia aquela de um elefante poderoso. Enquanto assim empenhada, a criança encontrou um tigre poderoso que veio sobre ele repentinamente. O príncipe criança tremeu violentamente enquanto ele estava sendo esmagado pelo tigre e logo caiu sem vida sobre a terra. Ao ver isto a babá proferiu gritos altos de angústia. Tendo matado o príncipe, o tigre, pelos poderes de ilusão de Indra, desapareceu. Ouvindo a voz da babá que gritava, o rei, em grande ansiedade correu até o local. Ele viu seu filho lá, com seu sangue bebido, e jazendo sem vida sobre o solo como a lua caída do firmamento. Pegando no colo o menino coberto com sangue, o rei, com coração ferido pela dor, começou a prantear lamentavelmente. As senhoras reais então, afligidas pela dor e chorando, correram rapidamente ao local onde o rei Srinjaya estava. Naquela situação o rei pensou em mim com atenção concentrada. Sabendo que o rei estava pensando em mim eu apareci perante ele. Tomado pela dor como o rei estava, eu recitei para ele todas aquelas histórias, ó monarca, que o herói da tribo Yadu já recitou para ti. Eu trouxe o filho de Srinjaya de volta à vida, com a permissão de Indra. Aquilo que está ordenado deve ocorrer. É impossível que isto seja de outra maneira. Depois disto, o príncipe Suvarnashthivin de grande fama e energia começou a encantar os corações de seus pais. De grande destreza, ele ascendeu ao trono de seu pai depois que o último foi para o céu, e governou por um período de mil e cem anos. Ele adorou os deuses em muitos sacrifícios grandiosos caracterizados por presentes abundantes. Possuidor de grande esplendor, ele gratificou os deuses e os Pitris. Tendo procriado muitos filhos, todos os quais por seus herdeiros multiplicaram a linhagem, ele seguiu pelo caminho de toda a natureza, ó rei, depois de muitos anos. Ó principal dos reis, dissipe esta angústia nascida no teu coração, assim como Kesava te aconselhou, como também Vyasa de penitências austeras. Levante, ó rei, e carregue a responsabilidade deste teu reino ancestral, e realize

sacrifícios excelentes e grandiosos para que tu possas obter (após a morte) quaisquer regiões que possam ser desejadas por ti!'"

32

Vaisampayana disse, "Ao rei Yudhishthira que ainda permanecia quieto e mergulhado na dor, Vyasa Nascido na Ilha, aquele grande asceta, conhecedor das verdades de religião, falou novamente."

"Vyasa disse, 'Ó tu de olhos como pétalas de lótus, a proteção dos súditos é o dever de reis. Aqueles homens que são sempre praticantes do dever consideram o dever como todo-poderoso. Portanto, ó rei, siga os passos de teus ancestrais. Para os Brahmanas, as penitências são um dever. Esta é a ordenança eterna dos Vedas. Penitências, portanto, ó touro da raça Bharata, constituem o dever eterno dos Brahmanas. Um Kshatriya é o protetor de todas pessoas em relação aos seus deveres. (Quaisquer impedimentos que um Brahmana ou Vaisya possa encontrar no cumprimento de seus deveres devem ser removidos por um Kshatriya) O homem que, viciado nas posses mundanas, transgride restrições saudáveis, aquele ofensor contra a harmonia social, deve ser castigado com uma mão forte. A pessoa insensata que procura desobedecer a autoridade, seja ele um servidor, um filho, ou até um santo, de fato, todos os homens de tal natureza pecaminosa devem por todos meios ser castigados ou até mortos. O rei que se comporta de outra maneira incorre em pecado. Aquele que não protege a moralidade quando esta está sendo desrespeitada é ele mesmo um transgressor contra a moralidade. Os Kauravas eram transgressores contra a moralidade. Eles, com seus seguidores, foram mortos por ti. Tu foste cumpridor dos deveres da tua própria classe. Por que então, ó filho de Pandu, tu te entregas a esta tristeza? O rei deve matar os que merecem a morte, fazer doações para pessoas merecedoras de caridade, e proteger seus súditos de acordo com a ordenança.'"

"Yudhishthira disse, 'Eu não duvido das palavras que saem de teus lábios, ó tu de grande mérito ascético! Tudo concernente à moralidade e dever é bem conhecido por ti, ó principal de todas as pessoas conhecedoras da moralidade e do dever! Eu, no entanto, por causa do reino, causei a morte de muitas pessoas! Aqueles atos, ó Brahmana, estão me queimando e me consumindo!'"

"Vyasa disse, 'Ó Bharata, é o Ser Supremo o fazedor, ou é o homem o fazedor? Tudo é o resultado de Acaso no mundo, ou são os resultados que nós desfrutamos ou sofremos, os resultados de ações (prévias)? Se o homem, ó Bharata, faz todas as ações, boas ou más, sendo incitado a isso pelo Ser Supremo, então os resultados daquelas ações devem se vincular ao próprio Ser Supremo. Se uma pessoa corta, com um machado, uma árvore em uma floresta, é a pessoa que incorre em pecado e não o machado. Ou, se é dito que, o machado sendo somente a causa material, a consequência da ação (de cortar) deve se ligar ao agente animado (e não à ferramenta inanimada), então o pecado pode ser dito como pertencente à pessoa que fez o machado. Isto, no entanto, dificilmente pode ser verdade. Se não é razoável, ó filho de Kunti, que um homem deve incorrer na

consequência de uma ação feita por outro, então, guiado por isto, tu deves jogar toda a responsabilidade sobre o Ser Supremo. (Isto é, tu deves pensar que as consequências de todos os atos devem se vincular ao Ser Supremo, ele sendo o incitador de todos nós.) Se, além disso, o homem for ele mesmo o agente de todas as suas ações virtuosas e pecaminosas, então não há Diretor Supremo, e, portanto, o que quer que tu tenhas feito não pode trazer más consequências sobre ti. Ninguém, ó rei, pode se desviar do que está destinado. Se, além disso, o Destino é o resultado das ações de vidas anteriores, então nenhum pecado pode se ligar a alguém nesta vida assim como o pecado de cortar uma árvore não pode tocar o fabricante do machado. (Ninguém sendo livre nesta vida, todos os atos de uma pessoa sendo o resultado de atos anteriores, não pode haver responsabilidade pelos atos nesta vida). Se tu pensas que é somente o acaso que age neste mundo, então tal ato de destruição nunca poderia acontecer nem acontecerá. (A maneira na qual esta grande batalha foi realizada mostra a evidência de um projeto e não mero acaso). Se é necessário averiguar o que é bom e o que é mau no mundo, preste atenção nas escrituras. Nas escrituras é afirmado que reis devem se manter com a vara de castigo erguida em suas mãos. Eu penso, ó Bharata, que os atos, bons e maus, estão girando continuamente aqui como uma roda, e os homens obtêm os resultados daqueles atos, bons ou maus, que eles fazem. Uma ação pecaminosa procede de outra. Portanto, ó tigre entre reis, evite todas as ações más e não coloque teu coração na tristeza dessa maneira. Tu deves aderir, ó Bharata, aos deveres, mesmo que censuráveis, de tua própria classe. Esta autodestruição, ó rei, não fica bem em ti. Expiações, ó rei, são ordenadas para (más) ações. Quem está vivo pode realizá-las, mas quem morre fracassa em sua realização. Portanto, ó rei, sem sacrificar tua vida, realize aquelas ações expiatórias. Se tu não realizá-las tu poderás ter que te arrepender no mundo seguinte.'"

33

"Yudhishthira disse, 'Filhos e netos e irmãos e pais e sogros e preceptores e tios maternos e avôs, muitos Kshatriyas de grande alma, muitos parentes (por casamento), amigos, companheiros, filhos da irmã, e outros parentes, ó avô, e muitos dos principais dos homens vindos de diversos países, morreram. A morte de todos estes, ó avô, foi causada somente por mim, pelo desejo de reino. Tendo causado a morte de tantos reis heróicos que eram sempre dedicados à justiça e todos os quais tinham bebido Soma em sacrifícios, que fim eu obterei, ó grande asceta? Pensando que esta terra foi privada de muitos leões entre reis, todos os quais estavam desfrutando de grande prosperidade, eu queimo continuamente até agora. Tendo testemunhado aquele massacre de parentes e de milhões de outros homens, eu queimo de angústia, ó avô! Oh, qual será a situação daquelas principais das senhoras que estão privadas de filhos, de maridos, e de irmãos? Repreendendo os Pandavas e os Vrishnis como assassinos cruéis, aquelas senhoras, com feições emaciadas e mergulhadas em sofrimento, se atirarão no chão! Não vendo seus pais e irmãos e maridos e filhos, aquelas senhoras, pela aflição, abandonando suas vidas, irão para a residência de Yama, ó principal dos

Brahmanas! Eu não duvido disto. O rumo da moralidade é muito sutil. É evidente que nós seremos maculados pela culpa de matar mulheres por isto. Tendo matado nossos parentes e amigos e assim cometido um pecado inexpiável, nós teremos que cair no inferno com cabeças para baixo. Ó melhor dos homens, nós iremos, portanto, desgastar nossos membros com as mais austeras das penitências. Diga-me, ó avô, para que modo de vida eu devo me dirigir então.'"

Vaisampayana continuou, "Ouvindo estas palavras de Yudhishthira, o Rishi Nascido na Ilha, tendo refletido agudamente por algum tempo, endereçou-se ao filho de Pandu dessa maneira:

Vyasa disse, 'Lembrando dos deveres de um Kshatriya, ó rei, não ceda à dor. Todos aqueles Kshatriyas, ó touro entre Kshatriyas, morreram no cumprimento de seus próprios deveres. Em busca de grande prosperidade e de grande fama na terra, aqueles principais dos homens, todos os quais estavam sujeitos à morte, pereceram pela influência do Tempo. Tu não foste o matador deles, nem Bhima, nem Arjuna, nem os gêmeos. Foi o Tempo que levou a vitalidade deles segundo a grande lei de mudança. O Tempo não tem nem mãe, nem pai, nem alguém a quem ele esteja disposto a demonstrar qualquer favor. Ele é a testemunha das ações de todas as criaturas. Por ele eles foram levados embora. Esta batalha, ó touro da raça Bharata, foi somente uma ocasião ordenada por ele. Ele faz todas as criaturas serem mortas pelo auxílio de criaturas. Esta é a maneira na qual ele aplica seu poder irresistível. Saiba que o Tempo (em seu intercâmbio com criaturas) é dependente do vínculo da ação e é a testemunha de todas as ações boas e más. É o Tempo que ocasiona os resultados, repletos de felicidade ou dor, das nossas ações. Pense, ó poderosamente armado, nas ações daqueles Kshatriyas que morreram. Aquelas ações foram as causas de sua destruição e foi por causa delas que eles pereceram. Pense também nos teus próprios atos consistindo em práticas de votos com alma controlada. E pense também em como tu foste forçado pelo Ordenador Supremo a fazer tal ato (como a matança de tantos seres humanos). Como uma arma feita por um ferreiro ou carpinteiro está sob o controle do homem que a está manipulando, e se move como ele a move, similarmente este universo, controlado por ações feitas no Tempo, se move como aquelas ações o movem. Vendo que os nascimentos e mortes de criaturas ocorrem sem alguma causa (determinável) e em perfeito desregramento, tristeza e alegria são totalmente desnecessárias. Embora esta confusão no teu coração seja uma mera ilusão, ainda, se isto te agrada, ó rei, realize ritos expiatórios (para te livrar do teu assim chamado pecado). Sabe-se, ó Partha, que os deuses e os Asuras lutaram uns com os outros. Os Asuras eram os mais velhos, e os deuses os irmãos mais jovens. Cobiçosos de prosperidade, foi violenta a batalha travada entre eles. A luta durou por trinta e dois mil anos. Fazendo da terra uma vasta extensão de sangue, os deuses mataram os Daityas e ganharam a posse do céu. Tendo obtido a posse da terra, um (grande) número de Brahmanas, conhecedores dos Vedas, se armaram, estupefatos pelo orgulho, com os Danavas ajudá-los na luta. Eles eram conhecidos pelo nome de Salavrika e numeravam oitenta e oito mil. Todos eles, no entanto, foram mortos pelos deuses. Aquelas pessoas de alma pecaminosa que desejam a extinção da virtude e que espalham a pecaminosidade

merecem ser mortas assim como os Daityas raivosos foram mortos pelos deuses. Se por matar um único indivíduo uma família puder ser salva, ou, se por matar uma única família o reino puder ser salvo, tal ação de matança não será uma transgressão. O pecado, ó rei, às vezes assume a forma de virtude, e a virtude às vezes assume a forma de pecado. Aqueles, no entanto, que são eruditos, sabem qual é qual. Portanto, console a ti mesmo, ó filho de Pandu, pois tu és bem versado nas escrituras. Tu, ó Bharata, somente seguiste o caminho antigamente trilhado pelos próprios deuses. Homens como vocês nunca vão para o inferno, ó touro da raça Pandu! Conforte estes teus irmãos e todos os teus amigos, ó opressor de inimigos! Quem deliberadamente se envolve em ações pecaminosas, e cometendo tais atos pecaminosos não sente vergonha mas continua o mesmo como antes, é chamado (na escritura) de um grande pecador. Não há expiação para ele e seus pecados não conhecem diminuição. Tu és nascido em uma família nobre. Forçado pelas falhas de outros, tu fizeste isto muito a contragosto, e tendo-o feito tu te arrependeste. O Sacrifício de Cavalo, aquele rito formidável, é indicado como uma expiação para ti. Faça os preparativos para aquele sacrifício, ó monarca, e tu ficarás livre dos teus pecados. O divino castigador de Paka, tendo derrotado seus inimigos com a ajuda dos Maruts, gradualmente realizou cem sacrifícios e se tornou Satakratu (o realizador de cem sacrifícios). Livre do pecado, possuidor do céu, e tendo obtido muitas regiões de bem-aventurança e grande felicidade e prosperidade, Sakra, cercado pelos Maruts, está brilhando em beleza, e iluminando todos os quadrantes com seu esplendor. O marido de Sachi é adorado nos céus pelas Apsaras. Os Rishis e os outros deuses todos o adoram com reverência. Tu obtiveste a terra através da tua coragem. Todos os reis foram derrotados por ti, ó impecável, pela tua destreza. Procedendo com teus amigos para o reino deles, ó rei, instale seus irmãos, filhos, ou netos em seus tronos. Comportando-te com bondade até para com as crianças no útero, faça teus súditos contentes e felizes, e governe a terra. Instale em seus tronos as filhas daqueles que não tinham filhos. Mulheres gostam de prazer e poder. Por estes meios elas rejeitarão suas tristezas e ficarão felizes. Tendo confortado todo o império desta maneira, ó Bharata, adore os deuses em um Sacrifício de Cavalo como o virtuoso Indra fez no passado. Não é apropriado para nós nos afligirmos por aqueles Kshatriyas de grande alma, ó touro da tua classe, (que morreram em batalha). Estupefatos pelo poder do destruidor, eles pereceram na observância dos deveres de sua própria classe. Tu cumpriste os deveres de um Kshatriya e obtiveste a terra sem um incômodo sobre ela. Cumpra agora tuas funções, ó filho de Kunti, pois então, ó Bharata, tu poderás obter felicidade no outro mundo.'"

34 - 35

“Yudhishthira disse, 'Depois de fazer quais ações um homem se torna sujeito a realizar expiação? E quais são os atos que ele deve fazer para ficar livre do pecado? Diga-me isto, ó avô.'”

"Vyasa disse, 'Tendo deixado de fazer as ações que estão ordenadas, e feito aquelas que são proibidas, e tendo se comportado desonestamente, um homem se torna sujeito a realizar expiação. A pessoa na observância do voto Brahmacharya, que se levanta da cama depois de o sol ter nascido ou vai dormir enquanto o sol está se pondo, alguém que tem uma unha podre ou dentes pretos, alguém cujo irmão mais novo casa primeiro, alguém que casa antes de seu irmão mais velho estar casado, alguém culpado da morte de um Brahmana, que fala mal de outros, alguém que casa uma irmã mais jovem antes de a irmã mais velha estar casada, ou que casa uma irmã mais velha depois de ter casado uma mais nova, alguém que se desvia de um voto, que mata alguém das classes regeneradas, que dá um conhecimento dos Vedas para uma pessoa indigna disto, ou que não dá um conhecimento destes para uma pessoa que seja digna disto, alguém que tira muitas vidas, alguém que vende carne, que abandonou seu fogo (sagrado), que vende o conhecimento dos Vedas (isto é, que cobra taxas de seus pupilos para lhes ensinar as escrituras), alguém que mata seu preceptor ou uma mulher, alguém nascido em uma família pecaminosa, que mata um animal intencionalmente (isto é, não em um sacrifício), que incendeia uma casa habitada, que vive por meio de fraude, que age em oposição a seu preceptor, e que violou um acordo, estes todos são culpados de pecados que requerem expiação. Eu agora mencionarei outras ações que homens não devem fazer, isto é, ações que são proibidas pelo mundo e pelos Vedas. Ouça-me com atenção concentrada. A rejeição do próprio credo, a prática do credo de outras pessoas, ajudar no sacrifício ou nos ritos religiosos de alguém que não seja digno de tal ajuda, comer alimento que é proibido, abandonar alguém que anseia por proteção, negligenciar o sustendo dos empregados e dependentes, vender sal e melado (e outras substâncias similares), matar aves e animais, recusar, embora competente, a procriar com uma mulher que o solicita, omissão em ofertar os presentes diários (de punhados de grama para o gado e semelhantes), omissão em oferecer o dakshina, humilhar um Brahmana, estes todos são citados por pessoas familiarizadas com dever como atos que ninguém deve fazer. O filho que disputa com o pai, a pessoa que viola o leito de seu preceptor, o homem que deixa de produzir filhos em sua esposa, são todos pecaminosos, ó tigre entre homens! Eu agora declarei para ti, em resumo como também em detalhes, as ações e omissões pelas quais um homem se torna sujeito a realizar expiação. Escute agora as circunstâncias sob as quais os homens, mesmo por cometerem tais atos, não ficam manchados pelo pecado. Se um Brahmana bem familiarizado com os Vedas pega armas e avança contra ti em batalha para te matar, tu podes proceder contra ele para tirar a vida dele. Por tal ato o matador não se torna culpado de matar um Brahmana. Há um mantra nos Vedas, ó filho de Kunti, que afirma isto, eu declaro para ti somente aquelas práticas que são sancionadas pela autoridade dos Vedas. Alguém que mata um Brahmana que se desviou dos seus próprios deveres e que avança, com arma na mão, com a intenção de matar, não se torna realmente o assassino de um Brahmana. Em tal caso é a fúria do assassino que procede contra a fúria do assassinado. Uma pessoa por beber estimulantes alcoólicos em ignorância ou pelo conselho de um médico virtuoso quando sua vida está em perigo, deve ter as cerimônias regeneradoras realizadas mais uma vez em seu caso. Tudo o que eu te disse, ó filho de Kunti, sobre comer comida

proibida, pode ser purificado por tais ritos expiatórios. Relações com a mulher do preceptor por ordem do preceptor não maculam o pupilo. O sábio Uddalaka fez seu filho Swetaketu ser gerado por um discípulo. Uma pessoa por cometer roubo por causa de seu preceptor em uma época de necessidade não é manchado pelo pecado. Uma pessoa, no entanto, que rouba para obter prazeres para si mesma se torna maculada. Uma pessoa não é maculada por roubar de outros que não Brahmanas (em uma época de miséria e por causa de seu preceptor). Somente alguém que rouba sob tais circunstâncias sem se apropriar de qualquer parte do roubo é intocado pelo pecado. Uma mentira pode ser contada para salvar a própria vida ou a de outro, ou por causa de seu preceptor, ou para satisfazer uma mulher, ou para ocasionar um casamento. O voto de Brahmacharya de um homem não é quebrado por ter sonhos molhados. Em tais casos a expiação prescrita consiste em despejar manteiga clarificada no fogo ardente. Se o irmão mais velho foi morto ou renunciou ao mundo, o irmão mais novo não incorre em pecado por se casar. Solicitado por uma mulher, relação com ela não destrói a virtude. Não se deve matar ou causar a morte de um animal exceto em um sacrifício. Os animais se tornaram sagrados (adequados para sacrifício) pela bondade manifestada em direção a eles pelo próprio Criador nas ordenanças prescritas por Ele. Por fazer uma doação em ignorância para um Brahmana não merecedor uma pessoa não incorre em pecado. A omissão (por ignorância) de se comportar com generosidade em direção a uma pessoa merecedora não leva ao pecado. Por se rejeitar uma esposa adúltera não se incorre em pecado. Por tal tratamento a própria mulher pode ser purificada enquanto o marido pode evitar o pecado. Alguém que conhece o uso verdadeiro do suco Soma (isto é, alguém que sabe que o suco Soma é usado em sacrifícios para satisfazer os deuses), não incorre em pecado por vendê-lo. Por despedir um empregado que é incompetente para prestar serviços não se é tocado pelo pecado. Eu agora te disse aqueles atos por fazer os quais uma pessoa não incorre em pecado. Eu agora te falarei da expiação em detalhes.'"

36

"Vyasa disse, 'Por penitências, ritos religiosos, e doações, ó Bharata, um homem pode se purificar de seus pecados se ele não cometê-los novamente. Por subsistir de uma única refeição por dia, e esta obtida por mendicância, por fazer todos os seus atos ele mesmo (sem contar com a ajuda de um empregado), por fazer sua ronda de mendicância com uma caveira humana em uma mão e um khattanga na outra, por se tornar um Brahmacharin e sempre pronto para o esforço, por abandonar toda a malícia, por dormir sobre a terra nua, por divulgar seu pecado para o mundo, por fazer tudo isto por doze anos completos, uma pessoa pode se limpar do pecado de ter matado um Brahmana. Por perecer por meio da arma de uma pessoa que vive pelo uso de armas, por vontade própria e pelo conselho de pessoas eruditas nas escrituras, ou por se jogar, por três vezes, de cabeça para baixo, sobre um fogo ardente, ou por andar cem Yojanas todo o tempo recitando os Vedas, ou por dar toda a sua propriedade para um Brahmana

conhecedor dos Vedas, ou pelo menos tanto quanto possa lhe garantir meios suficientes para viver, ou uma casa devidamente mobiliada, e por proteger vacas e Brahmanas, alguém pode ser purificado do pecado de ter matado um Brahmana. Por viver da mais escassa refeição todos os dias por um espaço de seis anos, uma pessoa pode ser purificada daquele pecado. (A regra prescrita é que se deve comer de manhã nos primeiros três dias, à noite nos outros três, comer somente o que é conseguido sem pedir nos três dias seguintes, e jejuar completamente nos outros três. Isto é chamado de Krischara-bhojana. Cumprindo esta regra por seis anos uma pessoa pode se purificar do pecado de matar um Brahmana). Por praticar um voto mais difícil com relação à alimentação alguém pode se purificar em três anos. (Seguindo o mesmo esquema acima mas de sete em sete dias). Por viver de uma refeição em um mês uma pessoa pode se purificar no decurso de um ano somente. Por observar, além disso, um jejum absoluto, uma pessoa pode se purificar dentro de um muito tempo curto. Não há dúvida também de que se é purificado por um Sacrifício de Cavalo. Homens que são culpados de terem matado um Brahmana e que conseguiram tomar o banho final na conclusão do Sacrifício de Cavalo ficam limpos de todos os seus pecados. Esta é uma injunção de grande autoridade nos Srutis. Além disso, por sacrificar sua vida em uma batalha empreendida por causa de um Brahmana, um homem fica purificado do pecado de ter matado um Brahmana. Por dar cem mil vacas para pessoas merecedoras de doações uma pessoa vem a ser purificada do pecado de ter matado um Brahmana como também, de fato, de todos os seus pecados. Alguém que dá vinte e cinco mil vacas da espécie Kapila enquanto todas elas deram cria se torna limpo de todos os seus pecados. Quem, prestes a morrer, dá mil vacas com bezerros para pessoas pobres porém dignas fica livre do pecado. Aquele homem, ó rei, que doa cem corcéis da raça Kamvoja para Brahmanas de comportamento regulado se livra do pecado. Aquele homem, ó Bharata, que dá para uma pessoa tudo o que ela pede e que, tendo-o dado, não fala de sua ação para ninguém, fica livre do pecado. Se uma pessoa que uma vez tomou álcool bebe (como expiação) licor quente, ela santifica a si mesma agora e no futuro. Por cair do topo de uma montanha ou entrar em um fogo ardente, ou por sair em uma viagem eterna depois de renunciar ao mundo uma pessoa fica livre de todos os pecados. Por realizar o sacrifício prescrito por Vrihaspati, um Brahmana que bebe licores alcoólicos pode conseguir chegar à região de Brahman. Isto foi dito pelo próprio Brahman. Se uma pessoa, depois de ter bebido licor alcoólico, se torna humilde e faz uma doação de terra, e se abstém disto para sempre depois, ela se torna santificada e limpa. A pessoa que violou o leito de seu preceptor deve se deitar sobre um lençol de ferro tendo-o aquecido, e tendo cortado o emblema de seu sexo deve deixar o mundo por uma vida nas florestas, com olhos sempre virados para cima. Por rejeitar seu corpo alguém se purifica de todos os seus maus atos. Mulheres, por levarem uma vida regulada por um ano, se tornam limpas de todos os seus pecados. A pessoa que cumpre um voto muito rígido, ou doa toda a sua riqueza, ou perece em uma batalha lutada por causa de seu preceptor, se torna limpa de todos os seus pecados. Alguém que usa de mentira perante seu preceptor ou age em oposição a ele se purifica daquele pecado por fazer alguma coisa agradável para o preceptor. Alguém que se desviou do voto (de Brahmacharya), pode se purificar deste pecado por vestir a pele de uma vaca

por seis meses e praticar as penitências prescritas no caso do assassinato de um Brahmana. Quem é culpado de adultério, ou de roubo, pode se purificar por cumprir votos rígidos por um ano. Quando se rouba a propriedade de alguém, se deve, por todos meios em seu poder, restituir para ele outra propriedade do valor daquela que foi roubada. Pode-se então ser limpo do pecado (de roubo). O irmão mais novo que se casou antes do casamento do irmão mais velho, como também o irmão mais velho cujo irmão mais jovem se casou antes dele, se purificam por cumprirem um voto rígido, com alma controlada, por doze noites. O irmão mais novo, no entanto, deve se casar novamente para resgatar seus antepassados falecidos. Após este segundo casamento, a primeira esposa se purifica e seu marido não incorre em pecado por tomá-la. Homens familiarizados com as escrituras declaram que mulheres podem ser purificadas até dos maiores pecados por praticarem o voto de chaturmasya, todo o tempo vivendo de comida escassa e limpa. Pessoas familiarizadas com as escrituras não levam em conta os pecados que as mulheres possam cometer por amor. Quaisquer que sejam seus pecados (desta descrição), elas são purificadas por seu curso menstrual como um prato metálico que é limpo com cinzas. Pratos (feitos de liga de metal e cobre) sujos por um Sudra que comeu deles, ou um recipiente do mesmo metal que foi cheirado por uma vaca, ou manchado pelo Gandusha de um Brahmana, podem ser limpos por meio das dez substâncias purificadoras. (Estes são os cinco produtos da vaca, além de terra, água, cinzas, ácidos e fogo.) É prescrito que um Brahmana deve adquirir e praticar toda a extensão da virtude. Para uma pessoa da classe nobre é prescrito que ela deve adquirir e praticar a extensão da virtude menos uma quarta parte. Assim, um Vaisya deve adquirir a medida menos uma quarta parte (do que a de um Kshatriya) e um Sudra menos uma quarta parte (do que a de um Vaisya). O peso ou a leveza de pecados (para propósitos de expiação) de cada uma das quatro classes deve ser determinado sobre este princípio. Tendo matado uma ave ou um animal, ou derrubado árvores vivas, uma pessoa deve divulgar seu pecado e jejuar por três noites. Por ter relações com alguém com quem relacão é proibida, a expiação é vagar em roupas molhadas e dormir em uma cama de cinzas. Estas, ó rei, são as expiações para ações pecaminosas, de acordo com a razão e precedentes e escrituras e ordenanças. Um Brahmana pode ser purificado de todos os pecados por recitar o Gayatri em um lugar sagrado, vivendo todo o tempo de alimentação frugal, abandonando a malícia, abandonando ira e ódio, indiferente a louvores e censuras, e se abstendo de falar. Ele deve durante o dia estar sob o abrigo do céu e deve se deitar à noite exatamente em tal lugar. Três vezes durante o dia, e três vezes durante a noite, ele deve também mergulhar com suas roupas em um rio ou lago para realizar suas abluções. Cumpridor de votos rígidos, ele deve se abster de falar com mulheres, Sudras, e pessoas decaídas. Um Brahmana por cumprir tais regulamentos pode ser purificado de todos os pecados cometidos inconscientemente por ele. Uma pessoa obtém no outro mundo os resultados, bons ou maus, das suas ações aqui, as quais são todas testemunhadas pelos elementos. Seja virtude ou vício, segundo a medida verdadeira que alguém adquire dos dois, ele desfruta ou sofre as consequências (aqui mesmo). Por conhecimento, por penitências, e por ações justas, portanto, alguém aumenta sua prosperidade (aqui mesmo). Alguém pode, portanto, da mesma maneira, aumentar sua miséria por cometer atos injustos. Deve-se,

portanto, sempre realizar ações que são justas e se abster totalmente daquelas que são injustas. Eu agora indiquei quais são as expiações para os pecados que foram mencionados. Há expiação para todos os pecados exceto para os que são chamados Mahapatakas (pecados altamente hediondos). Com relação aos pecados a respeito de comida impura e semelhantes, e palavras impróprias, etc., eles são de duas classes, isto é, os cometidos conscientemente e os que são cometidos inconscientemente. Todos os pecados que são cometidos conscientemente são graves, enquanto os que são cometidos inconscientemente são triviais ou leves. Há expiação para ambos. De fato o pecado pode ser purificado pela (observância das) ordenanças citadas. Aquelas ordenanças, no entanto, são prescritas somente para os crentes (em Deus) e para os que têm fé. Elas não são para ateus ou para aqueles que não têm fé, ou para aqueles em quem o orgulho e a malícia predominam. Uma pessoa, ó tigre entre homens, que deseja prosperidade aqui e no futuro deve, ó principal dos homens virtuosos, recorrer a um comportamento virtuoso, a (conselhos de) homens que são honrados, e aos deveres que foram ordenados para ela. Portanto, pelas razões já explicadas (por mim), tu, ó rei, deves ser purificado de todos os teus pecados pois tu mataste teus inimigos na execução de teus deveres como um rei e para a proteção da tua vida e da tua herança. Ou, se apesar disto tu ainda te consideras pecaminoso, realize expiação. Não desperdice tua vida por causa de tal angústia que não é apropriada para um homem sábio.'"

"Vaisampayana continuou, 'Assim endereçado pelo Rishi santo, o rei Yudhishthira, o justo, tendo refletido por um momento, disse estas palavras ao sábio.'"

37

"Yudhishthira disse, 'Diga-me, ó avô, qual comida é pura e qual é impura, qual doação é louvável, e quem deve ser considerado merecedor e quem não merecedor (de doações).'"

"Vyasa disse, 'Com relação a isto é citado o antigo relato de uma conversa entre os ascetas e aquele senhor da criação, isto é, Manu. Na era Krita, um grupo de Rishis, de votos rígidos, tendo se aproximado do grande e poderoso senhor da criação, Manu, enquanto ele estava sentado comodamente, e pediram a ele para falar sobre os deveres, dizendo, 'Qual comida deve ser ingerida, qual pessoa deve ser considerada merecedora (de doações), quais doações devem ser feitas, como uma pessoa deve estudar, e quais penitências alguém deve realizar e como, e quais ações devem ser feitas e quais ações não devem ser feitas, ó senhor da criação, nos fale tudo sobre isto.' Assim endereçado por eles, o divino e auto-nascido Manu disse a eles, 'Ouçam-me enquanto eu explico os deveres em resumo e em detalhes. Em regiões que não foram proibidas, recitações silenciosas (de mantras sagrados, homa), jejuns, conhecimento do eu, rios sagrados, regiões habitadas por homens dedicados a atos pios, estes são citados como atos e objetos que são purificadores. Certas montanhas também são puras,

como também comer ouro e banho em águas nas quais estão mergulhadas jóias e pedras preciosas. Permanência em lugares sagrados, e comer da manteiga santificada também, estes sem dúvida purificam depressa um homem. Nenhum homem será chamado de sábio se ele se entregou ao orgulho. Se ele deseja uma vida longa, ele deve por três noites beber água quente (como uma expiação por ter cedido ao orgulho). A recusa em se apropriar do que não é dado, doação, estudo (das escrituras), penitência, abstenção de ferir, veracidade, liberdade de ira, e culto aos deuses em sacrifícios, estas são as características da virtude. Também o que é virtude pode, segundo tempo e lugar, ser pecado. Assim a apropriação (do que pertence a outros), mentira, e injúria e assassinato, podem, sob circunstâncias especiais, se tornar virtudes, (apropriação, como no caso de um rei impondo multas aos transgressores e se apropriando delas para uso do estado; a mentira, como no caso de um servo ou seguidor leal para proteger a vida de seu mestre; e assassinato, como no caso de um criminoso pelo rei ou no exercício do direito de autodefesa). Com relação a pessoas capazes de julgar, as ações são de dois tipos, virtuosas e pecaminosas. Do ponto de vista mundano e do Védico, a virtude e o pecado são bons ou maus (de acordo com suas consequências). Do ponto de vista Védico, virtude e pecado (isto é, tudo o que um homem possa fazer ou não fazer), seria classificado sob ação e inação. Inação (abstenção dos ritos Védicos e adoção de uma vida de contemplação), leva à emancipação (do renascimento); enquanto as consequências da ação (prática dos ritos Védicos), são repetidas mortes e renascimentos. Do ponto de vista mundano, atos que são maus levam ao mal e as boas ações a consequências que são boas. Do ponto de vista mundano, portanto, virtude e pecado devem ser distinguidos pela boa ou má qualidade de suas consequências. Ações que são (aparentemente) más, quando empreendidas por considerações ligadas com os deuses, as escrituras, a própria vida, e os meios pelos quais a vida é mantida, produzem consequências que são boas. Quando uma ação é empreendida pela esperança, embora duvidosa, de que ela produzirá danos (para alguém) no futuro, ou quando uma ação é feita cuja consequência é visivelmente prejudicial, a expiação é prescrita. Quando uma ação é feita por raiva ou por um julgamento nublado, então a expiação deve ser realizada por causar dor ao corpo, guiado por precedente, por escrituras, e pela razão. Quando qualquer coisa, também, é feita para agradar ou desagradar a mente, o pecado surgido disto pode ser purificado por meio de alimentação santificada e pela recitação de mantras. O rei que põe de lado (em um caso específico) a vara de castigo, deve jejuar por uma noite. O sacerdote que (em um caso específico) se abstém de aconselhar o rei a infligir punição, deve jejuar por três noites como uma expiação. A pessoa que, por angústia, tenta cometer suicídio por meio de armas, deve jejuar por três noites. Não há expiação para quem abandona os deveres e práticas da sua ordem e classe, país, e família, e que abandona seu próprio credo. Quando surge uma ocasião de dúvida a respeito do que deve ser feito, deve ser considerado como a injunção das escrituras aquilo que dez pessoas versadas em escrituras Védicas ou três daquelas que as recitam frequentemente possam declarar. (Havia, como agora, pessoas para quem a leitura ou recitação das escrituras era uma profissão. As funções daqueles homens não eram diferentes daquelas dos rapsodistas da Grécia antiga.) O touro, terra, formigas pequenas, vermes gerados na sujeira, e

veneno, não devem ser comidos por Brahmanas. Eles não devem também comer peixes que não têm escamas, e animais aquáticos de quatro patas como rãs e outros, exceto a tartaruga. Aves aquáticas chamadas Bhasas, patos, Suparnas, Chakravakas, patos mergulhadores, grous, corvos, shags, urubus, falcões, corujas, como também todos os animais carnívoros de quatro patas e que têm dentes longos e afiados, e aves, e animais que têm dois dentes e os que têm quatro dentes, como também o leite de ovelha, de jumento, de camelo, da vaca que recém pariu, de mulher e de veado, não devem ser tomados por um Brahmana. Além disto, a comida que foi oferecida a um homem, a qual foi cozida por uma mulher que deu à luz recentemente, e comida cozida por uma pessoa desconhecida, não deve ser comida. O leite também de uma vaca que pariu recentemente não deve ser tomado. Se um Brahmana come alimento que foi cozido por um Kshatriya, este diminui sua energia; se ele pega a comida fornecida por um Sudra, ela diminui seu esplendor Brahmânico; e se ele pega a comida fornecida por um ourives ou por uma mulher que não tem nem marido nem filhos ela diminui o período de sua vida. O alimento fornecido por um agiota é equivalente à sujeira, enquanto aquele fornecido por uma mulher que vive de prostituição é equivalente ao sêmen. A comida também fornecida por pessoas que toleram a não castidade de suas esposas, e por pessoas que são controladas por seus cônjuges, é proibida. A comida fornecida por uma pessoa selecionada (para receber doações) em certo estágio de um sacrifício, por alguém que não desfruta de sua riqueza nem faz donativos, fornecida por alguém que vende Soma, ou por um fabricante de sapatos, por uma mulher não casta, por um lavadeiro, por um médico, por pessoas servindo como vigias, por uma multidão de pessoas, por alguém que é apontado por toda uma aldeia, por alguém que tira seu sustento de manter garotas dançarinas, por pessoas casadas antes que seus irmãos mais velhos estejam casados, por bardos e panegiristas profissionais, e por aquelas que são jogadoras, a comida também que é trazida com a mão esquerda ou que é estragada, a comida que é misturada com álcool, a comida uma porção da qual já foi experimentada, e a comida que forma o resto de um banquete, não deve ser comida (por um Brahmana). Bolos, cana de açúcar, ervas cozidas mantidas como conserva e usadas como tempero, e arroz fervido em leite açucarado, se eles perderam seu sabor, não devem ser ingeridos. O pó de cevada frito e de outros tipos de grãos fritos, misturados com coalhos, se ficam envelhecidos pelo tempo, não devem ser ingeridos. Arroz fervido em leite açucarado, comida misturada com a semente tila, carne, e bolos, que não foram oferecidos aos deuses, não devem ser pegos por Brahmanas que levam um modo de vida familiar. Tendo primeiro satisfeito os deuses, Rishis, convidados, Pitris, e as divindades da família, um Brahmana que leva uma vida familiar deve então pegar seu alimento. Um chefe de família por viver assim em sua própria casa se torna como uma pessoa da classe Bhikshu que renunciou ao mundo. Um homem de tal comportamento, vivendo com suas esposas em vida familiar, ganha grande mérito religioso. Ninguém deve fazer uma doação para adquirir fama, ou por medo (de crítica ou semelhante) ou para um benfeitor. Um homem virtuoso não deve fazer doações para pessoas que vivem por cantar e dançar ou para aqueles que são gracejadores profissionais, ou para uma pessoa que está embriagada, ou para uma que é louca, ou para um ladrão, ou para um caluniador, ou para um idiota, ou para alguém que é de cor

pálida, ou para alguém que é defeituoso de um membro, ou para um anão, ou para uma pessoa pecaminosa, ou para alguém nascido em uma família inferior e ruim, ou para alguém que não foi santificado pela prática de votos. Nenhum donativo deve ser feito para um Brahmana desprovido de conhecimento dos Vedas. Donativos devem ser feitos somente para quem é um Srotriya (isto é, alguém possuidor de um conhecimento dos Vedas). Uma doação imprópria e uma aceitação imprópria produzem más consequências para ambos, o doador e o recebedor. Como uma pessoa que procura cruzar o oceano com a ajuda de uma rocha ou de uma massa de catechu afunda junto com seu suporte, assim mesmo o doador e o recebedor (em tal caso) afundam juntos. Como um fogo que é coberto com combustível molhado não resplandece, assim mesmo o recebedor de uma doação que é desprovido de penitências e estudo e piedade não pode outorgar algum benefício (ao doador). Como água em uma (caveira humana) e leite em um saco feito de pele de cachorro se tornam impuros por causa da impureza dos recipientes nos quais eles são mantidos, assim mesmo os Vedas se tornam inúteis em uma pessoa que não tem um bom comportamento. Uma pessoa pode doar por compaixão para um Brahmana inferior que não tem mantras e votos, que é ignorante das escrituras e que nutre inveja. Alguém pode, por compaixão, doar para uma pessoa que é pobre ou afligida ou doente. Mas ele não deve doar para tal pessoa na crença de que ele derivará algum benefício (espiritual) disto ou ganhará qualquer mérito religioso por isto. Não há dúvida de que uma doação feita para um Brahmana privado dos Vedas se torna totalmente inútil por causa da imperfeição do recebedor. Como um elefante feito de madeira ou um antílope feito de couro, assim mesmo é um Brahmana que não estudou os Vedas. Todos os três têm apenas nomes. Como um eunuco é improdutivo com mulheres, como uma vaca é improdutiva com uma vaca, como uma ave que não tem penas vive em vão, assim mesmo é um Brahmana que não tem mantras. Como grão sem núcleo, como um poço sem água, como libações despejadas em cinzas, assim mesmo é um donativo para um Brahmana desprovido de erudição. Um Brahmana inculto é um inimigo (para todos) e é o destruidor do alimento que é oferecido para os deuses e Pitris. Uma doação feita para tal pessoa é em vão. Ele é, portanto, como um ladrão (da riqueza de outras pessoas). Ele nunca poderá conseguir alcançar regiões de bem-aventurança após a morte. Eu agora te disse em resumo, ó Yudhishthira, tudo o que foi dito (por Manu naquela ocasião). Este discurso excelente deve ser escutado por todos, ó touro da raça Bharata.'"

38

"Yudhishthira disse, 'Ó santo e grande asceta, eu desejo ouvir em detalhes quais são os deveres dos reis e quais são os deveres, integralmente, de todas as quatro classes. Eu desejo também ouvir, ó principal dos Brahmanas, qual comportamento deve ser adotado em épocas de infortúnio, e como eu posso subjugar o mundo por trilhar o caminho da moralidade. Este discurso sobre expiação, tratando (ao mesmo tempo) de jejuns e capaz de despertar grande curiosidade, me enche de alegria. A prática da virtude e o cumprimento dos

deveres reais são sempre incompatíveis um com o outro. Por sempre pensar em como alguém pode conciliar os dois, minha mente fica constantemente perplexa.'"

"Vaisampayana continuou, 'Então Vyasa, ó monarca, aquela principal de todas as pessoas familiarizadas com os Vedas, lançando seus olhos sobre aquela pessoa venerável e conhecedora de tudo, isto é, Narada, disse, 'Se, ó rei, tu desejas ouvir sobre os deveres dos reis e moralidade integralmente, então peça a Bhishma, ó de braços fortes, aquele velho avô dos Kurus. Conhecedor de todos os deveres e possuidor de conhecimento universal, aquele filho de Bhagirathi removerá todas as dúvidas no teu coração sobre o assunto difícil dos deveres. Aquela deusa, isto é, o gênio do rio celestial de três cursos deu à luz ele. Ele viu com seus olhos físicos todos os deuses com Indra em sua dianteira. Tendo gratificado com seus serviços respeitosos os Rishis celestes encabeçados por Vrihaspati, ele adquiriu um conhecimento dos deveres dos reis. Aquele principal entre os Kurus obteve um conhecimento também daquela ciência, com suas interpretações, com Usanas e aquele regenerado que é o preceptor dos celestiais. Tendo praticado votos rígidos, aquele de braços fortes obteve um conhecimento de todos os Vedas e seus ramos, de Vasishtha e de Chyavana da linhagem de Bhrigu. Antigamente ele estudou sob o filho primogênito do próprio avô, isto é, Sanatkumara de esplendor refulgente, bom conhecedor das verdades da ciência mental e espiritual. Ele aprendeu integralmente os deveres dos Yatis dos lábios de Markandeya. O touro entre homens obteve todas as armas de Rama e Sakra. Embora nascido entre seres humanos, sua própria morte entretanto está sob seu controle. Embora sem filhos, ainda assim ele tem muitas regiões de bem-aventurança após a morte como ouvido por nós. Rishis regenerados de grande mérito sempre foram seus cortesãos. Não há nada entre os objetos que devem ser conhecidos que seja desconhecido para ele. Conhecedor de todos os deveres e de todas as verdades sutis de moralidade, ele mesmo irá discursar para ti sobre dever e moralidade. Vá até ele antes que ele abandone seu ar vital.' Assim endereçado por ele, o filho de grande alma de Kunti, de grande sabedoria, disse as seguintes palavras ao filho de Satyavati, Vyasa, aquele principal dos homens eloquentes.'"

"Yudhishthira disse, 'Tendo causado uma grande e horrenda carnificina de parentes, eu me tornei um pecador contra todos e um destruidor da terra. Tendo feito aquele próprio Bhishma, aquele guerreiro que sempre lutou honestamente, ser morto pela ajuda de fraude, como eu irei me aproximar para perguntar a ele (sobre deveres e moralidade)?'"

"Vaisampayana continuou, 'Movido pelo desejo de beneficiar todas as quatro classes, o poderosamente armado e chefe de grande alma da tribo Yadu se dirigiu mais uma vez àquele principal dos reis (nas palavras seguintes).'"

"Vasudeva disse, 'Não cabe a ti demonstrar tal persistência na aflição. Faça o que, ó melhor dos reis, o santo Vyasa disse. Os Brahmanas, ó de braços fortes, e estes teus irmãos de grande energia estão diante de ti de modo suplicante como pessoas suplicando a divindade das nuvens no fim do verão. Os restante dos reis que não foram mortos, reunidos, e as pessoas pertencentes a todas as quatro

classes do teu reino de Kurujangala, ó rei, estão aqui. Para fazer o que é agradável para estes Brahmanas de grande alma, em obediência também à ordem do teu superior venerável Vyasa de energia incomensurável, e a pedido de nós mesmos que somos teus benquerentes, e de Draupadi, ó destruidor de inimigos, faça o que é agradável para nós, ó matador de inimigos, e o que é benéfico para o mundo.'”

"Vaisampayana continuou, 'Assim endereçado por Krishna, o rei de grande alma (Yudhishthira) de olhos como pétalas de lótus, se levantou de seu assento para o bem do mundo inteiro. O tigre entre homens, Yudhishthira de grande fama, incitado pelo próprio Krishna, pelo Nascido na Ilha (Vyasa), por Devasthana, por Jishnu, por estes e muitos outros, rejeitou sua angústia e ansiedade. Totalmente conhecedor das declarações dos Srutis, da ciência que trata da interpretação daquelas declarações, e de todos aqueles homens normalmente ouvidos e todos os que merecem ser ouvidos, o filho de Pandu obteve paz mental e resolveu o que ele devia fazer em seguida. Cercado por todos eles como a lua pelas estrelas, o rei, colocando Dhritarashtra na dianteira da comitiva, partiu para entrar na cidade. Desejoso de entrar na cidade, o filho de Kunti, Yudhishthira, conhecedor de todo o dever, ofereceu culto aos deuses e a milhares de Brahmanas. Ele então subiu em um carro novo e branco coberto com cobertores e camurças, e ao qual estavam unidos dezesseis bois brancos possuidores de sinais auspiciosos, e que tinha sido santificado com mantras Védicos. Louvado por panegiristas e bardos, o rei subiu naquele carro como Soma subindo em seu próprio veículo ambrosíaco. Seu irmão Bhima de bravura terrível pegou as rédeas. Arjuna segurou sobre sua cabeça um guarda-sol branco de grande refulgência. Aquele guarda-sol branco mantido sobre o carro parecia belo como uma nuvem branca decorada com uma estrela no firmamento. Os dois filhos heróicos de Madri, Nakula e Sahadeva, pegaram dois rabos de iaque brancos como os raios da lua e ornados com pedras preciosas para abanar o rei. Os cinco irmãos enfeitados com ornamentos, tendo subido no carro, ó rei, pareciam com os cinco elementos (que entram na composição de todos). Subindo em outro carro branco ao qual estavam unidos corcéis velozes como o pensamento, Yuyutsu, ó rei, seguiu atrás do filho mais velho de Pandu. Sobre seu próprio carro brilhante de ouro que estava unido a Saivya e Sugriva, Krishna, com Satyaki, seguiu os Kurus. O tio mais velho do filho de Pritha, ó Bharata, acompanhado por Gandhari, procedeu na dianteira da comitiva, sobre um veículo carregado sobre os ombros de homens. As outras senhoras da família Kuru, como também Kunti e Krishna, todas procederam em veículos excelentes, encabeçadas por Vidura. Atrás seguia um grande número de carros e elefantes enfeitados com ornamentos, e soldados de infantaria e corcéis. Com seus louvores sendo cantados por panegiristas e bardos de voz suave, o rei procedeu em direção à cidade chamada de elefante. O progresso, ó de braços fortes, do rei Yudhishthira se tornou tão belo que seu semelhante nunca tinha havido sobre a terra. Cheio de homens saudáveis e alegres, o zumbido de incontáveis vozes ativas era ouvido lá. Durante o progresso do filho de Pritha, a cidade e suas ruas estavam adornadas com cidadãos alegres (todos os quais tinham saído para honrar o rei). Os locais pelos quais o rei passou foram decorados com festões de flores e inúmeras bandeiras. As ruas da cidade estavam perfumadas com incenso.

O lugar estava coberto com perfumes em pó e flores e plantas fragrantes, e haviam guirlandas e coroas penduradas acima. Jarros metálicos novos, cheios de água até a borda, foram mantidos na porta de todas as casas, e grupos de belas moças da aparência mais formosa ficaram em locais específicos. Acompanhado por seus amigos, o filho de Pandu, adorado com palavras gentis, entrou na cidade pelo seu portão bem adornado.'"

39

"Vaisampayana disse, 'No momento em que os Parthas entraram na cidade, milhares e milhares de cidadãos saíram para contemplar a visão. As ruas e praças bem enfeitadas, com a multidão aumentando a cada momento, pareciam belas como o oceano aumentando no nascer da lua. As mansões grandes que ficavam nos lados da rua, enfeitadas com todos os ornamentos e cheias de damas, pareciam balançar, ó Bharata, com seu peso. Com vozes suaves e modestas elas proferiam os louvores de Yudhishthira, de Bhima e Arjuna, e dos dois filhos de Madri. E elas disseram, 'Tu és digna de todos os louvores, ó abençoada princesa de Panchala, tu que ficas ao lado destes principais dos homens assim como Gautami ao lado dos (sete) Rishis. Teus atos e votos deram seus frutos, ó senhora!' Desta maneira, ó monarca, os damas louvaram a princesa Krishna. Em consequência daqueles louvores, ó Bharata, e de suas conversas umas com as outras, e dos gritos de alegria (proferidos pelos homens), a cidade se encheu de um grande tumulto. Tendo passado pelas ruas com tal comportamento como lhe era adequado, Yudhishthira então entrou no belo palácio (dos Kurus) enfeitado com todos os ornamentos. As pessoas pertencentes à cidade e às províncias, se aproximando do palácio, proferiram discursos que eram agradáveis para os ouvidos dele, 'Por boa sorte, ó principal dos reis, tu venceste teus inimigos, ó matador de inimigos! Por boa sorte, tu recuperaste teu reino através de tua virtude e coragem. Seja, ó principal dos reis, nosso monarca por cem anos, e proteja teus súditos virtuosamente como Indra protegendo os habitantes do céu.' Assim adorado no portão do palácio com discursos abençoados, e aceitando as bênçãos proferidas pelos Brahmanas de todos os lados, o rei, agraciado com a vitória e com as bênçãos do povo, entrou no palácio que parecia a mansão do próprio Indra, e então desceu de seu carro. Entrando nos apartamentos, o abençoado Yudhishthira se aproximou dos deuses do lar e os adorou com pedras preciosas e perfumes e coroas florais. Possuidor de grande fama e prosperidade, o rei saiu mais uma vez e contemplou uma multidão de Brahmanas esperando com artigos auspiciosos em suas mãos (para pronunciar bênçãos sobre ele). Cercado por aqueles Brahmanas desejosos de proferir bênçãos sobre ele, o rei parecia belo como a lua imaculada no meio das estrelas. Acompanhado por seu sacerdote Dhaumya e seu tio mais velho, o filho de Kunti adorou alegremente, com os ritos devidos, aqueles Brahmanas com (presentes de) doces, pedras preciosas, e ouro em profusão, e vacas e mantos, ó monarca, e com outros artigos diversos que cada um desejava. Então se ergueram altos gritos de 'Este é um dia abençoado!' enchendo todo o firmamento, ó Bharata. Encantador para os ouvidos, aquele som

sagrado era muito agradável para os amigos e benquerentes (dos Pandavas). O rei ouviu aquele som proferido por aqueles Brahmanas eruditos e que era tão alto e claro como o som de um bando de cisnes. Ele escutou também os discursos, repletos de palavras melodiosas e de grande importância, daquelas pessoas bem familiarizadas com os Vedas. Então, ó rei, o clangor de baterias e o som encantador de conchas, indicativos de triunfo, se ergueram. Um pouco depois quando os Brahmanas tinham ficado silenciosos, um Rakshasa de nome Charvaka, que tinha se disfarçado como um Brahmana, se dirigiu ao rei. Ele era um amigo de Duryodhana e estava lá no traje de um mendicante religioso. Com um rosário, com um tufo de cabelo em sua cabeça, e com o bastão triplo em sua mão, ele ficou de pé orgulhosamente e sem medo no meio de todos aqueles Brahmanas que tinham ido lá pronunciar bênçãos (sobre o rei), contados aos milhares, ó rei, e todos os quais eram dedicados a penitências e votos. Aquele indivíduo pecaminoso, desejoso de mal para os Pandavas de grande alma e sem ter consultado aqueles Brahmanas, disse estas palavras ao rei.'"

"Charvaka disse, 'Todos estes Brahmanas, me fazendo seu porta-voz, estão dizendo, 'Que vergonha para ti! Tu és um rei pecaminoso. Tu és um assassino de parentes. O que tu ganharás, ó filho de Kunti, por ter exterminado dessa forma a tua linhagem? Tendo matado também teus superiores e preceptor, é apropriado para ti abandonar tua vida!' Ouvindo estas palavras daquele Rakshasa perverso os Brahmanas ficaram profundamente agitados. Afligidos por este discurso, eles fizeram um grande tumulto. E todos eles, com o rei Yudhishthira, ó monarca, ficaram silenciosos de ansiedade e vergonha.'

Yudhishthira disse, 'Eu o reverencio e suplico humildemente, fique satisfeito comigo. Não cabe a você gritar vergonha para mim. Eu logo sacrificarei minha vida.'"

"Vaisampayana continuou, 'Então todos aqueles Brahmanas, ó rei, disseram ruidosamente, 'Estas não são nossas palavras. Prosperidade para ti, ó monarca!' Aquelas pessoas de grande alma, conhecedoras dos Vedas, com a compreensão tornada clara por penitências, então descobriram o disfarce do orador por meio de sua visão espiritual. E eles disseram, 'Este é o Rakshasa Charvaka, o amigo de Duryodhana. Tendo colocado o traje de um mendicante religioso, ele procura o bem de seu amigo Duryodhana. Ó tu de alma justa, nós não dissemos qualquer coisa do tipo. Que tua ansiedade seja dissipada. Que a prosperidade esteja contigo e com teus irmãos.'"

"Vaisampayana continuou, 'Aqueles Brahmanas então, insensíveis com raiva, proferiram o som Hun. Purificados de todos pecados, eles criticaram o Rakshasa pecaminoso e o mataram lá (com aquele próprio som). Consumido pela energia daqueles proferidores de Brahma, Charvaka caiu morto, como uma árvore com todos os seus rebentos destruída pelo trovão de Indra. Devidamente adorados, os Brahmanas foram embora, tendo alegrado o rei com suas bênçãos. O filho nobre de Pandu também, com todos os seus amigos, sentiu grande felicidade.'"

40

"Vaisampayana disse, 'Então Devaki, o filho de Janardana, de conhecimento universal, se dirigiu ao rei Yudhishthira que lá estava com seus irmãos, dizendo, 'Neste mundo, ó majestade, Brahmanas são sempre objetos de culto por mim. Eles são deuses sobre a terra tendo veneno em suas palavras, e são extremamente fáceis de se gratificar. Antigamente, na era Krita, ó rei, um Rakshasa de nome Charvaka, ó poderosamente armado, realizou penitências rígidas por muitos anos em Vadari. Brahman repetidamente lhe solicitou para pedir bênçãos. Finalmente o Rakshasa pediu a bênção, ó Bharata, de imunidade de medo na mão de todos seres no universo. O Senhor do universo lhe deu aquele grande benefício de imunidade de medo nas mãos de todas as criaturas, sujeito à única limitação de que ele deveria ter cuidado para não ofender os Brahmanas. Tendo obtido aquele benefício, o Rakshasa pecaminoso e poderoso de feitos violentos e grande destreza começou a atormentar os deuses. Os deuses, perseguidos pelo poder do Rakshasa, reunidos, se aproximaram de Brahman, para planejar a destruição de seu inimigo. O deus eterno e imutável respondeu a eles, ó Bharata, dizendo, 'Eu já arranjei os meios pelos quais a morte deste Rakshasa possa ser ocasionada logo. Haverá um rei de nome Duryodhana. Entre os homens, ele será o amigo deste indivíduo. Compelido por afeição por ele, o Rakshasa insultará os Brahmanas. Afligidos pelo mal que ele infligirá a eles, os Brahmanas, cujo poder consiste nas palavras, irão em cólera criticá-lo, no que ele encontrará a destruição.' Este mesmo Rakshasa Charvaka, ó principal dos reis, morto pela maldição dos Brahmanas, jaz lá sem vida. Ó touro da raça Bharata, não te entregue à angústia. Os parentes, ó rei, pereceram todos na observância dos deveres Kshatriya. Aqueles touros entre Kshatriyas, aqueles heróis de grande alma, foram todos para o céu. Desempenhe teus deveres agora. Ó tu de glória imorredoura, que nenhuma aflição seja tua. Mate teus inimigos, proteja teus súditos, e adore os Brahmanas.'"

41

"Vaisampayana disse, 'O filho nobre de Kunti, livre da tristeza e da febre de seu coração, tomou seu assento, com face para o leste, em assento excelente feito de ouro. Em outro assento, belo e resplandecente e feito de ouro, se sentaram com rostos em direção a ele aqueles dois castigadores de inimigos, isto é, Satyaki e Vasudeva. Colocando o rei em seu meio, em seus dois lados sentaram Bhima e Arjuna sobre dois assentos belos adornados com pedras preciosas. Sobre um trono branco de marfim, decorado com ouro, sentou Pritha com Sahadeva e Nakula. Sudharman (o sacerdote dos Kauravas) e Vidura, e Dhaumya, e o rei Kuru Dhritarashtra, cada um sentou separadamente em assentos separados que brilhavam com a refulgência do fogo. Yuyutsu e Sanjaya e Gandhari de grande fama, todos se sentaram onde o rei Dhritarashtra tinha tomado seu assento. O rei de alma justa, sentado lá, tocou as belas flores brancas, Suásticas, recipientes cheios de diversos artigos, terra, ouro, prata, e pedras preciosas, (que foram

colocados diante dele). Então todos os súditos, encabeçados pelo sacerdote, foram ver o rei Yudhishthira, levando com eles diversos tipos de artigos auspiciosos. Então terra, e ouro, e muitas espécies de pedras preciosas, e todas as coisas em profusão que eram necessárias para a realização do rito de coroação, foram levados lá. Havia jarros dourados cheios até a borda (com água), e aqueles feitos de cobre e prata e barro, e flores, e arroz frito, e erva Kusa, e leite de vaca, e combustível (sacrifical) consistindo na madeira de Sami, Pippala, e Palasa, e mel e manteiga clarificada e conchas (sacrificais) feitas de Udumvara, e conchas enfeitadas com ouro. (Sami é a Acacia suma; Pippala é a Piper longum; e Palasa é a Butea frondosa. Udumvara é a Ficus glomerata.) Então o sacerdote Dhaumya, a pedido de Krishna, construiu, segundo o regulamento, um altar gradualmente se inclinando em direção ao leste e ao norte. Fazendo então o rei Yudhishthira de grande alma, com Krishna a filha de Drupada, se sentar sobre um assento vistoso, chamado Sarvatobhadra, com pés firmes e coberto com peles de tigre e brilhando com refulgência, ele começou a despejar libações de manteiga clarificada com os mantras apropriados (sobre o fogo sacrifical). Então ele da tribo de Dasaratha, erguendo-se de seu assento, pegou a concha santificada, e despejou a água que ela continha sobre a cabeça daquele senhor da terra, isto é, Yudhishthira, o filho de Kunti. O sábio real Dhritarashtra e todos os súditos também fizeram o mesmo a pedido de Krishna. O filho de Pandu então, com seus irmãos, assim banhado com a água santificada da concha, parecia muito belo. Então Panavas e Anakas e tambores foram tocados. O rei Yudhishthira o justo aceitou devidamente os presentes que lhe foram feitos pelos súditos. Sempre dando presentes em profusão em todos os seus sacrifícios, o rei honrou seus súditos em retribuição. Ele deu mil nishkas para os Brahmanas que proferiram bênçãos (especiais) sobre ele. Todos eles tinham estudado os Vedas e eram dotados de sabedoria e bom comportamento. Satisfeitos (com os presentes), os Brahmanas, ó rei, lhe desejaram prosperidade e vitória, e com vozes melodiosas como aquelas de cisnes proferiram seus louvores, dizendo, 'Ó Yudhishthira de braços poderosos, por boa sorte, ó filho de Pandu, a vitória foi tua. Por boa sorte, ó tu de grande esplendor, tu recuperaste tua posição por meio de bravura. Por boa sorte, o manejador do Gandiva, e Bhimasena, e tu mesmo, ó rei, e os dois filhos de Madri, estão todos bem, tendo matado seus inimigos e saído com vida da batalha, tão destrutiva de heróis. Ó Bharata, realize sem demora as ações que devem ser feitas em seguida.' Assim adorado por aqueles homens pios, o rei Yudhishthira, o justo, com seus amigos, foi instalado no trono de um grande reino, ó Bharata!'"

42

"Vaisampayana disse, 'Tendo ouvido aquelas palavras, apropriadas para hora e lugar, de seus súditos, o rei Yudhishthira respondeu a eles nas seguintes palavras, 'Notáveis devem ser os filhos de Pandu, cujos méritos, verdadeiros ou falsos, são assim recitados por tais principais dos Brahmanas reunidos. Sem dúvida, nós somos todos objetos de favor de vocês já vocês nos descrevem tão livremente

como possuidores de tais atributos. O rei Dhritarashtra, no entanto, é nosso pai e deus. Se vocês desejam fazer o que é agradável para mim, sempre dêem sua obediência e o que é agradável para ele. Tendo matado todos os meus parentes, eu vivo por ele somente. Meu grande dever é sempre servi-lo em todas as circunstâncias com atenção. Se vocês, como também meus amigos, pensam que eu devo ser um objeto de favor de vocês e eles, me deixem então pedir a vocês todos para mostrarem o mesmo comportamento para com Dhritarashtra como vocês costumavam mostrar antes. Ele é o senhor do mundo, de vocês mesmos, e de mim mesmo. O mundo inteiro, com os Pandavas, pertence a ele. Vocês devem sempre manter estas minhas palavras em suas mentes.' O rei então lhes disse para irem para onde quer que eles desejassem. Tendo dispensado os cidadãos e o povo das províncias, o encantador dos Kurus nomeou seu irmão Bhimasena como Yuvaraja. E ele alegremente nomeou Vidura de grande inteligência para ajudá-lo com suas deliberações e para supervisionar as seis exigências do estado. (Estas são paz, guerra, marcha, parada, semeadura de dissenções, e a defesa do reino por procurar alianças e construir fortes, etc.) E ele nomeou o maduro Sanjaya possuidor de todos os talentos como diretor geral e supervisor das finanças. E o rei nomeou Nakula para a manutenção do registro das forças armadas, para lhes dar alimento e pagamento e para supervisar outros assuntos do exército. E o rei Yudhishthira nomeou Phalguna para resistir às forças hostis e castigar os pecaminosos. E ele nomeou Dhaumya, o principal dos sacerdotes, para se encarregar diariamente dos Brahmanas e de todos os ritos em honra dos deuses e outros atos religiosos. E ele nomeou Sahadeva para sempre permanecer ao seu lado, pois o rei pensava, ó monarca, que ele deveria sob todas as circunstâncias ser protegido por aquele seu irmão. E o rei alegremente empregou outros em outros atos de acordo com o que ele julgava adequado. Aquele matador de heróis hostis, o rei de alma justa Yudhishthira, sempre dedicado à virtude, ordenou Vidura e Yuyutsu de grande alma, dizendo, 'Vocês devem sempre fazer prontamente e com atenção tudo o que meu nobre pai Dhritarashthra desejar. O que quer que deva ser feito também a respeito dos cidadãos e dos residentes das províncias deve ser realizado por vocês em seus respectivos departamentos, depois de pegarem a permissão do rei.'"

43

"Vaisampayana disse, 'Depois disto o rei Yudhishthira de alma magnânima fez serem realizados os ritos Sraddha de todos os seus parentes mortos em batalha. O rei Dhritarashtra também de grande fama doou, para o bem de seus filhos no outro mundo, comida excelente, e vacas, e muita riqueza, e muitas pedras preciosas belas e caras (para os Brahmanas). Yudhishthira, acompanhado por Draupadi, doou muita riqueza por causa de Drona e Karna de grande alma, de Dhrishtadyumna e Abhimanyu, do Rakshasa Ghatotkacha, o filho de Hidimva, e de Virata, e de seus outros benquerentes que o tinham servido lealmente, e de Drupada e dos cinco filhos de Draupadi. Por cada um destes, o rei satisfez milhares de Brahmanas com presentes de riquezas e pedras preciosas, e vacas e

roupas. O rei realizou o rito Sraddha, para o bem no mundo seguinte, de todos aqueles reis também que tinham morrido em batalha sem deixarem parentes ou amigos para trás. E o rei também, para o bem das almas de todos os seus amigos, fez casas serem construídas para a distribuição de alimento, e lugares para a distribuição de água, e tanques serem escavados em seus nomes. Pagando dessa maneira o débito que tinha com eles e evitando a chance de crítica no mundo, (pois se ele agisse de outra maneira ele seria chamado de ingrato), o rei ficou feliz e continuou a proteger seus súditos religiosamente. Ele mostrou o devido respeito, como antes, por Dhritarashtra, e Gandhari, e Vidura, e todos os Kauravas superiores e todos os oficiais. Cheio de bondade, o rei Kuru honrou e protegeu todas aquelas senhoras também que tinham, por consequência da batalha, sido privadas de seus maridos e filhos heróicos. O rei pujante, com grande compaixão, estendeu seus favores para os indigentes e os cegos e os desamparados por lhes dar alimento, roupas e abrigo. Livre de inimigos e tendo conquistado a Terra inteira, o rei Yudhishthira começou a desfrutar de grande felicidade.'"

44

"Vaisampayana disse, 'Tendo obtido o reino de volta, o rei Yudhishthira de grande sabedoria e pureza, depois que a cerimônia de instalação tinha acabado, unindo suas mãos, se dirigiu a Krishna de olhos de lótus da tribo de Dasarha, dizendo, 'Pela tua graça, ó Krishna, pela tua política e força e inteligência e destreza, ó tigre entre os Yadus, eu obtive de volta este meu reino ancestral. Ó tu de olhos como pétalas de lótus, eu te reverencio repetidamente, ó destruidor de inimigos! Tu tens sido chamado de o Ser único. É dito que tu és o refúgio de todos os devotos. Os regenerados te adoram sob inúmeros nomes. (O significado literal de Purusha, como aplicado ao Ser Supremo, é 'Aquele que permeia todas as formas no universo'). Saudações a ti, ó Criador do Universo! Tu és a alma do Universo e o Universo surgiu de ti. Tu és Vishnu, tu és Jishnu, tu és Hari, tu és Krishna, tu és Vaikuntha, e tu és o principal de todos os seres. Tu, como dito nos Puranas, tomaste teu nascimento sete vezes no útero de Aditi. E foste tu que tomaste nascimento no útero de Prishni. (Isto é, Aditi e o eu de Aditi nascidos em diferentes formas em diferentes épocas). Os eruditos dizem que tu és os três Yugas. (Yugas podem significar as três eras, Krita, Treta e Dwapara, ou os três pares tais como Virtude e Conhecimento, Renúncia e Domínio, e Prosperidade e Fama). Todas as tuas realizações são sagradas. Tu és o senhor dos nossos sentidos. Tu és o grande Senhor adorado em sacrifícios. Tu és chamado de o grande cisne. Tu és Sambhu de três olhos. Tu és Único, embora conhecido como Vibhu e Damodara. Tu és o grande Javali, tu és Fogo, tu és o Sol, tu tens o touro como o emblema em teu estandarte, e tu tens Garuda também como teu emblema. Tu és o destruidor de hostes hostis, tu és o Ser que permeia todas as formas no universo e tu és de destreza irresistível. Tu és a principal de todas as coisas, tu és feroz, tu és o generalíssimo em batalha, tu és a Verdade, tu és o dador de alimento, e tu és Guha (o generalíssimo Celeste). Tu mesmo

imperecível, tu fazes teus inimigos enfraqueceram e definharem. Tu és o Brahmana de sangue puro, e tu és aqueles que nasceram de mistura. Tu és grandioso. Tu caminhas no alto, tu és as montanhas, e tu és chamado Vrishadarbha e Vrishakapi. Tu és o Oceano, tu és sem atributos, tu tens três corcundas, tu tens três residências, e tu tomas formas humanas sobre a terra, descendo do céu. Tu és Imperador, tu és Virat, e tu és Swarat. (Virat é alguém superior a um Imperador e Swarat é alguém superior a um Virat). Tu és o Chefe dos celestiais, e tu és causa de onde o Universo surgiu. Tu és Onipotente, tu és existência em todas as formas, tu não tens forma, tu és Krishna, e tu és fogo. Tu és o Criador, tu és o pai dos médicos celestes, tu és (o sábio) Kapila, e tu és o Anão. (Vishnu, assumindo a forma de um anão, enganou o Asura Vali para lhe dar três mundos os quais ele em seguida devolveu para Indra). Tu és o Sacrifício incorporado, tu és Dhruva, (o filho de Uttanapada, que na era Krita tinha adorado Vishnu em uma idade muito prematura e obtido as bênçãos mais valiosas). Tu és Garuda, e tu és chamado Yajnasena. Tu és Sikhandin, tu és Nahusha, e tu és Vabhru. Tu és a constelação Punarvasu estendida no firmamento, tu és extremamente fulvo em cor, tu és o sacrifício conhecido pelo nome de Uktha, tu és Sushena, tu és o tambor (que envia o seu som para todos os lados). O rastro das rodas de teu carro é luz. Tu és o lótus da Prosperidade, tu és a nuvem chamada Pushkara, e tu estás ornado com coroas florais. Tu és opulento, tu és pujante, tu és o mais sutil, e és tu quem os Vedas descrevem. Tu és o grande receptáculo de águas, tu és Brahman, tu és o refúgio sagrado, e tu conheces as residências de todos. Tu és chamado de Hiranyagarbha, tu és os mantras sagrados swadha e swaha, tu és Kesava. Tu és a causa de onde tudo isto surgiu, e tu és sua dissolução. No início foste tu que criaste o universo. Este universo está sob teu controle, ó Criador do universo! Saudações a ti, ó manejador do Sarnga, disco e espada!' Assim louvado pelo rei Yudhishthira, o justo, no meio da corte, Krishna de olhos de lótus ficou satisfeito. Aquele principal dos Yadavas então começou a alegrar o filho mais velho de Pandu com muitas palavras agradáveis."

45

"Vaisampayana disse, 'O rei despediu todos os seus súditos, que, mandados pelo monarca, voltaram para suas respectivas casas. Confortando seus irmãos, Yudhishthira, brilhando com beleza, então se dirigiu a seus irmãos Bhima de destreza terrível e Arjuna e aos gêmeos, dizendo, 'Seus corpos foram, na grande batalha, mutilados com diversas espécies de armas pelo inimigo. Vocês estão imensamente cansados, e a dor e a raiva têm queimado seus corações. Por minha culpa, ó touros da raça Bharata, vocês sofreram as misérias de um exílio nas florestas como homens comuns. Em deleite e em tranquilidade feliz desfrutem desta vitória (que vocês ganharam). Depois de descansarem e recuperarem o uso completo de suas faculdades, me encontrem novamente pela manhã.' Depois disto, o poderoso Vrikodara, como Maghavat entrando em seu próprio belo templo, entrou no palácio de Duryodhana, que era adornado com muitas construções e dependências excelentes, adornado com pedras preciosas de diversos tipos,

cheio de empregados, homens e mulheres, e que Yudhishthira designou para ele com a aprovação de Dhritarashtra. Arjuna de braços poderosos também, por ordem do rei, obteve o palácio de Dussasana que não era inferior ao de Duryodhana e que consistia em muitas estruturas excelentes e era adornado com um portão de ouro, e que abundava em riquezas e estava cheio de servidores de ambos os sexos. O palácio de Durmarshana era até superior ao de Dussasana. Parecendo com a mansão do próprio Kuvera, ele era ornado com ouro e todas as espécies de pedras preciosas. O rei Yudhishthira o deu alegremente para Nakula que bem o merecia e que tinha ficado emaciado (com as misérias de uma vida) na grande floresta. O principal dos palácios pertencentes a Durmukha era extremamente belo e adornado com ouro. Ele abundava em camas e mulheres belas, com olhos como pétalas de lótus. O rei o deu para Sahadeva que estava sempre empenhado em fazer o que era agradável para ele. Obtendo-o, Sahadeva ficou encantado como o Senhor dos tesouros ao obter Kailasa. Yuyutsu e Vidura e Sanjaya, ó monarca, e Sudharman e Dhaumya procederam para as residências que eles possuíam antes. (Sudharman era o sacerdote dos Kurus. Como Dhaumya, que era o sacerdote dos Pandavas, veio a ter desde antes uma residência na capital Kuru?) Como um tigre entrando em sua caverna nas colinas, aquele tigre entre homens, Saurin, acompanhado por Satyaki, entrou no palácio de Arjuna. Banqueteando-se com as iguarias e bebidas (que tinham sido mantidas prontas para eles), os príncipes passaram a noite alegremente. Despertando de manhã com corações satisfeitos, eles se apresentaram perante o rei Yudhishthira.'"

46

"Janamejaya disse, 'Cabe a ti, ó Brahmana erudito, me dizer o que foi feito em seguida por Yudhishthira, o poderoso filho de Dharma, depois que ele tinha recuperado seu reino. Cabe a ti me dizer também, ó Rishi, o que o heróico Hrishikesa, o mestre supremo dos três mundos, fez depois disto.'"

"Vaisampayana disse, 'Ouça-me, ó rei, enquanto eu narro em detalhes, ó impecável, o que os Pandavas, encabeçados por Vasudeva, fizeram depois disto. Tendo obtido seu reino, ó monarca, o filho de Kunti, Yudhishthira, designou cada uma das quatro classes de homens para seus respectivos deveres. O filho (mais velho) de Pandu deu para mil Brahmanas de grande alma da classe Snataka mil Nishkas para cada um. Ele então gratificou os servos que eram dependentes dele e os convidados que foram até ele, incluindo pessoas que não eram merecedoras e aquelas que mantinham visões heterodoxas, por satisfazer seus desejos. Para seu sacerdote Dhaumya ele deu vacas às milhares e muita riqueza e ouro e prata e mantos de diversos tipos. Em direção a Kripa, ó monarca, o rei se comportou da maneira que alguém deveria se comportar com seu preceptor. Praticante de votos, o rei continuou a honrar Vidura imensamente. Aquele principal dos homens caridosos satisfez todas as pessoas com presentes de comida e bebida, e mantos de diversos tipos e camas e assentos. Tendo devolvido a paz a seu reino, o rei, ó melhor dos monarcas, possuidor de grande fama, prestou devida honra a Yuyutsu

e Dhritarashtra. Colocando seu reino à disposição de Dhritarashtra, de Gandhari, e de Vidura, o rei Yudhishthira continuou a passar os seus dias em felicidade. Tendo gratificado a todos, incluindo os cidadãos, desta maneira, Yudhishthira, ó touro da raça Bharata, então procedeu com mãos unidas à presença de Vasudeva de grande alma. Ele contemplou Krishna, da cor de uma nuvem azul, sentado em um sofá grande adornado com ouro e pedras preciosas. Vestido em mantos amarelos de seda e enfeitado com ornamentos celestes, sua pessoa brilhava com esplendor como uma Jóia engastada em ouro. Seu peito adornado com a jóia Kaustubha, ele parecia com a montanha Udaya decorada com o sol nascente. Tão belo ele parecia que não há semelhante nos três mundos. Aproximando-se dele de grande alma que era o próprio Vishnu em forma encarnada, o rei Yudhishthira se dirigiu a ele gentilmente e sorridente, dizendo, 'Ó principal dos homens inteligentes, tu passaste a noite alegremente? Ó tu de glória imorredoura, todas as tuas faculdades estão em seu completo vigor? Ó principal das pessoas inteligentes, está tudo bem com tua mente? Nós obtivemos de volta nosso reino e a terra inteira está sob nosso controle, ó senhor divino, pela tua graça, ó refúgio dos três mundos e, ó tu de três passos, (por Krishna ter coberto os três mundos com três de seus passos para enganar o Asura Vali e privá-lo da soberania universal) pela tua graça nós obtivemos vitória e grande fama e não nos desviamos dos deveres da nossa classe!' Àquele destruidor de inimigos, o rei Yudhishthira, o justo, que tinha se dirigido a ele dessa maneira, o divino Krishna não disse uma palavra, pois ele estava então absorto em meditação."

47

"Yudhishthira disse, 'Quão maravilhoso é, ó tu de destreza incomensurável, que tu estejas absorto em meditação! Ó grande refúgio do universo, está tudo bem com os três mundos? Quando tu, ó Deus, te afastas (do mundo), tendo, ó touro entre homens, adotado o quarto estado, minha mente se enche de admirção. (Há três estados de consciência no caso dos homens comuns: acordado, de sonho e de sono profundo. O quarto estado, realizável somente por Yogins, é chamado de Turiya. Este é o estado de perfeita inconsciência deste mundo, quanto a alma, abstraída em si mesma, está fixa no Ser Supremo ou algum objeto único). Os cinco ares vitais que agem dentro do corpo foram controlados por ti até a tranquilidade. Teus sentidos encantados tu concentraste dentro da tua mente. Palavras e Mente, ó Govinda, estão concentradas dentro da tua Compreensão. Todos os teus sentidos, de fato, foram recolhidos dentro da tua alma. (O termo Mente, como geralmente usado na Filosofia Hindu, significa a base dos sentidos e dos sentimentos. Buddhi é a Compreensão ou as faculdades cognitivas da escola Kantista.) Os pêlos do teu corpo permanecem eretos. Tua mente e compreensão estão ambas imóveis. Tu estás tão imóvel agora, ó Madhava, como uma coluna de madeira ou uma pedra. Ó Deus ilustre, tu estás tão tranquilo quanto a chama de uma lâmpada queimando em um lugar não onde há vento. Tu estás tão imóvel quanto uma massa de rocha. Se eu for digno de saber a causa, se isto não for um segredo teu, dissipe, ó deus, minha dúvida, pois eu te suplico e te solicito isto

como um favor. Tu és o Criador e tu és o Destruidor. Tu és destrutível e tu és indestrutível. Tu és sem início e tu és sem fim. Tu és o primeiro e o principal dos Seres. Ó principal das pessoas honradas, me diga a causa desta abstração (Yoga). Eu peço teu favor, e sou teu devotado adorador, e te reverencio, inclinando minha cabeça.' Assim endereçado, o ilustre irmão mais novo de Vasava, revocando sua mente, compreensão, e os sentidos para sua esfera usual, disse estas palavras com um sorriso suave.'"

"Vasudeva disse, 'Aquele tigre entre homens, Bhishma, que está agora deitado em um leito de setas, e que é agora como um fogo prestes a se extinguir, está pensando em mim. Então minha mente também estava concentrada nele. Minha mente estava concentrada nele, cujo ressoar da corda do arco e o som de cujas palmas o próprio Indra não podia suportar. Eu estava pensando nele que tendo vencido em um instante todos os reis reunidos (na escolha de marido das filhas do rei de Kasi) sequestrou as três princesas para o casamento de seu irmão Vichitravirya. Eu estava pensando nele que lutou ininterruptamente por vinte e três e dias com o próprio Rama da linhagem de Bhrigu e a quem Rama foi incapaz de superar. Reunindo todos os seus sentidos e concentrando sua mente pela ajuda de sua compreensão, ele procurou minha proteção (por pensar em mim). Foi por isto que eu tinha centrado minha mente nele. Eu estava pensando nele a quem Ganga concebeu e deu à luz segundo leis humanas comuns e a quem Vasishtha aceitou como um pupilo. Eu estava pensando naquele herói de energia imensa e grande inteligência que possui um conhecimento de todas as armas celestes como também dos quatro Vedas com todos os seus ramos. Eu estava pensando nele, ó filho de Pandu, que é o discípulo favorito de Rama, o filho de Jamadagni, e que é o receptáculo das ciências. Eu estava pensando naquela principal de todas as pessoas conhecedoras de moralidade e do dever, nele, ó touro da raça Bharata, que conhece o Passado, o Futuro, e o Presente. Depois que aquele tigre entre reis tiver, em consequência de suas próprias realizações, ascendido para o céu, a terra, ó filho de Pritha, parecerá com uma noite sem lua. Portanto, ó Yudhishthira, te aproximando submissamente do filho de Ganga, isto é, Bhishma de destreza terrível, o questione acerca do que tu possas desejar aprender. Ó senhor da terra, pergunte a ele sobre os quatro ramos de conhecimento (a respeito de moralidade, lucro, prazer e salvação), sobre os sacrifícios e os ritos prescritos para as quatro classes, sobre os quatro modos de vida, e sobre os deveres reais integralmente. Quando Bhishma, aquele principal da linhagem de Kuru, desaparecer do mundo, todo o tipo de conhecimento desaparecerá com ele. É por isso que eu te incito (a ir até ele agora).' Ouvindo estas palavras benéficas de grande importância de Vasudeva, o justo Yudhishthira, com voz sufocada em lágrimas, respondeu a Janardana, dizendo, 'O que tu disseste, ó Madhava, sobre a eminência de Bhishma, é perfeitamente verdadeiro. Eu não tenho a menor dúvida a respeito disto. De fato, eu tinha ouvido a respeito da bem-aventurança superior, como também da grandeza do ilustre Bhishma de Brahmanas de grande alma discorrendo sobre isto. Tu, ó matador de inimigos, és o Criador de todos os mundos. Não pode haver, portanto, ó alegrador dos Yadavas, a menor dúvida no que tu dizes. Se teu coração estiver inclinado a mostrar benevolência, ó Madhava, então nós iremos até Bhishma contigo mesmo em nossa dianteira. Quando o

divino Surya se virar para o norte, Bhishma deixará (este mundo) para aquelas regiões de bem-aventurança que ele conquistou. Aquele descendente da linhagem de Kuru, portanto, ó tu de braços poderosos, merece ter uma visão de ti. (Se tu concederes minha súplica), Bhishma então obterá uma visão de ti que és o principal dos Deuses, de ti que és destrutível e indestrutível. De fato, ó senhor, és tu que és aquele vasto receptáculo de Brahma.'"

"Vaisampayana continuou, 'Ouvindo estas palavras do rei Yudhishthira, o justo, o matador de Madhu se dirigiu a Satyaki que estava sentado ao lado dele, dizendo, 'Que meu carro seja atrelado'. Nisto, Satyaki deixou rapidamente a presença de Kesava e saindo, ordenou Daruka, dizendo, 'Que o carro de Krishna seja aprontado.' Ouvindo as palavras de Satyaki, Daruka atrelou depressa o carro de Krishna. Aquele principal dos veículos, adornado com ouro, decorado com uma profusão de esmeraldas, e pedras-da-lua e predras-do-sol, provido de rodas cobertas com ouro, possuidor de refulgência, veloz como o vento, engastado no meio com diversas outras espécies de pedras preciosas, belo como o sol da manhã, equipado com um belo estandarte coberto por Garuda, e alegre com bandeiras numerosas, tinha aqueles principais dos corcéis, velozes como o pensamento, Sugriva e Saivya e os outros dois, em arreios de ouro, unidos a ele. Tendo-o atrelado, ó tigre entre reis, Daruka, com mãos unidas, informou Krishna do fato.'"

48

"Janamejaya disse, 'Como o avô dos Bharatas, que jazia sobre um leito de flechas, abandonou seu corpo, e qual tipo de Yoga ele adotou?'"

"Vaisampayana disse, 'Ouça, ó rei, com coração puro e atenção concentrada, como, ó tigre entre os Kurus, Bhishma de grande alma abandonou seu corpo. Logo que o Sol, passando o ponto solsticial, entrou em seu curso norte, Bhishma, com atenção concentrada, fez sua alma (como ligada com e independente do corpo), entrar em sua alma (em seu estado independente e absoluto). Cercado por muitos dos principais Brahmanas, aquele herói, seu corpo perfurado por inúmeras setas, resplandecia em grande beleza como o próprio Surya com seus inúmeros raios. Cercado por Vyasa conhecedor dos Vedas, pelo Rishi celeste Narada, por Devasthana, por Asmaka Sumantu, por Jaimini, por Paila de grande alma, por Sandilya, por Devarata, por Maitreya de grande inteligência, por Asita e Vasishtha e Kausika de grande alma, por Harita e Lomasa e o filho de Atri de grande inteligência, por Vrihaspati e Sukra e o grande sábio Chyavana, por Sanatkumara e Kapila e Valmiki e Tumvuru e Kuru, por Maudgalya e Rama da linhagem de Bhrigu, e o grande sábio Trinavindu, por Pippalada e Vayu e Samvarta e Pulaha e Katha, por Kasyapa e Pulastya e Kratu e Daksha e Parasara, por Marichi e Angiras e Kasmya e Gautama e o sábio Galava, por Dhaumya e Vibhanda e Mandavya e Dhaumra e Krishnanubhautika, por Uluka, aquele principal dos Brahmanas e o grande sábio Markandeya, por Bhaskari e Purana e Krishna e Suta, aquelas principais das pessoas virtuosas, circundado por estes e muitos

outros sábios altamente abençoados de grandes almas e possuidores de fé e autocontrole e tranquilidade de mente, o herói Kuru parecia com a Lua no meio dos planetas e estrelas. Esticado em seu leito de flechas, aquele tigre entre homens, Bhishma, com coração puro e palmas unidas, pensou em Krishna em mente, palavra, e ação. Com uma voz alegre e forte ele cantou os louvores do matador de Madhu, aquele mestre de yoga, com o lótus em seu umbigo, aquele senhor do universo, chamado Vishnu e Jishnu. Com mãos unidas, aquele principal dos homens eloquentes, aquele ser poderoso, Bhishma de alma altamente virtuosa, louvou Vasudeva dessa maneira.'"

"Bhishma disse, 'Ó Krishna, ó principal dos Seres, fique satisfeito com estas palavras que eu profiro, em resumo e em detalhes, pelo desejo de cantar teus louvores. Tu és puro e própria pureza. Tu transcendes tudo. Tu és o que as pessoas dizem que é AQUILO. (O Ser Supremo é chamado aqui e alhures de Hansa, isto é, cisne, porque como se supõe que o cisne supera todas as criaturas aladas no alcance de seu vôo, assim o Ser Supremo transcende todas as criaturas no universo. Ele é chamado de Aquilo, como na fórmula Védica de louvor: 'Tu és Aquilo,' significando 'Tu és inconcebível e incapaz de ser descrito em palavras.') Tu és o Senhor Supremo. Com todo o meu coração eu procuro tua proteção, ó Alma universal e Senhor de todas as criaturas! Tu és sem início e sem fim. Tu és o mais sublime dos sublimes e Brahma. Nem os deuses nem os Rishis te conhecem. Somente o divino Criador, chamado Narayana ou Hari, te conhece. Através de Narayana, os Rishis, os Siddhas, os grandes Nagas, os deuses, e os Rishis celestes conhecem um pouco de ti. Tu és o mais alto dos altos e não conheces deterioração. Os deuses, os Danavas, os Gandharvas, os Yakshas, os Pannagas não sabem quem tu és e de onde tu és. Todos os mundos e todas as coisas criadas vivem em ti, e entram em ti (quando chega a dissolução). Como pérolas enfiadas em um cordão, todas as coisas que têm atributos residem em ti, ó Senhor Supremo. (Coisas criadas têm atributos. É Brahma somente que não tem atributos, no sentido de que nenhum atributo com o qual nós estamos familiarizados pode ser afirmado dele.) Tendo o universo como teu trabalho e o universo como teus membros, este universo consistindo em mente e matéria reside na tua alma eterna e onipresente como várias flores encordoadas em um fio forte. Tu te chamas Hari, de mil cabeças, mil pés, mil olhos, mil braços, mil coroas, e mil faces de grande esplendor. Tu és chamado de Narayana, divindade, e o refúgio do universo. Tu és o mais sutil dos sutis, o mais denso dos densos, o mais pesado dos pesados e o mais alto dos altos. Nos Vaks, Anuvaks, Nishads, e Upanishads, tu és considerado como o Ser Supremo de força irresistível. No Samans também, cujas declarações são sempre verdadeiras, tu és considerado como a própria Verdade! (Os Vaks são os mantras, os Anuvaks são aquelas partes dos Vedas que são chamadas de Brahmanas, os Nishads são as partes do ritual Védico que levam a um conhecimento dos deuses, e os Upanishads são as partes que tratam exclusivamente do conhecimento da Alma). Tu és de alma quádrupla (Brahma, Jiva, Mente e Consciência). Tu és revelado somente na compreensão (de todas as criaturas). Tu és o Senhor daqueles que estão ligados a ti na fé. Ó Deus, tu és adorado (pelos fiéis) sob quatro nomes excelentes, sublimes, e secretos (Vasudeva, Sankarsana, Pradyumna, e Aniruddha).

Penitências estão sempre presentes em ti. Realizadas (por outras criaturas para te satisfazer), as penitências vivem na tua forma. (Penitências estão sempre presentes em ti, no sentido de que tu nunca estás sem elas, penitências constituindo tua essência. Realizadas pelas criaturas, elas vivem em teus membros, no sentido de que as penitências realizadas nunca são perdidas.) Tu és a Alma Universal. Tu és de conhecimento universal. Tu és o universo. Tu és onisciente. Tu és o criador de tudo no universo. Como um par de gravetos gerando um fogo ardente, tu nasceste dos divinos Devaki e Vasudeva para a proteção de Brahma na terra. (Na Índia antiga, os Rishis vivendo nas florestas obtinham seu fogo por friccionar dois gravetos. Estes eles chamavam de Arani. Brahma sobre a terra significa os Vedas, os Brahmanas, e os Sacrifícios). Por esta salvação eterna, o devotado adorador, com mente afastada de tudo o mais e rejeitando todos os desejos, contempla a ti, ó Govinda, que és a Alma pura, em sua própria alma. Tu transcendes Surya em glória. Tu estás além do alcance dos sentidos e da compreensão. Ó Senhor de todas as criaturas, eu me coloco em tuas mãos. Nos Puranas tu foste falado como Purusha (o espírito que permeia tudo). Em ocasiões do começo dos Yugas tu és citado como Brahma, enquanto que em ocasiões de dissolução universal tu és citado como Sankarshana. Tu és Adorável, e portanto eu adoro a ti. Embora um, tu ainda nasceste em inúmeras formas. Tu tens tuas paixões sob completo controle. Teus devotos, realizando fielmente os ritos prescritos nas escrituras, sacrificam para ti, ó realizador de todo desejo! Tu és chamado de a bainha dentro da qual o universo jaz. Todas as coisas criadas vivem em ti. Como cisnes e patos nadando na água, todos os mundos que nós vemos flutuam em ti. Tu és Verdade. Tu és Um e não te deterioras. Tu és Brahma, Tu és Aquele que está além da Mente da Matéria. Tu não tens início, meio, e fim. Nem os deuses nem os Rishis te conhecem. Os deuses, os Asuras, os Gandharvas, os Siddhas, os Rishis, e os grandes Uragas com almas concentradas, sempre te adoram. Tu és a grande panacéia para toda a tristeza. Tu és sem nascimento e morte. Tu és Divino. Tu és autocriado. Tu és eterno. Tu és invisível e além da compreensão. Tu és chamado de Hari e Narayana, ó pujante. Os Vedas declaram que tu és o Criador do universo e o Senhor de tudo o que existe no universo. Tu és o protetor Supremo do universo. Tu não conheces deterioração e tu és aquilo que é chamado de o mais sublime. Tu és da cor do ouro. Tu és o matador dos Asuras. Embora Um, Aditi te deu à luz em doze formas (estes são os doze Adityas ou deuses principais). Saudações a ti que és a alma do Sol. Saudações a ti em tua forma de Soma que é citado como o principal de todos os regenerados e que satisfaz com néctar os deuses na quinzena iluminada e os Pitris na quinzena escura. Tu és o Ser Único de esplendor transcendente habitando no outro lado da densa escuridão. Conhecendo-te uma pessoa cessa de ter qualquer medo da morte. Saudações para ti naquela forma a qual é um objeto de conhecimento. (Tu és conhecimento puro e residente além da escuridão da ignorância. Eu te reverencio não em alguma daquelas formas nas quais tu és ordinariamente adorado, mas naquela forma de pura luz a qual somente Yogins podem contemplar por meio de visão espiritual.) No grande sacrifício Uktha, os Brahmanas te adoram como o grande Opulento. No grande sacrifício de fogo, eles cantam a ti como o principal Adhyaryu (sacerdote). Tu és a alma dos Vedas. Saudações a ti. Os Richs, os Yajus, e os Samans são tua residência. Tu és as

cinco espécies de libações santificadas (usadas em sacrifícios). Tu és as sete tramas usadas nos Vedas. Saudações a ti na tua forma de Sacrifício. (As cinco libações são Dhana, Karambha, Parivapa, e água. As sete tramas são os sete mantras predominantes nos hinos Védicos, tais como Gayatri, etc.) Libações são despejadas no fogo Homa em acompanhamento com os dezessete sons monossilábicos. Tu és a alma do Homa. Saudações a ti! Tu és aquele Purusha que os Vedas cantam. Teu nome é Yajus. As métricas Védicas são teus membros. Os sacrifícios prescritos nos três Vedas são tuas três cabeças. O grande sacrifício chamado Rathantara é tua voz expressiva de satisfação. Saudações a ti na tua forma de hinos sagrados! Tu és o Rishi que apareceu no grande sacrifício que se estendeu por mil anos realizado pelos criadores do universo. (Os Prajapatis que são os criadores do universo realizaram um sacrifício que se extendeu por mil anos. O Ser Supremo apareceu naquele sacrifício como um ato de benevolência para os sacrificadores.) Tu és o grande cisne com asas de ouro. Saudações a ti na tua forma de um cisne. Raízes (de palavras) com todos os tipos de prefixos e sufixos são teus membros. Os Sandhis são tuas juntas. As consoantes e as vogais são teus ornamentos. Os Vedas declaram que tu és a palavra divina. Saudações a ti em tua forma como a palavra! (Sandhis são aquelas mudanças de vogais contínuas, em combinar duas palavras, que são requeridas pelas regras de eufonia.) Assumindo a forma de um javali cujos membros eram constituídos por sacrifício, tu ergueste a terra submersa para o benefício dos três mundos. Saudações a ti em tua forma de destreza infinita! Tu dormes em Yoga no teu sofá enfeitado com cobra constituído pelos mil capelos (do Naga). Saudações a ti em tua forma de sono! Tu constróis a ponte para os bons (atravessarem o mar da vida) com Verdade, com aqueles meios pelos quais a emancipação pode ser obtida, e com os meios pelos quais os sentidos podem ser controlados. Saudações a ti em tua forma de Verdade! Homens praticando diversos credos, incitados pelo desejo de diversos resultados te adoram com diversos ritos. Saudações a ti em tua forma de Credo! De ti todas as coisas surgiram. És tu que excitas todas as criaturas que têm corpos físicos contendo o princípio do desejo. Saudações a ti em tua forma de Excitamento. Os grandes Rishis procuram teu eu imanifesto dentro do manifesto. Chamado Kshetrajna, tu estás colocado em Kshetra. Saudações a ti em tua forma de Kshetra! (O manifesto é o corpo. Os Rishis procuram teu eu imanifesto dentro do corpo, em seus próprios corações. Kshetra é buddhi ou inteligência. O Ser Supremo é chamado de Kshetrajna porque ele conhece todas as mentes. Inteligência ou mente é uma de suas formas.) Tu sendo sempre consciente e presente, os Sankhyas ainda te descrevem como existindo nos três estados de vigília, sonho, e sono profundo. Eles além disso falam de ti como possuidor de dezesseis atributos e representando o número dezessete. Saudações a ti em tua forma como concebida pelos Sankhyas! (Os dezesseis atributos são os onze sentidos e os cinco elementos em suas formas sutis chamadas Mahabhutas. Somado a isto está o Infinito. O Ser Supremo, de acordo com a doutrina Sankhya, é dessa maneira a encarnação do número dezessete. Tua forma como concebida pelos Sankhyas, isto é, tua forma como Número.) Rejeitando o sono, retendo a respiração, retraídos dentro de si mesmos, Yogins de sentidos controlados te contemplam como luz eterna. Saudações a ti em tua forma Yoga! Sannyasins pacíficos, livres do medo do renascimento em

consequência da destruição de todos os seus pecados e méritos, te alcançam. Saudações a ti em tua forma de emancipação! (Nos casos daqueles que renascem, há sempre um resíduo de pecado e mérito pelos quais eles têm, em sua vida terrena, que sofrer e desfrutar. No caso, no entanto, daqueles que se dirigiram para uma vida de renúncia o grande esforço é para esgotar este resíduo.) No fim de mil Yugas, tu assumes a forma de um fogo com chamas ardentes e consomes todas as criaturas. Saudações a ti em tua forma de ferocidade! Tendo consumido todas as criaturas e fazendo do universo uma vasta extensão de água, tu dormes sobre as águas na forma de uma criança. Saudações a ti em tua forma como Maya (ilusão)! Do umbigo do auto-nascido de olhos como pétalas de lótus, surge um lótus. Nesse lótus está estabelecido este universo. Saudações a ti em tua forma como lótus! Tu tens mil cabeças. Tu permeias tudo. Tu és de alma incomensurável. Tu subjugaste os quatro tipos de desejos que são tão vastos quanto os quatro oceanos. Saudações a ti em tua forma de sono de Yoga! As nuvens estão nos cabelos de tua cabeça. Os rios estão nas várias juntas de teus membros. Os quatro oceanos estão em teu estômago. Saudações a ti em tua forma como água! Nascimento e a mudança representada pela morte provêm de ti. Todas as coisas, novamente, na dissolução universal, se dissolvem em ti. Saudações a ti em tua forma como causa! Tu não dormes à noite. Tu estás ocupado durante o dia também. Tu observas as boas e más ações (de todos). Saudações a ti em tua forma de observador (universal)! Não há ato o qual tu não possas fazer. Tu estás sempre pronto para realizar atos que são justos. Saudações a ti em tua forma de Trabalho, isto é, a forma que é chamada de Vaikuntha! Em cólera tu, em batalha, exterminaste três vezes sete vezes os Kshatriyas que tinham calcado a virtude e a autoridade sob seus pés. Saudações a ti em tua forma de Crueldade! Dividindo a ti mesmo em cinco porções tu te tornaste os cinco ares vitais que agem dentro de todos e fazem todas as criaturas vivas se moverem. Saudações a ti em tua forma de ar! Tu apareces em cada Yuga na forma chamada mês e estação e meio-ano e ano, e és a causa da criação e da dissolução. Saudações a ti em tua forma de Tempo! Os Brahmanas são tua boca, os Kshatriyas são teus dois braços, os Vaisyas são teu estômago e coxas, e os Sudras vivem em teus pés. Saudações a ti em tua forma de casta! O fogo constitui tua boca. Os céus são a coroa de tua cabeça. O firmamento é teu umbigo. A terra é teus pés. O Sol é teu olho. Os pontos do horizonte são teus ouvidos. Saudações a ti em tua forma como os (três) mundos! Tu és superior ao Tempo. Tu és superior ao Sacrifício. Tu és mais sublime do que o mais sublime. Tu mesmo sem origem, tu és a origem do universo. Saudações a ti em tua forma como o Universo! Homens do mundo, segundo as qualidades atribuídas a ti pela teoria Vaiseshika, te consideram como o Protetor do mundo. Saudações a ti em tua forma de Protetor! Assumindo as formas de alimento, bebida, e combustível, tu aumentas os líquidos orgânicos e os ares vitais das criaturas e manténs a existência delas. Saudações a ti em tua forma de vida! Para manter os ares vitais tu comes os quatro tipos de alimento. (Isto é, aquele que é mastigado, aquele que é chupado, aquele que é lambido e aquele que é bebido). Assumindo também a forma de Agni dentro do estômago, tu digeres aquele alimento. Saudações a ti em tua forma de calor digestivo! Assumindo a forma de meio-homem e meio-leão, com olhos fulvos e crinas fulvas, com dentes e garras

como tuas armas, tu tiraste a vida do chefe dos Asuras. Saudações a ti em tua forma de poder superior! Nem os deuses, nem os Gandharvas, nem os Daityas, nem os Danavas te conhecem realmente. Saudações a ti em tua forma de sutilidade excelente! Assumindo a forma do belo, ilustre, e pujante Ananta na região inferior, tu sustentas o mundo. Saudações a ti em tua forma de Poder! Tu estupefazes todas as criaturas pelos laços de amor e afeição para a continuação da criação. Saudações a ti em tua forma de estupefação! (Todas as criaturas são estupefatas pelo amor e afeição. O grande objetivo que os Yogins se propõe é romper aqueles laços se elevando acima de todas as atrações da carne para efetuar sua libertação ou emancipação do renascimento.) Considerando aquele conhecimento o qual está relacionado com os cinco elementos como o verdadeiro Autoconhecimento, (pelo qual os yogins se esforçam), as pessoas se aproximam de ti pelo conhecimento! Saudações a ti em tua forma de Conhecimento! Teu corpo é imensurável. Tua compreensão e olhos estão dedicados a tudo. Tu és infinito, estando além de todas as medidas. Saudações a ti em tua forma de vastidão! Tu assumiste a forma de um recluso com cabelos emaranhados na cabeça, bastão na mão, um longo abdome, e tendo tua tigela de mendicância por tua aljava. Saudações a ti em tua forma de Brahma. (Isto é, Brahmacharin). Tu portas o tridente, tu és o senhor dos celestiais, tu tens três olhos, e tu és de grande alma. Teu corpo está sempre sujo com cinzas, e teu emblema fálico está sempre virado para cima. Saudações a ti em tua forma de Rudra! A meia-lua forma o ornamento de tua testa. Tu tens cobras como o fio sagrado rodeando teu pescoço. Tu estás armado com Pinaka e tridente. Saudações à tua forma de Fúria. Tu és a alma de todas as criaturas. Tu és o Criador e o Destruidor de todas as criaturas. Tu não tens ira, nem inimizade, nem afeição. Saudações a ti em tua forma de Paz! Tudo está em ti. Tudo é de ti. Tu mesmo és Tudo. Tu estás em todos os lugares. Tu és sempre o Todo. Saudações a ti em tua forma como Tudo! Saudações a ti cujo trabalho é o universo, a ti que és a alma do universo, a ti de quem surgiu o universo, a ti que és a dissolução de todas as coisas, a ti que estás além dos cinco (elementos que constituem todas as coisas)! Saudações a ti que és os três mundos, a ti que estás acima dos três mundos! Saudações a ti que és todas as direções! Tu és tudo e tu és o único receptáculo de Tudo. Saudações a ti, ó Senhor divino, ó Vishnu, ó origem eterna de todos os mundos! Tu, ó Hrishikesa, és o Criador, tu és o Destruidor, e tu és invencível. Eu não posso contemplar aquela forma celestial na qual tu estás manifestado no Passado, Presente, e no Futuro. Eu posso, no entanto, contemplar realmente tua forma eterna (como manifestada em teus trabalhos). Tu preencheste o céu com tua cabeça, e a terra com teus pés, com tua destreza tu preencheste os três mundos. Tu és Eterno e permeias tudo no universo. As direções são teus braços, o Sol é teu olho, e destreza é teu fluido vital. Tu és o senhor de todas as criaturas. Tu permaneces fechando os sete caminhos do Vento cuja energia é incomensurável. Estão livres de todos os atos aqueles que adoram a ti, ó Govinda de destreza imperecível, a ti que estás vestido em mantos amarelos da cor da flor Atasi (Linum usitatissimun). Mesmo uma inclinação da cabeça para ti, ó Krishna, é igual à conclusão de dez Sacrifícios de Cavalo. O homem que realizou dez Sacrifícios de Cavalo não está livre da obrigação do renascimento. O homem, no entanto, que reverencia a Krishna escapa do renascimento. Aqueles que têm Krishna como seu voto,

aqueles que pensam em Krishna à noite, e ao se levantarem do sono, podem ser citados como tendo Krishna como seu corpo. Aquelas pessoas (depois da morte) entram na natureza de Krishna assim como libações de manteiga clarificada santificadas com mantras entram no fogo ardente. Saudações a ti que dissipas o medo do inferno, a ti, ó Vishnu, que és um barco para aqueles que estão mergulhados em meio aos redemoinhos do oceano representado pela vida mundana! Saudações a ti, ó Deus, que és o próprio Brahmana, a ti que és o benfeitor de Brahmanas e vacas, a ti que és o benfeitor do universo, a ti que és Krishna e Govinda! As duas sílabas Hari constituem o estoque pecuniário daqueles que passam pela selva da vida e o remédio que cura efetivamente todas as predileções mundanas, além de serem os meios que aliviam tristeza e dor. (Samsara é o mundo ou a vida mundana caracterizada por diversos apegos. Reflexão sobre Hari liberta uma pessoa daqueles apegos. Ou, Samsara pode significar as repetidas mortes e nascimentos aos quais a alma não emancipada está sujeita. Contemplação do Ser divino pode evitar tais repetidos nascimentos e mortes por levar à emancipação.) Como a verdade é repleta de Vishnu, como o universo é repleto de Vishnu, como tudo é repleto de Vishnu, assim que minha alma seja repleta de Vishnu e que meus pecados sejam destruídos! Eu procuro tua proteção e sou devotado a ti, desejoso de obter um fim feliz. Ó tu de olhos como pétalas de lótus, ó melhor dos deuses, pense no que for para o meu bem! Tu mesmo sem origem, ó Vishnu, tu és a origem do Conhecimento e Penitências. Assim tu és louvado! Ó Janardana, adorado dessa maneira por mim no Sacrifício constituído por palavras (somente), fique, ó deus, satisfeito comigo! Os Vedas são dedicados a Narayana. Penitências são dedicadas a Narayana. Os deuses são dedicados a Narayana. Tudo é sempre Narayana!'"

Vaisampayana continuou, "Tendo proferido estas palavras, Bhishma, com mente concentrada em Krishna, disse, 'Saudações a Krishna!' e o reverenciou. Sabendo por seus poderes de Yoga da devoção de Bhishma, Madhava, de outra maneira chamado Hari, (entrando em seu corpo) concedeu a ele conhecimento celeste abarcando o Passado, o Presente, e o Futuro, e partiu. Quando Bhishma ficou silencioso, aqueles proferidores de Brahma (que estavam sentados em volta dele), com vozes sufocadas em lágrimas, adoraram aquele chefe de grande alma dos Kurus em palavras excelentes. Aqueles principais dos Brahmanas proferiram os louvores de Krishna também, aquele principal dos Seres, e então continuaram em vozes suaves a elogiar Bhishma repetidamente. Sabendo (por seus poderes de Yoga) da devoção de Bhishma por ele, aquele principal dos Seres, Madhava, ergueu-se de repente de seu assento e subiu em seu carro. Kesava e Satyaki procederam em um carro. Em outro seguiram aqueles dois príncipes, ilustres Yudhishthira e Dhananjaya. Bhimasena e os gêmeos foram em um terceiro; enquanto aqueles touros entre homens, Kripa e Yuyutsu, e aquele destruidor de inimigos, Sanjaya da casta Suta, procederam em seus respectivos carros, cada um dos quais parecia com uma cidade. E todos eles procederam, fazendo a terra tremer com o ruído das rodas de suas carruagens. Aqueles principais dos homens, enquanto eles procediam, escutavam alegremente aos discursos, repletos de elogios, que eram proferidos pelos Brahmanas. O matador de Kesi,

com coração satisfeito, saudou o povo que esperava (pelas ruas) com mãos unidas e cabeças inclinadas."'

49

Vaisampayana disse, "Então Hrishikesa e o rei Yudhishthira, e todas aquelas pessoas encabeçadas por Kripa, e os quatro Pandavas, naqueles carros que pareciam com cidades fortificadas e decorados com estandartes e bandeiras, procederam rapidamente para Kurukshetra com a ajuda de seus corcéis velozes. Eles desceram sobre aquele campo que estava coberto com cabelo e medula e ossos e onde milhões de Kshatriyas de grande alma tinham perdido seus corpos. Ele abundava também com muitos montes formados dos corpos e ossos de elefantes e corcéis, e cabeças humanas e caveiras jaziam espalhadas sobre ele como conchas. Matizada com milhares de piras mortuárias e cheia de pilhas de armaduras e armas, a vasta planície parecia com o jardim de beber do próprio Destruidor usado e abandonado recentemente. Os poderosos guerreiros em carros procederam rapidamente, observando o campo de batalha assombrado por multidões de espíritos e apinhado de Rakshasas. Enquanto procediam, Kesava de braços fortes, aquele alegrador de todos os Yadavas, falou a Yudhishthira acerca da bravura do filho de Jamadagni, 'Lá, a uma distância, ó Partha, são vistos os cinco lagos de Rama! Lá Rama ofereceu oblações de sangue Kshatriya para os espíritos de seus antepassados. Foi de lá que o poderoso Rama, tendo livrado a terra de Kshatriyas por três vezes sete vezes, desistiu de sua tarefa."

"Yudhishthira disse, 'Eu tenho grandes dúvidas no que tu dizes sobre Rama ter exterminado três vezes sete vezes os Kshatriyas antigamente. Quando a própria semente Kshatriya foi queimada por Rama, ó touro entre os Yadus, como a classe Kshatriya reviveu, ó tu de destreza incomensurável? Como, ó touro dos Yadus, a classe Kshatriya foi exterminada pelo ilustre Rama de grande alma, e como ela cresceu novamente? Em terríveis combates de carros milhões de Kshatriyas foram mortos. A terra, ó principal dos homens eloquentes, foi coberta com os cadáveres de Kshatriyas. Por que razão a classe Kshatriya foi assim exterminada nos tempos passados por Rama, o descendente de grande alma de Bhrigu, ó tigre entre os Yadus? Ó tu da tribo de Vrishni, remova esta minha dúvida, ó herói de bandeira de ave! Ó Krishna, ó irmão mais novo de Baladeva, o conhecimento mais elevado é de ti.'"

Vaisampayana disse, "O poderoso irmão mais velho de Gada então narrou para Yudhishthira de destreza incomparável tudo o que aconteceu, com todos os detalhes, quanto a como a terra tinha se tornado repleta de Kshatriyas."

50

"Vasudeva disse, 'Ouça, ó filho de Kunti, a história da energia e poderes e nascimento de Rama como ouvidos por mim de grandes Rishis discursando sobre

o assunto. Escute a história de como milhões de Kshatriyas foram mortos pelo filho de Jamadagni e como aqueles que nasceram novamente nas diversas linhagens reais em Bharata foram outra vez massacrados. Jadu teve um filho chamado Rajas. Rajas teve um filho chamado Valakaswa. O rei Valakaswa teve um filho chamado Kusika de comportamento virtuoso. Parecendo Indra de mil olhos sobre a terra, Kusika passou pelas penitências mais rígidas pelo desejo chegar ao chefe dos três mundos por um filho. Vendo-o dedicado às mais austeras das penitências e competente para gerar um filho, o próprio Purandara de mil olhos inspirou o rei (com sua força). O grande senhor dos três mundos, o castigador de Paka, ó rei, então se tornou o filho de Kusika conhecido pelo nome de Gadhi. Gadhi teve uma filha, ó monarca, de nome Satyavati. O poderoso Gadhi a deu (como esposa) para Richika, um descendente de Bhrigu. O marido dela da linhagem de Bhrigu, ó encantador dos Kurus, ficou muito satisfeito com ela pela pureza de seu comportamento. Ele cozinhou o alimento sacrifical consistindo em leite e arroz para dar a Gadhi (pai dela) um filho. Chamando sua esposa, Richika da linhagem de Bhrigu disse, 'Esta porção da comida santificada deve ser comida por ti, e esta (outra) porção por tua mãe. Um filho nascerá dela que brilhará com energia e será um touro entre os Kshatriyas. Invencível por Kshatriyas sobre a terra, ele será o matador dos principais dos Kshatriyas. Em relação a ti, ó dama abençoada, esta porção da comida te dará um filho de grande sabedoria, uma encarnação da tranquilidade, dotado de penitências ascéticas, e o principal dos Brahmanas.’ Tendo dito estas palavras para sua mulher, o abençoado Richika da linhagem de Bhrigu, colocando seu coração em penitências, procedeu para as florestas. Nesta época, o rei Gadhi, determinado a fazer uma peregrinação às águas sagradas, chegou com sua rainha ao retiro de Richika. Satyavati, após isto, ó rei, pegando as duas porções da comida santificada, alegremente e com grande pressa relatou as palavras de seu marido para sua mãe. A rainha-mãe, ó filho de Kunti, deu a porção planejada para ela mesma para sua filha, e ela mesma comeu por ignorância a porção planejada para a última. Após isto, Satyavati, seu corpo resplandecendo com brilho, concebeu uma criança de forma terrível que se tornaria o exterminador dos Kshatriyas. Vendo uma criança Brahmana dentro do útero dela, aquele tigre entre os Bhrigus disse para sua esposa de beleza celeste estas palavras: 'Tu foste enganada por tua mãe, ó dama abençoada, pela troca dos bocados santificados. Teu filho se tornará uma pessoa de atos cruéis e coração vingativo. Teu irmão por outro lado (nascido de tua mãe) será um Brahmana dedicado a penitências ascéticas. Dentro do alimento santificado destinado para ti foi colocada a semente do supremo e universal Brahma, enquanto na que era destinada para tua mãe foi colocada a soma total da energia Kshatriya. Por causa, no entanto, da troca das duas porções, ó dama abençoada, aquilo que tinha sido planejado não vai acontecer. Tua mãe obterá um filho Brahmana enquanto tu terás um filho que se tornará um Kshatriya.' Assim endereçada por seu marido, a altamente abençoada Satyavati se prostrou e colocando sua cabeça aos pés dele, tremendo, disse, 'Não cabe a ti, ó santo, falar tais palavras para mim, isto é, 'Tu terás um vilão entre Brahmanas (como teu filho).'”

"Richika disse, 'Isto não foi planejado por mim, ó dama abençoada, em relação a ti. Um filho de atos violentos foi concebido por ti simplesmente por causa da troca dos bocados santificados.'"

"Satyavati respondeu dizendo, 'Se tu desejares, ó sábio, tu podes criar outros mundos, o que dizer então de uma criança? Cabe a ti, ó poderoso, me dar um filho que seja virtuoso e dedicado à paz.'"

"Richika disse, 'Nunca uma mentira foi falada por mim antes, ó dama abençoada, nem de brincadeira. O que dizer então de (tal ocasião solene como) preparar alimento santificado com a ajuda de fórmulas Védicas depois de acender o fogo? Isto foi ordenado pelo Destino, ó amável! Eu averiguei tudo isso pelas minhas penitências. Todos os descendentes de teu pai possuirão virtudes Brahmânicas.'"

"Satyavati disse, 'Ó poderoso, que nosso neto seja assim, mas, ó principal dos ascetas, me deixe ter um filho de ocupações tranquilas.'"

"Richika disse, 'Ó tu da mais bela cor, não há distinção, eu creio, entre um filho e um neto. Será, ó amável, como tu disseste.'"

"Vasudeva continuou, 'Então Satyavati deu à luz um filho na linhagem de Bhrigu que era dedicado a penitências e caracterizado por ocupações tranquilas, isto é, Jamadagni de votos regulados. O filho de Kusika, Gadhi, gerou um filho chamado Viswamitra. Possuidor de todos os atributos de um Brahmana, aquele filho (embora nascido na classe Kshatriya) era igual a um Brahmana. Richika (dessa forma) gerou Jamadagni, aquele oceano de penitências. Jamadagni gerou um filho de atos violentos. O mais importante dos homens, aquele filho dominou as ciências, inclusive a ciência de armas. Como um fogo ardente, aquele filho era Rama, o exterminador de Kshatriyas. Tendo gratificado Mahadeva nas montanhas de Gandhamadana, ele pediu armas daquele deus grandioso, especialmente o machado de energia feroz em suas mãos. Por causa daquele machado inigualável de esplendor ardente e corte irresistível, ele se tornou sem igual sobre a terra. Enquanto isso o filho poderoso de Kritavirya, isto é, Arjuna da classe Kshatriya e soberano dos Haihayas, dotado de grande energia, altamente virtuoso em comportamento, e possuidor de mil braços pela graça (do grande Rishi) Dattatreya, tendo subjugado em batalha, pela força de seus próprios braços, a terra inteira com suas montanhas e sete ilhas, se tornou um imperador muito poderoso e (finalmente) doou a terra aos Brahmanas em um Sacrifício de Cavalo. Em certa ocasião, solicitado pelo sedento deus do fogo, ó filho de Kunti, o monarca de mil braços e de grande destreza deu esmolas àquela divindade. Surgindo da ponta de suas flechas, o deus do fogo, possuidor de grande energia, desejoso de consumir (o que era oferecido), queimou aldeias e cidades e reinos e aldeolas de vaqueiros. Pela bravura daquele principal dos homens, isto é, Kritavirya de grande energia, o deus do fogo queimou montanhas e grandes florestas. Ajudado pelo rei dos Haihayas, o deus do fogo, feito pelo vento resplandecer com muita energia consumiu o inabitado mas encantador retiro de Apava de grande alma. Possuidor de grande energia, Apava, ó rei de braços

fortes, vendo seu retiro destruído pelo poderoso Kshatriya, amaldiçoou aquele monarca em cólera, dizendo, ‘Já que, ó Arjuna, sem excetuar estas minhas florestas especiosas, tu as queimaste, portanto, Rama (da linhagem de Bhrigu) cortará teus (mil) braços.’ O poderoso Arjuna, no entanto, de grande destreza, sempre dedicado à paz, sempre respeitoso com os Brahmanas e disposto a conceder proteção (para todas as classes), e caridoso e corajoso, ó Bharata, não pensou naquela maldição pronunciada sobre si por aquele Rishi de grande alma. Seus filhos poderosos, sempre soberbos e cruéis, em consequência daquela maldição, se tornaram a causa indireta de sua morte. Os príncipes, ó touro da raça Bharata, agarraram e levaram o bezerro da vaca homa de Jamadagni, sem o conhecimento de Kritavirya, o soberano dos Haihayas. Por esta razão ocorreu uma disputa entre Jamadagni de grande alma (e os Haihayas). O poderoso Rama, o filho de Jamadagni, cheio de fúria, cortou os braços de Arjuna e levou de volta, ó monarca, o bezerro de seu pai que estava vagando dentro dos cercados internos do palácio do rei. Então os tolos filhos de Arjuna, indo juntos ao retiro de Jamadagni de grande alma, cortaram com as pontas de suas lanças, ó rei, a cabeça do Rishi de seu tronco enquanto o célebre Rama estava fora buscando combustível e ervas sagrados. Inflamado com cólera pela morte de seu pai e inspirado com vingança, Rama jurou livrar a terra de Kshatriyas e pegou armas. Então aquele tigre entre os Bhrigus, possuidor de grande energia, aplicando sua destreza, matou rapidamente todos os filhos e netos de Kritavirya. Massacrando milhares de Haihayas furiosamente, o descendente de Bhrigu, ó rei, fez a terra ficar lodosa com sangue. Possuidor de grande energia, ele rapidamente privou a terra de todos os Kshatriyas. Cheio então de compaixão, ele se retirou para as florestas. Depois, quando alguns milhares de anos tinham passado, o poderoso Rama, que era colérico por natureza, teve imputações (de covardia) lançadas sobre ele. O neto de Viswamitra e filho de Raivya, possuidor de grande mérito ascético, chamado de Paravasu, ó monarca, começou a lançar imputações sobre Rama em público, dizendo, 'Ó Rama, não eram aqueles homens virtuosos, isto é, Pratardana e outros, que estavam reunidos em um sacrifício no tempo da queda de Yayati, Kshatriyas por nascimento? Tu não és de votos verdadeiros, ó Rama! Tua é uma jactância vazia entre o povo. Por medo dos heróis Kshatriya tu te dirigiste às montanhas.’ O descendente de Bhrigu, ouvindo estas palavras de Paravasu, mais uma vez pegou armas e mais uma vez cobriu a terra com centenas de corpos de Kshatriyas. Aqueles Kshatriyas, no entanto, ó rei, contados às centenas, que foram poupados por Rama, se multiplicaram (com o tempo) e se tornaram monarcas poderosos sobre terra. Rama mais uma vez os massacrou rapidamente, não poupando nem as crianças, ó rei! De fato, a terra ficou novamente coberta com os corpos de crianças Kshatriya de nascimento prematuro. Logo que as crianças Kshatriya nasciam, Rama as matava. Algumas damas Kshatriya, no entanto, conseguiram proteger suas crianças (da fúria de Rama). Tendo feito a terra desprovida de Kshatriyas por três vezes sete vezes, o pujante Bhargava, na conclusão de um Sacrifício de Cavalo, doou a terra como presente sacrifical para Kasyapa. Para preservar o restante dos Kshatriyas, Kasyapa, ó rei, apontando com sua mão que ainda segurava a concha sacrifical, disse estas palavras, ‘Ó grande sábio, vá para as margens do oceano do sul. Não cabe a ti, ó Rama, residir dentro do (que é) meu domínio.' A estas palavras, o

Oceano criou de repente para o filho de Jamadagni, em sua outra margem, uma região chamada Surparaka. Kasyapa também, ó monarca, tendo aceitado a terra em doação, e feito um presente dela para os Brahmanas, entrou na grande floresta. Então Sudras e Vaisyas, agindo muito obstinadamente, começaram a se unir, ó touro da raça Bharata, com as esposas de Brahmanas. Quando a anarquia se estabeleceu sobre a terra, os fracos eram oprimidos pelos fortes, e nenhum homem era dono de sua própria propriedade. Não protegida devidamente pelos Kshatriyas praticantes de virtude, e oprimida pelos maus por consequência daquela desordem, a terra afundou rapidamente para as mais baixas profundidades. Vendo a terra afundando por medo, Kasyapa de grande alma a segurou em seu colo; e já que o grande Rishi a segurou em seu colo (uru), a terra foi conhecida pelo nome de Urvi. A deusa terra, por proteção, gratificou Kasyapa e lhe pediu um rei."

"A Terra disse, 'Há, ó regenerado, alguns principais dos Kshatriyas escondidos por mim entre mulheres. Eles nasceram na linhagem de Haihayas. Que eles, ó sábio, me protejam. Há outra pessoa da linhagem de Puru, isto é, o filho de Viduratha, ó poderoso, que foi criado entre ursos nas montanhas Rikshavat. Outra, isto é, o filho de Saudasa, tem sido protegido, por compaixão, por Parasara de energia incomensurável e sempre engajado em sacrifícios. Embora nascido em uma das classes regeneradas, ainda assim, como um Sudra ele faz tudo para aquele Rishi e foi, portanto, chamado de Sarvakarman (empregado em todos os trabalhos). O filho de Sivi de grande energia, de nome Gopati, foi criado na floresta entre vacas. Que ele, ó sábio, me proteja. O filho de Pratardana, chamado Vatsa, de grande poder, foi criado entre bezerros em um curral. Que ele da classe real me proteja. O neto de Dadhivahana e filho de Diviratha foi escondido e protegido nas margens do Ganga pelo sábio Gautama. Seu nome é Vrihadratha. Possuidor de grande energia e adornado com numerosas qualidades abençoadas, aquele príncipe abençoado foi protegido por lobos e as montanhas de Gridhrakuta. Muitos Kshatriyas pertencentes à tribo de Maratta estão protegidos. Iguais ao senhor dos Maruts em energia, eles foram criados pelo Oceano. Estes filhos da classe Kshatriya são conhecidos como existentes em diferentes lugares. Eles estão vivendo entre artesãos e ourives. Se eles me protegem eu então ficarei inalterada. Seus pais e avôs foram mortos por minha causa por Rama de grande bravura. É meu dever, ó grande sábio, cuidar para que suas cerimônias fúnebres sejam devidamente realizadas. Eu não desejo ser protegida por meus soberanos atuais. Ó sábio, faça rapidamente tais arranjos para que eu possa viver (como antes).'"

"Vasudeva continuou, 'O sábio Kasyapa então, procurando aqueles Kshatriyas de grande energia a quem a deusa tinha indicado, os instalou devidamente como reis (para protegê-la). Aquelas tribos Kshatriyas que são vastas agora são a progênie daqueles príncipes. Isso que tu me perguntaste, ó filho de Panda, aconteceu nos tempos passados dessa maneira.'"

"Vaisampayana continuou, 'Conversando dessa maneira com Yudhishthira, aquela principal das pessoas justas, o herói Yadava de grande alma procedeu rapidamente naquele carro, iluminando todos os pontos do horizonte como o próprio Surya divino.'"

51

"Vaisampayana disse, 'O rei Yudhishthira, ouvindo sobre aquelas façanhas de Rama, se encheu de admiração e disse a Janardana, 'Ó tu da tribo de Vrishni, a destreza de Rama de grande alma, que em fúria tinha livrado a terra de Kshatriyas, era como aquela do próprio Sakra. Os descendentes dos Kshatriyas, atormentados com medo de Rama, foram escondidos (e criados) por vacas, Oceano, leopardos, ursos e macacos. Digno de todo o louvor é este mundo de homens e afortunados são aqueles que residem nele onde um feito, que era além disso tão justo, foi realizado por um Brahmana.' Depois que esta conversa terminou, aquelas duas pessoas ilustres, Krishna de glória imorredoura e Yudhishthira, procederam para onde o pujante filho de Ganga jazia em seu leito de flechas. Eles então viram Bhishma esticado sobre sua cama de flechas e parecendo em esplendor com o Sol ao anoitecer coberto com seus próprios raios. O herói Kuru estava cercado por muitos ascetas como ele de cem sacrifícios pelas divindades do céu. O local sobre o qual ele estava era altamente sagrado, sendo situado nas margens do rio Oghavati. Contemplando-o de uma distância, Krishna e o filho real de Dharma, e os quatro Pandavas, e os outros encabeçados por Saradwat, desceram de seus veículos e acalmando suas mentes agitadas e concentrando todos os seus sentidos, se aproximaram dos grandes Rishis. Saudando aqueles principais dos Rishis encabeçados por Vyasa, Govinda e Satyaki e os outros se aproximaram do filho de Ganga. Contemplando o filho de Ganga de grande mérito ascético, os príncipes Yadu e Kuru, aqueles principais dos homens, tomaram seus assentos, circundando-o. Vendo Bhishma parecendo com um fogo prestes a desaparecer, Kesava com o coração um tanto triste se dirigiu a ele como segue.'"

"Kesava disse, 'Tuas percepções agora estão claras como antes? Eu espero que tua compreensão, ó principal dos homens eloquentes, não esteja nublada. Eu espero que teus membros não sejam torturados pela dor resultante dos ferimentos por flechas. Pela dor mental também o corpo se torna fraco. Pela bênção concedida a ti por teu pai, o virtuoso Santanu, tua morte, ó herói pujante, depende da tua própria vontade. Eu mesmo não tenho aquele mérito pelo qual tu obtiveste este benefício. O alfinete mais miúdo (introduzido) dentro do corpo produz dor. O que dizer então, ó rei, das centenas de setas que te perfuraram? Certamente, não se pode dizer que a dor te aflige. Tu és competente, ó Bharata, para instruir os próprios deuses a respeito da origem e dissolução de criaturas vivas. Possuidor de grande conhecimento, tudo pertencente ao Passado, ao Futuro, e ao Presente, é bem conhecido por ti. A dissolução de seres criados e a recompensa da virtude são bem conhecidos por ti, ó tu de grande sabedoria, pois tu és um oceano de virtude e dever. Enquanto vivendo no desfrute da soberania em expansão, eu te vi abandonar relações com mulheres embora saudável de membros e perfeitamente são e embora estivesses cercado por companheiras mulheres. Exceto o filho de Santanu, Bhishma de grande energia e firmemente dedicado à virtude, possuidor de heroísmo e tendo a virtude como o único objeto de sua busca, nós nunca

soubemos de alguma outra pessoa nos três mundos que pudesse, por seu poder ascético, embora jazendo em um leito de flechas e às portas da morte, ter ainda tal domínio completo sobre a morte (a ponto de mantê-la assim afastada). Nós nunca ouvimos de alguém mais que fosse tão dedicado à verdade, a penitências, a doações, à realização de sacrifícios, à ciência de armas, aos Vedas, e à proteção das pessoas que pedem proteção, e que fosse tão inofensivo para todas as criaturas, tão puro em comportamento, tão autocontrolado, e tão aplicado no bem de todas as criaturas, e que fosse também um grande guerreiro em carro como tu. Sem dúvida, tu és capaz de subjugar, em um único carro, os deuses, Gandharvas, Asuras, Yakshas, e Rakshasas. Ó Bhishma de braços fortes, tu és sempre citado pelos Brahmanas como o nono dos Vasus. Por tuas virtudes, no entanto, tu superaste todos eles e és igual ao próprio Vasava. Eu sei, ó melhor das pessoas, que tu és famoso por tua destreza, ó principal dos seres, até entre os próprios deuses. Entre os homens na terra, ó principal dos homens, nós nunca vimos nem ouvimos de algum que fosse possuidor de tais atributos como tu. Ó tu da classe real, tu superas os próprios deuses em relação a todos os atributos. Pelo teu poder ascético tu podes criar um universo de criaturas móveis e imóveis. O que dizer então de tu teres conquistado muitas regiões abençoadas por meio das tuas principais das virtudes? Dissipe agora a angústia do filho mais velho de Pandu que está queimando de tristeza por causa da morte de seus parentes. Todos os deveres que foram declarados em relação às quatro classes acerca dos quatro modos de vida são bem conhecidos por ti. Tudo também que é indicado nos quatro ramos de conhecimento, nos quatro Hotras, ó Bharata, como também aqueles deveres eternos que são prescritos nas filosofias Yoga e Sankhya, os deveres também das quatro ordens e aqueles deveres que não são inconsistentes com suas práticas declaradas, tudo isto, junto com suas interpretações, ó filho de Ganga, é conhecido por ti. Os deveres que foram prescritos para aqueles que nasceram de uma mistura das quatro classes e aqueles prescritos para países e tribos e famílias específicos, e aqueles declarados pelos Vedas e por homens de sabedoria, todos são bem conhecidos por ti. Os temas de histórias e dos Puranas são todos conhecidos por ti. Todas as escrituras que tratam do dever e prática residem na tua mente. Além de ti, ó touro entre homens, não há outra pessoa que possa remover as dúvidas que possam surgir a respeito daqueles assuntos de conhecimento que são estudados no mundo. Com a ajuda da tua inteligência, ó regente de homens, remova a tristeza sentida pelo filho de Pandu. Pessoas possuidoras de conhecimento tão grande e variado vivem somente para confortar homens cujas mentes foram entorpecidas.'"

"Vaisampayana disse, 'Ouvindo estas palavras de Vasudeva de grande inteligência, Bhishma, erguendo um pouco sua cabeça, disse estas palavras com mãos unidas.'"

"Bhishma disse, 'Saudações a ti, ó divino Krishna! Tu és a origem e tu és a dissolução de todos os mundos. Tu és o Criador e tu és o Destruidor. Tu, ó Hrishikesa, não podes ser vencido por alguém. O universo é tua obra. Tu és a alma do universo e o universo surgiu de ti. Saudações a ti! Tu és o fim de todas as coisas criadas. Tu estás acima dos cinco elementos. Saudações a ti que és os três

mundos e que estás também acima dos três mundos. Ó senhor de Yogins, saudações a ti que és o refúgio de tudo. Ó principal dos seres, aquelas palavras que tu disseste a meu respeito me permitiram ver teus atributos divinos como manifestados nos três mundos. (Por aquela bondade), ó Govinda, eu também contemplo tua forma eterna. Tu permaneces fechando os sete caminhos do Vento possuidor de energia incomensurável. O firmamento é ocupado por tua cabeça, e a terra por teus pés. Os pontos do horizonte são teus dois braços, e o Sol é teu olho, e Sakra constitui tua destreza. Ó tu de glória imperecível, tua Pessoa, vestida em mantos amarelos que se assemelham com a cor da flor Atasi, parece para nós ser como uma nuvem carregada com lampejos de relâmpago. Considere aquilo, ó melhor dos deuses, que seria bom, ó tu de olhos de lótus, para minha pessoa humilde, que sou devotado a ti, que procuro tua proteção, e que estou desejoso de obter um fim bem-aventurado.'"

"Vasudeva disse, 'Já que, ó touro entre homens, tua devoção a mim é muito grande, por isto, ó príncipe, eu mostrei minha forma celestial para ti. Ó principal dos reis, eu não me revelo para alguém que não é devotado a mim, ou para um devoto que não é sincero, ou para alguém, ó Bharata, que não seja de alma controlada. Tu és devotado a mim e és sempre praticante de virtude. De um coração puro, tu és sempre autocontrolado e sempre praticante de penitências e doações. Pelas tuas próprias penitências, ó Bhishma, tu és capaz de me contemplar. Aquelas regiões, ó rei, estão prontas para ti de onde não há retorno. (Isto é, quem vai para lá não está sujeito ao renascimento). Cinquenta e seis dias, ó principal da linhagem de Kuru, ainda te restam para viver! Abandonando teu corpo, tu então, ó Bhishma, obterás a abençoada recompensa de teus atos. Veja, aquelas divindades e os Vasus, todos dotados de formas de esplendor flamejante, em seus carros, estão esperando por ti invisivelmente até o momento da entrada do sol na direção norte. Sujeito ao tempo universal, quando o divino Surya virar para sua direção norte, ó principal dos homens, tu irás para aquelas regiões das quais nenhum homem de conhecimento volta para esta terra! Quando tu, ó Bhishma, deixares este mundo por aquele, todo o Conhecimento, ó herói, expirará contigo. É por isso que todas estas pessoas, reunidas, se aproximaram de ti para escutar discursos sobre dever e moralidade. Fale então palavras de verdade, repletas de moralidade e Yoga, para Yudhishthira que é firme em verdade mas cujo saber foi nublado pela angústia por causa da morte de seus parentes, e, por meio disto, dissipe rapidamente aquela tristeza dele!'"

52

"Vaisampayana disse, 'Ouvindo estas palavras de Krishna repletas de Moralidade e bem, o filho de Santanu, Bhishma, respondeu a ele nas palavras seguintes.'"

"Bhishma disse, 'Ó mestre de todos os mundos, ó poderosamente armado, ó Siva, ó Narayana, ó tu de glória imperecível, ouvindo as palavras faladas por ti eu estou cheio de alegria. Mas que palavras (de instrução), ó mestre do discurso, eu

posso dizer na tua presença, especialmente quando todos os assuntos de discurso são tratados no discurso? (Os Vedas constituem o discurso do Ser Supremo. Tudo sobre moralidade se encontra neles.) O que quer que em qualquer mundo deva ser feito ou seja feito, procede da tua pessoa inteligente, ó deus! Aquela pessoa que é competente para discursar sobre o assunto do céu na presença do próprio chefe dos deuses é competente para discursar sobre a interpretação de moralidade e prazer e lucro e salvação na tua presença. Minha mente, ó matador de Madhu, está extremamente agitada pela dor dos ferimentos de flechas. Meus membros estão fracos. Minha compreensão não está clara. Eu estou tão atormentado, ó Govinda, por estas flechas parecendo veneno ou fogo, que eu não tenho poder para proferir qualquer coisa. Minha força está me abandonando. Meus ares vitais estão se apressando para me deixar. Os próprios órgãos vitais do meu corpo estão queimando. Minha compreensão está nublada. Por fraqueza minha pronúncia está se tornando indistinta. Como então eu posso ousar falar? Ó aumentador da (glória da) tribo de Dasarha, fique satisfeito comigo. Ó de braços fortes, eu não direi nada. Perdoe-me (pela minha má-vontade). O próprio mestre do discurso (Vrihaspati), em falar na tua presença, seria tomado pela hesitação. Eu não posso mais distinguir os pontos do horizonte, nem o céu da terra! Pela tua energia somente, ó matador de Madhu, eu mal e mal estou vivo. Portanto, fale tu mesmo para o bem do rei Yudhishthira o justo, pois tu és o ordenador de todas as ordenanças. Como, ó Krishna, quando tu, o criador eterno do universo, estás presente, pode alguém como eu falar (sobre tais assuntos) como um discípulo na presença do preceptor?'"

"Vasudeva disse, 'As palavras faladas por ti são dignas de ti que és o principal da linhagem de Kuru, que és dotado de grande energia, que és de grande alma, e que és possuidor de grande paciência e conhecedor de todos os assuntos. Considerando o que tu me disseste sobre a dor dos teus ferimentos de setas, receba, ó Bhishma, este benefício que eu te concedo, ó pujante, pela minha graça. Desconforto e estupefação e queimação e dor e fome e sede, ó filho de Ganga, não te dominarão, ó tu de glória imperecível! Tuas percepções e memória, ó impecável, serão desanuviadas. (Literalmente, 'Tudo o que tu conheces aparecerá para ti por luz interior'.) A compreensão não te falhará. A mente, ó Bhishma, livre das qualidades de paixão e ignorância, sempre estará sujeita à qualidade de bondade, como a lua saída das nuvens. Tua compreensão penetrará em qualquer assunto ligado com dever, moralidade, ou lucro, no qual tu possas pensar. Ó tigre entre reis, obtendo visão divina, tu irás, ó tu de destreza incomensurável, conseguir contemplar as quatro classes de coisas criadas. Dotado da visão do conhecimento, tu contemplarás, ó Bhishma, como peixes em um rio límpido, todas as coisas criadas que tu possas te esforçar para lembrar!'"

"Vaisampayana continuou, 'Então aqueles grandes Rishis, com Vyasa entre eles, adoraram Krishna com hinos dos Richs, dos Yajuses, e dos Samans. Uma chuva celeste de flores pertencentes a todas as estações caiu sobre aquele local onde aquele da tribo de Vrishni, com o filho de Ganga e o filho de Pandu, estava. Instrumentos celestes de todos os tipos tocaram no firmamento e as tribos de Apsaras começaram a cantar. Nada de mau e nenhum mau presságio foi visto lá.

Uma brisa auspiciosa, agradável e pura, portando todos os tipos de fragrâncias, começou a soprar. Todos os pontos do horizonte se tornaram claros e quietos, e todos os animais e aves começaram a vagar em paz. Logo depois, como um fogo na extremidade de uma grande floresta, o divino Surya de mil raios foi visto descer para o oeste. Os grandes Rishis então, se erguendo, saudaram Janardana e Bhishma e o rei Yudhishthira. Após isto, Kesava e os filhos de Pandu, e Satyaki, e Sanjaya, e Kripa o filho de Saradwata, se curvaram em reverência àqueles sábios. Dedicados à prática da virtude, aqueles sábios, assim adorados por Kesava e outros, foram rapidamente para suas respectivas residências, dizendo, 'Nós voltaremos amanhã'. Depois disto, Kesava e os Pandavas, saudando Bhishma e circungirando-o, subiram em seus carros vistosos. Aqueles heróis então procederam, acompanhados por muitos outros carros decorados com Kuvaras dourados, e elefantes enfurecidos parecidos com montanhas e corcéis velozes como Garudas, e soldados de infantaria armados com arcos e armas. Aquele exército, se movendo com grande velocidade, procedeu em duas divisões, uma na vanguarda e outra na retaguarda daqueles príncipes. A cena parecia com as duas correntes do grande rio Narmada no ponto onde ele é dividido pelas montanhas Rikshavat estendendo-se sobre ele. Alegrando aquela grande hoste, o divino Chandramas ergueu-se diante dela no firmamento, mais uma vez inspirando com umidade, pela sua própria força, as ervas e plantas terrestres cujo suco havia sido absorvido pelo Sol. Então aquele touro da raça Yadu e os filhos de Pandu, entrando na cidade (Kuru) cujo esplendor parecia com aquele da própria cidade de Indra, procederam para suas respectivas mansões como leões cansados procurando suas cavernas.'"

53

"Vaisampayana disse, 'O matador de Madhu, se retirando para sua cama, dormiu alegremente. Despertando quando metade de um Yama estava faltando para prenunciar o dia, ele se dirigiu para contemplação. Fixando todos os seus sentidos, ele meditou no eterno Brahma. Então um grupo de pessoas bem treinadas e de voz doce, conhecedoras de hinos e dos Puranas, começaram a proferir os louvores de Vasudeva, aquele senhor de todas as criaturas e criador do universo. Outras, marcando o tempo com palmas, começaram a recitar hinos encantadores, e vocalistas começaram a cantar. Conchas e baterias foram sopradas e batidas às milhares. O som agradável de Vinas, Panavas, e flautas de bambu era ouvido. A mansão espaçosa de Krishna, por isso, parecia rir com a música. No palácio do rei Yudhishthira também foram ouvidas vozes doces, proferindo desejos auspiciosos, e o som de canções também e instrumentos musicais. Então aquele da tribo de Dasarha realizou suas abluções. Unindo suas mãos, o poderoso herói de glória imperecível recitou silenciosamente seus mantras secretos, e acendendo um fogo despejou libações de manteiga clarificada sobre ele. Doando mil vacas para mil Brahmanas todos os quais eram totalmente conhecedores dos quatro Vedas, ele os fez proferirem bênçãos sobre ele. Tocando em seguida diversos tipos de artigos auspiciosos e se contemplando em

um espelho límpido, Krishna se dirigiu a Satyaki, dizendo, 'Vá, ó descendente de Sini, e chegando à residência de Yudhishthira averigúe se aquele rei de grande energia está vestido para visitar Bhishma.' A estas palavras de Krishna, Satyaki, indo rapidamente até o filho nobre de Pandu, disse a ele, 'O principal dos carros, pertencente à Vasudeva de grande inteligência, está pronto, ó rei, pois Janardana irá ver o filho de Ganga. Ó rei justo de grande esplendor, ele está esperando por ti. Cabe a ti agora fazer o que deve ser feito em seguida.' Assim endereçado, o filho de Dharma, Yudhishthira, respondeu como segue.'"

"Yudhishthira disse, 'Ó Phalguna de esplendor inigualável, que o principal dos meus carros seja aprontado. Nós não seremos acompanhados (hoje) pelos soldados, mas procederemos sós. Aquela principal das pessoas virtuosas, Bhishma, não deve ser contrariada. Que os guardas, portanto, ó Dhananjaya, parem hoje. Desse dia em diante o filho de Ganga falará de coisas que são grandes mistérios. Eu, portanto, ó filho de Kunti, não desejo que haja lá uma aglomeração variada (na presença de Bhishma).'"

"Vaisampayana continuou, 'Ouvindo estas palavras do rei, o filho de Kunti, Dhananjaya, aquele principal dos homens (saindo e voltando), relatou para ele que o melhor dos seus carros estava pronto para ele. O rei Yudhishthira e os gêmeos, e Bhima e Arjuna, os cinco parecendo com os cinco elementos, então procederam na direção da residência de Krishna. Enquanto os Pandavas de grande alma estavam se aproximando, Krishna de grande inteligência, acompanhado pelo neto de Sini, subiu em seu carro. Saudando uns aos outros de seus carros e cada um perguntando ao outro se a noite tinha passado alegremente para ele, aqueles touros entre homens procederam, sem parar, naqueles principais dos carros cujo estrépito parecia o rugido das nuvens. Os corcéis de Krishna, isto é, Valahaka e Meghapushpa e Saivya e Sugriva eram incitados por Daruka. Os animais, incitados por ele, ó rei, procederam, denteando a terra com seus cascos. Dotados de grande força e grande velocidade, eles voaram para frente, devorando os próprios céus. Atravessando o campo sagrado de Kuru, os príncipes procederam para aquele local onde o pujante Bhishma estava deitado em seu leito de flechas, cercado por grandes Rishis, como o próprio Brahman no meio dos deuses. Então Govinda e Yudhishthira e Bhima e o manejador do Gandiva e os gêmeos e Satyaki, descendo de seus veículos, saudaram os Rishis por erguerem a mão direita. Cercado por eles, o rei Yudhishthira, como a lua no meio das estrelas, se aproximou do filho de Ganga como Vasava procedendo em direção a Brahman. Dominado pelo medo, o rei olhou timidamente para o herói de braços poderosos jazendo em sua cama de setas como o próprio Sol caído do firmamento.'"

54

"Janamejaya disse, 'Quando aquele tigre entre homens, de alma justa e grande energia, firmemente aderindo à verdade e com paixões sob completo controle, isto é, o filho de Santanu e Ganga, chamado Devavrata ou Bhishma de glória

imperecível, estava deitado em um leito de herói com os filhos de Pandu sentados ao redor dele, me diga, ó grande sábio, que conversação se seguiu naquele encontro de heróis depois do massacre das tropas.'"

"Vaisampayana disse, 'Quando Bhishma, aquele chefe dos Kurus, jazia em seu leito de setas, muitos Rishis e Siddhas, ó rei, encabeçados por Narada, foram àquele local. O restante não morto dos reis (reunidos), com Yudhishthira em sua dianteira, e Dhritarashtra e Krishna e Bhima e Arjuna e os gêmeos também foram lá. Aquelas pessoas de grande alma, se aproximando do avô dos Bharatas que parecia com o próprio Sol caído do firmamento, abandonaram-se em lamentações por ele. Então Narada de feições divinas, refletindo por um momento, se dirigiu a todos os Pandavas e ao restante dos reis dizendo, 'Chegou a hora, eu penso, de vocês questionarem Bhishma (sobre o assunto de moralidade e religião), pois o filho de Ganga está prestes a expirar como o Sol que está a ponto de se por. Ele está prestes a abandonar seus ares vitais. Vocês todos, portanto, peçam a ele para discursar para vocês. Ele conhece os variados deveres de todas as quatro classes. Velho em idade, depois de abandonar seu corpo ele alcançará regiões sublimes de bem-aventurança. Peçam a ele, portanto, sem demora, para esclarecer as dúvidas que existem em suas mentes.' Assim endereçados por Narada, aqueles príncipes se aproximaram de Bhishma, mas incapazes de lhe perguntar qualquer coisa, olharam uns para os outros. Então Yudhishthira, o filho de Pandu, se dirigindo a Hrishikesa, disse, 'Não há ninguém mais além do filho de Devaki que possa questionar o avô. Ó principal da tribo de Yadu, tu, portanto, ó matador de Madhu, fale primeiro. Tu, ó senhor, és o principal dentre todos nós e tu estás familiarizado com todos os deveres e práticas.' Assim endereçado pelo filho de Pandu, o ilustre Kesava de glória imperecível, se aproximando do inconquistável Bhishma, falou a ele o seguinte.'"

"Vasudeva disse, 'Tu, ó melhor dos reis, passaste a noite tranquilamente? Tua compreensão se desanuviou? Teu conhecimento, ó impecável, brilha em ti por iluminação interior? Eu espero que o teu coração não sinta mais dor e que a tua mente não esteja mais agitada.'"

"Bhishma disse, 'Queimação, estupefação, fadiga, exaustão, doença, e dor, pela tua graça, ó tu da tribo de Vrishni, todas me deixaram em um único dia. Ó tu de esplendor incomparável, tudo o que é passado, tudo o que é futuro, e tudo o que é presente, eu contemplo tão claramente como uma fruta colocada em minhas mãos. Todos os deveres declarados nos Vedas, todos aqueles prescritos nos Vedantas eu vejo claramente, ó tu de glória imperecível, pela bênção que tu me concedeste. Os deveres que foram declarados por pessoas de erudição e comportamento honrado vivem na minha lembrança. Eu sou conhecedor também, ó Janardana, dos deveres e práticas que predominam em países específicos e entre tribos e famílias específicas. Tudo também relacionado com os quatro modos de vida voltou à minha recordação. Eu estou familiarizado também, ó Kesava, com os deveres relativos à arte de reinar. O que quer que deva a qualquer hora ser dito, eu direi, ó Janardana! Pela tua graça, eu adquiri uma compreensão auspiciosa. Fortalecido pela meditação em ti, eu me sinto como se eu tivesse me tornado um homem jovem outra vez. Pelo teu favor, ó Janardana,

eu me tornei capaz de discursar sobre o que é benéfico (para o mundo). Por que, no entanto, ó santo, tu não discursas tu mesmo para o filho de Pandu filho sobre tudo o que é bom? Que explicação tu tens a dar a respeito disto? Diga-me rapidamente, ó Madhava!'"

"Vasudeva disse, 'Saiba, ó tu da linhagem de Kuru, que eu sou a origem da fama e de tudo o que leva ao bem. Todas as coisas, boas ou más, procedem de mim. Quem sobre a terra se admiraria se a lua fosse citada como sendo de raios frios? Do mesmo modo, quem se admiraria se eu fosse descrito como alguém possuidor de toda a fama? (Isto é, eu que já tenho a medida completa de fama mal posso aumentar minha fama por fazer ou dizer alguma coisa.) Eu, no entanto, resolvi aumentar tua fama, ó tu de grande esplendor! É por isso, ó Bhishma, que eu justamente te inspirei com grande inteligência. Ó senhor da terra, enquanto a terra durar, tua fama percorrerá todos os mundos com esplendor não diminuído. O que quer que, ó Bhishma, tu digas ao inquiridor filho de Pandu, será considerado na terra como tão autoritário quanto as declarações dos Vedas. A pessoa que se comportar aqui segundo a autoridade das tuas declarações, obterá após a morte a recompensa de todos os atos meritórios. Por esta razão, ó Bhishma, eu te dei compreensão celestial para que tua fama possa ser ressaltada sobre a terra. É dito que as realizações de um homem duram tanto tempo quanto a sua fama dura no mundo. O restante não morto dos reis (reunidos), estão sentados ao teu redor, desejosos de escutar aos teus discursos sobre moralidade e dever. Fale a eles, ó Bharata! Tu és idoso em idade e teu comportamento é compatível com as ordenanças dos Srutis. Tu conheces bem os deveres dos reis e todas as outras ciências de dever. Ninguém alguma vez notou a menor transgressão em ti desde o teu próprio nascimento. Todos os reis sabem que tu estás familiarizado com todas as ciências de moralidade e dever. Como um pai para seus filhos, portanto, ó rei, fale a eles sobre a moralidade superior. Tu sempre adoraste os Rishis e os deuses. É obrigatório para ti falar sobre estes assuntos em detalhes para pessoas desejosas de ouvir discursos sobre moralidade e dever. Uma pessoa erudita, especialmente quando solicitada pelos virtuosos, deve discursar sobre o mesmo. Os sábios declararam que isto é um dever. Ó pujante, se tu não falares sobre tais assuntos, tu incorrerás em pecado. Portanto, questionado por teus filhos e netos, ó erudito, acerca dos deveres eternos (dos homens), ó touro entre os Bharatas, discurse para eles sobre o assunto.'"

55

"Vaisampayana disse, 'Dotado de grande energia, o alegrador dos Kurus (Bhishma), disse, 'Eu discorrerei sobre o assunto do dever. Minha fala e mente se tornaram firmes pela tua graça, ó Govinda, já que tu és a alma eterna de todos os seres. Que Yudhishthira de alma justa me questione a respeito de moralidade e dever. Eu então ficarei muito satisfeito e falarei de todos os deveres. Que o filho de Pandu, aquele sábio nobre de alma grande e virtuosa, após cujo nascimento todos os Vrishnis se encheram de alegria, me questione. Que o filho de Pandu, que não tem igual entre todos os Kurus, entre todas as pessoas de

comportamento honrado, e entre os homens de grande celebridade, faça perguntas para mim. Que o filho de Pandu, em quem há inteligência, autocontrole, Brahmacharya, generosidade, justiça, vigor mental e energia, faça perguntas a mim. Que o filho de Pandu, que sempre por seus bons ofícios honra seus parentes e convidados e empregados e outros que são dependentes dele, faça perguntas a mim. Que o filho de Pandu, em quem há verdade e caridade e penitência, heroísmo, quietude, inteligência, e destemor, faça perguntas a mim. Que o filho de alma justa de Pandu, que nunca cometeria um pecado influenciado pelo desejo de Prazer ou Lucro ou por medo faça perguntas para mim. Que o filho de Pandu, que é sempre dedicado à verdade, à benevolência, ao conhecimento e aos convidados, e que sempre faz doações para os virtuosos, faça perguntas a mim. Que o filho de Pandu, que está sempre empenhado em sacrifícios e estudo dos Vedas e na prática da moralidade e do dever, que é sempre pacífico e que ouviu todos os mistérios, faça perguntas para mim.'"

"Vasudeva disse, 'O rei Yudhishthira o justo, dominado por grande vergonha e receoso da (tua) maldição, não ousa se aproximar de ti. Aquele senhor de terra, ó monarca, tendo causado um grande massacre, não ousa se aproximar por medo da (tua) maldição. Tendo perfurado com flechas aqueles que mereciam sua veneração, aqueles que eram devotados a ele, aqueles que eram seus preceptores, aqueles que eram seus parentes e aparentados e aqueles que eram dignos do seu maior respeito, ele não ousa se aproximar de ti.'"

"Bhishma disse, 'Como o dever dos Brahmanas consiste na prática de caridade, estudo, e penitências, assim o dever dos Kshatriyas é perder seus corpos, ó Krishna, em batalha. Um Kshatriya deve matar pais e avôs e irmãos e preceptores e parentes e aparentados que possam se envolver com ele em uma batalha injusta. Este é seu dever declarado. O Kshatriya, ó Kesava, que é citado como conhecedor do seu dever é aquele que mata em batalha seus próprios preceptores se acontecer de eles serem pecaminosos e avarentos e negligentes com as restrições e votos. O Kshatriya que está familiarizado com seu dever é aquele que mata em batalha a pessoa que por cobiça desconsidera as barreiras eternas da virtude. (Literalmente, 'a ponte eterna de virtude.') É citado como conhecedor do dever aquele Kshatriya que em batalha faz da terra um lago de sangue, tendo o cabelo de guerreiros mortos como a grama e palha flutuando sobre ele, e tendo elefantes como suas rochas, e estandartes como as árvores em suas margens. Um Kshatriya, quando desafiado, deve sempre lutar em batalha, já que Manu disse que uma batalha justa (no caso de um Kshatriya) leva ao céu e à fama sobre a terra.'"

"Vaisampayana continuou, 'Depois que Bhishma tinha falado dessa maneira, o filho de Dharma, Yudhishthira, com grande humildade, se aproximou do herói Kuru e ficou em sua visão. Ele pegou os pés de Bhishma que em retorno o alegrou com palavras afetuosas. Cheirando sua cabeça, Bhishma pediu a Yudhishthira para tomar seu assento. Então o filho de Ganga, aquele principal dos arqueiros, dirigiu-se a Yudhishthira, dizendo, 'Não tema, ó melhor dos Kurus! Questione-me, ó filho, sem qualquer ansiedade.'"

56

Vaisampayana disse, 'Tendo reverenciado Hrishikesa, e saudado Bhishma, e recebido a permissão de todos os mais velhos lá reunidos, Yudhishthira começou a questionar Bhishma.'

"Yudhishthira disse, 'Pessoas familiarizadas com dever e moralidade dizem que os deveres reais constituem a mais elevada ciência de dever. Eu também penso que a carga daqueles deveres é extremamente onerosa. Portanto, ó rei, discorra sobre aqueles deveres. Ó avô, fale em detalhes sobre os deveres dos reis. A ciência dos deveres reais é o refúgio do mundo inteiro de vida. Ó tu da linhagem de Kuru, Moralidade, Lucro, e Prazer dependem dos deveres reais. Está claro também que as práticas que levam à emancipação são igualmente dependentes deles. Como as rédeas para o corcel ou o gancho de ferro para o elefante, assim mesmo a ciência dos deveres da realeza constitui as rédeas para controlar o mundo. Se houvesse estupefação em relação aos deveres observados pelos sábios reais, a desordem se manifestaria na terra e tudo se tornaria confuso. Como o Sol, nascendo, dissipa a escuridão inauspiciosa, assim esta ciência destrói todo o tipo de má consequência em relação ao mundo. Portanto, ó avô, por minha causa, discurse sobre os deveres da realeza em primeiro lugar, pois tu, ó chefe dos Bharatas, és a principal de todas as pessoas conhecedoras dos deveres. Ó opressor de inimigos, Vasudeva te considera como a mais importante de todas as pessoas inteligentes. Portanto, todos nós esperamos o mais elevado conhecimento de ti.'"

"Bhishma disse, 'Curvando-me a Dharma que é Supremo, a Krishna que é Brahma integralmente, e aos Brahmanas, eu discursarei sobre os eternos deveres (de homens). Ouça de mim, ó Yudhishthira, com atenção concentrada, a total extensão dos deveres dos reis descritos com detalhes exatos, e outros deveres que tu possas desejar saber. Em primeiro lugar, ó principal da linhagem e Kuru, o rei deve, pelo desejo de satisfazer (seus súditos), servir com humildade aos deuses e aos Brahmanas, sempre se comportando de acordo com as ordenanças. Por cultuar as divindades e os Brahmanas, ó perpetuador da família de Kuru, o rei quita seu débito com o dever e a moralidade, e recebe o respeito de seus súditos. Ó filho, tu deves sempre te esforçar com prontidão, ó Yudhishthira, pois sem prontidão de esforço o mero destino nunca realiza os objetivos nutridos pelos reis. Estes dois, isto é, esforço e destino, são iguais (em sua operação). Deles, eu considero o esforço como superior, pois o destino é determinado pelos resultados do que é começado com esforço. Não te entregue à angústia se o que é começado termina desastrosamente, pois tu deves então te esforçar na mesma ação com atenção redobrada. Este é o nobre dever de reis. Não há nada que contribua tanto para o sucesso dos reis quanto a Verdade. O rei que é dedicado à Verdade encontra felicidade aqui e após a morte. Com respeito aos Rishis também, ó rei, a Verdade é sua grande riqueza. Do mesmo modo, em relação aos reis, não há nada que inspire tanta confiança neles quanto a Verdade. O rei que é possuidor de todas as habilidades e bom comportamento, que é autocontrolado,

humilde, e justo, que tem suas paixões sob controle, que é de aspecto belo e não muito inquiridor, (no sentido de ser generoso, um rei não deve perguntar tão minuciosamente o que é feito com as coisas que pertencem a ele), nunca perde a prosperidade. Por aplicar a justiça, por prestar atenção a estes três, isto é, escondimento de suas próprias fraquezas, averiguação das fraquezas de inimigos, e guarda de seus próprios planos, como também pela observância de uma conduta direta, o rei, ó encantador dos Kurus, obtém prosperidade. Se o rei se torna brando, todos o desrespeitam. Por outro lado, se ele se torna violento, seus súditos então ficam inquietos.

Portanto, observe ambos os tipos de comportamento. Ó principal dos homens generosos, os Brahmanas nunca devem ser punidos por ti, pois o Brahmana, ó filho de Pandu, é o principal dos seres sobre a Terra. Manu de grande alma, ó rei de reis, cantou dois Slokas. Em relação aos teus deveres, ó tu da linhagem de Kuru, tu deves sempre mantê-los em mente. O Fogo surgiu da água, o Kshatriya do Brahmana, e o ferro da pedra. Os três (isto é, fogo, Kshatriya e ferro) podem exercer sua força sobre todas as outras coisas, mas entrando em contato com seus respectivos progenitores sua força é neutralizada. Quando o ferro golpeia a pedra, ou o fogo luta com a água, ou o Kshatriya nutre inimizade por um Brahmana, estes três logo se tornam fracos. Como isto é assim, ó monarca, (você verá que) os Brahmanas são dignos de culto. Aqueles que são os principais entre os Brahmanas são deuses na terra. Devidamente adorados, eles mantêm os Vedas e os Sacrifícios. Mas aqueles, ó tigre entre reis, que desejam ter tal honra embora eles possam ser obstáculos para os três mundos, devem ser sempre reprimidos pelo poder de tuas armas. O grande Rishi Usanas, ó filho, cantou dois Slokas nos tempos passados. Ouça-os, ó rei, com atenção concentrada. O Kshatriya justo, consciente de seus deveres, deve castigar um Brahmana que possa ser um verdadeiro mestre nos Vedas se ele avança para lutar com uma arma erguida. O Kshatriya, conhecedor dos deveres, que mantém a virtude quando ela é desrespeitada, por tal ação não se torna um pecador, pois a fúria do atacante justifica a fúria do castigador. Sujeitos a estas restrições, ó tigre entre reis, os Brahmanas devem ser protegidos. Se eles se tornam transgressores, eles devem então ser exilados para além dos teus domínios. Até quando merecedores de punição, tu deves, ó rei, lhes mostrar compaixão. Se um Brahmana se torna culpado de Brahmanicídio, ou de violar a cama de seu preceptor ou outro superior venerável, ou de causar aborto, ou de traição contra o rei, sua punição deve ser o banimento de teus domínios. Nenhum castigo corpóreo é prescrito para eles. Aquelas pessoas que demonstram respeito pelos Brahmanas devem ser favorecidas por ti (com cargos no estado). Não há tesouro mais valioso para reis do que aquele que consiste na seleção e reunião de empregados. Entre os seis tipos de fortaleza indicados nas escrituras, de fato entre todas as espécies de fortalezas, a que consiste (no pronto serviço e no amor dos) súditos é a mais invulnerável. Portanto, o rei que é possuidor de sabedoria deve sempre mostrar compaixão em direção às quatro classes de seus súditos. O rei que é de alma justa e palavras verdadeiras consegue satisfazer seus súditos. Tu não deves, entretanto, ó filho, sempre te comportar com benevolência para com todos, pois o rei que é brando é considerado como o pior de sua classe como um elefante que é

desprovido de ferocidade. Nas escrituras compostas por Vrihaspati, havia um Sloka nos tempos passados aplicável à questão atual. Ouça-o, ó rei, enquanto eu o recito. 'Se acontece de o rei ser sempre benevolente, as pessoas mais inferiores prevalecem sobre ele, assim como o motorista que senta sobre a cabeça do elefante que ele guia.' O rei, portanto, não deve ser sempre brando. Nem ele deve ser sempre violento. Ele deve ser como o Sol primaveril, nem frio e nem tão quente a ponto de produzir transpiração. Pela evidência direta dos sentidos, por conjetura, por comparações, e pelas leis das escrituras, ó monarca, o rei deve estudar amigos e inimigos. Ó tu de grande generosidade, tu deves evitar todas aquelas práticas más que são chamadas de Vyasanas. Não é necessário que tu nunca cedas a elas. O que é preciso, no entanto, é que tu não tenhas atração por elas. Aquele que é afeiçoado àquelas práticas é dominado por todo mundo. O rei que não nutre amor por seu povo inspira o último com ansiedade. O rei deve sempre se comportar com seus súditos como uma mãe em direção à criança em seu útero. Ouça, ó monarca, a razão pela qual isto é desejável. Como a mãe, desconsiderando aqueles objetos que são muito apreciados por ela, procura somente o bem de seu filho, assim mesmo, sem dúvida, os reis devem se comportar (com seus súditos). O rei que é justo, ó principal da linhagem de Kuru, deve sempre se comportar de maneira a deixar aquilo que é caro para ele, para fazer aquilo que beneficiará seu povo. Tu nunca deves, ó filho de Pandu, abandonar a firmeza. O rei que é possuidor de firmeza, e que é conhecido por infligir punições aos malfeitores, não tem motivos para temer. Ó principal dos oradores, tu não deves te entregar a gracejos com teus empregados. Ó tigre entre reis, escute as falhas de tal conduta. Se o mestre se mistura tão livremente com eles, os dependentes começam a desrespeitá-lo. Eles esquecem sua própria posição e a maioria realmente excede àquela do mestre. Ordenados a fazer uma coisa, eles hesitam, e divulgam os segredos do mestre. Eles pedem coisas que não devem ser pedidas, e pegam o alimento que deve ser do mestre. Eles chegam ao ponto de mostrar sua raiva e procurar eclipsar o mestre. Eles até procuram predominar sobre o rei, e aceitando subornos e praticando fraudes, obstruem os negócios do estado. Eles fazem o estado se deteriorar com abusos por falsificações e mentiras. Eles fazem amor com os guardas femininos do palácio e se vestem do mesmo modo que seu mestre. Eles se tornam tão desavergonhados a ponto de arrotarem ou fazerem algo semelhante, e escarrar na própria presença de seu mestre, ó tigre entre reis, e eles não temem nem falar dele com leviandade perante outros. Se o rei se torna brando e disposto a gracejos, seus empregados, desrespeitando-o, passeiam em corcéis e elefantes e carros tão bons quanto os do rei (literalmente, 'dignos de serem usados pelo rei.'). Seus conselheiros, reunidos em corte, se entregam abertamente a discursos tais como: 'Isto está além do teu poder. Esta é uma tentativa má.' Se o rei fica zangado, eles dão risada; nem eles ficam alegres se favores são concedidos a eles, embora eles possam expressar alegria por outras razões. Eles revelam os planos secretos de seu mestre e espalham boatos sobre os maus atos dele. Sem a menor ansiedade eles desprezam as ordens do rei. Se as jóias do rei, ou alimento, ou as coisas necessárias para o seu banho, ou unguentos, não estiverem à mão, os empregados, na sua própria presença, não demonstram a menor preocupação. Eles não pegam o que legitimamente pertence a eles. Por

outro lado, sem estarem contentes com o que é designado para eles, eles se apropriam do que pertence ao rei. Eles desejam se divertir com o rei como com uma ave amarrada com uma corda, e sempre dão a entender ao povo que o rei é muito íntimo deles e os ama afetuosamente. Se o rei se torna meigo e disposto a gracejar, ó Yudhishthira, estes e muitos outros males surgem disto.'"

57

"Bhishma disse, 'O rei, ó Yudhishthira, deve estar sempre pronto para a ação. O rei que não é digno de louvor é aquele que, como uma mulher, é desprovido de esforço. Com relação a isto, o santo Usanas cantou um Sloka, ó monarca. Escute com atenção, ó rei, enquanto eu o recito para ti: 'Como uma cobra engolindo ratos, a terra consome estes dois: o rei que é avesso à batalha e o Brahmana que é excessivamente ligado a esposas e filhos. (Literalmente, o Brahmana que não deixaria seu lar)'. Cabe a ti, ó tigre entre reis, manter isto sempre em teu coração. Faça as pazes com aqueles inimigos com quem (de acordo com a ordenança) a paz deve ser feita, e trave guerra com aqueles com quem guerra deve ser travada. Seja teu preceptor ou seja teu amigo, aquele que age hostilmente em direção ao teu reino consistindo em sete membros deve ser morto. (Os sete membros são o rei, exército, conselheiros, amigos, tesouraria, território, e fortes). Há um Sloka antigo cantado pelo rei Marutta, de acordo com a opinião de Vrihaspati, ó monarca, sobre o dever dos reis. Segundo a prescrição eterna, há castigo até para o preceptor se ele se tornar soberbo e negligente com o que deve ser feito e com o que não deve, e se ele transgride todas as restrições. O filho de Jadu, o rei Sagara, de grande inteligência, pelo desejo de fazer o bem para os cidadãos, exilou seu próprio filho mais velho Asamanjas. Asamanjas, ó rei, costumava afogar os filhos dos cidadãos no Sarayu. Seu pai, portanto, repreendeu-o e mandou-o para o exílio. O Rishi Uddalaka rejeitou seu filho favorito Swetaketu (depois) de penitências rígidas, porque o último costumava convidar Brahmanas com promessas enganadoras de entretenimento. A felicidade de seus súditos, a observância da verdade, e a sinceridade de comportamento são os deveres eternos dos reis. O rei não deve cobiçar a riqueza de outros. Ele deve em tempo dar o que dever ser dado. Se o rei se torna possuidor de destreza, sincero em palavras, e de temperamento benevolente, ele nunca se desviará da prosperidade. Com alma limpa de vícios, o rei deve ser capaz de governar sua ira, e todas as suas conclusões devem ser concordantes com as escrituras. Ele deve também sempre procurar moralidade e lucro e prazer e salvação (judiciosamente). O rei deve sempre ocultar seus planos em relação a estes três, (isto é moralidade, lucro, e prazer). Nenhum mal maior pode sobrevir ao rei do que a revelação de seus planos. Reis devem proteger as quatro classes no desempenho de seus deveres. É o dever eterno dos reis impedir uma confusão de deveres em relação às diferentes classes. O rei não deve depositar confiança (em outros exceto seus próprios empregados), nem deve depositar total confiança (mesmo em seus empregados). Ele deve, por sua própria inteligência, procurar os méritos e defeitos dos seis requisitos essenciais da soberania. (Estes seis são paz (com um inimigo

que é mais forte), guerra (com um de força igual), marcha (para invadir os domínios de um que é mais fraco), parada, busca de proteção (se for fraco em sua própria fortaleza), e semeadura de dissensões (entre os oficiais principais do inimigo)). O rei que é observador das negligências de seus inimigos, e judicioso na busca de moralidade, lucro, e prazer, que designa espiões inteligentes para averiguar segredos e procura alienar os oficiais de seus inimigos por meio de presentes de riqueza, merece louvor. O rei deve administrar justiça como Yama e acumular riqueza como Kuvera. Ele deve também ser observador dos méritos e defeitos de suas próprias aquisições e perdas e de seus próprios domínios. Ele deve alimentar aqueles que não foram alimentados, e perguntar por aqueles que foram alimentados. Possuidor de fala gentil, ele deve falar com uma expressão sorridente (e não com uma expressão desagradável). Ele deve sempre servir aqueles que são idosos e subjugar a procrastinação. Ele nunca deve cobiçar o que pertence a outros. Ele deve seguir firmemente o comportamento dos virtuosos e, portanto, observar aquele comportamento cuidadosamente. Ele nunca deve tirar riqueza daqueles que são virtuosos. Tirando a riqueza daqueles que não são justos ele deve dá-la aos que são justos. O rei deve ser habilidoso em castigar. Ele deve praticar a generosidade. Ele deve ter sua alma sob controle. Ele deve se vestir com esplendor. Ele deve fazer doações nas épocas apropriadas e ser regular em suas refeições. Ele deve também ter bom comportamento. O rei desejoso de obter prosperidade deve sempre contratar para seu serviço homens que são corajosos, dedicados, incapazes de serem enganados por inimigos, bem nascidos, saudáveis, bem educados, e ligados com famílias que são bem educadas, respeitáveis, nunca inclinados a insultar outros, familiarizados com todas as ciências, possuidores de um conhecimento do mundo e seus assuntos, sem consideração pelo futuro estado de existência, sempre cumpridores de seus deveres, honestos, e firmes como montanhas. Não deve haver diferença entre ele e eles em relação a objetos de prazer. A única distinção deve consistir em seu guarda-sol e em seu poder de passar ordens. Sua conduta com relação a eles, pela frente ou por trás, deve ser a mesma. O rei que se comporta dessa maneira nunca é prejudicado. O rei desonesto e avarento que suspeita de todos e que cobra impostos de seus súditos pesadamente, é logo privado de vida por seus próprios empregados e parentes. O rei, no entanto, que é de comportamento justo e que está sempre empenhado em conquistar o coração de seu povo, nunca cai quando atacado por inimigos. Se vencido, ele logo recupera sua posição. Se o rei não é colérico, se ele não é dedicado a práticas más e não é severo em suas punições, se ele consegue manter suas paixões sob controle, ele então se torna um objeto de confiança para todos como as montanhas Himavat (para todas as criaturas). É o melhor dos reis aquele que tem sabedoria, que possui generosidade, que está preparado para tirar vantagem das negligências dos inimigos, que tem feições agradáveis, que sabe o que é mau para cada uma das quatro classes de seus súditos, que é rápido em ação, que tem sua raiva sob controle, que não é vingativo, que é magnânimo, que não é irascível por disposição, que é dedicado a sacrifícios e outras ações religiosas, que não é dado à jactância, e que prossegue vigorosamente até a conclusão todos os trabalhos começados por ele. É o melhor dos reis aquele em cujos domínios os homens vivem sem medo como filhos na casa dos pais. É o melhor dos reis aquele cujos

súditos não tem que esconder sua riqueza e sabem o que é bom e o que é mau para eles. Ele, de fato, é um rei cujos súditos estão engajados em seus respectivos deveres e que não temem perder seus corpos quando o dever requer isto; cujo povo, protegido devidamente, é todo de comportamento pacífico, obediente, dócil, tratável, sem vontade de se envolver em disputas, e inclinado à generosidade. Ganha mérito eterno aquele rei em cujos domínios não há maldade e dissimulação e engano e inveja. Realmente merece governar o rei que honra o conhecimento, que é devotado às escrituras e ao bem de seu povo, que trilha o caminho dos justos, e que é generoso. Merece governar o rei cujos espiões e planos e atos, realizados e não realizados, permanecem desconhecidos para seus inimigos. O verso seguinte foi cantado antigamente por Usanas da linhagem de Bhrigu, na narrativa chamada Ramacharita, sobre o assunto, ó Bharata, dos deveres reais: 'Um homem primeiro deve escolher um rei (em cujos domínios viver). Então ele deve escolher uma esposa, e então ganhar riqueza. Se não houvesse rei, o que seria de sua esposa e aquisições?' Com relação àqueles que desejam um reino, não há outro dever eterno mais obrigatório do que a proteção (de súditos). A proteção que o rei concede a seus súditos mantém o mundo. (No sentido de que sem a proteção real o mundo logo ruiria.) Manu, o filho de Prachetas, cantou estes dois versos sobre os deveres dos reis. Escute-os com atenção: 'Estas seis pessoas devem ser evitadas como um barco furado no mar: um preceptor que não fala, um sacerdote que não estudou as escrituras, um rei que não concede proteção, uma esposa que profere o que é desagradável, um vaqueiro que gosta de vagar dentro da aldeia, e um barbeiro desejoso de ir para as florestas.'" (Os deveres de um vaqueiro devem levá-lo para os campos. Se sem manifestar qualquer inclinação para ir para os campos ele gosta de se demorar dentro da aldeia ele não deve ser empregado. Similarmente os deveres do barbeiro requerem sua presença dentro da aldeia. Se sem estar presente lá ele gosta de vagar nos bosques, ele nunca deve ser empregado, pois pode ser então presumido que ele é desprovido daquela habilidade que a experiência e hábito trazem.)

58

"Bhishma disse, 'A proteção dos súditos, ó Yudhishthira, é o que mais convém dos deveres reais. O divino Vrihaspati não aprova qualquer outro dever (tanto quanto este). O divino Kavi (Usanas) de olhos grandes e penitências austeras, Indra de mil olhos, e Manu o filho de Prachetas, o divino Bharadwaja, e o sábio Gaurasiras, todos devotados a Brahma e proferidores de Brahma, compuseram tratados sobre os deveres de reis. Todo eles louvam o dever de proteção, ó principal das pessoas virtuosas, em relação aos reis. Ó tu de olhos como pétalas de lótus e da cor do cobre, escute aos meios pelos quais a proteção pode ser assegurada. Estes meios consistem no emprego de espiões e empregados, dando a eles seus direitos justos sem arrogância, a realização de impostos com consideração, nunca tomando nada (dos súditos) caprichosamente e sem causa, ó Yudhishthira, a seleção de homens honestos (para cumprir as funções

administrativas), heroísmo, habilidade, e inteligência (nas transações de negócios), veracidade, procurar o bem do povo, produzir discórdia e desunião entre os inimigos por meios justos ou injustos, o reparo de construções que são antigas ou que estão prestes a cair, a imposição de castigos corporais e multas reguladas pela observância da ocasião, nunca abandonar os honestos, conceder emprego e proteção para pessoas de nascimento respeitável, o armazenamento do que deve ser armazenado, companhia com pessoas de inteligência, sempre gratificar as tropas, supervisão sobre os súditos, firmeza nas transações de negócios, encher a tesouraria, ausência de confiança cega nos guardas da cidade, produzir deslealdade entre os cidadãos de uma cidade hostil, procurar cuidadosamente os amigos e aliados que vivem no meio do país do inimigo, vigiar estritamente os empregados e oficiais do estado, observação pessoal da cidade, desconfiar dos empregados, confortar o inimigo com garantias, observar firmemente os ditames de política, presteza para ação, nunca desconsiderar um inimigo, e rejeitar aqueles que são vis. Presteza para o esforço nos reis é a base dos deveres reais. Isto foi dito por Vrihaspati. Escute aos versos cantados por ele: 'Pelo esforço o amrita foi obtido; pelo esforço os Asuras foram mortos, pelo esforço o próprio Indra obteve a soberania no céu e sobre a terra. O herói de esforço é superior ao herói de discurso. Os heróis de discurso gratificam e adoram os heróis de esforço. ' (Brahmanas eloquentes eruditos nas escrituras são heróis de discurso. Grandes reis Kshatriya são heróis de esforço). O rei que é desprovido de esforço, mesmo se possuidor de inteligência, é sempre vencido por inimigos como uma cobra que é privada de veneno. O rei, mesmo se possuidor de força, não deve desconsiderar um inimigo, embora fraco. Uma faísca de fogo pode produzir um incêndio e uma partícula de veneno pode matar. Com somente um tipo de tropa, um inimigo de dentro um forte pode afligir o país inteiro mesmo de um rei poderoso e próspero. Os discursos secretos de um rei, o acúmulo de tropas para obter a vitória, os propósitos desonestos em seu coração, intenções similares para realizar objetivos específicos, e as ações erradas que ele faça ou pretenda fazer, devem ser ocultadas por assumir uma aparência de franqueza. Ele deve agir corretamente para manter seu povo sob submissão. Pessoas de mentes desonestas não podem suportar a carga de império extenso. Um rei que é indulgente não pode obter posto superior, a aquisição do qual depende de trabalho. Um reino, cobiçado por todos como carne, nunca pode ser protegido por franqueza e simplicidade. Um rei, ó Yudhishthira, deve, portanto, sempre se portar com ambos, franqueza e desonestidade. Se em proteger seus súditos um rei cai em perigo, ele ganha grande mérito. Tal deve ser a conduta dos reis. Eu agora te disse somente uma parte dos deveres dos reis. Diga-me, ó melhor dos Kurus, o que mais você deseja saber."

Vaisampayana continuou, "Os ilustres Vyasa e Devasthana e Aswa, e Vasudeva e Kripa e Satyaki e Sanjaya, cheios de alegria, e com rostos parecendo flores totalmente desabrochadas, disseram, 'Excelente! Excelente!' e cantaram os louvores daquele tigre entre homens, isto é, Bhishma, aquela principal das pessoas virtuosas. Então Yudhishthira, aquele chefe da linhagem de Kuru, com o coração triste e olhos banhados em lágrimas, tocou gentilmente os pés de Bhishma e disse, 'Ó avô, amanhã eu perguntarei sobre aqueles pontos sobre os

quais eu tenho minhas dúvidas, pois hoje, o sol, tendo sugado a umidade de todos os objetos terrestres, está prestes a se por.' Então Kesava e Kripa e Yudhishthira e outros, saudando os Brahmanas (lá reunidos) e circungirando o filho do grande rio, subiram alegremente em seus carros. Todos eles cumpridores de votos excelentes então se banharam na corrente do Drishadwati. Tendo oferecido oblações de água para seus antepassados e recitado silenciosamente os mantras sagrados e feito outras ações auspiciosas, e tendo realizado a prece noturna com os ritos devidos, aqueles opressores de inimigos entraram na cidade chamada de elefante."

59

Vaisampayana disse, "Levantando-se de suas camas no dia seguinte e realizando os ritos matinais prescritos nas escrituras, os Pandavas e os Yadavas saíram (para o local onde Bhishma estava) em seus carros parecidos com cidades fortificadas. Procedendo para o campo de Kuru e se aproximando do impecável Bhishma, eles perguntaram para aquele principal dos guerreiros em carros se ele tinha passado a noite tranquilamente. Saudando todos os Rishis, e abençoados por eles em retorno, os príncipes tomaram seus assentos em volta de Bhishma. Então o rei Yudhishthira o justo, possuidor de grande energia, tendo adorado Bhishma devidamente, disse estas palavras com mãos unidas."

"Yudhishthira disse, 'De onde surgiu a palavra Rajan (Rei), que é usada, ó Bharata, sobre a terra? Diga-me isto, ó destruidor de inimigos! Possuidor de mãos e braços e pescoço como outros, tendo a compreensão e os sentidos como aqueles de outros, sujeitos como outros aos mesmos tipos de alegria e tristeza, dotados de costas, boca, e estômago similares àqueles do resto do mundo, tendo fluidos vitais e ossos e medula e carne e sangue similares àqueles do resto do mundo, inalando e exalando ares como outros, possuidor de ares vitais e corpo como outros homens, parecendo com outros em nascimento e morte, realmente, similar a outros em relação a todos os atributos de humanidade, por que razão um homem, isto é, o rei, governa o resto do mundo numerando muitos homens possuidores de grande inteligência e coragem? Por que motivo aquele único homem governa o mundo extenso cheio de homens corajosos e enérgicos e nobres de nascimento e bom comportamento? Por que todos os homens procuram obter seu favor? Por que é que se um homem fica satisfeito, o mundo inteiro fica satisfeito, e se um homem está preocupado o mundo inteiro fica preocupado? Eu desejo ouvir isso em detalhes, ó touro da raça Bharata! Ó principal dos oradores, discurse para mim sobre isso integralmente. Ó rei, não pode haver exceto uma grave razão para tudo isso já que é visto que o mundo inteiro se curva a um homem como a um deus.""

"Bhishma disse, 'Com atenção concentrada, ó tigre entre reis, ouça em detalhes como na era Krita a soberania primeiro começou. Inicialmente não havia soberania, nenhum rei, nenhum castigo, e nenhum castigador. Todos os homens costumavam proteger uns aos outros justamente. Como eles viviam dessa

maneira, ó Bharata, protegendo virtuosamente uns aos outros, eles acharam que a tarefa (depois de algum tempo) era dolorosa. O erro então começou a assaltar seus corações. Tendo ficado sujeitos ao erro, as percepções dos homens, ó príncipe, vieram a ser nubladas, e por esta razão sua virtude começou a declinar. Quando suas percepções foram obscurecidas e quando os homens ficaram sujeitos ao erro, todos eles se tornaram cobiçosos, ó chefe dos Bharatas! E porque os homens procuraram obter objetos, os quais eles não possuíam, outra emoção chamada luxúria (de aquisição) os alcançou. Quando eles se tornaram sujeitos à luxúria, outra emoção, chamada raiva, logo os poluiu. Uma vez sujeitos à ira, eles perderam toda a consideração do que devia ser feito e do que não devia. Uma indulgência sexual desenfreada começou. Os homens começaram a proferir o que eles escolhiam. Todas as distinções entre alimentos puros e impuros e entre virtude e vício desapareceram. Quando essa confusão surgiu entre os homens, os Vedas desapareceram. Após o desaparecimento dos Vedas, a Justiça foi perdida. Quando os Vedas e a justiça estavam perdidos, os deuses foram possuídos pelo medo. Tomados pelo medo, ó tigre entre homens, eles procuraram a proteção de Brahman. Tendo gratificado o Avô divino do universo, os deuses, afligidos pela angústia, disseram a ele com mãos unidas, 'Ó deus, os Vedas eternos têm sido afligidos no mundo dos homens pela avareza e erro. Por isto, nós fomos tomados pelo medo. Pela perda dos Vedas, ó Senhor Supremo, a justiça também está perdida. Por isto, ó Senhor dos três mundos, nós estamos prestes a descer ao nível de seres humanos. Os homens costumavam despejar libações para cima enquanto nós costumávamos despejar chuva para baixo. (Os homens, por despejarem libações de manteiga clarificada nos fogos sacrificais alimentam os deuses. Os últimos, alimentados por aquelas libações, despejam chuva sobre a terra de onde os homens derivam seu sustento.) Por consequência, no entanto, da cessação de todos os ritos pios entre os homens, grande angústia será nossa sina. Então, ó Avô, pense naquilo que nos beneficiaria, para que esse universo, criado por teu poder, não possa encontrar a destruição.' Assim endereçado, o Senhor auto-nascido e divino disse para eles, 'Eu pensarei no que fará bem a todos. Ó principais dos deuses, que seus temores sejam dissipados!' O Avô então compôs por sua própria inteligência um tratado consistindo em cem mil capítulos. Nele eram tratados os assuntos de Virtude, Lucro, e Prazer. O qual o auto-nascido designou como o triplo agregado. Ele tratava de um quarto assunto chamado de Emancipação com significado e atributos opostos. O triplo agregado em relação à emancipação, isto é, os atributos de Bondade, Paixão, e Ignorância, e outro, (um quarto, isto é, a prática do dever sem esperança de felicidade ou recompensa neste ou no outro mundo), eram tratados nele. Outro agregado triplo ligado com Castigo: Conversação, Crescimento, e Destruição, era tratado nele. (Conversação em relação à riqueza de mercadores e comerciantes; Crescimento em relação às penitências de ascetas; e Destruição em relação aos ladrões e homens pecaminosos. Todos estes dependem do Castigo.) Outro agregado de seis consistindo nos corações de homens, lugar, hora, meios, ações explícitas, e alianças, e causas, era tratado nele. Os ritos religiosos prescritos nos três Vedas, conhecimento, e as ações necessárias para a sustentação da vida, (agricultura, comércio, etc.), ó touro da raça Bharata, e o ramo muito extenso de conhecimento chamado de legislação punitiva, eram prescritos nele. Os assuntos também de

comportamento em direção aos conselheiros, de espiões, as indicações de príncipes, de agentes secretos possuidores de diversos meios, de enviados e agentes de outros tipos, conciliação, fomentação de discórdia, doações, e castigo, ó rei, com a tolerância como o quinto, eram tratados integralmente nele. Deliberação de todos os tipos, conselhos para produzir desunião, os erros de deliberação, os resultados do sucesso ou fracasso de planos, tratados de três tipos, isto é, maus, medianos, e bons, feitos por medo, bons ofícios, e presentes de riqueza, eram descritos em detalhes. As quatro espécies de épocas para fazer viagens, os detalhes do agregado de três, os três tipos de vitória, isto é, aquela assegurada justamente, aquela ganha por meio de riqueza, e aquela obtida por meios enganosos, eram descritos em detalhes. As três espécies de atributos, maus, medianos, e bons, do conjunto de cinco (isto é, conselheiros, reino, forte, exército, e tesouraria) eram também tratados nele. Punições de dois tipos, abertas e secretas, eram indicadas. As oito espécies de castigos abertos, como também as oito espécies de castigos secretos, eram tratadas em detalhes. Carros, elefantes, cavalos, e soldados de infantaria, ó filho de Pandu, operários recrutados, grupos de trabalhadores, e servidores remunerados (de exércitos), e guias pegos do país que é o assento de guerra, estes são os oito instrumentos, ó Kauravya, de castigo aberto ou forças agindo abertamente. O uso e administração de veneno móvel e imóvel eram também mencionados em relação às três espécies de coisas, isto é, vestuário, alimento, e encantamentos. Inimigos, aliados, e neutros, estes também eram descritos. As diversas características de estradas (a serem tomadas, como dependentes de estrelas e planetas, etc.), os atributos do solo (no qual acampar-se), auto-proteção, superintendência da construção de carros e outros utensílios de guerra e uso, os diversos meios de proteger e melhorar homens, elefantes, carros, e corcéis, as diversas espécies de formações de combate, estratégias, e manobras em guerra, conjunções planetárias pressagiando mal, provações calamitosas (tais como terremotos), métodos habilidosos de guerra e retirada, conhecimento de armas e sua manutenção apropriada, as desordens de tropas e como se livrar delas, os meios de inspirar o exército com alegria e confiança, doenças, tempos de infortúnio e perigo, conhecimento de guiar soldados de infantaria em batalha, os métodos de soar alarmes e comunicar ordens, inspirar medo no inimigo pela exposição de estandartes, os diversos métodos de afligir o reino do inimigo por meio de ladrões e tribos selvagens ferozes, e incendiários e envenenadores e falsificadores por produzir desunião entre os principais oficiais dos exércitos hostis, por derrubar colheitas e plantas, por destruir a eficiência dos elefantes do inimigo, por produzir alarmes, por honrar aqueles dentre os súditos do inimigo que são bem dispostos com relação ao invasor, e por inspirar o inimigo com confiança, a perda, crescimento, e harmonia dos sete requisitos essenciais da soberania, capacidade para trabalhos (projetados), os meios para realizá-los, os métodos de expandir o reino, os meios de conquistar pessoas residentes no território do inimigo, o castigo e destruição daquelas que são fortes, a administração exata de justiça, o extermínio dos vis, luta, tiro e lançamento e arremesso de armas, os métodos de fazer presentes e de armazenar coisas necessárias, alimentação dos não alimentados e supervisão sobre aqueles que foram alimentados, doações de riquezas em épocas apropriadas, liberdade dos vícios chamados Vyasanas, os

atributos de reis, as qualificações de oficiais militares, as fontes dos agregados de três e seus méritos e falhas, as diversas espécies de más intenções, o comportamento de dependentes, suspeita contra todos, a evitação da negligência, a aquisição de objetos não alcançados, a melhoria dos objetos já adquiridos, presentes para pessoas merecedoras do que foi dessa forma melhorado, gastos de riqueza para propósitos pios, para adquirir objetos de desejo, e para dissipar o perigo e angústia, foram todos tratados naquele trabalho. Os vícios violentos, ó chefe dos Kurus, nascidos do temperamento, e aqueles nascidos da luxúria, ao todo de dez tipos, foram mencionados naquele tratado. As quatro espécies de vícios os quais os eruditos dizem serem nascidos da luxúria, isto é, caça, jogo, alcoolismo, e indulgência sexual, foram mencionados pelo Auto-nascido naquele trabalho. Grosseria em palavras, violência, severidade de punições, imposição de dor ao corpo, suicídio, e frustração dos próprios objetivos, estes são os seis tipos de falhas nascidas da ira, que também são mencionados. Diversas espécies de máquinas e suas ações são descritas lá. Devastação dos territórios do inimigo, ataques sobre inimigos, a destruição e remoção de marcos e outras indicações, a derrubada de árvores grandes (para privar o inimigo e os súditos do inimigo de sua sombra refrescante), cerco de fortes, supervisão da agricultura e outras operações úteis, o estoque de artigos necessários, mantos e trajes (de tropas), e os melhores meios de fabricá-los, foram todos descritos. As características e usos de Panavas, Anakas, conchas, e baterias, ó Yudhishthira, os seis tipos de artigos (isto é, pedras preciosas, animais, terras, mantos, escravas, e ouro) e os meios de adquiri-los (para si próprio) e de destruí-los (para prejudicar o inimigo), pacificação de territórios recém adquiridos, honrar os bons, cultivar amizade com os eruditos, conhecimento das regras em relação a doações e ritos religiosos tais como homa, o toque de artigos auspiciosos, atenção ao adorno do corpo, a maneira de preparar e de usar alimento, piedade de comportamento, o alcance de prosperidade por seguir em um caminho, veracidade de palavra, gentileza de palavra, observância de atos realizados em ocasiões de festividades e reuniões sociais e aqueles feitos dentro do lar, os atos abertos e secretos de pessoas em todos os lugares de reunião, a supervisão constante do comportamento de homens, a imunidade de Brahmanas de punição, a imposição de castigo razoável, honras prestadas a dependentes em consideração de parentesco e mérito, a proteção de súditos e os meios de estender o reino, os conselhos que um rei que vive no meio de uma dúzia de reis deve seguir a respeito dos quatro tipos de inimigos, os quatro tipos de aliados, e os quatro tipos de neutros, os setenta e dois atos prescritos em trabalhos médicos acerca da proteção, exercício, e melhoras do corpo, e as práticas de países, tribos, e famílias específicos, foram todos devidamente tratados naquele trabalho. Virtude, Lucro, e Prazer, e Emancipação, foram também descritos nele. Os diversos meios de aquisição, o desejo por diversos tipos de riqueza. A doação de presentes abundantes, os métodos de agricultura e outras operações que formam a principal fonte de renda, e os vários meios para produzir e aplicar ilusões, os métodos pelos quais água estagnada é tornada poluída, foram prescritos nele. Todos aqueles meios, ó tigre entre reis, pelos quais homens podem ser impedidos de se desviarem do caminho da retidão e honestidade, foram todos descritos nele. Tendo composto aquele tratado altamente benéfico, o Senhor divino disse alegremente às divindades tendo Indra

como seu comandante, estas palavras: 'Para o bem do mundo e para estabelecer o triplo agregado (isto é, Virtude, Lucro, e Prazer), eu compus esta ciência representando o principal dos discursos. Ajudada pela punição, esta ciência protegerá o mundo. Tratando de recompensas e castigos, esta ciência operará entre homens. E porque homens são levados (à conquista dos objetivos de sua existência) pelo castigo, ou, em outras palavras, o castigo lidera ou governa tudo, portanto esta ciência será conhecida nos três mundos como Dandaniti (ciência de castigo). Contendo a essência de todos os atributos do agregado de seis, esta ciência sempre será muito considerada por todas as pessoas de grande alma. Virtude, Lucro, Prazer, e Salvação foram todos tratados nela.' Depois disto, o marido de Uma, o divino e multiforme Siva de olhos grandes, o Fonte de todas as bênçãos, primeiro a estudou e a dominou a fundo. Em vista, no entanto, da diminuição gradual do período de vida dos seres humanos, o divino Siva resumiu aquela ciência de grave importância compilada por Brahman. O resumo, chamado Vaisalakasha, consistindo em dez mil lições, foi então recebido por Indra devotado a Brahman e dotado de grande mérito ascético. O divino Indra também o resumiu para um tratado consistindo em cinco mil lições e chamou-o de Vahudantaka. Depois o pujante Vrihaspati, por meio de sua inteligência, resumiu mais o trabalho para um tratado consistindo em três mil lições e chamou-o de Varhaspatya. Em seguida, aquele preceptor de Yoga, de grande celebridade, isto é, Kavi de sabedoria incomensurável, o reduziu para um trabalho de mil lições. Em vista do período de vidas dos homens e do declínio geral (de tudo), os grandes Rishis, para beneficiar o mundo, resumiram dessa maneira aquela ciência. Os deuses então, se aproximando daquele senhor de criaturas, isto é, Vishnu, disseram a ele, 'Indique, ó deus, aquele entre os mortais que merece ter superioridade sobre o resto.' O divino e poderoso Narayana, refletindo um pouco, criou, por um decreto de sua vontade, um filho nascido de sua energia, chamado Virajas. O altamente abençoado Virajas, no entanto, não desejou soberania sobre a terra. Sua mente, ó filho de Pandu, se inclinou para uma vida de renúncia. Virajas teve um filho chamado Krittimat. Ele também renunciou ao prazer e divertimento. (Literalmente, ‘ergueu-se acima dos cinco’ no sentido de ter renunciado ao mundo.) Krittimat teve um filho chamado Kardama. Kardama também praticou austeridades severas. O senhor de criaturas, Kardama, gerou um filho chamado Ananga. Ananga se tornou um protetor de criaturas, pio em comportamento, e totalmente conhecedor da ciência de punição. Ananga gerou um filho chamado Ativala, bem versado em política. Obtendo um extenso império depois do falecimento de seu pai, ele se tornou um escravo de suas paixões. Mrityu, ó rei, tinha uma filha nascida de sua mente, chamada Sunita e famosa nos três mundos. Ela foi casada com Ativala e deu nascimento a um filho chamado Vena. Vena, um escravo da ira e malícia, se tornou injusto em sua conduta em direção a todas as criaturas. Os Rishis, aqueles proferidores de Brahma, o mataram com folhas Kusa (como sua arma) inspiradas com mantras. Proferindo mantras, aqueles Rishis perfuraram a coxa direita de Vena. Então, daquela coxa, saiu uma pessoa de membros curtos sobre a terra, parecendo com um pedaço de madeira queimada, com olhos da cor de sangue e cabelo preto. Aquele proferidores de Brahma disseram a ele, 'Nishida (sente) aqui!' Dele surgiram os Nishadas, aquelas tribos perversas que têm as colinas e as florestas como sua residência, como também aquelas centenas e milhares de

outras chamadas Mlechchhas, residindo nas montanhas Vindhya. Os grandes Rishis então perfuraram o braço direito de Vena. De lá surgiu uma pessoa que era um segundo Indra em forma. Vestido em cota de malha, armado com cimitarras, arcos, e setas, e bem versado na ciência de armas, ele conhecia totalmente os Vedas e seus ramos. Todas as ordenanças da ciência de castigo, ó rei, (em suas formas incorporadas) se aproximaram daquele melhor dos homens. O filho de Vena então, com mãos unidas, disse àqueles grandes Rishis, 'Eu obtive uma compreensão que é muito aguçada e é observadora da justiça. Digam-me em detalhes o que eu devo fazer com ela. A tarefa útil que lhes agradar indicar eu realizarei sem hesitação.' Assim endereçados, os deuses que estavam presentes lá, como também os Rishis, disseram a ele, 'Realize destemidamente todas aquelas tarefas nas quais a justiça sempre reside. Desconsiderando o que é caro e o que não é, olhe para todas as criaturas com um olhar imparcial. Lançando à distância luxúria e ira e cobiça e honra, e, sempre observando os ditames da justiça, puna com tuas próprias mãos o homem, quem quer que ele possa ser, que se desviar do caminho do dever. Jure também que tu irás, em pensamentos, palavras, e ações, sempre manter a religião inculcada na terra pelos Vedas. Jure em seguida que tu manterás destemidamente os deveres prescritos nos Vedas com a ajuda da ciência de castigo, e que tu nunca agirás com inconstância. Ó pujante, saiba que Brahmanas estão isentos de castigo, e prometa além disso que tu protegerás o mundo de uma mistura de castas.' Assim endereçado, o filho de Vena respondeu para as divindades encabeçadas pelos Rishis, dizendo, 'Aqueles touros entre homens, isto é, os Brahmanas altamente abençoados, sempre serão adorados por mim.' Aqueles proferidores de Brahma então disseram a ele, 'Assim seja'. Então Sukra, aquele vasto receptáculo de Brahma, se tornou seu sacerdote. Os Valakhilyas se tornaram seus conselheiros, e os Saraswatas seus companheiros. O grande e ilustre Rishi Garga se tornou seu astrólogo. Esta declaração sublime dos Srutis é corrente entre os homens que Prithu é o oitavo de Vishnu. Um pouco antes, as duas pessoas chamadas Suta e Magadha tinham vindo à existência. Eles se tornaram seus bardos e panegiristas. Satisfeito, Prithu, o filho nobre de Vena, possuidor de grande destreza, deu para Suta a terra situada na costa, e para Magadha o país desde então conhecido como Magadha. Nós soubemos que a superfície da terra antes era muito irregular. Foi Prithu quem fez a superfície da terra nivelada. Em todo Manwantara, a terra se torna acidentada. (Um Manwantara é um período de tempo muito longo, não diferente de uma era geológica.) O filho de Vena removeu as rochas e massas rochosas que se encontravam por toda parte, ó monarca, com o corno de seu arco. Dessa maneira as colinas e montanhas foram aumentadas. Então Vishnu, e as divindades de Indra, e os Rishis, e os Regentes do mundo, e os Brahmanas, se reuniram para coroar Prithu (como o rei do mundo). A própria terra, ó filho de Pandu, em sua forma incorporada, foi até ele, com um tributo de jóias e pedras preciosas. O oceano, aquele senhor dos rios, e Himavat, o rei das montanhas, e Sakra, ó Yudhishthira, concederam a ele riqueza inesgotável. O grande Meru, aquela montanha de ouro, deu a ele pilhas daquele metal precioso. O divino Kuvera, carregado nos ombros de seres humanos, aquele senhor de Yakshas e Rakshasas, deu a ele riqueza suficiente para satisfazer as necessidades de religião, lucro, e prazer. Corcéis, carros, elefantes, e homens, aos milhões, ó filho

de Pandu, começaram a viver logo que o filho de Vena pensou neles. Naquele tempo não havia nem decrepitude, nem fome, nem calamidades, nem doença (sobre a terra). Pela proteção proporcionada por aquele rei, ninguém tinha qualquer medo de répteis e ladrões ou de qualquer outra fonte. Quando ele procedia para o oceano, as águas costumavam ser solidificadas. As montanhas lhe davam caminho, e seu estandarte nunca era obstruído em algum lugar. Ele tirou da terra, como um leiteiro de uma vaca, dezessete tipos de colheitas para a alimentação de Yakshas, e Rakshasas, e Nagas, e outras criaturas. Aquele rei de grande alma fez todas as criaturas respeitarem a justiça como a principal de todas as coisas; e porque ele satisfez todas as pessoas, portanto, ele foi chamado de Rajan (rei). E porque ele também curou os ferimentos de Brahmanas, portanto, ele ganhou o nome de Kshatriya. E porque a terra (na região dele) se tornou célebre pela prática da virtude, portanto, ela veio a ser chamada por muitos como Prithvi. O próprio Vishnu eterno, ó Bharata, confirmou seu poder, dizendo a ele, 'Ninguém, ó rei, te superará.' O divino Vishnu entrou no corpo daquele monarca em consequência de suas penitências. Por esta razão, o universo inteiro ofereceu culto divino a Prithu, incluído entre deuses humanos (deuses humanos = reis). Ó rei, teu reino deve sempre ser protegido pela ajuda da ciência de castigo. Tu deves também, por observação cuidadosa feita através dos movimentos de teus espiões, protegê-lo de tal maneira que ninguém possa ser capaz de prejudicá-lo. Todas as boas ações, ó rei, levam ao bem (do monarca). A conduta de um rei deve ser regulada por sua própria inteligência, como também pelas oportunidades e meios que possam se oferecer por si mesmos. Que outra causa há pela qual a multidão vive em obediência a um, exceto a divindade do monarca? Naquele tempo um lótus dourado nasceu da fronte de Vishnu. A deusa Sree nasceu daquele lótus. Ela se tornou a esposa de Dharma de grande inteligência. Em Sree, ó filho de Pandu, Dharma gerou Artha. Todos os três, isto é, Dharma, e Artha e Sree, foram estabelecidos em soberania. Uma pessoa após o esgotamento de seus méritos desce do céu para a terra, e toma nascimento como um rei conhecedor da ciência de punição. Tal pessoa se torna dotada de grandeza e é realmente uma porção de Vishnu sobre a terra. Ele se torna possuidor de grande inteligência e obtém superioridade sobre outros. Estabelecido pelos deuses, ninguém o supera. É por esta razão que todos agem em obediência a um, e é por isto que o mundo não pode comandá-lo. Bons atos, ó rei, levam ao bem. É por isto que a multidão obedece suas palavras de comando, embora ele pertença ao mesmo mundo e seja possuidor de membros similares. Aquele que uma vez viu o rosto amável de Prithu se tornou obediente a ele. Desde então ele começou a considerá-lo como bonito, rico, e altamente abençoado. Pelo poder de seu cetro, a prática de moralidade e comportamento justo se tornou tão visível na terra. E é por esta razão que a terra se tornou coberta de virtude.'"

"Assim, ó Yudhishthira, as histórias de todos os acontecimentos passados, a origem dos grandes Rishis, as águas sagradas, os planetas e estrelas e constelações, os deveres em relação aos quatro modos de vida, os quatro tipos de Homa, as características das quatro classes de homens, e os quatro ramos de aprendizagem, foram todos tratados naquele trabalho (do Avô). Quaisquer objetos ou coisas, ó filho de Pandu, que existam na terra, foram todos incluídos naquele

tratado do Avô. Histórias e os Vedas e a ciência de Nyaya foram todos tratados nele, como também penitências, conhecimento, abstenção de injúria em relação a todas as criaturas, verdade, mentira, e moralidade superior. Culto de pessoas idosas, doações, pureza de comportamento, prontidão para esforço, e compaixão por todas as criaturas, foram totalmente descritos nele. Não há dúvida nisto. Desde aquele tempo, ó monarca, os eruditos começaram a dizer que não há diferença entre um deus e um rei. Eu agora te disse tudo sobre a grandeza dos reis. Qual outro assunto há, ó chefe dos Bharatas, sobre o qual eu terei que falar em seguida?"'

60

Vaisampayana disse, "Depois disto, Yudhishthira saudou seu avô, o filho de Ganga, e com mãos unidas e atenção concentrada uma vez mais o questionou, dizendo, 'Quais são os deveres gerais das quatro classes de homens, e quais são os deveres especiais de cada classe? Qual modo de vida deve ser adotado por qual ordem? Quais deveres são especialmente chamados de deveres de reis? Por quais meios um reino cresce, e quais são aqueles meios pelos quais o próprio rei cresce? Como também, ó touro da raça Bharata, os cidadãos e os empregados do rei crescem? Quais tipos de tesourarias, punições, fortes, aliados, conselheiros, sacerdotes, e preceptores, um rei deve evitar? (A diferença entre um Ritwija e um Purohita é que o primeiro é contratado em ocasiões especiais, enquanto os serviços do último são permanentes e constantes.) Em quem o rei deve confiar em quais tipos de infortúnio e perigo? De quais males o rei deve se proteger firmemente? Diga-me tudo isto, ó avô!'"

"Bhishma disse, 'Eu reverencio Dharma que é sublime, e Krishna que é Brahma. Tendo reverenciado também os Brahmanas (aqui reunidos), eu irei discorrer sobre deveres que são eternos. Supressão da ira, veracidade de palavra, justiça, perdão, geração de filhos nas próprias esposas, pureza de conduta, evitação de disputas, simplicidade, e sustento de dependentes, estes nove deveres pertencem a todas as quatro classes (igualmente). Aqueles deveres, no entanto, os quais pertencem unicamente aos Brahmanas, eu agora te direi. Autodomínio, ó rei, é declarado como o primeiro dever dos Brahmanas. Estudo dos Vedas, e paciência em passar por austeridades, (são também seus outros deveres). Por praticar estes dois, todos os seus atos são realizados. Se enquanto empenhados no cumprimento de seus próprios deveres, sem fazer alguma ação imprópria, a riqueza vem para um Brahmana pacífico possuidor de conhecimento, ele deve então se casar e procurar gerar filhos e deve também praticar caridade e realizar sacrifícios. É declarado pelos sábios que a riqueza assim obtida deve ser desfrutada por distribuí-la (entre pessoas merecedoras e parentes). Por seu estudo dos Vedas todas as ações pias (prescritas para o Brahmana) são realizadas. Se ele realiza ou não qualquer coisa a mais, se ele se dedica ao estudo dos Vedas, ele se torna (por isto) conhecido como um Brahmana ou o amigo de todas as criaturas. Eu também te direi, ó Bharata, quais são os deveres de um Kshatriya. Um Kshatriya, ó rei, deve dar mas não mendigar, deve ele

mesmo realizar sacrifícios mas não oficiar como um sacerdote nos sacrifícios de outros. Ele nunca deve ensinar (os Vedas) mas estudá-los (com um preceptor Brahmana). Ele dever proteger as pessoas. Sempre se esforçando para a destruição de ladrões e pessoas vis, ele deve aplicar sua destreza em batalha. Aquele entre os soberanos Kshatriya que realiza sacrifícios grandiosos, que possui um conhecimento dos Vedas, e que ganha vitórias em batalha, se torna o principal daqueles que alcançam muitas regiões abençoadas após a morte por seu mérito. Pessoas conhecedoras das escrituras antigas não louvam o Kshatriya que retorna ileso da batalha. Esta é declarada como a conduta de um Kshatriya desprezível. (Isto é, retornar sem ferimentos da batalha.) Não há dever maior para ele do que a repressão de ladrões. Doações, estudo, e sacrifícios trazem prosperidade para os reis. Portanto, um rei que deseja adquirir mérito religioso deve se engajar em batalha. (Pois sem batalha, ele não pode expandir seu reino e obter riqueza para doar e pagar as despesas de sacrifícios.) Estabelecendo todos os seus súditos no cumprimento de seus respectivos deveres, o rei deve fazer todos eles fazerem tudo segundo os ditames de retidão. Ele faça ou não faça qualquer outro ato, se ele somente protege seus súditos, ele é considerado como tendo realizado todos os atos religiosos e é chamado de um Kshatriya e o principal dos homens. Eu agora te direi, ó Yudhishthira, quais são os deveres eternos do Vaisya. Um Vaisya deve fazer doações, estudar os Vedas, realizar sacrifícios, e adquirir riqueza por meios honestos. Com atenção apropriada ele deve também proteger e criar todos os animais (domésticos) como um pai protegendo seus filhos. Qualquer coisa a mais que ele fizer será considerada como imprópria para ele. Por proteger os animais (domésticos), ele obterá grande felicidade. O Criador, tendo criado os animais (domésticos), outorgou seu cuidado ao Vaisya. Ao Brahmana e ao Kshatriya ele conferiu (o cuidado de) todas as criaturas. Eu te direi qual é a profissão do Vaisya e como ele deve ganhar os meios de seu sustento. Se ele mantém (para outros) seis vacas, ele pode pegar o leite de uma vaca como sua remuneração; e se ele mantém (para outros) cem vacas, ele pode pegar um único par como tal taxa. Se ele comercia com a riqueza de outro, ele pode pegar uma sétima parte dos lucros (como sua parte). Um sétimo também é sua parte nos lucros resultantes do comércio de chifres, mas ele deve pegar uma décima sexta parte se o comércio for em cascos. Se ele se dedica ao cultivo com sementes fornecidas por outros, ele pode pegar uma sétima parte da produção. Esta deve ser sua remuneração anual. Um Vaisya nunca deve desejar não cuidar do gado. Se um Vaisya deseja cuidar do gado, ninguém mais deve ser empregado naquela tarefa. Eu devo te dizer, ó Bharata, quais são os deveres de um Sudra. O Criador destinou o Sudra para se tornar o servidor das outras três classes. Por isto, o serviço das três outras classes é o dever do Sudra. Por tal serviço das outras três, um Sudra pode obter grande felicidade. Ele deve servir as três outras classes de acordo com sua ordem de superioridade em idade. Um Sudra nunca deve acumular riqueza, a fim de ele que não faça, por meio de sua riqueza, os membros das três classes superiores obedientes a ele. Por isto ele incorreria em pecado. Com a permissão do rei, no entanto, um Sudra, para realizar ações religiosas, pode ganhar riqueza. Eu agora te direi a profissão que ele deve seguir e os meios pelos quais ele pode ganhar seu meio de vida. É dito que os Sudras devem certamente ser mantidos pelas outras (três) classes. Guarda-sóis usados,

turbantes, camas e assentos, sapatos, e leques, devem ser dados aos empregados Sudra. Roupas rasgadas as quais não são mais adequadas para o uso, devem ser doadas pelas classes regeneradas para o Sudra. Estas são as aquisições legais do último. Homens conhecedores de moralidade dizem que se o Sudra se aproxima de alguém pertencente às três ordens regeneradas desejando prestar serviço, o último deve lhe atribuir um trabalho apropriado. Ao Sudra sem filhos seu mestre deve oferecer o bolo fúnebre. Os fracos e os velhos entre eles devem ser sustentados. O Sudra nunca deve abandonar seu mestre, qualquer que seja a natureza ou o grau do infortúnio no qual o último possa cair. Se o mestre perde sua riqueza, ele deve com zelo excessivo ser sustentado pelo empregado Sudra. Um Sudra não pode ter alguma riqueza própria. O que quer que ele possua pertence legalmente a seu patrão. O sacrifício é prescrito como um dever das outras três classes. Ele é ordenado para o Sudra também, ó Bharata! Um Sudra, no entanto, não é qualificado para proferir swaha e swadha ou algum outro mantra Védico. Por esta razão, o Sudra, sem observar os votos prescritos nos Vedas, deve adorar os deuses em sacrifícios menores chamados Paka-yajnas. A doação chamada Purna-patra é declarada como o Dakshina de tais sacrifícios. (Um Paka-yajna é um sacrifício menor, tal como a propiciação de um planeta pressagiando mal, ou culto oferecido para as divindades inferiores chamadas Viswadevas. Um Purnapatra é literalmente um prato grande ou cesta cheia de arroz. Ele deve consistir em 256 punhados. Além de um Purnapatra, o Sudra não deve dar qualquer outro Dakshina em qualquer sacrifício dele.) É sabido por nós que antigamente um Sudra de nome Paijavana deu um Dakshina (em um de seus sacrifícios) consistindo em cem mil Purnapatras, de acordo com a ordenança chamada Aindragni. (Essa ordenança declara que o Dakshina deve ser cem mil animais tais como vacas ou cavalos. No caso desse Sudra específico, aquela ordenança (sem seus mantras) foi seguida, e cem mil Purnapatras foram substituídos por vacas ou cavalos daquele número.) Sacrifício (como já foi dito), é prescrito tanto para o Sudra quanto para as outras três classes. De todos os sacrifícios, a devoção é declarada como o principal. (Consequentemente o Sudra, por devoção aos membros das três outras classes, pode ganhar o mérito de sacrifícios embora ele não seja qualificado para proferir mantras.) A Devoção é uma divindade sublime. Ela purifica todos os sacrificadores. Então também os Brahmanas são os principais dos deuses para seus respectivos servidores Sudra. Eles adoram os deuses em sacrifícios, para obter a realização de vários desejos. Os membros das outras três classes todos surgiram dos Brahmanas. (Por esta razão o Sudra ganha o mérito dos sacrifícios realizados por seus mestres e progenitores Brahmana.) Os Brahmanas são os deuses dos próprios deuses. O que quer que eles digam será para o teu maior bem. Portanto, todos os tipos de sacrifícios naturalmente concernem a todas as quatro classes. A obrigação não é uma cujo cumprimento seja opcional. O Brahmana, que está familiarizado com Richs, Yajuses, e Samans, deve sempre ser adorado como um deus. O Sudra, que não tem Richs e Yajuses e Samans, tem Prajapati como seu deus. (O Brahmana conhecedor dos Vedas é ele mesmo um deus. O Sudra, embora incompetente para ler os Vedas e proferir mantras Védicos, tem Prajapati como seu deus a quem ele pode cultuar com ritos a não ser aqueles declarados nos Vedas. Os Brahmanas têm Agni como seu deus, e os Kshatriyas, Indra.) Sacrifício

mental, ó majestade, é prescrito para todas as classes, ó Bharata! Não é verdade que os deuses e outras pessoas (superiores) não manifestam um desejo de partilhar as oferendas em tais sacrifícios mesmo de um Sudra. (Sacrifícios são realizados pelo corpo, por palavras, e pela mente. O Brahmana pode realizar sacrifícios por meio de todos os três. O Kshatriya e o Vaisya não podem realizar sacrifícios por meio de seus corpos. Eles devem empregar Brahmanas em seus sacrifícios. Estas duas classes, no entanto, podem proferir mantras e realizar sacrifícios mentais. O Sudra somente não pode empregar seu corpo ou proferir mantras em sacrifícios. O sacrifício sagrado no caso dele é o sacrifício mental. Um sacrifício mental é uma resolução de doar em honra dos deuses ou para os deuses sem a ajuda do ritual Védico. A resolução deve ser seguida por doações reais.) Por esta razão, o sacrifício que consiste em devoção é prescrito para todas as classes. (Isto é, para o Sudra também.) O Brahmana é o principal dos deuses. Não é verdade que aqueles que pertencem àquela classe não realizam os sacrifícios das outras classes. O fogo chamado Vitana, embora obtido de Vaisyas e inspirado com mantras, ainda é inferior. (Todos os fogos sacrificais, como uma regra, são obtidos das casas de Vaisyas. O fogo sacrifical de um Sudra é chamado de Vitana.) O Brahmana é o realizador dos sacrifícios das três outras classes. Por esta razão todas as quatro classes são sagradas. Todas as classes têm umas com as outras uma relação de consanguinidade, através das classes intermediárias. Elas todas surgiram dos Brahmanas. Ao se averiguar (a prioridade ou subsequência de homens em relação à sua criação) aparecerá que entre todas as classes o Brahmana foi criado primeiro. Originalmente Saman era um; Yajus era um, e Rik era um. (Embora originalmente um, os Vedas se tornaram diversos. Similarmente, do Brahmana que foi criado primeiro, todo o resto surgiu.) Ligado a isto, pessoas conhecedoras das histórias antigas citam um verso, ó rei, cantado em louvor de sacrifício pelos Munis Vaikhanasa na ocasião da realização de um sacrifícios deles. Antes ou depois do nascer do sol uma pessoa de sentidos subjugados, com coração cheio de devoção, despeja libações no fogo (sacrifical) de acordo com a ordenança. A devoção é um agente poderoso. Com relação a homas também, aquela variedade que é chamada de skanna é a inicial, enquanto aquela que é chamada de askanna é a última (mas a principal em mérito). Sacrifícios são variados. Seus ritos e resultados também são variados. O Brahmana possuidor de devoção que, dotado de conhecimento das escrituras, que é familiarizado com todas elas, é competente para realizar sacrifícios. Aquele que deseja realizar um sacrifício é considerado como virtuoso mesmo que ocorra de ele ser um ladrão, um pecador, ou o pior dos pecadores. Os Rishis elogiam tal homem. Sem dúvida eles estão certos. Esta então é a conclusão que todas as classes devem sempre e por todos meios em seu poder realizar sacrifícios. Não há nada nos três mundos igual ao sacrifício. Portanto, é dito que cada um, com coração livre de malícia, deve realizar sacrifícios, ajudado pela devoção que é sagrada, da melhor maneira que possa e de acordo com o que lhe agrada.'"

61

"Bhishma disse, 'Ó tu de braços poderosos, escute agora a mim, ó tu de destreza incapaz de ser frustrada, enquanto eu menciono os nomes dos quatro modos de vida e os deveres em relação a cada um. Os quatro modos são Vanaprastha, Bhaikshya, Garhasthya de grande mérito, e Brahmacharya que é adotado por Brahmanas. Passando pelo rito purificatório em relação a portar madeixas emaranhadas, depois de ter passado pelo rito de regeneração e realizado por algum tempo os ritos em relação ao fogo sagrado e estudado os Vedas, um homem deve, com alma purificada e sentidos sob controle, tendo primeiro realizado cuidadosamente todos os deveres do modo chamado Garhasthya, proceder, com ou sem sua esposa, para as florestas para a adoção do modo chamado Vanaprastha. Tendo estudado as escrituras chamadas Aranyakas, tendo retido seu fluido vital e tendo se afastado de todos os assuntos mundanos, o recluso virtuoso então pode alcançar uma absorção com a Alma eterna que não conhece decadência. Estas são as indicações de Munis que retiveram seu fluido vital. Um Brahmana erudito, ó rei, deve primeiro praticá-las e realizá-las. O Brahmana, ó rei, que deseja a emancipação, isto é bem conhecido, é capaz de adotar o modo de vida Bhaikshya depois de ter passado pelo modo chamado Brahmacharya. Dormindo naquele local (no decurso de suas andanças) onde a noite o alcança, sem desejo de melhorar sua situação, sem um lar, subsistindo de qualquer alimento que seja obtido (em caridade), dado à contemplação, praticando autodomínio, com os sentidos sob controle, sem desejo, considerando todas as criaturas igualmente, sem divertimentos, sem antipatia por qualquer coisa, o Brahmana possuidor de erudição, por adotar este modo de vida, alcança a absorção com a Alma eterna que sabe não conhece decadência. A pessoa que leva o modo de vida Garhasthya deve, depois de estudar os Vedas, realizar todas as ações religiosas prescritas para ela. Ele deve gerar filhos e desfrutar de prazeres e confortos. Com atenção cuidadosa ele deve cumprir todos os deveres deste modo de vida que é elogiado por ascetas e que é extremamente difícil de se atravessar (sem transgressões). Ele deve estar satisfeito com sua própria esposa e nunca deve se aproximar dela exceto na época apropriada. Ele deve cumprir as ordenanças das escrituras, não deve ser astuto e enganador. Ele dever ser moderado em dieta, devotado aos deuses, grato, meigo, desprovido de crueldade, e generoso. Ele deve ter o coração tranquilo, ser tratável e atento em fazer oferendas para os deuses e para os Pitris. Ele deve sempre ser hospitaleiro para os Brahmanas. Ele não deve ter orgulho, e sua caridade não deve ser limitada a algum único partido. Ele deve também ser sempre dedicado à realização dos ritos Védicos. Sobre isto, os ilustres e grandes Rishis citam um verso cantado pelo próprio Narayana, de grave significado e dotado de grande mérito ascético. Escute-me enquanto eu o repito. 'Por verdade, simplicidade, culto de convidados, aquisição de moralidade e lucro, e desfrute das próprias esposas, um homem deve desfrutar de diversos tipos de felicidade aqui e no futuro.' Os grandes Rishis dizem que o sustento de filhos e esposas, e o estudo dos Vedas, formam os deveres daqueles que levam este modo de vida superior. O Brahmana

que, sempre dedicado à realização de sacrifícios, pratica devidamente este modo de vida e cumpre apropriadamente todos os seus deveres, obtém recompensas abençoadas no céu. Após sua morte, as recompensas desejadas por ele se tornam imortais. De fato, estas o servem pela eternidade como criados sempre alertas para cumprir as ordens de seu patrão. (Literalmente, 'com olhos, cabeça, e rosto em todos os lados.') Sempre prestando atenção aos Vedas, recitando silenciosamente os mantras obtidos de seu preceptor, cultuando todas as divindades, ó Yudhishthira, cuidando e servindo respeitosamente seu preceptor com seu próprio corpo coberto com argila e sujeira, a pessoa levando o modo de vida Brahmacharya deve sempre cumprir votos rígidos e, com sentidos sob controle, deve sempre prestar atenção às instruções que tem recebido. Refletindo sobre os Vedas e cumprindo todos os deveres (em relação à contemplação e atos manifestos), ele deve viver, servindo respeitosamente seu preceptor e sempre o reverenciando. Não envolvido nos seis tipos de trabalho (tais como oficiar nos sacrifícios de outros), e nunca engajado com apego em algum tipo de ação, nunca mostrando predileção ou desagrado por alguém, fazendo o bem até para seus inimigos, estes, ó majestade, são os deveres declarados para um Brahmacharin!'"

62

"Yudhishthira disse, 'Fale sobre aqueles deveres em relação a pessoas como nós, os quais são auspiciosos, produtivos de felicidade no futuro, benévolos, aprovados por todos, aprazíveis e agradáveis.'"

"Bhishma disse, 'Os quatro modos de vida, ó poderoso, foram declarados para o Brahmana. As outras três classes não os adotam, ó melhor dos Bharatas! Muitos atos, ó rei, que levam para o céu e especialmente adequados para a ordem real, já foram declarados. Aqueles, no entanto, não podem ser apresentados como resposta para tua pergunta atual, pois todos eles foram devidamente declarados para tais Kshatriyas que não são desinclinados à impiedade. O Brahmana que é afeito às práticas de Kshatriyas e Vaisyas e Sudras, atrai crítica neste mundo como uma pessoa de alma pecaminosa e vai para o inferno no mundo seguinte. Aqueles nomes os quais são aplicados entre homens para escravos e cães e lobos e (outros) animais, são aplicados, ó filho de Pandu, ao Brahmana que está empenhado em atividades que são impróprias para ele. Aquele Brahmana que, em todos os quatro modos de vida, está devidamente engajado nas seis ações (de regular a respiração, contemplação, etc.), que realiza todos os seus deveres, que não é impaciente, que tem suas paixões sob controle, cujo coração é puro e que está sempre dedicado a penitências, que não tem desejo de melhorar suas perspectivas, e que é caridoso, tem regiões inesgotáveis de bem-aventurança no outro mundo. Cada um deriva sua própria natureza da natureza de suas ações, em relação a suas circunstâncias, lugar, e meios e motivos. Tu deves, portanto, ó rei, considerar o estudo dos Vedas, o qual é repleto de tal mérito superior, como igual ao esforço do poder real, ou as atividades de agricultura, comércio, e caça. O mundo é posto em movimento pelo Tempo. Suas operações são determinadas pela passagem do Tempo. O homem faz todos os seus atos, bons, maus, e

indiferentes, totalmente influenciado pelo Tempo. (Influenciado por atos passados cada um age em vidas subsequentes. Se ele é um caçador nesta vida, isto é porque a influência de muitos atos cruéis de uma vida passada o persegue mesmo nesta.) Aquelas entre as boas ações da vida passada de um homem que exercem a maior influência na próxima, estão sujeitas a se esgotarem. Os homens, no entanto, estão sempre engajados naquelas ações às quais suas propensões levam. Aquelas propensões, novamente, levam um ser vivo para todas as direções.'" (Os homens, portanto, não têm sempre saldo de boas ações para seu crédito. Eles são, no entanto, agentes livres; os novos atos que eles fazem determinam o caráter de suas próximas vidas.)

63

"Bhishma disse, 'Puxar a corda do arco, destruição de inimigos, agricultura, comércio, cuidar do gado, e servir aos outros por riqueza, estes são impróprios para um Brahmana. Um Brahmana inteligente, levando um modo de vida familiar, deve realizar devidamente as seis ações Védicas. A retirada de um Brahmana para as florestas, depois de ter cumprido devidamente todos os deveres do modo de vida familiar, é louvada. Um Brahmana deve evitar serviço do rei, riqueza obtida por agricultura, sustento derivado de comércio, todos os tipos de comportamento desonesto, companhia com alguém exceto suas esposas, e usura. O Brahmana desprezível que se desvia de seus deveres e cujo comportamento se torna pecaminoso, se torna, ó rei, um Sudra. O Brahmana que se casa com uma mulher Sudra, que se torna vil em conduta ou um dançarino ou um empregado em uma aldeia ou que faz outras ações impróprias, se torna um Sudra. Ele recite os Vedas ou não, ó rei, se ele faz tais ações impróprias, ele se torna igual a um Sudra, e em ocasiões de alimentação a ele deve ser designado um lugar entre Sudras. Tais Brahmanas se tornam iguais a Sudras, ó rei, e devem ser descartados em ocasiões de adoração aos Deuses. (Isto é, seus serviços como sacerdotes não devem ser aceitos.) Quaisquer doações de alimento oferecido aos deuses e aos Pitris feitas para Brahmanas que violaram todas as restrições, ou que se tornaram impuros em comportamento ou viciados em atividades pecaminosas e ações cruéis, ou que se desviaram de seus deveres legítimos, não conferem mérito (para o doador). Por esta razão, ó rei, autocontrole e pureza e simplicidade foram declarados como os deveres de um Brahmana. Além destes, ó monarca, todos os quatro modos de vida foram prescritos por Brahman para ele. Aquele que é autocontrolado, que tem bebido o Soma em sacrifícios, que é de bom comportamento, que tem compaixão por todas as criaturas e paciência para suportar tudo, que não tem desejo de melhorar sua posição por meio de aquisição de riqueza, que é franco e simples, gentil, livre de crueldade, e perdoador, é realmente um Brahmana e não aquele que é pecaminoso em ações. Homens desejosos de adquirir virtude procuram a assistência, ó rei, de Sudras e Vaisyas e Kshatriyas. Se, portanto, os membros destas (três) classes não adotam deveres pacíficos (assim como serem capazes de ajudar outros na aquisição de virtude), Vishnu, ó filho de Pandu, nunca estende sua graça a eles. Se Vishnu não está

satisfeito, a felicidade de todos os homens no céu, o mérito proveniente dos deveres declarados para as quatro classes, as declarações dos Vedas, todos os tipos de sacrifícios, e todas as outras ações religiosas de homens, e todos os deveres em relação aos vários modos de vida, vem a ser perdidos.'"

"'Ouça agora, ó filho de Pandu, àqueles deveres que devem ser cumpridos nos quatro modos de vida. Estes devem ser conhecidos pelo Kshatriya que deseja que os membros das outras (três) classes (em seu reino) adiram estritamente aos respectivos deveres daqueles modos. Para um Sudra que está desejoso de ouvir (tais escrituras que não são proibidas em seu caso), que tem cumprido seus deveres, que gerou um filho, entre quem e as classes superiores não há muita diferença por causa da pureza de sua conduta, todos os modos de vida foram declarados exceto a observância de calma total e autodomínio (os quais não são necessários para ele). Para um Sudra praticando todos estes deveres como também para um Vaisya, ó rei, e um Kshatriya, o modo de vida Bhikshu é declarado. Tendo cumprido os deveres de sua classe, e tendo também servido os parentes, um Vaisya de idade venerável, com a permissão do rei, pode se dirigir para outro modo de vida. Tendo estudado os Vedas devidamente e os tratados sobre os deveres de reis, ó impecável, tendo gerado filhos e realizado outras ações de natureza similar, tendo bebido o Soma e governado e protegido todos os seus súditos justamente, ó principal dos oradores, tendo realizado o Rajasuya, o Sacrifício de Cavalo, e outros grandes sacrifícios, tendo convidado Brahmanas eruditos para recitar as escrituras e feito presentes a eles de acordo com seus desejos, tendo obtido vitórias grandes ou pequenas em batalha, tendo colocado em seu trono seu filho ou algum Kshatriya de bom nascimento para a proteção dos súditos, tendo adorado os Pitris por realizar com os ritos devidos os sacrifícios prescritos para honrá-los, tendo adorado atentamente os deuses por realizar sacrifícios e os Rishis por estudar os Vedas, o Kshatriya que na velhice deseja outro modo de vida, pode, ó rei, adotá-lo por deixar aquele o qual imediatamente o precede, e dessa maneira ele com certeza obterá êxito (ascético). Um Kshatriya, para levar a vida de um Rishi, ó rei, pode adotar o modo de vida Bhikshu; mas ele nunca deve fazer isto para desfrutar dos prazeres do mundo. Tendo deixado o modo de vida familiar, ele pode adotar a vida de mendicância por pedir apenas o que sustente sua vida. Uma vida de mendicância não é obrigatória para as três classes (isto é, Kshatriyas, Vaisyas e Sudras), ó dador de presentes abundantes! Visto que, no entanto, eles o podem adotar se eles escolherem, este modo de vida, portanto, está aberto para as quatro classes. Entre homens, os mais elevados deveres são aqueles que são praticados pelos Kshatriyas. O mundo inteiro está sujeito ao poder de suas armas. Todos os deveres, principais e subordinados, das outras três classes, dependem (para sua observância) dos deveres do Kshatriya. Os Vedas declararam isto. Saiba que como as pegadas de todos os outros animais são engolfadas naquelas do elefante, assim mesmo os deveres das outras classes, sob todas as circunstâncias, são engolfados naqueles do Kshatriya. Homens conhecedores das escrituras dizem que os deveres das três outras classes fornecem pouco alívio ou proteção, e produzem recompensas pequenas. Os eruditos dizem que os deveres do Kshatriya fornecem grande alívio e produzem grandes recompensas. Todos os deveres têm os deveres reais como

seus principais. Todas as classes são protegidas por eles. Todo o tipo de renúncia ocorre nos deveres da realeza, ó monarca, e a renúncia é citada como estando na virtude eterna e a principal todas. (O rei tem direito a um sexto dos méritos adquiridos por seus súditos. O mérito total, portanto, do rei, proveniente da renúncia, é muito grande. Além disso, o mérito de todo o tipo de renúncia pertence a ele dessa maneira.) Se a ciência de punição desaparecesse, os Vedas desapareceriam. Todas aquelas escrituras também que inculcam os deveres de homens se perderiam. De fato, se estes deveres antigos pertencentes aos Kshatriyas fossem abandonados, todos os deveres em relação a todos os modos de vida seriam perdidos. Todas as espécies de renúncia são vistas nos deveres reais; todos os tipos de iniciação ocorrem neles; todos os tipos saber estão relacionados com eles; e todos os tipos de comportamento mundano entram neles. Como animais, se mortos pelo vulgar, se tornam os meios de destruir a virtude e as ações religiosas dos matadores, assim mesmo todos os outros deveres, se privados da proteção dada pelos deveres reais, ficam sujeitos a ataques e destruição, e os homens, cheios de ansiedade, desrespeitam as práticas declaradas para eles.'"

64

"Bhishma disse, 'Os deveres em relação aos quatro modos de vida, aqueles de yatis, ó filho de Pandu, e os costumes relativos à conduta dos homens em geral, estão todos incluídos nos deveres reais. Todos estes atos, ó chefe dos Bharatas, ocorrem nos deveres Kshatriya. Se as funções da realeza são perturbadas, todas as criaturas são alcançadas pelo mal. Os deveres de homens não são óbvios. Eles têm, além disso, muitas saídas. (Isto é, para determinar se os deveres reais são superiores àqueles declarados para os vários outros modos de vida). Levados por muitos sistemas (falsos), sua natureza eterna é às vezes contrariada. Outros que fixam sua fé nas conclusões alcançadas por homens, sem realmente saberem qualquer coisa acerca das verdades sobre os deveres (como declaradas nas escrituras), se encontram finalmente aterrados e confundidos em crenças cujos últimos fins são desconhecidos. Os deveres impostos sobre Kshatriyas são claros, produtivos de grande felicidade, evidentes em relação aos seus resultados, livres de engano, e benéficos para o mundo inteiro. Como os deveres das três classes, como também de Brahmanas e daqueles que se retiraram do mundo, ó Yudhishthira, foram antes disso citados como estando todos incluídos dentro daquele modo de vida sagrado (chamado Garhasthya), assim mesmo, todo o mundo, com todas as boas ações, está sujeito aos deveres dos reis. Eu te disse, ó monarca, como muito bravos reis, nos tempos passados, foram até aquele senhor de todas as criaturas, isto é, o divino e pujante Vishnu de grande destreza, para resolver suas dúvidas sobre a ciência de castigo. Aqueles reis, conscientes das declarações das escrituras reforçadas por exemplos, visitaram Narayana no passado, depois de terem pesado cada um de seus atos contra os deveres de cada um dos modos de vida. Aquelas divindades, isto é, os Sadhyas, os Vasus, os Aswins, os Rudras, os Viswas, os Maruts, e os Siddhas, criados antigamente pelo

primeiro dos deuses, são todos cumpridores dos deveres Kshatriya. Eu agora narrarei para ti uma história repleta de conclusões sobre moralidade e lucro. Antigamente, quando os Danavas tinham se multiplicado e varrido todas as barreiras e distinções (isto é, espalhado confusão sobre a terra), o poderoso Mandhatri, ó monarca, se tornou rei. Aquele soberano da terra, o rei Mandhatri, realizou um sacrifício grandioso pelo desejo de contemplar o pujante Narayana, aquele deus de deuses, sem início, meio, e fim. Naquele sacrifício ele adorou com humildade o sublime Vishnu. O Senhor Supremo, assumindo a forma de Indra, se mostrou para ele. Acompanhado por muitos bons reis ele ofereceu suas adorações para aquela divindade poderosa. Uma conversação excelente ocorreu entre aquele leão entre reis e aquele deus ilustre na forma de Indra, referente a Vishnu de grande refulgência.'"

"Indra disse, 'Qual é teu objetivo, ó principal das pessoas virtuosas, em assim procurar contemplar o Antigo e Primeiro dos deuses, isto é, Narayana, de energia inconcebível, e ilusões infinitas? Nem eu mesmo, nem o próprio Brahman, podemos obter uma visão daquele deus de forma universal. Eu te concederei quaisquer outros objetos que possam estar no teu coração, pois tu és o principal dos mortais. Tua alma permanece na paz; tu és dedicado à justiça; tu tens teus sentidos sob controle; e tu és possuidor de heroísmo. Tu procuras destemidamente fazer o que é agradável para os deuses. Por causa também da tua inteligência, devoção, e grande fé, eu te concederei quaisquer bênçãos que possam ser desejadas por ti.'"

"Mandhatri disse, 'Eu inclino minha cabeça para te gratificar. Sem dúvida, no entanto, eu desejo ver o primeiro dos deuses, ó Senhor Divino! Rejeitando todos os desejos (terrenos), eu desejo ganhar mérito religioso, e seguir o principal modo de vida, aquele caminho dos bons, altamente respeitado por todos. Por exercer os deveres superiores de um Kshatriya, eu tenho ganhado muitas regiões de mérito inesgotável no outro mundo, e eu tenho também, através daqueles deveres, espalhado minha fama. Eu, no entanto, não sei como cumprir aqueles deveres, os principais no mundo, que fluíram do primeiro dos deuses.'"

"Indra disse, 'Aqueles que não são reis, embora eles possam ser cumpridores de seus deveres, não podem facilmente obter as maiores recompensas do dever. Os deveres reais primeiro fluíram do deus original. Outros deveres fluíram depois de seu corpo. Infinitos eram os outros deveres, como aqueles do modo de vida Vanaprastha, que foram criados depois. Os frutos de todos eles são esgotáveis. Os deveres reais, no entanto, são eminentes sobre eles. Neles estão incluídos todos os outros deveres. Por esta razão os deveres Kshatriya são citados como os principais de todos. Nos tempos passados, Vishnu, por agir segundo os deveres Kshatriya, suprimiu e destruiu violentamente seus inimigos e assim concedeu alívio aos deuses e aos Rishis de energia incomensurável. Se o divino Vishnu de energia inconcebível não tivesse matado todos os seus inimigos entre os Asuras, então os Brahmanas, e (Brahman) o Criador dos mundos e deveres Kshatriya, e os deveres que primeiro fluíram da divindade Suprema, teriam sido todos destruídos. Se aquele primeiro e principal dos deuses, por empregar sua destreza, não tivesse subjugado a terra com todos os seus Asuras, então todos os deveres

das quatro classes e todos os deveres em relação aos quatro modos de vida teriam sido todos destruídos em consequência da destruição de Brahmanas. Os deveres eternos (de homens) todos teriam sofrido destruição. Foi pelo exercício dos deveres Kshatriya que eles foram revividos. Em todo Yuga, os deveres de Brahmanas em relação a alcançar Brahma começaram primeiro. Estes, no entanto, são todos protegidos pelos deveres reais. Os últimos, por causa disto, são considerados como os principais. Abandonar a vida em batalha, compaixão por todas as criaturas, conhecimento dos assuntos do mundo, proteção de homens, resgatá-los do perigo, ajudar os afligidos e os oprimidos, todos estes ocorrem entre os deveres Kshatriya praticados por Reis. Pessoas que não respeitam restrições saudáveis e são governadas por luxúria e ira, não cometem atos públicos de pecado por medo dos reis. Outros que são dóceis e de comportamento virtuoso têm êxito, pela mesma influência, em realizar todos os seus deveres. Por esta razão os deveres Kshatriya são considerados justos. Sem dúvida, todas as criaturas vivem alegremente no mundo, protegidas por reis exercendo deveres Kshatriya como crianças protegidas por seus pais. Os deveres Kshatriya são os principais de todos os deveres. Aqueles deveres eternos, considerados como os mais importantes no mundo, abarcam a proteção de todas as criaturas. Eles mesmos eternos, eles levam à emancipação eterna.'"

65

"Indra disse, 'Os deveres Kshatriya, ó rei, os quais são possuidores de tal energia, que incluem em seu exercício todos os outros deveres, e que são os principais de todos os deveres, devem ser observados por pessoas que são, assim como tu, de grande alma e muito empenhadas em procurar o bem do mundo. Se aqueles deveres não fossem cumpridos devidamente, todas as criaturas seriam alcançadas pela ruína. Os reis possuidores de compaixão por todas as criaturas devem considerar estes como os seus deveres principais: reclamação da terra para cultivo e fertilização dela, realização de grandes sacrifícios para se purificar, uma desconsideração por mendicância, e proteção de súditos. Renúncia (doação) é citada pelos sábios como a principal das virtudes. De todos os tipos de renúncia, além disso, aquela do corpo em batalha é a principal. Tu viste com teus olhos como os soberanos da terra, sempre cumpridores dos deveres Kshatriya, tendo servido devidamente seus preceptores e adquirido grande erudição, finalmente abandonaram seus corpos, envolvidos em batalhas uns com os outros. O Kshatriya, desejoso de adquirir mérito religioso, deve, depois de ter praticado o modo Brahmacharya, levar uma vida familiar que é sempre meritória. Em presidir sobre questões comuns de direito (entre seus súditos), ele deve ser totalmente imparcial. Por fazerem todas as classes serem cumpridoras de seus respectivos deveres, pela proteção que eles concedem a todos, pelos diversos instrumentos e meios e pela destreza e esforço (com os quais eles procuram a realização de seus objetivos), os deveres Kshatriya, os quais incluem todos os outros deveres dentro de seu âmbito, são considerados como os principais. As outras classes podem cumprir seus respectivos deveres

em consequência dos deveres reais. Por esta razão os primeiros são citados como dependentes dos últimos em relação ao mérito que eles produzem. Os homens que desrespeitam todas as restrições saudáveis e que são muito ligados à perseguição de objetos mundanos são citados como sendo da natureza dos brutos. Eles são obrigados a agir com justiça pelo exercício dos deveres reais. Aqueles deveres, portanto, são considerados como os principais de todos. Aquela direção de conduta que foi prescrita para Brahmanas que seguem os três Vedas, e aqueles modos de vida que foram declarados para Brahmanas, devem, antes de tudo mais, ser cumpridos por todo Brahmana. Se um Brahmana age de outra maneira, ele deve ser punido como um Sudra. Os deveres dos quatro modos de vida e os rituais prescritos nos Vedas, ó rei, devem sempre ser seguidos por um Brahmana. Saiba que ele não tem outros deveres. Para um Brahmana agindo de outra maneira, um Kshatriya não deve fazer qualquer arranjo para sustento. Seu mérito religioso cresce por seus atos. Um Brahmana, de fato, é como o próprio Dharma. O Brahmana que está empenhado em ações que não são prescritas para ele não merece respeito. Se não engajado em seus atos apropriados, ele não é de confiança. Estes são os deveres que concernem às várias classes. Kshatriyas devem cuidar deles para que sua observância possa ser melhorada. Estes são os deveres dos Kshatriyas. Por estas razões também, os deveres reais e não outros são os principais de todos. Eles são, como eu creio, os deveres de heróis, e aqueles que são heróis são os principais em praticá-los.'"

"Mandhatri disse, 'Que deveres devem ser realizados pelos Yavanas, os Kiratas, os Gandharvas, os Chinas, os Savaras, os Barbaras, os Sakas, os Tusharas, os Kankas, os Pathavas, os Andhras, os Madrakas, os Paundras, os Pulindas, os Ramathas, os Kamvojas, as várias castas que surgiram de Brahmanas e Kshatriyas, os Vaisyas, e os Sudras, que residem nos domínios dos reis (Arya)? Quais são os deveres também pela observância dos quais reis como nós devemos dominar aquelas tribos que subsistem por meio de roubo? Eu desejo saber tudo isso. Ó deus ilustre, me instrua. Ó chefe de todas as divindades, tu és o amigo de nós Kshatriyas.'"

"Indra disse, 'Todas as tribos de ladrões devem servir seus pais e mães, seus preceptores e outros mais idosos, e reclusos vivendo nas florestas. Todas as tribos de ladrões devem também servir seus reis. Os deveres e ritos inculcados nos Vedas devem também ser seguidos por eles. Eles devem realizar sacrifícios em honra dos Pitris, cavar poços, (e dedicá-los para serviços gerais), dar água para viajantes com sede, doar camas e fazer outros presentes adequados para os Brahmanas. Abstenção de ferir, veracidade, supressão da raiva, sustento de Brahmanas e parentes por dar a eles o que lhes é de direito, sustento das esposas e filhos, pureza, calma, fazer doações para Brahmanas em sacrifícios de todos os tipos, são deveres que devem ser praticados por cada pessoa dessa classe que deseja sua própria prosperidade. Tal pessoa também deve realizar todos os tipos de Paka-yajnas com presentes caros de alimento e riquezas. Estes deveres e similares, ó impecável, foram declarados no passado para pessoas dessa classe. Todos estes atos, os quais foram prescritos para todas as outras, devem ser feitos também por pessoas da classe de ladrões, ó rei.'"

"Mandhatri disse, 'No mundo de homens, tais homens pecaminosos são vistos vivendo disfarçados entre todas as quatro classes e em todos os quatro modos de vida.'"

"Indra disse, 'Após o desaparecimento dos deveres reais e da ciência de punição, todas as criaturas ficaram extremamente aflitas, ó impecável, por causa da tirania dos reis. Depois do término dessa era Krita, uma confusão começará, em relação aos diferentes modos de vida, e inúmeros Bhikshus aparecerão com marcas sectárias de diferentes tipos. Desrespeitando os Puranas e as verdades superiores de religião, os homens, incitados por luxúria e ira, se desviarão para caminhos errados. Quando homens pecaminosos são refreados (de atos maus) por pessoas de grande alma com a ajuda da ciência de castigo, então a religião, que é superior a tudo e eterna, e que é a fonte de todo o bem, se torna firmemente estabelecida. As doações, e libações, e oferendas para os Pitris do homem que desrespeita o rei que é superior a todos, se tornam inúteis. Os próprios deuses não desconsideram um rei virtuoso que é realmente um deus eterno. O Senhor divino de todas as criaturas, tendo criado o universo, planejou o Kshatriya para governar homens com respeito a suas inclinações e desinclinações em relação aos deveres. Eu respeito e reverencio a pessoa que, ajudada por sua compreensão, vigia o rumo dos deveres realizados pelos homens. De tal supervisão dependem os deveres Kshatriya.'"

"Bhishma continuou, 'Tendo dito estas palavras, o divino e poderoso Narayana na forma de Indra, acompanhado pelos Maruts, se dirigiu para sua residência eterna de felicidade inesgotável. Quando, ó impecável, deveres como praticados pelos bons tinham tal rumo nos tempos passados, qual homem de alma purificada e erudição desrespeitaria o Kshatriya? Como homens cegos perdidos no caminho, criaturas agindo e se abstendo injustamente encontram a destruição. Ó tigre entre homens, adira àquele círculo (de deveres) que foi estabelecido primeiro e ao qual os antigos recorreram. Eu sei, ó impecável, que tu és bastante competente para fazer isso.'"

66

"Yudhishthira disse, 'Tu me falaste sobre os quatro modos de vida humana. Eu desejo saber mais sobre eles. Discorra sobre eles em detalhes.'"

"Bhishma disse, 'Ó Yudhishthira de braços poderosos, todos os deveres que são praticados pelos virtuosos neste mundo são tão conhecidos por ti quanto eles são conhecidos por mim. Ó principal das pessoas virtuosas, escute-me agora acerca do que tu perguntaste, isto é, o mérito (que um rei adquire) em consequência dos deveres praticados por outros que levam outros modos de vida. Todos os méritos, ó filho de Kunti, pertencentes às pessoas praticantes dos deveres dos quatro modos de vida se vinculam, ó principal dos homens, aos reis justos. Um rei que não é governado por luxúria e ódio, que governa com a ajuda

da ciência de castigo, e que olha igualmente para todas as criaturas, ó Yudhishthira, atinge o objetivo do modo de vida Bhaikshya (Este objetivo é Brahma). O rei que é possuidor de conhecimento, que faz doações para pessoas merecedoras em ocasiões apropriadas, que sabe como favorecer e punir, que se comporta em todas as coisas de acordo com as injunções das escrituras, e que tem tranquilidade de alma, alcança o objetivo do modo de vida Garhasthya. O rei que sempre cultua aqueles que são dignos de culto por lhes dar o que é devido, alcança completamente, ó filho de Kunti, o objetivo do modo de vida Bhaikshya. Aquele rei, ó Yudhishthira, que salva do infortúnio, ao melhor de seu poder, seus parentes e amigos, alcança o objetivo do modo de vida Vanaprashtha. O rei que em todas as ocasiões honra aqueles que são os principais entre os homens e aqueles que são os principais entre Yatis, alcança, ó filho de Kunti, o objetivo do modo de vida Vanaprashtha. O rei, ó Partha, que diariamente faz oferendas aos Pitris e grandes oferendas a todas as criaturas vivas incluindo homens, alcança o objetivo do mesmo modo de vida. O rei, ó tigre entre homens, que oprime os reinos de outros para proteger os virtuosos, alcança o objetivo do mesmo modo de vida. Pela proteção de todas as criaturas como também da proteção apropriada de seu reino, um rei ganha o mérito de tantos sacrifícios quanto o número de criaturas protegidas, e consequentemente alcança o objetivo do modo de vida Sannyasa. Estudo dos Vedas todos os dias, benevolência, e culto de preceptores, e serviços prestados para o próprio professor, levam ao alcance do objetivo de Brahmacharya. O rei que recita seus mantras silenciosamente todos os dias e que sempre cultua os deuses de acordo com a ordenança, alcança, ó tigre entre homens, o objetivo do modo de vida Garhasthya. Aquele rei que se envolve em batalha com a resolução de proteger seu reino ou encontrar a morte, alcança o objetivo do modo de vida Vanaprastha. O rei que doa para pessoas que levam o modo de vida Vanaprastha e para Brahmanas versados nos três Vedas alcança o objetivo do modo de vida Vanaprastha. O rei que demonstra compaixão por todas as criaturas e se abstém totalmente da crueldade, alcança os objetivos de todos os modos de vida. O rei, ó Yudhishthira, que mostra compaixão pelos jovens e pelos velhos, ó filho de Kunti, sob todas as circunstâncias, alcança os objetivos de todos os modos de vida. Aquele rei, ó perpetuador da linhagem de Kuru, que concede alívio para todas as pessoas oprimidas que procuram sua proteção, alcança o objetivo do modo de vida Garhasthya. O rei que protege todas as criaturas móveis e imóveis, e honra as que merecem, alcança o objetivo do modo de vida Garhasthya. Conceder favores e infligir castigos sobre as esposas e irmãos, mais velhos e mais novos, e sobre seus filhos e netos, são os deveres familiares de um rei e constituem suas melhores penitências. Por honrar aqueles que são virtuosos e merecedores de culto e proteger aqueles que (por suas penitências) adquiriram o autoconhecimento, um rei, ó tigre entre homens, alcança o objetivo do modo de vida Garhasthya. Convidar para sua casa, ó Bharata, as pessoas que se dirigiram para o Vanaprastha e para outros modos de vida, e tratá-las com alimento, constituem os deveres domésticos de um rei. O rei que adere devidamente aos deveres declarados pelo Criador, obtém os méritos abençoados de todos os modos de vida. O rei, ó filho de Kunti, em quem nenhuma virtude está faltando, aquele principal dos homens, ó Yudhishthira, é citado pelos eruditos como sendo uma pessoa na observância do Vanaprastha e de todos os

outros modos de vida. O rei que honra devidamente o ofício ou posto o qual merece honra, a linhagem ou família que merece honra, e os homens idosos que merecem honra é citado, ó Yudhishthira, como vivendo em todos os modos de vida. (Isto é, tal homem obtém os méritos de todos os modos de vida). Um rei, ó filho de Kunti, por cumprir os deveres de seu país e aqueles de sua família, obtém, ó tigre entre homens, os méritos de todos os modos de vida. O rei que em épocas apropriadas concede para pessoas virtuosas riquezas ou presentes de valor, ganha os méritos, ó rei, de todos os modos de vida. O rei, ó filho de Kunti, que enquanto dominado pelo perigo e medo ainda mantém seus olhos nos deveres de todos os homens (isto é, protege todos os homens na realização de seus deveres), ganha os méritos de todos os modos de vida. O rei obtém uma parte dos méritos ganhos sob sua proteção por pessoas justas em seus domínios. Por outro lado, se os reis, ó tigre entre homens, não protegem as pessoas justas dentro de seus domínios, eles então recebem os pecados das últimas (de omissão e comissão). Aqueles homens também, ó Yudhishthira, que ajudam os reis (na proteção de seus súditos), se tornam igualmente autorizados, ó impecável, a partilhar dos méritos ganhos por outros (em consequência daquela proteção). Os eruditos dizem que o Garhasthya, o qual nós temos adotado, é superior a todos os outros modos de vida. As conclusões a respeito disto são muito claras. Ele é certamente sagrado, ó tigre entre homens. O homem que respeita todas as criaturas como a si mesmo, que nunca faz algum mal e tem sua ira sob controle (que pune sem raiva), obtém grande felicidade neste e no outro mundo. Um rei pode cruzar facilmente o oceano do mundo, com os deveres reais como seu barco de grande velocidade, impulsionado pela brisa da caridade, tendo as escrituras como seu equipamento e inteligência como a força de seu timoneiro, e mantido à tona pelo poder da justiça. Quando o princípio de desejo em seu coração é afastado de todos os objetos terrestres, ele é então considerado como alguém que se apóia somente em sua compreensão. Neste estado ele logo alcança Brahma. Tornando-se contente pela meditação e por reprimir o desejo e outras paixões do coração, ó tigre entre homens, o rei, dedicado a cumprir o dever de proteção, consegue obter grande mérito. Portanto, ó Yudhishthira, te esforce cuidadosamente em proteger Brahmanas de atos pios e dedicados ao estudo dos Vedas, como também todos os outros homens. Por exercer o dever de proteção somente, ó Bharata, o rei ganha mérito que é cem vezes maior do que o que é obtido por reclusos em seus retiros dentro das florestas.'

"Eu agora descrevi, ó filho mais velho de Pandu, os diversos deveres de homens. Adira aos deveres reais que são eternos e que são praticados por grandes homens desde os tempos passados. Se tu te dedicares com atenção concentrada ao dever de proteger (teus súditos), ó tigre entre homens, tu então poderás, ó filho de Pandu, obter os méritos de todos os quatro modos de vida e de todas as quatro classes de homens!"

67

"Yudhishthira disse, 'Tu disseste quais são os deveres dos quatro modos de vida e das quatro classes. Diga-me agora, ó avô, quais são os principais deveres de um reino.'"

"Bhishma disse, 'A (eleição e) coroação de um rei é o primeiro dever de um reino. Um reino no qual a anarquia prevalece se torna fraco e é logo afligido por ladrões. Em reinos divididos pela anarquia a justiça não pode habitar. Os habitantes devoram uns aos outros. Uma anarquia é o pior estado possível. Os Srutis declaram que ao coroar um rei, é Indra que é coroado (na pessoa do rei). Uma pessoa que deseja prosperidade deve adorar o rei como ela adoraria o próprio Indra. Ninguém deve morar em reinos divididos pela anarquia. Agni não transporta (para os deuses) as libações que são despejadas sobre ele em reinos onde a anarquia prevalece. Se um rei poderoso se aproxima de reinos enfraquecidos pela anarquia, pelo desejo de anexá-los a seus domínios, o povo deve se adiantar e receber o invasor com respeito. Tal conduta seria compatível com sábios conselhos. Não há mal maior do que a anarquia. Se o invasor poderoso for inclinado à equidade, tudo ficará certo. Se, por outro lado, ele se empenhar em combate, ele poderá exterminar todos. A vaca que não pode ser facilmente ordenhada tem que sofrer muita tortura. Por outro lado, a vaca que pode ser facilmente ordenhada não tem que sofrer nenhuma tortura. A madeira que se curva facilmente não requer ser aquecida. A árvore que se dobra facilmente não tem que sofrer qualquer tortura (nas mãos do jardineiro). Guiados por estes exemplos, ó herói, homens devem se curvar perante aqueles que são poderosos. O homem que curva sua cabeça para uma pessoa poderosa realmente curva sua cabeça para Indra. Por estas razões, homens desejosos de prosperidade devem (eleger e) coroar alguma pessoa como seu rei. Aqueles que vivem em países onde a anarquia prevalece não podem desfrutar de sua riqueza e esposas. Durante tempos de anarquia, os homens pecaminosos derivam grande prazer por roubar a riqueza de outras pessoas. Quando, no entanto, sua riqueza (mal adquirida) é arrebatada por outros, eles desejam um rei. É evidente, portanto, que em tempos de anarquia nem os próprios pecaminosos podem ser felizes. A riqueza de um é roubada por dois. A riqueza daqueles dois é roubada por muitos agindo juntos. Aquele que não é um escravo é feito um escravo. Mulheres, também, são sequestradas à força. Por estas razões os deuses criaram os reis para proteger as pessoas. Se não houvesse rei sobre a terra para manejar a vara de castigo, os fortes teriam então vitimado os fracos assim como peixes na água. Foi ouvido por nós que os homens, antigamente, por causa da anarquia, encontraram a destruição, devorando uns aos outros como peixes mais fortes devorando os mais fracos na água. Foi ouvido por nós que uns poucos entre eles então, se reunindo, fizeram certos acordos, dizendo, 'Aquele que se tornar rude em palavras, ou violento em temperamento, aquele que seduzir ou sequestrar as esposas de outros ou roubar a riqueza que pertence a outros, deve ser expulso por nós.' Para inspirar confiança entre todas as classes de pessoas, eles fizeram tal pacto e viveram por algum tempo. Reunindo-se depois de algum tempo eles

foram em aflição até o Avô, dizendo, 'Sem um rei, ó senhor divino, nós estamos indo para a destruição. Nomeie alguém como nosso rei. Todos nós iremos adorá-lo e ele nos protegerá.' Assim solicitado, o Avô pediu a Manu. Manu, no entanto, não concordou com a proposta.'"

"Manu disse, 'Eu temo todas as ações pecaminosas. Governar um reino é extremamente difícil, especialmente entre homens que são sempre falsos e enganadores em seu comportamento.'"

"Bhishma continuou, 'Os habitantes da terra então disseram a ele, 'Não temas. Os pecados que os homens cometerem tocarão somente aqueles que os cometerem (sem te macular de modo algum). Para o aumento de tua tesouraria, nós te daremos uma quinquagésima parte de nossos animais e metais preciosos e uma décima parte de nossos grãos. Quando nossas donzelas também se tornarem desejosas de casar, nós iremos, quando a questão surgir, te dar as mais belas entre elas. Aqueles entre os homens que se tornarem os principais de todos no uso de armas e em guiar animais e dirigir veículos, procederão atrás de ti como as divindades atrás de Indra. Com tua força intensificada dessa maneira, e te tornando invencível e possuidor de grande destreza, tu serás nosso rei e nos protegerá tranquilamente como Kuvera protegendo os Yakshas e os Rakshasas. Uma quarta parte do mérito que os homens ganharem sob tua proteção será tua. Fortalecido por aquele mérito assim facilmente obtido por ti, nos proteja, ó rei, como Ele de cem sacrifícios protegendo as divindades. Como o Sol queimando tudo com seus raios, saia para ganhar vitórias. Esmague o orgulho de inimigos e deixe a justiça sempre triunfar (no mundo).' Assim endereçado por aqueles habitantes da terra, Manu, possuidor de grande energia, procedeu, acompanhado por uma grande tropa. De descendência nobre, ele parecia então resplandecer com destreza. Contemplando o poder de Manu, como os deuses olhando o poder de Indra, os habitantes da terra foram inspirados com medo e colocaram seus corações em seus respectivos deveres. Manu então fez sua ronda pelo mundo, controlando em todos os lugares todos os atos de maldade e designando todos os homens para seus respectivos deveres, como uma nuvem carregada de chuva (em sua missão de beneficência).'"

"Ó Yudhishthira, os homens sobre a terra que desejam prosperidade devem primeiro eleger e coroar um rei para a proteção de todos. Como discípulos se humilhando na presença dos preceptores ou os deuses na presença de Indra, todos os homens devem se humilhar perante o rei. Alguém que é honrado por seu próprio povo se torna um objeto de respeito para seus inimigos também, enquanto alguém que é desrespeitado por seus próprios é dominado por inimigos. Se o rei for dominado por seus inimigos, todos os seus súditos se tornam infelizes. Portanto, guarda-sóis e veículos e ornamentos externos, e comestíveis, e bebidas, e mansões, e assentos, e camas, e todos os utensílios para uso e exibição, devem ser atribuídos ao rei. Por tais meios o rei conseguirá cumprir (da melhor maneira) seus deveres de proteção e se tornará irresistível. Ele deve falar com sorrisos. Endereçado suavemente por outros, ele deve se dirigir a outros gentilmente. Grato (àqueles que o servem), firmemente devotado (àqueles que merecem seu respeito), e com suas paixões sob controle, ele deve dar aos outros o que lhes é

devido. Olhado com respeito por outros ele deve olhar para eles brandamente, gentilmente, e elegantemente.'"

68

"Yudhishthira disse, 'Por que, ó touro da raça Bharata, os Brahmanas dizem que o rei, aquele soberano de homens, é um deus?'"

"Bhishma disse, 'Com relação a isto é citada a antiga história, ó Bharata, do discurso de Vrihaspati para Vasumanas. Havia um rei de Kosala possuidor de grande inteligência, chamado Vasumanas. Em certa ocasião ele questionou o grande sábio Vrihaspati de muita sabedoria. Familiarizado com os requisitos de humildade, o rei Vasumanas, sempre dedicado ao bem-estar de todos, tendo cumprido as humildades apropriadas e tendo circungirado o grande sábio e se curvado a ele devidamente, perguntou ao virtuoso Vrihaspati acerca das ordenanças em relação a um reino, movido pelo desejo de assegurar a felicidade dos homens.'"

"Vasumanas disse, 'Por quais meios as criaturas crescem e por quais elas são destruídas? Ó tu de grande sabedoria, por adorar a quem elas conseguem obter felicidade eterna?' Assim questionado pelo rei Kosala de energia incomensurável, Vrihaspati de grande sabedoria falou a ele calmamente acerca do respeito que deve ser prestado aos reis."

"Vrihaspati disse, 'Os deveres de todos os homens, ó tu de grande sabedoria, podem ser vistos terem sua base no rei. É somente por medo do rei que os homens não devoram uns aos outros. É o rei que traz paz sobre a terra, pelo devido cumprimento de deveres, por controlar todo o desrespeito e todas as espécies de luxúria por meio de restrições salutares. Realizando isto, ele brilha em glória. Como, ó rei, todas as criaturas se tornam incapazes de verem umas às outras em total escuridão se o sol e a lua não nascem, como peixes em água rasa e aves em um local seguro de perigo voam e vagam como lhes agrada (por um tempo) e repetidamente atacam e oprimem umas às outras com força e então encontram com a destruição certa, assim mesmo os homens afundam em total escuridão e encontram a destruição se eles não têm um rei para protegê-los, como um rebanho de gado sem o vaqueiro para olhar por eles. Se o rei não exercesse o dever de proteção, os fortes se apropriariam à força das posses dos fracos, e se os últimos se recusassem a se render a eles com facilidade, suas próprias vidas seriam tiradas. Ninguém então, com referência a algum artigo em sua posse, poderia dizer 'Isto é meu'. Esposas, filhos, alimento, e outros tipos de propriedade, então não existiriam. A ruína tomaria conta de tudo se o rei não exercesse o dever de proteção. Homens perversos se apropriariam à força dos veículos e vestes e ornamentos e pedras preciosas e de outros tipos de propriedade pertencente a outros, se o rei não protegesse. Na ausência de proteção pelo rei, diversas espécies de armas cairiam sobre aqueles que são corretos em suas práticas, e a iniquidade seria adotada por todos. Na ausência de

proteção real homens desrespeitariam ou até feririam seus próprios pais se idosos, seus próprios preceptores e convidados e superiores. Se o rei não protegesse, todas as pessoas possuidoras de riqueza teriam que enfrentar morte, prisão, e perseguição, e a própria idéia de propriedade desapareceria. Se o rei não protegesse, tudo seria exterminado prematuramente, e todas as partes do país seriam infestadas por ladrões, e todos cairiam em um inferno terrível. Se o rei não protegesse, todas as restrições sobre casamento e relações (devidos à consanguinidade e outras espécies de relacionamentos) cessariam; todos os assuntos relativos à agricultura e comércio cairiam em confusão, a moralidade decairia e seria perdida; e os três Vedas desapareceriam. Sacrifícios, devidamente completados com presentes de acordo com a ordenança, não seriam mais realizados; nenhum casamento ocorreria, a própria sociedade cessaria de existir, se o rei não exercesse o dever de proteção. Os próprios touros não cobririam vacas e jarros de leite não seriam batidos, e homens vivendo por criar gado encontrariam com a destruição, se o rei não exercesse o dever de proteção. Na ausência de proteção real, todas as coisas, inspiradas com medo e ansiedade e se tornando insensatas e proferindo gritos de aflição, encontrariam a destruição num abrir e fechar de olhos. Nenhum sacrifício se estendendo por um ano e completado com doações segundo as ordenanças ocorreria se o rei não exercesse o dever de proteção. Na ausência de proteção real Brahmanas nunca estudariam os quatro Vedas ou passariam por austeridades ou seriam purificados por conhecimento e votos rígidos. Na ausência de proteção real, o matador de uma pessoa culpada da morte de um Brahmana não obteria qualquer recompensa; por outro lado a pessoa culpada de Brahmanicídio desfrutaria de total imunidade. Na ausência de proteção real, homens roubariam as riquezas de outras pessoas das suas próprias mãos, e todas as barreiras saudáveis seriam varridas, e todos, inspirados com medo, procurariam segurança na fuga. Na ausência de proteção real, todos os tipos de injustiça se manifestariam; uma mistura de castas ocorreria, e a fome devastaria o reino. Por causa também da proteção real, homens podem dormir em todos os lugares destemidamente e em seu caso sem trancar suas casas e portas com ferrolhos e barras. Ninguém ouviria as más palavras de outros, muito menos ataques verdadeiros, se o rei protegesse justamente a terra. (Homens toleram pacientemente as injúrias infligidas sobre eles por outros, sem procurar fazer justiça eles mesmos pela força, porque eles podem invocar o rei para punir os ofensores. Se não houvesse reis, a vingança imediata até pelas menores ofensas seria a prática geral.) Se o rei exerce o dever de proteção, mulheres enfeitadas com ornamentos podem passear sem medo em todos os lugares sem parentes masculinos para cuidar delas. Os homens se tornam justos e sem ofender servem uns aos outros porque o rei exerce o dever de proteção. Pela proteção real os membros das três classes podem realizar sacrifícios excelentes e se dedicar à aquisição de conhecimento com atenção. O mundo depende de agricultura e comércio e é protegido pelos Vedas. Todos estes são devidamente protegidos pelo rei exercendo seu principal dever. Já que o rei, tomando uma grande responsabilidade sobre si mesmo, protege seus súditos com a ajuda de um exército poderoso, é por isto que as pessoas podem viver em felicidade. Quem não veneraria aquele em cuja existência as pessoas existem e em cuja destruição as pessoas são destruídas? A pessoa que faz o que é

agradável e benéfico para o rei e que suporta (uma parte da) carga dos deveres reais que enchem todas as castas de medo, conquista este e o outro mundo. (Isto é, se tornando importante e feliz neste mundo, obtém bem-aventurança no mundo seguinte.) O homem que até pensa em fazer uma injúria para o rei, sem dúvida encontra aflição neste mundo e vai para o inferno após a morte. Ninguém deve desrespeitar o rei por tomá-lo por um homem, pois ele é realmente uma divindade superior em forma humana. O rei assume cinco formas diferentes de acordo com cinco ocasiões diferentes. Ele se torna Agni, Aditya, Mrityu, Vaisravana, e Yama. Quando o rei, enganado por falsidade, queima com sua energia feroz os ofensores pecaminosos diante dele, é dito que ele então assume a forma de Agni. Quando ele observa através de seus espiões as ações de todas as pessoas e faz o que é para o bem geral, é dito então que ele assume a forma de Aditya. Quando ele destrói em cólera centenas de homens pecaminosos com seus filhos, netos, e parentes, é dito então que ele assume a forma do Destruidor. Quando ele reprime os maus por infligir sobre eles castigos severos e favorece os justos por lhes conceder recompensas, é dito que ele assume a forma de Yama. Quando ele gratifica com presentes abundantes de riquezas aqueles que lhe prestaram serviços valiosos, e tira a riqueza e pedras preciosas daqueles que o ofenderam, de fato, quando ele concede prosperidade a alguns e a tira de outros, é dito então, ó rei, que ele assume a forma de Kuvera na terra. Nenhuma pessoa que possua inteligência, que seja capaz de trabalhar, que deseje a aquisição de virtude, e que seja livre de malícia, deve espalhar maus rumores acerca do rei. Nenhum homem, por agir contra o rei, pode se fazer feliz, mesmo que ocorra de ele ser o filho do rei ou irmão ou companheiro ou alguém a quem o rei considere como seu segundo eu. O fogo, tendo o vento como seu incitador, queimando (entre artigos que são inflamáveis), pode deixar um resto. (É dito que o Vento é o cocheiro do Fogo, porque onde quer que haja um incêndio, o Vento, aparecendo, ajuda a espalhá-lo.) A ira do rei, no entanto, não deixa nada para a pessoa que incorre nela. O que quer que pertença ao rei dever ser evitado à distância. (Isto é, ninguém deve cobiçar as posses do rei). Uma pessoa deve se desviar do que pertence ao rei como ela se desviaria da própria morte. Uma pessoa por se apropriar do que pertence ao rei encontra a destruição rapidamente como um veado após ingerir veneno. O homem de inteligência deve proteger como seu o que pertence ao rei. Aqueles que se apropriam da riqueza pertencente ao rei afundam sem sentidos em um inferno profundo de escuridão e infâmia eterna. Quem não adoraria o rei que é adorado por termos tais como alegrador do povo, concessor de felicidade, possuidor de prosperidade, o principal de todos, curador de ferimentos, senhor de terra, e protetor de homens? O homem, portanto, que deseja sua própria prosperidade, que cumpre todas as restrições saudáveis, que tem sua alma sob controle, que é o mestre de suas emoções, que é possuidor de inteligência e memória, e que é esperto (nas transações de negócios), deve sempre ser afeiçoado ao rei. O rei deve honrar devidamente o ministro que é grato, dotado de sabedoria, generoso, leal, possuidor de domínio sobre seus sentidos, virtuoso, e observador dos ditames de política. O rei deve entreter o homem que é leal, grato, virtuoso, possuidor de autocontrole, corajoso, magnânimo em suas ações, e competente para realizar tarefas sem a ajuda de outros. O conhecimento faz os homens orgulhosos. O rei faz os homens humildes. O homem que é afligido pelo

rei nunca pode obter felicidade. Por outro lado, o homem que é favorecido pelo rei se torna feliz. O rei é o coração de seu povo; ele é seu grande refúgio; ele é sua glória; e ele é sua maior felicidade. Os homens, ó monarca, que são afeiçoados ao rei, conseguem conquistar este e o outro mundo. Tendo governado a terra com a ajuda das qualidades de autodomínio, veracidade, e amizade, e tendo adorado os deuses por meio de sacrifícios grandiosos, o rei, ganhando grande glória, obtém uma residência eterna no céu.' Aquele melhor dos monarcas, isto é, o heróico Vasumanas, soberano de Kosala, assim instruído por Vrihaspati o filho de Angiras, começou desde então a proteger seus súditos."

69

"Yudhishthira disse, 'Que outros deveres especiais restam para o rei cumprir? Como ele deve proteger seu reino e como ele deve subjugar seus inimigos? Como ele deve empregar seus espiões? Como ele deve inspirar confiança nas quatro classes de seus súditos, em seus próprios empregados, esposas, e filhos, ó Bharata?'"

"Bhishma disse, 'Escute, ó monarca, com atenção aos diversos deveres dos reis, àqueles atos os quais o rei ou alguém que está na posição de um rei deve fazer primeiro. O rei deve primeiro subjugar a si mesmo e então procurar subjugar seus inimigos. Como um rei que não é capaz de conquistar a si mesmo pode conquistar seus inimigos? A conquista destes, isto é, o agregado de cinco, é considerada como a conquista de si mesmo. O rei que conseguiu subjugar seus sentidos é competente para resistir a seus inimigos. Ele deve colocar grupos de soldados de infantaria em seus fortes, fronteiras, cidades, parques, e jardins de divertimento, ó alegrador dos Kurus, como também em todos os locais aonde ele mesmo vai, e dentro de seu próprio palácio, ó tigre entre homens! Ele deve empregar como espiões homens que parecem com idiotas ou com aqueles que são cegos e surdos. Estes devem ser pessoas que tenham sido minuciosamente examinadas (em relação à sua habilidade), que possuam sabedoria, e que possam suportar fome e sede. Com atenção apropriada, o rei deve colocar seus espiões sobre todos os seus conselheiros e amigos e filhos, em sua cidade e províncias, e nos domínios dos dirigentes sob suas ordens. Seus espiões devem ser empregados de forma que eles não possam conhecer uns dos outros. Ele deve também, ó touro da raça Bharata, conhecer os espiões de seus inimigos por colocar ele mesmo espiões em lojas e lugares de diversão, e multidões de pessoas, entre mendigos, em seus jardins e parques de diversão, em reuniões e conclaves de eruditos, no campo, em lugares públicos, em lugares onde ele mantém sua própria corte, e nas casas dos cidadãos. O rei possuidor de inteligência pode assim averiguar os espiões despachados por seus inimigos. Se eles forem conhecidos, o rei pode derivar muito benefício, ó filho de Pandu! Quando o rei, por uma avaliação de si próprio, se percebe fraco, ele deve então, consultando com seus conselheiros, fazer as pazes com um inimigo que é mais forte. O rei que é sábio deve fazer rapidamente as pazes com um inimigo, mesmo quando ele sabe que ele não é fraco, se alguma vantagem puder ser derivada

disto. Empenhado em proteger seu reino com justiça, o rei deve fazer as pazes com aqueles que são possuidores de todas as habilidades, capazes de grande esforço, virtuosos, e honestos. Quando o rei se encontra ameaçado pelo perigo e prestes a ser alcançado pela ruína, ele deve matar todos os ofensores a quem ele tinha negligenciado antes e todas as tais pessoas que são apontadas pelo povo. Um rei não deve ter nada a fazer com aquela pessoa que não pode nem beneficiá-lo nem feri-lo, ou com alguém que não pode resgatar ele mesmo do infortúnio. Em relação às operações militares, um rei que é seguro de sua própria força deve, na dianteira de uma grande tropa, alegremente e com coragem dar a ordem para marchar, sem proclamar seu destino contra alguém desprovido de aliados e amigos ou já em guerra com outro e (portanto) desatento (ao perigo vindo de outros quadrantes), ou um mais fraco do que ele mesmo, tendo primeiro feito arranjos para a proteção de sua própria capital. Um rei não deve viver sempre em submissão a outro possuidor de grande destreza. Embora fraco, ele deve procurar afligir o forte, e resolvido a respeito disto, continuar a governar seu próprio (reino). Ele deve afligir o reino do mais forte por meio de armas, fogo e aplicação de veneno. Ele deve também causar dissensões entre seus conselheiros e empregados. Vrihaspati disse que um rei possuidor de inteligência deve sempre evitar guerra para aquisição de território. A aquisição de domínio deve ser feita pelos três meios bem conhecidos (de conciliação, presentes, e desunião). O rei que possui sabedoria deve ficar satisfeito com aquelas aquisições que são feitas por meio de conciliação, presentes, e desunião. O rei, ó alegrador dos Kurus, deve pegar um sexto das rendas de seus súditos como tributo para pagar as despesas de protegê-los. Ele deve também tirar riqueza forçosamente, muito ou pouco (como o caso possa requerer), dos dez tipos de ofensores mencionados nas escrituras, para a proteção de seus súditos. Um rei deve, sem dúvida, considerar seus súditos como seus próprios filhos. Em decidir suas disputas, no entanto, ele não deve mostrar compaixão. Para ouvir as queixas e respostas de disputantes em casos judiciais, o rei deve sempre nomear pessoas possuidoras de sabedoria e de um conhecimento dos assuntos do mundo, pois o estado realmente se apóia sobre uma administração apropriada da justiça. O rei deve colocar homens honestos e dignos de confiança sobre suas minas, sal, grãos, embarcações, e grupos de elefantes. O rei que sempre maneja com propriedade a vara de castigo ganha grande mérito. O regulamento apropriado da punição é o grande dever dos reis e merece grandes louvores. O rei deve ser conhecedor dos Vedas e seus ramos, possuidor de sabedoria, engajado em penitências, caridoso, e dedicado à realização de sacrifícios. Todas estas qualidades devem residir permanentemente em um rei. Se o rei fracassa em administrar justiça, ele não pode ter nem céu nem fama. Se um rei é afligido por um mais forte, o primeiro, se possuidor de inteligência, deve procurar refúgio em uma fortaleza. Reunindo seus amigos para consulta, ele deve planejar medidas adequadas. Adotando a política de conciliação e de produzir desavenças, ele deve idear meios para empreender guerra com o atacante. Ele deve colocar os habitantes das florestas nas rodovias, e, se necessário, fazer aldeias inteiras serem removidas, transferindo todos os habitantes para cidades menores ou para os arredores de grandes cidades. Repetidamente encorajando seus súditos ricos e os principais oficiais do exército, ele deve fazer os habitantes do país desprotegido se refugiarem em fortes bem

protegidos. Ele deve ele mesmo retirar todos os estoques de cereais (do país desprotegido para seus fortes). Se isso se torna impossível, ele deve destruí-los completamente pelo fogo. Ele deve colocar homens para destruírem as colheitas nos campos do inimigo (por produzir desavenças entre os súditos do inimigo). Fracassando em fazer isso, ele deve destruir aquelas colheitas por meio de suas próprias tropas. Ele deve destruir todas as pontes sobre os rios em seu reino. Ele deve retirar as águas de todos os tanques em seus domínios, ou, se incapaz de baldeá-las, fazê-las serem envenenadas. Desconsiderando o dever de proteger seus amigos, ele deve, em vista das circunstâncias presentes e futuras, procurar a proteção do soberano de outro reino que possa acontecer de ser o inimigo de seu inimigo e que possa ser competente para lidar com seu inimigo no campo de batalha. Ele deve destruir todos os fortes menores em seu reino. Ele deve também derrubar todas as árvores menores exceto aquelas que são chamadas Chaitya. (Árvores Chaitya são aquelas que são consideradas sagradas e para as quais é oferecido culto pelo povo.) Ele deve fazer os ramos de todas as árvores maiores serem cortados, mas ele não deve tocar nas próprias folhas daquelas chamadas Chaitya. Ele deve erguer defesas externas ao redor de seus fortes, com cercados nelas, e encher suas trincheiras com água, colocando estacas pontudas em seu fundo e enchendo-as com crocodilos e tubarões. Ele deve manter pequenas aberturas em seus muros para fazer ataques repentinos a partir de seu forte, e cuidadosamente fazer arranjos para a defesa deles como aquela dos portões maiores. Em todos os seus portões ele deve plantar mecanismos destrutivos. Ele deve plantar nas defesas (de seus fortes) Sataghnis e outras armas. Ele deve estocar madeira para combustível e cavar e consertar poços para fornecer água para a guarnição. Ele deve fazer todas as casas feitas de grama e palha serem cobertas com lama, e se for o mês de verão ele deve, por receio de fogo, retirar (para um local seguro) todos os suprimentos de grama e palha. Ele deve ordenar que todo o alimento seja cozido à noite. Nenhum fogo deve ser aceso durante o dia, exceto para o homa diário. Cuidado específico deve ser tomado com os fogos em forjas e quartos de resguardo. Fogos mantidos dentro das casas dos habitantes devem estar bem cobertos. Para a proteção eficaz da cidade, deve ser proclamado que um castigo merecido será dado à pessoa que acender fogos durante o dia. Durante tais épocas, todos os mendigos, eunucos, lunáticos, e mímicos, devem, ó principal dos homens, ser expulsos da cidade, pois se lhes for permitido permanecer, o mal se seguirá. Em lugares de reunião pública, em tirthas, em assembléias, e nas casas dos cidadãos, o rei deve colocar espiões competentes. (Os tirthas são dezoito em número, tais como a sala de conselho etc.) O rei deve fazer estradas amplas serem construídas e ordenar que lojas, e lugares para a distribuição de água, sejam abertos em localizações apropriadas. Depósitos (de diversos artigos necessários), arsenais, campos e quartéis para soldados, lugares para manter cavalos e elefantes, acampamentos de soldados, trincheiras, ruas e trilhas, casas e jardins para retiro e divertimento, devem ser ordenados de maneira que suas posições não possam ser conhecidas por outros, ó Yudhishthira. Um rei que é afligido por um exército hostil deve reunir riqueza, e estocar óleo e gordura e mel, e manteiga clarificada, e remédios de todas as espécies, e carvão e grama munja, folhas, setas, escribas e desenhistas, ervas, combustível, flechas envenenadas, armas de todos os tipos tais como dardos,

espadas, lanças, e outros. O rei deve armazenar tais artigos. Ele deve especialmente manter remédios prontos de todas as espécies, raízes e frutas, os quatro tipos de médicos, atores e dançarinos, atletas, e pessoas capazes de assumir diversos disfarces. Ele deve enfeitar sua capital e alegrar todos os seus súditos. O rei não deve perder tempo em trazer sob seu controle as pessoas que possam inspirá-lo com receio, sejam elas seus empregados ou conselheiros ou cidadãos ou monarcas vizinhos. Depois de alguma tarefa do rei ter sido realizada, ele deve recompensar aqueles que ajudaram em sua realização com riquezas e outros presentes adequados e palavras agradecidas. É declarado nas escrituras, ó encantador dos Kurus, que um rei paga sua dívida (isto é, cumpre suas obrigações com os súditos), quando ele derrota seu inimigo ou o mata completamente. Um rei deve cuidar de sete coisas. Ouça-me enquanto eu as recito. Elas são sua própria pessoa, seus conselheiros, sua tesouraria, sua maquinaria para conceder castigos, seus amigos, suas províncias, e sua capital. Ele deve proteger com cuidado seu reino que consiste nestes sete membros. O rei, ó tigre entre homens, que está familiarizado com o agregado de seis, o agregado triplo, e o agregado superior de três, consegue ganhar a soberania da terra inteira. Escute, ó Yudhishthira, ao que tem sido chamado de agregado de seis. Estes são governar em paz depois da conclusão de um tratado (com o inimigo), marchar para a batalha, produzir desunião entre o inimigo, concentrar forças para inspirar medo no inimigo, prontidão para a guerra com disposição para a paz, e aliança com outros. Escute agora com atenção ao que tem sido chamado de agregado triplo. Eles são diminuição, manutenção de que há, e crescimento. O agregado superior de três consiste em Virtude, Lucro e Prazer. Estes devem ser buscados judiciosamente. Pela ajuda da virtude, um rei consegue governar a terra para sempre. Sobre este assunto, o filho de Angirasa, o próprio Vrihaspati, cantou dois versos. Abençoado sejas tu, ó filho de Devaki, cabe a ti ouvi-los. 'Tendo cumprido todos os seus deveres e tendo protegido a terra, e tendo também protegido suas cidades, um rei obtém grande felicidade no céu. O que são penitências para aquele rei que protege seu povo devidamente, e que necessidade ele tem de sacrifícios? Tal rei deve ser considerado como alguém conhecedor de toda a virtude!'”

Yudhishthira disse, 'Há a ciência de punição, há o rei, e há os súditos. Diga-me, ó avô, que vantagem é derivada por um destes dos outros.'

Bhishma disse, 'Ouça, ó rei, como eu descrevo, ó Bharata, a grande bem-aventurança da ciência de punição, em palavras sagradas de grave importância. A ciência de punição força todos os homens à observância dos deveres de suas respectivas classes. Devidamente administrada, ela força as pessoas a atos virtuosos. Quando as quatro classes se encarregam de suas respectivas funções, quando todas as barreiras salutares são mantidas, quando a paz e a felicidade são feitas fluírem da ciência de punição, quando as pessoas ficam livres de todo o medo, e as três classes superiores se esforçam, de acordo com seus respectivos deveres, para manter a harmonia, saiba que os homens se tornam realmente felizes em tais épocas. Se é o rei que faz a era, ou, se é a era que faz o rei, é uma questão sobre a qual tu não deves nutrir qualquer dúvida. A verdade é que o rei

faz a era. Quando o rei governa com uma completa e rigorosa confiança na ciência de castigo, é dito que a principal das eras chamada Krita então inicia. A Justiça se estabelece na era Krita. Nada de injustiça existe então. Os corações dos homens pertencentes a todas as quatro classes não têm nenhum prazer na falta de retidão. Sem dúvida, todos os homens conseguem adquirir os objetos que eles desejam e preservar aqueles que foram adquiridos. Todos os ritos Védicos se tornam produtivos de mérito. Todas as estações se tornam prazerosas e livres do mal. A voz, pronúncia, e mentes de todos os homens se tornam claras e alegres. As doenças desaparecem e todos os homens vivem por muito tempo. Esposas não se tornam viúvas, e nenhuma pessoa se torna avarenta. A terra produz colheitas sem ser cultivada, e ervas e plantas crescem em exuberância. Cascas de árvores, folhas, frutas, e raízes se tornam vigorosas e abundantes. Nenhuma maldade é vista. Nada exceto a justiça existe. Saiba que estas são as características, ó Yudhishthira, da era Krita. Quando o rei confia em somente três das quatro partes da ciência de punição omitindo uma quarta, a era chamada Treta começa. Uma quarta parte de injustiça se segue à tal observância de três quartos (da grande ciência). A terra produz colheitas mas espera por cultivo. As ervas e plantas crescem (dependendo do cultivo). Quando o rei observa apenas a metade da grande ciência, omitindo a outra metade, então a era que começa se chama Dwapara. Uma metade de injustiça se segue à tal observância de metade da grande ciência. A terra requer cultivo e produz colheitas pela metade. Quando o rei, abandonando totalmente a grande ciência, oprime seus súditos por meio de medidas más de diversos tipos, a era que se estabelece é chamada Kali. Durante a era chamada Kali, a injustiça se torna plena e nada de justiça é visto. Os corações dos homens, de todas as classes, se desviam de seus respectivos deveres. Sudras vivem por adotar vidas de mendicância, e Brahmanas vivem por servir outros. Os homens fracassam em adquirir os objetos que desejam e em preservar aqueles já adquiridos. Ocorre uma mistura das quatro classes. Os ritos Védicos falham em produzir resultados. Todas as estações cessam de ser prazerosas e se tornam repletas de males. A voz, pronúncia, e mentes dos homens perdem vigor. Doenças aparecem, e homens morrem prematuramente. Esposas se tornam viúvas, e muitos homens cruéis são vistos. As nuvens não derramam chuvas de acordo com as estações, e as colheitas mínguam. Todas as espécies de umidade também são insuficientes, quando o rei não protege súditos com atenção apropriada à grande ciência. O rei é o criador da era Krita, da Treta, e da Dwapara. O rei é a causa da quarta era (chamada Kali). Se ele causa a era Krita, ele alcança o céu eterno. Se ele causa a era Treta, ele adquire o céu por um período que é limitado. Se ele causa a Dwapara, ele alcança a bem-aventurança no céu de acordo com a medida de seus méritos. Por causar a era Kali, o rei incorre em uma carga pesada de pecado. Maculado pela maldade, ele apodrece no inferno por incontáveis anos, pois afundando nos pecados de seus súditos, ele mesmo incorre em grande pecado e infâmia. Mantendo a grande ciência em sua vista, o Kshatriya possuidor de conhecimento deve se esforçar para adquirir aqueles objetos os quais ele deseja e proteger aqueles que já foram adquiridos. A ciência de castigo, que coloca todos os homens no cumprimento de seus respectivos deveres, que é o fundamento de todas as distinções salutares, e que realmente mantém o mundo e o põe em andamento, se devidamente

administrada, protege todos os homens como a mãe e o pai protegendo seus filhos. Saiba, ó touro entre homens, que as próprias vidas das criaturas dependem disto. O mais alto mérito que um rei pode adquirir é ter o entendimento da ciência de castigo e administrá-la apropriadamente. Portanto, ó tu da linhagem de Kuru, proteja teus súditos justamente, com a ajuda daquela grande ciência. Por proteger os súditos e adotar tal conduta, tu certamente obterás tal bem-aventurança no céu que é de aquisição difícil."

70

"Yudhishthira disse, 'Por adotar aquela conduta, ó tu que estás familiarizado com todos os tipos de comportamento, um rei pode conseguir adquirir facilmente, aqui e após a morte, objetos produtivos de felicidade no fim?'"

"Bhishma disse, 'Há estas trinta e seis virtudes (que um rei deve observar). Elas estão relacionadas com outras trinta e seis. Uma pessoa virtuosa, por atender estas qualidades, pode certamente adquirir grande mérito. O rei deve cumprir seus deveres sem ira e malícia. Ele não deve abandonar a bondade. Ele deve ter fé. Ele deve adquirir riqueza sem perseguição e crueldade. Ele deve procurar o prazer sem apegos. Ele deve, com alegria, proferir o que é agradável, e ser corajoso sem se gabar. Ele deve ser generoso mas não deve fazer doações para pessoas que são negligentes. Ele deve ter bravura sem crueldade. Ele deve fazer alianças, evitando aqueles que são pecaminosos. Ele não deve agir com hostilidade em direção a amigos. Ele nunca deve empregar pessoas que não são leais a ele como seus espiões e agentes secretos. Ele nunca deve realizar seus objetivos pela opressão. Ele nunca deve revelar seus propósitos perante pessoas que são más. Ele deve falar dos méritos de outros mas nunca dos seus próprios. Ele deve tirar riqueza de seus súditos, mas nunca daqueles que são bons. Ele nunca deve empregar ou receber a ajuda de pessoas que são perversas. Ele nunca deve infligir castigo sem uma investigação cuidadosa. Ele nunca deve revelar seus planos. Ele deve doar, mas não para pessoas que são cobiçosas. Ele deve depositar confiança em outros mas nunca naqueles que o ofenderam. Ele não deve nutrir malícia. Ele deve proteger suas esposas. Ele deve ser puro e não deve ser sempre comovido por compaixão. Ele não deve se viciar muito em companhia feminina. Ele deve ingerir alimento saudável e nunca aquele que não o é. Ele deve sem orgulho prestar honras àqueles que as merecem, e servir seus preceptores e mais velhos com sinceridade. Ele deve adorar os deuses sem orgulho. Ele deve procurar prosperidade, mas nunca fazer qualquer coisa que traga infâmia. Ele deve servir (seus superiores) com humildade. Ele deve ser inteligente nos negócios mas deve sempre esperar pela hora apropriada. Ele deve confortar homens e nunca os mandar embora com palavras vazias. Tendo favorecido uma pessoa, ele não deve abandoná-la. Ele nunca deve atacar em ignorância. Tendo matado seu inimigo ele nunca deve ceder à tristeza. Ele deve mostrar moderação, mas nunca deve fazer isto quando não há ocasião. Ele deve ser brando, mas nunca para aqueles que ofenderam. Te comporte dessa maneira enquanto governares teu reino se tu desejas ter prosperidade. O rei que se

comporta de outra maneira incorre em grande perigo. Aquele rei que observa todas essas virtudes que eu mencionei colhe muitas bênçãos na terra e recompensas grandiosas no céu.'”

"Vaisampayana continuou, 'Ouvindo estas palavras do filho de Santanu, o rei Yudhishthira, dócil em receber instruções, possuidor de grande inteligência, e protegido por Bhima e outros, então adorou seu avô e daquele tempo em diante começou a reinar de acordo com aquele ensinamento.'"

71

Yudhishthira disse, 'Diga-me, ó avô, de que maneira o rei deve proteger seus súditos de modo a poder evitar a aflição e a não pecar contra a justiça?'”

"Bhishma disse, 'Eu recitarei, ó rei, aqueles deveres eternos em resumo, pois se eu fosse mencioná-los em detalhes, eu nunca alcançaria seu fim. Tu deves adorar aqueles Brahmanas que são dedicados a seus deveres, possuidores de conhecimento, constantes em cultuar os deuses, cumpridores de votos superiores, e dotados de outros talentos, quando eles chegam à tua residência, e empregá-los em oficiar em teus sacrifícios. Com teu sacerdote te acompanhando, te deves te levantar quando eles se aproximarem, e tocar e venerar seus pés, e fazer todos os outros atos que sejam necessários. Fazendo estas ações de piedade e cumprindo outras ações que são para o teu próprio bem, tu deves (por meio de presentes) fazer aqueles Brahmanas proferirem bênçãos sobre ti para o sucesso de teus propósitos. Dotado de sinceridade, e sabedoria e inteligência, ó Bharata, tu deves adotar a verdade e evitar luxúria e ira. Aquele rei tolo que busca Lucro sem se afastar da luxúria e da ira, fracassa em adquirir virtude e no final sacrifica o Lucro também. Nunca empregue aqueles que são cobiçosos e tolos em questões ligadas com Prazer e Lucro. Tu deves sempre empregar em todas as tuas ações aqueles que são livres de cobiça e possuidores de inteligência. Maculados com luxúria e ira e não hábeis nas transações de negócios, pessoas tolas, se investidas com autoridade em questões de Lucro, sempre oprimem o povo por meio de diversas idéias produtivas de prejuízos. Com uma sexta parte sobre justo cálculo, da produção da terra como seu tributo, com multas e confiscos arrecadados de transgressores, com os impostos, em conformidade com as escrituras, sobre comerciantes e negociantes em troca da proteção concedida a eles, um rei deve encher sua tesouraria. Efetuando este justo tributo e governando o reino apropriadamente o rei deve, com atenção, agir de tal maneira que seus súditos não possam sentir a opressão da pobreza. Os homens se tornam profundamente devotados àquele rei que cumpre o dever de proteção devidamente, que é dotado de generosidade, que é firme no cumprimento da justiça, que é vigilante, e que é livre de luxúria e ódio. Nunca deseje encher tua tesouraria por agir injustamente ou por avareza. O rei que não age de acordo com as escrituras fracassa em ganhar riqueza e mérito religioso. O rei que é consciente somente dos meios de adquirir riqueza nunca consegue obter mérito religioso e riqueza. A riqueza também que ele adquire (por tais meios) é vista ser

desperdiçada em objetos indignos. (Se o rei presta atenção somente à aquisição de riqueza, ele pode conseguir obtê-la, mas ele não conseguirá ganhar mérito religioso.) É dito que aquele rei avarento que por insensatez oprime seus súditos por arrecadar impostos não sancionados pelas escrituras prejudica a si mesmo. Como uma pessoa desejosa de leite nunca obtém algum por cortar os úberes de uma vaca, similarmente um reino afligido por meios impróprios nunca produz algum lucro para o rei. (Literalmente, 'nunca floresce.') Aquele que trata uma vaca leiteira com ternura sempre obtém leite dela. Do mesmo modo, o rei que governa seu reino pela ajuda de meios apropriados colhe muitos frutos dele. Por proteger um reino devidamente e governando-o pela ajuda de meios judiciosos, um rei, ó Yudhishthira, pode conseguir sempre obter muita riqueza. A terra, bem protegida pelo rei, produz colheitas e ouro (para o governante e os governados) assim como uma mãe satisfeita produzindo leite para seu filho. Imite o exemplo, ó rei, do floricultor e não do fazedor de carvão. Se tornando assim e cumprindo o dever de proteção, tu poderás desfrutar da terra para sempre. (O produtor de carvão arranca plantas e árvores, e as queima para produzir seu estoque comercial. O floricultor, por outro lado, rega árvores e plantas, e colhe somente a produção delas). Se ao atacar o reino de um inimigo tua tesouraria se esgotar, tu podes reenchê-la por tirar riqueza de todos exceto Brahmanas. Que teu coração não seja movido, mesmo quando tu estiveres em grande infortúnio, ao ver Brahmanas possuidores de riqueza. Eu nem preciso falar então do que tu deves fazer quando estiveres em afluência. Tu deves dar a eles riqueza da melhor maneira que puderes e como eles merecem e protegê-los, confortando-os em todas as ocasiões. Por te comportares deste modo, tu poderás adquirir tais regiões após a morte que são da mais difícil aquisição. Adotando tal comportamento virtuoso, proteja teus súditos. Tu poderás então obter, ó encantador dos Kurus, fama que é eterna, superior, e pura. Proteja teus súditos justamente, ó filho de Pandu, pois nenhum arrependimento ou dor então serão teus. A proteção dos súditos é o maior dever de um rei, já que compaixão por todas as criaturas e protegê-las da injustiça são citados como o mérito mais elevado. Pessoas conhecedoras dos deveres consideram que o maior mérito do rei é quando, dedicado a proteger todas as criaturas, o rei mostra compaixão por elas. O pecado no qual um rei incorre por negligenciar por um único dia a proteção de seus súditos por medo é tal que ele não alcança o fim de seus sofrimentos (por isto) no inferno até depois de mil anos. O mérito que um rei ganha por proteger seus súditos virtuosamente por um único dia é tal que ele desfruta de sua recompensa no céu por dez mil anos. Todas aquelas regiões que são alcançadas pelas pessoas que seguem devidamente os modos de vida Garhasthya, Brahmacharya, e Vanaprastha, são logo alcançadas por um rei somente por proteger seus súditos corretamente. Ó filho de Kunti, cumpra com muito cuidado este dever (de proteção). Tu então obterás a recompensa da justiça e nenhuma dor ou angústia será tua. Ó filho de Pandu, tu obterás grande prosperidade no céu. Mérito como este é impossível de ser obtido por pessoas que não são reis. Uma pessoa, portanto, que é um rei, e nenhuma outra, pode conseguir ganhar tal recompensa de virtude. Possuidor de inteligência, tu obtiveste um reino. Proteja teus súditos honradamente. Gratifique Indra com oferendas de Soma e os amigos e benquerentes com os objetos de seus desejos.'"

72

"Bhishma disse, 'Aquela pessoa, ó rei, que protegeria os bons e puniria os maus, deve ser nomeada como seu sacerdote pelo rei. Em relação a isto é citada a história antiga sobre a conversa entre Pururavas, o filho de Aila, e Matariswan.'"

"Pururavas disse, 'De onde o Brahmana surgiu e de onde surgiram as três outras classes? Por que razão também o Brahmana se tornou o principal? Cabe a ti me dizer tudo isto.'"

"Matariswan respondeu, 'O Brahmana, ó melhor dos reis, surgiu da boca de Brahman. O Kshatriya surgiu de seus dois braços, e o Vaisya de suas duas coxas. Para servir estas três classes, ó soberano de homens, uma quarta classe, isto é, a Sudra, surgiu, sendo criada dos pés (de Brahman). Originalmente criado dessa maneira, o Brahmana tomou nascimento sobre a terra como o senhor de todas as criaturas, seu dever sendo a manutenção dos Vedas e das outras escrituras. Então, para governar a terra e manejar a vara de castigo e proteger todas as criaturas, a segunda classe, isto é, a Kshatriya, foi criada. O Vaisya foi criado para sustentar as duas outras classes e a si mesmo por meio de cultivo e comércio, e finalmente, foi ordenado por Brahman que o Sudra deveria servir as três classes como um criado.'"

"Pururavas disse, 'Diga-me realmente, ó deus dos Ventos, a quem esta terra pertence corretamente. Ela pertence ao Brahmana ou ao Kshatriya?'"

"O deus dos Ventos disse, 'Tudo o que existe no universo pertence ao Brahmana por seu nascimento e precedência. Pessoas familiarizadas com moralidade dizem isto. O que o Brahmana come é dele. O local que ele habita é dele. O que ele doa é dele. Ele merece a veneração de todas as (outras) classes. Ele é o primogênito e o principal. Como uma mulher, na ausência de seu marido, aceita seu irmão mais novo em lugar dele, assim mesmo a terra, por causa da recusa do Brahmana, aceitou o que nasceu em seguida, isto é, o Kshatriya, como seu senhor. Esta é a primeira regra. Em épocas, no entanto, de infortúnio, há uma exceção nisto. Se tu procuras cumprir os deveres da classe e desejas obter o lugar mais alto no céu, então dê para o Brahmana toda a terra que tu possas conseguir conquistar, para ele que é possuidor de erudição e conduta virtuosa, que é conhecedor dos deveres e praticante de penitências, que está satisfeito com os deveres de sua classe e não é cobiçoso de riqueza. O Brahmana bem nascido, possuidor de sabedoria e humildade, guia o rei em todas as questões por sua própria grande inteligência. Por meio de conselhos sensatos ele faz o rei ganhar prosperidade. O Brahmana indica para o rei os deveres que o último deve cumprir. Enquanto um rei sábio, cumpridor dos deveres de sua classe, e desprovido de orgulho, estiver desejoso de escutar às instruções do Brahmana, ele será honrado e desfrutará de fama. O sacerdote do rei, portanto, tem uma parte no mérito que o rei adquire. Quando o rei se comporta dessa forma, todos os seus súditos, confiando nele, se tornam virtuosos em seu comportamento, atentos aos seus

deveres, e livres de todo o medo. O rei obtém uma quarta parte daquelas ações virtuosas que seus súditos, devidamente protegidos por ele, realizam em seu reino. Os deuses, homens, Pitris, Gandharvas, Uragas, e Rakshasas, todos dependem de sacrifícios para seu sustento. Em um país desprovido de um rei não pode haver sacrifício. Os deuses e os Pitris subsistem das oferendas feitas em sacrifícios. Sacrifício, no entanto, depende do rei. Na estação do verão, homens desejam conforto da sombra de árvores, água fresca, e brisas frias. Na estação do inverno eles derivam conforto do fogo, roupas quentes, e do sol. O coração de um homem pode achar prazer no som, toque, gosto, visão, e aroma. O homem, no entanto, que está com medo, não encontra prazer em todas essas coisas. A pessoa que dissipa os temores de homens obtém grande mérito. Não há presente tão valioso nos três mundos quanto o presente da vida. O rei é Indra. O rei é Yama. O rei é Dharma. O rei assume formas diferentes. O rei sustenta e suporta tudo.'"

73

"Bhishma disse, 'O rei, com um olho em mérito religioso e lucro cujas considerações são muitas vezes muito complexas, deve, sem demora, nomear um sacerdote possuidor de erudição e conhecimento profundo dos Vedas e de (outras) escrituras. Aqueles reis que têm sacerdotes possuidores de almas virtuosas e familiarizados com política, e que são eles mesmo possuidores de tais atributos, desfrutam de prosperidade em todas as direções. Ambos, o sacerdote e o rei, devem ter qualidades que sejam dignas de respeito e devem ser cumpridores de votos e penitências. Eles então conseguirão sustentar e engrandecer os súditos e as divindades, os Pitris e os filhos. (Filhos é um eufemismo para súditos). É declarado que eles devem possuir corações parecidos e devem ser amigos um do outro. Por tal amizade entre Brahmana e Kshatriya, os súditos ficam felizes. Se eles não respeitassem um ao outro, a destruição alcançaria o povo. O Brahmana e o Kshatriya são citados como os progenitores de todos os homens. Em relação a isto é citada a antiga história da conversa entre o filho de Aila e Kasyapa. Escute-a, ó Yudhishthira.'"

"Aila disse, 'Quando o Brahmana abandona o Kshatriya ou o Kshatriya abandona o Brahmana, quem entre eles deve ser considerado superior e em quem as outras classes confiam e se mantêm?'"

"Kasyapa disse, 'A ruína toma conta do reino do Kshatriya quando os Brahmanas e Kshatriyas competem entre si. Ladrões infestam o reino no qual confusão prevalece, e todos os homens bons consideram o soberano como um Mlechcha. Seus bois não prosperam, nem seus filhos. Seus potes (de leite) não são batidos, e sacrifícios não são realizados lá. As crianças não estudam os Vedas em reinos onde Brahmanas abandonam Kshatriyas. Em suas casas a riqueza não aumenta. Seus filhos não se tornam bons e não estudam as escrituras nem realizam sacrifícios. Os kshatriyas que abandonam Brahmanas se tornam impuros em sangue e assumem a natureza de ladrões. Os Brahmanas e os

Kshatriyas estão ligados uns aos outros naturalmente, e um protege o outro. O Kshatriya é a causa do crescimento do Brahmana e o Brahmana é a causa do crescimento do Kshatriya. Quando cada um ajuda o outro, ambos obtêm grande prosperidade. Se sua amizade, existindo desde os tempos antigos, se rompe, uma confusão se estabelece sobre tudo. Nenhuma pessoa desejosa de cruzar o oceano da vida tem sucesso em sua tarefa assim como um pequeno barco flutuando na superfície do oceano. As quatro classes de homens ficam confusas e a destruição toma conta de tudo. Se o Brahmana, que é como uma árvore, é protegido, ouro e mel são abundantes. Se, por outro lado, ele não é protegido, então lágrimas e pecados são abundantes. Quando Brahmanas se desviam dos Vedas e (na ausência de um soberano Kshatriya) procuram proteção das escrituras, então Indra não despeja chuva nas épocas apropriadas e diversos tipos de calamidades afligem o reino incessantemente. Quando um canalha pecaminoso tendo matado uma mulher ou um Brahmana não incorre em opróbrio em assembléias de homens e não tem medo do rei, então o perigo ameaça o soberano Kshatriya. Por causa dos pecados cometidos por homens pecaminosos, o deus Rudra aparece no reino. De fato, os pecaminosos por seus pecados trazem sobre eles aquele deus de vingança. Ele então destrói todos, tanto os honestos quanto os maus (sem fazer qualquer distinção).'"

"Aila disse, 'De onde Rudra surgiu? Qual também é sua forma? Criaturas são vistas serem destruídas por criaturas. Diga-me tudo isto, ó Kasyapa! De onde o deus Rudra surge?'"

"Kasyapa disse, 'Rudra existe nos corações dos homens. Ele destrói os próprios corpos nos quais ele habita como também os corpos de outros. Rudra é citado como as visitações atmosféricas e sua forma é como aquela dos deuses do vento.'"

"Aila disse, 'O Vento, por soprar, não destrói visivelmente homens em todas as ocasiões, nem a divindade das nuvens faz isto por despejar chuva. Por outro lado, é visto entre homens que eles perdem a razão e são mortos por luxúria e malícia.'"

"Kasyapa disse, 'O fogo, queimando em uma casa, queima todo um quarteirão ou uma aldeia inteira. Similarmente, essa divindade estupefaz os sentidos de alguns e então aquela estupefação atinge a todos, os honestos e os pecaminosos do mesmo modo, sem qualquer distinção.'"

"Aila disse, 'Se o castigo toca a todos, isto é, os honestos e os maus da mesma maneira, em consequência dos pecados cometidos pelos pecaminosos, por que deveriam os homens, nesse caso, fazer boas ações? De fato, por que eles não deveriam realizar atos pecaminosos?'"

"Kasyapa disse, 'Por evitar qualquer ligação com os pecaminosos, uma pessoa se torna pura e imaculada. No entanto, por se misturar como os pecaminosos, os impecáveis são alcançados pelo castigo. Madeira molhada, se misturada com madeira seca, é consumida pelo fogo por causa de tal co-existência. O impecável, portanto, nunca deve se misturar com o pecaminoso.'"

"Aila disse, 'A terra mantém os honestos e os maus. O sol aquece os honestos e os maus. O vento sopra igualmente para eles. A água os limpa igualmente.'"

"Kasyapa disse, 'Tal, de fato, é o andamento deste mundo, ó príncipe! Não é assim, no entanto, após a morte. No outro mundo, há grande diferença de condição entre a pessoa que age corretamente e aquela que age pecaminosamente. As regiões que homens meritórios alcançam são cheias de mel e possuidoras do esplendor do ouro ou de um fogo sobre o qual tem sido despejada manteiga clarificada. Aquelas regiões também são comparadas ao centro da ambrosia. A pessoa meritória desfruta de grande felicidade lá. Lá não há morte, velhice, nem tristeza. A região para os pecaminosos é o inferno. Escuridão e dor contínua existem lá, e ela é cheia de tristeza. Afundando em infâmia, o homem de atos pecaminosos se atormenta com remorso lá por muitos anos. Pela desunião entre Brahmanas e Kshatriyas, aflições insuportáveis afligem as pessoas. Sabendo disto, um rei deve nomear um sacerdote (Brahmana) possuidor de experiência e amplo conhecimento. Um rei deve primeiro instalar o sacerdote em seu ofício, e então fazer sua própria coroação. Isto é declarado nas ordenanças. As ordenanças declaram que o Brahmana é a mais importante de todas as criaturas. Homens familiarizados com os Vedas dizem que o Brahmana foi criado primeiro. Pela precedência de seu nascimento, todas as coisas que são boas neste mundo estão investidas nele. O dono legítimo de todas as melhores coisas que fluíram do Criador, o Brahmana é também, por tal precedência, digno do respeito e do culto de todas as criaturas. Um rei, embora poderoso, deve, segundo os ditames das escrituras, conceder ao Brahmana tudo o que é bom e notável acima das outras coisas. O Brahmana contribui para o engrandecimento do Kshatriya, e o Kshatriya para o engrandecimento do Brahmana. Brahmanas devem, portanto, ser especialmente e sempre adorados pelos reis.'"

74

"Bhishma disse, 'É dito que a conservação e o crescimento do reino dependem do rei. A conservação e o crescimento do rei dependem do sacerdote do rei. O reino desfruta de felicidade verdadeira quando os medos invisíveis dos súditos são dissipados pelo Brahmana e todos os medos visíveis são dissipados pelo rei com o poder de suas armas. Em relação a isto é citada a narrativa antiga da conversa entre o rei Muchukunda e Vaisravana. O rei Muchukunda, tendo subjugado a terra inteira, foi ao senhor de Alaka para testar sua força. O rei Vaisravana criou (por meio de poder ascético) uma grande tropa de Rakshasas. Estes oprimiram as tropas lideradas por Muchukunda. Vendo o massacre de seu exército, o rei Muchukunda, ó castigador de inimigos, começou a repreender seu próprio sacerdote erudito (Vasishtha). Então aquela principal das pessoas justas, isto é, Vasishtha, passou por penitências muito rígidas e, fazendo aqueles Rakshasas serem mortos, averiguou a verdadeira conduta à qual Muchukunda estava inclinado. Quando as tropas do rei Vaisravana estavam sendo massacradas, ele se mostrou para Muchukunda e disse estas palavras.'"

"O Senhor dos tesouros disse, 'Muitos reis de antigamente, mais poderosos do que tu, ajudados por seus sacerdotes, nunca se aproximaram de mim dessa maneira. Todos eles eram hábeis com armas e todos eles eram possuidores de poder. Considerando-me como o concessor de bem-estar e miséria, eles se aproximaram de mim para oferecer culto. Na verdade, se tu tem poder de armas, cabe a ti mostrar isto. Por que tu ages tão orgulhosamente, ajudado pelo poder Brahmana?' Enfurecido por estas palavras, Muchukunda, sem orgulho e sem medo, disse para o senhor dos tesouros estas palavras repletas de razão e justiça, 'Brahman nascido por si mesmo criou o Brahmana e o Kshatriya. Eles têm uma origem comum. Se eles aplicarem suas forças separadamente, eles nunca serão capazes de sustentar o mundo. O poder de penitência e mantras foi concedido aos Brahmanas; a força de braços e de armas foi concedida aos Kshatriyas. Engrandecidos por ambos os tipos de poder, reis devem proteger seus súditos. Eu estou agindo dessa maneira. Por que tu, ó senhor de Alaka, me repreendes então?' Assim endereçado, Vaisravana disse a Muchukunda e a seu sacerdote, 'Eu nunca, sem ser ordenado pelo (auto-criado) concedo a soberania a alguém. Nem, sem ser ordenado, a tiro de alguém. Saiba disto, ó rei! Governe então a terra inteira sem fronteiras.' Assim endereçado, o rei Muchukunda respondeu, dizendo, 'Eu, ó rei, não desejo desfrutar da soberania obtida como presente de ti! Eu desejo desfrutar da soberania obtida pela força de meus próprios braços!'"

"Bhishma continuou, 'A estas palavras de Muchukunda, Vaisravana, vendo o rei destemido no cumprimento dos deveres Kshatriya, ficou surpreso. O rei Muchukunda, dedicado aos deveres Kshatriya, continuou a governar a terra inteira obtida pelo poder de seus próprios braços. O rei virtuoso que governa seu reino, ajudado por e concedendo precedência ao Brahmana, consegue subjugar a terra inteira e obter fama grandiosa. O Brahmana deve todos os dias realizar seus ritos religiosos e o Kshatriya deve estar sempre armado com armas. Entre todos eles são os donos legítimos de tudo no mundo.'"

75

"Yudhishthira disse, 'Diga-me, ó avô, por qual conduta um rei consegue engrandecer seus súditos e alcançar regiões de felicidade no outro mundo.'"

"Bhishma disse, 'O rei deve ser generoso e deve realizar sacrifícios, ó Bharata! Ele deve ser cumpridor de votos e penitências, e deve ser dedicado ao dever de proteger seus súditos. Protegendo justamente todos os seus súditos, ele deve honrar todas as pessoas virtuosas por se levantar quando elas se aproximam e por fazer presentes a elas. Se o rei a respeita, a virtude se torna respeitada em todos os lugares. Quaisquer atos e coisas que são apreciados pelo rei são apreciados por seus súditos. Para seus inimigos o rei deve ser sempre como a Morte, com a vara de castigo sempre erguida em suas mãos. Ele deve exterminar ladrões em todos os lugares em seu reino e nunca perdoar qualquer um por capricho. O rei, ó Bharata, ganha uma quarta parte do mérito que seus súditos ganham sob sua proteção. Somente por proteger seus súditos o rei adquire uma

quarta parte do mérito que eles adquirem por meio de estudo, por donativos, por despejar libações, e por cultuar os deuses. O rei adquire uma quarta parte também do pecado que seus súditos cometem por causa de qualquer necessidade no reino resultante da negligência do rei em cumprir o dever de proteção. Alguns dizem que o rei ganha uma metade, e alguns dizem que ele ganha a medida inteira, de qualquer pecado que seja causado por ele se tornar cruel e falso em palavras. Escute agora aos meios pelos quais o rei pode ser purificado de tais pecados. Se o rei falha em restituir para um súdito a riqueza que foi roubada por ladrões, ele deve então indenizar o prejudicado a partir de sua própria tesouraria, ou, em caso de incapacidade, com riqueza obtida de seus dependentes. Todas as classes devem proteger a riqueza de um Brahmana assim como elas protegeriam o filho ou a vida de um Brahmana. A pessoa que peca contra Brahmanas deve ser exilada do reino. Tudo é protegido por proteger a riqueza do Brahmana. Pela graça do Brahmana, a qual pode ser assegurada dessa maneira, o rei se torna coroado com sucesso. Homens procuram a proteção de um rei competente assim como criaturas procurando alívio das nuvens ou aves procurando refúgio em uma árvore grande. Um rei cruel e cobiçoso, com alma lasciva e sempre procurando a satisfação de seu desejo nunca consegue proteger seus súditos.'"

"Yudhishthira, disse, 'Eu não desejo, nem por um momento, a felicidade que a soberania concede ou a própria soberania por si mesma. Eu a desejo, no entanto, pelo mérito que se pode adquirir dela. Me parece que nenhum mérito é ligado a ela. Não há necessidade então da soberania pela qual nenhum mérito pode ser adquirido. Eu irei, portanto, me retirar para as florestas pelo desejo de ganhar mérito. Colocando de lado a vara de castigo, e subjugando meus sentidos, eu irei para as florestas que são sagradas e procurarei adquirir o mérito da virtude por me tornar um asceta subsistindo de frutas e raízes.'"

"Bhishma disse, 'Eu sei, ó Yudhishthira, qual é a natureza do teu coração, e quão inofensiva é tua disposição. Tu não irás, no entanto, somente pela inofensividade, ter sucesso em governar teu reino. Teu coração é inclinado para a suavidade, tu és compassivo, e tu és extremamente justo. Tu és sem firmeza, e tu és virtuoso e cheio de piedade. O povo, portanto, não te respeita muito. Siga a conduta de teu pai e avô. Reis nunca devem adotar aquela conduta que tu desejas adotar. Nunca seja tocado por tal ansiedade (depois de fazer teu dever), e nunca adote tal inofensividade de conduta. Por te tornares assim, tu não conseguirás ganhar aquele mérito de justiça que provém de proteger os súditos. O comportamento que tu desejas adotar, impelido por tua própria inteligência e sabedoria, não é compatível com aquelas bênçãos as quais teu pai Pandu e tua mãe Kunti costumavam pedir para ti. Teu pai sempre pediu para ti coragem, poder, e veracidade. Kunti sempre pediu para ti magnanimidade e generosidade. As oferendas com Swaha e Swadha em Sraddhas e sacrifícios são sempre pedidos de filhos pelos Pitris e as divindades. Se caridade e estudo e sacrifícios e a proteção de súditos são meritórios ou pecaminosos, tu nasceste para praticá-los e realizá-los. A fama, ó filho de Kunti, nunca é deslustrada de homens que até fracassam em aguentar as cargas que são colocadas sobre eles e às quais eles

estão unidos em vida. Até um cavalo, se devidamente treinado, consegue suportar, sem cair, uma carga. (O que dizer então de ti que és um ser humano?) Uma pessoa não incorre em crítica somente se seus atos e palavras forem apropriados, pois o sucesso é citado como dependente de ações (e palavras). Nenhuma pessoa, seja ele um homem seguindo virtuosamente o modo de vida familiar, ou seja ele um rei, ou seja ele um Brahmacharin, alguma vez conseguiu se conduzir sem dar passos curtos. É melhor fazer uma ação que é boa e na qual há um pequeno mérito do que se abster totalmente de todas as ações, pois a total abstenção de ações é muito pecaminosa. Quando uma pessoa justa e de nascimento nobre consegue obter riqueza, o rei então consegue obter prosperidade em todos os seus assuntos. Um rei virtuoso, tendo obtido um reino, deve procurar subjugar alguns por meio de presentes, alguns pela força, e alguns por palavras gentis. Não há ninguém mais virtuoso do que ele em quem pessoas eruditas e nobres de nascimento confiam por medo de perder seus meios de sustento e dependendo de quem eles vivem em contentamento.'"

"Yudhishthira disse, 'Quais atos, ó senhor, conduzem ao céu? Qual é a natureza da grande felicidade que é derivada deles? Qual também é a prosperidade superior que pode ser obtida disto? Diga-me tudo isso, se tu sabes.'"

"Bhishma disse, 'O homem de quem uma pessoa afligida com medo obtém alívio mesmo que por um momento, é o mais digno do céu entre nós. Isto que eu te digo é realmente verdadeiro. Seja alegremente o rei dos Kurus, ó principal da linhagem de Kuru, alcance o céu, proteja os bons e mate os maus. Que teus amigos, junto com homens honestos, derivem seu sustento de ti, como todas as criaturas da divindade das nuvens e como aves de uma árvore grande com frutos deliciosos. Homens procuram a proteção daquele que é digno, corajoso, capaz de castigar, compassivo, com sentidos sob controle, afetuoso em direção a todos, equitativo, e justo.'"

76

"Yudhishthira disse, 'Ó avô, entre os Brahmanas alguns estão engajados nos deveres apropriados para sua classe, enquanto outros estão dedicados a outros deveres. Diga-me a diferença entre estas duas classes!'"

"Bhishma disse, 'Aqueles Brahmanas, ó rei, que possuem conhecimento e caráter beneficente, e olham para todas as criaturas imparcialmente, são citados como sendo iguais a Brahma. Aqueles que são familiarizados com os Riks, os Yajuses e os Samans, e que estão dedicados às práticas de sua classe, são, ó rei, iguais aos próprios deuses. Aqueles, no entanto, entre eles que não são bem nascidos nem dedicados aos deveres de sua classe, e são, além disso, apegados a práticas más, são como Sudras. Um rei virtuoso deve cobrar tributo de e recrutar sem pagamento para o serviço público aqueles Brahmanas que não possuem saber Védico e que não têm seus próprios fogos para culto. Aqueles que são empregados em cortes de justiça para convocar pessoas, os que realizam culto

para outros por uma taxa, os que realizam os sacrifícios de Vaisyas e Sudras, os que oficiam em sacrifícios em nome de uma aldeia inteira, e os que fazem viagens no oceano, estes cinco são considerados como Chandalas entre Brahmanas. Aqueles entre eles que se tornam Ritwikas (sacerdotes empregados em ocasiões especiais), Purohitas (que sempre agem como sacerdotes), conselheiros, enviados, e mensageiros, se tornam, ó rei, iguais a Kshatriyas. Aqueles entre eles que montam cavalos ou elefantes ou carros ou se tornam soldados de infantaria, se tornam, ó rei, iguais a Vaisyas. Se a tesouraria do rei não está cheia, ele pode cobrar tributos deles. Ao cobrar tributo, o rei, no entanto, deve excluir aqueles Brahmanas que são (por sua conduta) iguais aos deuses ou Brahma. Os Vedas dizem que o rei é o senhor da riqueza que pertence a todas as classes exceto Brahmanas. Ele pode pegar a riqueza daqueles Brahmanas também que se desviaram de seus deveres legítimos. O rei nunca deve ser indiferente em direção àqueles Brahmanas que não são cumpridores de seus deveres. Para fazer seu povo virtuoso, ele deve puni-los e separá-los de seus superiores. O rei, ó monarca, em cujos territórios um Brahmana se torna um ladrão, é considerado pelos eruditos como sendo o autor daquele delito. Pessoas conhecedoras dos Vedas declaram que se um Brahmana versado nos Vedas e praticante de votos se torna, por falta de sustento, um ladrão, é o dever do rei prover seu sustento. Se, depois do fornecimento para seu sustento ter sido feito, ele não se abstiver do roubo ele deve então, ó opressor de inimigos, ser banido do reino com todos os seus parentes.'"

77

"Yudhishthira disse, 'Da riqueza de quem, ó touro da raça Bharata, o rei deve ser considerado senhor? E qual conduta também o rei deve adotar? Discorra para mim sobre isto, ó avô.'"

"Bhishma disse, 'Os Vedas declaram que o rei é senhor da riqueza que pertence a todas as pessoas exceto Brahmanas, como também daqueles Brahmanas que não são cumpridores de seus próprios deveres. O rei não deve poupar aqueles Brahmanas que não são cumpridores de suas funções. Os virtuosos dizem que este é o antigo costume dos reis. O rei, ó monarca, em cujo domínio um Brahmana se torna um ladrão, é considerado como o autor daquele delito. É o rei que se torna pecaminoso por causa disso. Por causa de tal circunstância, reis se consideram como merecedores de repreensão. Todos os reis justos, portanto, fornecem aos Brahmanas os meios de sustento. Em relação a isto é citada a antiga narrativa do discurso feito pelo rei dos Kaikeyas para um Rakshasa enquanto o último estava prestes a raptá-lo. De votos rígidos e possuidor de saber Védico, o rei dos Kaikeyas, ó monarca, enquanto vivia nas florestas, foi agarrado violentamente em certa ocasião por um Rakshasa.'"

"O rei disse, 'Não há ladrão em meus territórios, nem qualquer pessoa de comportamento pecaminoso, nem alguém que bebe álcool. Não há ninguém em meus domínios que não tenha seu fogo sagrado ou que não realize sacrifícios.

Como então tu podes possuir meu coração? Não há Brahmana em meus domínios que não possua erudição ou que não seja praticante de votos ou que não tenha bebido Soma. Não há ninguém que não tenha seu fogo sagrado ou que não realize sacrifícios. Como então tu podes possuir minha alma? Em meus domínios nenhum sacrifício é realizado sem completá-lo por meio de Dakshina. Ninguém em meus domínios que não é cumpridor de votos estuda os Vedas. Como então tu podes possuir minha alma? Os Brahmanas em meu reino ensinam, estudam, sacrificam, oficiam em sacrifícios de outros, dão e recebem doações. Todos eles são praticantes destes seis atos. Os Brahmanas em meu reino são todos dedicados à realização dos deveres de sua classe. Adorados e providos, eles são brandos, e sinceros em palavras. Como então tu podes possuir minha alma? Os Kshatriyas em meu reino são todos dedicados aos deveres de sua classe. Eles nunca mendigam, mas doam, e estão familiarizados com verdade e virtude. Eles nunca ensinam, mas estudam, e realizam sacrifícios mas nunca oficiam nos sacrifícios de outros. Eles protegem os Brahmanas e nunca fogem da batalha. Como então tu podes possuir minha alma? Os Vaisyas em meus domínios são todos cumpridores dos deveres de sua classe. Com simplicidade e sem fraude eles derivam seu sustento da agricultura, criação de gado, e comércio. Eles são todos cuidadosos, observadores de ritos religiosos e votos excelentes, e sinceros em palavras. Eles dão para convidados o que lhes é devido, e são autocontrolados, e puros, e afeiçoados a seus parentes amigos. Como então tu podes possuir meu coração? Os Sudras em meu reino, cumpridores das funções de sua classe, servem humildemente e devidamente as outras três classes sem nutrir qualquer malícia em direção a eles. Como então tu és capaz de possuir meu coração? Eu sustento os incapacitados e os idosos, os fracos, os doentes, e as mulheres (sem protetores), por fornecer a eles todos os artigos que lhes são necessários. Como então tu podes possuir meu coração? Eu nunca sou um exterminador dos costumes especiais de famílias e de países que existem devidamente desde os tempos antigos. Como então tu podes possuir meu coração? Os ascetas em meu reino são protegidos e reverenciados. Eles são sempre honrados e entretidos com alimentos. Como então tu podes possuir meu coração? Eu nunca como sem alimentar outros de meus pratos. Eu nunca vou às esposas de outros homens. Eu nunca me divirto ou passo o tempo sozinho. Como então tu podes possuir meu coração? Ninguém em meu reino que não seja um Brahmacharin mendiga sua comida, e ninguém que leva o modo de vida Bhikshu deseja ser um Brahmacharin. Ninguém que não seja um Ritwij despeja libações (de manteiga clarificada) sobre o fogo sacrifical. Como então tu podes possuir minha alma? Eu nunca desrespeitei os eruditos ou os idosos ou aqueles que são dedicados a penitências. Quando toda a população dorme, eu me mantenho acordado (para vigiar e proteger). Como então tu podes possuir meu coração? Meu sacerdote possui auto-conhecimento. Ele é dado a penitências, e está familiarizado com todos os deveres. Possuidor de grande inteligência, ele tem todo o poder sobre o meu reino. Por meio de doações eu desejo adquirir conhecimento, e pela verdade e proteção aos Brahmanas, eu desejo alcançar regiões de bem-aventurança no céu. Pelo serviço eu me uno a meus preceptores, eu não tenho medo de Rakshasas. Em meu reino não há viúvas, nem Brahmana maus, nenhum Brahmana que se desviou de seus deveres, nenhuma pessoa enganadora,

nenhum ladrão, nenhum Brahmana que oficia nos sacrifícios de pessoas para quem ele nunca deve oficiar, e nenhum perpetrador de atos pecaminosos. Eu não tenho medo de Rakshasas. Não há espaço em meu corpo, nem da largura de dois dedos, que não tenha a cicatriz de um ferimento de arma. Eu sempre luto pela justiça. Como tu podes possuir meu coração? As pessoas do meu reino sempre invocam bênçãos sobre mim para que eu possa sempre proteger as vacas e os Brahmanas e realizar sacrifícios. Como então tu podes me possuir?'"

"O Rakshasa disse, 'Já que tu és cumpridor dos deveres sob todas as circunstâncias, portanto, ó rei dos Kaikeyas, volte para tua residência. Abençoado sejas, eu te deixo. Aqueles, ó rei dos Kaikeyas, que protegem as vacas e os Brahmanas e todos os seus súditos não têm nada a temer de Rakshasas, e muito menos de pessoas pecaminosas. Os reis que dão a liderança para Brahmanas e cujo poder depende daquele dos Brahmanas, e cujos súditos cumprem os deveres de hospitalidade, sempre conseguem alcançar o céu.'"

"Bhishma continuou, 'Tu deves, portanto, proteger os Brahmanas. Protegidos por ti, eles te protegerão em retorno. Suas bênçãos, ó rei, seguramente descem sobre reis de comportamento justo. Por causa da justiça, aqueles Brahmanas que não são cumpridores dos deveres de sua classe devem ser castigados e separados (em uma classe distinta) de seus superiores. Um rei que se comporta dessa maneira para com o povo de sua cidade e das províncias, obtém prosperidade aqui e residência no céu com Indra.'"

78

"Yudhishthira disse, 'É dito que em épocas de infortúnio um Brahmana pode se sustentar pela prática das funções Kshatriya. Ele pode, no entanto, em qualquer tempo, se sustentar pela prática das funções prescritas para os Vaisyas?'"

"Bhishma disse, 'Quando um Brahmana perde seus meios de sustento e cai em infortúnio, ele pode certamente se dirigir às práticas de um Vaisya e derivar seu sustento por meio de agricultura e criação de gado, se, é claro, ele for incompetente para as funções Kshatriya.'"

"Yudhishthira disse, 'Se um Brahmana, ó touro da raça Bharata, se dirige às funções de um Vaisya, quais artigos ele pode vender sem perder sua perspectiva de céu?'"

"Bhishma disse, 'Vinhos, sal, sementes de gergelim, animais que têm crinas, touros, mel, carne, e alimentos cozidos, ó Yudhishthira, sob todas as circunstâncias, um Brahmana deve evitar. Um Brahmana, por vendê-los, cairia no inferno. Um Brahmana, por vender uma cabra, incorre no pecado de vender o deus do fogo; por vender uma ovelha, no pecado de vender o deus da água; por vender um cavalo, no pecado de vender o deus do sol; por vender alimento cozido, no pecado de vender terra; e por vender uma vaca, no pecado de vender sacrifício e o suco Soma. Estes, portanto, não devem ser vendidos (por um

Brahmana). Aqueles que são bons não aprovam a compra de alimento não cozido por dar alimento cozido em troca. Alimento não cozido, no entanto, pode ser dado para obter alimento cozido, ó Bharata! 'Nós comeremos esta tua comida cozida. Tu podes cozinhar estas coisas cruas (que nós damos em troca).' Em um acordo deste tipo não há pecado. Escute, ó Yudhishthira, eu te falarei da prática eterna, existindo desde antigamente, de pessoas que se comportam segundo os costumes aprovados. 'Eu te dou isto. Dê-me esta outra coisa em troca.' Permuta por tal acordo é justa. Pegar coisas pela força, no entanto, é pecaminoso. Tal é o método do costume seguido pelos Rishis e outros. Sem dúvida, isto é justo.'"

"Yudhishthira disse, 'Quando, ó senhor, todas as classes, abandonando seus respectivos deveres, pegam armas contra o rei, então, é claro, o poder do rei decresce. Por quais meios o rei então deve se tornar o protetor e o refúgio do povo? Resolva esta minha dúvida, ó rei, por me falar em detalhes.'"

"Bhishma disse, 'Por donativos, por penitências, por sacrifícios, por quietude, e por autodomínio, todas as classes encabeçadas pelos Brahmanas devem, em tais ocasiões, buscar seu próprio bem. Aqueles entre eles que são dotados de força Védica, devem se erguer de todos os lados e como os deuses fortalecendo Indra contribuir (por meio de ritos Védicos) para aumentar a força do rei. Os Brahmanas são citados como o refúgio do rei quando seu poder sofre decadência. Um rei sábio procura o aumento de seu poder por meio do poder dos Brahmanas. Quando o rei, coroado com vitória, procura a restabelecimento da paz, todas as classes então se dirigem para seus respectivos deveres. Quando ladrões, quebrando todas as restrições, espalham a devastação, todas as classes podem pegar armas. Por fazer isso elas não incorrem em pecado, ó Yudhishthira!'"

"Yudhishthira disse, 'Se todos os Kshatriyas se tornarem hostis em direção aos Brahmanas, quem então protegerá os Brahmanas e seus Vedas? Qual então deve ser o dever dos Brahmanas e quem será seu refúgio?'"

"Bhishma disse, 'Por penitências, por Brahmacharya, por armas, e por força (física), aplicados com ou sem a ajuda de fraude, os Kshatriyas devem ser subjugados. Se os Kshatriyas se comportam impropriamente, especialmente com os Brahmanas, os próprios Vedas os derrotarão. Os Kshatriyas surgiram dos Brahmanas. O fogo surgiu da água; o Kshatriya do Brahmana; e o ferro da pedra. A energia do fogo, o Kshatriya, e o ferro, são irresistíveis. Mas quando eles entram em contato com as fontes de sua origem suas forças vem a ser neutralizadas. Quando o ferro golpeia a pedra, ou o fogo luta com a água, ou o Kshatriya se torna hostil ao Brahmana, então a força de cada daqueles três é destruída. Assim, ó Yudhishthira, energia e poder, por mais que sejam grandes e irresistíveis, dos Kshatriyas são suprimidos tão logo eles são dirigidos contra os Brahmanas. Quando a energia dos Brahmanas se abranda, quando a energia Kshatriya enfraquece, quando todos os homens se comportam mal em direção aos Brahmanas, aqueles que se envolvem em batalha então, abandonando todo o medo da morte, para proteger os Brahmanas, a moralidade, e a si mesmos, aquelas pessoas, movidas por justa indignação e possuidoras de grande força mental, conseguem ganhar regiões sublimes de bem-aventurança após a morte.

Todas as pessoas devem pegar armas por causa dos Brahmanas. As pessoas corajosas que lutam pelos Brahmanas alcançam aquela região feliz no céu que é reservada para pessoas que sempre estudaram os Vedas com atenção, que realizaram as mais rígidas das penitências, e que, depois de jejuarem, abandonaram seus corpos em fogos ardentes. O Brahmana, por pegar armas pelas três classes, não incorre em pecado. As pessoas dizem que não há dever maior do que abandonar a vida sob tais circunstâncias. Eu os reverencio e abençoados sejam eles que sacrificaram suas vidas dessa maneira ao procurarem castigar os inimigos de Brahmanas. Que nós alcancemos aquela região que está planejada para eles. O próprio Manu disse que aqueles heróis vão para a região de Brahman. Como as pessoas ficam purificadas de todos os seus pecados por passarem pelo banho final em um Sacrifício de Cavalo, assim mesmo aqueles que morrem no fio de armas enquanto lutando com pessoas pecaminosas são purificados de seus pecados. A justiça se torna injustiça, e a injustiça se torna justiça, de acordo com hora e lugar. Tal é o poder da hora e lugar (em determinar o caráter de ações humanas). Os amigos da humanidade, mesmo por fazerem atos de crueldade, têm alcançado o céu sublime. Kshatriyas virtuosos, mesmo por fazerem ações pecaminosas, alcançaram fins abençoados. (A alusão é a homens tais como Utanka e Parasara, que embora tenham realizado atos cruéis como o Sacrifício de Cobras e o Sacrifício Rakshasa, tinham entretanto direito ao céu. Assim reis Kshatriya, por invadirem os reinos de seus inimigos e matarem milhares de homens e animais, são entretanto considerados virtuosos e no final das contas vão para o céu.) O Brahmana, por pegar armas nessas três ocasiões, não incorre em pecado, isto é, para proteger a si mesmo, para obrigar as outras classes a se dirigirem para seus deveres, e para castigar ladrões.'"

"Yudhishthira disse, 'Se, quando ladrões erguem suas cabeças e uma mistura de classes começa a ocorrer por confusão, e os Kshatriyas se tornam incompetentes, alguma pessoa poderosa que não um Kshatriya procura subjugar aqueles ladrões para proteger o povo, de fato, ó melhor dos reis, se ocorre de aquela pessoa poderosa ser um Brahmana ou um Vaisya ou um Sudra, e se ele consegue proteger o povo por manejar justamente a vara de castigo, ele é justificado em fazer o que ele faz ou ele é impedido pelas ordenanças de realizar aquele dever? Parece que outros, quando os Kshatriyas demonstram ser tão desprezíveis, devem pegar em armas.'"

"Bhishma disse, 'Seja ele um Sudra ou um membro de alguma outra classe, aquele que se torna uma balsa em uma corrente sem balsa, ou um meio de se atravessar onde não há nenhum, certamente merece respeito de todas as maneiras. A pessoa, ó rei, confiando em quem homens desamparados, oprimidos e feitos miseráveis por ladrões, vivem alegremente, merece ser adorada amavelmente por todos como se fosse um parente próximo. A pessoa, ó tu da linhagem de Kuru, que dissipa os temores de outros sempre merece respeito. Que necessidade há de touros que não carregam cargas, ou de vacas que não produzem leite, ou de uma esposa que é estéril? Similarmente, que necessidade há de um rei se ele não é competente para conceder proteção? Como um elefante feito de madeira, ou um veado feito de couro, como uma pessoa sem riqueza, ou

alguém que é um eunuco, ou um campo que é estéril, assim mesmo é um Brahmana que é desprovido de conhecimento Védico e um rei incapaz de conceder proteção. Ambos são como uma nuvem que não despeja chuva. A pessoa que sempre protege os bons e reprime os maus merece se tornar um rei e governar o mundo.'"

79

"Yudhishthira disse, 'Quais, ó avô, devem ser as ações e qual o comportamento das pessoas empregadas como sacerdotes em nossos sacrifícios? Que tipo de pessoas elas devem ser, ó rei? Diga-me tudo isto, ó principal dos oradores.'"

"Bhishma disse, 'É declarado daqueles Brahmanas que são elegíveis como sacerdotes que eles devem estar familiarizados com os Chhandas inclusive os Samans, e todos os ritos inculcados nos Srutis, e que eles devem ser capazes de realizar todos os atos religiosos que levam à prosperidade do rei. Eles devem ser devotadamente leais e proferir palavras agradáveis ao se dirigirem aos reis. Eles devem também ser amigáveis uns com os outros, e olhar igualmente para todos. Eles devem ser desprovidos de crueldade, e verdadeiros em palavras. Eles nunca devem ser usurários, e devem sempre ser simples e sinceros. Um homem pacífico em temperamento, desprovido de vaidade, modesto, caridoso, autocontrolado, e contente, possuidor de inteligência, sincero, cumpridor de votos, e inofensivo para todas as criaturas, sem luxúria e malícia, e dotado das três qualidades excelentes, desprovido de inveja e possuidor de conhecimento, merece o assento do próprio Brahman. Pessoas com tais qualidades, ó majestade, são os melhores dos sacerdotes e merecem todo o respeito.'"

"Yudhishthira disse, 'Há textos Védicos acerca da doação de Dakshina em sacrifícios. Não há ordenança, no entanto, que declara quanto deve ser dado. Esta ordenança (sobre a doação de Dakshina) não procedeu de motivos ligados à distribuição de riqueza. A ordem da ordenança, pela provisão em casos de incapacidade, é terrível. Aquela ordem é cega para a competência do sacrificador (Em casos de incapacidade de dar o Dakshina prescrito, o sacrificador é ordenado a dar tudo o que ele tem. Esta instrução ou ordem é certamente terrível, pois quem pode decidir se desfazer de toda a sua riqueza para terminar um sacrifício?) A audição ocorre nos Vedas que uma pessoa deve, com devoção, realizar um sacrifício. Mas o que pode a devoção fazer quando o sacrificador é maculado pela falsidade (ao encontrar substitutos para o Dakshina realmente prescrito)?'" (A falsidade consiste em encontrar substitutos para o Dakshina verdadeiramente prescrito. Eles são pedacinhos de alimento cozido por uma vaca viva, um grão de cevada por uma peça de roupa, uma moeda de cobre por ouro; etc.)

"Bhishma disse, 'Nenhum homem obtém bem-aventurança ou mérito por desconsiderar os Vedas ou por engano ou mentira. Nunca pense que isto é de outra maneira. Dakshina constitui um dos membros do sacrifício e conduz ao sustento dos Vedas. Um sacrifício sem Dakshina nunca pode levar à salvação. A

eficácia, no entanto, de um único Purnapatra (256 punhados de arroz) é igual àquela de qualquer Dakshina, embora rico. (O fato é que embora o sacrificador possa não ser capaz de dar o Dakshiva verdadeiramente declarado nos Vedas, contudo por dar seu substituto ele não perde qualquer mérito, pois um único Purnapatra é tão eficaz se dado com devoção quanto o mais rico Dakshina.) Portanto, ó majestade, todos os que pertencem às três classes devem realizar sacrifícios. Os Vedas determinaram que Soma é como o próprio rei para os Brahmanas. Contudo eles desejam vendê-lo para a realização de sacrifícios, embora eles nunca desejem vendê-lo para ganhar o sustento. Rishis de comportamento virtuoso têm declarado, em conformidade com os ditames de moralidade, que um sacrifício realizado com os produtos da venda de Soma serve para estender sacrifícios. (Isto é, tal sacrifício, em vez de não produzir mérito, se torna os meios de aumentar a causa de sacrifícios. Em outras palavras, tal sacrifício é repleto de mérito.) Estes três, isto é, uma pessoa, um sacrifício e Soma, devem ser de bom caráter. Uma pessoa de mau caráter não é nem para este nem para o outro mundo. Esta audição foi ouvida por que nós que o sacrifício o qual Brahmanas de grande alma realizam por meio de riqueza obtida por trabalho físico excessivo não é produtivo de grande mérito. Há uma declaração nos Vedas que penitências são mais elevadas do que sacrifícios. Eu agora te falarei sobre penitências. Ó príncipe erudito, ouça-me. Abstenção de ferir, veracidade, benevolência, compaixão, estes são considerados como penitências pelos sábios e não a emaciação do corpo. Desrespeito aos Vedas, desobediência aos ditames das escrituras, e violação de todas restrições salutares produzem autodestruição. Escute, ó filho de Pritha, ao que foi prescrito por aqueles que despejam dez libações sobre o fogo dez vezes ao dia. Para aqueles que realizam o sacrifício da penitência, o Yoga que eles se esforçam para realizar com Brahma é sua concha; o coração é sua manteiga clarificada; e conhecimento superior constitui seu Pavitra. (Um Pavitra é feito de um par de folhas de Kusa para espalhar manteiga clarificada sobre o fogo). Todas as espécies de maldade significam morte, e todas as espécies de sinceridade são chamadas Brahma. Isto constitui o assunto de conhecimento. As rapsódias dos construtores de crenças não podem afetar isto.'"

80

"Yudhishthira disse, 'A ação mais insignificante, ó avô, não pode ser realizada por algum homem sem auxílio. O que dizer então do rei (que tem que governar um reino)? Qual deve ser o comportamento e quais devem ser os atos do ministro do rei? Em quem o rei deve depositar confiança e em quem ele não deve?'"

"Bhishma disse, 'Reis, ó monarca, têm quatro tipos de amigos. Eles são aquele que tem o mesmo objetivo, aquele que é devotado, aquele que é relacionado por nascimento, e aquele que foi conquistado (por doações e bondade). Uma pessoa de alma virtuosa, que serviria um e não ambos os lados, é a quinta na enumeração dos amigos do rei. Tal pessoa adota aquele lado no qual a justiça está, e consequentemente age justamente. Com relação a tal pessoa, o rei nunca

deve revelar propósitos seus tais como os que não atrairiam sua aprovação. Reis desejosos de sucesso são obrigados a adotar ambos os tipos de caminhos, justos e injustos. Dos quatro tipos de amigos, o segundo e o terceiro são superiores, enquanto o primeiro e o quarto devem ser sempre considerados com suspeita. Em vista, no entanto, daquelas ações as quais o rei deve fazer pessoalmente, ele deve sempre considerar com suspeita todos os quatro. O rei nunca deve agir desatentamente na questão de vigiar seus amigos. Um rei descuidado é sempre dominado por outros. Um homem mau assume o traje de honestidade, e aquele que é honesto se torna o contrário. Um inimigo pode se tornar um amigo e um amigo pode se tornar um inimigo. Um homem não pode ser sempre da mesma opinião. Quem então confiaria completamente nele? Todos os atos principais, portanto, de um rei ele deve realizar em sua própria presença. Uma confiança total (em seus ministros) é destrutiva de moralidade e lucro. Uma falta de confiança em relação a todos porém, é pior do que a morte. Credulidade é morte prematura. Uma pessoa incorre em perigo pela credulidade. Se alguém confia em outro completamente, é dito que ele vive pela permissão da pessoa confiada. Por esta razão deve-se confiar como também desconfiar de todos. Esta regra eterna de política, ó senhor, deve ser mantida em vista. Deve-se sempre desconfiar daquela pessoa que, às custas do desejo de alguém, obtém riqueza dele. Os sábios declaram que tal pessoa é um inimigo. Uma pessoa cuja alegria não tem limites ao ver o engrandecimento do rei e que se sente miserável ao ver a decadência do rei, fornece as indicações de um dos melhores amigos do rei. Naquele cuja queda seria ocasionada pela tua queda, tu deves confiar completamente assim como tu confiarias em teu pai. Tu deves, da melhor maneira, engrandecê-lo assim como tu ganhas engrandecimento para ti mesmo. Alguém que, mesmo em teus ritos religiosos, procura te resgatar do mal, procuraria te salvar do caminho do mal em qualquer outro negócio. Tal pessoa deve ser considerada como teu melhor amigo. Aqueles, por outro lado, que desejam mal para alguém são inimigos daquela pessoa. É citado como sendo tua própria pessoa um amigo que é inspirado com medo quando a calamidade te alcança e com alegria quando a prosperidade brilha em ti. Uma pessoa possuidora de beleza, feições formosas, voz excelente, generosidade, benevolência, e bom nascimento, não pode ser tal amigo. Aquela pessoa que é possuidora de inteligência e memória, que é inteligente nas transações de negócios, que é naturalmente contrária à crueldade, que nunca cede à raiva, e que, sendo respeitada ou desrespeitada nunca está descontente, seja ele teu sacerdote ou preceptor ou um amigo honrado, deve sempre receber teu respeito se ele aceitar o cargo de teu conselheiro e residir em tua residência. Tal pessoa pode ser informada dos teus planos mais secretos e do verdadeiro estado de todos os teus assuntos religiosos ou relativos à questões de lucro. Tu podes confiar nele como em teu próprio pai. Uma pessoa deve ser designada para uma tarefa, e não duas ou três. Aquelas podem não tolerar umas às outras. É sempre visto que várias pessoas, se colocadas para uma tarefa, discordam umas das outras. A pessoa que alcança celebridade, que observa todas as restrições, que nunca sente ciúmes de outras que são capazes e competentes, que nunca faz algum ação má, que nunca abandona a virtude por luxúria ou medo ou cobiça ou ira, que é inteligente nas transações de negócios, e que possui palavras sábias e relevantes, deve ser o principal dos teus ministros. Pessoas possuidoras de bom

nascimento e bom comportamento, que são generosas e que nunca se gabam, que são corajosas e respeitáveis, e eruditas e cheias de recursos, devem ser nomeadas como ministros para supervisionar todos os teus assuntos. Honrados por ti e gratificados com riquezas, eles agirão para o teu bem e serão de grande ajuda para ti. Nomeados para cargos ligados com lucros e outras questões importantes, eles sempre trazem grande prosperidade. Movidos por um sentimento de rivalidade saudável, eles cumprem todos os deveres ligados com lucro, consultando uns aos outros quando necessário. Tu deves temer teus parentes como a própria morte. Um parente nunca pode suportar a prosperidade de um parente assim como um dirigente feudatário não pode tolerar ver a prosperidade de seu senhor. Ninguém exceto um parente pode sentir alegria na destruição de um parente adornado com sinceridade, brandura, generosidade, modéstia, e veracidade. Aqueles, por outro lado, que não têm parentes, não podem ser felizes. Nenhum homem pode ser mais contemptível do que aquele que é desprovido de parentes. Uma pessoa que não tem parentes é facilmente dominada por inimigos. Os parentes constituem o amparo de alguém é afligido por outros homens, pois parentes nunca podem aguentar ver um parente afligido por outras pessoas. Quando um parente é perseguido mesmo por seus amigos, todos os parentes do perseguido consideram a ofensa como infligida sobre eles mesmos. Nos parentes, portanto, há méritos e defeitos. Uma pessoa desprovida de parentes nunca mostra predileção por alguém nem se humilha para alguém. Nos parentes, portanto, méritos e deméritos podem ser notados. Uma pessoa deve, por esta razão, sempre honrar e respeitar seus parentes em palavras e ações, e fazer coisas agradáveis para eles e nunca ofendê-los. Desconfiando deles no fundo, ela deve se comportar em direção a eles como se confiasse neles completamente. Refletindo sobre sua natureza, parece que eles não têm nem falhas nem méritos. Uma pessoa que age dessa maneira atentamente encontra seus verdadeiros inimigos desarmados de hostilidade e convertidos em amigos. Alguém que sempre se comporta dessa maneira em meio a amigos e parentes e se comporta assim em direção a amigos e inimigos, consegue ganhar fama eterna.'"

81

"Yudhishthira disse, 'Se alguém não consegue conquistar seus amigos e parentes (dessa maneira), aqueles que deveriam se tornar amigos viram inimigos. Como deve, então, se portar uma pessoa para que os corações de amigos e inimigos possam ser conquistados?'”

"Bhishma disse, 'Em relação a isto é citada a antiga história de uma conversa entre Vasudeva e o sábio celeste Narada. Em certa ocasião Vasudeva disse, 'Nem um amigo iletrado e tolo, nem um amigo erudito de alma inconstante, merece, ó Narada, conhecer os planos secretos de alguém. Confiando em tua amizade por mim, eu te direi algo, ó sábio! Ó tu que podes ir para o céu à vontade, uma pessoa deve falar para outra se ela estiver convencida da inteligência daquela outra. Eu nunca me comporto com subserviência em direção a meus

parentes por palavras aduradoras acerca de sua prosperidade. Eu dou a eles metade do que eu tenho, e perdôo suas palavras más. Como um galho de madeira é moído por uma pessoa desejosa de obter fogo, assim mesmo meu coração é oprimido por meus parentes com suas palavras cruéis. De fato, ó Rishi celeste, aquelas palavras cruéis queimam meu coração todos os dias. Poder reside em Sankarshana; brandura em Gada; e em relação a Pradyumna, ele supera até a mim mesmo em beleza pessoal. (Embora eu tenha todos estes ao meu lado) ainda assim eu estou desamparado, ó Narada! Muitos outros entre os Andhakas e os Vrishnis são possuidores de grande prosperidade e poder, e coragem e perseverança constante. Aquele em cujo lado eles não se colocam encontra destruição. Aquele, por outro lado, em cujo lado eles se colocam realiza tudo. Dissuadido (em alternação) por ambos (isto é, Ahuka e Akrura,) eu não tomo o partido de um ou outro. O que pode ser mais doloroso para uma pessoa do que ter Ahuka e Akrura ao seu lado? O que, também, pode ser mais doloroso para alguém do que não ter ambos ao seu lado? (O fato é que Ahuka e Akrura eram amargamente antagônicos um ao outro. Os dois, no entanto, amavam Krishna. Ahuka sempre avisava Krishna para afastar-se de Akrura, e Akrura sempre o avisava para evitar Ahuka. Krishna valorizava a amizade de ambos e dificilmente poderia dispensar um ou outro. O que ele diz aqui é que ter ambos é doloroso e não tê-los é igualmente doloroso.) Eu sou como a mãe de dois irmãos que jogam um contra o outro, invocando vitória para ambos. Eu sou, ó Narada, atormentado dessa maneira por ambos. Cabe a ti me dizer aquilo que é para o meu bem e de meus parentes.'"

"Narada disse, 'As calamidades, ó Krishna, são de dois tipos, isto é, externas e internas. Elas surgem, ó tu da tribo de Vrishni, das próprias ações de uma pessoa ou das ações de outros. A calamidade que agora te alcançou é interna e nascida de tuas próprias ações. Valadeva e outros da tribo Bhoja são partidários de Akrura, e tomaram seu lado ou por causa de riqueza, ou mero capricho, ou movidos por palavras ou por ódio. Em relação a ti, tu doaste riqueza obtida por ti para outro. Embora possuidor de homens que devem ser teus amigos, tu, no entanto, por tua própria ação, trouxeste calamidade sobre tua cabeça. Tu não podes pegar de volta aquela riqueza, assim como alguém não pode engolir novamente o alimento que ele mesmo vomitou. O reino não pode ser pego de volta de Babhu e Ugrasena (a quem ele foi dado). Tu mesmo, ó Krishna, não pode, especialmente, pegá-lo de volta (deles) por medo de produzir desavenças internas. Supondo que o esforço tivesse sucesso, isso aconteceria depois de muito incômodo e depois da realização das façanhas mais difíceis. Uma grande carnificina e uma grande perda de riqueza se seguiria, talvez até a destruição total. Use então uma arma que não é feita de aço, que é muito suave e ainda assim capaz de perfurar todos os corações. Afiando e reafiando aquela arma corrija as línguas de teus parentes.'"

"Vasudeva disse, 'Qual é a arma, ó sábio, que não é feita de aço, que é suave, que perfura todos os corações, e a qual eu devo usar para corrigir as línguas de meus parentes?'"

"Narada disse, 'Doar alimento o melhor que puder, bondade, sinceridade, gentileza, e honra para quem honra é devida, estes constituem uma arma que não é feita de aço. Somente com palavras gentis desvie a raiva de parentes prestes a proferirem palavras cruéis, e pacifique seus corações e mentes e línguas caluniosas. Ninguém que não é um grande homem com alma purificada e possuidor de talentos e amigos pode suportar uma responsabilidade pesada. Pegue este grande peso (de governar os Vrishnis) e o carregue em teus ombros. Todos os bois podem carregar cargas pesadas em uma estrada nivelada. Só os mais fortes entre eles podem carregar tais cargas em uma estrada difícil. Da desunião surgirá a destruição que ceifará todos os Bhojas e os Vrishnis. Tu, ó Kesava, és o principal entre eles. Aja de tal maneira para que os Bhojas e os Vrishnis não possam encontrar a destruição. Inteligência e bondade, restrição dos sentidos, e generosidade só estão presentes em uma pessoa de sabedoria. Melhorar a própria linhagem é sempre louvável e glorioso e conducente à vida longa. Ó Krishna, aja de tal maneira que a destruição não possa alcançar teus parentes. Não há nada desconhecido para ti a respeito de política e da arte da guerra, ó Senhor! Os Yadavas, os Kukuras, os Bhojas, os Andhakas, e os Vrishnis, são todos dependentes de ti assim como todos os mundos e todos os regentes daqueles mundos, ó de braços fortes! Os Rishis, ó Madhava, sempre rezam pelo teu progresso. Tu és o senhor de todas as criaturas. Tu conheces o passado, o presente, e futuro. Tu és o principal de todos os Yadavas. Confiando em ti, eles esperam viver em felicidade.'"

82

"Bhishma disse, 'Esses que eu te disse constituem os primeiros meios. Ouça agora, ó Bharata, aos segundos meios. O homem que procura promover os interesses do rei deve sempre ser protegido pelo rei. Se uma pessoa, ó Yudhishthira, que é paga ou não paga, se aproxima de ti para te falar dos danos feitos à tua tesouraria quando seus recursos estão sendo desviados por um ministro, tu deves conceder a ele uma audiência em particular e protegê-lo também do ministro (acusado). Os ministros culpados de peculato procuram, ó Bharata, matar tais informantes. Aqueles que pilham a tesouraria real combinam juntos para se opor à pessoa que procura protegê-la, e se o último for deixado desprotegido, ele certamente será arruinado. Ligado a isto também uma antiga história é citada do que o sábio Kalakavrikshiya disse ao rei de Kosala. Foi ouvido por nós que uma vez o sábio Kalakavrikshiya se aproximou de Kshemadarsin que tinha ascendido ao trono do reino de Kosala. Desejoso de examinar a conduta de todos os oficiais de Kshemadarsin, o sábio, com um corvo mantido dentro de uma gaiola em sua mão, viajava repetidamente por todas as partes daqueles domínios do rei. E ele falava a todos os homens e dizia, 'Estudem a ciência dos corvos. Os corvos me dizem o presente, o passado, e o futuro.' Proclamando isto no reino, o sábio, acompanhado por um grande número de homens, começou a observar os delitos de todos os oficiais do rei. Tendo averiguado todos os assuntos em relação àquele reino, e tendo descoberto que todos os oficiais nomeados pelo rei eram

culpados de má gerência da riqueza pública, o sábio, com seu corvo, foi ver o rei. De votos rígidos, ele disse ao rei, 'Eu sei tudo (sobre teu reino).' Chegado na presença do rei, ele disse para seu ministro adornado com as insígnias de seu cargo que ele tinha sido informado por seu corvo que o ministro tinha feito tal delito em tal local, e que tais e tais pessoas sabiam que ele tinha pilhado a tesouraria real. 'Meu corvo me diz isto. Admita ou prove a falsidade da acusação rapidamente.' O sábio então proclamou os nomes de outros oficiais que tinham similarmente sido culpados de desvio, somando: 'Meu corvo nunca diz nada que seja falso.' Assim acusados e ofendidos pelo sábio, todos os oficiais do rei, ó tu da linhagem de Kuru, (se uniram e) perfuraram seu corvo, enquanto o sábio dormia, à noite. Vendo seu corvo perfurado com uma flecha dentro da gaiola, o Rishi regenerado, indo até Kshemadarsin pela manhã, disse a ele, 'Ó rei, eu busco tua proteção. Tu és todo-poderoso e tu és o mestre das vidas e da riqueza de todos. Se eu receber tua ordem eu então poderei dizer o que é para o teu bem. Angustiado por causa de ti a quem eu considero como um amigo eu vim a ti, impelido por minha devoção e disposto a te servir com todo o meu coração. Tua riqueza está sendo roubada, eu vim a ti para revelar isto sem mostrar qualquer consideração pelos ladrões. Como um motorista que incita um bom corcel, eu vim para cá para alertar a ti a quem eu respeito como um amigo. Um amigo que é sensível aos seus próprios interesses e desejoso de sua própria prosperidade e engrandecimento, deve perdoar um amigo que se intromete impetuosamente, impelido por devoção e ira, para fazer o que é benéfico.' O rei respondeu a ele, dizendo, 'Por que eu não devo tolerar o que tu dirás, já que eu não sou cego ao que é para o meu bem? Eu te concedo permissão, ó regenerado! Diga-me o que quiseres, eu certamente obedecerei às instruções que tu me deres, ó Brahman!'"

"O sábio disse, 'Averiguando os méritos e defeitos de teus empregados, como também os perigos que tu corres nas mãos deles, eu vim a ti, impelido pela minha devoção, para relatar tudo para ti. Os professores (da humanidade) declararam antigamente qual é o comportamento, ó rei, daqueles que servem outros. A sina daqueles que servem o rei é muito dolorosa e infeliz. Aquele que tem alguma ligação com reis é como se tivesse ligação com cobras de veneno virulento. Reis têm muitos amigos como também muitos inimigos. Aquele que serve os reis tem que ter medo de todos. A todo momento, também, ele tem que temer o próprio rei, ó monarca. Uma pessoa servindo o rei não pode (com impunidade) ser culpada de negligência em fazer o trabalho do rei. De fato, um empregado que deseja ganhar prosperidade nunca deve demonstrar desatenção no cumprimento de seus deveres. Sua negligência pode provocar a fúria do rei, e tal ira pode ocasionar a destruição (do empregado). Aprendendo cuidadosamente como se comportar, ele deve sentar na presença do rei como ele sentaria na presença de um fogo ardente. Preparado para sacrificar a própria vida a todo momento, ele deve servir ao rei atentamente, pois o rei é todo-poderoso e dono das vidas e da riqueza de todos, e portanto, como uma cobra de veneno virulento. Ele deve sempre temer entregar-se a más palavras perante o rei, ou sentar-se desanimadamente ou em posturas irreverentes, ou servir em atitudes de desrespeito ou andar desdenhosamente ou expor gestos insolentes e movimentos desrespeitosos dos membros. Se o rei fica satisfeito, ele pode derramar prosperidade como um deus.

Se ele fica enfurecido, ele pode consumir até as próprias raízes como um fogo ardente. Isto, ó rei, foi dito por Yama. Sua verdade é vista nos assuntos do mundo. Eu irei agora (agindo segundo estes preceitos) fazer aquilo que aumentará tua prosperidade. Amigos como nós podemos dar a amigos como tu a ajuda de sua inteligência em épocas de perigo. Este meu corvo, ó rei, foi morto por fazer teu serviço. Eu não posso, no entanto, te culpar por isto. Tu não és amado por aqueles (que mataram esta ave). Averigúe quem são teus amigos e quem são teus inimigos. Faça tudo tu mesmo sem entregar tua inteligência para outros. Aqueles que estão em teu estabelecimento são todos peculadores. Eles não desejam o bem de teus súditos. Eu atraí a hostilidade deles. Conspirando com aqueles servos que têm acesso constante a ti eles cobiçam teu reino depois de ti por realizarem tua destruição. Os planos deles, no entanto, não tiveram sucesso por causa de circunstâncias imprevistas. Por medo daqueles homens, ó rei, eu deixarei este reino em busca de algum outro retiro. Eu não tenho desejo mundano, ainda assim aquelas pessoas de intenções desonestas dispararam esta flecha em meu corvo, e, ó senhor, despacharam a ave para a residência de Yama. Eu tenho visto isso, ó rei, com olhos cuja visão foi melhorada por meio de penitências. Com a ajuda deste único corvo eu cruzei esse teu reino que é como um rio cheio de jacarés e tubarões e crocodilos e baleias. De fato, com a ajuda desta ave, eu passei por teus domínios como por um vale Himalayan, impenetrável e inacessível por causa dos troncos de árvores (caídas) e rochas espalhadas e arbustos espinhosos e leões e tigres e outros animais predadores. Os eruditos dizem que uma região inacessível por causa da escuridão pode ser atravessada com a ajuda de uma luz, e um rio que não é vadeável pode ser cruzado por meio de um barco. Nenhum meio, no entanto, existe para se penetrar ou passar pelo labirinto dos negócios reais. Teu reino é como uma floresta inacessível envolvida em escuridão. Tu (que és o senhor dele) não podes confiar nele. Como então eu posso? Bem e mal são considerados aqui da mesma maneira. Residência aqui, portanto, não pode ser segura. Aqui uma pessoa de atos justos encontra com a morte, enquanto alguém de atos injustos não incorre em perigo. De acordo com os requisitos de justiça, uma pessoa de atos injustos deve ser morta mas nunca uma que é justa em suas ações. Não é apropriado, portanto, ficar por mais tempo nesse reino. Um homem inteligente deve deixar logo esse país. Há um rio, ó rei, de nome Sita. Barcos afundam nele. Esse teu reino é como aquele rio. Uma rede todo-destrutiva parece ter sido lançada em volta dele. Tu és como a queda que espera coletores de mel, ou como alimento atrativo contendo veneno. Tua natureza agora parece aquela de homens desonestos e não aquela dos bons. Tu és como uma cova, ó rei, cheia de cobras de veneno virulento. Tu pareces, ó rei, um rio cheio de água doce mas de acesso extremamente difícil, com margens íngremes cobertas com Kariras e juncos espinhosos. Tu és como um cisne no meio de cães, urubus e chacais. Parasitas gramíneos, derivando seu sustento de uma árvore imensa, se expandem em crescimento luxuriante, e finalmente cobrindo a própria árvore a obscurecem completamente. Um incêndio começa na floresta, e pegando aquelas plantas gramíneas primeiro, consome a árvore soberana com elas. Teus ministros, ó rei, parecem com aqueles parasitas gramíneos dos quais eu falo. Controle-os e corrija-os. Eles têm sido nutridos por ti. Mas conspirando contra ti, eles estão destruindo tua prosperidade. Ocultando (de

ti) as falhas de teus empregados, eu estou vivendo na tua residência em medo constante do perigo, assim como uma pessoa vivendo em um quarto com uma cobra dentro dele ou como o amante da esposa de um herói. Meu objetivo é averiguar o comportamento do rei que me hospeda. Eu desejo saber se o rei tem suas emoções sob controle, se seus empregados o obedecem, se ele é amado por eles, e se ele ama seus súditos. Para o objetivo de averiguar todos esses pontos, ó melhor dos reis, eu vim a ti. Como alimento para uma pessoa faminta, tu te tornaste querido para mim. Eu antipatizo com teus ministros, no entanto, como uma pessoa cuja sede foi saciada tem aversão à bebida. Eles me criticam porque eu procuro o teu bem. Eu não tenho dúvida de que não há outra causa para aquela hostilidade deles por mim. Eu não nutro alguma intenção hostil em direção a eles. Eu somente estou empenhado em notar suas imperfeições. Como se deve temer uma cobra ferida, todos devem temer um inimigo de coração pecaminoso!'" (Ainda é corrente a crença que uma cobra ferida seguramente procurará vingança mesmo se a pessoa que a feriu colocar milhas de distância entre ela mesma e o réptil. As pessoas desse país, portanto, sempre matam uma cobra completamente e a queimam em fogo se elas alguma vez a capturam.)

"O rei disse, 'Resida em meu palácio, ó Brahmana! Eu sempre te tratarei com respeito e honra, e sempre te cultuarei. Aqueles que antipatizarem contigo não morarão comigo. Faça tu mesmo o que deve ser feito em seguida para aquelas pessoas (das quais tu falaste). Cuide, ó santo, para que a vara de castigo seja manejada apropriadamente e para que tudo seja feito bem em meu reino. Refletindo sobre tudo, guie-me de tal modo que eu possa obter prosperidade.'"

"O sábio disse, 'Fechando teus olhos em primeiro lugar a esse ataque deles (isto é, a morte do corvo), enfraqueça-os um por um. Prove as falhas deles então e os atinja um depois do outro. Quando muitas pessoas se tornam culpadas do mesmo delito, elas podem, por agirem juntas, amolecer as próprias pontas dos espinhos. Para que teus ministros (sendo suspeitados, não ajam contra ti e) revelem seus planos secretos, eu te aconselho a continuar com tal cautela. Em relação a nós, nós somos Brahmanas, naturalmente compassivos e sem vontade de causar dor a ninguém. Nós desejamos o teu bem como também o bem de outros, assim como nós desejamos o nosso bem. Eu falo de mim mesmo, ó rei! Eu sou teu amigo. Eu sou conhecido como o sábio Kalakavrikshiya. Eu sempre sou fiel à verdade. Teu pai me considerava amavelmente como seu amigo. Quando o infortúnio alcançou esse reino durante o reinado de teu pai, ó rei, eu realizei muitas penitências (para rechaçá-la), abandonando todos os outros assuntos. Pela minha afeição por ti eu te digo que tu não podes cometer novamente o erro (de depositar confiança em pessoas não merecedoras). Tu obtiveste um reino sem incômodos. Reflita sobre tudo ligado à sua prosperidade e miséria. Tu tens ministros em teu reino. Mas por que, ó rei, tu deves ser culpado de negligência?' Depois disto, o rei de Kosala escolheu um ministro da classe Kshatriya, e nomeou aquele touro entre Brahmanas (isto é, o sábio Kalakavrikshiya) como seu Purohita. Depois que estas mudanças tinham sido efetuadas, o rei de Kosala subjugou a terra inteira e obteve grande fama. O sábio Kalakavrikshiya cultuou os deuses em muitos sacrifícios grandiosos realizados para o rei. Tendo escutado aos seus

conselhos benéficos, o rei de Kosala conquistou a terra inteira e se comportou em todas as circunstâncias como o sábio lhe indicou.'"

83

"Yudhishthira disse, 'Quais devem ser as características, ó avô, dos legisladores, dos ministros de guerra, dos cortesãos, dos generalíssimos, e dos conselheiros de um rei?'"

"Bhishma disse, 'Pessoas possuidoras de modéstia, autodomínio, veracidade, sinceridade, e coragem para dizer o que é apropriado, devem ser teus legisladores. Aqueles que estão sempre do teu lado, que são possuidores de grande coragem, que são da casta regenerada, possuidores de grande erudição, bem satisfeitos contigo, e dotados de perseverança em todas as ações, devem, ó filho de Kunti, ser desejados por ti para se tornarem teus ministros de guerra em todas as épocas de infortúnio, ó Bharata! Alguém que é de descendência nobre, que, tratado com honra por ti, sempre exerce seus poderes ao máximo em teu nome, e que nunca te abandonará na prosperidade ou na miséria, doença ou morte, deve ser acolhido por ti como um cortesão. Aqueles que são de nascimento nobre, que são nascidos em teu reino, que têm sabedoria, beleza de forma e feições, grande erudição, e dignidade de comportamento, e que, além disso, são devotados a ti, devem ser empregados como oficiais do teu exército. Pessoas de baixa descendência e propensões cobiçosas, que são cruéis e sem vergonha te cortejariam, ó majestade, enquanto suas mãos permanecessem molhadas; (isto é, enquanto elas fossem pagas e tivessem em suas mãos o que lhes fosse dado). Aqueles que são de bom nascimento e bom comportamento, que podem ler todos os sinais e gestos, que são desprovidos de crueldade, que sabem quais são as necessidades de hora e lugar, que sempre procuram o bem de seu chefe em todos os atos, devem ser nomeados como ministros pelo rei em todos os seus assuntos. Aqueles que foram conquistados com presentes de riqueza, honras, recepções respeitosas, e meios de obter felicidade, e que por causa disto podem ser consideradas por ti como pessoas inclinadas a te beneficiarem em todos os teus negócios, devem sempre ser participantes da tua felicidade. Aqueles que são de conduta constante, possuidores de conhecimento e bom comportamento, observadores de votos excelentes, generosos, e verdadeiros em palavras, estarão sempre atentos aos teus negócios e nunca te abandonarão. Aqueles, por outro lado, que são desrespeitosos, que não são observadores de restrições, que são de almas pecaminosas, e que se desviaram das boas práticas, devem sempre ser compelidos por ti a observar todas as restrições salutares. Quando a pergunta é qual de dois lados deve ser adotado, tu não deves abandonar os muitos para adotar o lado de um. Quando, no entanto, aquela pessoa supera os muitos pela posse de muitos talentos, então tu deves, por aquele um, abandonar os muitos. Estas são consideradas como marcas de superioridade, isto é, coragem, dedicação a objetivos que tragam fama, e observância de restrições salutares. Aquele, também, que honra todas as pessoas possuidoras de habilidade, que nunca cede a sentimentos de rivalidade com pessoas não possuidoras de mérito,

que nunca abandona a retidão por luxúria ou medo ou ira ou cobiça, que é adornado com humildade, que é sincero em palavras e bondoso em temperamento, que tem sua alma sob controle, que tem um senso de dignidade, e que tem sido testado em todas as situações, deve ser empregado por ti como teu conselheiro. Descendência nobre, pureza de sangue, bondade, inteligência, e pureza de alma, coragem, gratidão, e veracidade, são, ó filho de Pritha, marcas de superioridade e bondade. Um homem sábio que se comporta dessa maneira, (isto é, mostra estas virtudes em sua conduta), consegue desarmar seus próprios inimigos de sua hostilidade e convertê-los em amigos. Um rei que tem sua alma sob restrição, que possui sabedoria, e que deseja prosperidade, deve examinar cuidadosamente os méritos e deméritos de seus ministros. Um rei desejoso de prosperidade e de brilhar em meio a seus contemporâneos, deve ter como ministros homens ligados com seus amigos de confiança, possuidores de nascimento nobre e nascidos em seu próprio reino, incapazes de serem corrompidos, não maculados por adultério e vícios similares, bem testados, pertencentes a boas famílias, possuidores de erudição, nascidos de pais e avôs que ocuparam cargos parecidos, e adornados com humildade. O rei deve empregar para cuidar de seus negócios cinco dessas pessoas possuidoras de inteligência e não manchadas pelo orgulho, que tenham boa disposição, energia, paciência, bondade, pureza, lealdade, firmeza, e coragem, cujos méritos e defeitos tenham sido bem testados, de idade madura, capazes de arcar com responsabilidades, e que sejam livres de engano. Homens que são sábios em palavras, possuidores de heroísmo, cheios de recursos sob dificuldades, de nascimento nobre, sinceros, que podem ler sinais, que são livres de crueldade, familiarizados com os requisitos de hora e lugar, e que desejam o bem de seus mestres, devem ser empregados pelo rei como seus ministros em todos os assuntos do reino. Alguém que é desprovido de energia e que foi abandonado pelos amigos nunca pode trabalhar com perseverança. Tal homem, se empregado, fracassa em quase todos os serviços. Um ministro que possui pouca erudição, mesmo se abençoado com nascimento nobre e atento à virtude, lucro, e prazer, se torna incompetente em escolher rumos de ação apropriados. Similarmente, uma pessoa de descendência inferior, mesmo se possuidora de grande erudição, sempre erra, como um homem cego sem um guia, em todos os atos que requerem destreza e previdência. Uma pessoa, também, que não tem propósitos firmes, mesmo que possua inteligência e erudição, e mesmo que conheça os meios, não pode agir com sucesso por muito tempo. Um homem de coração pecaminoso e sem conhecimento pode colocar sua mão para trabalhar, mas ele falha em verificar quais serão os resultados de seu trabalho. Um rei nunca deve depositar confiança em um ministro que não é devotado a ele. Ele nunca deve, portanto, revelar seus planos para um ministro que não é dedicado a ele. Tal ministro vil, combinando com os outros ministros do rei, pode arruinar seu mestre, como um fogo consumindo uma árvore por entrar em suas entranhas através dos buracos em seu corpo com a ajuda do vento. Cedendo à ira, um mestre pode um dia remover um empregado de seu cargo ou reprová-lo, por raiva, em palavras duras, e recolocá-lo no poder novamente. Ninguém exceto um empregado dedicado a seu chefe pode tolerar e perdoar tal tratamento. Os ministros também ficam algumas vezes muito ofendidos com seus mestres reais. Aquele, no entanto,

entre eles, que subjuga sua raiva pelo desejo de fazer bem para seu chefe, aquela pessoa que é um participante com o rei de sua prosperidade e infortúnio, deve ser consultada pelo rei em todos os seus negócios. Uma pessoa de coração desonesto, mesmo que seja devotada a seu mestre e possuidora de sabedoria e adornada com numerosas virtudes, nunca deve ser consultada pelo rei. Alguém que está aliado com inimigos e que não respeita os interesses dos súditos do rei, deve ser conhecido como um inimigo. O rei nunca deve deliberar com ele. Alguém que não possui conhecimento, que não é puro, que é manchado com orgulho, que corteja os inimigos do rei, que se gaba, que é antipático, colérico, e cobiçoso não deve ser consultado pelo rei. Um estrangeiro, mesmo que ele seja devotado ao rei e possuidor de grande erudição, pode ser honrado pelo rei e gratificado com a designação dos meios de sustento, mas o rei nunca deve consultá-lo em seus negócios. Uma pessoa cujo pai foi injustamente banido por decreto real não deve ser consultada pelo rei mesmo que o rei possa ter posteriormente lhe concedido honras e lhe atribuído os meios de sustento. Um benquerente cuja propriedade foi uma vez confiscada por uma transgressão leve, mesmo se ele for possuidor de todos os talentos não deve ainda ser consultado pelo rei. Uma pessoa possuidora de sabedoria, inteligência, e erudição, que é nascida dentro do reino, que é pura e justa em todos os seus atos, merece ser consultada pelo rei. Alguém que é dotado de conhecimento e sabedoria, que conhece as disposições de seus amigos e inimigos, que é amigo do rei de tal maneira quanto a ser sua segunda pessoa, merece ser consultado. Alguém que é verdadeiro em palavras e modesto e gentil e que é um empregado hereditário do rei, merece ser consultado. Alguém que é contente e honrado, que é sincero e digno, que odeia maldade e homens pecaminosos, que é familiarizado com política e os requisitos de tempo, e que é corajoso, merece ser consultado pelo rei. Alguém que é competente para conquistar todos os homens pela conciliação deve ser consultado, ó monarca, pelo rei que deseja governar segundo os ditames da ciência de castigo. Alguém em quem os habitantes da capital e das províncias depositam confiança por sua conduta honrada, que é competente para lutar e conhecedor das regras de política, merece ser consultado pelo rei. Portanto, homens possuidores de tais qualidades, homens conhecedores das disposições de todos e desejosos de realizar grandes ações, devem ser honrados pelo rei e feitos seus ministros. Seu número também não deve ser menor do que três (geralmente deve ser cinco). Os ministros devem ser empregados em observar as negligências de seus mestres, deles mesmos, dos súditos, e dos inimigos de seu mestre. O reino tem sua base nos conselhos de política que fluem dos ministros, e seu crescimento procede da mesma fonte. Os ministros devem agir de tal modo que os inimigos de seu chefe não possam detectar seus pontos fracos. Por outro lado, quando os pontos fracos deles se tornam visíveis, eles devem então ser atacados. Como a tartaruga protegendo seus membros por recolhê-los dentro de sua carapaça, os ministros devem proteger seus próprios planos. Eles devem, assim mesmo, ocultar seus próprios pontos fracos. Aqueles ministros de um reino que conseguem esconder seus conselhos são citados como possuidores de sabedoria. Conselhos constituem a armadura de um rei, e os membros de seus súditos e oficiais. Um reino é citado como tendo sua base em espiões e agentes secretos, e é dito que sua força se encontra em conselhos de política. Se chefes e ministros seguem uns

aos outros para derivar apoio uns dos outros, subjugando orgulho e ira, e vaidade e inveja, eles podem então vir a ser felizes. Um rei deve também consultar com tais ministros que são livres dos cinco tipos de engano. Averiguando bem, em primeiro lugar, as diferentes opiniões dos três entre eles a quem ele consultou, o rei deve, para deliberação subsequente, ir até seu preceptor para informá-lo daquelas opiniões e da sua própria. Seu preceptor deve ser um Brahmana bem versado em todas as questões de virtude, lucro, e prazer. Indo até ele para tal deliberação subsequente, o rei deve, com mente serena, perguntar sua opinião. Quando chegar-se a uma decisão depois da deliberação com ele, o rei deve então, sem apego, realizá-la na prática. Aqueles que estão familiarizados com as conclusões da ciência de consulta dizem que reis devem sempre manter consultas dessa modo. Tendo feito planos dessa maneira, eles devem então colocá-los em prática, pois então eles serão capazes de conquistar todos os súditos. Não deve haver anões, nem pessoas corcundas, nem alguma de constituição emaciada, nem alguém que seja coxo ou cego, nem alguém que seja um idiota, nem uma mulher, e nem um eunuco, no local onde o rei mantém suas conferências. Nada deve se mover lá pela frente ou por trás, acima ou abaixo, ou em direções transversais. Subindo em um barco, ou indo a um espaço aberto desprovido de grama e arbustos gramíneos de onde o terreno circundante possa ser visto claramente, o rei deve manter conferências na hora apropriada, evitando falhas em palavras e gestos.'"

84

"'Bhishma disse, 'Em relação a isto, ó Yudhishthira, o antigo relato de uma conversa entre Vrihaspati e Sakra é citado.'"

"Sakra disse, 'Qual é o único ato, ó regenerado, que por realizar o qual com cuidado, uma pessoa pode se tornar respeitada por todas as criaturas e adquirir grande celebridade?'"

"Vrihaspati disse, 'Amabilidade de palavras, ó Sakra, é a única coisa por praticar a qual uma pessoa pode se tornar um objeto de respeito para todas as criaturas e adquirir grande celebridade. Esta é a única coisa, ó Sakra, que dá felicidade a todos. Por praticá-la, uma pessoa pode sempre obter o amor de todas as criaturas. A pessoa que não fala uma palavra e cujo rosto está sempre sulcado com expressões carrancudas se torna um objeto de ódio para todas as criaturas. Abstenção de palavras agradáveis a faz assim. Aquela pessoa que, ao ver outros, se dirige a eles primeiro e o faz com sorrisos, consegue fazer todos ficarem satisfeitos com ela. Até doações, se não feitas com palavras agradáveis, não alegram os recebedores, como arroz sem caril (curry, condimento apimentado). Se até as posses de homens, ó Sakra, forem tiradas com palavras gentis, tal gentileza de comportamento consegue pacificar os roubados. Um rei, portanto, mesmo desejoso de infligir castigo deve proferir palavras gentis. Gentileza de palavras nunca falha em seu propósito, enquanto que, ao mesmo tempo ela nunca

fere algum coração. Uma pessoa de bons atos e palavras boas, gentis e agradáveis, não tem igual.'"

"Bhishma continuou, 'Assim endereçado por seu sacerdote, Sakra começou a agir de acordo com aquelas instruções. Pratique também, ó filho de Kunti, esta virtude.'"

85

"Yudhishthira disse, 'Ó principal dos reis, qual é aquele método pelo qual um rei governando seus súditos pode, em consequência dele, obter grande bem-aventurança e fama eterna?'"

"Bhishma disse, 'Um rei de alma purificada e atento ao dever de proteger seus súditos ganha mérito e fama, neste mundo e no outro, por se comportar justamente.'"

"Yudhishthira disse, 'Com quem o rei deve se comportar de que maneira? A meu pedido, ó tu de grande sabedoria, cabe a ti me dizer tudo devidamente. Aquelas virtudes das quais tu já falaste, em relação a uma pessoa, em minha opinião, não podem ser encontradas existindo em um único indivíduo.'"

"Bhishma disse, 'Tu és dotado de grande inteligência, ó Yudhishthira! É assim mesmo como tu disseste. É muito rara a pessoa que é possuidora de todas aquelas boas qualidades. Para ser breve, a presença de todas as virtudes citadas é muito difícil de ser encontrada mesmo após busca cuidadosa. Eu irei, no entanto, te dizer quais tipos de ministros devem ser nomeados por ti. Quatro Brahmanas, eruditos nos Vedas, possuidores de um senso de dignidade, pertencentes à classe Snataka, e de comportamento puro, e oito Kshatriyas, todos os quais devem ser possuidores de força física e capazes de manejar armas, e vinte e um Vaisyas, todos os quais devem ser possuidores de riqueza, e três Sudras, todos os quais devem ser humildes e de conduta pura e dedicados aos seus deveres diários, e um homem da casta Suta, possuidor de um conhecimento dos Puranas e das oito virtudes principais, devem ser teus ministros. Todos eles devem ter cinquenta anos de idade, possuidores de um senso de dignidade, livres de inveja, familiarizados com os Srutis e os Smritis, humildes, imparciais, competentes para decidir prontamente entre disputantes recomendando diferentes rumos de ação, livres de cobiça e dos sete vícios terríveis chamados Vyasanas. O rei deve consultar com aqueles oito ministros e manter a liderança entre eles. Ele deve então publicar em seu reino, para a informação de seus súditos, os resultados de tal deliberação. Tu deves sempre, adotando tal conduta, zelar pelo teu povo. Tu nunca deves confiscar o que é depositado contigo ou te apropriar como tua da coisa cuja posse duas pessoas possam disputar. Tal conduta arruinaria a administração da justiça. Se a administração da justiça for assim prejudicada, o pecado te afligirá, e afligirá teu reino também, e inspirará teu povo com medo como aves pequenas à visão de um falcão. Teu reino então desaparecerá como um barco destruído no mar. Se um rei governa seus súditos

com injustiça, o medo toma posse de seu coração e a porta do céu é fechada contra ele. Um reino, ó touro entre homens, tem sua base na justiça. Aquele ministro, ou filho do rei, que age injustamente, ocupando o assento de justiça, e aqueles oficiais que tendo aceitado o encargo dos negócios (de Estado), agem injustamente, movidos pelo egoísmo, caem todos no inferno junto com o próprio rei. Aqueles homens desamparados que são oprimidos pelos poderosos, e que por causa disto se abandonam em lamentações comoventes e copiosas, têm seu protetor no rei. Em casos de disputa entre dois partidos a decisão deve ser baseada na evidência de testemunhas. Se um dos disputantes não tem testemunhas e é desamparado, o rei deve dar ao caso sua melhor consideração. O rei deve fazer o castigo ser infligido aos ofensores de acordo com a extensão de suas ofensas. Os que são ricos devem ser punidos com multas e confiscos; e os que são pobres com perda de liberdade. Aqueles que são de uma conduta muito perversa devem ser punidos pelo rei até com castigos corpóreos. O rei deve apreciar todos os homens bons com palavras agradáveis e presentes de riqueza. Aquele que procura realizar a morte do rei deve ser punido com morte a ser efetuada por meios diversos. O mesmo deve ser o castigo de quem é culpado de incêndio criminoso ou roubo ou coabitação com mulheres de modo que possa levar a uma confusão de castas. Um rei, ó monarca, que inflige punições devidamente e conforme os ditames da ciência de castigo não incorre em pecado pela ação. Por outro lado, ele ganha mérito eterno. O rei tolo que inflige castigos caprichosamente ganha infâmia aqui e cai no inferno após a morte. Uma pessoa não deve ser punida pelo erro de outra. Refletindo bem sobre o código (criminal), uma pessoa deve ser condenada ou absolvida. Um rei nunca deve matar um enviado sob nenhuma circunstância. Aquele rei que mata um enviado cai no inferno com todos os seus ministros. O rei observador das práticas Kshatriya que mata um enviado que profere fielmente a mensagem da qual está incumbido, faz os espíritos de seus antepassados falecidos serem maculados pelo pecado de matar um feto. Um enviado deve possuir estas sete habilidades, isto é, ele deve ser nobre de nascimento, de uma boa família, eloquente, inteligente, de palavras amáveis, fiel em entregar a mensagem da qual está encarregado, e dotado de uma boa memória. O ajudante de campo do rei que protege sua pessoa deve ser dotado de qualidades similares. O oficial que protege sua capital ou fortaleza também deve possuir os mesmos talentos. O ministro do rei deve ser familiarizado com as conclusões das escrituras e competente em dirigir guerras e fazer tratados. Ele deve, além disso, ser inteligente, corajoso, modesto, e capaz de guardar segredos. Ele deve também ser nobre de nascimento e dotado de força mental, e puro em conduta. Se possuidor destas qualidades, ele deve ser considerado digno. O comandante das tropas do rei deve possuir talentos similares. Ele deve também conhecer os diferentes tipos de formações de combate e os usos de máquinas e armas. Ele deve ser capaz de suportar exposição à chuva, frio, calor, e vento, e vigilante dos pontos fracos de inimigos. O rei, ó monarca, deve ser capaz de acalmar seus inimigos com um senso de segurança. Ele não deve, no entanto, confiar em ninguém. Depositar confiança mesmo em seu próprio filho não é aprovado. Eu agora, ó impecável, declarei para ti quais são as conclusões das escrituras. Recusa em confiar em alguém é citada como um dos mais altos mistérios da arte de reinar.'"

86

"Yudhishthira disse, 'Qual deve ser o tipo de cidade dentro da qual o próprio rei deve morar? Ele deve escolher uma já feita ou ele deve fazer uma ser especialmente construída? Diga-me isto, ó avô!'"

"Bhishma disse, 'É apropriado, ó Bharata, perguntar sobre a conduta a ser seguida e as defesas que devem ser adotadas em relação à cidade na qual, ó filho de Kunti, um rei deve residir. Eu irei, portanto, discorrer para ti sobre o assunto, referente especialmente às defesas de fortalezas. Tendo me escutado, tu deves fazer os arranjos necessários e te comportar atentamente como indicado. Mantendo em vista os seis diferentes tipos de fortalezas, o rei deve construir suas cidades contendo todas as espécies de riquezas e todos os outros artigos de utilidade em abundância. Aquelas seis variedades são fortalezas na água, fortalezas na terra, fortalezas na colina, fortalezas humanas, fortalezas na lama, e fortalezas na floresta. (Fortalezas na água são aquelas que são cercadas por todos os lados por um rio ou rios, ou o oceano. Fortalezas na terra são aquelas que são construídas em planícies, guarnecidas com muros altos e totalmente rodeadas com trincheiras. Fortalezas humanas são cidades não fortificadas protegidas apropriadamente por guardas e uma população leal.) O rei, com seus ministros e o exército totalmente leal a ele, deve residir naquela cidade que é defendida por uma fortaleza que contém um estoque abundante de arroz e armas, que é protegida com muros impenetráveis e uma trincheira, que é cheia de elefantes e corcéis e carros, que é habitada por homens possuidores de conhecimento e versados nas artes mecânicas, onde mantimentos de todos os tipos são bem armazenados, cuja população é virtuosa em conduta e inteligente em negócios e que consiste em homens e animais fortes e energéticos, que é adornada com muitas praças abertas e fileiras de lojas, onde o comportamento de todas as pessoas é justo, onde a paz prevalece, onde nenhum perigo existe, que resplandece com beleza e ressoa com músicas e canções, onde as casas são todas espaçosas, onde os residentes numeram entre eles muitos indivíduos ricos e corajosos, que ecoa com o cântico de hinos Védicos, onde festividades e regozijos acontecem frequentemente, e onde as divindades são sempre adoradas. Residindo lá, o rei deve estar empenhado em encher sua tesouraria, aumentar suas tropas, aumentar o número de seus amigos, e estabelecer cortes de justiça. Ele deve reprimir todos os abusos e males em suas cidades e suas províncias. Ele deve se dedicar a reunir mantimentos de todos os tipos e a encher seus arsenais com cuidado. Ele deve também aumentar seus suprimentos de arroz e outros grãos, e fortalecer seus conselhos (com sabedoria). Ele deve em seguida aumentar seus estoques de combustível, ferro, resíduos de cereais, carvão, madeira, cornos, ossos, bambus, polpas, óleos e ghee, gordura, mel, remédios, linho, exsudações resinosas, arroz, armas, flechas, couro categute (para cordas de arco), transportes, e barbantes e cordas feitas de erva munja e outras plantas e trepadeiras. Ele deve também aumentar o número de tanques e poços, contendo grandes quantidades de água, e deve proteger todas as árvores suculentas. (Tais

como figueira-de-bengala, figueira-dos-pagodes, etc. Estas fornecem sombra refrescante para viajantes queimados pelo sol.) Ele deve entreter com respeito e atenção preceptores (de diferentes ciências), Ritwijas, e sacerdotes, arqueiros poderosos, pessoas hábeis em arquitetura, astrônomos e astrólogos, e médicos, como também todos os homens possuidores de sabedoria e inteligência e autodomínio e habilidade e coragem e erudição e nascimento nobre e energia mental, e capazes de aplicação precisa em todos os tipos de trabalho. O rei deve honrar os justos e castigar os injustos. Ele deve, agindo com resolução, designar as várias classes para seus respectivos deveres. Averiguando apropriadamente, por meio de espiões, o comportamento externo e o estado de espírito dos habitantes de sua cidade e províncias, ele deve adotar aquelas medidas que possam ser necessárias. O rei deve supervisionar ele mesmo seus espiões e conselhos, sua tesouraria, e as agências para infligir punições. Pode-se dizer que tudo depende destes. Com espiões constituindo sua visão, o rei deve averiguar todas as ações e intenções de seus inimigos, amigos, e neutros. Ele deve então, com atenção, planejar suas próprias medidas, honrando aqueles que são leais a ele e punindo aqueles que são hostis. O rei deve sempre adorar os deuses em sacrifícios e fazer doações sem causar sofrimento a ninguém. Ele deve proteger seus súditos, nunca fazendo qualquer coisa que possa obstruir ou impedir a justiça. Ele deve sempre manter e proteger os desamparados, os abandonados, os idosos, e as mulheres que são viúvas. O rei deve sempre honrar os ascetas e fazes doações para eles, em épocas apropriadas, de tecidos e recipientes e alimento. O rei deve, com cuidado atento, informar os ascetas (dentro de seus domínios) do estado de sua própria pessoa, de todas as suas medidas, e do reino, e deve sempre se comportar com humildade na presença deles. Quando ele vir ascetas nobres de nascimento e grande erudição que abandonaram todos os objetos mundanos, ele deve honrá-los com doações de camas e assentos e comida. Qualquer que seja a natureza da desgraça na qual ele possa cair, ele deve confiar em um asceta. Os próprios ladrões depositam confiança em pessoas daquele caráter. O rei deve colocar sua riqueza a cargo de ascetas e deve receber sabedoria deles (isto é, consultar com eles). Ele não deve, no entanto, sempre visitá-los ou cultuá-los em todas as ocasiões. (Para que ladrões não possam matá-los, suspeitando que eles são os depositários da riqueza do rei.) Dentre aqueles residentes em seu próprio reino, ele deve escolher um para amizade. Similarmente, ele deve escolher outro dentre aqueles que residem no reino de seu inimigo. Ele deve escolher um terceiro dentre aqueles que residem nas florestas, e um quarto dentre aqueles que residem nos reinos que pagam tributo a ele. Ele deve mostrar hospitalidade e conceder honras a eles e lhes atribuir os meios de sustento. Ele deve se comportar em direção aos ascetas que residem nos reinos de inimigos e nas florestas da mesma maneira como em direção àqueles que residem em seu próprio reino. Engajados em penitências e de votos rígidos, se a calamidade alcançar o rei e se ele solicitar proteção, eles concederão a ele o que ele quiser. Eu agora te disse em síntese as indicações da cidade na qual o rei deve residir.'"

87

"Yudhishthira disse, 'Como, ó rei, um reino pode ser consolidado e protegido? Eu desejo saber isso. Diga-me tudo isso, ó touro da raça Bharata!'

"Bhishma disse, 'Ouça-me com atenção concentrada. Eu te direi como um reino pode ser consolidado, e como também ele pode ser protegido. Um líder deve ser selecionado para cada aldeia. Sobre dez aldeias (ou dez líderes) deve haver um superintendente. Sobre dois tais superintendentes deve haver um oficial (tendo o controle, portanto, de vinte aldeias). Sobre os últimos devem ser nomeadas pessoas sob cada uma das quais deve haver uma centena de aldeias; e sobre o último tipo de oficiais, devem ser nomeados homens cada um dos quais deve ter mil aldeias sob seu controle. O líder deve averiguar as características de todas as pessoas na aldeia e todas as falhas também que precisam de correção. Ele deve relatar tudo para o oficial (que está acima dele e) a cargo de dez aldeias. O último, também, deve relatar o mesmo ao oficial (que está acima dele e) a cargo de vinte aldeias. O último, por sua vez, deve relatar a conduta de todas as pessoas dentro de seu domínio ao oficial (que está acima dele e) a cargo de cem aldeias. O chefe da aldeia deve ter controle sobre toda a produção e as posses da aldeia. Cada líder deve contribuir com sua parte para manter o senhor de dez aldeias, e o último deve fazer o mesmo para manter o senhor de vinte aldeias. O senhor de cem aldeias deve receber toda a honra do rei e deve ter para o seu sustento uma aldeia grande, ó chefe dos Bharatas, populosa e cheia de riqueza. Tal aldeia, assim atribuída a um senhor de cem aldeias, deve estar, no entanto, dentro do controle do senhor de mil aldeias. Aquele oficial superior, também, isto é, o senhor de mil aldeias, deve ter uma cidade menor para seu sustento. Ele deve desfrutar dos grãos e ouro e outras posses deriváveis dela. Ele deve realizar todos os deveres de suas guerras e outros assuntos internos concernentes a ela. Algum ministro virtuoso, com caráter colérico, deve exercer supervisão sobre os assuntos administrativos e relações mútuas daqueles oficiais. Em cada cidade, também, deve haver um oficial para se encarregar de todas as questões relativas à sua jurisdição. Como um planeta de forma terrível se movendo sobre todas as constelações abaixo, o oficial (com plenos poderes) mencionado por último deve se mover e agir sobre todos os oficiais subordinados a ele. Tal oficial deve averiguar a conduta daqueles sob ele através de seus espiões. Tais altos oficiais devem proteger o povo de todas as pessoas de tendências homicidas, de todos homens de atos pecaminosos, de todos os que roubam as riquezas de outras pessoas, de todos os que são cheios de falsidade, e de todos os que são considerados como possuídos pelo Gênio do mal. Tomando nota das vendas e das compras, do estado das estradas, da alimentação e vestuário, e dos estoques e lucros daqueles que são dedicados ao comércio, o rei deve arrecadar impostos deles. Averiguando em todas as ocasiões a extensão das fabricações, as receitas e despesas daqueles que são encarregados delas, e o estado das artes, o rei deve arrecadar impostos dos artesãos em relação à profissão que eles seguem. O rei, ó Yudhishthira, pode cobrar impostos altos, mas ele nunca deve arrecadar tal quantidade de impostos que possa enfraquecer seu povo. Nenhum tributo deve ser arrecadado sem averiguar o rendimento e a quantidade de trabalho que foi

necessária para produzi-lo. Ninguém trabalharia ou buscaria rendimentos sem causa suficiente. (Se uma margem de lucro suficiente, capaz de manter uma pessoa com conforto, não fosse deixada, ela se absteria totalmente do trabalho. O rei, portanto, ao taxar os rendimentos do trabalho, deve deixar tal margem de lucro para os produtores.) O rei deve, depois de reflexão, arrecadar impostos de tal modo que ele e a pessoa que trabalha para produzir o artigo tributado possam ambos partilhar o valor. O rei não deve, por sua sede, destruir seus próprios alicerces como também aqueles de outros. Ele deve sempre evitar aquelas ações pelas quais ele possa se tornar um objeto de ódio para seu povo. De fato, por agir dessa maneira ele pode conseguir ganhar popularidade. Os súditos odeiam o rei que ganha notoriedade pela voracidade de apetite (na questão de taxas e impostos). Como pode ter prosperidade um rei que se torna um objeto de ódio? Tal rei nunca pode obter o que é para o seu bem. Um rei que tem uma boa inteligência deve ordenhar seu reino como na seguinte analogia de (homens agindo na questão dos) bezerros. Se ao bezerro for permitido mamar ele cresce forte, ó Bharata, e suporta cargas pesadas. Se, por outro lado, ó Yudhishthira, a vaca for ordenhada demais, o bezerro fica magro e falha em fazer muito serviço para o dono. Similarmente, se o reino for muito drenado, os súditos fracassam em realizar qualquer ato que seja grande. O rei que protege seu reino ele mesmo e mostra generosidade para seus súditos (na questão de taxas e impostos) e se sustenta do que é facilmente obtido, consegue obter resultados muitos grandes. O rei então não obtém riqueza suficiente para lhe permitir poder com suas necessidades? (Os súditos então, em ocasiões de necessidade de seu soberano, se apressam a colocar seus recursos à disposição dele.) O reino inteiro, naquele caso, se torna para ele sua tesouraria, enquanto aquela que é sua tesouraria se torna seu quarto de dormir. Se os habitantes das cidades e das províncias forem pobres, o rei deve, se eles dependem dele imediatamente ou mediatamente, lhes mostrar compaixão da melhor maneira que puder. Castigando todos os ladrões que infestam os arredores, o rei deve proteger o povo de suas aldeias e fazê-los felizes. Os súditos, nesse caso, se tornando participantes da prosperidade e do infortúnio do rei, se sentem extremamente satisfeitos com ele. Pensando, em primeiro lugar, em reunir riqueza, o rei deve ir aos principais centros de seu reino um depois do outro e se esforçar para inspirar seu povo com pavor. Ele deve dizer a eles, ‘Agora, a calamidade nos ameaça. Um grande perigo surgiu por causa das ações do inimigo. Há todas as razões, no entanto, para termos esperança de que o perigo passará, pois o inimigo, como um bambu que floresceu, logo encontrará a destruição. Muitos inimigos meus, tendo se levantado e combinado com um grande número de ladrões, desejam colocar nosso reino em dificuldades, para encontrar com a destruição eles mesmos. Em vista dessa grande calamidade repleta de perigo terrível, eu peço sua riqueza para planejar os meios de sua proteção. Quando o perigo passar, eu lhes darei o que eu agora recebo. Nossos inimigos, no entanto, não irão devolver o que eles (se não forem resistidos) pegarem de vocês à força. Por outro lado (se não resistidos), eles irão até matar todos os seus parentes começando com seus próprios cônjuges. Vocês certamente desejam riqueza por causa de seus filhos e esposas. Eu estou feliz com sua prosperidade, e eu suplico a vocês como eu faria com meus próprios filhos. Eu levarei de vocês somente o que estiver dentro do seu poder me dar. Eu

não desejo causar sofrimento a ninguém. Em tempos de calamidade, você devem, como touros fortes, suportar tais cargas. Em épocas de infortúnio, a riqueza não deve ser tão cara a vocês.' Um rei familiarizado com as considerações relativas ao Tempo deve, com tais palavras agradáveis, gentis, e corteses, enviar seus agentes e coletar impostos de seu povo. Mostrando para eles a necessidade de consertar suas fortificações e de custear as despesas de seu estabelecimento e de outras coisas importantes, inspirando-os com o temor de uma invasão estrangeira, e impressionando-os com a necessidade que existe de protegê-los e de lhes permitir assegurar os meios de viver em paz, o rei deve arrecadar impostos dos Vaisyas de seu reino. Se o rei desconsidera os Vaisyas, eles se tornam perdidos para ele, e abandonando seus domínios eles se mudam para as florestas. O rei deve, portanto, se comportar com indulgência em direção a eles. O rei, ó filho de Pritha, deve sempre conciliar e proteger os Vaisyas, adotar medidas para lhes dar um senso de segurança e para protegê-los no desfrute de suas posses, e sempre fazer o for agradável para eles. O rei, ó Bharata, deve sempre agir de tal maneira em direção aos Vaisyas que seus poderes produtivos possam ser aumentados. Os Vaisyas aumentam a força de um reino, melhoram sua agricultura, e desenvolvem seu comércio. Um rei sábio, portanto, deve sempre gratificá-los. Agindo com atenção e indulgência, ele deve arrecadar impostos moderados deles. É sempre fácil se comportar com bondade em direção aos Vaisyas. Não há nada que produza um bem maior para um reino, ó Yudhishthira, do que a adoção de tal comportamento para com os Vaisyas do reino.'"

88

"Yudhishthira disse: 'Diga-me, ó avô, como o rei deve se comportar se, apesar da sua grande riqueza, ele desejar mais.'"

"Bhishma disse, 'Um rei, desejoso de ganhar mérito religioso deve se dedicar ao bem de seus súditos e protegê-los de acordo com considerações de tempo e lugar e com o melhor de sua inteligência e poder. Ele deve, em seus domínios, adotar todas as medidas que em sua avaliação possam assegurar o bem deles com também o dele próprio. Um rei deve ordenhar seu reino como uma abelha coletando mel das plantas. (Isto é, sem prejudicar a fonte.) Ele deve agir como o dono de uma vaca que tira leite dela sem furar seus úberes e sem fazer o bezerro passar fome. O rei deve (na questão das taxas) agir como a sanguessuga tirando sangue brandamente. Ele deve agir com seus súditos como uma tigresa na questão de carregar seus filhotes, tocando-os com seus dentes mas nunca perfurando-os com eles. Ele deve se comportar como um camundongo que embora possua dentes afiados e pontudos ainda corta os pés de animais adormecidos de tal maneira que eles não se tornam em absoluto conscientes disto. Pouco a pouco deve ser tirado de um súdito em crescimento e dessa maneira ele deve ser tosquiado. A demanda deve então ser aumentada gradualmente até que o que é tirado assuma uma proporção justa. O rei deve aumentar a carga de seus súditos gradualmente como uma pessoa aumentando gradualmente as cargas de um boi jovem. Agindo com cuidado e suavidade, ele

deve finalmente por as rédeas neles. Se as rédeas são assim colocadas, eles não se tornam intratáveis. De fato, medidas adequadas devem ser empregadas para fazê-los obedientes. Meros rogos para reduzi-los à submissão não o farão. É impossível se comportar igualmente para com todos os homens. Conciliando aquelas que são principais, as pessoas comuns devem ser reduzidas à obediência. Produzindo desunião (através da ação de seus líderes) entre as pessoas comuns que devem suportar as cargas, o rei deve ele mesmo apresentar-se para conciliá-las e então desfrutar em felicidade do que ele conseguir tirar delas. O rei nunca deve impor taxas inadequadamente e sobre pessoas incapazes de arcar com elas. Ele deve impô-las gradualmente e com conciliação, em tempos apropriados e segundo as formas devidas. Estes artifícios que eu declaro para ti são meios legítimos da arte de reinar. Eles não são considerados como métodos repletos de falsidade. Alguém que procura governar corcéis por métodos impróprios somente os deixa furiosos. Bares, mulheres públicas, cafetões, atores, jogadores e donos de casas de jogo, e outras pessoas deste tipo, que são fontes de desordem para o estado, devem todas ser controladas. Residindo dentro do reino, elas afligem e prejudicam as melhores classes de súditos. Ninguém deve pedir nada de ninguém quando não há necessidade. O próprio Manu antigamente declarou esta injunção em relação a todos os homens. Se todos os homens fossem viver por pedir ou mendigar e se abstivessem de trabalhar, o mundo sem dúvida acabaria. Somente o rei é competente para reprimir e controlar. O rei que não reprime seus súditos (de pecar) ganha uma quarta parte dos pecados cometidos pelo seu povo (por causa da ausência de proteção real). Esta é a declaração dos Srutis. Já que o rei partilha dos pecados e dos méritos de seus súditos ele deve, portanto, ó monarca, reprimir aqueles seus súditos que são pecaminosos. O rei que negligencia a restrição se torna ele mesmo pecaminoso. Ele ganha (como já foi dito) uma quarta parte dos pecados deles assim como uma quarta parte de seus méritos. As seguintes falhas das quais eu falo devem ser controladas. Elas empobrecem a todos. Qual ato pecaminoso há que uma pessoa governada pela paixão não faça? Uma pessoa governada pela paixão se vicia em estimulantes e carne, e se apropria das esposas e da riqueza de outras pessoas, e estabelece um mau exemplo (para ser imitado por outros). Aqueles que não vivem de esmolas podem mendigar em épocas de miséria. O rei deve, observador de justiça, fazer doações a eles por compaixão mas não por medo. Que não aja mendigos em teu reino, nem ladrões. São os ladrões (e não homens virtuosos) que doam para mendigos. Tais doadores não são verdadeiros benfeitores de homens. Que residam em teus domínios homens que auxiliem os interesses de outros e que lhes façam bem, mas não aqueles que exterminam outros. Aqueles oficiais, ó rei, que pegam dos súditos mais do que é devido devem ser punidos. Tu deves então nomear outros que pegarão somente o que é devido. Agricultura, criação de gado, comércio e outras ações de natureza similar, devem ser feitos serem exercidos por muitas pessoas sobre o princípio da divisão de trabalho. Se uma pessoa dedicada à agricultura, criação de gado, ou comércio, se torna inspirada com um senso de insegurança (por causa de ladrões e oficiais tirânicos), o rei, como uma consequência, incorre em infâmia. O rei deve sempre honrar aqueles seus súditos que são ricos e deve dizer a eles, 'Juntos, favoreçamos os interesses do povo.' Em todos os reinos, aqueles que são ricos constituem um

patrimônio no reino. Sem dúvida, uma pessoa rica é o principal dos homens. Aquele que é sábio, ou corajoso, ou rico ou influente, ou justo, ou dedicado a penitências, ou verdadeiro em palavras, ou dotado de inteligência, ajuda na proteção (dos súditos seus companheiros).

Por essas razões, ó monarca, ame todas as criaturas, e mostre as qualidades de honestidade, sinceridade, ausência de ira, e abstenção de ferir! Tu deves assim manejar a vara de castigo, e aumentar tua tesouraria e auxiliar teus amigos e consolidar teu reino dessa maneira, praticando as qualidades de veracidade e sinceridade e apoiado por teus amigos, tesouraria e tropas!'"

89

"Bhishma disse, 'Que as árvores que produzem frutos comestíveis são sejam derrubadas em teus domínios. Frutas e raízes constituem a propriedade dos Brahmanas. Os sábios declaram que esta é uma ordenança de religião. O excedente, depois de sustentar os Brahmanas, deve ir para o sustento de outras pessoas. Ninguém deve pegar qualquer coisa por fazer uma injúria para os Brahmanas. (Isto é, antes de eles estarem satisfeitos). Se um Brahmana, afligido por falta de sustento, deseja abandonar um reino para obter o meio de vida (em outro lugar), o rei, ó monarca, deve, com afeição e respeito, conceder a ele os meios de sustento. Se ele ainda não desistir (de deixar o reino), o rei deve ir para uma assembléia de Brahmanas e dizer, 'Tal Brahmana está deixando o reino. Em quem meu povo então encontrará uma autoridade para guiá-lo?' (Os Brahmanas são autoridades para guiar outros homens. Quando, portanto, um Brahmana específico deixa o reino, o povo perde nele um amigo, professor, e guia.) Se depois disso ele não desistir de sua intenção de ir embora, e dizer qualquer coisa, o rei deve dizer a ele, 'Esqueça o passado'. (Isto é, se a pessoa que pretende partir se refere a uma negligência anterior do rei, o rei deve pedir perdão e, é claro, atribuir a ele os meios de sustento.) Este, ó filho de Kunti, é o caminho eterno do dever real. O rei deve em seguida dizer a ele, 'De fato, ó Brahmana, as pessoas dizem que deve ser concedido para um Brahmana apenas o suficiente para mantê-lo. Eu, no entanto, não aceito aquela opinião. Por outro lado, eu penso que se um Brahmana procura deixar um reino por causa da negligência do rei em lhe fornecer os meios de sustento, tais meios devem ser atribuídos a ele, e, em seguida, se ele pretende dar aquele passo para obter os meios de luxo, a ele ainda deve ser pedido para ficar e ser suprido até com aqueles meios.' Agricultura, criação de gado, e comércio, fornecem para todos os homens os meios de vida. Um conhecimento dos Vedas, no entanto, fornece a eles os meios de alcançar o céu. Aqueles, portanto, que obstruem o estudo dos Vedas e a causa de práticas Védicas devem ser considerados como inimigos da sociedade. É para o extermínio destes que Brahman criou os Kshatriyas. Subjugue teus inimigos, proteja teus súditos, adore as divindades em sacrifícios, e lute batalhas com coragem, ó alegrador dos Kurus! Um rei deve proteger aqueles que merecem proteção. O rei que faz isso é o melhor dos soberanos. Os reis que não exercem o dever de proteção vivem uma vida inútil. Para o benefício de todos os seus súditos

o rei deve sempre procurar averiguar as ações e pensamentos de todos, ó Yudhishthira; e por essa razão deve colocar espiões e agentes secretos. Protegendo outros de ti mesmo, e tu mesmo de outros, como também outros de outros, e tu de ti mesmo, sempre cuide do teu povo. Protegendo sua própria pessoa de todos primeiro, o rei deve proteger a terra. Homens de conhecimento dizem que tudo tem sua base na própria pessoa. O rei deve sempre refletir sobre estes, isto é, quais são seus pontos fracos, em quais maus hábitos ele é viciado, quais são as fontes de sua fraqueza, e quais são as fontes de seus erros. O rei deve fazer agentes secretos e de confiança vagarem pelo reino para averiguar se sua conduta como exposta no dia anterior encontrou ou não a aprovação do povo. De fato, ele deve averiguar se sua conduta é ou não é geralmente elogiada, ou, se ela é ou não aceitável para o povo das províncias, e se ele tem ou não tem conseguido ganhar um bom nome em seu reino. Entre aqueles que são virtuosos e possuidores de sabedoria, aqueles que nunca se retiram da batalha, e aqueles que não residem em teu reino, aqueles que são dependentes de ti, e aqueles que são teus ministros, assim como os que são independentes de partido, aqueles que te louvam ou te culpam nunca devem ser objetos de desconsideração por ti, ó Yudhishthira! (Isto é, tu deves te interessar por tal opinião, sem ficar zangado com aqueles que te criticam ou te acusam.) Nenhum homem, ó majestade, pode conseguir ganhar a boa opinião de todas pessoas no mundo. Todas as pessoas têm amigos, inimigos, e neutros, ó Bharata!'"

"Yudhishthira disse, 'Entre pessoas todas as quais são iguais em poder de armas e talentos, de onde uma adquire superioridade sobre todo o resto, e por qual motivo ela consegue o domínio sobre elas?'"

"Bhishma disse, 'Criaturas que são móveis devoram coisas que são imóveis; animais que têm dentes devoram aqueles que não têm dentes; cobras coléricas de veneno virulento devoram as menores de sua própria espécie. (Conforme este princípio), entre os seres humanos também, o rei que é forte vitima aqueles que são fracos. O rei, ó Yudhishthira, deve sempre estar atento aos seus súditos como também aos seus inimigos. Se ele se torna descuidado, eles caem sobre ele como urubus (sobre carniça). Cuide, ó rei, para que os comerciantes em teu reino que compram artigos a preços altos e baixos (para venda), e que no decurso de suas viagens têm que dormir ou descansar em florestas e regiões inacessíveis, não sejam afligidos pela imposição de impostos pesados. (Isto é, aqueles que têm que passar por tais privações em exercer sua ocupação proveitosa não devem ser taxados pesadamente.) Não deixe que os agricultores do teu reino o deixem por causa de opressão; eles, que carregam as cargas do rei, também sustentam os outros residentes do reino. As doações feitas por ti neste mundo sustentam os deuses, Pitris, homens, Nagas, Rakshasas, aves, e animais. Esses, ó Bharata, são os meios de governar um reino e de proteger seus soberanos. Eu te falarei novamente sobre o assunto, ó filho de Pandu!'"

90

"Bhishma disse, 'Aquela principal de todas as pessoas conhecedoras dos Vedas, Utathya da linhagem de Angirasa, falou alegremente (em uma ocasião passada) para o filho de Yuvanaswa, Mandhatri. Eu irei agora, ó Yudhishthira, narrar para ti tudo o que Utathya, aquela principal de todas as pessoas familiarizadas com os Vedas, disse para aquele rei.'"

"Utathya disse, 'Alguém se torna um rei para agir nos interesses da justiça e não para se comportar caprichosamente. Saiba disto, ó Mandhatri; o rei é, de fato, o protetor do mundo. Se o rei age justamente, ele alcança a posição de um deus (isto é, vai para o céu). Por outro lado, se ele age injustamente, ele cai no inferno. Todas as criaturas se apóiam na justiça. A justiça, por sua vez, se apóia no rei. O rei, portanto, que mantém a justiça, é realmente um rei. Aquele rei que é dotado de uma alma justa e com todos os tipos de graça é citado como uma encarnação da virtude. Se um rei fracassa em castigar a injustiça, os deuses abandonam sua mansão e ele incorre na desonra entre homens. Os esforços de homens que cumprem seus próprios deveres são sempre coroados com sucesso. Por essa razão todos os homens procuram obedecer aos ditames de justiça que é produtiva de prosperidade. Quando a pecaminosidade não é reprimida, o comportamento justo chega ao fim e o comportamento injusto aumenta imensamente. Quando a pecaminosidade não é reprimida, ninguém pode, segundo os direitos de propriedade como declarado nas escrituras, dizer, 'Esta coisa é minha e esta não é minha'. Quando a pecaminosidade prevalece no mundo, os homens não podem possuir e desfrutar de suas próprias esposas e animais e campos e casas. As divindades não recebem culto, os Pitris nenhuma oferenda em Sraddhas, e os convidados nenhuma hospitalidade, quando a pecaminosidade não é reprimida. As classes regeneradas não estudam os Vedas, ou cumprem votos superiores, ou expandem sacrifícios, quando a pecaminosidade não é reprimida. As mentes dos homens, ó rei, se tornam fracas e confusas como aquelas de pessoas feridas por armas, quando a pecaminosidade não é reprimida. Lançando seus olhos em ambos os mundos, os Rishis fizeram o rei, aquele ser superior, planejando que ele seria a encarnação da justiça sobre a terra. (Bhishma diz que este discurso é muito antigo. Provavelmente este verso se refere à idéia do escritor dos motivos que impeliram os Rishis de Brahmavarta quando eles decidiram para sua colônia indiana a forma de governo real.) É chamado de Rajan aquele em quem a justiça brilha. O rei em quem não há justiça é chamado de Vrishala. (Este verso dá a etimologia da palavra Rajan e Vrishala. Ele em quem a justiça, brilha (rajate) é um Rajan; e ele em quem a justiça, chamada Vrisha, desaparece, é um Vrishala.) O divino Dharma (justiça) tem outro nome, isto é, Vrisha. Aquele que enfraquece Vrisha é chamado pelo nome de Vrishala. Um rei deve, portanto, promover a causa da justiça. Todas as criaturas crescem no crescimento da justiça, e decaem com a decadência dela. À justiça, portanto, nunca deve ser permitido decair. A justiça é chamada de Dharma porque ela ajuda a aquisição e conservação de riqueza (Dhana). Os sábios, ó rei, declaram que Dharma reprime e coloca limites em todos os maus atos dos homens. O nascido por si mesmo (Brahman) criou Dharma para o avanço e crescimento das criaturas. Por esta razão, um rei deve

agir segundo os ditames de Dharma para beneficiar seus súditos. Por esta razão também, ó tigre entre reis, Dharma é citado como a principal de todas as coisas. Aquele principal dos homens que governa seus súditos justamente é chamado de rei. Desconsiderando luxúria e ira, cumpra os ditames de justiça. Entre todas as coisas, ó chefe da linhagem de Bharata, que levam à prosperidade dos reis, a justiça é a principal. Dharma, além disso, surgiu do Brahmana. Por esta razão, o Brahmana deve sempre ser adorado. Tu deves, ó Mandhatri, satisfazer com humildade os desejos de Brahmanas. Por negligenciar satisfazer os desejos dos Brahmanas, o rei traz perigo sobre si mesmo. Por tal omissão, ele fracassa em obter alguma adesão de amigos enquanto seus inimigos aumentam em número. Em consequência de malícia em direção aos Brahmanas, surgida de sua tolice, a deusa da prosperidade, que tinha antigamente morado com ele, ficou enfurecida e abandonou o Asura Vali, o filho de Virochana. Abandonando o Asura ela foi até Indra, o chefe das divindades. Vendo a deusa vivendo com Purandara, Vali se entregou a muitos arrependimentos inúteis. Esses, ó poderoso, são os resultados da malícia e do orgulho. Fique vigilante, ó Mandhatri, para que a deusa da prosperidade não te abandone enfurecida. Os Srutis declaram que a Injustiça gerou um filho chamado Orgulho na deusa da prosperidade. Este Orgulho, ó rei, levou muitos dentre os deuses e os Asuras à ruína. Muitos sábios reais também foram destruídos por causa dele. Esteja, portanto, atento, ó rei! Aquele que o consegue conquistar se torna um rei. Aquele, por outro lado, que permite a si mesmo ser conquistado por ele, se torna um escravo. Se, ó Mandhatri, tu desejas uma vida eterna (de felicidade), viva como um rei que não se entrega a estes dois, isto é, Orgulho e Injustiça! Abstenha-te da companhia daquele que está embriagado (com orgulho), daquele que é desatento (aos ditames de honestidade), daquele que zomba da religião, daquele que é insensato, e te abstenha de cortejar a todos eles quando unidos. Mantenha tua pessoa afastada da companhia dos ministros a quem tu puniste uma vez e especialmente de mulheres, como também de montanhas e terras acidentadas e fortalezas inacessíveis e elefantes e cavalos e répteis (nocivos). Tu deves também desistir de vagar durante a noite, e evitar os defeitos de mesquinhez e vaidade e jactância e ira. Tu nunca deves ter relacionamento com mulheres desconhecidas, ou com aquelas de sexo equívoco, ou aquelas que são lascivas, ou aquelas que são esposas de outros homens, ou aquelas que são virgens. Quando o rei não reprime o vício, uma confusão de castas se segue, e Rakshasas pecaminosos, e pessoas de sexo neutro, e crianças desprovidas de membros ou possuidoras de línguas grossas, e idiotas, começam a nascer até em famílias respeitáveis. Portanto, o rei deve ter um cuidado especial em agir justamente, para o benefício de seus súditos. Se um rei age negligentemente, um grande mal se torna a consequência. A injustiça aumenta causando uma confusão de castas. O frio se manifesta durante os meses de verão, e desaparece quando sua estação apropriada chega. Secas e enchentes e pestilências afligem o povo. Estrelas ameaçadoras surgem e cometas ameaçadores aparecem em tais ocasiões. Diversos outros presságios, indicando a destruição do reino, aparecem. Se o rei não toma medidas para a sua própria segurança e não protege seus súditos, os últimos primeiro encontram a destruição e então a destruição apanha o próprio rei. Duas pessoas combinam de roubarem juntas a riqueza de alguém, e muitas agindo em acordo roubam as

duas. Donzelas são defloradas. Tal estado de coisas é citado como resultante das falhas do rei. Todos os direitos de propriedade acabam entre os homens, quando o rei, abandonando a justiça, age negligentemente.'"

91

"Utathya disse, 'Se a divindade das nuvens despeja chuva na estação apropriada e o rei age virtuosamente, a prosperidade que se segue mantém os súditos em felicidade. O lavadeiro que não sabe como lavar a sujeira do tecido sem tirar sua tintura é muito inábil em sua profissão. A pessoa entre os Brahmanas ou Kshatriyas ou Vaisyas que, tendo abandonado os deveres apropriados de sua classe, se torna um Sudra, é realmente para ser comparado com tal lavadeiro. Serviço humilde se atribui ao Sudra; agricultura ao Vaisya; a ciência de punição ao Kshatriya, e Brahmacharya, penitências, mantras, e honestidade, ao Brahmana. O Kshatriya que sabe como corrigir os erros de comportamento das outras classes e removê-los como um lavadeiro é realmente o pai delas e merece ser seu rei. As respectivas eras chamadas Krita, Treta, Dwapara e Kali, ó touro da raça Bharata, dependem todas da conduta do rei. É o rei que constitui a era. (Pois se ele age justamente, a era que inicia é Krita, se, por outro lado, ele age pecaminosamente, ele faz a era Kali começar.) As quatro classes, os Vedas e os deveres em relação aos quatro modos de vida ficam todos confusos e enfraquecidos quando o rei se torna negligente. Os três tipos de Fogo, os três Vedas, e sacrifícios com Dakshina, todos se perdem quando o rei se torna negligente. O rei é o criador de todas as criaturas, e o rei é seu destruidor. O rei que é de alma justa é considerado como o criador, enquanto aquele que é pecaminoso é considerado como o destruidor. As esposas do rei, filhos, parentes, e amigos, se tornam todos infelizes e sofrem quando o rei é negligente. Elefantes e corcéis e vacas e camelos e mulas e jumentos e outros animais todos perdem seu vigor quando o rei se torna injusto. É dito, ó Mandhatri, que o Criador criou o Poder (representado pelo rei) para o objetivo de proteger a Fraqueza. A Fraqueza é, de fato, um grande ser, pois tudo depende dela. (Aquele que protege a Fraqueza ganha o céu, enquanto aquele que a persegue vai para o inferno. A Fraqueza, dessa maneira, é uma grande coisa. Seu poder, por assim dizer, é tal que ela pode levar para o céu e inferno todos com os quais ela possa entrar em contato.) Todas as criaturas adoram o rei. Todas as criaturas são os filhos do rei. Se, portanto, ó monarca, o rei se torna injusto, todas as criaturas são prejudicadas. Os olhares do fraco, do Muni, e da cobra de veneno virulento, devem ser considerados como insuportáveis. Não entre, portanto, em contato (hostil) com os fracos. Tu deves considerar os fracos como sempre sujeitos à humilhação. Tome cuidado para que os olhares dos fracos não queimem a ti com teus parentes. Em uma família chamuscada pelos olhares dos fracos, nenhuma criança nasce. Tais olhares queimam a linhagem até suas próprias raízes. Não entre, portanto, em contato (hostil) com os fracos. A Fraqueza é mais poderosa até do que o maior Poder, pois aquele Poder que é queimado pela Fraqueza vem a ser exterminado totalmente. Se uma pessoa, que foi humilhada ou golpeada,

fracassa, enquanto gritando por ajuda, em obter um protetor, o castigo divino alcança o rei e causa sua destruição. Ó majestade, enquanto no desfrute do Poder, não tire a riqueza daqueles que são Fracos. Tome cuidado para que os olhares dos Fracos não te queimem como um fogo ardente. As lágrimas derramadas por homens atormentados pelas mentiras matam os filhos e animais daqueles que proferiram tais mentiras. Como uma vaca uma ação pecaminosa cometida não produz resultados imediatos. (O dono de uma vaca tem que esperar pelos bezerros para obter leite). Se o resultado não é visto no próprio perpetrador, ele é visto em seu filho ou no filho de seu filho, ou filho da filha. Quando uma pessoa fraca não encontra um salvador, a grande vara de castigo divino cai (sobre o rei). Quando todos os súditos de um rei (são obrigados pela pobreza) a viver como Brahmanas, por mendicância, tal mendicância traz destruição sobre o rei. Quando todos os oficiais do rei postados nas províncias se unem e agem com injustiça, é dito então que o rei ocasiona um estado de mal genuíno em seu reino. Quando os oficiais do rei extorquem riqueza, por meios injustos ou agindo por luxúria ou avareza, de pessoas que pedem piedade deploravelmente, é certo que uma grande destruição alcançará o rei. Uma árvore imensa, nascendo, cresce até grandes proporções. Numerosas criaturas então se aproximam e procuram sua proteção. Quando, no entanto, ela é derrubada ou consumida em uma conflagração, aqueles que recorreram a ela para se abrigarem ficam todos sem lar. Quando os residentes de um reino realizam atos de justiça e todos os ritos religiosos, e elogiam as boas qualidades do rei, o último colhe um aumento de riqueza. Quando, por outro lado, os residentes, movidos pela ignorância, abandonam a justiça e agem incorretamente, o rei é surpreendido pela miséria. Quando homens pecaminosos cujos atos são conhecidos são permitidos se moverem entre os justos (sem serem punidos por seus delitos), Kali então surpreende os soberanos daqueles reinos. Quando o rei faz com que todas as pessoas pecaminosas sejam punidas, seu reino viceja em prosperidade. Certamente prospera o reino daquele rei que presta honras apropriadas a seus ministros e os emprega em medidas de política e em batalhas. Tal soberano desfruta da vasta terra para sempre. O rei que honra devidamente todas as boas ações e boas palavras consegue ganhar grande mérito. O desfrute de coisas boas depois de dividi-las com outros, a prestação honras apropriadas aos ministros, e a subjugação de pessoas embriagadas com força, constituem o grande dever de um rei. Proteger todos os homens por meio de palavras, exército, e ações, e nunca perdoar seu próprio filho (se ele transgrediu), constituem o grande dever do rei. O sustento daqueles que são fracos por dividir com eles as coisas que ele tem, e assim aumentar a força deles constitui o dever do rei. Proteção do reino, extermínio de ladrões, e conquista em batalha, constituem o dever do rei. Nunca perdoar uma pessoa embora querida, se ela cometeu um delito por ação ou palavra, constitui o dever do rei. Proteger aqueles que pedem asilo, como ele protegeria seus próprios filhos, e nunca privar alguém das honras às quais ele tem direito constituem o dever do rei. Adorar as divindades, com um coração devotado, em sacrifícios completados por presentes, e subjugar luxúria e inveja, constituem o dever do rei. Secar as lágrimas dos afligidos, dos desamparados, e dos idosos, e inspirá-los com alegria, constituem o dever do rei. Engrandecer amigos, enfraquecer inimigos, e honrar os bons, constituem o dever do rei. Cumprir

alegremente as obrigações de veracidade, sempre fazer doações de terra, entreter convidados, e manter dependentes, constituem o dever do rei. Aquele rei que favorece aqueles que merecem favores e castiga aqueles que merecem punição ganha grande mérito neste mundo e após a morte. O rei é o próprio Yama. Ele é, ó Mandhatri, o deus (encarnado) para todos aqueles que são corretos. (O rei é Deus encarnado para todos os homens corretos porque eles podem esperar tudo dele.) Por subjugar seus sentidos ele consegue adquirir grande afluência. Por não subjugá-los ele incorre em pecado. Prestar honras devidas a Ritwijas e sacerdotes e preceptores, e fazer bons préstimos para eles constituem o dever do rei. Yama governa todas as criaturas sem observar distinções. O rei deve imitá-lo em seu comportamento por controlar todos os seus súditos devidamente. É dito que o rei parece com Aquele de Mil Olhos (Indra) em todos os aspectos. Ó touro entre homens, deve ser considerado como justiça aquilo que é considerado como tal por ele. Tu deves, sem ser negligente, cultivar bondade, inteligência, paciência, e o amor de todas as criaturas. Tu deves também averiguar a força e a fraqueza de todos os homens e aprender a distinguir entre certo e errado. Tu deves agir com retidão para com todas as criaturas, fazer caridade, e proferir palavras agradáveis e gentis. Tu deves manter os residentes da tua cidade e das províncias em alegria. Um rei que não é inteligente nunca consegue proteger seus súditos. A soberania, ó majestade, é uma responsabilidade muito feliz para se arcar. Somente o rei que é possuidor de sabedoria e coragem, e que é conhecedor da ciência de castigo, pode proteger um reino. Aquele, por outro lado, que não tem energia e inteligência, e que não é versado na grande ciência, é incompetente para arcar com a responsabilidade da soberania. Ajudado por ministros de belo aspecto e bom nascimento, inteligentes em negócios, dedicados ao seu mestre, e possuidores de grande erudição, tu deves examinar os corações e ações de todos os homens incluindo os próprios ascetas nas florestas. Agindo dessa maneira, tu serás capaz de descobrir os deveres de todas as classes de homens. Isto te ajudará a cumprir os teus próprios deveres, quando tu estiveres no teu país ou quando tu fores para outros reinos. Entre estes três objetivos, isto é, Virtude, Lucro, e Prazer, a Virtude é o principal. Aquele que é de alma virtuosa obtém grande felicidade nesta vida e após a morte. Se os homens forem tratados com honra, eles podem até abandonar (por causa da honra que tu possas dar a eles) suas próprias esposas e filhos. Por ligar bons homens a ele mesmo (por fazer bons préstimos a eles), por meio de presentes, palavras gentis, atenção e pureza de comportamento, um rei pode ganhar grande prosperidade. Portanto, ó Mandhatri, não seja negligente a estas qualidades e ações. O rei nunca deve ser negligente em procurar seus próprios pontos fracos, como também aqueles de seus inimigos. Ele deve agir de tal maneira que seus inimigos não possam descobrir seus pontos fracos, e ele deve atacá-los quando os deles estiverem visíveis. Essa é a maneira na qual Vasava, e Yama, e Varuna, e todos os grandes sábios reais têm agido. Observe a mesma conduta. Ó grande rei, adote esse comportamento que foi seguido por aqueles sábios reais. Ó touro da raça Bharata, adote logo essa estrada celestial. Os deuses, os Rishis, os Pitris, e os Gandharvas, possuidores de grande energia, cantam os louvores, nesta vida e após a morte, do rei cuja conduta é justa.'”

"Bhishma continuou, 'Assim endereçado por Utathya, ó Bharata, Mandhatri agiu sem hesitar como ele tinha sido instruído, e se tornou o único senhor da terra extensa. Aja tu também, ó rei, justamente como Mandhatri. Tu irás então, depois de governar a terra, obter uma residência no céu.'"

92

"Yudhishthira disse, 'Como deve um rei virtuoso, que deseja aderir a um procedimento de justiça, se comportar? Eu te pergunto isto, ó principal dos homens! Responda-me, ó avô!'”

"Bhishma disse, 'Em relação a isto é citada a antiga história do que Vamadeva dotado de grande inteligência e conhecedor da verdadeira significação de tudo cantou em um tempo antigo. Uma vez, o rei Vasumanas, possuidor de conhecimento e fortaleza e pureza de comportamento, pediu ao grande Rishi Vamadeva de grande mérito ascético, dizendo, 'Instrua-me, ó santo, em palavras repletas de retidão e de grave importância, quanto à conduta a ser observada por mim para que eu não possa me desviar dos deveres prescritos para mim.' A ele de uma cor dourada e sentado comodamente como Yayati, filho de Nahusha, aquele principal dos ascetas, isto é, Vamadeva, de grande energia, falou o seguinte:

"Vamadeva disse, 'Aja justamente. Não há nada superior à justiça. Aqueles reis que são observadores da justiça conseguem conquistar a terra inteira. O rei que considera a justiça como o meio mais eficaz para realizar seus objetivos, e que age de acordo com os conselhos daqueles que são justos, resplandece com justiça. Aquele rei que desconsidera a virtude e deseja agir com força bruta logo abandona a justiça e perde a Virtude e o Lucro. O rei que age segundo os conselhos de um ministro violento e pecaminoso se torna um destruidor da justiça e merece ser morto por seus súditos com toda a sua família. De fato, ele logo encontra a destruição. O rei que é incompetente para cumprir os deveres da arte de governar, que é governado pelo capricho em todas as suas ações, e que se vangloria, logo encontra a destruição mesmo que ocorra de ele ser soberano da terra inteira. Aquele rei, por outro lado, que deseja prosperidade, que é livre de malícia, que tem seus sentidos sob controle, e que é dotado de inteligência, prospera em afluência como o oceano aumentando com as águas descarregadas nele por cem rios. Ele nunca deve considerar que tem virtude, prazeres, riqueza, inteligência, e amigos suficientes. Destes depende a conduta do mundo. Por escutar a esses conselhos, um rei obtém fama, realizações, prosperidade, e súditos. Dedicado à virtude, o rei que procura a aquisição de virtude e riqueza por tais meios, e que inicia todas as suas medidas depois de refletir sobre seus objetivos, tem êxito em obter grande prosperidade. O rei que é mesquinho e sem afeição, que aflige seus súditos por meio de castigos indevidos, e que é estouvado em seus atos, logo encontra a destruição. Aquele rei que não é dotado de inteligência fracassa em ver suas próprias falhas. Coberto de infâmia nesta vida, ele cai no inferno após a morte. Se o rei dá honra apropriada para aqueles que a merecem, faz caridade, e reconhece o valor de palavras gentis por si mesmo

proferindo-as em todas as ocasiões, seus súditos então dissipam as calamidades que o surpreendem, como se elas tivessem caído sobre eles mesmos. O rei que não tem instrutor nos caminhos da justiça e que nunca pede conselhos a outros, e que procura adquirir riqueza pelos meios que o capricho sugere, nunca consegue desfrutar de felicidade por muito tempo. Aquele rei, por outro lado, que ouve as instruções de seus preceptores em questões ligadas com virtude, que supervisiona ele mesmo os negócios de seu reino, e que em todas as suas aquisições é guiado por considerações de virtude, consegue desfrutar de felicidade por um longo tempo.'"

93

"Vamadeva continuou, 'Quando o rei, que é poderoso, age injustamente em direção aos fracos, aqueles que nascem em sua linhagem imitam a mesma conduta. Outros, também, imitam aquele canalha que espalha o pecado. Tal imitação do homem não controlado por restrições logo traz a destruição sobre o reino. A conduta de um rei que é cumpridor dos seus próprios deveres, é aceita pelos homens em geral como um modelo para imitação. A conduta, no entanto, de um rei que abandona seus deveres, não é tolerada nem pelos seus próprios parentes. O rei imprudente que, desconsiderando as injunções declaradas nas escrituras, age com arrogância em seu reino, logo encontra a destruição. Aquele Kshatriya que não segue a conduta observada desde os tempos antigos por outros Kshatriyas, vencido ou vencedor, é citado como tendo abandonado os deveres Kshatriya. Tendo capturado em batalha um inimigo nobre que fez algum bem ao conquistador em uma ocasião anterior, o rei que, estimulado pela malícia, não lhe presta honras, se desvia dos deveres Kshatriya. O rei deve mostrar seu poder, viver alegremente, e fazer o que for necessário em épocas de perigo. Tal soberano se torna querido para todas as criaturas e nunca perde a prosperidade. Se tu fizeres desserviço para alguma pessoa, tu deves, quando chegar a ocasião, fazer serviço a ela. Alguém que não é amado vira um objeto de amor, se ele faz que é agradável. Palavras falsas devem ser evitadas. Tu deves fazer o bem a outros sem ser solicitado. Tu nunca deves abandonar a justiça por luxúria ou ira ou malícia. Não dê respostas rudes quando questionado por alguém. Não profira palavras indignas. Nunca tenha pressa em fazer alguma coisa. Nunca te entregue à malícia. Por tais meios um inimigo é conquistado. Não ceda à alegria excessiva quando qualquer coisa agradável ocorrer, nem te permita ser dominado pela tristeza quando qualquer coisa desagradável ocorrer. Nunca te entregue à angústia quando teus recursos pecuniários estiverem esgotados, e sempre lembre do dever de fazer o bem para teus súditos. O rei que sempre faz o que é agradável em virtude de sua disposição alcança o sucesso em todas as suas medidas e nunca perde a prosperidade. O rei deve sempre, com atenção, apreciar aquele empregado devotado que se abstém de fazer o que é prejudicial para seu chefe e que sempre faz o que é para o seu bem. Ele deve designar em todos os grandes negócios pessoas que tenham subjugado seus sentidos, que sejam devotadamente leais e de comportamento puro, e possuidoras de habilidade.

Aquela pessoa, que pela posse de tais qualificações agrada ao rei e que nunca é negligente em cuidar dos interesses de seu mestre deve ser nomeada pelo rei nos negócios de seu reino. Por outro lado, o rei fica desprovido de prosperidade por nomear para trabalhos importantes homens que são tolos e escravos de seus sentidos, que são cobiçosos e de conduta não respeitável, que são enganadores e hipócritas, maliciosos, de alma pecaminosa, e ignorantes, de mente baixa, e viciados em bebida, jogo, mulheres, e caça. O rei que, primeiro protegendo a si mesmo, protege outros que merecem proteção, sente a satisfação de encontrar seus súditos crescendo em prosperidade. Tal rei sucede também em obter grandeza. Um rei deve, por meio de agentes secretos que sejam dedicados a ele, observar a conduta e ações de outros reis. Por tais meios ele pode obter superioridade. Tendo ofendido um rei poderoso, ele não deve se acomodar com o pensamento de que ele (o ofensor) vive a uma grande distância do ofendido. Tal rei quando ofendido cai sobre o ofensor como o falcão se lançando sobre sua presa, em momentos de descuido. Um rei cujo poder foi consolidado e que confia em sua própria força, deve atacar um vizinho que é mais fraco do que ele mesmo mas nunca um que é mais forte. Um rei que é dedicado à virtude, tendo obtido a soberania da terra por meio de coragem, deve proteger seus súditos justamente e matar inimigos em batalha. Tudo pertencente a este mundo está destinado à destruição. Nada aqui é durável. Por esta razão, o rei, aderindo à justiça, deve proteger seus súditos justamente. A defesa dos fortes, batalha, administração da justiça, consultas sobre questões de política, e manter os súditos em felicidade, estas cinco ações contribuem para aumentar os domínios de um rei. O rei que cuida apropriadamente destes é considerado o melhor dos reis. Por sempre se encarregar disto, um rei consegue proteger seu reino. É impossível, no entanto, para um homem supervisionar todos esses assuntos todo o tempo. Transferindo tal supervisão para seus ministros, um rei pode governar a terra para sempre. O povo faz seu rei uma pessoa que é generosa, que compartilha todos os objetos de prazer com os outros, que possui uma tendência branda, que tem comportamento puro, e que nunca abandonará seus súditos. É obedecido no mundo aquele que, tendo ouvido conselhos de sabedoria, os aceita, abandonando suas próprias opiniões. O rei que não tolera os conselhos de um benquerente por causa de sua oposição aos seus próprios pontos de vista, que escuta com inatenção o que lhe é dito em oposição às suas opiniões, e que nem sempre segue a conduta de pessoas superiores e nobres, vencido ou não vencido, é citado como tendo abandonado os deveres Kshatriyas. De ministros que foram uma vez castigados, de mulheres em especial, de montanhas e regiões inacessíveis, de elefantes e cavalos e répteis, o rei deve sempre, com cuidado, se proteger. (O rei não deve montar elefantes e cavalos indóceis, deve se proteger contra répteis venenosos e os artifícios de mulheres, e deve tomar cuidado especial enquanto subindo montanhas ou entrando em regiões inacessíveis tais como florestas e vales arborizados.) Aquele rei que, abandonando seus principais ministros, faz seus favoritos pessoas inferiores, logo cai em desgraça, e nunca consegue realizar os fins (planejados) de suas medidas. O rei de alma instável, que, cedendo à influência da ira e malícia, não ama e honra aqueles entre seus parentes que possuem boas qualidades, é citado como vivendo à beira da destruição. O rei que se liga a pessoas ilustres por lhes fazer o bem, mesmo que ele possa não gostar

delas no fundo, consegue desfrutar de fama para sempre. Tu nunca deves impor impostos fora de época. Tu não deves sofrer pela ocorrência de algo desagradável, nem te regozijar extremamente por algo agradável. Tu deves sempre te dedicar à realização de atos bons. Quais entre os que dependem do rei são realmente dedicados a ti, e quais são leais a ti por medo, e quais entre eles têm defeitos, deve sempre ser averiguado por ti. O rei, mesmo se ele for poderoso, não deve confiar naqueles que são fracos, pois em momentos de descuido os fracos podem atacar o poderoso como um bando de urubus agarrando sua presa. Um homem de alma pecaminosa procura prejudicar seu mestre mesmo que o último seja de palavras gentis e possua todas as habilidades. Não coloque, portanto, tua confiança em tais homens. Yayati, o filho de Nahusha, ao declarar os mistérios da arte de reinar, disse que uma pessoa dedicada a governar homens deve matar até inimigos que são desprezíveis.'"

94

"Vamadeva disse, 'O rei deve ganhar vitórias sem batalhas. Os sábios não falam em termos elogiosos de vitórias alcançadas por meio de batalhas, ó monarca. Quando o próprio poder do soberano não está confirmado, ele não deve procurar fazer novas aquisições. Não é apropriado que um rei cujo poder não foi consolidado procure fazer tais aquisições. O poder de um rei cujos domínios são amplos e cheios de riqueza, cujos súditos são leais e contentes, e que tem um grande número de oficiais, é citado como confirmado. Aquele rei cuja classe militar é contente, satisfeita (com pagamentos e prêmios), e competente para enganar inimigos, pode até com uma pequena tropa subjugar a terra inteira. O poder do rei cujos súditos, pertencentes às cidades ou às províncias, têm compaixão por todas as criaturas, e possuem riquezas e grãos, é citado como confirmado. Quando o rei pensa que seu poder é maior do que aquele de um inimigo, ele deve então, ajudado por sua inteligência, procurar adquirir a riqueza e territórios do último. Um rei cujos recursos estão aumentando, que é compassivo para todas as criaturas, que nunca perde tempo por procrastinação, e que é cuidadoso em proteger a si mesmo, consegue ganhar avanço. Aquele rei que se comporta enganadoramente em direção ao seu próprio povo que não tem sido culpado de qualquer falha, ceifa a si mesmo como uma pessoa derrubando uma floresta com um machado. Se o rei nem sempre se encarrega da tarefa de matar seus inimigos, os últimos não diminuem. O rei que sabe como matar seu próprio temperamento não encontra inimigos. Se o rei for possuidor de sabedoria, ele nunca fará alguma ação que seja desaprovada por bons homens. Ele irá, por outro lado, sempre se dedicar a tais atos que levem ao seu próprio benefício assim como o de outros. O rei que, tendo realizado todos os seus deveres, se torna feliz pela aprovação da sua própria consciência, nunca incorre na repreensão de outros nem se entrega a arrependimentos. O rei que observa tal conduta em direção a homens consegue subjugar ambos os mundos e desfrutar dos frutos da vitória.'"

"Bhishma continuou, 'Assim endereçado por Vamadeva, o rei Vasumana fez como ele foi instruído. Sem dúvida, tu também, seguindo esses conselhos, conseguirás conquistar ambos os mundos.'"

95

"Yudhishthira disse, 'Se um Kshatriya deseja subjugar outro Kshatriya em batalha, como deve o primeiro agir na questão daquela vitória? Questionado por mim, responda isto.'"

"Bhishma disse, 'O rei, com ou sem um exército em sua retaguarda, entrando nos domínios do rei que ele irá subjugar, deve dizer a todas as pessoas, 'Eu sou seu rei. Eu sempre protegerei vocês. Dêem-me o justo tributo ou me enfrentem em batalha.' Se o povo aceitá-lo como seu rei, não há necessidade de luta. Se, sem serem Kshatriyas por nascimento, eles mostrarem sinais de hostilidade, eles devem então, observadores como eles são de práticas não prescritas para eles, ser reprimidos por todos os meios. Pessoas das outras classes pegam armas (para resistir ao invasor) se elas vêem o Kshatriya desarmado para lutar, incapaz de proteger a si mesmo, e fazendo muito do inimigo.'"

"Yudhishthira disse 'Diga-me, ó avô, como o rei Kshatriya deve se comportar em luta ao avançar contra outro rei Kshatriya.'"

"Bhishma disse, 'Um Kshatriya não deve colocar armadura para lutar com um Kshatriya sem armadura. Um deve lutar com um, e abandonar o oponente quando o último se tornar inabilitado. Se o inimigo se aproxima envolvido em cota de malha, seu adversário também deve por cota de malha. Se o inimigo avança apoiado por um exército, deve-se, apoiado por um exército, desafiá-lo para a batalha. Se o inimigo luta ajudado por truques, ele deve ser combatido com a ajuda de truques. Se, por outro lado, ele luta honestamente, ele deve ser resistido com meios honestos. Não se deve proceder a cavalo contra um guerreiro em carro. Um guerreiro em carro deve proceder contra um guerreiro em carro. Quando um antagonista caiu em desgraça, (isto é, ficou sem seu cavalo ou seu carro ou suas armas, etc.) ele não deve ser golpeado; nem alguém que está apavorado, e nem alguém que foi derrotado. Nem flechas envenenadas nem flechas farpadas devem ser usadas. Estas são as armas dos perversos. Deve-se lutar justamente, sem se entregar à fúria ou desejar matar. Um homem fraco ou ferido não deve ser morto, ou um que está sem filhos; ou um cuja arma foi quebrada; ou um que caiu em desgraça; ou um cuja corda do arco foi cortada; ou um que perdeu seu veículo. Um adversário ferido deve ser enviado para sua própria casa, ou, se levado para os alojamentos do vencedor, deve ter seus ferimentos tratados por cirurgiões habilidosos. Quando, por causa de uma disputa entre reis justos, um guerreiro honrado cair em desgraça, (seus ferimentos devem ser tratados e) quando curado ele deve ser posto em liberdade. Este é o dever eterno. O próprio Manu, o filho do Nascido por Si Mesmo (Brahman), disse que as batalhas devem ser lutadas justamente. Os justos devem sempre agir

corretamente em direção àqueles que são justos. Ele deve sempre aderir à justiça sem destruí-la. Se um Kshatriya, cujo dever é lutar justamente, ganha uma vitória por meios injustos, ele se torna pecaminoso. De conduta fraudulenta, é dito que tal pessoa mata a si mesma. Tal é a prática daqueles que são perversos. Mesmo aqueles que são perversos devem ser subjugados por meios justos. É melhor perder a própria vida no cumprimento da justiça do que obter vitória por meios pecaminosos. Como uma vaca, ó rei, o pecado cometido não produz seus frutos imediatamente. Aquele pecado subjuga o perpetrador depois de consumir suas raízes e ramos. Uma pessoa pecaminosa, adquirindo riqueza por meios pecaminosos, se regozija imensamente. Mas o pecador, ganhando vantagem por meios pecaminosos, se torna unido ao pecado. Pensando que a virtude não tem eficácia, ele zomba dos homens de comportamento correto. Não acreditando em virtude, ele finalmente encontra a destruição. Embora enredado no laço de Varuna, ele ainda se considera imortal. Como um grande saco de couro inflado com vento, o pecador se dissocia totalmente da virtude. Logo, no entanto, ele desaparece como uma árvore na beira do rio arrastada com suas próprias raízes. Então o povo, vendo-o parecer como um recipiente de terra quebrado em uma superfície pedregosa, fala dele como ele merece. O rei deve, portanto, buscar vitória e o aumento de seus recursos por meios justos.'"

96

"Bhishma disse, 'Um rei nunca deve desejar subjugar a terra por meios injustos, mesmo que tal conquista fizesse dele o soberano da terra inteira. Qual rei se regozijaria depois de obter vitória por meios injustos? Uma vitória manchada pela injustiça é incerta e nunca leva ao céu. Tal vitória, ó touro da raça Bharata, enfraquece ambos o rei e a terra. Um guerreiro cuja armadura caiu, ou que pede por piedade, dizendo, 'Eu sou teu' ou que une suas mãos, ou que pôs de lado suas armas, pode simplesmente ser apanhado mas nunca morto. Se um rei hostil for vencido pelas tropas do invasor, o último não deve lutar ele mesmo com o inimigo derrotado. Por outro lado, ele deve levá-lo para seu palácio e persuadi-lo a dizer por um ano inteiro, 'Eu sou teu escravo'. Se ele disser isto ou não, o inimigo vencido, por viver por um ano na casa de seu vencedor, ganha uma vida nova. Se um rei consegue trazer pela força uma donzela da casa de seu inimigo derrotado, ele deve mantê-la por um ano e perguntar se ela se casaria com ele ou com algum outro. Se ela não concordar, ela deve então ser mandada de volta. Ele deve se comportar similarmente em relação a todos os outros tipos de riquezas (tais como escravos) que são obtidos pela força. O rei nunca deve ser apropriar da riqueza confiscada de ladrões e outros esperando execução. As vacas tiradas do inimigo pela força devem ser doadas aos Brahmanas para que eles possam beber o leite daqueles animais. Os touros pegos do inimigo devem ser empregados em trabalhos de agricultura ou devolvidos ao inimigo. É declarado que um rei deve lutar com um rei. Quem não é um rei nunca deve golpear um rei. Se um Brahmana, desejoso de paz, se coloca destemidamente no meio de dois exércitos oponentes, ambos devem imediatamente se abster de lutar. Quebraria uma regra

eterna aquele que matasse ou ferisse um Brahmana. Se algum Kshatriya quebrasse esta regra, ele se tornaria um canalha de sua classe. Além disto, o Kshatriya que destrói a justiça e ultrapassa todas as barreiras salutares não merece ser reconhecido como um Kshatriya e deve ser expulso da sociedade. Um rei desejoso de obter vitória nunca deve seguir tal conduta. Qual lucro pode ser maior do que a vitória ganha justamente? As classes excitáveis (de um reino conquistado recentemente) devem, sem demora, ser conciliadas com discursos calmantes e doações. Esta é uma boa política para o rei adotar. Se em vez de fazer isso se procurar governar estes homens sem diplomacia, eles então deixarão o reino e tomarão o partido de inimigos (do vencedor) e esperarão pela acessão de calamidades (para que eles possam então enfrentar o vencedor). Homens descontentes, esperando pelas calamidades do rei, tomam prontamente o partido dos inimigos do último, ó monarca, em épocas de perigo. Um inimigo não deve ser enganado por meios injustos, nem deve ser ferido mortalmente. Pois, se golpeado mortalmente, sua própria vida pode findar. (Em lutar com a ajuda de fraude o inimigo não deve ser morto completamente, tal ato de matar sendo pecaminoso. Matar um inimigo, no entanto, em luta justa é meritório.) Se um rei possuidor de poucos recursos estiver satisfeito com isso, ele considerará que somente a vida é o bastante. O rei cujos domínios são extensos e cheios de riquezas, cujos súditos são leais, cujos empregados e oficiais são todos contentes, é considerado como tendo bases firmes. O rei cujos Ritwijas e sacerdotes e preceptores e outros ao redor dele que são bem versados nas escrituras e merecedores de honras são devidamente respeitados, é considerado familiarizado com os caminhos do mundo. Foi por tal comportamento que Indra obteve a soberania do mundo. É por este comportamento que reis terrestres conseguem obter a posição de Indra. O rei Pratardana, subjugando seus inimigos em uma grande batalha, pegou toda a riqueza deles, inclusive seus próprios grãos e ervas medicinais, mas deixou sua terra intocada. O rei Divodasa, depois de subjugar seus inimigos, levou os próprios restos de seus fogos sacrificais, sua manteiga clarificada (destinada para libações), e seu alimento. Por esta razão ele foi privado do mérito de suas conquistas. (O rei Pratardana pegou o que deveria ser pego e então não incorreu em pecado. O rei Divodasa, no entanto, por pegar o que não deveria ser pego, perdeu todo o mérito de suas conquistas.) O rei Nabhaga (depois de suas conquistas) deu reinos inteiros com seus soberanos como presentes sacrificais para os Brahmanas, exceto a riqueza de Brahmanas e ascetas eruditos. O comportamento, ó Yudhishthira, de todos os reis justos de antigamente era excelente, e eu o aprovo totalmente. Aquele rei que deseja sua própria prosperidade deve procurar conquistar pela ajuda de todos os tipos de excelência mas nunca com fraude ou com orgulho.'"

97

"Yudhishthira disse. 'Não há práticas, ó rei, mais pecaminosas do que as dos Kshatriyas. Em marcha ou em batalha, o rei mata grandes multidões. Por quais

ações então o rei ganha regiões de felicidade? Ó touro da raça Bharata, fale, ó erudito, para mim o que eu desejo saber.'"

"Bhishma disse, 'Por punir os maus, por atrair e apreciar os bons, por sacrifícios e doações, os reis se tornam puros e limpos. É verdade, reis desejosos de vitória afligem muitas criaturas, mas depois da vitória eles auxiliam e engrandecem a todos. Pelo poder da caridade, sacrifícios, e penitências, eles destroem seus pecados, e seu mérito aumenta a fim de que eles possam fazer o bem para todas as criaturas. Aquele que cultiva um campo, para recuperá-lo, arranca folhas de arroz e ervas daninhas. Sua ação, no entanto, em vez de destruir o arrozal, o faz crescer mais vigorosamente. Aqueles que manejam armas destroem muitos que merecem destruição. Tal destruição extensa, no entanto, causa o crescimento e avanço daqueles que permanecem. Aquele que protege as pessoas de saque, morte, e aflição, por proteger dessa maneira suas vidas de ladrões, vem a ser considerado como o doador de riqueza, de vida, e de alimento. O rei, portanto, por adorar as divindades por meio de uma união de todos os sacrifícios cujo Dakshina é o dissipador dos temores de todos, desfruta de todos os tipos de felicidade aqui e obtém uma residência no céu de Indra após a morte. (A proteção de súditos é comparada aqui à realização de um sacrifício que tem o mérito de todos os sacrifícios. O presente final naquele sacrifício é a dissipação dos temores de todos.) O rei que, partindo, luta com seus inimigos em batalhas que surgiram por causa de Brahmanas e sacrifica sua vida, vem a ser considerado como a encarnação de um sacrifício com presentes ilimitados. Se um rei, com suas aljavas cheias de flechas, as atira destemidamente em seus inimigos, os próprios deuses não vêem ninguém sobre a terra que seja superior a ele. Em tal caso, igual ao número de flechas com as quais ele perfura os corpos de seus inimigos, é o número de regiões que ele desfruta, eternas e capazes de realizar todos os desejos. O sangue que flui de seu corpo o purifica de todos os seus pecados junto com a própria dor que ele sente na ocasião. Pessoas conhecedoras das escrituras dizem que as dores que um Kshatriya sofre em batalha operam como penitências para aumentar seu mérito. Pessoas justas, inspiradas com medo, ficam na retaguarda, solicitando vida de heróis que avançaram para a batalha, assim como homens solicitam chuva das nuvens. Se aqueles heróis, sem permitirem que os suplicantes incorram nos perigos da batalha, os mantêm atrás de si mesmos enfrentando aqueles perigos e os defendendo naquela hora de medo, grande se torna seu mérito. Se, também, aquelas pessoas tímidas, apreciando aquele feito de coragem, sempre respeitam aqueles defensores, elas fazem o que é apropriado e justo. Por agirem de outra maneira elas não podem se livrar do medo. Há uma grande diferença entre homens aparentemente iguais. Alguns avançam para a batalha, em meio ao seu rumor terrível, contra tropas armadas de inimigos. De fato, o herói avança contra multidões de inimigos, adotando a estrada para o céu. Aqueles, no entanto, que são inspirados com medo covarde, procuram segurança na fuga, abandonando seus camaradas em perigo. Que tais canalhas entre homens não nasçam na tua linhagem. Os próprios deuses com Indra encabeçando-os enviam calamidades àqueles que abandonam seus camaradas em luta e saem com membros ilesos. Aquele que deseja salvar sua própria vida por abandonar seus camaradas deve ser morto com paus ou pedras ou enrolado

em uma esteira de grama seca para ser queimado até a morte. Aqueles entre os kshatriyas que são culpados de tal conduta devem ser mortos da mesma forma que animais. (Isto é, não no fio de arma, mas de outra maneira). Morte em uma cama de repouso, depois de ejetar muco e urina e proferir gritos lastimáveis, é pecaminosa para um Kshatriya. Pessoas familiarizadas com as escrituras não aprovam a morte de um Kshatriya com corpo ileso. A morte de um Kshatriya, ó majestade, em casa não é louvável. Eles são heróis. Qualquer ato não heróico deles é pecaminoso e inglório. Em doença, alguém pode ser ouvido gritar, dizendo, 'Que tristeza! Quão doloroso! Eu devo ser um grande pecador!' Com rosto emaciado e fedor saindo de seu corpo e roupas, o homem doente mergulha seus parentes em aflição. Cobiçando a condição daqueles que estão com saúde, tal homem (em meio a suas torturas) repetidamente deseja a própria morte. Um herói, tendo dignidade e orgulho, não merece tal morte inglória. Cercado por parentes e massacrando seus inimigos em batalha, um Kshatriya deve morrer pelo fio de armas afiadas. Movido pelo desejo de prazer e cheio de raiva, um herói luta com fúria e não sente os ferimentos infligidos em seus membros por inimigos. Encontrando a morte em batalha, ele ganha aquele mérito sublime repleto de fama e respeito do mundo o qual pertence a ele ou ela e no final obtém uma residência no céu de Indra. O herói, por não mostrar suas costas em luta e combatendo por todos os meios em seu poder, em completa negligência da própria vida, na vanguarda da batalha, obtém a companhia de Indra. Onde quer que o herói encontre a morte no meio de inimigos sem mostrar medo ignóbil ou desânimo, ele consegue ganhar regiões bem-aventurança eterna após a morte.'"

98

"Yudhishthira disse, 'Diga-me, ó avô, quais regiões são alcançadas pelos heróis que não retornam por encontrarem a morte em batalha."

"Bhishma, dito, 'Em relação a isto, ó Yudhishthira, é citada a antiga história da conversa entre Amvarisha e Indra. Amvarisha, o filho de Nabhaga, tendo ido para o céu que é de aquisição tão difícil, viu seu próprio generalíssimo naquelas regiões celestes na companhia de Indra. O rei viu seu general poderoso resplandecendo com todos os tipos de energia, dotado de forma celestial, sentado em um carro muito belo, e viajando (naquele veículo) sempre mais alto em direção a regiões ainda mais elevadas. Contemplando a prosperidade de seu general Sudeva, e observando como ele atravessava regiões que eram ainda mais altas, Amvarisha de grande alma, cheio de surpresa, se dirigiu a Vasava, nas seguintes palavras.'"

"Amvarisha disse, 'Tendo governado devidamente a terra inteira limitada pelos mares, tendo pelo desejo de ganhar mérito religioso praticado todos os deveres que são comuns às quatro classes como declarados pelas escrituras, tendo praticado com austeridade rígida todos os deveres do modo Brahmacharya, tendo servido com obediência respeitosa meus preceptores e outros superiores veneráveis, tendo estudado com as devidas observâncias os Vedas e as

escrituras sobre os deveres reais, tendo satisfeito convidados com alimento e bebida, os Pitris com oferendas em Sraddhas, os Rishis com estudo atento das escrituras e com iniciação (sob formas apropriadas nos mistérios de religião), e os deuses com muitos sacrifícios grandes e excelentes, tendo cumprido devidamente os deveres Kshatriya de acordo com as injunções das escrituras, tendo olhado destemidamente para as tropas hostis, eu ganhei muitas vitórias em batalha, ó Vasava! Este Sudeva, ó chefe das divindades, era antigamente o generalíssimo dos meus exércitos. Isto é verdade. Ele era um guerreiro de alma tranquila. Por que razão, no entanto, ele conseguiu me superar? Ele nunca adorou os deuses em sacrifícios grandiosos e superiores. Ele nunca gratificou os Brahmanas (por meio de presentes caros e frequentes) em conformidade com as ordenanças. Por que razão, então, ele conseguiu me superar?'"

"Indra disse, 'Em relação a Sudeva, ó majestade, o grande sacrifício de batalha muitas vezes foi expandido por ele. O mesmo é o caso de todos os outros homens que se dedicam à luta. Cada guerreiro em armadura, por avançar contra inimigos em formação de combate, se torna instalado naquele sacrifício. De fato, é uma conclusão segura que tal pessoa, por agir dessa maneira, vem a ser considerada como a realizadora do sacrifício de batalha.'"

"Amvarisha disse, 'O que compõe as libações naquele sacrifício? Quais são suas oferendas líquidas? Qual é o seu Dakshina? Quem, além disso, são considerados seus Ritwijas? Diga-me tudo isso, ó realizador de cem sacrifícios.'"

"Indra disse, 'Elefantes constituem os Ritwijas daquele sacrifício, e corcéis são seus Audharyus. A carne de inimigos constitui suas libações, e o sangue é a sua oferenda líquida. Chacais e urubus e corvos, como também flechas aladas, constituem seus Sadasyas. Estes bebem os restos deixados da oferenda líquida daquele sacrifício e comem os restos de suas libações. Pilhas de lanças e arpões, de espadas e dardos e machados brilhantes, afiados, e bem temperados, constituem as conchas do sacrificador. Flechas retas, afiadas, e bem temperadas, com pontas penetrantes e capazes de perfurar os corpos de inimigos, impelidas de arcos bem esticados, constituem suas grandes conchas de boca dupla. Envolvidas em bainhas feitas de pele de tigre e equipadas com cabos feitos de marfim, e capazes de cortar a tromba de um elefante, as espadas formam os Sphises daquele sacrifício; (Sphis é o bastão de madeira com o qual linhas são desenhadas na plataforma sacrifical.) Os golpes infligidos com lanças e dardos e espadas e machados brilhantes e afiados, todos feitos de ferro rígido, constituem sua riqueza abundante obtida das pessoas respeitáveis por acordo em relação a quantia e limite. O sangue que corre sobre o campo em consequência da fúria do ataque, constitui a libação final, repleta de grande mérito e capaz de conceder todos os desejos, no Homa daquele sacrifício. ‘Corte’, ‘Fure’, e outros sons semelhantes, que são ouvidos linhas de frente do exército, constituem os Samans cantados por seus cantores Védicos na residência de Yama. As fileiras frontais do exército do inimigo constituem o recipiente para guardar suas libações. A multidão de elefantes e corcéis e homens equipados com escudos é considerada o fogo Syenachit daquele sacrifício. Os troncos sem cabeça que se erguem depois de milhares terem sido massacrados constituem a estaca octogonal, feita de madeira

Khadira, para o herói que realiza aquele sacrifício. Os gritos que elefantes proferem quando incitados adiante com laços, constituem seus mantras Ida. Os timbales, com as batidas de palmas formando os Vashats, ó rei, são seu Trisaman Udgatri. Quando a propriedade de um Brahmana está sendo roubada, aquele que perde seu corpo que é tão precioso para proteger aquela propriedade, por aquela ação de auto-sacrifício, adquire o mérito de um sacrifício com presentes infinitos. Aquele herói que, por causa de seu mestre, demonstra coragem na vanguarda da formação de combate e não mostra suas costas por medo, ganha aquelas regiões de felicidade que são minhas. Aquele que esparge o altar do sacrifício constituído pela batalha, com espadas envolvidas em bainhas azuis e braços cortados parecendo clavas pesadas, consegue alcançar regiões de felicidade como as minhas. O guerreiro que, decidido a obter vitória, penetra no meio das tropas do inimigo sem esperar por qualquer ajuda, consegue ganhar regiões de felicidade como as minhas. É dito que o guerreiro que, em batalha, faz fluir um rio de sangue, terrível e difícil de atravessar, tendo timbales como suas rãs e tartarugas, os ossos de heróis como suas areias, sangue e carne como sua lama, espadas e escudos como suas balsas, o cabelo de guerreiros mortos como as algas e musgo flutuantes, as multidões de corcéis e elefantes e carros como suas pontes, estandartes e bandeiras como suas moitas de junco, os corpos de elefantes mortos como seus barcos e jacarés enormes, espadas e cimitarras como seus barcos maiores, urubus e Kankas e corvos como balsas que flutuam sobre ele, aquele guerreiro que produz tal rio, difícil de ser cruzado até por aqueles que possuem coragem e força e que inspiram todos os homens tímidos com medo, completa o sacrifício por realizar as abluções finais. O herói cujo altar (em tal sacrifício) é coberto com cabeças (cortadas) de inimigos, de corcéis, e de elefantes, obtém regiões de felicidade como as minhas. Os sábios dizem que aquele guerreiro que considera a vanguarda do exército hostil como os quartos de suas esposas, que olha para a dianteira de seu próprio exército como o recipiente para manter a oferenda sacrifical, que toma os combatentes que ficam ao seu sul como seus Sadasyas e aqueles ao norte como seus Agnidhras, e que considera as tropas hostis como sua esposa, consegue ganhar todas as regiões de felicidade. (A vanguarda do exército hostil é a residência de suas esposas, pois ele vai para lá tão alegremente quanto ele vai para tal mansão. Agnidhras são aqueles sacerdotes de tomam conta dos fogos celestiais.) O espaço aberto entre as duas hostes alinhadas para lutar constitui o altar de tal sacrificador, e os três Vedas são seus três fogos sacrificais. Sobre aquele altar, ajudado pela recordação dos Vedas, ele realiza seu sacrifício. O guerreiro inglório que, se desviando da batalha por medo, é morto por inimigos, cai no inferno. Não há dúvida nisto. O guerreiro, por outro lado, cujo sangue encharca o altar sacrifical já coberto com cabelo e carne e ossos, seguramente consegue alcançar um fim sublime. O guerreiro poderoso que, tendo matado o comandante do exército hostil, sobe no veículo de seu adversário morto, vem a ser considerado como possuidor da destreza do próprio Vishnu e da inteligência de Vrihaspati, o preceptor dos celestiais. Aquele guerreiro que apanha vivo o comandante do exército hostil ou seu filho ou algum outro líder respeitado, consegue alcançar regiões de felicidade como as minhas. Não se deve nunca lamentar por um herói morto em batalha. Um herói morto, se ninguém se aflige por ele, vai para o céu e ganha o respeito de

seus habitantes. Homens não desejam oferecer (para a salvação dele) alimento e bebida. Nem eles se banham (depois de receberem a informação), nem entram em luto por ele. Ouça-me enquanto eu enumero a felicidade que está armazenada para tal pessoa. As mais importantes das Apsaras, contadas às milhares, saem com grande velocidade (para receber o espírito do herói morto) cobiçando-o como seu esposo. O Kshatriya que cumpre devidamente seu dever em batalha, obtém por aquela ação o mérito de penitências e de virtude. De fato, tal conduta de sua parte está de acordo com o caminho eterno do dever. Tal homem obtém os méritos de todos os quatro modos de vida. Os idosos e as crianças não devem ser mortos; nem as mulheres; nem os que estão fugindo; nem alguém que segura uma palha em seus lábios, (pegar uma palha e segurá-la entre os lábios é uma indicação de rendição incondicional); nem alguém que diz 'Eu sou teu'. Tendo matado em batalha Jambha, Vritra, Vala, Paka, Satamaya, Virochana, o irresistível Namuchi, Samvara de ilusões incontáveis, Viprachitti, todos esses filhos de Diti e Danu, como também Prahlada, eu mesmo me tornei o chefe dos celestiais.'"

"Bhishma continuou, 'Ouvindo essas palavras de Sakra e aprovando-as, o rei Amvarisha compreendeu como os guerreiros conseguem, (por meio de batalha) alcançar sucesso para si mesmos (em relação a ganhar regiões de beatitude no céu).'"

99

"Bhishma disse, 'Em relação a isto é citada a história antiga da batalha entre Pratardana e o soberano de Mithila. O soberano de Mithila, Janaka, depois da instalação no sacrifício da batalha, alegrou todas as suas tropas (na véspera da luta). Ouça-me, enquanto eu narro a história. Janaka, o rei de grande alma de Mithila, conhecedor da verdade de tudo, mostrou o céu e o inferno para seus próprios guerreiros. Ele se dirigiu a eles, dizendo, 'Vejam, aquelas são as regiões, dotadas de grande esplendor, para aqueles que lutam destemidamente. Cheias de moças Gandharva, aquelas regiões são eternas e capazes de conceder todos os desejos. Lá, do outro lado, estão as regiões de inferno, destinadas para aqueles que fogem da batalha. Eles têm que apodrecer lá pela eternidade em vergonha eterna. Resolvidos a sacrificar suas próprias vidas, vençam seus inimigos. Não caiam no inferno inglório. O sacrifício da vida (em batalha) constitui, em relação aos heróis, sua alegre porta do céu.' Assim endereçados por seu rei, ó subjugador de cidades hostis, os guerreiros de Mithila, alegrando seu soberano, venceram seus inimigos em batalha. Aqueles que têm almas resolutas devem se colocar à frente da batalha. Os guerreiros em carros devem ser colocados no meio de elefantes. Atrás dos guerreiros em carros devem ficar os cavaleiros. Atrás dos últimos devem estar os soldados de infantaria todos vestidos em armadura. O rei que forma seu exército dessa maneira sempre consegue derrotar seus inimigos. Portanto, ó Yudhishthira, a ordem de batalha deve sempre ser formada assim. Cheios de fúria, os heróis desejam a bem-aventurança no céu por lutarem honestamente. Como Makaras agitando o oceano, eles agitam as tropas do inimigo. Encorajando uns aos outros, eles devem alegrar aqueles (entre eles) que

estiverem desanimados. O vencedor deve proteger a terra recém conquistada (de atos de agressão). Ele não deve fazer suas tropas perseguirem demais o inimigo derrotado. O ataque é irresistível de pessoas que se reagrupam depois da derrota e que, desesperadas de segurança, atacam seus perseguidores. Por esta razão, ó rei, tu não deves fazer tuas tropas perseguirem muito o inimigo derrotado. Guerreiros de coragem não desejam atacar aqueles que fogem com velocidade. Esta é outra razão pela qual o inimigo derrotado não deve ser perseguido ardentemente. Coisas imóveis são devoradas por aquelas que são móveis; criaturas desdentadas são devoradas pelas que têm dentes; água é bebida pelos sedentos; covardes são devorados por heróis. Covardes sofrem derrota embora eles tenham, como os vencedores, costas e estômagos e braços e pernas similares. Aqueles que estão afligidos pelo medo baixam suas cabeças e unem suas mãos e ficam perante aqueles que possuem coragem. Este mundo repousa nos braços de heróis como um filho naqueles de seu pai. Aquele, portanto, que é um herói, merece respeito sob todas as circunstâncias. Não há nada mais sublime nos três mundos do que o heroísmo. O herói protege e cuida de todos, e todas as coisas dependem do herói.'"

100

"Yudhishthira disse, 'Diga-me, ó avô, como os reis desejosos de vitória devem, ó touro da raça Bharata, liderar suas tropas para lutar mesmo por ofender ligeiramente as regras de justiça!'"

"Bhishma disse: 'Alguns dizem que a justiça é feita estável pela verdade (isto é, as ordenanças em relação aos deveres Kshatriya); alguns, por raciocínio (ou conclusão, indicando uma desconsideração pela vida, pois aquelas ordenanças não levam a outra conclusão), alguns, por bom comportamento (encorajar os soldados, falar gentilmente para eles, promover os corajosos, etc.); e alguns, pela aplicação de medidas e artifícios (punir deserção e covardia, etc. Batalhas, as quais, é claro, são planejadas para a proteção da justiça, se tornam possíveis em consequência dessas quatro causas.) Eu agora te direi quais são os meios e artifícios produtivos de resultados imediatos. Ladrões, ultrapassando todos os limites salutares, muito frequentemente se tornam destruidores de propriedade e mérito religioso. Para resistir e reprimir a eles, eu te direi quais são as medidas, como indicadas nas escrituras. Ouça-me enquanto eu falo daqueles meios para o sucesso de todas as ações. Ambos os tipos de sabedoria, honesta e desonesta, devem estar ao alcance do rei. Embora sabendo disso, ele não deve aplicar a sabedoria que é desonesta (para prejudicar outros). Ele pode usá-la para resistir aos perigos que possam ameaçá-lo. Inimigos frequentemente prejudicam um rei por produzirem desunião (entre seus ministros ou tropas ou aliados ou súditos). O rei, conhecedor de truques, pode, pela ajuda deles, neutralizar aqueles inimigos. Armadura de couro para proteger os corpos de elefantes, armadura do mesmo material para touros, ossos, espinhos, e armas de pontas afiadas feitas de ferro, cotas de malha, caudas de iaque, armas afiadas e bem temperadas, todos os tipos de armaduras, amarelas e vermelhas, bandeiras e estandartes de cores

diversas, espadas, e lanças e cimitarras afiadíssimas e machados de batalha, e lanças e escudos, devem ser fabricados e estocados em abundância. As armas devem estar todas devidamente afiadas. Os soldados devem estar inspirados com coragem e resolução. É apropriado colocar as tropas em movimento no mês de Chaitra ou Agrahayana. As colheitas maduras nessa época e a água também não se tornam escassas. Essa época do ano, ó Bharata, não é nem muito fria nem muito quente. As tropas devem, portanto, ser movidas nesse tempo. Se o inimigo, no entanto, estiver em uma situação difícil, as tropas devem ser postas em movimento imediatamente (sem esperar por tal época favorável). Essas (duas) são as melhores ocasiões para o movimento das tropas com o objetivo de subjugar inimigos. A estrada ao longo da qual há abundância de água e grama, que é nivelada e fácil de marchar, deve ser adotada (em mover as tropas). As regiões perto da estrada (de ambos os lados) devem ser anteriormente bem verificadas por espiões habilidosos e que tenham conhecimento íntimo das florestas. As tropas não devem, como animais, marchar através de regiões cheias de mato. Reis desejosos de vitória devem, portanto, adotar boas estradas para a marcha de suas tropas. Na dianteira deve ser colocada uma divisão de homens valentes, dotados de força e nascimento nobre. Em relação a fortalezas, aquela que tem muros e uma trincheira cheia de água por todos os lados e somente uma entrada, é digna de louvor. A respeito de inimigos invasores, pode-se oferecer resistência de dentro dela. Ao montar o acampamento, uma região perto de florestas é considerada muito melhor do que uma sob o céu aberto por homens familiarizados com a guerra e possuidores de habilidades militares. O acampamento deve ser montado para as tropas não muito longe de tal floresta. Montar acampamento em tal local, colocar os soldados de infantaria em uma posição de segurança, e enfrentar o inimigo tão logo ele chegue, são os meios para se precaver do perigo e da desgraça. Mantendo a constelação chamada Ursa Maior (cujas sete estrelas são os sete grandes Rishis, isto é, Marichi, Atri, Angira, Pulastya, Pulaha, Kratu, e Vasishtha) atrás delas, as tropas devem lutar tomando suas posições como colinas. Por estes meios, pode-se vencer até inimigos que são irresistíveis. As tropas devem ser colocadas em tal posição que o vento, o sol, e o planeta Sukra (Vênus) sopre e brilhe atrás delas. Como meio para conseguir a vitória o vento é superior ao Sol, e o Sol é superior a Sukra, ó Yudhishthira. Homens familiarizados com a guerra aprovam uma região que não é lamacenta, nem aquosa, nem acidentada, e nem cheia de tijolos e pedras, como bem adequada para as operações de cavalaria. Um campo livre de lama e buracos é adequada para guerreiros em carros. Uma região que é coberta com arbustos e árvores grandes e que é submersa é adequada para guerreiros em elefantes. Uma região que tem muitos locais inacessíveis, que é coberta com árvores grandes e tufos de moitas de junco, como também uma área montanhosa ou arborizada, é adequada para operações de infantaria. Um exército, ó Bharata, que tem uma grande tropa de infantaria, é considerado muito forte. Um exército no qual carros e cavaleiros predominam é considerado muito eficaz em um dia claro (não chuvoso). Um exército no qual soldados a pé e elefantes predominam é efetivo na estação chuvosa. Tendo tratado desses pontos (acerca da qualidade dos diferentes tipos de tropas e da maneira de marchar, acampar, e guiar), o rei deve focar sua atenção nas características de tempo e lugar. O rei que tendo prestado atenção a

todas estas considerações, parte sob uma constelação apropriada e em uma lunação auspiciosa, sempre consegue obter vitória por conduzir devidamente suas tropas. Ninguém deve matar aqueles que estão adormecidos ou sedentos ou fatigados, ou aqueles cujos equipamentos caíram, ou alguém que colocou seu coração na emancipação final, (como Bhurisravas no campo de Kurukshetra) ou que está fugindo, ou alguém que está andando (despreparado) por uma estrada, ou alguém que está ocupado comendo ou bebendo, ou um louco, ou um insano, ou alguém ferido mortalmente, ou extremamente enfraquecido por seus ferimentos, ou que está parado confiantemente, ou que começou qualquer tarefa sem poder completá-la (como alguém que começou um sacrifício que se estende por um longo período) ou alguém que é hábil em uma arte especial (como exploração de minas, etc.), ou que está em desgraça, ou que sai do acampamento para obter forragem, ou homens que levantam acampamentos ou que são vivandeiros, ou aqueles que esperam nos portões do rei ou de seus ministros, ou que fazem serviços humildes (para os chefes do exército), ou aqueles que são chefes de tais empregados. Aqueles entre teus guerreiros que rompem as fileiras de inimigos, ou reagrupam tuas tropas em retirada, devem ter seu pagamento dobrado e devem ser honrados por ti com alimento, bebida, e assentos iguais aos teus próprios. Aqueles entre estes que são chefes de dez soldados devem ser feitos chefes de cem. Também aquele herói atento (entre eles) que é chefe de cem soldados deve ser feito chefe de mil. Reunindo os principais guerreiros, eles devem ser endereçados assim: 'Juremos conquistar, e nunca abandonar uns aos outros. Que aqueles que estão com medo fiquem aqui. Que fiquem aqui também aqueles que causariam a morte de seus chefes por eles mesmos negligenciarem agir heroicamente na pressão da batalha. Que venham os homens que nunca fugiriam da batalha ou fariam seus próprios camaradas serem mortos. Protegendo a si mesmos como também seus companheiros, eles certamente matarão o inimigo em combate. As consequências da fuga da batalha são perda de riqueza, morte, infâmia, e repreensão. Palavras desagradáveis e cortantes têm que ser ouvidas por aquele homem que foge da luta, que perde seus lábios e dentes (uma forma de expressão significando falta de vergonha), que joga longe todas as suas armas, ou que se permite ser apanhado como um cativo pelo inimigo. Que tais más consequências sempre alcancem os guerreiros de nossos inimigos. Aqueles que fogem da batalha são patifes entre homens. Eles simplesmente aumentam o número de seres humanos sobre a terra. Pois humanidade verdadeira, no entanto, eles não são nem aqui nem após a morte. Inimigos vitoriosos, ó majestade, procedem alegremente. Seus louvores são recitados por bardos, em perseguição aos combatentes fugitivos. Quando inimigos, vindo para a batalha, mancham a fama de uma pessoa, a tristeza que a última sente é mais dolorosa, eu penso, do que a própria morte. Saiba que a vitória é a base do mérito religioso e de todos os tipos de felicidade. Aquilo que é considerado como a maior miséria pelos covardes (morte e dor física) é suportado alegremente por aqueles que são heróis. Decididos a alcançar o céu, nós devemos lutar, indiferentes à própria vida, e resolvidos a conquistar ou morrer, e alcançar um fim abençoado no céu. Tendo prestado tal juramento, e preparados para perder a própria vida, heróis devem avançar corajosamente contra as tropas do inimigo. Na dianteira deve ser colocada uma divisão de homens armados com espadas e escudos. Na

retaguarda deve ser colocada a divisão de carros. No espaço intermediário devem ser colocadas outras classes de combatentes. Este deve ser o arranjo feito para atacar o inimigo. Os combatentes no exército que são veteranos devem lutar na dianteira. Eles protegerão seus companheiros atrás deles. Aqueles do exército que são considerados como os mais importantes por força e coragem devem ser colocados na vanguarda. Os outros devem ficar atrás deles. Aqueles que sentem medo devem, com cuidado, ser confortados e encorajados. Os combatentes mais fracos devem ser colocados no campo (sem serem afastados) para pelo menos mostrar o número do exército (para o inimigo). Se as tropas são poucas, elas devem ser colocadas juntas para lutar. Às vezes, se seu líder desejar, a formação de combate cerrada pode ser estendida. Quando um pequeno número de tropas têm que lutar com um grande exército, a formação chamada Suchimukha deve ser formada, (isto é, os soldados devem ser alinhados para formar uma aparência de cunha com uma parte frontal estreita). Quando uma pequena tropa está envolvida em combate com uma grande, o líder da primeira pode apertar a mão de seus homens e proferir gritos para causar efeito, 'O inimigo se dividiu! O inimigo se dividiu!' Aqueles entre eles que são dotados de força devem resistir ao inimigo, gritando ruidosamente para seus companheiros, 'Chegaram novos amigos! Ataquem seus inimigos sem medo!' Aqueles que estão à frente do resto devem proferir gritos altos e fazer diversos tipos de barulhos, e devem soprar e bater Krakachas, chifres de vaca, baterias, pratos, e timbales.'"

101

"Yudhishthira disse, 'De que disposição, de que comportamento, de que forma, equipados como, e armados de que maneira os combatentes devem estar a fim de que eles possam ser competentes para lutar?'"

"Bhishma disse, 'É apropriado que (grupos específicos de combatentes) adotem armas e veículos com os quais eles se tornaram familiarizados pela prática. Soldados valentes, adotando aquelas armas e veículos, se envolvem em batalha. Os Gandharvas, os Sindhus, e os Sauviras lutam melhor com suas unhas e lanças. Eles são corajosos e dotados de grande força. Seus exércitos são capazes de derrotar todas as tropas. Os Usinaras possuem grande força e são habilidosos em todas as espécies de armas. Os habitantes do leste são hábeis em lutar das costas de elefantes e conhecem todos os modos de luta injusta. Os Yavanas, os Kamvojas, e aqueles que moram em volta de Mathura são bem habilidosos em lutar com braços nus. Os habitantes do sul são hábeis em lutar com espada na mão. É bem conhecido que pessoas que possuem grande força e coragem nascem em quase todos os países. Ouça-me enquanto eu descrevo suas indicações. Aqueles que têm vozes e olhos como aqueles do leão ou do tigre, aqueles que têm um modo de andar como aquele do leão e do tigre, e aqueles que têm olhos como aqueles do pombo ou da cobra, são todos heróis capazes de oprimir fileiras hostis. Aqueles que têm uma voz como (aquela do) veado, e olhos como aqueles do leopardo ou do touro, são possuidores de grande energia. Aqueles cuja voz parece com aquela de sinos são excitáveis, maus, e coléricos.

Aqueles que têm uma voz profunda como aquela das nuvens, um rosto colérico, ou rostos como os dos camelos, que tem narizes e línguas curvos, possuem grande velocidade e podem atirar ou arremessar suas armas a uma grande distância. Aqueles que têm corpos arqueados como aquele do gato, e pouco cabelo e pele fina, se tornam dotados de grande velocidade e agitação e quase invencíveis em batalha. Alguns que possuem olhos fechados como aqueles da iguana, temperamento brando, e velocidade e voz como os cavalos, são competentes para lutar com todos os inimigos. Aqueles que têm corpos bem formados, vigorosos e simétricos, e peitos largos, que ficam zangados ao ouvirem o tambor ou trombeta do inimigo, que se deleitam em desordens de todos os tipos, aqueles que têm olhos que indicam seriedade, ou olhos que parecem disparar, ou olhos que são verdes, aqueles que tem rostos obscurecidos com expressões carrancudas, ou olhos como os do mangusto, são todos corajosos e capazes de perder suas vidas em batalha. Aqueles que têm olhos tortos e testas largas e ossos molares não cobertos com carne e braços fortes como raios e dedos portando marcas circulares, e que são magros com artérias e nervos que são visíveis, avançam com grande velocidade quando ocorre a colisão da batalha. Parecendo com elefantes enfurecidos, eles se tornam irresistíveis. Aqueles que têm cabelo esverdeado terminado em cachos, que têm flancos, bochechas, e rostos gordos e cheios de carne, ombros elevados e pescoços largos, que têm aparências temíveis e panturrilhas carnudas, que são impetuosos como Sugriva (o cavalo de Vasudeva) ou como a prole de Garuda, o filho de Vinata, que têm cabeças redondas, bocas grandes, rostos como aqueles de gatos, voz aguda e temperamento colérico, que avançam para a batalha, guiados por seu ruído, que são maus em comportamento e cheios de arrogância, de expressões terríveis, e que vivem nas regiões afastadas, são todos descuidados com suas vidas e nunca fogem da batalha. Tais tropas devem sempre ser colocadas na dianteira. Eles sempre matam seus inimigos em luta e se permitem serem mortos sem retroceder. De comportamento pecaminoso e modos grotescos, eles consideram palavras gentis como indicações de derrota. Se tratados com suavidade, eles sempre demonstram ira contra seu soberano.'"

102

"Yudhishthira disse. 'Quais são as indicações bem conhecidas, ó touro da raça Bharata, do (futuro) sucesso de um exército? Eu desejo conhecê-las.'"

"Bhishma disse, 'Eu te direi, ó touro da raça Bharata, todas as indicações conhecidas do (futuro) sucesso de um exército. Quando os deuses se tornam zangados e inertes sendo incitados pelo destino, pessoas de conhecimento, contemplando tudo com a visão do conhecimento celestial, realizam diversas ações auspiciosas e ritos expiatórios incluindo homa e a recitação silenciosa de mantras, e assim atenuam todos os males. (Um astrólogo erudito e um sacerdote instruído são meios certos de obter vitórias por desviar todas as calamidades causadas por destino não auspicioso e pela ira dos deuses.) O exército no qual as tropas e os animais são todos vigorosos e alegres, ó Bharata, é certo de ganhar

uma vitória categórica. O vento sopra favoravelmente de trás de tais tropas. Arco-íris aparecem no céu. As nuvens lançam suas sombras sobre eles e às vezes o sol brilha sobre eles. Os chacais se tornam auspiciosos para eles, e corvos e urubus também. Quando estes mostram tal respeito pelo exército, grande sucesso com certeza será alcançado por ele. Seus fogos (sacrificais) resplandecem com um esplendor puro, a luz indo para cima e as chamas sem fumaça se curvam ligeiramente para o sul. As libações despejadas sobre eles emitem uma fragrância agradável. Estas são citadas como as indicações de sucesso futuro. As conchas e baterias, sopradas e batidas, produzem sons altos e profundos. Os combatentes ficam cheios de entusiasmo. Estas são citadas como indicações de sucesso futuro. Se veados e outros quadrúpedes são vistos atrás ou à esquerda daqueles que já saíram para a batalha ou daqueles que estão prestes a sair, eles são considerados auspiciosos. Se eles aparecem à direita dos guerreiros enquanto prestes a se engajarem em matança, isto é considerado como uma indicação de sucesso. Se, no entanto, eles fazem seu aparecimento na frente de tais pessoas, eles indicam desastre e derrota. Se estas aves, isto é, cisnes e grous e Satapatras e Chashas proferem gritos auspiciosos, e todos os combatentes saudáveis ficam alegres, estas são consideradas como indicações de sucesso futuro. Aqueles cujo exército brilha com esplendor e se torna terrível de se olhar por causa do brilho de suas armas, máquinas, armaduras, e estandartes como também da cor radiante dos rostos dos homens vigorosos que estão dentro dele, sempre conseguem derrotar seus inimigos. Se os combatentes de uma hoste são de comportamento puro e postura modesta e auxiliam uns aos outros com bondade, isso é considerado como uma indicação de sucesso futuro. Se sons agradáveis e ordem e sensação de tato prevalecem, e se os combatentes estão inspirados com gratidão e paciência, isto é considerado como a base do sucesso. O corvo à esquerda de uma pessoa envolvida em batalha e à direita daquele que está prestes a se envolver nela é considerado auspicioso. Aparecendo às costas, ele indica não cumprimento dos objetivos em vista, enquanto seu aparecimento na frente pressagia perigo. Mesmo depois de alistar um exército grande consistindo nos quatro tipos de tropas, tu deves, ó Yudhishthira, primeiro te comportar pacificamente. Se teus esforços pela paz fracassarem, então tu podes te envolver em combate. A vitória, ó Bharata, que alguém adquire por meio de batalha é muito inferior. A vitória em batalha, parece, depende do capricho ou destino. Quando um exército grande se rompe e as tropas começam a fugir, é extremamente difícil deter sua fuga. A impetuosidade da fuga parece aquela de uma poderosa corrente de água ou de um bando de veados assustados. Alguns se dividiram. Por isto, sem causa adequada, outros se dividem, até aqueles que são corajosos e habilidosos em luta. Um exército grande, consistindo mesmo em soldados valentes, é como um bando grande de veados Ruru. (Se um único veado se assusta e corre em uma direção específica, o bando inteiro o segue sem causa adequada. O símile é particularmente apropriado no caso de grandes exércitos, especialmente de hostes Asiáticas, se uma única divisão se põe em fuga, o resto a segue. O medo é muito contagioso.) Às vezes também pode ser visto que mesmo cinquenta homens, resolutos e confiando uns nos outros, alegres e preparados para sacrificar suas vidas, conseguem oprimir inimigos numericamente muito superiores. Às vezes até cinco, ou seis, ou sete homens, resolutos e

posicionados juntos, de descendência nobre e desfrutando da estima daqueles que os conhecem, derrotam inimigos muito superiores a eles em número. A colisão da batalha não é desejável, contanto que possa ser evitada. A política de conciliação, ou de produzir desunião, e fazer presentes devem ser tentados primeiro, a batalha, é dito, deve vir depois destes. À própria visão de uma tropa (hostil) o medo paralisa os medrosos, assim como à visão de um raio brilhante no céu eles perguntam, 'Oh, sobre o que ele irá cair?' Tendo averiguado que uma batalha está intensa, os membros daqueles que vão se unir a ela, como também daquele que está vencendo, transpiram profusamente. O país inteiro, ó rei, (que é a sede da guerra), fica agitado e atormentado com toda a sua população móvel e imóvel. A própria essência das criaturas incorporadas chamuscada com o calor de armas, enlanguesce com o tormento. Um rei deve, portanto, em todas as ocasiões, aplicar as artes de conciliação, misturando-as com medidas de severidade. (Isto é, o rei deve tentar conciliação, enviando ao mesmo tempo uma tropa invasora, ou fazendo uma demonstração armada. Tais medidas políticas têm êxito em ocasionar paz.) Quando as pessoas são afligidas por inimigos, elas sempre mostram uma disposição de chegar a um acordo. Agentes secretos devem ser enviados para produzir desunião entre os aliados do inimigo. Tendo produzido desunião, é muito desejável que as pazes então sejam feitas com o rei que aconteça de ser mais poderoso do que o inimigo (ao qual se procura esmagar). Se o invasor não procede dessa maneira, ele pode nunca conseguir esmagar completamente seu inimigo. Ao tratar com o inimigo, deve-se tomar cuidado para cercá-lo de todos os lados. A bondade sempre vem para aqueles que são bons, nunca para aqueles que são maus. Escute agora, ó Partha, aos usos do perdão e da severidade. A fama de um rei que demonstra bondade depois da conquista se expande amplamente. Os próprios inimigos de uma pessoa que tem uma disposição clemente confiam nele até quando ele se torna culpado de uma transgressão grave. Samvara disse que tendo afligido um inimigo primeiro, bondade deve ser mostrada posteriormente, pois um poste de madeira, se feito reto sem a aplicação de calor em primeiro lugar, logo assume seu estado anterior. Pessoas hábeis nas escrituras, de qualquer modo, não aprovam isto. Nem elas consideram isto como uma indicação de um bom rei. Por outro lado, eles dizem que um inimigo deve ser subjugado e controlado, como um pai subjugando e controlando um filho, sem raiva e sem destruí-lo. Se, ó Yudhishthira, um rei é severo, ele se torna um objeto de ódio para todas as criaturas. Se, por outro lado, ele é brando, ele é desrespeitado por todos. Portanto, pratique a severidade e a suavidade. Antes de derrotar, ó Bharata, e enquanto derrotando, profira palavras gentis; e tendo derrotado, mostre compaixão por eles e deixe eles entenderem que tu estás sofrendo e lamentando por eles. Tendo vencido um exército, o rei deve se dirigir ao sobreviventes dizendo, 'Eu não estou contente em absoluto que tantos tenham sido mortos por minhas tropas. Ai, as últimas, embora repetidamente dissuadidas por mim, não obedeceram minha ordem. Eu queria que aqueles (que estão mortos) estivessem todos vivos. Eles não mereciam tal morte. Eles eram todos homens bons e verdadeiros, que não recuavam da batalha. Tais homens, de fato, são raros. Aquele que matou tal herói em batalha certamente não fez o que era agradável para mim.' Tendo proferido tais palavras diante dos sobreviventes do inimigo vencido, o rei deve em segredo honrar aqueles entre

suas próprias tropas que bravamente mataram o inimigo. Para acalmar os matadores feridos por seus sofrimentos na mão do inimigo, o rei, desejoso afeiçoá-los a si mesmo, deve até chorar, agarrando suas mãos afetuosamente. O rei deve assim, sob todas as circunstâncias, se comportar com conciliação. Um rei que é destemido e virtuoso se torna amado por todas as criaturas. Todas as criaturas, também, ó Bharata, confiam em tal soberano. Ganhando sua confiança, ele consegue desfrutar da terra como lhe agrada. O rei deve, portanto, por abandonar a falsidade, procurar obter a confiança de todas as criaturas. Ele deve também procurar proteger seus súditos de todos os temores se ele procura desfrutar da terra.'"

103

"Yudhishthira disse, 'Diga-me, ó avô, como o rei deve se comportar com um inimigo que é brando, com um que é violento, e com um que tem muitos aliados e uma grande força militar.'"

"Bhishma disse, 'Em relação a isto é citada, ó Yudhishthira, a antiga narrativa da conversa entre Vrihaspati e Indra. Uma vez, aquele matador de heróis hostis, Vasava, o chefe dos celestiais, unindo suas mãos, se aproximou de Vrihaspati, e saudando-o, disse estas palavras.'

"Indra disse, 'Como, ó regenerado, eu devo me comportar com meus inimigos? Como eu devo subjugá-los por meio de artifícios, sem exterminá-los? Em uma colisão entre dois exércitos, a vitória pode ser ganha por qualquer lado. De que maneira eu devo me comportar para que essa prosperidade resplandecente que eu ganhei e que chamusca todos os meus inimigos não possa me abandonar?' Assim endereçado, Vrihaspati, hábil em Virtude, Lucro, e Prazer, possuidor de um conhecimento dos deveres reais, e dotado de grande inteligência, respondeu a Indra nas seguintes palavras.'"

"Vrihaspati disse, 'Uma pessoa nunca deve desejar subjugar seus inimigos por meio de disputa. Excitados com raiva e privados de bondade, somente garotos procuram briga. Alguém que deseja a destruição de um inimigo não deve por aquele inimigo em guarda. Por outro lado, ele nunca deve revelar sua ira ou medo ou alegria. Ele deve esconder estes dentro de seu próprio peito. Sem confiar de verdade no inimigo, ele deve se comportar como se ele confiasse nele completamente. Ele deve sempre falar palavras gentis para o inimigo e nunca fazer nada que seja desagradável. Ele deve se abster de atos inúteis de hostilidade como também de palavras insolentes. Como um caçador de aves selvagens, cuidadosamente proferindo gritos similares àqueles das aves que ele deseja capturar ou matar, as captura e as traz sob seu poder, assim mesmo deve um rei, ó Purandara, trazer seus inimigos sob submissão e então matá-los se ele quiser. Tendo vencido seus inimigos, uma pessoa não deve dormir tranquilamente. Um inimigo que é perverso ergue sua cabeça novamente como um fogo apagado de modo descuidado faz seu aparecimento outra vez. Quando a

vitória pode ser obtida por qualquer um dos lados, uma colisão hostil de armas deve ser evitada. Tendo acalmado um inimigo em segurança, deve-se reduzi-lo à submissão e alcançar seu objetivo. Tendo consultado com seus ministros e com pessoas inteligentes versadas em política, um inimigo que é desconsiderado e negligenciado, sendo todo o tempo não subjugado no fundo, ataca na época apropriada, especialmente quando o inimigo dá um passo em falso. Por empregar seus próprios agentes de confiança, tal inimigo também tornará as forças do outro ineficientes por produzir desunião. Averiguando o início, o meio e o fim de seus inimigos, (isto é, averiguando tudo sobre eles), um rei deve em segredo nutrir sentimentos de hostilidade em direção a eles. Ele deve corromper as forças armadas de seu inimigo, averiguando tudo por meio de comprovação positiva, usando as artes de produzir discórdias, fazendo presentes, e aplicando veneno. Um rei nunca deve viver na companhia de seus inimigos. Um rei deve esperar um longo tempo e então matar seus inimigos. De fato, ele deve aguardar, esperando a oportunidade, para que ele possa cair sobre seu inimigo em uma hora quando o último menos esperar. Um rei nunca deve matar um grande número das tropas de seu inimigo, embora ele deva certamente fazer aquilo que fará decisiva sua vitória. O rei nunca deve fazer uma injúria para seu inimigo que cause ressentimento no coração dele. Nem ele deve causar ferimentos por meio de flechas e dardos verbais. Se a oportunidade vier, ele deve golpeá-lo, sem deixá-la escapar. Tal, ó chefe dos deuses, deve ser a conduta de um rei desejoso de matar seus inimigos em direção àqueles que são seus inimigos. Se uma oportunidade, em relação ao homem que a espera, passa uma vez, ela pode nunca ser tida novamente pela pessoa desejosa de agir. Agindo de acordo com as opiniões dos sábios somente, um rei deve romper a força de seu inimigo. Ele nunca deve, quando a oportunidade não for favorável, procurar realizar seus objetivos. Nem ele deve, quando a oportunidade estiver à mão, perseguir seu inimigo (isto é, arruiná-lo completamente). Abandonando luxúria, ira e orgulho, o rei deve, agindo com atenção, vigiar constantemente os pontos fracos de seus inimigos. Sua própria indulgência, a severidade de seus castigos, sua inatividade e negligências, ó chefe dos deuses, e os artifícios enganadores bem aplicados (por seus inimigos), arruínam um soberano tolo. Aquele rei que pode vencer estas quatro falhas e neutralizar os truques enganadores de seus inimigos consegue, sem dúvida, derrotar todos eles. Quando somente um ministro (sem precisar de alguma ajuda) for competente para realizar um objetivo secreto (do rei), o rei deve consultar somente com aquele único ministro a respeito de tal objetivo. Muitos ministros, se consultados, se esforçam para jogar a responsabilidade da tarefa sobre os ombros uns dos outros e até dão publicidade àquele objetivo que deve ser mantido em segredo. Somente se a consulta com um não for apropriada, o rei então deve consultar com muitos. Quando inimigos não são vistos, o castigo divino deve ser invocado sobre eles; quando vistos, o exército, consistindo em quatro tipos de tropas, deve ser movido. (Quando inimigos não são vistos, isto é, quando eles estão a uma distância, o rei deve empregar seu sacerdote para realizar os ritos do Atharvan para levar destruição sobre eles. No caso, no entanto, de inimigos sendo vistos, isto é, quando eles estão perto, ele deve mover suas tropas sem depender dos ritos Atharvan.) O rei deve primeiro usar as artes de produzir desunião, como também aquelas de conciliação. Quando chega a hora para cada meio específico,

aqueles meios específicos devem ser aplicados. Às vezes, o rei deve até se prostrar perante um inimigo poderoso. É também desejável que, agindo atentamente, ele procure realizar a destruição do vencedor quando o último ficar desatento. Por se prostrar, por dar doação de tributo, por proferir palavras gentis, ele deve se humilhar diante de um rei mais poderoso. Ele nunca se deve, (quando chega a ocasião para tais ações) fazer qualquer coisa que possa despertar as suspeitas de um inimigo poderoso. O soberano mais fraco deve, sob tais circunstâncias, evitar cuidadosamente todas as ações que possam levantar suspeitas. Um rei vitorioso, também, não deve confiar em seus inimigos derrotados, pois aqueles que são vencidos permanecem sempre vigilantes. Não há nada, ó melhor dos reis, que seja de realização mais difícil do que a aquisição de prosperidade, ó soberano dos imortais, por pessoas de temperamento impaciente. A própria existência de pessoas de disposição agitada é repleta de perigo. Reis devem, portanto, com atenção concentrada, averiguar seus amigos e inimigos. Se um rei se torna brando, ele é desconsiderado. Se ele se torna violento, ele inspira medo nas pessoas. Portanto, não seja feroz, mas também não seja suave. Seja violento e gentil. Como uma corrente rápida derruba incessantemente a margem alta e causa grandes deslizamentos de terra, assim mesmo negligências e erros causam a ruína de um reino. Nunca ataque muitos inimigos ao mesmo tempo. Por aplicar as artes de conciliação, ou presentes, ou produção de desunião, ó Purandara, eles devem ser derrotados um por um. Com relação ao restante, (sendo poucos em número) o vencedor pode se comportar pacificamente para com eles. Um rei inteligente, mesmo se competente para isto, não deve começar a oprimir todos (os seus inimigos) de uma vez. Quando acontece de um rei ter um exército grande consistindo nos seis tipos de forças (isto é, infantaria, cavalos, elefantes, carros, tesouraria e comerciantes que seguem o acampamento) e cheio de cavalos, elefantes, carros, infantaria, e máquinas, todos dedicados a ele, quando ele se acha superior ao seu inimigo em muitos aspectos após uma comparação justa, então ele deve atingir abertamente o inimigo sem hesitação. Se o inimigo for forte, a adoção de uma política de conciliação (com ele) não é digna de aprovação. Por outro lado, o castigo por meios secretos é a política que deve ser adotada. Nem gentileza de comportamento deve ser adotada com tais inimigos, nem repetidas campanhas militares, para perda de colheitas, envenenamento de poços e tanques, e suspeitas em relação aos sete ramos de administração, devem ser evitados. (Perda de colheitas, etc. são as consequências inevitáveis de campanhas militares. O rei, em tais ocasiões, é obrigado também a tomar cuidado especial dos sete ramos de administração. Todos estes são desagradáveis, eles devem ser evitados.) O rei deve, em tais ocasiões, aplicar diversos tipos de fraude, diversos artifícios para colocar seus inimigos uns contra os outros, e diferentes tipos de comportamento hipócrita. Ele deve também, através de agentes de confiança, averiguar os feitos de seus inimigos em suas cidades e províncias. Reis, ó matador de Vala e Vritra, perseguindo seus inimigos e entrando em suas fortalezas, pegam e se apropriam das melhores coisas obteníveis lá, e planejam medidas apropriadas de política em suas próprias cidades e domínios. Fazendo presentes de riqueza a eles em particular, e confiscando suas posses publicamente, sem, no entanto, prejudicá-los materialmente, e proclamando que

eles são todos homens perversos que têm sofrido por seus próprios delitos, reis devem enviar seus agentes para as cidades e províncias de seus inimigos. Ao mesmo tempo, em suas próprias cidades, eles devem, através de outras pessoas conhecedoras das escrituras, adornadas com todas as habilidades, familiarizadas com as ordenanças dos livros sagrados e possuidoras de erudição, fazer encantamentos e ritos matadores de inimigos serem realizados.'"

"Indra disse, 'Quais são as indicações, ó melhor dos regenerados, de uma pessoa má? Questionado por mim, me diga como eu devo conhecer aquele que é mau.'"

"Vrihaspati disse, 'Uma pessoa má é aquela que proclama as falhas de outros às suas costas, que é inspirada com inveja pelas habilidades de outros, e que fica calada quando os méritos de outras pessoas são proclamados em sua presença, sentindo uma relutância em se unir ao coro. Mero silêncio em tais ocasiões não é indicação de maldade. Uma pessoa má, no entanto, em tais horas respira pesadamente, morde seus lábios, e sacode sua cabeça. Tal pessoa sempre se mistura em sociedade e fala de modo irrelevante (isto é, inicia assuntos de conversa que não surgem naturalmente, pois aquilo que ela tem em vista é proclamar os defeitos de outras pessoas, um tópico no qual somente ela está interessada e não seus ouvintes.) Tal homem nunca faz o que promete, quando os olhos da pessoa a quem ele deu a garantia não estão sobre ele. Quando os olhos da pessoa assegurada estão nele, o homem pecaminoso nem alude ao assunto. O homem malvado come sozinho (e não com outros na mesma mesa), e encontra defeito na comida colocada perante ele, dizendo, 'Tudo não está bem hoje como nos outros dias'. Sua disposição se revela em circunstâncias ligadas com seu modo de sentar, deitar, e cavalgar. Entristecer-se em ocasiões de tristeza e se regozijar em ocasiões de alegria, são as indicações de um amigo. Um comportamento oposto fornece indicações de um inimigo. Mantenha em teu coração esses ditados, ó soberano dos deuses! A disposição de homens perversos nunca pode ser ocultada. Eu então te disse, ó principal das divindades, quais são as indicações de uma pessoa má. Tendo escutado às verdades declaradas nas escrituras, siga-as devidamente, ó soberano dos celestiais!'"

"Bhishma continuou, 'Tendo ouvido essas palavras de Vrihaspati, Purandara, empenhado em subjugar seus inimigos, agiu estritamente de acordo com elas. Decidido a vencer, aquele matador de inimigos, quando chegou a oportunidade, obedeceu essas instruções e reduziu todos os seus inimigos à submissão.'"

104

"Yudhishthira disse, 'Como deve um rei justo, que é contrariado por seus próprios oficiais, cuja tesouraria e exército não estão mais sob seu controle, e que não tem riqueza, se comportar para adquirir felicidade?'"

"Bhishma disse, 'Em relação a isto, a história de Kshemadarsin é muitas vezes recitada. Eu narrarei aquela história para ti. Ouça-a, ó Yudhishthira! Foi ouvido por

nós que nos tempos passados, quando o príncipe Kshemadarsin ficou enfraquecido e caiu em grande infortúnio, ele foi até o sábio Kalakavrikshiya, e saudando-o humildemente, disse a ele estas palavras.'”

"O rei disse, 'O que deve fazer uma pessoa como eu que merece riqueza mas que, depois de repetidos esforços, fracassou em recuperar seu reino, ó Brahmana, exceto suicídio, furto e roubo, aceitação de proteção de outros, e outros atos de mesquinharia de um tipo parecido? Ó melhor dos homens, me diga isto. Alguém como tu que és familiarizado com moralidade e cheio de gratidão é o amparo de uma pessoa afligida pela doença, mental ou física. O homem deve abandonar seus desejos. Por agir dessa maneira, por abandonar alegria e tristeza, e ganhando a riqueza do conhecimento, ele consegue obter felicidade. Eu me aflijo por aqueles que aderem à felicidade mundana como dependente da riqueza. Tudo aquilo, no entanto, desaparece como um sonho. Aqueles que podem abandonar uma vasta riqueza realizam uma façanha muito difícil. Em relação a nós mesmos, nós somos incapazes de abandonar aquela riqueza a qual nem é mais existente (isto é, embora despojado de meu reino, eu ainda não posso abandonar a esperança de recuperá-lo). Eu estou privado de prosperidade e caí em uma situação miserável e triste. Instrua-me, ó Brahmana, por qual felicidade eu ainda posso me esforçar.' Assim endereçado pelo inteligente príncipe de Kosala, o sábio Kalakavrikshiya de grande esplendor deu a seguinte resposta.'”

"O sábio disse, 'Parece que tu já compreendeste isto. Possuidor de conhecimento como tu és, tu deves agir como tu pensas. Tua opinião está correta, isto é, tudo isso que eu vejo é instável, eu mesmo como também tudo o que eu tenho. Saiba, ó príncipe, que aquelas coisas as quais tu consideras como existentes são na realidade inexistentes. O homem de sabedoria sabe disto, e consequentemente nunca é atormentado qualquer que seja a angústia que possa oprimi-lo. O que quer que tenha ocorrido e o que quer que ocorrerá é tudo irreal. Quando tu souberes disto que deve ser conhecido por todos, tu estarás livre da injustiça. Quaisquer coisas que tenham sido ganhas e adquiridas por aqueles que vieram antes, e as coisas que foram ganhas e adquiridas por aqueles que os sucederam, todas pereceram. Refletindo sobre isto, quem se entregaria à aflição? As coisas que eram, não são mais. As coisas que são, não serão novamente. A tristeza não tem o poder de restaurá-las. Não se deve, portanto, se entregar ao sofrimento. Onde, ó rei, está teu pai hoje, e onde está teu avô? Tu não os vês hoje, nem eles te vêem agora. Refletindo sobre tua própria instabilidade, por que tu te afliges por eles? Reflita com a ajuda de tua inteligência, e tu compreenderás que realmente tu cessarás de existir. Eu mesmo, tu, ó rei, teus amigos, e teus inimigos, iremos, sem dúvida, cessar de existir. De fato, tudo cessará de ser. Aqueles homens que estão agora com vinte ou trinta anos de idade, sem dúvida, irão todos morrer dentro dos próximos cem anos. Se um homem não puder ter a coragem para desistir de suas vastas posses, ele então deve se esforçar para pensar em suas posses como não suas e por estes meios procurar fazer o bem para si mesmo. (Isto é, ele deve pensar que sua riqueza foi dada a ele por causa de amigos e parentes e outros. Ele então conseguirá praticar caridade.) Uma pessoa não deve considerar aquisições que são futuras como suas. Aquisições

que desapareceram também não devem ser consideradas como suas por alguém. O Destino deve ser considerado como todo-poderoso. Aqueles que pensam dessa maneira são considerados como possuidores de sabedoria. Tal hábito de olhar as coisas é um atributo dos bons. Muitas pessoas que são iguais ou superiores a ti em inteligência e esforço, embora desprovidas de riquezas, não somente estão vivas mas nunca estão governando reinos. Elas não são como tu. Elas não se entregam ao sofrimento como tu. Portanto, pare de sofrer dessa maneira. Tu não és superior àqueles homens, ou pelo menos igual a eles em inteligência e esforço?'

O rei disse, 'Eu considero que o reino que eu tive com todos os seus anexos foi ganho por mim sem qualquer esforço. O Tempo todo-poderoso, no entanto, ó regenerado, o levou embora. A consequência, no entanto, que eu vejo, de meu reino ter sido varrido pelo Tempo como por um rio, é que eu sou obrigado a me sustentar do que quer que eu obtenha (por caridade).'"

"O sábio disse, 'Movido pelo conhecimento do que é verdadeiro (na vida) uma pessoa nunca se deve sofrer pelo passado nem pelo futuro. Tenha tal estado de espírito, ó príncipe de Kosala, em relação todos os casos que possam atrair tua atenção. Desejando obter somente o que é obtenível e não o que é inalcançável, desfrute de tuas posses atuais e nunca sofra por aquilo que está ausente. Fique alegre, ó príncipe de Kosala, com o que quer que tu consigas ganhar com facilidade. Mesmo privado de prosperidade, não te angustie por isso mas procure preservar uma disposição pura. Somente um homem infeliz que é de uma compreensão superficial, quando desprovido da prosperidade antiga, critica o Ordenador supremo, sem estar contente com suas posses atuais. Tal pessoa considera outros, embora não merecedores, como homens abençoados com prosperidade. Por esta razão, aqueles que possuem malícia e vaidade e cheios de um senso de sua própria importância sofrem ainda mais miséria. Tu, no entanto, ó rei, não és manchado por tais vícios. Aguente a prosperidade de outros embora tu estejas desprovido de prosperidade. Aqueles que possuem sagacidade conseguem desfrutar da prosperidade que é conferida a outros. A prosperidade deixa a pessoa que odeia outras. Homens possuidores de comportamento justo e sabedoria e conhecedores dos deveres de Yoga renunciam à prosperidade e filhos e netos por sua própria vontade. Outros, considerando a riqueza terrestre extremamente instável e inalcançável, dependente como ela é de ação e esforço contínuos, são vistos também renunciarem a ela. Tu pareces possuir sabedoria. Por que tu então sofres tão lastimavelmente, desejando coisas que não devem ser desejadas, que são instáveis, e que dependem de outros? Tu desejas perguntar sobre aquele estado de espírito específico (o qual irá te permitir desfrutar de felicidade apesar da perda de tuas posses). O conselho que eu te dou é renunciar a todos aqueles objetos de desejo. Objetos que devem ser evitados surgem na aparência daqueles pelos quais se deve lutar, enquanto aqueles pelos quais se deve lutar surgem na aparência de objetos que devem ser evitados. Alguns perdem sua riqueza na busca de riqueza. Outros consideram a riqueza como a base da felicidade infinita, e, portanto, a perseguem avidamente. Alguns também, encantados pela riqueza, acham que não há nada superior a ela. Em seu desejo

ávido pela aquisição de riqueza, tal pessoa perde todos os outros objetos da vida. Se, ó príncipe de Kosala, uma pessoa perde aquela riqueza que foi obtida com dificuldade e a qual era proporcional aos seus desejos, ela então, dominada pela inércia do desespero, desiste de todos os desejos de riqueza. Algumas pessoas de almas honradas e nascimento nobre se dedicam à aquisição de virtude. Estas renunciam a todos os tipos de felicidade mundana pelo desejo ganhar felicidade no outro mundo. Algumas pessoas sacrificam a própria vida, movidas pelo desejo de adquirir riqueza. Estas pensam que a vida não tem nenhuma utilidade se dissociada de riqueza. Veja sua condição deplorável. Contemple sua tolice. Quando a vida é tão curta e incerta, aqueles homens, movidos pela ignorância, fixam seus olhos na riqueza. Quem colocaria seu coração no acúmulo quando a destruição é seu fim, na vida quando a morte é seu fim, e na união quando a separação é seu fim? Às vezes o homem renuncia à riqueza, e às vezes a riqueza renuncia ao homem. Que homem possuidor de conhecimento se sentiria angustiado pela perda de riqueza? Há muitas outras pessoas no mundo que perdem riquezas e amigos. Contemple, ó rei, com tua inteligência, e tu entenderás que as calamidades que surpreendem os homens são todas devido à conduta dos próprios homens. Portanto, (como um remédio), reprima teus sentidos e mente e palavras. Pois, se estes se tornam fracos e produtivos de mal não há homem que possa se manter livre da tentação de objetos externos pelos quais ele sempre está cercado. Como ninguém pode formar uma idéia adequada do passado nem pode prever o futuro, havendo muitos intervalos de tempo e lugar, uma pessoa como tu, que és possuidor de tal sabedoria e destreza, nunca se entrega à angústia por causa de união e separação, por bem ou mal. Um pessoa de tal brandura de disposição, de alma bem controlada, conclusões firmes e observadora dos votos Brahmacharya, nunca se entrega ao sofrimento e nunca fica inquieta pelo desejo de adquirir ou medo de perder qualquer coisa de pouco valor. Não é adequado que tal homem adote uma vida enganadora de mendicância, uma vida que é pecaminosa e má e cruel e digna somente de um patife entre homens. Vá para a grande floresta e leve uma vida de felicidade lá, completamente só e subsistindo de frutas e raízes, reprimindo a palavra e a alma, e cheio de compaixão por todas as criaturas. Aquele que leva alegremente tal vida na floresta, com elefantes de grandes presas como companheiros, com nenhum ser humano a seu lado, e contente com os produtos da selva, é citado como agindo da maneira dos sábios. Um lago grande, quando fica turvo, retoma sua tranquilidade por si mesmo. Da mesma maneira, um homem de sabedoria, quando perturbado em tais questões, fica tranquilo por si mesmo. Eu vejo que uma pessoa que caiu em tal situação difícil como a tua pode viver alegremente exatamente assim. Quando a tua prosperidade é quase impossível de se recuperar, e quando tu não tem ministros e conselheiros, tal rota está aberta para ti. Tu esperas colher algum benefício por depender do destino?'"

105

"O sábio disse, 'Se, por outro lado, ó Kshatriya, tu ainda achas que tens alguma destreza, eu discorrerei para ti acerca da linha de política que tu podes adotar para recuperar teu reino. Se tu puderes seguir aquela linha de política e procurar te empenhar, tu ainda podes recuperar tua prosperidade. Escute atentamente a tudo o que eu vou te dizer em detalhes. Se tu puderes agir de acordo com aqueles conselhos, tu poderás ainda obter uma vasta riqueza, de fato, teu reino e poder real e grande prosperidade. Se tu quiseres isto, ó rei, diga-me, porque então eu te falarei sobre aquela política.'"

"O rei disse, 'Diga-me, ó santo, o que tu desejares dizer. Eu desejo ouvir e agir segundo os teus conselhos. Que este meu encontro contigo hoje seja produtivo de consequências (para mim).'"

"O sábio disse, 'Renunciando ao orgulho e desejo e ira e alegria e medo, sirva teus próprios inimigos, te humilhando e unindo tuas mãos. Sirva Janaka, o soberano de Mithila, sempre realizando atos bons e puros. Firmemente devotado à verdade, o rei de Videha certamente te dará grande riqueza. Tu então te tornarás o braço direito daquele rei e obterás a confiança de todas as pessoas. Como uma consequência disto, tu então conseguirás obter muitos aliados possuidores de coragem e perseverança, puros em comportamento, e livres dos sete principais defeitos. Um pessoa de alma dominada e tendo seus sentidos sob controle, por aderir aos seus deveres, consegue se elevar e alegrar outros. Honrado por Janaka possuidor de inteligência e prosperidade, tu certamente te tornarás o braço direito daquele soberano e desfrutarás da confiança de todos. Tendo então reunido uma grande tropa e mantendo consultas com bons ministros, cause desunião entre teus inimigos e, colocando-os uns contra os outros, quebre todos eles como uma pessoa quebrando um vilwa com um vilwa. (O Vilwa é o fruto do Aegle marmelos.) Ou, fazendo as pazes com os inimigos de teu inimigo, destrua o poder do último. Tu então farás teu inimigo ser atraído para coisas boas que não são facilmente alcançáveis, para belas mulheres e tecidos, camas e assentos e veículos, todos dos tipos muito valiosos, e casas, e aves e animais de diversas espécies, e sucos e perfumes e frutas, para que teu inimigo possa se arruinar por si mesmo. (Isto é, por fazer teu inimigo se apegar a estas coisas, a tesouraria dele provavelmente se esgotará. Se isso puder ser ocasionado, teu inimigo logo será arruinado.) Se um inimigo for assim manobrado, ou se indiferença é para ser mostrada por ele, alguém que deseja agir segundo a boa política nunca deve permitir que aquele inimigo saiba disso em absoluto. Seguindo o comportamento que é aprovado pelos sábios, desfrute de todos os tipos de prazer nos domínios de teu inimigo, e imitando a conduta do cachorro, do veado, e do corvo, te comporte, com amizade aparente, em direção a teus inimigos. Faça eles empreenderem realizações que são imensas e difíceis de se realizar. Procure também que eles se envolvam em hostilidades com inimigos poderosos. Atraindo a atenção deles para jardins agradáveis e camas e assentos caros, por oferecer tais objetos de prazer, drene a tesouraria do inimigo. Aconselhando teu inimigo a realizar sacrifícios e fazer doações, gratifique os Brahmanas. Os últimos, (tendo

recebido aqueles presentes através das tuas mãos), farão o bem para ti em retribuição (por realizarem penitências e ritos Védicos), e devorarão teus inimigos como lobos. Sem dúvida, uma pessoa de atos virtuosos obtém um fim excelente. Por tais feitos os homens conseguem ganhar regiões de muita felicidade no céu. Se a tesouraria de teus inimigos for esgotada (por feitos justos ou injustos), todos eles, ó príncipe de Kosala, podem ser reduzidos à submissão. A tesouraria é a base da felicidade no céu e da vitória sobre a terra. É por causa de suas tesourarias que os inimigos desfrutam de tal felicidade. A tesouraria, portanto, deve ser drenada por todos os meios. Não elogie o Esforço na presença de teu inimigo mas fale elogiosamente do Destino. Sem dúvida, o homem que confia demais em atos concernentes ao culto dos deuses logo encontra a destruição. Faça teu inimigo realizar o grande sacrifício chamado Viswajit e dessa maneira despoje-o de todas as suas posses. Através disso teu objetivo será cumprido. Tu podes então informar teu inimigo do fato que os melhores homens em seu reino estão sendo oprimidos (com exigências para reencher a tesouraria esgotada), e indicar algum asceta eminente conhecedor dos deveres de Yoga (que desapegará teu inimigo de todas as posses mundanas). O inimigo então desejará adotar a renúncia e se retirará para as florestas, desejoso de salvação. Tu irás então, com a ajuda de drogas preparadas pela fervura de ervas e plantas altamente eficazes, e de sais artificiais, destruir os elefantes e corcéis e homens (dos domínios de teu inimigo). Estes e muitos outros esquemas bem planejados são acessíveis, todos relacionados com fraude. Uma pessoa inteligente pode destruir dessa maneira a população de um reino hostil com veneno.'"

106

"O rei disse, 'Eu não desejo, ó Brahmana, manter a vida por meio de engano ou fraude. Eu não desejo a riqueza, embora grande, que deva ser obtida por meios injustos. No próprio início da nossa conversa atual eu excluí estes meios. Somente pela adoção de meios que não levem à crítica, de meios que me beneficiariam em todos os aspectos, somente por praticar atos que não sejam prejudiciais em suas consequências, eu desejo viver neste mundo. Eu sou incapaz de adotar esses métodos que tu me mostraste. De fato, essas instruções não ficam bem em ti.'"

"O sábio disse, 'Estas palavras, ó Kshatriya, que tu falaste indicam que tu possuis sentimentos honrados. De fato, tu és correto em disposição e compreensão, ó tu de grande experiência. Eu me esforçarei pelo bem de ambos, isto é, por ti mesmo e por ele (o soberano de Videhas). Eu farei com que uma união, eterna e incapaz de se romper ocorra entre ti e aquele rei. Quem não gostaria de ter um ministro como tu que és nascido em uma linhagem nobre, que te abstém de todas as ações de injustiça e crueldade, que és possuidor de grande erudição, e que és bem versado na arte de governar e de conciliar todas as pessoas? Eu digo isto porque, ó Kshatriya, embora desprovido de reino e mergulhado em grande miséria, tu ainda desejas viver seguindo um comportamento que é correto. O soberano dos Videhas, firmemente fiel à verdade, virá logo à minha residência. Sem dúvida, ele fará o que eu recomendar fazer.'"

"Bhishma continuou, "O sábio, depois disso, convidou o soberano dos Videhas, e disse estas palavras a ele: 'Esta pessoa é de nascimento nobre. Eu conheço o coração dele. Sua alma é tão pura como a superfície do espelho ou o disco da lua outonal. Ele foi examinado por mim de todas as maneiras. Eu não vejo algum defeito nele. Que aja amizade entre ele e tu. Deposite confiança nele como em mim mesmo. Um rei que não tem um ministro (competente) não pode governar seu reino mesmo por três dias. O ministro deve ser corajoso como também possuidor de grande inteligência. Por estas duas qualidades alguém pode conquistar ambos os mundos. Veja, ó rei, estas duas qualidades são necessárias para governar um reino. Reis virtuosos não têm tal amparo como um ministro possuidor de tais atributos. Esta pessoa de grande alma é de descendência real. Ele anda pelo caminho dos justos. Este que sempre mantém a virtude em vista é uma aquisição valiosa. Se tratado por ti com honra, ele reduzirá todos os teus inimigos à submissão. Se ele se envolver em combate contigo, ele fará o que como um Kshatriya ele deve fazer. De fato, se seguindo a maneira de seus pais e avôs ele lutar para te derrotar, será teu dever lutar com ele, cumpridor como tu és do dever Kshatriya de subjugar adversários. Sem te envolver em batalha, no entanto, por minha ordem, o empregue sob ti pelo desejo de te beneficiar. Lance teu olhar na virtude, desistindo da avareza que é imprópria. Não cabe a ti abandonar os deveres da tua classe por luxúria ou desejo de batalha. A vitória, ó majestade, não é certa. A derrota também não é certa. Lembrando disso, as pazes devem ser feitas com um inimigo por lhe dar alimento e outros artigos de prazer. Uma pessoa pode ver vitória e derrota em seu próprio caso. Aqueles que procuram exterminar um inimigo são às vezes eles mesmos exterminados no decurso de seus esforços.' Assim endereçado, o rei Janaka, saudando e honrando aquele devidamente touro entre Brahmanas que merecia todas as honras, respondeu a ele, dizendo, 'Tu tens grande erudição e grande sabedoria. Isso que tu disseste pelo desejo de nos beneficiar é certamente vantajoso para nós dois. Tal rumo de conduta é altamente benéfico (para nós). Eu não hesito em dizer isto.' O soberano de Videha então, se dirigindo ao príncipe de Kosala, disse estas palavras: 'No cumprimento dos deveres Kshatriya como também com ajuda de Política, eu conquistei o mundo. Eu fui, no entanto, ó melhor dos reis, conquistado por ti com tuas boas qualidades. Sem nutrir nenhum sentimento de humilhação (se tu permaneceres ao meu lado), viva comigo como um vencedor. Eu respeito tua inteligência, e eu honro tua coragem. Eu não te desrespeito, dizendo que eu te derrotei. Por outro lado, viva comigo como um vitorioso. Honrado devidamente por mim, ó rei, tu irás para a minha residência.' Ambos os reis então adoraram aquele Brahmana, e confiando um no outro, procederam para a capital de Mithila. O soberano dos Videhas, fazendo o príncipe de Kosala entrar em sua residência, honrou a ele que merecia todas as honras, com oferendas de água para lavar seus pés, mel e coalhos e os artigos usuais. O rei Janaka também entregou para seu convidado sua própria filha e diversos tipos de jóias e pedras preciosas. Este (o estabelecimento da paz) é o nobre dever dos reis; vitória e derrota são ambas incertas.'"

107

"Yudhishthira disse, 'Tu, ó opressor de inimigos, descreveste o curso dos deveres, a conduta geral, os meios de vida, com seus resultados, de Brahmanas e Kshatriyas e Vaisyas e Sudras. Tu discursaste também sobre os deveres dos reis, o assunto de suas tesourarias, os meios de enchê-las, e o tópico de conquista e vitória. Tu falaste também das características dos ministros, as medidas que levam ao progresso dos súditos, as características dos seis membros de um reino, as qualidades dos exércitos, os meios de distinguir os maus, e os sinais daqueles que são bons, os atributos daqueles que são iguais, dos que são inferiores, e dos que são superiores, o comportamento que um rei desejoso de progresso deve adotar em direção às massas, e a maneira pela qual os fracos devem ser protegidos e cuidados. Tu falaste sobre todos estes assuntos, ó Bharata, dando instruções que são claras de acordo com o que foi inculcado em tratados sagrados. Tu falaste também do comportamento que deve ser adotado por reis desejosos de derrotar seus inimigos. Eu desejo agora, ó principal dos homens inteligentes, ouvir ao comportamento que alguém deve observar para com a multidão de homens corajosos que se reúnem em volta de um rei! Eu desejo saber como eles podem progredir, como eles podem ter afeição pelo rei, ó Bharata, e como eles podem conseguir subjugar seus inimigos e adquirir amigos. Me parece que só a desunião pode ocasionar sua destruição. Eu penso que é sempre difícil manter planos secretos quando muitos estão envolvidos. Eu desejo saber tudo isso em detalhes, ó opressor de inimigos! Diga-me também, ó rei, os meios pelos quais eles podem ser impedidos de romper com o rei.'"

"Bhishma disse, 'Entre a aristocracia de um lado e o rei do outro, avareza e ira, ó monarca, são as causas que produzem inimizade. (Se o rei, movido por avareza, cobra impostos deles pesadamente, a aristocracia se ressente disto e procura derrubar o rei.) Um destes partidos (o rei) se entrega à avareza. Como uma consequência, a ira toma posse do outro (a aristocracia). Cada um planejando enfraquecer e arruinar o outro, ambos encontram a destruição. Por empregar espiões, artifícios de política, e força física, e adotar as artes de conciliação, presentes, e dissensões e aplicar outros métodos para produzir fraqueza, desgaste, e medo, os partidos atacam um ao outro. A aristocracia de um reino, tendo as características de um grupo compacto, se dissocia do rei se o último procura tirar demais deles. Dissociados do rei, todos eles ficam descontentes, e agindo por medo, tomam o partido dos inimigos de seu soberano. Se também os aristocratas de um reino são desunidos entre eles mesmos, eles encontram a destruição. Desunidos, eles são uma presa fácil para inimigos. Os nobres, portanto, devem sempre agir de comum acordo. Se eles forem unidos, eles podem ganhar aquisições de valor por meio de sua força e destreza. De fato, quando eles são assim unidos, muitos estrangeiros procuram sua aliança. Homens de conhecimento louvam aqueles nobres que estão unidos uns com os outros em vínculos de afeição. Se unidos em propósito, todos eles podem ser felizes. Eles podem (por seu exemplo) estabelecer rumos corretos de conduta. Por se comportarem apropriadamente, eles progridem em prosperidade. Por controlar seus filhos e irmãos e lhes ensinar seus deveres, e por se comportar

bondosamente em direção a todas as pessoas cujo orgulho foi dominado pelo conhecimento (isto é, homens eruditos de humildade), a aristocracia progride em prosperidade. Por sempre se encarregar dos deveres de colocar espiões e planejar medidas de política, como também da questão de encher suas tesourarias, a aristocracia, ó tu de armas poderosas, progride em prosperidade. Por mostrar reverência apropriada por aqueles que possuem sabedoria e coragem e perseverança e que mostram destreza firme em todos os tipos de trabalho, a aristocracia progride em prosperidade. Possuidora de riqueza e recursos, de conhecimento das escrituras e todas as artes e ciências, a aristocracia salva as massas ignorantes de todos os tipos de infortúnio e perigo. Cólera (da parte do rei), ruptura, terror, punição, perseguição, opressão, e execuções, ó chefe dos Bharatas, fazem a aristocracia se afastar rapidamente do rei e tomar o partido dos inimigos dele. Aqueles, portanto, que são os líderes da aristocracia devem ser honrados pelo rei. Os negócios do reino, ó rei, dependem em grande parte deles. Conferências devem ser mantidas somente com aqueles que são os líderes da aristocracia, e agentes secretos devem ser colocados, ó destruidor de inimigos, com eles somente. O rei não deve, ó Bharata, consultar com todos os membros da aristocracia. O rei, agindo de comum acordo com os líderes, deve fazer o que for para o bem de toda a classe. Quando, no entanto, a aristocracia se torna separada e desunida e desprovida de líderes, outras atitudes devem ser tomadas. Se os membros da aristocracia disputam uns com os outros e agem, cada um de acordo com seus próprios recursos, sem combinação, sua prosperidade decresce e diversas espécies de males ocorrem. Aqueles entre eles que possuem erudição e sabedoria devem reprimir uma disputa tão logo ela aconteça. De fato, se os superiores de uma classe olham com indiferença, disputas irrompem entre os membros. Tais disputas ocasionam a destruição de uma classe e produzem desunião entre (a classe inteira) dos nobres. Proteja a ti mesmo, ó rei, de todos os temores que surgem de dentro. Os temores, no entanto, que surgem de fora são de pouca consequência. O primeiro tipo de medo, ó rei, pode cortar tuas raízes em um único dia. Pessoas que são iguais umas às outras em família e sangue, influenciadas por ira ou tolice ou cobiça provenientes de suas próprias naturezas, param de falar umas com as outras. Este é um indício de derrota. Não é por coragem, nem por inteligência, nem por beleza, nem por riqueza que inimigos conseguem destruir a aristocracia. É somente pela desunião e presentes que ela pode ser reduzida à subjugação. Por esta razão, a união é considerada o grande refúgio da aristocracia.'"

108

"Yudhishthira disse, 'O caminho do dever é longo. Ele tem também, ó Bharata, muitos ramos. Quais, no entanto, de acordo contigo, são aqueles deveres que mais merecem ser praticados? Quais atos, de acordo contigo, são os mais importantes entre todos os deveres, pela prática dos quais eu posso ganhar o maior mérito aqui e após a morte?'"

"Bhishma disse, 'O culto de mãe, pai, e preceptor é o mais importante de acordo comigo. O homem que se encarrega deste dever aqui, consegue obter grande fama e muitas regiões de felicidade. Adorados com respeito por ti, o que quer que eles te ordenem, seja compatível com a virtude ou não compatível com ela, deve ser feito sem hesitar, ó Yudhishthira! Nunca se deve fazer o que eles proíbem. Sem dúvida, aquilo que eles ordenam deve sempre ser feito. Eles são os três mundos. Eles são os três modos de vida. Eles são os três Vedas. Eles são os três fogos sagrados. O pai é citado como o fogo Garhapatya; a mãe, o fogo Dakshina, e o preceptor é o fogo sobre o qual libações são despejadas. Estes três fogos são, é claro, os mais eminentes. Se tu cuidares com atenção destes três fogos, tu terás sucesso em conquistar os três mundos. Por servir o pai com regularidade, uma pessoa pode cruzar este mundo. Por servir a mãe da mesma maneira, pode-se alcançar regiões de felicidade no próximo. Por servir o preceptor com regularidade pode-se alcançar a região de Brahma. Te comporte adequadamente em direção a estes três, ó Bharata, e tu então obterás grande fama nos três mundos, e serás abençoado, e grandioso será teu mérito e recompensa. Nunca os contrarie em nenhuma ação. Nunca coma antes de eles comerem, nem coma nada que seja melhor do que o que eles comem. Nunca atribua qualquer defeito a eles. Deve-se sempre servi-los com humildade. Este é um ato de grande mérito. Por agir dessa maneira, ó melhor dos reis, tu poderás obter fama, mérito, honra, e regiões de felicidade após a morte. Aquele que honra estes três é honrado em todos os mundos. Aquele, por outro lado, que os desrespeita falha em obter algum mérito de algum de seus atos. Tal homem, ó opressor de inimigos, não adquire mérito nem neste mundo nem no próximo. Aquele que sempre desrespeita estes três superiores nunca obtém fama aqui ou após a morte. Tal homem nunca ganha algum bem no mundo seguinte. Tudo o que eu doei em honra daqueles três se multiplicou por cem ou por mil. É por causa daquele mérito que agora mesmo, ó Yudhishthira, os três mundos estão claramente diante dos meus olhos. Um Acharya é superior a dez Brahmanas versados nos Vedas. Um Upadhyaya é superior a dez Acharyas. O pai é superior a dez Upadhyayas. A mãe é superior a dez pais, ou talvez, ao mundo inteiro, em importância. Não há ninguém que mereça tal reverência como a mãe. Na minha opinião, no entanto, o preceptor é digno de maior reverência do que o pai ou até a mãe. O pai e a mãe são os criadores da constituição de uma pessoa. O pai e a mãe, ó Bharata, somente criam o corpo. A vida, por outro lado, que uma pessoa obtém de seu preceptor, é divina. Aquela vida não está sujeita à decadência e é imortal. O pai e a mãe, por mais que possam ofender, nunca devem ser mortos. Por não punir um pai e uma mãe, (mesmo que eles mereçam castigo), uma pessoa não incorre em pecado. De fato, tais pessoas veneráveis, por desfrutarem de impunidade, não maculam o rei. Os deuses e os Rishis não retiram seus favores de pessoas que se esforçam para cuidar até de seus pais pecaminosos com reverência. Aquele que favorece uma pessoa por lhe dar instrução verdadeira, por lhe comunicar os Vedas e dar conhecimento que é imortal, deve ser considerado como ambos, um pai e uma mãe. O discípulo, em grato reconhecimento pelo que o instrutor tem feito, nunca deve fazer algo que possa ofender o último. Aqueles que não reverenciam seus preceptores depois de receberem instrução deles por obedecê-los respeitosamente em pensamentos e

ações, incorre no pecado de assassinar um feto. Não há pecador neste mundo como eles. Os preceptores sempre demonstram grande afeição por seus discípulos. Os últimos devem, portanto, mostrar por seus preceptores uma reverência proporcional. Quem, portanto, deseja ganhar aquele mérito excelente que tem existido desde os tempos antigos, deve cultuar e adorar seus preceptores e dividir alegremente com eles todos os objetos de prazer. Com aquele que agrada seu pai o próprio Prajapati está satisfeito. Aquele que agrada sua mãe gratifica a própria terra. Aquele que satisfaz seu preceptor gratifica Brahma por sua ação. Por esta razão, o preceptor é digno de maior reverência do que o pai ou a mãe. Se os preceptores são adorados, os próprios Rishis e os deuses, junto com os Pitris, são todos satisfeitos. Portanto, o preceptor é digno da maior reverência. O preceptor nunca deve ser desrespeitado de alguma maneira pelo discípulo. Nem a mãe nem o pai merecem tal respeito como o preceptor. O pai, a mãe, e o preceptor nunca devem ser insultados. Não deve ser encontrado defeito em alguma ação deles. Os deuses e os grandes Rishis estão satisfeitos com aquele que se comporta com reverência para com seus preceptores. Aqueles que ofendem em pensamentos e atos seus preceptores, ou pais, ou mães, incorrem no pecado de assassinar um feto. Não há pecadores no mundo iguais a eles. O filho gerado do pai e do útero da mãe e criado por eles que, quando eles chegam à idade avançada, não os sustenta em retorno, incorre no pecado de matar um feto. Não há pecador no mundo como ele. Nós nunca soubemos que estes quatro, isto é, aquele que fere um amigo, aquele que é ingrato, aquele que mata uma mulher, e aquele que mata um preceptor, alguma vez conseguiram se purificar. Eu agora te disse em geral tudo o que uma pessoa deve fazer neste mundo. Além desses deveres que eu indiquei, não há nada que produza maior felicidade. Pensando em todos os deveres, eu te disse sua essência.'"

109

"Yudhishthira disse, 'Como, ó Bharata, deve agir uma pessoa que deseja aderir à virtude? Ó touro da raça Bharata, possuidor como tu és de conhecimento, me diga isto, questionado por mim. Verdade e mentira existem, cobrindo todos os mundos. Qual destes dois, ó rei, uma pessoa que é firme em virtude deve adotar? O que também é a verdade? O que é a falsidade? E qual é a virtude eterna? Em quais ocasiões uma pessoa deve dizer a verdade, e em quais ocasiões ela deve dizer uma mentira?'"

"Bhishma disse, 'Dizer a verdade é consistente com a virtude. Não há nada maior do que a verdade. Eu irei agora, ó Bharata, te dizer o que não é geralmente conhecido pelos homens. Onde a mentira assumiria o aspecto de verdade, a verdade não deve ser dita. E onde a verdade assumiria o aspecto de mentira, a mentira mesma deve ser dita. Incorre em pecado aquela pessoa ignorante que diz a verdade que é dissociada de retidão. É considerada conhecedora dos deveres a pessoa que pode distinguir a verdade da falsidade (isto é, que sabe quando a verdade se torna tão nociva quanto uma mentira, e quando a mentira se torna tão correta quanto a verdade). Mesmo uma pessoa que não é respeitável, de alma

impura, e que é muito cruel, pode conseguir ganhar grande mérito como o caçador Valaka por matar a besta cega (que ameaçava destruir todas as criaturas, vide Karna Parva). Quão extraordinário é que uma pessoa de compreensão superficial, embora desejosa de adquirir mérito (por meio de penitências rígidas) ainda tenha cometido um ato pecaminoso! (Karna Parva, um Rishi, por apontar o local onde certas pessoas inocentes se escondiam de um grupo de ladrões, incorreu no pecado de assassinato). Uma coruja, certa vez, nas margens do Ganges, (por fazer um ato injusto) obteve grande mérito. (A alusão é à história de uma coruja indo para o céu por ter, com seu bico, quebrado mil ovos colocados por uma serpente de veneno mortal.) A pergunta que tu me fizeste é difícil, já que é difícil dizer o que é a justiça. Não é fácil indicá-la. Ninguém ao falar sobre justiça pode indicá-la exatamente. A justiça foi declarada (por Brahman) para a melhoria e crescimento de todas as criaturas. Portanto, o que leva à melhoria e crescimento é justiça. A justiça foi declarada para impedir as criaturas de ferirem umas às outras. Portanto, é a Justiça que impede os danos às criaturas. A Justiça (Dharma) é assim chamada porque sustém todas as criaturas. Realmente, todas as criaturas são mantidas pela justiça. Portanto, é a justiça que é capaz de preservar todas as criaturas. Alguns dizem que a justiça consiste no que foi inculcado nos Srutis. Outros não concordam com isto. Eu não criticaria aqueles que falam assim. Pois nem tudo foi declarado nos Srutis. (Isto se refere à bem conhecida definição de Dharma imputada a Vasishtha, isto é, "Aquilo que é declarado nos Srutis e Smritis é Dharma." O defeito dessa definição é que os Srutis e os Smritis não incluem todos os deveres. Então Vasishtha foi obrigado a adicionar que onde estes estão silenciosos, os exemplos e práticas dos bons devem ser os guias de homens, etc.) Às vezes homens (ladrões), desejosos de obter a riqueza de alguém, fazem perguntas (para facilitar o ato de saque). Nunca se deve responder a tais perguntas. Este é um dever estabelecido. Se por manter silêncio uma pessoa conseguir escapar, ela deve ficar calada. Se, por outro lado, o silêncio em uma hora quando se deveria falar despertar suspeitas, seria melhor em tal ocasião dizer o que é falso do que o que é verdadeiro. Esta é uma conclusão segura. Se alguém puder escapar de homens pecaminosos por meio de um juramento (falso), ele pode fazê-lo sem incorrer em pecado. Não se deve, mesmo que se possa, doar sua riqueza para homens pecaminosos. A riqueza dada para homens pecaminosos aflige até o doador. Se um credor deseja fazer seu devedor saldar o empréstimo por prestar serviço corpóreo, as testemunhas seriam todas mentirosas se, convocadas pelo credor para provar a verdade do contrato, elas não dissessem o que deve ser dito. Quando a vida está em risco ou em uma ocasião de casamento, pode-se dizer uma inverdade. Alguém que busca virtude não comete um pecado por dizer uma mentira, se aquela mentira for dita para salvar a riqueza e prosperidade de outros ou para propósitos religiosos. Tendo prometido pagar, uma pessoa se torna obrigada a cumprir sua promessa. No fracasso, que o próprio apropriador seja escravizado à força. Se uma pessoa, sem cumprir um compromisso justo, age com impropriedade, ela deve certamente ser afligida pela vara de castigo por ter adotado tal comportamento. Uma pessoa enganadora, se desviando de todos os deveres e abandonando aqueles de sua própria classe, sempre deseja se dirigir às práticas de Asuras para manter a vida. Tal canalha pecaminoso vivendo por fraude deve ser morto por todos os meios. Tais homens

pecaminosos pensam que não há nada neste mundo superior à riqueza. Tais homens nunca devem ser tolerados. Ninguém deve comer com eles. Eles devem ser considerados como decaídos por causa de seus pecados. De fato, decaídos da condição de humanidade e excluídos da graça dos deuses, eles são como espíritos maus. Sem sacrifícios e sem penitências como eles são, te abstenha da companhia deles. Se a riqueza deles for perdida, eles até cometem suicídio, o que é extremamente deplorável. Entre aqueles homens pecaminosos não há um a quem tu possas dizer, 'Este é teu dever. Que teu coração se volte para isto.' Suas firmes convicções são de que não há nada neste mundo que seja igual à riqueza. A pessoa que matasse tal criatura não incorreria em pecado. Aquele que o mata, mata alguém que realmente já foi morto por suas próprias ações. Se morto, é o morto que é morto. Aquele que jura destruir aquelas pessoas de juízo perdido deve manter sua promessa. Tais pecadores, como o corvo e o urubu, dependem de fraude para viver. Depois da dissolução de seus corpos (humanos), eles renascem como corvos e urubus. Uma pessoa deve, em qualquer assunto, se comportar com outra como aquela outra se comporta naquele assunto. Aquele que pratica fraude deve ser repelido com fraude, enquanto alguém que é honesto deve ser tratado com honestidade.'"

110

"Yudhishthira disse, 'As criaturas são vistas serem afligidas de diversas maneiras e quase constantemente. Diga-me, ó avô, de que modo alguém pode vencer todas essas dificuldades.'”

"Bhishma disse, 'Os membros da classe regenerada que praticam devidamente, com almas controladas, os deveres que foram prescritos nas escrituras para os vários modos de vida, conseguem vencer todas essas dificuldades. Aqueles que nunca praticam fraude, cujo comportamento é reprimido por restrições salutares, e aqueles que controlam todos os desejos mundanos, conseguem vencer todas as dificuldades. Aqueles que não falam quando endereçados em má linguagem, que não ofendem outros quando eles mesmos são ofendidos, aqueles que dão mas não tiram, conseguem vencer todas as dificuldades. Os que sempre dão abrigo hospitaleiro para os convidados, que não se entregam à malícia, que estão constantemente dedicados ao estudo dos Vedas, conseguem vencer todas as dificuldades. Aquelas pessoas que, estando familiarizadas com os deveres, adotam aquele comportamento que devem ter para com os pais, aqueles que se abstêm de dormir durante o dia, conseguem vencer todas as dificuldades. Aqueles que não cometem qualquer tipo de pecado em pensamento, palavra, e ação, que nunca ferem qualquer criatura, conseguem vencer todas as dificuldades. Aqueles reis que, não estando sob a influência de paixão e avareza, não cobram impostos opressivos, e aqueles que protegem seus próprios domínios, conseguem vencer todas as dificuldades. Aqueles que vão até suas próprias esposas na época apropriada sem procurar a companhia de outras mulheres, aqueles que são honestos e atentos aos seus Agni-hotras, conseguem vencer todas as

dificuldades. Os que possuem coragem e que, abandonando todo o medo da morte, se engajam em batalha, desejosos de vitória por meios honestos, conseguem vencer todas as dificuldades. Os que sempre falam a verdade neste mundo até quando a vida está em risco, e que são exemplos para todas as criaturas imitarem, conseguem vencer todas as dificuldades. Aqueles cujos atos nunca enganam, cujas palavras são sempre agradáveis, e cuja riqueza é sempre bem gasta, conseguem vencer todas as dificuldades. Os Brahmanas que nunca estudam os Vedas em horas não destinadas para estudo, e aqueles que praticam penitências com devoção, conseguem vencer todas as dificuldades. Os brahmanas que se dirigem para uma vida de celibato e Brahmacharya, que realizam penitências, e que são purificados pela erudição, conhecimento Védico, e votos apropriados, conseguem vencer todas as dificuldades. Aqueles que controlaram todas as qualidades que pertencem à Paixão e Ignorância, que possuem almas nobres, e que praticam as qualidades que são chamadas de Bondade, conseguem vencer todas as dificuldades. Aqueles de quem nenhuma criatura tem medo e que não temem nenhuma criatura, aqueles que consideram todas as criaturas como a si mesmos, conseguem vencer todas as dificuldades. Aqueles touros entre homens que são bons, que nunca sentem mágoa ao verem a prosperidade de outras pessoas, e que se abstêm de todos os tipos de comportamento ignóbil, conseguem vencer todas as dificuldades. Aqueles que reverenciam todos os deuses, que ouvem as doutrinas de todos os credos, que têm fé, e que são dotados de almas tranquilas, conseguem vencer todas as dificuldades. Aqueles que não desejam honra para si mesmos, que dão honras a outros, que se curvam àqueles que merecem seu culto, conseguem vencer todas as dificuldades. Os que realizam Sraddhas nos dias lunares apropriados, com mentes puras, por desejo de filhos, conseguem vencer todas as dificuldades. Aqueles que reprimem sua própria ira e acalmam a ira de outros, e que nunca se zangam com nenhuma criatura, conseguem vencer todas as dificuldades. Aqueles que se abstêm, desde seu nascimento, de mel e carne e bebidas embriagantes, conseguem vencer todas as dificuldades. Aqueles que comem somente para manter a vida, que procuram a companhia de mulheres somente por causa de prole e que abrem seus lábios somente para falar o que é verdadeiro, conseguem vencer todas as dificuldades. Aqueles que adoram com devoção o deus Narayana, aquele Senhor Supremo de todas as criaturas, aquela origem e destruição do universo, conseguem vencer todas as dificuldades. Este Krishna aqui, de olhos vermelhos como o lótus, vestido em mantos amarelos, dotado de braços poderosos, este Krishna que é nosso benquerente, irmão, amigo, e parente, é Narayana de glória imperecível. Ele cobre todos os mundos como uma capa de couro, por sua própria vontade. Ele é o Senhor pujante, de alma inconcebível. Ele é Govinda, o principal de todos os seres. Este Krishna que está sempre empenhado em fazer o que é agradável e benéfico para Jishnu, como também para ti, ó rei, é aquele principal de todos os seres, irresistível, aquela residência de felicidade eterna. Aqueles que com devoção procuram a proteção deste Narayana, chamado também de Hari, conseguem vencer todas as dificuldades. Aqueles que lêem estes versos acerca do vencimento das dificuldades, aquele que os recita para outros, e que fala deles para Brahmanas, conseguem vencer todas as

dificuldades. Eu agora, ó impecável, te disse todas aquelas ações pelas quais os homens podem superar todas as dificuldades aqui e após a morte.'"

111

"Yudhishthira disse, 'Muitas pessoas aqui que não têm realmente almas tranquilas aparecem em forma externa como homens de almas tranquilas. Há também outros que são realmente de almas tranquilas mas que parecem ser o contrário. Como, ó senhor, nós conseguiremos reconhecer essas pessoas?'"

"Bhishma disse, 'Em relação a isto é narrada a antiga história da conversa entre um tigre e um chacal. Escute-a, ó Yudhishthira! Nos tempos antigos, em uma cidade chamada Purika, cheia de riqueza, havia um rei chamado Paurika. Aquele pior dos seres era extremamente cruel e tinha prazer em ferir outros. Na expiração do período de sua vida ele obteve um fim indesejável. Realmente, maculado pelas más ações de sua vida humana, ele renasceu como um chacal. Lembrando-se de sua antiga prosperidade, ele ficou cheio de pesar e se abstinha de carne até quando trazida perante ele por outros. E ele se tornou compassivo para todas as criaturas, e verdadeiro em palavras, e firme na observância de votos rígidos. Na hora designada ele se alimentava de alimento que consistia em frutas que caíam das árvores. Aquele chacal morava em um vasto crematório e gostava de morar lá. E como aquele era seu local de nascimento, ele nunca desejou trocá-lo por localidade mais agradável. Incapazes de tolerar a pureza de seu comportamento, os outros membros de sua espécie se esforçaram para fazê-lo alterar sua resolução por se dirigirem a ele nas palavras seguintes repletas de humildade: 'Embora residindo neste crematório terrível, tu ainda desejas viver em tal pureza de comportamento. Isto não é uma incorreção de compreensão da tua parte, já que tu és por natureza um comedor de carniça? Seja como nós. Todos nós te daremos comida. Coma aquilo que deve ser sempre teu alimento, abandonando tal pureza de conduta.' Ouvindo estas palavras deles, o chacal respondeu para eles, com atenção concentrada, nestas palavras gentis repletas de razão e inculcando inofensividade para todos: 'Meu nascimento foi inferior. É a conduta, no entanto, que determina a classe. (Embora nascido em uma classe inferior, não há razão pela qual eu deva agir como uma pessoa inferior. É o comportamento que determina a classe e não a classe que determina o comportamento. Há pessoas virtuosas, portanto, em todas as classes.) Eu desejo me comportar de tal maneira que minha fama possa se espalhar. Embora minha habitação seja este crematório, contudo escutem aos meus votos em relação a comportamento. A própria pessoa é a causa de suas ações. O modo de vida para o qual alguém possa se dirigir não é a causa de suas ações religiosas. Se alguém, enquanto na observância de um modo específico de vida, mata um Brahmana, o pecado de Brahmanicídio não se vincula a ele? Se, por outro lado, alguém doa uma vaca enquanto não está na observância de algum modo de vida específico, aquela doação piedosa não produzirá mérito? Movidos pelo desejo de conseguir o que é agradável, vocês estão empenhados somente em encher seus estômagos. Estupefatos pela insensatez vocês não vêem as três falhas que estão no fim. Eu não gosto de

adotar a vida levada por vocês, repleta como ela é de mal aqui e após a morte, e caracterizada como ela é por tal repreensível perda de virtude ocasionada pelo descontentamento e tentação.' Aconteceu de um tigre, célebre por bravura, ouvir por acaso essa conversação, e consequentemente, tomando o chacal por uma pessoa erudita de comportamento puro, ofereceu a ele tal culto respeitoso como o que era adequado para si mesmo e então expressou um desejo de nomeá-lo seu ministro.'"

"O tigre disse, 'Ó personalidade virtuosa, eu sei o que tu és. Desempenhe os deveres de governo comigo. Desfrute de quaisquer artigos que possam ser desejados por ti, abandonando tudo o que possa não satisfazer o teu gosto. Em relação a nós, nós somos conhecidos por termos um temperamento feroz. Nós te informamos disto com antecedência. Se tu te comportares com brandura, tu serás beneficiado e colherás vantagens para ti mesmo.' Honrando estas palavras daquele senhor de grande alma de todos os animais, o chacal, baixando um pouco sua cabeça, disse estas palavras repletas de humildade.'"

"O chacal disse, 'Ó rei dos animais, estas tuas palavras com referência a mim são tais que condizem contigo. É também digno de ti que tu devas procurar por ministros de comportamento puro e familiarizados com deveres e negócios mundanos. Tu não podes manter tua grandeza sem um ministro virtuoso, ó herói, ou com um ministro perverso que está em vigia para por um fim à própria vida. Tu deves, ó altamente abençoado, respeitar aqueles teus ministros que são devotados a ti, que são conhecedores da política, independentes uns dos outros, desejosos de te coroar com vitória, não maculados pela avareza, livres de falsidade, possuidores de sabedoria e sempre dedicados ao teu bem, e dotados de grande energia mental, assim como tu respeitas teus preceptores ou pais. Mas, ó rei dos animais, como eu estou perfeitamente contente com a minha posição atual, eu não desejo mudá-la por nada mais. Eu não cobiço prazeres luxuosos ou a felicidade que provém deles. A minha conduta, também, pode não estar de acordo com aquela de teus velhos empregados. Se ocorrer de eles serem de conduta pecaminosa, eles produzirão desunião entre nós dois. Dependência de outro, mesmo que esse outro seja possuidor de magnificência, não é desejável ou louvável. Eu sou de alma purificada, eu sou altamente abençoado. Eu sou incapaz de mostrar severidade mesmo para pecadores. Eu tenho grande previdência. Eu tenho capacidade para grande esforço. Eu não olho para coisas pequenas. Eu possuo grande força. Eu sou bem sucedido em ações. Eu nunca ajo inutilmente. Eu estou adornado com todos os objetos de prazer. Eu nunca estou satisfeito com pouco. Eu nunca servi a outro. Eu sou, além disso, inábil em servir. Eu vivo de acordo com a minha vontade nas florestas. Todos os que vivem ao lado de reis têm que suportar grande tormento por causa das más palavras contra eles mesmos. Aqueles, no entanto, que residem nas florestas passam seus dias, destemidamente e sem ansiedade, na observância de votos. O medo que surge no coração de uma pessoa que é convocada pelo rei é desconhecido para as pessoas que passam seus dias de modo contente nas florestas, vivendo de frutas e raízes. Alimento e bebida simples obtidos sem esforço, e alimento luxuoso obtido com medo, diferem muito uns dos outros. Refletindo sobre estes dois, eu

sou de opinião que há felicidade onde não há ansiedade. Somente uns poucos entre aqueles que servem reis são justamente punidos por suas ofensas. Um grande número deles, no entanto, sofre morte sob acusações falsas. Se, apesar de tudo isso, tu me nomeares, ó rei dos animais, como teu ministro, eu desejo fazer um pacto contigo em relação ao comportamento que tu deves sempre adotar em direção a mim. Essas palavras que eu falarei para o teu bem devem ser escutadas e consideradas por ti. A provisão que tu farás para mim não será interferida por ti. Eu nunca consultarei com teus outros ministros. Se eu o fizer, desejosos de superioridade como eles são, eles irão então imputar diversas espécies de falhas a mim. Me encontrando contigo somente e em segredo eu te direi o que é para o teu bem. Em todas as questões ligadas com teus parentes, tu não me perguntarás o que é para o teu bem ou o que não é. Tendo consultado comigo tu não irás punir teus outros ministros depois, cedendo à raiva tu não punirás meus seguidores e dependentes.' Assim endereçado pelo chacal, o rei dos animais respondeu a ele, dizendo, 'Assim seja' e mostrou a ele todas as honras. O chacal então aceitou ser ministro do tigre. Vendo o chacal tratado com respeito e honrado em todas as suas ações, os velhos empregados do rei, conspirando juntos, começaram incessantemente a mostrar seu ódio por ele. Aquelas pessoas pecaminosas a princípio se esforçaram para gratificá-lo e conquistá-lo com comportamento amistoso e o fizeram suportar os diversos abusos que existiam na prova. Espoliadores das propriedades de outras pessoas, eles tinham vivido por muito tempo no desfrute de suas vantagens. Agora, no entanto, sendo governados pelo chacal, eles não podiam se apropriar de nada pertencente a outros. Desejosos de avanço e prosperidade, eles começaram a tentá-lo com palavras gentis. De fato, até grandes subornos foram oferecidos para cativar seu coração. Possuidor de grande sabedoria, o chacal não mostrou sinais de ceder àquelas tentações. Então alguns deles, fazendo um pacto entre eles mesmos para efetuarem sua destruição, roubaram a carne bem preparada que era destinada para o rei dos animais e muito desejada por ele, e a colocaram secretamente na casa do chacal. O chacal soube que tinham roubado a carne e que tinham conspirado para fazer aquilo. Mas embora ele soubesse de tudo, ele permitiu aquilo para um objetivo específico. Ele tinha feito um pacto com o rei na hora em que aceitou o ministério, dizendo, 'Tu desejas minha amizade, mas tu não irás, ó monarca, desconfiar de mim sem motivo.'"

"Bhishma continuou, 'Quando o rei dos animais, sentindo-se faminto, foi comer, ele não viu a carne que tinha sido mantida pronta para seu jantar. O rei então ordenou, 'Que o ladrão seja descoberto'. Seus ministros desonestos então relataram para ele que a carne mantida para ele tinha sido roubada por seu ministro erudito, o chacal, que era tão orgulhoso da sua própria sabedoria. Ouvindo sobre aquele ato imprudente da parte do chacal, o tigre se encheu de raiva. De fato, o rei, cedendo à cólera, ordenou que seu ministro fosse morto. Vendo a oportunidade, os antigos ministros se dirigiram ao rei, dizendo, 'O chacal está até preparado para roubar de nós todos os meios de sustento.' Tendo revelado isto eles mais uma vez falaram da ação do chacal de roubar a comida do rei. E eles disseram, 'Tal então é seu ato! O que então ele não ousaria fazer? Ele não é como tu ouviste. Ele é correto em palavras mas sua real disposição é

pecaminosa. Um canalha em realidade, ele se disfarçou por colocar um traje de virtude. Seu comportamento é realmente pecaminoso. Para servir aos seus próprios fins ele praticou austeridades na questão de dieta e de votos. Se tu duvidas disto, nós te daremos a prova ocular.' Tendo assim falado, eles imediatamente fizeram aquela carne ser descoberta por entrarem na residência do chacal. Averiguando que a carne tinha sido trazida de volta da casa do chacal e ouvindo todos aqueles relatos de seus antigos empregados, o rei ordenou, dizendo, 'Que o chacal seja morto.' Ouvindo estas palavras do tigre, a mãe dele foi àquele local para despertar o bom senso do filho com conselhos benéficos. A dama venerável disse, 'Ó filho, tu não deves aceitar essa acusação repleta de fraude. Indivíduos vis atribuem falhas até a uma pessoa honesta, movidas por inveja e rivalidade. Inimigos desejosos de uma disputa não podem suportar a elevação de um inimigo ocasionada por seus grandes feitos. Falhas são atribuídas até a uma pessoa de alma pura dedicada a penitências. Em relação até a um asceta que vive nas florestas e que está dedicado às suas próprias ações (inofensivas), surgem três partidos, isto é, amigos, neutros, e inimigos. Aqueles que são vorazes odeiam os que são puros. Os ociosos odeiam os ativos. Os incultos odeiam os eruditos. Os pobres odeiam os ricos. Os injustos odeiam os justos. Os feios odeiam os belos. Muitos entre os eruditos, os incultos, os ávidos, e os enganadores, acusariam falsamente uma pessoa inocente mesmo se acontecesse de a última ser possuidora das virtudes e inteligência do próprio Vrihaspati. Se a carne foi realmente roubada da tua casa na tua ausência, lembre que o chacal se recusa a aceitar qualquer carne que seja dada a ele. Que este fato seja bem considerado (em descobrir o ladrão). Pessoas más às vezes assumem a aparência das boas, e aquelas que são boas às vezes assumem a aparência das más. Diversos tipos de aspecto são visíveis nas criaturas. É, portanto, necessário examinar qual é qual. O firmamento parece ser como a base sólida de um recipiente. O pirilampo parece ser como a faísca real de fogo. Na verdade, no entanto, o céu não tem base e não há fogo no vaga-lume. Você vê, portanto, que há a necessidade de escrutínio a respeito até das coisas como são endereçadas para a visão. Se uma pessoa averigua tudo depois de um exame minucioso, ela nunca terá que se entregar a algum tipo de remorso depois. Não é difícil em absoluto, ó filho, para um mestre executar seu empregado. A bondade, no entanto, em pessoas possuidoras de poder, é sempre louvável e produtiva de renome. Tu fizeste do chacal teu primeiro ministro. Por causa daquele ato, tu ganhaste grande fama entre todos os chefes vizinhos. Um bom ministro não pode ser obtido facilmente. O chacal é teu benquerente. Que ele, portanto, seja mantido. O rei que considera culpada uma pessoa realmente inocente falsamente acusada por seus inimigos logo encontra a destruição por causa dos ministros vis que o levam àquela convicção.' Depois que a mãe do tigre tinha terminado seu discurso, um agente íntegro do chacal, se afastando daquela falange de seus inimigos, descobriu tudo acerca da maneira na qual aquela falsa acusação tinha sido feita. A inocência do chacal tendo sido demonstrada, ele foi absolvido e honrado por seu mestre. O rei dos animais o abraçou carinhosamente repetidas vezes. O chacal, no entanto, que conhecia a ciência de política, queimando de aflição, saudou o rei dos animais e pediu permissão para abandonar sua vida por praticar o voto Praya. O tigre, lançando sobre o chacal virtuoso seus olhos

expandidos com afeição e honrando-o com culto respeitoso, procurou dissuadi-lo da realização de seus desejos. O chacal, vendo seu mestre agitado com afeição, se curvou a ele e em uma voz sufocada pelas lágrimas disse estas palavras: 'Honrado por ti primeiro, eu fui insultado por ti depois. Teu comportamento em direção a mim é calculado para me fazer um inimigo teu. Não é apropriado portanto, que eu deva continuar a morar contigo. Empregados que estão descontentes, que foram afastados de seus cargos, ou privados das honras que eram deles, que trouxeram destituição sobre si mesmos, ou que foram arruinados por seus inimigos (através da ira de seu mestre), que foram enfraquecidos, que são vorazes, ou enfurecidos, ou alarmados, ou enganados (em relação a seus empregadores), que sofreram confisco, que são orgulhosos e desejosos de realizar grandes feitos mas privados dos meios de ganhar riqueza, e que queimam de angústia ou raiva por causa de alguma injúria feita a eles, sempre esperam por calamidades para surpreender seus mestres. Enganados, eles deixam seus mestres e se tornam instrumentos efetivos nas mãos de inimigos. Eu fui insultado por ti e baixado do meu lugar. Como tu irás confiar em mim novamente? Como irei eu (de minha parte) continuar a morar contigo? Me achando competente tu me recebeste, e tendo me examinado tu me colocaste na posição. Violando o pacto então feito (entre nós) tu me insultaste. Se alguém fala de uma certa pessoa perante outros como possuidora de comportamento correto, ele não deve, se desejoso de manter sua coerência, depois descrever a mesma pessoa como pecaminosa. Eu que fui assim desrespeitado por ti não posso mais desfrutar da tua confiança. De minha parte, quando eu te vir retirar tua confiança de mim, eu ficarei alarmado e ansioso. Tu estando desconfiado e eu mesmo em alarme, nossos inimigos estarão alertas em busca de oportunidades para nos prejudicar. Teus súditos irão, como uma consequência, ficar ansiosos e descontentes. Tal estado de coisas tem muitos males. Os sábios não consideram feliz aquela situação na qual há honra primeiro e desonra depois. É difícil reunir os dois que foram separados, como, de fato, é difícil separar os dois que estão unidos. Se pessoas reunidas depois de separação se aproximam umas das outras novamente, seu comportamento não pode ser afetuoso. Não é visto um empregado que é movido (no que ele faz), somente pelo desejo de beneficiar seu mestre. O serviço procede do motivo de fazer bem para o mestre como também para si mesmo. Todas as ações são empreendidas por motivos egoístas. Atos ou motivos desinteressados são muito raros. Aqueles reis cujos corações são impacientes e inquietos não podem adquirir um verdadeiro conhecimento de homens. Só pode ser encontrado um em cem que é ou capaz ou destemido. A prosperidade de homens, como também sua queda, vem por si mesma. Prosperidade e adversidade, e grandeza, todas procedem da fraqueza de compreensão."'

"Bhishma continuou, 'Tendo dito estas palavras conciliadoras repletas de virtude, prazer, e lucro, e tendo gratificado o rei, o chacal se retirou para a floresta. Sem escutar aos rogos do rei dos animais, o chacal inteligente abandonou seu corpo por sentar-se em praya e procedeu para o céu (como recompensa de suas boas ações sobre a terra).'"

112

"Yudhishthira disse, 'Quais atos devem ser feitos por um rei, e quais são aqueles atos pelos quais um rei pode se tornar feliz? Diga-me isto em detalhes, ó tu que és a principal de todas as pessoas conhecedoras dos deveres.'"

"Bhishma disse, 'Eu te direi o que tu desejas saber. Escute a verdade segura sobre o que deve ser feito por um rei neste mundo e quais são aqueles atos por fazer os quais um rei pode vir a ser feliz. Um rei não deve se comportar da maneira revelada na grande história de um camelo do qual nós ouvimos. Ouça àquela história então, ó Yudhishthira! Havia, na era Krita, um camelo enorme que tinha recordação de todas as ações de sua vida anterior. Observando os votos mais rígidos, aquele camelo praticou austeridades muito severas na floresta. Perto da conclusão de suas penitências, o pujante Brahman ficou satisfeito com ele. O Avô, portanto, desejou conceder bênçãos a ele.'"

"O camelo disse, 'Que meu pescoço, ó santo, se torne longo pela tua graça, para que, ó senhor poderoso, eu possa apanhar qualquer alimento que possa estar no fim de até cem Yojanas.' O concessor de bênçãos de grande alma disse, 'Que assim seja'. O camelo então, tendo obtido o benefício, voltou para sua própria floresta. O animal tolo, desde o dia em que obteve a bênção, ficou preguiçoso. De fato, o infeliz, estupefato pelo destino, desde aquele dia não saiu para pastar. Um dia, enquanto estendia seu longo pescoço de cem Yojanas, o animal estava ocupado em apanhar seu alimento sem nenhum trabalho, surgiu uma grande tempestade. O camelo, colocando sua cabeça e uma parte do pescoço dentro da caverna de uma montanha, resolveu esperar até que a tempestade acabasse. Enquanto isso a chuva começou a cair em torrentes, inundando toda a terra. Um chacal, com sua esposa, encharcado pela chuva e tremendo de frio, se arrastou com dificuldade em direção àquela mesma caverna e entrou nela rapidamente para se abrigar. Vivendo de carne como ele vivia, e extremamente faminto e cansado como estava, ó touro da raça Bharata, o chacal, vendo o pescoço do camelo, começou a comer tanto dele quanto ele podia. O camelo, quando percebeu que seu pescoço estava sendo comido, se esforçou em aflição para encurtá-lo. Mas quando ele o moveu para cima e para baixo, o chacal e sua esposa, sem largá-lo, continuaram a comê-lo. Dentro de pouco tempo o camelo estava privado de vida. O chacal então, tendo (assim) matado e comido o camelo, saiu da caverna depois que a tempestade e a chuva tinham parado. Assim aquele camelo tolo encontrou sua morte. Veja que um grande mal seguiu na sequência da ociosidade. Em relação a ti mesmo, evitando a ociosidade e reprimindo teus sentidos, faça tudo no mundo com meios apropriados. O próprio Manu disse que a vitória depende da inteligência. Todos os atos que são realizados com a ajuda da inteligência são considerados como os principais, os alcançados com a ajuda dos braços são medianos, os alcançados com a ajuda dos pés são inferiores, enquanto aqueles feitos por carregar cargas são os mais inferiores. Se o rei for inteligente nas transações de negócios e reprimir seus

sentidos, o seu reino dura. O próprio Manu disse que é com a ajuda da inteligência que uma pessoa ambiciosa consegue alcançar vitórias. Neste mundo, ó Yudhishthira, aqueles que ouvem conselhos sábios que não são geralmente conhecidos, e, ó impecável, possuidores de aliados, e que agem depois de escrutínio apropriado, conseguem realizar todos os seus objetivos. Uma pessoa possuidora de tais ajudas consegue governar a terra inteira. Ó tu que és possuidor de destreza como aquela do próprio Indra, isto foi dito por homens sábios dos tempos antigos conhecedores das ordenanças declaradas nas escrituras. Eu, também, com a visão dirigida para as escrituras, tenho dito o mesmo para ti. Exercitando tua inteligência, aja neste mundo, ó rei!'"

113

"Yudhishthira disse, 'Diga-me, ó touro da raça Bharata, como um rei, sem as ajudas usuais, tendo obtido um reino que é uma posse tão preciosa, deve se comportar com um inimigo poderoso.'"

"Bhishma disse, 'Em relação a isto é citada a antiga história da conversa entre o Oceano e os Rios. Antigamente, o Oceano eterno, aquele senhor dos Rios, aquele refúgio dos inimigos dos celestiais, questionou todos os Rios para resolver esta dúvida que tinha surgido em sua mente.'"

"O Oceano disse, 'Ó Rios, eu vejo que todos vocês, com suas correntes cheias, trazem árvores de troncos grandes, arrancando-as com suas raízes e ramos. Vocês, no entanto, nunca me trazem um junco. Os juncos que crescem em suas margens são de caules pobres e desprovidos de força. Vocês se recusam a arrastá-los por desprezo, ou eles são de alguma utilidade para vocês? Eu desejo, portanto, saber qual é o motivo que inspira todos vocês. De fato, por que é que os juncos não são arrastados por nenhum de vocês, arrancados das margens onde eles crescem?' Assim endereçado, o Rio Ganga respondeu ao Oceano, aquele senhor de todos os Rios, nestas palavras de grave importância, repletas de razão, e, portanto, aceitáveis para todos.'"

"Ganga disse, 'As árvores ficam em um e no mesmo lugar e são inflexíveis em relação ao local onde elas ficam. Por causa dessa disposição delas para resistir a nossas correntes, elas são obrigadas a deixar o lugar de seu crescimento. Os juncos, no entanto, agem diferentemente. O junco, vendo a corrente avançando, se curva a ela. Os outros não agem deste modo. Depois que a corrente passa, o junco retoma sua postura anterior. O junco conhece as virtudes de Tempo e oportunidade. Ele é dócil e obediente. Ele é flexível, sem ser obstinado. Por estas razões, ele fica onde ele cresce, sem ter que vir conosco. Aquelas plantas, árvores, e trepadeiras que se dobram e erguem perante a força do vento e da água, nunca têm que sofrer derrota (por serem arrancadas pelas raízes).'"

"Bhishma continuou, 'A pessoa que não se rende ao poder de um inimigo que avançou em poder e que é competente para encarcerar ou matar, logo encontra a destruição. (A verdadeira política, portanto, é esperar pela hora quando o inimigo

se tornar fraco.) O homem de sabedoria que age depois de verificar completamente a força e a fraqueza, o poder e a energia, dele mesmo e de seu inimigo, nunca tem que sofrer derrota. Um homem inteligente, portanto, quando ele vê que seu inimigo é mais poderoso do que ele mesmo, deve adotar o comportamento do junco. Esta é uma indicação de sabedoria.'"

114

"Yudhishthira disse, 'Como, ó Bharata, um homem erudito adornado com modéstia deve se comportar, ó castigador de inimigos, quando atacado com palavras duras no meio de assembléias por uma pessoa ignorante cheia de vaidade?'"

"Bhishma disse, 'Ouça, ó senhor da terra, como o assunto foi tratado (nas escrituras), como uma pessoa de boa alma deve tolerar neste mundo as palavras ofensivas de pessoas de pouca inteligência. Se uma pessoa, quando maltratada por outra, não cede à raiva, ela então seguramente recebe (o mérito de) todos os bons atos que foram feitos pela pessoa que insulta. O sofredor, em tal caso, transfere o demérito de todas as suas próprias más ações para a pessoa que sob a influência da cólera se perde em insultos. Um homem inteligente deve desconsiderar uma linguagem ofensiva que parece, afinal, somente um Tittibha (ave) proferindo gritos dissonantes. Quem se entrega ao ódio é citado como vivendo em vão. Um tolo pode muitas vezes ser ouvido dizer, 'Tal homem respeitável foi endereçado por mim em tais palavras no meio de tal reunião de homens,' e para se gabar daquele ato pecaminoso, ele irá acrescentar, 'Insultado por mim, o homem ficou calado como se morto de vergonha.' Assim mesmo um homem sem vergonha conta vantagem de uma ação da qual ninguém deveria se vangloriar. Tal canalha entre homens deve ser cuidadosamente desprezado. O homem de sabedoria deve tolerar tudo o que tal pessoa de pouca inteligência possa dizer. O que um sujeito vulgar pode fazer ou por seu louvor ou sua crítica? Ele é assim como um corvo que grasna inutilmente nas florestas. Se aqueles que acusam outros somente por suas palavras pudessem provar aquelas acusações por tais meios, então, talvez, suas palavras seriam consideradas como de algum valor. Como um fato, no entanto, estas palavras são tão eficazes como aquelas proferidas por tolos invocando a morte sobre aqueles com quem elas brigam. (Na Índia, a forma de insulto verbal mais comum entre homens e mulheres ignorantes é 'Encontre a morte,' ou 'Vá para a casa de Yama.' O que Bhishma diz é que como estas palavras são proferidas em vão, exatamente assim as acusações de homens maus vêm a ser totalmente malogradas.) Simplesmente proclama sua inferioridade o homem que se entrega a tal conduta e palavras. De fato, ele é assim como um pavão que dança enquanto mostrando tal parte de seu corpo que deveria sempre ser escondida da visão. Uma pessoa de conduta pura não deve sequer falar com o indivíduo de conduta pecaminosa que não tem escrúpulo em proferir ou fazer qualquer coisa. O homem que fala dos méritos de uma pessoa quando os olhos dela estão sobre ele e que fala mal dela quando ela não está olhando, é realmente como um cão. (O cão é um animal impuro na avaliação

Hindu.) Tal pessoa perde todas as suas regiões no céu e os frutos de qualquer conhecimento e virtude que ela possa ter. O homem que fala mal de alguém quando os olhos deste alguém não estão sobre ele, perde sem demora os frutos de todas as suas libações sobre o fogo e das doações que ele possa fazer mesmo para cem pessoas. Um homem de sabedoria, portanto, deve evitar firmemente uma pessoa de tal coração pecaminoso que merece ser evitada por todos os homens honestos, como ele evitaria a carne de cachorro. O patife de alma pecaminosa que proclama os defeitos de uma pessoa de grande alma, realmente divulga (por aquele ato) sua própria natureza má assim como uma cobra mostra seu capelo (quando mexem com ela). O homem de razão que procura contrariar tal caluniador sempre dedicado a uma ocupação apropriada para si mesmo, se encontra na condição dolorosa de um jumento estúpido afundado em uma pilha de cinzas. Um homem que está sempre ocupado em falar mal de outros deve ser evitado como um lobo furioso, ou um elefante enfurecido rugindo em loucura, ou um cão feroz. Que vergonha para o canalha pecaminoso que se dirigiu para o caminho dos tolos e abandonou todas as restrições saudáveis e modéstia, que está sempre empenhado em fazer o que é prejudicial para outros, e que não tem consideração por sua própria prosperidade. Se um homem honesto deseja trocar palavras com tais canalhas quando eles procuram humilhá-lo, ele deve ser aconselhado nestas palavras: Não te permita ser afligido. Um duelo de palavras entre uma pessoa superior e uma inferior é sempre desaprovado por pessoas de inteligência tranquila. Um patife calunioso, quando enfurecido, pode bater em outro com suas palmas, ou jogar pó ou resíduos, ou assustar outro por mostrar ou ranger seus dentes. Tudo isso é bem conhecido. O homem que suporta as repreensões e calúnias de indivíduos de alma pecaminosa proferidas em reuniões, ou que lê frequentemente estas instruções, nunca sofre alguma angústia ocasionada por palavras.'"

115

"Yudhishthira disse, 'Ó avô, ó tu que possuis grande sabedoria, eu tenho uma grande dúvida que me deixa confuso. Tu deves, ó rei, resolvê-la. Tu és um melhorador de nossa família. Tu nos falaste sobre as palavras caluniosas proferidas por canalhas de alma pecaminosa de má conduta. Eu desejo, no entanto, te questionar mais. Aquilo que é benéfico para um reino, o que produz a felicidade da linha real, o que produz o bem e o progresso no futuro e no presente, o que é bom em relação a alimento e bebida e em relação ao corpo também, são tópicos sobre os quais eu desejo que tu fales. Como um rei que foi colocado no trono e que continua a ocupá-lo, cercado por amigos, ministros, e empregados, deve satisfazer seu povo? O rei que, levado por suas afeições e predileções, se torna dedicado a maus associados, e que homenageia homens pecaminosos por estar escravizado por seus sentidos, encontra todos os empregados de bom nascimento e sangue descontentes com ele. Tal rei nunca consegue alcançar aqueles objetivos cuja realização depende de ele ter vários bons empregados em volta dele. Cabe a ti que és igual ao próprio Vrihaspati em inteligência me falar

sobre estes deveres de reis os quais são difíceis de serem averiguados e assim remova minhas dúvidas. Tu, ó tigre entre homens, estás sempre dedicado a realizar o bem de nossa linhagem. Por esta razão tu sempre nos falaste sobre os deveres da arte de reinar. Kshatri (Vidura) também, possuidor de grande sabedoria, sempre nos dá instruções valiosas. Ouvindo instruções de ti que são produtivas de benefício para nossa linhagem e reino, eu poderei passar meus dias em felicidade como uma pessoa satisfeita por ter bebido o imortal Amrita. Quais classes de empregados devem ser consideradas como inferiores e quais são possuidoras de todas as habilidades? Ajudado por qual classe de servos ou por empregados de que tipo de nascimento, é aconselhável cumprir os deveres de governar? Se o rei opta por agir sozinho e sem empregados, ele nunca pode conseguir proteger seu povo. Todas as pessoas, no entanto, de nascimento nobre cobiçam a aquisição de soberania.'”

"Bhishma disse, 'O rei, ó Bharata, não pode governar seu reino sozinho. Sem empregados para ajudá-lo, ele não pode conseguir realizar qualquer objetivo. Mesmo que ele consiga ganhar algum objeto, ele não pode (se sozinho), preservá-lo. O rei cujos empregados são todos possuidores de conhecimento e sabedoria, que são todos dedicados ao bem de seu mestre, e que são nobres de nascimento e temperamento tranquilo, conseguem desfrutar da felicidade ligada à soberania. Aquele rei cujos ministros são todos bem nascidos, incapazes de serem afastados dele (por meio de suborno e outras influências), que sempre vivem com ele, que estão empenhados em dar conselhos para seu mestre, que possuem sabedoria e bondade, que têm um conhecimento das relações das coisas, que podem se prevenir para acontecimentos e contingências futuros, que têm um bom conhecimento das virtudes do tempo, e que nunca se afligem pelo que já passou, consegue desfrutar da felicidade ligada à soberania. O rei cujos empregados compartilham com ele suas dores e alegrias, que sempre fazem o que é agradável para ele, que sempre dirigem sua atenção para a realização dos objetivos de seu mestre, e são todos fiéis, consegue desfrutar da felicidade ligada à soberania. O rei cujos súditos são sempre alegres, e generosos, e que sempre trilham o caminho da virtude, consegue desfrutar da felicidade ligada à soberania. É o melhor dos reis aquele cujas fontes de renda são gerenciadas e supervisionadas por homens contentes e dignos de confiança conhecedores dos meios de aumentar as finanças. Consegue obter riqueza e grande mérito o rei cujos repositórios e celeiros são supervisionados por empregados incorruptíveis, merecedores de confiança, dedicados, e não cobiçosos sempre inclinados à arrecadação. O rei em cuja cidade a justiça é administrada devidamente, com o resultado de tal administração levando aos bem conhecidos resultados de multar o querelante ou o acusado se o seu caso for falso, e na qual as leis criminais são administradas exatamente da mesma maneira de Sankha e Likhita, consegue ganhar o mérito ligado à soberania. O rei que conquista seus súditos para si mesmo pela bondade, que conhece os deveres de reis, e que se encarrega do agregado de seis consegue ganhar o mérito ligado à soberania.'"

116

"Bhishma disse, 'Em relação a isto é citada a seguinte história dos tempos antigos. Esta história é considerada como um importante precedente entre homens bons e sábios. Esta história tem ligação com o tópico atual. Eu a ouvi no eremitério de Rama, o filho de Jamadagni, narrada por muitos dos principais Rishis. Em certa grande floresta inabitada por seres humanos, um asceta vivia de frutas e raízes e observava votos rígidos, e com seus sentidos sob controle. Observador também de regulamentos rigorosos e autodomínio, de alma tranquila e pura, sempre atento às recitações Védicas, e de coração purificado por jejuns, ele adotou uma vida de bondade em direção a todas as criaturas. Possuidor de grande inteligência, quando ele sentava em seu assento, a bondade de seu comportamento tendo sido conhecida por todas as criaturas que viviam naquela floresta, elas costumavam se aproximar dele com afeição. Leões e tigres ferozes, elefantes enfurecidos de tamanho enorme, leopardos, rinocerontes, ursos, e outros animais de aspecto feroz, subsistindo de sangue, costumavam se aproximar do Rishi e dirigir a ele as questões usuais de inquirição polida. De fato, todos eles se comportavam com ele como discípulos e escravos e sempre faziam para ele o que era agradável. Indo até ele eles lhe endereçavam as perguntas usuais, e então partiam para seus respectivos abrigos. Um animal doméstico, no entanto, vivia lá permanentemente, nunca deixando o Muni em qualquer momento. Ele era devotado ao sábio e extremamente apegado a ele. Fraco e emaciado com jejuns, ele subsistia de frutas e raízes e água, e era tranquilo e de aspecto inofensivo. Deitando-se aos pés daquele Rishi de grande alma quando o último se sentava, o cachorro, com um coração como aquele de um ser humano, se tornou extremamente ligado a ele por causa da afeição com a qual ele era tratado. Um dia um leopardo de grande força chegou lá, subsistindo de sangue. De uma disposição cruel e sempre cheio de deleite pela probabilidade de vitimar, o animal feroz parecia com um segundo Yama. Lambendo os cantos de sua boca com a língua, e movendo seu rabo furiosamente, o leopardo chegou lá, faminto e sedento, com mandíbulas escancaradas, desejoso de apanhar o cachorro como sua presa. Vendo aquele animal feroz se aproximando, ó rei, o cachorro, temendo por sua vida, se dirigiu ao Muni nestas palavras. Ouça-as, ó monarca! 'Ó santo, este leopardo é um inimigo dos cachorros. Ele deseja me matar. Ó grande sábio, aja de tal maneira que todos os meus medos deste animal possam ser dissipados pela tua graça. Ó tu de braços poderosos, sem dúvida tu és possuidor de onisciência.' Conhecedor dos pensamentos de todas as criaturas, o sábio sentiu que o cachorro tinha grande razão para temer. Possuidor dos seis atributos e capaz de interpretar as vozes de todos os animais, o sábio disse as seguintes palavras.'"

"O sábio disse, 'Tu não terás mais medo da morte por causa de leopardos. Que tua forma natural desapareça e seja tu um leopardo, ó filho!' A estas palavras, o cachorro foi transformado em um leopardo com pele brilhante como ouro. Com listras em seu corpo e com dentes grandes, desde então ele começou a viver

destemidamente naquela floresta. Enquanto isso, o leopardo, vendo à sua frente um animal de sua própria espécie, imediatamente abandonou todos os sentimentos de animosidade em direção a ele. Algum tempo depois, entrou no eremitério um tigre feroz e faminto com boca escancarada. Lambendo os cantos de sua boca com a língua, e avidamente desejoso de beber sangue, aquele tigre começou a se aproximar em direção ao animal que tinha sido transformado em um leopardo. Vendo o tigre faminto de dentes terríveis se aproximando daquela floresta, o leopardo (transformado) procurou a proteção do Rishi para salvar sua vida. O sábio, que mostrava grande afeição pelo leopardo pelo último viver no mesmo lugar com ele, em seguida transformou seu leopardo em um tigre poderoso para todos os inimigos. O tigre vendo uma fera de sua própria espécie não a feriu, ó rei. O cachorro, tendo no decorrer do tempo sido transformado em um tigre poderoso subsistindo de carne e sangue, se absteve de seu alimento anterior que consistia em frutas e raízes. De fato, desde aquele tempo, ó monarca, o tigre transformado vivia subsistindo dos outros animais da floresta, como um verdadeiro rei das feras.'"

117

"Bhishma disse, 'O cachorro transformado em um tigre, satisfeito com a carne de animais mortos, dormia tranquilamente. Um dia quando ele estava deitado no quintal do eremitério, um elefante enfurecido chegou lá, parecendo com uma nuvem surgida. De estatura enorme, com bochechas fendidas, tendo sinais do lótus em seu corpo, e com amplos globos frontais, o animal tinha presas longas e uma voz profunda como aquela das nuvens. Vendo aquele elefante enfurecido, orgulhoso de sua força, indo em sua direção, o tigre agitado com medo procurou a proteção do Rishi. Aquele melhor dos sábios então transformou o tigre em um elefante. O elefante verdadeiro, vendo um indivíduo de sua própria espécie, enorme como uma massa de nuvens, ficou apavorado. O elefante do Rishi então, pintalgado com o pó de filamentos de lótus, mergulhou alegremente em lagos cobertos com lotos e vagou por suas margens denteadas com tocas de coelho. Um tempo considerável passou desta maneira. Um dia quando o elefante estava andando alegremente pela vizinhança do eremitério, chegou diante dele naquele local um leão de juba nascido em uma caverna de montanha e acostumado a matar elefantes. Vendo o leão se aproximando, o elefante do Rishi, temendo pela vida, começou a tremer e procurou a proteção do sábio. O sábio então transformou aquele príncipe de elefantes em um leão. Como o leão selvagem era um animal da mesma espécie que ele, o leão do Rishi não mais o temeu. Por outro lado, o leão selvagem vendo uma fera mais forte de sua própria espécie diante ele, ficou apavorado. O leão do Rishi começou a morar naquele eremitério dentro da floresta. Por medo daquele animal, os outros animais não mais ousavam se aproximar do eremitério. De fato, todos eles pareciam estar inspirados com medo acerca da segurança de suas vidas. Algum tempo depois, um dia, um matador de todos os animais, possuidor de grande força e inspirando terror em todas as criaturas, tendo oito pernas e olhos na testa, isto é, um Sarabha, chegou

àquele local. De fato ele foi àquele mesmo eremitério com o objetivo de matar o leão do Rishi. Vendo isto, o sábio transformou seu leão em um Sarabha de grande força. O Sarabha selvagem, vendo que o Sarabha do Rishi diante dele era mais feroz e mais poderoso, fugiu rapidamente daquela floresta. Tendo sido assim transformado em um Sarabha pelo sábio, o animal viveu felizmente ao lado de seu transformador. Todos os animais então que moravam na vizinhança ficaram com medo daquele Sarabha. Seu medo e o desejo de salvar suas vidas os levou todos a fugirem daquela floresta. Cheio de deleite, o Sarabha continuou todos os dias a matar animais para seu sustento. Transformado em uma besta carnívora, ele não mais gostava de frutas e raízes das quais ele viva antigamente. Um dia aquela besta ingrata que tinha primeiro sido um cachorro mas que estava agora transformado em um Sarabha, avidamente sedento de sangue, desejou matar o sábio. O último, pelo poder ascético, viu isso tudo por meio de seu conhecimento espiritual. Possuidor de grande sabedoria, o sábio, tendo averiguado as intenções da besta, se dirigiu a ela nestas palavras.'"

"O sábio disse, 'Ó cachorro, tu foste primeiro transformado em um leopardo. De um leopardo tu foste então feito um tigre. De um tigre tu foste em seguida transformado em um elefante com o suco temporal escorrendo sobre tuas bochechas. Tua transformação seguinte foi para um leão. De um leão poderoso tu foste então transformado em um Sarabha. Cheio de afeição por ti, fui eu que te transformei naquelas diversas formas. Tu não pertenceste e não pertences, por nascimento, a qualquer uma daquelas espécies. Já que, no entanto, ó patife pecaminoso, tu desejas matar a mim que não te fiz dano, tu deves voltar para tua própria espécie e ser um cachorro novamente.' Depois disso, o animal desprezível e tolo de alma perversa transformado em um Sarabha assumiu mais uma vez, por causa da maldição do Rishi, sua própria forma de um cachorro.'"

118

"Bhishma disse, 'Tendo mais uma vez assumido sua própria forma, o cachorro ficou muito triste. O Rishi, repreendendo-o, expulsou a criatura pecaminosa de seu eremitério. Um rei inteligente deve, guiado por este precedente, nomear empregados, cada um apto para o cargo designado para ele, e exercer supervisão apropriada sobre eles, tendo primeiro averiguado suas qualificações em relação à veracidade e pureza, sinceridade, disposição geral, conhecimento da escritura, conduta, nascimento, autodomínio, compaixão, força, energia, dignidade, e bondade. Um rei nunca deve escolher um ministro sem tê-lo examinado primeiro. Se o rei reúne à sua volta pessoas de nascimento inferior, ele nunca pode ser feliz. Uma pessoa nobre de nascimento, mesmo se perseguida sem qualquer culpa por seu mestre real, nunca coloca seu coração, pela respeitabilidade de seu sangue, em prejudicar seu mestre. Um indivíduo, no entanto, que é vil e de nascimento inferior, mesmo tendo obtido grande riqueza de sua ligação com algum homem honesto, se torna um inimigo do último somente se ele é repreendido em palavras. Um ministro deve ser possuidor de nascimento nobre e força; ele deve ser bondoso e autocontrolado, e ter todos os seus sentidos sob

controle; ele deve ser livre do vício da ganância, contente com suas aquisições justas, alegre com a prosperidade de seu mestre e amigos, conhecedor das necessidades de hora e lugar, sempre empenhado em conquistar homens para si mesmo ou seu mestre por fazer bons préstimos a eles, sempre atento aos seus deveres, desejando o bem de seu mestre, sempre cuidadoso, fiel no cumprimento de seus próprios deveres, um perfeito mestre na arte da guerra e paz, conhecedor das exigências do rei em relação ao grande conjunto de três, amado pelos cidadãos e habitantes das províncias, familiarizado com todos os tipos de formações de combate para perfurar e romper as tropas do inimigo, competente para inspirar as forças armadas de seu mestre com animação e alegria, capaz de interpretar sinais e gestos, conhecedor de todos os requisitos em relação à marcha, hábil na arte de treinar elefantes, livre de orgulho, confiante em seus próprios poderes, inteligente nas transações de negócios, sempre fazendo o que é direito, de conduta justa, cercado por amigos justos, de palavras gentis, possuidor de feições agradáveis, capaz de liderar homens, versado em política, possuidor de habilidades, energético em ação, ativo, possuidor de criatividade, de um temperamento gentil, de atitude modesta, paciente, corajoso, rico, e capaz de adaptar suas medidas às necessidades de hora e lugar. O rei que consegue obter tal ministro nunca pode ser humilhado ou dominado por ninguém. De fato, seu reino se expande gradualmente sobre a terra como a luz da lua. Um rei, também, que é familiarizado com as escrituras, que considera que a justiça é superior a tudo, que está sempre dedicado a proteger seus súditos, e que possui as seguintes virtudes, obtém o amor de todos. Ele deve ser paciente, bondoso, puro em conduta, severo quando a ocasião requer isto, conhecedor da eficácia do esforço, respeitoso em seu comportamento em direção a todos os seus superiores, possuidor de um conhecimento das escrituras, disposto a escutar as instruções e conselhos daqueles que são competentes para instruir e dar conselhos, capaz de julgar corretamente em meio a cursos de ação diferentes ou opostos sugeridos a ele, inteligente, de uma memória retentiva, preparado para fazer o que é justo, autocontrolado, sempre de palavras gentis, bondoso mesmo para inimigos, praticando caridade pessoalmente, possuidor de fé, de feições agradáveis, pronto para estender a mão em auxílio para pessoas mergulhadas em infortúnio, possuidor de ministros que sempre procuram seu bem, livre do defeito do egoísmo, nunca sem uma esposa, e não inclinado a fazer qualquer coisa com pressa. Ele deve sempre recompensar seus ministros quando eles realizam alguma coisa notável. Ele deve amar aqueles que são devotados a ele. Evitando a ociosidade, ele deve sempre atrair homens para si mesmo por fazer o bem para eles. Seu rosto deve ser sempre alegre. Ele deve sempre estar atento às necessidades de seus empregados e nunca ceder à cólera. Ele deve, além disso, ser magnânimo. Sem pôr de lado a vara de castigo, ele deve manejá-la com retidão. Ele deve fazer todos os homens ao seu redor agirem corretamente. Tendo espiões como seus olhos, ele deve sempre supervisionar os assuntos de seus súditos, e deve ser conhecedor de todas as questões ligadas com virtude e riqueza. Um rei que possui estas cem qualificações ganha o amor de todos. Todo soberano deve ser esforçar para ser assim. O rei deve também, ó monarca, procurar por bons guerreiros (para alistar em seu exército) que devem ser todos possuidores das qualificações necessárias, para ajudá-lo a proteger seu reino. Um

rei que deseja seu próprio progresso nunca deve desconsiderar seu exército. Aquele rei cujos soldados são corajosos em batalha, gratos, e versados nas escrituras, cujo exército consiste em soldados de infantaria familiarizados com os tratados sobre religião e dever, cujos guerreiros em elefantes são destemidos, cujos guerreiros em carros são habilidosos em seu próprio modo de luta e bem versados em disparar setas e em manejar outras armas, consegue subjugar a terra inteira. O rei que está sempre empenhado em unir todos os homens a si mesmo, que está pronto para o esforço, que é rico em amigos e aliados, se torna o principal dos soberanos. Um rei que conseguiu unir todos os homens a si mesmo, pode, ó Bharata, com a ajuda de até mil cavaleiros de coragem, ter sucesso em conquistar a terra inteira.'"

119

"Bhishma disse, 'O rei que, guiado pela lição tirada da história do cachorro, nomeia seus empregados para cargos para os quais cada um é apto, consegue desfrutar da felicidade que é ligada à soberania. Um cachorro não deve, com honras, ser colocado em uma posição acima daquela para a qual ele é apto. Se um cachorro for colocado acima da situação que é adequada para ele, ele se torna embriagado com orgulho. Ministros devem ser nomeados para cargos para os quais eles estão preparados e devem possuir as qualificações que são necessárias para suas respectivas ocupações. A nomeação de pessoas inadequadas não é aprovada em absoluto. O rei que dá para seus empregados cargos para os quais cada um é digno, consegue, por tal mérito, desfrutar da felicidade ligada à soberania. Um Sarabha deve ocupar a posição de um Sarabha; um leão deve crescer com o poder de um leão; um tigre deve ser colocado na posição de um tigre; e um leopardo deve ser colocado como um leopardo. Empregados devem, de acordo com a ordenança, ser designados para cargos para os quais cada um é habilitado. Se tu desejas alcançar sucesso, tu nunca deves colocar empregados em posições mais altas do que aquelas que eles merecem. O rei tolo que, contrariando o precedente, nomeia empregados para cargos para os quais eles não são adequados, fracassa em satisfazer seu povo. Um rei que deseja possuir empregados habilidosos nunca deve nomear pessoas que são desprovidas de inteligência, que são vulgares, sem sabedoria, que não são mestres de seus sentidos, e que não são nobres de nascimento. Homens que são honestos, possuidores de nascimento nobre, corajosos, eruditos, desprovidos de malícia e inveja, generosos, puros em comportamento, e inteligentes nas transações de negócios, merecem ser nomeados como ministros. Pessoas que possuem humildade, presteza no desempenho de suas funções, que são tranquilas em disposição, puras em mente, adornadas com diversos outros dons naturais e que nunca são objetos de calúnia em relação aos cargos que ocupam devem ser associadas íntimas do rei. Um leão deve sempre ter como companheiro um leão. Se um que não é um leão se torna o companheiro de um leão, ele ganha todas as vantagens que pertencem a um leão. Aquele leão, no entanto, que enquanto empenhado em cumprir os deveres de um leão, tem somente uma

matilha de cães como seus associados, nunca consegue, por causa de tal companhia, realizar aqueles deveres. Assim, ó soberano de homens, um rei pode ter sucesso em subjugar a terra inteira se ele tiver como ministros homens possuidores de coragem, sabedoria, grande erudição, e nascimento nobre. Ó principal dos mestres reais, reis nunca devem acolher um empregado que não tenha erudição e sinceridade e sabedoria e grande riqueza. Esses homens que estão dedicados aos serviços de seu chefe nunca são parados por quaisquer obstáculos. Reis devem sempre falar calmamente àqueles empregados que estão sempre dedicados a fazer o bem para seus patrões. Reis devem sempre, com grande cuidado, cuidar de suas tesourarias. De fato, os reis têm suas bases em suas tesourarias. Um rei deve sempre procurar aumentar sua tesouraria. Que teus celeiros, ó rei, estejam providos de cereais. E que sua manutenção seja confiada a empregados honestos. Procure aumentar tua riqueza e cereais. Que teus empregados, habilidosos em batalha, estejam sempre atentos aos seus deveres. É desejável que eles também sejam habilidosos no manejo de corcéis. Ó alegrador dos Kurus, te encarregue das necessidades de teus parentes e amigos. Esteja cercado por amigos e parentes. Procure o bem da tua cidade. Por citar o precedente do cachorro eu te instruí sobre os deveres que tu deves adotar em direção aos teus súditos. O que mais tu desejas saber?'"

120

"Yudhishthira disse, 'Tu, ó Bharata, falaste sobre os muitos deveres da arte de reinar que foram praticados e declarados antigamente por pessoas dos tempos antigos conhecedoras dos deveres reais. Tu, de fato, falaste em detalhes sobre aqueles deveres como aprovado pelos sábios. No entanto, ó touro da raça Bharata, fale deles de tal maneira que alguém possa conseguir retê-los na memória. (Isto é, fale em síntese sobre eles ou nos dê um resumo dos teus discursos elaborados.)’"

"Bhishma disse, 'A proteção de todas as criaturas é considerada como o maior dever do Kshatriya. Escute agora a mim, ó rei, quanto a como o dever de proteção deve ser exercido. Um rei conhecedor de seus deveres deve assumir muitas formas, assim como o pavão expõe plumas de diversas cores. Perspicácia, desonestidade, veracidade, e sinceridade, são as qualidades que devem estar presentes nele. Com total imparcialidade, ele deve praticar as qualidades de bondade para ganhar felicidade. Ele deve assumir aquela cor ou forma específica que será benéfica em vista do objetivo específico que ele procura realizar. (Isto é, agudeza, quando ele pune e inofensividade quando ele mostra favor.) Um rei que pode assumir diversas formas consegue realizar até o objetivo mais ardiloso. Calado como o pavão no outono, ele deve ocultar seus planos. Ele deve falar pouco, e o pouco que ele falar deve ser gentil. Ele deve ter bom aspecto e ser bem versado nas escrituras. Ele deve estar sempre atento em relação àqueles portões através dos quais perigos possam vir a alcançá-lo, como homens cuidando das rupturas em barragens pelas quais as águas de grandes reservatórios podem se precipitar e inundar seus campos e casas. Ele deve

procurar a proteção de Brahmanas coroados com êxito ascético assim como homens procuram a proteção de rios sonoros gerados pela água da chuva coletada dentro de lados de montanhas. O rei que deseja acumular riquezas deve agir como hipócritas religiosos na questão de manter um tufo coronal. O rei deve ter sempre a vara de castigo erguida em suas mãos. Ele deve sempre agir com cautela (na questão da arrecadação de impostos) depois de examinar a renda e as despesas de seus súditos como homens indo até uma palmeira crescida para tirar seu suco. (Como homens sempre tiram suco de uma árvore totalmente crescida e não de uma jovem, assim mesmo o rei deve tomar cuidado quanto a como taxas devem ser impostas sobre súditos que são incapazes de arcar com elas.) Ele deve agir equitativamente em direção a todos os seus súditos; fazer as colheitas dos inimigos serem esmagadas pelo passo de sua cavalaria, marchar contra inimigos quando seu próprio lado se tornar forte; e observar todas as fontes de sua própria fraqueza. Ele deve proclamar os defeitos de seus inimigos; esmagar aqueles que são partidários deles; e coletar riqueza do exterior como uma pessoa colhendo flores dos bosques. Ele deve destruir aqueles principais dos monarcas que crescem com poder e permanecem com cabeças erguidas como montanhas, por procurar a proteção de sombras desconhecidas (isto é, por lidar com os governadores das fortalezas e guarnições de seus inimigos), e por emboscadas e ataques repentinos. Como o pavão na estação das chuvas, ele deve entrar em seus alojamentos noturnos sozinho e despercebido. De fato, ele deve desfrutar, seguindo a maneira do pavão, dentro de seus aposentos internos, da companhia de suas esposas. Ele não deve tirar sua cota de malha. Ele deve proteger a si mesmo, e evitar as redes espalhadas para ele por espiões e agentes secretos de seus inimigos. Ele deve também conquistar a simpatia dos espiões de seus inimigos, mas eliminá-los quando surgir a oportunidade. Como os pavões o rei deve matar seus inimigos poderosos e zangados de política desonesta, e destruir suas tropas e expulsá-los de casa. O rei deve também como o pavão fazer o que é bom para ele, e colher sabedoria de todos os lugares como eles coletam insetos da floresta. Um rei sábio e semelhante ao pavão deve governar seu reino dessa maneira e adotar uma política que lhe seja benéfica. Por exercitar sua própria inteligência, ele deve decidir o que ele tem que fazer. Por consultar com outros ele deve ou abandonar ou confirmar tal resolução. Ajudado por aquela inteligência que é afiada pelas escrituras, uma pessoa pode determinar seus rumos de ação. Nisto consiste a utilidade das escrituras. Por praticar as artes de conciliação, ele deve inspirar confiança nos corações de seus inimigos. Ele deve mostrar sua própria força. Por avaliar diferentes rumos de ação em sua própria mente ele deve, por exercer sua própria inteligência, chegar a conclusões. O rei deve ser bem versado nas artes de política conciliadora, ele deve possuir sabedoria; e deve ser capaz de fazer o que deve ser feito e evitar o que não deve. Uma pessoa de sabedoria e inteligência profunda não tem necessidade de conselhos ou instrução. Um homem sábio que é possuidor de inteligência como Vrihaspati, se ele incorre em infâmia, logo recupera sua disposição como ferro aquecido mergulhado em água. Um rei deve realizar todos os objetivos, seus ou de outros, de acordo com os meios declarados nas escrituras. Um rei conhecedor dos modos de adquirir riqueza deve sempre empregar em seus atos homens que são de disposição branda, possuidores de sabedoria e coragem e grande força.

Vendo seus empregados ocupados em ações para as quais cada um é apto, o rei deve agir em conformidade com todos eles como as cordas de um instrumento musical, esticadas até a tensão apropriada, de acordo com as notas pretendidas. O rei deve fazer o bem para todas as pessoas sem contrariar os ditames de retidão. O rei que permanece imóvel como uma colina a quem todos consideram como 'Ele é meu'; tendo se aplicado à tarefa de julgar entre litigantes, o rei, sem fazer qualquer distinção entre pessoas das quais ele gosta e das quais ele não gosta, deve manter justiça. O rei deve designar em todos os seus trabalhos homens familiarizados com as características de famílias específicas, das massas do povo, e de diferentes países; gentis em palavras; de meia-idade; que não têm defeitos; que são dedicados a bons atos; que nunca são descuidados; livres de ganância; possuidores de erudição e autocontrole; firmes em virtude e sempre preparados para manter os interesses de virtude e lucro. Desta maneira, tendo determinado o rumo de ações e seus objetivos finais o rei deve realizá-los cuidadosamente; e informado em todas as questões por seus espiões, ele pode viver em alegria. O rei que nunca se entrega à ira e alegria sem causa suficiente, que supervisiona ele mesmo todos os seus próprios atos, e que cuida de suas rendas e gastos com seus próprios olhos, consegue obter grande riqueza da terra. É considerado conhecedor dos deveres da arte de reinar o rei que recompensa seus oficiais e súditos publicamente (por algum bem que eles tenham feito), que castiga aqueles que merecem punição, que se protege, e que protege seu reino de todos os males. Como o Sol derramando seus raios sobre tudo abaixo, o rei deve sempre cuidar ele mesmo de seu reino, e auxiliado por sua inteligência ele deve supervisionar todos os seus espiões e oficiais. O rei deve pegar a riqueza de seus súditos no tempo apropriado. Ele nunca deve proclamar o que ele faz. Como um homem inteligente ordenhando sua vaca todos os dias, o rei deve ordenhar seu reino todos os dias. Como a abelha coleta mel das flores gradualmente, o rei deve tirar riqueza gradualmente de seu reino para armazená-la. Tendo mantido à parte uma porção suficiente, aquilo que resta deve ser gasto na aquisição de mérito religioso e na satisfação do desejo por prazer. Aquele rei que conhece os deveres e que possui inteligência nunca esbanjara o que foi acumulado. O rei nunca deve desconsiderar alguma riqueza por sua pequenez; ele nunca deve desconsiderar inimigos por sua fraqueza; ele deve, por exercer sua própria inteligência, examinar a si mesmo; ele nunca deve depositar confiança em pessoas desprovidas de inteligência. Firmeza, habilidade, autodomínio, inteligência, saúde, paciência, coragem, e atenção às necessidades de hora e lugar, estas oito qualidades levam ao aumento de riqueza, seja esta pouca ou muita. Um pequeno fogo, alimentado com manteiga clarificada, pode resplandecer em uma conflagração. Uma única semente pode produzir mil árvores. Um rei, portanto, mesmo quando ele sabe que sua renda e gastos são grandes, não deve desconsiderar os itens menores. Um inimigo, seja ele uma criança, um homem jovem, ou um idoso, tem êxito em matar uma pessoa que é negligente. Um inimigo insignificante, quando ele se torna poderoso, pode exterminar um rei. Um rei, portanto, que esteja familiarizado com os requisitos de tempo é o principal de todos os soberanos. Um inimigo, forte ou fraco, guiado por malícia, pode logo destruir a fama de um rei, obstruir a aquisição de mérito religioso por ele; e privá-lo até de sua energia. Portanto, um rei de mente regulada nunca deve ser

descuidado quando ele tem um inimigo. Se um rei possuidor de inteligência deseja riqueza e vitória, ele deve, depois de pesquisar seus gastos, renda, economias, e administração, fazer ou paz ou guerra. Por esta razão o rei deve procurar a ajuda de um ministro inteligente. Uma inteligência resplandecente enfraquece até uma pessoa poderosa; pela inteligência o poder que está crescendo pode ser protegido; um inimigo crescente é enfraquecido pela ajuda da inteligência; portanto, toda ação que é empreendida em conformidade com os ditames de inteligência é merecedora de louvor. Um rei possuidor de paciência e sem qualquer falha, pode, se ele quiser, obter a realização de todos os seus desejos, com a ajuda até de uma pequena tropa. O rei, no entanto, que deseja estar cercado por um séquito de bajuladores interesseiros; (isto é, aquele rei que é vaidoso e cobiçoso) nunca consegue ganhar nem o menor benefício. Por essas razões, o rei deve agir com suavidade ao tirar riqueza de seus súditos. Se um rei oprime continuamente seu povo, ele encontra com a extinção como uma luz de relâmpago que brilha somente por um segundo. Conhecimento, penitências, riqueza vasta, de fato, tudo, pode ser obtido por meio de esforço. O esforço, como ele se acha nas criaturas incorporadas, é governado pela inteligência. O esforço, portanto, deve ser considerado como a principal de todas as coisas. O corpo humano é a residência de muitas criaturas inteligentes de grande energia, de Sakra, de Vishnu, de Saraswati, e de outros seres. Um homem de conhecimento, portanto, nunca deve desrespeitar o corpo; (ele pertença a ele mesmo ou a alguma outra pessoa.) Um homem cobiçoso deve ser subjugado por meio de presentes constantes. Aquele que é cobiçoso nunca está saciado com apropriação da riqueza de outras pessoas. Todos, no entanto, se tornam cobiçosos na questão de desfrutar de felicidade. Se uma pessoa, portanto, fica desprovida de riqueza, ela fica desprovida de virtude e prazer (que são objetivos alcançáveis pela riqueza). Um homem avarento procura se apropriar da riqueza, dos prazeres, dos filhos e filhas, e da riqueza de outros. Nos homens avarentos todos os tipos de defeitos podem ser vistos. O rei, portanto, nunca deve aceitar um homem cobiçoso como seu ministro ou oficial. Um rei (na ausência de agentes apropriados) deve despachar até uma pessoa inferior para averiguar a disposição e atos de inimigos. Um soberano possuidor de sabedoria deve frustrar todos os esforços e objetivos de seus inimigos. O rei confiante e nobre de nascimento que procura instrução de Brahmanas eruditos e virtuosos e que é protegido por seus ministros, consegue manter todos os seus principais contribuintes sob controle apropriado. Ó príncipe de homens, eu te falei brevemente sobre todos os deveres declarados nas escrituras. Encarregue-te deles, ajudado por tua inteligência. Aquele rei que, em obediência a seu preceptor, se encarrega desses, consegue dominar a terra inteira. Aquele rei que desconsidera a felicidade que é derivável da política e procura por aquela que a sorte pode trazer, nunca consegue desfrutar da felicidade lidada à soberania ou ao alcançar regiões de bem-aventurança após a morte. (Isto é, um rei deve sempre ser guiado pelos preceptores da ciência da arte de reinar sem depender da sorte.) Um rei que é atento, por se encarregar devidamente dos requisitos de guerra e paz, consegue matar até os inimigos que são eminentes por riqueza, venerados por inteligência e boa conduta, possuidores de habilidades, corajosos em batalha, e prontos para esforço. O rei deve descobrir aqueles meios que são fornecidos por diferentes tipos de ações e medidas. Ele

nunca deve depender do destino. Alguém que vê defeitos em pessoas impecáveis nunca consegue ganhar prosperidade e fama. Quando dois amigos se dedicam à realização de uma mesma ação, um homem sábio sempre louva aquele entre os dois que toma sobre si mesmo a parte mais pesada do trabalho. Pratique esses deveres de reis que eu tenho te indicado. Coloque teu coração no dever de proteger homens. Tu poderás então obter facilmente a recompensa da virtude. Todas as regiões de felicidade após a morte dependem do mérito!'" (Isto é, aquele que ganha mérito religioso com certeza obterá tais regiões; e como grande mérito pode ser adquirido por cumprir apropriadamente deveres reais um homem pode, por tal conduta, ganhar muita felicidade após a morte.)

121

"Yudhishthira disse, 'Ó avô, tu agora terminaste teu discurso sobre os deveres de reis. Do que tu disseste parece que o Castigo ocupa uma posição elevada e é o senhor de tudo pois tudo depende do Castigo. Parece, ó poderoso, que o Castigo, que possui grande energia e que está presente em todo lugar, é o principal de todos os seres mesmo entre os deuses e Rishis e Pitris de grande alma e Yakshas e Rakshasas e Pisachas e Sadhyas, ou seres vivos neste mundo inclusive feras e aves. Tu disseste que o universo inteiro, móvel e imóvel, incluindo os deuses, Asuras, e homens, pode ser visto como depende do Castigo. Eu agora desejo, ó touro da raça Bharata, saber realmente quem é o Castigo. De que tipo ele é? Qual é sua forma? Qual é a sua disposição? Do que ele é feito? De onde é sua origem? Quais são suas feições? Qual é seu esplendor? Como ele permanece vigilante entre as criaturas vivas tão cuidadosamente? Quem é ele que permanece eternamente vigilante, protegendo este universo? Quem é ele que é conhecido como a principal de todas as coisas? Quem, de fato, é aquele personagem nobre chamado Castigo? Do que é que o Castigo depende? E qual é sua direção?'"

"Bhishma disse, 'Ouça, ó descendente de Kuru, quem é o Castigo e por que ele também é chamado de Vyavahara! Aquilo do qual todas as coisas dependem é chamado de Castigo. É pelo Castigo que a justiça é mantida. Ele é às vezes chamado de Vyavahara. A fim de que a justiça de um rei que é cuidadosamente vigilante não possa sofrer extinção (o Castigo veio a ser chamado por aquele nome). É por esta razão que o nome Vyavahara se torna aplicável a ele. (Vyavahara é vi e avahara, consequentemente aquilo através do qual todos os tipos de apropriação indevida são parados. Ele é um nome aplicado à Lei e administração de justiça.) Antigamente Manu, ó rei, declarou antes de tudo esta verdade, isto é, 'Aquele que protege todas as criaturas, as amadas e as odiosas igualmente, por manejar imparcialmente a vara de Castigo, é considerado como a encarnação da justiça.' Estas palavras que eu disse foram, ó principal dos reis, proferidas nos tempos passados por Manu. Elas representam as palavras sublimes de Brahman. E porque estas palavras foram faladas por primeiro, portanto, elas são conhecidas como as primeiras palavras. E já que é pelo Castigo que a apropriação indevida das posses de outras pessoas é reprimida, portanto o

Castigo veio a ser chamado pelo nome de Vyavahara. O agregado de três sempre depende do Castigo bem aplicado. O Castigo é um grande deus. Em forma ele parece com um fogo ardente. Sua cor é escura como aquela das pétalas do lótus azul. Ele é equipado com quatro dentes, tem quatro braços e oito pernas e muitos olhos. Suas orelhas são pontudas como flechas e seu cabelo se mantém em pé. Ele tem cabelos emaranhados e duas línguas. Seu rosto tem a cor do cobre, e ele está vestido em uma pele de leão. Aquela divindade irresistível assume tal forma feroz. Ele assume também a forma da espada, do arco, da maça, do dardo, do tridente, do malho, da seta, da clava compacta e curta, do machado de batalha, do disco, do laço, da maça pesada, do espadim, da lança, e realmente de todas as espécies de armas que existem na terra. O Castigo se move no mundo. De fato, o Castigo se move sobre a terra, perfurando e ferindo e afligindo e cortando e dividindo e batendo e matando e avançando contra suas vítimas. Estes, ó Yudhishthira, são alguns dos nomes que o Castigo tem: Espada, Sabre, Justiça, Fúria, o Irresistível, o Pai da prosperidade, Vitória, Punidor, Controlador, o Eterno, as Escrituras, Brahmana, Mantra, Vingador, o Principal dos primeiros Legisladores, Juiz, o Imperecível, Deus, o indivíduo cujo rumo é irresistível, o sempre constante, o Primogênito, o indivíduo sem afeição, a Alma de Rudra, o Manu mais velho e o grande Castigo Benfeitor é o santo Vishnu. Ele é o pujante Narayana. E porque ele sempre assume uma forma terrível, portanto, ele é chamado de Mahapurusha. Sua esposa Moralidade é também conhecida pelos nomes de Filha de Brahmana, Lakshmi, Vriti, Saraswati, e Mãe do universo. O Castigo assim tem muitas formas. Bênção e maldição, prazer e dor, justiça e injustiça, força e fraqueza, sorte e desgraça, mérito e demérito, virtude e vício, desejo e aversão, estação e mês, noite e dia, e hora, atenção e negligência, alegria e raiva, paz e autodomínio, destino e esforço, salvação e condenação, medo e destemor, injúria e abstenção de injúria, penitências e sacrifícios e abstinência rígida, veneno e comida saudável, o início, o meio, e o fim, o resultado de todos os atos homicidas, insolência, insanidade, arrogância, orgulho, paciência, política, falta de diplomacia, fraqueza e poder, respeito, desrespeito, decadência e estabilidade, humildade, caridade, conveniência e inconveniência de hora, mentira, sabedoria, verdade, crença, incredulidade, impotência, comércio, lucro, perda, sucesso, derrota, violência, brandura, morte, aquisição e não aquisição, acordo e desacordo, o que deve e o que não deve ser feito, força e fraqueza, malícia e boa vontade, correção e incorreção, vergonha e falta de vergonha, modéstia, prosperidade e adversidade, energia, ações, conhecimento, eloquência, sutileza de Compreensão, todos esses, ó Yudhishthira, são formas do Castigo neste mundo. Então, o Castigo é extremamente multiforme. Se o Castigo não existisse, todas as criaturas teriam oprimido umas às outras. Pelo medo do Castigo, ó Yudhishthira, as criaturas vivas não matam umas às outras. Os súditos, ó rei, sempre protegidos pelo Castigo, aumentam o poder de seu soberano. É por isto que o Castigo é considerado como o principal amparo de todos. O Castigo, ó rei, coloca rapidamente o mundo no caminho da virtude. Dependente da verdade, a virtude existe nos Brahmanas. Dotados de virtude, os principais dos Brahmanas se tornaram apegados aos Vedas. Dos Vedas os sacrifícios fluem. Sacrifícios gratificam as divindades. As divindades, estando gratificadas, elogiam os habitantes da terra para Indra. Para beneficiar os habitantes da terra, Indra lhes dá

alimento (na forma de chuva sem a qual as colheitas e a vegetação seriam insuficientes). A vida de todas as criaturas depende do alimento. Do alimento as criaturas derivam seu sustento e crescimento. O Castigo (na forma do soberano Kshatriya) permanece vigilante entre eles. Para servir a este propósito, o Castigo assume a forma de um Kshatriya entre homens. Protegendo os homens, ele permanece acordado, sempre vigilante e nunca enfraquecendo. O Castigo também tem estes outros oito nomes: Deus, Homem, Vida, Poder, Coração, o Senhor de todas as criaturas, a Alma de todas as coisas, e a Criatura Viva. Deus dá riqueza e a vara de castigo para o rei que possui força (na forma de tropas militares) e que é uma combinação de cinco ingredientes. (Estes são Justiça, Lei, Castigo, Deus e Criatura Viva.) Nobreza de sangue, ministros de grande riqueza, conhecimento, os diferentes tipos de força (tais como força de corpo, energia de mente, etc.), com os oito objetos mencionados abaixo, e a outra força (isto é, aquela que depende de uma tesouraria bem cheia), devem ser buscados pelo rei, ó Yudhishthira. Aqueles oito objetos são os elefantes, cavalos, carros, soldados de infantaria, barcos, operários recrutados (para seguir o acampamento e fazer outros trabalhos), aumento de população, e gados (tais como ovelhas, etc.). Do exército equipado com armaduras e outros equipamentos, os guerreiros em carros, guerreiros em elefantes, cavalaria, infantaria, oficiais, e médicos militares constituem os membros. Mendigos, juízes principais, astrólogos, realizadores de ritos propiciatórios e ritos Atharvan, tesouraria, aliados, cereais, e todos os outros requisitos, constituem o corpo, composto de sete atributos e oito membros, de um reino. O Castigo é outro membro poderoso de um reino. O Castigo (na forma de um exército) é o criador de um reino. O próprio Deus, com grande cuidado, enviou o Castigo para o uso do Kshatriya. Este universo eterno é o próprio Castigo imparcial. Não há nada mais digno de respeito por reis do que o Castigo pelo qual os caminhos da Justiça são indicados. O próprio Brahman, para a proteção do mundo e para determinar os deveres de diferentes indivíduos, enviou (ou criou) o Castigo. Há outro tipo de Vyavahara proveniente da disputa de litigantes o qual também surgiu de Brahman. Principalmente caracterizado por uma crença em um dos dois partidos, aquele Vyavahara é considerado como produtivo de bem. (Este primeiro é a Lei comum, e inclui a lei civil e criminal. Quando um processo civil ou criminal é instituído, o rei ou aqueles que agem em nome do rei devem pedir Evidência e decidir a questão por acreditar em um dos dois partidos. Então segue-se restituição ou punição. Em qualquer um dos dois casos, ele é uma forma de Castigo.) Há outro tipo de Vyavahara que tem o Veda como sua alma. (Este é a lei eclesiástica dos Vedas. Há preceitos ou injunções declaradas naqueles livros sagrados para regular todas as partes do dever humano.) Ele é também citado como tendo o Veda como sua causa. Há, ó tigre entre reis, um (terceiro) tipo de Vyavahara que está relacionado com os costumes familiares mas que é consistente com a escrituras. (O terceiro tipo de Vyavahara ou Lei são os costumes específicos de famílias ou tribos. Aonde eles não são inconsistentes ou em evidente desarmonia com a Lei civil ou criminal estabelecida, ou não são contrários ao espírito da lei eclesiástica como prescrita nos Vedas, eles são mantidos.) Aquele Vyavahara que, como acima, foi citado como sendo caracterizado por uma crença em um de dois partidos litigantes, deve ser conhecido por nós como inerente ao rei. Ele deve também ser conhecido pelo

nome de Castigo, como também pelo nome de Evidência. Embora o Castigo seja visto ser regulado pela Evidência, contudo ele é citado como tendo sua alma em Vyavahara. Aquilo que tem sido chamado de Vyavahara é realmente baseado em preceitos Védicos. (A lei civil ou criminal de um reino deve ser considerada como dependente do rei. Mas como este tipo de lei tem o Veda como sua alma e fluiu originalmente de Brahman, um rei não incorre em pecado por administrá-la e por infligir castigo em sua administração.) O Vyavahara que foi indicado como tendo os Vedas como sua alma é a Moralidade ou dever. Este também produz o bem para as pessoas crentes em dever e moralidade. Homens de almas purificadas falam daquele Vyavahara como eles falam da lei comum. (Isto é, ao falarem de Moralidade e dever dizem que ela é tão obrigatória quanto a lei comum administrada pelos reis.) O terceiro tipo de Vyavahara é também um preceptor de homens, e tem também seus fundamentos no Veda, ó Yudhishthira! Ele mantém os três mundos. Ele tem a Verdade como sua alma e é produtivo de prosperidade. Aquilo que é o Castigo é visto por nós como o eterno Vyavahara (Lei). Aquilo que é considerado como Vyavahara é em verdade o Veda. Aquilo que é o Veda é moralidade, dever. A moralidade e o dever são os caminhos da Justiça. Esta última é a que no início tinha sido o Avô Brahman, aquele Senhor de todas as criaturas. Brahman é o Criador do universo inteiro com os deuses e Asuras e Rakshasas e seres humanos e cobras, e todas as outras coisas. Então o Vyavahara que é caracterizado por uma crença em um dos dois partidos litigantes também fluiu dele. Por esta razão Ele declarou o seguinte a respeito de Vyavahara: Nem mãe, nem pai, nem irmão, nem esposa, nem sacerdote, são não puníveis por aquele rei que governa em conformidade com seu dever.'"

122

"Bhishma disse, 'Em relação a isto é citada a seguinte história antiga. Havia entre os Angas um rei de grande esplendor, chamado Vasuhoma. Aquele rei estava sempre dedicado a atos de piedade, e acompanhado por sua cônjuge ele sempre praticava as penitências mais rígidas. Ele foi ao local chamado Munjaprishtha considerado em alta estima pelos Pitris e Rishis celestes. Lá, naquele pico de Himavat, perto das montanhas douradas de Meru, (o grande Brahmana) Rama, sentado sob a sombra de uma figueira-de-bengala bem conhecida, tinha amarrado seus cabelos emaranhados, (ou, ordenou a remoção de seus cabelos emaranhados, em outras palavras, raspou a cabeça). Desde aquele tempo, ó monarca, o local, que é um retiro favorito de Rudra, veio a ser chamado de Munjaprishtha por Rishis de votos rígidos. O rei Vasuhoma, residindo naquele local, adquiriu muitos atributos pios e, tendo ganhado a estima dos Brahmanas, veio a ser considerado como um Rishi divino em santidade. Um dia, aquele destruidor de inimigos, aquele amigo de Sakra, isto é, o rei Mandhatri de grande alma, foi até Vasuhoma em seu retiro na montanha. Chegando lá, Mandhatri viu o rei Vasuhoma de penitências austeras diante dele em uma atitude de humildade. Vasuhoma ofereceu para seu convidado água para lavar seus pés, e o Arghya consistindo nos artigos costumeiros, e perguntou sobre o bem-estar de

seu reino consistindo em sete membros. Depois disto, Vasuhoma se dirigiu a seu convidado real que seguia fielmente as práticas dos homens justos de antigamente, dizendo, 'O que, ó rei, eu farei por ti?' Assim endereçado, ó alegrador dos Kurus, Mandhatri, aquele melhor dos reis, muito satisfeito, respondeu para Vasuhoma de grande sabedoria sentado comodamente, nas seguintes palavras.'"

"Mandhatri disse, 'Tu, ó rei, estudaste todas as doutrinas de Vrihaspati. Ó melhor dos homens, as doutrinas prescritas por Usanas também são conhecidas por ti. Eu desejo saber qual é a origem do Castigo. O que estava vigilante antes do Castigo? Qual também é considerado como seu fim? Como o Castigo veio a depender do Kshatriya? Diga-me tudo isso, ó tu de grande sabedoria! Eu vim a ti como um discípulo disposto a te dar a remuneração tutorial (isto é, a te reconhecer como tutor).'"

"Vasuhoma disse, 'Escute, ó rei, como o Castigo, o sustentador do mundo, surgiu. A alma da justiça, ele é eterno, e foi criado para manter o devido controle de todas as criaturas. Foi ouvido por nós que uma vez, o Avô de todos os mundos, o divino Brahman, desejando realizar um sacrifício, fracassou em achar um sacerdote possuidor de qualificações como ele mesmo. Por esta razão ele o concebeu em seu cérebro e manteve o feto lá por muitos longos anos. Depois que mil anos tinham passado, o grande deus espirrou. Naquela ação, o feto caiu de sua cabeça. O ser divino, ó castigador de inimigos, que assim nasceu de Brahman foi chamado pelo nome de Kshupa. Possuidor de grandes poderes, ele se tornou um senhor de criaturas. Kshupa se tornou o sacerdote, ó rei, no sacrifício do Avô de grande alma. Após o começo daquele sacrifício de Brahman, ó melhor dos reis, o Castigo desapareceu por causa da forma visível que o Avô foi então obrigado a assumir. (Visto que o Avô, que era o governador do universo, assumiu o aspecto brando e pacífico de um sacrificador, o Castigo o qual tinha morado em sua forma furiosa não podia mais existir.) O Castigo tendo desaparecido, uma grande confusão surgiu entre todas as criaturas. Não havia mais nenhuma distinção entre o que devia e o que não devia ser feito. Toda distinção, também, entre alimento puro e impuro cessou. Os homens cessaram de distinguir entre qual bebida era permitida e qual não era. Todas as criaturas começaram a prejudicar umas às outras. Não haviam restrições na questão da união dos sexos. Toda a idéia de propriedade cessou. Todas as criaturas começaram a roubar, e apanhar carne umas das outras. Os fortes começaram a matar os fracos. Ninguém nutria a menor consideração por seu vizinho. O Avô então, tendo adorado o divino e eterno Vishnu, se dirigiu àquele grande deus concessor de bênçãos, dizendo, 'Cabe a ti, ó Kesava, mostrar piedade na presente ocasião. Que seja ordenado por ti de modo que a confusão que ocorreu possa desaparecer.' Assim endereçada, aquela principal das divindades, armada com um enorme Sula, tendo refletido muito, criou a si mesmo na forma de Castigo. Daquela forma, tendo a Justiça como suas pernas, a deusa Saraswati criou Danda-niti (Ciência de Castigo) a qual logo se tornou célebre pelo mundo. Depois disto o grande deus armado com a enorme Sula, tendo novamente refletido por algum tempo, nomeou uns poucos entre os deuses como os senhores ou soberanos de suas respectivas classes. Foi então

que ele fez o divino Indra de mil olhos o soberano das divindades. Yama, o filho de Vivaswat, foi feito o senhor dos Pitris. Kuvera foi feito o senhor dos tesouros e de todos os Rakshasas. Meru foi feito o rei das montanhas, e Oceano foi feito o senhor dos rios. O poderoso Varuna foi instalado na soberania das águas e dos Asuras. A Morte foi feita o senhor da vida e de todas as coisas vivas, e o Fogo foi nomeado como o senhor de todas as coisas possuidoras de energia. O pujante Isana, o eterno Mahadeva de grande alma, de três olhos, foi feito o senhor dos Rudras. Vasishtha foi feito o senhor dos Brahmanas, e Jatavedas foi feito o chefe dos Vasus. Surya foi feito o senhor de todos os corpos luminosos, e Chandramas foi feito o rei das Estrelas e constelações. Ansumat foi feito o senhor de todas as ervas, e o pujante e principal das divindades, isto é, Kumara ou Skanda, de doze braços, foi feito o chefe de todos os espíritos e seres fantasmais (que servem Mahadeva). O Tempo, possuindo as sementes da destruição e do crescimento, foi feito o soberano de todas as criaturas como também das quatro partes da Morte (isto é, armas, doenças, Yama, e ações) e por fim da dor e da alegria. Os Srutis declaram que o deus supremo Mahadeva, o senhor dos senhores, ó rei, armado com Sula, é o chefe dos Rudras. A vara de castigo foi dada para o filho de Brahman de nascimento subsequente, isto é, Kshupa, aquele senhor de todas as criaturas e a principal de todas as pessoas virtuosas. Após a conclusão daquele sacrifício de acordo com os ritos devidos, Mahadeva, depois de fazer reverência apropriada transferiu o Castigo, aquele protetor da Justiça, para Vishnu. Vishnu o deu para Angiras; e Angiras, aquele principal dos ascetas, o transferiu para Indra e Marichi. Marichi o deu para Bhrigu. Bhrigu deu aquela vara destinada à proteção da justiça para todos os Rishis. Os Rishis a deram para os Regentes do mundo, e os Regentes a transferiram novamente para Kshupa. Kshupa então a transferiu para Manu, o filho de Surya. A divindade de Sraddhas (isto é, Manu), a deu para seus filhos por causa da justiça e riqueza verdadeiras. O Castigo deve ser infligido com discernimento, guiado pela justiça e não por capricho. Ele é destinado a reprimir os maus. Multas e confiscos são planejados para causar alarme, e não para encher a tesouraria do rei. A mutilação do corpo ou a imposição de morte não devem proceder de causas triviais. A imposição de dor física por diversos meios, o arremesso de topos de montanhas, e o banimento também, não devem proceder de causas similares. Manu, o filho de Surya deu a vara de castigo (para seus filhos) para a proteção do mundo. O Castigo, nas mãos de sucessivos portadores, permanece desperto, protegendo todas as criaturas. No topo da escala, o divino Indra está desperto (com a vara de castigo); depois dele, Agni de chamas ardentes; depois dele, Varuna; depois de Varuna, Prajapati; depois de Prajapati, a Justiça cuja essência consiste no controle (disciplina); depois da Justiça o filho de Brahman, isto é, a Lei eterna; depois da Lei, a Energia está desperta, empenhada no ato de proteção; depois da Energia, as ervas (oferecidas em sacrifícios para manter os deuses e usadas como alimento e remédios); depois das ervas, as montanhas; depois das montanhas, todas as espécies de sucos e seus atributos; depois destes, a deusa Niriti; depois de Niriti, os planetas e os corpos luminosos no céu; depois destes, os Vedas; depois dos Vedas, a poderosa forma de Vishnu com cabeça equina; depois dele, o onipotente e eterno Avô, isto é, Brahman; depois do Avô, o divino e abençoado Mahadeva; depois de Mahadeva, os Viswedevas; depois deles, os grandes Rishis; depois dos Rishis o divino Soma;

depois de Soma, as divindades que são todas eternas; depois das divindades, saiba que os Brahmanas estão despertos. Depois dos Brahmanas, os Kshatriyas estão protegendo justamente todas as criaturas. O universo eterno, consistindo em criaturas móveis e imóveis, é mantido desperto pelos Kshatriyas. Criaturas são mantidas despertas neste mundo, e o Castigo está alerta entre elas. Possuidor de esplendor parecendo aquele do próprio Avô, o Castigo mantém junto e sustenta tudo. O Tempo, ó Bharata, está sempre desperto, no início, no meio, e no fim. O mestre de todos os mundos, o senhor de todas as criaturas, o poderoso e abençoado Mahadeva, o deus dos deuses, está sempre desperto. Ele é chamado por estes nomes também, Kapardin, Sankara, Rudra, Bhava, Sthanu e o marido de Uma. Assim o Castigo também se mantém desperto no início, no meio, e no fim. Um rei virtuoso deve governar devidamente, guiado pelo Castigo.'"

"Bhishma continuou, 'A pessoa que escuta a este ensinamento de Vasuhoma, e tendo-o escutado se comporta de acordo com seu mandato, com certeza obterá a realização de todos os seus desejos. Eu agora, ó touro entre homens, te disse tudo sobre quem é o Castigo, aquele controlador do universo que é governado pela justiça.'"

123

"Yudhishthira disse, 'Eu desejo, ó senhor, ouvir as conclusões definitivas sobre o assunto de Virtude, Riqueza, e Prazer. Dependendo de qual destes o curso da vida procede? Quais são as respectivas bases de Virtude, Riqueza, e Prazer? Quais também são os resultados destes três? Eles são às vezes vistos se misturarem uns com os outros, e às vezes existir separadamente e independentemente uns dos outros.'"

"Bhishma disse, 'Quando os homens neste mundo se esforçam com bons corações obter Riqueza com a ajuda da Virtude, então estes três, isto é, Virtude, Riqueza, e Prazer, podem ser vistos coexistindo em um estado de união em relação a tempo, causa, e ação. (Isso pode ser ilustrado pela ação de um marido virtuoso procurando ato sexual com sua esposa na época apropriada. Há mérito religioso na realização dos ritos conhecidos pelo nome de Garbhadhana; há prazer no próprio ato; e no fim, riqueza ou lucro na forma de um filho é também obtida.) A Riqueza tem sua base na Virtude, e o Prazer é considerado o fruto da Riqueza. Todos os três também têm sua base na Vontade. A Vontade tem relação com os objetos. Todos os objetos, também, em sua totalidade, existem para satisfazer o desejo de prazer. Destes então o agregado de três depende. Total abstração de todos os objetos é a Emancipação. É dito que a Virtude é buscada para a proteção do corpo, e a Riqueza é para aquisição de Virtude. Prazer é somente a satisfação dos sentidos. Todos os três têm, portanto, a qualidade de Paixão. (Há três qualidades ou atributos que caracterizam as ações humanas, isto é, Bondade, Paixão, e Ignorância. Desta maneira Virtude, Riqueza e Prazer, portanto, não são objetos de busca muito superiores. Somente as coisas que possuem o atributo de Bondade são dignas de busca.) Virtude, Riqueza, e Prazer,

quando procurados por causa do céu ou outras recompensas, são citados como distantes porque as próprias recompensas estão distantes. Quando buscados, no entanto, por causa do Conhecimento do Eu, eles são citados como próximos. Uma pessoa deve buscá-los quando eles são de tal caráter. (Isto é, uma pessoa deve buscar virtude somente para atingir pureza de alma; Riqueza para que ela possa gastá-las em atos praticados sem desejo de resultado; e Prazer somente para sustentar o corpo.) Não se deve rejeitá-los nem mentalmente. Se Virtude, Riqueza, e Prazer devem ser abandonados, alguém deve abandoná-los quando já se libertou por meio de penitências ascéticas. O alvo do agregado triplo é em direção à emancipação. O homem pode obtê-la! As ações, empreendidas e completadas mesmo com a ajuda da inteligência, podem ou não podem levar aos resultados esperados. A Virtude não é sempre a base da Riqueza, pois outras coisas além da Virtude levam à Riqueza (tais como serviço, agricultura, etc.). Há também uma opinião contrária (pois alguns dizem que a Riqueza é ganha por sorte ou nascimento ou causas parecidas). Em alguns casos, a Riqueza adquirida foi produtiva de mal. Outras coisas também além da Riqueza (tais como jejuns e votos) têm levado à aquisição de Virtude. Em relação a este tópico, portanto, um estúpido cuja compreensão foi degradada pela ignorância, nunca consegue alcançar o mais alto objetivo da Virtude e da Riqueza, isto é, a Emancipação. A escória da Virtude consiste no desejo de recompensa; a escória da Riqueza consiste em somente acumulá-la; quando purgadas destas impurezas, elas produzem resultados grandiosos. Sobre isto é citada a narrativa da conversa que ocorreu antigamente entre Kamandaka e Angaristha. Um dia, o rei Angaristha, tendo esperado pela oportunidade, saudou o Rishi Kamandaka quando ele estava sentado comodamente e fez a ele as seguintes perguntas, 'Se um rei, forçado por luxúria e tolice, comete pecados dos quais ele se arrepende depois, por quais atos, ó Rishi, aqueles pecados podem ser destruídos? Se também um homem, impelido pela ignorância, faz o que é pecaminoso acreditando que está agindo corretamente, como o rei porá um fim naquele pecado que entrou em voga entre os homens?'"

"Kamandaka disse, 'O homem que, abandonando Virtude e Riqueza busca somente o Prazer, colhe como a consequência de tal conduta a destruição de sua inteligência. A destruição da inteligência é seguida pela negligência que é destrutiva ao mesmo tempo de Virtude e Riqueza. De tal negligência procede o ateísmo terrível e a maldade sistemática de conduta. Se o rei não reprime aqueles homens vis de conduta pecaminosa, todos os bons súditos então vivem com medo como o ocupante de um quarto dentro do qual uma cobra se esconde. Os súditos não seguem tal rei. Os Brahmanas e todas as pessoas virtuosas também agem da mesma maneira. Como uma consequência o rei incorre em grande perigo, e enfim no risco da própria destruição. Alcançado por infâmia e insulto, ele tem que se arrastar em uma existência miserável. Uma vida de infâmia, no entanto, é igual à morte. Homens versados nas escrituras têm indicado os seguintes meios de controlar o pecado. O rei deve sempre se dedicar ao estudo dos três Vedas. Ele deve respeitar os Brahmanas e fazer bons préstimos a eles. Ele deve ser dedicado à justiça. Ele deve fazer alianças com famílias nobres. Ele deve visitar Brahmanas generosos adornados com a virtude de bondade. Ele deve realizar

abluções e recitar mantras sagrados e assim passar seu tempo alegremente. Banindo todos os maus súditos para longe dele mesmo e de seu reino, ele deve procurar a companhia de homens virtuosos. Ele deve gratificar todas as pessoas por palavras ou boas ações. Ele deve dizer a todos, 'Eu sou seu,' e proclamar as virtudes até de seus inimigos. Por seguir tal conduta ele poderá logo se purificar de seus pecados e ganhar o maior respeito de todos. Sem dúvida, por tal conduta todos os seus pecados serão destruídos. Tu deves realizar todos aqueles deveres excelentes que teus superiores e preceptores indicarem. Tu com certeza obterás grandes bênçãos pela graça de teus superiores e preceptores.'"

124

"Yudhishthira disse, 'Todas as pessoas sobre a terra, ó principal dos homens, louvam o comportamento virtuoso. Eu tenho, no entanto, grandes dúvidas em relação a este objeto de seu louvor. Se o tópico puder ser compreendido por nós, ó principal dos homens virtuosos, eu desejo saber tudo sobre o modo pelo qual o comportamento virtuoso pode ser adquirido. Como de fato, aquele comportamento é adquirido, ó Bharata? Eu desejo saber isto. Diga-me também, ó principal dos oradores, quais são as características daquele comportamento.'"

"Bhishma disse, 'Antigamente, ó concessor de honras, Duryodhana enquanto queimava de angústia à visão daquela prosperidade bem conhecida pertencente a ti e a teus irmãos em Indraprastha e pelas zombarias que ele recebeu por causa de seus equívocos na grande mansão, fez para seu pai Dhritarashtra a mesma pergunta. Escute ao que ocorreu naquela ocasião, ó Bharata! Tendo visto aquela tua mansão grandiosa e aquela grande prosperidade da qual tu eras dono, Duryodhana, enquanto sentado diante de seu pai, falou do que ele tinha visto para o último. Tendo ouvido as palavras de Duryodhana, Dhritarashtra, dirigindo-se a seu filho e a Karna, respondeu a ele o seguinte.'"

Dhritarashtra disse, 'Por que tu sofres, ó filho? Eu desejo saber a causa em detalhes. Se depois de averiguar as razões elas parecerem ser adequadas, eu então me esforçarei para te instruir. Ó subjugador de cidades hostis, tu também obtiveste grande riqueza. Todos os teus irmãos são sempre obedientes a ti, como também teus amigos e parentes. Tu cobres teus membros com as melhores vestes. Tu comes o mais rico alimento. Corcéis da melhor espécie te conduzem. Por que então tu te tornaste pálido e emaciado?'"

Duryodhana disse, 'Dez milhares de Brahmanas Snataka de grande alma comem diariamente no palácio de Yudhishthira em pratos de ouro. Vendo sua mansão excelente adornada com flores e frutos excelentes, seus corcéis das raças Tittiri e Kalmasha, seus mantos de diversos tipos, de fato, contemplando a grande prosperidade de meus inimigos, os filhos de Pandu, uma prosperidade que parece com a grande riqueza do próprio Vaisravana, eu estou queimando de angústia, ó Bharata!'"

Dhritarashtra disse, 'Se tu desejas, ó majestade, ganhar prosperidade como aquela de Yudhishthira ou até uma superior a ela, então, ó filho, te esforce para ter um comportamento virtuoso. Sem dúvida, alguém pode, só pelo comportamento, conquistar os três mundos. Não há nada impossível de ser alcançado por pessoas de comportamento virtuoso. Mandhatri conquistou o mundo inteiro no curso de uma única noite, Janamejaya, no curso de três; e Nabhaga, no curso de sete. Todos estes reis eram possuidores de compaixão e de comportamento virtuoso. Por esta razão a terra veio para eles por sua própria vontade, conquistada por sua virtude.'"

"Duryodhana disse, 'Eu desejo saber, ó Bharata, como aquele comportamento pode ser adquirido, isto é, aquele comportamento pelo qual a terra foi conquistada tão depressa (pelos reis citados por ti).'"

"'Dhritarashtra disse, 'Em relação a isto, a narrativa seguinte é citada. Ela foi recitada antigamente por Narada sobre o assunto do comportamento virtuoso. Nos tempos passados, o Daitya Prahlada, pelo mérito de seu comportamento, arrebatou de Indra de grande alma sua soberania e reduziu os três mundos à submissão. Sukra então, com mãos unidas, se aproximou de Vrihaspati. Possuidor de grande sabedoria, o chefe dos celestiais se dirigiu ao grande preceptor, dizendo, 'Eu desejo que tu me digas qual é a fonte da felicidade'. Assim endereçado, Vrihaspati disse a ele que o Conhecimento (que leva à emancipação) é a fonte da maior felicidade. De fato, Vrihaspati indicou o Conhecimento como a fonte da felicidade suprema. Indra, no entanto, mais uma vez perguntou se não havia nada maior do que isto.'"

"Vrihaspati disse, 'Há uma coisa, ó filho, que é ainda mais elevada. Bhargava de grande alma (Usanas) te instruirá melhor. Vá até ele, abençoado sejas, e pergunte para ele, ó chefe dos celestiais!' Possuidor de grande mérito ascético e dotado de grande esplendor, o chefe dos celestiais então foi até Bhargava e obteve dele com um coração ratificado, um conhecimento do que era para o seu maior bem. Obtendo a permissão de Bhargava de grande alma, o realizador de cem sacrifícios mais uma vez perguntou ao sábio se havia alguma coisa maior (como meio para a aquisição de felicidade) do que o sábio já tinha dito. O onisciente Bhargava disse, 'Prahlada de grande alma tem um conhecimento melhor.' Sabendo disto, Indra ficou muito satisfeito. O castigador de Paka, possuidor de grande inteligência, assumiu a forma de um Brahmana, e indo até Prahlada, o questionou dizendo, 'Eu desejo saber o que leva à felicidade.' Prahlada respondeu ao Brahmana, dizendo, 'Ó principal dos regenerados, eu não tenho tempo, estando totalmente ocupado na tarefa de governar os três mundos, eu não posso, portanto, te instruir.' O Brahmana disse, 'Ó rei, quando tu puderes ter um tempo livre, eu desejo escutar às tuas instruções sobre qual rumo de conduta produz o bem.' A esta resposta, o rei Prahlada ficou encantado com aquele proferidor de Brahma. Dizendo, 'Assim seja' ele aproveitou uma oportunidade favorável para dar ao Brahmana as verdades de conhecimento. O Brahmana manteve devidamente em direção a Prahlada a conduta que um discípulo deveria manter para com seu preceptor, e começou com todo o seu coração a fazer o que Prahlada desejava. Várias vezes o Brahmana perguntou,

dizendo, 'Ó castigador de inimigos, por quais meios tu foste capaz de ganhar a soberania dos três mundos? Diga-me, ó rei justo, quais são aqueles meios.' Prahlada, ó monarca, respondeu a pergunta do Brahmana.'"

"Prahlada disse, 'Eu, ó regenerado, não sinto nenhum orgulho por ser um rei, nem tenho algum sentimento hostil pelos Brahmanas. Por outro lado, eu aceito e sigo os conselhos de política que eles me declaram baseados nos ensinos de Sukra. Em completa confiança eles me dizem o que eles desejam dizer, e me impedem de comportamentos que são injustos ou impróprios. Eu sou sempre obediente aos ensinos de Sukra. Eu visito e sirvo os Brahmanas e meus superiores. Eu não tenho malícia. Eu tenho uma alma virtuosa. Eu conquistei a ira. Eu tenho autodomínio, e todos os meus sentidos estão sob meu controle. Os regenerados que são meus instrutores despejam instruções benéficas sobre mim como abelhas colocando mel nas cavidades de seus favos. Eu provo o néctar derramado por aqueles homens eruditos, e como a Lua entre as constelações eu vivo entre os membros de minha raça. Isto mesmo é néctar sobre a terra, esta é a visão mais clara, isto é, escutar ao ensinamento de Sukra dos lábios de Brahmanas e agir de acordo com eles. Nisto consiste o bem de um homem.' Assim disse Prahlada para aquele proferidor de Brahma. Servido respeitosamente por ele, o chefe dos Daityas mais uma vez disse, 'Ó principal dos regenerados, eu estou extremamente satisfeito contigo por teu comportamento respeitoso para comigo. Peça de mim o benefício que desejas, abençoado sejas, pois em verdade eu concederei o que tu pedires.' O Brahmana respondeu ao chefe dos Daityas dizendo, 'Muito bem. Eu te obedecerei.' Prahlada, satisfeito com ele, disse, 'Pegue o que desejas."'

"O Brahmana disse, 'Se, ó rei, tu estás satisfeito comigo e se tu desejas fazer o que é agradável para mim, eu desejo então adquirir o teu comportamento. É esta a bênção que eu peço.' Nisto, embora encantado, Prahlada se encheu de grande medo. De fato, quando este benefício foi indicado pelo Brahmana, o chefe Daitya pensou que o solicitante não poderia ser uma pessoa de energia comum. Muito admirado, Prahlada finalmente disse, 'Assim seja'. Tendo, no entanto, concedido o benefício, o chefe Daitya se encheu de angústia. O Brahmana, tendo recebido o benefício, foi embora, mas Prahlada, ó rei, foi tomado por uma ansiedade profunda e não sabia o que fazer. Quanto o chefe Daitya sentou-se meditando sobre a questão, uma chama de luz saiu de seu corpo. Ela tinha uma forma indistinta de grande esplendor e proporções enormes. Prahlada questionou a forma, dizendo, 'Quem és tu?' A forma respondeu, dizendo, 'Eu sou a encarnação do teu Comportamento. Rejeitado por ti eu estou indo embora. Eu irei de agora em diante, ó rei, habitar naquele impecável e principal dos Brahmanas que se tornou teu discípulo devotado.' Tendo dito estas palavras, a forma desapareceu e logo depois entrou no corpo de Sakra. Depois do desaparecimento daquela forma, outra forma parecida saiu do corpo de Prahlada. O chefe Daitya se dirigiu a ela, dizendo, 'Quem és tu?' A forma respondeu, dizendo, 'Me conheça, ó Prahlada, como a encarnação da Justiça. Eu irei para lá onde aquele principal dos Brahmanas está, pois, ó chefe dos Daityas, eu resido onde o Comportamento mora.' Após o desaparecimento da Justiça, uma terceira forma, ó monarca,

brilhante com esplendor, emergiu do corpo de Prahlada de grande alma. Questionada por Prahlada sobre quem ela era, aquela forma possuidora de grande refulgência respondeu, dizendo, 'Saiba, ó chefe dos Daityas, que eu sou a Verdade. Eu te deixarei, seguindo o caminho da Justiça.' Depois que a Verdade tinha deixado Prahlada, seguindo o mesmo caminho da Justiça, outra grande personalidade saiu do corpo de Prahlada. Questionado pelo rei dos Daityas, o ser poderoso respondeu, 'Eu sou a encarnação dos Bons atos. Saiba, ó Prahlada, que eu vivo onde a Verdade vive.' Depois que ele tinha deixado Prahlada, outro ser emergiu, proferindo gritos altos e profundos. Endereçado por Prahlada, ele respondeu, 'Saiba que eu sou o Poder. Eu moro onde os Bons atos estão.' Tendo dito essas palavras, o Poder partiu para o local onde os Bons atos tinham ido. Depois disto, uma deusa de grande refulgência saiu do corpo de Prahlada. O chefe Daitya lhe perguntou e ela respondeu dizendo que ela era a encarnação da Prosperidade, somando, 'Eu habitei em ti, ó herói, ó tu de destreza incapaz de ser frustrada! Rejeitada por ti, eu seguirei o mesmo caminho do Poder.' Prahlada de grande alma, dominado por um grande medo, mais uma vez questionou a deusa, dizendo, 'Aonde tu vais, ó deusa, ó tu que moras em meio a lotos? Tu és sempre dedicada à verdade, ó deusa, e és a principal das divindades. Quem é aquele principal dos Brahmanas (que foi meu discípulo)? Eu desejo saber a verdade.'

A deusa da Prosperidade disse, 'Devotado ao voto de Brahmacharya, o Brahmana que foi instruído por ti era Sukra. Ó pujante, ele te roubou aquela soberania que tu tinhas sobre os três mundos. Ó justo, foi pelo teu comportamento que tu reduziste os três mundos à submissão. Sabendo disto, o chefe dos celestiais roubou o teu comportamento. A Justiça e a Verdade e os Bons atos e o Poder e eu mesma, ó tu de grande sabedoria, todos temos realmente as nossas bases no Comportamento.'"

"Bhishma continuou, 'Tendo dito estas palavras, a deusa da Prosperidade foi embora, como também o resto, ó Yudhishthira! Duryodhana, mais uma vez se dirigindo a seu pai, disse estas palavras: 'Ó alegrador dos Kurus, eu desejo saber a verdade a respeito do Comportamento. Diga-me os meios pelos quais ele pode ser adquirido.'"

"Dhritarashtra disse, 'Aqueles meios foram indicados por Prahlada de grande alma enquanto discursava para Indra. Escute, no entanto, ó soberano de homens, em resumo como o Comportamento pode ser adquirido. Abstenção de ferir por meio de ações, pensamentos, e palavras, em relação a todas as criaturas, compaixão, e caridade, constituem o comportamento que é digno de louvor. Aquele ato ou esforço pelo qual outros não são beneficiados, ou aquele ato pelo qual uma pessoa tem que sentir vergonha, nunca devem ser feitos. Deve ser feito, por outro lado, aquele ato pelo qual uma pessoa pode ganhar louvor em sociedade. Ó melhor dos Kurus, eu agora te disse em resumo o que é o Comportamento. Se, ó rei, pessoas de comportamento pecaminoso alguma vez ganham prosperidade, elas não desfrutam dela por muito tempo, ó filho, e são vistas serem exterminadas pela raiz.'"

"Dhritarashtra continuou, 'Conhecendo tudo isto realmente, ó filho, tenha bom comportamento, se tu desejas obter uma prosperidade maior do que aquela de Yudhishthira.'"

"Bhishma continuou, 'Foi isso mesmo que o rei Dhritarashtra disse para seu filho. Aja de acordo com estas instruções, ó filho de Kunti, e tu irás então sem dúvida obter seus resultados.'"

125

"Yudhishthira disse, 'Tu disseste, ó avô, que o comportamento é o primeiro (dos requisitos para um homem). De onde, no entanto, surge a Esperança? Diga-me o que ela é. Esta grande dúvida tomou posse da minha mente. Não há outra pessoa além de ti, ó subjugador de cidades hostis, que possa removê-la. Ó avô, eu tinha uma grande esperança em relação a Suyodhana, que quando uma batalha estivesse prestes a se seguir (por causa de sua própria teimosia), ele iria, ó senhor, fazer o que era apropriado. Em todo homem a esperança é grande. Quando aquela esperança é destruída, grande é a angústia que se sucede, a qual, sem dúvida, é quase igual à própria morte. Tolo que eu sou, o filho de Dhritarashtra de alma pecaminosa, Duryodhana, destruiu a esperança que eu nutria. Veja, ó rei, a tolice da minha mente! Eu penso que a esperança é mais vasta do que uma montanha com todas as suas árvores. Ou, talvez, ela é mais vasta do que o próprio firmamento. Ou, talvez, ó rei, ela seja realmente incomensurável. A Esperança, ó chefe dos Kurus, é extremamente difícil de ser entendida e igualmente difícil de ser subjugada. Vendo este último atributo da Esperança eu pergunto, o que mais é tão inconquistável quanto ela?'"

"Bhishma disse, 'Eu narrarei para ti, ó Yudhishthira, sobre isto, a conversa entre Sumitra e Rishabha que ocorreu antigamente. Escute-a. Um sábio nobre da linhagem Haihaya, de nome Sumitra, saiu para caçar. Ele perseguia um veado, tendo-o perfurado com uma flecha reta. Possuidor de grande força, o veado correu adiante, com a seta fincada nele. O rei também era possuidor de grande força, e ele consequentemente perseguiu sua presa com grande velocidade. O animal, dotado de velocidade, rapidamente transpôs um terreno baixo e então uma planície nivelada. O rei, jovem, ativo e forte, e armado com arco e espada e envolvido em cota de malha, ainda o perseguiu. Desacompanhado, ao perseguir o animal através da floresta o rei cruzou muitos rios e correntes e lagos e matagais. Dotado de grande velocidade, o animal, à sua vontade, se mostrando ocasionalmente ao rei, corria adiante com grande rapidez. Perfurado com muitas flechas pelo rei, aquele habitante da selva, ó monarca, como se em esporte, repetidamente diminuía a distância entre si mesmo e o perseguidor. Repetidamente aplicando sua velocidade e atravessando uma floresta depois da outra, ele ocasionalmente se mostrava ao rei em um ponto próximo. Finalmente aquele destruidor de inimigos, pegando uma flecha muito superior, afiada, terrível, e capaz de penetrar nos próprios órgãos vitais, fixou-a na corda de seu arco. O animal então, de proporções enormes, como se risse dos esforços do perseguidor

se distanciou dele de repente por alcançar um ponto quatro milhas completas à frente do alcance da flecha. Aquela flecha de esplendor brilhante consequentemente caiu ao chão. O veado entrou em uma grande floresta mas o rei ainda continuou a persegui-lo.'"

126

"Bhishma disse, 'O rei, tendo entrado naquela floresta grande, chegou a um retiro de ascetas. Fatigado com o esforço que ele tinha feito, ele se sentou para descansar. Vendo-o armado com arco, desgastado pelo esforço, e faminto, os ascetas se aproximaram e o honraram de forma apropriada. Aceitando as honras oferecidas pelos Rishis, o rei lhes perguntou sobre o progresso e avanço de suas penitências. Tendo respondido devidamente as perguntas do rei, aqueles Rishis dotados de riqueza de ascetismo perguntaram àquele tigre entre os soberanos sobre a razão que levou seus passos àquele retiro. E eles disseram, 'Abençoado sejas, em busca de qual objeto encantador, ó rei, tu vieste a este retiro, andando a pé e armado com espada e arco e setas? Nós desejamos saber de onde tu vens, ó dador de honras. Diga-nos também em que linhagem tu nasceste e qual é teu nome.' Assim endereçado, ó touro entre homens, o rei prosseguiu para dar devidamente a todos aqueles Brahmanas um relato sobre si mesmo, ó Bharata, dizendo, 'Eu nasci na linhagem dos Haihayas. Por nome eu sou Sumitra, e eu sou o filho de Mitra. Eu caço bandos de veados, matando-os aos milhares com minhas setas. Acompanhado por uma grande tropa e por meus ministros e pelas senhoras de minha família, eu saí em uma expedição de caça. Eu perfurei um veado com uma seta, mas o animal com a flecha fincada em seu corpo correu com grande velocidade. Ao persegui-lo eu cheguei, sem um propósito determinado, a esta floresta e me encontro em sua presença, desprovido de esplendor, cansado de me esforçar, e com esperança frustrada. O que pode ser mais deplorável do que isto, isto é, que eu tenha chegado a este retro, esgotado pela fadiga, desprovido dos sinais de realeza, e privado de minha esperança? Eu não estou arrependido em absoluto, ó ascetas, por estar agora desprovido dos sinais de realeza ou por estar agora longe da minha capital. Eu sinto, no entanto, uma dor pungente por minha esperança ter sido frustrada. O príncipe das montanhas, isto é, Himavat, e aquele vasto receptáculo de águas, o oceano, não podem, por sua imensidão, medir a extensão do firmamento. Ó ascetas, da mesma maneira, eu também não posso discernir o limite da esperança. Vocês que são dotados de riqueza de penitências são oniscientes. Não há nada desconhecido para vocês. Vocês são também altamente abençoados. Eu portanto, peço a vocês que esclareçam minha dúvida. Esperança como nutrida pelos homens, e o vasto firmamento, qual destes dois parece maior para vocês? Eu desejo saber em detalhes o que é tão inconquistável quanto a esperança. Se o tópico for um sobre o qual não lhes é impróprio discursar, então me digam tudo sobre isto sem demora. Eu não desejo, ó principais dos regenerados, ouvir qualquer coisa de vocês que possa ser um mistério impróprio para se falar. Se também o discurso for prejudicial para suas penitências, eu não desejo que vocês falem. Se a pergunta feita por mim for um

tópico digno para se falar, eu então desejo ouvir a causa em detalhes. Dedicados a penitências como vocês são, vocês todos me instruam sobre o assunto.'"

127

"Bhishma disse, 'Então aquele melhor dos Rishis, isto é, o regenerado Rishabha, sentado no meio de todos aqueles Rishis, sorriu um pouco e disse estas palavras: 'Antigamente, ó tigre entre reis, enquanto viajava entre lugares sagrados, eu cheguei, ó senhor, no belo retiro de Nara e Narayana. Lá há um local encantador chamado Vadri, e lá também se encontra aquele lago no firmamento (à grande altura nos Himalayas, de onde a sagrada Ganga tem sua fonte). Lá o sábio Aswasiras, ó rei, (sempre) lê os Vedas eternos. Tendo realizado minhas abluções naquele lago e oferecido com os ritos devidos oblações de água aos Pitris e animais, eu entrei no retiro. Dentro daquele retiro os Rishis Nara e Narayana sempre passam seu tempo em verdadeira alegria. (Acredita-se que os espíritos daqueles dois sábios imortais moram para sempre naquele retiro no desfrute de verdadeira felicidade.) Não longe daquele local eu fui para outro retiro para fixar minha residência. Enquanto estava lá eu vi um Rishi muito alto e emaciado, vestido em trapos e peles, vindo em minha direção. Possuidor de riqueza de penitências, ele se chamava Tanu. Comparado, ó poderosamente armado, com outros homens, sua altura parecia ser oito vezes maior. Em relação à sua magreza, ó sábio real, eu posso dizer que eu nunca vi ninguém parecido. O corpo dele, ó rei, era tão magro quanto o dedo mínimo de uma pessoa. Seu pescoço e braços e pernas e cabelos eram todos de um aspecto extraordinário. Sua cabeça era proporcional ao seu corpo, e suas orelhas e olhos também eram o mesmo. Sua fala, ó melhor dos reis, e seus movimentos eram extremamente fracos. Contemplando aquele Brahmana extremamente emaciado eu fiquei muito triste e assustado. Saudando seus pés, eu fiquei perante ele com mãos unidas. Tendo-o informado de meu nome e família, e tendo dito a ele também o nome de meu pai, ó touro entre homens, eu me sentei lentamente em um assento que foi indicado por ele. Então, ó monarca, aquele principal dos homens virtuosos, isto é, Tanu, começou a falar no meio dos Rishis que moravam naquele retiro sobre tópicos ligados com Justiça e Lucro. Enquanto ele estava falando, um rei, possuidor de olhos como pétalas de lótus e acompanhado por suas tropas e as damas de sua família, chegou àquele local em um carro puxado por corcéis velozes. O nome daquele rei era Viradyumna. De belas feições, ele possuía grande fama. O nome do filho dele era Bhuridyumna. O filho tinha se perdido, e o pai, extremamente triste, chegou lá no decurso de suas viagens em meio à floresta à procura do desaparecido. 'Eu acharei meu filho aqui!' 'Eu acharei meu filho aqui!' Arrastado adiante pela esperança desta maneira, o rei vagava por aquela floresta naqueles dias. Dirigindo-se ao Rishi emaciado ele disse, 'Sem dúvida aquele meu filho altamente virtuoso é extremamente difícil de ser localizado por mim. Ai, ele era meu único filho. Ele está perdido e não pode ser achado em lugar nenhum! Embora incapaz de ser descoberto, minha esperança, no entanto, de achá-lo é muito grande. Cheio daquela esperança (a qual está

sendo frustrada constantemente), eu estou em verdade prestes a morrer.' Ouvindo essas palavras do rei, aquele principal dos Munis, isto é, o santo Tanu, permaneceu por um tempo curto com a cabeça baixa e mergulhado em contemplação. Vendo-o mergulhado em contemplação, o rei ficou extremamente triste. Em grande angústia ele começou a dizer lentamente e suavemente, 'O que, ó Rishi celeste, é mais inconquistável e o que é maior do que a esperança? Ó santo, me diga isto se eu puder ouvi-lo sem impropriedade.'"

"O Muni disse, 'Um Rishi poderoso e santo foi insultado por teu filho. Ele fez isso por má sorte, movido por sua compreensão superficial. O Rishi tinha pedido ao teu filho um jarro dourado e cascas vegetais. Teu filho desdenhosamente se recusou a satisfazer o asceta. Tratado dessa maneira por teu filho, o grande sábio ficou desapontado.' Assim endereçado, o rei adorou aquele asceta que era adorado por todo o mundo. De alma virtuosa, Viradyumna sentou-se lá, esgotado com fadiga assim como tu, ó melhor dos homens, agora estás. O grande Rishi, em retorno, ofereceu ao rei, segundo os ritos observados pelos habitantes das florestas, água para lavar seus pés e os ingredientes usuais que compõem o Arghya. Então todos os Rishis, ó tigre entre reis, sentaram-se lá, circundando aquele touro entre homens como as estrelas da constelação da Ursa Maior circundando a Estrela Polar. E eles perguntaram àquele rei invicto qual era a causa de sua chegada naquele retiro.'"

128

"O rei disse, 'Eu sou um rei chamado pelo nome de Viradyumna. Minha fama se espalhou em todas as direções. Meu filho Bhuridyumna está perdido. É em busca dele que eu cheguei a esta floresta. Ó principais dos Brahmanas, aquela criança era meu único filho e, ó impecáveis, ele é muito jovem. Ele não pode, no entanto, ser achado aqui. Eu estou vagando por todos os lugares para encontrá-lo.'"

"Rishabha continuou, 'Depois que o rei tinha dito estas palavras, o asceta Tanu baixou sua cabeça. Ele permaneceu perfeitamente silencioso, sem proferir uma única palavra em resposta. No passado aquele Brahmana não tinha sido muito honrado pelo rei. Desapontado, ó monarca, ele tinha por aquela razão praticado penitências rígidas por um longo tempo, resolvendo em sua mente que ele nunca deveria aceitar nada em doação de reis ou membros de alguma outra classe. E ele disse a si mesmo, 'A esperança agita todos os homens de inteligência superficial. Eu expulsarei a esperança da minha mente.' Tal tinha sido sua determinação. Viradyumna mais uma vez questionou aquele principal dos ascetas nestas palavras:

"O rei disse, 'Qual é a medida da finura da Esperança? O que sobre a terra é de aquisição extremamente difícil? Diga-me isto, ó santo, pois tu conheces bem moralidade e o lucro."

"Rishabha continuou, 'Lembrando-se de todos os incidentes passados (acerca de sua própria desconsideração nas mãos do rei) e chamando-os de volta à

recordação do rei também, aquele Brahmana santo de corpo emaciado se dirigiu ao rei e disse as seguintes palavras:

O sábio disse, 'Não há nada, ó rei, que iguale a Esperança em delgadeza. Eu apelei a muitos reis e descobri que nada é de aquisição tão difícil quanto uma imagem que a Esperança coloca diante da mente.'"

"O rei disse, 'Pelas tuas palavras, ó Brahmana, eu entendo o que é tênue e o que não é. (Isto é, a Esperança é tênue, enquanto as coisas não ligadas com a Esperança são o oposto.) Eu entendo também quão difícil de aquisição são as imagens colocadas pela Esperança diante da mente. Eu considero estas tuas palavras como declarações de Sruti. Ó tu de grande sabedoria, uma dúvida, no entanto, surgiu na minha mente. Cabe a ti, ó sábio, me explicar em detalhes o que eu te pergunto. O que é mais fino do que o teu corpo? Diga-me isto, ó santo, se, é claro, ó melhor dos sábios, o tópico for um que possa ser discorrido sem impropriedades.'"

"O sábio emaciado disse, 'Um requerente satisfeito é extremamente difícil de se encontrar. Talvez, não haja ninguém assim no mundo. Um coisa ainda mais rara, ó majestade, é a pessoa que nunca desrespeita um suplicante. A esperança que depende de tais pessoas que, depois de pronunciarem suas promessas, não fazem o bem para outros segundo o melhor que podem e de acordo com o que os requerentes merecem, é mais fina até do que o meu corpo. (Tais pessoas devem sempre ser suspeitadas. Contudo há homens que esperam por coisas boas deles. Tal esperança, o sábio diz, é mais fina do que seu corpo fino.) A esperança que se baseia em um homem ingrato, ou em um que é cruel, ou um que é indolente, ou um que prejudica outros, é até mais fina do que o que o meu corpo. A esperança nutrida por um pai que só tem um filho, de ver mais uma vez aquele filho depois de ele estar perdido ou desaparecido, é mais fina até do que o meu corpo. A esperança que mulheres idosas nutrem de ter filhos, ó rei, e que é nutrida por homens ricos, é até mais fina do que o meu corpo. A esperança que nasce de repente nos corações de moças crescidas de se casarem quando elas ouvem alguém somente falar disto em sua presença, é mais fina até do que o meu corpo'. Ouvindo estas palavras, ó monarca, o rei Viradyumna, e as damas de sua família, se prostraram perante aquele touro entre Brahmanas e tocaram seus pés com suas cabeças inclinadas.'"

"O rei disse, 'Eu suplico tua graça, ó santo! Eu desejo encontrar meu filho. O que tu disseste, ó melhor dos Brahmanas, é muito verdadeiro. Não há dúvida da verdade das tuas declarações.'"

"Rishabha continuou, 'O santo Tanu, aquela principal das pessoas virtuosas, sorrindo, fez, por meio de seu conhecimento e suas penitências, o filho do rei ser levado àquele local. Tendo feito o príncipe ser levado lá, o sábio repreendeu o rei (seu pai, por seu desrespeito nos tempos passados). Aquela principal das pessoas virtuosas então se mostrou como o deus da justiça. De fato, tendo mostrado sua própria forma maravilhosa e celestial, ele entrou em uma floresta adjacente, com o coração livre de ira e de desejo de vingança. Eu vi tudo isso, ó rei, e ouvi as

palavras que eu disse. Abandone tua esperança, que é até mais tênue (do que alguma daquelas que o sábio indicou).'"

"Bhishma continuou 'Assim endereçado, ó monarca, por Rishabha de grande alma, o rei Sumitra rapidamente rejeitou a esperança que estava em seu coração e que era mais fraca (do que algum dos tipos de esperança indicados pelo Rishi emaciado). Tu também, ó filho de Kunti, ouvindo estas minhas palavras, fique calmo e sereno como Himavat. Dominado pela angústia (ao pensar na matança em batalha) tu me questionaste e ouviste minha resposta. Tendo-a ouvido, ó monarca, cabe a ti dissipar esses teus remorsos!'"

129

"Yudhishthira disse, 'Como alguém que bebe néctar eu nunca estou saciado com te escutar enquanto tu falas. Como uma pessoa possuidora de conhecimento do eu nunca está saciada com a meditação, assim mesmo eu nunca fico saciado com te escutar. Portanto, ó avô, fale mais uma vez sobre moralidade. Eu nunca fico saciado ao beber o néctar dos teus discursos sobre moralidade.'"

"Bhishma disse, 'Sobre isto é citada a antiga narrativa da conversa entre Gotama e o ilustre Yama. Gotama possuía um grande retiro nas colinas Paripatra. Escute quantos anos ele morou naquela residência. Por sessenta mil anos aquele sábio passou por austeridades ascéticas naquele retiro. Um dia, o Regente do mundo, Yama, ó tigre entre homens, foi até aquele grande sábio de alma purificada enquanto ele estava empenhado nas austeridades mais severas. Yama viu o grande asceta Gotama de penitências rígidas. O sábio regenerado compreendendo que era Yama que tinha chegado, rapidamente o saudou e ficou com as mãos unidas em uma atitude atenta (esperando por suas ordens). O nobre Dharma, vendo aquele touro entre Brahmanas, devidamente o saudou (em retorno) e dirigindo-se a ele perguntou o que podia fazer por ele.'"

"Gotama disse, "Por fazer quais atos uma pessoa se livra da dívida que tem para com a mãe e o pai? Como também alguém consegue alcançar regiões de pura felicidade que são tão difíceis de alcançar?'"

"Yama disse, 'Dedicando-se ao dever da veracidade, e praticando pureza e penitências uma pessoa deve incessantemente venerar seu pai e mãe. Deve-se também realizar Sacrifícios de Cavalo com presentes em profusão para os Brahmanas. Por tais atos uma pessoa ganha muitas regiões (de felicidade) de aspecto maravilhoso.'"

130

"Yudhishthira disse, 'Qual rumo de conduta deve ser adotado por um rei sem amigos, que tem muitos inimigos, com a tesouraria esgotada, e desprovido de tropas, ó Bharata? Qual, de fato, deve ser sua conduta quando ele está cercado

por ministros vis, quando seus planos são todos divulgados, quando ele não vê seu caminho claramente à sua frente, quando ele ataca outro reino, quando ele está empenhado em oprimir um reino hostil, e quando embora fraco ele está em guerra com um soberano mais forte? Qual, de fato, deve ser a conduta de um rei os negócios de cujo reino são mal regulados, e que desconsidera as necessidades de hora e lugar, que é incapaz, por suas opressões, de ocasionar a paz e causar desunião entre seus inimigos? Ele deve procurar a aquisição de riqueza por meios maus, ou ele deve sacrificar sua vida sem procurar riqueza?'"

"Bhishma disse, 'Conhecedor dos deveres como és, tu, ó touro da raça Bharata, me fizeste uma pergunta relativa ao mistério (com relação aos deveres). (Isto é, este não é um assunto sobre o qual uma pessoa possa ou deva falar diante de audiências mistas.) Sem ser questionado, ó Yudhishthira, eu não ousaria falar sobre este dever. A moralidade é muito sutil. Pode-se compreendê-la, ó touro da raça Bharata, pela ajuda dos textos das escrituras. Por lembrar do que ouviu e por praticar boas ações, alguém em algum lugar pode se tornar uma pessoa virtuosa. Por agir com inteligência o rei pode ou não conseguir adquirir riqueza. (Isto é, por meio de artifícios engenhosos um rei pode conseguir encher sua tesouraria, ou sua melhor engenhosidade e cálculos podem falhar.) Ajudado por tua própria inteligência pense qual resposta deve ser dada à pergunta sobre este assunto. Escute, ó Bharata, aos meios, repletos de grande mérito, pelos quais reis podem se comportar (durante épocas de infortúnio). Por causa da moralidade verdadeira, no entanto, eu não chamaria de justos aqueles meios. Se a tesouraria for cheia pela opressão, tal conduta leva o rei para a beira da destruição. Esta é a conclusão de todos os homens inteligentes que têm pensado sobre o assunto. O tipo de escrituras ou ciência o qual uma pessoa sempre estuda dá a ela o tipo de conhecimento o qual ela é capaz de dar. Tal conhecimento realmente se torna agradável para ela. Ignorância leva à esterilidade de invenção em relação a meios. Habilidade de invenção de meios, através da ajuda do conhecimento, se torna fonte de grande felicidade. Sem nutrir quaisquer escrúpulos e qualquer malícia; (isto é, com um coração puro), ouça estas instruções. Pela diminuição da tesouraria, as forças do rei são diminuídas. O rei deve, portanto, encher sua tesouraria (por quaisquer meios) como alguém criando água em um ermo que não tem água. De acordo com este código de quase-moralidade praticado pelos antigos, o rei deve, quando chegar a hora para isso, (isto é, quando a época de miséria acaba), mostrar compaixão por seu povo. Este é o dever eterno. Para os homens que são capazes e competentes, (sob situações e circunstâncias comuns), os deveres são de um tipo. Em épocas de miséria, no entanto, os deveres são de um tipo diferente. Sem riqueza um rei pode (por penitências e semelhantes) adquirir mérito religioso. A vida, no entanto, é muito mais importante do que mérito religioso. (E como a vida não pode ser mantida sem riqueza, nenhum mérito que fique no caminho da aquisição da riqueza deve ser procurado). Um rei que é fraco, por adquirir somente mérito religioso, nunca consegue obter meios justos e apropriados para o sustento; e já que ele não pode, nem por seus melhores esforços, adquirir poder pela ajuda somente do mérito religioso, portanto, as práticas em épocas de necessidade são às vezes consideradas como não inconsistentes com a moralidade. Os eruditos, no entanto,

são de opinião que aquelas práticas levam à pecaminosidade. Depois que acaba a época de miséria, o que deve fazer o Kshatriya? Ele deve (em tal momento) se comportar de tal maneira que seu mérito não possa ser destruído. Ele deve também agir de tal maneira que ele não tenha que sucumbir a seus inimigos. (Isto é, ele deve realizar expiações e fazer o bem àqueles a quem ele prejudicou, para que eles não possam permanecer descontentes com ele.) Estes foram declarados como seus deveres. Ele não deve cair em desânimo. Ele não deve (em épocas de infortúnio) procurar salvar (do perigo de destruição) o mérito de outros ou dele mesmo. Por outro lado, ele deve salvar a si mesmo. Esta é uma conclusão segura. (Ele não deve, em tais épocas, se abster de alguma ação que possa prejudicar seu próprio mérito ou aquele de outros; em outras palavras, ele pode desprezar todas as considerações sobre os méritos religiosos de outros e dele mesmo. Seu único interesse em tal época deve ser salvar a si mesmo, isto é, sua vida.) Há este Sruti, isto é, que está estabelecido que Brahmanas, que estão familiarizados com os deveres, devem ter competência em relação aos deveres. Similarmente, em relação ao Kshatriya, sua competência deve consistir em esforço, já que força de braços é sua grande posse. Quando os meios de sustento de um Kshatriya se acabam, o que ele não deve pegar exceto o que pertence aos ascetas e o que é possuído pelos Brahmanas? Assim como um Brahmana em uma época de necessidade pode oficiar no sacrifício de uma pessoa para quem ele nunca deveria oficiar (em outros tempos comuns) e comer alimento proibido, assim não há dúvida de que um Kshatriya (em infortúnio) pode pegar riqueza de todos exceto ascetas e Brahmanas. Para alguém afligido (por um inimigo e procurando os meios de fuga), o que pode ser uma saída imprópria? Para uma pessoa presa (dentro de um calabouço e procurando escapar) qual pode ser um caminho impróprio? Quando uma pessoa é afligida, ela escapa até por uma saída imprópria. Para um Kshatriya que, por causa da fraqueza de sua tesouraria e exército, vem a ser muito humilhado, nem uma vida de mendicância nem a profissão de um Vaisya ou aquela de um Sudra é prescrita. A profissão ordenada para um Kshatriya é a aquisição de riqueza por meio de batalha e vitória. Ele nunca deve mendigar de um membro de sua própria classe. A pessoa que se sustenta em tempos comuns por seguir as práticas originalmente declaradas para ela, pode em tempos de miséria se sustentar por seguir as práticas declaradas na alternativa. Em uma época de miséria, quando as práticas comuns não podem ser seguidas, um Kshatriya pode viver até por meios injustos e impróprios. Os próprios Brahmanas, isto é visto, fazem o mesmo quando seus meios de vida são destruídos. Quando até os Brahmanas (em tais épocas) se comportam assim, que dúvida há em relação aos Kshatriyas? Isto está, de fato, determinado. Sem afundar no desânimo nem se entregar à destruição, um Kshatriya pode (pela força) pegar o que puder de pessoas que são ricas. Saiba que o Kshatriya é o protetor e o destruidor das pessoas, Portanto, um Kshatriya em perigo deve pegar (à força) o que puder, com o objetivo de (no final) proteger as pessoas. Nenhuma pessoa neste mundo, ó rei, pode manter a vida sem prejudicar outras criaturas. O próprio asceta levando uma vida solitária nas profundidades da floresta não é exceção. Um Kshatriya não deve viver confiando na sorte, especialmente aquele, ó chefe dos Kurus, que deseja governar. O rei e o reino devem sempre proteger um ao outro mutuamente. Este é um dever eterno. Como o rei protege, por gastar

todas as suas posses, o reino quando ele cai em desgraça, assim mesmo o reino deve proteger o rei quando ele cair em infortúnio. O rei, mesmo na extrema miséria, nunca deve desistir de sua tesouraria, de seu mecanismo para castigar os vis, de seu exército, de seus amigos e aliados, e de outras instituições necessárias e dos chefes existentes em seu reino. Homens conhecedores do dever dizem que alguém deve manter suas sementes, tirando-as do próprio alimento. Esta é uma verdade citada do tratado de Samvara bem conhecido por seus grandes poderes de ilusão. Vergonha para a vida daquele rei cujo reino definha. Vergonha para a vida daquele homem que por falta de meios vai para um país estrangeiro para viver. As bases do rei são sua tesouraria e exército. Seu exército, além disso, tem suas bases em sua tesouraria. Seu exército é a base de todos os seus méritos religiosos. Seus méritos religiosos são as bases de seus súditos. A tesouraria nunca pode ser cheia sem oprimir outros. Como então o exército pode ser mantido sem opressão? O rei, portanto, em épocas de necessidade, não incorre em falha por oprimir seus súditos para encher a tesouraria. Para realizar sacrifícios muitas ações impróprias são feitas. Por esta razão um rei não incorre em falha por fazer atos impróprios (quando o objetivo é encher sua tesouraria em uma época de necessidade). Por causa da riqueza outras práticas além das que são apropriadas são seguidas (em épocas de pobreza). Se (em tais tempos) tais práticas impróprias não forem adotadas, o mal certamente será o resultado. Todas as instituições que são mantidas para trabalhar destruição e miséria existem para reunir riqueza. (O exército e as cortes criminais.) Guiado por tais considerações, todo rei inteligente deve determinar seu rumo de ação (em tais épocas). Como animais e outras coisas são necessárias para sacrifícios, como sacrifícios são para purificar o coração, e como animais, sacrifícios, e pureza de coração são todos para a emancipação final, assim mesmo política e punição existem para a tesouraria, a tesouraria existe para o exército, e a política e a tesouraria e o exército, todos os três, existem para derrotar inimigos e proteger ou aumentar o reino. Eu citarei aqui um exemplo ilustrando os verdadeiros caminhos da moralidade. Uma árvore grande é derrubada para fazer dela uma estaca sacrifical. Ao cortá-la, outras árvores que ficam em seu caminho também têm que ser derrubadas. Estas também, ao caírem, matam outras que estão no local. Assim mesmo aqueles que ficam no caminho de fazer uma tesouraria bem cheia têm que ser mortos. Eu não vejo outra maneira do sucesso ser alcançado. Pela riqueza, ambos os mundos, este e o outro, podem ser tidos, como também Verdade e mérito religioso. Uma pessoa sem riqueza está mais morta do que viva. Riqueza para a realização de sacrifícios deve ser adquirida por todos os meios. O demérito atribuído a uma ação feita em uma época de miséria não é igual àquele atribuído à mesma ação se feita em outros tempos, ó Bharata! A aquisição de riqueza e seu abandono possivelmente não podem ser ambos vistos na mesma pessoa, ó rei! Eu não vejo um homem rico na floresta. Com relação a toda a riqueza que é vista neste mundo, todos discutem entre si, dizendo, 'Isto será meu!' 'Isto será meu!' Não há nada, ó opressor de inimigos, que seja tão meritório para um rei quanto a posse de um reino. É pecaminoso para um rei oprimir seus súditos com imposições pesadas em tempos comuns. Em uma época, no entanto, de necessidade, isto é muito diferente. Alguns adquirem riqueza por caridade e sacrifícios; alguns que têm preferência por penitências adquirem riqueza por

penitências; alguns a adquirem pela ajuda de sua inteligência e esperteza. Uma pessoa sem riqueza é considerada fraca, enquanto aquela que tem riqueza se torna poderosa. Um homem de riqueza pode adquirir tudo. Um rei que tem a tesouraria bem cheia consegue realizar tudo. Por sua tesouraria um rei pode ganhar mérito religioso, satisfazer seu desejo por prazer, obter o mundo seguinte, e este também. A tesouraria, no entanto, deve ser cheia pela ajuda da justiça e nunca por práticas injustas, as quais passam por justas em épocas de infortúnio.'"

131

(Apaddharmanusasana Parva)

"Yudhishthira disse, 'O que, além disso, deve ser feito por um rei que é fraco e procrastinador, que não se envolve em combate por ansiedade pelas vidas de seus amigos, que está sempre sob a influência do medo, e que não pode manter seus planos em segredo? O que, de fato, deve fazer aquele rei cuja cidade e reino foram divididos e apropriados por inimigos, que não tem riqueza, que é incapaz (por causa de tal pobreza) de honrar seus amigos e uni-los a si mesmo, cujos ministros são desunidos ou comprados por seus inimigos, que é obrigado a permanecer na presença de inimigos, cujo exército definhou, e cujo coração tem sido agitado por algum inimigo forte?'"

"Bhishma disse, 'Se o inimigo invasor tiver um coração puro e se ele estiver familiarizado com moralidade e lucro, um rei do tipo que tu indicaste deve, sem perder tempo, fazer as pazes com o invasor e ocasionar a reintegração daquelas partes do reino que já tinham sido conquistadas. Se o invasor for forte e pecaminoso e procurar obter vitória por meios injustos, o rei deve fazer as pazes com ele também, por abandonar uma parte de seus territórios. Se o invasor estiver sem vontade de fazer as pazes, o rei deve então abandonar sua própria capital e todas as suas posses para escapar do perigo. Se ele puder salvar sua vida ele pode esperar por aquisições similares no futuro. Qual homem conhecedor da moralidade sacrificaria sua própria pessoa, a qual é uma posse mais valiosa, para enfrentar aquele perigo do qual se poderia escapar pelo abandono de sua tesouraria e exército? Um rei deve proteger as damas de sua família. Se estas caírem nas mãos do inimigo, ele não deve mostrar qualquer compaixão por elas (por incorrer no risco de sua própria prisão ao resgatá-las). Contanto que isto esteja em seu poder, ele nunca deve se entregar ao inimigo.'"

"Yudhishthira disse, 'Quando seu próprio povo está descontente com ele, quando ele é oprimido por invasores, quando sua tesouraria está esgotada, e quando seus planos são divulgados, o que o rei deve fazer então?'"

"Bhishma disse, 'Um rei, sob tais circunstâncias, deve (se seu inimigo for virtuoso) procurar fazer as pazes com ele. Se o inimigo for injusto, ele deve então aplicar sua bravura. Ele deve, por tais meios, procurar fazer o inimigo se retirar de seu reino; ou lutando valentemente, ele deve sacrificar sua vida e ascender para o céu. Um rei pode conquistar a terra inteira com a ajuda até de uma pequena tropa

se aquela tropa for leal, alegre, e dedicada ao seu bem. Se morto em batalha, ele com certeza ascenderá ao céu. Se ele conseguir matar (seus inimigos), ele com certeza desfrutará da terra. Por sacrificar sua vida em batalha, uma pessoa obtém a companhia do próprio Indra.'"

132

"Yudhishthira disse, 'Quando as práticas repletas de moralidade superior e benéficas para o mundo, (aquelas que pertencem ao governo justo) desaparecem, quando todos os meios e recursos para o sustento da vida caem nas mãos de ladrões, quando, de fato, tal época calamitosa começa, por quais meios deve um Brahmana, ó avô, que por afeição é incapaz de abandonar seus filhos e netos, subsistir?'"

"Bhishma disse, 'Quando tal período começa, o Brahmana deve viver pela ajuda do conhecimento. Tudo neste mundo é para aqueles que são bons. Nada aqui é para aqueles que são vis. Aquele que fazendo de si mesmo um instrumento de aquisição, pega riqueza dos maus e dá para aqueles que são bons, é considerado conhecedor da moralidade da adversidade. Desejoso de manter seu governo, o rei, ó monarca, sem levar seus súditos à indignação e rebelião, pode pegar o que não é livremente dado pelo dono, dizendo, 'Isto é meu!' O homem sábio que, purificado pela posse de conhecimento e poder e de conduta correta em outros tempos, age de modo repreensível em tal época, não merece realmente ser criticado. Aqueles que sempre se sustentam por aplicar sua força nunca gostam de algum outro modo de viver. Aqueles que são dotados de poder, ó Yudhishthira, sempre vivem pela ajuda da coragem. As escrituras comuns, que existem (para épocas de necessidade) sem exceções de nenhum tipo, devem ser praticadas por um rei (em tais épocas). Um rei, no entanto, que é dotado de inteligência, enquanto seguindo aquelas escrituras, fará alguma coisa a mais. (Os textos comuns, sem exceções de qualquer tipo, prescritos para épocas de infortúnio, permitem a um rei encher sua tesouraria por arrecadar contribuições pesadas de seus próprios súditos e daqueles de reinos hostis. Um rei comum, em tal época, age dessa maneira. Um rei, no entanto, que é dotado de inteligência, enquanto arrecadando tais contribuições, toma o cuidado de taxá-las sobre aqueles que são maus e puníveis entre seus próprios súditos e entre os súditos de outros reinos, e se abstém de molestar os bons.) Em tais tempos, no entanto, o rei não oprime Ritwijas, e Purohitas e preceptores e Brahmanas, todos os quais são honrados e tidos em alta estima. Por oprimi-los, mesmo que em tais épocas, ele incorre em censura e pecado. Isto que eu te digo é considerado como uma autoridade no mundo. De fato, este é o olho eterno (pelo qual as práticas em épocas de angústia devem ser olhadas). Uma pessoa deve ser guiada por sua autoridade. Por isto é para ser julgado se um rei é para ser chamado de bom ou mau. É visto que muitas pessoas residentes em aldeias e cidades, incitadas por ciúmes e cólera, acusam umas às outras. O rei nunca deve, em suas palavras, honrar ou punir alguém. Calúnia nunca deve ser falada. Se falada, ela nunca deve ser ouvida. Quando ocorre uma conversa caluniosa, uma pessoa deve tapar seus

ouvidos ou deixar completamente o lugar. Conversa caluniosa é a característica de homens pecaminosos. Ela é uma indicação de depravação. Aqueles, por outro lado, ó rei, que falam das virtudes de outros em reuniões que são boas, são bons homens. Como um par de touros dóceis, governáveis, bem domesticados e usados para carregar cargas colocam seus pescoços para o jugo e arrastam a carroça de bom grado, assim mesmo o rei deve suportar suas cargas (em épocas de infortúnio). Outros dizem que um rei (em tais períodos) deve se comportar de tal maneira que ele possa conseguir ganhar um grande número de aliados. Alguns consideram o costume antigo como a mais alta indicação de virtude. Outros, isto é, aqueles que são a favor da conduta seguida por Sankha em direção a Likhita, não mantêm esta opinião. Eles não fomentam tal opinião nem por malícia nem por avareza. (Há pessoas que afirmam que sacerdotes e Brahmanas nunca devem ser punidos ou taxados. Este é o costume eterno, e, portanto, isto é moralidade. Outros que aprovam a conduta de Sankha em direção a seu irmão Likhita na ocasião do último se apropriando de umas poucas frutas pertencentes ao primeiro, são de uma opinião diferente. A última classe de pessoas é tão sincera quanto a primeira em sua opinião. Elas não podem ser acusadas por afirmarem que até sacerdotes e Brahmanas podem ser punidos quando pecam.) São vistos exemplos mesmo de grandes Rishis que declararam que até preceptores, se dedicados a práticas más, devem ser punidos. Mas não há autoridade aprovável para tal proposição. Os deuses podem ser deixados punirem tais homens quando acontecer de eles serem vis e culpados de práticas más. O rei que enche sua tesouraria por recorrer a estratagemas fraudulentos certamente abandona a virtude. O código de moralidade que é honrado em todos os aspectos por aqueles que são bons e em circunstâncias afluentes, e que é aprovado por todo coração honesto, deve ser seguido. É considerado como conhecedor do dever aquele que sabe que o dever depende ao todo de quatro alicerces. (Como declarado nos Vedas, como declarado nos Smritis, como sancionado pelos costumes antigos e como aprovado pelo coração ou pela consciência.) É difícil descobrir as razões nas quais o dever se mantém assim como é difícil descobrir as pernas da cobra. Como um caçador de animais descobre o rastro de um veado atingido por uma flecha por observar as manchas de sangue no chão, assim mesmo uma pessoa deve procurar descobrir as razões dos deveres. Um homem deve seguir com humildade o caminho trilhado pelos bons. Tal, de fato, era a conduta dos grandes sábios reais de antigamente, ó Yudhishthira!'"

133

"Bhishma disse, 'O rei deve, por tirar riqueza de seu próprio reino como também dos reinos de seus inimigos, encher sua tesouraria. Da tesouraria provém seu mérito religioso, ó filho de Kunti, e é por causa da tesouraria que as bases de seu reino se estendem. Por estas razões a tesouraria deve ser cheia; e quando cheia; ela deve ser protegida com cuidado (por parar com todos os gastos inúteis), e até deve-se procurar aumentá-la. Esta é a prática eterna. A tesouraria não pode ser cheia por (agir com) pureza e justiça, nem por (agir com) crueldade desapiedada.

Ela deve ser cheia por se adotar um comportamento intermediário (entre esses dois). Como um rei fraco pode ter uma tesouraria? Como também um rei que não tem uma tesouraria pode ter força? Como um homem fraco pode ter um reino? De onde também alguém sem um reino pode obter prosperidade? Para uma pessoa de posto alto, a adversidade é como a morte. Por esta razão o rei deve sempre aumentar sua tesouraria e exército, e aliados e amigos. Todos os homens desrespeitam um rei com uma tesouraria vazia. Sem estarem satisfeitos com o pouco que tal rei pode dar, seus empregados nunca expressam qualquer boa vontade em seu trabalho. Por sua riqueza, o rei consegue obter honras grandiosas. De fato, a riqueza oculta seus muitos pecados, como os mantos escondendo tais partes de uma forma feminina que não devem ser expostas para a visão. Aqueles com quem o rei tinha disputado antigamente se enchem de angústia ao verem sua nova riqueza. Como cachorros eles mais uma vez aceitam serviço sob ele, e embora esperem somente por uma oportunidade para matá-lo, ele os recebe como se nada tivesse acontecido. Como, ó Bharata, tal rei pode obter felicidade? O rei deve sempre se esforçar para adquirir grandeza. Ele nunca deve se curvar em humildade (isto é, se entregar com facilidade). Esforço é virilidade. Ele deve antes se quebrar em uma oportunidade desfavorável do que se curvar diante de alguém. Ele deve antes ir para a floresta e viver lá com os animais selvagens. Mas ele não deve viver calmo no meio de ministros e oficiais que como ladrões quebraram todas as restrições. Mesmo os ladrões da floresta podem fornecer um grande número de soldados para a realização dos atos mais violentos, ó Bharata! Se o rei transgride todas as restrições saudáveis todas as pessoas se enchem de alarme. Os próprios ladrões que não sabem o que é compaixão temem tal rei. Por esta razão, o rei deve sempre estabelecer regras e restrições para alegrar o coração de seu povo. Regras a respeito até de questões muito insignificantes são aclamadas com prazer pelo povo. Há homens que pensam que este mundo é nada e que o futuro também é um mito. Aquele que é um ateu deste tipo, embora seu coração seja agitado por medos secretos, nunca deve ser de confiança. Se os ladrões da floresta, enquanto observando outras virtudes, cometem depredações somente em relação a propriedade, aquelas depredações podem ser consideradas como inofensivas. As vidas de milhares de criaturas são protegidas pelos ladrões observarem tais restrições. Matar um inimigo que está fugindo da batalha, rapto de esposas, ingratidão, pilhar a propriedade de um Brahmana, privar uma pessoa de toda a sua propriedade, violação de donzelas, ocupação continuada de aldeias e cidades como seus senhores legais, e relações adúlteras com esposas de outros homens; estas são consideradas como ações perversas até entre ladrões, e os ladrões devem sempre se abster delas. É também certo que aqueles reis que se esforçam (por promover a paz) para inspirar confiança sobre eles mesmos nos corações dos ladrões, conseguem, depois de observar todas as vantagens e desvantagens deles, exterminá-los. Por esta razão, ao tratar com ladrões, é necessário que eles não sejam exterminados completamente. (Suas esposas e filhos devem ser salvos, e suas habitações e vestuário e posses e utensílios domésticos, etc., não devem ser destruídos.) Deve-se procurar trazê-los sob o domínio do rei. O rei nunca deve se comportar com crueldade em direção a eles, pensando que ele é mais poderoso do que eles. Os reis que não os exterminam completamente não

têm medo de extermínio para si mesmos. Aqueles, no entanto, que os exterminam têm sempre que viver com medo da consequência daquele ato.'"

143

"Bhishma disse, 'Em relação a isto, pessoas conhecedoras das escrituras declaram este texto a respeito do dever, isto é, para um Kshatriya possuidor de inteligência e conhecimento, (o ganho de) mérito religioso e (a aquisição) de riqueza, constituem seus deveres óbvios. Ele não deve, por discussões sutis sobre o dever e consequências despercebidas em relação a um mundo futuro, se abster de realizar estes dois deveres. Como é inútil discutir, ao ver certas pegadas no chão, se elas são de lobo ou não, assim mesmo é toda a discussão sobre a natureza da virtude e o contrário. Ninguém neste mundo vê os frutos da justiça e da injustiça. Um Kshatriya, portanto, deve buscar a aquisição de poder. Aquele que é poderoso é mestre de todos. A riqueza leva à posse de um exército. Aquele que é poderoso; (isto é, aquele que tem riqueza e força militar) obtém conselheiros inteligentes. Aquele que não tem riqueza é realmente decaído. Um pouco (de qualquer coisa no mundo) é considerado como a sujeira restante de um banquete. (Um homem pobre pode ter somente um pouco de todas as coisas terrenas. Aquele pouco, no entanto, é como o resto do jantar de um homem forte.) Se um homem forte faz muitas ações más, ninguém, por medo, diz ou faz qualquer coisa (para criticá-lo ou detê-lo). Se virtude e Poder forem associados com Verdade, eles podem então salvar os homens de grandes perigos. Se, no entanto, os dois forem comparados, o Poder parecerá ser superior à Virtude. É do Poder que a Virtude provém. A Virtude se apóia sobre o Poder como todas as coisas imóveis sobre a terra. Como a fumaça depende do vento (para seu movimento), assim mesmo a Virtude depende do Poder. A Virtude a qual é a mais fraca dos dois depende (do Poder) para seu sustento (como uma trepadeira depende) de uma árvore. A Virtude é dependente daqueles que são poderosos assim como o prazer é dependente daqueles que são dados ao prazer. Não há nada que homens poderosos não possam fazer. Tudo é puro com aqueles que são poderosos. Um homem sem poder, por cometer más ações, nunca pode escapar. Homens se sentem alarmados pela sua conduta assim como eles ficam alarmados pelo aparecimento de um lobo. Alguém decaído de um estado de riqueza leva uma vida de humilhação e tristeza. Uma vida de humilhação e vergonha é como a própria morte. Os eruditos dizem que quando em consequência de uma conduta pecaminosa alguém é rejeitado por amigos e companheiros, ele é perfurado repetidamente pelos dardos verbais de outros e tem que queimar de aflição por causa disso. Professores de escrituras dizem com relação à expiação da pecaminosidade que um homem deve (se maculado pelo pecado) estudar os três Vedas, servir e adorar os Brahmanas, gratificar todos os homens por olhares, palavras, e ações, abandonar toda a baixeza, casar em famílias nobres, proclamar os louvores de outros enquanto confessa sua própria indignidade, recitar mantras, realizar os usuais ritos de água, assumir uma brandura de comportamento, se abster de falar muito, realizar penitências austeras, e procurar a proteção de

Brahmanas e Kshatriyas. De fato, alguém que cometeu muitas más ações deve fazer tudo isso, sem ficar zangado pelas repreensões proferidas pelos homens. Por se conduzir desta maneira, uma pessoa pode logo se purificar de todos os seus pecados e recuperar o respeito do mundo. De fato, uma pessoa ganha grande respeito neste mundo e grandes recompensas no próximo, e desfruta de diversos tipos de felicidade aqui por seguir tal conduta e por partilhar sua riqueza com outros.'"

135

"Bhishma disse, 'Em relação a isto é citada a antiga história de um ladrão que tendo sido observador de restrições (neste mundo) não encontrou a destruição no próximo. Havia um ladrão de nome Kayavya, nascido de um pai Kshatriya e uma mãe Nishada. Kayavya praticava os deveres Kshatriya. Hábil para castigar, possuidor de inteligência e coragem, familiarizado com as escrituras, desprovido de crueldade, dedicado aos Brahmanas, e cultuando seus superiores e preceptores com reverência, ele protegia os ascetas na observância de suas práticas. Embora um ladrão, ele ainda conseguiu ganhar felicidade no céu. De manhã e à noite ele costumava excitar a ira dos veados por caçá-los. Ele conhecia todas as práticas dos Nishadas como também de todos os animais que viviam na floresta. Bom conhecedor dos requisitos de tempo e lugar, ele vagava pelas montanhas. Familiarizado como ele era com os hábitos de todos os animais, suas setas nunca pediam seus alvos e seus braços eram fortes. Sozinho, ele podia derrotar muitas centenas de tropas. Ele reverenciava seus pais idosos, cegos, e surdos na floresta todos os dias. Com mel e carne e frutas e raízes e outras espécies de alimento excelente, ele entretinha com hospitalidade todas as pessoas merecedoras de honra e lhes fazia muitos bons trabalhos. Ele demonstrava grande respeito por aqueles Brahmanas que tinham se afastado do mundo para residir nas florestas. Matando veados, ele muitas vezes obtinha carne para eles. Em relação àqueles que eram relutantes, por medo de outros, em aceitar presentes dele por causa da profissão que ele exercia, (pois é sempre repreensível aceitar doações de pessoas de caráter duvidoso) ele costumava ir às suas residências antes da alvorada e deixar a carne em suas portas. Um dia muitos milhares de ladrões, desprovidos de compaixão em sua conduta e que não respeitavam restrições, desejaram elegê-lo como seu líder.'"

"Os ladrões disseram, 'Tu conheces os requisitos de tempo e lugar. Tu tens sabedoria e coragem. Tua firmeza também é grande em tudo o que tu empreendes. Seja tu nosso principal dos líderes, respeitado por nós todos. Nós faremos como tu mandares. Nos proteja devidamente, assim como um pai ou mãe.'"

"Kayavya disse, 'Nunca matem uma mulher, ou alguém que por medo se mantém fora da briga, ou uma criança, ou um asceta. Quem se abstém de lutar nunca deve ser morto, nem as mulheres devem ser agarradas ou levadas à força. Nenhum de vocês deve matar uma mulher entre todas as criaturas. Que

Brahmanas sejam sempre abençoados e vocês devem sempre lutar pelo seu bem. A Verdade nunca deve ser sacrificada. Os casamentos de homens nunca devem ser obstruídos. Nenhum dano deve ser infligido àquelas casas nas quais as divindades, os Pitris, e os convidados são cultuados. Entre as criaturas, os Brahmanas merecem ser dispensados por vocês em suas excursões de pilhagem. Por doar até vocês todos, vocês devem adorá-los. Aquele que incorre na ira dos Brahmanas, aquele para quem eles desejam derrota, fracassa em encontrar um salvador nos três mundos. Aquele que fala mal dos Brahmanas e deseja sua destruição, ele mesmo encontra a destruição como a escuridão ao nascer do sol. Residindo aqui, vocês obterão os frutos de sua bravura. Tropas serão enviadas contra aqueles que se recusarem a nos dar nossos tributos. A vara de castigo é destinada aos maus. Ela não é destinada à auto-exaltação. Aqueles que oprimem o deus merecem a morte, é dito. Aqueles que procuram aumentar suas fortunas por afligirem reinos de modos inescrupulosos, logo virão a ser considerados como bichos em um corpo morto. Os ladrões que se comportarem de acordo com estas restrições das escrituras, logo ganharão salvação embora levando uma vida de pilhagem.'"

"Bhishma continuou, 'Aqueles ladrões, assim endereçados, obedeceram todas as ordens de Kayavya. Por desistirem do pecado, eles obtiveram grande prosperidade. Por se comportar de tal maneira por fazer o bem para os honestos e por reprimir os ladrões das práticas más, Kayavya alcançou grande sucesso (no mundo seguinte). Aquele que sempre pensa nesta narrativa de Kayavya não terá que ter medo dos habitantes da floresta, realmente, de nenhuma criatura terrestre. Tal homem não terá que temer nenhuma criatura, ó Bharata! Ele não terá que temer homens perversos. Se tal homem for para a floresta, ele poderá viver lá com a segurança de um rei.'"

136

"Bhishma disse, 'Em relação a isto, isto é, o método pelo qual um rei deve encher sua tesouraria, pessoas conhecedoras das escrituras dos tempos antigos citam os seguintes versos cantados pelo próprio Brahman. A riqueza de pessoas que são dadas à realização de sacrifícios, como também a riqueza dedicada às divindades, nunca deve ser tomada. Um Kshatriya deve tirar a riqueza de pessoas que nunca realizam ritos religiosos e sacrifícios, que são por causa disso consideradas como iguais aos ladrões. Todas as criaturas que habitam a terra e todos os prazeres que pertencem à soberania, ó Bharata, pertencem ao Kshatriya. Toda a riqueza da terra pertence ao Kshatriya, e não a alguma outra pessoa. Aquela riqueza o Kshatriya deve usar para manter seu exército e para a realização de sacrifícios. Arrancando plantas e trepadeiras que não são de alguma utilidade, homens as queimam para cozinhar vegetais que servem como alimento. (O rei deve similarmente, por punir os maus, nutrir os bons.) Homens familiarizados com dever dizem que sua riqueza é inútil quando ela não alimenta, com libações de manteiga clarificada, os deuses, os Pitris, e homens. Um soberano virtuoso, ó rei, deve tomar tal riqueza. Por meio daquela riqueza um grande número de boas

pessoas pode ser satisfeito. Ele não deve, no entanto, acumular aquela riqueza em sua tesouraria. Aquele que faz de si mesmo um instrumento de aquisição e tirando a riqueza dos maus dá para aqueles que são bons é considerado familiarizado com toda a ciência de moralidade. Um rei deve estender suas conquistas no mundo seguinte de acordo com a medida de seu poder, e tão gradualmente como os produtos vegetais são vistos crescerem. Como algumas formigas são vistas aumentarem sem causa adequada, assim mesmo o sacrifício não provém de causa adequada. (O sacrifício procede mais de um desejo interno do que de uma grande soma de dinheiro na tesouraria. Se o desejo existe, o dinheiro vem gradualmente para realizá-lo. A força do símile consiste no fato de que formigas, provavelmente as formigas brancas, são vistas se reunirem e se multiplicarem de nenhuma causa ostensiva.) Como moscas e mosquitos e formigas são expulsos dos corpos das vacas e de outros gados domésticos (na hora de ordenhá-los), assim mesmo as pessoas que são contrárias à realização de sacrifícios devem ser expulsas do reino. Isso é consistente com moralidade. Como o pó que jaz sobre a terra, se socado entre duas pedras, se torna cada vez mais fino, assim as questões de moralidade, quanto mais forem refletidas e discutidas, se tornam cada vez mais refinadas.'"

137

"Bhishma disse, 'Estes dois, isto é, aquele que se previne para o futuro e aquele que possui presença de espírito, sempre desfrutam de felicidade. O homem de procrastinação, no entanto, está perdido. Em relação a isto, escute atentamente a seguinte história excelente de um indivíduo procrastinador na questão de determinar seu rumo de ação. Em um lago que não era muito profundo e cheio de peixes, viviam três peixes Sakula que eram amigos e companheiros constantes. Entre aqueles três um tinha muita prudência e sempre gostava de se precaver para o que estava vindo. Outro era possuidor de grande presença de espírito. O terceiro era procrastinador. Um dia certos pescadores chegando àquele lago começaram a transferir suas águas para um terreno mais baixo através de diversas saídas. Vendo a água do lago diminuindo gradualmente, o peixe que tinha muita previdência, dirigindo-se aos seus dois companheiros naquela ocasião de perigo, disse, 'Um grande perigo está prestes a alcançar todas as criaturas aquáticas que vivem neste lago. Vamos depressa para outro lugar antes que nosso caminho seja obstruído. Quem resiste ao futuro mal pela ajuda de boa política, nunca incorre em perigo sério. Que meus conselhos convençam vocês. Vamos deixar este lugar.' Aquele entre os três que era procrastinador então respondeu, 'Bem falado. No entanto, não há necessidade de tal pressa. Esta é a minha opinião deliberada.' Então o outro peixe, que era notável pela presença de espírito, se dirigiu ao seu companheiro procrastinador e disse, 'Quando chega a hora para alguma coisa, eu nunca falho em me preparar com antecedência de acordo com a política.' Ouvindo as respostas de seus dois companheiros, aquele de grande previdência e inteligência considerável imediatamente saiu por uma correnteza e alcançou outro lago profundo. Os pescadores, vendo que toda a

água tinha sido baldeada, aprisionaram os peixes que permaneceram, por diversos meios. Então eles começaram a agitar a pouca água que restou, e quanto eles começaram a pegar os peixes, o Sakula procrastinador foi capturado com muitos outros. Quando os pescadores começaram a amarrar a um longo barbante os peixes que eles tinham pegado, o Sakula que era notável pela presença de espírito se empurrou para a companhia daqueles que tinham sido assim atados e permaneceu quietamente entre eles, mordendo o barbante, pois ele pensou que ele devia fazer isso para dar a impressão de ter sido apanhado. Os pescadores acreditaram que todos os peixes atados ao barbante tinham sido capturados. Eles então os removeram para uma parte de água profunda para lavá-los. Justamente naquela hora o Sakula eminente pela presença de espírito, deixando o barbante, escapou rapidamente. Aquele peixe, no entanto, que tinha sido procrastinador, tolo e insensato e sem inteligência como ele era, e, portanto, incapaz de fugir, encontrou a morte.'"

"'Assim encontram a destruição, como o peixe procrastinador, todos os que por falta de inteligência não podem pressentir a hora de perigo. O homem, também, que se considerando esperto não procura o seu próprio bem na hora apropriada, incorre em grande perigo como o Sakula que tinha presença de espírito. Então somente estes dois, isto é, o que tem muita previdência e o que tem presença de espírito, conseguem obter felicidade. Aquele, no entanto, que é procrastinador, encontra a destruição. Diversas são as divisões de tempo, tais como Kashtha, Kala, Muhurta, dia, noite, Lava, mês, quinzena, as seis estações, Kalpa, ano. As divisões da terra são chamadas de lugares. O Tempo não pode ser visto. Com relação ao sucesso de qualquer objetivo ou propósito, ele é alcançado ou não de acordo com a maneira pela qual a mente é colocada para pensar nisto. Estes dois, o homem de previdência e o homem de presença de espírito, foram declarados pelos Rishis como os principais dos homens em todos os tratados sobre moralidade e lucro e naqueles que tratam de emancipação. Uma pessoa, no entanto, que faz tudo depois de reflexão e escrutínio, uma pessoa que se utiliza de meios apropriados para a realização de seus objetivos, sempre consegue alcançar muito. Aqueles também que agem com a devida consideração por hora e lugar conseguem alcançar resultados melhores do que o mero homem de previdência e o homem de presença de espírito.'"

138

"Yudhishthira disse, 'Tu, ó touro da raça Bharata, disseste que a inteligência que se prepara com antecedência para o futuro, assim como aquela que pode se opor a emergências atuais, são sempre superiores, enquanto a protelação ocasiona destruição. Eu desejo, ó avô, saber daquela inteligência superior ajudada pela qual um rei, conhecedor das escrituras e bem versado em moralidade e lucro, não pode ser entorpecido mesmo quando cercado por muitos inimigos. Eu te peço isso, ó chefe da linhagem de Kuru! Cabe a ti me falar sobre isso. Eu desejo ouvir tudo, em conformidade com o que foi declarado nas escrituras, sobre a maneira pela qual um rei deve se comportar quando ele é atacado por muitos inimigos.

Quando um rei cai em infortúnio, um grande número de inimigos, provocados por suas ações passadas, se agrupam contra ele e procuram derrotá-lo. Como pode um rei, fraco e sozinho, conseguir manter sua cabeça erguida quando ele é desafiado de todos os lados por muitos reis poderosos juntos? Como um rei em tais tempos faz amigos e inimigos? Como ele deve, ó touro da raça Bharata, se comportar em tal época com os amigos e inimigos? Quando aqueles que têm indicações de amigos realmente se tornam seus inimigos, o que deve o rei então fazer se ele quer obter felicidade? Com quem ele deve fazer guerra e com quem ele deve fazer paz? Mesmo se ele ser forte, como ele deve se comportar no meio de inimigos? Ó opressor de inimigos, esta eu considero como a maior de todas as questões ligadas com o desempenho dos deveres reais. Há poucos homens para ouvirem a resposta desta questão e ninguém para respondê-la exceto o filho de Santanu, Bhishma, firmemente dedicado à verdade e tendo todos os seus sentidos sob controle. Ó tu que és altamente abençoado, reflita a respeito disso e discorra para mim sobre isso!'"

"Bhishma disse, 'Ó Yudhishthira, esta pergunta é certamente digna de ti. Sua resposta é repleta de grande felicidade. Ouça-me, ó filho, enquanto eu te declaro, ó Bharata, todos os deveres geralmente conhecidos que devem ser praticados em épocas de dificuldade. Um inimigo se torna um amigo e um amigo também se torna um inimigo. O rumo das ações humanas, através da combinação de circunstâncias, se torna muito incerto. Com relação, portanto, ao que deve e ao que não deve ser feito, é necessário que, prestando atenção às necessidades de hora e lugar, se confie em inimigos ou se faça guerra. Um homem deve, enquanto se esforçando, o melhor que pode, fazer amizade com homens de inteligência e conhecimento que desejem seu bem-estar. Ele deve fazer as pazes até com seus inimigos, quando, ó Bharata, sua vida não puder ser salva de outro modo. O homem tolo que nunca faz as pazes com inimigos nunca consegue ganhar algum lucro ou alcançar alguns daqueles resultados pelos quais outros se esforçam. Aquele também que faz as pazes com inimigos e briga até com amigos depois de uma total consideração das circunstâncias, consegue obter grandes resultados. Em relação a isto é citada a antiga história da conversa entre um gato e um rato ao pé de uma figueira-de-bengala (banian).'"

"Bhishma continuou, 'Havia uma grande banian no meio de uma floresta extensa. Coberta com muitas espécies de trepadeiras, ela era o refúgio de diversas espécies de aves. Ela tinha um tronco grande do qual numerosos ramos se estendiam em todas as direções. Encantadora de se olhar, a sombra que ela proporcionava era muito refrescante. Ela ficava no meio da floresta, e animais de diversas espécies viviam sobre ela. Um rato de grande sabedoria, chamado Palita, vivia no pé daquela árvore, tendo feito um buraco lá com cem saídas. Nos ramos da árvore vivia um gato, de nome Lomasa, em grande alegria, devorando diariamente um grande número de aves. Algum tempo depois, um Chandala entrou na floresta e construiu uma cabana para si mesmo. Toda noite depois do pôr do sol ele espalhava suas armadilhas. De fato, espalhando suas redes feitas de cordas de couro ele voltava para sua cabana, e passando uma noite de sono tranquilo, voltava ao local no amanhecer do dia. Diversas espécies de animais

caíam em suas armadilhas todas as noites. E aconteceu um dia que o gato, em um momento de descuido, foi pego na armadilha. Ó tu de grande sabedoria, quando seu inimigo, o gato, que era sempre um inimigo da espécie do rato, foi assim apanhado na rede, o rato Palita saiu de sua toca e começou a vagar por lá destemidamente. Enquanto vagava confiantemente pela floresta à procura de comida, o rato depois de um momento viu a carne (que o Chandala tinha espalhado como isca). Subindo na armadilha, o pequeno animal começou a comer a carne. Rindo mentalmente, ele até ficou sobre seu inimigo envolvido na rede sem auxílio. Concentrado em comer a carne, ele não notou seu próprio perigo, pois quando ele levantou seus olhos de repente ele viu que um inimigo terrível tinha chegado àquele local. Aquele inimigo era ninguém mais do que um mangusto agitado de olhos acobreados, de nome Harita. Vivendo em buracos subterrâneos, seu corpo parecia com a flor de um junco. Atraído àquele local pelo cheiro do rato, o animal foi lá com grande velocidade para devorar sua presa. E ele ficou sobre suas ancas, com a cabeça erguida, lambendo os cantos da boca com a língua. O rato viu ao mesmo tempo outro inimigo que vivia nas árvores, então sobre um ramo da banian. Era uma coruja de rondas noturnas de nome Chandraka e bico afiado. Tendo sido visto pelo mangusto e pela coruja, o rato, muito alarmado, começou a pensar desta maneira: ‘Em tal hora de grande perigo, quando a própria morte está me olhando no rosto, quando há medo por todos os lados, como alguém deve agir para o seu próprio bem?’ Cercado pelo perigo por todos os lados, vendo medo em todas as direções, o rato, muito alarmado por sua segurança, tomou uma grande decisão: ‘Desviando-se até de inúmeros perigos por centenas de meios, uma pessoa deve sempre salvar a própria vida. O perigo, no momento presente, me cerca por todos os lados. Se eu descer desta armadilha para o chão, sem precauções suficientes, o mangusto certamente me agarrará e me devorará. Se eu permanecer sobre esta armadilha, a coruja certamente me agarrará. Se, também, aquele gato conseguir se desemaranhar da rede, ele também irá com certeza me devorar. Não é apropriado, no entanto, que um indivíduo da minha inteligência perca sua presença de espírito. Eu irei, portanto, me empenhar da melhor maneira para salvar minha vida, ajudado por meios e inteligência apropriados. Uma pessoa possuidora de inteligência e sabedoria e conhecedora da ciência de política nunca cai, mesmo que seja grande e terrível o perigo que a ameaça. No momento, no entanto, eu não vejo algum outro refúgio além deste gato. Ele é um inimigo. Mas ele está em perigo. O serviço que eu posso fazer para ele é muito grande. Procurado ser feito uma presa por três inimigos, como eu devo agir agora para salvar minha vida? Eu devo procurar a proteção de um destes inimigos, isto é, o gato. Com a ajuda da ciência de política, que eu aconselhe o gato para o seu bem, para que eu possa, com a minha inteligência, escapar de todos os três. O gato é meu grande inimigo, mas o perigo no qual ele caiu é muito grande. Que eu tente ver se eu consigo fazer esta criatura tola entender seus próprios interesses. Tendo caído em tal infortúnio, ele pode fazer as pazes comigo. Uma pessoa quando afligida por uma mais forte deve fazer as pazes até com um inimigo. Professores da ciência de política dizem que esta deve ser a conduta de uma pessoa que tendo caído em uma situação difícil procura a segurança de sua vida. É melhor ter uma pessoa erudita como inimiga do que um tolo como amigo. Com relação a mim mesmo, minha vida agora está

totalmente nas mãos de meu inimigo, o gato. Eu agora me dirigirei ao gato sobre o assunto de sua própria liberação. Talvez, neste momento, não seja errado tomar o gato por um inimigo inteligente e erudito.' Assim mesmo aquele rato, cercado por inimigos, prosseguiu suas reflexões. Tendo refletido dessa maneira, o rato, conhecedor da ciência de Lucro e bem familiarizado com ocasiões quando a guerra deve ser declarada e a paz deve ser feita, se dirigiu gentilmente ao gato, dizendo, 'Eu me dirijo a ti em amizade, ó gato! Tu estás vivo? Eu desejo que tu vivas! Eu desejo o bem de nós dois. Ó amável, tu não tens motivo para temer. Tu viverás alegremente. Eu te salvarei, se, de fato, tu não me matares. Há um recurso excelente neste caso, o qual se sugere para mim, e pelo qual você pode obter sua fuga e eu posso obter grande benefício. Por refletir seriamente eu descobri este recurso por tua causa e por minha causa, que beneficiará nós dois. Há o mangusto e a coruja, ambos esperando com más intenções. Somente enquanto, ó gato, eles não me atacarem, minha vida estará segura. Lá aquela coruja infame com olhares inquietos e gritos horrendos está me olhando do ramo daquela árvore. Eu estou extremamente assustado por isto. Amizade, em relação aos bons, é de sete passos. (Em relação aos bons homens, eles se tornam amigos imediatamente. Por darem somente sete passos em uma caminhada juntos, dois homens bons se tornam amigos.) Possuidor de sabedoria como tu és, tu és meu amigo. Eu agirei em direção a ti como um amigo. Tu não precisas mais temer. Sem meu auxílio, ó gato, tu não conseguirás rasgar a rede. Eu, no entanto, cortarei a rede para te ajudar, se tu te abstiveres de me matar. Tu tens vivido sobre esta árvore e eu tenho vivido em sua base. Nós dois temos morado aqui por muitos longos anos. Tu sabes tudo isso. Aquele em quem ninguém coloca sua confiança, e aquele que nunca confia em outro, nunca são elogiados pelos sábios. Ambos são infelizes. Por esta razão, que nosso amor um pelo outro aumente, e que haja união entre nós dois. Homens de sabedoria nunca aprovam o esforço para fazer uma ação quando sua oportunidade passou. Saiba que esta é a hora apropriada para tal entendimento entre nós. Eu desejo que tu vivas, e tu também desejas que eu viva. Um homem cruza um rio profundo e grande por meio de um pedaço de madeira. É visto que o homem leva o pedaço de madeira para o outro lado, e o pedaço de madeira também leva o homem ao outro lado. Como este, nosso acordo também trará felicidade para nós dois. Eu te salvarei, e tu também me salvarás.' Tendo dito essas palavras que eram benéficas para ambos, repletas de razão e por causa disso muito aceitáveis, o rato Palita esperou na expectativa de uma resposta.'"

"'Ouvindo essas palavras bem escolhidas, repletas de razão e altamente aceitáveis, que o rato disse, o inimigo do rato possuidor de juízo e previdência, isto é, o gato, falou em resposta. Dotado de grande inteligência, e possuidor de eloquência, o gato, refletindo sobre sua própria situação, elogiou as palavras do orador e o honrou por meio de palavras amáveis em retorno. Possuidor de dentes incisivos afiados e de olhos que pareciam as pedras chamadas lápis lazúli, o gato chamado Lomasa, olhando gentilmente para o rato, respondeu o seguinte: 'Eu estou encantado contigo, ó amável! Abençoado sejas tu que desejas que eu viva! Faça, sem hesitação, o que tu achas que terá consequências benéficas. Eu estou certamente em grande perigo. Tu estás, se possível, em um perigo ainda maior.

Que haja um acordo entre nós sem demora. Eu farei o que for oportuno e necessário para a realização do nosso interesse, ó poderoso! Se tu me resgatares, o serviço não será em vão e eu me colocarei nas tuas mãos. Eu sou dedicado a ti. Eu te visitarei e te servirei como um discípulo. Eu procuro tua proteção e sempre obedecerei às tuas ordens,' Assim endereçado, o rato Palita, se dirigindo ao gato que estava completamente sob seu controle, disse estas palavras de grave significado e sabedoria: 'Tu falaste muito magnanimamente. Isto mal poderia ser inesperado de alguém como tu. Ouça-me enquanto eu revelo o recurso que eu descobri para beneficiar nós dois. Eu me agacharei embaixo do teu corpo. Eu estou extremamente assustado pelo mangusto. Salve-me. Não me mate. Eu sou competente para te resgatar. Proteja-me também da coruja, pois aquela vilã também deseja me agarrar como sua presa. Eu cortarei a armadilha que te enreda. Eu juro pela Verdade, ó amigo!' Ouvindo estas palavras judiciosas repletas de razão, Lomasa, cheio de alegria, olhou para Palita e o elogiou com exclamações cordiais. Tendo louvado Palita, o gato, disposto à amizade, refletiu por um momento, e disse alegremente sem perder qualquer tempo, 'Venha a mim rapidamente! Abençoado sejas, tu és, de fato, um amigo caro para mim como a vida. Ó tu de grande sabedoria, pela tua graça eu quase consegui minha vida de volta. O que quer que esteja em meu poder fazer por ti agora, me diga e eu o farei. Que haja paz entre nós, ó amigo! Livre deste perigo, eu irei, com todos os meus amigos e parentes, fazer tudo o que possa ser agradável e benéfico para ti. O amável, livre deste perigo, eu sem dúvida procurarei te alegrar, e te honrar e cultuar em todas as ocasiões em retorno por teus serviços. Uma pessoa, mesmo por fazer serviços abundantes em retorno, nunca se iguala à pessoa que lhe fez o bem em primeiro lugar. O primeiro faz aqueles serviços por causa dos serviços recebidos. O último, no entanto, deve ser considerado como tendo agido sem nenhum motivo.'"

"Bhishma continuou, 'O rato, tendo assim feito o gato compreender seus próprios interesses, se agachou confiantemente abaixo do corpo de seu inimigo. Possuidor de conhecimento, e assim assegurado pelo gato, o camundongo confiantemente se deitou sob o peito do gato como ele fosse o colo de seu pai ou mãe. Vendo-o assim acomodado sob o corpo do gato, o mangusto e a coruja ficaram sem esperanças de agarrar sua presa. De fato, vendo aquela amizade íntima entre o rato e o gato, ambos, Harita e Chandraka, ficaram alarmados e cheios de surpresa. Ambos tinham força e inteligência. Hábeis em apanhar sua presa, embora próximos, o mangusto e a coruja se sentiram incapazes de afastar o camundongo e o gato daquele acordo. De fato, vendo que o gato e o rato tinham feito aquela aliança para realizarem seus objetivos mútuos, o mangusto e a coruja deixaram aquele local e foram para suas respectivas residências. Depois disto, o rato Palita, conhecedor dos requisitos de tempo e lugar, começou, enquanto estava sob o corpo do gato, a cortar as cordas da armadilha lentamente, esperando a hora apropriada para terminar seu trabalho. Afligido pelas cordas que o envolviam, o gato ficou impaciente ao ver o camundongo cortando lentamente a armadilha. Vendo o rato empenhado tão lentamente no trabalho, o gato desejando acelerá-lo na tarefa, disse: 'Como é, ó amável, que tu não prossegues com pressa em teu trabalho? Tu me desconsideras agora, tendo conseguido teu objetivo? Ó

matador de inimigos, corte estas cordas rapidamente. O caçador logo virá para cá.' Assim endereçado pelo gato que tinha ficado impaciente, o rato possuidor de inteligência disse estas palavras benéficas repletas de seu próprio bem para o gato que não parecia possuir muita sabedoria: 'Espere em silêncio, ó amável! A pressa não é necessária. Abandone todos os teus temores. Nós conhecemos os requisitos de tempo. Nós não estamos perdendo tempo. Quando um ato é iniciado em uma hora imprópria, ele nunca se torna lucrativo quando realizado. A ação, por outro lado, que é começada no tempo apropriado sempre produz resultados esplêndidos. Se tu fores libertado em um momento impróprio, eu terei grande receio de ti. Portanto, espere pela hora apropriada. Não seja impaciente, ó amigo! Quando eu vir o caçador se aproximar deste local armado com armas, eu cortarei as cordas naquele momento de medo para nós dois. Livre então, tu subirás na árvore. Naquela hora tu não pensarás em nada além da segurança da tua vida. E quando tu, ó Lomasa, fugires com medo, eu entrarei em minha toca e tu subirás na árvore.' Assim endereçado pelo rato em palavras que eram benéficas para ele, o gato, possuidor de inteligência e eloquência, e impaciente para salvar sua vida, respondeu para o rato nas seguintes palavras. De fato, o gato, que tinha rapidamente e devidamente feito a sua própria parte no acordo, se dirigindo ao rato que não era diligente em cumprir sua parte, disse, 'Eu te resgatei de um grande perigo com presteza considerável. Ai! Pessoas honestas nunca fazem serviço para seus amigos dessa maneira. Cheios de alegria ao fazerem-no, eles o fazem de outra maneira. Tu deves fazer o que é para o meu bem com maior rapidez. Ó tu de grande sabedoria, te empenhe um pouco mais para que o bem possa ser feito para nós dois. Se, por outro lado, se lembrando da nossa antiga hostilidade tu estás somente esperando a hora para escapulir, saiba, ó indivíduo perverso, que a consequência dessa tua ação certamente diminuirá a duração da tua própria vida! (A virtude prolonga a vida, e pecado e maldade sempre a diminuem. Isto é declarado quase em todos os lugares nas escrituras Hindus.) Se eu alguma vez, antes disto, inconscientemente fiz algum mal para ti, tu não deves manter isto na lembrança. Eu suplico teu perdão. Fique satisfeito comigo.' Depois que o gato tinha dito estas palavras, o rato, possuidor de inteligência e sabedoria e conhecimento das escrituras, disse estas palavras excelentes para ele: 'Eu, ó gato, ouvi o que tu disseste em apoio ao teu próprio objetivo. Escute, no entanto, a mim enquanto eu te digo o que é compatível com os meus próprios objetivos. Aquela amizade na qual há medo e que não pode ser mantida sem medo, deve ser preservada com grande cautela como a mão (do encantador de cobras) das presas da cobra. A pessoa que não se protege depois te ter feito uma aliança com um indivíduo mais forte, constata que aquele compromisso produz dano em vez de benefício. Ninguém é amigo de ninguém; ninguém é benquerente de ninguém; as pessoas se tornam amigas ou inimigas somente por motivos de interesse. Interesses atraem interesses assim como elefantes domesticados capturam indivíduos selvagens de sua espécie. Depois, também, de uma ação ter sido realizada, o fazedor mal é considerado. Por esta razão, todas as ações devem ser feitas de forma que alguma coisa possa permanecer para ser feita. Quando eu te libertar, tu irás, afligido pelo medo do caçador, fugir pela tua vida sem nem pensar em me capturar. Veja, todas as cordas desta rede foram cortadas por mim. Somente resta uma para ser cortada. Eu a cortarei também com pressa. Fique

confortado, ó Lomasa!' Enquanto o rato e o gato estavam falando dessa maneira um com o outro, ambos em sério perigo, a noite passou gradualmente. Um grande medo, no entanto, entrou no coração do gato. Quando finalmente chegou a manhã, o Chandala, cujo nome era Parigha, apareceu em cena. Seu rosto era terrível. Seu cabelo era preto e fulvo. Seus quadris eram muito largos e seu aspecto era muito feroz. De uma boca grande que se estendia de orelha a orelha, e extremamente sujo, suas orelhas eram muito longas. Armado com armas e acompanhado por uma matilha de cachorros, o homem de aparência lúgubre apareceu em cena. Vendo o indivíduo que parecia um mensageiro de Yama, o gato se encheu de medo. Dominado pelo pavor, ele se dirigiu a Palita e disse, 'O que tu farás agora?' O rato muito rapidamente cortou a corda restante que retinha o gato. Livre da armadilha, o gato correu com velocidade e subiu na banian. Palita também, livre daquela situação de perigo e da presença de um inimigo terrível, fugiu rapidamente e entrou em seu buraco. Lomasa enquanto isso tinha subido na árvore alta. O caçador, vendo tudo, pegou a ponta de sua rede. Suas esperanças frustradas, ele também deixou aquele local rapidamente. De fato, ó touro da raça Bharata, o Chandala voltou para sua residência. Livre daquele grande perigo, e tendo obtido de volta sua vida que era assim tão valiosa, o gato dos ramos daquela árvore se dirigiu ao rato Palita então dentro do buraco, e disse, 'Sem ter conversado comigo, tu fugiste de repente. Eu espero que tu não suspeites que eu tenha alguma má intenção. Eu estou certamente grato e tu me fizeste um grande serviço. Tendo me inspirado com confiança e tendo me dado minha vida, por que tu não te aproximas de mim em uma hora quando amigos devem desfrutar da doçura da amizade? Tendo feito amigos, aquele que os esquece depois é considerado uma pessoa má e nunca consegue obter amigos em tempos de perigo e necessidade. Eu, ó amigo, fui honrado e servido por ti da melhor maneira que tu pudesses. Cabe a ti desfrutar da companhia da minha pobre pessoa que se tornou tua amiga. Como discípulos adorando seu preceptor, todos os amigos que eu tenho, todos os meus parentes e amigos, irão te respeitar e venerar. Eu mesmo também te adorarei com todos os teus amigos e parentes. Que pessoa agradecida não adoraria aquele que lhe deu a vida? Sejas tu o senhor do meu corpo e da minha casa. Sejas tu o dono de todas as minhas posses e riquezas. Sejas o meu honrado conselheiro e me ordene como um pai. Eu juro pela minha vida que tu não tens que ter medo de nós. Em inteligência tu és como o próprio Usanas. Pelo poder da tua compreensão tu nos conquistaste. Possuidor de força de política, tu nos deste nossa vida.' Endereçado em tais palavras calmantes pelo gato, o rato, familiarizado com tudo o que era produtivo do maior bem, respondeu nestas palavras gentis que eram benéficas para ele mesmo: 'Eu ouvi, ó Lomasa, tudo o que tu disseste. Escute agora enquanto eu falo o que me parece. Amigos devem ser bem examinados. Inimigos também devem ser bem estudados. Neste mundo, uma tarefa como esta é considerada até pelos eruditos como difícil e dependente de uma inteligência aguçada. Amigos assumem a aparência de inimigos, e inimigos assumem a aparência de amigos. Quando pactos de amizade são formados, é difícil para os partidos compreenderem se os outros partidos são realmente movidos por luxúria e ira. Não há tal coisa como um inimigo. Não há tal coisa em existência como um amigo. É a força das circunstâncias que cria amigos e inimigos. Aquele que considera seus próprios interesses assegurados contanto

que outra pessoa viva e pensa que eles estarão em perigo quando aquela outra pessoa cessar de viver, toma a outra pessoa como um amigo e a considera assim desde que aqueles seus interesses não sejam contrariados. Não há uma condição que mereça permanentemente o nome amizade ou hostilidade. Amigos e inimigos provêm de considerações de interesses e lucro. Amizade se transforma em inimizade com o decorrer do tempo. Um inimigo também se torna um amigo. O egoísmo é muito poderoso. Aquele que deposita uma confiança cega em amigos e sempre se comporta com desconfiança em direção a inimigos, sem prestar nenhuma atenção às considerações de política, percebe que sua vida está sem segurança. Aquele que, desconsiderando todas as considerações de política, coloca seu coração em uma união afetuosa com amigos ou inimigos, vem a ser considerado como uma pessoa cuja compreensão foi confundida. Não se deve depositar confiança em uma pessoa não merecedora de confiança, nem se deve confiar demais em uma pessoa merecedora de confiança. O perigo que provém da confiança cega é tal que este corta as próprias raízes (da pessoa que deposita tal confiança). O pai, a mãe, o filho, o tio materno, o filho da irmã, e outros parentes e amigos, são todos guiados por considerações de interesses e lucro. Pai e mãe podem ser vistos rejeitarem o filho querido se decaído. (Isto é, se expulso da casta por causa de práticas irreligiosas.) As pessoas cuidam de si mesmas. Veja a eficácia do egoísmo. Ó tu que és possuidor de grande sabedoria, é muito difícil a fuga de quem imediatamente depois de estar livre do perigo procura os meios da felicidade de seu inimigo. Tu vieste do topo da árvore para este mesmo local. Tu não pudeste, por frivolidade de compreensão, verificar que uma rede tinha sido espalhada aqui. Uma pessoa, possuidora de frivolidade de compreensão, falha em proteger a si mesma. Como ela pode proteger outros? Tal pessoa, sem dúvida, arruína todas as suas ações. Tu me disseste em palavras gentis que eu sou muito caro para ti. Ouça, no entanto, ó amigo, as razões que existem do meu lado. Alguém se torna querido por uma causa adequada. Alguém se torna um inimigo por uma causa adequada. Todo este mundo de criaturas é movido pelo desejo de ganho (de alguma forma ou de outra). Alguém nunca se torna querido para outro (sem causa). A amizade entre dois irmãos, o amor entre marido e mulher, depende do interesse. Eu não conheço qualquer tipo de afeto entre quaisquer pessoas que não se apóie sobre algum motivo de egoísmo. Se, como é às vezes visto, irmãos ou marido e mulher, tendo discutido, se reconciliam por uma afeição natural, tal coisa não é vista em pessoas não relacionadas umas com as outras. Uma pessoa se torna querida por sua generosidade. Outra por suas palavras gentis. Uma terceira se torna assim por causa de seus atos religiosos. Geralmente, uma pessoa se torna cara pelo propósito que ela serve. O afeto entre nós resultou de uma causa suficiente. Aquela causa não existe mais. Por outro lado, por uma razão suficiente, aquele afeto entre nós acabou. Qual é a razão, eu pergunto, pela qual eu me tornei tão caro para ti, além do teu desejo de fazer de mim tua presa? Tu deverias saber que eu não me esqueci disto. O Tempo arruína razões. Tu procuras teus próprios interesses. Outros, no entanto, possuidores de sabedoria, compreendem seus próprios interesses. O mundo depende dos exemplos dos sábios. Tu não deves dirigir tais palavras para uma pessoa possuidora de erudição e competente para compreender seus próprios interesses. Tu és poderoso. A razão deste afeto que tu demonstraste por mim agora é fora de

propósito. Guiado, no entanto, pelos meus próprios interesses, eu sou firme na paz e na guerra que são eles mesmos muito instáveis. As circunstâncias sob as quais a paz deve ser feita ou a guerra ser declarada mudam tão rapidamente quanto as nuvens mudam sua forma. Neste mesmo dia tu foste meu inimigo. Neste mesmo dia, também, tu foste meu amigo. E neste mesmo dia mais uma vez tu te tornaste meu inimigo. Veja a leviandade das considerações que movem as criaturas vivas. Havia amizade entre nós enquanto havia razão para a sua existência. Aquela razão, dependente do tempo, findou. Sem ela, aquela amizade também findou. Tu és meu inimigo por natureza. Pelas circunstâncias tu te tornaste meu amigo. Aquele estado de coisas já passou. O velho estado de inimizade natural retornou. Inteiramente conhecedor como eu sou dos ditames de política que foram declarados dessa maneira, me diga por que eu deveria entrar hoje, por tua causa, na rede que está espalhada para mim. Pelo teu poder eu fui libertado de um grande perigo. Pelo meu poder tu foste libertado de um perigo similar. Cada um de nós serviu o outro. Não há necessidade de nos unirmos outra vez em um relacionamento amistoso. Ó amável, o objetivo que tu tinhas foi realizado. O objetivo que eu tinha também foi realizado. Tu agora não tens uso para mim exceto me fazer tua refeição. Eu sou teu alimento. Tu és o comedor. Eu sou fraco. Tu és forte. Não pode haver uma união amistosa entre nós quando nós estamos situados tão desigualmente. Eu percebo tua sabedoria. Tendo sido resgatado da rede, tu me elogias para que tu possas conseguir facilmente fazer uma refeição de mim. Tu foste pego na rede por causa do alimento. Tu foste libertado dela. Tu agora sentes uma fome aguda. Tendo recorrido àquela sabedoria que resulta de um estudo das escrituras, tu procuras em verdade me comer hoje. Eu sei que tu estás faminto. Eu sei que esta é tua hora de te alimentares. Tu estás procurando por tua presa, com teus olhos dirigidos para mim. Tu tens filhos e esposas. Tu ainda procuras uma união amistosa comigo e desejas me tratar com afeição e me fazer préstimos. Ó amigo, eu não posso concordar com esta proposta. Me vendo contigo, por que tua cara cônjuge e teus filhos carinhosos não me comeriam alegremente? Eu não irei, portanto, me unir contigo em amizade. A razão para tal união não existe mais. Se, de fato, tu não esqueces meus bons préstimos, pense no que será benéfico para mim e fique satisfeito. Qual pessoa possuidora de alguma sabedoria se colocaria sob o poder de um inimigo que não é famoso pela retidão, que está com fome aguda, e que está à procura de uma presa? Sejas feliz então, eu agora te deixarei. Eu fico alarmado mesmo se eu te vejo de uma distância. Eu não me misturarei contigo, cesse tuas tentativas, ó Lomasa! Se tu achas que eu te fiz um serviço, siga então os ditames de amizade quando possa acontecer de eu vagar confiantemente ou descuidadamente. Isso mesmo será gratidão em ti. Uma residência perto de uma pessoa possuidora de força e poder nunca é aprovada, mesmo se o perigo que existiu for considerado como passado. Eu devo sempre ter receio de alguém mais poderoso do que eu. Se tu não procuras teus próprios interesses (do tipo indicado), me diga então o que eu devo fazer por ti. Eu certamente te darei tudo exceto minha vida. Para proteger a si mesma uma pessoa deve desistir dos próprios filhos, e reino, e jóias, e riqueza. Ela deve sacrificar tudo para proteger a si mesma. Se uma pessoa vive ela pode recuperar toda a riqueza que ela possa ter dado para inimigos para proteger sua vida. Não é desejável desistir da vida

como da riqueza. De fato, a pessoa deve sempre se proteger, como eu já disse, por desistir de suas esposas e riqueza. Pessoas que são conscientes de sua própria proteção e que fazem todos os seus atos depois de uma consideração e pesquisa apropriadas, nunca incorrem em perigo como a consequência de suas ações. Aqueles que são fracos sempre conhecem como um inimigo aquele que possui maior força. Sua inteligência, firme nas verdades das escrituras, nunca perde sua firmeza.'"

"Assim repreendido inteligentemente pelo rato Palita, o gato, corando de vergonha, se dirigiu ao rato e disse as seguintes palavras."

"Lomasa disse, 'Realmente eu te juro que ferir um amigo é, em minha avaliação, muito censurável. Eu conheço tua sabedoria. Eu sei também que tu és dedicado ao meu bem. Guiado pela ciência de Lucro, tu disseste que há causa para um rompimento entre nós. Não cabe a ti, no entanto, ó bom amigo, me tomar pelo que eu não sou. Eu nutro uma grande amizade por ti por tu teres me concedido minha vida. Eu sou, também, conhecedor dos deveres. Eu sou todo apreciador dos méritos de outras pessoas. Eu sou muito grato por serviços recebidos. Eu sou dedicado a servir os amigos. Eu sou, também, especialmente dedicado a ti. Por estas razões, ó bom amigo, cabe a ti se reunir comigo. Se eu for mandado por ti, eu posso, com todos os meus amigos e parentes, sacrificar minha própria vida. Aqueles que são possuidores de erudição e sabedoria vêem grandes razões para colocar sua confiança em pessoas de tal disposição mental como nós. Ó tu que és conhecedor das verdades de moralidade, não cabe a ti nutrir qualquer suspeita em relação a mim.' Assim endereçado pelo gato, o rato, refletindo um pouco, disse estas palavras de grave significado para o último, 'Tu és muitíssimo bom. Eu ouvi tudo o que tu disseste e estou contente em te ouvir. Apesar de tudo isso, no entanto, eu não posso confiar em ti. É impossível para ti, por meio de tais elogios ou por presentes de grande riqueza, me induzir a me unir contigo outra vez. Eu te digo, ó amigo, que aqueles que possuem sabedoria nunca se colocam, quando não há razão suficiente, sob o poder de um inimigo. Uma pessoa fraca tendo feito um acordo com uma mais forte quando ambas são ameaçadas por inimigos, deve (quando o perigo em comum passar) se comportar com cautela e por considerações de política. Tendo alcançado seu objetivo, o mais fraco dos dois partidos não deve depositar confiança no forte novamente. Nunca se deve confiar em uma pessoa que não merece confiança. Nem se deve depositar uma confiança cega em uma pessoa merecedora de confiança. Uma pessoa deve sempre se esforçar para inspirar outras com confiança em si mesma. Ela não deve, no entanto, colocar confiança em inimigos. Por estas razões alguém deve, sob todas as circunstâncias, proteger a si mesmo. As posses e filhos e todas as coisas de uma pessoa somente têm valor enquanto ela está viva. Em resumo, a maior verdade de todos os tratados de política é a desconfiança. Por esta razão, desconfiar de todos produz o maior bem. Por mais que fracas que algumas pessoas possam ser, se elas desconfiarem de seus inimigos, os últimos, mesmo que fortes, nunca conseguem tê-las sob seu poder. Ó gato, alguém como eu deve sempre proteger sua vida de pessoas como tu. Proteja também tua própria vida do Chandala cuja raiva foi excitada.' Quando o rato falou dessa maneira, o gato,

assustado pela menção do caçador, deixando depressa o ramo da árvore, fugiu com grande velocidade. Tendo assim mostrado seu poder de compreensão, o rato Palita também, conhecedor das verdades das escrituras e possuidor de sabedoria, entrou em outro buraco.'"

"Bhishma continuou, 'Assim o rato Palita, possuidor de sabedoria, embora fraco e sozinho, conseguiu frustrar muitos inimigos poderosos. Alguém que possui inteligência e erudição deve fazer as pazes com um inimigo poderoso. O rato e o gato deveram sua fuga à sua confiança nos serviços um do outro. Eu assim te indiquei o curso dos deveres Kshatriya detalhadamente. Escute agora a mim em resumo. Quando duas pessoas que alguma vez estiveram envolvidas em hostilidades fazem as pazes entre si, é certo que cada uma delas tem em seu coração o desejo de levar a melhor sobre a outra. Em tal caso aquela que é possuidora de sabedoria tem êxito, pelo poder de sua inteligência, em superar a outra. Aquela, por outro lado, que é desprovida de sabedoria se permite, por sua desatenção, ser superada pela sábia. É necessário, portanto, que alguém com medo pareça estar destemido, e enquanto realmente desconfiando de outros ele deve parecer ser confiante. Alguém que age com tal atenção nunca dá um passo em falso, ou tropeçando, nunca é arruinado. Quando chega a hora para isto, deve-se fazer as pazes com um inimigo; e quando chega a hora, deve-se travar guerra até com um amigo. Assim mesmo uma pessoa deve se comportar, ó rei, como disseram aqueles que são familiarizados com as considerações de paz (e guerra). Sabendo disso, ó monarca, e mantendo as verdades da escritura em mente, alguém deve, com todos os seus sentidos ao seu redor e sem negligência, agir como uma pessoa com medo antes que a causa de medo se apresente verdadeiramente. Deve-se, antes que o motivo de temor tenha realmente chegado, agir como uma pessoa com medo, e fazer as pazes com inimigos. Tal medo e cautela levam à agudeza de inteligência. Se alguém age como um homem com medo antes que a causa de medo esteja à mão, ele nunca se enche de medo quando aquela causa está realmente presente. Do medo, no entanto, de uma pessoa que sempre age com destemor, um medo muito grande é visto surgir. (Tal homem, quando cheio de temor, se torna incapaz de repelir seus perigos e calamidades. A prudência requere que uma pessoa tema contanto que a causa de temor não esteja à mão. Quando, no entanto, aquela causa se apresenta verdadeiramente, ela deve aplicar sua coragem.) 'Nunca nutra medo', tal conselho nunca deve ser dado a alguém. A pessoa que nutre medo movida por uma consciência de sua fraqueza sempre procura os conselhos de homens sábios e experientes. Por estas razões, deve-se, quando com medo, parecer estar sem medo, e quando desconfiando de (outros) deve-se parecer estar confiante. Não se deve, mesmo em vista dos atos mais graves, se comportar em direção a outros com falsidade. Assim eu narrei para ti, ó Yudhishthira, a antiga história (do rato e do gato). Tendo-a escutado, aja devidamente no meio de teus amigos e parentes. Derivando daquela história uma grande compreensão, e aprendendo a diferença entre amigo e inimigo e o tempo apropriado para guerra e paz, tu deves descobrir os meios de escapar quando oprimido pelo perigo. Fazendo as pazes, em uma época de perigo em comum, com alguém que é poderoso, tu deves agir com consideração apropriada na questão de te unir com o inimigo (quando passar o

perigo em comum). De fato, tendo alcançado teu objetivo, tu não deves confiar no inimigo novamente. Este caminho de política é consistente com o agregado de três (isto é, Virtude, Lucro,e Prazer), ó rei! Guiado por este Sruti, ganhe prosperidade por proteger teus súditos mais uma vez. Ó filho de Pandu, sempre procure a companhia de Brahmanas em todos os teus atos. Os Brahmanas constituem a grande fonte de benefício neste mundo e no próximo. Eles são professores de dever e moralidade. Eles são sempre gratos, ó pujante! Se adorados, eles com certeza te farão bem. Portanto, ó rei, tu deves sempre adorá-los. Tu irás então, ó rei, obter devidamente reino, grande bem, fama, realização e progênie em sua ordem correta. Com olhos dirigidos para essa história de paz e guerra entre o rato e o gato, essa história formulada em palavras excelentes e capaz de afiar a inteligência, um rei deve sempre se comportar no meio de seus inimigos.'"

139

"Yudhishthira disse, 'Tu declaraste, ó poderoso, que nenhuma confiança deve ser colocada em inimigos. Mas como o rei se manteria se ele não confiasse em alguém? Da confiança, ó rei, como tu disseste, surge um grande perigo para os reis. Mas como, ó monarca, um rei pode, sem confiar em outros, vencer seus inimigos? Bondosamente esclareça esta minha dúvida. Minha mente ficou confusa, ó avô, pelo que eu te ouvi dizer sobre o assunto da desconfiança.'"

"Bhishma disse, 'Escute, ó rei, ao que aconteceu na residência de Brahmadatta, isto é, a conversa entre Pujani e o rei Brahmadatta. Havia uma ave chamada Pujani que viveu por um longo tempo com o rei chamado Brahmadatta nos aposentos internos de seu palácio em Kampilya. Como a ave Jivajivaka, Pujani podia imitar os gritos de todos os animais. Embora uma ave por nascimento, ela tinha grande conhecimento e era familiarizada com toda a verdade. Enquanto vivendo lá, ela deu à luz um filho de grande esplendor. Na mesma época o rei também teve um filho de sua rainha. Pujani, que era grata pela proteção do lar do rei, costumava ir todos os dias às margens do oceano e trazer um par de frutas para a nutrição de seu próprio filho e do jovem príncipe. Uma daquelas frutas ela dava para seu filho e a outra ela dava ao príncipe. As frutas que ela trazia eram doces como néctar, e capazes de aumentar a força e a energia. Todos os dias ela as trazia e diariamente ela as dispunha da mesma maneira. O jovem príncipe derivou grande força da fruta dada por Pujani que ele comia. Um dia o príncipe menino, enquanto carregado nos braços de sua babá, viu o pequeno filhote de Pujani. Descendo dos braços da babá, a criança correu em direção à ave, e, movido por impulso infantil, começou a brincar com ela, saboreando muito a diversão. Finalmente, erguendo a ave que tinha a mesma idade que ele em suas mãos, o príncipe espremeu sua jovem vida e então voltou para sua babá. A ave mãe, ó rei, que tinha estado fora em sua busca das frutas habituais, voltando ao palácio, viu seu filhote jazendo no chão, morto pelo príncipe. Vendo seu filho privado de vida, Pujani, com lágrimas correndo por suas bochechas, e coração queimando de dor, chorou amargamente e disse, 'Ai, ninguém deve viver com um

Kshatriya ou fazer amizade com ele ou se deleitar em algum relacionamento com ele. Quando eles têm algum objetivo para cumprir, eles se comportam com cortesia. Quando aquele objetivo foi cumprido eles rejeitam o instrumento. Os Kshatriyas fazem mal para todos. Nunca se deve confiar neles. Mesmo depois de fazer uma injúria eles sempre procuram acalmar e assegurar o prejudicado em vão. Eu certamente me vingarei diretamente, por este ato de hostilidade, neste traidor de confiança ingrato e cruel. Ele é culpado de um pecado triplo por tirar a vida de alguém que nasceu no mesmo dia em que ele e que estava sendo criado com ele no mesmo lugar, que costumava comer com ele, e que era dependente dele por proteção.' Tendo dito estas palavras para si mesma, Pujani, com suas garras, perfurou os olhos do príncipe, e derivando algum consolo daquele ato de vingança, mais uma vez disse, 'Uma ação pecaminosa, cometida de propósito, ataca o fazedor sem qualquer perda de tempo. Aqueles, por outro lado, que se vingam de uma injúria, nunca perdem seu mérito por tal conduta. Se a consequência de uma ação pecaminosa não for vista no próprio perpetrador, ela certamente será vista, ó rei, em seus filhos ou filhos do filho ou filhos da filha.' Brahmadatta, vendo seu filho cegado por Pujani e considerando o ato como uma vingança apropriada pelo que seu filho tinha feito, disse estas palavras para Pujani.'"

"Brahmadatta disse, 'Uma injúria foi feita por nós a ti. Tu te vingaste por fazer uma injúria em retorno. A conta está liquidada. Não deixe esta tua residência. Por outro lado, continue a morar aqui, ó Pujani.'"

"Pujani disse, 'Se uma pessoa tendo uma vez prejudicado outra, continua a morar com aquela outra, aqueles que possuem conhecimento nunca aprovam sua conduta. Sob tais circunstâncias é sempre melhor o ofensor deixar sua antiga moradia. Nunca se deve colocar confiança nas garantias calmantes recebidas de uma pessoa prejudicada. O tolo que confia em tais garantias logo encontra a destruição. A animosidade não se esfria rapidamente. Os próprios filhos e netos de pessoas que prejudicaram umas às outras encontram a destruição (em consequência da disputa descendente como uma herança). Por causa também de tal destruição de sua progênie, eles perdem o mundo seguinte também. Entre homens que prejudicaram uns aos outros, a desconfiança seria produtiva de felicidade. Não se deve confiar de modo algum em alguém que traiu confiança. Não se deve confiar em alguém não digno de confiança; nem se deve confiar demais em uma pessoa digna de confiança. O perigo que provém da confiança cega ocasiona uma destruição que é completa. Um homem deve procurar inspirar outros com confiança em si mesmo. No entanto, ele nunca depositar confiança em outros. Somente o pai e a mãe são os amigos mais importantes. A esposa é meramente um recipiente para colocar as sementes. O filho é somente a semente. O irmão é um inimigo. O amigo ou companheiro precisa ser adulado se for para ele permanecer assim. É a própria pessoa que desfruta ou sofre da própria felicidade ou tristeza. Entre pessoas que feriram umas às outras, não é aconselhável que haja paz (verdadeira). As razões pelas quais eu vivi aqui não existem mais. A mente de uma pessoa que feriu outra uma vez se torna naturalmente cheia de desconfiança, se ela vê a pessoa ofendida adorando-a com

presentes e honras. Tal conduta, especialmente quando mostrada por aqueles que são fortes, sempre enche os fracos de alarme. Uma pessoa possuidora de inteligência deve deixar aquele local onde ela primeiro encontrou honra para em seguida encontrar somente desonra e ofensa. Apesar de alguma honra subsequente que ela possa obter de seu inimigo, ela deve se comportar dessa maneira. Eu tenho morado em tua residência por um longo tempo, sempre honrada por ti. Uma causa de inimizade, no entanto, finalmente surgiu. Eu devo, portanto, deixar este lugar sem qualquer hesitação.'"

"Brahmadatta disse, 'Alguém que faz uma ofensa em retorno por uma ofensa recebida nunca é considerado como ofensor. De fato, o vingador ajusta sua conta por tal conduta. Portanto, ó Pujani, continue a residir aqui sem deixar este lugar.'"

"Pujani disse, 'Nenhuma amizade pode ser consolidada mais uma vez entre uma pessoa que ofendeu e aquela que infligiu uma injúria em retorno. Os corações de nenhuma das duas pode esquecer o que aconteceu.'"

"Brahmadatta disse, 'É necessário que uma união se realize entre um ofensor e o vingador daquela ofensa. A animosidade mútua, a partir de tal união, é vista esfriar. Nenhuma outra ofensa também tem se seguido em tais casos.'"

"Pujani disse, 'A animosidade (nascida de ofensas mútuas) nunca pode morrer. A pessoa ofendida nunca deve confiar em seus inimigos, pensando, 'Ó, eu fui confortado com garantias de afeição.' Neste mundo, homens frequentemente encontram a destruição por causa de confiança (colocada em lugar errado). Por esta razão é necessário que nós não mais encontremos um ao outro. Aqueles que não podem ser reduzidos à submissão pela aplicação de força e armas afiadas, podem ser conquistados por conciliação (insincera) como elefantes (selvagens) através de uma elefanta (domesticada).'"

"Brahmadatta disse, 'Do fato de duas pessoas residirem juntas, mesmo se uma inflige sobre a outra uma ofensa mortal, uma afeição surge naturalmente entre elas, como também confiança mútua como no caso do Chandala e do cachorro. Entre pessoas que prejudicaram umas às outras, residência em comum enfraquece a agudeza da animosidade. De fato, aquela animosidade não dura muito tempo, mas desaparece rapidamente como água derramada sobre a folha de um lótus.'"

"Pujani disse, 'A hostilidade surge de cinco causas. Pessoas possuidoras de erudição sabem disto. Aquelas cinco causas são mulher, terra, palavras duras, incompatibilidade natural, e injúria. (A hostilidade entre Krishna e Sisupala era devida à primeira destas causas, entre os Kurus e os Pandavas à segunda, entre Drona e Drupada à terceira, aquela entre o rato e o gato à quarta, e aquela entre a ave e o rei, na presente história, à quinta.) Quando acontece de a pessoa com quem a hostilidade ocorre ser um homem de generosidade, ele nunca deve ser morto, especialmente por um Kshatriya, abertamente ou por meios velados. Em tal caso, o erro do homem deve ser pesado devidamente. (O ato que levou à hostilidade deve ser considerado calmamente pelo inimigo antes de ele dar vazão à raiva.) Quando surge hostilidade mesmo com um amigo, nenhuma confiança

ulterior deve ser colocada nele. Sentimentos de animosidade existem escondidos como fogo em madeira. Como o fogo Aurvya dentro das águas do oceano, o fogo da animosidade nunca pode ser extinto por presentes de riquezas, por mostra de coragem, por conciliação, ou por conhecimento escritural. O fogo da animosidade, uma vez aceso, o resultado de uma ofensa uma vez infligida, nunca é extinto, ó rei, sem consumir inteiramente uma das partes. Alguém, tendo ferido uma pessoa, nunca deve confiar nela outra vez como uma amiga, mesmo que ela possa ter (depois da ofensa) o adorado com riquezas e honras. O fato da injúria infligida enche de medo o ofensor. Eu nunca te prejudiquei. Tu também nunca me fizeste uma injúria. Por esta razão eu morei em tua residência. Tudo aquilo está mudado, e no momento eu não posso confiar em ti.'"

"Brahmadatta disse, 'É o Tempo que faz todas as ações. As ações são de diversos tipos, e todas elas procedem do Tempo. Quem, portanto, ofende quem? (Se é o Tempo que faz todos os atos não pode haver responsabilidade individual.) Nascimento e Morte acontecem da mesma maneira. As criaturas agem (isto é, nascem e vivem) por causa do Tempo, e é também pelo Tempo que elas cessam de viver. Algumas são vistas morrerem imediatamente. Algumas morrem em um tempo. Algumas são vistas viverem por longos períodos. Como fogo consumindo combustível, o Tempo consome todas as criaturas. Ó senhora abençoada, eu não sou, portanto, a causa da tua tristeza, nem tu és a causa da minha. É o Tempo que sempre ordena o bem e o mal das criaturas incorporadas. Continue então a morar aqui de acordo com tua vontade, com afeição por mim e sem medo de alguma injúria de mim. O que tu fizeste foi perdoado por mim. Perdoe-me também, ó Pujani!'"

"Pujani disse, 'Se o Tempo, de acordo contigo, é a causa de todos os atos, então é claro que ninguém poderia nutrir sentimentos de animosidade em direção a alguém sobre a terra. Eu pergunto, no entanto, por que amigos e parentes procuram vingar eles mesmos os mortos. Por que também os deuses e os Asuras antigamente atingiram uns aos outros em batalha? Se é o Tempo que causa bem e mal e nascimento e morte, por que então médicos procuram aplicar remédios nos doentes? Se é o Tempo que está moldando tudo, que necessidade há de remédios? Por que as pessoas, privadas de sua razão pela dor, se entregam a tais rapsódias delirantes? Se o Tempo, de acordo contigo, é a causa das ações, como mérito religioso pode ser adquirido pelas pessoas realizando atos religiosos? Teu filho matou meu filho. Eu o feri por isso. Por aquele ato, ó rei, eu me tornei sujeita a ser morta por ti. Movida pelo sofrimento por meu filho, eu fiz este dano ao teu filho. Escute agora a razão pela qual eu me tornei sujeita a ser morta por ti. Homens desejam aves ou para matá-las para comer ou para mantê-las em gaiolas por divertimento. Não há terceira razão além de tal matança ou prisão pela qual homens procurariam indivíduos da nossa espécie. Aves, também, por medo de serem mortas ou presas pelos homens, procuram segurança na fuga. Pessoas conhecedoras dos Vedas dizem que morte e prisão são ambas dolorosas. A vida é cara para todos. Todas as criaturas são feitas miseráveis pela dor e aflição. Todas as criaturas desejam felicidade. A tristeza provém de várias fontes. Decrepitude, ó Brahmadatta, é tristeza. A perda de riqueza é tristeza. A

proximidade de qualquer coisa desagradável ou má é tristeza. Separação ou dissociação de amigos e objetos agradáveis é tristeza. A tristeza surge da morte e prisão. A tristeza surge de causas ligadas com mulheres e de outras causas naturais. A tristeza que surge da morte de crianças altera e aflige imensamente todas as criaturas. Algumas pessoas tolas dizem que não há tristeza na tristeza de outros. (Isto é, elas são indiferentes à tristeza de outras pessoas.) Somente quem não sentiu qualquer tristeza ele mesmo pode falar assim no meio de homens. Aquele, no entanto, que tem sentido tristeza e miséria nunca ousaria falar dessa maneira. Alguém que sentiu as dores de todos os tipos de tristeza sente a tristeza dos outros como sua. O que eu te fiz, ó rei, e o que tu me fizeste, não pode ser limpo nem por cem anos. Depois do que nós fizemos um para o outro, não pode haver uma reconciliação. Sempre que acontecer de tu pensares em teu filho, tua animosidade em direção a mim será revigorada. Se uma pessoa, depois de se vingar de uma ofensa, deseja fazer as pazes com o ofendido, as partes não podem ser reunidas devidamente assim como os fragmentos de um vaso de terra. Homens conhecedores das escrituras declaram que confiar nunca produz felicidade. O próprio Usanas cantou dois versos para Prahlada nos tempos passados. Aquele que confia nas palavras, verdadeiras ou falsas, de um inimigo, encontra a destruição como um buscador de mel, em uma cova coberta com grama seca. (Buscadores de mel dirigem suas paradas por colinas e vales por observarem atentamente o curso do vôo de abelhas. Consequentemente eles encontram quedas frequentes.) Animosidades são vistas sobreviverem à própria morte de inimigos, pois pessoas falam das brigas anteriores de seus pais falecidos perante seus filhos sobreviventes. Reis extinguem animosidades por recorrerem à conciliação mas, quando chega a oportunidade, eles quebram seus inimigos em pedaços como jarros de terra cheios de água lançados sobre pedra. Se o rei prejudica uma pessoa, ele nunca deve confiar nela outra vez. Por confiar em uma pessoa que foi prejudicada, alguém tem que sofrer uma grande miséria.'"

"Brahmadatta disse, 'Nenhum homem pode alcançar a realização de algum objetivo por se recusar a confiar (em outros). Por nutrir medo alguém é sempre obrigado a viver como uma pessoa morta.'"

"Pujani disse, 'Alguém cujos pés foram feridos certamente sofrerá uma queda se ele procurar se movimentar, ele só pode se mover com cautela. Um homem que tem olhos feridos, por abri-los contra o vento, os encontra muito atormentados pelo vento. Aquele que, sem conhecer sua própria força, entra em um caminho vicioso e persiste em andar por ele, logo perde sua própria vida como a consequência. O homem que, desprovido de esforço, cultiva sua terra, desconsiderando a estação das chuvas, nunca consegue obter uma colheita. Aquele que come todos os dias alimento que é nutritivo, seja ele amargo ou adstringente ou saboroso ou doce, desfruta de uma vida longa. Aquele, por outro lado, que desconsidera alimento saudável e come aquele que é prejudicial sem olhar para as consequências, logo encontra com a morte. Destino e Esforço existem, dependendo um do outro. Aqueles que são de almas nobres realizam atos bons e grandiosos, enquanto eunucos somente cortejam o Destino. Seja rude ou brando, um ato que é benéfico deve ser feito. O infeliz homem de inação, no

entanto, é sempre oprimido por todos os tipos de calamidade. Portanto, abandonando tudo mais, uma pessoa deve aplicar sua energia. De fato, desconsiderando tudo, homens devem fazer o que é produtivo de bem para si mesmos. Conhecimento, coragem, inteligência, força, e paciência são considerados como amigos naturais de uma pessoa. Aqueles que possuem sabedoria passam suas vidas neste mundo com a ajuda destes cinco. Casas, metais preciosos, terra, esposa, e amigos, estes são citados pelos eruditos como fontes secundárias de bem. Um homem pode obtê-los em todos os lugares. Uma pessoa possuidora de sabedoria pode estar muito satisfeita em todos os lugares. Tal homem brilha em todos os lugares. Ele nunca inspira medo em alguém. Se procurado ser assustado, ele nunca cede ao medo. A riqueza, embora pouca, que é possuída em qualquer tempo por um homem inteligente com certeza aumentará. Tal homem faz todas as ações com inteligência. Por autodomínio, ele consegue alcançar grande fama. Homens de pouca compreensão que mantêm um lar, têm que tolerar esposas rabugentas que comem sua carne como a cria de um caranguejo comendo sua mãe. Há homens que devido à perda de inteligência ficam muito tristes pela probabilidade de deixar o lar. Eles dizem para si mesmos, 'Estes são nossos amigos! Este é nosso país! Ai, como nós iremos deixá-los?' Uma pessoa deve certamente deixar o país de seu nascimento se ele for afligido por praga ou fome. Deve-se viver em seu próprio país, respeitado por todos, ou ir para um país estrangeiro para viver lá. Eu irei, por esta razão, me dirigir para alguma outra região. Eu não ouso viver mais neste lugar, pois eu fiz um grande mal para teu filho. Ó rei, um homem deve de uma distância abandonar uma má esposa, um mau filho, um rei mau, um amigo mau, uma aliança má, e um país mau. Não se deve colocar nenhuma confiança em um mau filho. Que alegria alguém pode ter com uma má esposa? Não pode haver alguma felicidade em um reino mau. Em um país mau não se pode esperar conseguir um meio de vida. Não pode haver companhia duradoura com um amigo mau cujo afeiçoamento é muito incerto. Em uma aliança má, quando não há necessidade para isso, há desgraça. É uma esposa, de fato, aquela que fala somente o que é agradável. É um filho aquele que faz o pai feliz. É um amigo aquele em quem alguém pode confiar. É um país, de fato, aquele onde alguém obtém seu sustento. É um rei de governo perfeito aquele que não oprime, que cuida dos pobres e em cujos territórios não há medo. Esposa, país, amigos, filhos, amigos, e parentes, todos esses um homem pode ter se acontecer de o rei ser possuidor de habilidades e olhos virtuosos. Se acontece de o rei ser pecaminoso, seus súditos, por suas opressões, encontram a destruição. A rei é a base do triplo agregado (Virtude, Riqueza, e Prazer) de uma pessoa. Ele deve proteger seus súditos com cuidado. Pegando deles uma sexta parte de sua riqueza, ele deve proteger eles todos. Aquele rei que não protege seus súditos é realmente um ladrão. Aquele rei que, depois de dar garantias de proteção, não as cumpre, por ganância, aquele soberano de alma pecaminosa, toma sobre ele mesmo os pecados de todos os seus súditos e ao final cai no inferno. O rei, por outro lado, que, tendo dado garantias de proteção, as cumpre, vem a ser considerado como um benfeitor universal por proteger todos os súditos. O senhor de todas as criaturas, isto é, Manu, disse que o rei tem sete atributos: ele é mãe, pai, preceptor, protetor, fogo, Vaisravana e Yama. O rei por se comportar com compaixão em direção a seu povo é chamado de seu pai. O

súdito que se comporta falsamente para com ele toma nascimento em sua próxima vida como um animal ou uma ave. Por fazer bem para eles e por cuidar dos pobres, o rei se torna uma mãe para seu povo. Por chamuscar os maus ele vem a ser considerado como fogo, e por reprimir os pecaminosos ele vem a ser chamado de Yama. Por fazer presentes de riqueza àqueles que são queridos para ele, o rei vem a ser considerado como Kuvera, o concessor de desejos. Por dar instrução sobre moralidade e virtude, ele se torna um preceptor, e por exercer o dever de proteção ele se torna o protetor. Aquele rei que alegra o povo de suas cidades e províncias por meio de suas realizações, nunca é privado de seu reino por tal observância do dever. Aquele rei que sabe como honrar seus súditos nunca sofre de tristeza nem aqui nem após a morte. Aquele rei cujos súditos estão sempre cheios de ansiedade ou sobrecarregados com impostos, e oprimidos por males de todos os tipos, encontra a derrota nas mãos de seus inimigos. O rei, por outro lado, cujos súditos crescem como um lótus grande em um lago, consegue obter todas as recompensas aqui e finalmente encontra honra no céu. Hostilidade com uma pessoa que é poderosa, ó rei, nunca é aprovada. O rei que incorreu na hostilidade de um mais poderoso do que ele mesmo, perde o reino e a felicidade.'"

"Bhishma continuou, 'A ave, tendo dito estas palavras, ó monarca, para o rei Brahmadatta, se despediu do rei e procedeu para a região que ela escolheu. Eu assim narrei para ti, ó principal dos reis, a conversa entre Brahmadatta e Pujani. O que mais tu desejas ouvir?'"

140

"Yudhishthira disse, 'Quando a justiça e os homens, ó Bharata, decaem em consequência do decorrer gradual do Yuga, e quando o mundo é afligido por ladrões, como, ó avô, um rei deve então se comportar?'"

"Bhishma disse, 'Eu te direi, ó Bharata, a política que o rei deve seguir em tais tempos infelizes. Eu te direi como ele deve se conduzir em tal época, rejeitando a compaixão. Em relação a isto é citada a história antiga da conversa entre Bharadwaja e o rei Satrunjaya. Havia um rei chamado Satrunjaya entre os Sauviras. Ele era um grande guerreiro em carro. Indo até Bharadwaja, ele perguntou ao Rishi sobre as verdades da ciência de Lucro, dizendo, 'Como um objeto não adquirido pode ser adquirido? Como também, quando adquirido, ele pode ser aumentado? Como também, quando aumentado, ele pode ser protegido? E como, quando protegido, ele deve ser utilizado?' Assim questionado acerca das verdades da ciência de Lucro, o Rishi regenerado disse as seguintes palavras repletas de razão excelente àquele soberano para explicar aquelas verdades.'"

"O Rishi disse, 'O rei deve sempre ficar com a vara de castigo erguida em sua mão. Ele deve sempre mostrar sua bravura. Ele mesmo sem negligências, ele deve observar as negligências de seus inimigos. De fato, seus olhos devem ser sempre usados para aquele propósito. À visão de um rei que tem a vara de castigo sempre erguida em sua mão, todos são afetados pelo medo. Por esta

razão, o rei deve governar todas as criaturas com a vara de castigo. Homens possuidores de erudição e conhecimento da verdade louvam o Castigo. Então, dos quatro requisitos de governo, isto é, Conciliação, Presentes, Desunião, e Castigo, o Castigo é citado como o principal. Quando o fundamento daquilo que serve como um abrigo é rachado, todos os refugiados perecem. Quando as raízes de uma árvore são cortadas, como os ramos viveriam? Um rei possuidor de sabedoria deve cortar as próprias raízes de seu inimigo. Ele deve então conquistar e trazer sob seu domínio os aliados e partidários daquele inimigo. Quando calamidades alcançam o rei, ele deve, sem perder tempo, deliberar sabiamente, mostrar sua coragem devidamente, lutar com habilidade, e até se retirar com sabedoria. Somente em palavras o rei deve mostrar sua humildade, mas no fundo ele deve ser afiado como uma navalha. Ele deve rejeitar luxúria e ira, e falar gentilmente e brandamente. Quando chega a ocasião para uma relação com um inimigo, um rei possuidor de previdência deve fazer as pazes, sem confiar cegamente nele. Quando o negócio estiver acabado, ele deve se afastar rapidamente do novo aliado. Deve-se conciliar um inimigo com garantias amáveis como se ele fosse um amigo. No entanto, deve-se sempre temer aquele inimigo como se vivesse em um aposento dentro qual há uma cobra. Aquele cuja compreensão é para ser dominada por ti (com a ajuda do teu intelecto) deve ser confortado por garantias dadas no passado. Quem tem uma má compreensão deve ser assegurado por promessas de benefício futuro. A pessoa, no entanto, que possui sabedoria, deve ser assegurada por serviços atuais. A pessoa que está desejosa de alcançar prosperidade deve unir as mãos, jurar, usar palavras gentis, cultuar por baixar sua cabeça, e derramar lágrimas. (Isto é, fazer algum desses ou todos como a ocasião possa requerer.) Um homem deve carregar seu inimigo em seus ombros enquanto a época for desfavorável. Quando no entanto, chegar a oportunidade, ele deve quebrá-lo em pedaços como um jarro de terra sobre uma pedra. É melhor, ó monarca, que um rei se inflame por um momento como carvão de madeira de ébano do que queimar lentamente e fumegar como palhiço por muitos anos. Um homem que tem muitos propósitos para cumprir não deve hesitar em tratar até com uma pessoa ingrata. Se bem sucedido, ele pode desfrutar de felicidade. Se frustrado, ele perde estima. Portanto em realizar os atos de tais pessoas, deve-se, sem fazê-los completamente, sempre deixar alguma coisa incompleta. Um rei deve fazer o que é para o seu bem, imitando um cuco, (por fazer seus próprios amigos ou súditos serem mantidos por outros); um javali, (por arrancar seus inimigos pelas raízes); as montanhas de Meru, (apresentar tal face que ninguém possa ultrapassá-lo); um aposento vazio, (por manter dependências suficientes para armazenar aquisições); um ator, (por assumir diferentes aspectos) e um amigo leal, (em atender os interesses de seus súditos amáveis). O rei deve frequentemente, com aplicação atenta, ir às casas de seus inimigos, e mesmo se calamidades aconteçam a eles, lhes perguntar sobre seu bem. Aqueles que são preguiçosos nunca ganham riqueza; nem os que são desprovidos de coragem e esforço; nem os que são maculados pela vaidade; nem os que temem a impopularidade; nem os que são sempre procrastinadores. O rei deve agir de tal maneira que seu inimigo não consiga descobrir seus pontos fracos. Ele deve, no entanto, observar as negligências de seus inimigos. Ele deve imitar a tartaruga que oculta seus membros. De fato, ele deve sempre esconder

suas próprias falhas. Ele deve pensar em todas as questões ligadas com as finanças como um grou. (O grou fica pacientemente por horas ao lado da água à espera de peixes.) Ele deve aplicar sua bravura como um leão. Ele deve ficar à espera como um lobo e cair sobre e perfurar seus inimigos como uma flecha. Bebida, dados, mulheres, caça, e música, destes ele deve desfrutar judiciosamente. Desejo compulsivo por estes é causador de males. Ele deve fazer arcos com bambus, etc.; ele deve dormir com cautela como o veado; ele deve ser cego quando for necessário que ele seja assim, ou ele deve até ser surdo quando é necessário ser surdo. O rei que possui sabedoria deve mostrar sua bravura, atento à hora e lugar. Se estes não forem favoráveis, bravura se torna inútil. Observando a oportunidade e inoportunidade, refletindo sobre sua própria força e fraqueza, e melhorando sua própria força por compará-la com aquela do inimigo, o rei deve se dirigir à ação. O rei que não esmaga um inimigo reduzido à submissão pela força militar, providencia a própria morte como o caranguejo fêmea quando ela concebe. Uma árvore com flores belas pode carecer de força. Uma árvore carregada de frutos pode ser difícil de subir; e às vezes árvores com frutos verdes parecem com árvores com frutos maduros. Vendo todos esses fatos um rei não deve se permitir ficar deprimido. Se ele se conduzir de tal maneira, ele então conseguirá se manter contra todos os inimigos. O rei deve primeiro fortalecer as esperanças (daqueles que se aproximam como pleiteantes). Ele deve então colocar obstáculos no caminho do cumprimento daquelas esperanças. Ele deve dizer que aqueles obstáculos são simplesmente devidos à ocasião. Ele deve em seguida revelar que aquelas ocasiões são realmente os resultados de causas graves. Enquanto a causa de temor não chegar realmente, o rei deve fazer todos os seus arranjos como uma pessoa inspirada com medo. Quando, no entanto, a causa de temor chegar até ele, ele deve atacar destemidamente. Nenhum homem pode colher benefício sem correr perigo. Se, também, ele conseguir preservar sua vida em meio ao perigo, ele certamente ganhará grandes benefícios. Um rei deve averiguar todos os perigos futuros; quando eles estiverem presentes, ele deve vencê-los; e para que eles não cresçam outra vez, ele deve, mesmo depois de vencê-los, pensar neles como não vencidos. O abandono da felicidade atual e a perseguição daquela que é futura, nunca é a política de uma pessoa possuidora de inteligência. O rei que tendo feito as pazes com um inimigo dorme tranquilamente em verdade é como um homem que dormindo no topo de uma árvore desperta depois de uma queda. Quando um homem cai em desgraça, ele deve se erguer por todos os meios em seu poder, brandos ou rigorosos; e depois de tal ascensão, quando competente, ele deve praticar virtude. O rei deve sempre honrar os inimigos de seus inimigos. Ele deve tomar seus próprios espiões como agentes empregados por seus inimigos. O rei deve cuidar para que seus próprios espiões não sejam reconhecidos por seu inimigo. Ele deve fazer espiões de ateus e ascetas e enviá-los aos territórios de seus inimigos. Ladrões pecaminosos, que pecam contra as leis da justiça e que são incômodos ao lado de todas as pessoas, entram em jardins e lugares de diversão e casas fundadas para dar água potável para viajantes com sede, e em hospedarias públicas e bares e casas de má fama e lugares santos e assembléias públicas. Eles devem ser reconhecidos e presos e suprimidos. O rei não deve confiar na pessoa que não merece confiança nem deve confiar demasiado em uma pessoa que merece confiança. O perigo surge da

confiança. A confiança nunca deve ser colocada sem prévio exame. Tendo por razões plausíveis inspirado confiança no inimigo, o rei deve atingi-lo quando ele der um passo em falso. O rei deve ter medo de quem não há medo; e deve também sempre temer aqueles que devem ser temidos. Temor que provém de alguém não temido pode levar ao extermínio total. Por atenção (à aquisição de mérito religioso), por taciturnidade, pelo traje avermelhado dos ascetas, e usar cabelos emaranhados e peles, deve-se inspirar confiança em um inimigo, e então (quando vier a oportunidade) deve-se saltar sobre ele como o lobo. Um rei desejoso de prosperidade não deve hesitar em matar filho ou irmão ou pai ou amigo, se algum destes procura frustrar seus objetivos. O próprio preceptor, se acontecer de ele ser arrogante, ignorante do que deve e do que não deve ser feito, e um seguidor de caminhos iníquos, merece ser reprimido pelo castigo. Assim como certos insetos de ferrões afiados cortam todas as flores e frutas das árvores sobre as quais eles sentam, o rei deve, depois de ter inspirado confiança em seu inimigo por honras e saudações e presentes, se voltar contra ele e desprovê-lo de tudo. Sem perfurar os próprios órgãos vitais de outros, sem realizar muitos atos severos, sem massacrar criaturas vivas seguindo a maneira do pescador, não se pode adquirir grande prosperidade. Não há espécies separadas de criaturas chamadas de inimigos ou amigos. As pessoas se tornam amigas ou inimigas segundo a força das circunstâncias. O rei nunca deve permitir que seu inimigo escape mesmo que o inimigo se entregue a lamentações comoventes. Ele nunca deve ficar comovido por isso; por outro lado, é seu dever destruir a pessoa que lhe fez uma ofensa. Um rei desejoso de prosperidade deve tomar cuidado em unir a si mesmo tantos homens quanto ele possa, e lhes fazer bem. Em se comportar em direção a seus súditos ele deve ser sempre livre de malícia. Ele deve também, com grande cuidado, punir e controlar os maus e descontentes. Quando ele pretender tirar riqueza, ele deve dizer o que é agradável. Tendo pegado riqueza, ele deve dizer coisas similares. Tendo cortado a cabeça de alguém com sua espada, ele deve sofrer e derramar lágrimas. Um rei desejoso de prosperidade deve atrair outros para si mesmo por meio de palavras gentis, honras, e presentes. Assim ele deve vincular homens ao seu serviço. O rei nunca deve se engajar em disputas inúteis. Ele nunca deve cruzar um rio com a ajuda somente dos seus dois braços. Comer chifres de vaca é inútil e nunca é revigorante. Por comê-los os dentes são quebrados enquanto o paladar não é satisfeito. O agregado triplo (Virtude, Riqueza e Prazer) tem três desvantagens com três adjuntos inseparáveis. Considerando cuidadosamente aqueles adjuntos, as desvantagens devem ser evitadas. (As desvantagens todas provêm de uma busca imprudente de cada um. A Virtude é um impedimento no caminho da Riqueza; a Riqueza fica no caminho da Virtude; e o Prazer fica no caminho de ambas. Os adjuntos inseparáveis dos três, no caso dos comuns, são que a Virtude é praticada como um meio de Riqueza; a Riqueza é procurada como meio de Prazer; e o Prazer é procurado para satisfazer os sentidos. No caso dos realmente sábios, aqueles adjuntos são pureza de alma como o objetivo da Virtude; realização de sacrifícios como o objetivo da Riqueza; e a manutenção do corpo como o objetivo do Prazer.) A quantidade a pagar de uma dívida, o resto de um fogo não apagado, e o restante de inimigos não mortos, repetidamente crescem e aumentam. Portanto, todos aqueles devem ser extintos e exterminados

completamente. A dívida, a qual sempre cresce, é certa de permanecer a menos que totalmente extinta. É o mesmo caso com inimigos derrotados e enfermidades negligenciadas. Estes sempre produzem grandes feitos. (Deve-se, portanto, sempre erradicá-los.) Toda ação deve ser feita minuciosamente. Deve-se estar sempre atento. Tal coisa miúda como um espinho, se mal extraído, leva a uma gangrena persistente. Por massacrar sua população, por arrancar suas estradas e danificá-las de outras maneiras, e por queimar e derrubar suas casas, um rei deve destruir um reino hostil. Um rei deve ver de longe como o urubu, ser imóvel como um grou, vigilante como um cachorro, valente como um leão, temível como um corvo, e penetrar nos territórios de seus inimigos como uma cobra, com facilidade e sem ansiedade. Um rei deve conquistar um herói por unir suas palmas, um covarde por inspirá-lo com medo, e um homem cobiçoso por meio de presentes de riqueza, enquanto com um igual ele deve travar guerra. Ele deve ser cuidadoso em produzir desunião entre os líderes de partidos e em conciliar aqueles que lhe são caros. Ele deve proteger seus ministros da desunião e destruição. Se o rei se torna compassivo as pessoas o desconsideram. Se ele se torna severo, as pessoas sentem isso como uma aflição. A regra é que ele deve ser rigoroso quando a ocasião requerer rigor, e suave quando a ocasião requerer suavidade. Pela suavidade o suave deve ser cortado. Pela suavidade alguém pode destruir aquilo que é feroz. Não há nada que a suavidade a não possa efetuar. Por essa razão, a suavidade é citada como sendo mais afiada do que a ferocidade. O rei que se torna indulgente quando a ocasião requer indulgência e que se torna severo quando severidade é necessária, tem sucesso em realizar todos os seus objetivos, e em eliminar todos os seus inimigos. Tendo atraído a animosidade de uma pessoa possuidora de conhecimento e sabedoria, não se deve tirar conforto da convicção de que está à uma distância (do inimigo). De longo alcance são os braços de um homem inteligente pelos quais ele fere quando ferido. Não se deve procurar cruzar o que realmente não pode ser cruzado. Não se deve arrebatar do inimigo aquilo que o inimigo possa recuperar. Não se deve procurar cavar em absoluto se por cavar não se conseguir chegar à raiz da coisa pela qual se cava. Nunca se deve golpear alguém cuja cabeça alguém não cortaria. Um rei não deve agir sempre dessa maneira. Este rumo de conduta que eu declarei deve ser seguido somente em épocas de dificuldade. Inspirado pelo motivo de fazer o bem para ti eu disse isso para te instruir a respeito de como tu deves te conduzir quando atacado por inimigos.'"

"Bhishma continuou, 'O soberano do reino dos Sauviras, ouvindo estas palavras faladas por aquele Brahmana inspirado com o desejo de lhe fazer bem, obedeceu àquelas instruções alegremente e obteve com seus parentes e amigos uma prosperidade resplandecente.'"

141

"Yudhishthira disse, 'Quando a virtude superior sofre decadência e é desobedecida por todos, quando a injustiça se torna justiça, e a justiça assume a forma do seu contrário, quando todas as restrições salutares desaparecem, e

todas as verdades em relação à virtude são perturbadas e confundidas, quando as pessoas são oprimidas por reis e ladrões, quando homens de todos os quatro modos de vida ficam confusos a respeito de seus deveres, e todos os atos perdem seu mérito, quando os homens vêem causas de medo em todas as direções por causa da luxúria e cobiça e tolice, quando todas as criaturas param de confiar umas nas outras, quando elas matam umas às outras por meios desonestos e enganam umas às outras em suas transações mútuas, quando casas são incendiadas por todo o país, quando os Brahmanas vêm a ser extremamente afligidos, quando as nuvens não despejam uma gota de chuva, quando as mãos de todos estão viradas contra seus vizinhos, quando todas as necessidades da vida caem sob o poder de ladrões, quando, de fato, tal época de infortúnio terrível começa, por quais meios deve viver um Brahmana que não deseja rejeitar a compaixão e seus filhos? Como, de fato, um Brahmana se mantém em tal época? Diga-me isto, ó avô! Como também deve viver o rei em tal tempo quando a pecaminosidade toma conta do mundo? Como, ó opressor de inimigos, o rei deve viver para que ele não possa se afastar da virtude e do lucro?'"

"Bhishma disse, 'Ó tu de braços poderosos, a paz e a prosperidade dos súditos, chuva suficiente e de acordo com as estações, doença, morte e outros temores, são todos dependentes do rei. (Isto é, se acontece de o rei ser bom, prosperidade, etc., são vistos. Por outro lado, se o rei se torna opressivo e pecaminoso, a prosperidade desaparece, e todo o tipo de mal inicia.) Eu também não tenho dúvida disso, ó touro da raça Bharata, que Krita, Treta, Dwapara, e Kali, em relação ao seu início, são todos dependentes da conduta do rei. Quando tal época de miséria como foi descrita por ti começa, o virtuoso deve manter a vida pela ajuda do discernimento. Em relação a isto é citada a antiga história da conversa entre Viswamitra e o Chandala em uma aldeia habitada por Chandalas. Perto do fim de Treta e do início de Dwapara, uma seca terrível ocorreu, se estendendo por doze anos, em consequência do que os deuses tinham ordenado. Naquele tempo que era o fim de Treta e o começo de Dwapara, quando veio o período para muitas criaturas aposentadas pela idade perderem suas vidas, a divindade de mil olhos do céu não despejou chuva. O planeta Vrihaspati começou a se mover em um curso retrógrado, e Soma, abandonando sua própria órbita, retrocedeu em direção ao sul. Nem mesmo uma gota de orvalho podia ser vista, o que dizer então de nuvens reunidas? Os rios todos encolheram até se tornarem córregos estreitos. Em todos os lugares lagos e poços e nascentes desapareceram e perderam sua beleza por causa daquela ordem de coisas que os deuses ocasionaram. A água tendo se tornada escassa, os lugares fundados por caridade para sua distribuição se tornaram desolados. (Na Índia, durante os meses quentes, pessoas caridosas montam abrigos sombreados ao lado de estradas para a distribuição de água fresca e açúcar em estado natural e aveia saturada em água. Entre algumas das principais estradas que correm através do país, uma pessoa ainda pode ver centenas de tais instituições proporcionando verdadeiro alívio para viajantes sedentos.) Os Brahmanas se abstiveram de sacrifícios e da recitação dos Vedas. Eles não mais proferiram Vashats nem realizaram outros ritos propiciatórios. A agricultura e a criação de gado foram abandonados. Mercados e lojas foram abandonados. Estacas para amarrar animais sacrificais

desapareceram. As pessoas não mais coletavam diversos tipos de artigos para sacrifícios. Todos os festivais e diversões pereceram. Em todos os lugares pilhas de ossos eram visíveis e todos os lugares ressoavam com os gritos e berros agudos de criaturas ferozes. (Tais como Rakshasas e Pisachas e aves e feras carnívoras.) As cidades e municípios da terra se tornaram vazios de habitantes. Aldeias e vilas foram incendiadas. Alguns afligidos por ladrões, alguns por armas, e alguns por reis maus, e com medo uns dos outros, começaram a fugir. Templos e lugares de culto ficaram desertos. Os idosos foram expulsos à força de suas casas. Vacas e cabras e ovelhas e búfalos brigavam (por alimento) e pereciam em grandes números. Os Brahmanas começaram a morrer por todos os lados. A proteção estava no fim. Ervas e plantas estavam completamente secas. A terra ficou desprovida de toda sua beleza e extremamente horrível como as árvores em um crematório. Naquele período de terror, quando a virtude não estava em lugar nenhum, ó Yudhishthira, homens com fome perderam a razão e começaram a comer uns aos outros. Os próprios Rishis, desistindo de seus votos e abandonando seus fogos e divindades, e deixando seus retiros nas florestas, começaram a vagar para lá e para cá (à procura de comida). O grande e santo Rishi Viswamitra, possuidor de grande inteligência, vagava desabrigado e afligido pela fome. Deixando sua mulher e filho em um lugar de abrigo, o Rishi vagava, sem fogo (isto é, abandonando seu fogo Homa) e sem lar, e indiferente a alimento puro e impuro. Um dia ele chegou a uma aldeia, no meio de uma floresta, habitada por caçadores cruéis dedicados à matança de vivas criaturas. A pequena vila abundava com jarros quebrados e panelas feitas de terra. Peles de cachorro estavam espalhadas aqui e ali. Ossos e caveiras, reunidos em pilhas, de javalis e jumentos, jaziam em lugares diferentes. Roupas despidas dos mortos estavam em alguns lugares, e as cabanas eram adornadas com guirlandas de flores gastas. (Isto é, flores já oferecidas para as divindades.) Muitas das habitações também estavam cheias de peles abandonadas por cobras. O lugar ressoava com o canto alto de galos e galinhas e o zurro dissonante de jumentos. Aqui e ali os habitantes disputavam uns com os outros, proferindo palavras duras em vozes agudas. Aqui e ali haviam templos de deuses portando desenhos de corujas e outras aves. Ressoando com o tilintar de sinos de ferro, a aldeia abundava com grupos caninos em pé ou deitados por todos os lados. O grande Rishi Viswamitra, incitado pela fome aguda e dedicado à busca de comida, entrou naquela aldeia e se esforçou o melhor que pôde para achar alguma coisa para comer. Embora o filho de Kusika suplicasse repetidamente, ainda assim ele fracassou em obter qualquer carne ou arroz ou frutas ou raízes ou qualquer outro tipo de comida. Ele então, exclamando, 'Ai, grande é a miséria que me alcançou!', caiu de fraqueza naquela aldeia de Chandalas. O sábio começou a refletir, dizendo a si mesmo, 'O que é melhor a fazer agora?' De fato, ó melhor dos reis, o pensamento que o ocupava era dos meios pelos quais ele poderia evitar a morte imediata. Ele viu, ó rei, um grande pedaço de carne, de um cachorro que tinha sido morto recentemente com uma arma, esticado no chão da cabana de um Chandala. O sábio refletiu e chegou à conclusão de que ele devia roubar aquela carne. E ele disse a si mesmo, 'Eu não tenho meios agora de sustentar a vida. O roubo é permitido em uma época de miséria mesmo para uma pessoa eminente. Isso não diminuirá sua glória. Mesmo um Brahmana para salvar sua vida pode fazê-lo. Isso é certo. Em primeiro lugar

deve-se roubar de uma pessoa inferior. Faltando tal pessoa alguém pode roubar de uma igual. Na falta de uma igual, alguém pode roubar até de um homem eminente e justo. Eu irei então, nessa hora quando minha própria vida está diminuindo, roubar esta carne. Eu não vejo demérito em tal roubo. Eu irei, portanto, roubar esta coxa de carne de cachorro.' Tendo tomado esta decisão, o grande sábio Viswamitra se deitou para dormir naquele lugar onde o Chandala estava. Vendo algum tempo depois que a noite tinha avançado e que toda a vila Chandala tinha adormecido, o santo Viswamitra, se levantando quietamente, entrou naquela cabana. O Chandala que a possuía, com os olhos cobertos com muco, estava deitado como alguém adormecido. De aparência desagradável, ele disse estas palavras ríspidas em uma voz quebrada e dissonante.'"

"O Chandala disse, 'Quem está aí, tentando abrir o trinco? Toda a aldeia Chandala está dormindo. Eu, no entanto, estou desperto e não dormindo. Quem quer que tu sejas, tu estás prestes a ser morto.' Estas foram as palavras duras que saudaram os ouvidos do sábio. Cheio de medo, seu rosto carmesim com rubores de vergonha, e seu coração agitado pela ansiedade causada por aquela ação de roubo que ele tinha tentado, ele respondeu, dizendo, 'Ó tu que és abençoado com uma vida longa, eu sou Viswamitra. Eu vim aqui oprimido pela fome aguda. Ó tu de compreensão correta, não me mate, se tua visão estiver clara.' Ouvindo estas palavras daquele grande Rishi de alma purificada, o Chandala ergueu-se em terror de sua cama e se aproximou do sábio. Unindo suas palmas por reverência e com olhos banhados em lágrimas, ele se dirigiu ao filho de Kusika, dizendo, 'O que você procura aqui à noite, ó Brahmana?' Conciliando o Chandala, Viswamitra disse, 'Eu estou extremamente faminto e prestes a morrer de fome. Eu desejo roubar aquela coxa de carne de cachorro. Estando faminto, eu me tornei pecaminoso. Alguém desejoso de comida não tem vergonha. É a fome que está me incitando a esse delito. É por isso que eu desejo levar embora aquela coxa de carne de cachorro. Meus ares vitais estão enfraquecendo. A fome destruiu minha erudição védica. Eu estou fraco e perdi minha razão. Eu não tenho escrúpulo a respeito de comida pura ou impura. Embora eu saiba que isso é pecaminoso, ainda assim eu desejo roubar aquela coxa de carne de cachorro. Depois que eu não consegui obter qualquer esmola, tendo vagado de casa em casa nessa tua aldeia, eu coloquei meu coração nesse ato pecaminoso de roubar esta carne de cachorro. O fogo é a boca dos deuses. Ele é também seu sacerdote. Ele deve, portanto, receber somente coisas que são puras e limpas. Às vezes, no entanto, aquele grande deus se torna um consumidor de tudo. Saiba que eu agora me tornei assim como ele em relação a isso.' Ouvindo estas palavras do grande Rishi, o Chandala respondeu a ele, dizendo, 'Escute-me. Tendo ouvido as palavras de verdade que eu digo, aja de tal maneira que teu mérito religioso não possa perecer. Ouça, ó Rishi regenerado, o que eu te digo acerca do teu dever. Os sábios dizem que um cachorro é menos puro do que um chacal. A coxa, também, de um cachorro, é muito pior do que as outras partes de seu corpo. Isto não foi sabiamente decidido por ti, portanto, ó grande Rishi, este ato que não está de acordo com a virtude, este roubo do que pertence a um Chandala, este roubo, além disso, de comida que é impura. Abençoado sejas, procure algum outro meio de preservar tua vida. Ó grande sábio, que tuas

penitências não sejam destruídas por este teu forte desejo por carne de cachorro. Conhecendo como tu conheces os deveres prescritos nas escrituras, tu não deves fazer um ato cuja consequência é uma confusão de deveres. (Nenhuma das três classes regeneradas deve comer carne de cachorro, se tu a comesses, onde estaria a diferença entre pessoas daquelas classes e homens como Chandalas?) Não abandone a virtude, pois tu és a principal de todas as pessoas observadoras de virtude.' Assim endereçado, ó rei, o grande Rishi Viswamitra, afligido pela fome, ó touro da raça Bharata, mais uma vez disse, 'Muito tempo se passou sem eu ter comido algum alimento. Eu também não vejo nenhum meio de preservar minha vida. Uma pessoa deve, quando ela está morrendo, manter a vida por quaisquer meios em seu poder sem julgar seu caráter. Depois, quando competente, ela deve procurar a aquisição de mérito. Os Kshatriyas devem observar as práticas de Indra. É o dever dos Brahmanas se comportarem como Agni. Os Vedas são fogo. Eles constituem minha força. Eu irei, portanto, comer mesmo esta comida impura para apaziguar minha fome. Aquilo pelo qual a vida pode ser preservada deve certamente ser realizado sem hesitação. A vida é melhor do que a morte. Vivendo, alguém pode adquirir virtude. Desejoso de preservar minha vida, eu desejo, com o total exercício da minha compreensão, comer este alimento impuro. Deixe-me receber tua permissão. Continuando a viver eu procurarei a aquisição de virtude e destruirei por meio de penitências e por conhecimento as calamidades consequentes da minha conduta atual, como os corpos luminosos do firmamento destruindo até a escuridão mais densa.'"

"O Chandala disse, 'Por comer esta comida alguém (como tu) não pode obter uma vida longa. Nem alguém (como tu) pode obter força (de tal comida), nem aquela satisfação que a ambrosia oferece. Procure algum outro tipo de esmola. Não deixe teu coração se inclinar a comer carne de cachorro. O cachorro é certamente um alimento impuro para os membros das classes regeneradas.'"

"Viswamitra disse, 'Qualquer outro tipo de carne não é obtido facilmente durante uma escassez como essa. Além disso, ó Chandala, eu não tenho riqueza (com a qual comprar comida). Eu estou extremamente faminto. Eu não posso mais me movimentar. Eu estou completamente desesperado. Eu penso que todos aqueles seis tipos de sabor serão encontrados naquele pedaço de carne de cachorro.'"

"O Chandala disse, 'Somente as cinco espécies de animais de cinco garras são alimento puro para Brahmanas e Kshatriyas e Vaisyas, como declarado nas escrituras. Não coloque teu coração no que é impuro (para ti).'"

"Viswamitra disse, 'O grande Rishi Agastya, quando faminto, comeu o Asura chamado Vatapi. Eu caí em miséria. Eu estou faminto. Eu irei portanto, comer aquela coxa de carne de cachorro.'"

"O Chandala disse, 'Procure alguma outra esmola. Não cabe a ti fazer tal coisa. Na verdade, tal ato nunca deve ser feito por ti. Se, no entanto, te agradar, tu podes levar este pedaço de carne de cachorro.'"

"Viswamitra disse, 'Aqueles que são chamados de bons são autoridades em questões de dever. Eu estou seguindo seu exemplo. Eu agora considero esta coxa

de cachorro como um alimento melhor do que qualquer coisa que seja altamente pura.'"

"O Chandala disse, 'Aquela que é a ação de uma pessoa iníqua nunca pode ser considerada como uma prática eterna. Aquele que é um ato impróprio nunca pode ser um ato apropriado. Não cometa uma ação pecaminosa por engano.'"

"Viswamitra disse, 'Um homem que é um Rishi não pode fazer o que é pecaminoso. (Agastya era Rishi. Ele não podia fazer o que era pecaminoso.) No presente caso, veado e cachorro, eu penso, são iguais (ambos sendo animais). Eu irei, portanto, comer esta coxa de cachorro.'"

"O Chandala disse, "Solicitado pelos Brahmanas, o Rishi (Agastya) fez aquele ato. Sob as circunstâncias aquilo não podia ser um pecado. É virtude aquilo no qual não há pecado. Além disso, os Brahmanas, que são os preceptores das outras três classes, devem ser protegidos e preservados de todas as maneiras.'"

"Viswamitra disse, 'Eu sou um Brahmana. Este meu corpo é meu amigo. Ele é muito valioso para mim e é digno da minha maior reverência. É pelo desejo de sustentar o corpo que é nutrido por mim o desejo de roubar aquela coxa de cachorro. Tão ávido eu me tornei que eu não tenho mais qualquer medo de ti e de teus confrades violentos.'"

"O Chandala disse, 'Homens sacrificam suas vidas mas eles ainda assim não colocam seus corações em alimento que é impuro. Eles obtêm a realização de todos os seus desejos mesmo neste mundo por conquistarem a fome. Conquiste tu também tua fome e obtenha aquelas recompensas.'"

"Viswamitra disse, 'Em relação a mim mesmo, eu sou cumpridor de votos rígidos e meu coração está estabelecido na paz. Para preservar a base de todo o mérito religioso, eu comerei alimento que é impuro. É evidente que tal ato seria considerado como justo em uma pessoa de alma purificada. Para uma pessoa, no entanto, de alma impura, comer carne de cachorro pareceria pecaminoso. Mesmo se a conclusão à qual eu cheguei estiver errada, (e se eu comer esta carne de cachorro) eu não irei, por aquela ação, me tornar alguém como tu.'"

"O Chandala disse, 'É minha firme conclusão que eu devo me esforçar o melhor que posso para te refrear deste pecado. Um Brahmana, por cometer uma má ação, cai de seu estado elevado. É por isso que eu estou te repreendendo.'"

"Viswamitra disse, 'As vacas continuam a beber, apesar do coaxar das rãs. Tu não podes ter a pretensão de declarar o que constitui a virtude (e o que não constitui). Não seja um auto-elogiador.'"

"O Chandala disse, 'Eu me tornei teu amigo. Somente por esta razão eu estou te aconselhando. Faça o que é benéfico. Não faça, por tentação, o que é pecaminoso.'"

"Viswamitra disse, 'Se tu és um amigo desejoso da minha felicidade, então me levante dessa angústia. Neste caso, cedendo esta coxa de cachorro, e eu poderei me considerar salvo pela ajuda da virtude (e não pela ajuda da pecaminosidade).'"

"O Chandala disse, 'Eu não ouso fazer um presente deste pedaço de carne para ti, nem posso tranquilamente te permitir roubar minha própria comida. Se eu te der esta carne e se tu a aceitares, tu mesmo sendo um Brahmana, nós dois ficaremos sujeitos a cairmos em regiões de desventura no mundo seguinte.'"

"Viswamitra disse, 'Por cometer este ato pecaminoso hoje eu certamente salvarei minha vida que é muito sagrada. Tendo salvado minha vida, eu praticarei virtude depois e limparei minha alma. Diga-me qual destes dois é preferível (morrer sem comida, ou salvar minha vida por comer comida impura).'"

"O Chandala disse: 'No cumprimento dos deveres que pertencem à sua classe ou tribo, a própria pessoa é o melhor juiz (de sua retidão ou impropriedade). Tu mesmo sabes qual dessas duas ações é pecaminosa. Aquele que considera carne de cachorro como comida pura, eu penso, não se absteria de nada em questões de comida!'"

"Viswamitra disse, 'Ao aceitar (um presente impuro) ou em comer (comida impura) há pecado. Quando a vida de uma pessoa, no entanto, está em perigo, não há pecado em aceitar tal presente ou comer tal comida. Além disso, comer comida impura, quando não acompanhado por matança e engano e quando a ação provocará somente uma reprimenda branda, não é caso de muita consequência.'"

"O Chandala disse, 'Se essa é tua razão para comer comida impura, é claro então que tu não respeitas o Veda e a moralidade Arya. Ensinado pelo que tu irás fazer, eu vejo, ó principal dos Brahmanas, que não há pecado em desconsiderar a distinção entre alimento puro e alimento que é impuro.'"

"Viswamitra disse, 'Não é visto que uma pessoa incorre em um pecado grave por comer (comida proibida). Que alguém se torna decaído por beber vinho é somente um preceito verbal (para impedir homens de beberem). As outras ações proibidas (do mesmo tipo), quaisquer que elas sejam, realmente, todos os pecados, não destroem o mérito de alguém.'"

"O Chandala disse, 'A pessoa erudita que rouba carne de cachorro de um lugar indigno (como este), de um infeliz impuro (como eu), de alguém que leva tal vida pecaminosa (como eu), comete um ato que é oposto ao comportamento daqueles que são chamados de bons. Por consequência, também, de sua ligação com tal ato, ele com certeza sofrerá as dores do arrependimento.'"

"Bhishma continuou, 'O Chandala, tendo dito estas palavras ao filho de Kusika, ficou silencioso. Viswamitra então, de entendimento refinado, pegou aquela coxa de carne de cachorro. O grande asceta, tendo se apoderado daquele pedaço de carne de cachorro para salvar sua vida, levou-a para as florestas e desejou comê-lo com sua mulher. Ele resolveu que tendo primeiro gratificado as divindades

segundo os ritos devidos, ele deveria então comer aquela carne de cachorro como lhe aprouvesse. Acendendo um fogo segundo os ritos Brahma, o asceta, de acordo com aqueles ritos que levam o nome de Aindragneya, começou ele mesmo a cozinhar aquela carne em Charu sacrifical. Ele então, ó Bharata, começou as cerimônias em honra dos deuses e dos Pitris, por dividir aquele Charu em tantas porções quanto fossem necessárias, segundo as injunções das escrituras, e por invocar os deuses com Indra encabeçando-os (para aceitarem suas partes). Enquanto isso, o chefe dos celestiais começou a despejar (chuva) copiosamente. Reanimando todas as criaturas por aquelas chuvas, ele fez plantas e ervas crescerem uma vez mais. Viswamitra, no entanto, tendo completado os ritos em honra dos deuses e dos Pitris e tendo-os gratificado devidamente, comeu ele mesmo aquela carne. Queimando todos os seus pecados posteriormente por meio de suas penitências, o sábio, depois de um longo tempo, alcançou o mais extraordinário êxito (ascético). Assim, quando o fim em vista é a conservação da própria vida, alguém de grande alma possuidor de erudição e conhecedor dos meios deve salvar sua própria pessoa infeliz, quando caída em miséria, por todos os meios em seu poder. Por recorrer a tal compreensão uma pessoa deve sempre preservar a própria vida. Uma pessoa, se viva, pode ganhar mérito religioso e desfrutar de felicidade e prosperidade. Por esta razão, ó filho de Kunti, uma pessoa de alma purificada e possuidora de conhecimento deve viver e agir neste mundo, confiando em sua própria inteligência ao discriminar entre virtude e seu oposto.'"

142

"Yudhishthira disse, 'Se aquilo que é tão horrível e que como a mentira nunca deve ser um objeto de respeito, é citado (como dever), então qual ato há do qual eu devo me reprimir? Por que também ladrões não devem ser respeitados então? Eu estou pasmo! Meu coração está aflito! Todos os laços que me ligam à moralidade estão soltos! Eu não posso tranquilizar minha mente e ousar agir da maneira sugerida por você.'"

"Bhishma disse, 'Eu não te instruo em relação ao dever, ensinado pelo que eu ouvi dos Vedas somente. O que eu te disse é o resultado de sabedoria e experiência. Este é o mel que os eruditos colheram. Reis devem colher sabedoria de várias fontes. Uma pessoa não pode realizar seu rumo pelo mundo com a ajuda de uma moralidade que é unilateral. O dever deve provir da compreensão; e as práticas daqueles que são bons devem ser sempre averiguadas, ó filho de Kuru! Preste atenção a estas minhas palavras. Somente reis que são possuidores de inteligência superior podem governar, esperando vitória. Um rei deve se preparar para a observância da moralidade pela ajuda de sua compreensão e guiado por conhecimento derivado de várias fontes. Os deveres de um rei nunca podem ser cumpridos por regras retiradas de uma moralidade que é unilateral. Um rei de mente fraca nunca pode mostrar sabedoria (no cumprimento de seus deveres) por não ter retirado qualquer sabedoria dos exemplos diante dele. A justiça às vezes toma a forma da injustiça. A última também às vezes toma a

forma da primeira. Quem não sabe disso fica confuso quando confrontado por um caso real desse tipo. Antes que a ocasião chegue, deve-se, ó Bharata, compreender as circunstâncias sob as quais a virtude e seu oposto se tornam confusas. Tendo adquirido esse conhecimento, um rei sábio deve, quando vir a ocasião, agir adequadamente, ajudado por seu raciocínio. As ações que ele faz em tal época são mal compreendidas pelas pessoas comuns. Algumas pessoas possuem conhecimento verdadeiro. Algumas pessoas têm conhecimento falso. Determinando realmente a natureza de cada tipo de conhecimento, um rei sábio deriva conhecimento daqueles que são considerados como bons. Aqueles que são realmente violadores da moralidade criticam as escrituras. Aqueles que não têm riqueza proclamam as inconsistências dos tratados sobre aquisição de riqueza. Aqueles que procuram adquirir conhecimento somente para o objetivo de conquistar seu sustento por meio disso, ó rei, são pecaminosos além disso sendo inimigos da moralidade. Homens vis, de inteligência imatura, nunca podem conhecer as coisas realmente, assim como pessoas não conhecedoras das escrituras são incapazes de se orientarem pela razão em todos os seus atos. Com os olhos direcionados para as falhas das escrituras, eles as depreciam. Mesmo que eles entendam o sentido verdadeiro das escrituras, eles ainda têm o hábito de proclamar que as injunções escriturais não são sadias. Tais homens, por vituperarem o conhecimento de outros proclamam a superioridade de seu próprio conhecimento. Eles têm palavras como suas armas e palavras como suas setas e falam como se eles fossem mestres legítimos de suas ciências. Saiba, ó Bharata, que eles são comerciantes em conhecimento e Rakshasas entre homens. Pela ajuda de meros pretextos eles rejeitam aquela moralidade que foi estabelecida por homens bons e sábios. É sabido por nós que os textos de moralidade não são para serem compreendidos por discussão ou pela própria inteligência. O próprio Indra disse que essa é a opinião do sábio Vrihaspati. Alguns são de opinião que nenhum texto escritural foi formulado sem uma razão. Outros também, mesmo que entendam devidamente as escrituras, nunca agem de acordo com elas. Uma classe de homens sábios declara que a moralidade não é nada mais do que o rumo aprovado do mundo. O homem de conhecimento verdadeiro deve descobrir por si mesmo a moralidade declarada para os bons. Se um homem sábio fala de moralidade sob a influência da ira ou confusão de entendimento ou ignorância, até suas opiniões não têm valor. Discursos sobre moralidade feitos com a ajuda de uma inteligência que é derivada da letra e espírito verdadeiros das escrituras, são dignos de louvor e não aqueles que são feitos com a ajuda de qualquer outra coisa. Até as palavras ouvidas de uma pessoa ignorante, se em si mesmas elas forem repletas de sentido, vêm a ser consideradas como pias e sábias. Nos tempos passados, Usanas disse aos Daityas esta verdade, a qual deve remover todas as dúvidas, que escrituras não são escrituras se elas não podem resistir ao teste da razão. A posse ou ausência de conhecimento que está misturado com dúvidas é a mesma coisa. Cabe a ti rechaçar tal conhecimento depois de arrancá-lo pelas raízes. Aquele que não escuta a essas minhas palavras é para ser considerado como alguém que se permitiu ser enganado. Tu não vês que tu foste criado para a realização de atos bravios? Veja a mim, ó filho caro, como, por me dirigir aos deveres da classe de meu nascimento, eu despachei inúmeros Kshatriyas para o céu! Há alguns que não estão contentes comigo por isto. A

cabra, o cavalo e o Kshatriya foram criados por Brahman para um propósito parecido (isto é, para serem úteis para todos). Um Kshatriya, portanto, deve constantemente procurar a felicidade de todas as criaturas. O pecado que se vincula a matar uma pessoa que não deveria ser morta é igual àquele em que se cai por não matar uma que merece ser morta. Tal é a ordem de coisas estabelecida que um rei de mente fraca nunca pensa em observar. Portanto, um rei deve mostrar severidade em fazer todos os seus súditos cumprirem seus respectivos deveres. Se isso não for feito, eles rondarão como lobos, devorando uns aos outros. É um canalha entre Kshatriyas aquele em cujos territórios ladrões circulam pilhando a propriedade de outras pessoas como corvos pegando peixes pequenos da água. Nomeando homens nobres de nascimento possuidores de conhecimento Védico como teus ministros, governe a terra, protegendo teus súditos justamente. Aquele Kshatriya que, ignorante dos costumes e planos estabelecidos, cobra impostos impropriamente de seu povo, é considerado como um eunuco de sua classe. Um rei não deve ser severo nem brando. Se ele governa justamente ele merece louvor. Um rei não deve rejeitar ambas as qualidades; por outro lado, se tornando severo (em ocasiões que exigem severidade), ele deve ser brando quando for necessário ser assim. Doloroso é o cumprimento dos deveres Kshatriya. Eu tenho um grande amor por ti. Tu foste criado para a realização de atos severos. Portanto, governe teu reino. Sakra possuidor de grande inteligência disse que em tempos de infortúnio o grande dever de um rei é castigar os maus e proteger os bons.'"

"Yudhishthira disse, 'Há alguma regra (em relação aos deveres reais) que não deve, de jeito nenhum, ser violada? Eu te pergunto isto, ó principal das pessoas virtuosas! Diga-me, ó avô!'"

"Bhishma disse, 'Uma pessoa deve sempre adorar Brahmanas veneráveis por causa de conhecimento, dedicados a penitências, e ricos em conduta harmoniosa com as injunções dos Vedas. Este, de fato, é um dever sublime e sagrado. Que tua conduta em direção aos Brahmanas seja sempre aquela que tu observas em direção aos deuses. Os Brahmanas, se enfurecidos, podem infligir diversos tipos de males, ó rei. Se eles forem satisfeitos, grande fama será tua parte. Se for o contrário, grande será teu medo. Se gratificados, os Brahmanas se tornam como néctar. Se enfurecidos, eles se tornam como veneno.'"

143

"Yudhishthira disse, 'Ó avô, ó tu de grande sabedoria, ó tu que és conhecedor de todos os tipos de escrituras, me diga qual é o mérito é de alguém que cuida de suplicante que anseia por proteção.'"

"Bhishma disse, 'Grande é o mérito, ó monarca, de cuidar de um suplicante. Tu és digno, ó melhor dos Bharatas, de fazer tal pergunta. Aqueles reis de grande alma de antigamente, isto é, Sivi e outros, ó rei, obtiveram grande bem-aventurança no céu por terem protegido suplicantes. É sabido que um pombo

recebeu com respeito um inimigo suplicante de acordo com os ritos devidos e até o alimentou com sua própria carne.'"

"Yudhishthira disse, 'Como, de fato, um pombo nos tempos passados alimentou um inimigo suplicante com sua própria carne? Qual também foi o fim, ó Bharata, que ele ganhou por tal conduta?'"

"Bhishma disse, 'Escute, ó rei, a esta excelente história que purifica aqueles que a ouvem de todos os pecados, a história, isto é, que o filho de Bhrigu (Rama) narrou para o rei Muchukunda. Essa mesma questão, ó filho de Pritha, tinha sido colocada para o filho de Bhrigu por Muchukunda com devida humildade. A ele desejoso de escutar com humildade, o filho de Bhrigu narrou esta história de como um pombo, ó monarca, ganhou êxito (dando-lhe o direito à bem-aventurança celestial mais sublime).'"

"O sábio disse, 'Ó monarca de braços poderosos, ouça-me enquanto eu narro para ti essa história que está repleta de verdades ligadas com Virtude, Lucro, e Prazer. Um caçador de aves selvagens perverso e terrível, parecendo com o próprio Destruidor, costumava vagar no passado pela grande floresta. Ele era negro como um corvo e seus olhos eram de uma cor sangrenta. Ele parecia com o próprio Yama. Suas pernas eram compridas, seu pés curtos, sua boca grande, e suas bochechas protuberantes. Ele não tinha amigo, nem parente. Ele tinha sido rejeitado por todos eles por causa da vida extremamente cruel que ele levava. De fato, um homem de má conduta deve ser repudiado de longe pelos sábios, pois não se pode esperar que aquele que prejudica a si mesmo faça bem para outros. Aqueles homens cruéis e de alma vil que tiram as vidas de outras criaturas são sempre como cobras venenosas, uma fonte de incômodo para todas as criaturas. Levando suas redes consigo, e matando aves nas florestas, ele costumava vender a carne daquelas criaturas aladas, ó rei (como meio de vida). Seguindo tal conduta, o patife de alma pecaminosa viveu por muitos longos anos sem nem entender a pecaminosidade de sua vida. Acostumado por muitos longos anos a se divertir com sua mulher na floresta seguindo aquela atividade, e estupefato pelo destino, nenhuma outra profissão o agradava. Um dia quando ele estava vagando pela floresta concentrado em seu trabalho, surgiu uma grande tempestade que sacudia as árvores e parecia prestes a arrancá-las. Em um momento nuvens densas apareceram no céu, com clarões de relâmpagos tremulando entre elas, apresentando o aspecto de um mar coberto com barcos e navios de comerciantes. Ele de cem sacrifícios tendo entrado nas nuvens com uma grande provisão de chuva, em um momento a terra ficou inundada com água. Enquanto a chuva ainda caía em torrentes, o caçador perdeu seu juízo pelo medo. Tremendo com frio e agitado pelo medo, ele vagou pela floresta. O matador de aves não conseguiu achar algum lugar alto (que não estivesse sob a água). Os caminhos da floresta estavam todos submersos. Pela força da chuva, muitas aves foram privadas de vida ou caíram no chão. Leões e ursos e outros animais, se utilizando de alguns locais altos que eles tinham encontrado, se deitaram para descansar. Todos os habitantes da floresta se encheram de medo por causa daquela tempestade e chuva terríveis. Assustados e famintos eles vagavam pelas florestas em bandos, pequenos e grandes. O caçador, no entanto, com os membros endurecidos pelo

frio, não podia nem parar onde ele estava nem se mover. Enquanto neste estado ele viu um pombo fêmea jazendo sobre o solo, endurecido com frio. O indivíduo pecaminoso, embora estivesse no mesmo apuro, vendo a ave, a apanhou e prendeu em uma gaiola. Ele mesmo oprimido pela aflição, ele não hesitou em oprimir uma criatura semelhante com aflição. De fato, o patife, somente pela força do hábito, cometeu aquele pecado mesmo em tal momento. Ele então viu no meio daquela floresta uma árvore nobre, azul como as nuvens. Ela era o refúgio de miríades de aves desejosas de sombra e abrigo. Ela parecia ter sido colocada lá pelo Criador para o bem de todas as criaturas como um homem bom no mundo. Logo o céu clareou e ficou coberto com miríades de estrelas, apresentando o aspecto de um lago magnificente alegre com lírios desabrochantes. Olhando para o firmamento claro rico com estrelas, o caçador começou a avançar, ainda tremendo de frio. Vendo o céu sem nuvens, ele olhou para todos os lados, e vendo que a noite já estava sobre si, ele começou a pensar, 'Minha casa está a uma grande distância de onde eu estou.' Ele então resolveu passar a noite sob o abrigo daquela árvore. Curvando-se a ela com mãos unidas, ele se dirigiu àquele monarca da floresta, dizendo, 'Eu sou um suplicante por abrigo a todas as divindades que têm esta árvore como seu refúgio.' Tendo dito estas palavras, ele espalhou algumas folhas para fazer uma cama, e se deitou sobre ela, descansando sua cabeça em uma pedra. Embora oprimido pela aflição, o homem logo adormeceu.'"

144

"Bhishma disse, 'Em um dos ramos daquela árvore, um pombo com penas belas, ó rei, vivia por muitos anos com sua família. Naquela manhã sua esposa tinha saído à procura de alimento mas ainda não tinha voltado. Vendo que a noite tinha chegado e que sua esposa não tinha retornado, a ave começou a se entregar a lamentações: 'Oh, grande foi a tempestade e dolorosa foi a chuva que veio hoje! Ai, tu ainda não retornaste, ó cara esposa! A desgraça está sobre mim, qual pode ser a causa pela qual ela ainda não voltou para nós? Está tudo bem com aquela minha cônjuge querida na floresta? Separado dela, esta minha casa me parece vazia! Uma casa de um chefe de família, mesmo se cheia de filhos e netos e noras e empregados, é considerada vazia se desprovida da dona da casa. A casa de um homem não é seu lar; somente a esposa é o lar de um homem. Uma casa sem a esposa é tão desolada quanto o deserto. Se aquela minha querida esposa, de olhos franjados com vermelho, de plumas multicores, e de voz doce, não voltar hoje, minha própria vida cessará de ser de algum valor. De votos excelentes, ela nunca come antes que eu coma, e nunca se banha antes que eu me banhe. Ela nunca senta antes que eu me sente, e nunca deita antes que eu me deite. Ela se regozija se eu me regozijo, e fica triste quando eu estou triste. Quando eu estou fora ela fica desanimada, e quando eu estou zangado ela não para de falar docemente. Sempre dedicada a seu marido e sempre confiando nele, ela sempre esteve empenhada em fazer o que fosse agradável e benéfico para seu marido. Digna de louvor é aquela pessoa sobre a terra que possui tal cônjuge.

Aquela criatura amável sabe que eu estou cansado e faminto. Dedicada a mim e constante em seu amor, minha cônjuge excelente é extremamente meiga e me adora devotamente. Até a base de uma árvore é o lar de um homem se ele vive lá com sua cônjuge como companheira. Sem um cônjuge, mesmo um palácio é realmente um ermo deserto. Um cônjuge é um companheiro em todas as ações de Virtude, Lucro e Prazer. Quando um homem parte para uma terra desconhecida sua esposa é uma companheira de confiança. É dito que a esposa é a posse mais valiosa do marido. Neste mundo a esposa é a única companheira de seu marido em todos os assuntos da vida. (A idéia é que o homem vem sozinho para o mundo e sai dele sozinho. Somente a esposa é sua verdadeira associada pois só ela é uma participante de seus méritos, e sem ela nenhum mérito pode ser ganho. A idéia Hindu de casamento é uma união completa. A partir do dia do casamento as duas pessoas se tornam um indivíduo para a realização de todos os atos religiosos e outros.) A esposa é sempre o melhor dos remédios que um homem pode ter na doença e na dor. Não há amigo como a esposa. Não há melhor refúgio do que a esposa. Não há melhor aliado no mundo do que a esposa em atos empreendidos para a aquisição de mérito religioso. Aquele que não tem em sua casa uma esposa que é casta e de palavras agradáveis deve ir para as florestas. Para tal homem não há diferença entre casa e ermo.'"

145

"Bhishma disse, 'Ouvindo aquelas lamentações comoventes do pombo na árvore, a pomba capturada pelo caçador começou a dizer para si mesma o seguinte.'"

"A pomba disse, 'Se eu tenho algum mérito ou não, em verdade não há limite para a boa sorte quando meu querido marido fala assim de mim. Não é uma esposa aquela com a qual o marido não está contente. No caso das mulheres, se seus maridos estiverem satisfeitos com elas todas as divindades também estarão. Já que o casamento ocorre na presença do fogo, o marido é a maior divindade da esposa. A esposa com quem seu marido não está satisfeito vem a ser reduzida a cinzas, assim como uma trepadeira adornada com ramos de flores em um incêndio na floresta.' Tendo refletido dessa maneira, a pomba, afligida pelo sofrimento, e presa pelo caçador dentro de sua gaiola, falou assim para seu marido dominado pela dor, 'Eu direi o que é benéfico para ti agora. Ouvindo-me siga meu conselho, ó marido querido, sejas tu o salvador de um suplicante. Este caçador deita aqui perto da tua residência, afligido com frio e fome. Faça a ele os deveres de hospitalidade. O pecado que uma pessoa comete por matar um Brahmana ou aquela mãe do mundo, isto é, uma vaca, é igual àquele em que se incorre por permitir que um suplicante pereça (por falta de ajuda). Tu possuis autoconhecimento. Cabe a alguém como tu, portanto, seguir aquela conduta que foi ordenada para nós como pombos pela ordem de nosso nascimento. (Nossa força, embora pouca, deve ser empregada por nós em desempenhar os deveres de hospitalidade da nossa própria maneira.) É sabido por nós que o chefe de família que pratica a virtude de acordo com a medida de suas habilidades, ganha

regiões inesgotáveis de felicidade após a morte. Tu tens filhos. Tu tens progênie. Ó ave, rejeitando toda a bondade por teu próprio corpo, portanto, e para ganhar virtude e lucro, ofereça culto a este caçador para que seu coração possa ser satisfeito. Ó ave, não te entregue a qualquer sofrimento por minha causa. (Veja, quão insignificante eu sou!) Tu podes continuar a viver, aceitando outras esposas!' A pomba amável, dominada pela tristeza, e olhando para seu marido da gaiola do caçador dentro da qual ela tinha sido presa, disse estas palavras para ele.'"

146

"Bhishma disse, 'Ouvindo aquelas palavras repletas de moralidade e razão que foram faladas por sua esposa, o pombo sentiu grande deleite e seus olhos estavam banhados em lágrimas de alegria. Vendo aquele caçador cuja ocupação era a matança de aves, o pombo o honrou escrupulosamente segundo os ritos prescritos nas ordenanças. Dirigindo-se a ele, ele disse, 'Tu és bem vindo hoje. Diga-me o que eu devo fazer por ti. Tu não deves ficar descontente. Tu estás em casa. (Literalmente 'tu estás em casa', significando 'Eu não pouparei quaisquer esforços para te fazer sentir e desfrutar todos os confortos do lar neste local.) Diga-me rapidamente o que eu devo fazer e qual é teu desejo. Eu te pergunto isto em afeição, pois tu solicitaste abrigo em nossas mãos. Hospitalidade deve ser mostrada até para um inimigo quando ele vai à casa de alguém. A árvore não retira sua sombra nem da pessoa que se aproxima dela para cortá-la. Deve-se, com cuidado escrupuloso, cumprir os deveres de hospitalidade em direção a uma pessoa que anseia por abrigo. De fato, uma pessoa é especialmente obrigada a fazer isso se acontecer de ela levar uma vida familiar que consiste nos cinco sacrifícios. Se uma pessoa, enquanto levando uma vida familiar, por falta de discernimento não realiza os cinco sacrifícios, ela perde, segundo as escrituras, este mundo e o seguinte. Diga-me então confiantemente e em palavras inteligíveis quais são teus desejos. Eu realizarei eles todos. Não coloque teu coração na aflição.' Ouvindo estas palavras da ave, o caçador respondeu para ele, dizendo, 'Eu estou duro de frio. Que providências sejam tomadas para me aquecer.' Assim endereçada, a ave reuniu uma quantidade de folhas secas sobre o solo, e pegando uma única folha em seu bico saiu depressa para ir buscar fogo. Indo a um local onde fogo era mantido, ele obteve um pequeno fogo e voltou ao local. Ele então ateou fogo naquelas folhas secas, e quando elas resplandeceram em chamas vigorosas, ele se dirigiu a seu convidado, dizendo, 'Aqueça teus membros em confiança e sem medo'. Assim endereçado, o caçador disse, 'Assim seja', e se pôs a aquecer seus membros endurecidos. Recuperando (por assim dizer) seus ares vitais o caçador disse para seu anfitrião alado, 'A fome está me afligindo. Eu desejo que tu me dês algum alimento.' Ouvindo suas palavras a ave disse, 'Eu não tenho provisões com as quais apaziguar tua fome. Nós, habitantes das florestas, sempre vivemos do que nós conseguimos a cada dia. Como os ascetas da floresta nós nunca acumulamos para o dia seguinte.' Tendo dito estas palavras, o rosto da ave empalideceu (de vergonha). Ele começou a refletir silenciosamente quanto ao que ele deveria fazer e mentalmente desaprovou seu próprio método de viver.

Logo, no entanto, sua mente se iluminou. Dirigindo-se ao matador de sua espécie, a ave disse, 'Eu te satisfarei. Espere um momento.' Dizendo estas palavras, ele acendeu um fogo com a ajuda de algumas folhas secas, e cheio de alegria, disse, 'Eu ouvi no passado de Rishis de grande alma e deuses e Pitris que há grande mérito em honrar um convidado. Ó amável, seja bondoso para mim. Eu te digo realmente que meu coração está determinado a honrar a ti que és meu convidado.' Tendo tomado esta decisão, a ave de grande alma, com um rosto sorridente, circungirou três vezes aquele fogo e então entrou em suas chamas. Vendo a ave entrar naquele fogo, o caçador começou a pensar, e se perguntou, 'O que eu fiz? Ai, sombrio e terrível será meu pecado, sem dúvida em consequência dos meus próprios atos! Eu sou extremamente cruel e digno de reprovação.' De fato, observando a ave sacrificar suar vida, o caçador, depreciando seus próprios atos, começou a se entregar a lamentações copiosas como tu.'"

147

"Bhishma disse, 'O caçador, vendo o pombo cair dentro do fogo, encheu-se de compaixão e mais uma vez disse, 'Ai, cruel e insensível que eu sou, o que tenho feito! Eu sou certamente um canalha desprezível! Grande será meu pecado por anos eternos!' Entregando-se a tais auto-reprovações ele começou a dizer repetidamente, 'Eu sou indigno de crédito. Minha mente é perversa. Eu sou sempre pecaminoso em minhas resoluções. Ai, abandonando todos os tipos de ocupação honrada, eu me tornei um caçador. Um canalha cruel que sou, sem dúvida, este pombo de grande alma, por sacrificar sua própria vida, me ensinou uma lição importante. Abandonando esposas e filhos, eu certamente rejeitarei meus ares vitais que são tão valiosos. O pombo de grande alma me ensinou aquele dever. Desse dia em diante, negando todo o conforto ao meu corpo, eu irei desgastá-lo assim como um tanque raso na estação do verão. Capaz de suportar fome, sede, e penitências, reduzido à emaciação, e totalmente coberto com veias visíveis, eu praticarei de diversas maneiras tais votos que têm relação com o outro mundo. Ai, por abandonar seu corpo, o pombo me mostrou o culto que deve ser prestado para um convidado. Ensinado por seu exemplo, eu de agora em diante praticarei virtude. A virtude é maior refúgio (de todas as criaturas). De fato, eu praticarei tal virtude como a que era vista no pombo virtuoso, aquela principal de todas as criaturas aladas.' Tendo tomado tal decisão e dito estas palavras, o caçador, outrora de atos violentos, procedeu para fazer uma viagem sem retorno pelo mundo, observando os votos mais rígidos. (Mahaprasthana é literalmente uma partida sem volta. Quando uma pessoa deixa seu lar para vagar pelo mundo até que a morte ponha em fim em suas vagueações, é dito que ela parte em Mahaprasthana.) Ele jogou fora seu bastão sólido, sua vara de ferro de ponta afiada, suas redes e armadilhas, e sua gaiola de ferro, e libertou a pomba que ele tinha capturado e prendido.'"

148

"Bhishma disse, 'Depois que o caçador tinha deixado aquele local, a pomba, lembrando-se de seu marido e atormentada pelo sofrimento por sua causa, chorou copiosamente e se entregou a estas lamentações, 'Eu, ó marido querido, não posso me lembrar de uma única ocasião em que tu me fizeste uma injúria! Viúvas, mesmo se mães de muitas crianças, ainda são miseráveis! Sem seu marido, uma mulher se torna desamparada e um objeto de compaixão para seus amigos. Eu era sempre tratada com carinho por ti, e pelo grande respeito que tu tinhas por mim eu era sempre honrada por ti com palavras gentis, agradáveis, encantadoras, e graciosas. Eu me diverti contigo em vales, em nascentes de rios, e em encantadores topos de árvores. Eu também fui feita feliz por ti enquanto vagando contigo pelos céus. Eu costumava me divertir contigo antes, ó caro marido, mas onde estão aquelas alegrias agora? Limitados são os presentes do pai, do irmão, e do filho para uma mulher. Somente os presentes que seu marido dá para ela são ilimitados. Que mulher não iria, portanto, adorar seu marido? Uma mulher não tem protetor como seu marido, e nenhuma felicidade como seu marido. Abandonando toda a sua riqueza e posses, uma mulher deve tomar seu marido como seu único refúgio. A vida aqui não tem serventia para mim, ó marido, agora que eu estou separada de ti. Que mulher casta iria, quando privada do marido, ousar carregar o peso da vida?' Cheia de tristeza e se entregando a tais lamentações comoventes, a pomba, dedicada a seu marido, se lançou no fogo ardente. Ela então viu seu marido (falecido) adornado com braceletes, sentado em um carro (celeste), e adorado por muitos seres meritórios e de grande alma que estavam em volta dele. De fato, ele estava lá no firmamento, adornado com belas guirlandas, vestido em mantos excelentes, e enfeitado com todos os ornamentos. Ao redor dele estavam inúmeros carros celestes dirigidos por seres que tinham agido meritoriamente enquanto estavam neste mundo. Sentado em seu próprio carro celeste, a ave ascendeu para o céu, e obtendo honras apropriadas aos seus feitos neste mundo, continuou a se divertir em alegria, acompanhado por sua esposa.'"

149

"Bhishma disse, 'O caçador, ó rei, aconteceu de ver aquele casal enquanto sentado em seu carro celestial. Vendo o casal ele se encheu de tristeza (ao pensar em seu próprio infortúnio) e começou a refletir sobre os meios de alcançar o mesmo fim. E ele disse a si mesmo, 'Eu devo, por austeridades como aquelas do pombo, alcançar tal fim sublime!' Tendo tomado esta decisão, o caçador, que tinha vivido da matança de aves, saiu em uma viagem sem volta. Sem qualquer esforço (para obter alimento) e vivendo só do ar, ele rejeitou todas as afeições pelo desejo de alcançar o céu. Depois que ele tinha procedido por alguma distância, ele viu um lago extenso e encantador cheio água de fresca e pura, e adornado com lotos e cheio de diversas espécies de aves aquáticas. Sem dúvida,

a própria visão de tal lago era capaz de matar o desejo de beber de uma pessoa sedenta. Emaciado com jejuns, o caçador, no entanto, ó rei, sem olhar para ele, penetrou alegremente em uma floresta habitada por animais predadores, tendo averiguado previamente sua ampla extensão. Depois que ele tinha entrado na floresta ele foi muito afligido por espinhos pontudos e afiados. Lacerado e cortado por espinhos, e completamente coberto com sangue, ele começou a vagar naquela floresta desprovida de homens mas cheia de animais de diversas espécies. Algum tempo depois, em consequência da fricção de algumas árvores poderosas causada por um vento forte, surgiu um incêndio que se espalhou por toda parte. O elemento furioso, mostrando um esplendor como o que ele assume no fim do Yuga, começou a consumir aquela floresta grande cheia de árvores altas e arbustos e trepadeiras espessos. De fato, com as chamas sopradas pelo vento e miríades de faíscas voando em todas as direções, a divindade que tudo consome começou a queimar aquela floresta densa abundando com aves e feras. O caçador, desejoso de abandonar seu corpo, correu com um coração encantado em direção àquela conflagração que se propagava. Consumido por aquele fogo o caçador se purificou de todos os seus pecados e alcançou, ó melhor dos Bharatas, êxito sublime. A febre de seu coração dissipada, ele finalmente se viu no céu, brilhando em esplendor como Indra no meio de Yakshas e Gandharvas e pessoas coroadas com êxito ascético. Assim, de fato, o pombo e sua cônjuge devotada, com o caçador, ascenderam ao céu por seus atos meritórios. A esposa que assim segue seu marido logo ascende para o céu e brilha lá em esplendor como a pomba da qual eu falei. Essa é a velha história do caçador e do pombo de grande alma. Dessa maneira eles alcançaram um fim altamente meritório por suas ações virtuosas. Nenhum mal acontece à pessoa que escuta todos os dias a esta história ou que a recita todos os dias, mesmo que o erro invada sua mente. (A teoria é que todos os infortúnios surgem originalmente do erro mental o qual nubla a compreensão.) Ó Yudhishthira, ó principal de todas as pessoas virtuosas, a proteção de um suplicante é realmente um ato nobre de mérito. Até o matador de uma vaca, por praticar este dever, pode ser purificado do pecado. Nunca será purificado, no entanto, o homem que mata um suplicante. Por escutar a esta história sagrada e purificadora de pecados uma pessoa se livra da aflição e finalmente alcança o céu.'"

150

"Yudhishthira disse, 'Ó melhor dos Bharatas, quando uma pessoa comete pecado por falta de raciocínio, como ela pode ser purificada disso? Conte-me tudo sobre isto.'"

"Bhishma disse, 'Eu em relação a isto eu recitarei para ti a antiga narrativa, louvada pelos Rishis, do que o regenerado Indrota, o filho de Sunaka, disse para Janamejaya. Havia antigamente um rei possuidor de grande energia, chamado Janamejaya, que era o filho de Parikshit. Aquele senhor de terra em uma ocasião, por falta de raciocínio, tornou-se culpado de matar de um Brahmana. Depois disto, todos os Brahmanas junto com seus sacerdotes o abandonaram. Queimando dia e

noite com remorso, o rei se retirou para as florestas. Abandonado também por seus súditos, ele tomou este passo para conseguir grande mérito. Consumido pelo arrependimento, o monarca passou pelas austeridades mais rígidas. Para se purificar do pecado de Brahmanicídio ele interrogou muitos Brahmanas, e vagou de país em país sobre a terra inteira. Eu agora te contarei a história de sua expiação. Queimando com a lembrança de sua ação pecaminosa, Janamejaya vagou para lá e para cá. Um dia, no decurso de suas vagueações, ele encontrou Indrota, o filho de Sunaka, de votos rígidos, e se aproximando dele tocou seus pés. O sábio, vendo o rei diante de si, o reprovou gravemente, dizendo, 'Tu cometeste um grande pecado. Tu és culpado de feticídio. Por que tu vieste aqui? Que assunto tu tens conosco? Não me toque de nenhuma maneira! Vá, vá embora! Tua presença não nos agrada. Tua pessoa cheira como sangue. A tua aparência é como a de um cadáver. Embora impuro, tu pareces ser puro, e embora morto tu te moves como um vivo! Morto por dentro, tu tens a alma impura, pois estás sempre planejando pecados. Embora tu durmas e despertes, tua vida, no entanto, é passada em grande miséria. Tua vida, ó rei, é inútil. Tu vives muito miseravelmente. Tu foste criado para atos ignóbeis e pecaminosos. Pais desejam filhos pelo desejo de obter diversos tipos de bênçãos, e esperando que eles realizem penitências e sacrifícios, adorem os deuses, e pratiquem renúncia (fazendo caridade). Veja, toda a linhagem de teus ancestrais caiu no inferno por causa das tuas ações. Todas as esperanças que teus ascendentes colocaram em ti foram inúteis. Tu vives em vão, pois tu estás sempre inspirado com ódio e malícia em direção aos Brahmanas, eles, que por adorar a quem os homens obtêm vida longa, fama, e céu. Deixando este mundo (quando chegar a hora), tu terás que cair (no inferno) de cabeça para baixo e permanecer naquela posição por incontáveis anos por consequência das tuas ações pecaminosas. Lá tu serás torturado por urubus e pavões de bicos de ferro. Voltando então para este mundo, tu terás que nascer em uma classe desprezível de criaturas. Se tu pensas, ó rei, que este mundo é nada e que o próximo mundo é a sombra de uma sombra, os seguidores de Yama nas regiões infernais te convencerão, dissipando tua incredulidade.'"

151

"Bhishma disse, 'Assim endereçado, Janamejaya respondeu ao sábio, dizendo, 'Tu repreendes alguém que merece ser repreendido. Tu censuras alguém que é merecedor de censura. Tu reprovas a mim e minhas ações. Eu imploro que tu sejas gracioso em direção a mim. Todos os meus atos têm sido pecaminosos. Eu queimo, no entanto, com o arrependimento como se eu estivesse no meio do fogo ardente! Minha mente, ao lembrar dos meus atos, está extremamente triste. Na verdade, eu estou com muito medo de Yama. Como eu posso suportar viver sem extrair aquele dardo do meu coração? Ó Saunaka, suprimindo toda a tua ira, instrua-me agora. Antigamente eu costumava mostrar respeito pelos Brahmanas. Eu declaro solenemente que eu vou mais uma vez demonstrar o mesmo respeito por ti. Não deixe que minha linhagem seja extinta. Não deixe que a linhagem na

qual eu nasci afunde no pó. Não é apropriado que aqueles que foram injustos com Brahmanas e, pelas injunções dos Vedas, perderam todo o direito ao respeito do mundo e à relação social com seus semelhantes, devam ter algum portador de seus nomes para continuar suas famílias. Eu estou dominado pelo desespero. Eu, portanto, repito a minha decisão (sobre reparar minha conduta). Eu rogo a você que me proteja como sábios que não aceitam presentes protegendo os pobres. Indivíduos pecaminosos se abstendo de sacrifícios nunca alcançam o céu. Deixando (este mundo), eles têm que passar seu tempo nos abismos do inferno como Pullindas e Khasas. (Estas são tribos Mleccha de comportamento impuro.) Ignorante que eu sou, dê-me sabedoria como um preceptor erudito para seu pupilo ou como um pai para seu filho. Fique satisfeito comigo, ó Saunaka!'"

"Saunaka disse, 'Que surpresa há que uma pessoa desprovida de sabedoria faça muitas ações impróprias? Sabendo disso, uma pessoa de sabedoria verdadeira nunca se zanga com as criaturas (quando elas se tornam culpadas de tolice). Por ascender ao topo do palácio da sabedoria, uma pessoa se aflige pelas outras, sendo em si mesma demasiado pura para se tornar um objeto de aflição de outras pessoas. Por sua própria sabedoria alguém examina todas as criaturas no mundo como uma pessoa no topo de uma montanha olhando as pessoas em baixo. A pessoa que se torna um objeto de crítica pelos homens bons, que odeia bons homens e que se esconde de sua vista, nunca consegue obter qualquer bênção e nunca entende a propriedade de ações. Tu sabes que a energia e a nobreza do Brahmana é declarada nos Vedas e em outras escrituras. Aja agora de tal maneira que a tranquilidade de coração possa ser tua e que os Brahmanas sejam teu refúgio. Se os Brahmanas cessarem de estar zangados contigo, eles assegurarão tua felicidade no céu. Se, também, tu te arrependeres de teu pecado, tua visão ficará clara e tu conseguirás ver a virtude.'"

"Janamejaya disse, 'Eu estou arrependido de meus pecados. Eu nunca mais procurarei extinguir a virtude. Eu desejo obter bem-aventurança. Fique satisfeito comigo.'"

"Saunaka disse, 'Dissipando arrogância e orgulho, ó rei, eu desejo que tu demonstres consideração por mim! (Isto é, por minhas instruções.) Empenhe-te no bem de todas as criaturas, sempre te lembrando dos mandatos de retidão. Eu não estou te reprovando por medo ou estreiteza de mente ou avareza. Escute agora, com estes Brahmanas aqui, as palavras de verdade que eu profiro. Eu não peço nada. Eu irei, no entanto, te instruir sobre os caminhos da virtude. Todas as pessoas irão coaxar e zurrar e gritar vergonha sobre mim (pelo que eu vou fazer). Elas até me chamarão de pecaminoso. Meus parentes e amigos me rejeitarão. (Pois era tão grande a repugnância sentida pelo assassino de um Brahmana que até falar com ele era considerado um pecado. Instruir tal homem nas verdades dos Vedas e da moralidade era profanar a própria religião.) Sem dúvida, no entanto, meus parentes e amigos, ouvindo as palavras que eu falar, conseguirão atravessar vigorosamente as dificuldades da vida. Alguns que são possuidores de grande sabedoria irão compreender (meus motivos) corretamente. Saiba, ó filho, quais são meus pontos de vista, ó Bharata, em relação aos Brahmanas. (Depois de me ouvir) aja de tal maneira que eles possam, pelos meus esforços, obter

todas as bênçãos. Também, ó rei, empenhe tua palavra que tu não irás novamente prejudicar os Brahmanas.'"

"Janamejaya disse, 'Eu juro, até tocando teus pés, que eu nunca mais, em pensamentos, palavras, ou ações, ofenderei os Brahmanas.'"

152

"Saunaka disse, 'Por essas razões eu te falarei sobre virtude, para ti cujo coração tem estado extremamente agitado. Possuidor de conhecimento e grande força, e com um coração contente, tu procuras virtude por tua própria vontade. Um rei, primeiro sendo extremamente severo, então mostra compaixão e faz o bem para todas as criaturas por seus atos. Isto é certamente muito admirável. O povo diz que um rei que começa com severidade queima o mundo inteiro. Antes tu eras severo. Mas tu volveste teus olhos para a virtude agora. Abandonando comida luxuosa e todos os artigos de prazer, tu te dirigiste por um longo tempo para penitências rígidas. Tudo isso, ó Janamejaya, seguramente parece extraordinário para aqueles reis que estão afundados em pecado. Que aquele que tem riqueza deva se tornar generoso, ou aquele que é dotado de riqueza de ascetismo deva se tornar relutante em gastá-la, não é surpreendente em absoluto. É dito que esses dois não vivem muito longe um do outro. (Isto é, a mesma causa que faz uma pessoa afluente caridosa opera para fazer um asceta cuidadoso do tipo de riqueza que ele tem.) Aquilo que é precipitado produz miséria em abundância. Aquilo, por outro lado, que é realizado com a ajuda do raciocínio correto leva a resultados excelentes. Sacrifício, caridade, compaixão, os Vedas, e a verdade, ó senhor da terra, estes cinco, são purificadores. O sexto é penitência bem realizada. Este último, ó Janamejaya, é altamente purificador para reis. Por se dirigir a isto devidamente, tu seguramente ganharás grande mérito e bem-aventurança. Visitar lugares sagrados também foi citado como sendo altamente purificador. Com relação a isto são citados os seguintes versos cantados por Yayati: 'O mortal que ganhar vida e longevidade deve, depois de ter realizado sacrifícios com devoção, renunciar a eles (na velhice) e praticar penitências.' O campo de Kuru é citado como sagrado. O rio Saraswati é citado como sendo mais ainda. Os tirthas do Saraswati são mais sagrados do que a própria Saraswati; e o tirtha chamado Prithudaka é mais sagrado do que os tirthas do Saraswati. Alguém que se banhou no Prithudaka e bebeu suas águas não terá que sofrer por uma morte prematura. Tu deves ir para Mahasaras, para todos os tirthas designados pelo nome de Pushkara, para Prabhasa, ao lago do norte Manasa, e para Kalodaka. Tu irás então recuperar a vida e adquirir longevidade. O lago Manasa está no local onde o Saraswati e o Drisadwati se misturam um com o outro. Uma pessoa possuidora de conhecimento Védico deve se banhar nesses lugares. Manu disse que a generosidade é o melhor de todos os deveres e que a renúncia é melhor do que a generosidade. Em relação a isto é citado o seguinte verso composto por Satyavat. (Uma pessoa deve agir) como uma criança cheia de simplicidade e desprovida de mérito ou pecado. Em relação a todas as criaturas não há nem tristeza nem felicidade. (Aquilo que é chamado de tristeza e aquilo que é chamado de felicidade

são os resultados de uma imaginação perturbada.) Essa mesma é a natureza verdadeira de todas as criaturas vivas. De todas as criaturas, são superiores as vidas daquelas que se dirigiram à renúncia e que se abstiveram das ações meritórias e pecaminosas. Eu agora te direi aquelas ações que são melhores para um rei. Por empregar teu poder e generosidade conquiste o céu, ó rei! O homem que possui os atributos de poder e energia consegue alcançar a virtude. Governe a terra, ó rei, por causa dos Brahmanas e pela felicidade. Tu costumavas antigamente condenar os Brahmanas. Gratifique-os agora. Embora eles tenham gritado vergonha sobre ti e embora ele tenham te abandonado, ainda assim, guiado pelo conhecimento do eu, te empenhe solenemente para nunca ofendê-los. Envolvido em atos apropriados para ti, procure o que é para o teu maior bem. Entre os soberanos, alguns se tornam tão frios quanto a neve; alguns, tão ferozes quanto o fogo; alguns se tornam como um arado (arrancando todos os inimigos); e alguns, também, se tornam como um raio (queimando subitamente seus inimigos). Quem deseja impedir a autodestruição nunca deve se misturar com indivíduos vis, por razões gerais ou específicas. De um ato pecaminoso cometido uma única vez, alguém pode se purificar por se arrepender disso. De um ato pecaminoso cometido duas vezes, uma pessoa pode se purificar por jurar nunca cometê-lo outra vez. De tal ato cometido três vezes, ela pode se purificar pela decisão de se comportar corretamente mesmo posteriormente. Por cometer tal ação repetidamente, uma pessoa pode se purificar por uma viagem para lugares sagrados. Alguém desejoso de obter prosperidade deve fazer tudo o que resulta em bem-aventurança. Aqueles que vivem entre odores fragrantes se tornam eles mesmos fragrantes por consequência. Aqueles, por outro lado, que vivem no meio de fedor imundo se tornam eles mesmos imundos. Alguém dedicado à prática de penitências ascéticas é logo purificado de todos os pecados. Por cultuar o fogo (homa) por um ano, alguém maculado por diversos pecados se torna purificado. Alguém culpado de feticídio é purificado por cultuar o fogo por três anos. Alguém culpado de feticídio se purifica até a cem Yojanas de Mahasaras, ou dos tirthas chamados Pushkara, ou Prabhasa, ou Manasa no norte, se ele somente sai para algum deles. Um matador de criaturas é purificado de seus pecados por salvar do perigo iminente tantas criaturas daquela espécie específica quanto as que foram mortas por ele. Manu disse que por mergulhar em água depois de recitar três vezes os mantras Aghamarshana, uma pessoa obtém os frutos do banho final em um Sacrifício de Cavalo. (Esses mantras formam uma parte da prece da manhã, do meio-dia e da noite de todo Brahmana. Aghamarshana era um Rishi Védico de grande santidade.) Tal ação logo purifica uma pessoa de todos os seus pecados, e ela recupera em consequência a estima do mundo. Todas as criaturas se tornam obedientes a tal pessoa como idiotas impotentes (obedientes àqueles que os circundam). Os deuses e os Asuras, antigamente, se aproximando do preceptor celeste Vrihaspati, ó rei, humildemente lhe perguntaram, dizendo, 'Tu conheces, ó grande Rishi, os frutos da virtude, como também os frutos daqueles outros atos que levam ao inferno no mundo seguinte. Não consegue se libertar de mérito e pecado a pessoa para quem os dois (prosperidade e dor) são iguais? Nos diga, ó nobre Rishi, quais são os frutos da virtude, e como uma pessoa correta dissipa seus pecados.'"

"Vrihaspati respondeu, 'Se tendo cometido um pecado por tolice, alguém faz atos meritórios compreendendo sua natureza, ele consegue, por tal virtude, se purificar do pecado assim como um pedaço de tecido sujo é limpo por meio de alguma substância salina. Não se deve contar vantagem depois de ter cometido pecado. Por recorrer à fé e por se livrar da malícia, uma pessoa consegue obter bem-aventurança. A pessoa que cobre as falhas, até quando expostas, de bons homens, obtém bem-aventurança mesmo depois de ter cometido erros. Como o nascer do sol de manhã dissipa a escuridão, alguém dissipa todos os seus pecados por agir honradamente.'"

"Bhishma continuou, 'Indrota, o filho de Sunaka, tendo dito essas palavras ao rei Janamejaya, o ajudou, por seu sacerdócio, no desempenho do Sacrifício de Cavalo. O rei, purificado de seus pecados e recuperando bem-aventurança, brilhou com esplendor como um fogo ardente, e aquele matador de inimigos então entrou em seu reino como Soma em sua forma cheia entrando no céu.'"

153

"Yudhishthira disse, 'Tu, ó avô, já viste ou ouviste de algum mortal devolvido à vida depois de ter sucumbido à morte?'"

"Bhishma disse, 'Escute, ó rei, a esta história da conversa entre um urubu e um chacal como aconteceu antigamente. De fato, a ocorrência foi na floresta de Naimisha. Era uma vez um Brahmana que tinha, depois de grandes dificuldades, obtido um filho de olhos grandes. A criança morreu de convulsões infantis. Alguns (entre seus parentes), extremamente agitados pelo sofrimento e se entregando a lamentações altas, pegaram o jovem menino, aquela única riqueza de sua família. Pegando a criança falecida eles procederam na direção do crematório. Chegando lá, eles começaram a pegar a criança do peito uns dos outros e a chorar mais amargamente em sofrimento. Lembrando com corações pesados as antigas palavras de seu querido repetidas vezes, eles eram incapazes de voltar para casa deixando o corpo no solo nu. Chamado por seus gritos, um urubu chegou lá e disse estas palavras: 'Vão embora e não permaneçam, vocês que têm que deixar apenas uma criança. Parentes sempre vão embora deixando neste lugar milhares de homens e milhares de mulheres trazidos aqui no decorrer do tempo. Vejam, todo o universo está sujeito ao bem e ao mal. União e desunião podem ser vistas em turnos. Aqueles que vêm ao crematório trazendo com eles os corpos de parentes mortos, e aqueles que sentam ao lado daqueles corpos (por afeição), eles mesmos desaparecem do mundo em consequência de suas próprias ações quando terminam os períodos concedidos de suas próprias vidas. Não há necessidade de sua demora no crematório, neste lugar horrível, que é cheio de urubus e chacais e de esqueletos e que inspira medo em todas as criaturas. Amigo ou inimigo, ninguém nunca volta para a vida tendo uma vez sucumbido ao poder do Tempo. Tal, de fato, é o destino de todas as criaturas. Nesse mundo de mortais, todos os que nascem certamente morrerão. Quem devolveria à vida alguém que está morto e partiu ordenado pelo Destruidor? Nesta hora quando os

homens estão prestes a terminarem sua labuta diária, o Sol está se retirando para as colinas Asta. Vão para suas casas, rejeitando essa afeição pela criança.' Ouvindo estas palavras do urubu, a dor dos parentes pareceu diminuir, e colocando a criança na terra nua eles se prepararam para ir embora. Se assegurando do fato de que a criança tinha morrido e se desesperando de vê-lo outra vez, eles começaram a retroceder seus passos, cedendo a altas lamentações. Assegurados sem dúvida alguma, e sem esperança da devolução dos mortos para a vida, eles abandonaram aquele filho de sua linhagem, e se preparam para voltar daquele local. Naquela hora um chacal, preto como um corvo, saiu de sua toca e se dirigiu aos parentes que iam embora, dizendo, 'Certamente, vocês que são parentes da criança falecida não têm aflição. O sol ainda brilha lá no céu, seus tolos! Se entreguem a seus sentimentos, sem medo. Diversas são as virtudes da hora. Ele pode voltar para a vida! Espalhando umas poucas folhas de erva Kusa no chão e abandonando aquela criança querida no crematório, por que vocês vão embora com corações de aço e rejeitando toda a afeição pelo amado? Certamente, vocês não têm afeição por esta jovem criança de voz doce, cujas palavras, logo que deixavam seus lábios, costumavam alegrar vocês imensamente. Vejam a afeição que até as aves e feras têm por sua prole. Eles não têm retribuição por criar seus filhotes. Como os sacrifícios dos Rishis (que nunca são empreendidos pelo desejo de fruto ou recompensa) a afeição de quadrúpedes, de aves e insetos, não tem recompensas no céu. Embora encantados com suas crias, eles nunca são vistos derivar qualquer beneficio das últimas nem aqui nem após a morte. Ainda assim eles cuidam de seus filhotes com afeto. Seus filhos, crescendo, nunca cuidam deles na velhice. Mas eles não se afligem quando eles não vêem seus pequenos? Onde, de fato, é para ser vista a afeição nos seres humanos do que na própria influência da aflição? Aonde vocês iriam deixando aqui esta criança que é o perpetuador de sua família? Vocês derramaram lágrimas por ele por algum tempo, e o olharam um pouco mais com afeto? Objetos tão queridos são, de fato, difíceis de se abandonar. São os amigos e não outros que esperam ao lado daquele que está fraco, do que é processado por um tribunal de justiça, daquele que é conduzido em direção ao crematório. Os ares vitais são preciosos para todos, e todos sentem a influência da afeição. Vejam a afeição que é nutrida até por aqueles que pertencem a espécies intermediárias! (Como aves e animais.) Como, de fato, vocês podem ir embora, abandonando este menino de olhos grandes como as pétalas do lótus, e belo como um jovem recém casado banhado e adornado com guirlandas florais?' Ouvindo estas palavras do chacal que tinha estado se entregando a tais expressões de dor comovente, os homens voltaram atrás por causa do cadáver.'"

"O urubu disse, 'Ai, homens desprovidos de força mental, por que vocês voltaram atrás por ordem de um chacal cruel e vil de pouca inteligência? Por que vocês choram a morte daquele composto de cinco elementos abandonado por suas divindades presidentes, não mais ocupado (pela alma), imóvel, e rígido como um pedaço de madeira? Por que vocês não choram por si mesmos? Vocês praticam penitências rígidas pelas quais vocês conseguirão se purificar do pecado? Tudo pode ser tido por meio de penitências. O que as lamentações farão? A má sorte é nascida com o corpo. É por aquela má sorte que este menino

partiu, mergulhando vocês em dor infinita. Riqueza, vacas, ouro, jóias preciosas, filhos, tudo tem sua fonte em penitências. Penitências também são os resultados de yoga (união da alma com a Divindade). Entre as criaturas, a medida de felicidade ou dor é dependente das ações de uma vida prévia. De fato, todas as criaturas vêm ao mundo trazendo consigo a sua própria medida de dor e alegria. O filho não é limitado pelas ações do pai, ou o pai pelas do filho. Limitados por suas próprias ações, boas e más, todos têm que viajar por esta estrada em comum. Pratiquem devidamente todos os deveres, e se abstenham das ações injustas. Sirvam reverentemente, segundo as indicações das escrituras, os deuses e os Brahmanas. Rejeitem tristeza e desânimo, e se abstenham do afeto parental. Deixem a criança sobre este solo exposto, e vão embora sem demora. O ator somente desfruta dos frutos das ações, boas ou más, que ele faz. Que relação os parentes têm com eles? Abandonando um parente (falecido), embora querido, os parentes deixam este local. Com olhos banhados em lágrimas, eles vão embora, cessando de demonstrar afeto pelos mortos. Sábios ou ignorantes, ricos ou pobres, todos sucumbem ao Tempo, dotados de ações, boas e más. O que vocês farão pelo luto? Por que vocês choram por alguém que está morto? O Tempo é o senhor de tudo, e em conformidade com sua própria natureza ele lança um olhar igual sobre todas as coisas. No orgulho da juventude ou na infância desamparada, aguentando o peso dos anos ou jazendo no útero da mãe, todos estão sujeitos a serem atacados pela Morte. Tal de fato, é o rumo do mundo.'"

"O chacal disse, 'Ai, a afeição nutrida por suas pessoas lacrimosas que estão oprimidas pela angústia por sua criança falecida foi diminuída por aquele urubu de inteligência iluminada. Este deve ser mesmo o caso, já que por causa de suas palavras bem aplicadas repletas de tranquilidade e capazes de produzir convicção, lá aquele volta para a cidade, rejeitando a afeição que é tão difícil de abandonar. Ai, eu supunha que era grande o pesar sentido pelos homens que se entregam a altas lamentações pela morte de uma criança e pelo cadáver em um crematório, como aquele da vaca privada de bezerros. Hoje, no entanto, eu entendo qual é a medida do pesar dos seres humanos na terra. Testemunhando sua grande afeição eu mesmo tinha derramado lágrimas, (parece, no entanto, que sua afeição não é forte)! Uma pessoa deve sempre se esforçar. Então ela tem êxito por meio do destino. Esforço e destino, juntos, produzem resultados. Deve-se sempre se esforçar com esperança. Como a felicidade pode ser tida a partir do desânimo? Objetos de desejo podem ser ganhos pela resolução. Por que então vocês voltam tão cruelmente? Aonde vocês vão, abandonando no ermo este seu filho, este perpetuador da linhagem de teus pais? Fiquem aqui até que o sol se ponha e o crepúsculo da noite venha. Você podem então levar este menino com vocês ou ficar com ele.'"

"O urubu disse, 'Eu tenho, ó homens, mil anos completos de idade hoje, mas eu nunca vi uma criatura morta, homem ou mulher ou de sexo ambíguo, reviver depois da morte. Alguns morrem no útero; alguns morrem logo depois do nascimento; alguns morrem (na infância) enquanto engatinhando; alguns morrem na juventude; e alguns na velhice. As sortes de todas as criaturas, incluindo até animais e aves, é instável. Os períodos de vida de todas as criaturas móveis e

imóveis são fixados previamente. Privados de cônjuges e entes queridos e cheios de tristeza (pela morte) de filhos, homens deixam este lugar todos os dias com corações agoniados para voltar para casa. Deixando neste lugar amigos e inimigos contados aos milhares, parentes afligidos pelo pesar voltam para suas casas. Rejeitem este corpo sem vida que não tem mais nenhum calor animal nele e que está tão rígido quanto um pedaço de madeira! Por que então vocês não vão embora, deixando o corpo desta criança que se tornou como um pedaço de madeira e cuja vida entrou em um novo corpo? Esta afeição (que vocês estão demonstrando) é sem sentido e abraçar a criança assim é inútil. Ele não vê com seus olhos ou ouve com seus ouvidos. Deixando-o aqui, vão embora sem demora. Assim endereçados por mim em palavras que são aparentemente cruéis mas que na verdade são repletas de razão e têm uma relação direta com a religião excelente da emancipação, voltem para as suas respectivas casas.' Endereçados assim pelo urubu dotado de sabedoria e conhecimento e capaz de dar inteligência e despertar a compreensão, aqueles homens se prepararam para dar suas costas ao crematório. A aflição, de fato, aumenta duas vezes sua medida à visão de seu objeto e à lembrança das ações daquele objeto (em vida). Tendo ouvido essas palavras do urubu, os homens resolveram deixar o local. Justamente naquela hora o chacal, indo lá com passos rápidos, lançou seus olhos sobre a criança deitada no sono de morte.'"

"O chacal disse, 'Por que, de fato, vocês deixam, pela ordem do urubu, esta criança de cor dourada, enfeitada com ornamentos, e capaz de dar o bolo fúnebre para seus antepassados? Se vocês o abandonarem, sua afeição não acabará, nem estas lamentações comoventes. Por outro lado, sua angústia certamente será maior. É sabido que um Sudra chamado Samvuka tendo sido morto e a justiça tendo sido mantida por Rama de destreza verdadeira, uma criança Brahmana foi devolvida à vida. (A alusão é à história de Rama tendo ressuscitado um menino Brahmana morto. Durante o reinado justo de Rama não haviam mortes prematuras em seu reino. Aconteceu, no entanto, um dia que um pai Brahmana chegou à corte de Rama e se queixou da morte prematura de seu filho. Rama imediatamente começou a perguntar o motivo. Algum ato pecaminoso em algum canto do reino, suspeitava-se, tinha causado a morte. Logo Rama descobriu um Sudra de nome Samvuka empenhado em penitências ascéticas no coração de uma floresta profunda. O rei instantaneamente cortou a cabeça do homem visto que um Sudra por nascimento não tinha o direito de fazer o que aquele homem estava fazendo. Logo que a justiça foi mantida, o menino Brahmana morto reviveu. (Ramayana, Uttarakandam.)) Similarmente, o filho do sábio nobre Sweta morreu (prematuramente). Mas o monarca, dedicado à virtude, conseguiu ressuscitar seu filho morto. Da mesma maneira, no seu caso também, algum sábio ou divindade pode estar disposto a conceder seu desejo e mostrar compaixão por vocês que estão chorando de modo tão comovente.' Assim endereçados pelo chacal, os homens, afligidos pela angústia e cheios de afeto pela criança, retrocederam seus passos, e colocando a cabeça da criança em seus colos um depois do outro, começaram a lamentar copiosamente. Convocado por seus gritos, o urubu, indo àquele local, falou a eles o seguinte.'"

"O urubu disse, 'Por que vocês estão banhando esta criança com suas lágrimas? Por que vocês o estão apertando desse modo com o toque de suas mãos? Pela ordem do rei lúgubre da justiça a criança foi enviada para aquele sono o qual não conhece despertar. Aqueles que são dotados do mérito de penitências, aqueles que são possuidores de riqueza, aqueles que têm grande inteligência, realmente, todos sucumbem à morte. Este mesmo é o lugar planejado para os mortos. É sempre ser visto que parentes, abandonando milhares de parentes jovens e velhos, passam suas noites e dias em angústia, rolando sobre o solo nu. Cessem este ardor em colocar os ornamentos do infortúnio. Que esta criança voltaria para a vida é o que diz a fé. Ele não obterá sua vida de volta pela ordem do chacal. Se uma pessoa uma vez morre e deixa seu corpo, seu corpo nunca recupera animação. Centenas de chacais, por sacrificarem suas próprias vidas, não conseguirão ressuscitar esta criança em centenas de anos. Se, no entanto, Rudra, ou Kumara, ou Brahman, ou Vishnu, concederem uma bênção a ele, somente então esta criança pode voltar à vida. Nem o derramamento lágrimas, nem longos suspiros, nem lamentações copiosas irão trazê-lo de volta à vida. Eu mesmo, o chacal, vocês todos, e todos os parentes dele, com todos os nossos méritos e pecados, estamos na mesma estrada (que ele tomou). Por esta razão alguém que possui sabedoria deve, de longe, evitar comportamento que desagrada outros, palavras duras, a inflição de dano a outros, o desfrute de esposas de outros homens, e o pecado e a mentira. Procurem cuidadosamente a retidão, veracidade, o bem dos outros, justiça, compaixão por todas as criaturas, sinceridade, e honestidade. Incorrem em pecado aqueles que, enquanto vivendo, não lançam seus olhos em suas mães e pais e parentes e amigos. O que vocês farão, por chorar, para ele depois de morto, que não vê com seus olhos e nem se mexe de modo algum?' Assim endereçados, os homens, oprimidos pela tristeza e queimando de angústia por causa de sua afeição pela criança, foram para suas casas, deixando o corpo (no crematório).'"

"O chacal disse, 'Ai, terrível é o mundo dos mortais! Aqui nenhuma criatura pode escapar. O período de vida de cada criatura, também, é curto. Amigos queridos estão sempre partindo. Ele é cheio de vaidades e mentiras, de acusações e más notícias. Observando este incidente que aumenta a dor e a angústia, eu não gosto nem por um momento deste mundo de homens. Ai, que vergonha para vocês, homens, que voltam dessa maneira, como pessoas tolas, por ordem do urubu, embora vocês estejam queimando de pesar por causa da morte desta criança. Ó indivíduos cruéis, como vocês podem ir embora, abandonando a afeição parental ao ouvirem as palavras de um urubu pecaminoso de alma impura? A felicidade é seguida pela tristeza, e a tristeza pela felicidade. Neste mundo que é envolvido por ambas, felicidade e tristeza, nenhum desses dois existe ininterruptamente. Vocês homens de pouca compreensão, para onde iriam, deixando na terra nua esta criança de tanta beleza, este filho que é um ornamento de sua linhagem? Em verdade, eu não posso dissipar a idéia da minha mente de que esta criança dotada de graça e mocidade e resplandecendo com beleza está viva. Não é adequado que ele deva morrer. (Isto é, com certeza ele voltará à vida.) Parece que vocês com certeza obterão felicidade. Vocês que estão afligidos pela angústia por causa da morte desta criança certamente terão boa

sorte hoje. Prevendo a probabilidade de inconveniência e dor (se vocês permanecerem aqui à noite) e colocando seus corações no seu próprio conforto, aonde vocês vão, como pessoas de pouca inteligência, deixando este ente querido?'"

"Bhishma continuou, 'Assim, ó rei, os parentes da criança falecida, incapazes de decidir sobre o que eles deviam fazer, foram, para a realização de seu próprio propósito, induzidos por aquele chacal pecaminoso que proferia mentiras agradáveis, aquele habitante do crematório que vagava toda noite em busca de alimento, a ficarem naquele local.'"

"O urubu disse, 'Terrível é este lugar, este ermo, que ressoa com os gritos de corujas e está cheio de espíritos e Yakshas e Rakshasas. Terrível e horrível, seu aspecto é como aquele de uma massa de nuvens azuis. Deixando o corpo morto, terminem a cerimônia fúnebre. De fato, jogando fora o corpo, realizem aqueles ritos antes do sol se pôr e antes que os pontos do horizonte fiquem envolvidos em escuridão. Os falcões estão proferindo seus gritos dissonantes. Chacais estão uivando ferozmente. Leões estão rugindo. O sol está se pondo. As árvores no crematório estão assumindo uma cor escura por causa da fumaça azul das piras mortuárias. Os habitantes carnívoros deste lugar, afligidos pela fome, estão gritando enfurecidos. Todas aquelas criaturas de formas horríveis que vivem neste lugar terrível, todos aqueles animais carnívoros de feições lúgubres que assombram este deserto, logo atacarão vocês. Este ermo é certamente pavoroso. O perigo os alcançará. De fato, se vocês ouvirem a estas palavras falsas e inúteis do chacal contra o seu próprio bom senso, em verdade, todos vocês com certeza serão destruídos.'"

"O chacal disse, 'Fiquem onde vocês estão! Não há medo neste deserto enquanto o sol brilha. Até que o deus do dia se ponha, permaneçam aqui esperançosamente, induzidos por afeto parental. Sem nenhum medo, se entregando a lamentações como lhes agradar, continuem a olhar esta criança com olhares de afeição. Embora este ermo seja assustador, nenhum perigo alcançará vocês. Na verdade este ermo apresenta um aspecto de quietude e paz. É aqui que os Pitris aos milhares se despediram do mundo. Esperem enquanto o sol brilhar. O que são as palavras deste urubu para vocês? Se com mentes entorpecidas vocês aceitarem as palavras duras e cruéis do urubu, então seu filho nunca voltará à vida!'"

"Bhishma continuou, 'O urubu então se dirigiu àqueles homens, dizendo que o sol tinha se posto. O chacal disse que não era assim. Ambos, o urubu e o chacal, sentiam fome aguda e assim se dirigiam aos parentes da criança morta. Ambos tinham se preparado para realizar seus respectivos propósitos. Exaustos com fome e sede, eles assim disputaram, recorrendo às escrituras. Movidos (alternadamente) por aquelas palavras, doces como néctar, daquelas duas criaturas, isto é, a ave e o animal, os quais eram dotados da sabedoria do conhecimento, os parentes em um momento desejavam ir embora e em outro ficar lá. Finalmente, movidos pela dor e desânimo, eles esperaram lá, se entregando a amargas lamentações. Eles não sabiam que o animal e a ave, hábeis na

realização de seus próprios propósitos, tinham somente os confundido (por meio de seus discursos). Enquanto a ave e o animal, ambos possuidores de sabedoria, estavam assim disputando e enquanto os parentes da criança falecida sentavam escutando a eles, o grande deus Sankara, incitado por sua cônjuge divina (Uma), chegou lá com olhos banhados em lágrimas de compaixão. Dirigindo-se aos parentes da criança falecida, o deus disse, 'Eu sou Sankara o concessor de bênçãos'. Com corações pesados de angústia, aqueles homens se prostraram perante a divindade ilustre e disseram a ele em resposta, 'Privados desta que era nossa única criança, todos nós estamos prestes a morrer. Cabe a ti nos conceder vida por conceder vida a este nosso filho.' Assim solicitada, a divindade ilustre, pegando uma quantidade de água em suas mãos, concedeu àquela criança morta uma vida que se prolongou por cem anos. Sempre empenhado no bem de todas as criaturas, o ilustre manejador de Pinaka concedeu um benefício ao chacal e ao urubu pelo qual sua fome foi apaziguada. Cheios de deleite e tendo obtido grande prosperidade, os homens se curvaram ao deus. Coroados com sucesso, eles então, ó rei, deixaram aquele lugar em grande alegria. Pela esperança persistente e firme resolução e pela graça do grande deus, os frutos dos atos de uma pessoa são obtidos sem demora. Veja a combinação de circunstâncias e a resolução daqueles parentes. Enquanto eles estavam chorando com corações torturados, suas lágrimas foram enxugadas e secadas completamente. Veja, como dentro de somente um tempo curto, pela sua firmeza de resolução, eles obtiveram a graça de Sankara, e com suas aflições dissipadas, eles ficaram felizes. De fato, pela graça de Sankara, ó chefe dos Bharatas, aqueles parentes tristes se encheram de maravilha e alegria pela devolução da criança à vida. Então, ó rei, rejeitando aquela dor da qual seu filho tinha sido a causa, aqueles Brahmanas, cheios de deleite, voltaram rapidamente para sua cidade levando a criança recuperada com eles. Comportamento como esse é declarado para todas as quatro classes. Por escutar frequentemente a esta história auspiciosa repleta de virtude, lucro, e salvação, um homem obtém felicidade aqui e após a morte.'"

154

"Yudhishthira disse, "Se uma pessoa, fraca, sem valor, e despreocupada, ó avô, por tolice provoca, por meio de palavras inconvenientes e vaidosas, um inimigo poderoso sempre residindo em sua vizinhança, competente para fazer o bem (quando agradado) e para castigar (quando desagradado), e sempre pronto para agir, como deve o primeiro, confiando em sua própria força, agir quando o último avança contra ele com fúria e pelo desejo de exterminá-lo?'"

"Bhishma disse, 'Em relação a isto é citada, ó chefe dos Bharatas, a velha história da conversa entre Salmali e Pavana. Havia uma árvore nobre (Salmali) em uma das alturas de Himavat. Tendo crescido por muitos séculos, ela tinha espalhado seus ramos totalmente ao redor. Seu tronco também era enorme e seus galhos e folhas eram incontáveis. Sob sua sombra elefantes cansados no cio, banhados em suor, costumavam descansar, e muitos animais de outras espécies também. A circunferência de seu tronco era de quatrocentos cúbitos, e

densa era a sombra de seus ramos e folhas. Carregada com flores e frutas, ela era a residência de papagaios inumeráveis, machos e fêmeas. Ao viajarem por suas rotas, caravanas de comerciantes e mercadores, e ascetas, residindo nas florestas, costumavam descansar sob o abrigo daquele monarca encantador da floresta. Um dia, o sábio Narada, ó touro da raça Bharata, vendo os ramos incontáveis e amplamente estendidos daquela árvore e a circunferência de seu tronco, se aproximou e se dirigiu a ela, dizendo, 'Ó, tu és encantador! Tu és fascinante! Ó principal das árvores, ó Salmali, eu fico sempre encantado à tua visão! Ó árvore fascinante, aves encantadoras de diversas espécies, e elefantes e outros animais, vivem alegremente; nos teus ramos e sob tua sombra. Teus ramos, ó monarca de ramos extensos da floresta, e teu tronco são gigantescos. Eu nunca vi algum deles quebrado pelo deus do vento. O caso é, ó filho, que Pavana está satisfeito contigo e é teu amigo e então ele te protege sempre nessas florestas? O ilustre Pavana possuidor de grande velocidade e força move de seus lugares as árvores mais altas e fortes, e até topos de montanhas. Aquele sagrado carregador de perfumes, soprando (quando ele deseja) seca rios e lagos e mares, inclusive a própria região inferior. Sem dúvida, Pavana te protege por amizade. É por esta razão que, embora possua ramos inumeráveis, tu ainda estás enfeitado com folhas e flores. Ó monarca da floresta, este teu verdor é encantador já que estas criaturas aladas, ó filho, cheias de alegria, se divertem em teus galhos e ramos. Durante a estação quando tu desenvolves tuas flores, as doces notas de todos esses habitantes dos teus ramos são ouvidas separadamente quando eles se entregam às suas canções melodiosas. Então, também, ó Salmali, esses elefantes que são os ornamentos de sua espécie, banhados em suor e gritando (de alegria), se aproximam de ti e encontram felicidade aqui. Similarmente, diversas outras espécies de animais habitantes das florestas contribuem para te adornar. De fato, ó árvore, tu pareces bela assim como as montanhas de Meru povoadas por criaturas de todos os tipos. Frequentada também por Brahmanas coroados com sucesso ascético, por outros dedicados a penitências, e por Yatis dedicados à contemplação, essa tua região, eu penso, parece com o próprio céu.'"

155

"Narada disse, 'Sem dúvida, ó Salmali, o terrível e irresistível deus do vento sempre te protege por simpatia ou amizade. Parece, ó Salmali, que uma intimidade próxima veio a existir entre ti e o Vento. Parece que tu disseste a ele estas palavras, isto é, 'Eu sou teu,' e que é por essa razão que o deus do vento te protege. Eu não vejo a árvore ou montanha ou mansão neste mundo que não possa, eu penso, ser quebrada pelo Vento. Sem dúvida tu permaneces aqui com todos os teus ramos e galhos e folhas simplesmente porque, ó Salmali, tu és protegida pelo Vento por uma razão ou razões (desconhecidas para nós).'"

"A Salmali disse, 'O Vento, ó regenerado, não é nem meu amigo nem companheiro nem benquerente. De fato, ele não é nem meu grande Ordenador que ele deva me proteger. Minha energia e poder selvagem, ó Narada, são maiores do que os do Vento. Em verdade, a força do Vento alcança somente

cerca de uma décima oitava parte da minha. Quando o Vento vem em fúria, arrancando árvores e montanhas e outras coisas, eu refreio sua força por empregar a minha. De fato, o Vento que quebra muitas coisas foi ele mesmo repetidamente quebrado por mim. Por esta razão, ó Rishi Celeste, eu não tenho medo dele nem quando ele vem em fúria.'"

"Narada disse, 'Ó Salmali, tua proteção parece ser completamente incorreta. Não há dúvida nisto. Não há coisa criada que seja igual ao Vento em força. Mesmo Indra, ou Yama, ou Vaisravana, o senhor das águas, não são iguais ao deus do vento em poder. O que dizer, portanto, de ti que és somente uma árvore? Qualquer criatura neste mundo, ó Salmali, qualquer ação que faça, o ilustre Deus do vento é em todos tempos a causa daquela ação, já que é ele quem dá a vida. Quando aquele deus se esforça com propriedade, ele faz todas as criaturas vivas viverem tranquilamente. Quando, no entanto, ele se esforça impropriamente, as calamidades alcançam as criaturas do mundo. O que mais pode ser além da fraqueza de compreensão que te induz a negar dessa maneira teu culto ao deus do vento, aquela principal das criaturas no universo, aquele ser merecedor de culto? Tu és indigno e de uma má compreensão. De fato, tu somente te abandonas em jactância sem sentido. Tua inteligência estando confundida pela raiva e outros maus sentimentos, tu somente falas mentiras, ó Salmali! Eu estou certamente zangado contigo por tu te entregares a tais discursos. Eu mesmo comunicarei ao deus do vento todas essas tuas palavras depreciativas. Chandanas, e Syandanas, e Salas, e Saralas e Devadarus e Vetavas e Dhanwanas e outras árvores de boas almas que são de longe mais fortes do que tu és, nunca, ó tu de compreensão perversa, proferiram tais injúrias contra o Vento. Todas elas conhecem o poder do Vento como também o poder que cada uma delas possui. Por essas razões aquelas principais das árvores curvam suas cabeças em respeito àquela divindade. Tu, no entanto, por tolice, não conheces o poder infinito do Vento. Eu irei, portanto, à presença daquele deus (para informá-lo do teu desprezo por ele).'"

156

"Bhishma continuou, 'Tendo dito estas palavras para a Salmali, aquela principal de todas as pessoas conhecedoras de Brahma, Narada, relatou ao deus do vento tudo o que a Salmali tinha dito sobre ele.'"

"Narada disse, 'Há certa Salmali no leito de Himavat, adornada com ramos e folhas. Suas raízes se estendem profundas dentro da terra e seus ramos se espalham amplamente ao redor. Aquela árvore, ó deus do vento, te desconsidera. Ele falou muitas palavras repletas de ofensas sobre ti. Não é apropriado, ó Vento, que eu as repita na tua audição. Eu sei, ó Vento, que tu és a principal de todas as coisas criadas. Eu sei também que tu és um ser muito superior e muito poderoso, e que em fúria tu pareces o próprio Destruidor.'"

"Bhishma continuou, 'Ouvindo estas palavras de Narada, o deus do vento, indo até aquela Salmali, se dirigiu a ela com raiva e disse o seguinte.'"

"O Deus do vento disse, 'Ó Salmali, tu falaste depreciativamente de mim perante Narada. Saiba que eu sou o deus do vento. Eu certamente te mostrarei minha força e poder. Eu te conheço bem. Tu não és desconhecida para mim. O pujante Avô, enquanto empenhado em criar o mundo, descansou por algum tempo debaixo de ti. É por causa desse incidente que eu tenho até agora te mostrado benevolência. Ó pior das árvores, é por isso que tu permaneces ilesa, e não por causa do teu próprio poder. Tu me consideras ligeiramente como se eu fosse uma coisa comum. Eu me mostrarei para ti de tal maneira que tu não poderás me desrespeitar novamente.'"

"Bhishma continuou, 'Assim endereçada, a Salmali deu risada em menosprezo e respondeu, dizendo, 'Ó deus do vento, tu estás zangado comigo. Não deixe de mostrar a extensão do teu poder. Vomite toda a tua ira sobre mim. Por dar vazão à tua ira, o que tu farás para mim? Mesmo se teu poder fosse teu próprio (em vez de ser derivado), eu ainda assim não te temeria. Eu sou superior a ti em poder. Eu não devo ter medo de ti. São realmente fortes aqueles que têm compreensão. Aqueles, por outro lado, que possuem somente força física não são para serem considerados fortes.' Assim endereçado, o Deus do Vento disse, 'Amanhã eu testarei tua força.' Depois disso, a noite veio. A Salmali, concluindo mentalmente qual era a extensão do poder do Vento e vendo-se inferior ao deus, começou a dizer a si mesma, 'Tudo o que eu disse para Narada é falso. Eu sou certamente inferior em poder ao Vento. Em verdade, ele é forte em sua força. O Vento, como Narada disse, é sempre poderoso. Sem dúvida, eu sou mais fraca do que outras árvores. Mas em inteligência nenhuma árvore é minha igual. Portanto, confiando em minha inteligência eu considerarei este temor que provém do Vento. Se todas as outras árvores na floresta confiam no mesmo tipo de inteligência, então, em verdade, nenhum dano pode resultar para elas do deus do Vento quando ele fica zangado. Todas elas, no entanto, são desprovidas de compreensão, e, portanto, elas não sabem, como eu sei, por que ou como o Vento consegue sacudi-las e arrancá-las.'"

157

"Bhishma disse, 'Tendo decidido isso em sua mente, a Salmali, em tristeza, ela mesma fez todos os seus ramos, principais e secundários, serem cortados. Rejeitando seus ramos e folhas e flores, pela manhã a árvore olhou firmemente para o Vento, quando ele veio em sua direção. Cheio de raiva e respirando fortemente, o Vento avançou, derrubando árvores grandes, em direção àquele local onde a Salmali estava. Vendo-a privada de topo e ramos e folhas e flores, o Vento, cheio de alegria, dirigiu-se sorridente àquele senhor da floresta que tinha antes uma aparência gigantesca, estas palavras.'"

"O Vento disse, 'Cheio de raiva, ó Salmali, eu teria te feito exatamente o que tu fizeste a ti mesma por cortar todos os teus ramos. Tu estás agora desprovida do teu topo orgulhoso e flores, e estás agora sem teus brotos e folhas. Pelas tuas próprias más idéias, tu foste trazida sob meu poder.'"

"Bhishma continuou, 'Ouvindo estas palavras do Vento, a Salmali sentiu grande vergonha. Lembrando também das palavras que Narada tinha dito, ele começou a se arrepender imensamente de sua tolice. Exatamente dessa maneira, ó tigre entre reis, uma pessoa fraca e tola, por provocar a inimizade de uma poderosa, é finalmente obrigada a se arrepender como a Salmali na fábula. Até quando possuidoras de poder igual, as pessoas não travam hostilidades repentinamente com aquelas que as prejudicaram. Por outro lado, elas mostram seu poder gradualmente, ó rei! Uma pessoa de compreensão superficial nunca deve provocar a hostilidade de uma que é possuidora de inteligência. Em tais casos a inteligência do homem inteligente penetra (no assunto sobre o qual ele está empenhado) como fogo penetrando em uma pilha de grama seca. A inteligência é a posse mais preciosa que uma pessoa pode ter. Similarmente, ó rei, um homem não pode ter nada aqui mais valioso do que o poder. Uma pessoa deve, portanto, deixar passar os males infligidos por uma pessoa possuidora de força superior, assim como deve-se deixar passar (por compaixão) os atos de uma criança, de um idiota, ou de alguém que é cego ou surdo. A sabedoria desse ditado é testemunhada no teu caso, ó matador de inimigos. Os onze Akshauhinis (de Duryodhana), ó tu de grande esplendor, e os sete (reunidos por ti mesmo), não eram iguais em poder a Arjuna de grande alma sozinho. Todas as tropas (de Duryodhana), portanto, foram derrotadas e mortas por aquele Pandava ilustre, aquele filho do castigador de Paka, enquanto ele percorria o campo de batalha, confiando em sua própria força. Eu, ó Bharata, te falei sobre os deveres dos reis e a moralidade dos deveres em detalhes. O que mais, ó rei, tu desejas ouvir?'"

158

"Yudhishthira disse, 'Eu desejo, ó touro da raça Bharata, ouvir em detalhes sobre a fonte da qual o pecado procede e o fundamento sobre o qual ele se apóia.'"

"Bhishma disse, 'Ouça, ó rei, qual é o fundamento do pecado. Somente a cobiça é o grande destruidor (de mérito e bondade). Da cobiça procede o pecado. É dessa fonte que o pecado e a irreligiosidade fluem, junto com grande miséria. A cobiça é a fonte também de toda a astúcia e hipocrisia no mundo. É a cobiça que faz homens cometerem pecados. Da cobiça procede a cólera; da cobiça flui a luxúria, e é da cobiça que a perda de juízo, fraude, orgulho, arrogância, e malícia, como também índole vingativa, falta de vergonha, perda de prosperidade, perda de virtude, ansiedade, e infâmia surgem. Avareza, cupidez, desejo por todos os tipos de atos impróprios, orgulho de nascimento, orgulho de conhecimento, orgulho de beleza, orgulho de riqueza, impiedade por todas as criaturas, malevolência em direção a todos, desconfiança em relação a todos, insinceridade

para com todos, apropriação da riqueza de outras pessoas, rapto das esposas de outros homens, dureza de palavras, ansiedade, propensão para falar mal dos outros, ânsia violenta pelo prazer da luxúria, gula, sujeição à morte prematura, propensão violenta para a malícia, simpatia irresistível pela mentira, apetite inconquistável para ceder às paixões, desejo insaciável de satisfazer a audição, maledicência, jactância, arrogância, não cumprimento de deveres, impetuosidade, e perpetração de todos os tipos de más ações, todos esses procedem da cobiça. Em vida, os homens são incapazes, sejam crianças ou jovens ou adultos, de abandonar a cobiça. Tal é a natureza da cobiça que ela nunca decai nem com a decadência da vida. Como o oceano que nunca pode ser cheio nem pela constante descarga de rios incontáveis de profundidades imensuráveis, a cobiça é incapaz de ser satisfeita por aquisições à qualquer extensão. A cobiça, no entanto, que nunca é satisfeita por aquisições e saciada pela realização de desejos, que não é conhecida em sua real natureza pelos deuses, os Gandharvas, os Asuras, as grandes cobras, e, realmente, por todas as classes de seres, aquela paixão irresistível, junto com aquela tolice que convida o coração para as irrealidades do mundo, deve sempre ser dominada por uma pessoa de alma purificada. Orgulho, malícia, calúnia, desonestidade, e incapacidade de ouvir o bem de outras pessoas, são vícios, ó descendente de Kuru, que são vistos em pessoas de alma impura sob o domínio da cobiça. Até pessoas de grande erudição que têm em suas mentes todas as volumosas escrituras, e que são capazes de dissipar as dúvidas de outros, demonstram em relação a isso serem de compreensão fraca e sentem grande tristeza por causa dessa emoção. Homens cobiçosos são apegados à inveja e raiva. Eles estão fora do limite do bom comportamento. De corações desonestos, as palavras que eles proferem são doces. Eles parecem, portanto, buracos escuros cujas bocas estão cobertas com grama. Eles se vestem com o manto hipócrita da religião. De mentes inferiores, eles roubam o mundo, levantando (se for preciso) a bandeira da religião e virtude. Confiando na força de razões aparentes, eles criam diversas espécies de divisões na religião. Com a intenção de realizar os propósitos de cupidez, eles destroem os caminhos da virtude. Quando pessoas de alma pecaminosa sob o domínio da cobiça aparentemente praticam os deveres de virtude, a consequência que resulta é que os sacrilégios cometidos por eles logo se tornam generalizados entre homens. Orgulho, raiva, arrogância, insensibilidade, paroxismos de alegria e tristeza, e presunção, todos estes, ó descendente de Kuru, são vistos nas pessoas influenciadas pela cobiça. Saiba que aqueles que estão sempre sob a influência da cobiça são perversos. Eu agora te falarei acerca dos quais tu perguntaste, isto é, aqueles que são chamados de bons e cujas praticas são puras. Aqueles que não têm medo de uma obrigação de voltar para este mundo (depois da morte), aqueles que não temem o mundo seguinte, aqueles que não são viciados em comida animal e que não têm preferência pelo que é agradável e que não têm aversão pelo que não o é, aqueles para quem o bom comportamento é sempre estimado, em quem há autodomínio, aqueles para quem prazer e dor são iguais, aqueles que têm a verdade como seu maior amparo, aqueles que doam mas não tiram, aqueles que têm compaixão, aqueles que adoram Pitris, deuses e convidados, que estão sempre prontos para se esforçarem (pelo bem de outros), aqueles que são benfeitores universais, aqueles que possuem grande coragem

(mental), aqueles que cumprem todos os deveres declarados nas escrituras, aqueles que são dedicados ao bem de todos, aqueles que podem dar tudo de si e sacrificar suas próprias vidas por outros, são considerados como bons e virtuosos, ó Bharata! Aqueles promotores da retidão não podem ser afastados do caminho da virtude. Sua conduta, compatível com o modelo fixado pelos homens honrados de antigamente, nunca pode ser diferente. Eles são perfeitamente destemidos, eles são tranquilos, eles são gentis, e eles sempre aderem ao caminho correto. Cheios de compaixão, eles são sempre adorados pelos bons. Eles são livres de luxúria e ira. Eles não são apegados a qualquer objeto mundano. Eles não têm orgulho. Eles são cumpridores de votos excelentes. Eles são sempre objetos de respeito. Portanto, sempre visite-os e procure instrução deles. Eles nunca adquirem virtude, ó Yudhishthira, por causa de riqueza ou de fama. Eles a adquirem, por outro lado, porque este é um dever como aquele de nutrir o corpo. Neles não há medo, ira, inquietação, nem tristeza. Não há o traje externo de religião para enganar seus companheiros. Não há mistério com eles. Eles são perfeitamente contentes. Não há erro de julgamento proveniente da cobiça. Eles são sempre devotados à verdade e sinceridade. Seus corações nunca se afastam da retidão. Tu deves mostrar teu respeito por eles sempre, ó filho de Kunti! Eles nunca ficam alegres por alguma aquisição ou atormentados por alguma perda. Sem apego a qualquer coisa, e livres do orgulho, eles são unidos à qualidade de bondade, e eles olham a todos igualmente. Ganho e perda, felicidade e aflição, o agradável e o desagradável, vida e morte, são iguais aos olhos daqueles homens de andar firme, empenhados na busca do conhecimento (divino), e devotados ao caminho da tranquilidade e virtude. Mantendo teus sentidos sob controle e sem te renderes à negligência, tu deves sempre adorar aquelas pessoas de grande alma que têm tal amor pela virtude. Ó abençoado, as palavras de uma pessoa se tornam produtivas de benefícios somente pelo favor dos deuses. Sob outras circunstâncias, palavras produzem más consequências.'"

159

"Yudhishthira disse, 'Tu disseste, ó avô, que a fundação de todos os males é a cobiça. Eu desejo, ó senhor, ouvir sobre a ignorância em detalhes.'"

"Bhishma disse, 'A pessoa que comete pecado por ignorância, que não sabe que seu fim está perto, e que sempre odeia aqueles que são de bom comportamento, logo atrai infâmia no mundo. Pela ignorância uma pessoa cai no inferno. A ignorância é a fonte da miséria. Pela ignorância uma pessoa sofre aflições e incorre em grande perigo.'"

"Yudhishthira disse, 'Eu desejo, ó rei, saber em detalhes a origem, o lugar, o crescimento, a decadência, a elevação, a raiz, a atributo inseparável, o rumo, o tempo, a causa, e a consequência, da ignorância. A miséria que é sentida aqui é toda nascida da ignorância.'"

"Bhishma disse, 'Apego, ódio, perda de bom senso, alegria, tristeza, vaidade, luxúria, raiva, orgulho, protelação, ociosidade, desejo, aversão, ciúmes, e todos os outros atos pecaminosos são todos conhecidos pelo nome em comum de ignorância. Ouça agora, ó rei, em detalhes, sobre sua tendência, crescimento e outros aspectos dos quais tu perguntaste. Esses dois, isto é, ignorância e cobiça, saiba, ó rei, são o mesmo (em substância). Ambos produzem os mesmos frutos e os mesmos erros, ó Bharata! A ignorância tem sua origem na cobiça. Quando a cobiça cresce, a ignorância também cresce. A ignorância existe onde a cobiça existe. Quando a cobiça diminui, a ignorância também diminui. Ela surge com o surgimento da cobiça. Múltiplo também é o rumo que ela toma. A base da cobiça é a perda do bom senso. A perda do bom senso, também, é seu atributo inseparável. A eternidade é o rumo da ignorância. O tempo quando a ignorância aparece é quando objetos de cobiça não são obtidos. Da ignorância de alguém procede a cobiça, e da última procede a ignorância. (A cobiça, portanto, é a causa e a consequência da ignorância.) A cobiça produz o mal. Por essas razões, todos devem evitar a cobiça. Janaka, e Yuvanaswa, e Vrishadarbhi, e Prasenajit, e outros reis alcançaram o céu por terem reprimido a cobiça. Tu também, na visão de todas as pessoas, evite a cobiça por uma resolução forte, ó chefe dos Kurus! Evitando a cobiça tu obterás felicidade neste mundo e no seguinte.'"

160

"Yudhishthira disse, 'Ó avô, ó tu de alma virtuosa, o que, de fato, é citado como produtivo de grande mérito para uma pessoa dedicada atentamente ao estudo dos Vedas e desejosa de adquirir virtude? Aquilo que é considerado neste mundo como produtivo de grande mérito é de diversos tipos como demonstrado nas escrituras. Fale-me, ó avô, sobre aquilo que é considerado como tal aqui e após a morte. O caminho do dever é longo e tem ramos inumeráveis, ó Bharata! Entre os deveres quais são aqueles poucos que devem, de acordo contigo, ser preferidos a todos os outros para observância? Fale-me, ó rei, em detalhes, sobre isso que é tão abrangente e que tem tantas ramificações.'"

"Bhishma disse, 'Eu te falarei sobre aquilo pelo qual tu podes obter grande mérito. Possuidor como tu és de sabedoria, tu ficarás satisfeito com o conhecimento que eu te darei, como uma pessoa satisfeita por ter bebido néctar. As regras de dever que têm sido proferidas pelos grandes Rishis, cada um confiando em sua própria sabedoria, são muitas. A maior entre elas todas é o autodomínio. Aqueles entre os antigos que eram conhecedores da verdade disseram que o autodomínio leva ao mais alto mérito. Em relação ao Brahmana em particular, o autocontrole é seu dever eterno. É do autocontrole que ele obtém a devida fruição de suas ações. O autodomínio, no caso dele, supera (em mérito) a caridade e o sacrifício e o estudo dos Vedas. O autodomínio aumenta (sua) energia. O autodomínio é altamente sagrado. Pelo autodomínio um homem vem a ser purificado de todos os seus pecados e dotado de energia, e como consequência, alcança a maior bem-aventurança. Nós não sabemos que há algum outro dever em todos os mundos que possa se igualar ao autodomínio. O

autodomínio, segundo todas as pessoas virtuosas, é a maior das virtudes neste mundo. Pelo autodomínio, ó principal dos homens, uma pessoa obtém a maior felicidade aqui e após a morte. Dotada de autodomínio, uma pessoa adquire grande virtude. O homem autodominado dorme em felicidade e desperta em felicidade, e se move pelo mundo em felicidade. Sua mente está sempre alegre. O homem que não tem autodomínio sempre sofre tristeza. Tal homem traz sobre si mesmo muitas calamidades todas nascidas de seus próprios erros. É dito que em todos os quatro modos de vida o autodomínio é o melhor dos votos. Eu agora te direi aquelas indicações cuja soma total é chamada de autodomínio. Bondade, paciência, abstenção de ferir, imparcialidade, verdade, sinceridade, conquista dos sentidos, inteligência, suavidade, modéstia, constância, generosidade, liberdade de raiva, contentamento, delicadeza de palavras, benevolência, liberdade de malícia; a união de todos esses é autodomínio. Ele também consiste, ó filho de Kuru, de veneração ao preceptor e compaixão universal. O homem autodominado evita adulação e calúnia. Depravação, infâmia, palavras falsas, luxúria, cobiça, orgulho, arrogância, auto-glorificação, medo, inveja e desrespeito, são todos evitados pelo homem autocontrolado. Ele nunca atrai infâmia. Ele é livre de inveja. Ele nunca está satisfeito com pequenas aquisições (na forma de felicidade mundana de qualquer tipo). Ele é assim como o oceano o qual nunca pode ser cheio. (O sentido é que tal homem nunca coloca seu coração em coisas deste mundo, e consequentemente essas, quando obtidas, nunca podem satisfazê-lo. Suas aspirações são tão grandes e tão acima de qualquer coisa que este mundo pode dar a ele que até o alcance da região de Brahma não pode satisfazê-lo. À primeira vista isso pode parecer falta de contentamento, mas em realidade, não é assim. A grandeza de suas aspirações é procurada ser reforçada. O contentamento se aplica somente às aquisições comuns, incluindo até bem-aventurança no céu.) O homem de autodomínio nunca é limitado pelos afetos que provêm de relações mundanas como aquelas envolvidas em sentimentos como estes, 'Eu sou teu, Tu és meu, Eles estão em mim, e Eu estou neles.' Tal homem, que adota as práticas das cidades ou das florestas, e que nunca se entrega à calúnia ou adulação, alcança a emancipação. Praticando amizade universal, e possuidor de comportamento virtuoso, de alma alegre e dotado de conhecimento da alma, e livre das diversas atrações da terra, para mim, grande é a recompensa que tal pessoa obtém no mundo. De conduta excelente e cumpridor de deveres, de alma alegre e possuidor de erudição e conhecimento do eu, tal homem ganha estima enquanto aqui e alcança um fim sublime após a morte. Todos os atos que são considerados bons sobre a terra, todos aqueles atos que são praticados pelos justos, constituem o caminho do asceta possuidor de conhecimento. Uma pessoa que é boa nunca se desvia daquele caminho. Se retirando do mundo e se dirigindo para uma vida nas florestas, aquela pessoa erudita tendo um controle completo sobre os sentidos que trilha aquele caminho, em quieta expectativa de sua morte, com certeza obtém o estado de Brahma. Aquele que não tem medo de nenhuma criatura e de quem nenhuma criatura tem medo, depois da dissolução de seu corpo, não tem medo para enfrentar. (Isto é, tal homem sem dúvida obterá um fim abençoado.) Aquele que esgota seus méritos (por divertimento atual) sem procurar acumulá-los, que lança um olhar igual sobre todas as criaturas e pratica uma conduta de amizade universal, alcança Brahma. Como o rastro de aves pelo

céu ou de aves aquáticas sobre a superfície da água não pode ser discernido, assim mesmo o caminho de tal pessoa (sobre a terra) não atrai atenção. Por ele, ó rei, que abandonando o lar adota a religião da emancipação, muitos mundos brilhantes esperam para serem desfrutados pela eternidade. Se, abandonando todas as ações, abandonando penitências no devido tempo, abandonando os diversos ramos de estudo, realmente, abandonando todas as coisas (sobre as quais homens mundanos colocam seus corações), uma pessoa se torna pura em seus desejos, livre de todas as restrições (tais como distinções de casta, de vestuário, de alimento, etc.), de alma alegre, conhecedor de si mesmo, e de coração puro, então ela ganha estima neste mundo e finalmente alcança o céu. A eterna região do Avô a qual surge de penitências Védicas, e que está oculta em uma caverna, pode ser alcançada somente pelo autodomínio. (Uma referência à região de Brahma, a qual se supõe ser localizada dentro de cada coração. Uma pessoa alcança aquela região através de penitências e desprendimento.) Quem tem gosto pelo conhecimento verdadeiro, que se tornou erudito, e que nunca fere nenhuma criatura, não tem medo de voltar para este mundo, menos ainda, qualquer medo em relação aos outros. Há somente uma imperfeição no autocontrole. Nenhuma segunda imperfeição é perceptível nele. Uma pessoa que tem autocontrole é considerada pelos homens como fraca e imbecil. Ó tu de grande sabedoria, este atributo tem somente uma falha. Seus méritos são muitos. Pela bondade (a qual é somente outra forma de autocontrole), o homem de autocontrole pode facilmente alcançar mundos inumeráveis. Que necessidade tem de uma floresta um homem de autocontrole? Similarmente, ó Bharata, de que utilidade é a floresta para aquele que não tem autocontrole? É uma floresta onde o homem de autocontrole mora, e aquele é seu refúgio sagrado.'"

"Vaisampayana continuou, 'Ouvindo estas palavras de Bhishma, Yudhishthira ficou muito satisfeito como se ele tivesse bebido néctar. Novamente o rei questionou aquele principal dos homens virtuosos. Aquele perpetuador da linhagem de Kuru (questionado por seu neto) mais uma vez começou a falar alegremente (sobre o tópico levantado).'"

161

"Bhishma disse, 'Aqueles que possuem conhecimento dizem que tudo tem penitência como sua base. A pessoa tola que não passou por penitências não encontra com as recompensas de suas próprias ações. O pujante Criador criou todo esse universo com a ajuda de penitências. Da mesma maneira, os Rishis adquiriram os Vedas pelo poder das penitências. Foi pela ajuda das penitências que o Avô criou alimento, frutas e raízes. É pelas penitências que as pessoas coroadas com sucesso ascético contemplam os três mundos, com almas extasiadas. Remédios e todos os antídotos para substâncias prejudiciais, e as diversas ações (vistas aqui), produzem seus resultados planejados pela ajuda de penitência. A realização de todos os propósitos depende da penitência. Quaisquer coisas que existam que são aparentemente inalcançáveis certamente serão alcançadas pela ajuda de penitências. Sem dúvida, os Rishis obtiveram seus seis

atributos divinos através de penitência. Uma pessoa que bebe estimulantes alcoólicos, uma que se apropria das posses de outras sem seu consentimento, uma culpada de feticídio, e uma que viola o leito do preceptor, são todas purificadas por penitências devidamente praticadas. As penitências são de muitos tipos. Elas se revelam por várias saídas. De todas as espécies de penitências, no entanto, que alguém pode praticar acerca de se abster de prazer e divertimento, a abstenção de alimento é a mais elevada e melhor. A penitência envolvida em abstenção de alimento é superior, ó rei, até à compaixão, veracidade de palavras, caridade, e controle dos sentidos. Não há ação mais difícil de realizar do que a caridade. Não há modo de vida que seja superior a servir a própria mãe. Não há criatura superior àquelas que estão familiarizadas com os três Vedas. Similarmente, a Renúncia constitui a maior penitência. As pessoas mantêm seus sentidos sob controle para cuidarem de sua virtude e céu. Em relação a tal controle sobre os sentidos como também na aquisição de virtude, não há penitência superior à abstenção de alimento. Os Rishis, os deuses, seres humanos, animais, aves, e quaisquer outras criaturas que existam, móveis ou imóveis, são todas dedicadas a penitências, e qualquer sucesso que elas possam ganhar é alcançado por penitência. Assim, foi pela penitência que os deuses adquiriram sua superioridade. Estes (corpos luminosos no firmamento) que conseguiram suas quotas de felicidade, são sempre os resultados de penitência. Sem dúvida, pela penitência a própria posição de divindade pode ser adquirida.'"

162

"Yudhishthira disse, 'Brahmanas e Rishis e Pitris e os deuses todos louvam o dever da verdade. Eu desejo ouvir sobre a verdade. Fale para mim sobre isto, ó avô! Quais são as indicações, ó rei, da verdade? Como ela pode ser adquirida? O que é ganho por praticar a verdade, e como? Diga-me tudo isso.'"

"Bhishma disse, 'Uma confusão dos deveres das quatro classes nunca é aprovada. Isso que é chamado de Verdade sempre existe em um estado puro e genuíno em cada uma daquelas quatro classes. Com aqueles que são bons, a Verdade é sempre um dever. De fato, a Verdade é um dever eterno. Uma pessoa deve se curvar reverentemente à Verdade. A Verdade é o maior refúgio (de todos). Verdade é dever; Verdade é penitência; Verdade é Yoga; e Verdade é o eterno Brahma. A Verdade é citada como o Sacrifício de uma ordem superior. (Isto é, ambos são igualmente eficazes.) Tudo se apóia sobre a Verdade. Eu agora te direi as formas da Verdade uma após outra, e suas indicações também na devida ordem. Cabe a ti ouvir também como a Verdade pode ser adquirida. A Verdade, ó Bharata, como ela existe em todo o mundo, é de treze tipos. As formas que a Verdade assume são: imparcialidade, autocontrole, clemência, modéstia, paciência, bondade, renúncia, contemplação, dignidade, fortaleza, compaixão, e abstenção de ferir. Estas, ó nobre monarca, são as treze formas da Verdade. A Verdade é imutável, eterna, e permanente. Ela pode ser adquirida através de práticas que não sejam contrárias a nenhuma das outras virtudes. Ela pode ser adquirida também através de Yoga. Quando desejo e aversão, como também luxúria e ira, são destruídos, aquele atributo pelo qual uma pessoa é capaz de

olhar para si mesma e para seu inimigo, para seu bem e seu mal, com um olhar imutável, é chamado de imparcialidade. O autocontrole consiste em nunca desejar as posses de outro homem, em gravidade e paciência e capacidade para acalmar os temores de outros em relação a si mesmo, e imunidade de doença. Ele pode ser adquirido pelo conhecimento. Dedicação à prática de generosidade e a observância de todos os deveres são considerados pelos sábios como constituindo a benevolência. Uma pessoa vem a adquirir benevolência universal pela dedicação constante à verdade. Em relação à não clemência e à clemência, deve ser mencionado que o atributo através do qual um homem bom e estimado suporta o que é agradável e o que é desagradável, é citado como clemência. Esta virtude pode ser adequadamente adquirida pela prática da veracidade. Aquela virtude pela qual um homem inteligente, contente em mente e palavra, realiza muitos atos bons e nunca atrai a crítica de outros, é chamada de modéstia. Ela é adquirida pela ajuda da retidão. Aquela virtude que perdoa por causa da virtude e lucro é chamada de tolerância. Ela é uma forma de clemência. Ela é adquirida pela paciência, e seu propósito é unir pessoas a si mesmo. Abandonar a afeição como também todas as posses mundanas é chamado de renúncia. A renúncia nunca pode ser alcançada exceto por alguém que é desprovido de raiva e malícia. Aquela virtude pela qual uma pessoa faz o bem, com vigilância e cuidado, para todas as criaturas, é chamada de bondade. Ela não tem forma específica e consiste no despojamento de todos os afetos egoístas. Aquela virtude devido à qual alguém permanece inalterado na felicidade e na tristeza é chamada de fortaleza. O homem sábio que deseja seu próprio bem sempre praticar esta virtude. Deve-se sempre praticar a clemência e a devoção à verdade. O homem de sabedoria que consegue abandonar a alegria, o medo e a raiva, consegue adquirir fortaleza. Abstenção de ferir em relação a todas as criaturas em pensamentos, palavras, e ações, bondade, e caridade, são os deveres eternos daqueles que são bons. Esses treze atributos, embora aparentemente distintos uns dos outros, tem somente uma e a mesma forma, isto é, a Verdade. Todos esses, ó Bharata, sustentam a Verdade e a fortalecem. É impossível, ó monarca, esgotar os méritos da Verdade. É por essas razões que os Brahmanas, os Pitris, e os deuses louvam a Verdade. Não há dever que seja maior do que a Verdade, e nenhum pecado mais hediondo do que a falsidade. De fato, a Verdade é o próprio alicerce da justiça. Por esta razão, nunca se deve destruir a Verdade. Da Verdade procede a caridade, e os sacrifícios com presentes, bem como os Agnihotras triplos, os Vedas, e tudo mais que leva à virtude. Uma vez mil Sacrifícios de Cavalo e a Verdade foram pesados um contra o outro na balança. A Verdade pesou mais do que mil Sacrifícios de Cavalo.'"

163

"Yudhishthira disse, 'Diga-me, ó tu de grande sabedoria, tudo acerca daquilo do qual surge ira e luxúria, ó touro da raça Bharata, e a tristeza e a perda da razão, e a tendência para fazer (mal aos outros), e ciúmes e malícia e orgulho, e inveja, e calúnia, e incapacidade de tolerar o bem de outros, e crueldade, e medo. Diga-me tudo realmente e em detalhes sobre isso.'"

"Bhishma disse, 'Esses treze vícios são considerados como inimigos muito poderosos de todas as criaturas. Eles, ó Monarca, se aproximam e tentam os homens de todos os lados. Eles aguilhoam e afligem um homem desatento ou um que é insensato. De fato, logo que eles vêem uma pessoa, eles a atacam poderosamente como lobos saltando sobre sua presa. Deles procedem todas as espécies de aflições. Deles procedem todas as espécies de pecados. Todo mortal, ó principal dos homens, deve sempre saber disso. Eu agora te falarei da origem deles, dos objetos dos quais eles dependem, e dos meios de sua destruição, ó senhor da terra! Escute, primeiro, ó rei, com atenção indivisa, sobre a origem da ira realmente e em detalhes. A ira surge da cobiça. Ela é fortalecida pelos erros de outros. Pela clemência ela permanece dormente, e pela bondade ela desaparece. Em relação à luxúria, ela surge da resolução. A indulgência a fortalece. Quando o homem de sabedoria resolutamente se desvia dela, ela desaparece e morre. A inveja de outros procede da ira e cobiça em conjunto. Ela desaparece pela compaixão e autoconhecimento. Pela compaixão por todas as criaturas, e daquela desconsideração por todos os objetos mundanos (que o conhecimento traz em seu séquito), ela desaparece. Ela também resulta de ver as falhas de outras pessoas. Mas nos homens de inteligência ela desaparece rapidamente em consequência do conhecimento verdadeiro. A perda da razão tem sua origem na ignorância e procede de hábitos pecaminosos. Quando o homem a quem este defeito assalta começa a se deleitar (na companhia e conselhos de) homens sábios, o vício imediatamente esconde sua cabeça. Homens, ó tu da linhagem de Kuru, vêem escrituras divergentes. Daquela circunstância surge o desejo por diversos tipos de ação. Quando o Conhecimento verdadeiro é obtido, aquele desejo é acalmado. A tristeza de uma criatura incorporada surge da afeição a qual é reavivada pela separação. Quando, no entanto, uma pessoa aprende que os mortos não retornam (qualquer que seja a tristeza que ela sinta por eles), ela diminui. A incapacidade de tolerar o bem de outras pessoas procede da ira e cobiça. Por compaixão por todas as criaturas e por um desinteresse por todos os objetos mundanos, ela é extinta. A malícia procede do abandono da verdade e da indulgência na maldade. Este vício, ó filho, desaparece por visitar os sábios e os bons. O orgulho, nos homens, surge do nascimento, erudição, e prosperidade. Quando aqueles três, no entanto, são realmente conhecidos, aquele vício desaparece imediatamente. O ciúme surge da luxúria e deleite em pessoas inferiores e vulgares. Pela sabedoria ele é destruído. Dos erros (de conduta) inconsistentes com os costumes comuns de homens, e por palavras desagradáveis expressivas de aversão, a calúnia tem sua origem. Ela desaparece, ó rei, a partir de uma avaliação do mundo inteiro. Quando a pessoa que ofende é poderosa e a ofendida não pode vingar a ofensa, o ódio se mostra. Ele diminui, no entanto, pela bondade. A compaixão procede de uma observação das pessoas desamparadas e miseráveis com as quais o mundo abunda. Aquele sentimento desaparece quando uma pessoa compreende a força da virtude. (A compaixão, como os defeitos enumerados acima, agita o coração e deve ser controlada por causa da felicidade individual e tranquilidade de alma.) A cobiça em todas as criaturas provém da ignorância. Vendo a instabilidade de todos os objetos de prazer, ela sofre destruição. É dito que somente a tranquilidade de alma pode subjugar todos esses treze defeitos. Todas esses treze defeitos manchavam os

filhos de Dhritarashtra. Tu mesmo, sempre desejoso da verdade, conquistaste todos aqueles vícios por teu respeito pelos superiores.'"

164

"Yudhishthira disse, 'Eu sei o que é benevolência, por minha observação de pessoas que são boas. Eu, no entanto, não conheço aquelas que são malévolas, nem a natureza de seus atos, ó Bharata. De fato, as pessoas evitam pessoas malévolas de ações cruéis assim como elas evitam espinhos e armadilhas e fogo. É evidente, ó Bharata, que aquele que é malévolo com certeza queima (com miséria) aqui e após a morte. Portanto, ó tu da linhagem de Kuru, me diga quais são, em verdade, as ações de tal pessoa.'"

"Bhishma disse, 'Pessoas malévolas sempre fazem ações pecaminosas e sentem uma inclinação irresistível para fazê-las. Elas caluniam outras e atraem infâmia sobre si mesmas. Elas sempre se consideram como enganadas no que lhes é devido. O homem malévolo se gaba de seus próprios atos de caridade. Ele olha os outros com olhos maliciosos. Ele é muito mesquinho. Ele é enganador, e cheio de astúcia. Ele nunca dá aos outros o que lhes é devido. Ele é arrogante. Ele mantém má companhia e é sempre vaidoso. Ele tem medo e suspeita de todos com quem entra em contato. Ele tem uma compreensão leviana. Ele pratica usura. Ele elogia seus associados. Ele nutre uma aversão e ódio imoderados por todos os reclusos que se retiraram para as florestas. Ele tem prazer em ferir outros. Ele é totalmente negligente em distinguir os méritos e imperfeições de outros. Ele é cheio de mentiras. Ele é descontente. Ele é extremamente cobiçoso, e sempre age cruelmente. Tal pessoa considera um homem virtuoso e educado como uma peste, e pensando que todos os outros são como ele mesmo nunca confia em ninguém. Tal pessoa proclama os defeitos de outras pessoas embora aqueles defeitos possam ser insuspeitos. Em relação a tais defeitos, no entanto, que são similares àqueles que maculam ele mesmo, ele não se refere nem remotamente, por causa da vantagem que ele colhe deles. Ele considera a pessoa que faz o bem para ele como um simplório a quem ele inteligentemente enganou. Ele é cheio de arrependimento por ter, em qualquer tempo, feito algum presente de riqueza até para um benfeitor. Saiba que é uma pessoa malévola e vil aquela que tranquilamente e sozinha pega comestíveis e bebidas e outras espécies de alimentos que são considerados finos, até quando pessoas estão presentes com olhos desejosos. Quem, por outro lado, dedica a primeira porção para Brahmanas e pega o que resta, dividindo-o com amigos e parentes, obtém grande felicidade no mundo seguinte e felicidade infinita neste. Eu agora, ó chefe dos Bharatas, te disse quais são as indicações do homem malévolo e vil. Tal pessoa deve ser sempre evitada por um homem de sabedoria.'"

165

"Bhishma disse, 'Para habilitar Brahmanas pios e empobrecidos que tiveram sua riqueza roubada (por ladrões), que são dedicados à realização de sacrifícios,

que conhecem bem todos os Vedas, e que são desejosos de adquirir o mérito da virtude, a cumprirem suas obrigações com preceptores e Pitris, e passarem seus dias recitando e estudando as escrituras, riqueza e conhecimento, ó Bharata, devem ser dados. (Na Índia, desde os tempos mais remotos, preceptores não cobram de seus pupilos quaisquer taxas pela instrução que eles dão. Sem dúvida, a taxa final, chamada de Gurudakshina, é exigível, mas ela é exigível depois que o pupilo terminou seus estudos. Vender conhecimento por dinheiro é um grande pecado. Até hoje em todos os Tols (um tipo de instituição de ensino) nativos do país, instrução é dada livre de todas as despesas. Além do mais, os pupilos são alimentados por seus preceptores. Os últimos, por sua vez, são sustentados pela caridade do país inteiro.) Para aqueles Brahmanas que não são pobres, somente o Dakshina, (o presente ou doação feito em sacrifícios), ó melhor dos Bharatas, deve ser dado. Em relação àqueles que decaíram (por seus atos pecaminosos) da posição de Brahman, alimento não cozido deve ser dado para eles fora dos limites do altar sacrifical. Os Brahmanas são os próprios Vedas e todos os Sacrifícios com grandes presentes. Desejosos de sobrepujar uns aos outros, eles sempre realizam sacrifícios, impelidos por suas tendências virtuosas. O rei deve, portanto, fazer presentes de diversos tipos de riquezas de valor para eles. O Brahmana que tem uma quantidade suficiente de suprimentos para alimentar sua família por três anos ou mais, merece beber o Soma. (Isto é, tal pessoa pode realizar um sacrifício grandioso no qual Soma é oferecido para os deuses e bebido pelo sacrificador e os sacerdotes.) Se apesar da presença de um rei virtuoso no trono, o sacrifício começado por alguém, especialmente por um Brahmana, não puder ser completado por falta somente de uma quarta das despesas calculadas, então o rei deve, para a conclusão daquele sacrifício, tirar de seus parentes a riqueza de um Vaisya que tem um grande rebanho de gado mas que é contrário a sacrifícios e se abstém de beber Soma. O Sudra não tem competência para realizar um sacrifício. O rei deve, portanto, tirar (riqueza para tal propósito) da casa de um Sudra. O rei deve também, sem nenhum escrúpulo, tirar dos parentes a riqueza daquele que não realiza sacrifícios embora possua cem vacas e também daquele que se abstém de sacrifícios embora possua mil vacas. O rei deve sempre tirar publicamente a riqueza da pessoa que não pratica caridade, por agir dessa maneira o rei ganha grande mérito. Ouça-me novamente. O Brahmana que foi forçado por pobreza a seguir sem seis refeições (isto é, que jejuou por três dias inteiros), pode tirar sem permissão, segundo a regra, de uma pessoa que se importa somente com o hoje sem nenhum pensamento no amanhã, somente o que é necessário para uma única refeição, do tonel de debulha ou do campo ou do jardim ou de qualquer outro lugar mesmo de um homem de ocupações inferiores. Ele deve, no entanto, questionado ou não, informar o rei de seu ato. Se o rei é familiarizado com o dever ele não deve infligir nenhum castigo sobre tal Brahmana. Ele deve se lembrar que um Brahmana é afligido pela fome somente pela falha do Kshatriya. (Se o Brahmana sofre fome, isto é devido ao rei ter negligenciado seu dever de providenciar para ele.) Tendo averiguado o conhecimento e o comportamento de um Brahmana, o rei deve fazer uma provisão para ele, e protegê-lo como um pai protege o próprio filho. No fim de cada ano, uma pessoa deve realizar o sacrifício Vaisvanara (se ela não puder realizar algum sacrifício animal ou Soma). Aqueles que são conhecedores da religião dizem que

a prática de uma ação declarada na alternativa não é destrutiva de virtude. Os Viswedevas, os Sadhyas, os Brahmanas, e os grandes Rishis, temendo a morte em épocas de infortúnio, não hesitam em recorrer a tais cláusulas nas escrituras que foram prescritas na alternativa. O homem, no entanto, que enquanto capaz de viver de acordo com a prescrição primária, se dirige à alternativa, vem a ser considerado como uma pessoa má e nunca consegue obter qualquer felicidade no céu. Um Brahmana conhecedor dos Vedas nunca deve falar de sua energia e conhecimento para o rei. (É o dever do rei averiguar isso por si mesmo.) Comparando a energia de um Brahmana com aquela do rei, a primeira sempre será julgada superior à última. Por esta razão a energia dos Brahmanas dificilmente pode ser suportada ou resistida por um rei. O Brahmana é citado como criador, soberano, ordenador, e deus. Nenhuma palavra ofensiva, nem palavras rudes, devem ser dirigidas a um Brahmana. O Kshatriya deve cruzar todas as suas dificuldades pela ajuda do poder das suas armas. O Vaisya e o Sudra devem vencer suas dificuldades pela riqueza; o Brahmana deve fazer isso por Mantras e homa. Nenhum destes, isto é, uma donzela, uma mulher jovem, uma pessoa não familiarizada com mantras, um sujeito ignorante, ou um que é impuro, é competente para despejar libações no fogo sacrifical. Se algum deles fizer isto, ele ou ela com certeza cairá no inferno, com aquele para quem eles agem. Por esta razão, ninguém exceto um Brahmana, conhecedor dos Vedas e hábil em todos os sacrifícios, deve se tornar aquele que despeja as libações sacrificais. Aqueles que conhecem as escrituras dizem que o homem que, tendo acendido o fogo sacrifical, não doa o alimento oferecido como Dakshina, não é o acendedor de um fogo sacrifical. Uma pessoa deve, com seus sentidos sob controle, e com devoção apropriada, fazer todas as ações de mérito (indicadas nas escrituras). Nunca se deve adorar as divindades em sacrifícios nos quais nenhum Dakshina é dado. Um sacrifício não completado com Dakshina, (em vez de produzir mérito) ocasiona a destruição dos filhos, animais, e céu de uma pessoa. Tal sacrifício destrói também a compreensão, a fama, as realizações e o próprio período de vida que alguém tem. Os Brahmanas que se deitam com mulheres em sua época, ou que nunca realizam sacrifícios, ou cuja famílias não têm membros conhecedores dos Vedas, são considerados como Sudras em ação. O Brahmana que, tendo casado com uma garota Sudra, reside por doze anos contínuos em uma aldeia que tem somente um poço para seu abastecimento de água, se torna um Sudra em ação. O Brahmana que convoca para sua cama uma moça solteira, ou permite que um Sudra, julgando-o digno de respeito, sente sobre o mesmo tapete com ele, deve sentar-se em uma cama de grama seca atrás de um Kshatriya ou Vaisya e dar a ele respeito dessa maneira. É desse modo que ele pode ser purificado. Escute, ó rei, as minhas palavras sobre este assunto. O pecado que um Brahmana comete em uma única noite por servir respeitosamente um membro de uma classe inferior ou por se divertir com ele no mesmo local ou na mesma cama, é purificado por observar a prática de sentar-se atrás de um Kshatriya ou um de Vaisya em uma cama de grama seca por três anos contínuos. Uma mentira falada de brincadeira não é pecaminosa; nem uma que é falada para uma mulher, ó rei, nem uma que é falada em uma ocasião de casamento; nem uma falada para beneficiar o próprio preceptor; nem uma falada para salvar a própria vida. É dito que estes cinco tipos de mentira em palavras não são pecaminosos. Alguém pode adquirir

conhecimento útil até de uma pessoa de ocupações inferiores, com devoção e reverência. Uma pessoa pode pegar ouro, sem nenhum escrúpulo, mesmo de um lugar impuro. Uma mulher que é o ornamento de seu sexo pode ser tomada (como esposa) até de uma família vil. Amrita, se extraído do veneno, pode ser bebido; mulheres, jóias e outros objetos de valor, e água, nunca podem, segundo as escrituras, ser impuros ou vis. Para o benefício de Brahmanas e vacas, e em ocasiões de transfusão de castas, até um Vaisya pode fazer uso de armas para sua própria segurança. Tomar bebidas alcoólicas, matar um Brahmana, e violar a cama do preceptor são pecados que, se cometidos conscientemente, não têm expiação. A única expiação prescrita para eles é a morte. O mesmo pode ser dito de roubar ouro e do roubo da propriedade de um Brahmana. Por tomar bebidas alcoólicas, por ter união sexual com alguém com quem tal união é proibida, por se misturar com uma pessoa decaída, e (uma pessoa de alguma das outras três classes) por união sexual com uma Brahmani, um homem se torna inevitavelmente decaído. Por se unir com uma pessoa decaída por um ano inteiro em questões tais como oficiar em sacrifícios e ensino e união sexual, alguém se torna decaído. Uma pessoa, no entanto, não se torna assim por se unir com uma pessoa decaída em questões tais como viajar no mesmo veículo, sentar-se no assento mesmo, e comer na mesma fileira. Excluindo os cinco pecados graves que foram mencionados acima, todos os outros pecados têm expiações, providenciadas para eles. Expiando aqueles pecados de acordo com as ordenanças prescritas para eles, uma pessoa não deve se entregar a eles novamente. No caso daqueles que foram culpados dos três primeiros destes cinco pecados, (isto é, tomar bebidas alcoólicas, matar um Brahmana, e violar a cama do preceptor), não há restrição para seus parentes (sobreviventes) sobre se alimentar e usar ornamentos, mesmo se suas cerimônias fúnebres permanecerem não executadas quando eles morrem. Os parentes vivos não devem ter escrúpulos sobre tais coisas em tais ocasiões. Um homem virtuoso deve, no cumprimento de seus deveres, se separar de seus próprios amigos e superiores veneráveis. Realmente, até que eles realizem expiação, aqueles que são virtuosos não devem nem conversar com os pecadores. Um homem que agiu pecaminosamente destrói seu pecado por agir virtuosamente depois e por penitências. Por chamar um ladrão de ladrão, uma pessoa incorre no pecado de roubo. Por chamar de ladrão uma pessoa que, no entanto, não é um ladrão, uma pessoa incorre exatamente no dobro do pecado de roubo. A donzela que permite que sua virgindade seja deflorada incorre em três quartos do pecado de Brahmanicídio, enquanto o homem que a deflorou incorre em um pecado igual a uma quarta parte daquele de Brahmanicídio. Por caluniar Brahmanas ou por bater neles, uma pessoa cai em infâmia por cem anos. Por assassinar um Brahmana alguém cai no inferno por mil anos. Ninguém, portanto, deve falar mal de um Brahmana ou matá-lo. Se uma pessoa golpeia um Brahmana com uma arma, ele terá que viver no inferno por tantos anos quanto os grãos de poeira que forem molhados pelo sangue fluindo do ferido. Alguém culpado de feticídio (ou de alguns dos pecados que são considerados equivalentes ao feticídio, como o assassinato de um Brahmana, etc.) se torna purificado se ele morre de ferimentos recebidos em batalha lutada por causa de vacas e Brahmanas. Ele pode também ser purificado por lançar sua pessoa em um fogo ardente. Um tomador de bebidas

alcoólicas se purifica por beber álcool quente. Seu corpo sendo queimado com aquela bebida quente, ele é purificado através morte no outro mundo. Um Brahmana manchado por tal pecado alcança regiões de felicidade por tal procedimento e não por outro qualquer. Por violar a cama de um preceptor, o canalha pecaminoso e de alma vil se purifica pela morte que provém de abraçar uma figura feminina de ferro aquecido. Ou, cortando fora seu órgão e testículos e levando-os em suas mãos, ele deve seguir em uma direção reta para o sudoeste e então rejeitar sua vida. Ou, por encontrar a morte para beneficiar um Brahmana, ele pode se limpar de seu pecado. Ou, depois de realizar um Sacrifício de Cavalo ou um Sacrifício de Vaca ou um Agnishtoma, ele pode recuperar a estima aqui e após a morte. O assassino de um Brahmana deve praticar o voto de Brahmacharya por doze anos e se dedicando a penitências, vagar, segurando em suas mãos a caveira do morto todo o tempo e proclamando seu pecado para todos. Ele deve adotar tal conduta, dedicado a penitências e levando a vida de um asceta. Tal é a expiação fornecida para alguém que mata uma mulher grávida, sabendo sua condição. O homem que mata de propósito tal mulher incorre no dobro do pecado que vem depois do Brahmanicídio. Um tomador de bebidas alcoólicas deve viver de alimento frugal, praticando votos Brahmacharya, e dormir sobre a terra nua, e realizar por mais de três anos o sacrifício seguinte ao Agnishtoma. Ele deve então fazer um presente de mil vacas com um touro (para um bom Brahmana). Fazendo tudo isso, ele recuperará sua pureza. Tendo matado um Vaisya alguém deve realizar tal sacrifício por dois anos e fazer um presente de cem vacas com um touro. Tendo matado um Sudra, deve-se realizar tal sacrifício por um ano e fazer um presente de cem vacas com um touro. Tendo matado um cachorro ou urso ou camelo, deve-se realizar a mesma penitência que é declarada para o assassinato de um Sudra. Por matar um gato, um chasa, uma rã, um corvo, um réptil, ou um rato, é dito que alguém incorre no pecado de matança animal, ó rei! Eu agora te falarei de outros tipos de expiações em sua ordem. Por todos os pecados menores uma pessoa deve se arrepender ou praticar algum voto por um ano. Por união sexual com a esposa de um Brahmana conhecedor dos Vedas, um homem deve praticar por três anos o voto de Brahmacharya, comendo pouco alimento na quarta parte do dia. Por tal união com alguma outra mulher (que não é a esposa de alguém), um homem deve praticar penitência semelhante por dois anos. Por se deleitar na companhia de uma mulher por sentar-se com ela no mesmo lugar ou no mesmo assento, um homem deve viver somente de água por três dias. Por fazer isso ele pode se purificar de seu pecado. O mesmo é prescrito para alguém que suja um fogo ardente (por jogar coisas impuras nele). Aquele que, sem causa adequada, rejeita seu pai ou mãe ou preceptor, certamente se torna decaído, ó tu da linhagem de Kuru, como é a conclusão das escrituras. Somente comida e roupas devem ser dadas, como é a injunção, para uma esposa culpada de adultério ou alguém confinado em uma prisão. De fato, os votos que são prescritos para um homem culpado de adultério devem também ser observados por uma mulher que é culpada do mesmo. A mulher que, abandonando um marido de uma casta superior, tem ato sexual com um homem vil (de uma classe inferior), deve ser feita pelo rei ser devorada por cães em um lugar público no meio de uma grande assembléia de espectadores. Um rei sábio deve fazer o homem que cometeu adultério sob tais circunstâncias ser colocado

sobre uma cama de ferro aquecido e então, colocando feixes de paus por baixo, queimar o pecador nela. O mesmo castigo, ó rei, é dado à mulher que é culpada de adultério. O pecador perverso que não realiza expiação dentro de um ano da perpetração do pecado incorre em demérito que é o dobro do que se atribui ao pecado original. Alguém que se associa com tal pessoa por dois anos deve vagar por sobre a terra, se dedicando a penitências e vivendo de caridade. Alguém que se associou com um pecador por quatro anos deve adotar tal modo de vida por cinco anos. Se um irmão mais novo se casa antes de seu irmão mais velho, então o irmão mais novo, o irmão mais velho e a mulher que se casou, todos os três, por causa de tal casamento, se tornam decaídos. Todos eles devem cumprir os votos prescritos para uma pessoa que negligenciou seu fogo sacrifical, ou praticar o voto de Chandrayana por um mês, ou algum outro voto doloroso, para se purificarem de seu pecado. O irmão mais novo, se casando, deve dar sua esposa para seu irmão mais velho solteiro. Depois, tendo obtido a permissão do irmão mais velho, o irmão mais novo pode pegar sua esposa de volta. Por tais meios todos os três podem ser purificados de seu pecado. Por matar animais exceto uma vaca, o matador não é maculado. Os eruditos sabem que o homem tem domínio sobre todos os animais inferiores. Um pecador, segurando em sua mão um rabo de iaque e uma panela de barro, deve vagar, proclamando seu pecado. Ele deve todos os dias mendigar de somente sete famílias, e viver do que possa ser assim obtido. Por fazer isso por doze dias ele pode ser purificado de seu pecado. Aquele que se torna incapaz de portar em sua mão o rabo de iaque enquanto pratica este voto, deve observar o voto de mendicância (como declarado acima) por um ano inteiro. Entre homens tal expiação é a melhor. Para aqueles que podem praticar caridade, a prática da caridade é prescrita em todos os tais casos. Aqueles que têm fé e virtude podem se purificar por doarem somente uma vaca. Alguém que come ou bebe a carne, excremento, ou urina, de um cachorro, um javali, um homem, um galo, ou um camelo, deve ter sua investidura do fio sagrado realizada novamente. Se um Brahmana bebedor de Soma inala o cheiro de álcool da boca de alguém que o bebeu, ele deve beber água quente por três dias ou leite quente pelo mesmo período. Ou, bebendo água quente por três dias, ele deve viver só de ar por aquele período. Estas são as injunções eternas declaradas para a expiação de pecados, especialmente para um Brahmana que cometeu esses pecados por ignorância e falta de bom senso.'"

166

"Vaisampayana disse, 'Após a conclusão deste discurso, Nakula, que era um espadachim talentoso, assim questionou o avô Kuru deitado sobre seu leito de flechas.'"

"Nakula disse, 'O arco, ó avô, é considerado como a principal das armas neste mundo. Minha mente, no entanto, se inclina para a espada, já que quando o arco, ó rei, é cortado ou quebrado, quando corcéis estão mortos ou enfraquecidos, um bom guerreiro, bem treinado na espada, pode se proteger por meio de sua espada. Um herói armado com a espada pode, sozinho, resistir a muitos

arqueiros, e a muitos adversários armados com maças e dardos. Eu tenho essa dúvida, e eu me sinto curioso para saber a verdade. Qual, ó rei, é realmente a principal das armas em todas as batalhas? Como a primeira espada foi criada e para qual propósito? Quem também foi o primeiro preceptor na arma? Diga-me tudo isso, ó avô.'"

"Vaisampayana continuou, 'Ouvindo estas palavras do inteligente filho de Madri, o virtuoso Bhishma, o mestre perfeito da ciência do arco, esticado sobre sua cama de setas, deu esta resposta repleta de muitas palavras refinadas de significado encantador, melodiosa com vogais devidamente colocadas, e mostrando habilidade considerável, para Nakula de grande alma, aquele discípulo de Drona, dotado de treinamento hábil.'"

"Bhishma disse, 'Ouça a verdade, ó filho de Madri, acerca do que tu me perguntaste. Eu estou excitado por essa tua pergunta, como uma colina de greda vermelha. (Isto é, a pergunta de Nakula excitou o coração de Bhishma e causou um fluxo de sangue através de seus ferimentos. Então Bhishma se compara a uma colina de greda vermelha.) Nos tempos antigos o universo era uma vasta extensão de água, imóvel e sem firmamento, e sem essa terra ocupando algum espaço nele. Envolvido em escuridão, e intangível, seu aspecto era extremamente terrível. Completo silêncio reinando por todos os lados, ele era imensurável em extensão. No seu próprio tempo apropriado o Avô (do universo) teve seu nascimento. Ele então criou o vento e o fogo, e também o sol de grande energia. Ele também criou o céu, os lugares de eterna bem-aventurança, as regiões inferiores, terra, as direções, o firmamento com a lua e as estrelas, as constelações, os planetas, o ano, as estações, os meses, as duas quinzenas (clara e escura) e as divisões menores de tempo. O Avô divino então, assumindo uma forma visível, gerou (pelo poder de sua vontade) alguns filhos possuidores de grande energia. Eles são os sábios Marichi, Atri, Pulastya, Pulaha, Kratu, Vasishtha, Angiras, e o poderoso e pujante senhor Rudra, e Prachetas. O último gerou Daksha, que por sua vez, gerou sessenta filhas. Todas aquelas filhas foram recebidas como esposas por sábios regenerados com o objetivo de gerar filhos nelas. Delas surgiram todas as criaturas do universo, incluindo os deuses, Pitris, Gandharvas, Apsaras, diversas espécies de Rakshasas, aves e animais e peixes, macacos, grandes cobras, e diversas espécies de aves que percorrem o ar ou se divertem na água, e vegetais, e todos os seres que são ovíparos ou vivíparos ou nascidos da sujeira. Desse modo surgiu todo o universo consistindo em criaturas móveis e imóveis. O Avô universal, tendo assim chamado à existência todas as criaturas móveis e imóveis, então promulgou a religião eterna declarada nos Vedas. Aquela religião foi aceita pelos deuses, com seu preceptores, sacerdotes, os Adityas, os Vasus, os Rudras, os Sadhyas, os Maruts, os Aswins, Bhrigu, Atri, Angiras, os Siddhas, Kasyapa rico em penitências, Vasishtha, Gautama, Agastya, Narada, Parvata, os Rishis Valikhilya, aqueles outros Rishis conhecidos sob os nomes de Prabhasas, os Sikatas, os Ghritapas, os Somavayavyas, os Vaiswanaras, Marichipas, os Akrishtas, os Hansas, aqueles nascidos do Fogo, os Vanaprasthas, e os Prasnis. Todos eles viviam em obediência a Brahman. Os principais dos Danavas, no entanto, desprezando as ordens do Avô, e se

entregando à ira e cobiça, começaram a causar a destruição da justiça. Eles eram Hiranyakasipu, e Hiranyaksha, e Virochana, e Samvara, e Viprachitti, e Prahlada, e Namuchi, e Vali. Estes e muitos outros Daityas e Danavas, ultrapassando todas as restrições de dever e religião, se divertiram e se deleitaram em todos os tipos de más ações. Se considerando iguais aos deuses em relação a nascimento, eles começaram a desafiá-los e aos sábios de comportamento puro. Eles nunca faziam algum bem para as outras criaturas do universo ou mostravam compaixão por alguma delas. Desconsiderando os três meios bem conhecidos, eles começaram a perseguir e afligir todas criaturas por manejarem somente a vara de castigo. De fato, aqueles principais dos Asuras, cheios de orgulho, abandonaram toda comunicação amistosa com outras criaturas. Então o divino Brahman, acompanhado pelos sábios regenerados, procedeu para um topo encantador de Himavat, se estendendo pela área de cem Yojanas, adornado com diversas espécies de jóias e pedras preciosas, e sobre cuja superfície as estrelas pareciam descansar como muitos lotos em um lago. Naquele príncipe das montanhas, ó senhor, coberto com florestas de árvores florescentes, aquele principal dos deuses, isto é, Brahman, ficou por algum tempo para realizar o trabalho do mundo. Depois do lapso de mil anos, o pujante senhor fez arranjos para um sacrifício grandioso de acordo com as ordenanças declaradas nas escrituras. O altar sacrifical foi adornado com Rishis hábeis em sacrifícios e competentes para realizar todas as ações referentes a isso, com feixes de combustível sacrifical, e com fogos ardentes. E ele parecia muito belo por causa dos pratos e recipientes sacrificais todos feitos de ouro. Todos os principais entre os deuses tomaram seus assentos nele. A plataforma foi em seguida adornada com Sadasyas todos os quais eram Rishis regenerados ilustres. Eu soube dos Rishis que logo uma coisa muito terrível aconteceu naquele sacrifício. É sabido que uma criatura pulou (do fogo sacrifical) espalhando as chamas ao seu redor, e cujo esplendor se igualava àquele da própria Lua quando ela se ergue no firmamento coberto de estrelas. Sua cor era escura como aquela das pétalas do lótus azul. Seus dentes eram afiados. Seu abdome era magro. Sua estatura era alta. Ele parecia ser irresistível e possuidor de energia excessiva. Após o aparecimento daquele ser, a terra tremeu. O Oceano ficou agitado com grandes vagalhões e redemoinhos tremendos. Meteoros pressagiando grandes desastres percorreram o céu. Os ramos das árvores começaram a cair. Todos os pontos do horizonte ficaram agitados. Ventos inauspiciosos começaram a soprar. Todas as criaturas começaram a tremer de medo a todo momento. Vendo aquela agitação horrível do universo e aquele Ser surgido do fogo sacrifical, o Avô disse estas palavras aos grandes Rishis, aos deuses, e aos Gandharvas. 'Este Ser foi pensado por mim. Possuidor de grande energia, seu nome é Asi (espada ou cimitarra). Para a proteção do mundo e a destruição dos inimigos dos deuses, eu o criei.' Aquele ser então, abandonando a forma que ele tinha assumido primeiro, tomou a forma de uma espada de grande esplendor, altamente polida, de gume afiado, surgida como o Ser todo-destrutivo no fim do Yuga. Então Brahman transferiu aquela arma para Rudra de garganta azul, que tem como desenho em sua bandeira o principal dos touros, para capacitá-lo a eliminar a irreligião e o pecado. Nisto, o divino Rudra de alma imensurável, louvado pelos grandes Rishis, ergueu aquela espada e assumiu uma forma diferente. Desenvolvendo quatro braços, ele se tornou tão

alto que embora estando na terra ele tocava o próprio sol com sua cabeça. Com olhos virados para cima e com todos os membros estendidos largamente, ele começou a vomitar chamas de fogo de sua boca. Assumindo diversas cores tais como azul e branco e vermelho, vestindo uma camurça preta salpicada com estrelas de ouro, ele possuía em sua testa um terceiro olho que parecia com o sol em esplendor. Seus dois outros olhos, um dos quais era preto e o outro fulvo, resplandeciam muito brilhantemente. O divino Mahadeva, o portador do Sula, o arrancador dos olhos de Bhaga, erguendo a espada cujo esplendor parecia aquele do fogo Yuga todo-destrutivo, e manejando um escudo largo com três grandes saliências que parecia com uma massa de nuvens escuras adornada com lampejos de relâmpago, começou a realizar diversos tipos de evoluções. Possuidor de grande destreza, ele começou a girar a espada no céu, desejoso de um duelo. Altos foram os rugidos que ele proferiu, e impressionante o som de sua risada. De fato, ó Bharata, a forma então assumida por Rudra era extremamente terrível. Sabendo que Rudra tinha assumido aquela forma para realizar atos violentos, os Danavas, cheios de alegria, começaram a ir em direção a ele com grande velocidade, despejando rochas enormes sobre ele enquanto eles se aproximavam, e pedaços de madeira ardentes, e diversos tipos de armas terríveis feitas de ferro e todas dotadas do corte da navalha. A hoste Danava, no entanto, vendo aquele principal de todos os seres, o indestrutível Rudra, crescendo com poder, ficou estupefata e começou a tremer. Embora Rudra estivesse sozinho e sem ajuda, ele se movia tão rapidamente pelo campo de batalha com a espada em seu braço que os Asuras pensaram que haviam mil Rudras semelhantes lutando com eles. Rasgando e perfurando e afligindo e partindo e cortando e triturando, o grande deus se movia com velocidade entre as massas compactas de seus inimigos como um incêndio florestal se espalhando em meio a pilhas de grama seca. Os Asuras poderosos, subjugados pelo deus com os giros de sua espada, com braços e pernas e peitos cortados e perfurados, e com cabeças cortadas de seus troncos, começaram a cair no chão. Outros entre os Danavas, afligidos pelos golpes da espada, se dividiram e fugiram em todas as direções, alegrando uns aos outros enquanto eles fugiam. Alguns penetraram nas entranhas da terra; outros ficaram sob o abrigo de montanhas, alguns foram para cima; outros entraram nas profundidades do oceano. Durante o progresso daquela batalha terrível e violenta, a terra se tornou lamacenta com carne e sangue e visões horríveis se apresentavam de todos os lados. Coberta com os corpos mortos de Danavas cobertos com sangue, a terra parecia como se coberta com topos de montanha cobertos com Kinsukas. Encharcada com sangue, a terra parecia extremamente bela, como uma dama de aparência formosa embriagada com álcool e vestida em mantos carmesins. Tendo matado os Danavas e restaurado a Justiça sobre a terra, o auspicioso Rudra abandonou sua forma horrível e assumiu sua própria forma benéfica. Então todos os Rishis e todos os celestiais adoraram aquele deus de deuses com aclamações altas desejando vitória para ele. O divino Rudra, depois disso, deu a espada, aquela protetora da religião, tingida com o sangue dos Danavas, para Vishnu com as devidas adorações. Vishnu a deu para Marichi. O divino Marichi a deu para todos os grandes Rishis. Os últimos a deram para Vasava. Vasava a deu para os Regentes do mundo. Os Regentes, ó filho, deram aquela grandiosa espada para Manu, o

filho de Surya. Na hora de dá-la para Manu, eles disseram, 'Tu és o senhor de todos os homens. Proteja todas as criaturas com esta espada que contém a religião dentro de seu ventre. Infligindo castigo devidamente àqueles que ultrapassaram os limites da virtude por causa do corpo ou da mente, eles devem ser protegidos em conformidade com as ordenanças mas nunca de acordo com capricho. Alguns devem ser punidos com reprimendas verbais, e com multas e confiscos. Perda de membro ou morte nunca devem ser infligidos por razões leves. Estes castigos, consistindo em reprimendas verbais como seu primeiro, são considerados como as muitas formas da espada. Estas são as formas que a espada assume por causa das transgressões de pessoas sob a proteção (do rei). Em tempo Manu instalou seu próprio filho Kshupa na soberania de todas as criaturas, e deu a ele a espada para a proteção delas. De Kshupa ela foi recebida por Ikshvaku, e de Ikshvaku por Pururavas. De Pururavas ela foi recebida por Ayus, e de Ayus por Nahusha. De Nahusha ela foi recebida por Yayati, e de Yayati por Puru. De Puru ela foi recebida por Amurtarya, de Amurtarya ela passou para o nobre Bhumisaya. De Bhumisaya foi recebida pelo filho de Dushmanta, Bharata. De Bharata, ó monarca, ela foi recebida pelo correto Ailavila. De Ailavila ela foi recebida pelo rei Dhundumara. De Dhundumara ela foi recebida por Kamvoja, e de Kamvoja ela foi recebida por Muchukunda, de Muchukunda foi recebida por Marutta, e de Marutta por Raivata. De Raivata ela foi recebida por Yuvanaswa, e de Yuvanaswa por Raghu. De Raghu ela foi recebida pelo corajoso Harinaswa. De Harinaswa a espada foi recebida por Sunaka e de Sunaka por Usinara de grande alma. Do último ela foi recebida pelos Bhojas e os Yadavas. Dos Yadus ela foi recebida por Sivi. De Sivi ela passou para Pratardana. De Pratardana ela foi recebida por Ashtaka, e de Ashtaka por Prishadaswa. De Prishadaswa ela foi recebida por Bharadwaja, e do último por Drona. Depois de Drona ela foi recebida por Kripa. De Kripa aquela melhor das espadas foi obtida por ti com teus irmãos. A constelação sob qual a espada nasceu é Krittika. Agni é sua divindade, e Rohini é seu Gotra (origem). Rudra é o seu preceptor excelente. A espada tem oito nomes que não são geralmente conhecidos. Escute-me enquanto eu os menciono para você. Se alguém os menciona, ó filho de Pandu, ele pode sempre obter vitória. Aqueles nomes então são Asi, Vaisasana, Khadga, afiada, de aquisição difícil, Sirgarbha, vitória, e protetor da justiça. De todas as armas, ó filho de Madravati, a espada é a principal. Os Puranas realmente declaram que ela foi primeiro manejada por Mahadeva. Em relação ao arco, ó castigador de inimigos, foi Prithu quem primeiro o criou. Foi com a ajuda desta arma que o filho de Vena, enquanto ele governava a terra virtuosamente por muitos anos, ordenhou suas colheitas e grãos em profusão. Cabe a ti, ó filho de Madri, considerar o que os Rishis disseram como prova conclusiva. Todas as pessoas hábeis em batalha devem reverenciar a espada. Eu agora te disse realmente a primeira parte da tua pergunta, em detalhes, sobre a origem e criação da espada, ó touro da raça Bharata! Por escutar a esta história excelente da origem da espada, um homem consegue ganhar fama neste mundo e felicidade eterna no próximo.'"

167

"Vaisampayana disse, 'Quando Bhishma, depois de ter dito isso, ficou silencioso, Yudhishthira (e os outros) voltaram para casa. O rei, se dirigindo a seus irmãos com Vidura formando o quinto, disse, 'O rumo do mundo depende de Virtude, Riqueza, e Desejo. Entre estes três, qual é o principal, qual o segundo, e qual o último, em ponto de importância? Para subjugar o agregado triplo (isto é, luxúria, ira, e cobiça), sobre qual dos três primeiros (isto é, Virtude, Riqueza, e Desejo) a mente deve ser fixada? Cabe a vocês todos responderem alegremente esta questão em palavras que sejam verdadeiras.' Assim endereçado pelo chefe Kuru, Vidura, que era familiarizado com a ciência de Lucro, com o rumo do mundo, e com a verdade (que diz respeito à natureza real das coisas), e possuidor de grande luminosidade de intelecto, falou primeiro estas palavras, lembrando dos conteúdos das escrituras.'"

"Vidura disse, 'Estudo de várias escrituras, ascetismo, caridade, fé, realização de sacrifícios, bondade, sinceridade de disposição, compaixão, veracidade, autodomínio, constituem as posses da Virtude. Adote a Virtude. Não deixe teu coração se desviar disso. Virtude e Lucro têm suas bases neles. Eu penso que todos estes podem ser incluídos em um termo. É pela Virtude que os Rishis têm cruzado (o mundo com todas as suas dificuldades). É da Virtude que todos os mundos dependem (para sua existência). É pela Virtude que os deuses alcançaram sua posição de superioridade. É sobre a Virtude que o Lucro ou Riqueza se apóia. A Virtude, ó rei, é a principal a respeito de mérito. O Lucro é citado como mediano. O Desejo, é dito pelos sábios, é o mais inferior dos três. Por esta razão, uma pessoa deve viver com alma controlada, dando sua atenção mais para a Virtude. Uma pessoa deve também se comportar em direção a todas as criaturas como ela deve se comportar consigo mesma.'"

"Vaisampayana continuou, 'Depois que Vidura tinha terminado o que ele tinha a dizer, o filho de Pritha, Arjuna, bem hábil na ciência de Lucro, e conhecedor também das verdades de Virtude e Lucro, estimulado (pelo significado da pergunta de Yudhishthira), disse estas palavras.'"

"Arjuna disse, 'Este mundo, ó rei, é o campo de ação. A ação, portanto, é louvada aqui. Agricultura, comércio, criação de gado, e diversos tipos de ofícios constituem o que é chamado de Lucro. O Lucro, também, é o objetivo de todas essas ações. Sem Lucro ou Riqueza, a Virtude e (os objetos de) Desejo não podem ser adquiridos. Esta é a declaração do Sruti. Mesmo pessoas de almas impuras, se possuidoras de diversos tipos de Riqueza, podem realizar os maiores atos de virtude e satisfazer desejos que são aparentemente difíceis de serem satisfeitos. Virtude e Desejo são os membros da Riqueza como o Sruti declara. Com a aquisição de Riqueza, ambos, Virtude e os objetos de Desejo, podem ser ganhos. Como todas as criaturas cultuando Brahman, até pessoas de nascimento superior cultuam um homem possuidor de Riqueza. Até aqueles que estão vestidos em camurças e têm madeixas emaranhadas em suas cabeças, que são

autocontrolados, que cobrem seus corpos com lama, que têm seus sentidos sob controle completo, até aqueles que têm cabeças raspadas e que são Brahmacharins devotados, e que vivem separados uns dos outros, nutrem um desejo por Riqueza. Outros vestidos em mantos amarelos, tendo barbas compridas, agraciados com modéstia, possuidores de erudição, contentes, e livres de todos os apegos, se tornam desejosos de Riqueza. Outros, seguindo as práticas de seus antepassados, e cumpridores de seus respectivos deveres, e outros desejosos de céu, fazem o mesmo. Crentes e não crentes e aqueles que são praticantes rígidos do mais sublime Yoga, todos atestam a excelência da Riqueza. É citado como realmente possuidor de Riqueza aquele que cuida de seus dependentes com objetos de prazer, e aflige seus inimigos com punições. Esta, ó principal dos homens inteligentes, é realmente minha opinião. Escute agora, no entanto, a estes dois (isto é, Nakula e Sahadeva) que estão prestes a falar.'"

"Vaisampayana continuou, 'Depois que Arjuna tinha parado, os dois filhos de Madri, Nakula e Sahadeva, disseram estas palavras de grande importância.'"

"Nakula e Sahadeva disseram, 'Sentado ou deitado, andando e parado, um homem deve se esforçar pela aquisição de Riqueza até pelos meios mais enérgicos. Se a Riqueza, que é de difícil aquisição e muito agradável, for ganha, a pessoa que a ganhou, sem dúvida, é vista obter todos os objetos de Desejo. Aquela Riqueza que está ligada com Virtude, como também aquela Virtude que está ligada com Riqueza, é certamente como néctar. Por esta razão, nossas opiniões são as seguintes. Uma pessoa sem riqueza não pode satisfazer nenhum desejo; similarmente, não pode haver Riqueza em alguém que é desprovido de Virtude. Aquele, portanto, que está fora do âmbito de Virtude e Riqueza é um objeto de temor para o mundo. Por esta razão, deve-se procurar a aquisição de Riqueza com uma mente devotada, sem desconsiderar os requisitos de Virtude. Aqueles que acreditam (na sabedoria) deste ditado conseguem adquirir o que quer que eles desejem. Uma pessoa deve primeiro praticar Virtude; em seguida adquirir Riqueza sem sacrificar a Virtude; e então procurar a satisfação do Desejo, pois esta deve ser a última ação de alguém que conseguiu adquirir Riqueza.'"

"Vaisampayana continuou, 'Os filhos gêmeos dos Aswins, depois terem dito estas palavras, ficaram calados. Então Bhimasena começou a dizer o seguinte.'"

"Bhimasena disse, 'Alguém sem Desejo nunca deseja Riqueza. Alguém sem Desejo nunca deseja Virtude. Alguém que é desprovido de Desejo nunca pode sentir qualquer desejo. Por esta razão, o Desejo é o principal de todos os três. É sob a influência do Desejo que os próprios Rishis se dedicam a penitências subsistindo de frutas, vivendo de raízes ou do ar somente. Outros possuidores de conhecimento Védico estão dedicados aos Vedas e seus ramos ou a ritos de fé e atos sacrificais, ou a fazer doações ou aceitá-las. Comerciantes, agricultores, criadores de gado, artistas e artesãos, e aqueles que estão ocupados em ritos de conciliação, todos agem por Desejo. Há alguns que mergulham nas profundidades do oceano, induzidos pelo Desejo. O Desejo, de fato, toma várias formas. Tudo é permeado pelo princípio do Desejo. Um homem fora da paliçada do Desejo nunca

é, foi, ou será visto neste mundo. Esta, ó rei, é a verdade. Virtude e Riqueza estão baseadas sobre o Desejo. Como a manteiga representa a essência dos coalhos, assim mesmo o Desejo é a essência do Lucro e Virtude. Óleo é melhor do que sementes oleaginosas. Ghee é melhor do que leite azedo. Flores e frutas são melhores do que madeira. Similarmente, Desejo é melhor do que Virtude e Lucro. Como um suco doce como mel é extraído das flores, assim é dito que o Desejo é extraído desses dois. O Desejo é o pai da Virtude e do Lucro. O Desejo é a alma desses dois. Sem Desejo os Brahmanas nunca dariam doces ou riquezas para Brahmanas. Sem Desejo os diversos tipos de ações que são vistos no mundo nunca teriam sido vistos. Por essas razões, o Desejo é visto ser o principal do agregado triplo. Aproximando-te de belas donzelas vestidas em mantos excelentes, enfeitadas com todos os ornamentos, e alegradas com vinhos doces, te divirta com elas. O Desejo, ó rei, deve ser o principal dos três para nós. Refletindo sobre a pergunta até seus próprios fundamentos, eu cheguei a esta conclusão. Não hesite em aceitar esta conclusão, ó filho de Dharma! Estas minhas palavras não são de significado vazio. Repletas de virtude como elas são, elas serão aceitáveis para todos os bons homens. Virtude, Lucro, e Desejo, todos devem ser igualmente atendidos. O homem que se dedica somente a um deles certamente não é uma pessoa superior. É citado como mediano quem se dedica a somente dois deles. Por outro lado, é o melhor de sua espécie aquele que se encarrega de todos os três.’ Tendo dito estas palavras em resumo como também em detalhes, para aqueles heróis, Bhima possuidor de sabedoria, cercado por amigos, coberto com pasta de sândalo, e enfeitado com guirlandas e ornamentos excelentes, permaneceu silencioso. Então o rei Yudhishthira, o justo, o principal dos homens virtuosos, possuidor de grande erudição, refletindo devidamente por um instante sobre as palavras faladas por todos eles, e achando que todas aquelas palavras eram filosofia falsa, falou o seguinte.'”

"Yudhishthira disse, 'Sem dúvida, todos vocês têm conclusões firmes em relação às escrituras, e todos vocês são familiarizados com autoridades. Essas palavras repletas de certeza que vocês falaram foram ouvidas por mim. Escutem agora, com atenção concentrada, ao que eu lhes digo. Aquele que não está empenhado em mérito ou em pecado, aquele que não se dedica a Lucro, ou Virtude, ou Desejo, que está acima de todos os defeitos, que considera ouro e um pedaço de tijolo com olhos iguais, se torna livre do prazer e da dor e da necessidade de realizar seus propósitos. Todas as criaturas estão sujeitas ao nascimento e à morte. Todas estão sujeitas à ruína e mudança. Despertadas repetidamente pelos diversos benefícios e males da vida, todas elas louvam a Emancipação. Nós não sabemos, no entanto, o que é Emancipação. O autonascido e divino Brahman disse que não há Emancipação para aquele que está amarrado com laços de atração e afeição. Aqueles, no entanto, que são possuidores de erudição procuram a Extinção. (Há pouca dúvida de que esta é uma referência distinta ao principal artigo de fé no Budismo. Emancipação aqui é identificada com Extinção ou Aniquilação. A palavra usada é Nirvana. O conselho dado é abstenção de apegos de todos os tipos. Estas partes do Santi são ou interpolações, ou foram escritas depois da expansão do Budismo.) Por essa razão, nunca se deve considerar qualquer coisa como ou agradável ou

desagradável. Este ponto de vista parece ser o melhor. Ninguém neste mundo pode agir como lhe agrada. Eu ajo exatamente como eu sou feito agir (por um poder superior). O Grande Ordenador faz todas as criaturas procederem como Ele deseja. O Ordenador é Supremo. Saibam disso, todos vocês. Ninguém pode, por suas ações, obter o que não é obtenível. Aquilo que é para ser, acontece. Saibam disso. E já que aquele que se afasta do triplo agregado consegue ganhar Emancipação, parece, portanto, que a Emancipação é produtiva do maior bem.'"

"Vaisampayana continuou, 'Tendo escutado a todas estas palavras importantes repletas de razão e aceitáveis para o coração, Bhima e os outros ficaram encantados e, unindo suas mãos, reverenciaram aquele príncipe da linhagem de Kuru. De fato, aqueles principais dos homens, ó rei, tendo ouvido aquele discurso do monarca, bem adornado com letras e sílabas agradáveis, aceitável para o coração, e desprovido de sons e palavras dissonantes, começaram a aplaudir muito Yudhishthira. O filho de grande alma de Dharma, em retorno, possuidor de grande energia, elogiou seus ouvintes convencidos; e mais uma vez o rei se dirigiu ao filho do principal dos rios, possuidor de uma grande alma, para perguntar sobre deveres.'"

168

"Yudhishthira disse, 'Ó avô, ó tu que és possuidor de grande sabedoria, eu te farei uma pergunta. Cabe a ti, ó tu que aumentas a felicidade dos Kurus, me falar detalhadamente sobre isto. Qual tipo de homens é citado como sendo de disposição gentil? Com quem a amizade mais encantadora pode existir? Nos diga também quem pode fazer o bem no tempo presente e no fim. Eu sou de opinião que nem aumento de riqueza, nem parentes, nem amigos, ocupam aquele lugar o qual amigos benquerentes ocupam. Um amigo capaz de escutar a conselhos benéficos, e também de fazer o bem, é extremamente raro. Cabe a ti, ó principal dos homens virtuosos, me falar detalhadamente sobre estes assuntos.'"

"Bhishma disse, 'Ouça-me, ó Yudhishthira, enquanto eu te falo, em detalhes, daqueles homens com quem amizades podem ser formadas e daqueles com quem amizades não podem ser formadas. Um homem que é cobiçoso, um que é impiedoso, um que renunciou aos deveres de sua classe, um que é desonesto, um que é patife, um que é vil, um que é de práticas pecaminosas, um que suspeita de todos, um que é preguiçoso, um que é procrastinador, um que é de disposição desonesta, um que é um objeto de maledicência geral, um que desonra a vida de seu preceptor, viciado nos sete vícios bem conhecidos, um que abandona amigos afligidos, um possuidor de alma má, um que é sem vergonha, um cuja vista está sempre direcionada para o pecado, um que é um ateu, um que é caluniador dos Vedas, um cujos sentidos não são reprimidos, um que dá livre indulgência à luxúria, um que é mentiroso, um que é abandonado por todos, um que transgride todas as restrições, um que é enganador, um que é desprovido de sabedoria, um que é invejoso, um que é dedicado ao pecado, um cuja conduta é má, um cuja alma não tem sido purificada, um que é cruel, um que é um jogador, um que

sempre procura prejudicar amigos, um que cobiça riqueza pertencente a outros, aquele indivíduo de alma pecaminosa que nunca expressa satisfação com o que outro possa dar a ele de acordo com a extensão de seus recursos, um que nunca está satisfeito com seus amigos, ó touro entre homens, um que fica zangado em ocasiões que não justificam raiva, um que é de mente agitada, um que briga sem motivo, aquele sujeito pecaminoso que não tem escrúpulos em abandonar amigos bem intencionados, aquele patife que está sempre atento aos seus próprios interesses e que, ó rei, briga com amigos quando aqueles fazem a ele uma injúria muito leve ou infligem a ele um mal inconscientemente, um que age como um inimigo mas fala como um amigo, um que é de percepções perversas, um que é cego (ao seu próprio bem), um que nunca se alegra no que é bom para ele mesmo ou outros, deve ser evitado. Um que toma bebidas alcoólicas, um que odeia outros, um que é colérico, um que é desprovido de compaixão, um que fica aflito ao ver a felicidade de outros, um que ofende amigos, um que está sempre ocupado em tirar as vidas de criaturas vivas, um que é ingrato, um que é desprezível, deve ser evitado. Alianças (de amizade) nunca devem ser formadas com nenhum deles. Similarmente, nenhuma aliança (de amizade) deve ser formada com aquele que está sempre atento em observar os defeitos de outros. Ouça-me agora enquanto eu indico as pessoas com quem alianças (de amizade) podem ser formadas. Aqueles que são bem nascidos, aqueles que possuem eloquência e gentileza de palavras, aqueles que são dotados de conhecimento e ciência, aqueles que possuem mérito e outros talentos, aqueles que são livres de cobiça, aqueles que nunca são esgotados por trabalho, aqueles que são bons para seus amigos, aqueles que são gratos, aqueles que são possuidores de conhecimento e informação variados, aqueles que são desprovidos de avareza, aqueles que são possuidores de qualidades agradáveis, aqueles que são firmes na verdade, aqueles que têm subjugado seus sentidos, aqueles que são dedicados a esportes e outros exercícios, aqueles que são de boas famílias, aqueles que são perpetuadores de suas linhagens (isto é, aqueles que têm esposas e filhos), aqueles que são desprovidos de defeitos, aqueles que são possuidores de fama, devem ser aceitos por reis para formar alianças (de amizade) com eles. Aqueles, também, ó monarca, que ficam satisfeitos e contentes se alguém se comporta com eles de acordo com o melhor de seus poderes, aqueles que nunca se zangam em ocasiões que não justificam raiva, aqueles que nunca ficam insatisfeitos sem causa suficiente, aquelas pessoas que conhecem bem a ciência de Lucro e que, mesmo quando aborrecidas, conseguem manter suas mentes tranquilas, aqueles que se dedicam ao serviço de amigos em sacrifício pessoal, aqueles que nunca estão afastados dos amigos mas que continuam inalterados (em sua dedicação) como um cobertor vermelho feito de lã (o qual não muda sua cor facilmente); aqueles que nunca desconsideram, por raiva, aqueles que são pobres; aqueles que nunca desonram mulheres jovens por ceder à luxúria e perda de razão, aqueles que nunca indicam caminhos errados para amigos, aqueles que são dignos de confiança, aqueles que são dedicados à prática da virtude, aqueles que consideram ouro e pedaços de tijolo da mesma maneira, aqueles que aderem com firmeza a amigos e benquerentes, aqueles que reúnem seu próprio povo e procuram a realização do interesse de amigos indiferentes à sua própria dignidade e rejeitando todos os sinais de sua própria

respeitabilidade, devem ser considerados como pessoas com quem alianças (de amizade) devem ser feitas. De fato, os domínios daquele rei que faz alianças de amizade com tais homens superiores se espalham em todas as direções, como a luz do senhor das estrelas. Devem ser formadas alianças com homens que são bem experientes em armas, que subjugaram sua raiva completamente, que são sempre fortes em batalha e possuidores nascimento nobre, bom comportamento, e habilidades variadas. Entre aqueles homens viciosos, ó impecável, que eu mencionei, os mais vis, ó rei, são aqueles que são ingratos e que prejudicam amigos. Aquelas pessoas de comportamento perverso devem ser evitadas por todos. Esta, de fato, é uma conclusão segura.'"

"Yudhishthira disse, 'Eu desejo ouvir em detalhes essa descrição. Diga-me quem são aqueles que são chamados de ofensores de amigos e de pessoas ingratas.'"

"Bhishma disse, 'Eu narrarei para ti uma velha história cujos incidentes ocorreram no país, ó monarca, dos Mlecchas que se localiza ao norte. Havia certo Brahmana pertencente ao país do meio. Ele era desprovido de conhecimento Védico. (Um dia), vendo uma aldeia próspera, o homem entrou nela pelo desejo de obter caridade. Naquela aldeia vivia um ladrão possuidor de grande riqueza, conhecedor dos aspectos distintivos de todas as classes (de homens), devotado aos Brahmanas, firme em verdade, e sempre empenhado em fazer doações. Indo à residência daquele ladrão, o Brahmana pediu por esmolas. De fato, ele pediu uma casa para morar e artigos necessários para viver que durassem por um ano. Assim solicitado pelo Brahmana, o ladrão deu a ele um pedaço de tecido novo com seus fim completos (isto é, não era um pedaço arrancado de um pedaço inteiro, mas suas extremidades estavam lá), e uma mulher viúva possuidora de juventude. Obtendo todas essas coisas do ladrão, o Brahmana se encheu de alegria. De fato, Gautama começou a viver felizmente naquela casa confortável que o ladrão tinha designado para ele. Ele começou a manter os parentes e amigos da mulher escrava que ele tinha obtido do chefe ladrão. Dessa maneira ele viveu por muitos anos naquela aldeia próspera de caçadores. Ele começou a praticar com grande dedicação a arte de manobrar arco e flecha. Todos os dias, como os outros ladrões que residiam lá, Gautama, ó rei, ia para as florestas e matava grous selvagens em abundância. Sempre empenhado em matar criaturas vivas, ele se tornou bem habilidoso nessa ação e logo disse adeus à compaixão. Por causa de sua intimidade com ladrões ele se tornou como um deles. Enquanto ele vivia alegremente naquela aldeia de ladrões por muitos meses, grande era o número de grous selvagens que ele matava. Um dia outro Brahmana chegou àquela aldeia. Ele estava vestido em trapos e camurças e tinha cabelos emaranhados em sua cabeça. De comportamento altamente puro, ele era dedicado ao estudo dos Vedas. De uma disposição humilde, de alimentação frugal, devotado aos Brahmanas, totalmente conhecedor dos Vedas, e cumpridor de votos Brahmacharya, aquele Brahmana tinha sido um amigo querido de Gautama e pertencia àquela parte do país da qual Gautama tinha emigrado. No decurso de suas viagens, como eu já disse, o Brahmana chegou àquela aldeia de ladrões onde Gautama tinha tomado sua residência. Ele nunca aceitava qualquer

alimento dado por um Sudra e, portanto, começou a procurar pela casa de um Brahmana lá (para aceitar os deveres de hospitalidade). (Até hoje existem muitos Brahmanas na Índia que são asudra-pratigrahins, isto é, que não aceitam doação, por mais que valiosa, de um Sudra.) Consequentemente, ele vagou em todas as direções naquela aldeia cheia de famílias de ladrões. Finalmente aquele principal dos Brahmanas chegou à casa possuída por Gautama. E aconteceu que justamente naquela hora Gautama também, voltando das florestas, estava entrando em sua residência. Os dois amigos se encontraram. Armado com arco e espada, ele portava nos ombros uma carga de grous mortos, e seu corpo estava coberto com o sangue que escorria do saco em seus ombros. Vendo aquele homem que então parecia um canibal e que tinha abandonado as práticas puras da classe de seu nascimento, entrando em sua casa, o convidado recém chegado, reconhecendo-o, ó rei, disse estas palavras: 'O que é que tu estás fazendo aqui por tolice? Tu és um Brahmana, e o perpetuador de uma família Brahmana. Nascido em uma família respeitável pertencente ao País do Meio, como é que tu te tornaste como um ladrão em tuas práticas? Lembre, ó regenerado, teus parentes famosos dos tempos passados, todos os quais eram bem versados nos Vedas. Nascido na tua linhagem, ai, tu te tornaste um estigma para ela. Desperte a ti mesmo por teus próprios esforços. Lembrando da energia, do comportamento, do conhecimento, do autodomínio, da compaixão (que são teus pela ordem de teu nascimento), deixe esta tua residência atual, ó regenerado!' Assim endereçado por aquele seu amigo bem intencionado, ó rei, Gautama respondeu a ele em grande aflição de coração, dizendo, 'Ó principal dos regenerados, eu sou pobre. Eu também sou desprovido de um conhecimento dos Vedas. Saiba, ó melhor dos Brahmanas, que eu tomei minha residência aqui somente por causa da riqueza. À tua visão, no entanto, eu sou abençoado hoje. Nós partiremos juntos deste lugar amanhã. Passe a noite aqui comigo.' Assim endereçado, o Brahmana recém chegado, cheio de compaixão como ele era, passou a noite lá, não tocando em nada. De fato, embora faminto e rogado repetidamente o convidado se recusou a tocar em qualquer alimento naquela casa.'"

169

"Bhishma disse, 'Depois que a noite tinha passado e que aquele melhor dos Brahmanas tinha deixado a casa, Gautama, saindo de sua residência, começou a proceder em direção ao mar, ó Bharata! No caminho ele viu alguns comerciantes que costumavam fazer viagens no mar. Com aquela caravana de comerciantes ele procedeu em direção ao oceano. No entanto aconteceu, ó rei, que aquela grande caravana foi atacada, enquanto passava através de um vale, por um elefante enfurecido. Quase todas as pessoas foram mortas. Escapando daquele grande perigo de alguma maneira, o Brahmana fugiu em direção ao norte para salvar sua vida, não sabendo para onde procedia. Separado da caravana e levado muito longe daquele local, ele começou a vagar só em uma floresta, como Kimpurusha. (Kimpurusha é metade homem e metade cavalo. Supõe-se que o corpo é aquele de um cavalo, e a face aquela de um homem.) Finalmente encontrando uma

estrada que levava em direção ao oceano, ele viajou até que alcançou uma floresta encantadora e celestial cheia de árvores florescentes. Ela era adornada com árvores de manga que desenvolviam flores e frutas o ano inteiro. Ela parecia com os próprios bosques de Nandana (no céu) e era habitada por Yakshas e Kinnaras. Ela era também adornada com Salas e palmeiras e Tamalas, com cachos de aloés negros, e muitas árvores grandes de sândalo. Sobre os planaltos encantadores que ele viu lá, fragrantes com perfumes de diversos tipos, aves das principais espécies eram sempre ouvidas cantando suas melodias. Outros habitantes alados do ar, chamados Bharundas, e tendo rostos parecendo aqueles de seres humanos, e aqueles chamados Bhulingas, e outros pertencentes às regiões montanhosas e ao mar, trinavam docemente lá. Gautama procedeu por aquela floresta, escutando, enquanto seguia, aqueles acordes encantadores dos coristas da natureza. Em seu caminho ele contemplou um lugar de terreno nivelado muito agradável e encantador, coberto com praias douradas e parecendo o próprio céu, ó rei, por sua beleza. Naquele local havia uma banian grande e bela com um topo esférico. Possuidora de muitos ramos que correspondiam com a árvore mãe em beleza e tamanho, aquela banian parecia com um guarda-sol colocado sobre a planície. O lugar debaixo daquela árvore magnífica era molhado com água perfumada com o sândalo mais fragrante. Dotado de grande beleza e abundando em flores deliciosas por toda parte, o local parecia com a residência do próprio Avô. Contemplando aquele lugar fascinante e inigualável, cheio de árvores florescentes, sagrado, e parecendo com a residência de um celestial, Gautama ficou muito alegre. Chegando lá, ele sentou-se com o coração bem satisfeito. Quando ele estava lá sentado, ó filho de Kunti, uma brisa deliciosa, agradável, e auspiciosa, portando o perfume de muitas espécies de flores, começou a soprar suavemente, refrescando os membros de Gautama e enchendo-o de prazer celestial, ó monarca! Abanado por aquela brisa perfumada o Brahmana ficou revigorado, e pelo prazer que sentiu ele logo adormeceu. Enquanto isso o sol se pôs atrás das colinas Asta. Quando o luminar resplandecente entrou em seus aposentos no oeste e a hora do crepúsculo chegou, uma ave, que era a principal de sua espécie, voltou para aquele local, o qual era sua casa, das regiões de Brahman. Seu nome era Nadijangha e ele era um caro amigo do criador. Ele era um príncipe dos Grous, possuidor de grande sabedoria, e um filho do (sábio) Kasyapa. Ele era também muito conhecido na terra pelo nome de Rajadharman. De fato, ele superava todos na terra em fama e sabedoria. Filho de uma donzela celeste, possuidor de grande beleza e erudição, ele parecia com um celestial em esplendor. Enfeitado com muitos ornamentos que ele usava e que eram tão brilhantes quanto o próprio sol, aquele filho de uma donzela celeste parecia resplandecer com beleza. Vendo aquela ave chegando naquele local, Gautama ficou cheio de admiração. Esgotado com fome e sede, o Brahmana começou a olhar para a ave pelo desejo de matá-la.'"

"Rajadharman disse, 'Bem vindo, ó Brahmana! Por boa sorte eu tenho a ti hoje em minha residência. O sol se pôs. O crepúsculo noturno chegou. Tendo chegado à minha residência, tu és hoje meu convidado caro e excelente. Tendo recebido meu culto segundo os ritos prescritos nas escrituras, tu poderás partir para onde desejas ir amanhã de manhã.'"

170

“Bhishma disse, ‘Ouvindo essas palavras gentis, Gautama ficou muito admirado. Sentindo ao mesmo tempo uma grande curiosidade, ele olhou para Rajadharman sem poder tirar seus olhos dele.’”

"Rajadharman disse, 'Ó Brahmana, eu sou o filho de Kasyapa com uma das filhas do (sábio) Daksha. Possuidor de grandes méritos, tu hoje és meu convidado. Tu és bem vindo, ó principal dos Brahmanas!'”

"Bhishma continuou, 'Tendo oferecido a ele hospitalidade segundo os ritos declarados nas escrituras, o grou fez uma cama excelente de flores Sala que haviam por toda parte. Ele também ofereceu a ele vários peixes grandes capturados das águas profundas do Bhagirathi. De fato, o filho de Kasyapa ofereceu, para a aceitação de seu convidado Gautama, um fogo ardente e certos peixes grandes. Depois que o Brahmana tinha comido e ficado satisfeito, a ave, possuindo riqueza de penitências, começou a abaná-lo com suas asas para afastar sua fadiga. Vendo seu convidado sentado tranquilamente, ele lhe perguntou sobre sua genealogia. O homem respondeu, dizendo, 'Eu sou um Brahmana conhecido pelo nome de Gautama,' e então ficou calado. A ave deu para seu convidado uma cama macia feita de folhas e perfumada com muitas flores fragrantes. Gautama se deitou nela, e sentiu grande felicidade. Quando Gautama tinha se deitado, o eloquente filho de Kasyapa, que parecia com o próprio Yama em seu conhecimento de deveres, perguntou a ele sobre a causa de sua chegada lá. Gautama respondeu, dizendo, 'Eu sou, ó tu de grande alma, muito pobre. Para ganhar riqueza, eu estou desejando ir para o oceano.' O filho de Kasyapa disse alegremente a ele: 'Não cabe a ti sentir qualquer ansiedade. Tu terás êxito, ó principal dos Brahmanas, e voltarás para casa devidamente. O sábio Vrihaspati falou de quatro tipos de meios para a aquisição de riqueza, isto é, herança, acessão repentina devido à sorte ou ao favor dos deuses, aquisição por meio de trabalho, e aquisição através ajuda ou bondade de amigos. Eu me tornei teu amigo. Eu nutro bons sentimentos por ti. Eu irei, portanto, me esforçar de tal maneira que tu possas conseguir adquirir riqueza.’ A noite passou e a manhã chegou. Vendo seu convidado se levantar alegremente de cama, a ave se dirigiu a ele, dizendo, 'Vá, ó amável, por essa mesma rota e tu com certeza serás bem sucedido. À distância de cerca de três Yojanas deste local, há um rei poderoso dos Rakshasas. Possuidor de grande força, seu nome é Virupaksha, e ele é um amigo meu. Vá até ele, ó principal dos Brahmanas! Aquele comandante, induzido pelo meu pedido, irá, sem dúvida, te dar tanta riqueza quanto tu desejares.' Assim endereçado, ó rei, Gautama partiu alegremente daquele local, comendo no caminho, até se saciar, frutas doces como ambrosia. Contemplando as árvores de sândalo e aloés e bétulas que ficavam ao longo da estrada, e desfrutando de suas sombras refrescantes, o Brahmana procedeu rapidamente. Ele então alcançou a cidade conhecida pelo nome de Meruvraja. Ela tinha grandes pórticos feitos de pedra, e muros altos do mesmo material. Era também cercada por todos os lados

por uma trincheira, e grandes pedaços de rocha e máquinas de muitos tipos eram mantidas preparadas sobre os terraplenos. Ele logo se tornou conhecido ao chefe Rakshasa de grande inteligência, ó rei, como um convidado querido enviado a ele pelo amigo do comandante (o Grou). O dirigente recebeu Gautama muito alegremente. O rei dos Rakshasas então, ó Yudhishthira, ordenou seus servidores, dizendo, 'Que Gautama seja logo trazido do portão para cá.' Por ordem do rei, certas pessoas, rápidas como falcões, saíram do palácio esplêndido de seu soberano, e procederam para o portão abordado por Gautama. Os mensageiros reais, ó monarca, disseram àquele Brahmana, 'Venha rapidamente, o rei deseja ver-te. Tu deves ter ouvido falar do rei dos Rakshasas, de nome Virupaksha, possuidor de grande coragem. Ele mesmo está impaciente para te ver. Venha rapidamente e não demore.' Assim endereçado, o Brahmana, esquecendo seu cansaço em sua surpresa, correu com os mensageiros. Vendo a grande riqueza da cidade, ele ficou maravilhado. Logo ele entrou no palácio do rei na companhia dos mensageiros ansioso para ver o rei dos Rakshasas.'"

171

"Bhishma disse, 'Levado para um aposento espaçoso, Gautama foi apresentado para o rei dos Rakshasas. Adorado pelo último (com as oferendas usuais), ele tomou seu assento em um assento excelente. O rei perguntou a ele sobre a linhagem de seu nascimento e suas práticas, seu estudo dos Vedas e sua observância do voto Brahmacharya. O Brahmana, no entanto, sem responder as outras perguntas, somente declarou seu nome e linhagem. O rei, tendo averiguado somente o nome e a linhagem de seu convidado, e vendo que ele era desprovido de esplendor Brahmânico e estudos Védicos, perguntou em seguida sobre o país de sua residência.'"

"O Rakshasa disse, 'Onde é tua residência, ó abençoado, e a qual tribo tua esposa pertence? Nos diga realmente, não temas. Confie em nós sem ansiedade.'"

"Gautama disse, 'Eu pertenço por nascimento ao País do Meio. Eu vivo em uma aldeia de caçadores. Eu me casei com uma esposa Sudra que era viúva. Tudo isso que eu te digo é a verdade.'"

"Bhishma continuou, 'O rei então começou a refletir quanto ao que ele deveria fazer. De fato, o rei começou a pensar como ele poderia conseguir adquirir mérito. Ele disse para si mesmo, 'Este homem é por nascimento um Brahmana. Ele é, também, um amigo de Rajadharman de grande alma. Ele foi enviado para mim por aquele filho de Kasyapa. Eu devo fazer o que é agradável para meu amigo. Ele é meu amigo muito íntimo. De fato, ele é meu irmão, e um parente querido. Ele é realmente um amigo do meu coração. Neste dia do mês de Kartika, mil Brahmanas da ordem principal devem ser entretidos em minha casa. Este Gautama também será entretido com eles e eu darei riqueza para ele também. Este é um dia sagrado. Gautama veio para cá como um convidado. A riqueza que

é para ser doada (para os Brahmanas), está preparada. O que há então para se pensar?' Exatamente naquela hora mil Brahmanas, possuidores de grande erudição, com corpos purificados por banhos e enfeitados (com pasta de sândalo e flores) e vestidos em longos mantos de linho, chegaram ao palácio. O rei Rakshasa Virupaksha, ó monarca, recebeu os convidados, quando eles chegaram, devidamente e segundo os ritos prescritos nas escrituras. Por ordem do rei, peles foram espalhadas para eles. Os empregados reais então, ó melhor dos Bharatas, colocaram esteiras de erva Kusa sobre o solo. (Em tais festas, Hindus, até hoje, sentam em assentos separados quando comendo. Se alguém toca o assento de outro, ambos se tornam impuros e não podem comer mais. Antes de comer, no entanto, quando conversando ou ouvindo, os convidados podem ocupar um assento em comum, isto é, uma grande esteira ou cobertor ou tecido, etc. espalhado sobre o solo.) Aqueles principais dos Brahmanas, tendo sido devidamente adorados pelo rei se sentaram naqueles assentos. O chefe Rakshasa mais uma vez cultuou seus convidados, como estipulado pela ordenança, com sementes de gergelim, folhas verdes de ervas, e água. Alguns entre eles foram selecionados para representar os Viswedevas, os Pitris, e as divindades do fogo. Eles foram cobertos com pasta de sândalo, e flores foram oferecidas para eles. Eles foram também adorados com outras espécies de oferendas valiosas. Depois de tal culto, cada um deles parecia tão refulgente quanto a lua no firmamento. Então pratos de ouro brilhantes e polidos, adornados com gravuras, e cheios de alimento excelente preparado com ghee e mel, foram dados àqueles Brahmanas. Todos os anos (nos dias de lua cheia) dos meses de Ashadha e Magha, um grande número de Brahmanas costumava receber do chefe Rakshasa, depois das honras apropriadas, os melhores tipos de comida que eles desejavam. Especialmente no dia da lua cheia do mês de Kartika, depois do término do outono, o rei costumava dar para os Brahmanas muita riqueza de diversos tipos, incluindo ouro, prata, pedras preciosas, jóias, pérolas, diamantes de grande valor, pedras da variedade lápis lazúli, camurças, e peles de veado Ranku. De fato, ó Bharata, separando uma pilha de riqueza de muitas espécies para dá-la como Dakshina (para seus convidados regenerados), o poderoso Virupaksha, se dirigindo àqueles principais dos Brahmanas, disse a eles, 'Peguem tanto destas jóias e pedras preciosas quanto vocês desejarem e possam esperar carregar.' E ele também costumava dizer a eles, ó Bharata, estas palavras: 'Levando aqueles pratos e recipientes de ouro que vocês usaram para seu jantar, partam, ó principais dos Brahmanas.' Quando estas palavras foram proferidas pelo rei Rakshasa de grande alma (na ocasião daquele banquete específico), aqueles touros entre Brahmanas pegaram tanta riqueza quanto cada um desejava. Cultuados com aquelas pedras preciosas e jóias valiosas, aqueles melhores dos Brahmanas, vestidos em mantos excelentes, se encheram de alegria. Mais uma vez, o rei Rakshasa, tendo reprimido os Rakshasas que tinham ido para seu palácio de diversas terras, se dirigiu àqueles Brahmanas e disse, 'Somente neste dia, ó regenerados, vocês não precisam ter medo dos Rakshasas aqui. Divirtam-se como desejarem, e então vão embora rapidamente.' Os Brahmanas então, deixando aquele local, partiram em todas as direções com grande velocidade. Gautama também, tendo pegado uma pesada quantidade de ouro sem qualquer perda de tempo, foi embora. Carregando a carga com dificuldade, ele alcançou

aquela mesma banian (sob a qual ele tinha encontrado o grou). Ele se sentou, fatigado, cansado pelo esforço, e faminto. Enquanto Gautama estava descansando lá, aquela melhor das aves, isto é, Rajadharman, ó rei, chegou lá. Dedicado aos amigos, ele alegrou Gautama por lhe dar boas vindas. Por agitar suas asas ele começou a abanar seu convidado e dissipou sua fadiga. Possuidor de grande inteligência, ele adorou Gautama, e fez arranjos para sua alimentação. Tendo comido e se refrescado, Gautama começou a pensar, 'Pesada é esta carga que eu peguei de ouro brilhante, movido por cobiça e tolice. Eu tenho um longo caminho para viajar. Eu não tenho alimento com o qual manter a vida em meu caminho. O que eu devo fazer para manter a vida?' Estes eram seus pensamentos então. E aconteceu que mesmo depois de pensar muito ele fracassou em ver algum alimento que ele pudesse comer no caminho. Ingrato como ele era, ó tigre entre homens, este foi o pensamento que ele então concebeu, 'Este príncipe dos grous, tão grande e contendo grande quantidade de carne, permanece ao meu lado. Matando-o e ensacando-o, eu deixarei este lugar e seguirei com grande velocidade.'"

172

"Bhishma disse, 'Lá, sob aquela banian, para a proteção de seu convidado, o príncipe das aves tinha acendido e mantido um fogo com chamas altas e brilhantes. (É dito que Agni ou fogo é uma divindade que tem Vayu (o deus do vento) como seu cocheiro. O costume, até hoje, com todos os viajantes na Índia é acender um grande fogo quando eles têm que passar a noite em bosques e florestas ou lugares inabitados. Tais fogos sempre conseguem espantar animais selvagens. De fato, até tigres, vagando com fome, não se aproximam do lugar onde um fogo brilhante é mantido.) Em um lado do fogo, a ave dormiu confiantemente. O patife ingrato e de alma pecaminosa se preparou para matar seu anfitrião adormecido. Com a ajuda daquele fogo ardente ele matou a ave confiante, e tendo-a matado, se encheu de deleite, nunca pensando que havia pecado no que ele fez. Tirando as penas e as penugens, ele assou a carne naquele fogo. Então pegando o ouro que ele tinha trazido, o Brahmana saiu rapidamente daquele local. No dia seguinte, o rei Rakshasa, Virupaksha, se dirigindo a seu filho, disse, 'Ai, ó filho, eu não vejo Rajadharman, aquela melhor das aves, hoje. Todas as manhãs ele viaja para as regiões de Brahman para adorar o Avô. Quando volta, ele nunca vai para casa sem me fazer uma visita. Essas duas manhãs e duas noites se passaram sem ele ter vindo à minha residência. Minha mente, portanto, não está em paz. Que se pergunte pelo meu amigo. Gautama, que veio aqui, não tem estudos Védicos e é desprovido de esplendor Brahmânico. Ele encontrou seu caminho para a residência de meu amigo. Eu temo imensamente que aquele pior dos Brahmanas tenha matado Rajadharman. De práticas más e mente pecaminosa, eu o leio através dos sinais que ele mostra. Sem compaixão, de aparência cruel e lúgubre, e perverso, aquele mais vil dos homens é como um ladrão. Aquele Gautama foi à residência de meu amigo. Por esta razão, meu coração está extremamente ansioso. Ó filho,

procedendo com grande velocidade à residência de Rajadharman, averigúe se aquela ave de alma pura ainda está viva. Não demore.' Assim endereçado por seu pai, o príncipe, acompanhado por outros Rakshasas, procedeu com grande velocidade. Chegando ao pé daquela banian, ele viu os restos de Rajadharman. Chorando pela angústia, o filho do inteligente rei dos Rakshasas correu com grande velocidade e ao máximo de seu poder, para agarrar Gautama. Os Rakshasas não tinham ido longe quando eles conseguiram pegar o Brahmana e descobrir o corpo de Rajadharman desprovido de asas, ossos, e pés. Levando o cativo com eles, os Rakshasas voltaram rapidamente para Meruvraja, e mostraram para o rei o corpo mutilado de Rajadharman, e aquele canalha ingrato e pecaminoso, Gautama. Contemplando os restos de seu amigo, o rei, com seus conselheiros e sacerdote, começou a lamentar alto. De fato, alta era a voz de lamentação que foi ouvida em sua residência. A cidade inteira do rei Rakshasa, homens, mulheres, e crianças, ficou mergulhada na dor. O rei então se dirigiu a seu filho, dizendo, 'Que este canalha pecaminoso seja morto. Que estes Rakshasas aqui se banqueteiem alegremente da carne dele. De atos pecaminosos, de hábitos pecaminosos, de alma pecaminosa, e habituado ao pecado, este patife, eu penso, deve ser morto por vocês.' Assim endereçados pelo rei Rakshasa, muitos Rakshasas de bravura terrível expressaram sua repugnância em comer a carne daquele pecador. De fato, aqueles viajantes da noite, dirigindo-se ao seu rei, disseram, 'Que este mais vil dos homens seja dado aos ladrões!' Curvando suas cabeças para seu rei, eles lhe disseram isso, acrescentando, 'Não cabe a ti nos dar este canalha pecaminoso como nossa comida.' O rei disse a eles, 'Que seja assim! Que este indivíduo ingrato seja dado aos ladrões então sem demora.' Assim endereçados por ele, os Rakshasas armados com lanças e machados de batalha cortaram aquele patife pecaminoso em pedaços e os deram aos ladrões. Aconteceu, no entanto, que os próprios ladrões se recusaram a comer a carne daquele homem vil. Embora canibais, ó monarca, eles não comeriam uma pessoa ingrata. Para alguém que mata um Brahmana, para alguém que bebe álcool, para alguém que rouba, para alguém que abandonou um voto, há expiação, ó rei. Mas não há expiação para uma pessoa ingrata. O homem cruel e vil que fere um amigo e se torna ingrato não é comido pelos próprios canibais nem pelos vermes que se alimentam de carniça.'"

173

"Bhishma disse, 'O rei Rakshasa então ordenou que fosse feita uma pira mortuária para aquele príncipe dos grous e a enfeitou com jóias e pedras preciosas, e perfumes, e mantos caros. Ateando fogo a ela com o corpo daquele príncipe das aves, o chefe poderoso dos Rakshasas fez com que os ritos fúnebres de seu amigo fossem realizados de acordo com a ordenança. Naquela hora, a auspiciosa deusa Surabhi (a vaca celeste), a filha de Daksha, apareceu no céu acima do lugar onde a pira havia sido montada. Seus peitos estavam cheios de leite. De sua boca, ó monarca impecável, espuma misturada com leite caiu sobre a pira mortuária de Rajadharman. Nisto, o príncipe das aves reviveu. Erguendo-se,

ele se aproximou de seu amigo Virupaksha, o rei dos Rakshasas. Naquela hora, o próprio chefe dos celestiais chegou à cidade de Virupaksha. Dirigindo-se ao rei Rakshasa, Indra disse, 'Por boa sorte, tu ressuscitaste o príncipe dos grous.' O chefe das divindades em seguida narrou para Virupaksha a velha história da maldição proferida pelo Avô sobre aquela melhor das aves chamada Rajadharman. Dirigindo-se ao rei ele disse, 'Uma vez, ó monarca, este príncipe dos grous se ausentou da região de Brahman (quando sua presença era esperada). Enfurecido o Avô disse a este príncipe das aves, 'Já que este grou vil não se apresentou hoje na minha assembléia, portanto, ele de alma má não morrerá logo (para poder deixar a terra).' Por causa daquelas palavras do Avô, o príncipe dos grous, embora morto por Gautama, voltou à vida, pela virtude do néctar com o qual seu corpo foi molhado.' Depois que Indra tinha ficado silencioso, Rajadharman, tendo reverenciado o chefe dos celestiais, disse 'Ó principal dos deuses, se teu coração estiver inclinado em direção a mim com benevolência, então que meu querido amigo Gautama seja ressuscitado!' Ouvindo estas palavras dele, Vasava, ó principal dos homens, salpicou néctar sobre o Brahmana Gautama e lhe devolveu a vida. O príncipe dos grous, se aproximando de seu amigo Gautama, que ainda portava em seus ombros a carga de ouro (que ele tinha conseguido do rei dos Rakshasas) o abraçou e sentiu grande alegria. Rajadharman, aquele príncipe dos grous, se despedindo de Gautama de atos pecaminosos, junto com sua riqueza, voltou para sua própria residência. Na hora devida ele viajou (no dia seguinte) para a região do Avô. O último honrou a ave de grande alma com tais atenções como as que são mostradas para um convidado. Gautama também, voltando para sua casa na aldeia dos caçadores, gerou muitos filhos pecaminosos em sua mulher Sudra. Uma maldição pesada foi proferida sobre ele pelos deuses no sentido de que, dentro de poucos anos, tendo gerado no corpo de sua esposa casada novamente muitos filhos, aquele pecador ingrato cairia em um inferno terrível por muitos anos. Tudo isso, ó Bharata, foi narrado para mim antigamente por Narada. Lembrando dos incidentes desta história séria, ó touro da raça Bharata, eu narrei para ti todos os seus detalhes devidamente. De onde uma pessoa ingrata pode derivar fama? Onde é seu lugar? De onde ela pode ter felicidade? Uma pessoa ingrata não merece confiança. Alguém que é ingrato nunca pode escapar. Nenhuma pessoa deve ferir um amigo. Quem fere um amigo cai em um inferno terrível e eterno. Todos devem ser gratos e todos devem procurar beneficiar seus amigos. Tudo pode ser obtido de um amigo. Honras podem ser obtidas de amigos. Pelos amigos alguém pode desfrutar de vários objetos de prazer. (Honras, etc., podem ser obtidas através de amigos, isto é, os últimos podem dar riqueza ou colaborar para sua aquisição.) Pelos esforços de amigos, alguém pode escapar de vários tipos de perigo e infortúnio. Quem é sábio honrará seus amigos com suas melhores atenções. Um indivíduo mal-agradecido, sem vergonha, e pecaminoso, deve ser evitado por aqueles que são sábios. Aquele que fere seus amigos é um patife de sua raça. Tal indivíduo pecaminoso é o mais vil dos homens. Eu assim te disse, ó principal de todos os homens virtuosos, quais são as características daquele canalha pecaminoso que é maculado pela ingratidão e que fere seus amigos. O que mais tu desejas ouvir?'"

"Vaisampayana continuou, 'Ouvindo estas palavras faladas por Bhishma de grande alma, Yudhishthira, ó Janamejaya, ficou muito satisfeito.'"

174

(Mokshadharma Parva)

"Yudhishthira disse, 'Ó avô, tu falaste sobre os deveres auspiciosos (da pessoa em infortúnio) ligados com os deveres de reis. Cabe a ti agora, ó rei, me falar daqueles principais dos deveres que pertencem àqueles que levam os (quatro) modos de vida.'"

"Bhishma disse, 'A religião tem muitas portas. A observância (dos deveres prescritos pela) religião nunca pode ser inútil. Deveres foram declarados em relação a todos os modos de vida. (Os resultados daqueles deveres são invisíveis, sendo obteníveis no mundo seguinte.) Os resultados, no entanto, da Penitência dirigida para a alma são obteníveis neste mundo. Qualquer que seja o objetivo ao qual alguém se dedique, aquele objetivo, ó Bharata, e nada mais, parece para ele como a maior das aquisições repleta das maiores bênçãos. Quando uma pessoa reflete apropriadamente (seu coração sendo purificado por tal reflexão), ela vem a saber que as coisas deste mundo são tão sem valor quanto palha. Sem dúvida, ela é então libertada do apego em relação àquelas coisas. Quando o mundo, ó Yudhishthira, o qual é cheio de defeitos, é assim constituído, todo homem de inteligência deve se esforçar para obter a emancipação de sua alma.'"

"Yudhishthira disse, 'Diga-me, ó avô, por qual disposição de alma alguém deve matar a própria angústia quando ele perde sua riqueza, ou quando sua esposa, ou filho, ou pai, morre.'"

"Bhishma disse, 'Quando a riqueza é perdida, ou a esposa ou filho ou pai está morto, um homem certamente diz a si mesmo 'Ai, esta é uma grande tristeza!' Mas então ele deve, pela ajuda de reflexão, procurar matar aquela tristeza. Em relação a isto é citada a antiga história do discurso que um regenerado amigo dele, chegando à corte de Senajit, fez para aquele rei. Vendo o monarca agitado pelo sofrimento e queimando de tristeza por causa da morte de seu filho, o Brahmana se dirigiu àquele soberano de coração muito triste e disse estas palavras, 'Por que tu estás entorpecido? Tu és sem qualquer inteligência. Tu mesmo um objeto de tristeza, por que tu te afliges (por outros)? Daqui a poucos dias outros irão chorar por ti, e por sua vez eles serão pranteados por outros. Tu mesmo, eu mesmo, e outros que te servem, ó rei, iremos todos para aquele local de onde todos nós viemos.'"

"Senajit disse, 'Qual é aquela inteligência, qual é aquela penitência, ó Brahmana erudito, qual é aquela concentração mental, ó tu que tens riqueza de ascetismo, qual é aquele conhecimento, e qual é aquela erudição, por adquirir a qual tu não te entregas à tristeza?'"

"O Brahmana disse, 'Veja, todas as criaturas, as superiores, as medianas, e as inferiores, por causa de suas respectivas ações, estão envolvidas na tristeza. Eu não considero nem o meu próprio eu como meu. Por outro lado, eu considero o mundo inteiro como meu. Eu também penso que tudo isso (que eu vejo) é tanto meu quanto ele pertence a outros. A aflição não pode se aproximar de mim por causa deste pensamento. Tendo obtido tal compreensão, eu não cedo nem à alegria nem à tristeza. Como dois pedaços de madeira flutuando no oceano se unem em um momento e são novamente separados, exatamente assim é a união das criaturas (viventes) neste mundo. Filhos, netos, amigos, e parentes são todos desse tipo. Uma pessoa nunca deve sentir afeição por eles, pois a separação com eles é certa. Teu filho veio de uma região invisível. Ele partiu e se tornou invisível. Ele não te conheceu. Tu não o conheceste. Quem és tu e por quem tu sofres? A dor surge da doença constituída pelo desejo. Felicidade também provém da doença do desejo sendo curada. Da alegria também surge tristeza, e então tristeza surge repetidamente. A tristeza vem depois da alegria, e a alegria depois da tristeza. As alegrias e tristezas dos seres humanos estão girando em uma roda. Depois da felicidade a tristeza veio para ti. Tu terás a felicidade novamente. Ninguém sofre de tristeza para sempre, e ninguém desfruta de felicidade para sempre. O corpo é o refúgio de ambas, tristeza e alegria. (E não a Alma. Com a morte do corpo alegria e tristeza desaparecem.) Quaisquer atos que uma criatura incorporada faça com a ajuda de seu corpo, as consequências disso ela tem que sofrer naquele corpo. A vida surge com o surgimento do corpo. Os dois existem juntos, e os dois perecem juntos. Homens de almas impuras, unidos a coisas mundanas por vários vínculos, encontram com a destruição como diques de areia em água. Dores de vários tipos, nascidas da ignorância, agem como prensadores de sementes oleaginosas, por atacarem todas as criaturas por causa de seus apegos. Estas as pressionam como sementes oleaginosas na máquina de fazer óleo representada pela sucessão de renascimentos (à qual elas estão sujeitas). Um homem, por causa de sua esposa (e outros), comete numerosas ações más, mas sofre sozinho diversos tipos de miséria neste e no mundo seguinte. Todos os homens, apegados a filhos e esposas e amigos e parentes, afundam no mar lamacento da dor como elefantes selvagens, quando desprovidos de força, afundando em um pântano lodoso. De fato, ó senhor, pela perda de riqueza ou filhos ou amigos ou parentes, um homem sofre grande angústia, a qual parece, em relação ao seu poder de queimar, uma conflagração na floresta. Todos estes, isto é, alegria e dor, existência e não-existência, dependem do destino. Alguém que tem amigos assim como alguém que não os tem, alguém que tem inimigos assim como alguém desprovido de inimigos, alguém que tem sabedoria assim como alguém desprovido de sabedoria, todos e cada um entre estes obtém felicidade através do destino. Amigos não são a causa da felicidade de uma pessoa. Inimigos não são a causa da miséria de uma pessoa. A sabedoria não é competente para trazer uma acessão de riqueza; nem a riqueza é competente para trazer uma acessão de felicidade. A inteligência não é a causa da riqueza, nem a estupidez é a causa da pobreza. Somente aquele que é possuidor de sabedoria, e ninguém mais, compreende a ordem do mundo. Entre o inteligente, o heróico, o tolo, o covarde, o idiota, o erudito, o fraco, ou o forte, a felicidade vai àquele para quem ela está ordenada. Entre o bezerro, o vaqueiro que a possui, e

o ladrão, a vaca de fato pertence àquele que bebe seu leite. Aqueles cuja compreensão está absolutamente inativa, e aqueles que alcançaram aquele estado da mente que está além da esfera do intelecto, conseguem desfrutar de felicidade. Somente aqueles que estão entre as duas classes estão sujeitos à tristeza. (Há quatro estágios de consciência. Estes são vigília, sonho, sono profundo ou sem sonhos, e Turiya ou Samadhi absoluto, o qual somente o Yogin pode alcançar.) Aqueles que possuem sabedoria se deleitam nos dois extremos, (sono sem sonhos e Turiya ou Samadhi), mas não nos estados que são intermediários (vigília e sono com sonhos). Os sábios dizem que o alcance de algum destes dois extremos constitui felicidade. Miséria consiste nos estados intermediários entre os dois. Aqueles que conseguiram alcançar a felicidade real (que o samadhi pode trazer), e que se tornaram livres dos prazeres e dores deste mundo, e que são desprovidos de inveja, nunca são agitados pela aquisição de riqueza ou por sua perda. Aqueles que não conseguiram obter aquela inteligência a qual leva à felicidade verdadeira, mas que superaram a tolice e a ignorância (pela ajuda de um conhecimento das escrituras), dão vazão à alegria excessiva e à tristeza excessiva. Homens desprovidos de todas as noções de bem ou mal, insensatos com orgulho e com sucesso sobre outros, se entregam a êxtases de deleite como os deuses no céu. (Orgulho por terem insultado ou humilhado outros, e sucesso sobre outros tais como vitórias em batalha e outros negócios do mundo.) Felicidade deve terminar em miséria. Ociosidade é miséria; enquanto inteligência (em ação) é a causa da felicidade. Riqueza e prosperidade moram em alguém que possui inteligência, mas não em alguém que é indolente. Seja felicidade ou tristeza, seja agradável ou desagradável, o que vem para alguém deve ser desfrutado ou suportado com um coração invicto. Todos os dias mil motivos para tristeza, e cem motivos para o medo assaltam o homem de ignorância e tolice, mas não o homem que possui sabedoria. A tristeza nunca pode tocar o homem que é possuidor de inteligência, que adquiriu sabedoria, que é atento em escutar as instruções dos seus superiores, que é desprovido de inveja, e que é autocontrolado. Confiando em tal compreensão, e protegendo seu coração (das influências do desejo e das paixões), o homem de sabedoria deve se comportar aqui. De fato, a tristeza não pode tocar aquele que conhece aquele Ser Supremo do qual tudo surge e no qual tudo desaparece. A própria base daquilo pelo qual a dor, ou ressentimento, ou tristeza é sentida ou pelo qual uma pessoa é impelida para o esforço, deve, mesmo se ela for uma parte do corpo, ser rejeitada. Aquele objeto, o que quer que ele possa ser, em relação ao qual a idéia de ‘meu’ é nutrida, se torna uma fonte de dor e ciúme. Quaisquer objetos, entre as coisas que são desejadas, que são abandonados se tornam fontes de felicidade. O homem que persegue objetos de desejo encontra com a destruição no decorrer da busca. Nem a felicidade que é derivada de uma satisfação dos sentidos nem aquela grande felicidade que alguém pode desfrutar no céu, se aproxima de uma décima sexta parte da felicidade que provém da destruição de todos os desejos. As ações de uma vida passada, boas ou más, visitam, em suas consequências, os sábios e os tolos, os valentes e os medrosos. É assim que a alegria e a tristeza, o agradável e o desagradável, constantemente revolvem (como em uma roda) entre as criaturas vivas. Confiando em tal compreensão, o homem de inteligência e sabedoria vive em paz. Uma pessoa deve desprezar todos os seus desejos, e

nunca permitir que sua raiva leve a melhor sobre si. Esta ira surge no coração e cresce lá em vigor e exuberância. Esta ira que mora nos corpos de homens e nasce em suas mentes, é citada pelos sábios como a Morte. Quando uma pessoa consegue se afastar de todos os seus desejos como uma tartaruga recolhendo todos os seus membros, então sua alma, que é autoluminosa, consegue olhar dentro de si mesma. (Em todos os tratados sobre Yoga, é dito que quando é passado o primeiro estágio, o neófito consegue olhar para seu próprio eu. O significado parece ser que ele experimenta um tipo de existência dupla de modo que ele tem êxito em ele mesmo olhar para seu próprio eu.) Aquele objeto, o que quer que ele possa ser, em relação ao qual a idéia de 'meu' é nutrida, se torna uma fonte de dor e ciúmes. Quando uma pessoa não sente medo, e não é temida por ninguém, quando ela não nutre desejo e nem aversão, é dito que ela então alcançou o estado de Brahma. Rejeitando verdade e mentira, dor e alegria, medo e coragem, o agradável e o desagradável, tu poderás te tornar de alma tranquila. Quando uma pessoa se abstém de fazer mal para qualquer criatura, em pensamentos, palavras, ou ações, ela então alcançou o estado de Brahma. A felicidade verdadeira é daquele que pode rejeitar aquela sede a qual não pode ser rejeitada pelos desencaminhados, que não diminui com a velhice, e que é considerada como uma doença fatal. Em relação a isto, ó rei, são ouvidos os versos cantados por Pingala sobre a maneira na qual ela obteve mérito eterno mesmo em um momento que tinha sido muito desfavorável. A uma mulher decaída de nome Pingala, tendo ido ao lugar de um encontro, foi negada a companhia de seu amante por causa de um acidente. Naquela hora de grande tristeza, ela conseguiu obter tranquilidade de alma.'"

"Pingala disse, 'Ai, eu tenho vivido por muitos longos anos, todo o tempo tomada pela agitação, ao lado daquele Ser Querido em quem há somente tranquilidade. A Morte tem estado à minha porta. Antes disto, no entanto, eu não me aproximei daquela Essência de Pureza. Eu cobrirei esta casa de uma coluna e nove portas (por meio do Verdadeiro Conhecimento). (A casa referida é o corpo. A única coluna sobre o qual ele é mantido é a espinha dorsal, e as nove portas são os olhos, os ouvidos, as narinas, etc.) Qual mulher há que considera aquela Alma Suprema como seu marido querido, mesmo quando Ele se aproxima? (O sentido é que as mulheres sempre consideram seus amantes humanos como queridos sem considerarem dessa maneira o Ser Supremo, embora Ele esteja sempre com elas.) Agora eu estou desperta. Eu despertei do sono da ignorância. Eu não sou mais influenciada pelo desejo. Amantes humanos, que são realmente as formas incorporadas do inferno, não vão mais me enganar por se aproximarem de mim lascivamente. O mal produz bem através do destino ou dos atos de uma vida anterior. Despertada (do sono da ignorância), eu abandonei todo o desejo por objetos mundanos. Eu consegui um domínio completo sobre meus sentidos. Alguém livre de desejo e de expectativa dorme em felicidade. Liberdade de toda esperança e desejo é bem-aventurança. Tendo rejeitado desejo e esperança, Pingala dorme em bem-aventurança.'"

"Bhishma continuou, 'Convencido por estas e outras palavras proferidas pelo Brahmana erudito, o rei Senajit (rejeitando sua tristeza), sentiu deleite e ficou muito feliz.'"

175

"Yudhishthira disse, 'O Tempo, que destrói todas as coisas criadas, está passando. (Isto é, seguindo adiante, sem esperar por ninguém.) Diga-me, ó avô, qual é aquela coisa boa que deve ser procurada.'"

"Bhishma disse, 'Sobre isto, ó rei, é citada a narrativa antiga de uma conversa entre pai e filho, ó Yudhishthira! Certo Brahmana, ó Partha, que era dedicado ao estudo dos Vedas, tinha um filho muito inteligente que (por isso) era chamado de Medhavin (literalmente, inteligente). Um dia, o filho, bom conhecedor das verdades da religião da Emancipação, e conhecedor também dos assuntos do mundo, dirigiu-se a seu pai dedicado ao estudo dos Vedas.'"

"O filho disse, 'O que deve fazer um homem sábio, ó pai, vendo que o período de vida humana está passando tão rapidamente? Ó pai, me diga quais deveres ele deve realizar, sem omitir mencionar os resultados. Tendo te escutado, eu desejo cumprir aqueles deveres.'

"O pai disse, 'Ó filho, observando o modo de vida Brahmacharya, um homem deve primeiro estudar os Vedas. Ele deve então desejar filhos para resgatar seus antepassados. Estabelecendo seu fogo em seguida, ele deve procurar realizar os sacrifícios (prescritos) de acordo com os ritos devidos. Finalmente, ele deve entrar na floresta para se dedicar à contemplação.'"

"O filho disse, 'Quando o mundo está assim cercado por todos lados e é assim atacado, e quando tais coisas irresistíveis de consequências fatais caem sobre ele, como você pode dizer estas palavras tão calmamente?'

"O pai disse, 'Como o mundo é atacado? O que é aquilo pelo qual ele é cercado? Quais, também, são aquelas coisas irresistíveis de consequências fatais que caem sobre ele? Por que tu me assustas dessa maneira?'

"O filho disse, 'A Morte é aquilo pelo qual o mundo é atacado. A decrepitude o cerca. Aquelas coisas irresistíveis que vêm e vão são as noites (que estão diminuindo continuamente o período de vida humana). Quando eu sei que a Morte não tarda para ninguém (mas se aproxima firmemente em direção a todas as criaturas), como eu posso passar meu tempo sem me cobrir com o traje do conhecimento? Quando cada noite sucessiva, passando diminui o período determinado de existência de uma pessoa, o homem de sabedoria deve considerar o dia como inútil. (Quando a morte está se aproximando constantemente) quem há que iria, como um peixe em água rasa, se sentir feliz? A Morte vem para um homem antes de seus desejos estarem satisfeitos. A Morte arrebata uma pessoa quando ela está ocupada em colher flores e quando seu

coração está colocado em outras coisas, como uma tigresa levando um carneiro. A partir de hoje mesmo, realize aquilo que é para o teu bem. Não deixe esta Morte vir para ti. A Morte arrasta suas vítimas antes de suas ações estarem terminadas. As ações de amanhã devem ser feitas hoje, aquelas da tarde na manhã. A Morte não espera para ver se as ações de sua vítima foram todas concluídas ou não. Quem sabe se a Morte não virá a ele hoje mesmo? Na juventude uma pessoa deve se dedicar à prática de virtude. A vida é transitória. Se a virtude for praticada, fama aqui e felicidade após a morte serão as consequências. Dominado pela ignorância, um homem está disposto a se esforçar por seus filhos e esposas. Realizando atos virtuosos ou viciosos, ele os cria e os engrandece. Como um tigre levando um veado adormecido, a Morte arrebata o homem afeito à satisfação dos desejos e ocupado no desfrute de filhos e animais. Antes que ele tenha podido colher as flores sobre as quais ele colocou seu coração, antes que ele esteja satisfeito pela aquisição dos objetos de seu desejo, a Morte o leva embora como um tigre leva sua presa. A Morte domina um homem enquanto o último ainda está em meio à felicidade que advém da satisfação do desejo, e enquanto ainda pensando, 'Isso foi feito'; 'aquilo deve ser feito'; 'daquilo foi feito metade'.' A Morte leva o homem, embora designado segundo sua profissão, afeiçoado ao seu campo, sua loja, ou sua casa, antes que ele tenha obtido os frutos de suas ações. A Morte leva o fraco, o forte, o corajoso, o tímido, o idiota, e o erudito, antes que qualquer um deles obtenha os frutos de suas ações. Quando a morte, a decrepitude, a doença, e a tristeza proveniente de diversas causas, estão todas residindo em teu corpo, como é que tu vives como se tu fosses perfeitamente saudável? Logo que uma criatura nasce, Decrepitude e Morte a perseguem para (efetuar) sua destruição. Todas as coisas existentes, móveis e imóveis, são afetadas por estas duas. A afeição que alguém sente por morar em aldeias e cidades (em meio aos companheiros) é considerada como a própria boca da Morte. A floresta, por outro lado, é considerada como a cerca dentro da qual os sentidos podem ser confinados. Isto é declarado pelos Srutis. A atração que uma pessoa sente por residir em uma aldeia ou cidade (em meio a homens) é como uma corda que o ata efetivamente. Aqueles que são bons rompem aquela corda e alcançam a emancipação, enquanto aqueles que são maus não conseguem rompê-la. Aquele que nunca prejudica criaturas vivas por pensamentos, palavras, ou ações, nunca é prejudicado por agentes que destroem vida e propriedade. (Isto é, animais selvagens e homens sem lei.) Nada pode resistir aos mensageiros (doença e velhice) da Morte quando eles avançam exceto a Verdade a qual devora a Mentira. Na Verdade há imortalidade. Por essas razões uma pessoa deve praticar o voto de Verdade; ela deve se dedicar a uma união com a Verdade; ela se deve aceitar a Verdade como seu Veda; e reprimindo seus sentidos, ela deve derrotar o Destruidor por meio da Verdade. Morte e Imortalidade estão plantadas no corpo. Uma pessoa chega à Morte pela ignorância e perda de razão; enquanto a Imortalidade é alcançada através da Verdade. Eu, portanto, me absterei de ferir e procurarei alcançar a Verdade, e ultrapassando o domínio do desejo e da ira, considerarei prazer e dor da mesma maneira, e obtendo tranquilidade, evitarei a Morte como um imortal. Após a chegada daquela estação quando sol procede em direção ao norte, eu irei, controlando meus sentidos, me dedicar à realização do Sacrifício Santi, do Sacrifício Brahma, do Sacrifício da

Palavra, do Sacrifício da Mente, e do Sacrifício do Trabalho. (Santi é tranquilidade. O Sacrifício Santi é o esforço para praticar desprendimento em tudo; em outras palavras, reprimir todos os tipos de propensões ou inclinações. O Sacrifício Brahma é reflexão sobre as verdades declaradas nos Upanishads. O Sacrifício da Palavra consiste na recitação silenciosa (japa) do Pravana ou Om, o mantra inicial. O Sacrifício da Mente é contemplação da Alma Suprema. O Sacrifício do Trabalho consiste em banhos, asseio, e servir o preceptor.) Como alguém como eu pode cultuar seu Criador em sacrifícios de animais que envolvem crueldade, ou em sacrifícios do corpo, tais como somente Pisachas podem realizar e que produzem resultados que são transitórios? A pessoa cujas palavras, pensamentos, penitências, renúncia, e meditação yoga, todos se apóiam em Brahma, consegue ganhar o maior bem. Não há visão que seja igual (à visão do) Conhecimento. Não há penitência como (aquela envolvida em) Verdade. Não há tristeza igual (àquela envolvida em) apego. Não há felicidade (igual àquela que é obtenível da) renúncia. Eu nasci de Brahma através de Brahma. Eu me devotarei a Brahma, embora eu não tenha filhos. Eu voltarei para Brahma. Eu não preciso de um filho para me resgatar. Um Brahmana não pode ter riqueza semelhante ao estado de estar sozinho, o estado pelo qual ele é capaz de considerar tudo com um olhar imparcial, a prática de veracidade, bom comportamento, paciência, abstenção de injúria, simplicidade, e evitação de todos os ritos e sacrifícios visíveis. Que necessidade tu tens, ó Brahmana, de riqueza ou amigos e parentes, de esposas, quando tu terás que morrer? Procure teu Eu o qual está oculto em uma caverna. (Ou, procure Brahma em tua compreensão. A palavra Atman é frequentemente sinônimo de Eu Supremo.) Onde estão teus avôs e onde está teu pai?'"

"Bhishma continuou, 'Tu também, ó monarca, te comporte daquela maneira na qual o pai (nesta história), se comportou, devotado à religião da Verdade, depois de ter escutado ao discurso de seu filho.'"

176

"Yudhishthira disse, 'Diga-me, ó avô, de onde e como felicidade e tristeza vem para aqueles que são ricos, como também aqueles que são pobres, mas que vivem na observância de diferentes ritos e práticas.'"

(O comentador explica que o objetivo da pergunta de Yudhishthira é este: no capítulo ou lição anterior foi inculcado que uma pessoa pode procurar a aquisição da religião de moksha ou emancipação mesmo quando ela é jovem. Yudhishthira pergunta se a riqueza (tão necessária para a realização de sacrifícios) é necessária para a aquisição daquela religião. Se a riqueza for necessária, o homem pobre então não poderia obter aquela religião. Por isso a questão sobre o modo no qual alegria e tristeza vem para o rico e o pobre.)

"Bhishma continuou, 'Em relação a isto é citada a antiga narrativa do que foi cantado por Sampaka que tinha obtido tranquilidade e obtido emancipação por si mesmo. Nos tempos passados certo Brahmana, tornado miserável por uma má

esposa, mal vestido, e faminto, e vivendo na observância do voto de renúncia, me disse estes versos, 'Diversos tipos de tristeza e felicidade alcançam, desde o dia do nascimento, a pessoa que nasce sobre a terra. Se ela pudesse atribuir qualquer um dos dois à ação do Destino, ela então não se sentiria contente quando a felicidade viesse ou miserável quando a tristeza o alcançasse. Embora tua mente esteja desprovida de desejo, tu ainda carregas um fardo pesado. Tu não procuras conquistar teu bem (isto é, a emancipação). Tu não és bem sucedido em controlar tua mente? Se vagares, tendo renunciado à casa e posses desejáveis, tu provarás felicidade real. Uma pessoa privada de tudo dorme em felicidade, e desperta em felicidade. Completa pobreza, neste mundo, é felicidade. Ela é um bom regime, ela é uma fonte de bênçãos, ela é liberdade de perigo. Este caminho sem inimigos é inalcançável (por pessoas que nutrem desejo) e é facilmente alcançável (por aqueles que estão livres do desejo). Lançando meus olhos em todas as partes dos três mundos, eu não vejo a pessoa que é igual a um homem pobre de conduta pura e sem apego (a coisas mundanas). Eu pesei a pobreza e a soberania em uma balança. A pobreza pesou mais do que a soberania e pareceu possuir méritos maiores. Entre a pobreza e a soberania há esta grande diferença, isto é, que o soberano, possuidor de riqueza, está sempre agitado pela ansiedade e parece estar dentro das próprias mandíbulas da morte. Em relação, no entanto, ao homem pobre, que pela privação de toda a riqueza se livrou das esperanças e se emancipou, nem fogo, nem inimigo, nem morte, nem ladrões, podem levar a melhor sobre ele. Os próprios deuses louvam o homem que vaga de acordo com sua vontade amável, que deita no solo nu com seu braço como travesseiro, e que é possuidor de tranquilidade. Afetado por ira e cupidez, o homem de riqueza é maculado por um coração mau. Ele lança olhares oblíquos e fala secamente. Ele se torna pecaminoso, e seu rosto está sempre obscurecido por olhares carrancudos. Mordendo seus lábios, e excitado com cólera, ele profere palavras duras e cruéis. Mesmo se tal homem desejasse fazer um presente do mundo inteiro, quem há que gostaria até de olhar para ele? A companhia constante da Prosperidade estupefaz uma pessoa de raciocínio fraco. Ela leva embora sua razão assim como o vento soprando as nuvens outonais. A companhia da Prosperidade o induz a pensar, ‘Eu sou belo! Eu tenho riqueza! Eu sou nobre de nascimento! Eu tenho sucesso em tudo o que faço! Eu não sou um ser humano comum!’ Seu coração se intoxica por causa destas três razões. Com coração profundamente ligado a posses mundanas, ele desperdiça a riqueza acumulada por seus antepassados. Reduzido à pobreza, ele então considera a apropriação da riqueza de outras pessoas como inocente. Nesse estágio, quando ele ultrapassa todas as barreiras e seres para se apropriar das posses de outros de qualquer maneira, os soberanos de homens o impedem e afligem como caçadores afligindo com flechas afiadas um veado que é avistado nas florestas. Tal homem é então oprimido por muitas outras aflições de um tipo similar que se originam em fogo e armas. Portanto, desconsiderando todas as propensões mundanas (tais como desejo por filhos e esposas), junto com todas as irrealidades fugazes (tais como o corpo, etc.,) um homem deve, ajudado por sua inteligência, aplicar o remédio apropriado para a cura daquelas aflições dolorosas. Sem Renúncia uma pessoa nunca pode obter felicidade. Sem Renúncia nunca se pode obter o mais alto benefício. Sem Renúncia nunca se pode dormir tranquilamente.

Portanto, renunciando a tudo, faça tua a felicidade. Tudo isso foi dito para mim no passado em Hastinapura por um Brahmana, a respeito do que Sampaka tinha cantado. Por esta razão, eu considero a Renúncia como a coisa mais importante.'"

177

"Yudhishthira disse, 'Se uma pessoa, desejando realizar atos (de caridade e sacrifícios), fracassa em encontrar (a necessária) riqueza, e a sede por riquezas a oprime, o que é que ela deve fazer para obter felicidade?'"

"Bhishma disse, 'Aquele que considera tudo (isto é, alegria e tristeza, honra e insulto, etc.,) da mesma maneira, que nunca se esforça ele mesmo (para satisfazer seus desejos de posses mundanas), que pratica veracidade de palavras, que é livre de todos os tipos de apego, e que não tem desejo por ação, é, ó Bharata, um homem feliz. Estes cinco, dizem os antigos, são os meios para a aquisição de tranquilidade perfeita ou emancipação. Estes são chamados de Céu. Estes são Religião. Estes constituem a felicidade mais sublime. Em relação a isto é citada a velha narrativa do que Manki cantou, quando livre de apegos. Ouça, ó Yudhishthira! Desejoso de riqueza, Manki descobriu que ele estava fadado a ter decepções repetidamente. Finalmente com um pequeno resto de sua propriedade ele comprou um par de touros jovens com uma canga para treiná-los (para o trabalho agrícola). Um dia os dois touros devidamente atados à canga foram levados para treinamento (nos campos). Se assustando ao verem um camelo que estava deitado na estrada, os animais correram subitamente em direção ao camelo, e caíram sobre seu pescoço. Enfurecido ao perceber os touros caindo sobre seu pescoço, o camelo, dotado de grande velocidade, se ergueu e correu em um passo rápido, carregando as duas criaturas desamparadas pendendo de ambos os lados de seu pescoço. Vendo seus dois touros assim carregados para longe por aquele camelo forte, e vendo que eles estavam prestes a morrer, Manki começou a dizer, 'Se a riqueza não está ordenada pelo destino, ela nunca pode ser adquirida nem por um homem inteligente se esforçando com atenção e confiança e realizando com habilidade tudo o que é necessário para aquele objetivo. Eu, antes disto, tinha me esforçado por diversos meios e dedicação para ganhar riqueza. Vejam esta desgraça ocasionada pelo destino à propriedade que eu tinha! Meus touros estão sendo carregados, subindo e descendo, enquanto o camelo está correndo em um rumo irregular. Esta ocorrência parece ser um acidente. (Kakataliyam é, literalmente, 'da mesma maneira do corvo e do fruto de palmeira.' A história é que uma vez quando um corvo pousou sobre uma palmeira um fruto (que estava maduro) caiu. O fruto caiu por causa de sua madureza. Seria um erro aceitar o pouso do corvo como a causa da queda. O pouso foi somente um acidente. Contudo homens muito frequentemente, em investigar causas, aceitam acidentes em lugar de causas induzidoras. Tais homens são citados como enganados pela 'falácia do corvo e do fruto de palmeira.') Ai, aqueles meus touros preciosos estão balançando no pescoço do camelo como um par de jóias! Isto é somente o resultado do Destino. O esforço é inútil no que é devido ao Acaso. Ou, se a existência de alguma coisa como Esforço (como um agente na produção de

resultados) for admitida, uma busca mais profunda descobriria o Destino no fundo. (Esforço para ser bem sucedido deve depender de circunstâncias. A combinação de circunstâncias é destino.) Então, a pessoa que deseja felicidade deve renunciar a todo o afeto. O homem sem afetos, não mais nutrindo qualquer desejo de ganhar riqueza, pode dormir felizmente. Isto foi bem dito por Suka enquanto indo para a grande floresta a partir da residência de seu pai, renunciando a tudo! (É difícil resistir à crença de que muitas das passagens do Santi são adições posteriores. Suka era o filho de Vyasa. Citar um ditado de Suka (ou Sukadeva Goswanin como ele era chamado), se Vyasa foi o escritor real desta passagem, é um pouco suspeito.) Entre esses dois, isto é, alguém que obtém a realização de todos os seus desejos, e alguém que abandona todo o desejo, o último, que renuncia a tudo, é superior ao primeiro que obtém a realização de tudo. Ninguém pode alcançar ao fim do desejo. (Isto é, chegar a tal ponto que nada resta para ele desejar.) Somente quem é desprovido de conhecimento e bom senso sente uma avidez para proteger seu corpo e vida. Te abstenha de todo o desejo por ação. Ó minha Alma que estás possuída pela cupidez, adote a tranquilidade por te libertar de todos os apegos! Repetidamente tu tens sido enganada (por desejo e esperança). Como é que tu ainda não te libertaste dos apegos? Se eu não sou alguém que merece destruição nas tuas mãos, se eu sou alguém com quem tu deves te divertir em deleite, então, ó minha Alma que cobiça riqueza, não me induza em direção à cupidez. Tu tens perdido repetidamente tua riqueza acumulada. Ó minha Alma tola e cobiçosa de riqueza, quando tu conseguirás te emancipar do desejo de riqueza? Que vergonha para minha tolice! Eu me tornei teu brinquedo! É assim que alguém se torna escravo de outros. Ninguém nascido na terra alguma vez alcançou o fim do desejo, e ninguém que nascerá conseguirá alcançá-lo. Rejeitando todas as ações, eu finalmente fui despertado do sono. Agora eu estou desperto. Sem dúvida, ó Desejo, teu coração é tão duro quanto diamante, já que embora afetado por uma centena de angústias, tu não te partes em cem pedaços! Eu te conheço, ó Desejo, e todas aquelas coisas que te são caras! Procurando o que é caro para ti, eu sentirei felicidade em meu próprio Eu. (Isto é, com o propósito de te fazer bem, eu me emanciparei de todos os apegos e desfrutarei da bem-aventurança da tranquilidade.) Ó Desejo, eu conheço tua origem. Tu vens da Vontade. (Aqui a teoria do desejo parece ser virada em sentido contrário. Desejo é mero anseio por alguma coisa. Quando sua satisfação é procurada, a forma que ele assume é aquela de determinação ou vontade. Se, no entanto, Kama for aceito como o desejo formulado a respeito de objetos específicos, então, talvez, a Vontade pode ser considerada como sua fundação, pelo menos, em relação à aflição e dificuldades que vêm em seu séquito.) Eu irei, portanto, evitar a Vontade. Tu serás então destruído com tuas bases. O desejo por riqueza nunca pode estar repleto de felicidade. Se adquirida, grande é a ansiedade que sente quem a adquire. Se perdida depois de aquisição, isto é sentido como a morte. Por fim, a respeito da própria aquisição, ela é muito incerta. A riqueza não pode ser obtida nem pela rendição de uma pessoa. O que pode ser mais doloroso do que isto? Quando adquirida, uma pessoa nunca está satisfeita com sua quantidade, mas ela continua a procurá-la. Como a água doce do Ganges, a riqueza somente aumenta o desejo ardente de uma pessoa. Ela é minha destruição. Eu estou desperto agora. Ó Desejo, deixe-me! Que aquele

Desejo que se refugiou neste meu corpo, esta combinação de (cinco) elementos, vá para onde quer que ele escolha e viva alegremente onde quer que ele queira. Vocês todos que não são da Alma (isto é, todos os atributos que são fundados em Rajas e Tamas), eu não tenho alegria em vocês, porque vocês seguem o comando do Desejo e Cupidez! Abandonando todos vocês eu me refugiarei na qualidade de Bondade. Vendo todas as criaturas em meu próprio corpo e minha própria mente, (isto é, me identificando com todas as criaturas ou nunca tomando-as como distintas e separadas de mim; em outras palavras, professando e praticando o princípio de amor universal), e devotando minha razão ao Yoga, minha vida às instruções dos sábios, e alma à Brahma, eu vagarei alegremente pelo mundo, sem apego e sem calamidades de qualquer tipo, para que tu não possas mergulhar-me outra vez em tais tristezas! Se eu continuar a ser agitado por ti, ó Desejo, eu necessariamente não terei um caminho (pelo qual efetuar minha libertação). Tu, ó Desejo, és sempre o progenitor da sede, da aflição, e da fadiga e cansaço. Eu acho que a aflição que alguém sente pela perda de riqueza é muito forte e muito maior do que a que alguém sente sob quaisquer outras circunstâncias. Parentes e amigos desconsideram aquele que perdeu sua riqueza. Com vários tipos de humilhação que numeram às milhares, há muitos males nas posses que são mais dolorosos ainda. Por outro lado, a pequena felicidade que reside na riqueza está misturada com dor e tristeza. Ladrões matam, à vista de todos, a pessoa que possui riqueza, ou a afligem com vários tipos de severidade, ou sempre a enchem de medo. Finalmente, depois de um longo tempo, eu entendi que o desejo por riqueza está repleto de tristeza. Qualquer que seja o objeto, ó Desejo, sobre qual tu colocas teu coração, tu me forças a persegui-lo! Tu não tens bom senso. Tu és um tolo. Tu és difícil de ser contentado. Tu não podes ser satisfeito. Tu queimas como fogo. Tu não indagas (ao perseguir um objeto) se é fácil ou difícil de alcançá-lo. Tu não podes ser cheio até a borda, como a região inferior. Tu desejas mergulhar-me em tristeza. Desse dia em diante, ó Desejo, eu não posso viver contigo! Eu que tinha sentido desespero, a princípio, pela perda de minha propriedade, agora alcancei o estado sublime de liberdade perfeita de atrações. Neste momento eu não mais penso em ti e teu séquito. Eu, antes disso, senti grande tristeza por tua causa. Eu (agora) não me considero como desprovido de inteligência. Tendo adotado a Renúncia por causa da perda de minha propriedade, eu agora posso descansar, livre de todo tipo de febre. Eu te rejeito, ó Desejo, com todas as paixões do meu coração. Tu não mais morarás comigo ou te divertirás comigo. Eu perdoarei aqueles que me caluniarem ou falarem mal de mim. Eu não ferirei nem mesmo quando ferido. Se alguém por aversão falar palavras desagradáveis de mim, desconsiderando aquelas palavras eu me dirigirei a ele com palavras agradáveis. Em contentamento de coração e com todos os meus sentidos em paz, eu sempre viverei do que possa ser obtido por mim. Eu não contribuirei para a satisfação dos desejos nutridos por ti que és meu inimigo. Liberdade de atrações, emancipação do desejo, contentamento, tranquilidade, verdade, autocontrole, generosidade, e compaixão universal são as qualidades que agora vieram a mim. Portanto, que Desejo, cupidez, ânsia, e avareza me evitem. Eu agora adotei o caminho da Bondade. Tendo rejeitado Desejo e Cupidez, grande é minha felicidade agora. Eu não vou mais ceder à influência da Cupidez e não mais sentirei tristeza como uma pessoa de alma impura. Uma

pessoa está certa de obter felicidade de acordo com a medida dos desejos que ela seja capaz de rejeitar. Realmente, aquele que se entrega ao Desejo sempre sofre miséria. Quaisquer paixões ligadas ao Desejo que são rejeitadas por uma pessoa, todas concernem à qualidade de Paixão. Tristeza e impudência e descontentamento todos provêm de Desejo e Riqueza. Como uma pessoa na estação quente mergulhando em um lago frio, eu agora entrei em Brahma, eu me abstive do labor. Eu me livrei da aflição. Pura felicidade agora veio a mim. A felicidade que resulta da satisfação do Desejo, ou aquela outra felicidade mais pura que alguém desfruta no céu, não chega nem à décima sexta parte daquela que provém do abandono de todas as espécies de sede! Matando o princípio do desejo, o qual com o corpo compõe um agregado de sete, e o qual é um inimigo implacável, eu agora entrei na cidade imortal de Brahma e passarei meus dias lá em felicidade como um rei!' Confiando em tal inteligência, Manki se livrou das atrações, rejeitando todos os desejos e alcançando Brahma, aquela residência da maior felicidade. De fato, por causa da perda de seus dois touros, Manki obteve a imortalidade. De fato, porque ele cortou as próprias raízes do desejo, ele obteve, através desse meio, bem-aventurança sublime.'"

178

"Bhishma continuou, 'Em relação a isto é também citada a antiga narrativa dos versos cantados por Janaka, o soberano dos Videhas, que obteve tranquilidade de alma. O que o monarca disse foi, 'Ilimitada é minha riqueza. Ao mesmo tempo eu não tenho nada, se todo (o meu reino) Mithila for consumido em uma conflagração, eu não incorrerei em perda.' Relativo a isto é também citado o discurso que Vodhya proferiu a respeito deste mesmo assunto, isto é, liberdade de apegos. Escute-o, ó Yudhishthira! Uma vez o filho nobre de Nahusha (Yayati) questionou o Rishi Vodhya que tinha, pelo abandono dos desejos, obtido tranquilidade de alma e que tinha um conhecimento profundo das escrituras. O monarca disse, 'Ó tu de grande sabedoria, dê-me instruções sobre tranquilidade. No que é que tu confias que tu consegues vagar pelo mundo em tranquilidade de alma e livre de todas as ações?'"

"Vodhya disse, 'Eu me conduzo de acordo com as instruções de outros, mas eu mesmo nunca instruo outros. Eu irei, no entanto, mencionar as indicações daquelas instruções (segundo as quais minha conduta é moldada). Tu podes apreender seu sentido por meio de reflexão. Meu seis preceptores são Pingala, a águia pescadora, a cobra, a abelha na floresta, o fabricante de flechas (da história), e a donzela (da história).'"

"Bhishma continuou, 'A esperança é muito poderosa (em agitar o coração), ó rei! Liberdade de esperança é grande felicidade. Reduzindo a esperança para uma ausência de expectativa, Pingala dorme em paz. (A alusão é à história de Pingala.) Vendo uma águia pescadora com carne em seu bico, outras, que não encontraram carne, a atacam e destroem. Certa águia obteve felicidade por se abster totalmente de carne. Construir uma casa para si mesmo é produtivo de

tristeza e não de felicidade. A cobra, tomando sua residência no domicílio de outra criatura, vive em felicidade. Os ascetas vivem alegremente, se dirigindo à mendicância, sem serem prejudicados por qualquer criatura, como abelhas na floresta. Certo fabricante de flechas, enquanto empenhado eu seu trabalho, estava tão profundamente atento a este que ele não notou o rei que passou ao seu lado. Quando muitos estão juntos, seguem-se disputas. Mesmo quando dois residem juntos, eles com certeza conversam. Eu, no entanto, vago sozinho como a argola feita de conchas do mar no pulso da moça na história.'"

(A história, evidentemente uma muito antiga, é dada integralmente no Bhagavat. Uma vez uma donzela, residindo na casa de seu pai, desejou alimentar secretamente vários Brahmanas. Enquanto removendo os grãos do celeiro, suas pulseiras, feitas de conchas, começaram a retinir. Temendo ser descoberta através daquele barulho, ela quebrou todas as suas pulseiras exceto uma para cada mão.)

179

"Yudhishthira disse, 'Ó tu que conheces a conduta dos homens, me diga por qual conduta uma pessoa pode ter sucesso neste mundo, livre de aflição. Como também uma pessoa deve agir neste mundo para que ela possa alcançar um fim excelente?'"

"Bhishma disse, 'Sobre isso é citada a velha história da conversa entre Prahlada e o sábio Ajagara. Uma vez o rei Prahlada de grande inteligência questionou um Brahmana vagueador de inteligência superior e de alma tranquila e pura.'"

"Prahlada disse, 'Livre do desejo, com uma alma purificada, possuidor de humildade e autodomínio, sem desejo de ação, livre de malícia, agradável em palavras, dotado de dignidade e inteligência e sabedoria, tu vives (em simplicidade) como uma criança. Tu nunca cobiças qualquer tipo de lucro, e nunca te afliges por qualquer tipo de perda. Tu estás sempre contente, ó Brahmana, e não pareces estimar qualquer coisa no mundo. Enquanto todas as outras criaturas estão sendo carregadas na correnteza do desejo e paixão, tu estás perfeitamente indiferente a todos os atos concernentes à Religião, Lucro, e Prazer. Tu pareces estar em um estado de quietude (sem a possibilidade de agitação). Desconsiderando todos os objetos dos sentidos, tu te moves como uma pessoa emancipada, somente testemunhando tudo (mas nunca tomando parte em algo). Qual, ó sábio, é tua sabedoria, qual é teu conhecimento, e qual é teu comportamento (pelo qual tudo isso se torna possível)? Diga-me isto sem demora, se, ó Brahmana, tu achas que isto me fará bem!'

"Bhishma continuou, 'Aquele Brahmana inteligente que era bom conhecedor dos deveres do mundo, assim questionado por Prahlada, respondeu a ele em palavras gentis de grave significado. 'Veja, ó Prahlada, a origem das criaturas, seu crescimento, decadência, e morte, são determináveis a nenhuma causa (inteligível). É por isto que eu não me entrego à alegria ou tristeza. Todas as

propensões (para ação) que existem no universo podem ser vistas fluírem das próprias naturezas das criaturas (às quais elas são inerentes). Todas as coisas (no universo) dependem de suas respectivas naturezas. Então, eu não me regozijo com nada. (Como tudo depende de sua própria natureza, isto não pode, por sua ação, me alegrar ou me afligir. Se um filho nasce para mim eu não fico alegre. Se ele morre, eu não fico aflito. Seu nascimento e morte dependem de sua própria natureza como um mortal. Eu não tenho poder para alterar aquela natureza ou afetá-la de qualquer maneira.) Veja, ó Prahlada, todos os tipos de união tem uma tendência à desunião. Todas as aquisições com certeza terminarão em destruição. Então eu nunca coloco meu coração na aquisição de qualquer objeto. Todas as coisas possuidoras de qualidades seguramente encontrarão com a destruição. O que resta então a fazer para uma pessoa que (como eu) conhece a origem e o fim das coisas? De todas as coisas, grandes ou pequenas, nascidas no oceano de águas, o fim é evidente. Eu vejo também a morte, a qual é evidente, ó chefe de Asuras, de todas as coisas, móveis e imóveis, pertencentes à terra. Ó melhor dos Danavas, a morte vem na hora mesmo para a mais forte das criaturas aladas que percorrem o céu. Eu vejo também que os corpos luminosos, grandes e pequenos, que se movem no firmamento, caem quando sua hora chega. Possuidor de conhecimento, vendo todas as coisas criadas assim sujeitas a serem afetadas pela morte, e pensando que todas as coisas possuem a mesma natureza, eu durmo em paz sem ansiedade de coração. Se eu consigo sem incômodo uma refeição abundante, eu não tenho escrúpulos em desfrutar dela. Por outro lado, eu passo muitos dias sem comer nada. Às vezes as pessoas me alimentam com iguarias caras em profusão, às vezes com uma pequena quantidade, às vezes com menos ainda, e às vezes eu não consigo nenhum alimento. Eu às vezes como somente uma porção de um grão; às vezes bolos secos de gergelim dos quais o óleo foi retirado, eu às vezes como arroz e outro alimento do tipo mais rico. Às vezes eu durmo em uma armação de cama elevada do melhor tipo. Às vezes eu durmo na terra nua. Às vezes minha cama é feita dentro de um belo palácio ou mansão. Eu estou às vezes vestido em trapos, às vezes em panos feitos de sacos, às vezes em trajes de textura de excelente qualidade, às vezes em camurças, às vezes em mantos do tipo mais caro. Eu nunca rejeito tais prazeres que são consistentes com virtude e que são obtidos por mim sem esforço. Ao mesmo tempo, eu não me esforço para obter tais objetos que são de aquisição difícil. O voto rígido que eu adotei é chamado de Ajagara. (A palavra Ajagara implica 'da mesma maneira de uma grande cobra que não pode se mover.' Acredita-se que tais cobras, sem se moverem, permanecem no mesmo local à espera de vítimas, comendo quando alguma coisa se aproxima e reduzidas à fome quando não há nada.) Aquele voto pode assegurar imortalidade. Ele é auspicioso e sem aflições. Ele é incomparável e puro. Ele é consistente com os conselhos dos sábios. Ele é desaprovado por pessoas de compreensão leviana que nunca o seguem. Com um coração puro eu me comporto de acordo com ele. Minha mente nunca se desvia deste voto. Eu não me desviei das práticas de minha ordem. Eu sou moderado em tudo. Eu conheço o passado e o presente. Privado de medo e ira e cupidez e erros de julgamento, eu sigo este voto com um coração puro. Não há restrições a respeito de comida e bebida e outros objetos de prazer para alguém praticando este voto. Como tudo depende do destino, não há

observância das considerações de hora e lugar para alguém como nós. O voto que eu sigo contribui para a verdadeira felicidade do coração. Ele nunca é cumprido por aqueles que são pecaminosos. Eu o sigo com um coração puro. Induzidos por cupidez, homens buscam diferentes espécies de riqueza. Se frustrados na busca, eles ficam deprimidos pela tristeza. Refletindo apropriadamente sobre tudo isso pela ajuda de minha inteligência que penetrou nas verdades das coisas, eu sigo este voto com um coração puro. Eu tenho visto pessoas em infortúnio procurando, para a aquisição de riqueza, a proteção de homens, bons e maus. Dedicado à tranquilidade, e com minhas paixões sob controle, eu sigo este voto com um coração puro. Vendo, pela ajuda da verdade, que a felicidade e tristeza, perda e lucro, apego e renúncia, morte e vida, são todos ordenados pelo destino, eu sigo este voto com um coração puro. Privado de medo e atração e erros de julgamento e orgulho, e dotado de sabedoria, inteligência, e compreensão, e devotado à tranquilidade e sabendo que grandes cobras que sem se moverem aproveitam o fruto que vem a elas por si mesmo, eu sigo sua prática com um coração puro. Sem restrições de qualquer tipo em relação à cama e comida, dotado por minha natureza de autodomínio, moderação, voto puro, verdade, e pureza de conduta, e sem qualquer desejo de guardar (para uso futuro) as recompensas da ação, eu sigo, com um coração encantado e puro, este voto. Todas as causas de tristeza fugiram de mim por eu ter rechaçado os objetos de desejo. Tendo recebido uma acessão de conhecimento, eu sigo este voto com um coração puro, para controlar minha alma que é ansiosa e desregrada, mas que é capaz (sob treino apropriado) de depender de si mesma (sem a necessidade de objetos externos para mantê-la ocupada). Sem prestar qualquer atenção aos assuntos para os quais meu coração, mente, e palavras gostariam de me conduzir, e observando que a felicidade que está relacionada com eles é de aquisição difícil e fugaz em relação à duração, eu sigo este voto com um coração puro. Homens eruditos possuidores de grande inteligência, enquanto desejosos de proclamar suas próprias façanhas, enquanto estabelecendo suas próprias teorias e criticando aquelas de outros, têm dito isso e aquilo sobre esse tópico o qual não pode ser decidido por discussão. Homens tolos fracassam em compreender este voto de forma apropriada. Eu, no entanto, o vejo como destrutivo de Ignorância. Considerando-o também repleto de imortalidade e como um remédio contra diversas espécies de males, eu vago entre homens, tendo dominado todos os defeitos e me libertado da ânsia (por bens mundanos)!'"

"Bhishma continuou, 'A pessoa de grande alma que, tendo se libertado das atrações e do medo, da cupidez; da tolice, e da ira, segue este voto Ajagara, ou abandona-se neste esporte, como ele pode ser chamado, certamente consegue passar seus dias em grande deleite.'"

180

"Yudhishthira disse, 'Qual destes, ó avô, isto é, parentes, ou ações, ou riqueza, ou sabedoria, devem ser o refúgio de uma pessoa? Questionado por mim, responda-me isto!'"

"Bhishma disse, 'A Sabedoria é o refúgio das criaturas. A Sabedoria é considerada como a maior das aquisições. A Sabedoria é a maior felicidade no mundo. A Sabedoria é o céu na opinião dos bons e virtuosos. Foi através da sabedoria que Vali, Prahlada, Namuchi, e Manki, quando eles perderam sua prosperidade (terrena), conseguiram obter felicidade. O que há que é superior à sabedoria? Em relação a isto é citada a antiga história da conversa entre Indra e Kasyapa. Escute-a, ó Yudhishthira! Uma vez um Vaisya próspero, no desfrute de prosperidade, e orgulhoso de sua riqueza, jogou ao chão, por dirigir seu carro negligentemente, o filho de um Rishi de votos rígidos chamado Kasyapa, dedicado a penitências. Prostrado no chão, o homem jovem, com muita dor, deu vazão à sua ira; e sob a influência do desespero resolveu, dizendo, 'Eu rejeitarei minha vida. Um homem pobre não precisa de vida neste mundo.' Enquanto o Brahmana jazia naquele estado, silencioso e agitado, privado de energia e prestes a morrer, Indra apareceu em cena na forma de um chacal e dirigindo-se a ele, disse, 'Todas as criaturas (inferiores) cobiçam nascimento na raça humana. Entre os homens, também, a posição de um Brahmana é muito desejada. Tu, ó Kasyapa, és um ser humano! Entre os seres humanos, tu também és um Brahmana. Entre os Brahmanas, tu estás familiarizado com os Vedas. Tendo obtido aquilo que é obtenível com dificuldade muito grande, não cabe a ti desistir da vida por insensatez! Todos os tipos de aquisições (mundanas) estão repletas de orgulho. A declaração dos Srutis a este respeito é perfeitamente verdadeira. Tu pareces o retrato do contentamento. Ao tomar tal decisão (a qual é tão depreciativa de ti mesmo), de abandonar tua vida, tu ages por cupidez! Ó, são coroados com sucesso aqueles que têm mãos! Eu desejo avidamente a posição daquelas criaturas que têm mãos! Nós cobiçamos mãos tão avidamente quanto vocês cobiçam riquezas. Não há aquisição mais valiosa do que a aquisição de mãos. Veja, ó Brahmana, eu não posso extrair esse espinho que entrou em meu corpo, ou esmagar esses insetos e vermes que estão me mordendo e me afligindo imensamente! Aqueles que tiveram concedidas para eles duas mãos com dez dedos, conseguem jogar longe ou esmagar (por coçar) os vermes que mordem seus membros. Eles conseguem construir abrigos para si mesmos contra chuva, frio, e calor. Eles conseguem também desfrutar de roupas excelentes para si mesmos, boa comida, camas confortáveis, e habitações excelentes. Estando nesta Terra, aqueles que têm mãos desfrutam de vacas e outros animais e os fazem carregar cargas ou puxar seus veículos, e pela ajuda de diversos meios trazem aqueles animais sob domínio (para seus próprios propósitos). Aquelas criaturas vivas que não têm línguas, que são impotentes, de pouca força, e desprovidas de mãos, suportam todas as várias espécies de miséria (indicadas acima). Por boa sorte, ó asceta, tu não és como eles. Por boa sorte, tu não és um chacal, nem um verme, nem um rato, nem uma rã, nem um animal de alguma outra classe miserável. Com esta medida de benefício (que tu ganhaste), tu deves, ó Kasyapa, ficar satisfeito! Quão feliz também tu deves te sentir ao pensamento de que entre as criaturas vivas tu és um Brahmana superior! Esses vermes estão me mordendo! Por falta de mãos eu sou incapaz de rechaçá-los. Veja essa minha situação miserável! Eu não rejeito a vida porque fazer isso é um ato muito pecaminoso, e para que eu não caia, de fato, para uma classe mais miserável de

existência! Essa classe de existência, isto é, a de um chacal, à qual eu pertenço agora é um tanto suportável. Miserável como ela é, há muitas ordens de existência abaixo dela que são mais miseráveis ainda. Por nascimento certas classes de criaturas se tornam mais felizes do que outras que ficam sujeitas à grande aflição. Mas eu nunca vejo que há alguma classe de existência que possa ser citada como estando na posse da felicidade perfeita. Seres humanos, obtendo riquezas, desejam em seguida a soberania. Tendo obtido soberania seu próximo desejo é pela posição de deuses. Tendo ganhado tal posição eles então desejam a supremacia dos celestiais. Se tu te tornares rico, tu nunca conseguirás te tornar um rei (pois tu és um Brahmana por nascimento), nem te tornar um deus (porque, na verdade, tua posição de Brahmana é igual se não superior àquela de um deus). Se por algum meio (levado pela probabilidade tentadora de felicidade celestial) tu te tornares um deus (em vez de alcançar uma posição superior), tu então cobiçarás a supremacia dos deuses. Em nenhuma condição tu estarás satisfeito. O contentamento não resulta da aquisição de objetos desejáveis. A sede nunca é satisfeita embora haja profusão de água. (O significado é que mesmo goles abundantes não matam a sede permanentemente, pois depois de ser saciada, ela com certeza voltará.) A sede por aquisição só se inflama com cada nova aquisição como um fogo com novos feixes de madeira jogados nele. Em ti há tristeza. Mas a alegria também mora em ti. Ambas, felicidade e tristeza, moram em ti. Por que então tu te entregas à tristeza? Uma pessoa deve prender, como aves em uma gaiola, as próprias fontes, isto é, a compreensão e os sentidos, de todos os seus desejos e ações. Não pode haver o corte de uma segunda cabeça, nem de uma terceira mão. Aquilo que não existe não pode causar medo. Alguém que não conhece o prazer que certo objeto proporciona nunca sente um desejo por aquele objeto. Os desejos surgem da experiência real dos prazeres que tato ou visão, ou audição dá. Tu não tens idéia do gosto do vinho chamado Varuni ou da carne das aves chamadas Ladwaka. Não há bebida e nem comida mais deliciosos do que esses. Tu não tens idéia também, ó Kasyapa, de todos os outros tipos de bebida e comida superiores que existem entre homens, porque tu nunca os provaste. Sem dúvida, portanto, não provar, não ver, deve ser o voto de um homem se ele quer obter felicidade. Criaturas que têm mãos, sem dúvida, se tornam fortes e ganham riqueza. Homens são reduzidos por homens a um estado de servidão, e são repetidamente afligidos (nas mãos de sua própria espécie) com morte, prisão, e outras torturas. Embora tal seja sua condição, ainda assim eles (sem se entregarem à tristeza) riem e se divertem e se entregam à alegria. Outros também, embora sejam dotados de força de braços, e possuidores de conhecimento e grande energia mental, seguem profissões censuráveis, pecaminosas e miseráveis. Eles procuram mudar tais profissões por outras atividades (que sejam mais dignas) mas então eles são limitados por suas próprias ações (de uma vida anterior) e pela força do Destino. O homem mais vil da classe Pukkasa ou Chandala nunca deseja abandonar sua vida. Ele está bastante contente com a classe de seu nascimento. Veja a ilusão a este respeito! Vendo aqueles entre tua espécie que são desprovidos de braços, ou atingidos pela paralisia, ou afligidos com outras doenças, tu podes te considerar como muito feliz e possuidor de acompanhamentos de valor entre os membros de tua própria ordem. Se este teu corpo regenerado permanecer são e salvo, e livre de doença, e todos os teus

membros permanecem perfeitos, tu com certeza nunca incorrerás em qualquer repreensão entre homens. Não cabe a ti, ó Brahmana, rejeitar tua vida mesmo se alguma culpa, fundada em fato e capaz de ocasionar tua exoneração da casta, recair sobre ti! Levante, e pratique virtude. Não é apropriado que tu jogues tua vida fora! Se, ó regenerado, tu me escutares e dares crédito às minhas palavras, tu então obterás a maior recompensa da religião inculcada nos Vedas. Dirija-te a estudos Védicos, e mantenha devidamente teu fogo sagrado, e pratique verdade, e autodomínio, e caridade. Nunca te compare vaidosamente com outro. Aqueles que, por se dedicarem ao estudo dos Vedas, se tornam competentes para realizar sacrifícios para si mesmos e para outros, não têm necessidade de se entregarem a qualquer tipo de desgosto ou temerem algum tipo de mal. Aqueles que nascem sob uma constelação auspiciosa (tal como Pushya), em uma lunação auspiciosa e em uma hora auspiciosa, se esforçam o melhor que podem para realizar sacrifícios, praticar caridade, e procriar crianças, e desejando passar seu tempo alegremente naquelas ações, finalmente obtêm grande felicidade. Aqueles, por outro lado, que nascem sob constelações más (tais como Mula Aslesha, Magha, etc.), lunações não auspiciosas, e em horas más, se tornam desprovidos de sacrifícios e prole e finalmente caem para a classe Asura. Em minha vida anterior eu tinha muito conhecimento inútil. Eu sempre procurava por razões e tinha muito pouca fé. Eu era um difamador dos Vedas. Eu era desprovido dos (quatro) objetivos da vida, e era dedicado àquela ciência de argumentação que é baseada sobre provas oculares ou tangíveis. Eu costumava proferir palavras baseadas em razões (plausíveis). De fato, em assembléias, eu sempre falava de razões (e nunca de fé). Eu costumava falar de modo irreverente das declarações dos Srutis e me dirigir aos Brahmanas em tons arrogantes. Eu era um incrédulo, cético de tudo, e embora realmente ignorante, orgulhoso da minha erudição. Essa posição de um chacal que eu obtive nesta vida é a consequência, ó regenerado, daqueles meus pecados! Se mesmo depois de centenas de dias e noites eu que sou um chacal puder obter mais uma vez a posição de humanidade, eu então passarei minha vida em contentamento, atento aos verdadeiros objetivos da existência, e engajado em sacrifícios e doações. Eu então conhecerei o que deve ser conhecido, e evitarei o que deve ser evitado!' Assim endereçado, o asceta Kasyapa, se levantando, disse, 'Ó, tu és certamente possuidor de conhecimento e grande inteligência! Eu estou realmente surpreso com tudo isso!' Com olhos cuja visão foi ampliada pelo conhecimento, o Brahmana então viu que aquele ser que tinha se dirigido a ele era Indra, chefe dos deuses e marido de Sachi. Kasyapa então adorou aquele deus tendo o melhor dos corcéis como o animal que o carregava. Recebendo depois a permissão do deus, o Brahmana voltou para sua residência.'"

181

"Yudhishthira disse, 'Diga-me, ó avô, se doações, sacrifícios, penitências, e serviços respeitosos voltados aos preceptores são produtivos de sabedoria e grande felicidade.'"

'Bhishma disse, 'Se a mente se torna afetada pelo desejo, ira e outras paixões más, ela então corre em direção ao pecado. Se os atos de alguém são manchados pelo pecado, ele é obrigado a morar em regiões dolorosas. Homens pecaminosos nascem em circunstâncias pobres e repetidamente sofrem as dores de fome, aflições, medo, e morte. Aqueles que são virtuosos em suas ações, e que possuem fé, e que têm seus sentidos sob controle, nascem como homens ricos e repetidamente se divertem em festividades e céu e felicidade. Descrentes, com seus braços amarrados, são enviados para regiões tornadas inacessíveis por animais carnívoros e elefantes e cheias de terrores por causa de cobras e ladrões. O que mais pode ser dito deles? Aqueles, por outro lado, que têm reverência por deuses e convidados, que são generosos, que gostam de homens bons e honestos, vão, por suas ações de caridade, por aquele caminho alegre que pertence às pessoas de almas purificadas. Aqueles que não têm reverência pela virtude são tão vis entre homens como grãos sem sementes entre cereais ou o mosquito entre aves. Aquilo que está ordenado em consequência das ações de uma vida passada persegue o ator mesmo que o último se esforce o melhor que pode para deixá-lo para trás. (Isto é, mesmo se ele procura evitá-lo.) Aquilo dorme quando ele dorme e faz qualquer outra coisa que ele faça. (Isto é, se torna seu associado inseparável.) Como sua sombra aquilo descansa quando ele descansa, procede quando ele procede, e age quando ele age. Quaisquer atos que um homem faça ele seguramente tem que obter os resultados deles. A Morte está arrastando todas as criaturas que estão certamente destinadas a cair (para as classes de existência que elas merecem) e que sem dúvida estão sujeitas a desfrutar ou sofrer aquilo que foi ordenado como a consequência de seus atos. As ações de uma vida passada desenvolvem suas consequências em seu próprio tempo assim como flores e frutos, sem esforços externos de qualquer tipo, e nunca deixam de aparecer quando chega a hora certa. Depois que as consequências, como ordenadas, das ações de uma vida passada, se esgotam (por meio de prazer ou sofrimento), honra e ignomínia, lucro e perda, decadência e crescimento não fluem mais ou aparecem em relação a alguém. Isso acontece repetidamente. (Uma vez que as consequências dos atos de uma vida passada são esgotados, a criatura (com respeito a quem tal esgotamento ocorre), está livre de todas as vicissitudes da vida. No entanto, para que tal criatura não se torne emancipada, a visão ortodoxa é que é sempre deixado um resto de mérito e demérito, para que um novo nascimento possa acontecer e as consequências do que é assim deixado como um resto possam começar a serem desfrutadas ou sofridas. Isto não é referido aqui, mas esta é a visão de todos os Hindus ortodoxos.) Uma criatura enquanto ainda no útero da mãe desfruta ou sofre a felicidade ou a tristeza que foi ordenada para ela em consequência de suas próprias ações. Na infância ou juventude ou velhice, em qualquer período da vida no qual alguém faça uma ação boa ou má, as consequências dela com certeza a visitarão em sua próxima vida exatamente no mesmo período. Como um bezerro reconhece e se aproxima de sua mãe mesmo no meio de mil vacas, assim mesmo as ações de uma vida passada reconhecem e visitam o fazedor em sua nova vida. Lavado em água um pedaço de tecido (sujo) fica limpo. Similarmente, homens queimando de arrependimento obtêm felicidade infinita por meio de penitências apropriadas. Aqueles que vão residir nas florestas e por realizarem austeridades

por um longo período podem se purificar de seus pecados, conseguem alcançar os objetivos que sobre os quais eles colocaram seus corações. Como ninguém pode distinguir o rastro de aves no céu ou de peixes na água, similarmente, o rastro de pessoas cujas almas foram purificadas pelo conhecimento não pode ser notado por ninguém. (É difícil compreender em qual sentido é dito que o rastro dos virtuosos não pode ser notado. Talvez isto signifique que tais homens não deixam qualquer história ou registro atrás deles, eles tendo se abstido de todos os tipos de ação boa ou má.) Não há necessidade de mais eloquência ou de mais alguma referência a ações pecaminosas. Basta dizer que uma pessoa deve, com raciocínio apropriado e como melhor lhe convém, fazer o que é para o seu próprio bem. Este é o meio pelo qual a sabedoria e a maior felicidade podem ser alcançadas.'"

182

"Yudhishthira disse, 'De onde este universo consistindo em criaturas móveis e imóveis foi criado? Quem o faz proceder até quando a destruição começa? Diga-me isto, ó avô! De fato, por quem o universo com seus oceanos, seu firmamento, suas montanhas, suas nuvens, suas terras, seu fogo, e seu vento, foi criado? Como foram criados todos os objetos? De onde veio esta divisão em classes separadas de existência? De onde vem sua pureza e impureza, e as ordenanças sobre virtude e vício? De que tipo é a vida das criaturas vivas? Aonde também vão aqueles que morrem? Nos diga tudo acerca deste e do outro mundo.'"

"Bhishma disse, 'Em relação a isso é citada a velha narrativa das palavras sagradas que Bhrigu disse em resposta às perguntas de Bharadwaja. Vendo o grande Rishi Bhrigu brilhando com energia e esplendor, sentado no topo Kailasa, Bharadwaja se dirigiu a ele nas seguintes palavras.'"

"Bharadwaja disse, 'Por quem este mundo com seu oceano, seu firmamento, suas montanhas, suas nuvens, suas terras, seu fogo, e seu vento, foi criado? Como todas as criaturas foram criadas inicialmente? De onde veio essa distinção de castas? De onde a pureza e a impureza de (comportamento), e de onde as ordenanças sobre virtude e vício, para criaturas vivas? De que espécie é a vida das criaturas vivas? Aonde elas vão quando morrem? Cabe a ti me dizer tudo sobre este e o outro mundo.' Assim endereçado acerca de suas dúvidas por Bharadwaja, o ilustre e regenerado Rishi Bhrigu que parecia com o próprio Brahma respondeu para ele, dizendo estas palavras.'"

"Bhrigu disse, 'Há um Ser Primevo, conhecido pelos grandes Rishis, de nome Manasa. Ele é sem início e sem fim. Aquele Ser Divino não pode ser penetrado por armas. Ele é sem decadência e é Imortal. Ele é citado como o Imanifesto. Ele é Eterno, Imperecível, e Imutável. Através Dele as criaturas nascem e através Dele elas morrem. Ele primeiro criou um Ser Divino conhecido pelo nome de Mahat. (Manasa significa 'concernente à mente,' ou mais propriamente, a Vontade. Mahat literalmente significa grande.) Mahat criou a Consciência. Aquele Ser Divino

criou o Espaço. Aquele Ser pujante é o mantenedor de todos os objetos criados. Do Espaço nasceu a Água, e da Água nasceram Fogo e Vento. Através da união do Fogo e do Vento nasceu a Terra. Nascido por si mesmo Manasa então criou um Lótus divino rico em Energia. Daquele Lótus surgiu Brahman, aquele Oceano de Veda. (Veda é aqui usado no sentido de Conhecimento e Poder.) Os Srutis dizem que logo que nasceu, aquele Ser Divino proferiu as palavras, 'Eu Sou Ele!' Por isto Ele veio a ser chamado pelo nome de Consciência. Ele tem todas as coisas criadas como seu corpo e Ele é seu Criador. Estes cinco elementos que nós vemos são aquele Brahman de grande energia. As montanhas são seus ossos. A terra é sua gordura e carne. Os oceanos são seu sangue. O Espaço é seu estômago. O Vento é sua respiração. O Fogo é sua energia. Os rios são suas artérias e veias. Agni e Soma, também chamados Sol e Lua, são chamados de seus olhos. O firmamento acima é sua cabeça. A terra é seus dois pés. Os pontos cardeais e secundários do horizonte são seus braços. Sem dúvida, Ele não pode ser conhecido e Sua Alma é inconcebível até para pessoas coroadas com êxito ascético. O Ser Divino, que permeia o universo inteiro, é também conhecido pelo nome de Ananta (Infinito). Ele vive na Consciência, e não pode ser conhecido por pessoas de almas impuras. Questionado por ti eu agora te falei dEle que criou a Consciência para chamar à existência todos os objetos criados, e de quem este universo surgiu.'"

"Bharadwaja disse, 'Qual é a extensão do firmamento, dos pontos do horizonte, da superfície desta terra, e do Vento? Por me dizer a verdade, esclareça minhas dúvidas.''

"Bhrigu disse, 'O céu que tu vês acima é Infinito. Ele é a residência de pessoas coroadas com êxito ascético e de seres divinos. Ele é encantador, e consiste em várias regiões. Seus limites não podem ser averiguados. O Sol e a Lua não podem ver, acima ou abaixo, além dos limites de seus próprios raios. Lá onde os raios do Sol e da Lua não podem alcançar há corpos luminosos que são autorefulgentes e que possuem um esplendor como aquele do Sol ou do fogo. Saiba, ó concessor de honras, que, possuidores de esplendor célebre, mesmo estes últimos não vêem os limites do firmamento por causa da inacessibilidade e infinitude daqueles limites. Este Espaço, o qual os próprios deuses não podem medir, está repleto de mundos resplandecentes e auto-luminosos cada um acima do outro. Além dos limites da terra há oceanos de água. Além da água há escuridão. Além da escuridão há água novamente, e além da última há fogo. Para baixo, além das regiões inferiores, há água. Além da água há a região pertencente às grandes cobras. Além dela há o céu mais uma vez, e além do céu há água novamente. Assim há água e céu alternadamente sem fim. Tais são os limites da Divindade representados pela água. Os próprios deuses são incapazes de determinar os limites do fogo, do vento e da água. A natureza do fogo, vento, água, e terra, é como aquela do espaço. Eles são diferençados pela falta de Conhecimento verdadeiro. Os sábios lêem em diversas escrituras os limites que foram declarados dos três mundos e do oceano. Quem, no entanto, colocaria limites para o que não pode ser apreendido pela visão e que é inacessível (em todas as suas partes)? Mesmo que se tornasse possível averiguar os limites do firmamento

o qual é o caminho dos deuses e dos seres coroados com êxito ascético, nunca seria possível determinar limites para aquilo que é ilimitado e conhecido pelo nome de Infinito, àquilo que corresponde ao nome pelo qual é conhecido, isto é, que tem sido chamado de Manasa de grande alma. Quando também Sua forma está às vezes contraída e às vezes expandida, como alguém mais exceto alguém que fosse igual a Ele poderia compreender Seus limites? Do Lótus (do qual eu já falei) foi primeiro criado o senhor Onisciente, Brahman, dotado de forma, de essência consistindo em Retidão, e o Criador de todas as coisas móveis e imóveis."

"Bharadwaja disse, 'Se Brahman nasceu do Lótus, então o Lótus deve ser considerado como o Primogênito e não Brahman. Por que, no entanto, Brahma é citado como o primeiro? Esclareça esta minha dúvida.'"

"Bhrigu disse, 'A Terra é aquilo que é chamado de Lótus. Ela foi criada para dar um assento para aquela forma de Manasa que se tornou Brahman. Alcançando o próprio céu, o Sumeru se tornou o pericarpo do Lótus. Permanecendo dentro dele, o pujante Senhor do Universo criou todos os mundos.'"

183

"Bharadwaja disse, 'Diga-me, ó melhor dos Brahmanas, como o pujante Brahman residindo dentro de Meru, criou estes diversos tipos de objetos.'"

"Bhrigu disse, 'O grande Manasa (em sua forma de Brahman) criou os diversos tipos de objetos por decreto de Vontade. Então, para a proteção de todas as criaturas, ele primeiro criou a água. A água é a vida de todas as criaturas, e é a água que ajuda seu crescimento. Se não houvesse água, todas as criaturas pereceriam. O mundo inteiro é permeado por água. Terra, montanhas, nuvens, e todas as coisas que têm forma, devem ser conhecidas como transformações de água. Elas todas foram produzidas pela solidificação daquele elemento.'"

Bharadwaja disse, 'Como a água surgiu? Como Fogo e Vento? Como também a terra foi criada? Eu tenho grandes dúvidas sobre estes pontos.'"

"Bhrigu disse, 'Ó regenerado, em tempos muito antigos chamados de Brahma-kalpa, os Rishis de grande alma da classe regenerada, quando eles se reuniram, sentiram esta mesma dúvida acerca da criação do universo. Contendo as palavras, eles permaneceram imóveis, dedicados à contemplação (ascética). Tendo abandonado todo o alimento, eles subsistiram só do ar, e permaneceram assim por mil anos celestes. No fim daquele período, certas palavras tão sagradas quanto aquelas dos Vedas alcançaram simultaneamente os ouvidos de todos. De fato, uma voz celeste foi ouvida no firmamento dizendo, 'Antigamente havia somente o Espaço infinito, perfeitamente inerte e imóvel. Sem sol, lua, estrelas, e vento, ele parecia estar adormecido. Então a água surgiu como uma coisa mais escura dentro da escuridão. Então da pressão da água surgiu o vento. Como um recipiente vazio sem um orifício parece a princípio ser sem qualquer som, mas

quando enchido com água o ar aparece e faz um grande barulho, assim mesmo quando o Espaço infinito foi cheio com água, o vento surgiu com um grande barulho, penetrando através da água. Aquele vento, assim gerado pela pressão do oceano de água, ainda se movia. Entrando no Espaço (não obstruído), seu movimento nunca é parado. Então, pela fricção do vento e da água, surgiu o fogo possuidor de grande poder e energia resplandecente, com chamas dirigidas para cima. Aquele fogo dissipou a escuridão que tinha coberto o Espaço. Ajudado pelo vento, o fogo contraiu Espaço e Água juntos. De fato, combinado com o vento, o fogo se tornou solidificado. Enquanto descia do céu, a parte líquida do fogo se solidificou novamente e se tornou o que é conhecido como a terra. A terra ou solo, na qual tudo nasce, é a origem de todos os tipos de gosto, de todas espécies de cheiro, de todas espécies de líquidos, e de todas as espécies de animais.'"

184

"Bharadwaja disse, 'Quando Brahman de grande alma criou milhares de criaturas, por que é que somente estes cinco elementos que ele criou primeiro, os quais permeiam todo o universo e que são grandes criaturas, vieram a ter o nome de criaturas aplicado a eles exclusivamente?'" (Todas as coisas criadas são chamadas de Bhutas, mas os cinco elementos principais, isto é, fogo, ar, terra, água, e espaço, são especialmente chamados de Bhutas ou Mahabhutas.)

"Bhrigu disse, 'Todas as coisas pertencentes à categoria do Infinito ou do Vasto recebem o título de Grandes. É por esta razão que estes cinco elementos vieram a ser chamados de Grandes criaturas. Atividade é vento. O som que é ouvido é espaço. O calor que está dentro dele é fogo. Os sucos líquidos que se acham nele são água. A matéria solidificada, isto é, carne e ossos, são terra. Os corpos (das criaturas vivas) são feitos dessa maneira dos cinco elementos (primevos). Todos os objetos móveis e imóveis são feitos destes cinco elementos. Os cinco sentidos também das criaturas vivas partilham dos cinco elementos. O ouvido partilha das propriedades do espaço, o nariz da terra; a língua da água; o tato do vento; e os olhos da luz (do Fogo).'"

"Bharadwaja disse, 'Se todos os objetos móveis e imóveis são compostos destes cinco elementos, por que é que em todos os objetos imóveis aqueles elementos não são visíveis? As árvores não parecem ter qualquer calor. Elas não parecem ter algum movimento. Elas também são compostas de partículas densas. Os cinco elementos não são evidentes nelas. Árvores não ouvem, elas não vêem; elas não são capazes de ter percepções de cheiro ou gosto. Elas também não têm a percepção de tato. Como então elas podem ser consideradas como compostas dos cinco elementos (primevos)? Me parece que pela ausência de algum material líquido nelas, de calor, de terra, de vento, e de espaço vazio, as árvores não podem ser consideradas como compostas dos cinco elementos (primevos).'"

"Bhrigu disse, 'Sem dúvida, embora possuam densidade, as árvores têm espaço dentro delas. A manifestação de flores e frutos está sempre ocorrendo

nelas. Elas têm calor dentro de si pelo qual folhas, cascas, frutos, e flores são vistos murcharem. Elas ficam doentes e secam completamente. Isso mostra que elas têm percepção de tato. Pelo som do vento e do fogo e do trovão, seus frutos e flores caem. O som é percebido pelo ouvido. Árvores têm, portanto, ouvidos, e ouvem. Uma trepadeira se enrola ao redor de uma árvore e a circula por todos os seus lados. Uma coisa cega não pode achar seu caminho. Por esta razão é evidente que as árvores têm visão. Então também árvores recuperam vigor e dão flores por influência de odores, bons e maus, do perfume sagrado de diversas espécies de dhupas. É claro que as árvores têm olfato. (Isto é certamente curioso pois mostra que os antigos Hindus sabiam como tratar plantas doentes e devolver vigor a elas.) Eles bebem água por suas raízes. Elas pegam doenças de vários tipos. Aquelas doenças também são curadas por diferentes operações. Disto é evidente que árvores têm percepções de paladar. Como alguém pode sugar água através de um talo de lótus dobrado, as árvores também, com a ajuda do vento, bebem por suas raízes. Elas são sensíveis ao prazer e à dor, e crescem quando cortadas ou podadas. A partir dessas circunstâncias eu vejo que as árvores têm vida. Elas não são inanimadas. Fogo e vento fazem a água assim sugada ser digerida. De acordo, também, com a quantidade da água tomada, a árvore avança em crescimento e fica úmida. Nos corpos de todas as coisas móveis os cinco elementos se encontram. Em cada um as proporções são diferentes. É por causa destes cinco elementos que objetos móveis podem mover seus corpos. Pele, carne, ossos, medula, e artérias e veias, que existem juntos no corpo são feitos de terra. Energia, ira, olhos, calor interno, e aquele outro calor que digere o alimento ingerido, estes cinco, constituem o fogo que se encontra em todas as criaturas incorporadas. Os ouvidos, narinas, boca, coração, e estômago, estes cinco, constituem o elemento de espaço que se encontra nos corpos de criaturas vivas. Fleuma, bílis, suor, gordura, sangue, são os cinco tipos de água que se encontram nos corpos móveis. Pelo ar chamado Prana uma criatura viva é permitida se mover. Por aquele chamado Vyana, ela aplica força para ação. Aquele chamado Apana se move para baixo. Aquele chamado Samana reside dentro do coração. Através daquele chamado Udana uma pessoa arrota e pode falar por ele passar através (dos pulmões, da garganta, e da boca). Estes são os cinco tipos de vento que fazem uma criatura incorporada viver e se mover. As propriedades do olfato uma criatura incorporada conhece pelo elemento terra nele. Do elemento água ela percebe o gosto. Do elemento fogo representado pelos olhos, ela percebe formas, e do elemento vento ela obtém a percepção do tato. Aroma, toque, gosto, visão, e som, são considerados como as propriedades (gerais) de todos os objetos móveis e imóveis. Eu falarei primeiro dos vários tipos de aroma. Eles são agradáveis, desagradáveis, doces, pungentes, os que vão longe, variados, secos, indiferentes. Todos estes nove tipos de cheiro estão fundados sobre o elemento terra. A luz é vista pelos olhos e o toque pelo elemento vento. Som, toque, visão e paladar são as propriedades da água. Eu falarei agora (em detalhes) da percepção do paladar. Ouça-me. Rishis de grande alma têm falado de diversos tipos de gosto. Eles são doce, salgado, amargo, adstringente, azedo, e pungente. Estes são os seis tipos de gostos concernentes ao elemento água. A luz contribui para a visão da forma. A forma é de diversos tipos. Baixa, alta, grossa, quadrada, redonda, branca, preta, vermelha, azul, amarela, avermelhada, dura, brilhante, lisa, oleosa, macia, e

terrível. Estes são os dezesseis diferentes tipos de forma que constituem a propriedade da luz ou visão. A propriedade do elemento vento é o toque. O toque é de vários tipos: quente, frio, agradável, desagradável, indiferente, queimante, suave, macio, leve, e pesado. Ambos, som e toque, são as duas propriedades do elemento vento. Estas são as onze qualidades que concernem ao vento. O espaço tem uma única propriedade. Ela é chamada de som. Eu agora te falarei dos diferentes tipos de som. Eles são as sete notas originais chamadas Shadja, Rishabha, Gandhara, Mahdhyama, Panchama, Dhaivata e Nishada. Estes são os sete tipos da propriedade que concerne ao espaço. O som é inerente como o Ser Supremo em todo o espaço embora ligado especialmente a tambores e outros instrumentos. Qualquer som que seja ouvido dos tambores pequenos e grandes, e conchas, e nuvens, e carros, e criaturas animadas e inanimadas, estão todos incluídos nestes os sete tipos de som já enumerados. Assim o som, o qual é a propriedade do espaço, é de vários tipos. Os eruditos dizem que o som nasce do espaço. Quando causado pelos diferentes tipos de toque, o qual é a propriedade do vento, ele pode ser ouvido. Ele não pode ser ouvido, no entanto, quando os diferentes tipos de toque estão inativos. Os elementos, se misturando com suas contrapartes no corpo, aumentam e crescem. Água, fogo e ar estão sempre despertos nos corpos de criaturas vivas. Eles são os fundamentos do corpo. Permeando os cinco ares vitais (já mencionados), eles residem no corpo.'"

185

"Bharadwaja disse, 'Como o fogo ou calor corpóreo, entrando o corpo, reside lá? Como também o vento, obtendo espaço para si mesmo, faz o corpo se mover e se esforçar?'"

"Bhrigu disse, 'Eu te falarei, ó regenerado, da direção na qual o vento se move, e como, ó impecável, aquele elemento poderoso faz os corpos das criaturas viventes se moverem e se esforçarem. O calor reside dentro da cabeça (cérebro) e protege o corpo (de perecer). O vento ou ar chamado Prana, residindo dentro da cabeça e o calor que lá está, causam todos os tipos de esforço. Aquele Prana é a criatura viva, a alma universal, o Ser eterno, e a Mente, Intelecto, e Consciência de todas as criaturas vivas, como também todos os objetos dos sentidos. Assim a criatura viva é, em todos os aspectos, feita pelo Prana se mover e se esforçar. Então pelo outro ar chamado Samana, cada um dos sentidos é feito agir como ele age. O ar chamado Apana, recorrendo ao calor que está na uretra e nos intestinos abdominais, se move, empenhado em conduzir urina e fezes para fora. Aquele único ar o qual opera nestes três, é chamado de Udana por aqueles que são familiarizados com ciência. Aquele ar que opera, residindo em todas as juntas dos corpos de homens, é chamado Vyana. Há calor no corpos de criaturas vivas o qual é circulado por todo o sistema pelo ar Samana. Residindo dessa maneira no corpo, aquele ar opera sobre os diferentes tipos de substâncias aquosas e outras substâncias elementares e todos os líquidos orgânicos maus. Aquele calor, residindo entre Apana e Prana, na região do umbigo, opera, com a ajuda daqueles dois ares, na digestão de todo alimento que é ingerido por uma criatura viva. Há

um ducto que começa na boca e vai até o canal anal. Sua extremidade é chamada de ânus. Deste ducto principal numerosos ductos secundários se ramificam nos corpos de todas as criaturas vivas. (A palavra para ducto é Srotas. Ela também pode ser traduzida 'canal'. Muito semelhante à artéria principal ou aorta.) Em consequência do movimento rápido dos vários ares citados acima (através desses ductos), aqueles ares se misturam. O calor (que reside em Prana) é chamado de Ushman. É este calor que causa a digestão em todas as criaturas possuidoras de corpos. O ar chamado Prana, o portador de uma corrente de calor, desce (da cabeça) até a extremidade do canal anal e dali é enviado para cima mais uma vez. Voltando para seu assento na cabeça, ele mais uma vez manda para baixo o calor que ele carrega. Abaixo do umbigo é a região de matéria digerida. Acima dele está aquela para o alimento que é ingerido. No umbigo estão todas as forças de vida que sustentam o corpo. Incitados pelos dez tipos de ares tendo Prana como seu principal, os ductos (já mencionados), se ramificando a partir do coração, transportam os sucos líquidos que o alimento concede, para cima, para baixo, e em direções transversais. O ducto principal que vai da boca ao ânus é o caminho pelo qual yogins, vencedores da fadiga, de perfeita equanimidade em alegria e tristeza, e possuidores de grande paciência, conseguem alcançar Brahma por manterem a alma dentro do cérebro. (Em trabalhos sobre yoga é declarado que o ducto principal deve ser trazido sob o controle da vontade. A alma pode então, por um ato de volição, ser afastada do sistema físico inteiro nas convoluções do cérebro na cabeça. O cérebro, na linguagem de yogins, é um lótus de mil pétalas. Se a alma for recolhida dentro dele, a criatura viva então ficará livre da necessidade de alimento e sono, etc., e viverá de era em era, absorvida em contemplação da divindade e em perfeita beatitude.) Dessa maneira o calor pulsa nos ares chamados Prana e Apana e outros, de todas as criaturas incorporadas. Aquele calor está sempre queimando lá como um fogo colocado em algum recipiente (visível).'"

186

"Bharadwaja disse, 'Se é o vento que nos mantém vivos, se é o vento que causa nosso movimento e esforço, se é o vento que nos faz respirar e falar, então parece que a vida vale pouco. Se o calor animal (que digere todo o alimento) é da natureza do fogo, e se é aquele fogo que ajuda na digestão por dissolver o alimento que ingerimos, então a vida vale pouco. Quando um animal morre, aquilo que é chamado de sua vida nunca é visto deixando-o. Somente a respiração o deixa, e o calor interno se extingue. Se a vida fosse nada mais do que vento, ou se a vida dependesse somente do vento, ela então poderia ser vista como o oceano de ar externo, e quando partindo ela se misturaria com aquele ar. Se a vida depende do ar, e se ela termina com a fuga daquele ar do corpo, ela então se misturaria com outra porção de ar (que existe fora) como uma porção de água escapando para o grande oceano e assim somente mudando seu lugar de residência. Se uma quantidade de água é jogada em um poço, ou se a chama de uma lâmpada é jogada em um fogo ardente, eles, entrando em um elemento

homogêneo, perdem sua existência independente ou separada. Se a vida fosse ar, ela também, quando o animal morresse, se misturaria com o grande oceano de ar exterior. Como nós podemos dizer que há vida neste corpo animal que é composto dos cinco elementos (primordiais)? Se um daqueles elementos desaparece, a união dos outros quatro se dissolve. O elemento água seca se alimento não for ingerido. O elemento ar desaparece se a respiração for impedida. O elemento espaço desaparece se as excreções cessam. Assim também o elemento fogo se extingue se não entra alimento. O elemento terra se rompe em pedaços por causa de doenças, ferimentos, e outros sofrimentos. Se somente um dos cinco vem a ser afligido, a união sendo dissolvida, os cinco partem em cinco direções diferentes. Quando o corpo o qual é uma união dos elementos, vem a ser separado em cinco componentes, para onde a vida vai? O que ela sabe então? O que ela ouve? O que ela diz? Esta vaca (que é doada para um Brahmana santo), isto é dito, me resgatará no outro mundo. O próprio animal, no entanto, que é doado, morre. Quem então esta vaca resgatará? O recebedor da vaca (em doação) e o doador são iguais (ambos estando sujeitos à morte). Ambos encontram com a extinção neste mundo. Como então eles se encontrarão novamente? Como a pessoa que foi comida por aves, ou aquela que foi quebrada em pedaços por uma queda de um topo de montanha, ou que foi consumida pelo fogo, recupera vida? A raiz de uma árvore que foi derrubada não cresce outra vez. Somente as sementes manifestam brotos. Onde está a pessoa que tendo morrido volta (para algum novo tipo de existência)? Somente sementes foram criadas originalmente. Todo este universo é o resultado de sementes em sucessão. Aqueles que morrem, morrem para perecer. Sementes resultam de sementes.'"

187

"Bhrigu disse, 'Não há destruição da criatura viva, ou daquilo que é doado, ou de nossas outras ações. A criatura que morre somente entra em outra forma. Somente o corpo se dissolve. A criatura viva, embora dependente do corpo, não encontra destruição quando o corpo é destruído. Ela não é vista depois da destruição da forma física assim como o fogo não é visto depois do consumo do combustível com qual ele foi aceso.'"

"Bharadwaja disse, 'Se não há destruição da criatura viva como aquela do fogo, eu alego, o próprio fogo não é visto depois do consumo do combustível (que o acendeu). Quando o abastecimento de combustível é parado, o fogo se extingue, e, tanto quanto eu sei, vem a ser aniquilado. Certamente deve ser considerado como destruído aquilo que não tem mais nenhuma ação, que não fornece prova de sua existência, e que não mais ocupa qualquer espaço.'"

"Bhrigu disse, 'É verdade que após o consumo do combustível o fogo não é mais visto. Ele se mistura com o espaço porque não há mais qualquer objeto visível no qual inerir, e então não pode ser percebido por nós. Similarmente, após deixar o corpo, a criatura vive no espaço, e não pode ser vista por causa de sua extrema subtilidade, como é sem dúvida o caso com o fogo. É o fogo ou calor que

sustenta os ares chamados Prana e os outros. Saiba que aquele calor (existindo dessa maneira) é chamado de vida ou agente vivo. Aquele calor o qual é o sustentador dos ares se extingue pela supressão da respiração. Após aquele calor no corpo físico ser extinto, a própria forma perde animação. Perecendo, ela é transformada em terra, pois este é o seu destino final. O ar que está em todos os objetos móveis e imóveis se mistura com o espaço, e o calor que está neles segue aquele ar. Estes três (isto é, espaço, ar, e fogo), se misturam. Os outros dois (isto é, água e terra), existem juntos na forma de terra. Há vento onde há espaço, e há fogo onde há vento. Eles são informes, isso deve ser conhecido, e se tornam dotados de forma somente em relação às criaturas incorporadas.'"

"Bharadwaja disse, 'Se nos corpos físicos de todas as criaturas vivas há calor, vento, terra, espaço e água, quais, então, são as indicações do agente vivo? Diga-me isto, ó impecável! Eu desejo conhecer a natureza da vida que está nos corpos dos seres vivos, corpos feitos dos cinco elementos primordiais, empenhados nas cinco ações, dotados dos cinco sentidos e possuidores de animação. Após a dissolução do corpo que é uma união de carne e sangue, e uma massa de gordura, tendões e ossos, aquele que é o agente vivo não pode ser visto. Se este corpo, composto dos cinco elementos, for desprovido do que é chamado de vida, quem ou o que então é aquilo que sente tristeza pelo aparecimento de dor mental ou corporal? O agente vivo ouve o que é dito, com a ajuda dos ouvidos. Acontece, no entanto, ó grande Rishi, que o mesmo agente não ouve quando a Mente está ocupada de outra maneira. Parece, portanto, que aquele que é chamado de agente vivo não serve um propósito. Toda a cena que o agente vivo vê com olhos agindo em companhia da mente, a visão não contempla, mesmo quando colocada diante dele, se a mente está ocupada de outra maneira. Então, também, quando ele está sob a influência do sono, aquele agente nem vê nem cheira, nem ouve, nem fala, nem experimenta as percepções de tato e paladar. Quem ou o que então é aquilo que sente alegria, fica zangado, se entrega à tristeza, e experimenta tribulação? O que é aquilo que deseja, pensa, sente aversão, e profere palavras?'"

"Bhrigu disse, 'A mente também é feita dos cinco elementos em comum com o corpo. Por esta razão ela é sem importância em relação às ações mencionadas por ti. Somente a Alma interna sustenta o corpo. É ela que percebe cheiro, gosto, som, toque e forma e outras propriedades (que existem na natureza externa). Aquela Alma, permeando todos os membros, é a testemunha (dos atos) da mente dotada de cinco atributos e residindo dentro do corpo composto dos cinco elementos. É ela que sente prazer e dor, e quando separada dela o corpo não mais as experimenta. Quando não há mais qualquer percepção de forma ou de tato, quando não há calor no fogo que reside dentro do corpo, de fato, quando aquele calor animal se extingue, o corpo, em consequência de seu abandono pela Alma, encontra a destruição. O universo inteiro é composto de água. A água é a forma de todas as criaturas incorporadas. Naquela água está a Alma a qual está manifestada na mente. Aquela Alma é o Criador Brahman que existe em todas as coisas. Quando a Alma se torna dotada de atributos grosseiros, ela vem a ser chamada de Kshetrajna. Quando livre daqueles atributos, ela vem a ser chamada

de Paramatman ou Alma Suprema. Conheça aquela Alma. Ela é inspirada com benevolência universal. Ela reside no corpo como uma gota de água em um lótus. Conheça bem aquilo que é chamado de Kshetrajna e que tem benevolência universal. Ignorância, Paixão, e Bondade são as qualidades do agente vivo. Os eruditos dizem que a Alma tem Consciência e existe com as qualidades da vida. A alma se manifesta e faz tudo se manifestar. Pessoas que têm um conhecimento da Alma dizem que a Alma é diferente da vida. É a Alma Suprema que cria os sete mundos e os coloca em andamento. Não há destruição do agente vivo quando a dissolução do corpo ocorre. Homens desprovidos de inteligência dizem que ele morre. Isto é certamente falso. Tudo o que um agente vivo faz é ir de um corpo para outro. Aquilo que é chamado de morte é somente a dissolução do corpo. É assim que a Alma, envolvida em diversas formas, migra de forma para forma, despercebida e não notada por outros. Pessoas possuidoras de Conhecimento verdadeiro contemplam a Alma por meio de sua inteligência sutil e aguçada. O homem de sabedoria, vivendo de alimentação frugal, e com coração limpo de todos os pecados, se dedicando à meditação yoga, consegue toda noite, antes e depois do sono, contemplar sua Alma pela ajuda de sua Alma. (É dito frequentemente que em um estágio avançado de yoga uma pessoa é capacitada a ver sua própria Alma, ou, um tipo de existência dupla é percebido pelo qual a Alma se torna um objeto de visão interna para a própria Alma.) Por um coração contente, e por abandonar todas as ações boas e más, uma pessoa pode obter felicidade infinita por confiar na própria Alma. O rei, de refulgência ardente, residindo dentro da mente é chamado de agente vivo. É daquele Senhor de tudo que esta criação tem surgido. Esta é a conclusão a que se chega pela pesquisa sobre a origem das criaturas e da alma.'"

188

"Bhrigu disse, 'Brahman primeiro criou uns poucos Brahmanas que vieram a ser chamados de Prajapatis (senhores da criação). Possuidores de esplendor igual àquele do fogo ou do Sol, eles foram criados da energia daquele Ser Primogênito. O pujante Senhor então criou a Verdade, o Dever, a Penitência, os Vedas eternos, todos os tipos de atos virtuosos, e a Pureza, para permitir às criaturas alcançarem o céu (por praticá-las). Depois disso, as Divindades e os Danavas, os Gandharvas, os Daityas, os Asuras, as grandes cobras, os Yakshas, os Rakshasas, as Serpentes, os Pisachas, e os seres humanos com suas quatro divisões, isto é, Brahmanas, Kshatriyas, Vaisyas, e Sudras, ó melhor dos regenerados, e todas as outras classes de criaturas que existem, foram criadas. A cor que os Brahmanas obtiveram foi o branco (Bondade, Sattwa); a que os Kshatriyas obtiveram foi o vermelho (Paixão, Rajas); a dos Vaisyas foi o amarelo (Bondade e Paixão, Sattwa e Rajas); e a que foi dada aos Sudras foi a preta (Ignorância, Tamas).'"

"Bharadwaja disse, 'Se a distinção entre as quatro classes (de seres humanos) for feita somente por meio da cor (atributo), então parece que todas as quatro ordens estão misturadas. Luxúria, ira, medo, cupidez, dor, ansiedade, fome,

fadiga, dominam e prevalecem sobre todos os homens. Como os homens podem ser diferenciados pela posse de atributos? Os corpos de todos os homens emitem suor, urina, fezes, fleuma, bílis, e sangue. Como então os homens podem ser divididos em classes? De objetos móveis o número é infinito; as espécies também de objetos imóveis são inumeráveis. Como, então, objetos de tão grande diversidade podem ser distribuídos em classes?'"

"Bhrigu disse, 'Realmente não há distinção entre as diferentes classes. O mundo inteiro a princípio consistia em Brahmanas. Criados (iguais) por Brahman, os homens, por causa de suas ações, vieram a ser divididos em classes diferentes. Aqueles que se tornaram aficionados em satisfazer o desejo e desfrutar de prazeres, possuidores dos atributos de severidade e ira, dotados de coragem, e negligentes aos deveres de piedade e culto, aqueles Brahmanas possuidores do atributo de Paixão, se tornaram Kshatriyas. Aqueles Brahmanas que, sem cumprirem os deveres prescritos para eles, se tornaram possuidores de ambas as qualidades de Bondade e Paixão, e adotaram as profissões de criação de gado e agricultura, se tornaram Vaisyas. Aqueles Brahmanas que se tornaram afeiçoados à mentira e a prejudicar outras criaturas, possuidores de cobiça, empenhados em todos os tipos de ações para viver, e que se desviaram da pureza de comportamento, e assim se ligaram ao atributo de Ignorância, se tornaram Sudras. Separados por estas ocupações, os Brahmanas, se afastando de sua própria classe, se tornaram membros das outras três ordens. Todas as quatro classes, portanto, têm sempre o direito à realização de todas as funções virtuosas e de sacrifícios. Assim mesmo as quatro classes a princípio foram criadas iguais por Brahman que ordenou para todas elas (as observâncias expostas) nas palavras de Brahma (nos Vedas). Somente pela cobiça, muitos decaíram, e foram possuídos pela ignorância. Os Brahmanas estão sempre dedicados às escrituras sobre Brahma; e conscientes de votos e restrições, são capazes de apreender o conceito de Brahma. Suas penitências, portanto, nunca são em vão. Aqueles entre eles que não são Brahmanas são incapazes de compreender que cada coisa criada é o Brahma Supremo. Estes, decaindo, se tornam membros das diversas classes (inferiores). Perdendo a luz do conhecimento, e se dirigindo a uma conduta desregrada, eles tomam nascimento como Pisachas e Rakshasas e Pretas e como indivíduos das diversas espécies Mleccha. Os grandes Rishis que no início surgiram (pela Vontade de Brahman) posteriormente criaram, por meio de suas penitências, homens dedicados aos deveres ordenados para eles e ligados aos ritos declarados nos Vedas Eternos. Aquela outra Criação, no entanto, que é eterna e imperecível, que é baseada em Brahma e que surgiu do Deus Primevo, e que tem seu refúgio em yoga, é uma criação mental.'"

(A distinção aqui declarada parece ser esta: a criação eterna é devido ao yoga ou ação mental da Divindade Primeva. Esta criação que nós vemos é o resultado das penitências daqueles sábios que foram criados primeiro. Talvez, o que se queira dizer é que o princípio de vida, de vida procedendo de vida, e a matéria primordial com espaço, etc., são todos devidos à ordem de Deus; enquanto todos os objetos visíveis e tangíveis, provenientes da ação daqueles princípios e da matéria primordial e espaço, são atribuíveis aos sábios antigos.)

189

"Bharadwaja disse, 'Por quais ações alguém se torna um Brahmana? Por quais, também, alguém se torna um Kshatriya? Ó melhor dos regenerados, por quais atos alguém se torna um Vaisya ou um Sudra? Diga-me isto, ó principal dos oradores.'"

"Bhrigu disse, 'É chamado de Brahmana aquele que é santificado por tais ritos como aqueles chamados jata e outros; que é puro em comportamento; que é devotado a estudar os Vedas; que é dedicado às seis ações bem conhecidas (de abluções toda manhã e noite, recitação silenciosa de mantras, despejar libações no fogo sacrifical, cultuar as divindades, cumprir os deveres de hospitalidade para com os convidados, e oferecer comida aos Viswedevas); que é devidamente observador de todas as ações pias; que nunca ingere alimento sem tê-lo oferecido devidamente aos deuses e convidados; que é cheio de reverência por seu preceptor; e que está sempre dedicado a votos e verdade. É chamado de Brahmana aquele em quem há verdade, caridade, abstenção de dano a outros, compaixão, vergonha, benevolência, e penitência. Aquele que é dedicado à profissão de batalha, que estuda os Vedas, que faz doações (para Brahmanas) e tira riqueza (daqueles a quem ele protege) é chamado de Kshatriya. Aquele que ganha fama por criar gado, que está empenhado em agricultura e nos meios de adquirir riqueza, que é puro em comportamento e atento ao estudo dos Vedas, é chamado de Vaisya. Aquele que tem prazer em comer todos os tipos de alimento, que está empenhado em fazer todas as espécies de trabalho, que é impuro em comportamento, que não estuda os Vedas, e cuja conduta é impura, é considerado um Sudra. Se estas características forem observáveis em um Sudra, e se elas não forem encontradas em um Brahmana, então tal Sudra não é Sudra, e, tal Brahmana não é Brahmana. Por todos os meios a cobiça e a ira devem ser refreadas. Isto como também o autodomínio, são os maiores resultados do Conhecimento. Aquelas duas paixões (cobiça e ira), devem, com toda a coragem, ser resistidas. Elas fazem seu aparecimento para destruir o maior bem de alguém. Uma pessoa deve sempre proteger sua prosperidade de sua ira, suas penitências do orgulho; seu conhecimento de honra e desonra; e sua alma do erro. Aquela pessoa inteligente, ó regenerado, que faz todos os atos sem desejo de resultado, cuja riqueza inteira existe para a caridade, e que realiza o Homa diário, é um verdadeiro Renunciante. Uma pessoa deve se comportar como um amigo para todas as criaturas, se abstendo de todos os atos de injúria. Rejeitando a aceitação de todas as doações, ela deve, pela ajuda de sua própria inteligência, dominar completamente suas emoções. Ela deve viver em sua própria alma onde não pode haver aflição. Então ela não terá medo aqui e alcançará uma região sem medo após a morte. Ela deve viver sempre dedicada a penitências, e com todas as paixões completamente refreadas; cumprindo o voto de taciturnidade, e com alma concentrada em si mesma; desejosa de conquistar os sentidos indomados, e livre no meio das atrações. Todas as coisas que podem ser percebidas pelos sentidos são chamadas de Manifestas. Deve-se procurar conhecer, entretanto, tudo o que é Imanifesto, que está além da compreensão dos sentidos, que pode ser averiguado somente pelos sentidos sutis. (O mundo grosseiro é perceptível pelos

sentidos comuns. Além do mundo grosseiro há um sutil o qual os sentidos sutis, isto é, os sentidos afiados por meio de yoga, podem perceber. Com a morte, somente o corpo é dissolvido. O corpo ou forma sutil, chamado de Linga-sarira, e composto do que é chamado de Tanmatras dos elementos primordiais, permanece. Ele retém todas as características do mundo em uma forma incipiente. O Linga-sarira também deve ser destruído antes que a absorção em Brahma possa ocorrer.) Se não há fé, nunca se conseguirá obter aquele sentido sutil. Portanto, uma pessoa deve se manter na fé. A mente deve ser unida com Prana, e Prana deve então ser mantido dentro de Brahma. Por se dissociar de todos os apegos alguém pode obter absorção em Brahma. Não há necessidade de se dedicar a qualquer outra coisa. Um Brahmana pode facilmente alcançar Brahma pelo caminho da Renúncia. As indicações de um Brahmana são pureza, bom comportamento e compaixão por todas as criaturas.'"

190

"Bhrigu disse, 'Verdade é Brahma; Verdade é Penitência; é a Verdade que cria todas as criaturas. É pela Verdade que todo o universo é mantido; e é com a ajuda da Verdade que alguém vai para o céu. A mentira é somente outra forma de Ignorância. É a Ignorância que leva para baixo. Aqueles que são afligidos pela Ignorância e cobertos por ela fracassam em ver as regiões iluminadas do céu. É dito que o Céu é Luz e que o Inferno é Escuridão. As criaturas que moram no universo alcançam ambos, céu e inferno. Neste mundo também, verdade e mentira levam a rumos de conduta opostos e a direções opostas, tais como Justiça e Injustiça, luz e escuridão, prazer e dor. Entre esses, aquilo que é Verdade é Justiça; aquilo que é Justiça é Luz; e aquilo que é Luz é Felicidade. Do mesmo modo, aquilo que é Mentira é Injustiça; aquilo que é Injustiça é Escuridão; e aquilo que é Escuridão é Tristeza ou Miséria. Em relação a isso é dito que aqueles que possuem sabedoria, vendo que o mundo de vida é oprimido pela tristeza, corporal e mental, e pela felicidade que sempre termina em miséria, nunca se permitem ser entorpecidos. Aquele que é Sábio se esforçará para se salvar da tristeza. A felicidade das criaturas vivas é instável neste e no outro mundo. (A felicidade que é obtida no céu não é perpétua, sendo limitada em relção à duração pelo grau ou extensão de mérito que é obtido aqui.) A felicidade de criaturas que estão dominadas pela Ignorância desaparece como o esplendor da Lua quando afligida por Rahu. (A teoria Purânica sobre o eclipse solar e lunar é que o Daitya Rahu procura devorar o Sol e a Lua.) É dito que a felicidade é de dois tipos, isto é, física e mental. Neste e no outro mundo, os frutos visíveis e invisíveis (das ações) são especificados (nos Vedas) por causa da felicidade. (Os Vedas declaram aqueles frutos para que os homens possam se esforçar por eles quando eles levam à felicidade.) Não há nada mais importante do que a felicidade entre os frutos ou consequências do agregado triplo. A felicidade é desejável. Ela é um atributo da Alma. Virtude e Lucro são procurados por causa dela. A virtude é sua base. Esta, de fato, é sua origem. Todas as ações têm por fim a obtenção de felicidade.'"

"Bharadwaja disse, 'Você disse que a felicidade é o maior objetivo, eu não compreendo isso. Este atributo da alma que (você diz) é tão desejável não é procurado pelos Rishis que são considerados como estando dedicados a algo que promete uma recompensa superior. É sabido que o Criador dos três mundos, isto é, o pujante Brahman, vive sozinho, observador do voto de Brahmacharya. Ele nunca se dedica à felicidade obtenível da satisfação do desejo. Também, o Mestre divino do universo, o marido de Uma, reduziu Kama (a divindade do desejo) à extinção. Por esta razão, nós dizemos que a felicidade não é aceitável para pessoas de grande alma. Nem ela parece ser uma qualidade superior da Alma. Eu não posso pôr fé no que tua pessoa divina disse, isto é, que não há nada mais elevado do que a felicidade. Que há dois tipos de consequências em relação aos nossos atos, isto é, o surgimento de felicidade das boas ações e de tristeza das ações pecaminosas, é somente um ditado que é corrente no mundo.'"

"Bhrigu disse, 'Sobre isto é dito o seguinte: da Mentira surge Ignorância. Aqueles que estão oprimidos pela Ignorância seguem somente a Injustiça e não a Justiça, sendo dominados por ira, cobiça, malícia, falsidade, e males similares. Eles nunca obtêm felicidade aqui ou após a morte. Por outro lado, eles são afligidos por várias espécies de doenças e dores e incômodos. Eles são também torturados por Morte, prisão, e diversas outras aflições daquele tipo, e pelas tristezas, como fome e sede e fadiga. Eles são também atormentados por numerosas aflições corpóreas que provêm de chuva e vento e calor ardente e frio excessivo. Eles são também afligidos por numerosas angústias mentais causadas por perda de riqueza e separação de amigos, como também por aflições causadas por decrepitude e morte. Aqueles que não são tocados por esses diversos tipos de aflições físicas e mentais sabem o que é felicidade. Esses males nunca são encontrados no céu. Lá sopram brisas deliciosas. No céu há também uma fragrância perpétua. No céu não há fome, nem sede, nem decrepitude, nem pecado. Neste mundo há felicidade e miséria. No inferno há somente miséria. Portanto, a felicidade é o maior objetivo de conquista. A Terra é a progenitora de todas as criaturas. As fêmeas partilham de sua natureza. O animal masculino é como o próprio Prajapati. A semente vital, isto deve ser conhecido, é a energia criativa. Desta maneira Brahman ordenou nos tempos passados que a criação deveria continuar. Cada um, afetado por suas próprias ações, obtém felicidade ou miséria.'"

191

"Bharadwaja disse, 'Qual é citada como a consequência da caridade? Qual da Justiça? Qual da conduta? Qual das Penitências bem realizadas? Qual do estudo e recitação dos Vedas? E qual de despejar libações sobre o fogo?'"

'Bhrigu disse, 'Por despejar libações no fogo sagrado o pecado é queimado. Pelo estudo dos Vedas se obtém tranquilidade abençoada. Pela caridade se obtém prazer e artigos de prazer. Por Penitências, alguém alcança o céu abençoado. É dito que as doações são de duas espécies: doações pelo outro

mundo, e aquelas por este. O que quer que seja dado aos bons serve ao doador no outro mundo. O que quer que seja dado para aqueles que não são bons produz consequências agradáveis aqui. As consequências das doações são compatíveis com as próprias doações.'"

"Bharadwaja disse, 'Qual curso de deveres deve ser realizado por quem? Quais são também as características do dever? Quantos tipos de dever existem? Cabe a ti me dizer isto.'"

"Bhrigu disse, 'Aqueles homens sábios que estão engajados em praticar os deveres prescritos para eles conseguem alcançar o céu como sua recompensa. Por fazerem de outra maneira as pessoas se tornam culpadas de insensatez.'"

"Bharadwaja disse, 'Cabe a ti me falar acerca dos quatro modos de vida que foram declarados antigamente por Brahman, e das práticas ordenadas para cada um deles.'"

"Bhrigu disse, 'Nos tempos passados, o divino Brahman, para beneficiar o mundo, e para a proteção da virtude, indicou quatro modos de vida. Entre eles, habitar na residência do preceptor é mencionado como o primeiro (em ordem de tempo). Quem está neste modo de vida deve ter sua alma limpa por pureza de conduta, por ritos Védicos, e por restrições e votos e humildade. Ele deve adorar o crepúsculo da manhã e da noite, o Sol, seu próprio fogo sagrado, e as divindades. Ele deve rejeitar procrastinação e ociosidade. Ele deve purificar sua alma por saudar seu preceptor, por estudar os Vedas, e por escutar as instruções de seu preceptor. Ele deve realizar suas abluções três vezes (isto é, de manhã, meio-dia, e à noite). Ele deve levar uma vida de celibato; cuidar de seu fogo sagrado; servir respeitosamente seu preceptor; sair diariamente em uma ronda da mendicância (para se sustentar); e dar de bom grado para seu preceptor tudo o que foi obtido em esmolas. Cumprindo de boa vontade tudo o que as ordens do preceptor possam indicar, ele deve estar preparado para receber tanta instrução Védica quanto seu preceptor possa dar a ele como um favor. (Um pupilo nunca deve pedir instrução a seu preceptor. Ele deve atender somente quando o preceptor o chamar. Até hoje, a regra é observada rigidamente em todos os Tols por toda a Índia. Deve ser adicionado para o crédito daqueles empenhados em ensinar que eles muito raramente negligenciam seus pupilos.) Sobre este assunto há um verso: O Brahmana que obtém seu Veda por servir seu preceptor com reverência consegue alcançar o céu e obter a realização de todos os seus desejos. O modo de vida familiar é considerado o segundo (na questão de tempo). Nós lhe explicaremos todas as ações pias e indicações daquele modo. Aqueles que tendo completado sua residência na casa do preceptor voltam para casa, cuja conduta é virtuosa, que desejam os resultados de um comportamento virtuoso com cônjuges em sua companhia, têm este modo de vida ordenado para eles. Nele Virtude, Riqueza, e Prazer, todos podem ser obtidos. Ele é, (dessa maneira) apropriado para cultivo do agregado triplo. Adquirindo riqueza por meio de ações irrepreensíveis, ou com riqueza de grande eficácia que é obtida da recitação dos Vedas, ou vivendo de tais meios como os que são utilizados pelos Rishis regenerados (isto é, apanhando grãos caídos do campo depois que a safra foi

cortada e removida pelo proprietário), ou com os produtos de montanhas e minas, ou com a riqueza representada pelas oferendas feitas em sacrifícios e no término de votos e outras observâncias, e aquelas feitas às divindades, o chefe de família deve seguir esse modo de vida. Este modo de vida é considerado como a base de todos os outros. Aqueles que são residentes nas casas de preceptores, aqueles que levam vidas de mendicância, e outros que vivem na observância de votos e restrições nos quais eles estão empenhados, derivam deste modo os meios dos quais eles vivem, as oferendas que eles fazem aos Pitris e às divindades, em resumo, todo o seu sustento. O terceiro modo de vida é chamado de Vida na Floresta. Para aqueles que o seguem, não há armazenamento de riqueza e artigos. Geralmente, aqueles homens bons e virtuosos, subsistindo de boa comida, e dedicados a estudar os Vedas, vagam pela terra para viajar para tirthas e visitar diversos reinos. Ficar de pé, se adiantar, proferir palavras gentis em sinceridade, fazer doações de acordo com a medida da competência do doador, oferecer assentos e camas do melhor tipo, e presentes de alimentos excelentes, são alguns dos meios para lhes mostrar respeito. Sobre esse assunto há um verso: Se um convidado vai embora de uma casa com expectativas não satisfeitas, supõe-se que ele leva os méritos do chefe de família e deixa ao último todos os seus delitos. Então também no modo de vida familiar as divindades são gratificadas por sacrifícios e outros ritos religiosos; os Pitris pela realização de ritos fúnebres; os Rishis pelo cultivo de conhecimento (Védico), por ouvir as instruções de preceptores, e por encerrar na memória as escrituras; e por fim o Criador por gerar filhos. (É geralmente dito que por procriar descendência um homem satisfaz os Pitris ou paga o débito que ele tem com seus ancestrais falecidos. Aqui Bhrigu diz que por aquele ato alguém satisfaz o Criador. A idéia é a mesma que forma a base do comando dado aos Judeus, 'Vão e multipliquem.') Sobre este assunto há dois versos: Na observância deste modo de vida deve-se falar para todas as criaturas palavras cheias de afeição e agradáveis para os ouvidos. Causar dor, infligir mortificações, e falar palavras duras é censurável. Insulto, arrogância, e fraude também devem ser evitados. Abstenção de ferir, veracidade, e ausência de ira produzem os méritos de penitências em todos os (quatro) modos de vida. No modo de vida familiar estes são permitidos, isto é, o uso e desfrute de guirlandas florais, ornamentos, mantos, óleos e unguentos perfumados; desfrute de prazeres derivados da dança e da música, vocal e instrumental, e de todas as vistas e cenas agradáveis para a visão; o desfrute de vários tipos de iguarias e bebidas pertencentes às principais classes de víveres, isto é, aqueles que são engolidos, aqueles que são lambidos, aqueles que são bebidos, e aqueles que são chupados; e o desfrute dos prazeres deriváveis de esportes e todos os tipos de diversão e satisfação de desejos. O homem que na observância deste modo de vida procura a aquisição do conjunto triplo (Religião, Riqueza, e Prazer), com aquele grande fim dos três atributos de Bondade e Paixão e Ignorância (o fim destes atributos é Moksha ou Emancipação), desfruta de grande felicidade aqui e finalmente alcança ao fim que está reservado para pessoas que são virtuosas e boas. Mesmo aquele chefe de família que cumpre os deveres de seu modo de vida por seguir a prática de apanhar grãos de cereais caídos nas fendas dos campos, e que abandona o prazer sensual e apego à ação, não encontra dificuldades em alcançar o céu.'"

192

"Bhrigu disse, 'Reclusos nas florestas procurando a aquisição de virtude vão à águas e rios e fontes sagrados, e fazem penitências em florestas solitárias e retiradas cheias de veados e búfalos e javalis e tigres e elefantes selvagens. Eles abandonam todos os tipos de mantos e comidas e prazeres pelos quais as pessoas vivendo em sociedade têm uma predileção. Eles subsistem abstemiamente de ervas selvagens e frutas e raízes e folhas de diversas espécies. A terra nua é seu assento. Eles deitam na terra nua ou rochas ou seixos ou cascalho ou areia ou cinza. Eles cobrem seus membros com grama e peles de animais e cascas de árvores. Eles nunca raspam suas cabeças e barbas ou aparam suas unhas. Eles realizam suas abluções a intervalos regulares. Eles despejam libações sobre o solo, como também sobre o fogo sagrado na hora apropriada sem falta. Eles nunca desfrutam de algum descanso até terminarem a coleta diária de combustível sagrado (para seus fogos homa) e flores e ervas sagradas (para sacrifício e culto) e até que eles tenham varrido e esfregado para limpar (seus altares sacrificais). Eles suportam sem a darem mínima atenção frio e calor, chuva e vento, e, portanto, a pele de seus corpos está totalmente rachada; e por observarem e prescreverem para si mesmos vários tipos de ritos e votos e ações, sua carne e sangue e pele e ossos se tornam emaciados. Dotados de grande paciência e resistência, eles vivem, sempre praticando a qualidade de bondade. A pessoa que, com alma controlada, observa tal curso de deveres originalmente ordenado por Rishis regenerados, queima todos os seus pecados como fogo e alcança regiões de felicidade difíceis de serem alcançadas.'"

"Eu agora descreverei a conduta daqueles chamados Parivrajakas. Ela é a seguinte: se livrando do apego ao fogo sagrado, riquezas, cônjuge e filhos, e mantos, assentos, camas, e outros objetos de prazer, e rompendo os laços de afeição, eles vagueiam, considerando como iguais um pedaço de terra ou rocha e ouro. Eles nunca colocam seus corações na aquisição ou desfrute do agregado triplo. Eles olham igualmente para inimigos e amigos e neutros ou desconhecidos. Eles nunca ferem, em pensamento, palavra, ou ação, coisas imóveis ou criaturas que são vivíparas, ou ovíparas ou nascidas da sujeira, ou chamadas de vegetais. Eles não têm casas. Eles vagam por colinas e montanhas, sobre margens de rios ou mares, sob sombras de árvores, e entre templos de divindades. Eles podem ir para cidades ou aldeias para residência. Em uma cidade, no entanto, eles não devem viver por mais do que cinco noites, enquanto em uma aldeia sua residência nunca deve exceder uma noite. Entrando em uma cidade ou aldeia, eles devem, para manter a vida, ir somente às residências de Brahmanas de atos generosos. (Os Hindus não tinham leis para os pobres. As injunções de suas escrituras sempre foram suficientes para manter os pobres, especialmente seus mendicantes religiosos. Os próprios mendicantes são impedidos de perturbar os chefes de família frequentemente. Ninguém exceto os abastados devem ser visitados pelos mendicantes, de modo que homens de recursos escassos não podem ser obrigados a sustentar os reclusos.) Eles nunca devem pedir esmolas

exceto a que é lançada na tigela (de madeira) que eles carregam. Eles devem se livrar da luxúria, ira, orgulho, cobiça, ilusão, avareza, falsidade, calúnia, vaidade, e de injúria para criaturas vivas. Sobre este assunto há alguns versos: a pessoa que, observando o voto de taciturnidade, vaga sem causar medo à qualquer criatura, nunca é inspirado por medo por qualquer criatura. A pessoa erudita que realiza o Agnihotra (não por acender fogo externo mas) com a ajuda do fogo que é seu próprio corpo, de fato, que despeja libações em sua própria boca e sobre o fogo que existe em seu próprio corpo, consegue alcançar numerosas regiões de felicidade por aquele fogo ser alimentado com tais libações obtidas por uma vida de mendicância. Aquela pessoa de nascimento regenerado que observa da maneira supracitada este modo de vida que tem a Emancipação como seu fim, com um coração puro e com uma compreensão livre de resolução, alcança Brahma da mesma maneira que um raio tranquilo de luz que não é alimentado por qualquer combustível ardente.'"

"Bharadwaja disse, 'Além desta região (que nós habitamos) há uma região da qual nós temos ouvido mas nunca visto. Eu desejo saber tudo acerca dela. Cabe a ti descrevê-la para mim.'"

"Bhrigu disse, 'Em direção ao norte, no outro lado de Himavat, que é sagrado e possuidor de todo mérito, há uma região que é sagrada, abençoada, e altamente desejável. Ela é chamada de outro mundo. Os homens que habitam aquela região são justos em ação, virtuosos, de corações puros, livres de cobiça e erros de julgamento, e não sujeitos a aflições de nenhum tipo. Aquela região é, de fato, igual ao céu, possuidora como ela é de tais qualidades excelentes. A Morte chega lá na época apropriada. Doenças nunca tocam os habitantes. Ninguém nutre qualquer desejo pelos cônjuges de outras pessoas. Cada um está dedicado ao seu próprio cônjuge. Aquelas pessoas não afligem ou matam umas às outras, ou cobiçam as coisas umas das outras. Lá nenhum pecado ocorre, nenhuma dúvida surge. (Isto é, todo o conhecimento lá é exato.) Lá os frutos de todas as ações (religiosas) são visíveis. Lá alguns desfrutam de assentos e bebidas e iguarias da melhor espécie, e vivem dentro de palácios e mansões. Lá alguns, adornados com ornamentos de ouro, se circundam com todos os artigos de prazer. Há, também, alguns que comem muito abstemiamente, somente para manter corpo e alma juntos. Lá alguns, com grande esforço, procuram conter os ares vitais (isto é, praticam yoga). Aqui (nesta região que é habitada por nós), alguns homens estão dedicados à justiça e alguns à fraude. Alguns são felizes e alguns são miseráveis; alguns são pobres e outros são ricos. Aqui esforço, medo, ilusão, e fome dolorosa fazem seu aparecimento. Aqui cobiça por riqueza também é vista, uma emoção que entorpece até aqueles que são eruditos entre homens. Aqui diversas opiniões prevalecem, espalhadas por aqueles que fazem atos que são virtuosos ou pecaminosos. Aquele homem possuidor de sabedoria que conhece todas aquelas opiniões, as quais podem ser divididas em dois tipos, nunca é maculado pelo pecado. Engano com fraude, roubo, calúnia, malícia, opressão, injúria, traição, e mentira, e vícios tiram parte do mérito das penitências daquele que as pratica. Aquele, por outro lado, possuidor de conhecimento, que os evita, encontra o mérito de suas penitências aumentado. Aqui há muita reflexão sobre atos que são

justos e aqueles que são injustos. Esta região que nós habitamos é o campo de ação. Tendo feito bem e mal aqui, uma pessoa obtém bem por suas boas ações e mal pelas ações que são más. Aqui o próprio Criador nos tempos passados, e todos os deuses com os Rishis, tendo realizado penitências apropriadas, se purificaram e alcançaram Brahma. A parte norte da terra é altamente auspiciosa e sagrada. Aqueles pertencentes a esta região (que nós habitamos) que são fazedores de atos virtuosos ou que mostram respeito por yoga, nascem naquela região. Outros (que são de uma disposição diferente), nascem nas espécies intermediárias. Alguns, também, quando seus períodos determinados se esgotam, se tornam perdidos sobre a terra. Empenhados em se alimentarem uns dos outros e manchados por cobiça e ilusão, estes homens voltam para esta mesma região sem poderem ir (após a morte) para aquela região norte. Aqueles homens de sabedoria que com votos e cumpridores de Brahmacharya escutam com veneração as instruções de preceptores, conseguem conhecer os fins reservados para todas as classes de homens. Eu agora te disse em resumo o curso dos deveres ordenados por Brahman. De fato, é considerado possuidor de inteligência aquele que sabe o que é virtude e qual é seu contrário neste mundo.'"

"Bhishma continuou, 'Dessa maneira, ó rei, Bhrigu falou para Bharadwaja de grande energia. De alma altamente virtuosa, o último ficou cheio e admiração e adorou o grande sábio com veneração. Assim, ó monarca, a origem do universo foi narrada para ti em detalhes. O que, ó tu de grande sabedoria, tu desejas saber depois disto?'"

193

"Yudhishthira disse, 'Eu acho, ó avô, que tu és conhecedor de tudo, ó tu que estás familiarizado com os deveres. Eu desejo te ouvir falar, ó impecável, das ordenanças acerca da conduta.'"

"Bhishma disse, 'Aqueles que são de má conduta, de más ações, de mente pecaminosa, e impetuosidade excessiva, são chamados de homens maus ou pecaminosos. Aqueles, no entanto, que são chamados de bons são distinguidos por pureza de conduta e práticas. Aqueles que são bons homens nunca respondem chamados da natureza nas rodovias, em currais de vacas, ou em campos cobertos com arrozal. Tendo terminado as ações necessárias uma pessoa deve realizar abluções em rios e gratificar as divindades com oblações de água. É dito que este é o dever de todos os homens. Surya deve ser sempre adorado. Não se deve dormir depois do nascer do sol. De manhã e à noite as orações (ordenadas nas escrituras) devem ser ditas, sentando-se com rosto virado para o leste e para o oeste respectivamente. Lavando os cinco membros (as duas mãos, os dois pés, e o rosto), deve-se comer silenciosamente com rosto virado em direção ao leste. Nunca se deve menosprezar a comida que se tem para comer. Deve-se comer alimento que é bom para o paladar. Depois de comer deve-se lavar as mãos e se levantar. (Esta pode ser uma instrução geral para lavar as mãos depois de comer, ou ela pode se referir ao Gandusha final, isto é, o ato de

pegar um pouco de água na mão direita, erguê-la aos lábios, e jogá-la ao chão, repetindo uma fórmula curta.) Nunca se deve adormecer à noite com pés molhados. O Rishi celeste Narada disse que estas são indicações de boa conduta. Deve-se todo dia circungirar um local sagrado, um touro, uma imagem sagrada, um curral, um lugar onde quatro estradas se encontram, um Brahmana virtuoso, e uma árvore sagrada. Não se deve fazer distinções entre seus convidados e servidores e parentes em questões de alimento. Igualdade (a este respeito) com empregados é aprovada. Comer (duas vezes ao dia) de manhã e à noite é uma ordenança dos deuses. Não é prescrito que se deve comer (uma vez mais) em nenhum período intermediário. Aquele que come segundo esta regra adquire o mérito de um jejum. Nas horas ordenadas para Homa deve-se despejar libações no fogo sagrado. Sem procurar a companhia das esposas de outros homens, o homem de sabedoria que procura sua própria esposa no período apropriado adquire o mérito de Brahmacharya. Os restos do prato de um Brahmana são como ambrosia. Eles são como o alimento lácteo que é produzido pelo peito da mãe. As pessoas valorizam muito aqueles restos. Os bons, por comê-los, alcançam Brahma. Aquele que soca turfa para argila (para fazer altares sacrificais), ou que corta as ervas (para fazer combustível sacrifical), ou que usa suas unhas somente (e não armas de qualquer tipo) para comer (carne santificada), ou que sempre subsiste dos restos dos pratos de Brahmanas, ou aquele que age, induzido por desejo de recompensa, não tem que viver muito tempo no mundo. Alguém que tem se abstido de carne (sob algum voto) não deve comê-la mesmo se ela for santificada com mantras do Yajurveda. Deve-se também evitar a carne ao redor da coluna vertebral (de algum animal) e a carne de animais não mortos em sacrifícios. No seu próprio local ou em uma terra desconhecida, nunca se deve fazer um convidado jejuar. Tendo obtido esmolas e outros frutos de atos opcionais, deve-se oferecê-los para os mais velhos. Deve-se sempre oferecer assentos para os mais velhos e saudá-los com respeito. Por reverenciar os mais velhos obtém-se vida longa, fama, e prosperidade. Nunca se deve contemplar o Sol no momento em que nasce, nem se deve olhar em direção a uma mulher nua que é cônjuge de outro homem. Ato sexual com a esposa (na época apropriada) não é pecaminosa mas é uma ação que sempre deve ser feita em privacidade. O coração de todos os locais e santuários sagrados é o Preceptor. O coração de todas as coisas puras e purificadoras é o Fogo. Todas as ações feitas por uma pessoa boa e virtuosa são boas e louváveis, inclusive até o toque no pêlo do rabo de uma vaca. Sempre que se encontrar com outro, deve-se fazer perguntas educadas. Saudar os Brahmanas toda manhã e noite é ordenado. Em templos de deuses, em meio a vacas, ao realizar os ritos de religião prescritos para os Brahmanas, na leitura dos Vedas, e ao comer, a mão direita deve ser erguida. (No sentido de ser movida ou usada. O comentador adiciona que o fio sagrado também deve ser envolvido no polegar, como os Grihyasutras declaram.) O culto de Brahmanas, da manhã e à noite, segundo os ritos devidos, produz grande mérito. Por tal culto a mercadoria do comerciante e os produtos dos agricultores se tornam abundantes. Grande também se torna a produção de todas as espécies de cereais e o suprimento de todos os artigos que os sentidos podem desfrutar se torna copioso. Quando dando comestíveis para outro (colocando em seu prato), deve-se dizer, 'Isto é suficiente?' Quando ofertando bebida, deve-se perguntar 'Isto

vai satisfazer?', e quando dando leite e arroz adoçados, ou mingau de cevada açucarado, ou leite com gergelim ou ervilha, deve-se perguntar 'Isto tem caído?' (Em todos os casos, a pessoa que recebe deve dizer 'Totalmente suficiente' 'Até a saciedade', e 'Tem caído copiosamente' ou palavras neste sentido.) Depois de se barbear, depois de cuspir, depois do banho, e depois de comer, as pessoas devem adorar Brahmanas com reverência. Tal culto com certeza concede longevidade a homens doentios. Não se deve expelir urina com rosto virado para o sol, nem se deve ver as próprias fezes. Não se deve deitar na mesma cama com uma mulher, nem comer com ela. Ao se dirigir aos mais velhos nunca se deve aplicar o pronome 'você' a eles ou usar seus nomes. 'Tu' ou usar os nomes não é censurável ao se dirigir aos inferiores ou iguais em idade. (A forma polida de se dirigir é Bhavan. Ela é na terceira pessoa do singular. A segunda pessoa é evitada, sendo direta demais.) Os corações de homens pecaminosos revelam os pecados cometidos por eles. Aqueles homens pecaminosos que ocultam seus pecados conscientes de bons homens encontram a destruição. Somente tolos ignorantes procuram esconder os pecados que eles cometem conscientemente. É verdade que seres humanos não vêem aqueles pecados, mas os deuses os vêem. Um pecado oculto por outro pecado leva a novos pecados. Uma ação de mérito, também, se escondida por uma ação de mérito, aumenta o mérito. As ações de um homem virtuoso sempre seguem no encalço da virtude. Um homem desprovido de compreensão nunca pensa nos pecados que cometeu. Aqueles pecados, no entanto, alcançam o fazedor que se desviou das escrituras. Como Rahu vem para Chandra (no seu tempo apropriado), aquelas ações pecaminosas vão ao homem tolo. Os objetos que são armazenados com expectativa mal são desfrutados. Tal armazenamento nunca é aprovado pelos sábios, pois a morte não espera por ninguém (mas arrebata sua presa ela estando pronta ou não). Os sábios dizem que a retidão de todas as criaturas é um atributo da mente. Por esta razão, um homem deve, em sua mente, fazer bem para todos. Deve-se praticar virtude sozinho. Na prática de virtude não se tem necessidade da ajuda de outros. Se alguém obtém somente as ordenanças das escrituras, o que pode um amigo fazer? Virtude é a origem da humanidade. Virtude é a ambrosia dos deuses. Depois da morte, os homens desfrutam, pela Virtude, de felicidade eterna.'"

194

"Yudhishthira disse, 'Diga-me, ó avô, o que e de que natureza é aquilo que é chamado pelo nome de Adhyatma e que é declarado para todas as pessoas. (Adhyatma é algo que depende da mente. Todas as especulações sobre o caráter da mente e suas relações com objetos externos estão incluídas na palavra Adhyatma.) Ó tu que conheces Brahma, de onde foi criado este universo consistindo em coisas móveis e imóveis? Quando a destruição universal começa, para quem ele vai? Cabe a ti me falar sobre este assunto.'"

"Bhishma disse 'Isto, Adhyatma, ó filho de Pritha, sobre o qual tu me perguntaste, eu logo falarei. Isto é altamente agradável e produtivo de grande felicidade. Grandes professores (antes disso) mostraram as verdades sobre a

Criação e a Destruição (do universo). Conhecendo essas verdades, uma pessoa pode alcançar, mesmo neste mundo, grande satisfação e felicidade. Tal conhecimento também pode levar à aquisição de grandes resultados, e ele é altamente benéfico para todas as criaturas. Terra, ar, espaço, água, e luz numerada como a quinta, são considerados como Grandes Criaturas. Estes constituem a origem e a destruição de todos os objetos criados. Para ele de quem estes grandes elementos primordiais têm sua origem, eles voltam repetidamente, se separando de todas as criaturas (em cujas composições eles entram), assim como as ondas do oceano (baixando naquele do qual elas parecem se erguer). Como a tartaruga estica seus membros e os recolhe novamente, assim a Alma Suprema cria todos os objetos e novamente os recolhe em Si Mesmo. O Criador coloca os cinco elementos primordiais em todos os objetos criados em diferentes proporções. A criatura viva, no entanto, não vê isso (por ignorância). O som, os órgãos de audição, e todos os orifícios, estes três, surgem do Espaço como seu progenitor. Toque, ação, e pele são os atributos triplos do Vento. Forma, olho, e digestão são os atributos triplos do Fogo ou Energia. Sabor, todas as secreções líquidas, e a língua representam os três atributos da Água. Cheiros, o nariz, e o corpo são as propriedades triplas da Terra. Os grandes elementos (primordiais) são cinco. A mente é o sexto. Os sentidos e a mente, ó Bharata, são (as fontes de todas) as percepções de uma criatura viva. O sétimo é chamado de compreensão; e o oitavo é a alma. (Geralmente, na filosofia Hindu, particularmente da escola Vedanta, uma distinção é concebida entre a mente, a compreensão, e a alma. A mente é o assento ou fonte de todos os sentimentos e emoções como também todas as nossas percepções, ou daquelas que são chamadas de cognições na escola Kantiana, incluindo Comparação a qual (na escola Kantiana) é chamada de Vernuft ou Razão. Esta última é chamada de Compreensão ou Buddhi. A alma é considerada como algo distinto do corpo e da mente. Ela é o Ser a quem o corpo e a mente pertencem. Ela é representada como inativa, e como a testemunha que tudo vê dentro do corpo físico. Ela é uma porção da Alma Suprema.) Os sentidos são para perceber; a mente (incapaz de lidar com aquelas percepções) produz incerteza. A compreensão reduz todas as percepções à certeza. A Alma existe como uma testemunha (sem agir). Tudo o que está acima dos dois pés, tudo o que está atrás, e tudo o que está acima, são vistos pela Alma. Saiba que a Alma permeia o ser inteiro sem deixar qualquer espaço desocupado. Todos os homens devem conhecer os sentidos, a mente, e a compreensão completamente. Os três estados ou qualidades chamados de Ignorância, Paixão, e Bondade, existem, dependendo dos sentidos, da mente, e da compreensão. (Bondade inclui todas as qualidades morais superiores do homem. Paixão significa amor, afeição, e outras emoções que pertencem a objetos mundanos. Ignorância significa raiva, luxúria, e outras propensões prejudiciais semelhantes.) O homem, por compreender com a ajuda de sua inteligência, a maneira na qual as criaturas chegam ao mundo e o deixam, gradualmente obtém uma tranquilidade imperturbável. As três qualidades (já mencionadas, isto é, Ignorância, Paixão, e Bondade), levam a compreensão (para atrações mundanas). Neste aspecto, a Compreensão (ou Inteligência) é idêntica aos Sentidos e à Mente. A Compreensão, portanto, é idêntica aos seis (os cinco sentidos e a mente), e também aos objetos compreendidos por ela. Quando, no entanto, a Compreensão é destruída, as três qualidades (de Ignorância,

Paixão, e Bondade) não podem levar à ação. Este universo de coisas móveis e imóveis consiste naquela inteligência. É daquela Inteligência que tudo surge e é dentro dela que tudo cessa. Por esta razão, as escrituras indicam que tudo é uma manifestação da Inteligência. Aquilo pelo qual alguém ouve é o ouvido. Aquilo pelo qual alguém cheira é chamado de órgão do olfato, e aquilo pelo qual alguém distingue o gosto é chamado de língua. Pela pele que cobre o corpo alguém obtém percepção de tato. Aquilo que é chamado de Inteligência sofre modificações. Quando a Inteligência deseja alguma coisa ela vem a ser chamada de Mente. As fundações sobre quais a Inteligência se apóia são cinco em número, cada um servindo a um propósito diferente. Eles são chamados de sentidos. O princípio invisível, isto é, a Inteligência, se apóia neles. A Inteligência que existe em uma criatura viva participa dos três estados (chamados de Paixão, Ignorância, e Bondade). Às vezes ela obtém alegria e às vezes tristeza. E às vezes ela fica desprovida de ambas, alegria e tristeza. Assim a Inteligência existe nas mentes de todos os homens. Às vezes a Inteligência que é composta dos três estados (já mencionados), transcende aqueles três estados (por meio de yoga), como o senhor dos rios, isto é, o Oceano, com suas ondas, ultrapassando seus altos continentes. Aquela Inteligência que transcende as três qualidades existe na mente em um estado puro de existência (inalterada): sozinha. A qualidade de Ignorância, no entanto, que impele para a ação, logo a persegue. Naquele momento, a Inteligência estabelece todos os sentidos para a ação. As propriedades dos três são exatamente dessa maneira: alegria mora na Bondade; tristeza na Paixão; e ilusão na Ignorância. Todos os estados (da mente) que existem estão incluídos nesses três (que foram citados). Eu agora, ó Bharata, te falei sobre o curso da Compreensão. Um homem inteligente deve subjugar todos os seus sentidos. As três qualidades de Bondade, Paixão, e Ignorância, estão sempre ligadas às criaturas vivas. Três espécies de inteligência também são evidentes em todas as criaturas, isto é, aquela que está sob o domínio da Bondade, aquela da Paixão, e aquela da Ignorância, ó Bharata. A qualidade de Bondade traz felicidade; a qualidade de Paixão produz tristeza; e se estes dois se combinam com a qualidade de Ignorância, então nem felicidade nem tristeza são produzidas (mas, em vez disso, somente ilusão ou erro). Todo estado de felicidade que aparece no corpo ou na mente é devido à qualidade de Bondade. Um estado de tristeza, desagradável em si mesmo, que vem, é devido somente à qualidade de Paixão. Nunca se deve pensar nela com medo. (Por outro lado, dirigindo os pensamentos corajosamente em direção a ela, uma pessoa deve apurar sua causa e dissipar aquela causa, a qual, como declarado aqui, é a Paixão.) Aquele estado, também, que está aliado com ilusão e erro, e pelo qual alguém não sabe o que fazer, que não é determinável, que é desconhecido, deve ser considerado como pertencente à qualidade de Ignorância. Alegria, satisfação, deleite, felicidade, tranquilidade de coração, estas são as propriedades do estado de Bondade. O homem às vezes obtém uma quantidade deles. Descontentamento, inveja, mágoa, cobiça, e índole vingativa são todas indicações do estado de Paixão. Elas são vistas com ou sem causas adequadas para produzi-las. Desgraça, ilusão, erro, sono e estupefação, que surpreendem alguém por excesso de má sorte, são as várias propriedades do estado de Ignorância. Aquela pessoa cuja mente é de longo alcance, capaz de se estender em todas as

direções, desconfiada em relação à obtenção dos objetos que deseja, e bem controlada, é feliz neste e no outro mundo. Note a distinção entre estas duas coisas sutis, isto é, Inteligência e Alma. Uma dessas (a inteligência), manifesta as qualidades. A outra (a Alma), não faz nada do tipo. Um mosquito e um figo podem ser vistos unidos um ao outro. Embora unidos, no entanto, cada um é distinto do outro. Do mesmo modo, Inteligência e Alma, embora diferentes uma da outra, por suas respectivas naturezas, ainda podem ser vistas sempre existindo em um estado de união. Um peixe e água existem em um estado de união, cada um, no entanto, é diferente do outro. O mesmo é o caso com a Inteligência e a Alma. As qualidades não conhecem a Alma, mas a Alma conhece todas elas. A Alma é o espectador das qualidades e as considera como provenientes de si mesma. A alma, agindo através dos sentidos, da mente, e da compreensão, contada como o sétimo, todos os quais são inativos e não têm autoconsciência, descobre os objetos (em meio aos quais ela existe) como uma lâmpada (coberta) mostrando todos os objetos ao redor dela por derramar seus raios através de uma abertura na cobertura. A compreensão ou Inteligência cria todas as qualidades. A Alma somente as contempla (como uma testemunha). Tal é certamente a conexão entre a inteligência e a Alma. Não há refúgio do qual Inteligência ou Alma depende. A Compreensão cria a mente, mas nunca as qualidades. Quando a Alma, por meio da mente, reprime suficientemente os raios que emanam dos sentidos, é então que ela se torna manifesta (para a Compreensão) como uma lâmpada queimando dentro de um recipiente que a cobre. A pessoa que renuncia a todas as ações inferiores, pratica penitências, se dedica a estudar a Alma, se deleita com isso, e se considera como a Alma de todas as criaturas, obtém um fim sublime. Como uma ave aquática, enquanto se movendo sobre as águas, nunca é encharcada naquele elemento, assim mesmo uma pessoa de sabedoria se move (no mundo) entre as criaturas. Pela ajuda da inteligência deve-se agir no mundo dessa maneira, sem aflição, sem alegria, olhando igualmente para tudo, e desprovido de malícia e inveja. Alguém que vive dessa maneira consegue criar as qualidades (em vez de ser afetado por elas), como uma aranha criando fios. As qualidades devem, de fato, ser consideradas como os fios da aranha. Alguns dizem que as qualidades em relação a tais homens não são perdidas. Alguns dizem que elas são todas perdidas. Aqueles que dizem que elas não são perdidas confiam nas escrituras reveladas (isto é, os Srutis), as quais não contêm nenhuma declaração do contrário. Aqueles, por outro lado, que dizem que as qualidades são todas perdidas confiam nos Smritis. Refletindo sobre essas duas opiniões, uma pessoa deve julgar por si mesma qual delas está certa. Deve-se assim vencer esta questão difícil e complicada que é capaz de perturbar o entendimento pela dúvida, e assim obter felicidade. Quando aquela dúvida for removida, a pessoa não terá mais que se entregar à tristeza de nenhum tipo. Homens de corações corruptos podem obter sucesso pelo conhecimento como pessoas mergulhando em um rio bem cheio se purificando de toda sujeira. Alguém que tem que atravessar um rio largo não se sente feliz em somente ver a outra margem. Se o caso fosse outro (isto é, se só por olhar a outra margem se pudesse alcançá-la com um barco), então alguém poderia se tornar feliz. O caso é diferente com alguém conhecedor da Verdade. O mero conhecimento da Verdade lhe trará felicidade. Logo que tal conhecimento começa a dar frutos, a pessoa pode ser considerada como tendo

alcançado a outra margem. Aqueles que assim sabem que a Alma é livre de todos os objetos mundanos e é somente Uma, obtêm o conhecimento mais elevado e excelente. Uma pessoa por conhecer a origem e o fim de todas as criaturas, o qual é exatamente assim, e por refletir sobre a questão, gradualmente obtém felicidade infinita. Aquele que compreendeu o triplo agregado (isto é, que ele está sujeito à destruição em vez de ser eterno), e que refletindo sobre ele, o rejeita, consegue por meio de yoga ver a Verdade e obter felicidade perfeita. A Alma não pode ser vista a menos que os sentidos, os quais estão ocupados com diversos objetos e que são difíceis de serem controlados, estejam todos devidamente dominados. Aquele que sabe disso é realmente sábio. Que outra indicação há de um homem sábio? Adquirindo este conhecimento, homens possuidores de inteligência se consideram coroados com sucesso. Aquilo que inspira os ignorantes com medo nunca pode inspirar medo em pessoas de Conhecimento. Não há objetivo maior para alguém (do que a Emancipação). Por causa, no entanto, do excesso ou da falta de boas qualidades, os sábios dizem que diferenças são observáveis em relação ao grau de Emancipação. Uma pessoa por agir sem esperança de resultados consegue (por aquelas ações) aniquilar suas ações pecaminosas de um período anterior. Para alguém possuidor de sabedoria, as ações de um período anterior (assim purificadas) e aquelas desta vida também (que são realizadas sem expectativa de resultado), não se tornam produtivas de qualquer consequência desagradável (tal como ser emparedado no inferno). Mas como podem os atos, se ele continua empenhado em realizar atos, ocasionar o que é agradável (isto é, a Emancipação)? As pessoas criticam uma pessoa que está afligida (com luxúria, inveja, e outras paixões más). Aqueles vícios lançam a pessoa em sua próxima vida em diversas espécies de classes inferiores. Observe com firme atenção os viciosos neste mundo que sofrem extremamente pela perda de suas posses (tais como filhos e esposas, etc.). Veja também aqueles que são dotados de bom senso e que nunca se afligem quando lançados em circunstâncias parecidas. Aqueles que estão familiarizados com ambas (isto é, com a Emancipação gradual e a Emancipação imediata), merecem ser chamados verdadeiramente de sábios.'" (Bhishma aqui indica a superioridade do último tipo de Emancipação sobre o primeiro; por isso atos ou ritos Védicos devem ceder àquele yoga o qual treina a mente e a compreensão e os capacita a transcender todas as influências terrenas.)

195

"Bhishma disse, 'Eu irei agora, ó filho de Pritha, te falar sobre os quatro tipos de meditação yoga. Os grandes Rishis, obtendo um conhecimento dos mesmos, obtêm sucesso eterno mesmo aqui. Grandes Rishis satisfeitos com conhecimento, com corações colocados na Emancipação, e conhecedores de yoga, agem de tal maneira que sua meditação yoga possa progredir devidamente. Estes, ó filho de Pritha, sendo livres das imperfeições do mundo, nunca voltam (por renascimento). Livres da sujeição ao renascimento, eles vivem em seu estado de Alma original. (O estado de alma original é o estado de pureza. Uma pessoa decai dele por

causa das atrações mundanas. Pode-se recuperá-lo por meio de yoga o qual auxilia alguém a se libertar daquelas atrações.) Livres da influência de todos os pares de opostos (tais como calor e frio, alegria e tristeza, etc.), sempre existindo em seu próprio estado (original), livres (de apegos), nunca aceitando qualquer coisa (em doação), eles vivem em lugares livres da companhia de esposas e filhos, sem outros com quem disputas possam surgir, e favoráveis à perfeita tranquilidade de coração. Lá tal pessoa, reprimindo a fala, senta como um pedaço de madeira, subjugando todos os sentidos, e com a mente indivisivelmente unida (com a Alma Suprema) pela ajuda de meditação. Ele não tem percepção de som através do ouvido; não tem percepção de tato através da pele; não tem percepção de forma pelo olho; nem percepção de gosto através da língua. Ele não tem percepção também dos cheiros pelo órgão do olfato. Imerso em yoga, ele abandona todas as coisas, absorto em meditação. Possuidor de grande energia mental, ele não tem desejo por qualquer coisa que excita os cinco sentidos. O homem sábio, recolhendo seus cinco sentidos na mente, deve então fixar a mente instável com os cinco sentidos (no Intelecto). Possuidor de paciência, o yogin deve fixar sua mente, a qual sempre vaga (entre objetos mundanos), para que seus cinco portões (sob a influência do treinamento), possam ser tornados estáveis em relação a coisas que são elas mesmas instáveis. Ele deve, no firmamento do coração, fixar sua mente no caminho da meditação, fazendo-a independente do corpo ou de qualquer outro refúgio. Eu falei do caminho da meditação como o primeiro, já que o yogin tem primeiro que subjugar seus sentidos e a mente (e dirigi-los para aquele caminho). A mente, que constitui o sexto, quando assim reprimida, procura lampejar para fora como o relâmpago caprichoso e inconstante se movendo em travessura entre as nuvens. Como uma gota de água em uma folha de (lótus) é instável e se move em todas as direções, assim mesmo se torna a mente do yogin quando primeiramente fixada no caminho da meditação. Quando fixada, por um espaço de tempo a mente fica naquele caminho. Quando, no entanto, ela se força outra vez no caminho do vento, ela se torna tão volúvel quanto o vento. A pessoa conhecedora dos métodos de meditação-yoga, não desencorajada por isto, nunca dando atenção à perda do esforço passado, rejeitando ociosidade e malícia, deve dirigir sua mente à meditação novamente. Observando o voto de silêncio, quando alguém começa a fixar sua mente em yoga, então discernimento, conhecimento, e poder para evitar o mal, são obtidos por ele. Embora se sentindo aborrecido por causa da frivolidade de sua mente, ele deve fixá-la (em meditação). O yogin nunca deve se desesperar, mas sim procurar seu próprio bem. Como uma pilha de pó ou cinzas, ou de estrume de vaca queimado, quando molhada com água, não parece estar molhada, de fato, como ela continua seca se molhada parcialmente, e requer rega incessante antes de ficar totalmente encharcada, assim mesmo o yogin deve controlar todos os seus sentidos gradualmente. Ele deve afastá-los gradualmente (de todos os objetos). O homem que age dessa maneira consegue controlá-los. Alguém, ó Bharata, por si mesmo dirigindo sua mente e sentidos para o caminho da meditação, consegue trazê-los sob perfeito controle por yoga constante. A felicidade que sente quem conseguiu controlar sua mente e sentidos é tal que sua semelhante nunca pode ser obtida por Esforço ou Destino. Unido com tal felicidade, ele continua a ter

prazer no ato de meditação. Dessa maneira os yogins obtêm Nirvana o qual é altamente abençoado.'"

196

"Yudhishthira disse, 'Tu falaste sobre os quatro modos de vida e seus deveres. Tu também falaste dos deveres dos reis. Tu narraste muitas histórias de diversos tipos e ligadas com diversos assuntos. Eu também ouvi de ti, ó tu de grande inteligência, muitos discursos ligados com moralidade. Eu tenho, no entanto, uma dúvida. Cabe a ti esclarecê-la. Eu desejo, ó Bharata, saber dos resultados que os Recitadores silenciosos de mantras sagrados adquirem (por sua prática). Quais são os frutos que foram indicados para tais homens? Qual é aquela região para a qual eles vão depois da morte? Cabe a ti também, ó impecável, me dizer todas as regras que foram prescritas a respeito de tal recitação silenciosa. Quando a palavra Recitador é proferida, o que eu devo entender por isto? Tal homem deve ser considerado como seguidor das ordenanças de Sankhya ou yoga ou trabalho? Ou, tal homem deve ser considerado como observador das ordenanças sobre sacrifícios (mentais)? Como é para ser chamado o caminho dos Recitadores? Tu és, como eu penso, de conhecimento universal. Diga-me tudo isso.'"

"Bhishma disse, 'Em relação a isto é citada a velha história do que ocorreu entre Yama, o Tempo, e certo Brahmana. Sábios conhecedores dos meios de alcançar a Emancipação têm falado de dois métodos, isto é, o Sankhya e o Yoga. Entre estes, no primeiro, que também é chamado de Vedanta, a Renúncia é pregada em relação à recitação silenciosa. As declarações dos Vedas pregam Abstenção (de ritos), são repletas de tranquilidade, e dizem respeito a Brahma. (De acordo com Sankhya, não há necessidade de recitação silenciosa de mantras. Meditação mental, sem a expressão vocal de palavras específicas, pode levar a Brahma.) De fato, os dois caminhos citados pelos sábios determinados a realizar o que é para o seu bem, isto é, Sankhya e Yoga, são de tal maneira que ambos têm relação e também não têm relação (com recitações silenciosas). (Ambos declaram, como o comentador explica, que enquanto alguém não consegue contemplar sua Alma, ele pode recitar silenciosamente o Pravana ou a palavra original Om. Quando, no entanto, alguém consegue ver sua Alma ele então pode abandonar tal recitação.) A maneira pela qual a recitação silenciosa está ligada (com cada um dos dois caminhos) e o motivo eu agora explicarei. Em ambos como no caso da recitação silenciosa, são necessários a subjugação dos sentidos e fixação da mente (depois de afastá-la dos objetos externos); como também verdade, manutenção do fogo (sagrado), residência em solidão, meditação, penitência, autodomínio, generosidade, benevolência, moderação em relação à alimentação, afastamento de atrações mundanas, a ausência de loquacidade, e tranquilidade. Estes constituem um sacrifício em atos (levando à realização de desejos em relação ao céu ou felicidade na próxima vida). (Há dois caminhos que alguém pode seguir neste mundo. Um é chamado de Pravritti dharma e o outro Nrivritti dharma. O primeiro é um curso de ações, o segundo de abstenção de ações.) Escute agora ao rumo que consiste em abstenção (de ações). O modo no

qual as ações do Recitador observando o voto de Brahmacharya podem cessar, eu logo declararei. Tal pessoa deve se conduzir de todas as maneiras segundo o que (já) foi dito por mim. (Isto é, ele deve primeiro purificar seu coração por observar as virtudes acima enumeradas.) Dirigindo-se ao caminho da abstenção, ele deve procurar extinguir sua dependência do Externo e do Interno. Sentando sobre erva kusa, com kusa na mão, e amarrando seus cabelos com kusa, ele deve se circundar com kusa e ter kusa como mantos. Reverenciando todos os assuntos mundanos, ele deve se despedir deles e nunca pensar neles. Assumindo equanimidade pela ajuda de sua mente, ele deve fixar sua mente na própria mente. Recitando a composição altamente benéfica (isto é, o Gayatri), ele medita com a ajuda de seu intelecto em Brahma somente. Depois ele deixa até isto, estando então absorto em contemplação concentrada. (Samadhi é aquela meditação na qual os sentidos tendo sido todos recolhidos dentro da mente, a mente, como explicado previamente, é feita residir em Brahma somente.) Por sua dependência da força do Gayatri que ele recita, esta contemplação concentrada virá por si mesma. Por penitências ele obtém pureza de alma, e autodomínio, e cessação de aversão e desejo. Livre de atração e ilusão, acima da influência de todos os pares de opostos (tais como calor e frio, alegria e tristeza, etc.), ele nunca se aflige e nunca se permite ser arrastado em direção a objetos mundanos. Ele não se considera como o ator nem como o desfrutador ou sofredor das consequências de seus atos. Ele nunca fixa sua mente em alguma coisa por egoísmo. Sem estar empenhado na aquisição de riqueza, ele se abstém também de desrespeitar ou insultar outros, mas não do trabalho. O trabalho no qual ele está empenhado é aquele de meditação; ele é devotado à meditação, e procura a meditação inalteravelmente. Pela meditação ele consegue ocasionar a contemplação concentrada, e então gradualmente deixa a própria meditação. Naquele estado ele desfruta da felicidade ligada ao abandono de todas as coisas. Tendo dominado completamente o princípio do desejo, ele rejeita seus ares vitais e então entra no corpo Brâhmico. Ou, se ele não deseja entrar no corpo Brâhmico, ele alcança imediatamente a região de Brahma e nunca tem que passar por renascimento. Tendo se tornado a própria tranquilidade, e estando livre de todos os tipos de calamidade, tal pessoa, por depender de sua própria inteligência, consegue alcançar aquela Alma que é pura e imortal e que não tem máculas.'"

197

"Yudhishthira disse, 'Tu disseste, em relação aos Recitadores, que eles alcançam este fim muito sublime. Eu peço para perguntar se este é seu único fim ou há algum outro ao qual eles alcançam.'" (O fim declarado por Bhishma no capítulo anterior é o sucesso de yoga, ou liberdade de decrepitude e morte, ou morte à vontade, ou absorção em Brahma, ou existência independente em uma condição beatífica.)

"Bhishma disse, 'Escute com atenção concentrada, ó monarca poderoso, ao fim que os Recitadores silenciosos alcançam, e aos diversos tipos de infernos nos quais eles caem, ó touro entre homens! Aquele Recitador que a princípio não se

comporta segundo o método que está prescrito, e que não pode completar o ritual ou curso de disciplina declarado, tem que ir para o inferno. (Deve ser notado que 'inferno', como aqui usado, significa o oposto de Emancipação. O recitador pode obter as alegrias do céu, mas comparadas com a Emancipação, elas são inferno, havendo a obrigação de renascimento ligada a elas.) Aquele Recitador que segue sem fé, que não está contente com seu trabalho, e que não tem prazer nele, vai para o inferno, sem dúvida. Aqueles que seguem o ritual com orgulho em seus corações, vão todos para o inferno. Aquele Recitador que insulta e desconsidera outros tem que ir para o inferno. O homem que se dirige à recitação silenciosa sob a influência da estupefação e por desejo de resultados, obtém todas aquelas coisas sobre as quais seu coração vem a estar colocado. (Até isso é um tipo de inferno, pois há renascimento ligado a isso.) Aquele Recitador cujo coração se coloca sobre os atributos que levam o nome de divindade, tem que cair no inferno e nunca se livra dele. (Aiswvarya ou os atributos de divindade são certos poderes extraordinários obtidos por yogins e Recitadores. Eles são o poder de se tornar minúsculo ou enorme em forma, ou ir para onde quer que se deseje, etc. Estes são comparados ao inferno, porque a obrigação de renascimento se vincula a eles. Nada menos que Emancipação ou absorção na Alma Suprema é o fim para o qual deve-se trabalhar.) O Recitador que se dirige à recitação sob a influência de apegos (a objetos mundanos tais como riquezas, esposas, etc.) obtém aqueles objetos sobre os quais seu coração está colocado. O Recitador de má compreensão e alma impura que se põe a trabalhar com uma mente instável, obtém um fim instável ou vai para o inferno. O Recitador que não é dotado de sabedoria e que é tolo, vem a ser entorpecido ou iludido; e por tal ilusão tem que ir para o inferno onde ele é obrigado a se entregar a arrependimentos. Se uma pessoa mesmo de coração firme, resolvendo completar a disciplina, se dirige à recitação, mas fracassa em alcançar a conclusão por ter se libertado das atrações por um esforço violento sem a genuína convicção de sua inutilidade ou caráter prejudicial, ele também tem que ir para o inferno.'"

"Yudhishthira disse, 'Quando o Recitador alcança a essência daquilo que existe em sua própria natureza (sem ser qualquer coisa como objetos nascidos ou criados), o qual é Supremo, o qual é indescritível e inconcebível, e que mora na sílaba om formando o assunto de recitação e meditação (de fato, quando Recitadores alcançam a um estado de Brahma), por que é que eles têm que nascer novamente em formas incorporadas?'"

"Bhishma disse, 'Por ausência de conhecimento e sabedoria verdadeiros, os Recitadores obtêm diversas classes de inferno. A disciplina seguida por Recitadores é certamente muito superior. Estas, no entanto, das quais eu falei, são as falhas concernentes a ela.'"

198

"Yudhishthira disse, 'Diga-me, qual classe de inferno é obtida por um Recitador? Eu sinto, ó rei, uma curiosidade por saber isso. Cabe a ti me falar sobre o assunto.'"

"Bhishma disse, 'Tu surgiste de uma porção do deus da justiça. Tu és observador da justiça por natureza. Escute, ó impecável, com total atenção, a estas palavras apoiadas na justiça como sua base. Aquelas regiões que são possuídas pelos deuses de grande alma, que são de diversos aspectos e cores, de diversas descrições e produtivas de diversos frutos, e que são de grande excelência, cujos carros também se movem à vontade dos passageiros, aquelas belas mansões e salões, aqueles vários jardins agradáveis embelezados com lotos dourados, aquelas regiões que pertencem aos quatro Regentes e Sukra e Vrihaspati e aos Maruts e Viswedevas e Sadhyas e Aswins, e Rudras e Adityas e Vasus, e outros habitantes do céu, são, ó majestade, citadas como infernos, quando comparadas com a região da Alma Suprema. A região citada por último é sem qualquer medo (de mudança para o pior), incriada (e portanto, em sua natureza verdadeira), sem aflições de qualquer tipo (tais como ignorância e ilusão), sem qualquer elemento agradável ou desagradável, além do alcance dos três atributos (de Sattwa, Rajas, e Tamas), livre dos oito incidentes, (isto é, os cinco elementos primordiais, os sentidos, a mente, e o intelecto), sem as três (distinções entre o conhecedor, o conhecido, e o ato de conhecer); livre também dos quatro atributos (ver, ouvir, pensar, e conhecer, pois lá não existem formas para se tornarem objetos de tais funções. Lá tudo é puro conhecimento, independente daquelas operações comuns que ajudam os seres criados a obterem conhecimento); sem as quatro causas (de conhecimento), sem alegria e prazer e tristeza e doença. O tempo (em suas formas de passado, presente, e futuro) surge lá para uso. O tempo não é soberano lá. Aquela região suprema é a soberana do Tempo como também do Céu. Aquele Recitador que se torna identificado com sua Alma (por recolher tudo dentro dela) vai para lá. Ele, depois disso, nunca tem que sentir qualquer tristeza. Aquela região é chamada de Suprema. As outras regiões (das quais eu falei primeiro) são inferno. Eu não te falei de todas as regiões que são chamadas de inferno. De fato, em comparação com aquela principal das regiões todas as outras são chamadas de inferno.'"

199

"Yudhishthira disse, 'Tu te referiste à disputa entre o Tempo, Mrityu, Yama, Ikshvaku, e um Brahmana. Cabe a ti narrar a história integralmente.'"

"Bhishma disse, 'Em relação a este assunto do qual eu estou falando, é citada a antiga história do que ocorreu entre o filho de Surya Ikshvaku e certo Brahmana, e o Tempo e Mrityu. Ouça-me quanto ao que aconteceu, e qual foi a conversação que ocorreu entre eles, e o lugar onde ela aconteceu. Havia certo Brahmana de

grande fama e comportamento pio. Ele era um Recitador. Possuidor de grande sabedoria, ele estava familiarizado com os seis Angas (dos Vedas, que são Siksha, Kalpa, Vyakarana, Nirukta, Chhandas, e Jyotish). Ele era da linhagem Kusika e filho de Pippalada. Ele adquiriu (por meio de suas austeridades) discernimento espiritual dos Angas (isto é, uma compreensão clara não obtida de modo comum mas por intuição). Residindo na base de Himavat, ele era devotado aos Vedas. Silenciosamente recitando a composição Gayatri, ele praticou austeridades severas para alcançar Brahma. Mil anos se passaram sobre sua cabeça enquanto ele estava dedicado à observância de votos e jejuns. A deusa (de Gayatri ou Savitri) se mostrou a ele e disse, 'Eu estou satisfeita contigo'. Continuando a recitar o mantra sagrado, o Brahmana ficou calado e não falou uma palavra para a deusa. A deusa sentiu compaixão por ele e ficou muito satisfeita. Então aquela progenitora dos Vedas elogiou aquela recitação na qual o Brahmana estava empenhado. Depois de terminar sua recitação (por aquele dia) o Brahmana levantou e, curvando sua cabeça, se prostrou perante os pés da deusa. O Recitador de alma virtuosa, dirigindo-se à deusa, disse, 'Por boa sorte, ó deusa, tu ficaste satisfeita comigo e apareceste para mim. Se, de fato, tu estás satisfeita comigo, a bênção que eu peço é que meu coração possa ter prazer no ato de recitação.'"

"Savitri disse, 'O que tu pedes, ó Rishi regenerado? Qual desejo teu eu realizarei? Diga-me, ó principal dos Recitadores, tudo será como tu desejas.' Assim endereçado pela deusa, o Brahmana, conhecedor dos deveres, respondeu dizendo, 'Que meu desejo sobre continuar minhas recitações continue a aumentar a todo momento. Que também, ó deusa auspiciosa, a absorção da minha mente em Samadhi seja mais completa.' A deusa disse docemente, 'Que seja como tu desejas'. Desejando fazer bem para o Brahmana, a deusa mais uma vez se dirigiu a ele, dizendo, 'Tu não terás que ir para o inferno, isto é, para onde grandes Brahmanas vão. Tu irás para a região de Brahma que é incriada e livre de toda imperfeição. Eu partirei daqui, mas o que tu me pediste acontecerá. Continue recitando com alma controlada e atenção absorta. O deus Dharma em pessoa virá a ti. O Tempo, Mrityu e Yama também se aproximarão todos da tua presença. Então haverá uma disputa aqui entre tu e eles sobre uma questão de moralidade.'"

'Bhishma continuou, 'Tendo dito estas palavras, a deusa voltou para sua própria residência. O Brahmana continuou dedicado à recitação por mil anos celestes. Reprimindo a ira, e sempre controlando a si mesmo, ele passou seu tempo, se devotando firmemente à verdade e livre de malícia. Após a conclusão de sua observância pelo inteligente Brahmana, Dharma, satisfeito com ele, mostrou sua pessoa para aquele indivíduo regenerado.'"

'Dharma disse, 'Ó regenerado, contemple a mim que sou Dharma. Eu vim aqui para te ver. Tu ganhaste a recompensa dessa recitação na qual tu tens estado engajado. Escute qual é aquela recompensa. Tu ganhaste todas as regiões de felicidade que pertencem a deuses ou homens. Ó bom homem, tu ascenderás além de todas as residências das divindades. Ó asceta, rejeite teus ares vitais então, e vá para quaisquer regiões que tu queiras. Por abandonar teu corpo tu ganharás muitas regiões de bem-aventurança.'"

"O Brahmana disse, 'Que assunto eu tenho com aquelas regiões de bem-aventurança das quais tu falas? Ó Dharma, vá para onde quer que te agrade. Eu não irei, ó senhor pujante, rejeitar este corpo que está sujeito à muita felicidade e miséria.'"

"Dharma disse, 'Teu corpo, ó principal dos ascetas, deve sem dúvida ser rejeitado. Ascenda para o céu, ó Brahmana! Ou, nos diga o que mais te agrada, ó impecável!'"

"O Brahmana disse, 'Ó senhor poderoso, eu não desejo residir no próprio céu sem este meu corpo. Deixe-me, ó Dharma! Eu não tenho desejo de ir para o próprio céu sem este meu corpo.'"

"Dharma disse, 'Sem colocar teu coração (dessa maneira) em teu corpo, rejeite-o e seja feliz. Entre em regiões que estão livres do atributo de Paixão. De fato, indo para lá, tu nunca terás que sentir qualquer tristeza.'"

"O Brahmana disse, 'Ó altamente abençoado, eu tenho grande prazer na recitação. Que necessidade eu tenho daquelas regiões eternas das quais tu falas? De fato, ó senhor pujante, eu não desejo ir para o céu mesmo com este meu corpo.'"

"Dharma disse, 'Se tu não desejas rejeitar teu corpo, veja, ó regenerado, lá está o Tempo, e lá está Mrityu, e lá está Yama, que estão todos se aproximando de ti!'"

'Bhishma continuou, 'Depois que Dharma tinha dito isso, o filho de Vivaswat (Yama), o Tempo, e Mrityu, o trio (que arrebata todas as criaturas da terra), se aproximou daquele Brahmana, ó rei abençoado, e se dirigiu a ele dessa maneira.'"

"Yama disse, 'Eu sou Yama. Eu te digo que uma grande recompensa te espera por essas tuas penitências bem realizadas, e por esta conduta virtuosa que tu tens observado.'"

"O Tempo disse, 'Tu ganhaste uma grande recompensa que é, de fato, proporcional a este curso de recitação que tu terminaste. Chegou a hora para ti ascenderes para o céu. Eu sou o Tempo e eu cheguei para ti.'"

"Mrityu disse, 'Ó tu que conheces a retidão, saiba que eu sou a própria Mrityu em sua própria forma. Eu vim para ti em pessoa, incitada pelo Tempo, para te levar daqui, ó Brahmana.'"

"O Brahmana disse, 'Boas vindas ao filho de Surya, ao Tempo possuidor de grande alma, a Mrityu, e a Dharma! O que eu realizarei por vocês todos?"

"Bhishma continuou, 'Naquela reunião, o Brahmana deu a eles água para lavar seus pés, e os artigos usuais do Arghya. Muito satisfeito, ele então se dirigiu a eles, dizendo, 'O que eu devo fazer por vocês todos por exercer meu próprio poder?' Justamente naquela hora, um monarca, (rei) Ikshvaku, que tinha saído em uma viagem para águas e santuários sagrados, chegou àquele local onde aquelas divindades estavam reunidas. O sábio nobre Ikshvaku curvou sua cabeça e

adorou todos eles. Aquele melhor dos reis então perguntou sobre o bem-estar de todos. O Brahmana deu ao rei um assento, como também água para lavar seus pés, e o Arghya usual. Tendo em seguida feito as perguntas costumeiras de cortesia, ele disse, 'Tu és bem vindo, ó grande monarca! Diga-me tudo o que tu desejas! Que tua nobre pessoa me diga o que eu terei que realizar para ti por aplicar meu poder.'"

"O rei disse, 'Eu sou um rei. Tu és um Brahmana na observância dos seis deveres bem conhecidos. (Eu não posso pedir), eu te darei alguma riqueza. Isto é bem conhecido. Me diga quanto eu te darei.'"

"O Brahmana disse, 'Há dois tipos de Brahmanas, ó monarca! Moralidade de virtude também é de dois tipos; apego ao trabalho, e abstenção do trabalho. Em relação a mim mesmo, eu me abstive da aceitação de doações. Dê presentes para aqueles, ó rei, que estão dedicados ao dever de trabalho e aceitação. Eu, portanto, não aceitarei nada em doação. Por outro lado, eu te pergunto, o que é para o teu bem? O que, de fato, eu te darei? Diga-me, ó principal dos reis, e eu o realizarei com a ajuda de minhas penitências.'"

"O rei disse, 'Eu sou um Kshatriya. Eu não sei como dizer a palavra 'Dê'. A única coisa, ó melhor das pessoas regeneradas, que nós podemos dizer (a fim de pedir) é 'Nos dê combate.'"

"O Brahmana disse, 'Tu estás contente com o cumprimento dos deveres de tua classe. Do mesmo modo, eu estou contente com os deveres da minha, ó rei! Há, portanto, pouca diferença entre nós. Faça como quiseres!'"

"O rei disse, 'Tu disseste estas palavras primeiro, isto é, 'Eu te darei de acordo com meu poder.' Eu, portanto, te peço, ó regenerado. Dê-me os frutos dessa recitação (que tu tens praticado).'"

"O Brahmana disse, 'Tu estavas te vangloriando que tuas declarações sempre solicitam combate. Por que então tu não solicitas combate comigo?'"

"O rei disse, 'É dito que Brahmanas são armados com o trovão da palavra, e que os Kshatriyas têm força de braços. Então, Brahmana erudito, este combate verbal se iniciou entre nós dois.'"

"O Brahmana disse, 'No que me diz respeito, aquela é mesmo minha resolução hoje. O que eu te darei de acordo com meu poder? Diga-me, ó rei de reis, e eu te darei, tendo minha própria riqueza. Não tarde.'"

"O rei disse, 'Se, de fato, tu desejas me dar alguma coisa, então me dê os frutos que tu ganhaste por praticar recitação por esses mil anos.'"

"O Brahmana disse, 'Leve o maior fruto das recitações que eu tenho praticado. De fato, pegue metade, sem qualquer escrúpulo, daquele fruto. Ou, ó rei, se tu desejas, pegue sem qualquer escrúpulo todos os frutos de minhas recitações.'"

"O rei disse, 'Abençoado sejas tu, eu não tenho necessidade dos frutos de tuas recitações os quais eu pedi. Bênçãos sobre tua cabeça. Eu estou prestes a te deixar. Diga-me, no entanto, quais são aqueles frutos (de tuas recitações).'"

"O Brahmana disse, 'Eu não tenho conhecimento dos frutos que ganhei. No entanto, eu te dei aqueles frutos que eu adquiri por meio de recitação. Estes, isto é, Dharma e o Tempo, e Yama, e Mrityu, são testemunhas (do ato de doação).'"

"O rei disse, 'O que aqueles frutos, que são desconhecidos, dessas tuas observâncias, farão por mim? Se tu não me disseres quais são os frutos de tuas recitações, que eles sejam teus, pois sem dúvida eu não os desejo.'"

"O Brahmana disse, 'Eu não aceitarei qualquer outra declaração (de ti). Eu te dei os frutos de minhas recitações. Que, ó sábio real, as tuas palavras e as minhas se tornem verdadeiras. Em relação às minhas recitações, eu nunca nutri algum desejo específico para realizar. Como então, ó tigre entre reis, eu deveria ter qualquer conhecimento de quais são os frutos daquelas recitações? Tu disseste, 'Dê!' eu disse 'Eu dou!' e eu não falsificarei estas palavras. Mantenha a verdade. Fique calmo! Se tu pedes para guardar minha promessa, ó rei, grande será teu pecado devido à mentira. Ó castigador de inimigos, não fica bem para ti proferir o que é falso. Similarmente, eu ouso não falsificar o que proferi. Eu, antes disto, disse sem hesitar, 'Eu dou!' Se, portanto, tu és firme em verdade, aceite meu presente. Vindo aqui, ó rei, tu me pediste os frutos de minhas recitações. Portanto, pegue o que eu te dei, se, de fato, tu és firme em verdade. Aquele que é afeito à mentira não tem nem este mundo nem o seguinte. Tal pessoa fracassa em resgatar seus antepassados (falecidos). Como também ele conseguirá fazer bem para sua progênie (por nascer)? As recompensas de sacrifício e doações, como também de jejuns e observâncias religiosas, não são tão eficazes em resgatar (uma pessoa do mal e do inferno) quanto a Verdade, ó touro entre homens, neste mundo e no seguinte. Todas as penitências que foram praticadas por ti e todas aquelas que tu praticarás no futuro por centenas e milhares de anos não possuem eficácia maior do que a da Verdade. A Verdade é o único Brahma imperecível. A Verdade é a única Penitência imperecível. A Verdade é o único sacrifício imperecível. A Verdade é o único Veda imperecível. A Verdade está desperta nos Vedas. Os frutos ligados à Verdade são considerados como os mais elevados. Da Verdade provêm Virtude e o autodomínio. Tudo depende da Verdade. A Verdade é os Vedas e seus ramos. A Verdade é o Conhecimento. A Verdade é a Ordenança. A Verdade é a observância de votos e jejuns. A Verdade é a Palavra Primordial Om. A Verdade é a origem das criaturas. A Verdade é sua progênie. É pela Verdade que o Vento se move. É pela Verdade que o Sol dá calor. É pela Verdade que o Fogo queima. É sobre a Verdade que o Céu se apóia. Verdade é Sacrifício, Penitência, Vedas, a declaração dos Samans, Mantras, e Saraswati. É sabido por nós que uma vez a Verdade e todas as observâncias religiosas foram colocadas em um par de balanças. Quando ambas foram pesadas, foi visto que a balança sobre a qual a Verdade estava era a mais pesada. Há Verdade onde há Retidão. Tudo progride pela Verdade. Por que, ó rei, tu desejas fazer uma ação é maculada pela mentira? Seja firme em Verdade. Não aja falsamente, ó monarca! Por que tu falsificarias tuas palavras 'Dê-(me)', as quais tu proferiste? Se tu te

recusares, ó monarca, a aceitar os frutos de minhas recitações que eu te dei, tu então terás que vagar pelo mundo, decaído da Virtude! Aquela pessoa que não dá depois de ter prometido, e aquela também que não aceita depois de ter pedido, são ambas maculadas pela mentira. Cabe a ti, portanto, não falsificar tuas próprias palavras.'"

"O rei disse, 'Lutar e proteger (súditos) são os deveres de Kshatriyas. É dito que Kshatriyas são dadores (de presentes). Como então eu aceitaria qualquer coisa de ti (em doação)?'"

"O Brahmana disse, 'Eu nunca insisti, ó rei (para ti aceitares qualquer coisa de mim em primeiro lugar). Eu não procurei tua casa. Tu mesmo, vindo aqui, me pediste. Por que então tu não aceitas?'"

"Dharma disse, 'Saibam os dois que eu sou o próprio Dharma. Que não aja disputa entre vocês. Que o Brahmana se torne dotado da recompensa ligada à doação, e que o monarca também obtenha o mérito da Verdade.'"

"O Céu disse, 'Saiba, ó grande rei, que eu sou o próprio Céu em minha forma incorporada, e vim aqui pessoalmente. Que esta disputa entre vocês cesse. Vocês são iguais em relação ao mérito ou recompensas obtidas.'"

"O rei disse, 'Eu não tenho necessidade de Céu. Vá, ó Céu, para o lugar de onde você veio. Se este Brahmana erudito deseja se dirigir a ti, que ele receba as recompensas que eu tenho obtido (por minhas ações em vida).'"

"O Brahmana disse, 'Em meus dias de jovem eu, por ignorância, estiquei minha mão (para aceitação de doações). No momento, no entanto, eu recito o Gayatri, observando o dever de abstenção. (Trabalho e Abstenção de trabalho são os dois cursos de dever prescritos ou seguidos.) Por que tu, ó rei, me tentas dessa maneira, eu que tenho por um longo tempo cumprido o dever de abstenção? Eu farei o que é meu dever. Eu não desejo ter qualquer parte das recompensas ganhadas por ti, ó monarca! Eu sou devotado a penitências e ao estudo dos Vedas, e tenho me abstido da aceitação.'"

"O rei disse, 'Se, ó Brahmana, tu deves realmente me dar a excelente recompensa da tua recitação, então que metade daquela recompensa seja minha, tu mesmo levando ao mesmo tempo metade da recompensa que eu ganhei por minhas ações. Os Brahmanas estão engajados no dever de aceitação. Pessoas nascidas na classe real estão engajadas no dever de doação. Se tu não és inconsciente dos deveres (prescritos para ambas as classes), que nossos frutos sejam iguais (de acordo com a sugestão que eu fiz). Ou, se tu não desejas ser meu igual em relação às nossas recompensas, leve então toda a recompensa que eu possa ter ganhado. Pegue o mérito que eu ganhei, se tu desejas me mostrar graça.'"

"Bhishma continuou, 'Naquela hora, dois indivíduos de aspecto muito desajeitado chegaram lá. Cada um tinha seu braço sobre o ombro do outro; ambos estavam mal vestidos. Eles diziam estas palavras, 'Tu não me deves nada.

Eu realmente te devo. Se nós disputamos dessa maneira, aqui está o rei que governa indivíduos. Eu digo que realmente tu não me deves nada! Tu falas falsamente. Eu tenho uma dívida contigo.' Ambos, ficando muito veementes em discussão, então se dirigiram ao rei, dizendo, 'Cuide, ó monarca, para que nenhum de nós possa ser maculado pelo pecado.'"

"Virupa disse, 'Eu ganhei de meu companheiro Vikrita, ó monarca, os méritos da doação de uma vaca. Eu estou desejando saldar esta dívida. Este Vikrita, no entanto, se recusa a aceitar a retribuição.'" (Vikrita tinha doado uma vaca e então feito uma doação para Virupa do mérito que ele tinha ganhado por aquele ato virtuoso.)

"Vikrita disse, 'Este Virupa, ó monarca, não me deve nada. Ele fala uma mentira com a aparência de verdade, ó rei.'"

"O rei disse, "Diga-me, ó Virupa, o que é que tu deves para teu amigo aqui. É minha resolução te ouvir e então fazer o que for apropriado.'"

"Virupa disse, 'Ouça atentamente, ó rei, todas as circunstâncias em detalhes, acerca de como eu devo para meu companheiro, isto é, este Vikrita, ó soberano de homens. Vikrita, no passado, para ganhar mérito, ó impecável, doou uma vaca auspiciosa, ó sábio real, para um Brahmana dedicado a penitências como o estudo dos Vedas. Indo até ele, ó rei, eu pedi dele a recompensa daquele ato. Com um coração puro, Vikrita me fez um presente daquela recompensa. Eu então, para minha purificação, fiz algumas boas ações. Eu também comprei duas vacas kapila com bezerros, ambas as quais costumavam produzir grandes quantidades de leite. Eu então fiz uma doação, de acordo com os ritos devidos e com devoção apropriada, daquelas duas vacas para um Brahmana pobre que vivia pelo método Unchha. (Isto é, apanhando grãos solitários das fendas nos campos depois que as colheitas foram reunidas e levadas embora.) Tendo antigamente aceitado o presente de meu companheiro, eu desejo, ó senhor, aqui mesmo, devolver a ele a recompensa em dobro! (Ele me deu o mérito que ele ganhou por doar uma vaca. Eu desejo dar a ele em retorno o mérito que eu ganhei por doar duas vacas.) As circunstâncias sendo essas, ó tigre entre homens, quem entre nós dois será inocente e que será culpado (segundo teu julgamento)? Disputando um com o outro sobre isto, nós viemos a ti, ó monarca! Tu julgues corretamente ou incorretamente, nos estabeleça na paz. Se este meu companheiro não deseja aceitar de mim em retorno um presente igual ao que ele me deu, tu terás que julgar pacientemente e nos colocar no caminho correto.'"

"O rei disse, 'Por que você não aceita o pagamento que ele procura fazer da dívida que é devida a ti? Não te detenha, mas aceite o pagamento do que tu sabes que te é devido.'"

"Vikrita disse, 'Ele diz que me deve. Eu digo a ele que o que eu dei, eu dei de graça. Ele, portanto, não me deve nada. Que ele vá para onde quer que ele deseje.'"

"O rei disse, 'Ele está disposto a te dar. Tu, no entanto, estás relutante em aceitar. Isto não me parece apropriado. Eu acho que tu mereces punição por isto. Há pouca dúvida nisto.'"

"Vikrita disse, 'Eu fiz um presente para ele, ó sábio real! Como eu posso pegá-lo de volta? Se eu sou culpado nisto, pronuncie o castigo, ó pujante.'"

"Virupa disse, 'Se tu te recusares a aceitar quando eu estou disposto a dar, este rei certamente te punirá, pois ele é um mantenedor da justiça.'"

"Vikrita disse, 'Solicitado por ele eu dei a ele o que era meu. Como eu agora retomarei isso? Tu podes ir embora. Tu tens minha permissão.'"

"O Brahmana disse, 'Tu ouviste, ó rei, as palavras desses dois. Aceite sem escrúpulos o que eu prometi te dar.'"

"O rei disse, 'Esta questão é, de fato, tão profunda (em importância) quanto um abismo insondável. Como a pertinácia deste Recitador terminará? Se eu não aceitar o que foi dado por este Brahmana, como eu evitarei ser maculado por um grande pecado?' O sábio real então disse para os dois disputantes, 'Vão ambos, tendo obtido seus respectivos objetos. Eu devo cuidar para que os deveres reais, conferidos a mim, não se tornem inúteis. É determinado que reis devem cumprir os deveres declarados para eles. Para minha desgraça, no entanto, o curso de deveres prescritos para Brahmanas foi possuído pela minha pessoa desventurada.'"

"O Brahmana disse, 'Aceite, ó rei! Eu te devo. Tu o solicitaste, e eu também me comprometi (a te dar). Se, no entanto, tu te recusares a aceitar, ó monarca, eu te amaldiçoarei sem dúvida.'"

"O rei disse, 'Que vergonha para os deveres reais, a conclusão segura sobre a operação dos quais é esta mesma. Eu devo, contudo, aceitar o que tu dás, por esta única razão, isto é, tornar os dois cursos de dever exatamente iguais. Esta minha mão, que nunca antes foi (estendida para aceitação de doações), está agora estendida (para aceitação como também) para doar. Dê-me o que tu me deves.'"

"O Brahmana disse, 'Se eu ganhei quaisquer frutos por recitar o Gayatri, aceite eles todos.'"

"O rei disse, 'Estas gotas de água, veja, ó principal dos Brahmanas, caíram sobre minha mão. Eu também desejo te dar. Aceite minha doação. Que haja igualdade entre nós (por tu aceitares meu presente como eu aceitei o teu).'"

"Virupa disse, 'Saiba, ó rei, que nós dois somos Desejo e Ira. Foi por nós que tu foste induzido a agir dessa maneira. Tu fizeste uma doação em retorno para o Brahmana. Que aja igualdade entre tu e esta pessoa regenerada em relação a regiões de felicidade no mundo seguinte. Este Vikrita realmente não me deve nada. Nós apelamos para ti por tua própria causa. O Tempo, Dharma, Mrityu, e nós dois examinamos tudo sobre ti, aqui na tua própria presença, por produzirmos

este atrito entre tu e este Brahmana. Vá agora, como tu escolheres, para aquelas regiões de felicidade que tu ganhaste por meio de teus feitos.'"

"Bhishma continuou, 'Eu agora te disse como Recitadores obtêm os resultados (de suas recitações) e qual, de fato, é seu fim, qual o local, e quais as regiões, que um Recitador pode alcançar. Um Recitador do Gayatri vai para o deus supremo Brahman, ou vai para Agni ou entra na região de Surya. Se ele se diverte lá em sua (nova) forma enérgica, então estupefato por tal atração ele pega os atributos daquelas regiões específicas. (Isto não é Emancipação, mas meramente felicidade finita.) O mesmo vem a ser o caso com ele se ele vai para Soma, ou Vayu, ou Terra, ou Espaço. O fato é, ele habita em todos estes, com apego, e mostra os atributos peculiares àquelas regiões. Se, no entanto, ele vai para aquelas regiões depois de ter se livrado de atrações, e sente uma desconfiança (a respeito da felicidade que ele desfruta), e deseja Aquela que é Suprema e Imutável, ele então entra exatamente Naquela. Nesse caso ele alcança a ambrosia da ambrosia, a um estado livre de desejo e desprovido de consciência separada. Ele se torna o próprio Brahma livre da influência de opostos, feliz, tranquilo, e sem dor. (Alcança a Emancipação ou Absorção na essência de Brahma.) De fato, ele alcança aquela condição que é livre de aflição, que é a própria tranquilidade, a qual é chamada de Brahma, de onde não há retorno, e que é intitulada a Única e Imutável. Ele se torna livre dos quatro meios de compreensão (que são: Conhecimento Direto através dos sentidos, Revelação, Inferência e Intuição), das seis condições (fome, sede, dor, ilusão, doença e morte), e também dos outros dezesseis atributos (os cinco ares vitais, os dez sentidos, e a mente). Transcendendo o Criador (Brahman), ele alcança absorção na Única Alma Suprema. Ou, se sob a influência de atrações, ele não desejar tal absorção, mas desejar ter uma existência separada como dependente daquela Causa Suprema de tudo, ele então obtém a realização de tudo pelo qual ele nutre um desejo. Ou, se ele olha (com aversão) para todas as regiões de felicidade, as quais têm sido (como declarado previamente) chamadas de infernos, ele então, rejeitando desejo e livre de tudo, desfruta de felicidade suprema exatamente naquelas mesmas regiões. (Três diferentes fins são citados. Um é absorção em Brahma; o outro é o desfrute de felicidade comum, o qual, é claro, é finito, e o último é o desfrute daquela felicidade a qual é devido a uma liberdade de desejo e atrações.) Assim, ó monarca, eu te falei sobre o fim alcançado pelos Recitadores. Eu te disse tudo. O que mais tu desejas ouvir?'"

200

"Yudhishthira disse, 'Diga-me, ó avô, que resposta foi dada a Virupa pelo Brahmana ou pelo monarca depois da conclusão das palavras do último. Qual foi o tipo de fim, entre aqueles descritos por ti, que eles alcançaram? Qual, de fato, foi a conversa que ocorreu entre eles, e o que eles fizeram lá?'"

"Bhishma disse, 'O Brahmana, dizendo, 'Que sejas como tu dizes', adorou Dharma e Yama e Tempo e Mrityu e o Céu, todos os quais eram dignos de

adoração. Ele também adorou todos aqueles principais dos Brahmanas que tinham ido lá para curvar suas cabeças a eles. Dirigindo-se ao monarca então, ele disse, 'Dotado da recompensa de minhas recitações, ó sábio nobre, obtenha uma posição de eminência. Com tua permissão eu me dedicarei a minhas recitações novamente. Ó tu de grande poder, a deusa Savitri me deu um benefício, dizendo, 'Que tua dedicação às recitações seja contínua.'"

"O rei disse, 'Se teu sucesso (em recitação) se tornou inútil (por tu teres me dado aqueles frutos), e se teu coração está determinado a praticar outra vez, vá, ó Brahmana erudito, meio a meio comigo, e que a recompensa de tuas recitações sejam tuas (compartilhe comigo desta recompensa).'"

"O Brahmana disse, 'Tu fizeste esforços árduos perante todas essas pessoas (para fazer de mim um participante das recompensas acumuladas por ti como as consequências de tuas próprias ações). Que nós então nos tornemos iguais em relação às nossas recompensas (na próxima vida), e vamos receber aquele fim o qual é nosso.' Sabendo da decisão à qual eles haviam chegado lá, o chefe dos deuses foi àquele local, acompanhado pelas divindades e os Regentes do mundo. Os Sadhyas, os Viswas, os Mantras, diversos tipos de música alta e suave, os Rios, as Montanhas, os Mares, as Águas Sagradas, as Penitências, as Ordenanças sobre yoga, os Vedas, os Sons que acompanham o canto dos Samans, Saraswati, Narada, Parvata, Viswavasu, os Hahas, os Huhus, o Gandharva Chitrasena com todos os membros de sua família, os Nagas, os Sadhyas, os Munis, o deus de deuses, isto é, Prajapati, e o próprio Vishnu inconcebível e de mil cabeças, chegaram lá. Tambores e trombetas foram batidos e soprados no firmamento. Flores celestes foram derramadas sobre aqueles seres de grande alma. Grupos de Apsaras dançavam por toda parte. O Céu, em sua forma incorporada, chegou lá. Dirigindo-se ao Brahmana, ele disse, 'Tu alcançaste o sucesso. Tu és altamente abençoado.' Dirigindo-se em seguida ao monarca, ele disse, 'Tu também, ó rei, alcançaste o sucesso.' Aquelas duas pessoas então, ó monarca (isto é, o Brahmana e o rei), tendo feito bem um ao outro, afastaram seus sentidos dos objetos do mundo. Fixando os ares vitais Prana, Apana, Samana, Udana e Vyana no coração, eles concentraram a mente em Prana e Apana unidos. Eles então colocaram os dois ares unidos no abdômen, e dirigiram seu olhar fixo à ponta do nariz e então imediatamente abaixo das duas sobrancelhas. Eles em seguida mantiveram os dois ares, com a ajuda da mente, no lugar que fica entre as sobrancelhas, levando-os lá muito gradualmente. Com corpos totalmente inativos, eles estavam absortos com olhar fixo. Tendo controle sobre suas almas, eles então colocaram a alma dentro do cérebro. Então, atravessando o topo da cabeça do Brahmana de grande alma uma chama ígnea de esplendor magnífico ascendeu ao céu. Altas exclamações de pesar, proferidas por todas as criaturas, foram então ouvidas por todos os lados. Seus louvores cantados por todos, aquele esplendor então entrou no próprio Brahman. O Grandioso Avô, se adiantando, dirigiu-se àquele esplendor que tinha assumido uma forma da altura de um palmo, dizendo, 'Bem vindo!' E mais uma vez ele proferiu essas palavras, 'Em verdade, os Recitadores alcançam o mesmo fim com os yogins. O alcance pelo yogin de seu fim é um objeto de visão direta para todos esses (aqui

reunidos). (Os yogins alcançam Brahma aqui mesmo.) Em relação aos Recitadores, há esta distinção, que é ordenado para eles a honra de Brahman se adiantar para recebê-los (depois de sua partida da terra). Habite em mim.' Assim falou Brahman e mais uma vez deu consciência àquele esplendor. De fato, o Brahmana então, livre de todas as ansiedades, entrou na boca do Criador. O monarca (Ikshvaku) também, da mesma maneira, entrou no Avô divino como aquele principal dos Brahmanas. As divindades (reunidas) saudaram o auto-nascido e disseram, 'Um fim muito superior é, de fato, ordenado para os Recitadores. Este esforço (que nós te vimos empregar) é em prol dos Recitadores. Com relação a nós, nós viemos aqui para ver isto. Tu fizeste estes dois iguais, deste a eles honra igual, e concedeste a eles um fim igual. O fim sublime que está reservado para yogins e Recitadores foi visto por nós hoje. Transcendendo todas as regiões (de felicidade), estes dois são capazes de ir para onde quer que eles desejem.'"

"Brahman disse, 'Também aquele que ler o grande Smriti (isto é, o Veda), e também aquele que ler os outros Smritis auspiciosos que seguem o primeiro (isto é, o de Manu e o resto), irá, dessa maneira, alcançar a mesma região comigo. Aquele também que é dedicado ao yoga alcançará desse modo, sem dúvida, depois da morte, as regiões que são minhas. Eu partirei daqui. Vão vocês todos para seus respectivos lugares para a realização de seus objetivos.'"

"Bhishma continuou, 'Tendo dito estas palavras, aquele principal dos deuses desapareceu. As divindades reunidas, tendo previamente se despedido dele, voltaram para suas respectivas residências. Todos aqueles seres de grande alma, tendo honrado Dharma, prosseguiram com corações bem satisfeitos, ó monarca, seguindo aquela grande divindade. Estas são as recompensas dos recitadores e este é seu fim. Eu os descrevi para ti como eu mesmo ouvi a respeito deles. O que mais, ó monarca, tu desejas ouvir?'"

201

"Yudhishthira disse, 'Quais são os frutos do yoga representado pelo Conhecimento, de todos os Vedas, e das (várias) observâncias e votos? Como também a alma-criatura pode ser conhecida? Nos diga, isto, ó Avô!'"

"Bhishma disse, 'Em relação a isto é citada a antiga narrativa da conversa entre aquele senhor de criaturas, isto é, Manu, e o grande Rishi Vrihaspati. Nos tempos passados, o principal dos Rishis celestes, Vrihaspati, que era um discípulo de Manu, reverenciou seu preceptor e, se dirigindo àquele senhor e principal das criaturas, disse, 'Qual é a causa (do universo)? De onde as ordenanças (sobre sacrifícios e outras observâncias virtuosas) fluíram? Quais são aqueles frutos que os eruditos dizem que são ligados ao Conhecimento? Diga-me também realmente, ó ilustre, o que é aquilo que os próprios Vedas não têm podido revelar? Quais são aqueles frutos que são adorados por personagens eminentes conhecedores da ciência de Artha, dos Vedas, e dos Mantras, através de sacrifícios e doações abundantes de gado? De onde surgem aqueles frutos? Onde eles são

encontrados? Conte-me também aquela velha história, isto é, de onde a terra, todos os objetos terrestres, vento, firmamento, criaturas aquáticas, água, céu, e os habitantes do céu, todos surgiram? As inclinações do homem tendem em direção àquele objeto acerca do qual ele procura conhecimento. Eu não tenho conhecimento daquele Antigo e Supremo. Como eu me salvarei de uma manifestação falsa de inclinações em direção a Ele? (O fato é, eu não sei nada dele, mas eu ainda professo adorá-lo. Este é um comportamento falso. Como eu serei salvo de tal falsidade?) Eu tenho estudado os Riks, todos os Samans, todos os Yajuses, os Chhandas (as regras de Métrica como aplicáveis aos hinos Védicos), Astronomia (Jyotish, que forma um Anga dos Vedas), Nirukta (que fornece regras para interpretação de passagens obscuras dos Vedas, e também dá os significados de palavras técnicas ou obscuras usadas neles), Gramática, Sankalpa (Kalpa é a descrição de ritos religiosos), e Siksha (a ciência de Pronúncia como aplicada a mantras e hinos Védicos). Mas eu não tenho conhecimento da natureza das grandes criaturas (os cinco elementos primordiais) que entram na composição de tudo. Diga-me tudo o que eu te perguntei, por usar somente afirmações simples e diferenciando adjetivos ou atributos. Diga-me quais são os frutos do Conhecimento e quais são aqueles frutos que são ligados a sacrifícios e outros ritos religiosos. Explique-me também como um ser incorporado parte de seu corpo e como ele obtém outro corpo.'"

"Manu disse, 'Aquilo que é agradável para alguém é dito que constitui sua felicidade. Similarmente, aquilo que é desagradável para alguém é dito que constitui sua tristeza. 'Por isto eu obterei felicidade e afastarei a tristeza', de um sentimento como esse fluem todos os atos religiosos. Os esforços para a aquisição de Conhecimento, no entanto, provêm de um sentimento para evitar felicidade e tristeza. (Aqueles que acreditam que a felicidade não é eterna e que, portanto, eles não devem procurá-la, se afastam de todos os atos pios os quais levam à felicidade. Eles buscam Conhecimento como o melhor meio para evitar tudo o que é transitório e mutável. Eles procuram moksha ou Emancipação completa a qual foi descrita nos capítulos anteriores.) As ordenanças sobre sacrifícios e outras observâncias, que se encontram nos Vedas, são todas ligadas com desejo. Aquele, no entanto, que se liberta do desejo, consegue alcançar Brahma. O homem que, pelo desejo de obter felicidade, anda pelo caminho das ações, as quais são de diversos tipos, tem que ir para o inferno.'" (O significado de 'inferno' como aplicado em tais passagens foi explicado antes.)

"Vrihaspati disse, 'As aspirações dos homens estão ligadas à aquisição do agradável que termina em felicidade, e à evitação do desagradável que traz tristeza. Tal aquisição e tal evitação também são realizadas por meio de ações.'"

"Manu disse, 'É por se libertar das ações que alguém consegue entrar em Brahma. As ordenanças sobre ações fluíram por este mesmo objetivo. (O sentido é que uma pessoa deve se dedicar às ações como um tipo de preparação. Posteriormente ela deve abandoná-las para obter o fim mais sublime. As ações, portanto, têm seu uso, e ajudam uma pessoa, embora indiretamente, na obtenção de Brahma.) As ordenanças sobre ações tentam somente aqueles cujos corações não estão livres do desejo. Por se libertar das ações (como já dito) alguém

alcança o estado mais elevado. Alguém desejoso de felicidade (Emancipação), se dirigindo a ritos religiosos, fica purificado (das atrações) por meio de ações que têm como seu objetivo a purificação da alma, e finalmente ganha grande esplendor. Por se libertar das ações, alguém alcança o fim mais sublime, isto é, Brahma, o qual está muitíssimo acima da recompensa que os atos dão. Todas as criaturas foram criadas por Mente e Ação. Estes também são os dois melhores caminhos adorados por todos. Ações externas produzem frutos que são transitórios como também eternos. Para adquirir os últimos não há outro meio além do abandono dos frutos pela mente (isto é, atos podem ser praticados, mas seus resultados nunca devem ser cobiçados). Como a visão, quando a noite passa e o véu da escuridão é removido dela, guia seu possuidor por seu próprio poder, assim a Compreensão, quando ela vem a ser dotada de Conhecimento, consegue ver todos os males que são dignos de serem evitados. Cobras, folhas de kusa de pontas afiadas, e buracos, os homens evitam quando eles percebem que estão em seu caminho. Se alguns pisam ou caem dentro deles, eles fazem isso por ignorância. Veja a superioridade dos frutos do conhecimento (sobre aqueles da ignorância). Mantras aplicados devidamente, sacrifícios, os presentes chamados de Dakshina, doações de alimento, e concentração da mente (para contemplação divina), estas são as cinco ações que são citadas como produtivas de frutos, não havendo mais nenhuma. As ações têm (os três) atributos (de Sattwa, Rajas, e Tamas) por sua alma. Os Vedas dizem isto. (Os Vedas consistem em Mantras). Os Mantras, portanto, têm as mesmas três qualidades, já que é com Mantras que as ações devem ser realizadas. O ritual também deve estar sujeito às mesmas três qualidades. Os resultados da ação dependem da mente (isto é, do motivo das ações). É a criatura incorporada que desfruta daqueles resultados. Todos os excelentes tipos de som, forma, gosto, toque, e aroma, são os frutos de ações, sendo obteníveis na região de ações (isto é, céu). Em relação, no entanto, aos frutos do conhecimento, o homem os obtém aqui mesmo antes da morte. Quaisquer atos que sejam realizados por meio do corpo, uma pessoa desfruta dos resultados deles em um estado de existência física. O corpo é, de fato, a estrutura à qual a felicidade inere, como também a estrutura à qual a tristeza inere. (O resultado de todos os atos realizados por meio do corpo é o céu onde uma pessoa em um estado físico (embora sutil) desfruta daqueles resultados. Se a Emancipação é para ser procurada, ela deve ser alcançada através da mente.) Quaisquer atos que sejam realizados por meio de palavras, seus frutos serão desfrutados em um estado no qual palavras possam ser faladas. Similarmente, quaisquer atos que sejam realizados pela mente, seus frutos são desfrutados em um estado no qual alguém não esteja livre da mente. Dedicada aos frutos das ações, quaisquer tipos de ações (Sattwikas, ou Rajasikas, ou Tamasikas) que uma pessoa cobiçosa de resultados realize, os frutos, bons ou maus, que ela realmente desfruta compartilham do caráter delas. Como peixes indo contra uma corrente de água, as ações de uma vida passada chegam ao ator. A criatura incorporada sente felicidade por suas boas ações, e tristeza pelas más. Ele de quem este universo surgiu, Ele por conhecer a quem pessoas de almas purificadas transcendem este mundo, Ele que não é expressado por mantras e palavras Védicos, eu agora indicarei. Ouça-me enquanto eu falo daquele mais sublime dos sublimes. Ele mesmo livre dos vários tipos de gosto e cheiro, e som e toque e

forma, Ele não pode ser compreendido pelos sentidos, imanifesto, sem cor, o Único, e Ele tem criado os cinco tipos de objetos (isto é, sabor, etc.) para Suas criaturas. Ele não é nem feminino, nem masculino, nem de sexo neutro. Ele não é existente (como átomo), nem inexistente (como espaço), nem existente-não-existente (como Maya ou ilusão). Somente aqueles que conhecem Brahma vêem a Ele. Ele não conhece direção.'"

202

"Manu disse, 'Daquele eterno e imperecível Um surgiu primeiro o Espaço; do espaço veio o Vento; do vento veio a Luz; da luz veio a Água; da água surgiu o Universo; e do universo, todas as coisas que existem nele. Os corpos de todas as coisas (terrenas), (depois da dissolução), primeiro entram na água, então na luz ou calor, então no vento, e então no espaço. Aqueles que procuram Emancipação não têm que voltar do espaço. Por outro lado, eles alcançam Brahma. O refúgio da Emancipação, isto é, Brahma, não é nem quente, nem frio, nem suave nem ardente, nem azedo nem adstringente, nem doce nem amargo. Ele não é dotado de som, ou cheiro, ou forma. Ele transcende todos esses e tudo, e é sem dimensões. A pele percebe toque; a língua, gosto; o nariz, cheiro; os ouvidos, sons; e os olhos, formas. Homens não familiarizados com Adhyatma não conseguem ver o que está acima destes. Tendo afastado a língua dos sabores, o nariz dos perfumes, os ouvidos dos sons, a pele do toque, e os olhos das formas, alguém consegue ver seu próprio eu (como independente dos sentidos e da mente e, portanto, dos atributos). (Isto é, ele vê sua própria alma.) É dito que aquilo que é a Causa do ator, a ação, o material com o qual a ação é feita, o lugar e a hora da ação, e as tendências e propensões em relação à felicidade e tristeza, é chamado de Eu (ou Alma). Aquilo que permeia tudo, que faz tudo (assumindo as formas de criaturas vivas), aquilo que existe no universo assim como os mantras declaram (isto é, que embora um, se divide em milhares de formas como a imagem da lua em uma quantidade de água agitada), aquilo que é a causa de tudo, aquilo que é o mais alto dos altos, e aquilo que é Um sem um segundo e que faz todas as coisas, é a Causa. Tudo mais é efeito. É visto que uma pessoa, por causa dos atos realizados por ela, obtém resultados bons e maus, os quais (embora aparentemente incompatíveis uns com os outros, ainda assim) vivem juntos em harmonia. De fato, como os frutos bons e maus nascidos de suas próprias ações moram juntos nos corpos de criaturas os quais são seu refúgio, assim mesmo o Conhecimento mora no corpo. (A analogia consiste nisto: frutos bons e maus, embora incompatíveis, moram juntos; similarmente, o conhecimento, embora não material, reside no corpo material. É claro, conhecimento é usado aqui no sentido da mente ou da compreensão.) Como uma lâmpada acesa, enquanto queimando, revela outros objetos diante de si, assim os cinco sentidos que são como lâmpadas fixadas em árvores altas, descobrem seus respectivos objetos quando acesos pelo Conhecimento. Como os vários ministros de um rei, unidos, dão conselhos a ele, assim mesmo os cinco sentidos que estão corpo são todos subservientes ao Conhecimento. O último é superior a todos eles. Como as

chamas do fogo, a corrente do vento, os raios do sol, e as águas dos rios vêm e vão repetidamente, assim mesmo os corpos das criaturas incorporadas estão indo e vindo repetidamente. Como uma pessoa por pegar um machado não pode, por cortar um pedaço de madeira, achar fumaça ou fogo nele, assim mesmo não se pode, por abrir os braços e pés e estômago de uma pessoa, ver o princípio de conhecimento, o qual, é claro, não tem nada em comum com o estômago, os braços e os pés. Como também, vê-se fumaça e fogo em madeira por friccioná-la contra outro pedaço, assim uma pessoa de inteligência e sabedoria bem direcionadas, por unir (por meio de yoga) os sentidos e a alma, pode ver a Alma Suprema a qual, é claro, existe em sua própria natureza (isto é, não afetada por atributos e qualidades e acidentes). Como no meio de um sonho uma pessoa vê seu próprio corpo deitado no chão como alguma coisa distinta de si mesma, assim mesmo uma pessoa, dotada dos cinco sentidos, a mente, e a compreensão, vê (depois da morte) seu próprio corpo e então vai de uma para outra forma. A Alma não está sujeita a nascimento, crescimento, decadência, e destruição. Pelos atos da vida serem dotados de efeitos, a Alma, vestida em corpo, passa deste corpo (quando privado de animação) para outro, não vista por outros. Ninguém pode ver com o olho a forma da Alma. A Alma não pode, também, formar o objeto de toque de alguém. Com aqueles (isto é, os sentidos), a Alma não realiza atos. Os sentidos não se aproximam da Alma. A Alma, no entanto, compreende eles todos. Como qualquer coisa, colocada em um fogo ardente perante um espectador, assume uma certa cor por causa da luz e calor que operam sobre ela, sem tomar qualquer outra cor ou atributo, assim mesmo a forma da Alma é vista pegar sua cor do corpo. Do mesmo modo, o homem, rejeitando um corpo, entra em outro, despercebido por todos. De fato, abandonando seu corpo para os (cinco) grandes elementos primordiais, ele assume uma forma que é similarmente feita dos mesmos (cinco) elementos. A criatura incorporada (após a destruição de seu corpo) entra no espaço, vento, fogo, água, e terra de tal maneira que cada elemento específico em seu corpo se mistura com o elemento específico (fora de seu corpo) com cuja natureza ele é consoante. Os sentidos também, que estão engajados em diversas ocupações e dependem dos cinco elementos (para o exercício de suas funções), entram naqueles cinco elementos que fazem surgir suas funções. O ouvido deriva sua capacidade do espaço; e o sentido do olfato, da terra. Forma, a qual é a propriedade da visão, é a consequência da luz ou fogo. O fogo ou calor é citado como a causa dependente da água. A língua, que tem o paladar como sua propriedade imerge na água. A pele, que tem o tato como sua propriedade, se perde no vento de cuja natureza ela compartilha. Os cinco atributos, (isto é, som, etc.) moram nas (cinco) grandes criaturas (isto é, os cinco elementos primordiais). Aqueles cinco objetos dos sentidos (isto é, espaço, etc.) moram nos (cinco) sentidos. Todos estes (os cinco atributos, os cinco elementos, e o cinco sentidos) seguem a liderança da mente. A mente segue a liderança da Compreensão, e a Compreensão segue a liderança daquilo que existe em sua natureza verdadeira e imaculada (isto é, a Alma Suprema). O fazedor em seu novo corpo recebe todas as ações boas e más feitas por ele como também todos os atos feitos por ele em sua existência passada. Todos os atos feitos nesta vida e nas próximas a virem seguem a mente assim como animais aquáticos passam ao longo de uma corrente amena. Como uma coisa agitada e que se move

rapidamente se torna um objeto de visão, como um objeto minúsculo parece possuir grandes dimensões (quando visto através de lentes), como um espelho mostra a uma pessoa seu próprio rosto (o qual não pode ser visto de outra maneira), assim mesmo a Alma (embora sutil e invisível) se torna um objeto de percepção da Compreensão.'"

203

"Manu disse, 'A mente unida com os sentidos, lembra depois de um longo tempo as impressões dos objetos recebidas no passado. Quando os sentidos estão todos suspensos (em relação às suas funções, no sono), o Supremo (a Alma), na forma de Compreensão, existe em sua própria natureza verdadeira. Quando a Alma (em tal momento) não considera de maneira alguma todos aqueles objetos dos sentidos em relação à sua simultaneidade ou o oposto em relação a tempo, mas reunindo-os de todas as direções os mantém juntos diante de si, necessariamente acontece que ela vaga entre todas as coisas que são incongruentes. Ela é, portanto, a Testemunha (silenciosa). Então a Alma envolvida em corpo é uma coisa que tem uma existência distinta e independente. (Quando a alma, em um sonho, reúne juntas as ocorrências e objetos de diferentes tempos e lugares, quando, de fato, coerência em relação a tempo e lugar não se aplica a ela, ela deve ser considerada como tendo uma existência que é distinta e independente dos sentidos e do corpo.) Há Rajas, há Tamas, e há Sattwa, o terceiro. Há também três estados da compreensão, isto é, vigília, sonho, e sono profundo. A Alma tem conhecimento dos prazeres e dores, os quais são todos contraditórios, daqueles estados, e os quais partilham da natureza dos três atributos mencionados primeiro. (A Alma somente tem conhecimento dos prazeres e dores surgidos em consequência de Sattwa e Rajas e Tamas e em conexão com os três estados da compreensão devidos aos mesmos três atributos. A Alma, no entanto, embora os conhecendo, não os desfruta ou os sofre. Ela é somente a Testemunha silenciosa e inativa de tudo.) A Alma entra nos sentidos como o vento entrando no fogo em um pedaço de madeira. (O objetivo do símile é mostrar que como o vento é uma entidade separada embora existindo com o fogo em um pedaço de madeira, assim a Alma, embora existindo com os sentidos é distinta deles.) Não se pode ver a forma da Alma através da visão, nem pode o sentido de tato, entre os sentidos, apreendê-la. A Alma não é, também, um objeto de compreensão pela audição. Ela pode, no entanto, ser vista pela ajuda dos Srutis e das instruções dos sábios. Em relação aos sentidos, aquele sentido específico que a compreende perde após tal compreensão sua existência como um sentido. Os próprios sentidos não podem compreender suas respectivas formas por si mesmos. A Alma é onisciente (visto que ela compreende ambos, o conhecedor e o conhecido). Ela contempla todas as coisas. Sendo onisciente, é a Alma que vê os sentidos (sem, como já foi dito, os sentidos poderem compreendê-la). Ninguém viu o outro lado das montanhas Himavat, nem o reverso do disco da lua. Ainda assim não pode ser dito que eles não existem. Similarmente, embora nunca apreendida pelos sentidos, contudo ninguém pode dizer que a Alma, a qual mora em todas as

criaturas, que é sutil, e que tem conhecimento como sua essência, não existe. As pessoas vêem o mundo refletido no disco da lua na forma de manchas. Embora vendo, elas não sabem que é o mundo que é refletido lá dessa maneira. Assim é o conhecimento da Alma. Aquele conhecimento deve vir por si mesmo. A Alma depende da própria Alma. Homens de sabedoria, refletindo sobre a informidade dos objetos visíveis antes do nascimento e depois da destruição, vêem pela ajuda da inteligência a informidade de objetos que têm formas aparentes. (O comentador usa a ilustração de uma árvore. Antes do nascimento não havia árvore, e depois da destruição também não há árvore, somente no intervalo ela existe. Sua informidade ou inexistência é evidente a partir destes dois estados, pois é dito que aquilo não existiu no passado e não existirá no futuro não pode ser considerado como existente no presente.) Assim também, embora o movimento do Sol não possa ser visto, as pessoas, por verem seu nascimento e ocaso, concluem que o sol tem movimento. Similarmente, aqueles que são dotados de sabedoria e erudição vêem a Alma pela ajuda da lâmpada da inteligência, embora ela esteja a uma grande distância deles, e procuram imergir os cinco elementos, os quais estão perto, em Brahma. Em verdade, um objetivo não pode ser realizado sem a aplicação de meios. Pescadores pegam peixes por meio de redes feitas de fios. Animais são capturados por empregar animais como os meios. Aves são apanhadas por empregar aves como os meios. Elefantes são pegos por empregar elefantes. Desse modo, a Alma pode ser compreendida pelo princípio de conhecimento. Nós temos ouvido que somente uma cobra pode ver as pernas de uma cobra. Da mesma maneira uma pessoa vê, através do Conhecimento, a Alma envolvida em forma sutil e residindo dentro do corpo grosseiro. As pessoas não podem, através de seus sentidos, conhecer os sentidos. Similarmente, a mera Inteligência mais elevada não pode contemplar a Alma a qual é suprema. A lua, no décimo quinto dia da quinzena escura, não pode ser vista por sua forma estar escondida. Não pode ser dito, no entanto, que a destruição a alcança. O mesmo é o caso com a Alma residindo no corpo. No décimo quinto dia da quinzena escura, o corpo grosseiro da lua se torna invisível. Do mesmo modo, a Alma, quando livre do corpo, não pode ser percebida. Como a lua, alcançando outro ponto no firmamento começa a brilhar novamente, similarmente, a Alma, obtendo um novo corpo, começa a se manifestar mais uma vez. O nascimento, crescimento e desaparecimento da lua podem ser todos apreendidos diretamente pela visão. Estes fenômenos, no entanto, concernem à forma grosseira daquele corpo luminoso. Os semelhantes não são os atributos da Alma. A lua, quando ela se mostra depois de seu desaparecimento no décimo quinto dia da quinzena escura, é considerada como o mesmo corpo luminoso que tinha se tornado invisível. Do mesmo modo, apesar das mudanças representadas por nascimento, crescimento e velhice, uma pessoa é considerada como o mesmo indivíduo sem qualquer dúvida de sua identidade. Não pode ser visto claramente como Rahu se aproxima e deixa a lua. Da mesma maneira, não pode ser visto como a Alma deixa um corpo e entra em outro. Rahu fica visível somente quando ele existe com o sol ou a lua. Similarmente, a Alma se torna um objeto de percepção somente quando ela existe com o corpo. Quando livre do sol ou da lua, Rahu poder não pode mais ser visto. Do mesmo modo, a Alma, livre do corpo, não pode mais ser vista. Então, também, como a lua, mesmo quando ela desaparece no décimo quinto dia da

quinzena escura, não é abandonada pelas constelações e as estrelas, a Alma também, mesmo que separada do corpo, não é abandonada pelos resultados dos atos que ela realizou naquele corpo.'"

204

"Manu disse, 'Como em um sonho este (corpo) manifesto repousa (inativo) e o espírito animante em sua forma sutil, separando-se do primeiro, vaga adiante da mesma maneira, no estado chamado de sono profundo (ou morte), a forma sutil com todos os sentidos se torna inativa e a Compreensão, separada destes permanece desperta. O mesmo é o caso com Existência e Não-Existência. Como quando uma quantidade de água está límpida, as imagens refletidas nela podem ser vistas pelo olho, do mesmo modo, se os sentidos estão imperturbados, a Alma pode ser vista pela compreensão. Se, no entanto, a quantidade de água fica agitada, a pessoa que está ao lado dela não pode mais ver aquelas imagens. Similarmente, se os sentidos ficam perturbados, a Alma não pode mais ser vista pela compreensão. Ignorância gera Ilusão. A ilusão afeta a mente. Quando a mente se torna viciada, os cinco sentidos que têm a mente como seu refúgio ficam viciados também. Sobrecarregado com Ignorância, e caído no atoleiro de objetos mundanos, alguém não pode desfrutar das doçuras do contentamento ou tranquilidade. A Alma (assim situada), não separada de suas ações boas e más, volta repetidamente para os objetos do mundo. Pelo pecado a sede de alguém nunca é saciada. A sede de alguém é saciada somente quando o pecado dele é destruído. Por causa da atração por objetos mundanos, a qual tem uma tendência para se perpetuar, uma pessoa deseja coisas além daquelas pelas quais alguém deveria desejar, e consequentemente fracassa em alcançar o Supremo. Da destruição de todos os atos pecaminosos, o conhecimento surge nos homens. Após o aparecimento do Conhecimento, alguém vê a própria Alma na própria compreensão assim como alguém vê o próprio reflexo em um espelho polido. Alguém obtém miséria por seus sentidos serem descontrolados. Alguém obtém felicidade por seus sentidos serem controlados. Portanto, deve-se reprimir a mente por um auto-esforço dos objetos compreendidos pelos sentidos. Acima dos sentidos está a mente; acima da mente está a compreensão; acima da compreensão está a Alma; acima da Alma está o Supremo ou Grandioso. Do Imanifesto surgiu a Alma; da Alma surgiu a Compreensão; da Compreensão surgiu a Mente. Quando a Mente se torna associada com os sentidos, ela então percebe som e os outros objetos dos sentidos. Aquele que rejeita aqueles objetos, como também tudo o que é manifesto, aquele que se liberta de todas as coisas que surgem da matéria primordial (que são todas as formas sutis ou existentes que são compostas dos tanmatras dos elementos mais grosseiros), sendo assim livre, desfruta de imortalidade. O Sol nascendo difunde seus raios. Quando se põe, ele recolhe dentro de si mesmo aqueles mesmos raios que foram difundidos por ele. Do mesmo modo, a Alma, entrando no corpo, obtém os cinco objetos dos sentidos por difundir sobre eles seus raios representados pelos sentidos. Quando, no entanto, ela retrocede, é dito que ela se põe por recolher aqueles raios dentro

de si mesma (ou, recupera sua real natureza). Repetidamente levada pelo caminho que é criado pelas ações, ela obtém os resultados de suas ações por ter seguido a prática de ações. O desejo por objetos dos sentidos se mantém longe de uma pessoa que não se entrega à tal desejo. O próprio princípio do desejo, no entanto, deixa aquele que viu sua alma, a qual, é claro, é totalmente livre do desejo. (Por se abster dos objetos dos sentidos alguém pode vencer seu desejo por eles. Mas ele não consegue só por aquele método se livrar totalmente do próprio princípio de desejo. Quando uma pessoa consegue ver a própria alma o próprio princípio de desejo dela vem a ser suprimido.) Quando a Compreensão, livre da atração pelos objetos dos sentidos, se torna fixa na mente, então alguém consegue alcançar Brahma, pois é lá que a mente, com a compreensão recolhida dentro dela, pode possivelmente ser extinta. Brahma não é um objeto de tato, ou de audição, ou de paladar, ou de visão, ou de olfato, ou de qualquer inferência dedutiva do Conhecido. Somente a Compreensão (quando afastada de tudo mais) pode alcançá-lo. Todos os objetos que a mente percebe através dos sentidos podem ser recolhidos dentro da mente; a mente pode ser recolhida dentro da Compreensão; a Compreensão pode ser recolhida dentro da Alma, e a Alma no Supremo. (A existência separada de um mundo objetivo é negada na primeira parte da frase aqui. Todos os objetos dos sentidos são citados como tendo somente uma existência subjetiva; por isso a possibilidade de eles serem recolhidos dentro da mente.) Os sentidos não podem contribuir para o êxito da mente. A mente não pode entender a Compreensão. A Compreensão não pode entender a Alma manifestada. A Alma, no entanto, que é sutil, contempla eles todos.'"

205

"Manu disse, 'Após o aparecimento de tristeza física e mental, alguém não se torna capaz de praticar yoga. É aconselhável, portanto, não meditar sobre tal tristeza. O remédio para a tristeza é a abstenção de pensar sobre ela. Quando a tristeza é meditada, ela vem agressivamente e aumenta em violência. Deve-se aliviar a tristeza mental pela sabedoria, enquanto a tristeza física deve ser curada por medicamentos. A Sabedoria ensina isto. Não se deve, enquanto sob tristeza, se comportar como uma criança. O homem de sabedoria nunca deve nutrir um desejo por juventude, beleza, duração de vida, acúmulo de riqueza, saúde, e a companhia daqueles que são queridos, todos os quais são transitórios. Alguém não deve sofrer sozinho por uma tristeza que afeta toda uma comunidade. Sem sofrer, ele deve, se ele vir uma oportunidade, procurar aplicar um remédio. Sem dúvida, a medida de tristeza é muito maior do que aquela de felicidade na vida. Para alguém que está contente com os objetos dos sentidos, a morte que é desagradável vem em consequência de sua estupefação. O homem que evita tristeza e alegria em verdade consegue alcançar Brahma. Tais pessoas, que possuem sabedoria, nunca têm que sofrer. Posses mundanas ocasionam tristeza. Em protegê-las tu não poderás ter qualquer felicidade. Elas são também obtidas com miséria. Não se deve portanto, considerar sua perda. O Conhecimento Puro

(ou Brahma) é considerado (por ignorância) como existindo nas diversas formas que são objetos de Conhecimento. Saiba que a mente é somente um atributo do Conhecimento. Quando a mente se torna unida com as faculdades de conhecimento, então a Compreensão (a qual representa as formas das coisas) começa. Quando a Compreensão, livre dos atributos de ação, vem a ser dirigida para a mente (depois de ser retirada dos objetos externos), ela então consegue conhecer Brahma por meditação ou Yoga terminando em completa absorção (samadhi). A Compreensão fluindo da Ignorância, e possuidora dos sentidos e atributos, corre em direção aos objetos externos, como um rio emanando de um topo de montanha e fluindo em direção a outras regiões. Quando a Compreensão, recolhida dentro da mente, consegue se absorver na contemplação que é livre de atributos, ela obtém um conhecimento de Brahma como o toque de ouro em uma pedra de toque. A mente é aquilo que percebe os objetos dos sentidos. Ela deve primeiro ser extinta (antes que Brahma possa ser alcançado). Dependente das qualidades dos objetos que estão diante dela, a mente nunca pode mostrar aquilo que não tem qualidades. Fechando todas as portas constituídas pelos sentidos, a Compreensão deve ser recolhida dentro da mente. Neste estado, quando absorta em contemplação, ela alcança o conhecimento de Brahma. Como as cinco grandes criaturas (em sua forma grosseira) após a destruição dos atributos pelos quais elas são conhecidas, vêm a serem recolhidas (em sua forma sutil chamada Tanmatra), da mesma maneira a Compreensão pode habitar só na mente, com os sentidos todos afastados de seus objetos. Quando a Compreensão, embora possuidora do atributo de certeza, mora na mente, ocupada com a natureza interna, mesmo então ela é só a mente (sem ser algo superior a ela). Quando a mente ou consciência, que alcança excelência através da contemplação, consegue identificar os atributos com aqueles que são considerados como seus possuidores, ela então pode rejeitar todos os atributos e alcançar Brahma que não tem atributos. (Homens comuns consideram todos os objetos como possuidores de uma existência independente, e seus atributos também como coisas diferentes das substâncias as quais os possuem. O primeiro passo a realizar é a convicção que atributos e substâncias são o mesmo, ou que os atributos são as substâncias. O estágio seguinte, é claro, é aniquilar os próprios atributos por meio de contemplação. O resultado disso é a obtenção de Brahma.) Não há indicação que seja digna o suficiente para produzir um conhecimento do que é Imanifesto (Brahma). Aquilo que não pode se converter em assunto de linguagem, não pode ser adquirido por alguém. Com alma purificada, deve-se procurar se aproximar do Brahma Supremo, através da ajuda fornecida por penitências, por inferências, por autodomínio, pelas práticas e observâncias como declaradas para sua própria classe, e pelos Vedas. Pessoas de visão clara (além de verem o Supremo dentro delas mesmas), o procuram até em formas externas por se livrarem dos atributos. O Supremo, que é chamado pelo nome de Jneya (isto é, aquele que deve ser conhecido), pela ausência de todos os atributos ou de sua própria natureza, nunca pode ser compreendido por raciocínio. Quando a Compreensão se torna livre de atributos, somente então ela pode alcançar Brahma. Quando não emancipada dos atributos, ela se retira do Supremo. De fato, tal é a natureza da compreensão que ela se precipita em direção aos atributos e se move entre eles como fogo entre combustível. Como no estado chamado Sushupti (sono profundo e sem sonhos)

os cinco sentidos existem livres de suas respectivas funções, da mesma maneira o Brahma Supremo existe muito acima de Prakriti, livre de todos os seus atributos. As criaturas incorporadas assim se dirigem para a ação por causa dos atributos. Quando elas se abstêm disso, elas alcançam a Emancipação. Algumas também (pela ação) vão para o céu. A criatura viva, a natureza primordial, a compreensão, os objetos dos sentidos, os sentidos, a consciência, a convicção de identidade pessoal, são chamados de criaturas (pois eles estão sujeitos à destruição). A criação original de todos estes fluiu do Supremo. Sua segunda criação ou seguinte é devido à ação de duplas ou pares (de sexos opostos) e está limitada a todas as coisas salvo os cinco primordiais, e é restringida por leis pelas quais a mesma espécie produz a mesma espécie. Da virtude criaturas (vivas) obtêm um fim excelente, e da pecaminosidade elas ganham um fim que é inferior. Aquele que não se emancipou das atrações encontra o renascimento; enquanto aquele que é emancipado delas alcança o Conhecimento (ou Brahma).'"

206

"Manu disse, 'Quando os cinco atributos estão unidos com os cinco sentidos e a mente, então Brahma é visto pelo indivíduo como um fio passando através de uma pedra preciosa. Como um fio, além disso, pode se encontrar dentro de ouro ou pérola ou coral ou algum objeto feito de terra, assim mesmo a alma de alguém, por causa de suas próprias ações, pode viver dentro de uma vaca, um cavalo, um homem, um elefante, ou outro animal qualquer, ou dentro de um verme ou um inseto. Os bons feitos que um indivíduo realiza em um corpo específico produzem recompensas que ele desfruta naquele corpo específico. Um solo, aparentemente molhado com um tipo específico de líquido, fornece para cada espécie diferente de erva ou planta que cresce nele o tipo de suco que ela requer para si mesma. Da mesma maneira, a Compreensão, cujo curso é testemunhado pela alma, é obrigada a seguir o caminho marcado pelas ações de vidas anteriores. Do conhecimento surge o desejo. Do desejo surge a resolução. Da resolução flui a ação. Da ação procedem os frutos (isto é, consequências, boas e más). Os frutos, portanto, são dependentes de ações como sua causa. As ações têm a compreensão como sua causa. A compreensão tem o conhecimento como sua causa; e o conhecimento tem a Alma como sua causa. Aquele resultado excelente que é alcançado em consequência da destruição do conhecimento, dos frutos, da compreensão, e das ações, é chamado de Conhecimento de Brahma. (O primeiro 'conhecimento' se refere à percepção da verdadeira conexão entre Alma e não-Alma. 'Frutos' significa as formas físicas que são obtidas em novos nascimentos. A destruição da compreensão ocorre quando os sentidos e a mente são recolhidos dentro dela e todos eles, unidos, são dirigidos para a Alma.) Grandiosa e sublime é aquela Essência auto-existente, que os yogins contemplam. Aqueles que são desprovidos de sabedoria, e cujas compreensões estão dedicadas a posses mundanas nunca vêem aquilo que existe na própria Alma. Água é superior à Terra em extensão; Luz é superior à Água; Vento é superior à Luz; Espaço é superior ao Vento; Mente é superior ao Espaço; Compreensão é superior à Mente; Tempo é

superior à Compreensão. O divino Vishnu, de quem é este universo, é superior ao Tempo. Aquele deus não tem início, meio, e fim. Por ele ser sem início, meio, e fim, ele é Imutável. Ele transcende toda a tristeza, pois a tristeza tem limites. (A tristeza surge da relação do conhecedor e do conhecido. Todas as coisas que dependem daquela relação são transitórias. Elas não podem formar parte daquilo que é eterno e que transcende aquela relação.) Aquele Vishnu tem sido chamado de Brahma Supremo. Ele é o refúgio ou objeto daquilo que é chamado de O Mais Sublime. Conhecendo Ele, aqueles que são sábios, livres de tudo o que possui o poder do Tempo, alcançam o que é chamado de Emancipação. Todos estes (que nós percebemos) estão expostos em atributos. Aquilo que é chamado de Brahma, sendo sem atributos, é superior a estes. Abstenção das ações é a religião mais elevada. Aquela religião sem dúvida leva à imortalidade (Emancipação). Os Richs, o Yajuses, e os Samans, têm o corpo como seu refúgio. Eles fluem do fim da língua. Eles não podem ser adquiridos sem esforço e estão sujeitos à destruição. Brahma, no entanto, não pode ser adquirido dessa maneira, pois (sem depender do corpo) ele depende daquele que tem o corpo como seu refúgio (isto é, o conhecedor ou Alma). Sem início, meio, ou fim, Brahma não pode ser adquirido por esforço (como aquele que é necessário para a aquisição dos Vedas). Os Richs, os Samans, os Yajuses têm cada um início. Aquilo que tem um início tem também um fim. Mas Brahma é citado como sem início. E porque Brahma não tem nem início nem fim, ele é citado como sendo infinito e imutável. Por imutabilidade, Brahma transcende toda a tristeza como também todos os pares de opostos. Por destino desfavorável, por incapacidade para descobrir os meios apropriados, e pelos obstáculos oferecidos pelas ações, os mortais não conseguem ver o caminho pelo qual Brahma pode ser alcançado. Por causa da atração por posses mundanas, de uma visão das alegrias do céu mais elevado, e de cobiçarem alguma coisa a não ser Brahma, os homens não alcançam o Supremo. (Os próprios Yogins, se levados pelo desejo de obter poderes extraordinários e a beatitude do mais alto céu não vêem o Supremo.) Outros vendo objetos mundanos cobiçam sua posse. Desejosos de tais objetos, eles não têm desejo por Brahma por Ele transcender todos os atributos. Como aquele que está apegado a atributos que são inferiores chegará ao conhecimento daquele que é possuidor de atributos que são superiores? É por inferência que se pode chegar a um conhecimento dele que transcende tudo isso em atributos e forma. Somente pela inteligência sutil nós podemos conhecê-lo. Nós não podemos descrevê-lo em palavras. A mente pode ser apreendida pela mente, a visão pela visão. (Aquilo que é chamado de mundo externo não tem existência objetiva. Ele é puramente subjetivo. Então, é a mente que vê e ouve e toca a própria mente.) Pelo conhecimento a compreensão pode ser purificada de sua escória. A compreensão pode ser empregada para purificar a mente. Pela mente os sentidos devem ser controlados. Realizando tudo isso, alguém pode alcançar o Imutável. Alguém que, pela contemplação, se tornou livre de apegos, e que foi enriquecido pela posse de uma mente perspicaz, consegue alcançar Brahma que não tem desejos e que está acima de todos os atributos. Como o vento se mantém longe do fogo que está embutido dentro de um pedaço de madeira, assim mesmo pessoas que estão agitadas (pelo desejo por posses mundanas) se mantêm afastadas daquele que é Supremo. Após a destruição de todos os objetos mundanos a mente sempre

alcança Aquele que é maior do que a Compreensão; enquanto em sua separação a mente sempre alcança aquilo que está abaixo da Compreensão. A pessoa que, em conformidade com o método já descrito, se torna engajada em destruir objetos mundanos, alcança absorção no corpo de Brahma. (O que se quer dizer pela destruição de 'guna' ou atributo ou objetos mundanos é fundi-los em buddhi por meio de yoga; em outras palavras, um retraimento dos sentidos na mente, e dos sentidos e da mente na compreensão. 'Em sua separação' quer dizer quando acredita-se que esses objetos são reais e como existindo independentemente da mente. O resultado disso seria a aquisição de 'budhyavara,' implicando a aquisição daqueles mesmos objetos.) Embora a Alma seja imanifesta; contudo quando vestida com qualidades, seus atos se tornam imanifestos. Quando a dissolução (do corpo) chega, ela mais uma vez se torna manifesta. A Alma é realmente inativa. Ela existe, unida com os sentidos que produzem felicidade ou tristeza. Unida com todos os sentidos e dotada de corpo, ela se refugia nos cinco elementos primordiais. Por falta de poder, no entanto, ela fracassa em agir quando privada de força pelo Supremo e Imutável. Nenhum homem vê o fim da terra mas sabe disso, isto é, que o fim da terra certamente virá. (O que é dito aqui é que Felicidade e Tristeza têm um fim, embora ele não possa ser visto, e a Alma seguramente chegará ao seu lugar de descanso final. Isto está de acordo com a doutrina de progresso espiritual infinito.) O homem, agitado aqui (pelas atrações), é levado com certeza para seu último refúgio como o vento levando um barco lançado ao mar para um porto seguro finalmente. O Sol, espalhando seus raios, se torna o possuidor de um atributo, (isto é, o iluminador do mundo); recolhendo seus raios (na hora de se pôr), ele mais uma vez se torna um objeto desprovido de atributos. Do mesmo modo, uma pessoa, abandonando todas as distinções (atrações), e se dirigindo a penitências, finalmente entra no indestrutível Brahma que é privado de todos os atributos. Por discernir Ele que é sem nascimento, que é o maior refúgio de todas as pessoas corretas, que é auto-nascido, de quem tudo surge e para quem todas as coisas retornam, que é imutável, que é sem início, meio, e fim, e que é a própria certeza e o supremo, uma pessoa alcança imortalidade (Emancipação).'"

207

"Yudhishthira disse, 'Ó avô, ó tu de grande sabedoria, eu desejo ouvir em detalhes, ó chefe dos Bharatas, sobre aquele de olhos de lótus e indestrutível, que é o Criador de tudo mas que não foi criado por ninguém, que é chamado de Vishnu (por ele permear tudo), que é a origem de todas as criaturas e para quem todas as criaturas retornam, que é conhecido pelos nomes de Narayana e Hrishikesa e Govinda e Kesava, e que não pode ser vencido por ninguém.'"

"Bhishma disse, 'Eu ouvi sobre este assunto do filho de Jamadagni, Rama, enquanto ele discursava sobre isso; do Rishi celeste Narada, e de Krishna-Dwaipayana. Asita-Devala, ó filho, Valmiki de penitências austeras, e Markandeya falam de Govinda como o mais Maravilhoso e o Supremo. Kesava, ó chefe da linhagem de Bharata, é o divino e pujante Senhor de tudo. Ele é chamado de

Purusha, e permeia tudo, tendo se feito muitos. Escute agora, ó Yudhishthira de braços poderosos, àqueles atributos os quais grandes Brahmanas dizem que são encontrados no manejador de grande alma de Saranga. Eu irei também, ó príncipe de homens, narrar para ti aqueles atos que as pessoas conhecedoras das histórias antigas atribuem a Govinda. Ele é citado como a Alma de todas as criaturas, de grande alma, e o principal de todos os seres. Ele criou (por sua vontade) os cinco elementos, isto é, Vento, Luz, Água, Espaço, e Terra. Aquele poderoso Senhor de todas as coisas, aquele de grande alma, aquele principal de todos os seres, tendo criado a terra, deitou-se sobre a superfície das águas. Enquanto assim flutuando sobre as águas, aquele principal de todos os seres, aquele refúgio de todos os tipos de energia e esplendor, criou a Consciência, o primogênito dos seres no universo. Nós temos ouvido que Ele criou a Consciência junto com a Mente; Consciência a qual é o refúgio de todas as coisas criadas. Aquela Consciência mantém todas as criaturas e o passado e o futuro. Depois que aquele Grande Ser, ó poderosamente armado, isto é, a Consciência, tinha surgido, um lótus extremamente belo, possuidor de resplendor como o do Sol, cresceu do umbigo do Ser Supremo (flutuando nas águas). Então, ó filho, o ilustre e divino Brahman, o Avô de todas as criaturas, surgiu daquele lótus, iluminando todos os pontos do horizonte com sua refulgência. Depois que o Avô de grande alma tinha, ó tu de braços poderosos, assim surgido do lótus primordial, um grande Asura de nome Madhu, não tendo início, nasceu, surgindo do atributo de Escuridão (Tamas). O principal de todos os seres, (isto é, a Divindade Suprema), para beneficiar Brahman, matou aquele Asura feroz de atos violentos, empenhado mesmo então no ato violento (de matar o Avô). A partir daquela morte, ó filho, (do Asura chamado Madhu), todos os deuses e os Danavas e os homens vieram a chamar aquela principal de todas as pessoas justas pelo nome de Madhusudana (matador de Madhu). Depois disto, Brahman criou, por um decreto de sua vontade, sete filhos com Daksha completando a conta. Eles eram Marichi, Atri, Angiras, Pulastya, Pulaha, Kratu, (e o já mencionado Daksha). O primogênito, isto é, Marichi, gerou, por um decreto de sua vontade, um filho chamado Kasyapa, cheio de energia e a principal de todas as pessoas conhecedoras de Brahma. Do dedo de seu pé, Brahman tinha, mesmo antes do nascimento de Marichi, criado um filho. Aquele filho, ó chefe da linhagem de Bharata, era Daksha, o progenitor de criaturas. (Prajapati literalmente significa 'senhor de criaturas.' Ele é um nome aplicado àqueles filhos de Brahman que geraram descendentes.) Para Daksha primeiro nasceram treze filhas, ó Bharata, a mais velha das quais se chamava Diti. O filho de Marichi, Kasyapa, ó majestade, que era familiarizado com todos os deveres e suas distinções, que era de atos justos e grande fama, tornou-se o marido daquelas treze filhas. O altamente abençoado Daksha (além das treze já citadas) gerou em seguida dez outras filhas. O progenitor de criaturas, isto é, o justo Daksha, as entregou para Dharma. Dharma se tornou pai dos Vasus, dos Rudras de energia incomensurável, dos Viswedevas, dos Sadhyas, e dos Maruts, ó Bharata. Daksha em seguida gerou vinte e sete outras filhas jovens. O altamente abençoado Soma tornou-se o marido delas todas. As outras esposas de Kasyapa deram nascimento a Gandharvas, cavalos, aves, vacas, Kimpurushas, peixes, e árvores e plantas. Aditi deu à luz os Adityas, os principais entre os deuses, e possuidores de grande força. Entre eles Vishnu nasceu na forma de um anão.

Também chamado de Govinda, ele se tornou o principal deles todos. Por causa de sua destreza, a prosperidade dos deuses aumentou. Os Danavas foram derrotados. A prole de Diti foram os Asuras. Danu deu nascimento aos Danavas tendo Viprachitti como seu principal. Diti deu nascimento a todos os Asuras de grande força.'"

"O matador de Madhu também criou o Dia e a Noite, e as Estações em sua ordem, e a Manhã e o Entardecer. Depois de reflexão, ele também criou as nuvens, e todos os (outros) objetos móveis e imóveis. Possuidor de energia abundante, ele também criou os Viswas e a terra com todas as coisas sobre ela. Então o altamente abençoado e pujante Krishna, ó Yudhishthira, mais uma vez criou de sua boca uma centena de Brahmanas principais. De seus dois braços, ele criou uma centena de Kshatriyas, e de suas coxas uma centena de Vaisyas. Então, ó touro da raça Bharata, Kesava criou de seus dois os pés uma centena de Sudras. Possuidor de grande mérito ascético, o matador de Madhu, tendo assim criado as quatro classes de homens, fez Dhatri (Brahman) o senhor e soberano de todos os seres criados. De esplendor incomensurável, Brahman veio a ser também o expositor do conhecimento dos Vedas. E Kesava fez ele, chamado Virupaksha, o soberano dos espíritos e fantasmas e daqueles seres femininos chamados de Matrikas (mães). E ele fez Yama o soberano dos Pitris e de todos os homens pecaminosos. A Alma Suprema de todas as criaturas também fez Kuvera o senhor de todos os tesouros. Ele então criou Varuna o senhor das águas e governador de todos os animais aquáticos. O pujante Vishnu fez Vasava o chefe de todas as divindades. Naqueles tempos, os homens viviam tanto quando eles escolhiam viver, e não tinham qualquer medo de Yama. Ato sexual, ó chefe dos Bharatas, então não era necessário para perpetuar a espécie. Naqueles dias descendência era gerada por decreto da vontade. Na era que se seguiu, isto é, Treta, filhos eram gerados somente pelo toque. As pessoas daquela era, ó monarca, estavam acima da necessidade de ato sexual. Foi na era seguinte, isto é, Dwapara, que a prática da ato sexual se originou, ó rei, para prevalecer entre o gênero humano. Na era Kali, ó monarca, os homens vieram a se casar e viver em pares.'"

"Eu agora te falei do Senhor supremo de todas as criaturas. Ele é também chamado de Soberano de tudo e de todos. Eu te falarei agora, ó filho de Kunti, sobre as criaturas pecaminosas da terra. Ouça-me. Aqueles homens, ó rei, são nascidos na região sul e são chamados de Andrakas, Guhas, Pulindas, Savaras, Chuchukas, Madrakas. Aqueles que nasceram na região norte, eu também mencionarei. Eles são Yamas, Kamvojas, Gandharas, Kiratas e Barbaras. Todos eles, ó majestade, são pecaminosos, e se movem sobre esta Terra, caracterizados por práticas similares àquelas de Chandalas e corvos e urubus. Na era Krita, ó majestade, eles não estavam em lugar algum sobre a terra. Foi a partir da era Treta que eles tiveram sua origem e começaram a se multiplicar, ó chefe da linhagem de Bharata. Quando chegou o período terrível, juntando Treta e Dwapara, os Kshatriyas, se aproximando um dos outros, se envolveram em combate.'"

"Assim, ó chefe da família de Kuru, este universo teve seu nascimento por Krishna de grande alma. Aquele observador de todos os mundos, isto é, o Rishi celeste Narada, disse que Krishna é o Deus Supremo. Até Narada, ó rei, admite a supremacia de Krishna e sua eternidade, ó chefe de braços poderosos da linhagem de Bharata. Assim, ó de braços fortes, é Kesava de destreza invencível. Aquele de olhos de lótus não é um mero homem. Ele é inconcebível.'"

208

"Yudhishthira perguntou, 'Quem eram os primeiros Prajapatis, ó touro da raça Bharata? Quais Rishis altamente abençoados há em existência e em quais pontos do horizonte cada um deles mora?'"

"Bhishma disse, 'Ouça-me, ó chefe dos Bharatas, acerca do que tu me perguntaste. Eu te direi quem eram os Prajapatis e quais Rishis são mencionados como habitando em qual ponto do horizonte. Havia a princípio um Eterno, Divino, e Nascido por Si Mesmo Brahman. Brahman auto-nascido gerou sete filhos ilustres. Eles eram Marichi, Atri, Angiras, Pulastya, Pulaha, Kratu, e o altamente abençoado Vasishtha que era igual ao próprio auto-nascido. Estes sete filhos são mencionados nos Puranas como sete Brahmanas. Eu agora mencionarei todos os Prajapatis que vieram depois destes. Na linhagem de Atri nasceu o eterno e divino Varhi, o antigo, que tinha penitências como sua origem. De Varhi, o antigo, surgiram os dez Prachetasas. Os dez Prachetasas tiveram um filho entre eles, isto é, o Prajapati chamado pelo nome de Daksha. O último tinha dois nomes no mundo, isto é, Daksha e Kasyapa. Marichi teve um filho chamado Kasyapa. Este último também tinha dois nomes. Alguns o chamavam de Arishtanemi, e alguns de Kasyapa. Atri teve outro filho, o belo e magnífico Soma de grande energia. Ele realizou penitências por mil Yugas celestes. O divino Aryaman e aqueles que nasceram para ele como seus filhos, ó monarca, são descritos como determinadores de ordens e criadores de todas as criaturas. Sasavindu teve dez mil esposas. Em cada uma delas seu marido gerou mil filhos, e assim a conta alcançou dez milhões. Aqueles filhos se recusaram a chamar alguém mais salvo eles mesmos como Prajapatis. Os Brahmanas antigos concederam um título às criaturas do mundo, derivadas de Sasavindu. Aquela linhagem extensa do Prajapati Sasavindu tornou-se com o tempo a progenitora da linhagem Vrishni. Estes que eu mencionei são célebres como os ilustres Prajapatis. Depois disto, eu mencionarei as divindades que são os senhores dos três mundos. Bhaga, Ansa, Aryyaman, Mitra, Varna, Savitri, Dhatri, Vivaswat de grande poder, Tvashtri, Pushan, Indra, e Vishnu conhecido como o décimo segundo, estes são os doze Adityas, todos nascidos de Kasyapa. Nasatya e Dasra são mencionados como os dois Aswins. Estes dois são os filhos do ilustre Martanda, o oitavo na conta acima. Estes foram chamados primeiro os deuses e as duas classes de Pitris. Tvashtri teve muitos filhos. Entre eles estavam os belos e famosos Viswarupa, Ajaikapat, Ahi, Bradhna, Virupaksha, e Raivata. Então havia Hara e Vahurupa, Tryamvaka, o chefe das Divindades, e Savitrya, Jayanta e Pinaki, o invencível. Os altamente abençoados Vasus, oito em número, foram outrora enumerados por mim. Eles

foram reconhecidos como deuses no tempo do Prajapati Manu. Estes foram a princípio chamados de deuses e de Pitris. Entre os Siddhas e os Sadhyas haviam duas classes por conduta e juventude. As divindades foram antigamente consideradas como sendo de duas classes, isto é, os Ribhus e os Maruts. Assim os Viswas, os deuses e os Aswins, foram enumerados. Entre eles, os Adityas são Kshatriyas, e os Maruts são Vaisyas. Os dois Aswins, engajados em penitências severas, são citados como Sudras. As divindades surgidas da linha de Angirasa são citadas como Brahmanas. Isto é certo. Assim eu te falei sobre as quatro classes entre os deuses. A pessoa que, depois de levantar de sua cama pela manhã, recita os nomes destas divindades, é purificada de todos os seus pecados sejam estes cometidos por ele intencionalmente ou sem querer, ou nascidos de seu relacionamento com outros. Yavakriti, Raivya, Arvavasu, Paravasu, Ausija, Kashivat, e Vala são citados como os filhos de Angiras. Estes, e Kanwa, filho do Rishi Medhatithi, e Varhishada, e os sete bem conhecidos Rishis que são os progenitores dos três mundos, todos residem no Leste. Unmucha, Vimucha, Svastyatreya de grande energia, Pramucha, Idhmavaha, e o divino Dridhavrata, e o filho de Mitravaruna, Agastya de grande energia, estes Rishis regenerados residem todos no sul. Upangu, Karusha, Dhaumya, Parivyadha de grande energia, e aqueles grandiosos Rishis chamados Ekata, Dwita, e Trita, e o filho de Atri, isto é, o ilustre e pujante Saraswata, estes de grande alma residem no oeste. Atreya, e Vasishtha, e o grande Rishi Kasyapa, e Gautama, Bharadwaja, e Viswamitra, o filho de Kusika, e o ilustre filho de Richika de grande alma, isto é, Jamadagni, este sete vivem no norte. Assim eu te falei sobre os grandiosos Rishis de energia ardente que vivem nos diferentes pontos do horizonte. Aqueles de grandes almas são as testemunhas do universo, e são os criadores de todos os mundos. Dessa maneira eles moram em seus respectivos quadrantes. Por recitar seus nomes alguém se purifica de todos os seus pecados. Uma pessoa por se dirigir àqueles pontos vem a ser purificada de todos os seus pecados e consegue voltar para casa em segurança.'"

209

"Yudhishthira disse, 'Ó avô, ó tu de grande sabedoria e bravura invencível em batalha, eu desejo ouvir em detalhes sobre Krishna que é imutável e onipotente. Ó touro entre homens, me fale realmente tudo sobre sua grande energia e as grandes façanhas realizadas por ele nos tempos passados. Por que aquele pujante assumiu a forma de um animal, e para realizar qual ato específico? Diga-me tudo isso, ó guerreiro poderoso!'"

"Bhishma disse, 'Antigamente, em uma ocasião, quando fora caçando, eu cheguei ao eremitério de Markandeya. Lá eu vi diversas classes de ascetas sentados aos milhares. Os Rishis me honraram pela oferta de mel e coalhos. Aceitando seu culto, eu os saudei com reverência em retorno. O que eu narrarei a seguir foi narrado lá pelo grandioso Rishi Kasyapa. Escute com atenção aquele relato excelente e encantador. Nos tempos passados, os principais Danavas, dotados de ira e cupidez, e Asuras poderosos contados às centenas e

embriagados com poder, e inúmeros outros Danavas que eram invencíveis em batalha, ficaram extremamente ciumentos da prosperidade inigualável dos deuses. Oprimidos (finalmente) pelos Danavas, os deuses e os Rishis celestes, fracassando em obter paz, fugiram em todas as direções. Os habitantes do céu viram a terra parecendo com alguém mergulhado em angústia dolorosa. Coberta com poderosos Danavas de aparência terrível, a terra parecia estar oprimida com um peso opressivo. Triste e agoniada, ela parecia estar afundando nas profundidades inferiores. Os Adityas, tomados pelo medo, foram até Brahman, e se dirigindo a ele, disseram, 'Como, ó Brahman, nós continuaremos a aguentar essas opressões dos Danavas?' O Nascido por Si Mesmo respondeu a eles, dizendo, 'Eu já ordenei o que é para ser feito nesse assunto. Dotados de bênçãos, e possuidores de poder, e inchados de orgulho, aqueles patifes insensatos não sabem que Vishnu de forma invisível, aquele Deus incapaz de ser derrotado pelas próprias divindades todas agindo juntas, assumiu a forma de um javali. Aquela Divindade Suprema, se apressando para o local onde aqueles canalhas entre os Danavas, de aspecto terrível, estão residindo aos milhares abaixo da terra, matará eles todos.' Ouvindo estas palavras do Avô, as principais entre as divindades sentiram grande alegria. Algum tempo depois, Vishnu de energia poderosa, envolvido na forma de um Javali, penetrando nas regiões inferiores, avançou contra aquela prole de Diti. Vendo aquela criatura extraordinária, todos os Daityas, se unindo e estupefatos pelo Tempo, procederam rapidamente contra ele para exercerem sua força, e ficaram circundando-o. Logo depois, todos eles avançaram contra aquele Javali e o agarraram simultaneamente. Cheios de raiva eles se esforçaram para arrastar o animal de todos os lados. Aqueles principais dos Danavas, de corpos enormes, possuidores de energia imensa, inchados com força, não conseguiram, no entanto, ó monarca, fazer qualquer coisa para aquele Javali. Nisto eles se surpreenderam muito e então se encheram de medo. Constando de milhares, eles consideraram que sua última hora tinha chegado. Então aquele Deus Supremo de todos os deuses, tendo yoga como sua alma e yoga como seu companheiro, ficou absorto em yoga, ó chefe dos Bharatas, e começou a proferir rugidos tremendos, agitando aqueles Daityas e Danavas. Todos os mundos e os dez pontos do horizonte ressoaram com aqueles rugidos, os quais, por esta razão, agitaram todas as criaturas e as encheram de medo. Os próprios deuses com Indra em sua liderança ficaram aterrorizados. Todo o universo ficou quieto por causa daquele som. Foi uma hora terrível. Todos os seres móveis e imóveis ficaram estupefatos por aquele som. Os Danavas, apavorados por aquele som, começaram a cair sem vida, paralisados pela energia de Vishnu. O Javali, com seus cascos, começou a perfurar aqueles inimigos dos deuses, aqueles habitantes das regiões inferiores, e rasgar sua carne, gordura, e ossos. Por aqueles rugidos tremendos, Vishnu veio a ser chamado pelo nome de Sanatana. (Esta é certamente uma etimologia singular da palavra Sanatana, a qual comumente implica eterno.) Ele também é chamado de Padmanabha. Ele é o principal dos yogins. Ele é o Preceptor de todas as criaturas, e seu Senhor supremo. Todas as tribos de deuses então foram ao Avô. Chegando ao local, aqueles ilustres se dirigiram ao Senhor do universo, dizendo, 'Que tipo de barulho é este, ó pujante? Nós não compreendemos isso. Quem é este, ou de quem é este som pelo qual o universo ficou estupefato? Com a energia deste som ou de

seu fazedor, todos os deuses e os Danavas foram privados de seus sentidos.' Enquanto isso, ó poderosamente armado, Vishnu em sua forma Porcina estava na visão dos deuses reunidos, seus louvores cantados pelos grandes Rishis.'"

"O Avô disse, 'Aquele é o Deus Supremo, o Criador de todos os seres, a alma de todas as criaturas, o principal de todos os yogins. De corpo enorme e grande força, ele vem aqui, tendo matado os principais entre os Danavas. Ele é o Senhor de todos os seres, o mestre de yoga, o grande asceta, a Alma de todos os seres vivos. Fiquem calmos, todos vocês. Ele é Krishna, o destruidor de todos os obstáculos e impedimentos. Aquele Deus Supremo, de esplendor incomensurável, aquele grande refúgio de todas as bênçãos, tendo realizado a façanha mais difícil que é incapaz de ser realizada por outros, voltou para sua própria natureza pura. É Ele de cujo umbigo o lótus primordial surgiu. Ele é o principal dos yogins. De alma suprema, Ele é o criador de todos os seres. Não há necessidade de tristeza ou medo ou angústia, ó principais dos deuses! Ele é o Ordenador. Ele é o Princípio Criador. Ele é o Tempo todo-destrutivo. É Ele que sustém todo o mundo. Os rugidos que alarmaram vocês estão sendo proferidos por aquele de grande alma. De braços poderosos, Ele é o objeto do culto universal. Incapaz de sofrer deterioração, aquele de olhos de lótus é a origem de todos os seres e seu senhor.'"

210

"Yudhishthira disse, 'Fale-me, ó majestade, daquele yoga superior pelo qual, ó Bharata, eu posso alcançar a Emancipação, ó principal dos oradores, eu realmente desejo saber tudo acerca daquele yoga.'"

"Bhishma disse, 'Em relação a isto é citada a antiga narrativa da conversa entre um preceptor e seu discípulo sobre o assunto da Emancipação. Havia um preceptor regenerado que era o principal dos Rishis. Ele parecia com uma massa de esplendor. Possuidor de uma alma elevada, ele era firme em verdade e um mestre completo de seus sentidos. Uma vez, um discípulo de grande inteligência e atenção concentrada, desejoso de obter o que era para o seu maior bem, tocou os pés do preceptor, e permanecendo com mãos unidas diante dele, disse, 'Se, ó ilustre, tu estás satisfeito com o culto que tenho te oferecido, cabe a ti esclarecer uma grande dúvida minha. De onde eu sou e de onde tu és? Diga-me isto integralmente. Diga-me também qual é a causa final. Por que também, ó melhor dos regenerados, quando a causa material em todos seres é a mesma, sua origem e destruição acontecem de tais modos diferentes? Cabe a ti, ó tu de grande erudição, também explicar o objetivo das declarações nos Vedas (sobre a diferença de ritos em relação às diferentes classes de homens), o significado das injunções dos Smritis e daquelas injunções que se aplicam a todos os casos de homens.'" (O sentido é que quando todos os homens são iguais em relação à sua causa material, por que há tais diferenças nos srutis e smritis sobre os deveres de homens?)

"O preceptor disse, 'Ouça, ó discípulo, ó tu de grande sabedoria! Isto que tu me perguntaste está oculto nos próprios Vedas e é o assunto mais elevado para pensamento ou discurso. Ele é chamado de Adhyatma e é o mais valioso de todos os ramos de ciência e de todos os institutos sagrados. Vasudeva é a (causa) Suprema do universo. Ele é a origem dos Vedas (isto é, Om). Ele é Verdade, Conhecimento, Sacrifício, Renúncia, Autodomínio, e Retidão. Pessoas conhecedoras dos Vedas conhecem Ele como Aquele que permeia tudo, Eterno, Onipresente, o Criador e o Destruidor, o Imanifesto, Brahma, Imutável. Ouça agora a história dele que nasceu na linhagem de Vrishni. Um Brahmana deve ouvir a respeito da grandeza daquele Deus de deuses, isto é, Ele chamado Vishnu de energia incomensurável, dos lábios de Brahmanas. Uma pessoa da classe real deve ouvi-la de pessoas daquela classe. Um Vaisya deve ouvi-la de Vaisyas, e um Sudra de grande alma deve ouvi-la de Sudras. Tu mereces ouvi-la. Escute agora ao relato auspicioso de Krishna, aquela narrativa que é a principal de todas as narrativas. Vasudeva é a roda do Tempo, sem início e sem fim. Existência e Não-Existência são os atributos pelos quais Sua natureza real é conhecida. O universo gira como uma roda dependendo daquele Senhor de todos os seres. Ó melhor dos homens, Kesava, aquele principal de todos os seres, é citado como aquele que é Indestrutível, que é Imanifesto, que é Imortal, Brahma, e Imutável. O mais sublime dos sublimes, e ele mesmo sem mudança ou deterioração, ele criou os Pitris, os deuses, os Rishis, os Yakshas, os Rakshasas, os Nagas, os Asuras, e os seres humanos. É Ele também quem criou os Vedas e os deveres eternos e costumes de homens. Tendo reduzido tudo à não-existência, ele uma vez mais, no início de um (novo) yuga, cria Prakriti (matéria primordial). Como os diversos fenômenos das várias estações aparecem uns depois dos outros de acordo com a estação que chega, da mesma maneira as criaturas começam a existir no início de cada yuga (celeste). Correspondente com aquelas criaturas que começam a viver é o conhecimento das regras e deveres que têm por seu objetivo o regulamento do curso do mundo. (No começo de todo yuga celeste, isto é, quando o Ser Supremo despertando do sono deseja criar criaturas mais uma vez, as criaturas ou seres começam a existir novamente. Com tal começo de todos os seres, as regras que regulam suas ações e relações também surgem, pois sem um conhecimento daquelas regras a nova criação logo seria um caos e chegaria ao fim. Dessa maneira quando homem e mulher começam a existir, eles não comem um ao outro mas se unem para perpetuar a espécie. Com o aumento da espécie humana, além disso, surge um conhecimento em todo peito dos deveres de retidão e das diversas outras práticas, todas as quais ajudam a regular a nova criação até que o próprio Criador, no fim do yuga, mais uma vez recolha tudo em si mesmo.) No fim de todo yuga (celeste, quando a destruição Universal começa), os Vedas e todas as outras escrituras desaparecem (como o resto). Pela graça do Auto-nascido, os grandes Rishis, através de suas penitências, primeiro re-adquirem os Vedas e as escrituras perdidas. O Auto-nascido (Brahman) adquiriu primeiro os Vedas. Seus ramos chamados Angas foram primeiro adquiridos por Vrihaspati (o preceptor celeste). O filho de Bhrigu, (Sukra) adquiriu primeiro a ciência de moralidade que é tão benéfica para o universo. A ciência de música foi adquirida por Narada; a de armas por Bharadwaja; a história dos Rishis celestes por Gargya, aquela da medicina pelo filho de cor escura de Atri. Diversos outros

Rishis, cujos nomes estão relacionados com elas, promulgaram diversas outras ciências tais como Nyaya, Vaiseshika, Sankhya, Patanjala, etc. Que aquele Brahma o qual aqueles Rishis têm indicado por argumentos retirados da razão, por meio dos Vedas, e por inferências retiradas da evidência direta dos sentidos, seja adorado. Nem os deuses nem os Rishis eram (a princípio) capazes de compreender Brahma, que é sem início e que é o mais alto dos altos. Somente o criador divino de todas as coisas, isto é, o pujante Narayana, tinha conhecimento de Brahma. De Narayana, os Rishis, os principais entre as divindades e os Asuras, e os sábios reais de antigamente, derivaram o conhecimento daquele grande remédio da cura da tristeza. Quando a matéria primordial produz existências através da energia primordial, o universo com todas as suas potências começa a fluir disto. De uma lâmpada acesa milhares de outras lâmpadas podem ser acesas. Da mesma maneira, a matéria primordial produz milhares de coisas existentes. Por causa, também, de sua infinidade, a matéria primordial nunca se esgota. Do Imanifesto flui a Compreensão determinada pelas ações. A Compreensão produz a Consciência. Da Consciência procede o Espaço. Do Espaço procede o Vento. Do Vento procede o Calor. Do Calor procede a Água, e da Água é produzida a Terra. Estes oito constituem a Prakriti primordial. O universo se apóia neles. Daqueles Oito se originaram os cinco órgãos de conhecimento, os cinco órgãos de ação, os cinco objetos dos (primeiros cinco) órgãos, e o único, isto é, a Mente, formando o décimo sexto, o qual é o resultado da modificação deles. O ouvido, a pele, os dois olhos, a língua, e o nariz são os cinco órgãos de conhecimento. Os dois pés, o ducto inferior, o órgão de geração, os dois braços, e a fala, são os cinco órgãos de ação. Som, toque, forma, gosto, e cheiro são os cinco objetos dos sentidos, cobrindo todas as coisas. A Mente se estende sobre todos os sentidos e seus objetos. Na percepção de gosto, é a Mente que se torna a língua, e na fala é a Mente que se torna palavras. Dotada dos diferentes sentidos, é a Mente que se torna todos os objetos que existem em sua percepção. Estes dezesseis, existindo em suas respectivas formas, devem ser conhecidos como divindades. Estes adoram Aquele que cria todo o conhecimento e que mora dentro do corpo. Paladar é o atributo da água; olfato é o atributo da terra; a audição é o atributo do espaço; a visão é o atributo do fogo ou luz; e o tato deve ser conhecido como o atributo do vento. Este é o caso com todas as criaturas sempre. A Mente, é dito, é o atributo da existência. A existência surge do Imanifesto (de Prakriti), o qual, toda pessoa inteligente deve saber, se apóia naquele que é a Alma de todos os seres existentes. Estas existências, dependendo da Divindade suprema que está acima de Prakriti e que é sem qualquer inclinação para ação, sustenham todo o universo de móveis e imóveis. Este edifício sagrado de nove portas (isto é, o corpo) é dotado de todas essas existências. Aquilo que está acima delas, a Alma, mora dentro dele, permeando-o completamente. Por esta razão, ela é chamada de Purusha. A Alma é sem decadência e não está sujeita à morte. Ela tem conhecimento do que é manifesto e do que é imanifesto. Ela também penetra tudo, é possuidora de atributos, sutil, e o refúgio de todas as existências e atributos. Como uma lâmpada revela todos os objetos grandes ou pequenos (independente de seu próprio tamanho), da mesma maneira a Alma mora em todas as criaturas como o princípio de conhecimento (apesar dos atributos ou acidentes daqueles criaturas). Incitando o ouvido a ouvir

o que ele ouve, é a Alma que ouve. Similarmente, empregando a visão, é a Alma que vê. Este corpo fornece os meios pelos quais a Alma deriva conhecimento. Os órgãos corpóreos não são os fazedores, mas é a Alma que é o fazedor de todas as ações. Há fogo na madeira, mas ele nunca pode ser visto por se abrir um pedaço de madeira. Da mesma maneira, a Alma mora dentro do corpo, mas ela nunca pode ser vista por se dissecar o corpo. O fogo que mora na madeira pode ser visto por se empregar meios apropriados, isto é, friccionando a madeira com outro pedaço de madeira. Assim mesmo, a Alma que mora dentro do corpo pode ser vista por se empregar meios apropriados, isto é, yoga. Água deve existir em rios. Raios de luz estão sempre ligados ao sol. Do mesmo modo, a Alma tem um corpo. Esta conexão não cessa por causa da constante sucessão de corpos que a Alma tem que entrar. (Um rio não pode existir sem água. Quando um rio é mencionado, água é implicada. A conexão entre um rio e água não é um acidente mas é necessária. O mesmo pode ser dito do sol e seus raios. Do mesmo modo, a conexão entre a Alma e um corpo é necessária e não um acidente.) Em um sonho, a Alma, dotada dos cinco sentidos, deixa o corpo e vaga por amplas áreas. Do mesmo modo, quando a morte ocorre, a Alma (com os sentidos em suas formas sutis) sai de um corpo para entrar em outro. A Alma é limitada pelas suas próprias ações anteriores. Limitada por suas próprias ações feitas em um estado de existência, ela obtém outro estado. De fato, ela é levada de um corpo para outro pelos seus próprios atos, os quais são muito poderosos em relação às suas consequências. Como o dono de um corpo humano, deixando seu corpo, entra em outro, e então novamente em outro, como, de fato, todo o conjunto de seres é o resultado de suas respectivas ações (de vidas presentes e passadas), eu logo direi a você.'"

211

"Bhishma disse, 'Todos os seres móveis e imóveis, distribuídos em quatro classes, são citados como sendo de nascimento imanifesto e morte imanifesta. Existindo somente na Alma imanifesta, a Mente é citada como sendo possuidora dos atributos do imanifesto. (Pois ela só existe junto com a Alma, assim como uma segunda lua é vista na água, mas que não existe se não existir a lua original e verdadeira.) Como uma enorme árvore está oculta dentro uma pequena flor Aswattha não desabrochada e se torna observável somente quando ela sai, assim mesmo ocorre o nascimento do que é imanifesto. Um pedaço de ferro, que é inanimado, corre em direção a um pedaço de pedra ímã. Similarmente, tendências e propensões devidos a instintos naturais, e tudo mais, correm em direção à Alma em uma nova vida. (Logo que a Alma toma uma nova forma ou corpo, todas as propensões e inclinações, como dependentes de seus atos passados, tomam posse dela; Avidya ou Maya também tomam posse dela.) De Fato, assim como aquelas propensões e posses nascidas de Ignorância e Ilusão, e inanimadas em relação à sua natureza, são unidas com a Alma quando renascida, da mesma maneira, aquelas outras propensões e aspirações da Alma que têm seu olhar dirigido em direção a Brahma se tornam unidas com ela, vindas a ela diretamente

do próprio Brahma. (Como todas as propensões e posses mais sombrias e indiferentes que vão à Alma em sua nova vida, nascidas dos atos de vidas passadas, todas as aspirações superiores também da Alma vão até ela diretamente de Brahma.) Nem terra, nem céu, nem firmamento, nem coisas, nem os ares vitais, nem virtude e vício, nem qualquer coisa mais, existia antes, exceto a Alma-chit. Nem eles têm qualquer ligação necessária mesmo com a Alma-chit corrompida pela Ignorância (pois ela existe independentemente deles). A Alma é eterna. Ela é indestrutível. Ela se encontra em todas as criaturas. Ela é a causa da Mente. Ela é sem atributos. Este universo que nós percebemos foi declarado (nos Vedas) como sendo devido à Ignorância ou Ilusão. As percepções da Alma de forma, etc., são devido a desejos passados. A Alma, quando ela vem a ser dotada daquelas causas (isto é, desejo), é levada ao estado de estar envolvida em ações. Por causa daquela condição (pois aquelas ações novamente produzem desejos para terminarem em ações de novo e assim sucessivamente), esta enorme roda da existência gira, sem início e sem fim. O Imanifesto, isto é, a Compreensão (com os desejos), é o cubo daquela roda. O Manifesto (isto é, o corpo com os sentidos) constitui seu conjunto de raios, as percepções e ações formam sua circunferência. Impulsionada pela qualidade de Rajas (Paixão), a Alma preside sobre ela (testemunhando suas revoluções). Como fazedores de óleo pressionando sementes oleaginosas em sua máquina, as consequências nascidas da Ignorância, atacando o universo (de criaturas), o qual está umedecido por Rajas, o comprimem ou trituram naquela roda. Naquela sucessão de existências, a criatura viva, apanhada pela idéia do Eu em consequência do desejo, se envolve em ações. Na união de causa e efeito, aquelas ações outra vez se tornam (novas causas). Efeitos não entram em causas. Nem causas entram em efeitos. Na produção de efeitos, o Tempo é a Causa. As essências primordiais (oito em número como mencionado antes), e suas modificações (dezesseis em número), repletas de causas, existem em um estado de união, por serem sempre presididas pela Alma. Como poeira seguindo o vento que a move, a Alma-criatura, privada de corpo, mas dotada ainda de inclinações nascidas de Paixão e Ignorância e com princípios de causas constituídos pelas ações da vida que acabou, se move adiante, seguindo a direção que a Alma Suprema dá a ela. A Alma, no entanto, nunca é tocada por aquelas inclinações e propensões. Nem aquelas são tocadas pela Alma que é superior a elas. O vento, que é naturalmente puro, nunca é manchado pelo pó que ele carrega. Como o vento é realmente separado do pó que carrega, assim mesmo, o homem de sabedoria deve saber, é a ligação entre aquilo que é chamado de existência ou vida e a Alma. Ninguém deve presumir que a Alma, por sua aparente união com o corpo e os sentidos e as outras propensões e crenças e descrenças, é realmente dotada deles como suas qualidades necessárias e absolutas. Por outro lado, a Alma deve ser considerada como existente em sua própria natureza.'

Assim o Rishi divino esclareceu a dúvida que tinha tomado posse da mente de seu discípulo. Apesar disso, as pessoas dependem dos meios consistindo em ações e ritos das escrituras para rejeitar miséria e ganhar felicidade. Sementes que são chamuscadas pelo fogo não manifestam brotos. Do mesmo modo, se tudo o que contribui para a miséria for consumido pelo fogo do verdadeiro conhecimento, a Alma escapa da obrigação de renascimento no mundo."

212

"Bhishma disse, 'Pessoas dedicadas à prática de ações consideram muito a prática de ações. Similarmente, aquelas que são devotadas ao Conhecimento não consideram qualquer outra coisa além do Conhecimento. Pessoas totalmente conhecedoras dos Vedas e dependentes das declarações contidas neles são raras. Aqueles que são mais inteligentes desejam o caminho da abstenção das ações como o melhor dos dois, isto é, céu e emancipação. (Os Vedas contêm declarações de ambos os tipos, isto é, eles incitam à ação como também à abstenção da ação. A primeira é necessária como um degrau para a última. São raros os homens que compreendem as declarações dos Vedas dessa maneira e que agem de acordo com aquelas declarações.) Abstenção das ações é praticada por aqueles que possuem grande sabedoria. Aquela conduta, portanto, é louvável. A inteligência a qual incita à abstenção das ações, é aquela pela qual alguém alcança a Emancipação. Possuidora de corpo, uma pessoa, por insensatez, e dotada de ira e cobiça e todas as propensões nascidas de Paixão e Ignorância, se torna ligada a todos os objetos mundanos. Alguém, portanto, que deseja destruir sua conexão com o corpo, nunca deve se entregar a alguma ação impura. Por outro lado, ele deve criar por meio de suas próprias ações um caminho para alcançar a emancipação, sem desejar regiões de felicidade (no mundo seguinte). Como ouro, quando unido com ferro, perde sua pureza e falha em brilhar, assim mesmo o Conhecimento, quando existindo com apego a objetos mundanos e tais outros defeitos, falha em manifestar seu esplendor. Aquele que, influenciado pela cobiça e seguindo os ditames do desejo e da ira, pratica a maldade, contrariando o caminho da retidão, encontra com a destruição completa. Alguém que deseja se beneficiar nunca deve seguir, com excesso de atrações, posses mundanas representadas pelos objetos dos sentidos. Se ele fizer isso, ira e alegria e tristeza nascem umas das outras (e o fazem miserável). Quando o corpo de todos é feito dos cinco elementos originais como também dos três atributos de Bondade, Paixão, e Ignorância, quem uma pessoa adorará e quem ela repreenderá com quais palavras? Somente aqueles que são tolos se tornam ligados aos objetos dos sentidos. Por tolice eles não sabem que seus corpos são somente modificações.

Como uma casa feita de terra é rebocada com terra, assim mesmo este corpo que é feito de terra é protegido da destruição pelo alimento o qual é somente uma modificação da terra. Mel e óleo e leite e manteiga e carne e sal e melado e grãos de todos os tipos e frutas e raízes, são todos modificações de terra e água. Reclusos que vivem na selva, abandonando todo o desejo (por alimento rico e saboroso), comem comida simples, que também é sem sabor, somente para manter o corpo. Da mesma maneira, uma pessoa que mora na selva do mundo deve estar preparada para o trabalho e deve ingerir alimento para passar pela vida, como um paciente tomando remédio. Uma pessoa de alma nobre, examinando todas as coisas de uma natureza mundana que se aproximam dela, pela ajuda da verdade, pureza, franqueza, um espírito de renúncia, esclarecimento, coragem, benevolência, fortaleza, inteligência, reflexão, e

austeridades, e desejosa de obter tranquilidade, deve controlar seus sentidos. Todas as criaturas, entorpecidas, por causa da Ignorância, pelos atributos de Bondade e Paixão e Ignorância, estão girando continuamente como uma roda. Todos os erros, portanto, que são nascidos da Ignorância, devem ser examinados de perto, e a idéia de Eu que tem sua origem na Ignorância, e que produz miséria, deve ser evitada. Os cinco elementos, os sentidos, as qualidades de Bondade, Paixão, e Ignorância, os três mundos com o próprio Ser Supremo, e as ações, todos dependem da Consciência do Eu. (A princípio havia somente jiva ou a Alma tendo só o conhecimento como seu atributo. Quando ela veio a ser coberta pela Ignorância, o universo surgiu em volta dela. A consciência é devido àquela união da Alma com a Ignorância. Então, todas as coisas dependem da Consciência, e a Consciência é a base de toda a tristeza.) Como o Tempo, sob suas próprias leis, sempre mostra os fenômenos das estações uns depois dos outros, assim mesmo alguém deve saber que a Consciência em todas as criaturas é aquilo que induz às ações. (Se todas as coisas dependem da consciência que é um atributo da Ignorância ou Ilusão, porque então esta uniformidade em vez da irregularidade que caracteriza todas as percepções em sonhos? A resposta é que a uniformidade é o resultado de atos passados, de atos que são devidos à Consciência. Estes produzem uniformidade de percepções assim como o tempo, sujeito às suas próprias leis, produz os fenômenos das estações com uniformidade.) Tamas (do qual procede a Consciência) deve ser conhecido como produtivo de ilusões. Ele é como a Escuridão e é nascido da Ignorância. Aos três atributos de Bondade, Paixão, e Ignorância estão ligadas todas as alegrias e tristezas (das criaturas). Escute agora àquelas consequências que provêm das qualidades de Bondade, Paixão, e Ignorância. Contentamento, a satisfação que surge da alegria, certeza, inteligência, e memória, essas são as consequências nascidas do atributo de Bondade. Eu agora mencionarei as consequências da Paixão e Ignorância. Desejo, ira, erro, cupidez, estupefação, medo, e fadiga, pertencem ao atributo de Paixão. Melancolia, angústia, descontentamento, vaidade, orgulho, e maldade, todos pertencem à Ignorância. Examinando a gravidade ou leveza desses e outros defeitos que moram na Alma, uma pessoa deve refletir sobre cada um deles um depois do outro (para averiguar quais deles existem, quais têm se tornado fortes ou fracos, quais foram rechaçados, e quais restam).'"

"Yudhishthira disse, 'Quais defeitos são abandonados pelas pessoas desejosas de Emancipação? Quais são aqueles que são enfraquecidos por elas? Quais são os defeitos que vêm repetidamente (e são, portanto, incapazes de serem eliminados)? Quais, também, são considerados como fracos, por estupefação (e, portanto, como permissíveis)? Quais, de fato, são aquelas faltas sobre cuja força e fraqueza um homem sábio deve refletir com a ajuda de inteligência e bom senso? Eu tenho dúvidas sobre esses assuntos. Fale para mim sobre eles, ó avô!'"

"Bhishma disse, 'Uma pessoa de Alma pura, por arrancar todos os seus defeitos por suas raízes, consegue obter Emancipação. Como um machado feito de aço corta uma corrente do aço (e realizando a ação quebra a si mesmo), do mesmo modo, uma pessoa de Alma purificada, destruindo todos os defeitos que provêm da Ignorância e que são nascidos com a Alma (quando ela renasce),

consegue dissolver sua conexão com o corpo (e alcançar a Emancipação). As qualidades que têm sua origem na Paixão, aquelas que provêm da Ignorância, e aquelas imaculadas caracterizadas pela pureza (isto é, aquelas incluídas sob a qualidade da Bondade), constituem a semente da qual todas as criaturas incorporadas crescem. Entre estas, só a qualidade de Bondade é a causa através da qual pessoas de Almas purificadas conseguem alcançar a Emancipação. Uma pessoa de alma pura, portanto, deve abandonar todas as qualidades nascidas de Paixão e Ignorância. Então, quando a qualidade de Bondade se torna livre daquelas de Paixão e Ignorância, ela fica mais resplandecente ainda. Alguns dizem que sacrifícios e outras ações realizadas com a ajuda de mantras, e que certamente contribuem para a purificação da Alma, são ações más ou cruéis. (Este ponto de vista não é correto.) Por outro lado, aqueles atos são os meios principais para dissociar a Alma de todos os apegos mundanos, e para a observância da religião de tranquilidade. Pela influência das qualidades nascidas da Paixão, todas as ações injustas são realizadas, e todos os atos repletos de propósitos mundanos como também todos os atos que provêm do desejo são realizados. Pelas qualidades nascidas da Ignorância, alguém faz todas as ações repletas de cobiça e surgidas da ira. Pelo atributo de Ignorância, uma pessoa adota sono e procrastinação e fica viciada em todas as ações de crueldade e prazer carnal. Aquela pessoa, no entanto, que, possuidora de fé e conhecimento das escrituras, é observadora do atributo de Bondade, faz somente todas as coisas boas, e se torna dotada de beleza (moral) e alma livre de toda mácula.'"

213

"Bhishma disse, 'Do atributo de Paixão surge ilusão ou perda de bom senso. Do atributo de Ignorância, ó touro da raça Bharata, surgem raiva e cobiça, medo e orgulho. Quando todos estes são destruídos, uma pessoa se torna pura. Por obter pureza, uma pessoa consegue chegar ao conhecimento da Alma Suprema, a qual é resplandecente com refulgência, incapaz de deterioração, sem mudança, que permeia todas as coisas, tem o imanifesto como seu refúgio, e é a principal de todas as divindades. Envolvidos em seu maya, homens se afastam do conhecimento e se tornam insensatos, e, por seu conhecimento estar obscurecido, se entregam à ira. (Nos Srutis é dito que Brahma tem dois atributos, Vidya (Conhecimento), e Avidya (Ignorância) com Maya (ilusão). É por causa deste Maya que as almas-chit ou jivas se tornam ligadas a coisas mundanas. É por este Maya que as pessoas, mesmo quando elas compreendem que tudo é nada, não podem se dissociar totalmente delas.) Da ira, eles se tornam sujeitos ao desejo. Do desejo surgem cobiça e ilusão e vaidade e orgulho e egoísmo. De tal egoísmo procedem vários tipos de ações. Das ações surgem diversos laços de afeição e daqueles laços de afeição surge tristeza ou miséria e dos atos repletos de alegria e tristeza procede a sujeição a nascimento e morte. Pela obrigação de nascimento, alguém incorre na sujeição a uma residência dentro do útero, devido à união da semente vital e sangue. Aquela residência é poluída com fezes e urina e muco, e sempre suja com o sangue que é gerado lá. Oprimida pela sede, a

Alma-chit se torna ligada à raiva e ao restante que foi enumerado acima. Ela procura, no entanto, escapar daqueles males. Em relação a isto, mulheres devem ser consideradas como instrumentos que determinam a continuidade da corrente da Criação. Por sua natureza, as mulheres são Kshetra, e os homens são Kshetrajna em relação a atributos. Por esta razão, homens de sabedoria nunca devem perseguir mulheres em especial (entre outros objetos do mundo). (A força do símile jaz nisto: Prakriti vincula Kshetrajna ou a Alma e a obriga a tomar nascimento, etc. Mulheres são Prakriti, homens são Almas. Como a Alma deve procurar evitar o contato de Prakriti e se esforçar pela emancipação, assim mesmo homens devem procurar evitar mulheres. Deve ser adicionado que mulheres, em quase todos os dialetos da Índia derivados do Sânscrito, são comumente chamadas de Prakriti ou símbolos de Prakriti, assim ilustrando a extraordinária popularidade da doutrina filosófica sobre Prakriti e Purusha.) De fato, mulheres são como terríveis poderes mântricos. Elas estupefazem homens desprovidos de sabedoria. Elas estão submersas no atributo de Paixão. Elas são a encarnação eterna dos sentidos. (Kritya é poder mântrico ou a eficácia dos ritos Atharvan. O que é dito aqui é que mulheres são tão terríveis quanto ritos Atharvan que podem levar destruição até sobre inimigos não vistos.) Por causa do forte desejo que homens nutrem por mulheres, a prole procede deles, devido à (ação da) semente vital. Como alguém expulsa do próprio corpo tais vermes que nascem lá mas que não são uma parte de si mesmo por causa disso, assim mesmo deve-se rejeitar aqueles vermes do corpo que são chamados de filhos, que, embora considerados como da própria pessoa, não são da própria pessoa na verdade. Da semente vital como do suor (e outras imundícies) criaturas surgem do corpo, influenciadas pelas ações de vidas anteriores ou no curso da natureza. Portanto, alguém que possui sabedoria não deve sentir consideração por elas. (O sentido é este: vermes parasíticos nascem do suor e outras sujeitas emitidas pelo corpo. Filhos nascem da semente vital. No primeiro caso, é Swabhava (natureza) que fornece a energia ativa. No último, a imperecível influência de atos e propensões anteriores fornece a força ativa. Os filhos de uma pessoa, portanto, são como vermes parasíticos no corpo dela. A sabedoria ensina desconsideração ou indiferença pelos dois.) O atributo de Paixão se apóia naquele de Ignorância. O atributo de Bondade, também, se apóia no de Paixão. A Ignorância, que é imanifesta, se difunde em Conhecimento, e causa os fenômenos de Inteligência e Consciência. (Rajas (paixão) é a causa de Pravritti ou propensão para ações. Sattwa (bondade) é iluminação ou aspirações superiores que levam a Brahma. Ambos dependem de Tamas (ignorância), o primeiro imediatamente, o último mediatamente. Chit ou Jiva é Conhecimento puro. Quando dominado por Tamas ou Avyakta, ele vem a ser provido daquela existência que é chamada de vida ou que nós percebemos no mundo, as condições daquela vida sendo Consciência e Inteligência.) Aquele conhecimento que possui os atributos de Inteligência e Consciência é citado como sendo a semente de Almas incorporadas. Aquilo, também, que é a semente de tal conhecimento é chamado de Jiva (ou Alma-Chit). (Chit ou Alma é Conhecimento completo. Quando coberto com Ignorância ou Escuridão, ele se torna manifesto por meio de Inteligência ou Consciência, isto é, assume uma forma ou corpo. Conhecimento coberto por Ignorância, portanto, ou Conhecimento com os atributos de Inteligência ou Consciência, é a causa de Chit ou alma ou Jiva

assumir um corpo. Tal conhecimento, portanto, é chamado de a semente do corpo. Então, além disso, a tadvijam (a segunda expressão), isto é, a fundação sobre a qual o conhecimento coberto por ignorância (ou conhecimento com os atributos de inteligência e consciência) se apóia, é, naturalmente, Conhecimento puro ou chit ou jiva ou Alma como ela existia antes da vida.) Por consequência de ações e da virtude do tempo, a Alma passa por nascimento e repetidas rondas de renascimento. Como em um sonho a Alma se diverte como se envolvida com um corpo, o qual, é claro, é devido à ação da mente, da mesma maneira, ela obtém um corpo no útero da mãe por consequência de atributos e propensões tendo ações (passadas) como sua origem. Quaisquer percepções enquanto ela está lá, despertadas por ações passadas como a causa operacional, vêm a ser geradas na Consciência pela mente co-existindo com ligações. (Enquanto no útero da mãe, a Alma recorda os atos de vidas passadas, e aqueles atos influenciam e determinam o crescimento de seus sentidos como também o caráter que ela revelará em sua próxima vida.) Pelos pensamentos passados de som que são despertados nela, a Alma, sujeita a tais influências, recebe o órgão de audição. Similarmente, por atração por formas, sua visão é produzida, e de seu desejo a respeito de aroma seu órgão de olfato. Dos pensamentos a respeito de tato ela adquire a pele. Do mesmo modo os cinco ares são adquiridos por ela, isto é, Prana, Apana, Vyana, Udana, e Samana, que contribuem para manter o corpo existindo. Envolvida em corpo com todos os membros completamente desenvolvidos em consequência (como mostrado acima) de ações passadas, a Alma toma nascimento, com tristeza, física e mental, no início, meio, e fim. Deve ser sabido que a tristeza surge do próprio fato da aceitação de corpo (no útero). Ela aumenta com a idéia de Eu. Da renúncia destes (apegos os quais são a causa do nascimento), a tristeza encontra com um fim. Aquele que está familiarizado com o fim da tristeza alcança a Emancipação. Ambas, a origem e a destruição dos sentidos se apóiam no atributo de Paixão. O homem de sabedoria deve agir com escrutínio apropriado com a ajuda do olho constituído pelas escrituras. (Os sentidos são originados em Rajas. Pela destruição, também, de Rajas, eles podem ser destruídos. O que é necessário, portanto, é a conquista de Rajas ou Paixão. Isso pode ser efetuado com a ajuda do olho cuja visão foi afiada por conhecimento escritural.) Os sentidos de conhecimento, mesmo que eles consigam ganhar todos os seus objetos, nunca conseguem oprimir o homem que não tem desejo. A Alma incorporada, por fazer seus sentidos fracos, escapa da obrigação do renascimento.'"

214

"Bhishma disse, 'Eu agora te direi quais são os meios (para conquistar os sentidos) como vistos com o olho das escrituras. Uma pessoa, ó rei, alcançará o fim mais elevado pela ajuda de tal conhecimento e por modelar sua conduta em conformidade com ele. Entre todas as criaturas vivas é dito que o homem é a principal. Entre homens, aqueles que são regenerados são chamados de os principais; e entre os regenerados, aqueles que conhecem os Vedas. Estes

últimos são considerados como as almas de todas as criaturas vivas. De fato, aqueles Brahmanas que estão familiarizados com os Vedas são considerados como os que tudo vêem e como oniscientes. Eles são pessoas que se tornaram conhecedoras de Brahma. Como um homem cego, sem um guia, encontra muitas dificuldades em uma estrada, assim uma pessoa desprovida de conhecimento encontra muitos obstáculos no mundo. Por esta razão, aqueles que possuem conhecimento são considerados superiores ao resto. Aqueles que desejam adquirir virtude praticam diversos tipos de ritos segundo os ditames das escrituras. Eles, no entanto, não conseguem alcançar a Emancipação, tudo o que eles ganham sendo aquelas boas qualidades das quais eu logo falarei. (O orador deseja mostrar a diferença entre a religião de Pravritti ou ações e aquela de Nivritti ou abstenção de ações. Aqueles que seguem a primeira não podem obter Emancipação. O que eles ganham são certas boas qualidades mencionadas a seguir, as quais, no entanto, são igualmente obtidas pelos seguidores da religião de Nivritti.) Pureza de palavras, de corpo, e de mente, generosidade, veracidade, constância, e inteligência, estas boas qualidades são mostradas pelas pessoas virtuosas observadoras de ambos os tipos de religião. Aquela que é chamada Brahmacharya (religião de abstenção ou yoga) é considerada como o meio de alcançar Brahma. Aquela é a principal de todas as religiões. É pela prática daquela religião que alguém alcança o fim mais elevado (isto é, a Emancipação). Brahmacharya é desprovida de toda conexão com os cinco ares vitais, mente, compreensão, os cinco sentidos de percepção, e os cinco sentidos de ação. Ela é, por causa disso, livre de todas as percepções que os sentidos dão. Ela é ouvida somente como uma palavra, e sua forma, sem ser vista, somente pode ser concebida. Ela é um estado de existência que depende somente da mente. Ela é livre de toda conexão com os sentidos. Aquele estado puro deve ser alcançado somente pela compreensão. Quem o pratica devidamente alcança Brahma; quem o pratica parcialmente alcança a condição dos deuses; enquanto aquele que o pratica indiferentemente, toma nascimento entre Brahmanas e possuidor de erudição obtém eminência. Brahmacharya é extremamente difícil de se praticar. Escute agora aos meios (pelos quais alguém pode praticá-lo). Aquela pessoa regenerada que se dirige a ele deve subjugar a qualidade de Paixão logo que ela começa a se manifestar ou logo que ela começa a ser poderosa. Um homem que se dirigiu àquele voto não deve falar com mulheres. Ele nunca deve lançar seus olhos em uma mulher despida. A visão de mulheres, mesmo sob circunstâncias indiferentes, enche todos os homens de mente fraca com Paixão. Se um homem (enquanto cumprindo este voto) sente um desejo por mulheres surgindo em seu coração, ele deve (como uma expiação) observar o voto chamado Krichcchra (certos jejuns) e também passar três dias na água (isto é, permanecer em um tanque ou rio com água até o queixo). Se o desejo é nutrido no curso de um sonho, se deve, mergulhando em água, repetir mentalmente por três vezes os três Riks por Aghamarshana. (Os três Riks começam com Ritancha, Satyancha etc. Todo Brahmana que sabe suas preces matutinas e vespertinas conhece bem esses três Riks.) O homem sábio que se dirigiu à prática deste voto deve, com uma mente expandida e culta, queimar os pecados em sua mente, os quais são todos devidos à qualidade de Paixão. Como o ducto que carrega o refugo do corpo está conectado estreitamente com o corpo, assim mesmo a Alma

incorporada está conectada estreitamente com o corpo que a confina. Os diferentes tipos de sucos, passando pela rede de artérias, nutrem o ar e a bílis e o muco, sangue e pele e carne, intestinos e ossos e medula, e o corpo inteiro de homens. Saiba que há dez ductos principais. Estes ajudam nas funções dos cinco sentidos. Daqueles dez se ramificam milhares de outros ductos que são mais miúdos em forma. Como rios enchendo o oceano na estação apropriada, todos esses ductos, contendo sucos, nutrem o corpo. Levando ao coração há um ducto chamado Manovaha (Sushumna). Ele retira de todas as partes do corpo do ser humano a semente vital que é nascida do desejo. Numerosos outros ductos se ramificando daquele principal se estendem por todas as partes do corpo e levando o elemento de calor causam o sentido de visão (e o resto). Como a manteiga que jaz dentro do leite é batida por agitar varas, assim mesmo os desejos que são gerados na mente (pela visão ou pensamento em mulheres) contraem a semente vital que jaz dentro do corpo. Até no meio de nossos sonhos a paixão tendo nascimento na imaginação assalta a mente, com o resultado que o ducto já citado, isto é, Manovaha, expulsa a semente vital nascida do desejo. O grandioso e divino Rishi Atri conhece bem o assunto da geração da semente vital. Os sucos que são produzidos pelo alimento, o ducto chamado Manovaha, e o desejo que é nascido da imaginação, esses três são as causas que originam a semente vital, a qual tem Indra como sua divindade presidente. A paixão que ajuda na emissão deste fluido é, portanto, chamada de Indriya. Aquelas pessoas que sabem que o curso da semente vital é a causa (daquele estado pecaminoso de coisas chamado) mistura de castas, são homens de paixões refreadas. Seus pecados são considerados destruídos pelo fogo, e eles nunca estão sujeitos ao renascimento. Aquele que se dirige à ação simplesmente para os propósitos de sustentar seu corpo, reduzindo com a ajuda da mente (isto é, por meio de yoga) os (três) atributos (de Bondade, Paixão, e Ignorância) a um estado de uniformidade (àquele estado de conhecimento que é independente dos sentidos), e traz em seus últimos momentos os ares vitais para o ducto chamado Manovaha, escapa da obrigação de renascimento. (Embora levar os ares vitais ao ducto chamado Manovaha ou Sushumna seja um ato físico, sua realização se torna possível somente por um longo curso de penitências consistindo no afastamento da mente de objetos externos.) A Mente com certeza ganha Conhecimento. É a Mente que toma a forma de todas as coisas. As mentes de todas as pessoas de grande alma, alcançando êxito pela meditação, se tornam livres do desejo, eternas, e luminosas (oniscientes e onipotentes). (O Conhecimento falado aqui é aquele conhecimento que é independente dos sentidos. O que o orador diz é que tal Conhecimento não é mito mas com certeza surgirá. Quando ele surge, seu possuidor vem a saber que o mundo externo, etc., é somente a mente transformada, como as visões vistas e sons ouvidos e pensamentos nutridos em um sonho.) Portanto, para destruir a mente (como mente, isto é, fundi-la na Alma), alguém deve fazer somente atos impecáveis e, se libertando dos atributos de Paixão e Ignorância, ele seguramente alcançará um fim que é muito desejável. O conhecimento (ordinariamente) adquirido na juventude se torna enfraquecido com a decrepitude. Uma pessoa, no entanto, de compreensão madura consegue, devido a efeitos auspiciosos de vidas passadas, destruir seus desejos. (O homem de compreensão madura, por destruir seus desejos, obtém aquele conhecimento que não está

sujeito à decadência com a idade. Então, tal conhecimento é superior ao conhecimento adquirido de modo comum.) Tal pessoa, por transcender os vínculos do corpo e dos sentidos, como um viajante cruzando um caminho cheio de obstáculos, e ultrapassando todos os defeitos que ele vê, consegue provar o néctar (da Emancipação).'"

215

"Bhishma disse, 'As criaturas vivas, por estarem ligadas aos objetos dos sentidos, os quais estão sempre repletos de males, se tornam desamparadas. Aquelas pessoas de grande alma, no entanto, que não estão ligadas a eles, alcançam o fim mais sublime. O homem de inteligência, vendo o mundo oprimido pelos males constituídos por nascimento, morte, velhice, tristeza, doença, e ansiedades, deve se esforçar para alcançar a Emancipação. Ele deve ser puro em palavras, pensamentos, e corpo; ele deve ser livre de orgulho. De alma tranquila e possuidor de conhecimento, ele deve levar uma vida de mendicância, e buscar felicidade sem ser vinculado a algum objeto mundano. Também, se o apego for visto possuir a mente por compaixão por criaturas, ele deve, vendo que o universo é o resultado de ações, mostrar indiferença em relação à própria compaixão. (Compaixão pode às vezes levar a excesso de apego, como no caso de Bharata em direção a seu pequeno veado. O universo é o resultado de atos porque atos determinam o caráter da vida que a alma assume. No caso de Bharata, ele foi obrigado a tomar nascimento como um veado em sua vida seguinte por seus pensamentos na vida anterior terem sido centrados em um veado.) Quaisquer boas ações que sejam realizadas, ou quaisquer pecados (cometidos), o fazedor prova as consequências. Então se deve, em palavras, pensamentos, e ações, fazer somente atos que são bons. Consegue obter felicidade aquele que pratica abstenção de ferir (outros), veracidade de palavras, honestidade em direção a todas as criaturas, e generosidade, e que nunca é negligente. Então uma pessoa, exercitando sua inteligência, deve fixar sua mente, depois de treiná-la, na paz em direção a todas as criaturas. O homem que considera a prática das virtudes enumeradas acima como o maior dever, como conducente à felicidade de todas as criaturas, e como destrutiva de todos os tipos de tristezas, é possuidor do conhecimento mais elevado, e consegue obter felicidade. Então (como já dito), se deve, exercitando a inteligência, dispor a mente, depois de treiná-la, na paz em direção a todas as criaturas. Nunca se deve pensar em fazer mal a outros. Não se deve cobiçar o que está muito acima de seu poder de alcançar. Não se deve dirigir os pensamentos para objetos que são inexistentes. Deve-se, por outro lado, dirigir a mente para o conhecimento, por tais esforços persistentes que são certos de terem êxito. Com a ajuda das declarações dos Srutis e de esforços persistentes calculados para trazer sucesso, aquele Conhecimento fluirá infalivelmente. Alguém que deseja dizer boas palavras ou seguir uma religião que é purificada de toda escória, deve proferir somente a verdade que não seja repleta de qualquer malícia ou crítica. Alguém que possui um coração honrado deve proferir palavras que não sejam repletas de desonestidade, que não sejam ríspidas, nem cruéis,

nem más, e que não sejam caracterizadas por loquacidade. O universo é vinculado pela palavra. (O que quer que seja falado nunca é destruído e afeta permanentemente tanto a pessoa que fala quanto a que ouve, de modo que não somente em uma vida, mas no infinito curso de vidas o falador será afetado por bem ou por mal pelas palavras que escapam de seus lábios. Isto está totalmente de acordo com a descoberta da ciência moderna, tão eloquentemente e poeticamente enunciada por Babbage, da indestrutibilidade da força ou energia quando uma vez aplicada. Quão temível é a sanção (a qual não é um mito) sob a qual falar mal é proibido.) Alguém disposto à renúncia (de todos os objetos mundanos) deve então proclamar, com a mente repleta de humildade e uma compreensão purificada, seus próprios atos maus. (Tal auto-revelação destrói os efeitos daqueles atos e evita sua repetição.) Quem se dirige à ação, impelido a isto por propensões repletas do atributo de Paixão, obtém muita miséria neste mundo e ao final cai no inferno. Deve-se, portanto, praticar autodomínio em corpo, fala, e mente. Pessoas ignorantes suportando as cargas do mundo são como ladrões carregados com seu saque de ovelhas extraviadas (segregadas de rebanhos levados para pastar). Os últimos estão sempre atentos às estradas que são desfavoráveis para eles (devido à presença da vigilância do rei). De fato, como os ladrões têm que jogar fora sua pilhagem se eles desejam segurança, assim mesmo uma pessoa deve rejeitar todos os atos ditados pela Paixão e Ignorância se ela deseja obter felicidade. Sem dúvida, uma pessoa que é sem desejo, que é livre dos vínculos do mundo, contente em viver em solidão, moderada em dieta, dedicada a penitências e com sentidos sob controle, que tem queimado todas as suas tristezas pela (aquisição de) conhecimento, que tem prazer em praticar todos os detalhes da disciplina yoga, e que tem uma alma purificada, consegue, por sua mente ser recolhida em si mesma, alcançar Brahma ou Emancipação. Alguém dotado de paciência e uma alma purificada, deve, sem dúvida, controlar sua compreensão. Com a compreensão (assim disciplinada), deve-se em seguida controlar a mente, e então com a mente dominar os objetos dos sentidos. Após a mente ser assim trazida sob controle e os sentidos serem todos subjugados, os sentidos se tornarão luminosos e entrarão alegremente em Brahma. Quando os sentidos são recolhidos na mente, o resultado que ocorre é que Brahma se torna manifestado nela. De fato, quando os sentidos são destruídos, e a alma volta ao atributo de existência pura, ela vem a ser considerada como transformada em Brahma. Então, além disso, uma pessoa nunca deve fazer uma exibição de seu poder de yoga. Por outro lado, ela deve sempre se esforçar para dominar seus sentidos por praticar as regras de yoga. De fato, alguém dedicado à prática das regras de yoga deve fazer todos aqueles atos pelos quais a própria conduta e disposição possam se tornar puros. (Sem fazer dos poderes de yoga os meios de subsistência), alguém deve antes viver de grãos de milho quebrados, feijões maduros, bolos secos de sementes das quais o óleo foi espremido, ervas cozidas e mantidas em conserva, cevada meio madura, farinha de grãos de leguminosas fritos, frutas, e raízes, obtidos em esmolas. Refletindo sobre as características de hora e lugar, ele deve, de acordo com suas próprias inclinações, depois de um exame apropriado, cumprir votos e regras sobre jejuns. Não se deve suspender uma observância que foi iniciada. Como alguém lentamente criando um fogo, deve-se estender gradualmente uma ação

que é instigada por conhecimento. Por agir dessa maneira, Brahma gradualmente brilha em alguém como o Sol. A Ignorância que tem o Conhecimento como seu solo de apoio, estende sua influência sobre todos os três estados (vigília, sonho e sono sem sonhos). (A Alma tinha, antes da criação, somente Conhecimento como seu atributo. Quando Ignorância ou Ilusão, procedendo do Brahma Supremo, tomou posse dela, a Alma se tornou uma criatura comum, isto é, consciência, mente, etc., se originaram. Esta Ignorância, portanto, se estabeleceu sobre o Conhecimento e transformou o caráter original da Alma.) O Conhecimento, também, que segue a Compreensão, é atacado pela Ignorância. (O conhecimento comum que segue a liderança da compreensão é afetado pela ignorância, o resultado disso é que a Alma toma aquelas coisas que realmente surgem de si mesma como coisas diferentes de si mesma e possuindo uma existência independente.) A pessoa de coração mau fracassa em obter um conhecimento da Alma por considerá-la como unida com os três estados, embora na verdade ela transcenda eles todos. Quando, no entanto, ela consegue compreender os limites sob os quais os dois, isto é, a união com os três estados e a separação deles, são manifestados, é então que ela se torna livre de apegos e alcança a Emancipação. Quando tal compreensão é alcançada, uma pessoa transcende os efeitos da idade, se ergue acima das consequências de decrepitude e morte, e alcança Brahma que é eterno, imortal, imutável, imperecível.'"

216

"Bhishma disse, 'O yogin que deseja sempre praticar Brahmacharya impecável e que está impressionado com as imperfeições ligadas aos sonhos deve, com todo seu coração, procurar abandonar o sono. Em sonhos, a alma incorporada, afetada pelos atributos de Paixão e Ignorância, parece se tornar possuidora de outro corpo e se move e age influenciada pelo desejo. Por aplicação pela aquisição de conhecimento e contínua reflexão e recapitulação, o yogin permanece sempre desperto. De fato, o yogin pode se manter desperto continuamente por se dedicar ao conhecimento. Sobre este assunto foi perguntado qual é esse estado no qual a criatura incorporada se imagina cercada por e envolvida em objetos e ações? A verdade é que o ser incorporado, com seus sentidos realmente suspensos, ainda se considera como possuidora de corpo com todos os sentidos de conhecimento e de ação. Com relação à questão levantada, é dito que aquele mestre de yoga, chamado Hari, compreende realmente como isto acontece. Os grandes Rishis dizem que a explicação oferecida por Hari é correta e consistente com a razão. Os eruditos dizem que é pelos sentidos estarem esgotados com fadiga que sonhos são experienciados por todas as criaturas. (Embora os sentidos estejam suspensos) a mente, no entanto, nunca desaparece (ou se torna inativa) e por isso surgem sonhos. Esta é citada por todos como sendo sua causa notável. Como as imaginações de uma pessoa que está desperta e engajada em ações são devido somente ao poder criativo da mente, da mesma maneira as impressões em um sonho pertencem somente à mente. Uma pessoa com desejo e apego obtém aquelas imaginações (em sonhos)

baseadas sobre as impressões de incontáveis vidas no passado. Nada que impressiona a mente uma vez jamais é perdido, e a Alma sendo conhecedora de todas aquelas impressões as faz saírem da obscuridade. Qualquer um entre os três atributos de Bondade, Paixão, e Ignorância que seja ocasionado pela influência de ações passadas, e por quaisquer entre eles que a mente esteja afetada no momento de qualquer maneira, os elementos (em suas formas sutis) manifestam ou indicam em conformidade (por meio de imagens). (O sentido é este: um atributo específico entre os três, isto é, Bondade, Paixão, ou Ignorância, é trazido à mente pela influência de atos passados desta ou de alguma vida anterior. Aquele atributo imediatamente afeta a mente de um modo definido. O resultado disso é que os elementos em suas formas sutis realmente produzem as imagens que correspondem com ou pertencem ao atributo que afeta e a maneira na qual ele afeta a mente.) Depois que as imagens foram assim produzidas, o atributo específico de Bondade ou Paixão ou Ignorância que pode ter sido trazido por ações passadas surge na mente e conduz ao seu último resultado, isto é, felicidade ou tristeza. Aquelas imagens tendo vento, bílis, e muco como suas causas principais, as quais os homens percebem por ignorância e por causa de propensões repletas de Paixão e Ignorância, não podem, é dito, ser facilmente descartadas. (Nada menos do que yoga pode descartá-las ou destruí-las, por elas realmente nascem de desejos gerados por atos passados.) Quaisquer objetos também que uma pessoa percebe na mente (enquanto desperta), através dos sentidos em um estado de clareza, são percebidos pela mente em sonhos enquanto os sentidos estão obscurecidos em relação às suas funções. A Mente existe livremente em todas as coisas. Isto é devido à natureza da Alma. A Alma deve ser compreendida. Todos os elementos e os objetos que eles compõem existem na Alma. (Os mundos externo e interno são devido à Consciência, a qual, por sua vez, nasce da ilusão afetando a Alma. Aquilo que é chamado de Mente é somente um produto da Alma. O mundo externo e interno é somente o resultado da Mente como explicado em capítulos anteriores. Por isso a Mente existe em todas as coisas. O que se quer dizer por todas as coisas existindo na Alma é que a Alma é onisciente e aquele que consegue conhecer a Alma ganha onisciência.) No estado chamado sono sem sonhos (sushupti), o corpo humano manifestado, o qual, é claro, é a porta dos sonhos, desaparece na mente. Ocupando o corpo a mente entra na alma, a qual é manifesta, e da qual todas as coisas existentes e inexistentes dependem, e vem a ser transformada em uma testemunha desperta com certeza de compreensão. Assim morando na Consciência pura que é a alma de todas as coisas; ela é considerada pelos eruditos como transcendendo a Consciência e todas as coisas no universo. (O corpo é chamado de porta dos sonhos porque o corpo é o resultado de ações passadas, e sonhos não podem ocorrer até que a Alma, através de atos passados, venha a estar envolvida em um corpo. O que se quer dizer pelo corpo desaparecendo na mente é que no sono sem sonhos a mente não mais retém qualquer percepção do corpo. O corpo estando assim perdido na mente, a mente (com o corpo perdido nela) entra na Alma, ou vem a ser recolhida nela. No sono sem sonhos os sentidos são recolhidos na mente, e a mente vem a ser recolhida na Alma. É somente a Alma que então vive em seu estado de pureza original, consciência e todas as coisas que procedem dela desaparecendo naquele momento.) Aquele yogin que por

desejo cobiça algum dos atributos divinos (de Conhecimento ou Renúncia, etc.) deve considerar uma mente pura como idêntica com o objeto de seu desejo. Todas as coisas dependem de uma mente ou alma pura. (Isto é, a mente se tornando pura, ele ganha onisciência e onipotência.) Este é o resultado alcançado por alguém que é dedicado a penitências. Aquele yogin, no entanto, que atravessou a Escuridão ou Ignorância, se torna possuidor de esplendor transcendente. Quando a escuridão ou ignorância foi superada, a Alma incorporada se torna o Brahma Supremo, a causa do universo. As divindades têm penitências e ritos Védicos. Escuridão (ou orgulho e crueldade), que é destrutiva dos primeiros, é adotada pelos Asuras. Aquele, isto é, Brahma, o qual é citado como tendo somente o Conhecimento como seu atributo, é difícil de ser alcançado pelas divindades ou os Asuras. Deve ser conhecido que os atributos de Bondade, Paixão e Ignorância pertencem às divindades e aos Asuras. A Bondade é o atributo das divindades; enquanto que os dois outros pertencem aos Asuras. Brahma transcende todos aqueles atributos. Ele é Conhecimento puro. Ele é Imortalidade. Ele é pura refulgência. Ele é imperecível. Aquelas pessoas de almas purificadas que conhecem Brahma alcançam o fim mais sublime. Alguém que tem o conhecimento como seu olho pode dizer isso com a ajuda da razão e analogia. Brahma, que é indestrutível, pode ser compreendido somente por remover os sentidos e a mente (dos objetos externos dentro da própria alma, isto é, por Pratyahara).'"

217

"Bhishma disse, 'Não pode dizer que conhece Brahma aquele que não conhece os quatro tópicos (isto é, sonhos, sono sem sonhos, Brahma como indicado por atributos, e Brahma como transcendendo todos os atributos), como também o que é Manifesto (isto é, o corpo), e o que é Imanifesto (a Alma-Chit), o qual o grandioso Rishi (Narayana) descreveu como Tattwam. (Isto é, aquilo que existe em pureza original e não toma sua cor ou forma da mente.) Aquilo que é manifesto deve ser conhecido como sujeito à morte. Aquilo que é imanifesto (a Alma-Chit), deve ser conhecido como transcendente à morte. O Rishi Narayana descreveu a religião de Pravritti. Dela depende todo o universo com suas criaturas móveis e imóveis. A religião de Nivritti leva ao imanifesto e eterno Brahma. (A religião de Pravritti consiste em ações. Ela não pode libertar alguém do renascimento. Toda a cadeia de existências, sendo o resultado de ações, depende da religião de Pravritti. A religião de Nivritti, por outro lado, ou abstenção de ações, leva à Emancipação ou Brahma.) O Criador (Brahma) descreveu a religião de Pravritti. Pravritti implica renascimento ou retorno. Nivritti, por outro lado, implica o fim mais sublime. O asceta que deseja discernir com exatidão entre o bem e o mal, que está sempre decidido a compreender a natureza da Alma, e que se dedica à religião de Nivritti, alcança o fim sublime. Alguém desejoso de realizar isto deve conhecer o Imanifesto e Purusha dos quais eu logo falarei. (Avyakta ou Imanifesto é Prakriti ou matéria primordial grosseira e sutil.) Aquele (isto é, a Alma Suprema ou Brahma), também, que é diferente de ambos, do Imanifesto e Purusha, e que

transcende os dois, e que é distinto de todos os seres, deve ser especialmente examinado por alguém possuidor de inteligência. Prakriti e Purusha são sem início e sem fim. Ambos não podem ser conhecidos por seus semelhantes. Ambos são eternos e indestrutíveis. Ambos são maiores do que os maiores (dos seres). Nisto eles são parecidos. Há pontos de dessemelhança entre eles. (Destes eu falarei agora). Prakriti está repleto dos três atributos (de Bondade, Paixão, e Ignorância). Ele está também engajado em criação. Os atributos verdadeiros de Kshetrajna (Purusha ou a Alma) devem ser conhecidos como diferentes. (Isto é, Purusha é não-criador e transcende os três atributos.) Purusha é o entendedor de todas as transformações de Prakriti (mas ele mesmo não pode ser compreendido). Ele transcende (em relação à sua natureza original) todos os atributos. Com relação ao Purusha e à Alma Suprema, ambos são incompreensíveis. Por ambos serem sem atributos pelos quais eles possam ser distinguidos, ambos são muito distintos de tudo mais. Uma pessoa com um turbante tem sua cabeça rodeada por três voltas de um pedaço de tecido. (A pessoa, no entanto, não é idêntica ao turbante que ela usa.) Do mesmo modo, a Alma incorporada é investida com as três qualidades de Bondade, Paixão, e Ignorância. Mas embora assim envolvida, a Alma não é idêntica àquelas qualidades. Então estes quatro tópicos, os quais estão cobertos por estas quatro considerações, devem ser compreendidos. (Os quatro tópicos são estes: os pontos de semelhança entre Prakriti e Purusha, os pontos de diferença entre eles, os pontos de semelhança entre Purusha e Iswara, e os pontos de diferença entre eles. As quatro considerações que cobrem estes tópicos são ausência de começo e fim, existência como chit e em animação, distinção de todas as outras coisas, e a noção de atividade.) Alguém que compreende tudo isso nunca fica estupefato quando ele tem que tirar conclusões (em relação a todos os assuntos de investigação). Quem está desejoso de alcançar a maior prosperidade deve se tornar puro em mente, e se dirigindo a práticas austeras em relação ao corpo e aos sentidos, deve se dedicar ao yoga sem desejo de resultados. O universo é permeado por poder yoga circulando secretamente por todas as partes dele e iluminando-o brilhantemente. O sol e a lua brilham com refulgência no firmamento do coração por poder yoga. O resultado de yoga é Conhecimento. Yoga é falado em termos muito elogiosos no mundo. Quaisquer atos que sejam destrutivos de Paixão e Ignorância constituem yoga em relação ao seu caráter real. Brahmacharya e abstenção de ferir são citados como constituindo yoga do corpo; enquanto controlar mente e fala apropriadamente são citados como constituindo o yoga da mente. O alimento que é obtido em esmolas de pessoas regeneradas conhecedoras do ritual é diferente de todos os outros alimentos. Por ingerir aquele alimento abstemiamente, os pecados de alguém, nascidos da Paixão, começam a enfraquecer. Um yogin que subsiste de tal alimento percebe seus sentidos gradualmente afastados de seus objetos. Então, ele deve pegar somente aquela quantidade de alimento que é estritamente necessária para o sustento de seu corpo. (Outro conselho que pode ser oferecido é que) aquele conhecimento que alguém obtém gradualmente pela mente dedicada ao yoga deve ser feito seu próprio alegremente durante seus últimos momentos por um enérgico esforço de poder. A Alma incorporada, quando privada de Rajas (isto é, livre dos sentidos e das propensões derivadas de sua indulgência, não alcança a Emancipação imediatamente mas) assume uma forma

sutil com todos os sentidos de percepção e se move no espaço. Quando sua mente não é afetada pelas ações, ela, por tal renúncia (perde aquela forma sutil) e imerge em Prakriti (sem no entanto, ainda alcançar Brahma ou Emancipação a qual transcende Prakriti). Depois da destruição deste corpo grosseiro, alguém que por ausência de negligência escapa de todos os três corpos (isto é, o grosseiro, o sutil e o karana), consegue alcançar a Emancipação. (O corpo karana é uma forma de existência mais sutil do que o Linga-sarira.) O nascimento e morte de criaturas sempre dependem da causa constituída pela Ignorância original (ou Avidya). Quando nasce o conhecimento de Brahma, a necessidade não mais persegue a pessoa. Aqueles, no entanto, que aceitam o que é o oposto da verdade (por acreditarem que é Eu aquilo que realmente é não-Eu) são homens cujas compreensões estão sempre relacionadas com o nascimento e morte de todas as coisas existentes. (Tais pessoas nem sonham com a Emancipação.) (O objetivo do verso é mostrar que tais pessoas equivocadas que tomam o corpo, os sentidos, etc., todos os quais são não-Eu, como Eu, estão sempre envolvidas com a idéia de que as coisas morrem e nascem, mas que não há nada como emancipação ou uma fuga total do renascimento.) Mantendo seus corpos pela ajuda da paciência, afastando seus corações de todos os objetos externos pela ajuda de sua compreensão, e se afastando do mundo dos sentidos, alguns yogins adoram os sentidos por causa de sua sutileza. Alguns entre eles, com mente purificada por yoga, procedendo de acordo com (os estágios indicados nas) escrituras e alcançando o mais alto, conseguem conhecer pela ajuda da compreensão e morar naquele que é o mais sublime e que, sem se apoiar em outra coisa, depende de si mesmo. Alguns cultuam Brahma em imagens. Alguns cultuam Ele como existindo com atributos. Alguns repetidamente percebem a maior Divindade que é descrita como um lampejo de relâmpago e que é também indestrutível. Outros que têm queimado seus pecados por meio de penitências, alcançam Brahma no fim. Todas aquelas pessoas de grande alma obtêm o fim mais sublime. Com o olho da escritura alguém deve observar as qualidades sutis dessas várias formas, como diferenciadas por qualidades, de Brahma que são (assim) adoradas pelos homens. O yogin que transcendeu a necessidade de depender do corpo, que rejeitou todos os vínculos, e cuja mente está devotada à abstração yoga, deve ser conhecido como outro exemplo de Infinito, como a Divindade Suprema, ou como aquilo que é Imanifesto. Aqueles cujos corações são devotados à aquisição de conhecimento conseguem primeiro se libertar do mundo dos mortais. Posteriormente, por rejeitarem todos os vínculos eles compartilham da natureza de Brahma e finalmente alcançam o fim mais sublime.'"

"Assim pessoas conhecedoras dos Vedas têm falado da religião que leva à realização de Brahma. Todos aqueles que seguem esta religião segundo a medida de seu conhecimento conseguem alcançar o fim grandioso. Mesmo aquelas pessoas que conseguem adquirir conhecimento que não pode ser abalado (por ataques de ceticismo) e que faz seus possuidores livres de vínculos de todos os tipos, alcançam várias regiões elevadas depois da morte e se tornam emancipados de acordo com a medida de seu conhecimento. Aquelas pessoas de corações puros que absorvem contentamento do conhecimento, e que abandonaram todos os desejos e apegos, gradualmente se aproximam mais e

mais em relação à sua natureza, de Brahma que tem o imanifesto como seu atributo, que é divino, e sem nascimento e morte. Percebendo que Brahma mora em suas Almas, eles mesmos se tornam imutáveis e nunca têm que voltar (para a terra). Alcançando aquele estado supremo que é indestrutível e eterno, eles existem em bem-aventurança. O conhecimento com respeito a este mundo é exatamente este: ele existe (no caso de pessoas enganadas), e ele não existe (no caso daquelas que não ficaram entorpecidas pelo erro). O universo inteiro, em ligação estreita com o desejo, está girando como uma roda. Como as fibras de um caule de lótus se espalham por todas as parte do caule, da mesma maneira as fibras do desejo, que não tem início nem fim, se espalham sobre todas as partes do corpo. Como um tecelão lança seus fios em um tecido por meio de sua lançadeira, do mesmo modo os fios que constituem o tecido do universo são tecidos pela lançadeira do Desejo. Quem conhece devidamente as transformações de Prakriti, a própria Prakriti e Purusha, se torna livre do Desejo e alcança a Emancipação. O divino Rishi Narayana, aquele refúgio do universo, por compaixão por todas as criaturas, promulgou claramente estes meios para a conquista da imortalidade.'"

218

"Yudhishthira disse, 'Por seguir qual conduta, ó tu que conheces todos os rumos de conduta, Janaka, o soberano de Mithila, versado na religião da Emancipação, conseguiu alcançar a Emancipação, depois de rejeitar todos os prazeres mundanos?'"

"Bhishma disse, 'Em relação a isto é citada a antiga narrativa da conduta específica pela qual aquele soberano, totalmente familiarizado com todas as direções de conduta, conseguiu alcançar a maior felicidade. Havia um soberano em Mithila de nome Janadeva da linhagem de Janaka. Ele estava sempre empenhado em refletir sobre as direções de conduta que podiam levar à realização de Brahma. Uma centena de preceptores sempre costumava viver em seu palácio, ensinando-o sobre os diversos rumos de dever seguidos pelas pessoas que tinham se dirigido para diversos modos de vida. Dado ao estudo dos Vedas, ele não estava muito satisfeito com as especulações de seus instrutores sobre o caráter da Alma, e com suas doutrinas de extinção após a dissolução do corpo ou de renascimento depois da morte. Uma vez um grande asceta de nome Panchasikha, o filho de Kapila, tendo vagado pelo mundo inteiro, chegou a Mithila. Dotado de conclusões corretas em relação a todas as especulações acerca dos diversos deveres ligados à renúncia, ele estava acima de todos os pares de opostos (tais como calor e frio, felicidade e tristeza), e de dúvidas ele não tinha nenhuma. Ele era considerado como o principal dos Rishis. Morando onde quer que lhe agradasse, ele desejava colocar ao alcance de todos os homens a felicidade eterna que é tão difícil de ser alcançada. Parecia que ele vagava, maravilhando o mundo, tendo assumido a forma de ninguém mais do que aquele grande Rishi, aquele senhor de criaturas, a quem os seguidores da doutrina Sankhya conheciam pelo nome de Kapila. Ele era o principal de todos os

discípulos de Asuri e era chamado de eterno. Ele tinha realizado um Sacrifício mental que tinha durado por mil anos. Ele era firme em mente, e tinha completado todos os ritos e sacrifícios que são ordenados nas escrituras e que levam à realização de Brahma. Ele conhecia totalmente os cinco revestimentos que cobrem a alma. (Estes são o annamaya, o pranamaya, o manomaya, o vijnanamaya, e o anandamaya.) Ele era dedicado aos cinco atos ligados com a adoração de Brahma, e tinha as cinco qualidades (de tranquilidade, autodomínio, etc.). Conhecido (como eu já disse) pelo nome de Panchasikha, ele se aproximou um dia de uma grande multidão de Rishis que seguiam as doutrinas Sankhya e perguntou a eles acerca do mais alto objeto de aquisição humana, isto é, o Imanifesto ou aquele do qual os cinco Purushas ou coberturas (já citadas) dependem. Para obter um conhecimento da Alma, Asuri tinha questionado seu preceptor. Pelas instruções do último e por suas próprias penitências, Asuri compreendia a diferença entre corpo e Alma e tinha adquirido visão divina. Naquela assembléia de ascetas, Asuri fez sua exposição do Único Imutável, e Indestrutível Brahma que é visto em diversas formas. Panchasikha se tornou um discípulo de Asuri. Ele vivia de leite humano. Havia certa Brahmani de nome Kapila. Ela era a esposa de Asuri. Panchasikha foi aceito por ela como um filho e ele costumava sugar seus peitos. Por isto, ele veio a ser conhecido como o filho de Kapila e sua compreensão se tornou fixa em Brahma. Tudo isso, acerca das circunstâncias de seu nascimento e daquelas que o levaram a se tornar o filho de Kapila, foi dito para mim pelo Rishi divino (Markandeya ou Sanatkumara). O último também me contou sobre a onisciência de Panchasikha. Conhecedor de todos os cursos de dever, Panchasikha, depois de ter adquirido conhecimento excelente, (se aproximou de Janaka) e sabendo que aquele rei tinha reverência igual por todos os seus preceptores, começou a assombrar aquela centena de preceptores (por uma exposição de sua doutrina repleta) de razões abundantes. Observando o talento de Kapileya, Janaka se tornou extremamente ligado a ele, e, abandonando seus cem preceptores, começou a segui-lo especialmente. Então Kapileya começou a discursar para Janaka, que tinha, de acordo com a ordenança, curvado sua cabeça para ele (como um discípulo deve), e que era totalmente competente para compreender as instruções do sábio sobre aquela elevada religião de Emancipação, a qual é explicada em tratados Sankhya. Demonstrando em primeiro lugar as tristezas do nascimento, ele falou em seguida das tristezas dos atos (religiosos). Tendo terminado aquele tópico ele explicou as tristezas de todos os estados de vida terminando mesmo com aquele na região superior do Criador. (A doutrina Sankhya procede da hipótese que todos os estados de vida contêm tristeza. Encontrar um remédio para isso, isto é, escapar permanentemente de toda tristeza, é o objetivo daquela filosofia.) Ele também falou daquela Ilusão por cuja causa há a prática de religião, e ações, e seus frutos, e que é muito indigna de confiança, destrutível, instável, e incerta. (Estas são as características daquela Ilusão sob a qual o homem toma nascimento neste mundo e continua vivendo até que ele possa conquistar permanentemente toda tristeza.) 'Céticos dizem que quando a morte (do corpo) é vista e é uma questão de evidência direta testemunhada por todos, aqueles que afirmam, por sua fé nas escrituras, que alguma coisa distinta do corpo, chamada de Alma, existe, são necessariamente vencidos em discussão. Eles também argumentam que a morte de alguém

significa a extinção de sua Alma, e que tristeza, velhice, e doença implicam morte (parcial) da Alma. Aquele que afirma, devido ao erro, que a Alma é distinta do corpo e existe depois da perda do corpo, nutre uma opinião que é irracional. Se for considerado como existente aquilo que realmente não existe no mundo, então pode ser mencionado que o rei, sendo considerado dessa maneira, nunca está realmente sujeito à velhice ou morte. Mas se acredita, por causa disso, que ele esteja realmente acima da velhice e da morte? (Este e todos os versos seguintes são afirmações dos argumentos dos céticos.) Quando a questão é se um objeto existe ou não existe, e quando aquele cuja existência é afirmada apresenta todas as indicações de não existência, o que é aquilo no qual as pessoas comuns confiam em determinar os assuntos da vida? A evidência direta é a base das inferências e das escrituras. As escrituras podem ser contestadas pela evidência direta. Quanto à inferência, seu efeito comprobatório não é muito. Qualquer que seja o assunto, este cessa de apresentar razões só pela inferência. Não há nada mais chamado de jiva além deste corpo. Em uma semente de banian está contida a capacidade para produzir folhas e flores e frutas e raízes e cascas. Da grama e água que são ingeridos por uma vaca são produzidos leite e manteiga, substâncias cuja natureza é diferente daquela das causas produtoras. Substâncias de diferentes espécies, quando permitidas se decomporem em água por algum tempo, produzem bebidas alcoólicas cuja natureza é bastante diferente daquela das substâncias que as produzem. Da mesma maneira, da semente vital é produzido o corpo e suas qualidades, com a compreensão, consciência, mente, e outras posses. Dois pedaços de madeira, friccionados, produzem fogo. A pedra chamada Suryakanta, entrando em contato com os raios do Sol, produz fogo. Qualquer substância metálica sólida, aquecida em fogo, seca a água quando entra em contato com ela. Similarmente, o corpo material produz a mente e seus atributos de percepção, memória, imaginação, etc. Como a pedra ímã move o ferro, da mesma maneira, os sentidos são controlados pela mente. Assim argumentam os céticos. Os céticos, no entanto, estão em erro. Pois o desaparecimento (somente da força animante) após o corpo se tornar sem vida, (e não a extinção simultânea do corpo após a ocorrência daquele evento) é a prova (da verdade que o corpo não é a Alma mas que a Alma é algo separado do corpo e sobrevive a ele sem dúvida. Se, de fato, corpo e Alma fossem a mesma coisa, ambos desapareciam no mesmo instante de tempo. Em vez disso, o corpo morto pode ser visto por algum tempo depois da ocorrência da morte. A morte, portanto, significa a fuga do corpo de alguma coisa que é diferente do corpo). A petição às divindades pelos próprios homens que negam a existência separada da Alma é outro bom argumento para a afirmação de que a Alma é separada do corpo ou tem existência que pode ser independente de um invólucro material grosseiro. As divindades para quem aqueles homens rezam não podem ser vistas ou tocadas. Acredita-se que elas existam em forma sutil. (Realmente, se uma crença em divindades desprovidas de formas materiais grosseiras não prejudica sua razão, por que somente a existência de uma Alma imaterial deveria fazer tal dano à sua razão?) Outro argumento contra o cético é que sua afirmação sugere uma destruição das ações (pois se corpo e Alma morrem juntos, as ações desta vida também pereceriam, uma conclusão à qual nenhum homem possivelmente pode chegar se ele tem que explicar as desigualdades ou condições testemunhadas no

universo). Aqueles que têm sido mencionados, e que têm formas materiais, não podem possivelmente ser as causas (da Alma imaterial e seus acompanhamentos imateriais de percepção, memória, e semelhantes). A identidade de existências imateriais com objetos que são materiais não pode ser compreendida. (Por isso objetos que são eles mesmos materiais não podem ser de nenhuma maneira causas para a produção de coisas imateriais.) Alguns são de opinião que há renascimento e que isso é causado pela Ignorância, desejo de agir, cobiça, negligência, e aderência a outras imperfeições. Eles dizem que Ignorância (Avidya) é a alma. Ações constituem a semente que é colocada naquele solo. O Desejo é a água que faz aquela semente crescer, desse modo eles explicam o renascimento. Eles afirmam que aquela ignorância estando arraigada de um modo imperceptível, um corpo mortal sendo destruído, outro vem imediatamente dele; e que quando ela é queimada pela ajuda do conhecimento, a destruição da própria existência se segue ou a pessoa obtém o que é chamado de Nirvana. Essa opinião também é errônea. [Essa é a doutrina dos budistas.] Pode ser questionado que quando o ser que é assim renascido é um diferente em relação à sua natureza, nascimento, e propósitos ligados à virtude e vício, por que então eu devo ser considerado como tendo alguma identidade com o ser que era? De fato, a única inferência que pode ser retirada é que a série inteira de existências de um ser específico não é realmente uma corrente de elos conectados (mas aquelas existências em sucessão não são conectadas umas com as outras). (A objeção à teoria budista é que mera ignorância e karma não podem explicar o renascimento. Deve haver uma Alma indestrutível. Isto os budistas não reconhecem, pois eles acreditam que Nirvana ou aniquilação é possível. A argumentação, como esboçada, procede dessa maneira: o ser que é o resultado do renascimento é aparentemente um ser diferente. Que direito nós temos de afirmar sua identidade com o ser que existia antes? Ignorância e karma não podem criar uma Alma embora eles possam afetar os circundantes da Alma em seu novo nascimento.) Então, além disso se o ser que é o resultado de um renascimento for realmente diferente daquele que ele era em uma fase prévia de existência, pode ser perguntado que satisfação pode surgir para uma pessoa do exercício da virtude da caridade, ou da aquisição de conhecimento ou de poder ascético, já que as ações realizadas por alguém vão se concentrar sobre outra pessoa em outra fase de existência (sem o próprio realizador sendo existente para desfrutar delas?) Outro resultado da doutrina sob refutação seria que alguém nesta vida poderia ser tornado miserável pelas ações de outro em uma vida prévia, ou tendo se tornado miserável poderia se tornar feliz. Por ver, no entanto, o que realmente acontece no mundo, uma conclusão apropriada pode ser retirada em relação ao não visto. (O sentido é este: nunca é visto no mundo que os atos de uma pessoa afetam para o bem ou para o mal outra pessoa. Se Chaitra se expõe ao ar noturno, Maitra nunca pega resfriado por isso. Essa evidência direta deve decidir a controvérsia a respeito do não visto, isto é, se os atos de alguém em uma vida anterior podem afetar outra em uma vida subsequente se não houver identidade entre os dois seres em duas vidas.) A Consciência separada que é o resultado do renascimento é (segundo o que pode ser inferido da teoria de vida budista), diferente da Consciência que a precedeu em uma vida anterior. A maneira, no entanto, na qual a elevação ou aparecimento daquela Consciência separada é explicada por

aquela teoria não parece ser consistente ou razoável. A Consciência (como ela existia na vida anterior) era o próprio oposto de eterna, sendo somente transitória, se estendendo como ela se estendeu até a dissolução do corpo. Aquilo que teve um fim não pode ser considerado como a causa para a produção de uma segunda Consciência aparecendo depois da ocorrência do fim. Se, além disso, a própria perda da Consciência anterior for considerada como a causa da produção da segunda Consciência, então após a morte de um corpo humano ser ocasionada por uma clava pesada, um segundo corpo surgiria do corpo que foi assim privado de animação. Mais uma vez, sua doutrina da extinção da vida (ou Nirvana ou Sattwasankshaya) está exposta à objeção que aquela extinção se tornará um fenômeno periódico como aquele das estações, ou o ano, ou o yuga, ou calor, ou frio, ou objetos que são agradáveis ou desagradáveis. (Se, como já foi dito, a segunda Consciência for o efeito resultante da perda ou da própria destruição da Consciência anterior, então destruição não é aniquilação, e, necessariamente, depois que o Nirvana foi uma vez alcançado, pode haver uma nova Consciência ou nascimento, e, dessa maneira, depois de ter alcançado o Nirvana o mesmo resultado pode se seguir. O Nirvana budista, portanto, não pode levar àquela Emancipação final que é indicada nas escrituras Brahmânicas.) Se, para o propósito de evitar essas objeções, os seguidores desta doutrina afirmam a existência de uma Alma que é permanente e à qual cada nova Consciência se vincula, eles se expõe à nova objeção que aquela substância permanente, por ser dominada pela decrepitude, e pela morte que ocasiona destruição, pode com o tempo ser ela mesma enfraquecida e destruída. Se os suportes de uma mansão são enfraquecidos pelo tempo, a própria mansão com certeza cairá finalmente. (Os budistas então, de acordo com este argumento, não são beneficiados em absoluto por afirmarem a existência de uma Alma permanente à qual cada Consciência repetida pode inerir. A Alma, segundo as escrituras Brahmânicas, não tem atributos ou posses. Ela é eterna, imutável, e independente de todos os atributos. A afirmação de atributos com respeito à Alma leva diretamente à inferência de sua destrutibilidade, e então a asserção de sua permanência ou indestrubilidade sub tais condições é uma contradição em termos, de acordo com o que é frisado neste verso.) Os sentidos, a mente, vento, sangue, carne, ossos (e todos os constituintes do corpo), um depois do outro, encontram com a destruição e entram cada um em sua própria causa produtiva. (O comentador explica que o objetivo deste verso é mostrar que os sentidos, quando destruídos, imergem em suas causas produtivas ou nas substâncias das quais eles são atributos. É claro, aquelas causas ou substâncias são os elementos ou matéria primordial. Isso leva à inferência que embora atributos possam encontrar destruição, contudo as substâncias (das quais eles são atributos) podem permanecer intactas. Isso pode salvar a doutrina budista, pois a Alma, sendo permanente e possuindo consciência, etc., como seus atributos, pode sobreviver, como a matéria primordial, à destruição de seus atributos. Mas o orador frisa que esta doutrina não é filosófica e que a analogia não durará. Substância é combinação de atributos. Os atributos sendo destruídos, a substância também é destruída. Na filosofia européia também, a matéria, como uma essência desconhecida à qual extensão, divisibilidade, etc., são inerentes, não é mais acreditada ou considerada como científica.) Se também for afirmada a existência de uma Alma eterna que é

imutável, que é o refúgio da compreensão, consciência, e outros atributos do tipo comum, e que é dissociada de todos esses, tal afirmação estaria exposta a uma séria objeção, pois então tudo o que é usualmente feito no mundo seria sem sentido, especialmente com referência à obtenção dos resultados da caridade e outras ações religiosas. Todas as declarações nos Srutis incitando àquelas ações, e todas as ações ligadas à conduta de homens no mundo seriam igualmente sem sentido, pois a Alma sendo dissociada da compreensão e da mente, não haveria alguém para desfrutar dos resultados das boas ações e ritos Védicos. (Aqui o orador ataca a doutrina brahmânica ortodoxa do caráter da Alma.) Assim diversos tipos de especulações surgem na mente. Se esta opinião está certa ou errada, não há meios de determinar. Empenhadas em refletir sobre aquelas opiniões, certas pessoas seguem linhas específicas de especulação. As compreensões destas pessoas, dirigidas para teorias específicas, se tornam totalmente relacionadas com elas e são finalmente totalmente perdidas nelas. Dessa maneira todos os homens são tornados miseráveis por buscas, boas ou más. Os Vedas, por trazê-los de volta ao caminho correto, os guiam por ele, como tratadores conduzindo seus elefantes. Muitos homens, com mentes enfraquecidas, cobiçam objetos que estão repletos de grande felicidade. Eles, no entanto, logo têm que encontrar com uma medida muito grande de tristeza, e então, forçosamente arrancados de sua carne cobiçada, eles têm reconhecer o domínio da morte. Que utilidade tem alguém que está destinado à destruição e cuja vida é instável, de parentes e amigos e esposas e outras posses desse tipo? Aquele que encontra a morte depois de ter rejeitado todos estes sai facilmente do mundo e nunca tem que retornar. Terra, espaço, água, calor e vento, sempre nutrem e mantêm o corpo. Refletindo sobre isto, como alguém pode sentir alguma afeição por seu corpo? De fato, o corpo, que está sujeito à destruição, não tem alegria nele.' Tendo ouvido essas palavras de Panchasikha que eram livres de engano, não relacionadas com ilusão (porque desencorajavam sacrifícios e outros atos Védicos), altamente salutares, e tratando da Alma, o rei Janadeva ficou muito admirado, e se preparou para se dirigir ao Rishi mais uma vez.'"

219

"Bhishma disse, 'Janadeva da linhagem de Janaka, assim instruído pelo grande Rishi Panchasikha, mais uma vez o questionou sobre o assunto da existência ou não existência depois da morte.'"

"Janadeva disse, 'Ó ilustre, se nenhuma pessoa retém qualquer conhecimento depois de partir deste estado de existência, se, de fato, isto é verdade, onde então está a diferença entre Ignorância e Conhecimento? O que nós ganhamos então pelo conhecimento e o que nós perdemos pela ignorância? Veja, ó principal das pessoas regeneradas, que se a Emancipação for desta maneira, então todos os atos e votos religiosos terminam somente em aniquilação. De que utilidade seria então a distinção entre atenção e negligência? Se Emancipação significa separação de todos os objetos de gozo aprazível ou uma associação com objetos que não são duradouros, por que então homens nutririam um desejo por ação, ou,

tendo se aplicado à ação, continuariam a planejar os meios necessários para a realização de fins desejados? Qual então é a verdade (com relação a este tópico)?'"

"Bhishma continuou, 'Vendo o rei envolvido em uma densa escuridão, estupefato pelo erro, e desamparado, o erudito Panchasikha o tranquilizou por se dirigir a ele mais uma vez nas seguintes palavras, 'Nisto (Emancipação) a consumação não é Extinção. Nem aquela consumação é algum tipo de Existência (que alguém possa conceber facilmente). Isso que nós vemos é uma união de corpo, sentidos, e mente. Existindo independentemente como também controlando uns aos outros, estes seguem agindo. Os materiais que constituem o corpo são água, espaço, vento, calor, e terra. Estes existem juntos (formando o corpo) de acordo com sua própria natureza. Eles se separam também segundo sua própria natureza. Espaço e vento e calor e água e terra, estes cinco objetos em um estado de união constituem o corpo. O corpo não é um elemento. Inteligência, calor estomacal, e os ares vitais, chamados Prana, etc., que são todos vento, estes três são citados como os órgãos de ação. Os sentidos, os objetos dos sentidos (isto é, som, forma, etc.), o poder (morando naqueles objetos) pelo qual eles se tornam capazes de serem percebidos, as faculdades (residentes nos sentidos) pelas quais eles conseguem percebê-los, a mente, os ares vitais chamados Prana, Apana e o resto, e os vários sucos e líquidos orgânicos que são os resultados dos órgãos digestivos, fluem dos três órgãos já citados. (Os cinco primeiros são os efeitos da inteligência; os ares vitais, do vento; e os sucos e líquidos, do calor estomacal.) Audição, tato, paladar, visão, e olfato, estes são os cinco sentidos. Eles derivam seus atributos da mente a qual, de fato, é sua causa. A mente, existindo como um atributo de Chit, tem três estados, isto é, prazer, dor, e ausência de ambos. Som, tato, forma, gosto, cheiro, e os objetos aos quais eles inerem, estes até o momento da morte são as causas da produção do conhecimento de alguém. Dos sentidos dependem todas as ações (que levam ao céu), como também a renúncia (levando à obtenção de Brahma), e também a averiguação da verdade em relação a todos os tópicos de investigação. Os eruditos dizem que a averiguação (da verdade) é o maior objetivo da existência, e que ela é a semente ou base da Emancipação; e, com relação à Inteligência, eles dizem que ela leva à Emancipação e Brahma. Aquela pessoa que considera esta união de atributos perecíveis (chamada de corpo e de objetos dos sentidos) como a Alma, sente, por tal imperfeição de conhecimento, muita miséria que também vem a ser interminável. Aquelas pessoas, por outro lado, que consideram todos os objetos mundanos como não-Alma, e que por causa disso cessam de ter qualquer afeição ou atração por eles, nunca têm que sentir qualquer tristeza, pois a tristeza no caso delas carece de alguma fundação sobre a qual se apoiar. Em relação a isto existe o ramo inigualável de conhecimento que trata da Renúncia. Ele é chamado de Samyagradha. Eu te falarei sobre ele. Escute a isto por causa de tua Emancipação. A renúncia das ações é (prescrita) para todas as pessoas que se esforçam seriamente pela Emancipação. Aqueles, no entanto, que não foram ensinados corretamente (e que por causa disso acham que tranquilidade pode ser obtida sem renúncia) têm que aguentar uma carga pesada de tristeza. Sacrifícios Védicos e outros ritos existem para a renúncia de riqueza e outras posses. Para a

renúncia de todos os prazeres existem votos e jejuns de diversos tipos. Para renúncia do prazer e felicidade existem penitências e yoga. A renúncia, no entanto, de tudo, é o tipo mais elevado de renúncia. Isso que eu agora te direi é o único caminho indicado pelos eruditos para aquela renúncia de tudo. Aqueles que se dirigem para aquele caminho (que consiste em yoga) conseguem rechaçar toda tristeza. Aqueles, no entanto, que se desviam dele colhem angústia e miséria. Falando primeiro dos cinco órgãos de conhecimento tendo a mente como o sexto, todos os quais residem na compreensão, eu irei te falar dos cinco órgãos de ação tendo a força como seu sexto. As duas mãos constituem dois órgãos de ação. As duas pernas são os dois órgãos para se mover de um lugar para outro. O órgão sexual existe para o prazer e a continuação da espécie. O ducto inferior, levando do estômago para baixo, é o órgão para a expulsão de toda a matéria usada. Os órgãos de expressão vocal existem para a expressão de sons. Saiba que estes cinco órgãos de ação concernem ou pertencem à mente. Estes são os onze órgãos de conhecimento e de ação (contando a mente). Alguém deve rapidamente rejeitar a mente com a compreensão. (Por rejeitar a mente alguém rejeita os cinco órgãos de ação. Por rejeitar sua compreensão, alguém rejeita os órgãos de conhecimento com a mente.) No ato de ouvir, três causas devem existir juntas, isto é, dois ouvidos, som, e a mente. O mesmo é o caso com a percepção de tato; o mesmo com aquela de forma; o mesmo com aquela de paladar e olfato. (Isto é, em cada uma dessas operações três causas devem existir juntas.) Estes quinze acidentes ou atributos são necessários para os vários tipos de percepção indicados. Todo homem, por causa deles, fica consciente de três coisas separadas a respeito daquelas percepções (isto é, um órgão material, sua função específica, e a mente sobre a qual aquela função age). Há também (em relação a todas as percepções da mente) três classes, isto é, aquelas que concernem à Bondade, aquelas que concernem à Paixão, e aquelas que concernem à Ignorância. Nelas passam três tipos de consciência, incluindo todos os sentimentos e emoções. Êxtases, satisfação, alegria, felicidade, e tranquilidade, surgindo na mente de alguma causa perceptível ou na ausência de qualquer causa aparente, pertencem ao atributo de Bondade. Descontentamento, desgosto, angústia, cobiça, e disposição para a vingança, sem causa ou ocasionados por alguma causa perceptível, são as indicações do atributo conhecido como Paixão. Julgamento errado, entorpecimento, negligência, sonhos, e sonolência, embora causados, pertencem ao atributo de Ignorância. Qualquer estado de consciência que exista, com respeito ao corpo ou à mente, unido com alegria ou satisfação, deve ser considerado como devido à qualidade de Bondade. Qualquer estado de consciência que exista unido com algum sentimento de descontentamento ou tristeza deve ser considerado como ocasionado por uma acessão do atributo de Paixão na mente. Qualquer estado, em relação ao corpo ou à mente, que exista com erro ou negligência, deve ser conhecido como indicativo de Ignorância a qual é incompreensível e inexplicável. O órgão de audição depende do espaço; ele é o próprio espaço (sob limitações); (o som tem aquele órgão como seu refúgio). (O som, portanto, é uma modificação do espaço.) Em perceber som, alguém pode não adquirir imediatamente um conhecimento do órgão de audição e do espaço. Mas quando som é percebido, o órgão de audição e espaço não permanecem desconhecidos por muito tempo. (Por destruir o ouvido, som e espaço podem ser

destruídos; e, finalmente, por destruir a mente tudo pode ser destruído.) O mesmo é o caso com a pele, os olhos, a língua, e o nariz constituindo o quinto. Eles existem em tato, forma, gosto, e cheiro. Eles constituem a faculdade de percepção e eles são a mente. (A inferência é que as funções sendo destruídas, os órgãos são destruídos, e a mente também é destruída, ou, a mente sendo destruída, todos são destruídos.) Cada um empenhado em sua própria função específica, todos os cinco órgãos de ação e os cinco outros de conhecimento existem juntos, e após a união dos dez a mente reside como o décimo primeiro e sobre a mente a compreensão como o décimo segundo. Se for dito que estes doze não existem juntos, então a consequência que resultaria seria a morte no sono sem sonhos. Mas como não há morte no sono sem sonhos, deve ser admitido que estes doze existem juntos em relação a si mesmos mas separadamente da Alma. A coexistência desses doze com a Alma, que é aludida em linguagem comum é somente uma forma comum de falar com os incultos para propósitos comuns no mundo. O sonhador, pelo aparecimento de impressões sensuais passadas, se torna consciente de seus sentidos em suas formas sutis, e dotado como ele já é dos três atributos (de bondade, paixão, e ignorância), ele considera seus sentidos como existindo com seus respectivos objetos e, portanto, age e se move com um corpo imaginário do mesmo modo que sua própria pessoa enquanto desperta. Esta separação da Alma da compreensão e da mente com os sentidos (resultado do sono sem sonhos), que desaparece rapidamente, que não tem estabilidade, e que a mente faz surgir somente quando influenciada pela ignorância, é a felicidade que partilha, como os eruditos dizem, da natureza da ignorância e é experimentada somente neste corpo grosseiro. (A felicidade da Emancipação seguramente difere dela.) Sobre a felicidade da Emancipação também, a felicidade a qual é despertada pelo ensino inspirado dos Vedas e na qual ninguém vê a menor traço de tristeza, a mesma ignorância indescritível e que esconde a verdade parece se espalhar (como no sono sem sonhos, mas na verdade a felicidade da Emancipação não é maculada pela ignorância). Como o que ocorre no sono sem sonhos, na Emancipação também, existências subjetivas e objetivas (de Consciência dos objetos dos sentidos, todos incluídos), que têm sua origem nas ações de uma pessoa, são todas descartadas. Em alguns, que são oprimidos por Avidya, elas existem, firmemente enxertadas com eles. Para outros que transcenderam Avidya e ganharam conhecimento, elas nunca vêm em nenhum momento. Aqueles que estão familiarizados com especulações acerca do caráter de Alma e não-Alma, dizem que esta soma total (dos sentidos, etc.) é o corpo (kshetra). Aquela coisa existente que se baseia na mente é chamada de Alma (kshetrajna). Quando tal é o caso, e quando todas as criaturas, pela causa bem conhecida (que consiste em ignorância, desejo, e ações cujo início não pode ser concebido), existem, devido também à sua natureza primária (a qual é um estado de união entre corpo e Alma), (deste dois) qual então é destrutível, e como pode aquele, (isto é, a Alma), que é citado como sendo eterno, sofrer destruição? Como pequenos rios caindo em maiores perdem suas formas e nomes, e os maiores (assim aumentados) chegando ao oceano, perdem suas formas e nomes também, do mesmo modo ocorre aquela forma de extinção de vida chamada Emancipação. (Isto é, o corpo grosseiro desaparece no sutil, o sutil na forma de existência potencial (karana), e este último na Alma Suprema.) Sendo este o caso, quando

jiva o qual é caracterizado por atributos, é recebido dentro da Alma Universal, e quando todos os seus atributos desaparecem, como ele pode ser objeto de menção por diferenciação? Alguém que conhece aquela compreensão que é dirigida para a realização da Emancipação e que procura atentamente conhecer a Alma, nunca é maculado pelos maus resultados de suas ações, assim como uma folha de lótus, embora mergulhada em água, nunca é molhada por ela. Quando alguém se torna livre dos vínculos muito fortes, muitos em número, ocasionados por afeição por filhos e cônjuges e amor por sacrifícios e outros ritos, quando alguém rejeita alegria e tristeza e transcende todas as atrações, ele então alcança o fim mais sublime e entrando na Alma Universal se torna incapaz de diferenciação. Quando uma pessoa compreendeu as declarações dos Srutis que levam a inferências corretas (sobre Brahma) e tem praticado aquelas virtudes auspiciosas que as mesmas e outras escrituras inculcam, ela pode se deitar em paz, desprezando os medos de velhice e morte. Quando ambos, méritos e pecados desaparecem, e os resultados, na forma de alegria e tristeza, surgidos deles, são destruídos, os homens, livres de tudo, se refugiam primeiro em Brahma investido com personalidade, e então contemplam Brahma impessoal em suas compreensões. Jiva no curso de sua descida sob a influência de Avidya vive aqui, (dentro de sua cela formada por ações), da mesma maneira de um bicho da seda residindo dentro de sua cela feita de fios tecidos por si mesmo. Como o bicho da seda livre que abandona sua cela, jiva também abandona sua casa gerada por suas ações. O resultado final que ocorre é que suas tristezas são então destruídas como um torrão de terra caindo com violência sobre uma massa rochosa. Como o Ruru rejeitando seus chifres velhos ou a cobra abandonando sua pele segue em frente sem atrair qualquer atenção, do mesmo modo uma pessoa que não é apegada rejeita todas as suas tristezas. Como uma ave abandona uma árvore que está prestes a cair sobre a água e assim se separando dela pousa em um (novo) lugar de descanso, do mesmo modo a pessoa livre de vínculos rejeita alegria e tristeza e dissociada até de suas formas sutis e mais sutis alcança aquele fim que é repleto da maior prosperidade. Seu próprio antepassado Janaka, ó chefe de Mithila, vendo esta cidade queimando em uma conflagração, proclamou, 'Neste incêndio nada meu está queimando'.' O rei Janadeva, tendo escutado estas palavras capazes de produzir imortalidade e proferidas por Panchasikha, e chegando à verdade depois de refletir cuidadosamente sobre tudo o que o último tinha dito, rejeitou suas tristezas e viveu no desfrute de grande felicidade. Aquele que lê este discurso, ó rei, que trata de emancipação, e que sempre reflete sobre ele, nunca é atormentado por qualquer calamidade, e, livre da tristeza, alcança a emancipação como Janadeva, o soberano de Mithila, depois de seu encontro com Panchasikha.'"

220

"Yudhishthira disse, 'Por fazer o que alguém obtém felicidade, e o que é aquilo que por fazer o qual alguém encontra com aflição? O que também é aquilo, ó

Bharata, por fazer o qual alguém se torna livre do medo e permanece aqui coroado com sucesso (em relação aos objetivos da vida)?'"

"Bhishma disse, 'Os antigos que tinham suas compreensões dirigidas para os Srutis louvavam altamente o dever de autodomínio para todas as classes em geral mas para os Brahmanas em especial. Sucesso em relação a ritos religiosos nunca ocorre no caso de alguém que não é autocontrolado. Ritos religiosos, penitências, veracidade, todos estes estão estabelecidos no autodomínio. O autodomínio aumenta a energia de alguém. O autodomínio é citado como sagrado. O homem de autodomínio se torna impecável e destemido e obtém grandes resultados. Alguém que é autocontrolado dorme alegremente e acorda alegremente. Ele permanece alegremente no mundo e sua mente sempre permanece contente. Todo tipo de excitamento é controlado calmamente pelo autodomínio. Alguém que não é autocontrolado fracassa em um esforço parecido. O homem de autodomínio olha para seus inúmeros inimigos (na forma de luxúria, desejo, e raiva, etc.), como se eles morassem em um corpo separado. Como tigres e outros animais carnívoros, pessoas desprovidas de autodomínio sempre inspiram todas as criaturas com medo. Para controlar esses homens, o Nascido por Si Mesmo (Brahman) criou reis. Em todos os (quatro) modos de vida, a prática de autodomínio é eminente sobre todas as outras virtudes. Os resultados do autodomínio são muito maiores do que aqueles obteníveis em todos os modos de vida. Eu agora mencionarei para ti as indicações daquelas pessoas que apreciam muito o autodomínio. Elas são nobreza, disposição tranquila, contentamento, fé, generosidade, simplicidade invariável, ausência de loquacidade, humildade, reverência por superiores, benevolência, compaixão por todas as criaturas, franqueza, abstenção de conversa sobre reis e homens em autoridade, de todas as conversas falsas e inúteis, e de louvores e críticas a outros. O homem autocontrolado se torna desejoso de emancipação e, suportando quietamente alegrias e aflições atuais, nunca se alegra ou deprime pelas (alegrias e aflições) aguardadas. Desprovido de desejo de vingança e de todos os tipos de fraude, e inalterado por elogio e crítica, tal homem é bem comportado, tem boas maneiras, é puro de alma, tem firmeza ou constância, e é um mestre perfeito de suas paixões. Recebendo honras neste mundo, tal homem na vida após a morte vai para o céu. Fazendo todas as criaturas adquirirem o que elas não poderiam adquirir sem sua ajuda, tal homem se regozija se torna feliz. (Dar alimento e roupas para os pobres e necessitados em tempos de escassez é referido aqui.) Dedicado à benevolência universal, tal homem nunca nutre animosidade por alguém. Tranquilo como o oceano em uma calma sem movimento, a sabedoria enche sua alma e ele nunca está alegre. Possuidor de inteligência, e merecedor de reverência universal, o homem de autodomínio nunca sente medo de alguma criatura e não é temido por alguma criatura em retorno. Aquele homem que nunca se regozija nem com grandes aquisições e que nunca sente tristeza quando oprimido pela calamidade, é citado como sendo possuidor de sabedoria contente. Tal homem é considerado como autocontrolado. De fato, tal homem é citado como um ser regenerado. Versado nas escrituras e dotado de uma alma pura, o homem de autodomínio, realizando todas aquelas ações que são feitas pelos bons, desfruta de seus resultados superiores. Aqueles, no entanto, que são de alma

pecaminosa nunca se dirigem para o caminho representado pela benevolência, perdão, tranquilidade, contentamento, gentileza de palavras, veracidade, generosidade e auxílio. Seu caminho consiste em luxúria e cólera e cobiça e inveja de outros e jactância. Subjugando luxúria e cólera, praticando o voto de Brahmacharya e se tornando um mestre completo de seus sentidos, o Brahmana, se esforçando com resistência nas mais austeras das penitências, e observando as restrições mais rígidas, deve viver neste mundo, esperando calmamente por sua hora como alguém parecendo ter um corpo embora sabendo perfeitamente que ele não está sujeito à destruição.'"

221

"Yudhishthira disse, 'As três classes regeneradas, que são dadas a sacrifícios e outros ritos, às vezes comem os restos, consistindo em carne e vinho, de sacrifícios em honra das divindades, por motivos de obter filhos e céu. Qual, ó avô, é o caráter desta ação?'"

"Bhishma disse, 'Aqueles que comem alimento proibido sem serem celebradores dos sacrifícios e votos ordenados nos Vedas são considerados como homens teimosos. (Eles são considerados como decaídos mesmo aqui.) Aqueles, por outro lado, que comem tal alimento na observância de sacrifícios e votos Védicos e induzidos pelo desejo de frutos na forma de céu e crianças, ascendem para o céu mas caem no esgotamento de seus méritos.'"

"Yudhishthira disse, 'Pessoas comuns dizem que jejuar é tapas (penitência). É o jejum, no entanto, realmente assim, ou a penitência é algo diferente?'"

"Bhishma disse, 'As pessoas consideram o jejum, medido por meses ou quinzenas ou dias, como penitência. Na opinião, no entanto, dos bons, isso não é penitência. Por outro lado, o jejum é um obstáculo para a aquisição do conhecimento da Alma. (O objetivo das duas respostas de Bhishma é mostrar que causar dor a outros (sacrificando animais) é censurável, e causar dor a si mesmo é igualmente censurável.) A renúncia das ações (que é tão difícil para todos) e humildade (consistindo no culto de todas as criaturas e consideração por todas elas) constituem a penitência mais elevada. Ela é eminente sobre todos os tipos de penitência. Aquele que se dirige para tal penitência é considerado como alguém que está sempre jejuando e que está sempre levando uma vida de Brahmacharya. Tal Brahmana será um Muni sempre, uma divindade eternamente, sem sono para sempre, e alguém dedicado somente à procura de virtude, mesmo que ele viva no seio de uma família. Ele será um vegetariano sempre, e puro para sempre. Ele sempre será um comedor de ambrosia, e um adorador de deuses e convidados. De fato, ele será considerado como alguém sempre subsistindo de restos sacrificais, como alguém sempre dedicado ao dever de hospitalidade, como alguém sempre cheio de fé, e como alguém sempre cultuando deuses e convidados.'"

"Yudhishthira disse, 'Como alguém praticando tal penitência pode vir a ser considerado como alguém que está sempre jejuando ou como alguém que está sempre dedicado ao voto de Brahmacharya, ou como alguém que está sempre subsistindo de restos sacrificais ou como alguém que é sempre atencioso com convidados?'"

"Bhishma disse, 'Ele será considerado como alguém que está sempre jejuando se ele comer uma vez durante o dia e uma vez durante a noite nas horas determinadas, sem comer nada durante o intervalo. Tal Brahmana, por sempre falar a verdade e por aderir sempre à sabedoria, e por ir até sua esposa somente na época dela e nunca em outros momentos, se torna um Brahmacharin (celibatário). Por nunca comer carne de animais não mortos para sacrifício ele se tornará um vegetariano rigoroso. Por sempre ser caridoso ele sempre será puro, e por se abster de dormir durante o dia ele se tornará alguém que está sempre desperto. Saiba, ó Yudhishthira, que aquele homem que come somente depois de ter alimentado seus empregados e convidados se torna sempre um comedor de ambrosia. Aquele Brahmana que nunca come até que os deuses e convidados estejam alimentados, ganha, por tal abstenção, o próprio céu. É citado como subsistindo de restos sacrificais aquele que come somente o que resta depois de alimentar os deuses, os Pitris, empregados, e convidados. Tais homens ganham inúmeras regiões de felicidade na próxima vida. Para suas casas vão, com o próprio Brahman, os deuses e as Apsaras. Aqueles que partilham seu alimento com as divindades e os Pitris passam seus dias em felicidade constante com seus filhos e netos e finalmente, deixando este corpo, obtêm um fim muito elevado.'"

222

"Yudhishthira disse, 'Neste mundo, ó Bharata, os atos bons e maus se ligam ao homem para o propósito de produzir resultados para desfrute ou tolerância. O homem, no entanto, deve ser considerado como seu fazedor ou ele não deve ser considerado dessa maneira? Dúvida enche minha mente com respeito a esta questão. Eu desejo ouvir isto de ti em detalhes, ó avô!'"

"Bhishma disse, 'Em relação a isto, ó Yudhishthira, é citada a antiga narrativa de uma conversa entre Prahlada e Indra. O chefe dos Daityas, isto é, Prahlada, era indiferente a todos os objetos mundanos. Seus pecados tinham sido purificados. De ascendência respeitável, ele possuía grande erudição. Livre de estupefação e orgulho, sempre observador da qualidade de bondade, e dedicado a vários votos, ele recebia louvor e crítica igualmente. Possuidor de autodomínio, ele estava então passando seu tempo em um aposento vazio. Conhecedor da origem e destruição de todos os objetos criados, móveis e imóveis, ele nunca se zangava com coisas que o desagradavam e nunca se regozijava pela acessão de objetos que eram agradáveis. Ele lançava um olhar igual sobre ouro e um pedaço de terra. Firmemente engajado no estudo da Alma e em alcançar a Emancipação, e firme em conhecimento, ele tinha chegado a conclusões fixas em relação à verdade. Conhecedor do que é supremo e do que não é assim entre as todas

coisas, onisciente e de visão universal, quando ele estava sentado um dia em um aposento solitário com seus sentidos sob controle total, Sakra se aproximou dele, e desejoso de despertá-lo, disse estas palavras, 'Ó rei, eu vejo residindo em ti permanentemente todas aquelas qualidades pelas quais uma pessoa ganha a estima de todos. Tua compreensão parece ser como aquela de uma criança, livre de atração e aversão. Tu conheces a Alma. Quais, tu pensas, são os melhores meios pelos quais um conhecimento da Alma pode ser obtido? Tu estás agora amarrado em cordas, decaído da tua posição anterior, trazido sob o domínio de teus inimigos, e desprovido de prosperidade. Tuas circunstâncias presentes são tais que podem muito bem inspirar aflição. Ainda assim como é que, ó Prahlada, tu não te entregas à aflição? É isto devido, ó filho de Diti, à aquisição de sabedoria ou é por causa da tua firmeza? Veja tuas calamidades, ó Prahlada, e contudo tu pareces com alguém que está feliz e tranquilo.' Assim incitado por Indra, o chefe dos Daityas, dotado de conclusões decisivas a respeito da verdade, respondeu ao primeiro nestas palavras gentis e indicativas de grande sabedoria.'"

"Prahlada disse, 'Aquele que não conhece a origem e a destruição de todos os objetos criados, é, por tal ignorância, entorpecido. Aquele, no entanto, que está familiarizado com estas duas coisas, nunca fica entorpecido. Todos os tipos de entidades e não-entidades tomam forma ou cessam em consequência de sua própria natureza. Nenhum tipo de esforço pessoal é necessário (para a produção de tais fenômenos). Na ausência, portanto, de esforço pessoal, é evidente que nenhum agente pessoal existe para a produção de tudo isso que nós percebemos. Mas embora (em realidade) a pessoa (ou o chit) nunca faça alguma coisa, contudo (pela influência da Ignorância) uma consciência em relação à ira se espalha sobre ela. Aquele que se considera como o fazedor de ações boas ou más, possui uma sabedoria que é contaminada. Tal pessoa não é, de acordo com meu julgamento, conhecedora da verdade. Se, ó Sakra, o ser chamado pessoa fosse realmente o ator, então todas as ações empreendidas para seu próprio benefício seriam certamente coroadas com êxito. Nenhuma daquelas ações seria malograda. Mesmo entre as pessoas que se esforçam o máximo a suspensão do que não é desejado e a ocorrência do que é desejado não são vistos. O que acontece então com o esforço pessoal? No caso de alguns, nós vemos que sem qualquer esforço de sua parte, o que não é desejado é afastado e o que é desejado é realizado. Isto então deve ser o resultado da Natureza. Algumas pessoas também são vistas apresentarem aspectos extraordinários, pois embora possuidoras de inteligência superior elas têm que pedir riqueza de outras que são comuns em aspecto e dotadas de pouca inteligência. De fato, quando as qualidades, boas ou más, entram em uma pessoa, incitadas pela natureza, que motivo há para alguém se vangloriar (de suas posses superiores)? Todas essas fluem da Natureza. Esta é minha conclusão segura. Até Emancipação e conhecimento do eu, de acordo comigo, fluem da mesma fonte."

"Neste mundo todos os resultados, bons ou maus, que se ligam às pessoas, são considerados como o resultado de ações. Eu agora te falarei integralmente sobre o assunto das ações. Ouça-me. Como um corvo, enquanto comendo algum alimento, proclama a presença daquele alimento (para os membros de sua

espécie) por crocitar repetidamente, da mesma maneira todas as nossas ações somente proclamam as indicações da Natureza. Aquele que está familiarizado somente com as transformações da Natureza mas não com a Natureza que é suprema e existe por si mesma, sente estupefação por causa de sua ignorância. Quem, no entanto, entende a diferença entre a Natureza e suas transformações nunca fica estupefato. Todas as coisas existentes têm sua origem na Natureza. Por sua certeza de convicção a este respeito, uma pessoa nunca será afetada por orgulho ou arrogância. Quando eu sei qual é a origem de todas as ordenanças de moralidade e quando eu estou familiarizado com a instabilidade de todos os objetos, eu sou incapaz, ó Sakra, de me entregar à aflição. Tudo isso é dotado de um fim. Sem afeições, sem orgulho, sem desejo e esperança, livre de todos os vínculos, e dissociado de tudo, eu estou passando meu tempo em grande felicidade, ocupado em observar o aparecimento e desaparecimento de todos os objetos criados. Para alguém que possui sabedoria, que é autocontrolado, que é contente, que é sem desejo e expectativa, e que vê todas as coisas com a luz do autoconhecimento, nenhum aborrecimento ou ansiedade existe, ó Sakra! Eu não tenho afeição ou aversão pela Natureza ou suas transformações. Eu não vejo alguém agora que é meu inimigo nem alguém que é meu próprio. Eu não cobiço, ó Sakra, em tempo algum, o céu, ou este mundo, ou as regiões inferiores. Não é o caso que não há felicidade na compreensão da Alma, mas a Alma, sendo dissociada de tudo, não pode desfrutar de felicidade. Então eu não desejo nada.'"

"Sakra disse, 'Diga-me os meios, ó Prahlada, pelos quais este tipo de sabedoria pode ser obtido e pelos quais este tipo de tranquilidade pode ser possuído por alguém. Eu te peço.'"

"Prahlada disse, 'Por simplicidade, por atenção, por purificar a Alma, por dominar as paixões, e por servir superiores idosos, ó Sakra, uma pessoa consegue alcançar a Emancipação. Saiba, no entanto, que alguém adquire sabedoria da Natureza, e que a aquisição de tranquilidade também é devido à mesma causa. De fato, tudo mais que tu percebes é devido à Natureza.'"

"Assim endereçado pelo senhor dos Daityas, Sakra se encheu de admiração, e elogiou aquelas palavras, ó rei, com um coração alegre. O senhor dos três mundos então, tendo adorado o senhor dos Daityas, se despediu e procedeu para sua própria residência.'"

223

"Yudhishthira disse, 'Diga-me, ó avô, por adotar qual tipo de inteligência pode um monarca, que foi privado de prosperidade e esmagado pela clava pesada do Tempo, ainda viver sobre esta terra.'"

"Bhishma disse, 'Em relação a isto é citada a velha narrativa da conversa entre Vasava e o filho de Virochana, Vali. Um dia Vasava, depois de ter subjugado todos os Asuras, foi até o Avô e unindo suas mãos o reverenciou e perguntou sobre o paradeiro de Vali. 'Diga-me, ó Brahman, aonde eu posso agora encontrar aquele

Vali cuja riqueza continuava não diminuída ainda que ele costumasse doá-la tão profusamente quanto ele desejava. Ele era o deus do vento. Ele era Varuna. Ele era Surya. Ele era Soma. Ele era Agni que costumava aquecer todas as criaturas. Ele se tornou água (para o uso de todos). Eu não descubro onde ele está agora. De fato, ó Brahman, me diga onde posso achar Vali agora. Antigamente, era ele quem costumava iluminar todos os pontos do horizonte (como Surya) e se pôr (quando chegava a noite). Rejeitando ociosidade, era ele quem costumava despejar chuva sobre todas as criaturas na estação apropriada. Eu agora não vejo aquele Vali. De fato, me diga, ó Brahmana, aonde eu posso encontrar aquele principal dos Asuras agora.'"

"Brahman disse, 'Não fica bem para ti, ó Maghavat, perguntar dessa maneira por Vali agora. Não se deve, no entanto, falar uma mentira quando se é questionado por outro. Por esta razão, eu te falarei do paradeiro de Vali. Ó marido de Sachi, Vali agora pode ter tomado seu nascimento entre camelos ou touros ou jumentos ou cavalos, e tendo se tornado o principal de sua espécie pode estar agora permanecendo em um apartamento vazio.'"

"Sakra disse, 'Se, ó Brahman, acontecer de eu encontrar com Vali em um apartamento vazio, eu devo matá-lo ou poupá-lo? Diga-me como eu devo agir.'"

"Brahman disse, 'Não fira Vali, ó Sakra, Vali não merece a morte. Tu deves, por outro lado, ó Vasava, solicitar instrução dele sobre moralidade, ó Sakra, como quiseres.'"

"Bhishma continuou, 'Assim endereçado pelo Criador divino, Indra vagou pela terra, sentado nas costas de Airavata e acompanhado por circunstâncias de grande esplendor. Ele conseguiu se encontrar com Vali, que, como o Criador tinha dito, estava vivendo em um apartamento vazio vestido na forma de um asno.'"

"Sakra disse, 'Tu és agora, ó Danava, nascido como um asno subsistindo de palhiço como teu alimento. Essa tua classe de nascimento é certamente uma inferior. Tu te afliges ou não por isto? Eu vejo o que eu nunca tinha visto antes, isto é, tu trazido sob o domínio de teus inimigos, privado de prosperidade e amigos, e sem energia e destreza. Antigamente, tu costumavas avançar pelos mundos com tua comitiva consistindo em milhares de veículos e milhares de parentes, e te movias para diante, chamuscando todos com teu esplendor e nos considerando como nada. Os Daityas, te considerando como seu protetor, viviam sob teu domínio. Pelo teu poder, a terra costumava produzir colheitas sem esperar por cultura. Hoje, no entanto, eu te vejo tragado por esta calamidade terrível. Tu te entregas ou não à aflição por isto? Quando antigamente tu costumavas, com orgulho refletido em teu rosto, dividir nas margens leste do oceano tua vasta riqueza entre teus parentes, qual era o estado da tua mente então? Antigamente, por muitos anos, quando resplandecente com magnificência, tu costumavas te divertir, milhares de donzelas celestes costumavam dançar diante de ti. Todas elas eram enfeitadas com guirlandas de lotos e todas tinham companheiras brilhantes como ouro. Qual, ó senhor dos Danavas, era o estado da tua mente então e qual é ele agora? Tu tinhas um guarda-sol muito grande feito de ouro e

adornado com jóias e pedras preciosas. Quarenta e dois mil Gandharvas costumavam naqueles tempos dançar diante de ti. Em teus sacrifícios tu tinhas uma estaca que era muito grande e feita totalmente de ouro. Em tais ocasiões tu doavas milhões e milhões de vacas. Qual, ó Daitya, era o estado da tua mente então? Antigamente, empenhado em sacrifício, tu percorreste a terra inteira, seguindo a regra do arremesso do Samya (um pedaço de madeira.) Qual era o estado da tua mente então? Eu agora não vejo aquele teu jarro dourado, nem aquele teu guarda-sol, nem aqueles leques. Eu não vejo também, ó rei dos Asuras, aquela tua guirlanda que te foi dada pelo Avô.'"

"Vali disse, 'Tu não vês agora, ó Vasava, meu jarro e guarda-sol e leques. Tu não vês também minha guirlanda, aquele presente do Avô. Aquelas minhas posses preciosas sobre as quais tu perguntas estão agora enterradas na escuridão de uma caverna. Quando chegar minha hora novamente, tu sem dúvida os verás novamente. Este teu comportamento, no entanto, não convém à tua fama ou nascimento. Tu mesmo em prosperidade, tu desejas zombar de mim que estou afundado em adversidade. Aqueles que adquiriram sabedoria, e obtiveram contentamento dela, aqueles que são de almas tranquilas, que são virtuosos e bons entre as criaturas, nunca se afligem em miséria nem se regozijam em felicidade. Levado, no entanto, por uma inteligência grosseira, tu te entregas à vaidade, ó Purandara! Quando tu te tornares como eu tu então não te entregarás a palavras como essas.'"

224

"Bhishma disse, 'Mais uma vez, rindo de Vali que estava suspirando como uma cobra, Sakra se dirigiu a ele para dizer alguma coisa mais penetrante do que o que tinha dito antes.'"

"Sakra disse, 'Antigamente, escoltado por uma comitiva que consistia em milhares de veículos e parentes, tu costumavas fazer teus progressos, chamuscando todos os mundos com teu esplendor e nos desdenhando. Tu estás agora, no entanto, abandonado por ambos, parentes e amigos. Vendo essa situação miserável que te alcançou, tu te abandonas ou não à aflição? Antigamente, todos os mundos estavam sob teu domínio e era grande tua alegria. Eu pergunto, tu te entregas ou não à aflição agora, por essa tua queda em relação a esplendor externo?'"

"Vali disse, 'Considerando tudo isso como transitório, devido, de fato, à passagem do tempo, ó Sakra, eu não me entrego à aflição. Essas coisas têm um fim. Estes corpos que as criaturas possuem, ó chefe dos celestiais, são todos transitórios. Por esta razão, ó Sakra, eu não sofro (por esta minha forma asinina). Nem esta forma é devido à alguma falha minha. O princípio animante e o corpo vêm à existência juntos, por sua própria natureza. Eles crescem juntos, e encontram a destruição juntos. Tendo obtido esta forma de existência eu não estou permanentemente escravizado por ela. Já que eu sei disso, eu não tenho

motivo para tristeza por causa daquele conhecimento. Como o lugar de repouso final de todos rios é o oceano, assim mesmo o fim de todas as criaturas incorporadas é a morte. Aquelas pessoas que sabem bem disso nunca são entorpecidas, ó manejador do raio! Aqueles, no entanto, que estão dominados pela Paixão e perda do bom senso, não sabem disso, aqueles cuja compreensão está perdida, afundam sob o peso da desgraça. Uma pessoa que obtém uma compreensão aguçada consegue destruir todos os seus pecados. Uma pessoa impecável adquire a qualidade de Bondade, e tendo-a adquirido se torna alegre. Aqueles, no entanto, que se afastam do atributo de Bondade, e obtêm repetidos renascimentos, são obrigados a se entregarem à tristeza e dor, levados pelo desejo e pelos objetos dos sentidos. Sucesso ou o oposto, em relação à obtenção de todos os objetos de desejo, vida ou morte, os frutos da ação que são representados por prazer ou dor, eu não gosto nem desgosto. Quando alguém mata outro, ele mata somente o corpo daquele outro. Aquele homem que pensa que é ele que mata outro, ele mesmo está morto. (A pessoa que considera a si mesma como o matador está imersa em ignorância, pois a Alma nunca é um ator.) De fato, ambos, aquele que mata e aquele que é morto, são ignorantes da verdade. Aquela pessoa, ó Maghavat, que tendo matado ou derrotado alguém se gaba de sua virilidade, deve saber que ele não é o ator, mas a ação (da qual ele se gaba) foi realizada por um agente real (que é diferente). Quando vem a pergunta quanto a quem é que causa a criação e a destruição de coisas no mundo, é geralmente considerado que alguma pessoa (que foi ela mesma causada ou criada) causou a ação (de criação ou destruição). Saiba, no entanto, que a pessoa que é assim considerada tem (como já dito) um criador. Terra, luz ou calor, espaço, água, e vento constituindo o quinto, destes surgem todas as criaturas. (Quando isto é conhecido por mim) que tristeza eu posso sentir (por esta mudança em minha condição)? Alguém que possui grande erudição, alguém que não tem muita erudição, alguém que possui força, alguém que é desprovido de força, alguém que possui beleza pessoal, e alguém que é muito feio, alguém que é afortunado e alguém que não é abençoado pela sorte, são todos varridos pelo Tempo, o qual é profundo demais para ser sondado, por sua própria energia. Quando eu sei que eu fui vencido pelo Tempo, que tristeza eu posso sentir (por essa alteração em minhas circunstâncias)? Alguém que queima algo queima uma coisa que realmente já foi queimada. Alguém que mata, somente mata uma vítima já morta. Alguém que é destruído já foi destruído antes. Algo que é adquirido por uma pessoa é aquilo ao qual já foi chegado e destinado para sua aquisição. Este Tempo é como um oceano. Não há ilha nele. Onde, de fato, é a sua outra margem? Seu limite não pode ser visto. Mesmo refletindo profundamente, eu não vejo o fim dessa corrente contínua que é o grande ordenador de todas coisas e é certamente celestial. Se eu não compreendesse que é o Tempo que destrói todas as criaturas, então, talvez, eu teria sentido as emoções de alegria e orgulho e cólera, ó marido de Sachi! Tu vens aqui para me condenar, tendo averiguado que eu estou agora portando a forma de um asno que subsiste de palhiço e que está agora passando seus dias em um lugar solitário distante das habitações de homens? Se eu desejar, agora mesmo eu posso assumir várias formas terríveis, vendo qualquer uma das quais tu baterias em retirada rapidamente da minha presença. É o Tempo que dá tudo e também tira tudo. É o Tempo que ordena

todas as coisas. Ó Sakra, não te gabe de tua virilidade. Antigamente, ó Purandara, em ocasiões de minha ira tudo costumava se tornar agitado. Eu sou conhecedor, no entanto, ó Sakra, dos atributos eternos de todas as coisas no mundo. Conheça tu também a verdade. Não te permita ficar maravilhado. A riqueza e sua origem não estão sob o controle de alguém. Tua mente parece ser como aquela de uma criança. Ela é a mesma que era antes. Abra teus olhos, ó Maghavat, e adote uma compreensão estabelecida sobre certeza e verdade. Os deuses, os homens, os Pitris, os Gandharvas, as cobras, e os Rakshasas, estavam todos sob meu domínio nos tempos passados. Tu sabes disto, ó Vasava! Com suas compreensões estupefatas pela ignorância, todas as criaturas costumavam me lisonjear, dizendo, 'Saudações àquele ponto do horizonte onde o filho de Virochana, Vali possa estar residindo agora!' Ó marido de Sachi, eu não sofro em absoluto quando eu penso naquela honra (que não é mais prestada a mim). Eu não sinto tristeza por esta minha queda. Minha compreensão é firme a este respeito, isto é, que eu viverei obediente ao domínio do Ordenador. É visto que alguém de nascimento nobre, possuidor de belas feições, e dotado de grande destreza, vive em miséria, com todos os seus conselheiros e amigos. Isto acontece por causa disto ter sido ordenado. Similarmente, alguém nascido em uma linhagem ignóbil, desprovido de conhecimento, e até com uma mácula em seu nascimento, é visto, ó Sakra, viver em felicidade com todos os seus conselheiros e amigos.Isto também acontece por ter sido ordenado. Uma mulher bela e auspiciosa, ó Sakra, é vista passar sua vida em miséria. Similarmente, uma mulher feia com todas as marcas inauspiciosas é vista passar seus dias em grande felicidade. Isso que nós nos tornamos agora não é devido a algum ato nosso, ó Sakra! Que tu és assim agora não é devido, ó manejador do raio, à qualquer ação tua. Tu não fizeste alguma coisa, ó tu de cem sacrifícios, pela qual tu estás agora desfrutando dessa afluência. Nem eu fiz algo pelo qual eu estou agora privado de afluência. Afluência e seu oposto vêm um depois do outro. Eu agora te vejo brilhando com esplendor, dotado de prosperidade, possuidor de beleza, colocado na liderança de todas as divindades, e bramindo dessa maneira para mim. Isto nunca seria exceto pelo fato do Tempo que estava próximo ter depois me atacado. De fato, se o Tempo não tivesse me atacado, eu hoje teria te matado somente com um golpe de meus punhos apesar do fato de tu estares armado com o trovão. Esta, no entanto, não é a hora para empregar minha bravura. Por outro lado, o tempo que chegou é para adotar um comportamento de paz e tranquilidade. É o Tempo que estabelece todas as coisas. O Tempo trabalha sobre todas as coisas e as leva para sua consumação final. (Literalmente, 'O Tempo cozinha tudo'.) Eu era o adorado senhor dos Danavas. Queimando tudo com minha energia, eu costumava rugir em força e orgulho. Quando o Tempo atacou até a mim mesmo, quem ele não atacará? Antigamente, ó chefe das divindades, sozinho eu suportava a energia de todos os doze Adityas ilustres contigo mesmo entre eles. Era eu que costumava carregar água e então despejá-la como chuva, ó Vasava! Era eu que costumava dar luz e calor aos três mundos. Era eu que costumava proteger e era eu que costumava destruir. Era eu quem dava e era eu quem tirava. Era eu que costumava atar e era eu que costumava desatar. Em todos os mundos eu era o único mestre poderoso. Aquele domínio soberano que eu tinha, ó chefe dos celestiais, não existe mais. Eu estou agora

vituperado pelas forças do Tempo. Aquelas coisas, portanto, não são mais vistas brilharem em mim. Eu não sou o fazedor (dos atos que são aparentemente feitos por mim). Tu não és o fazedor (dos atos feitos por ti). Ninguém mais, ó marido de Sachi, é o fazedor (daqueles atos). É o Tempo, ó Sakra, que protege ou destrói todas as coisas. Pessoas familiarizadas com os Vedas dizem que o Tempo (Eternidade) é Brahma. As quinzenas e meses são seu corpo. Aquele corpo é coberto com dias e noites como seus mantos. As estações são seus sentidos. O ano é sua boca. Algumas pessoas, por sua inteligência superior, dizem que tudo isso (todo o universo) deve ser concebido como Brahma. Os Vedas, no entanto, ensinam que os cinco revestimentos que envolvem a Alma devem ser considerados como Brahma. Brahma é profundo e inacessível como um vasto oceano de águas. É dito que ele não tem nem início nem fim, e que ele é indestrutível e destrutível. (Brahma é indestrutível como jiva ou Alma, e é destrutível como manifestado na forma de não-Eu.) Embora ele seja sem atributos por si mesmo, ainda assim ele entra em todos os objetos existentes e como tal assume atributos. Aquelas pessoas que conhecem a verdade consideram Brahma como eterno. Pela ação da Ignorância, Brahma faz os atributos de materialidade envolverem o Chit ou Alma o qual é espírito imaterial (tendo somente o conhecimento como seu atributo). Aquela materialidade, no entanto, não é o atributo essencial da Alma, pois após o aparecimento de um conhecimento da causa verdadeira de tudo, aquela materialidade cessa de envolver a Alma. Brahma na forma de Tempo é o refúgio de todas as criaturas. Onde tu irias transcender o Tempo? O Tempo ou Brahma, de fato, não pode ser evitado nem por correr nem por ficar imóvel. Todos os cinco sentidos são incapazes de perceber Brahma. Alguns dizem que Brahma é Fogo; alguns que ele é Prajapati; alguns que ele é as Estações; alguns que ele é o Mês; alguns que ele é a Quinzena; alguns que ele é os Dias; alguns que ele é as Horas; alguns que ele é a Manhã; alguns que ele é o Meio-dia; alguns que ele é a Noite; e alguns que ele é o Momento. Assim diversas pessoas falam diversamente dele que é único. Saiba que ele é a Eternidade, sob cujo domínio estão todas as coisas. Muitos milhares de Indras passaram, ó Vasava, cada um dos quais era possuidor de grande força e destreza. Tu também, ó marido de Sachi, terás que passar da mesma maneira. A ti, também, ó Sakra, que és possuidor de poder superior e que és o chefe das divindades, quando tua hora chegar, o Tempo todo-poderoso extinguirá! O Tempo varre todas as coisas. Por esta razão, ó Indra, não te vanglorie. O Tempo não pode ser aquietado nem por ti ou por mim ou por aqueles que passaram antes de nós. Esta prosperidade real que tu alcançaste e que tu pensas estar além de comparação, antigamente era possuída por mim. Ela é insubstancial e irreal. Ela não mora muito tempo em um lugar. De fato, ela morou em milhares de Indras antes de ti, todos os quais, também, eram muitíssimo superiores a ti. Instável como ela é, me abandonando ela agora se aproximou de ti, ó chefe das divindades! Ó Sakra, não te entregue a tal jactância novamente. Cabe a ti te tornares tranquilo. Sabendo que tu és cheio de vaidade, ela logo te abandonará.'"

225

"Bhishma disse, 'Depois disso, aquele de cem sacrifícios viu a deusa da Prosperidade, em sua própria forma incorporada que brilhava em esplendor, sair da forma de Vali de grande alma. O ilustre castigador de Paka, vendo a deusa brilhando com radiância, se dirigiu a Vali nessas palavras, com olhos arregalados de admiração.'"

"Sakra disse, 'Ó Vali, quem é esta, assim brilhando com esplendor, assim enfeitada com plumas, assim adornada com pulseiras douradas na parte superior de seus braços, e emitindo dessa maneira um halo de glória por todos os lados por sua energia que está saindo do teu corpo?'"

"Vali disse, 'Eu não sei se ela é uma donzela Asura ou uma celestial ou uma humana. Tu podes questioná-la tu mesmo. Faça o que te agradar.'"

"Sakra disse, 'Ó tu de doces sorrisos, quem és tu que és possuidora de tal brilho e adornada com plumas que emerges dessa maneira do corpo de Vali? Eu não te conheço. Bondosamente me diga teu nome. Quem, de fato, és tu que estás aqui como a própria Maya, brilhando com teu próprio esplendor, depois de ter abandonado o senhor dos Daityas? Ó, diga-me isto conforme eu te perguntei.'"

"Sree disse, 'Virochana não me conhece. Este Vali que é o filho de Virochana também não me conhece. Os eruditos me chamam pelo nome de Duhshaha (alguém que é mantido com grande dificuldade). Alguns me conhecem pelo nome de Vidhitsa, (literalmente, o desejo por ação, então fartura ou abundância que é o resultado de ação ou labor). Eu tenho outros nomes também, ó Vasava! Eles são Bhuti, Lakshmi, e Sree. (Todos esses nomes implicam abundância e prosperidade.) Tu não me conheces, ó Sakra, nem alguma entre as divindades me conhece.'"

"Sakra disse, 'Ó dama que é difícil de ser mantida, por que tu abandonas Vali agora depois de teres vivido nele por um longo tempo? Isto é devido a alguma ação minha ou é devido a alguma ação que Vali tem feito?'"

"Sree disse, 'Nem o Criador nem o Ordenador me governam. É o Tempo que me move de um lugar para outro. Ó Sakra, não desrespeite Vali.'"

"Sakra disse, 'Por que razão, ó deusa adornada com plumas, você abandona Vali? Por que também você se aproxima de mim (para viver em mim)? Diga-me isto, ó tu de doces sorrisos!'"

'Sree disse, 'Eu vivo na verdade, na caridade, em bons votos, em penitências, em destreza, e em virtude. Vali decaiu de todos esses. Antigamente, ele era devotado aos Brahmanas. Ele era sincero e tinha controlado suas paixões. Ultimamente, no entanto, ele começou a nutrir sentimentos de animosidade em direção aos Brahmanas e tocou manteiga clarificada com mãos sujas. (Isto é, com mãos não lavadas depois de se erguer de suas refeições ou enquanto continuando com suas refeições.) Antigamente, ele estava sempre empenhado na

realização de sacrifícios. Finalmente, cegado pela ignorância e afligido pelo Tempo ele começou a se gabar perante todas as pessoas, dizendo que suas adorações em direção a mim eram incessantes. Abandonando-o (por causa dessas falhas) eu morarei em ti de agora em diante, ó Sakra. Tu deves me manter sem negligência, e com penitências e destreza.'"

"Sakra disse, 'Ó tu que moras em meio a lotos, não há uma única pessoa entre deuses, homens, e todas as criaturas, que possa te possuir para sempre.'"

"Sree disse, 'Realmente, ó Purandara, não há ninguém entre deuses, Gandharvas, Asuras, ou Rakshasas, que possa me manter para sempre.'"

"Sakra disse, 'Ó dama auspiciosa, me diga como eu devo me comportar para que tu possas morar em mim sempre. Eu certamente obedecerei tuas ordens. Cabe a ti me responder verdadeiramente.'"

"Sree disse, 'Ó chefe das divindades, eu te direi como eu poderei ser permitida morar em ti sempre. Me divida em quatro partes de acordo com a ordenança declarada nos Vedas.'"

"Sakra disse, 'Eu atribuirei as habitações de acordo com sua força e poder em te manter. Com relação a mim, eu sempre tomarei cuidado, ó Lakshmi, para que eu não possa te ofender de nenhuma maneira. Entre homens, a terra, aquela progenitora de todas as coisas, mantém todos eles. Ela manterá uma quarta parte de ti. Eu penso que ela tem a força para fazer isso.'"

"Sree disse, 'Aqui, eu entrego um quarto de mim mesma. Que ele seja estabelecido sobre a terra. Depois disto, faça um arranjo apropriado, ó Sakra, para o meu segundo quarto.'"

"Sakra disse, 'As águas, entre homens, em sua forma líquida, fazes vários serviços para os seres humanos. Que as águas tenham uma quarta parte de tua pessoa. Elas têm a força para manter uma porção tua.'"

"Sree disse, 'Eu entrego outro quarto meu que deve ser estabelecido nas águas. Depois disto, ó Sakra, designe um lugar apropriado para o meu terceiro quarto.'"

"Sakra disse, 'Os Vedas, os sacrifícios, e as divindades estão todos estabelecidos no Fogo. O Fogo manterá teu terceiro quarto, quando este for colocado nele.'"

"Sree disse, 'Aqui eu entrego meu terceiro quarto o qual é para ser colocado no Fogo. Ó Sakra, depois disto, atribua um lugar apropriado para o meu último quarto.'"

"Sakra disse, 'Aqueles que são bons entre homens, devotados aos Brahmanas, e verdadeiros em palavras, podem manter tua última quarta parte. Os bons têm o poder para mantê-la.'"

"Sree disse, 'Aqui eu entrego a minha quarta parte que é para ser colocada entre os bons. Minhas porções assim designadas para diferentes criaturas, continue a me proteger, ó Sakra.'"

"Sakra disse, 'Escute estas minhas palavras. Eu te distribuí dessa maneira entre diferentes criaturas. Aquelas entre as criaturas que pecarem contra ti serão castigadas por mim.' O chefe dos Daityas, isto é, Vali, assim abandonado por Sree, então disse estas palavras.'"

"Vali disse, 'No momento o Sol brilha tanto no leste como no oeste, e tanto no norte como no sul. Quando, no entanto, o Sol, se retirando de todos os lados, brilhar somente sobre a região de Brahman situada no meio de Sumeru, então novamente ocorrerá uma grande batalha entre os deuses e os Asuras, e naquela batalha eu seguramente derrotarei todos vocês. Quando o Sol, se retirando de todos os lados, brilhar fixamente somente sobre a região de Brahman, então novamente ocorrerá uma grande luta entre os deuses e os Asuras, e naquela luta eu certamente vencerei todos vocês.'"

(O comentador explica que de acordo com a teoria Purânica, o mundo está situado todo em volta das montanhas de Meru. A região de Brahman está localizada em seu topo. O sol viaja em volta de Meru e brilha sobre todas as direções ou pontos do horizonte. Isso acontece na era chamada de Vaivaswata Manwantara (a era ou época de Manu o filho de Vivaswat). Mas depois da passagem dessa era, quando chegar o Savarnika Manwantara, o sol brilhará somente sobre a região no topo de Meru, e por toda parte haverá escuridão.)

"Sakra disse, 'Brahman me ordenou dizendo que eu nunca deveria te matar. É por esta razão, ó Vali, que eu não arremesso meu raio sobre tua cabeça. Vá para onde quer que tu querias, ó chefe dos Daityas! Ó grande Asura, paz para ti! Não virá época quando o Sol brilhará somente do meridiano. O Auto-nascido (Brahman) antes disso ordenou as leis que regulam os movimentos do Sol. Dando luz e calor para todas as criaturas, ele segue em frente sem cessar. Por seis meses ele viaja em uma direção norte e então nos outros seis em uma direção sul. O sol viaja por estas direções (uma depois da outra), criando inverno e verão para todas as criaturas.'"

"Bhishma continuou, 'Assim endereçado por Indra, ó Bharata, Vali, o chefe dos Daityas, foi para o sul. Purandara procedeu em direção ao norte. Indra de mil olhos, depois de ter escutado aquele discurso de Vali que era caracterizado por uma total ausência de orgulho, então ascendeu aos céus.'"

226

"Bhishma disse, 'Em relação a isto também é citada a antiga narrativa da conversa entre aquele de cem sacrifícios e o Asura Namuchi, ó Yudhishthira. Quando o Asura Namuchi, que estava familiarizado com o nascimento e a morte de todas as criaturas, estava sentado, privado de prosperidade mas de coração imperturbado, como o vasto oceano em perfeita tranquilidade, Purandara

endereçou a ele estas palavras: 'Decaído do teu lugar, amarrado com cordas, trazido sob o domínio de teus inimigos, e privado de prosperidade, tu, ó Namuchi, te entregas à dor ou passas teus dias alegremente?'"

"Namuchi respondeu, 'Por ceder à tal tristeza que não pode ser repelida alguém somente perde o próprio corpo e alegra seus inimigos. Então, também, ninguém pode aliviar a tristeza de outro por tomar alguma parte dela sobre si. Por essas razões, ó Sakra, eu não me entrego à tristeza. Tudo isso que tu vês tem um fim. (Isto é, todas as coisas são destrutíveis em vez de serem eternas.) Indulgência em tristeza destrói beleza pessoal, prosperidade, vida, e a própria virtude, ó chefe das divindades! Sem dúvida, suprimindo aquela tristeza que vem sobre si mesmo e que nasce de uma disposição imprópria da mente, alguém possuidor de conhecimento verdadeiro deve refletir em sua mente a respeito daquilo que é produtivo do maior bem e que mora no próprio coração. Quando alguém coloca sua mente no que é para o seu maior bem, sem dúvida, o resultado que ocorre é que todos os seus objetivos são realizados. (Como explicado anteriormente, alguém que se esforça para obter Emancipação deve se dirigir ao yoga. Como uma consequência de yoga, ele adquire (sem desejá-los) muitos poderes extraordinários. A realização de seus objetivos então segue-se como uma coisa natural.) Há Um Ordenador, e nenhum segundo. Seu controle se estende sobre o ser que se encontra dentro do útero. Controlado pelo grande Ordenador eu sigo como Ele me determina, como água correndo por um caminho para baixo. Sabendo o que é existência e o que é emancipação, e compreendendo também que a última é superior à primeira, eu, no entanto, não me esforço para alcançá-la. Fazendo ações que tendem em direção à virtude e também aquelas que tendem para a direção oposta, eu sigo em frente como Ele me determina. Alguém consegue aquelas coisas que estão ordenadas para serem conseguidas. Aquilo que é para acontecer realmente acontece. Alguém tem que residir repetidamente em tais úteros nos quais ele é colocado pelo Ordenador. Ele não tem escolha na questão. Nunca fica entorpecida aquela pessoa que, quando colocada em qualquer condição específica, a aceita como aquela na qual ela foi ordenada estar. Homens são afetados por prazer e dor que vêm em turnos no decorrer do Tempo. Não há ação pessoal (na questão de prazer ou dor para alguém). Nisto existe tristeza, isto é, que aquele que tem aversão à tristeza se considera como o ator. (O sentido é este: um homem sábio nunca se considera como o ator, e então nunca sente tristeza. Qualquer tristeza que o alcança ele observa impassível e a aceita como o resultado do que foi ordenado. Não é assim com o homem tolo. Ele se julga o ator e considera a tristeza como o resultado de seus próprios atos. Então, ele não pode observá-la indiferente. Tristeza, portanto, se encontra em alguém se considerar como o ator, o verdadeiro ponto de vista sendo que uma pessoa em vez de ser um ator é somente um instrumento nas mãos do grande Ordenador.) Entre Rishis, deuses, grandes Asuras, pessoas totalmente conhecedoras dos três Vedas, e ascetas na floresta, de quem as calamidades não se aproximam? Aqueles, no entanto, que conhecem a Alma e o que é não-Alma nunca temem calamidades. A pessoa de sabedoria, permanecendo naturalmente imóvel como Himavat, nunca cede à raiva; nunca se permite ser vinculada aos objetos dos sentidos; nunca enlanguesce na tristeza ou se regozija na felicidade.

Quando oprimida mesmo até pelas maiores aflições, tal pessoa nunca se entrega à aflição. É muito superior aquela pessoa a quem mesmo o maior sucesso não pode alegrar e até calamidades terríveis não podem afligir, e que tolera prazer e dor, e aquilo que há entre ambos, com um coração inabalável. Em qualquer condição que uma pessoa possa cair, ela deve convocar contentamento sem se entregar à tristeza. De fato, dessa maneira alguém deve afastar de si mesmo a dor crescente que é nascida na mente e que, (se não for dissipada), sem dúvida causará dor. Aquela assembléia de pessoas eruditas envolvidas em discussão a respeito de deveres baseados nos Srutis e nos Smritis não é uma boa assembléia, de fato, ela não merece ser chamada pelo nome de assembléia, entrando na qual um homem pecaminoso não se torna tomado pelo medo (nascido de seus atos maus). É o principal homem de sua espécie aquele que tendo sondado e investigado a retidão consegue agir de acordo com as conclusões às quais ele chega. (O objetivo deste verso é mostrar que conclusões corretas em relação aos deveres são muito raras.) As ações de um homem sábio não são facilmente compreensíveis. Aquele que é sábio nunca fica entorpecido quando desgraças caem sobre ele. Mesmo que ele decaia de sua posição como Gautama em sua velhice, por calamidade muito grande, ele não se permite ser entorpecido. (Este é um golpe duro, o ouvinte, isto é, Indra, tinha violado, sob circunstâncias da mais perversa fraude, a castidade da esposa de Gautama, Ahalya. Gautama teve que punir sua esposa por transformá-la em uma pedra. Essa punição, no entanto, teve um efeito sobre Gautama visto que ela pôs um fim à sua carga de uma vida familiar. Apesar de tal aflição terrível Gautama não permitiu que seu contentamento partisse de seu coração. O efeito da alusão é dizer a Indra que o orador não é como ele mas como Gautama, isto é, que Namuchi não era o escravo de suas paixões mas que ele o mestre de seus sentidos.) Por qualquer um desses, isto é, mantras, força, energia, sabedoria, destreza, comportamento, conduta, ou a afluência de riqueza, uma pessoa pode adquirir aquilo que não foi ordenado para ser adquirido por ela? Que tristeza então há pela não aquisição daquilo no qual alguém colocou seu coração? Antes que eu nascesse, aqueles que têm a questão em suas mãos tinham ordenado o que eu deveria fazer e sofrer. Eu estou realizando o que foi dessa maneira ordenado para mim. O que então a morte pode fazer para mim? Alguém obtém somente aquilo que foi ordenado para ser obtido. Alguém vai para aquela parte onde foi ordenado que ele é para ir. São obtidas aquelas tristezas e alegrias que estão ordenadas para serem obtidas. O homem que sabendo disso perfeitamente, não se permite ser entorpecido, e que está contente sob felicidade e tristeza, é considerado como o principal de sua espécie.'"

227

"Yudhishthira disse, 'O que, de fato, é bom para um homem que está caído em infortúnio terrível, quando perda de amigos ou perda de reino, ó monarca, ocorreu? Neste mundo, ó touro da raça Bharata, tu és o principal de nossos instrutores. Eu te pergunto isto. Cabe a ti me dizer o que eu perguntei.'"

"Bhishma disse, 'Para alguém que foi privado de filhos e esposas e prazeres de todos os tipos e riqueza, e está mergulhado em angústia terrível, a firmeza é o maior bem, ó rei! Nunca está emaciado o corpo de alguém que é sempre possuidor de firmeza. Não se afligir traz felicidade, e também saúde que é uma posse superior. Pela saúde do corpo, alguém pode obter prosperidade novamente. Aquele homem sábio, ó majestade, que adere a uma direção de conduta correta (enquanto afligido pelo infortúnio) consegue adquirir prosperidade, paciência, e perseverança na realização de todos os seus objetivos. Em relação isto é mais uma vez citada a antiga narrativa da conversa entre Vali e Vasava, ó Yudhishthira! Depois que a batalha entre os deuses e os Asuras, na qual um grande número de Daityas e Danavas morreu, tinha acabado, Vali se tornou rei. Ele foi enganado por Vishnu que uma vez mais estabeleceu seu domínio sobre todos os mundos. Ele de cem sacrifícios foi mais uma vez empossado com a soberania das divindades. Depois que o governo das divindades tinha sido assim restabelecido, e as quatro classes de homens tinham sido restabelecidas na prática de seus respectivos rumos de dever, os três mundos mais uma vez cresceram com prosperidade, e o Auto-nascido ficou muito contente. Naquele tempo, acompanhado pelos Rudras, os Vasus, os Adityas, os Aswins, os Rishis celestes, os Gandharvas, os Siddhas, e outras classes de seres superiores, o poderoso Sakra, sentado em esplendor sobre seu príncipe de elefantes de quatro presas chamado Airavata, fez uma jornada por todos os mundos. Um dia, enquanto assim empenhado, o manejador do raio viu o filho de Virochana, Vali, dentro de certa caverna de montanha no litoral. Vendo o príncipe dos Danavas, ele se aproximou dele. Vendo o chefe das divindades, isto é, Indra, assim sentado nas costas de Airavata e cercado pelas várias classes dos celestiais, o príncipe dos Daityas não mostrou sinais de tristeza ou agitação. Indra também, vendo Vali permanecer impassível e destemido, se dirigiu a ele das costas do seu principal dos elefantes, dizendo, 'Como é, ó Daitya, que tu estás assim impassível? É isto devido ao teu heroísmo ou por tu teres servido com reverência pessoas idosas? Isto é devido à tua mente ter sido purificada por penitências? À qualquer causa que isto seja devido, este estado de espírito é certamente muito difícil de ser alcançado. Lançado de uma posição que era certamente a mais alta, tu estás agora privado de todas as tuas posses, e tu foste trazido sob o domínio de teus inimigos. Ó filho de Virochana, o que é aquilo por teres recorrido ao qual tu não sofres embora a ocasião seja para aflição? Antigamente, quando tu estavas na posse da soberania da tua própria classe, prazeres inigualáveis eram teus. Agora, no entanto, tu estás privado de tua riqueza e jóias e soberania. Diga-nos por que estás assim inalterado. Tu eras antes disso um deus, sentado no trono de teu pai e avôs. Vendo a ti mesmo hoje despojado por teus inimigos, por que tu não te afliges? Tu estás atado no laço de Varuna e foste atingido por meu raio. Tuas esposas foram tiradas e tua riqueza também. Diga-nos por que tu não te entregas à dor. Privado de prosperidade e decaído da afluência, tu não cedes à angústia. Isto, de fato, é algo que é muito notável. Quem mais, ó Vali, além de alguém como tu, ousaria suportar o peso da existência depois de ser despojado da soberania dos três mundos?' Ouvindo sem nenhum sofrimento essas e outras palavras cortantes que Indra endereçou a ele, enquanto afirmando sua própria superioridade sobre ele, Vali, o filho de Virochana,

respondeu destemidamente para seu interrogador, dizendo as seguintes palavras.'"

"Vali disse, 'Quando calamidades têm me oprimido, ó Sakra, o que tu ganhas com tal jactância agora? Hoje eu te vejo, ó Purandara, diante de mim com o raio erguido em tua mão! Antigamente, no entanto, tu não podias te comportar dessa maneira. Agora de alguma maneira tu ganhaste aquele poder. De fato, quem mais além de ti poderia proferir tais palavras cruéis? Aquela pessoa que, embora capaz de punir, mostra compaixão em direção a um inimigo heróico derrotado e trazido sob seu domínio, é realmente um indivíduo muito superior. Quando duas pessoas lutam, vitória em combate é certamente duvidosa. Uma das duas certamente se torna vitoriosa, e a outra vem a ser derrotada. Ó chefe das divindades, não deixe que tua disposição seja assim! Não imagine que tu te tornaste o soberano de todas as criaturas depois de ter conquistado todos com teu poder e destreza! Aquilo que nós nos tornamos, ó Sakra, não é o resultado de alguma ação nossa. Que tu te tornaste assim, ó manejador do raio, não é o resultado de algum ato teu. O que eu sou agora tu serás no futuro. Não me desconsidere, pensando que tu fizeste uma façanha extremamente difícil. Uma pessoa obtém felicidade e miséria uma depois da outra no decorrer do Tempo. Tu, ó Sakra, obtiveste a soberania do universo no curso do Tempo, mas não por causa de algum mérito especial em ti. É o Tempo que me leva em seu curso. Este mesmo Tempo também te leva para diante. É por isso que eu não sou o que tu és hoje, e tu também não és o que nós somos! Serviços respeitosos feitos aos pais, culto reverente das divindades, prática devida de alguma boa qualidade, nenhum destes pode outorgar felicidade a alguém. Nem conhecimento, nem penitências, nem caridade, nem amigos, nem parentes podem resgatar alguém que está afligido pelo Tempo. Homens não podem evitar, mesmo por mil recursos, uma calamidade iminente. Inteligência e força são inúteis em tais casos. Não há um salvador de homens que estão afligidos pelo curso do Tempo. Que tu, ó Sakra, te considerasses como o ator jaz na base de toda tristeza. Se o pretenso fazedor de uma ação é ator real dela, aquele fazedor então não seria ele mesmo o trabalho de alguém mais (isto é, o Ser Supremo). Então, porque o fazedor aparente é ele mesmo o produto de outro, aquele outro é o Ser Supremo acima de quem não há nada superior. Ajudado pelo Tempo eu te derrotei. Ajudado pelo Tempo tu me derrotaste. É o Tempo que é o movedor de todos os seres que se movem. É o Tempo que destrói todos os seres. Ó Indra, por tua inteligência ser de uma espécie vulgar tu não vês que a destruição espera todas as coisas. Alguns, de fato, te consideram altamente como alguém que adquiriu por suas próprias ações a soberania do universo. Apesar de tudo isso, como pode alguém como nós que conhece o rumo do mundo, se entregar ao pesar por ter sido afligido pelo Tempo, ou permitir que nossa compreensão seja entorpecida, ou ceder à influência do erro? A minha compreensão ou aquela de alguém como eu, mesmo quando nós estamos oprimidos pelo Tempo, entrando em contato com uma calamidade, se permitirá ser destruída como um barco naufragado no mar? Eu mesmo, tu, e todos aqueles que no futuro se tornarão chefes das divindades teremos, ó Sakra, que seguir o caminho pelo qual centenas de Indras seguiram antes de ti. Quando tua hora amadurecer, o Tempo sem dúvida te destruirá como eu, tu que és agora tão

invencível e que agora brilhas com esplendor sem igual. No decorrer do Tempo muitos milhares de Indras e de divindades são varridos yuga após yuga. O Tempo, de fato, é irresistível. Tendo obtido tua posição atual, tu te consideras muito, assim como o Criador de todos os seres, o divino e eterno Brahman. Essa tua posição foi alcançada por muitos antes de ti. Com ninguém ela demonstrou ser estável ou interminável. Por causa, no entanto, de uma compreensão superficial, só tu a consideras como imutável e eterna. Tu confias naquilo que não é merecedor de confiança. Tu julgas eterno aquilo que não é eterno. Ó chefe das divindades, alguém que está dominado e estupefato pelo Tempo realmente se considera dessa maneira. Levado pela insensatez tu consideras essa tua atual prosperidade régia como tua. Saiba, no entanto, que ela nunca é estável em relação a ti ou a mim ou outros. Ela pertenceu a inúmeras pessoas antes de ti. Passando por elas, ela agora se tornou tua. Ela ficará contigo, ó Vasava, por algum tempo e então demonstrará sua instabilidade. Como uma vaca abandonando uma vala de beber por outra, ela sem dúvida te abandonará por outro alguém. Tantos soberanos se foram antes de ti que eu não me arrisco a fazer uma enumeração. No futuro também, ó Purandara, inumeráveis soberanos se erguerão depois de ti. Eu não vejo agora aqueles soberanos que antigamente desfrutaram dessa terra com suas árvores e plantas e pedras preciosas e criaturas vivas e águas e minas. Prithu, Aila, Maya, Bhima, Naraka, Samvara, Aswagriva, Puloman, Swarbhanu, cujo estandarte era de uma altura imensurável, Prahlada, Namuchi, Daksha, Vipprachitti, Virochana, Hrinisheva, Suhotra, Bhurihan, Pushavat, Vrisha, Satyepsu, Rishava, Vahu, Kapilaswa, Virupaka, Vana, Kartaswara, Vahni, Viswadanshtra, Nairiti, Sankocha, Varitaksha, Varaha, Aswa, Ruchiprabha, Viswajit, Pratirupa, Vrishanda, Vishkara, Madhu, Hiranyakasipu, o Danava Kaitabha, e muitos outros que eram Daityas e Danavas e Rakshasas, esses e muitos mais não citados, pertencentes a épocas remotas e ainda mais remotas, grandes Daityas e principais dos Danavas, cujos nomes nós temos ouvido, de fato, muitos principais dos Daityas dos tempos antigos, tendo partido, deixaram a Terra. Todos eles foram afligidos pelo Tempo. O Tempo demonstrou ser mais forte do que todos eles. Todos eles tinham adorado o Criador em centenas de sacrifícios. Tu não és a única pessoa que fez isso. Todos eles eram devotados à justiça e todos sempre realizavam sacrifícios grandiosos. Todos eles eram capazes de viajar pelos céus, e todos eram heróis que nunca mostravam suas costas em batalha. Todos eles tinham corpos muito fortes e todos tinham braços que pareciam com pesadas clavas. Todos eles eram mestres de centenas de ilusões, e todos podiam assumir qualquer forma que desejassem. Nós nunca ouvimos que tendo se envolvido em batalha algum deles alguma vez sofreu uma derrota. Todos eles eram firmes cumpridores do voto de veracidade, e todos se divertiam como eles desejavam. Dedicados aos Vedas e ritos Védicos, todos eles eram possuidores de grande erudição. Possuidores de grande poder, todos eles tinham obtido a maior prosperidade e riqueza. Mas nenhum daqueles soberanos de grande alma tinha o menor traço de orgulho por causa da soberania. Todos eles eram generosos, dando a cada um o que cada um merecia. Todos eles se comportaram devidamente e apropriadamente em direção a todas as criaturas. Todos eles eram a progênie das filhas de Daksha. Dotados de grande força, todos eram senhores da criação. Chamuscando todas as coisas com a energia todos

eles brilhavam com esplendor. Ainda assim todos eles foram varridos pelo tempo. Em relação a ti, ó Sakra, é evidente que quando tu tiveres, depois de desfrutar da terra, que deixá-la, tu não serás capaz de controlar tua aflição. Rejeite este desejo que tu nutres por objetos de afeição e prazer. Rejeite este orgulho que é nascido da prosperidade. Se tu agires dessa maneira, tu então poderás suportar a dor que está ligada à perda de soberania. Quando chega a hora de tristeza, não ceda à tristeza. Similarmente, quando chega a hora de alegria, não te regozije. Desconsiderando o passado e o futuro, viva contente com o presente. Quando o Tempo que nunca dorme veio sobre mim que sempre estava atento aos meus deveres, dirija teu coração aos caminhos de paz, ó Indra, porque aquele mesmo Tempo logo virá sobre ti! Tu me perfuras com tuas palavras, e tu pareces estar decidido a inspirar medo em mim. De fato, me encontrando sereno, tu consideras muito tua própria pessoa. O Tempo me atacou primeiro. Ele está agora mesmo atrás de ti. Eu fui inicialmente derrotado pelo Tempo. E foi por essa razão que tu depois conseguiste me derrotar, pelo que tu bradas em orgulho dessa maneira. Antigamente, quando acontecia de eu me zangar, qual pessoa sobre a terra poderia resistir diante de mim em batalha? O Tempo, no entanto, é mais forte. Ele me subjugou. É por essa razão, ó Vasava, que tu és capaz de resistir perante mim! Aqueles mil (anos celestes), que são a extensão de teu domínio, com certeza acabarão. Tu então cairás e teus membros se tornarão tão miseráveis quanto os meus agora, embora eu seja possuidor de energia imensa. Eu decaí da posição elevada que é ocupada pelo soberano dos três mundos. Tu és agora o Indra vigente no céu. Neste mundo encantador de seres vivos, tu és agora, por causa da passagem do Tempo, um objeto de adoração universal. Tu podes dizer o que é aquilo por teres feito o qual tu te tornaste Indra hoje e o que também é aquilo por termos feito o qual nós caímos da posição que nós tínhamos? O Tempo é o único criador e destruidor. Nada mais é causa (no universo para a produção de algum efeito). Declínio, queda, soberania, felicidade, tristeza, nascimento e morte, uma pessoa erudita por encontrar algum destes nem se regozija nem cede à tristeza. Tu, ó Indra, nos conhece. Nós também, ó Vasava, te conhecemos. Por que então tu te gabas dessa maneira perante mim, esquecendo, ó desavergonhado, que foi o Tempo que fez de ti o que tu és? Tu testemunhaste qual era minha destreza naqueles tempos. A energia e poder que eu costumava expor em todas as minhas batalhas fornecem evidência suficiente. Os Adityas, os Rudras, os Sadhyas, os Vasus, e os Maruts, ó marido de Sachi, foram todos derrotados por mim. Tu sabes muito bem, ó Sakra, que na grande batalha entre os deuses e os Asuras, as divindades reunidas foram rapidamente derrotadas por mim pela fúria do meu ataque. Montanhas com suas florestas e os habitantes que viviam naquelas florestas, foram repetidamente arremessados por nós. Muitos foram os topos de montanha com extremidades escarpadas que eu quebrei sobre tua cabeça. O que, no entanto, eu posso fazer agora? O Tempo não pode ser detido. Se isto não fosse assim, não pense que eu não teria ousado te matar com aquele teu raio mesmo com um golpe de meu punho. O presente, no entanto, não é o meu momento para a mostra de bravura. A hora que chegou é tal que eu agora devo adotar tranquilidade e tolerar tudo. É por esta razão, ó Sakra, que eu suporto toda essa tua insolência. Saiba, no entanto, que eu sou menos capaz de tolerar insolência do que tu. Tu te vanglorias perante alguém que, após seu tempo

ter amadurecido, está cercado por todos os lados pela conflagração do Tempo e atado fortemente nas cordas do Tempo. Lá está aquele indivíduo sombrio que não pode ser resistido pelo mundo. De forma feroz, ele permanece lá, tendo me atado como um animal inferior amarrado com cordas. Lucro e perda, felicidade e tristeza, luxúria e ira, nascimento e morte, cativeiro e liberdade, todos esses alguém encontra no decorrer do Tempo. Eu não sou o ator. Tu não és o ator. É o ator aquele que, de fato, é onipotente. O Tempo me amadurece (para me jogar ao chão) como uma fruta que apareceu em uma árvore. Há certas ações que por fazer as quais uma pessoa obtém felicidade no decorrer do Tempo. Por fazer aquelas mesmas ações outra obtém miséria no decorrer do Tempo. Versado como eu sou nas virtudes do Tempo, cabe a mim não me entregar à aflição quando é o Tempo que tem me atacado. É por essa razão, ó Sakra, que eu não sofro. A aflição não pode nos fazer algum bem. A dor de alguém que se entrega à aflição nunca dissipa sua calamidade. Por outro lado, a aflição destrói o poder de alguém. É por isso que eu não me entrego ao pesar.'"

"Assim endereçado pelo chefe dos Daityas, ele de cem sacrifícios, isto é, o poderoso e de mil olhos castigador de Paka, reprimiu sua fúria e disse estas palavras.'"

"Sakra disse, 'Vendo este meu braço erguido, equipado com o raio, e aqueles laços de Varuna, quem há cuja compreensão não seria agitada, incluindo o próprio Destruidor que empreende a morte de todos os seres? Tua compreensão, no entanto, tão firme e tão dotada da visão da verdade, não foi agitada. Ó tu de coragem invencível, em verdade, tu estás impassível hoje por tua firmeza. Vendo que todas as coisas neste universo são fugazes, quem há nele que, dotado de corpo, ousaria depositar confiança em seu corpo ou em todos os objetos de seu desejo? Como tu eu também sei que este universo não é eterno, e que ele tem sido lançado dentro da conflagração do Tempo que é terrível embora escondida da visão, que está queimando continuamente, e que é realmente infinita. Todos aqui são atacados pelo Tempo. Nada entre os seres que são sutis ou grosseiros desfruta de uma imunidade do domínio do Tempo. Todas as coisas estão sendo cozidas no caldeirão do Tempo. O Tempo não tem mestre. O Tempo está sempre atento. O Tempo está sempre cozinhando todas as coisas dentro de si mesmo. Ninguém, tendo uma vez entrado no domínio do Tempo que está avançando incessantemente, pode escapar dele. Todos os seres incorporados podem estar desatentos ao Tempo, mas o Tempo está atento e plenamente acordado atrás deles. Ninguém alguma vez foi visto afastar o Tempo de si. Antigo e eterno, e a encarnação da justiça, o Tempo é uniforme em relação a todas as criaturas vivas. O Tempo não pode ser evitado, e não há retrocesso em seu curso. Como um usurário somando seus interesses, o Tempo soma suas porções sutis representadas por kalas, e lavas, e kashthas, e kshanas, e meses, e dias e noites. Como a corrente de um rio arrastando uma árvore cujas raízes foram alcançadas por ela, o Tempo, alcançando aquele que diz, 'Isso eu farei hoje mas esta outra ação farei amanhã', o varre para longe. O Tempo elimina alguém e os homens exclamam, 'Eu o vi há pouco tempo atrás. Como ele morreu?' Riqueza, confortos, postos, prosperidade, tudo cai vítima do Tempo. Aproximando-se de todas as

criaturas vivas, o Tempo rouba suas vidas. Todas as coisas que erguem orgulhosamente alto suas cabeças estão destinadas a caírem. Aquilo que é existente é somente outra forma do inexistente. Tudo é transitório e instável. À tal convicção, no entanto, é difícil de se chegar. Tua compreensão, tão firme e dotada de visão verdadeira, é inabalável. Tu não percebes, mesmo mentalmente, o que tu eras algum tempo atrás. O Tempo que é forte, atacando o universo, o cozinha dentro de si mesmo e varre tudo sem consideração de superioridade de idade ou o oposto. Apesar disso, alguém que está sendo arrastado pelo Tempo está inconsciente do laço jogado em volta de seu pescoço. As pessoas, dadas aos ciúmes e vaidade e cupidez, à luxúria, ira, e medo, ao desejo, negligência, e orgulho, se permitem serem entorpecidas. Tu, no entanto, conheces a verdade da existência. Tu és possuidor de erudição e dotado de sabedoria e penitências. Tu vês o Tempo tão claramente como se ele fosse um emblic myrobalan (fruto da groselheira-espinhosa) na palma de tua mão. Ó filho de Virochana, tu conheces completamente o assunto da conduta do Tempo. Tu és bem versado em todos os ramos de conhecimento. Tu és de Alma purificada e és um mestre perfeito de tuas paixões. Tu és, por isto, um objeto de afeição com todas as pessoas dotadas de sabedoria. Tu, com teu discernimento, compreendeste completamente o universo inteiro. Embora tu tenhas desfrutado de todo tipo de felicidade, tu nunca és apegado a algo, e então tu não és maculado por nada. As qualidades de Paixão e Ignorância não te poluem pois tu conquistaste teus sentidos. Tu serves somente tua Alma que é desprovida de alegria e tristeza. O amigo de todas as criaturas, sem animosidade, com teu coração colocado na tranquilidade, vendo-te assim, meu coração se inclina à compaixão em direção a ti. Eu não desejo afligir uma pessoa culta como tu por mantê-lo em uma condição cativa. Abstenção de ferir é a religião mais elevada. Eu sinto compaixão por ti. Estes laços de Varuna, com os quais tu foste amarrado, se desatarão no decorrer do Tempo em consequência do comportamento impróprio dos homens. Abençoado sejas tu, ó grande Asura! Quando a nora colocar a sogra idosa para trabalhar, quando o filho, por ilusão, mandar o pai trabalhar para ele, quando Sudras tiverem seus pés lavados por Brahmanas e tiverem união sexual destemidamente com mulheres de famílias regeneradas, quando homens descarregarem a semente vital em úteros proibidos, quando o refugo de casas começar a ser carregado sobre pratos e recipientes feitos de metal branco, e quando oferendas sacrificais destinadas para as divindades começarem a ser carregadas sobre recipientes proibidos, quando todas as quatro classes violarem todas as restrições, então estes teus laços começarão, um por um, a se soltar. De nós tu não tens que temer. Espere tranquilamente. Sejas feliz. Fique livre de toda tristeza. Que teu coração seja alegre. Que nenhuma doença seja tua.' Tendo dito essas palavras para ele, o divino Indra, tendo o príncipe dos elefantes como seu veículo, deixou aquele local. Tendo derrotado todos os Asuras, o chefe das divindades se regozijou em alegria e se tornou o único senhor de todos os mundos. Os grandes Rishis cantaram os louvores daquele senhor de todas as criaturas móveis e imóveis. A divindade do fogo começou mais uma vez a conduzir as libações de manteiga clarificada que eram despejadas (por todos) em sua forma visível, e o grande deus se encarregou do néctar que era entregue aos seus cuidados. Seus louvores cantados pelos principais dos Brahmanas engajados em sacrifícios, o senhor Indra, brilhando com

esplendor, sua ira aplacada, e seu coração tranquilizado, ficou satisfeito, e, voltando para sua própria residência no céu, começou a passar seus dias em grande alegria.'" (Essas coisas não tinham acontecido por muitos anos por causa da maldade dos Asuras. Com a vitória de Indra os sacrifícios retornaram, e com eles paz universal.)

228

"Yudhishthira disse, 'Diga-me, ó avô, as indicações de futura grandeza e futura queda a respeito de uma pessoa.'"

"Bhishma disse, 'A própria mente, abençoado sejas tu, indica os sintomas premonitórios da prosperidade futura e da queda futura de alguém. Em relação a isto é citada a velha história da conversa entre Sree e Sakra. Ouça-a, ó Yudhishthira! O grande asceta Narada, de energia cuja refulgência é tão incomensurável quando o próprio Brahma, com seus pecados todos destruídos, capaz de ver pela prosperidade de suas penitências este e o outro mundo ao mesmo tempo, e igual aos Rishis celestiais na região do Criador, vagava de acordo com sua vontade pelo mundo triplo. Um dia, levantando-se ao amanhecer, ele desejou realizar suas abluções, e para aquele propósito foi ao rio Ganga onde ela saía da passagem conhecida pelo nome de Dhruva e mergulhava na corrente. Naquele momento Indra de mil olhos também, o manejador do raio, e o matador de Samvara e Paka, chegou na mesma margem onde Narada estava. O Rishi e a divindade, ambos de almas sob perfeito controle, terminaram suas abluções, e tendo completado suas recitações silenciosas, sentaram juntos. Eles usaram a hora para recitar e escutar as narrativas excelentes faladas pelos grandes Rishis celestes descritivas de muitos feitos bons e excelentes. De fato, com atenção concentrada os dois estavam envolvidos em tal conversa agradável sobre história antiga. Enquanto sentados lá eles viram o Sol nascente lançando seus mil raios retos diante dele. Vendo o orbe inteiro, ambos ficaram de pé e cantaram seus louvores. Justamente naquela hora eles viram no céu, em uma direção oposta àquela da estrela nascente do dia, um objeto luminoso, resplandecente como fogo ardente e parecendo ser uma segunda estrela do dia. E eles viram, ó Bharata, que aquele objeto luminoso estava gradualmente se aproximando na direção de ambos. Viajando sobre o veículo de Vishnu adornado com Garuda e próprio Surya, aquele objeto brilhava com esplendor inigualável, e parecia iluminar os três mundos. O objeto que eles viram era ninguém mais do que a própria Sree, acompanhada por muitas Apsaras dotadas de beleza esplêndida. De fato, ela mesma parecia com um grande disco solar, possuindo uma refulgência parecendo aquela do fogo. Enfeitada com ornamentos que pareciam com estrelas verdadeiras, ela usava uma coroa que parecia uma guirlanda de pérolas. Indra viu aquela deusa chamada Padma tendo sua habitação em meio a lotos. Descendo de seu principal dos carros, aquela dama sem igual começou a se aproximar do senhor dos três mundos e do Rishi celeste Narada. Seguido por Narada, Maghavat também procedeu em direção àquela dama. Com mãos unidas, ele se apresentou para ela, e versado como ele era em todas as coisas, ele a adorou

com reverência e sinceridade nunca superadas. As adorações terminadas, o senhor dos celestiais, ó rei, dirigiu-se a Sree nas seguintes palavras.'"

"Sakra disse, 'Ó tu de doces sorrisos, quem, de fato, és tu e para que assunto tu vieste aqui? Ó tu de belas sobrancelhas, de onde tu vieste e para onde tu irás, ó dama auspiciosa?'"

"Sree disse, 'Nos três mundos cheios de sementes auspiciosas, todas as criaturas, móveis e imóveis, se esforçam de todo o coração para ganhar uma associação comigo. Eu sou aquela Padma, aquela Sree enfeitada com lotos, que surgiu do lótus que floresce ao toque dos raios de Surya, para a prosperidade de todas as criaturas. Eu sou chamada Lakshmi, Bhuti, e Sree, ó matador de Vala! Eu sou Fé, eu sou Inteligência, eu sou Afluência, eu sou Vitória, e eu sou Imutabilidade. Eu sou Paciência, eu sou Sucesso, eu sou Prosperidade. Eu sou Swaha, eu sou Swadha, eu sou Reverência, eu sou Destino, e eu sou Memória. Eu moro na vanguarda e nos estandartes dos soberanos vitoriosos e virtuosos, como também em suas casas e cidades e domínios. Eu sempre resido, ó matador de Vala, com aqueles principais dos homens, isto é, heróis ofegantes depois da vitória e que não fogem da batalha. Eu também resido sempre com pessoas que são firmemente ligadas à virtude, que são dotadas de grande inteligência, que são devotadas a Brahma, que são sinceras em palavras, que possuem humildade, e que são generosas. Antigamente, eu morava com os Asuras por minha disposição de ser segurada por verdade e mérito. Vendo, no entanto, que os Asuras assumiram naturezas adversas, eu os deixei então e desejo residir em ti.'"

"Sakra disse, 'Ó tu de rosto formoso, por qual comportamento dos Asuras tu moraste com eles? O que tu viste lá pelo qual tu vieste para cá, tendo abandonado os Daityas e os Danavas?'"

"Sree disse, 'Eu me ligo firmemente àqueles que são dedicados aos deveres de sua própria classe, àqueles que nunca abandonam a paciência, àqueles que têm prazer em andar pelo caminho que leva ao céu. Eu sempre resido com aqueles que são eminentes por generosidade, por estudo das escrituras, por sacrifícios, por outros ritos escriturais, e por culto de Pitris, divindades, preceptores, mais velhos, e convidados. Antigamente, os Danavas costumavam manter suas residências limpas, manter suas mulheres sob controle, despejar libações no fogo sacrifical, servir respeitosamente seus preceptores, reprimir suas paixões, ser obedientes aos Brahmanas, e ser sinceros em palavras. Eles eram cheios de fé; eles mantinham sua ira sob controle; eles praticavam a virtude de caridade; eles nunca invejavam outros; eles costumavam manter seus amigos e conselheiros, e seus cônjuges; eles nunca eram ciumentos. Antigamente, eles nunca atacavam uns aos outros, cheios de fúria. Eles eram todos contentes e nunca sentiam desgosto à visão da afluência e prosperidade de outras pessoas. Eles eram todos caridosos e econômicos; de conduta respeitável, e dotados de compaixão. Eles eram extremamente inclinados à benevolência, possuidores de simplicidade de conduta, firmes em fé, e tinham suas paixões sob completo controle. Eles costumavam manter seus empregados e conselheiros contentes, e eram gratos e dotados de fala gentil. Eles costumavam servir a todos como cada um merecia por

sua posição e honra. Eles eram dotados de vergonha. Eles eram de votos rígidos. Eles costumavam realizar suas abluções em todos os dias sagrados. Eles costumavam se cobrir apropriadamente com perfumes e unguentos auspiciosos. Eles também enfeitavam seus corpos devidamente. Eles eram praticantes de jejuns e penitências, eram confiantes, e proferidores de hinos Védicos. O Sol nunca se erguia sobre eles enquanto eles estavam dormindo. Eles nunca dormiam demais. Eles sempre se abstinham de coalhos e cevada socada. Eles costumavam todas as manhãs olhar para manteiga clarificada e outros artigos auspiciosos, e com sentidos recolhidos eles costumavam recitar os Vedas e adorar Brahmanas com doações. Suas palavras eram sempre virtuosas, e eles nunca aceitavam doações. Eles sempre iam dormir à meia-noite e nunca dormiam durante o dia. Eles sempre gostavam de mostrar compaixão pelos afligidos, pelos desamparados, idosos, fracos, doentes, e mulheres, e desfrutavam de todas as suas posses por dividi-las com eles. Eles sempre costumavam compreender e confortar os agitados, os tristes, os ansiosos, os apavorados, os doentes, os fracos e emaciados, os roubados, e os aflitos. Eles seguiam os ditames de virtude e nunca feriam uns aos outros. Eles eram propensos e bem dispostos para ações de todos os tipos (que mereciam ser realizadas). Eles costumavam cuidar e servir com reverência os indivíduos superiores e idosos. Eles adoravam devidamente os Pitris, as divindades, e convidados, e comiam todos os dias o que era deixado depois de satisfazer estes. Eles eram firmemente dedicados à verdade e penitências. Nenhum entre eles comia sozinho algum alimento que fosse bom, e nenhum deles tinha relações sexuais com cônjuges de outras pessoas. Em relação à compaixão, eles se comportavam em direção a todas as criaturas como em direção a si mesmos. Eles nunca permitiam a emissão da semente vital no espaço vazio, em animais inferiores, em úteros proibidos, ou em dias sagrados. Eles eram sempre notáveis por doações, por inteligência, por simplicidade, por esforço auspicioso, por humildade, por cordialidade, e por clemência. E, ó pujante, verdade, caridade, penitência, pureza, compaixão, palavras gentis e ausência animosidade em direção a amigos, todos estes estavam sempre neles. Inatividade, procrastinação, mau humor, inveja, falta de previsão, descontentamento, melancolia, e cobiça nunca os assaltavam. Pelos Danavas terem sido notáveis por essas boas qualidades, eu morei com eles desde o início da criação por muitos yugas juntos. Os Tempos foram alterados, e aquela alteração ocasionou uma alteração no caráter dos Danavas. Eu vi que a virtude e a moralidade os abandonaram e eles começaram ser dominados por luxúria e ira. Pessoas, embora elas mesmas inferiores em capacidades, começaram a nutrir animosidades em direção a superiores em idade possuidores de qualificações superiores, e quando os últimos, possuidores de virtude e mérito, costumavam falar sobre tópicos apropriados em meio a assembléias, os primeiros começavam a escarnecer ou rir deles. Quando superiores veneráveis em idade chegavam, os indivíduos mais jovens, sentados à vontade, se recusavam a adorar os primeiros por se levantarem e saudá-los com respeito. Na presença de pais, filhos começaram a exercer poder (em questões que diziam respeito somente aos pais). Aqueles que não estavam em recebimento de pagamentos aceitavam serviço e proclamavam o fato desavergonhadamente. Aqueles entre eles que conseguiam acumular grande riqueza por fazer ações injustas e censuráveis vinham a ser

estimados. Durante a noite eles começavam a gritar alto e agudamente. Seus fogos homa cessaram de lançar chamas brilhantes e ascendentes. Filhos começaram a mandar nos pais, e esposas dominaram maridos. Mães, pais, mais velhos, preceptores, convidados, e guias cessaram de impor respeito por sua posição superior. As pessoas cessaram de educar com afeição seus próprios filhos e começaram a abandoná-los. Sem doar a porção definida em esmolas e reservar a parte fixa para oferecer aos deuses, cada um comia o que tinha. De fato, sem oferecerem seus bens para as divindades em sacrifícios e sem dividi-los com os Pitris, os deuses, convidados, e os superiores veneráveis, eles se apropriavam deles para seu próprio uso desavergonhadamente. Seus cozinheiros não tinham mais qualquer consideração pela pureza de mente, ações, e palavras. Eles comiam o que era deixado descoberto. Seus cereais jaziam espalhados em quintais, expostos à devastação por corvos e ratos. Seu leite permanecia exposto, e eles começaram a tocar manteiga clarificada com mãos não lavadas depois de comerem. Suas espadas, facas domésticas, cestos, e pratos e xícaras de metal branco, e outros utensílios começaram a ficar espalhados em suas casas. Suas donas de casa se abstinham de cuidar delas. Eles não mais realizavam os reparos em suas casas e muros. Amarrando seus animais eles se abstinham de lhes dar alimento e bebida. Desconsiderando as crianças que somente olhavam, e sem terem alimentado seus dependentes, os Danavas comiam o que eles tinham. Eles começaram a preparar payasa (pudim de arroz cozido em leite adoçado) e krisara (leite, gergelim e arroz) e pratos de carne e bolos e sashkuli (torta feita de arroz ou cevada cozida em água adoçada), (não para deuses e convidados) mas para seus próprios escravos, e começaram a comer a carne de animais não mortos em sacrifícios. Eles costumavam dormir até depois de o sol ter nascido. Eles faziam noite de suas manhãs. Dia e noite disputas e discussões aumentavam em todas as casas deles. Aqueles que não eram respeitáveis entre eles não mostravam mais qualquer respeito por aqueles que mereciam respeito enquanto os últimos estavam sentados em algum lugar. Afastados de seus deveres definidos, eles pararam de reverenciar aqueles que tinham se dirigido para as florestas para levarem uma vida de paz e contemplação divina. A mistura de castas começou livremente entre eles. Eles pararam de cuidar da pureza do corpo ou da mente. Brahmanas eruditos nos Vedas cessaram de impor respeito entre eles. Aqueles também que desconheciam os Richs não eram condenados ou punidos. Ambos eram tratados em uma posição de igualdade, isto é, aqueles que mereciam respeito e aqueles que não mereciam respeito. Suas empregadas se tornaram pecaminosas em comportamento, e começaram a usar colares de ouro e outros ornamentos e mantos finos, e costumavam permanecer em suas casas ou ir embora perante seus próprios olhos. Eles começaram a derivar grande prazer de esportes e diversões nos quais suas mulheres eram vestidas como homens e seus homens como mulheres. Aqueles entre seus antepassados que eram ricos tinham feito doações de riquezas para pessoas dignas. Os descendentes dos doadores, mesmo quando em condições prósperas, começaram a retomar, por sua incredulidade, aquelas doações. Quando dificuldades ameaçavam a realização de algum propósito e amigo procurava o conselho de amigo, aquele propósito era frustrado pelo último mesmo se ele tivesse o menor interesse que lhe servisse por frustrá-lo. Mesmo entre as suas melhores classes tinham

aparecido comerciantes e negociantes em bens, com a intenção de tirar a riqueza de outros. Os Sudras entre eles tinham se dedicado à prática de penitências. Alguns entre eles tinham começado a estudar, sem elaborarem quaisquer regras para regular suas horas e alimentação. Outros começaram a estudar, criando regras que eram inúteis. Discípulos se abstiveram de prestar obediência e serviço a preceptores. Preceptores também vieram a tratar discípulos como companheiros cordiais. Pais e mães estavam esgotados com trabalho, e se abstinham de se divertir em festas. Pais em velhice, privados de poder sobre filhos, eram forçados a mendigar seu alimento dos últimos. Entre eles, mesmo pessoas de sabedoria, conhecedoras dos Vedas, e parecendo com o próprio oceano em gravidade de comportamento, começaram a se dirigir à agricultura e outras ocupações semelhantes. Pessoas analfabetas e ignorantes começaram a ser alimentadas em Sraddhas. (Nenhum mérito se vincula ao ato de alimentar uma pessoa ignorante.) Todas as manhãs, discípulos, em vez de se aproximarem de preceptores para fazerem perguntas respeitosas para averiguar quais ações esperam realização e para procurar as ordens que eles têm que cumprir, são eles mesmos servidos por preceptores que cumprem aquelas funções. Noras, na presença das mães e pais de seus maridos, repreendem e castigam servos e empregadas, e chamando seus maridos os repreendem e criticam. Pais, com grande cuidado, procuram manter filhos em bom humor, ou dividindo por medo sua riqueza entre os filhos, vivem em miséria e aflição. Mesmo pessoas desfrutando da amizade das vítimas, vendo as últimas desprovidas de riqueza em incêndios ou por ladrões ou pelo rei, têm começado a se entregarem ao riso por sentimentos de zombaria. Eles se tornaram ingratos e incrédulos e pecaminosos e viciados em uniões adúlteras até com as esposas de seus preceptores. Eles têm se dirigido a comer alimento proibido. Eles têm ultrapassado todos os limites e restrições. Eles ficaram desprovidos daquele esplendor que os tinha distinguido antes. Por essas e outras indicações de má conduta, e a inversão de sua natureza anterior, eu não irei, ó chefe dos deuses, morar mais entre eles. Eu, portanto, vim a ti por minha própria vontade. Receba-me com respeito, ó marido de Sachi! Honrada por ti, ó chefe dos celestiais, eu receberei honra de todas as outras divindades. Lá, onde eu residir, as sete outras deusas com Jaya como sua oitava, que me amam, que estão inseparavelmente associadas comigo, e que dependem de mim, desejam viver. Elas são Esperança, Fé, Inteligência, Contentamento, Vitória, Progresso, e Bondade. Aquela que forma a oitava, isto é, Jaya, ocupa o lugar principal entre elas, ó castigador de Paka. Todas elas e eu mesma, tendo abandonado os Asuras, viemos para teus domínios. Nós iremos, de agora em diante, residir entre as divindades que são devotadas à retidão e fé.'"

"Depois que a deusa tinha falado dessa maneira, o Rishi celeste Narada, e Vasava, o matador de Vritra, para alegrá-la, ofereceram a ela um acolhimento jubiloso. O deus do vento, aquele amigo de Agni, então começou a soprar gentilmente pelo céu, carregando odores deliciosos, refrescando todas as criaturas com quem ele entrava em contato, e contribuindo para a felicidade de cada um dos sentidos. Todas as divindades (ouvindo as notícias) se reuniram em um local puro e agradável e esperaram lá na expectativa de ver Maghavat sentado com Lakshmi ao lado dele. Então o chefe dos deuses, de mil olhos, acompanhado

por Sree e seu amigo o grande Rishi, e sobre um carro esplêndido puxado por cavalos verdes, entrou naquela assembléia de celestiais, recebendo honra de todos. Então o grande Rishi Narada, cuja destreza era conhecida por todos os celestiais, observando um sinal que o manejador do raio fez e que a própria Sree aprovou, saudou a chegada da deusa lá e proclamou-a como extremamente auspiciosa. O céu se tornou claro e brilhante e começou a chover néctar sobre a região do Avô auto-nascido. Os timbales celestes, embora tocados por ninguém, começaram a tocar, e todos os pontos do horizonte, ficando sem nuvens, pareciam flamejar com esplendor. Indra começou a despejar chuva sobre colheitas que começaram a aparecer cada uma em sua estação apropriada. Ninguém então se desviou do caminho da retidão. A terra ficou adornada com muitas minas cheias de jóias e pedras preciosas, e o canto de recitações Védicas e outros sons melodiosos aumentaram na ocasião daquele triunfo dos celestiais. Seres humanos, dotados de mentes firmes, e todos aderindo ao caminho auspicioso que é trilhado pelos virtuosos, começaram a ter satisfação em ritos Védicos e em outros ritos e atos religiosos. Homens e deuses e Kinnaras e Yakshas e Rakshasas todos vieram a ser dotados de prosperidade e contentamento. Nem uma flor, o que dizer então de frutos, caiu prematuramente de uma árvore mesmo se o deus do vento a sacudisse com força. Todas as vacas começaram a produzir leite fresco sempre que ordenhadas por homens, e palavras cruéis e duras cessaram de ser proferidas qualquer um. Aqueles que, pelo desejo de progresso, se aproximarem perante assembléias de Brahmanas, e lerem essa narrativa da glorificação de Sree por todas as divindades com Indra em sua chefia, divindades que são competentes para conceder todos os desejos, conseguem obter grande prosperidade. Essas então, ó chefe dos Kurus, são as principais indicações de prosperidade e adversidade. Estimulado por ti, eu te contei tudo. Cabe a ti te comportares de acordo com as instruções transmitidas nelas, compreendendo-as depois de reflexão cuidadosa!'"

229

"Yudhishthira disse, 'Por qual disposição, qual rumo de deveres, qual conhecimento, e qual energia, alguém consegue alcançar Brahma que é imutável e que está além do alcance da natureza primordial?'" (Tudo mais sujeito a ser afetado pela natureza primordial. Somente a Alma Suprema não pode ser afetada. Por isso, Brahma é frequentemente citado como estando 'acima de Prakriti.')

"Bhishma disse, 'Alguém que está engajado na prática da religião de nivritti, que come abstemiamente, e que tem seus sentidos sob completo controle, pode alcançar Brahma o qual é imutável e que está acima da natureza primordial. Em relação a isto é citada a antiga narrativa, ó Bharata, da conversa entre Jaigishavya e Asita. Uma vez Asita-Devala se dirigiu a Jaigishavya que era possuidor de grande sabedoria e totalmente familiarizado com as verdades de dever e moralidade.'"

"Devala disse, 'Tu não te alegras quando elogiado. Tu não dás vazão à raiva quando culpado ou criticado. Qual, de fato, é tua sabedoria? De onde tu a conseguiste? E qual, de fato, é o refúgio daquela sabedoria?'"

"Bhishma disse, 'Assim questionado por Devala, o puro Jaigishavya de penitências austeras disse estas palavras de grande importância, repletas de fé ilimitada e sentido profundo.'"

"Jaigishavya disse, 'Ó principal dos Rishis, eu te falarei daquele que é o fim mais sublime, que é a meta suprema, que é tranquilidade, na avaliação de todas as pessoas de ações corretas. Aqueles, ó Devala, que se comportam uniformemente para com aqueles que os elogiam e aqueles que os criticam, aqueles que escondem seus próprios votos e boas ações, aqueles que nunca se entregam a recriminações, aqueles que nunca falam mesmo o que é bom quando isto é calculado para prejudicar (em vez de produzir algum benefício), aqueles que não desejam devolver insulto por insulto recebido, são citados como sendo homens possuidores de sabedoria. Eles nunca se afligem pelo que ainda está por vir. Eles estão interessados somente no que está diante deles, e eles agem como eles devem. Eles nunca se entregam à tristeza pelo que é passado ou mesmo o chamam às suas mentes. Possuidores de poder e mentes reguladas, eles fazem como lhes agrada, de acordo com a maneira na qual deve ser feito, o que se espera que eles façam em relação a todos os objetos, ó Devala, se solicitados respeitosamente a isso. De conhecimento maduro, de grande sabedoria, com ira sob completo controle, e com suas paixões mantidas sob domínio, eles nunca causam dano a alguém em pensamento, palavra, ou ação. Desprovidos de inveja, eles nunca ofendem outros, e possuidores de autocontrole, eles nunca ficam magoados ao verem a prosperidade de outras pessoas. Tais homens nunca fazem discursos exagerados, ou se põem a elogiar outros, ou a falar mal deles. Eles também nunca são afetados por louvor e censura proferidos por outros a respeito deles. Eles são tranquilos em relação a todos os seus desejos, e estão dedicados ao bem de todas as criaturas. Eles nunca dão vazão à raiva, ou se entregam a êxtases de alegria, ou ferem alguma criatura. Desatando todos os nós de seus corações, eles seguem adiante muito alegremente. Eles não têm amigos nem eles são os amigos de outros. Eles não têm inimigos nem eles são os inimigos de outras criaturas. De fato, homens que podem viver dessa maneira podem passar seus dias em felicidade para sempre. Ó melhor dos regenerados, aqueles que adquirem um conhecimento das regras de moralidade e virtude, e que cumprem aquelas regras na prática, conseguem ganhar alegria, enquanto aqueles que abandonam o caminho da retidão são afligidos por ansiedades e tristeza. Eu agora me dirigi ao caminho da retidão. Depreciado por outros, por que eu ficarei aborrecido com eles, ou, elogiado por outros, por que eu ficarei satisfeito? Que os homens obtenham quaisquer objetos que eles queiram de quaisquer ocupações nas quais eles se engajem. (Eu sou indiferente a aquisições e perdas.) Elogio e crítica não podem contribuir para meu progresso ou o oposto. Aquele que compreendeu as verdades das coisas fica satisfeito até com a desconsideração como se ela fosse ambrosia. O homem de sabedoria fica realmente aborrecido com a consideração como se ela fosse veneno. Aquele que é livre de todos os

defeitos dorme destemidamente neste e no outro mundo mesmo se insultado por outros. Por outro lado, aquele que o insulta, sofre destruição. Aqueles homens de sabedoria que procuram alcançar o fim mais sublime, conseguem obtê-lo por observarem uma conduta tal como esta. O homem que conquistou todos os seus sentidos é considerado como tendo realizado todos os sacrifícios. Tal pessoa alcança o degrau mais alto, isto é, aquele de Brahma, o qual é eterno e que supera o alcance da natureza primordial. Os próprios deuses, os Gandharvas, os Pisachas, e os Rakshasas, não podem alcançar o degrau que é daquele que alcançou o fim mais sublime.'"

230

"Yudhishthira disse, 'Qual homem há que é querido para todos, que alegra todas as pessoas, e que é dotado de todo o mérito e todas as habilidades?'"

"Bhishma disse, 'Em relação a isto eu narrarei para ti as palavras que Kesava, perguntado por Ugrasena, disse a ele em uma ocasião passada.'"

"Ugrasena disse, 'Todas as pessoas parecem ser muito desejosas de falar dos méritos de Narada. Eu penso que aquele Rishi celeste deve realmente possuir todos os tipos de mérito. Eu te peço, me diga isso, ó Kesava!'"

"Vasudeva disse, 'Ó chefe dos Kukkuras, ouça-me enquanto eu menciono em resumo aquelas boas qualidades de Narada com as quais eu estou familiarizado, ó rei! Narada é tão versado nas escrituras quanto ele é bom e virtuoso em sua conduta. E contudo, por causa de sua conduta, ele nunca nutre orgulho que faz o sangue de alguém tão quente. É por essa razão que ele é adorado em todos os lugares. Descontentamento, cólera, leviandade, e medo, estes não existem em Narada. Ele é livre de procrastinação, e possuidor de coragem. Por isso ele é adorado em todos os lugares. Narada merece o culto respeitoso de todos. Ele nunca recua de suas palavras por desejo ou cobiça. Por isso ele é adorado em todos os lugares. Ele é totalmente familiarizado com os princípios que levam ao conhecimento da alma, inclinado à paz, possuidor de grande energia, e um mestre de seus sentidos. Ele é livre de fraude, e verdadeiro em palavras. Por isso ele é adorado com respeito em todos os lugares. Ele é eminente por energia, por fama, por inteligência, por conhecimento, por humildade, por nascimento, por penitências, e por idade. Por isso ele é adorado em todos os lugares com respeito. Ele é de bom comportamento. Ele se veste e se aloja bem. Ele come alimento puro. Ele ama todos. Ele é puro em corpo e mente. Ele é de fala gentil. Ele é livre de inveja e malícia. Por isso ele é adorado em todos os lugares com respeito. Ele está indubitavelmente sempre empenhado em fazer o bem para todas as pessoas. Nenhum pecado mora nele. Ele nunca se regozija com as desgraças de outras pessoas. Por isso ele é adorado em todos os lugares com respeito. Ele sempre procura conquistar todos os desejos mundanos por ouvir recitações Védicas e prestar atenção nos Puranas. Ele é um grande renunciante e ele nunca desrespeita ninguém. Por isto ele é adorado em todos os lugares com respeito.

Ele olha igualmente para todos; e, portanto, ele não tem alguém a quem ele ama e alguém a quem ele odeia. Ele sempre fala o que é agradável para o ouvinte. Por isso ele é adorado em todos os lugares com respeito. Ele possui grande conhecimento das escrituras. Sua conversação é variada e encantadora. Seu conhecimento e sabedoria são grandiosos. Ele é livre de cobiça. Ele é livre também da ilusão. Ele é generoso. Ele venceu ira e a cupidez. Por isso ele é adorado em todos os lugares com respeito. Ele tem nunca disputou com alguém por qualquer assunto ligado com lucro ou prazer. Todas as imperfeições foram removidas por ele. Por isso ele é adorado em todos os lugares com respeito. Sua devoção (a Brahma) é firme. Sua alma é irrepreensível. Ele é bem versado nos Srutis. Ele é livre de crueldade. Ele está além da influência da ilusão ou falhas. Por isso ele é adorado em todos os lugares com respeito. Ele não é apegado a todas as coisas que são objetos de apego (para outros). Apesar disso ele parece ter afeição por todas as coisas. (O sentido é este: embora realmente desapegado, ele parece ser apegado. Nisso há mérito especial. Um homem cumprindo os deveres de um chefe de família, sem, no entanto, ser apegado a esposa e filhos e posses, é uma pessoa muito superior. Tal pessoa é comparada a uma folha de lótus, a qual, quando mergulhada em água, nunca é molhada ou encharcada por ela. Alguns, vendo a dificuldade do combate, fogem. Nisso há pouco mérito. Enfrentar todos os objetos de desejo, desfrutar deles, mas permanecer todo o tempo tão desapegado deles a ponto de não sentir a menor aflição se separado deles, é mais meritório.) Ele nunca está sujeito à influência de alguma dúvida. Por isso ele é adorado em todos os lugares com respeito. Ele não tem ânsia por objetos ligados com lucro e prazer. Ele nunca glorifica a si mesmo. Ele está livre de malícia. Ele é de fala gentil. Por isso ele é adorado em todos os lugares com respeito. Ele observa os corações, diferentes uns dos outros, de todos os homens, sem criticar algum deles. Ele é bem versado em todas as questões ligadas com a origem das coisas. Ele nunca desrespeita ou demonstra ódio por qualquer tipo de ciência. Ele vive de acordo com seu próprio padrão de moralidade. Ele nunca permite que seu tempo passe inutilmente. Sua alma está sob seu controle. Por isso ele é adorado em todos os lugares com respeito. Ele tem labutado em assuntos que merecem a aplicação de trabalho. Ele ganhou conhecimento e sabedoria. Ele nunca está saciado com yoga. Ele está sempre atento e pronto para o esforço. Ele é sempre cuidadoso. Por isso ele é adorado em todos os lugares com respeito. Ele nunca tem que sentir vergonha por alguma deficiência dele. Ele é muito atencioso. Ele está sempre empenhado pelos outros em realizar o que é para o bem deles. Ele nunca divulga os segredos de outros. Por isso ele é adorado em todos os lugares com respeito. Ele nunca se entrega a êxtases de alegria nem em ocasiões de fazer aquisições de valor. Ele nunca fica aflito por perdas. Sua compreensão é firme e estável. Sua alma é desapegada de todas as coisas. Por isso ele é adorado em todos os lugares com respeito. Quem, de fato, não amaria ele que é dessa maneira possuidor de todos os méritos e habilidades, que é inteligente em todas as coisas, que é puro em corpo e mente, que é totalmente auspicioso, que é bem versado no curso do tempo e sua oportunidade para ações específicas, e que conhece bem todas as coisas agradáveis?'"

231

"Yudhishthira disse, 'Eu desejo, ó tu da linhagem de Kuru, saber qual é a origem e qual é o fim de todas as criaturas; qual é a natureza de sua meditação e quais são suas ações; quais são as divisões de tempo, e os períodos de vida determinados nas respectivas eras. Eu desejo também saber integralmente a verdade acerca da gênese e da conduta do mundo; a origem de criaturas no mundo e a maneira de elas seguirem em frente. De fato, de onde vem sua criação e destruição? Ó melhor das pessoas virtuosas, se tu estás disposto a nos favorecer, nos fale sobre isso que eu te perguntei. Tendo ouvido antes aquele discurso excelente de Bhrigu para o sábio regenerado Bharadwaja que tu narraste, minha compreensão, purificada da ignorância, tornou-se extremamente ligada ao yoga, e afastada dos objetos mundanos repousa em pureza celestial. Eu te pergunto sobre o assunto, portanto, mais uma vez. Cabe a ti me falar (mais elaboradamente).'"

"Bhishma disse, 'Sobre isso eu recitarei para ti uma antiga narrativa do que o divino Vyasa disse para seu filho Suka quando o último tinha questionado o primeiro. Tendo estudado os ilimitáveis Vedas com todos os seus ramos e os Upanishads, e desejoso de levar uma vida de Brahmacharya por ter obtido excelência de mérito religioso, Suka endereçou essas mesmas perguntas, sobre as quais suas dúvidas tinham sido esclarecidas, para seu pai, o Rishi Nascido na Ilha, que tinha removido (por estudo e contemplação) todas as dúvidas ligadas com o tópico da verdadeira importância dos deveres.'"

"Suka disse, 'Cabe a ti me dizer quem é o Criador é de todos os seres, como fixado por um conhecimento de tempo, e quais são os deveres que devem ser realizados por um Brahmana.'"

"Bhishma disse, 'Para seu filho que o tinha questionado, o pai, tendo um conhecimento do passado e do futuro, conhecedor de todos os deveres e dotado de onisciência, falou dessa maneira sobre o assunto.'"

"Vyasa disse, 'Somente Brahma, que é sem início e sem fim, não nascido, resplandecente com refulgência, além da decadência, imutável, indestrutível, inconcebível, e que transcende o conhecimento, existe antes da Criação. Os Rishis, medindo o tempo, têm nomeado partes específicas por nomes específicos. Quinze piscadas de olho compõem o que é chamado de Kashtha. Trinta Kashthas constituem o que é chamado de Kala. Trinta Kalas, com a décima parte de um Kala somado, fazem o que é conhecido como um Muhurta. Trinta Muhurtas completam um dia e uma noite. Trinta dias e noites são chamados de mês, e doze meses são chamados de ano. Pessoas conhecedoras da ciência matemática dizem que um ano é composto de dois ayanas (dependente do movimento do sol), isto é, o do norte e o do sul. O sol faz o dia e a noite para o mundo de homens. A noite é para o sono de todas as criaturas vivas, e o dia é para se fazer ações. Um mês dos seres humanos é igual a um dia e noite dos Pitris. Essa divisão (em relação aos Pitris) consiste nisto: a quinzena iluminada (dos homens) é seu dia o qual é para se fazer ações; e a quinzena escura é sua noite para dormir. Um ano

(dos seres humanos) é igual a um dia e noite dos deuses. A divisão (em relação aos deuses) consiste nisto: a metade do ano na qual o sol viaja do equinócio de primavera para o equinócio de outono é o dia das divindades, e a metade do ano na qual o sol viaja do último para o primeiro é sua noite. Calculando pelos dias e noites de seres humanos sobre os quais eu te falei, eu falarei do dia e da noite de Brahman e de seus anos também. Eu irei, em sua ordem, te dizer o número de anos, que são (dessa maneira) para diferentes propósitos computados diversamente em relação aos yugas Krita, Treta, Dwapara, e Kali. Quatro mil anos (das divindades) é a duração da primeira era ou Krita. A manhã daquela era consiste em quatrocentos anos e sua noite é de quatrocentos anos. (A duração total, portanto, do Krita yuga é de quatro mil e oitocentos anos das divindades.) Com relação aos outros yugas, a duração de cada um diminui gradualmente um quarto em relação ao período substancial com a parte conjunta e a própria parte conjunta. (Assim a duração do Treta é de três mil anos e sua manhã se estende por trezentos anos e sua noite por trezentos anos.) A duração do Dwapara é de dois mil anos, e sua manhã se estende por duzentos anos e sua noite também por duzentos anos. A duração do Kali yuga é mil anos, e sua manhã se estende por cem anos, e sua noite por cem anos. (O Krita se estende ao todo por 4.800 anos. O Treta por 3.600; o Dwapara por 2.400; e o Kali por 1.200. Estes são, no entanto, os anos das divindades.) Estes períodos sempre sustentam os mundos sem fim e eternos. Aqueles que conhecem Brahma, ó filho, consideram isto como o Imutável Brahma. Na era Krita todos os deveres existem em sua totalidade, junto com a Verdade. Nenhum conhecimento ou objeto vinha aos homens daquela era através de meios injustos ou proibidos. Nos outros yugas, o dever, ordenado nos Vedas, é visto declinar gradualmente um quarto em cada. A pecaminosidade cresce em consequência de roubo, mentira, e fraude. Na era Krita, todas as pessoas são livres de doenças e coroadas com sucesso em relação a todos os seus objetivos, e todas vivem por quatrocentos anos. Na era Treta, o período de vida diminui um quarto. É também sabido por nós que, no sucessivos yugas, as palavras dos Vedas, os períodos de vida, as bênçãos (proferidas por Brahmanas), e os frutos de ritos Védicos, todos diminuem gradualmente. Os deveres registrados para o Krita yuga são de um tipo. Aqueles para o Treta são outros. Aqueles para o Dwapara são diferentes. E aqueles para o Kali são outros. Isso está de acordo com aquele declínio que marca cada yuga sucessivo. Na era Krita, a Penitência ocupa o lugar mais importante. Na Treta, o Conhecimento é o principal. Na Dwapara, o Sacrifício é considerado como o principal. No Kali yuga, a Caridade é a única coisa que foi prescrita. Os eruditos dizem que esses doze mil anos (das divindades) constituem o que é chamado de um yuga (ou Devayuga). Mil de tais yugas compõem um único dia de Brahman. A mesma é a duração da noite de Brahman. Com o começo do dia de Brahman o universo começa a existir. Durante o período de dissolução universal o Criador dorme, tendo recorrido à meditação-yoga. Quando o período de sono expira, Ele desperta. Aquele então que é o dia de Brahman se estende por mil yugas. Suas noites também se estendem por mil yugas similares. Aqueles que sabem disso são citados como aqueles que conhecem o dia e a noite. No término de Sua noite, Brahman, despertando, modifica o indestrutível chit por fazê-lo ser coberto com Avidya. Ele então faz surgir a Consciência, de onde procede a Mente a qual é idêntica ao Manifesto.'"

232

"Vyasa disse, 'Brahma é a semente refulgente da qual, existindo como ele existe por si mesmo, surgiu o universo inteiro consistindo em dois tipos de seres, isto é, os móveis e os imóveis. Na alvorada de Seu dia, despertando, Ele cria com a ajuda de Avidya este universo. Inicialmente surge aquilo que é chamado de Mahat (Inteligência Pura ou Sutil). Aquele Mahat é rapidamente transformado em Mente a qual é a alma do Manifesto. (O Manifesto começa a existir a partir da Mente ou tem a Mente como sua Alma.) Oprimindo o Chit, que é refulgente, com Avidya, a Mente cria sete grandes seres. (Estes sete grandes Seres ou entidades são Mahat, o mesmo rapidamente transformado em Mente, e as cinco entidades elementares de Espaço, etc.) Incitada pelo desejo de criar, a Mente, que é de longo alcance, que tem muitas direções, e que tem desejo e dúvida como suas principais indicações, começa a criar diversas espécies de objetos por modificações de si mesma. Primeiro surge dela o Espaço. Saiba que sua propriedade é o Som. Do Espaço, por modificação, surge o portador de todos os perfumes, isto é, o Vento puro e poderoso. É dito que ele possui o atributo de Toque. Do Vento também, por modificação, surge a Luz dotada de refulgência. Manifestada em beleza, e chamada também de Sukram, ela começa a existir, dessa maneira, possuindo o atributo de Forma. Da Luz, por modificação, surge a Água que tem o Sabor como seu atributo. Da Água surge a Terra que tem o Aroma como seu atributo. Estes são citados como representando a criação inicial. Estes, um depois do outro, adquirem as qualidades dos imediatamente precedentes dos quais eles surgiram. Cada um não tem somente o seu próprio atributo especial, mas cada um que vem em seguida tem as qualidades de todos os precedentes. (Assim o Espaço tem somente o Som como seu atributo. Depois do Espaço vem o Vento, que tem, portanto, Som e Toque como seus atributos. Do Vento vem a Luz ou Fogo, que tem Som, Toque, e Forma como seus atributos. Da Luz vem a Água, que tem Som, Toque, Forma, e Sabor como seus atributos. Da Água vem a Terra, que tem Som, Toque, Forma, Sabor, e Aroma como seus atributos). Se alguém, percebendo Aroma na Água, dissesse por ignorância que ele pertence à Água, ele cairia em um erro, pois o Aroma é o atributo da Terra embora ele possa existir em um estado de conexão com a Água e também com o Vento. Essas sete espécies de entidades, possuindo diversos tipos de energia, a princípio existiam separadamente umas das outras. Elas não podiam criar objetos sem elas todas se juntarem em um estado de mistura. Todas essas grandes entidades se unindo, e, se misturando umas com as outras, formam as partes constituintes do corpo que são chamadas de membros. Pela combinação daqueles membros, a soma total, investida com forma e tendo dezesseis partes constituintes (os cinco elementos e os onze sentidos de conhecimento e ação incluindo a mente), se torna o que é chamado de corpo. (Quando o corpo grosseiro está assim formado), o Mahat sutil, com o resíduo inesgotado das ações, então entra naquela combinação chamada de corpo grosseiro. (Dessa maneira há dois corpos, um grosseiro e o outro sutil chamado 'linga-sarira.' As

grandes criaturas são os tan-mantras dos elementos grosseiros, isto é, suas formas sutis. A princípio o corpo grosseiro (com o princípio de crescimento) é formado, nele entra o corpo sutil ou o linga-sarira.) Então o Criador original de todos os seres, tendo por seu Maya dividido a Si Mesmo, entra naquela forma sutil para inspecionar ou supervisionar tudo. E visto que ele é o Criador original de todos os seres ele é por causa disso chamado de o Senhor de todos os seres. (Criação e destruição estão continuando infinitamente. O início da _primeira_ Criação é inconcebível. A Criação aqui descrita é uma de uma série. Isto é mais explicado nos versos seguintes.) É ele quem cria todos os seres móveis e imóveis. Depois de ter assim assumido a forma de Brahman ele cria os mundos dos deuses, os Rishis, os Pitris, e os homens; os rios, os mares, e os oceanos, os pontos do horizonte, países e províncias, colinas e montanhas, e grandes árvores, seres humanos, Kinnaras, Rakshasas, aves, animais domésticos e selvagens, e cobras. De fato, ele cria ambos os tipos de coisas existentes, isto é, as que são móveis e as que são imóveis; e as que são destrutíveis e as que são indestrutíveis. Desses objetos criados cada um obtém aqueles atributos os quais ele tinha durante a Criação anterior; e cada um, de fato, obtém repetidamente os mesmos atributos em cada Criação subsequente. Determinado em relação ao caráter por injúria ou quietude, suavidade ou ferocidade, justiça ou injustiça, veracidade ou falsidade, cada criatura, a cada nova criação, obtém aquela qualidade específica que ela tinha nutrido antes. É por isso que aquele atributo específico se liga a ela. É o próprio Ordenador quem atribui variedade às grandes entidades (de Espaço, Terra, etc.), aos objetos dos sentidos (tais como forma, etc.), e ao tamanho ou massa da matéria existente, e estabelece as relações das criaturas com aqueles entes multiformes. Entre os homens que têm se dedicado ao conhecimento das coisas há alguns que dizem que, na produção de efeitos, o esforço é supremo. Algumas pessoas eruditas dizem que o Destino é supremo, e alguns que é a Natureza que é o agente. Outros dizem que Ações fluindo do esforço (pessoal), e Destino, produzem efeitos, ajudados pela Natureza. Em vez de considerar algum desses como isoladamente competente para a produção de efeitos, eles dizem que é a união de todos os três que produz todos os efeitos. Com relação a este assunto, (isto é, essa variedade de Existência e essa variedade de relações), alguns dizem que tal é o caso; alguns, que tal não é o caso; alguns, que ambos não são o caso; e alguns, que não é que o oposto de ambos não são. Essas, é claro, são as contendas daqueles que dependem das Ações, com referência a objetos. Aqueles, no entanto, cuja visão é dirigida para a verdade consideram Brahma como a causa. Penitência é o maior bem para as criaturas vivas. As bases da penitência são tranquilidade e o autodomínio. Pela penitência alguém obtém todas as coisas que ele deseja em sua mente. Pela penitência alguém alcança aquele Ser que cria o universo. Aquele que (pela penitência) consegue alcançar aquele Ser se torna o mestre poderoso de todos os seres. É pela Penitência que os Rishis estão habilitados a lerem os Vedas incessantemente. No início o Auto-nascido fez aqueles sons Védicos excelentes, que são encarnações de conhecimento e que não têm início nem fim (surgirem e) fluírem (de preceptor para discípulo). Daqueles sons surgiram todos os tipos de ações. Os nomes dos Rishis, todas as coisas que foram criadas, as variedades de forma vistas nas coisas existentes, e o rumo das ações, têm sua origem nos

Vedas. (Os Vedas são Fala ou Palavra, o Criador teve que proferir Palavras simbolizando suas idéias antes de criar alguma coisa.) De fato, o Mestre Supremo de todos os seres, no início, criou todas as coisas a partir das palavras dos Vedas. Realmente, os nomes dos Rishis, e tudo mais que foi criado, se acham nos Vedas. Após o término de sua noite (isto é, na alvorada de seu dia), o incriado Brahman cria, de protótipos que existiam antes, todas as coisas as quais são, é claro, bem feitas por Ele. Nos Vedas é indicado o tópico da Emancipação da Alma, junto com os dez meios constituídos por estudo dos Vedas, adoção do modo de vida familiar, penitências, observância de deveres comuns para todos os modos de vida, sacrifícios, realização de todos os atos que levam à fama pura, a meditação que é de três tipos, e aquele tipo de emancipação que é chamada de sucesso (Siddhi) obtenível nessa vida. Aquele Brahma incompreensível que tem sido declarado nas palavras dos Vedas, e que é revelado mais claramente nos Upanishads por aqueles que têm uma compreensão clara dos Vedas, pode ser percebido por seguir gradualmente as práticas acima referidas. Para uma pessoa que pensa que tem um corpo, essa consciência de dualidade, repleta também daqueles pares de opostos, é nascida somente de ações nas quais ela está envolvida. (Aquela consciência de dualidade cessa durante o sono sem sonhos ou quando a Emancipação é alcançada.) Aquela pessoa, no entanto, que alcançou a Emancipação, ajudada por seu conhecimento, forçosamente rechaça aquela consciência de dualidade. Dois Brahmas devem ser conhecidos, isto é, o Brahma representado pelo som (isto é, os Vedas), e em segundo lugar aquele que está além dos Vedas e é Supremo. Alguém que está familiarizado com Brahma representado pelo som consegue alcançar o Brahma que é Supremo. A matança de animais é o sacrifício prescrito para os Kshatriyas. O cultivo de cereais é o sacrifício prescrito para os Vaisyas. Servir as três outras classes é o sacrifício prescrito para os Sudras. Penitências (ou culto de Brahma) é o sacrifício prescrito para os Brahmanas. Na era Krita a realização de sacrifícios não era necessária. Tal realização se tornou necessária na era Treta. Na Dwapara, os sacrifícios começaram decair. Na Kali, o mesmo é o caso com eles. Na era Krita, os homens, cultuando somente um Brahma, consideravam os Richs, os Samans, os Yajuses e os ritos e sacrifícios que são realizados por motivos de lucro, como todos diferentes do objeto de seu culto, e praticavam somente Yoga, por meio de penitências. Na era Treta, apareceram muitos homens poderosos que dominaram todos os objetos móveis e imóveis. (Embora a maioria dos homens daquela época não fosse naturalmente inclinada à prática de virtude, contudo aqueles grandes líderes os forçaram à tal prática.) Consequentemente, naquela era, os Vedas, e sacrifícios e as distinções entre as várias classes, e os quatro modos de vida, existiam em um estado firme. Em consequência, no entanto, da diminuição no período de vida em Dwapara, todos esses, naquela era, decaíram daquela condição firme. Na era Kali, todos os Vedas se tornaram tão raros que eles nem sequer podem ser vistos pelos homens. Afligidos pela iniquidade, eles sofrem extermínio junto com os ritos e sacrifícios prescritos neles. A virtude que é vista na era Krita é agora visível nos Brahmanas que são de almas purificadas e dedicados a penitências e ao estudo das escrituras. Em relação aos outros yugas, é visto que sem abandonarem imediatamente os deveres e ações que são consistentes com a virtude, os homens, observadores das práticas de suas respectivas classes, e

conhecedores das ordenanças dos Vedas, são levados, pela autoridade das escrituras, a se dirigirem por motivos de vantagem e interesse a sacrifícios e votos e peregrinações para águas e lugares sagrados. (Nos outros três yugas, mesmo no Kali, os homens realizam boas ações e sacrifícios e ritos Védicos e votos e observâncias escriturais, porém por motivos de ganho inferior e não como uma preparação para a Emancipação.) Como na estação das chuvas uma grande variedade de novos objetos da classe imóvel são feitos virem para a vida pelas chuvas que caem das nuvens, assim mesmo muitos novos tipos de dever ou observâncias religiosas são ocasionados em cada yuga. Como os mesmos fenômenos reaparecem com a reaparição das estações, assim mesmo, a cada nova Criação os mesmos atributos aparecem em cada novo Brahman e Hara. Eu, antes disso, te falei do Tempo que é sem início e sem fim, e que ordena essa variedade no universo. É o Tempo que cria e consome todas as criaturas. Todas as inúmeras criaturas que existem sujeitas aos pares de opostos e de acordo com suas respectivas naturezas, têm o Tempo como seu refúgio. É o Tempo que assume aquelas formas e é o Tempo que as mantém. Eu assim discursei para ti, ó filho, sobre os assuntos a respeito dos quais tu perguntaste, isto é, Criação, Tempo, Sacrifícios e outros ritos, os Vedas, o verdadeiro ator no universo, ação, e as consequências da ação.'"

233

"Vyasa disse, 'Eu agora te direi como, quando seu dia termina e sua noite chega, ele recolhe todas as coisas em si mesmo, ou como o Senhor Supremo, fazendo este universo grosseiro extremamente sutil, funde tudo em sua Alma. Quando chega a hora para a dissolução universal, uma dúzia de Sóis, e Agni com suas sete chamas, começam a queimar. O mundo inteiro, envolvido por aquelas chamas, começa a queimar em uma vasta conflagração. Todas as coisas móveis e imóveis que existem sobre a terra primeiro desaparecem e imergem na substância da qual este planeta é composto. Depois que todos os objetos móveis e imóveis assim desapareceram, a terra, desprovida de árvores e ervas, parece nua como um casco de tartaruga. Então a água toma o atributo da terra, isto é, o aroma. Quando a terra fica desprovida de seu principal atributo, aquele elemento está na véspera da dissolução. A Água então prevalece. Surgindo em poderosos vagalhões e produzindo bramidos tremendos, só a água enche este espaço e se move continuamente ou permanece imóvel. Então o atributo da água é tomado pelo Calor, e perdendo seu próprio atributo, a água encontra descanso naquele elemento. Chamas deslumbrantes de fogo, flamejando por toda parte, escondem o Sol que está no centro do espaço. De fato, então, o próprio espaço, cheio daquelas chamas ardentes, queima em uma vasta conflagração. Então o Vento vem e toma o atributo, isto é, a forma de Calor ou Luz, a qual então se torna extinta, se entregando ao Vento, o qual, possuidor de grande poder, começa a ficar terrivelmente agitado. O Vento, obtendo seu próprio atributo, isto é, som, começa a atravessar para cima e para baixo e transversalmente por todos os dez pontos. Então o Espaço toma o atributo, isto é, som, do Vento, após o que o último

se extingue entra em uma fase de existência parecida com aquela do som não ouvido ou não proferido. Então o Espaço é o tudo o que resta, aquele elemento cujo atributo, o som, mora em todos os outros elementos, privado dos atributos de forma, e sabor, e toque, e cheiro, e sem forma de qualquer tipo, como o som em seu estado imanifestado de existência. Então o som, que é o atributo do espaço, é consumido pela Mente que é a essência de todas as coisas que são manifestas. Assim a Mente, que em si mesmo é imanifesta, recolhe tudo o que é manifestado pela Mente. Este retraimento da Mente como manifestada na Mente como não manifestada ou sutil, é chamada de destruição do vasto universo externo. Então Chandramas tendo feito a Mente recolher (dessa maneira) seu atributo em si mesma, a consome. Quando a Mente, cessando de existir, entra assim em Chandramas, os outros atributos que são possuídos por Iswara são tudo o que permanece. Este Chandramas, que é chamado também de Sankalpa, é então, depois de um tempo muito longo, trazido sob o domínio de Iswara, o motivo sendo que aquele Sankalpa tem que realizar um ato muito difícil, isto é, a destruição de Chitta ou das faculdades que são empregadas no processo chamado de raciocínio. Quando isso é efetuado, a condição alcançada é citada como sendo de Conhecimento superior. Então o Tempo consome este Conhecimento, e como o Sruti declara, o próprio Tempo, por sua vez, é consumido pelo Poder ou Energia. O Poder ou Energia, no entanto, é (outra vez) consumido pelo Tempo, o qual por fim é então trazido sob seu domínio por Vidya. Possuidor de Vidya, Iswara então consome a própria não-existência em sua Alma. Isto é o Brahma Supremo e Imanifesto, que é Eterno, e que é O Mais Sublime dos Sublimes. Assim todas as criaturas existentes são recolhidas em Brahma. Realmente isto, que deve ser concebido (com a ajuda das escrituras) e que é um tópico de Ciência, tem sido assim declarado por Yogins possuidores de Almas Supremas, depois de experiência real. Assim mesmo o Brahma Imanifesto repetidamente passa pelos processos de Elaboração e Retirada (isto é, Criação e Destruição), e assim cada Dia e cada Noite de Brahman consiste em mil yugas.'"

234

"Vyasa disse, 'Tu me perguntaste sobre a Criação de todos os seres; eu agora narrei aquilo para ti integralmente. Ouça-me enquanto eu te digo agora quais são os deveres de um Brahmana. Os rituais de todas as cerimônias para as quais taxas sacrificais são ordenadas, começando com Jatakarma e terminando com Samavartana, dependem para sua realização de um preceptor competente nos Vedas. (Jatakarma é a cerimônia que é realizada com certos mantras Védicos logo após o nascimento de uma criança. Há muitas cerimônias semelhantes a serem realizadas até Samavartana ou retorno da casa do preceptor depois da conclusão do período de pupilagem. Essas cerimônias são de tal maneira que elas devem ser realizadas pelo pai da criança ou alguém mais a quem o último possa convocar.) Tendo estudado todos os Vedas e tendo mostrado um comportamento submisso em direção a seu preceptor durante sua residência com ele, e tendo pagado o taxa do preceptor, o jovem deve voltar para casa com um conhecimento

completo de todos os sacrifícios. (Nesse país não são cobradas taxas por instrução. O pupilo, no entanto, depois de completar seus estudos, pode dar para seu preceptor uma taxa final a qual é determinada pela escolha do próprio preceptor e que varia de acordo com os recursos do pupilo deixando a casa do preceptor por iniciativa própria.) Recebendo a permissão de seu preceptor, ele deve adotar um dos quatro modos de vida e viver nele no devido cumprimento de todos os seus deveres até que ele abandone seu corpo. Ele deve levar ou uma vida familiar com esposas e empenhado em criar filhos, ou viver na observância de Brahmacharya; ou na floresta na companhia de seu preceptor, ou na prática dos deveres prescritos para um yati. A vida familiar é citada como sendo a base de todos os outros modos de vida. Um chefe de família autocontrolado que conquistou todos os seus apegos a objetos mundanos sempre alcança êxito (em relação ao grande objetivo da vida). Um Brahmana, por gerar filhos, por adquirir um conhecimento dos Vedas, e por realizar sacrifícios, paga as três dívidas que ele tem. (Por gerar filhos, alguém paga sua dívida com os ancestrais; por estudar os Vedas, alguém para sua dívida com os Rishis; e por realizar sacrifícios alguém paga sua dívida com as divindades.) Ele deve então entrar nos outros modos de vida, tendo se purificado por meio de suas ações. Ele deve se estabelecer naquele local o qual ele possa verificar como sendo o local mais sagrado sobre a terra, e ele deve se esforçar em todas as questões que levam à fama, para alcançar uma posição de eminência. A fama de Brahmanas aumenta por penitências que são muito austeras, pelo domínio dos vários ramos de conhecimento, por sacrifícios, e por doações. De fato, uma pessoa desfruta de intermináveis regiões dos virtuosos (no mundo seguinte) tanto quanto seus feitos ou a memória deles durem neste mundo. Um Brahmana deve ensinar, estudar, oficiar em sacrifícios de outras pessoas, e oferecer sacrifícios ele mesmo. Ele não deve doar em vão ou aceitar presentes de outras pessoas em vão. Riqueza, em quantidade suficiente, que possa vir de alguém que é ajudado em um sacrifício, de um pupilo, ou de parentes (por casamento) de uma filha, deve ser gasta na realização de sacrifícios ou em fazer caridade. A riqueza vinda de alguma destas fontes nunca deve ser desfrutada isoladamente por um Brahmana. (É um pecado mortal aceitar alguma coisa do sogro ou outros parentes (por casamento) de uma filha. O que é obtido de tais fontes é, até hoje, gasto livremente. Aquelas pessoas que vendem suas filhas em casamento são universalmente reconhecidas como decaídas.) Para um Brahmana que leva uma vida familiar não há meios salvo a aceitação de doações por causa das divindades, ou Rishis, ou Pitris, ou preceptor ou os idosos, ou os doentes, ou os famintos. (O fato é, o dever de um chefe de família o obriga a cultuar as divindades e Pitris, e a se tornar hospitaleiro para os outros citados. O Brahmana, no entanto, não tem meios ostensivos para cumprir este dever. O único meio aberto para ele é aceitação de doações. Nesse caso, aceitação para tais fins não é produtiva de demérito.) Para aqueles que são perseguidos por inimigos não vistos, ou aqueles que estão se esforçando o melhor que podem para adquirir conhecimento, alguém deve fazer doações de suas próprias posses, incluindo até alimento cozido, mais do que se pode fornecer regularmente. Para uma pessoa merecedora não há nada que não possa ser dado. Aqueles que são bons e sábios merecem ter até o príncipe dos corcéis, chamado Uchchaisravas, pertencente ao próprio Indra. (Isto é, não há doação que seja valiosa demais para

tais pessoas.) De votos superiores o (rei) Satyasandha, tendo, com humildade apropriada, oferecido seus próprios ares vitais para salvar a vida de um Brahmana, ascendeu para o céu. O filho de Sankriti, Rantideva, tendo dado somente água morna para Vasishtha de grande alma, ascendeu para o céu e recebeu grandes honras lá. O filho real de Atri, Indradamana, possuidor de grande inteligência, tendo doado diversos tipos de riquezas para uma pessoa digna, alcançou diversas regiões de bem-aventurança no mundo seguinte. O filho de Usinara, Sivi, tendo doado seus próprios membros e seu filho querido por causa de um Brahmana, ascendeu deste mundo para o céu. Pratardana, o soberano de Kasi, tendo dado seus próprios olhos para um Brahmana, obteve grande fama neste e no outro mundo. O Rei Devavridha, tendo doado um guarda-sol muito belo e caro, com oito varetas de ouro, procedeu para o céu com todo o povo de seu reino. Sankriti da linhagem de Atri, possuidor de grande energia, tendo dado instrução para seus discípulos sobre o assunto do Brahma Impessoal, procedeu para regiões de grande felicidade. Amvarisha de grande destreza, tendo doado para os Brahmanas onze Arvudas de vacas, procedeu para o céu com todo o povo de seu reino. Savitri, por dar seus brincos, e o rei Janamejaya, por doar seu próprio corpo, ambos procederam para regiões elevadas de bem-aventurança. Yuvanaswa, o filho de Vrishadarbha, por doar diversos tipos de pedras preciosas, uma mansão excelente, e muitas mulheres belas, ascendeu para o céu. Nimi, o soberano dos Videhas, doou seu reino; o filho de Jamadagni, (Rama), doou a terra inteira; e Gaya doou a terra com todas as suas cidades e populações, para os Brahmanas. Uma vez quando as nuvens cessaram de despejar chuva, Vasishtha, parecendo com o próprio Brahman, manteve vivas todas as criaturas como Prajapati as mantendo vivas (por sua energia e bondade). O filho de Karandhama, Marutta de alma pura, por dar sua filha para Angiras, ascendeu rapidamente para o céu. Brahmadatta, o soberano dos Panchalas, possuidor de inteligência superior, por doar duas jóias preciosas chamadas Nidhi e Sankha para alguns dos principais dos Brahmanas, alcançou muitas regiões de felicidade. O rei Mitrasaha, tendo dado sua própria esposa amada Madayanti para Vasishtha de grande alma, ascendeu para o céu com aquela sua esposa. O sábio real Sahasrajit, possuidor de grande fama, tendo rejeitado a própria vida preciosa por causa de um Brahmana, ascendeu para regiões de grande bem-aventurança. O rei Satadyumna, tendo dado para Mudgala uma mansão feita de ouro e cheia de todos os objetos de conforto e utilidade, ascendeu para o céu. O rei dos Salwas, conhecido pelo nome de Dyutimat, possuidor de grande coragem, deu para Richika seu reino inteiro e ascendeu para o céu. O sábio nobre Madiraswa, por dar sua filha de cintura fina para Hiranyahasta, ascendeu para tais regiões que são consideradas em estima pelos próprios deuses. O sábio real Lomapada, de grande destreza, por dar sua filha Santa para Rishyasringa, obteve a realização de todos os seus desejos. O rei Prasenajit, de grande energia, por doar cem mil vacas com bezerros, ascendeu para excelentes regiões de felicidade. Esses e muitos outros, possuidores almas grandiosas e bem reguladas e tendo seus sentidos sob controle, ascenderam, por meio de caridade e penitências, para o céu. A fama deles durará tanto quanto a própria terra durará. Todos eles, por meio de doações, sacrifícios e procriação de herdeiros, procederam para o céu.'"

235

"Vyasa disse, 'O conhecimento chamado Trayi que se acha nos Vedas e seus ramos deve ser adquirido. Aquele conhecimento é para ser derivado dos Richs, dos Samans, e das ciências chamadas Varna e Akshara. Há, além desses, os Yajuses e os Atharvans. Nos seis tipos de ações indicadas neles, mora o Ser Divino. Aqueles que são bem versados nas declarações dos Vedas, que têm conhecimento da Alma, que são ligados à qualidade de Bondade, e que são altamente abençoados, conseguem compreender a origem e o fim de todas as coisas. Um Brahmana deve viver no cumprimento dos deveres prescritos nos Vedas. Ele deve fazer todas as suas ações como um bom homem de alma controlada. Ele deve ganhar seu sustento sem prejudicar qualquer criatura. Tendo recebido conhecimento dos bons e sábios, ele deve controlar suas paixões e propensões. Bem versado nas escrituras, ele deve praticar aqueles deveres que foram declarados para ele, e fazer todos os atos nesse mundo guiado pela qualidade de bondade. Mesmo levando o modo de vida familiar, o Brahmana deve ser observador das seis ações já citadas. Seu coração cheio de fé, ele deve adorar as divindades nos cinco sacrifícios bem conhecidos. Dotado de paciência, nunca negligente, tendo autocontrole, conhecedor dos deveres, com uma alma purificada, privado de alegria, orgulho, e raiva, o Brahmana nunca deve cair em langor. Doações, estudo dos Vedas, sacrifícios, penitências, modéstia, inocência, e autodomínio, estes aumentam a energia de alguém e destroem os pecados de alguém. Alguém dotado de inteligência deve ser moderado em dieta e deve dominar seus sentidos. De fato, tendo subjugado luxúria e ira, e tendo purificado todos os seus pecados, ele deve se esforçar para alcançar Brahma. Ele deve adorar o Fogo e os Brahmanas, e reverenciar as divindades. Ele deve evitar todos os tipos de conversa inauspiciosa e todos os atos de ofensa injusta. Essa direção de conduta preliminar é inicialmente prescrita para um Brahmana. Posteriormente, quando vem o conhecimento, ele deve se empenhar em ações, pois nas ações se encontra o êxito. (Estas são, é claro, atos religiosos.) O Brahmana que é dotado de inteligência consegue atravessar o rio da vida que é tão difícil de se cruzar e que é tão furioso e terrível, que tem os cinco sentidos como suas águas que tem cupidez como sua fonte, e ira como seu lodo. Ele nunca deve fechar seus olhos para o fato que o Tempo está atrás dele em uma atitude ameaçadora. O Tempo que é o grande entorpecente de todas as coisas, e que está armado com força muito grande e irresistível, emanando do próprio grande Ordenador. Gerado pela corrente da Natureza, o universo está sendo arrastado incessantemente. O poderoso rio do Tempo, coberto com redemoinhos constituídos pelos anos, tendo os meses como suas ondas e as estações como sua correnteza, as quinzenas como sua palha e grama flutuantes, e a elevação e queda das pálpebras como sua espuma, os dias e as noites como sua água, e desejo e luxúria como seus crocodilos terríveis, os Vedas e sacrifícios como suas balsas, e a virtude das criaturas como suas ilhas, e Lucro e Prazer como suas fontes, veracidade de palavras e Emancipação como suas margens, benevolência como as árvores que flutuam por ele, e os yugas como os lagos ao longo de seu curso; o poderoso rio

do Tempo, o qual tem uma origem tão inconcebível quanto aquela do próprio Brahma, está arrastando incessantemente todos os seres criados pelo grande Ordenador em direção à residência de Yama. Pessoas possuidoras de sabedoria e paciência sempre conseguem atravessar este rio terrível por empregarem as balsas do conhecimento e sabedoria. O que, no entanto, tolos insensatos, desprovidos de balsas similares podem fazer (quando jogados naquela correnteza furiosa)? Que somente o homem de sabedoria consiga cruzar este rio, e não aquele que é ininteligente, é consistente com a razão. O primeiro observa de uma distância os méritos e falhas de tudo. (Consequentemente, ele consegue adotar ou rejeitar o que é digno de adoção ou rejeição.) O homem, no entanto, de compreensão pequena e instável, e cuja alma é cheia de desejo e cobiça, está sempre cheio de dúvidas. Então o homem desprovido de sabedoria nunca consegue atravessar aquele rio. Aquele também que senta inativamente (em dúvida) nunca pode transpô-lo. O homem desprovido da balsa da sabedoria, por ter que aguentar o peso opressivo de grandes erros, afunda. Alguém que é agarrado pelo crocodilo do desejo, mesmo se possuidor de conhecimento, nunca pode fazer do conhecimento sua balsa. Por essas razões, o homem de sabedoria e inteligência deve se esforçar para flutuar sobre a correnteza do Tempo (sem afundar nela). De fato, é aquele que consegue se manter flutuando que se torna conhecedor de Brahma. Alguém nascido em uma linhagem nobre, se abstendo dos três deveres de ensinar, de oficiar em sacrifícios de outros e de aceitar doações, e fazendo somente os três outros atos, isto é, estudar, sacrificar, e doar, deve, por aquelas razões, se esforçar para flutuar sobre a corrente. Tal homem sem dúvida a atravessará ajudado pela balsa da sabedoria. Alguém que é puro em conduta, que é autocontrolado e cumpridor de bons votos, cuja alma está sob controle, e que possui sabedoria, seguramente alcança o êxito neste e no outro mundo. O Brahmana levando um modo de vida familiar deve dominar ira e inveja, praticar as virtudes já citadas, e cultuar as divindades nos cinco sacrifícios, comer depois de ter alimentado as divindades, Pitris, e convidados. Ele deve agir de acordo com aqueles deveres que são cumpridos pelos bons; ele deve fazer todas as suas ações como uma pessoa de alma controlada; e ele deve, sem prejudicar alguma criatura, ganhar seu sustento por adotar um comportamento que não seja censurável. Alguém que é bem versado nas verdades dos Vedas e nos outros ramos de conhecimento, cujo comportamento é como aquele de uma pessoa de alma bem controlada, que é dotado de uma visão clara, que cumpre os deveres que são prescritos para sua classe, que, por suas ações, não produz uma mistura de deveres, que se dedica às observâncias registradas nas escrituras, que é cheio de fé, que é autocontrolado, que é possuidor de sabedoria, que é desprovido de inveja e malícia, e que conhece bem as distinções entre justiça e injustiça, consegue transpor todas as suas dificuldades. Aquele Brahmana que é possuidor de firmeza, que está sempre atento, que possui autodomínio, que está familiarizado com a virtude, cuja alma está sob controle, e que transcendeu alegria, orgulho, e raiva, nunca tem que languir em aflição. Este é o rumo de conduta que foi ordenado antigamente para um Brahmana. Ele deve se esforçar para a aquisição de Conhecimento, e fazer todas as ações escriturais. Por viver dessa maneira, ele sem dúvida obtém êxito. Alguém que não possui uma visão clara faz o mal até quando ele deseja fazer o que é certo. Tal pessoa, mesmo

usando seu raciocínio, faz tais ações de virtude que partilham da natureza da injustiça. Desejando fazer o que é certo ela faz que é errado. Similarmente, desejando fazer o que é errado alguém faz o que é certo. Tal pessoa é um tolo. Não conhecendo os dois tipos de atos, ela tem que passar por repetidos renascimentos e mortes.'"

236

"Vyasa disse, 'Se a Emancipação é desejável, então o conhecimento deve ser adquirido. Para uma pessoa que é levada ora para cima ora para baixo ao longo da correnteza do Tempo ou vida, o conhecimento é a balsa pela qual ela pode alcançar a margem. Aqueles homens sábios que têm chegado a conclusões certas (com relação ao caráter da alma e daquilo que é chamado de vida) pela ajuda da sabedoria, podem ajudar os ignorantes a atravessarem o rio do tempo ou da vida com a balsa de conhecimento. Aqueles, no entanto, que são ignorantes, são incapazes de salvar a si mesmos ou outros. Aquele que se livrou do desejo e de todos os outros defeitos, e que se emancipou de todos os apegos, deve prestar atenção àqueles doze requisitos de yoga, isto é, local, atos, afeição, objetos, meios, destruição, certeza, olhos, alimento, supressão, mente e inspeção. (O local deve ser nivelado, não impuro, (tal como um crematório, etc.), livre de kankars, fogo, e areia, etc.; solitário e livre de barulho e outras fontes de perturbação. Atos incluem abstenção de alimento e divertimentos e distrações, abstenção de todos os tipos de trabalho tendo somente objetivos mundanos para efetuar, abstenção também de sono e sonhos. Afeição significa aquela por bons discípulos ou por progresso em yoga. Objetos se refere a combustível sagrado, água, e supressão de expectativa e ansiedade, etc. Meios se refere ao assento a ser usado, ao modo de sentar, e atitude de corpo. Destruição se refere à conquista do desejo e apegos, isto é, renúncia de todas as coisas atrativas. Certeza significa a fé inabalável que o é dito sobre yoga nos Vedas ou por preceptores é verdade. Olhos inclui os outros sentidos. Todos esses devem ser reprimidos. Alimentação significa alimento puro. Supressão se refere à subjugação de nossa inclinação natural em direção a objetos mundanos. Mente aqui se refere ao controle da determinação e seu oposto, isto é, irresolução. Inspeção significa reflexão sobre nascimento, morte, decrepitude, doença, tristeza, imperfeições, etc.) Aquele que deseja obter Conhecimento superior deve, pela ajuda de sua compreensão, reprimir a fala e a mente. Aquele que deseja ter tranquilidade deve, pela ajuda de seu conhecimento, dominar sua alma. Quer se torne compassivo ou cruel, conhecedor de todos os Vedas ou ignorante dos Richs, justo e observador de sacrifícios ou o pior dos pecadores, quer se torne eminente pela coragem e riqueza ou mergulhado em miséria, aquela pessoa que dirige sua mente em direção a esses (atributos dos quais eu tenho falado), sem dúvida cruzará o oceano da vida que é tão difícil de se atravessar. Sem falar dos resultados da obtenção de Brahma por yoga, pode ser dito que aquele que se determina somente a se informar a respeito da Alma transcende a necessidade de cumprir as ações prescritas nos Vedas. O corpo com jiva dentro dele é um carro excelente. Quando sacrifícios e ritos religiosos são

feitos seu upastha (a parte do carro na qual o motorista senta), a vergonha seu varutha (a cerca de madeira ao redor do carro para proteger contra os efeitos das colisões, pois a vergonha é o sentimento que nos afasta das ações pecaminosas), Upaya e Apaya (que são os 'meios' e 'destruição' explicados acima) seu kuvara (a lança à qual jugo é ligado), o ar chamado Apana seu aksha (roda), o ar chamado Prana seu yuga (jugo), o conhecimento e o período concedido de existência seus pontos para atar os corcéis, a atenção seu belo vandhura (aquela parte do yuga onde ele é ligado à lança, isto é, seu meio, sobre o qual aparece algo como uma saliência arredondada), a adoção de bom comportamento seu nemi (a circunferência da roda), visão, tato, olfato, e audição seus quatro corcéis, a sabedoria seu nabhi (a parte central do carro na qual senta o passageiro ou guerreiro), todas as escrituras seu pratoda (o aguilhão com o qual o motorista incita os corcéis), conhecimento certo das declarações escriturais seu motorista, a alma seu passageiro sentado firmemente, fé e autodomínio seus precursores, a renúncia seu companheiro inseparável seguindo atrás e inclinado a fazer o bem, pureza o caminho pelo qual ele segue, meditação (ou União com Brahma) sua meta, então aquele carro pode alcançar Brahma e brilhar lá em refulgência. Eu agora te direi os meios rápidos que devem ser adotados pela pessoa que equiparia seu carro de tal maneira para atravessar esta selva do mundo para alcançar a meta constituída por Brahma, que está além de decrepitude e destruição. Fixar a mente em uma coisa de cada vez é chamado de Dharana. (Dharana corresponde ao exercício do poder pelo qual a mente é retida ou mantida ocupada em uma imagem ou noção específica. Esta faculdade é especialmente treinada por yogins. De fato, o passo inicial consiste em treiná-la até a extensão desejável.) O Yogin, cumprindo votos e restrições apropriados, pratica ao todo sete tipos de Dharana. Há, também, muitos tipos de Dharanas que se originam destes, sobre objetos que estão próximos ou distantes. (Os sete tipos de Dharanas se referem respectivamente à Terra, Vento, Espaço, Água, Fogo, Consciência e Compreensão.) Através desses o Yogin gradualmente obtém domínio sobre a Terra, Vento, Espaço, Água, Fogo, Consciência, e Compreensão. Depois disto ele gradualmente obtém domínio sobre o Imanifesto. Eu agora descreverei para ti os conceitos em sua ordem que são compreendidos por indivíduos específicos entre aqueles que estão engajados em yoga de acordo com as regras e ordenanças que foram declaradas. Eu te falarei também da natureza do sucesso que se liga ao yoga iniciado (de acordo com as regras) por aquele que olha dentro de seu próprio eu. O Yogin, que abandona seu corpo grosseiro, seguindo as instruções de seu preceptor, vê sua alma mostrando as seguintes formas em consequência de sua subtilidade. Para ele no primeiro estágio, o firmamento parece estar cheio de uma substância sutil semelhante a vapor nevoento. Da Alma que está livre do corpo, exatamente assim se torna a forma. Quando esse nevoeiro desaparece, uma segunda (ou nova) forma se torna visível. Pois, então, o Yogin contempla dentro de si mesmo, no firmamento de seu coração, a forma da Água. Depois do desaparecimento da água, a forma do Fogo se mostra. Quando este desaparece, a forma que é perceptível é aquela do Vento, tão refulgente quanto uma arma bem temperada de polimento excelente. Gradualmente, a forma mostrada pelo Vento se torna como aquela da mais fina teia de aranha. Então, tendo obtido alvura, e também a sutileza do ar, é dito que a

alma de Brahman alcança a alvura e sutileza supremas do Éter. Ouça-me enquanto eu te digo as consequências dessas diversas condições quando elas ocorrem. Aquele Yogin que foi capaz de realizar a conquista do elemento terra, obtém por tal domínio o poder de Criação. Como um segundo Prajapati dotado de uma natureza que é perfeitamente imperturbável, ele pode a partir de seu próprio corpo criar todas as espécies de criaturas. Somente com seu dedo do pé, ou com sua mão ou pés, aquela pessoa que conseguiu o domínio do Vento pode sozinha fazer a Terra inteira tremer. Esse mesmo é o atributo do Vento como declarado no Sruti. O Yogin que conseguiu o domínio do Espaço pode existir brilhantemente no Espaço por ter obtido uniformidade com aquele elemento, e pode também desaparecer à vontade. Pelo domínio sobre a Água, alguém pode (como Agastya) esvaziar rios, lagos, e oceanos. Pelo domínio sobre o Fogo, o Yogin se torna tão resplandecente que sua forma não pode ser olhada. Ele se torna visível somente quando ele extingue sua consciência de individualidade; esses cinco elementos ficam sob seu domínio. Quando a Compreensão, a qual é a alma dos cinco elementos e da consciência de individualidade (porque estes seis dependem dela ou a têm como seu refúgio), é conquistada, o Yogin obtém Onipotência, e Conhecimento perfeito (ou percepção livre de dúvida e incerteza com respeito a todas as coisas), vem a ele. Por isso, o Manifesto se funde no Imanifesto ou Alma Suprema da qual o mundo emana e se torna o que é chamado de Manifesto. (É do Imanifesto ou a Alma Suprema que o mundo ou tudo o que é Manifesto surge ou emana. O yogin, por seu conhecimento superior, percebe que tudo o que é Manifesto é somente a Alma Suprema Imanifesta.) Escute agora a mim enquanto eu explico em detalhes a ciência do Imanifesto. Mas antes de tudo ouça-me sobre tudo o que é Manifesto como explicado no sistema de filosofia Sankhya. Em ambos, nos sistemas Yoga e Sankhya, vinte e cinco tópicos de conhecimento são tratados quase da mesma maneira. Escute-me enquanto eu menciono suas principais características. É citado como Manifesto aquilo que é possuidor desses quatro atributos: nascimento, crescimento, decadência, e morte. Aquilo que não possui estes atributos é citado como Imanifesto. Duas almas são mencionadas nos Vedas e nas ciências que são baseadas neles. A primeira (que é chamada de Jivatman), é dotada dos quatro atributos já mencionados, e tem um desejo pelos quatro objetos ou propósitos (isto é, Religião, Riqueza, Prazer e Emancipação). Essa alma é chamada de Manifesta, e é nascida do Imanifesto (Alma suprema). Ela é Inteligente e não-Inteligente. Eu assim te falei sobre Sattwa (matéria inerte) e Kshetrajna (espírito imaterial). Ambos os tipos de Alma, isto é dito nos Vedas, se tornam ligadas aos objetos dos sentidos. A doutrina dos Sankhyas é que alguém deve se manter indiferente ou dissociado dos objetos dos sentidos. O Yogin que é livre do apego e orgulho, que transcende todos os pares de opostos, tais como prazer e dor, calor e frio, etc., que nunca dá vazão à raiva ou ódio, que nunca fala uma inverdade, que, embora caluniado ou golpeado, ainda demonstra amizade pelo caluniador ou pelo que lhe bateu, que nunca pensa em fazer mal a outros, que reprime os três, isto é, palavras, ações, e mente, e que se comporta uniformemente para com todas as criaturas, consegue se aproximar da presença de Brahman. Aquela pessoa que não nutre desejos por objetos mundanos, que não é relutante em aceitar o que vem, que depende dos objetos mundanos somente naquela extensão em que é necessária para manter a vida, que é livre de

cobiça, que rejeitou toda aflição, que tem reprimido seus sentidos, que passa por todas as ações necessárias, que é indiferente à aparência pessoal e vestuário, cujos sentidos estão todos serenos (por devoção aos verdadeiros objetivos da vida), cujos objetivos nunca são deixados não realizados, que se comporta com igual amizade em direção a todas as criaturas, que olha um torrão de terra e um de ouro com um olhar igual, que é igualmente disposto em direção a amigo e inimigo, que possui paciência, que aceita elogio e crítica da mesma maneira, que é livre do desejo com respeito a todos os objetos de desejo, que pratica Brahmacharya, e que é firme e resoluto em todos os seus votos e observâncias, que não tem malícia ou inveja por alguma criatura no universo, é um Yogin que, segundo o sistema Sankhya, consegue ganhar Emancipação. Escute agora ao caminho e aos meios pelos quais uma pessoa pode obter Emancipação através de Yoga (ou o sistema de Patanjali). Aquela pessoa que se move e age depois de ter transcendido o poderio que a prática de yoga ocasiona (nos estágios iniciais), consegue ganhar Emancipação. (É dito que com a prática de Yoga, durante os primeiros estágios, certos poderes extraordinários vêm para o Yogin ele os deseje ou não. Em um capítulo anterior foi dito que aquele Yogin que se permite ser levado por aquelas aquisições extraordinárias vai para o inferno, isto é, fracassa em alcançar a Emancipação ao lado da qual o próprio céu com a posição de Indra é somente inferno. Por isso, aquele que transcende a pujança que Yoga traz se torna Emancipado.) Eu assim te falei sobre aqueles tópicos (isto é, Emancipação de acordo com o sistema Sankhya e de acordo com o sistema Yoga) os quais são diferentes se o orador estiver disposto à tratá-los como tais (mas que na verdade, são um e o mesmo). Dessa maneira alguém pode elevar-se acima de todos os pares de opostos. Assim alguém pode alcançar Brahma.'"

237

"Vyasa disse, 'Carregado para cima e para baixo no oceano da vida, aquele que é capaz de meditar agarra a balsa do Conhecimento, e para alcançar sua Emancipação adere ao próprio Conhecimento, (sem estender seus braços para lá e para cá para agarrar algum outro suporte).'"

"Suka disse, 'Qual é aquele Conhecimento? Ele é aquele saber pelo qual, quando o erro é dissipado, a verdade vem a ser descoberta? Ou, ele é aquele curso de deveres consistindo em ações a serem feitas ou realizadas, pela ajuda das quais o objetivo procurado pode ser compreendido ou alcançado? Ou, ele é aquele curso de deveres, chamado de abstenção de ações, pelo qual uma extensão da Alma é para ser procurada? Diga-me o que é, para que por sua ajuda, os dois, isto é, nascimento e morte, possam ser evitados.'"

"Vyasa disse, 'Aquele tolo que, acreditando que tudo isso existe por sua própria natureza sem, realmente, um refúgio ou fundação existente, enche por tal instrução as aspirações de discípulos, dissipando por sua inventividade dialética os argumentos que os últimos possam usar em contrário, não consegue chegar à alguma verdade. Aqueles também que crêem firmemente que toda Causa é

devido à natureza das coisas, falham em alcançar qualquer verdade mesmo por ouvirem homens (mais sábios) ou os Rishis (que são capazes de instruí-los). Aqueles homens de pouca inteligência que param (em suas especulações), tendo adotado uma dessas doutrinas, de fato, aqueles homens que consideram a natureza como a causa, nunca conseguem obter qualquer benefício para si mesmos. Essa crença na Natureza (como a Causa produtora e sustentadora), surgindo como surge de uma mente agindo sob a influência do erro, ocasiona a destruição da pessoa que a nutre. Escute agora à verdade com respeito a essas duas doutrinas que afirmam (1) que as coisas existem por sua própria natureza e (2) que elas fluem (por sua própria natureza) de outras que são diferentes e que as precedem. Homens sábios se dedicam à agricultura e lavoura, e à aquisição de colheitas (por aqueles meios) e de veículos (para locomoção) e assentos e tapetes e casas. Eles se dedicam também à instalação de jardins de divertimento, à construção de mansões espaçosas, e à preparação de remédios para doenças de todos os tipos. É a sabedoria (a qual consiste na aplicação de recursos) que leva à realização de propósitos. É a sabedoria que ganha resultados benéficos. É a sabedoria que permite aos reis exercerem e desfrutarem de soberania embora eles sejam possuidores de atributos iguais àqueles das pessoas sobre as quais eles governam. (É pela sabedoria que todos esses resultados são alcançados. Sabedoria é a aplicação de meios para a realização de objetivos. A Natureza nunca constrói palácios ou produz veículos e os diversos outros confortos que o homem desfruta. Aquele que confiasse na Natureza com relação a esses nunca os obteria por mais que ele pudesse esperar por muito tempo. A necessidade de esforço, mental e físico, e o êxito que coroa aquele esforço fornecem a melhor resposta, o orador pensa, para aqueles que acreditam naquelas doutrinas.) É pela sabedoria que o maior e o menor entre os seres são distinguidos. É pela sabedoria que os superiores e os inferiores entre os objetos criados são compreendidos. É a sabedoria ou conhecimento que é o maior refúgio de todas as coisas. Todos os diversos tipos de coisas criadas têm quatro tipos de nascimento. Eles são vivíparos, ovíparos, vegetais, e nascidos da sujeira. As criaturas, também, que são móveis, devem ser conhecidas como sendo superiores àquelas que são imóveis. É consistente com a razão que a energia inteligente, visto que ela diferencia (toda matéria não inteligente), deva ser considerada como superior à matéria (não inteligente). As criaturas móveis, que são inumeráveis, são de dois tipos, isto é, aquelas que têm muitas pernas e aquelas que têm duas. As últimas, no entanto, são superiores às primeiras. Os bípedes, também, são de duas espécies, isto é, aqueles que vivem sobre a terra e aqueles que são diferentes (como as aves que são chamadas de habitantes do céu ou do ar). Destes, os primeiros são superiores aos últimos. Os superiores comem diversos tipos de alimento cozido. Os bípedes que se movem sobre a terra são de dois tipos, isto é, os medianos ou intermediários, e os que são principais. Destes, os medianos ou intermediários são considerados como superiores (aos primeiros) por causa de sua observância dos deveres de casta. (É claro, os principais são os principais, e os intermediários nunca podem ser superiores a eles. Apesar disso, os intermediários são cumpridores dos deveres de casta; os principais não são assim, eles tendo transcendido tais distinções; por isso, como tentativa, a opinião popular ou ignorante é primeiro aceita, no sentido de que os observadores de

casta são superiores àqueles que não observam Jatidharma.) Os medianos ou intermediários são citados como sendo de dois tipos, isto é, os que conhecem e os que não conhecem os deveres. Desses, os primeiros são superiores por seu discernimento a respeito do que deve e do que não deve ser feito. Aqueles familiarizados com os deveres são citados como sendo de dois tipos: os que conhecem e os que não conhecem os Vedas. Desses os primeiros são superiores, pois os Vedas são considerados como habitando neles. (Isto provavelmente significa que como os Vedas não tinham sido reduzidos à escrita, seus conteúdos repousavam ou moravam nas memórias de homens versados neles.) Aqueles que conhecem os Vedas são de dois tipos, isto é, aqueles que fazem e aqueles que não fazem preleções sobre os Vedas. Desses, os primeiros, que conhecem totalmente os Vedas, com os deveres e os ritos declarados neles, e os resultados daqueles deveres e ritos, são superiores por sua divulgação de todos aqueles deveres e ritos. De fato, todos os Vedas com os deveres declarados neles são citados como fluindo deles. Os preceptores dos Vedas são de dois tipos, os que conhecem e os que não conhecem a Alma. Desses, os primeiros são superiores por seu conhecimento do que significa Nascimento e Morte. (Compreender o que é nascimento e o que é morte, e evitar nascimento (somado, portanto, morte), são os maiores frutos do conhecimento da Alma. Aqueles que não têm conhecimento da Alma tem que viajar em uma ronda de repetidos renascimentos.) Com relação aos deveres, eles são, também, de dois tipos (isto é, Pravritti e Nivritti). Aquele que conhece os deveres é citado como sendo onisciente ou possuidor de conhecimento universal. Tal homem é um Renunciante. Tal homem é firme na realização de seus propósitos. Tal homem é verdadeiro, puro (externamente e internamente), e possuidor de pujança (isto é, o poder que vem de Yoga). Os deuses reconhecem como um Brahmana aquele que é devotado ao conhecimento de Brahma (e não aquele que conhece somente os deveres de Pravritti). Tal homem é versado também nos Vedas e seriamente dedicado ao estudo da Alma. Aqueles que têm conhecimento verdadeiro contemplam sua própria Alma como existente dentro e fora. Tais homens, ó filho, são realmente regenerados e tais homens são deuses. (Observar tudo no universo como seu próprio eu. A Alma é a mais alta aspiração de uma pessoa justa. É yoga que capacita alguém a alcançar o mais alto ideal de existência. Alguém que percebe isso é citado como sendo um verdadeiro Brahmana, uma pessoa realmente regenerada, de fato, um deus sobre a Terra.) Desses depende este mundo de Seres, neles mora todo este universo. Não há nada que seja igual à sua grandeza. Transcendendo nascimento e morte e as distinções e ações de todos os tipos, eles são os senhores das quatro espécies de criaturas e são iguais ao próprio Auto-nascido.'"

238

"Vyasa disse, 'Essas, então, são as ações obrigatórias ordenadas para Brahmanas. Alguém que possui conhecimento sempre alcança o êxito por praticar as ações (prescritas). Se nenhuma dúvida surge em relação às ações, então ações feitas sem dúvida levam ao sucesso. A dúvida à qual nós nos referimos é

esta: se as ações são obrigatórias ou se elas são opcionais. (O conhecimento é essencial para o êxito ou emancipação. Se ações se tornam necessárias para levar ao conhecimento, a dúvida pode então surgir de modo que elas cessam de ser obrigatórias, pois pode ser suposto que o conhecimento é obtenível de outra maneira do que por meio de ações.) Com relação a esta (dúvida acerca do verdadeiro caráter das ações, deve ser dito que), se as ações são ordenadas para o homem para produzir conhecimento (somente pelo qual Brahma ou a Emancipação é para ser alcançado, então) elas devem ser consideradas como obrigatórias (e não opcionais). Eu agora falarei sobre elas pela luz de inferências e experiência. Ouça-me. Com respeito às ações alguns homens dizem que o Esforço é sua causa. Outros dizem que a Necessidade é sua causa. Outros afirmam que a Natureza é a causa. Alguns dizem que as ações são os resultados do Esforço e da Necessidade. Alguns afirmam que as ações fluem do Tempo, Esforço, e Natureza. Alguns dizem que dos três (isto é, Esforço, Necessidade, e Natureza), só um (e não os outros dois) é a causa. Alguns são de opinião que todos os três combinados são a causa. Algumas pessoas que estão empenhadas na realização de ações dizem, com respeito a todos os objetos, que eles existem, que eles não existem, que eles não podem ser citados como existentes, que eles não podem ser citados como não existentes, que não é que eles não podem ser citados como existentes, e por fim, que não é que eles não podem ser citados como não existentes. (Estes então são os diversos pontos de vista nutridos pelos homens.) Aqueles que são Yogins, no entanto, vêem Brahma como a causa universal. Os homens do Treta, do Dwapara, e do Kali Yugas são inspirados com dúvidas (com referência às declarações dos Srutis). Os homens do Krita Yuga, no entanto, são dedicados a penitências, têm almas tranquilas (isto é, não têm dúvidas), e são observadores de virtude. Naquela era todos os homens consideram os Richs, os Samans, e os Yajuses como idênticos apesar de sua aparente diversidade. Analisando desejo e aversão, eles cultuam somente a penitência. (No Treta e nos outros Yugas as pessoas são vistas professando apego ou devoção a somente um dos Vedas e não aos outros, seja ele o Richs, o Samans, ou o Yajuses. O orador, descontente com isso se refere à era Krita como uma na qual tal diferença de fé não era observável. Os homens naquela era consideravam todos os Vedas igualmente, e, de fato, até como idênticos.) Dedicado à prática de penitências, constante nelas, e rígido em sua observância, alguém consegue a realização de todos os seus desejos só pelas penitências. Pela penitência alguém alcança àquilo por se tornar o qual alguém cria o universo. Pela penitência alguém se torna aquilo pelo qual ele se torna o mestre poderoso de todas as coisas. (Jiva ou Chit se torna poderoso e consegue criar o universo por meio de penitência. Por meio de penitência alguém alcança Brahma, e, portanto, pujança universal.) Aquele Brahma está explicado nas declarações dos Vedas. Apesar disso, Brahma é inconcebível mesmo para aqueles que estão familiarizados com aquelas declarações. Brahma também foi declarado no Vedanta. Brahma, no entanto, não pode ser contemplado por meio de ações. (Este é um dos versos mais importantes nesse capítulo, pois, como o comentador explica, ele fornece a resposta para a questão proposta no capítulo anterior, isto é 'O que é aquele conhecimento?' Nos Vedas ações e conhecimento são mencionados. Na província de ações, Brahma é representado como Indra e os

outros deuses. Brahma, portanto, é falado lá como oculto (ou inconcebível) até para aqueles que conhecem aquela província ou esfera dos Vedas. No Vedanta, também, conhecimento ou Vidya é falado como o meio pelo qual alcançar Brahma. O conhecimento ou Vidya, portanto, o qual é o assunto da questão, não é o que é implicado por Pravritti dharma ou por Nivritti como usado no capítulo anterior.) O sacrifício ordenado para Brahmanas consistem em japa (meditação e recitação), aquele para Kshatriyas consiste em matança de animais (puros) para a satisfação das divindades; aquele para Vaisyas consiste na produção de colheitas e na criação de animais domésticos; e aquele para Sudras em serviço humilde para as três outras classes. Por cumprir os deveres prescritos para ele e por estudar os Vedas e outras escrituras, alguém se torna um Dwija (regenerado). Se ele faz alguma outra ação ou não, ele se torna um Brahmana por se tornar o amigo de todas as criaturas. No início de Treta, os Vedas e sacrifícios e as divisões de casta e os vários modos de vida existiam em sua totalidade. Por consequência, no entanto, da duração de vida ser diminuída em Dwapara, aqueles são alcançados pelo declínio. Na era Dwapara como também na Kali, os Vedas são alcançados pela perplexidade. Perto do fim de Kali, é duvidoso se eles até se tornam visíveis para o olho. Naquela era, os deveres das respectivas classes desaparecem, e homens se tornam afligidos pela iniquidade. Os atributos suculentos de vacas, da terra, da água, e ervas (medicinais e comestíveis), desaparecem. (Isto é, as vacas não produzem mais leite doce e abundante, o solo cessa de ser fértil, e as ervas medicinais e comestíveis perdem suas virtudes de cura como também seu sabor.) Pela iniquidade (universal) os Vedas desaparecem e com eles todas as funções inculcadas neles, como também os deveres em relação aos quatro modos de vida. Aqueles que permanecem cumpridores dos deveres de sua própria classe são afligidos, e todos os objetos móveis e imóveis sofrem uma mudança para pior. Como as chuvas do céu fazem todos os produtos da terra crescerem, da mesma maneira os Vedas, em todas as eras, fazem todos os angas crescerem. (Angani significa as observâncias necessárias para a prática de Yoga como também todos os tipos de ritos e votos. Os Vedas fazem estes aumentarem, e eles, por sua vez, ajudam todos os estudantes dos Vedas a realizarem seus propósitos.) Sem dúvida, o Tempo assume diversas formas. Ele não tem início nem fim. É o Tempo que produz todas as criaturas e também as devora. Eu já falei disso para ti. O Tempo é a origem de todas as criaturas; o Tempo é aquilo que as faz crescer; o Tempo é aquilo que é seu destruidor; e por fim é o tempo que é seu soberano. Sujeitas aos pares de opostos (tais como calor e frio, prazer e dor, etc.), criaturas de variedade infinita dependem do Tempo de acordo com suas próprias naturezas (sem serem diferentes de como elas foram ordenadas pelo Brahma supremo).'"

239

"Bhishma disse, 'Assim endereçado (por seu pai), Suka, elogiando muito essas instruções do grande Rishi, se pôs a perguntar o seguinte, relativo à importância dos deveres que levam à Emancipação.'"

"Suka disse, 'Por quais meios alguém que possui sabedoria, que conhece os Vedas, que é observador de sacrifícios, dotado de sabedoria, e livre de malícia, consegue alcançar Brahma que não pode ser compreendido por evidência direta ou inferência, e que não é suscetível de ser indicado pelos Vedas? Questionado por mim, me diga por quais meios Brahma deve ser compreendido? É por penitência, por Brahmacharya, pela renúncia de tudo, pela inteligência, pela ajuda da filosofia Sankhya, ou por Yoga? Por quais meios pode qual tipo de busca de um só fim ser alcançado por homens, com relação a ambos, isto é, a mente e os sentidos? Cabe a ti explicar tudo isso para mim.'"

"Vyasa disse, 'Nenhum homem chega ao êxito por outros meios exceto a aquisição de conhecimento, a prática de penitências, a subjugação dos sentidos, e renúncia de tudo. (O comentador salienta que por esses quatro termos os quatro modos de vida são indicados.) As grandes entidades (cinco em número) representam a criação primeira (ou inicial) do Nascido por Si Mesmo. Elas têm sido colocadas amplamente em criaturas incorporadas incluídas no mundo de vida. Os corpos de todas as criaturas incorporadas são derivados da terra. Os líquidos orgânicos são da água. Seus olhos são citados como derivados da luz. Prana, Apana (e os três outros ares vitais) têm o vento como seu refúgio. E, por fim, todas as aberturas desocupadas dentro delas (tais como as narinas, as cavidades do ouvido, etc.) são do Espaço. Nos pés (das criaturas vivas) está Vishnu. Em seus braços está Indra. Dentro do estômago está Agni desejoso de alimento. Nos ouvidos estão os pontos do horizonte (ou da bússola) representando o sentido de audição. Na língua está a fala que é Saraswati. (O comentador explica que o objetivo deste verso é mostrar que a visão Yoga da Alma sendo somente o desfrutador mas não o ator não é correta. Por outro lado, a visão Sankhya da Alma não sendo o desfrutador nem o ator, é verdadeira. As divindades, permanecendo nos vários sentidos, agem e desfrutam. É por ignorância que a Alma atribui a si mesma seus prazeres e suas ações.) Os ouvidos, pele, olhos, língua e o nariz formando o quinto, são citados como os sentidos de conhecimento. Estes existem para os propósitos de percepção de seus respectivos objetos. Som, toque, forma, gosto e cheiro formando o quinto, são os objetos dos (cinco) sentidos. Estes devem sempre ser considerados como separados (ou independente) dos sentidos. Como o cocheiro colocando seus corcéis bem domados ao longo dos caminhos que lhe agradam, a mente coloca os sentidos (ao longo das direções que lhe agradam). A mente, por sua vez, é empregada pelo conhecimento situado no coração. A mente é o senhor de todos os sentidos em relação a empregá-los em suas funções e guiá-los ou reprimi-los. Similarmente, o conhecimento é o senhor da mente (por empregá-la, e guiá-la ou reprimi-la). Os sentidos, os objetos dos sentidos, os atributos daqueles objetos representados pela palavra natureza, conhecimento, mente, os ares vitais, e Jiva moram nos corpos de todas as criaturas incorporadas. (O que se quer dizer por os objetos dos sentidos residindo dentro dos corpos de criaturas vivas é que (como o comentador explica) seus conceitos existem na 'cavidade do coração' (provavelmente, mente) de modo que quando necessários ou requeridos, eles aparecem (perante a visão da mente).) O corpo dentro do qual o conhecimento mora não tem existência real. O corpo, portanto, não é o refúgio do conhecimento.

A Natureza Primordial (Prakriti) tendo os três atributos (de Bondade e Paixão e Ignorância) é o refúgio do conhecimento o qual existe somente na forma de um som. A Alma também não é o refúgio do conhecimento. É o Desejo que cria o conhecimento. O Desejo, no entanto, nunca cria os três atributos. O homem de sabedoria, capaz de subjugar seus sentidos, contempla o décimo sétimo, isto é, a Alma, como cercada por dezesseis atributos, em seu próprio conhecimento pela ajuda da mente. A Alma não pode ser vista com a ajuda do olho ou com aquela dos todos os sentidos. Transcendendo todos, a Alma se torna visível somente pela luz da lâmpada da mente. Desprovida das propriedades de som e tato e forma, sem gosto e cheiro, indestrutível e sem um corpo (grosseiro ou sutil) e sem sentidos, ela é todavia vista dentro do corpo. Imanifesta e suprema, ela mora em todos os corpos mortais. Seguindo a orientação do preceptor e dos Vedas, aquele que a contempla após a morte se torna o eu de Brahma. Aqueles que possuem sabedoria olham com um olhar igual para um Brahmana possuidor de conhecimento e discípulos, uma vaca, um elefante, um cachorro, e um Chandala; (pois tais homens vêem Brahma em todas as coisas). Transcendendo todas as coisas, a Alma mora em todas as criaturas móveis e imóveis. De fato, todas as coisas são permeadas por ela. Quando uma criatura viva vê sua própria Alma em todas as coisas, e todas coisas em sua própria Alma, é dito que ela alcançou Brahma. Alguém ocupa aquele tanto da Alma Suprema que é proporcional ao que é ocupado em sua própria alma pelo som Védico. (Os Vedas ensinam que tudo é a alma de alguém. A extensão à qual alguém consegue perceber isso é a medida de sua obtenção de Brahma. Se alguém pode perceber isso completamente, ele alcança Brahma completamente. Se parcialmente, seu alcance de Brahma também é parcial.) Aquele que pode sempre perceber a identidade de todas coisas com seu próprio eu indubitavelmente obtém imortalidade. Os próprios deuses ficam estupefatos no caminho daquele homem sem rastro que constitui ele mesmo a alma de todas as criaturas, que é dedicado ao bem de todos os seres, e que deseja alcançar (Brahma, que é) o refúgio final (de todas as coisas). (O rastro de tal pessoa, é dito, é tão invisível quanto os céus. O comentador explica que os próprios deuses ficam estupefatos em relação ao objetivo que tal homem procura, o objetivo, é claro, sendo Brahma.) De fato, o caminho que é seguido pelos homens de conhecimento é tão visível quanto aquele de aves no céu ou de peixes na água. O Tempo, por seu próprio poder, cozinha todos os entes dentro de si mesmo. Ninguém, no entanto, conhece Aquele (Brahma) no qual o Tempo, por sua vez, é ele mesmo cozido. Aquele (do qual eu falo) não está em cima, ou no meio ou em baixo, ou em direção transversal ou em qualquer outra. Aquele é para a entidade tangível; ele não é para ser encontrado em algum lugar. (Por meio disso o orador diz que Brahma não é para ser encontrado em algum lugar específico por mais que sagrado.) Todos esses mundos estão dentro daquele. Não há nada nesses mundos que exista fora dele. Mesmo se alguém siga em frente incessantemente com a velocidade de uma flecha impelida pela corda do arco, mesmo se ele siga com a velocidade da própria mente, ele ainda não alcançará o fim daquele que é a causa de tudo isso. (Porque Brahma é infinito.) Aquilo é tão bruto que não há nada mais bruto. Suas mãos e pés se estendem por todos os lugares. Seus olhos, cabeça, e face estão em todos os lugares. Seus ouvidos estão em todos os lugares no universo. Ele existe submergindo todas as

coisas. Ele é menor do que o menor, ele é o coração de todos os entes. Existindo, sem dúvida, ele ainda é imperceptível. Indestrutível e destrutível, estas são as formas duais de existência da Alma (suprema). Em todas as entidades móveis e imóveis a existência que ela manifesta é destrutível; enquanto a existência que ela manifesta em Chaitanya é celestial, imortal, e indestrutível. Embora o senhor dos seres existentes móveis e imóveis, embora inativa e desprovida de atributos, ela entra, todavia, na bem conhecida mansão de nove portas e se torna engajada em ação. Homens de sabedoria que são capazes de ver a outra margem dizem que o Não-Nascido (ou a Alma Suprema) vem a ser investido com o atributo de ação por causa de movimento, prazer e dor, variedade de forma, e as nove posses bem conhecidas. (O sentido é que a Alma residindo dentro do corpo é idêntica à Alma Suprema, e somente homens de sabedoria sabem disso.) Aquela Alma indestrutível que é citada como investida com o atributo de ação é nada mais do que aquela Alma indestrutível que é citada como sendo inativa. Uma pessoa de conhecimento, por alcançar àquela essência indestrutível, desiste para sempre de vida e nascimento.'"

240

"Vyasa disse, 'Ó filho excelente, questionado por ti, eu te falei realmente qual deve ser a resposta para tua pergunta segundo a doutrina de conhecimento como exposta no sistema Sankhya. Ouça-me agora enquanto eu te explico tudo o que deve ser feito (para o mesmo fim) de acordo com a doutrina Yoga. A união de Intelecto e Mente, e todos os sentidos, e a Alma que a tudo permeia é considerada como Conhecimento do tipo principal. Aquele Conhecimento deve ser adquirido (pela ajuda do preceptor) por alguém que é de uma disposição tranquila, que tem dominado seus sentidos, que é capaz (pela meditação) de dirigir seu olhar para a Alma, que tem prazer em (tal) meditação, é dotado de inteligência e puro em ações. Alguém deve procurar adquirir este Conhecimento por abandonar aqueles cinco impedimentos de Yoga que são conhecidos pelos sábios, isto é, desejo, ira, cupidez, medo, e sono. A ira é conquistada por tranquilidade de disposição. O desejo é conquistado por abandonar todos os propósitos. Por refletir com a ajuda da compreensão sobre tópicos dignos de reflexão, alguém dotado de paciência consegue abandonar o sono. Pela resistência firme alguém deve reprimir os órgãos de geração e o estômago (de indulgências indignas ou pecaminosas). Uma pessoa deve proteger suas mãos e pés por (usar) seus olhos. Deve-se proteger os olhos e ouvidos pela ajuda da mente, e a mente e a fala pelas ações. Deve-se evitar o medo pela atenção, e o orgulho por servir os sábios. Subjugando procrastinação, alguém deve, por estes meios, subjugar estes impedimentos de Yoga. Deve-se prestar adorações ao fogo e aos Brahmanas, e deve-se curvar a cabeça para as divindades. Deve-se evitar todos os tipos de conversa inauspiciosa, e palavras que são repletas de malícia, e palavras que são dolorosas para outras mentes. Brahma é a semente refulgente (de tudo). Ele é, também, a essência daquela semente de onde vem tudo isso. Brahma se tornou a visão, na forma deste universo móvel e imóvel, de todos os entes que tomaram nascimento.

(O significado é este: Brahma abriu seus olhos para se tornar muitos, como os Srutis declaram, e por isso ele se tornou muitos. Por um olhar Brahma se tornou a Alma de todas as coisas móveis e imóveis.) Meditação, estudo, caridade, veracidade, modéstia, simplicidade, bondade, pureza de corpo, pureza de conduta, e domínio dos sentidos, esses aumentam a energia de alguém, a qual (quando aumentada) destrói seus pecados. Por se comportar igualmente para com todas as criaturas e por viver em contentamento com o que é adquirido facilmente e sem esforço, alguém obtém a realização de todos os seus objetivos e consegue obter conhecimento. Purificado de todos os pecados, dotado de energia, moderado em dieta, com sentidos sob total controle, alguém deve, depois de ter subjugado desejo e ira, procurar alcançar Brahma. Unindo firmemente os sentidos e a mente (tendo-os afastado de todos os objetos externos) com olhar fixo para dentro, alguém deve, nas horas silenciosas da noite ou naquelas antes da alvorada, colocar sua mente sobre o conhecimento. Se mesmo um dos cinco sentidos de um ser humano for mantido descontrolado, toda sua sabedoria pode ser vista escapar através dele como água por um buraco aberto no fundo de uma sacola de couro. Em primeiro lugar o Yogin deve procurar controlar a mente, da mesma maneira de um pescador procurando no início devolver aquele entre os peixes fracos do qual há o maior perigo para suas redes. Tendo primeiro subjugado a mente, o Yogin deve então proceder para subjugar seus ouvidos, então seus olhos, então sua língua, e então seu nariz. Tendo controlado estes, ele deve fixá-los na mente. Então, afastando a mente de todos os propósitos, ele deve fixá-la no conhecimento. De fato, tendo dominado os cinco sentidos, o Yati deve fixá-los na mente. Quando estes, a mente como seu sexto, ficam concentrados no conhecimento, e assim concentrados permanecem firmes e imperturbados, então Brahma se torna perceptível como um fogo sem fumaça de chamas fulgurantes ou o Sol de brilho refulgente. De fato, então alguém vê em si mesmo sua própria alma como fogo relampejando nos céus. Tudo então aparece nela e ela aparece em tudo por sua infinitude. Aqueles Brahmanas de grande alma que possuem sabedoria, que são dotados de firmeza, que são possuidores de conhecimento superior, e que estão empenhados no bem de todas as criaturas, conseguem contemplá-la. Engajado na observância de votos austeros, o Yogin que se comporta dessa maneira por seis meses, sentado sozinho em um local isolado, consegue alcançar uma igualdade com o Indestrutível. Aniquilação, extensão, poder de apresentar vários aspectos na mesma pessoa ou corpo, perfumes celestiais, e sons, e visões, as mais agradáveis sensações de gosto e tato, sensações agradáveis de frescor e calor, igualdade com o vento (rapidez de movimento, poder de desaparecer à vontade, e capacidade de se mover pelos céus), capacidade de compreensão (por luz interior) o significado de escrituras e todo trabalho de gênio, companhia de donzelas celestes; adquirindo todos esses por meio de Yoga o Yogin deve desconsiderá-los e fundi-los todos no conhecimento. Reprimindo a fala e os sentidos ele deve praticar Yoga durante as horas depois do crepúsculo, nas horas antes do amanhecer, e ao amanhecer do dia, sentado em um topo de montanha, ou na base de uma árvore agradável, ou com uma árvore à sua frente. Reprimindo todos os sentidos dentro do coração, ele deve, com faculdades concentradas, pensar no Eterno e Indestrutível como um homem do mundo pensando em riqueza e outras posses valiosas. Ele nunca

deve, enquanto praticando Yoga, afastar sua mente disso. Ele deve com se dirigir com devoção àqueles meios pelos quais ele possa conseguir controlar a mente que é muito agitada. Ele nunca deve se permitir se afastar disso. Com os sentidos e a mente afastados de tudo mais, o Yogin (para praticar) deve se dirigir à cavernas vazias de montanhas, a templos consagrados às divindades, e a casas ou apartamentos vazios, para viver lá. Ele não deve se associar com outros nem em palavra, ação, ou pensamento. Desconsiderando todas as coisas, e comendo muito abstemiamente, o Yogin deve olhar com um olhar igual para objetos adquiridos ou perdidos. Ele deve se comportar da mesma maneira com alguém que o elogia e alguém que o critica. Ele não deve procurar o bem ou o mal de um ou de outro. Ele não deve se regozijar por uma aquisição ou sofrer ansiedade quando ele encontra fracasso ou perda. De comportamento uniforme para com todos os seres, ele deve imitar o vento (isto é, independente de todas as coisas). Para alguém cuja mente está assim voltada para si mesma, que leva uma vida de pureza, e que lança um olhar igual para todas as coisas, de fato, para alguém que está sempre engajado em Yoga dessa maneira exatamente por seis meses, Brahma como representado pelo som (Pranavah ou Om, o monossilábico místico significando a trindade,) aparece muito vividamente. Vendo todos os homens afligidos com ansiedade (por causa de ganhar riqueza e conforto), o Yogin deve olhar um torrão de terra, um pedaço de pedra, e um pedaço de ouro com um olhar igual. De fato, ele deve se afastar deste caminho (de ganhar riqueza), nutrindo uma aversão por isso, e nunca se permitir ser entorpecido. Mesmo se acontecer de uma pessoa pertencer à classe inferior (Sudra), mesmo se acontecer de ela uma mulher, ambos, por seguirem o caminho indicado acima, certamente alcançarão o fim mais sublime. (O comentador salienta que ao passo que somente as três classes superiores são consideradas elegíveis para o estudo de Sankhya e para revelação de tais Srutis como Tattwamasi (tu és Aquilo), aqui Vyasa declara que com relação ao caminho Yoga, _todos_ são elegíveis para se dirigirem a ele.) Aquele que subjugou sua mente vê em si mesmo, pela ajuda de seu próprio conhecimento, o Incriado, Antigo, Imperecível, e Eterno Brahma, Aquele que não pode ser alcançado exceto pelos sentidos fixados (na mente e esta na compreensão), Aquele que é mais sutil do que o mais sutil, e mais grosseiro do que o mais grosseiro, e que é a própria Emancipação.'”

"Bhishma continuou, 'Por averiguar das bocas de preceptores e por eles mesmos refletirem com suas mentes sobre estas palavras que o Rishi grandioso e de grande alma falou tão adequadamente, pessoas possuidoras de sabedoria obtêm aquela igualdade (sobre a qual as escrituras falam) com o próprio Brahman, até, de fato, o tempo quando chega a dissolução universal que traga todos os seres existentes.'"

241

"Suka disse, 'As declarações dos Vedas são duplas. Elas uma vez prescrevem a ordem, 'Faça todas as ações'. Elas também indicam (o contrário, dizendo), 'Desista das ações'. Eu pergunto, 'Para onde vão as pessoas pela ajuda do

Conhecimento e para onde elas vão pela ajuda de ações?' (Os Vedas proclamam a eficácia de ações e conhecimento. Ações não são prescritas para aqueles que têm conhecimento.) Eu desejo saber isso. Diga-me isso. De fato, estas declarações sobre conhecimento e ações são dissimilares e até contraditórias.'"

"Bhishma continuou, 'Assim endereçado, o filho de Parasara disse estas palavras para seu filho, 'Eu explicarei para ti os dois caminhos, isto é, o destrutível e o indestrutível, dependentes respectivamente de ações e conhecimento. Escute com atenção concentrada, ó filho, a mim, enquanto eu te digo o lugar que é alcançado por alguém com a ajuda de conhecimento, e aquele outro lugar que é alcançado com a ajuda de ações. A diferença entre esses dois lugares é tão grande quanto o céu ilimitado. A pergunta que tu me fizeste me causou uma angústia similar àquela que um discurso ateísta dá para um homem de fé. Estes são os dois caminhos sobre os quais os Vedas estão estabelecidos; os deveres (ações) indicados por Pravritti, e aqueles baseados em Nivritti, que têm sido tratados de forma tão excelente. Por meio de ações, uma criatura viva é destruída. Pelo conhecimento, no entanto, ela se torna emancipada. Por esta razão, os Yogins que vêem o outro lado do oceano da vida nunca se dirigem a ações. Pelas ações alguém é forçado a renascer, depois da morte, com um corpo composto dos dezesseis ingredientes. Pelo conhecimento, no entanto, alguém vem a ser transformado naquilo que é Eterno, Imanifesto, e Imutável. Uma classe de pessoas de pouca inteligência louva as ações. Por isso elas têm que aceitar corpos (um depois do outro) incessantemente. Aqueles homens cujas percepções são afiadas a respeito dos deveres e que alcançaram aquela compreensão elevada (que leva ao conhecimento), nunca louvam ações assim como pessoas que dependem para beber água do abastecimento de rios nunca louvam poços e tanques. O fruto que alguém obtém de ações consiste em prazer e dor, em existência e não existência. Pelo conhecimento, alguém alcança àquilo onde não há ocasião para dor; onde ele se torna livre de nascimento e morte; onde não se está sujeito à decrepitude; onde alguém transcende o estado de existência consciente, onde está Brahma que é Supremo, Imanifesto, imutável, sempre existente, imperceptível, acima do alcance da dor, imortal, e que transcende a destruição; onde todos se tornam livres da influência de todos os pares de opostos (como prazer e dor, etc.), como também de desejo ou propósito. Alcançando aquele estágio, eles lançam olhares iguais sobre tudo, se tornam amigos universais e dedicados ao bem de todas as criaturas. Há um amplo abismo, ó filho, entre alguém dedicado ao conhecimento e alguém dedicado às ações. Saiba que o homem de conhecimento, sem sofrer destruição, permanece existente para sempre como a lua no último dia da quinzena escura existindo em uma forma sutil (mas não destruída). O grande Rishi (Yajnavalkya em Vrihadaranayaka) disse isso mais elaboradamente. Com relação ao homem dedicado às ações, sua natureza pode ser inferida por se observar a lua recém nascida que aparece como um fio curvado no firmamento. (O significado é este: o homem de ações é como a lua recém-nascida, isto é, sujeito a crescimento e decadência.) Saiba, ó filho, que a pessoa de ações renasce com um corpo com onze entidades, como seus ingredientes, que são os resultados de modificação, e com uma forma sutil que representa um total de dezesseis. A divindade que toma refúgio naquela forma

(material), como uma gota de água em uma folha de lótus, deve ser conhecida como Kshetrajna (Alma), que é Eterna, e que consegue por meio de Yoga transcender a mente e o conhecimento. (A alma reside no corpo sem partilhar de algum dos atributos do corpo. Ela é, portanto, comparada a uma gota de água em uma folha de lótus, a qual, embora sobre a folha, contudo não está ligada a ela, tanto que ela pode partir sem molhar ou encharcar em absoluto qualquer parte da folha.) Tamas, Rajas, e Sattwa são os atributos do conhecimento. O conhecimento é o atributo da alma individual residindo dentro do corpo. A alma individual, por sua vez, vem da Alma Suprema. O corpo com a alma é citado como sendo o atributo de jiva. É jiva que age e faz todos os corpos viverem. Ele que tem criado os sete mundos é citado por aqueles que estão familiarizados com o que é Kshetra, (e com o que é Kshetrajna), como estando acima de jiva.'"

242

"Suka disse, 'Eu agora entendi que há dois tipos de criação, isto é, uma começando com Kshara (a qual é universal), e que é da Alma (universal). A outra, consistindo nos sentidos com seus objetos, é determinável ao poder do conhecimento. Esta última transcende a outra e é considerada como a principal. Eu desejo, no entanto, ouvir mais uma vez a respeito daquele rumo de virtude que se move neste mundo, regulado pela virtude do Tempo, (isto é, conforme cada Yuga específico), e de acordo com o qual todos os bons homens moldam sua conduta. Nos Vedas há ambos os tipos de declarações, isto é, fazer ações e evitar ações. Como eu conseguirei determinar a adequação deste ou daquele? Cabe a ti me explicar isto claramente. (Vyasa já explicou o caráter das duas declarações aparentemente hostis. O significado da questão de Suka, portanto, é que se duas declarações são só aparentemente hostis, se, como explicado no Gita, elas são idênticas, como aquela identidade é para ser averiguada claramente?) Tendo obtido, pelas tuas instruções, um conhecimento completo da direção de conduta de seres humanos (isto é, as diferenças entre certo e errado), tendo me purificado pela prática da virtude somente, e tendo purificado minha compreensão, eu irei, depois de rejeitar meu corpo, contemplar a Alma indestrutível.'" (Ou, 'tendo rejeitado, por meio de Yoga, a consciência de corpo, eu verei minha própria Alma'.)

"Vyasa disse, 'A direção de conduta que foi primeiro estabelecida pelo próprio Brahma foi devidamente observada pelas pessoas sábias e virtuosas de antigamente, isto é, os grandes Rishis dos tempos antigos. Os grandes Rishis conquistam todos os mundos pela prática de Brahmacharya. Procurando todas as coisas que são boas para si mesmo por fixar a mente sobre o conhecimento, praticando austeridades severas por residir na floresta e subsistir de frutas e raízes, por andar em locais sagrados, por praticar benevolência universal, e por sair em suas rondas de mendicância na hora apropriada para as cabanas de reclusos na floresta quando estas ficam sem fumaça, (isto é, quando os habitantes já cozinharam e comeram), e o som da vara de descascar estiver silenciado, (isto é, quando o pilão para limpar arroz não mais trabalha, e consequentemente

quando os habitantes não estão aptos a darem muito para o mendicante), uma pessoa consegue alcançar Brahma. Abstendo-te de bajulação e de curvar tua cabeça para outros, e evitando os bons e os maus, viva na floresta por ti mesmo, apaziguando a fome de qualquer maneira que venha pelo caminho.'"

"Suka disse, 'As declarações dos Vedas (já referidas a respeito de ações) são, na opinião dos incultos, contraditórias. Se esta é autoritária e aquela é igualmente, quando há este conflito, como elas podem ser citadas como sendo escriturais? (Há um aparente conflito entre as duas declarações. Se ambas são autoritárias, elas não podem ser consideradas como declarações escriturais por causa de seu conflito. Se uma é assim e a outra não, o caráter escritural da última pelo menos é perdido. As escrituras só podem ser indubitáveis e livres de imperfeições. Como então (a questão procede) se o caráter escritural de ambas for mantido?) Eu desejo saber: como ambas podem ser consideradas como autoritárias? Como, de fato, a Emancipação pode ser alcançada sem violar a ordenança acerca do caráter obrigatório das ações?'"

"Bhishma continuou, 'Assim endereçado, o filho de Gandhavati, isto é, o Rishi, elogiando essas palavras de seu filho possuidor de energia incomensurável, respondeu para ele, dizendo o seguinte.'"

"Vyasa disse, 'Alguém que é um Brahmacharin, alguém que leva uma vida familiar, alguém que é um recluso na floresta, e alguém que leva uma vida de mendicância (religiosa), todos alcançam o mesmo fim sublime por cumprirem devidamente os deveres de seus respectivos modos de vida. Ou, se uma pessoa, livre de desejo e aversão, pratica (um depois do outro) todos esses quatro modos de vida segundo as ordenanças que foram declaradas, ela certamente tem condições (por tal conduta) de compreender Brahma. Os quatro modos de vida constituem uma escada ou escadaria. Aquela escadaria está ligada a Brahma. Por ascendê-la corretamente, alguém consegue chegar à região de Brahma. Pela quarta parte de sua vida, o Brahmacharin, conhecedor das distinções de dever e livre de malícia, deve viver com seu preceptor ou filho de seu preceptor. Enquanto residindo na casa do preceptor, ele deve ir para a cama depois que o preceptor tiver ido para a dele, e deve se levantar dela antes que o preceptor se levante da dele. Todos os atos que devem ser feitos pelo discípulo, como também aqueles que devem ser feitos por um empregado humilde, devem ser realizados por ele. Terminando estes ele deve humildemente se colocar ao lado do preceptor. Hábil em todos os tipos de trabalho, ele deve se comportar como um empregado servil, fazendo todas as ações para seu preceptor. Tendo realizado todas as ações (sem deixar alguma parte inacabada), ele deve estudar, sentando aos pés de seu preceptor, com desejo ávido de aprender. Ele deve sempre se comportar com simplicidade, evitar más palavras, e tomar aulas somente quando seu preceptor o convidar para isto. Tornando-se puro em corpo e mente, e adquirindo inteligência e outras virtudes, ele deve falar ocasionalmente o que for agradável. Subjugando seus sentidos, ele deve olhar para seu preceptor sem olhos de curiosidade ardente. (Significando: ele deve lançar olhares submissos ou humildes em vez de encarar audaciosamente ou rudemente.) Ele nunca deve comer antes que seu preceptor tenha comido; nunca beber antes que seu preceptor tenha bebido;

nunca sentar antes que seu preceptor tenha se sentado; e nunca ir dormir antes que seu preceptor tenha ido dormir. Ele deve tocar gentilmente os pés de seu preceptor com palmas viradas para cima, o pé direito com a direita e o esquerdo com a esquerda. Saudando reverentemente o preceptor, ele deve dizer a ele, 'Ó ilustre, me ensine. Eu realizarei este (trabalho), ó ilustre! Este (outro trabalho) eu já realizei. Ó regenerado, eu estou pronto para realizar qualquer coisa mais que tua pessoa venerável possa querer ordenar.' Tendo dito tudo isso, e tendo devidamente se oferecido para ele (dessa maneira), ele deve realizar quaisquer ações que seu preceptor espere ver realizadas, e tendo-as terminado informar o preceptor mais uma vez de sua conclusão. Quaisquer aromas ou gostos dos quais o Brahmacharin possa ter se abstido enquanto levando realmente uma vida de Brahmacharya podem ser usados por ele depois de seu retorno da residência do preceptor. Isto é consistente com a ordenança. Quaisquer observâncias que tenham sido declaradas elaboradamente para Brahmacharins (nas escrituras) devem ser todas praticadas regularmente por ele. Ele deve, também, estar sempre perto de seu preceptor (preparado ao alcance da voz). Tendo contribuído para a satisfação de seu preceptor desse modo ao melhor de seus poderes, o discípulo deve, a partir daquele modo de vida, passar para os outros (um depois do outro) e praticar os deveres de cada um. Tendo (assim) passado uma quarta parte de sua vida no estudo dos Vedas, e na observância de votos e jejuns, e tendo dado ao preceptor a taxa (final), o discípulo deve, de acordo com a ordenança, se despedir e voltar para casa (para entrar em uma vida familiar). (Conhecimento nunca era vendido nesse país nos tempos antigos. A taxa final não é uma retribuição pelos serviços do preceptor mas uma indicação de gratidão do pupilo. Seu valor depende da habilidade do discípulo, embora haja histórias nas escrituras de discípulos sendo prejudicados por seu ardor persistente em pressionar a aceitação desta taxa. Veja a história de Galava no Udyoga Parva.) Então, tendo aceitado esposas, obtendo-as das maneiras indicadas nas ordenanças, e tendo estabelecido cuidadosamente o fogo doméstico, ele deve, todo o tempo observando votos e jejuns, se tornar um chefe de família e passar o segundo período de vida.'"

243

"Vyasa disse, 'Observador de votos meritórios, o chefe de família, no segundo período da vida, deve morar em sua casa, tendo tomado esposas de acordo com os caminhos indicados nas ordenanças e tendo estabelecido um fogo (de sua posse). Com relação ao modo de vida familiar, quatro tipos de conduta são prescritos pelos eruditos. O primeiro consiste em manter um estoque de grãos suficientes para durar por três anos. O segundo consiste em manter um estoque para durar por um ano. O terceiro consiste em abastecer para o dia sem pensar no dia seguinte. O quarto consiste em coletar grãos da mesma maneira que o pombo. (O quarto tipo de conduta, chamado kapoti é também chamado de unchha. Ele consiste em coletar tais sementes de grãos que caíram dos carros e que foram abandonados pelos ceifeiros.) Destes, cada um seguinte é superior em relação à

mérito àquele que o precede, segundo o que é declarado nas escrituras. (Dessa maneira o segundo é mais meritório do que o primeiro, o terceiro do que o segundo, e o quarto do que o terceiro. O quarto ou último, portanto, é o primeiro com referência a mérito.) Um chefe de família observando o primeiro tipo de conduta pode praticar todos os seis deveres bem conhecidos (isto é, sacrifício no próprio interesse, sacrifício naquele de outros, ensino, aprendizado, fazer doações, e aceitar doações). Aquele que observa o segundo tipo de conduta deve praticar somente três destes deveres (isto é, aprender, doar, e receber). Aquele que observa o terceiro tipo de conduta deve praticar somente dois dos deveres da vida familiar (aprender e doar). O chefe de família praticando o quarto tipo de vida familiar deve cumprir somente um dever (isto é, estudar as escrituras). Os deveres do chefe de família são todos citados como sendo extremamente meritórios. O chefe de família nunca deve cozinhar qualquer alimento somente para seu próprio uso, nem deve matar animais (para alimentação) exceto em sacrifícios. (É dito que o chefe de família que cozinha deve dar uma parte do alimento cozido para um Brahmacharin ou Yati ou alguém que chegue como um convidado. Se ele não faz isso mas come tudo o que foi cozido, ele é considerado como comendo o que pertence a um Brahmana. Isso, naturalmente, é um grande pecado.) Se há algum animal que o chefe de família deseja matar (para se alimentar), ou alguma árvore que ele deseja derrubar (para fazer combustível), ele deve fazer ambas as ações de acordo com o ritual prescrito nos Yajuses pois aquilo é devido para as existências animadas e inanimadas. O chefe de família nunca deve dormir durante o dia, ou durante a primeira parte da noite, ou durante a última parte dela. Ele nunca deve comer duas vezes entre a manhã e a noite, e nunca deve convocar sua esposa para a cama exceto na época dela. Em sua casa, nenhum Brahmana deve ser permitido permanecer não alimentado ou não adorado. Ele deve sempre venerar tais convidados que são oferecedores de oferendas sacrificais, que são purificados pelo saber Védicos e observância de votos excelentes, que são nobres de nascimento e conhecedores das escrituras, que são cumpridores dos deveres de sua própria classe, que são autodominados, atentos a todos os atos religiosos, e dedicados a penitências. As escrituras ordenam que o que é oferecido às divindades e aos Pitris em sacrifícios e ritos religiosos está destinado ao serviço de convidados como esses. Neste modo de vida as escrituras ordenam que uma parte do alimento (que é cozido) deve ser dada para toda criatura (independente de seu nascimento ou caráter), para alguém, isto é, que por causa de exibição mantém suas unhas e barba, para alguém que por orgulho mostra quais são suas próprias práticas (religiosas), para alguém que abandonou impropriamente seu fogo sagrado, e até para alguém que ofendeu seu preceptor. Alguém que segue o modo de vida familiar deve dar (comida) para Brahmacharins e Sannyasins. O chefe de família deve todos os dias se tornar um comedor de vighasa, e deve todos os dias comer amrita. Misturados com manteiga clarificada, os restos do alimento que foi oferecido em sacrifícios constitui amrita. Aquele chefe de família que come depois de ter alimentado seus (parentes e) empregados é citado como comedor de vighasa. A comida que resta depois de os empregados terem sido alimentados é chamada de vighasa, e aquela que é deixada depois da apresentação de oferendas sacrificais é chamada de amrita. Alguém levando uma vida familiar deve estar contente com sua própria esposa. Ele deve ser

autocontrolado. Ele deve evitar a malícia e subjugar seus sentidos. Ele nunca deve brigar com seu Ritwik, Purohita, e preceptor, com seu tio materno, convidados e dependentes, com os idosos e os muito jovens, com aqueles que sofrem de doenças, com aqueles que trabalham como médicos, com aparentados, com parentes, e amigos, com seus pais, com mulheres que pertencem à sua própria família paterna, com seu irmão e filho e esposa, com sua filha, e com seus empregados. Por evitar disputas com esses, o chefe de família vem a ser purificado de todos os pecados. Por conquistar tais disputas, ele consegue conquistar todas as regiões de felicidade (no mundo após a morte). Não há dúvida nisto. O preceptor (se devidamente reverenciado) é capaz de levar alguém para as regiões de Brahman. O pai (se reverenciado) pode levar às regiões de Prajapati. O convidado é poderoso o suficiente para levar à região de Indra. O Ritwik tem poder em relação às regiões das divindades. Parentes mulheres da linha paterna têm domínio a respeito das regiões das Apsaras, e parentes (por sangue), a respeito da região dos Viswedevas. Parentes por casamento e parentes colaterais têm poder em relação aos vários quadrantes do horizonte (isto é, norte, etc.), e a mãe e o tio materno têm poder sobre a terra. Os idosos, os jovens, os afligidos e os arruinados têm poder sobre o céu. (O sentido é este: essas várias pessoas, se devidamente reverenciadas pelo chefe de família, são capazes de mandar o último para os lugares indicados ou fazê-lo confortável naqueles locais.) O irmão mais velho é como o próprio pai (para todos os seus irmãos mais novos). A esposa e o filho são o próprio corpo de um homem. Os empregados de alguém são sua própria sombra. A filha é um objeto de grande afeição. Por essas razões, um chefe de família dotado de erudição, cumpridor dos deveres, e possuidor de paciência, deve tolerar, sem calor ou ansiedade de coração, todos os tipos de aborrecimento e até crítica dos últimos parentes citados. Nenhum chefe de família correto deve fazer alguma ação, incitado por considerações de riquezas. Há três direções de dever em relação a uma vida familiar; (das quatro, a primeira é deixada de fora aqui). Dessas, aquela que vem em seguida (na ordem de enumeração) é mais meritória do que a precedente. Com relação aos quatro (principais) modos de vida também, a mesma regra de mérito se aplica, isto é, o que vem depois é superior ao que o precede. Consequentemente, a vida familiar é superior a Brahmacharya, a vida na floresta é superior à vida familiar, e uma vida de mendicância ou renúncia completa é superior a uma vida na floresta. Alguém desejoso de prosperidade deve realizar todos aqueles deveres e ritos que são ordenados nas escrituras a respeito daqueles modos. Cresce em prosperidade aquele reino onde essas pessoas altamente merecedoras vivem, isto é, aquelas que levam uma vida familiar segundo o método Kumbhadhanya, aquelas que a levam de acordo com o método Unchha, e aquelas que a levam de acordo com o método Kapoti. O homem que leva alegremente uma vida familiar na observância daqueles deveres, consegue santificar dez gerações de seus antepassados acima e dez gerações de descendentes abaixo. Um chefe de família, cumprindo devidamente os deveres da vida familiar, obtém um fim que produz felicidade igual àquela que ocorre nas regiões alcançadas por grandes reis e imperadores. Este mesmo é o fim que foi ordenado para aqueles que têm subjugado seus sentidos. Para todos os chefes de família de grande alma o céu foi ordenado. Aquele céu está equipado com carros encantadores para cada um (que se movem à vontade do passageiro). Esse

mesmo é o céu encantador indicado nos Vedas. Para todos os chefes de família de almas controladas, as regiões do céu constituem a recompensa excelente. O Auto-nascido Brahman ordenou que o modo de vida familiar deveria ser a causa produtiva do céu. E, já que foi assim ordenado, uma pessoa, por alcançar gradualmente o segundo modo de vida, obtém felicidade e respeito no céu. Depois deste vem aquele modo de vida elevado e superior, chamado de o terceiro, para aqueles que estão desejosos de rejeitar seus corpos. Superior àquela dos chefes de família, aquela é a vida de ascetas na floresta, daqueles, isto é, que desgastam seus corpos (por diversos tipos de austeridades) em esqueletos cobertos com peles secas. Escute enquanto eu te falo sobre isso.'"

244

"Bhishma disse, "Dessa maneira foram narrados os deveres da vida familiar como são ordenados pelos sábios. Escute agora, ó Yudhishthira, quais são aqueles deveres dos quais foi falado em seguida. Abandonando gradualmente o modo familiar, alguém deve entrar no terceiro modo que é excelente. Este é o modo no qual esposas se afligem por meio de austeridades. Este é o modo praticado por aqueles que vivem como reclusos na floresta. Abençoado sejas tu, ó filho, escute aos deveres observados por aqueles que levam este modo de vida no qual ocorrem as práticas de todos os homens e todos os modos de vida. Escute, de fato, aos deveres daqueles que são habitantes de locais sagrados e que recorreram a este modo depois de deliberação apropriada!'"

"Vyasa disse, 'Quando o chefe de família vê rugas em seu corpo e cabelos brancos em sua cabeça, e filhos de seus filhos, ele deve então se retirar para a floresta. A terceira parte de sua vida ele deve passar na observância do modo Vanaprastha. Ele deve cuidar daqueles fogos dos quais ele tinha cuidado como um chefe de família. Desejoso de sacrificar, ele deve adorar as divindades (segundo os rituais ordenados). Observador de votos e moderado em dieta, ele deve comer somente uma vez, a hora disso sendo a parte sexta parte do dia. Ele deve estar sempre atento. Cuidando de seus fogos, ele deve manter algumas vacas, servindo-as devidamente. (A vaca é um animal sagrado e há mérito em alimentar e cuidar apropriadamente de uma vaca. Ascetas na floresta mantêm vacas por mérito como também para homa ou sacrifício com o ghee obtido delas. A história da vaca de Vasishtha é bem conhecida.) Ele deve se encarregar de todos os rituais de um sacrifício. Ele deve viver do arroz que cresce de modo indígena, do trigo crescido sob circunstâncias similares, de grãos de outros tipos, crescendo de modo selvagem (e pertencentes a ninguém). Ele deve comer o que restar depois de alimentar convidados. Neste terceiro modo de vida, ele deve apresentar oferendas de manteiga clarificada nos cinco Sacrifícios bem conhecidos. (Que são: Agnihotra, Darsapurnamasi, Chaturmasya, Pasu e Soma.) Quatro espécies de direções de conduta foram prescritas para observância no modo de vida Vanaprastha. Alguns coletam só o que é necessário para o dia. Alguns reúnem estoque para durar por um mês. Alguns armazenam grãos e outras coisas necessárias suficientes para durar por doze anos. Reclusos na

floresta podem agir dessas maneiras para cultuar convidados e realizar sacrifícios. Eles devem, durante a estação das chuvas, se expor à chuva e se dirigir à água durante o outono. Durante o verão eles devem se sentar no meio de quatro fogos com o sol queimando por cima. Por todo o ano, no entanto, eles devem ser moderados em dieta. Eles sentam e dormem na terra nua. Eles ficam em pé somente sobre seus dedos dos pés. Eles se contentam com a terra nua e com pequenas esteiras de grama (não possuindo nenhuma outra mobília para assento ou cama). Eles realizam suas abluções de manhã, meio-dia, e à noite (preparatórias para sacrifícios). Alguns entre eles usam somente os dentes para limpar grãos. Outros usam somente pedras para aquele propósito. (Isto é, eles não usam um utensílio comum para descascar ou limpar os grãos que eles usam como alimento.) Alguns entre eles bebem, somente durante a quinzena iluminada, o mingau de trigo (ou outro grão) fervido muito levemente. (De modo que uma parte muito pequena do grão se mistura com a água.) Há muitos que bebem um mingau parecido somente durante a quinzena escura. Alguns comem somente o que vem pelo caminho (sem procurar obtê-lo). Alguns, adotando votos rígidos, vivem somente de raízes, alguns somente de frutas, e alguns somente de flores, observando devidamente o método seguido pelos Vaikhanasas. Essas e diversas outras observâncias são adotadas por aqueles homens de sabedoria e piedade. O quarto é (o modo chamado de Renúncia) baseado nos Upanishads. Os deveres declarados para ele podem ser observados em todos os modos de vida igualmente. Este modo diferente dos outros vem depois da vida familiar e da vida na floresta. Neste mesmo Yuga, ó filho, é sabido que muitos Brahmanas eruditos conhecedores das verdades de todas as coisas observam este modo. Agastya, os sete Rishis (isto é, Atri, Angiras, Pulastya, Pulaha, Vasishtha, Narada, e Kratu), Madhucchandas, Aghamarshana, Sankriti Sudivatandi que vivia onde quer que ele quisesse e que estava contente em aceitar o que vinha (nunca procurando por algo). Ahovirya Kavya, Tandya, o erudito Medhatithi, Karmanirvaka de energia imensa, e Sunyapala que tinha se esforçado imensamente (para adquirir poder ascético), foram os autores desta direção de deveres, e, eles mesmos os observando, procederam todos para o céu. Muitos grandes Rishis, ó filho, que tinham o poder de ver imediatamente os resultados de seu mérito ascético, (isto é, cujos desejos eram imediatamente coroados com sucesso, em relação a bênçãos e maldições, etc.), aqueles numerosos ascetas que são conhecidos pelo nome de Yayavaras, muitos Rishis de penitências muito rígidas e possuidores de conhecimento exato a respeito de distinções de dever, e muitos outros Brahmanas numerosos demais para mencionar, adotaram o modo de vida da floresta. Os Vaikhanasas, os Valikhilyas, os Saikatas, todos os quais eram dedicados a penitências austeras, que eram firmes em virtude, que tinham subjugado seus sentidos, e que costumavam ver os resultados de suas penitências imediatamente, adotaram este modo de vida e finalmente ascenderam para o céu. Livres do medo e não contados entre as estrelas e planetas, eles se tornaram visíveis no firmamento como corpos luminosos; (diferentes de estrelas e planetas mas todavia livres de escuridão). Quando a quarta ou última parte da vida é alcançada, e quando alguém está enfraquecido pela velhice e afligido por doença, ele deve abandonar o modo de vida da floresta (para o quarto modo chamado de Renúncia). Realizando um sacrifício que possa ser completado em um único dia e

no qual o Dakshina deve ser tudo o que ele possa ser possuidor, ele mesmo deve realizar seu próprio Sraddha (ritos fúnebres). Afastado de todos os outros objetos, ele deve se devotar a si mesmo, tendo satisfação em si mesmo, e dependendo também de si mesmo. Ele deve estabelecer todos os seus fogos sacrificais (daquele tempo em diante) em si mesmo, e desistir de todos os tipos de vínculos e atrações. (No caso de ele fracassar em alcançar a Renúncia completa), ele deve sempre realizar ritos e sacrifícios que sejam completados em um único dia; (por exemplo, como aqueles chamados de Brahma-yajna, etc.) Quando, no entanto, a partir da realização dos sacrifícios (comuns) de sacrificadores, o Sacrifício em Si procede, então (ele pode interromper todos os sacrifícios comuns, e) para os três fogos sacrificar devidamente em seu próprio Eu por sua Emancipação. (Isto é, sem mais adorar seus fogos por ritos visíveis e efetiva recitação de mantras, ele deve, por causa de sua emancipação, cultuar em si mesmo ou procurar a extinção da mente e conhecimento em Yoga.) Sem achar defeito em sua comida ele deve comer cinco ou seis bocados, oferecendo-os devidamente aos cinco ares vitais (proferindo todo o tempo os bem conhecidos) mantras do Yajurveda. (Até hoje todo Brahmana ou Kshatriya ou Vaisya ortodoxo nunca come sem oferecer no início cinco pequenos bocados para os cinco ares vitais, isto é, Prana, Apana, Samana, Udana, e Vyana.) Empenhado na observância de austeridades enquanto levando a vida de um asceta na floresta, alguém deve raspar seu cabelo e pêlos e aparar suas unhas, e tendo se purificado pelas ações, passar para o quarto e último modo de vida que é repleto de grande santidade. (O modo de vida Sannyasa, como bem sabido, nunca pode ser entrado sem uma prévia barbeação.) A pessoa regenerada que entra no quarto modo de vida, dando garantias de segurança para todas as criaturas (sendo totalmente inofensivo), consegue ganhar muitas regiões de brilho refulgente após a morte e no final alcança o Infinito. De disposição e conduta excelentes, com pecados todos purificados, a pessoa que conhece a si mesma nunca deseja fazer alguma ação para este ou para o outro mundo. Livre da ira e do erro, sem ansiedade e sem amizade, tal pessoa vive nesse mundo como alguém totalmente desinteressado por seus assuntos. Alguém (na observância de Sannyasa) não deve se sentir relutante em cumprir os deveres incluídos em Yama (benevolência universal, veracidade, fé, Brahmacharya e liberdade de apego) e também aqueles que andam atrás deles (e estão incluídos em niyama, que são: pureza de corpo e mente, contentamento, austeridade, estudo dos Vedas, meditação sobre o Supremo). Tal pessoa deve viver com energia de acordo com as ordenanças em relação ao seu próprio modo, e jogar fora o estudo Védico (recitação) e o fio sagrado que é indicativo da classe de seu nascimento. Dedicada à virtude e com seus sentidos sob controle completo, tal pessoa, possuidora de auto-conhecimento, alcança sem dúvida o objetivo pelo qual ela se esforça (Emancipação). Depois do terceiro há o quarto modo de vida. Ele é muito superior, e repleto de numerosas virtudes superiores. Ele transcende a respeito de mérito os outros três modos de vida. É dito que ele ocupa o lugar mais elevado. Ouça-me enquanto eu falo sobre os deveres que pertencem àquele modo que é preeminente e que é o maior refúgio de todos!'"

245

"Suka disse, 'Enquanto vivendo na devida observância dos principais deveres da vida, como deve alguém que procura alcançar Àquele que é o maior objeto de conhecimento, fixar sua alma em Yoga de acordo com o melhor que pode?'"

"Vyasa disse, 'Tendo adquirido (pureza de conduta e corpo) pela prática dos dois primeiros modos de vida, isto é, Brahmacharya e vida familiar, alguém deve, depois disso, fixar sua alma em Yoga no terceiro modo de vida. Escute agora com atenção concentrada ao que deve ser feito para alcançar ao mais alto objeto de aquisição! Tendo subjugado todos os defeitos da mente e do coração por meios fáceis na prática dos primeiros três modos de vida (isto é, estudo, vida familiar, e reclusão) alguém deve passar para o mais excelente e o mais eminente de todos os modos, isto é, Sannyasa ou Renúncia. Passe então teus dias, tendo obtido aquela pureza. Escute também a mim. Uma pessoa deve, sozinha e sem alguém para ajudá-la ou lhe fazer companhia, praticar Yoga para alcançar êxito (em relação ao maior objeto de aquisição). Alguém que pratica Yoga sem companhia, que vê tudo como uma cópia de seu próprio eu, e que nunca exclui qualquer coisa (por todas as coisas serem permeadas pela Alma Universal), nunca decai da Emancipação. Sem manter os fogos sacrificais e sem uma habitação fixa, tal pessoa deve entrar em uma aldeia somente para pedir sua comida. Ele deve se abastecer para o dia sem armazenar para o dia seguinte. Ele deve se dirigir a penitências, com coração fixo no Supremo. Comendo pouco e até isso sob regulações apropriadas, ele não deve comer mais do que uma vez ao dia. As outras indicações de um mendicante (religioso) são a caveira humana (usada como recipiente para beber), abrigo sob árvores, trapos para vestir, solidão não rompida pela companhia de alguém, e indiferença por todas as criaturas. Aquela pessoa em quem palavras entram como elefantes apavorados em um poço, e de quem elas nunca voltam para o orador, é apta para levar este modo de vida que tem a Emancipação como seu objetivo. (Elefantes, quando lançados em um poço, se tornam totalmente desamparados e incapazes de sair. Aquela pessoa, portanto, em quem palavras entram como elefantes em um poço, é aquela que não responde as más palavras de outras. O que é dito aqui é que somente uma pessoa de tal clemência deve se dirigir à mendicância ou Sannyasa.) O mendicante (ou Renunciante) nunca deve considerar as más ações de alguma pessoa. Ele nunca deve ouvir o que é dito em menosprezo de outros. Especialmente ele deve evitar falar mal de um Brahmana. Ele deve sempre dizer somente o que é agradável para os Brahmanas. Quando qualquer coisa é falada em menosprezo (dele mesmo), ele deve, (sem responder), permanecer totalmente silencioso. Tal silêncio, de fato, é o tratamento medicinal prescrito para ele. Aquela pessoa que por sua solidão (pois considera tudo como sendo ela mesma), faz o lugar que ocupa se tornar como o céu do leste, e que pode fazer um local cheio de milhares de homens e coisas parecer para si mesma como perfeitamente solitário ou desocupado (este é o processo de Yoga chamado Pratyahara), é considerada pelas divindades como sendo um verdadeiro Brahmana. Os deuses reconhecem como um Brahmana aquele que se veste com o que vem pelo caminho, que subsiste do que quer que ele obtenha, e que dorme em qualquer lugar que ele

encontre. Os deuses reconhecem como um Brahmana aquele que tem medo de companhia como de uma cobra; da medida completa de satisfação (de comestíveis doces e bebidas) como do inferno; e de mulheres como de um cadáver. (Um mendicante ou renunciante nunca deve comer até a total satisfação. Ele deve comer sem saciar completamente sua fome.) Os deuses reconhecem como um Brahmana aquele que nunca fica alegre quando honrado e que nunca fica zangado quando insultado, e que dá garantias de compaixão para todas as criaturas. Alguém na observância do último modo de vida não deve olhar a morte com alegria. Nem ele deve olhar a vida com alegria. Ele deve somente esperar por sua hora como um empregado esperando pela ordem (de seu patrão). Ele deve purificar seu coração de todos os defeitos. Ele deve purificar sua língua de todos os defeitos. Ele deve se purificar de todos os pecados. Como ele não tem inimigos, que medo pode atacá-lo? Aquele que não tem medo de qualquer criatura e a quem nenhuma criatura teme não pode ter medo de algum quadrante, livre como ele é de erros de todo tipo. Como as pegadas de todas as outras criaturas que se movem sobre pernas são engolfadas dentro daquelas de elefantes, da mesma maneira todos os postos e condições são absorvidos dentro de Yoga. (Os resultados de Yoga incluem ou absorvem os frutos de todos os outros atos. O posto e prestígio do próprio Indra é absorvido dentro daquele que é obtido por meio de Yoga. Não há tipo de felicidade que não seja engolfado na felicidade da Emancipação, a qual somente Yoga pode conceder.) Do mesmo modo, todos os outros deveres e observâncias são admitidos como engolfados dentro do único dever de abstenção de ferir (todas as criaturas). Vive uma vida eterna de felicidade aquele que evita prejudicar outras criaturas. Alguém que se abstém de injúria, que olha igualmente para todas as criaturas, que é devotado à verdade, que é dotado de firmeza, que tem seus sentidos sob controle, e que concede proteção para todos os seres, alcança um fim que está além de comparação. A condição chamada de morte não consegue superar tal pessoa que está contente com autoconhecimento, que é livre do medo, e que é desprovida de desejo e expectativa. Por outro lado, tal pessoa consegue transcender a morte. Os deuses reconhecem como um Brahmana aquele que está livre de atrações de todos os tipos, que é praticante de penitências, que vive como o espaço o qual enquanto ocupando tudo ainda assim não é ligado a qualquer coisa, que não tem nada que ele chame de seu, que leva uma vida de solidão, e que tem tranquilidade de alma. Os deuses reconhecem como um Brahmana aquele cuja vida é para a prática de virtude, cuja virtude é para o bem daqueles que o servem respeitosamente, e cujos dias e noites existem somente para a aquisição de mérito. Os deuses reconhecem como um Brahmana aquele que está livre de desejo, que nunca se esforça para fazer ações que são feitas por homens mundanos, que nunca curva sua cabeça para ninguém, que nunca bajula outros, (e que está livre de apegos de todos os tipos). Todas as criaturas ficam satisfeitas com a felicidade e cheias de medo pela probabilidade de aflição. O homem de fé, portanto, que deve se sentir afligido pela probabilidade de encher outras criaturas com aflição, deve se abster totalmente das ações de todos os tipos. (Porque todas as ações são repletas de injúria para outros.) A doação de garantias de inofensividade para todas as criaturas transcende todas as outras doações em relação a mérito. Aquele que, no início, repudia a religião da injúria (isto é, a religião de sacrifícios e ações),

consegue alcançar a Emancipação, na qual há a garantia de inofensividade para todas as criaturas. Aquele homem que não despeja em sua boca aberta nem os cinco ou seis bocados que são prescritos para o recluso na floresta, é citado como sendo o centro do mundo, e o refúgio do universo. A cabeça e outros membros, como também os atos bons e maus, se tornam possuídos pelo Fogo. Tal homem, que sacrifica em si mesmo, faz uma liberação de seus sentidos e mente no fogo que mora dentro do espaço limitado de seu próprio coração. Por consequência também de ele despejar tal libação em tal fogo dentro de si mesmo, o universo com todas as criaturas inclusive os próprios deuses, vem a ser satisfeito. Aquele que percebe a alma Jiva que é dotada de refulgência, que está envolvida em três coberturas, que tem três atributos como suas características, como Iswara partilhando daquilo que é o principal, isto é, da natureza da Alma Suprema, se torna objeto de grande respeito em todos os mundos. O próprios deuses com todos os seres humanos falam elogiosamente de seus méritos. Aquele que consegue contemplar na alma que reside em seu próprio corpo todos os Vedas, o espaço e os outros objetos de percepção, os rituais que se encontram nas escrituras, todas aquelas entidades que são compreensíveis somente no som e a natureza superior da Alma Suprema, é procurado para ser adorado pelas próprias divindades como o mais importante de todos os seres. Aquele que vê na alma que reside dentro de seu corpo aquele principal dos seres que não é ligado à terra, que é incomensurável mesmo no firmamento infinito, (isto é, mais vasto do que o firmamento); que é feito de ouro, (Chit tendo somente o conhecimento como seu atributo); que é nascido do ovo, (pertencente ao universo) e reside dentro do ovo, (isto é, capaz de ser percebido no coração); que é equipado com muitas penas, (tendo muitos membros cada um dos quais é presidido por uma divindade específica); que tem duas asas como uma ave, (ausência de atrações ou completa dissociação de tudo, e felicidade e contentamento e aptidão para a alegria), e que é tornado refulgente por muitos raios de luz (transformado em um agente vivo e ativo por meio de olhos, ouvidos, etc.); é procurado para ser adorado pelas próprias divindades como o principal de todos os seres. As próprias divindades adoram aquele em cuja compreensão está fixada a roda do Tempo, (isto é, aquele que compreende a roda do Tempo); a qual está girando constantemente, que não conhece decadência, que consome o período de existência de todas as criaturas, que tem as seis estações como seus cubos, que é equipada com doze raios consistindo nos doze meses, que tem juntas excelentes (que são os dias parva, ou seja, aquelas lunações sagradas nas quais os ritos religiosos são realizados), e em direção à cuja boca escancarada procede este universo (pronto para ser devorado). A Alma Suprema é a vasta inconsciência do sono sem sonhos. Aquela Inconsciência é o corpo do universo. Ela permeia todas as coisas criadas. Jiva, ocupando uma porção daquela vasta inconsciência gratifica as divindades. Estas últimas, estando gratificadas, gratificam a boca aberta daquela inconsciência. (O sentido do verso é este: Brahma, nos capítulos anteriores, tem sido falado como Sushupti ou a inconsciência do sono sem sonhos. O universo flui de Brahma. A inconsciência, portanto, é a causa ou origem ou corpo do universo. Aquela inconsciência, portanto, permeia todas as coisas, isto é, grosseiras e sutis. Jiva, encontrando um espaço dentro daquela inconsciência existindo na forma de grosseiro e sutil, satisfaz as divindades, prana e os sentidos. Estes, assim

satisfeitos por Jiva, finalmente satisfazem a boca aberta da inconsciência original que espera para recebê-los ou engoli-los. Todos esses versos são baseados nas idéias metafóricas que encontram expressão nos Upanishads.) Dotado de refulgência como também do princípio de eternidade, Jiva não tem início. Ele adquire (por seguir caminhos específicos) regiões infinitas de felicidade eterna. Aquele de quem nenhuma criatura tem medo nunca tem que temer nenhuma criatura. Aquele que nunca faz algo criticável e que nunca critica outro, é considerado como sendo realmente uma pessoa regenerada. Tal homem consegue contemplar a Alma Suprema. Aquele cuja ignorância foi dissipada e cujos pecados foram purificados, nunca desfruta aqui ou após a morte da felicidade que é desfrutada por outros (mas alcança a Emancipação completa). Uma pessoa na observância do quarto modo de vida vaga sobre a terra como alguém não relacionado com tudo. Tal pessoa está livre de cólera e erro. Tal pessoa considera igualmente um torrão de terra e um pedaço de ouro. Tal homem nunca armazena qualquer coisa para seu uso. Tal pessoa não tem amigos e inimigos. Tal homem é completamente indiferente a elogio e crítica, e ao agradável e ao desagradável.'"

246

"Vyasa disse, 'A alma Jiva é dotada de todas aquelas entidades que são modificações de Prakriti. Estas não conhecem a Alma mas a Alma conhece elas todas. Como um bom motorista procedendo com a ajuda de corcéis fortes, bem domados, e bem vigorosos pelos caminhos que ele escolhe, a Alma age com a ajuda destes, chamados de sentidos, tendo a mente como seu sexto. Os objetos dos sentidos são superiores aos próprios sentidos. A mente é superior àqueles objetos. A compreensão é superior à mente. A Alma, também chamada de Mahat, é superior à compreensão. Superior a Mahat é o Imanifesto (ou Prakriti). Superior ao Imanifesto é Brahma. Não há nada Superior a Brahma. Ele é o maior limite da excelência e a meta mais alta. A Alma Suprema está oculta em toda criatura. Ela não está exposta para homens comuns verem. Somente Yogins com visão sutil vêem a Alma Suprema com a ajuda de sua compreensão perspicaz e sutil. Unindo os sentidos tendo a mente como seu sexto e todos os objetos dos sentidos dentro da Alma interna pela ajuda da Compreensão, e refletindo sobre os três estados de consciência, isto é, o objeto pensado, a ação de pensar, e o pensador, e se abstendo pela contemplação de todos os tipos de prazer, equipando sua mente com o conhecimento de que ele é o próprio Brahma, pondo de lado ao mesmo tempo toda a consciência de pujança, e assim fazendo sua alma perfeitamente tranquila, o Yogin obtém aquilo ao qual a imortalidade inere. Aquela pessoa, no entanto, que acontece de ser a escrava de todos os seus sentidos e cujas idéias de certo e errado estão confusas, sempre sujeita à morte como ela é, realmente encontra com a morte por tal rendição do eu às (paixões). Destruindo todos os desejos, deve-se imergir a Compreensão grosseira na Compreensão sutil. Tendo assim unido a Compreensão grosseira à sutil, uma pessoa seguramente se tornará uma segunda montanha Kalanjara (isto é, irremovível como a montanha

assim chamada). Por purificar seu coração, o Yogin transcende a virtude e seu oposto. Por purificar seu coração e por viver em sua própria natureza verdadeira, ele obtém a maior felicidade. (A purificação aqui referida consiste em transcender a consciência de dualidade. A virtude deve ser evitada por causa de sua incapacidade de levar à emancipação a qual é muito superior ao céu.) A indicação daquela pureza de coração (da qual eu falo) é que alguém que a alcançou sente aquele estado de inconsciência (com respeito a todos os seus circundantes) que alguém experimenta no sono sem sonhos. O Yogin que alcançou aquele estado vive como a chama firme de uma lâmpada que queima em um lugar onde a atmosfera está perfeitamente imóvel. Tornando-se moderado em dieta, e tendo limpado seu coração, o Yogin que aplica sua Alma (Jiva) à Alma (Suprema) consegue ver a Alma na Alma. Este discurso, ó filho, planejado para tua instrução, é a essência de todos os Vedas. As verdades aqui reveladas não podem ser compreendidas somente pela ajuda de inferência ou por aquela de mero estudo das escrituras. Alguém deve compreender isso por si mesmo pela ajuda da fé. Por bater a riqueza que está contida em todos os trabalhos religiosos e em todos os discursos baseados na verdade, como também os dez mil Richs, este néctar foi formado. Como manteiga dos coalhos e fogo da madeira, exatamente este foi formado por causa de meu filho, este que constitui o conhecimento de todos os homens realmente sábios. Este discurso, ó filho, repleto de instrução sólida, é planejado para entrega para Snatakas (Brahmanas que terminaram o estudo dos Vedas e se dirigiram à vida familiar). Ele nunca deve ser dado para alguém que não tem uma alma tranquila, ou que não tem autodomínio, ou alguém que não tem passado por penitências. Ele não deve ser comunicado para alguém que não conhece os Vedas, ou alguém que não serve humildemente seu preceptor, ou que não está livre de malícia, ou que não possua sinceridade e franqueza, ou alguém que tenha um comportamento negligente. Ele nunca deve ser comunicado para alguém cujo intelecto foi consumido pela ciência de disputa, ou para alguém que é vil ou baixo. Para aquela pessoa, no entanto, que possui fama, ou que merece louvor (por suas virtudes), ou que é de alma tranquila, ou possuidora de mérito ascético, para um Brahmana que é dessa maneira, para um filho ou discípulo respeitoso, este discurso que contém a própria essência dos deveres deve ser comunicado, mas de modo algum ele deve ser comunicado para outros. Se alguma pessoa faz uma doação da terra inteira com todos os seus tesouros para alguém conhecedor da verdade, o último ainda considerará o presente deste conhecimento como sendo muitíssimo superior àquela doação. Eu agora te falarei sobre um assunto que é um mistério maior do que este, um assunto que está relacionado com a Alma, que transcende as compreensões comuns dos seres humanos, que é contemplado pelos principais dos Rishis, que tem sido tratado nos Upanishads, e que forma o tópico da tua pergunta. Diga-me: o que, depois disto, está em tua mente? Diga-me: sobre o que tu ainda tens alguma dúvida? Ouça, pois eu estou aqui, ó filho, rostos virados para todas as direções. O Sol e a Lua estão os dois sentados diante de ti! Sobre o que de fato, eu falarei mais uma vez para ti?'"

247

"Suka disse, 'Ó ilustre, ó principal dos Rishis, fale mais uma vez para mim sobre Adhyatma mais elaboradamente. Diga-me o que, de fato, é Adhyatma e de onde ele vem?'" (Adhyatma é um assunto com relação à Alma. Aqui ele significa os vinte e sete tópicos usuais de discurso filosófico: os cinco órgãos de ação, os cinco órgãos de conhecimento, a mente e três outros chamados Chitta, etc., os cinco ares vitais, as cinco substâncias elementares, Desejo, Ações e Avidya.)

"Vyasa disse, 'Aquilo, ó filho, que é considerado como Adhyatma com referência a seres humanos, eu agora mencionarei para ti, e escute a explicação que eu dou (de Adhyatma). Terra, água, luz, vento, e espaço, são as grandes entidades que formam as partes componentes de todas as criaturas, e, embora realmente um, eles contudo são considerados diferentes como as ondas do oceano (que embora idênticas com respeito à sua substância constituinte ainda são contadas como diferentes umas das outras). Como uma tartaruga esticando seus membros e recolhendo-os novamente, as grandes entidades (já nomeadas), por habitarem em inúmeras formas pequenas, passam por transformações (chamadas de criação e destruição). Todo este universo de objetos móveis e imóveis tem estas cinco entidades como suas partes componentes. Tudo, em relação à sua criação e destruição, é atribuível a esta entidade quíntupla. Estas cinco entidades se acham em todas as coisas existentes. O Criador de todas as coisas, no entanto, fez uma distribuição desigual daquelas entidades (por colocá-los em diferentes coisas em diferentes proporções) para servir a diferentes objetivos.'"

"Suka disse, 'Como alguém pode conseguir compreender aquela distribuição desigual (das cinco grandes entidades das quais tu falas), nas diversas coisas do universo? Quais entre elas são os sentidos e quais os atributos? Como isso pode ser entendido?'"

"Vyasa disse, 'Eu te explicarei isso devidamente um depois do outro. Escute com atenção concentrada ao assunto enquanto eu explico como o que eu disse realmente acontece. Som, o sentido de audição, e todas as cavidades dentro do corpo, esses três têm o espaço como sua origem. Os ares vitais, a ação dos membros e o tato formam os atributos do vento. Forma, olhos, e o fogo digestivo dentro do estômago são originados pela luz. Sabor, língua, e todos os líquidos orgânicos, esses três são da água. Aroma, nariz, e o corpo, esses três são os atributos da terra. Essas, então, como eu expliquei para ti, são as transformações das cinco (grandes) entidades com sentidos. O tato é citado como o atributo do vento; sabor da água; forma da luz. O som é citado como tendo sua origem no espaço, e o aroma é citado como sendo propriedade da terra. Mente, Compreensão, e Natureza, esses três, surgem de seus próprios estados anteriores, e, alcançando (a cada renascimento) uma posição superior aos atributos (que formam seus respectivos objetos), não transcendem aqueles atributos. (O significado é este: Mente, Compreensão, e Natureza (ou disposição individual de homem ou animal ou vegetal, etc.) são todos devido aos seus

próprios estados anteriores. A Natureza especialmente sendo o resultado dos desejos de um estado passado de existência. Tal sendo sua origem, eles também são devidos às cinco entidades citadas. Com relação às suas funções, é dito que eles não transcendem os próprios gunas; ou em outras palavras tendo se tornado dotados da faculdade ou poder de agarrar atributos específicos (tais como cheiro, forma, etc.), eles realmente os agarram ou percebem.) Como a tartaruga estica seus membros e os recolhe novamente dentro de si mesma, assim mesmo a Compreensão cria os sentidos e novamente os recolhe em si mesma. (Em outras palavras, os sentidos e a mente são somente a compreensão manifestada em uma forma ou condição específica. A principal função da mente é nutrir e descartar impressões. A compreensão está empenhada em chegar à certeza de conclusões.) A consciência de identidade pessoal que surge em relação àquilo que está acima das solas dos pés e abaixo do topo da cabeça (isto é, o corpo inteiro ou eu ou a pessoa), é principalmente devido à ação da Compreensão. É a compreensão que é transformada nos (cinco) atributos (de forma, cheiro, etc.). É a compreensão também que é transformada nos (cinco) sentidos com a mente como seu sexto. Quando a Compreensão está ausente, onde estão os atributos? (Por isso, os atributos de forma etc., e os sentidos com a mente a qual percebe aqueles atributos, são a própria compreensão, de modo que quando a compreensão não existe, esses também não existem.) No homem há cinco sentidos. A mente é chamada de o sexto (sentido). A Compreensão é chamada de o sétimo. A Alma é o oitavo. Os olhos (e os outros sentidos) são somente para receber impressões de forma (e cheiro, etc.). A mente existe para duvidar (da exatidão daquelas impressões). A Compreensão decide aquelas dúvidas. A Alma somente testemunha todas as operações sem se misturar com elas. Rajas, Tamas, e Sattwa, estes três, surgem de suas próprias contrapartes. Eles existem igualmente em todas as criaturas (isto é, as divindades e seres humanos, etc.). Eles são chamados de atributos e devem ser conhecidos pelas ações que eles induzem. (Os três atributos de Rajas, Tamas, e Sattwa não surgem de alguma coisa diferente mas de suas próprias contrapartes existindo em um estado prévio de existência ou vida. Eles surgem de seus respectivos estados como eles existiam com Chitta ou compreensão em uma vida anterior. Por isso Chitta, e os objetos dos sentidos e os sentidos também surgindo dela, são todos afetados pelos três Gunas.) Com relação àquelas ações, todos os estados nos quais alguém se torna consciente de si como unido com alegria ou contentamento e os quais são tranquilos e puros, devem ser conhecidos como devidos ao atributo de Sattwa. Todos os estados nos quais o corpo ou a mente estão unidos com tristeza devem ser considerados como devidos à influência do atributo chamado Rajas. Todos os estados que existem com entorpecimento (dos sentidos, da mente ou da compreensão) cujas causas não são determináveis, e que são incompreensíveis (pela razão ou luz interior), devem ser conhecidos como atribuíveis à ação de Tamas. Deleite, contentamento, alegria, equanimidade, satisfação de coração, devidos à alguma causa conhecida ou surgindo de outra maneira, são todos efeitos do atributo de Sattwa. Orgulho, falsidade de palavras, cobiça, estupefação, índole vingativa, resultantes de alguma causa conhecida ou não, são indicações da qualidade de Rajas. Estupor de raciocínio, negligência, sono, letargia, e

indolência, de qualquer causa que eles possam surgir, devem ser conhecidos como indicações da qualidade de Tamas.'"

248

"Vyasa disse, 'A mente cria (dentro de si mesma) numerosas idéias (de objetos ou coisas existentes). A Compreensão decide qual é qual. O coração discrimina qual é agradável e qual é desagradável. Essas são as três forças que impelem para ações. Os objetos dos sentidos são superiores aos sentidos. A mente é superior àqueles objetos. A compreensão é superior à mente. A Alma é considerada como superior à Compreensão. (Com relação a propósitos comuns do homem) a Compreensão é sua Alma. Quando a compreensão, por seu próprio movimento, forma idéias (de objetos) dentro de si mesma, ela então vem a ser chamada de Mente. Pelos sentidos serem diferentes uns dos outros (em relação a seus objetos e a maneira de sua operação), a Compreensão (que é única) apresenta diferentes aspectos em consequência de suas diferentes modificações. Quando ela ouve, ela se torna o órgão de audição, e quando ela toca, ela se torna o órgão de tato. Similarmente, quando ela vê, ela se torna o órgão de visão, e quando ela prova, ela se torna o órgão de paladar, e quando ela cheira, ela se torna o órgão de olfato. É a Compreensão que aparece sob diferentes aparências (para diferentes funções), por modificação. São as modificações da Compreensão que são chamadas de sentidos. Sobre eles está colocada como sua chefe presidente (ou supervisora) a Alma invisível. Residindo no corpo, a Compreensão existe nos três estados (de Sattwa, Rajas, e, Tamas). Às vezes ela obtém alegria, às vezes dá vazão à aflição; e às vezes sua condição se torna de tal maneira que ela não está unida nem com alegria nem com aflição. A Compreensão, no entanto, cuja principal função (como já dito) é criar entidades, transcende aqueles três estados assim como o oceano, aquele senhor dos rios, prevalece contra as correntes poderosas dos rios que caem dentro dele. Quando a Compreensão deseja algo, ela vem a ser chamada pelo nome de Mente. Os sentidos, embora (aparentemente diferentes) devem ser todos considerados como incluídos dentro da Compreensão. Os sentidos, que estão empenhados em trazer impressões de forma, cheiro, etc., devem ser todos subjugados. Quando um sentido específico se torna subserviente à Compreensão, a última embora em verdade não diferente (daquele sentido), entra na Mente na forma de coisas existentes. Isto mesmo é o que acontece com os sentidos um depois do outro (separadamente e não simultaneamente) com referência às idéias que são citadas como sendo compreendidas por eles. (Os sentidos são citados como sendo somente modificações da compreensão. A mente também é somente uma modificação da mesma. Um sentido específico, digamos a visão, se torna subserviente à compreensão em um momento específico. Logo que isso acontece, a compreensão, embora em realidade seja somente a visão, vem a ser unida com a visão, e entrando na mente cria uma imagem lá, a consequência disso é que aquela imagem é falada como sendo vista. Mundo externo há, naturalmente, como independente da mente e compreensão. Aquilo que é chamado de uma árvore é

somente uma idéia ou imagem criada na mente pela compreensão com a ajuda do sentido de visão.) Todos os três estados que existem (isto é, Sattwa, Rajas, e Tamas), inerem a estes três (isto é, Mente, Compreensão, e Consciência) e como os raios de uma roda de carro agindo por causa de sua ligação à circunferência da roda, eles seguem os diferentes objetos (que existem na Mente, Compreensão, e Consciência). (O orador aqui combate a teoria que as qualidades de Sattwa, Rajas, e Tamas inerem aos próprios objetos dos sentidos. Seu próprio ponto de vista é que eles inerem à Mente, à Compreensão e à Consciência. As qualidades podem ser vistas existirem com objetos, mas na verdade elas seguem objetos por causa de sua conexão permanente com a mente, a compreensão e a consciência as quais têm agência na produção de objetos. O comentador cita o exemplo dos membros belos e simétricos de uma esposa. Estes excitam prazer no marido, inveja em uma co-esposa, e desejo (misturado com dor por ele não ser satisfeito) em um observador. Todo o tempo os membros permanecem inalterados. Então, além disso, o marido não está sempre satisfeito com eles, nem a co-esposa está sempre cheia de inveja à sua visão, nem o observador está sempre agitado. Como os raios de uma roda os quais estão ligados à circunferência e que se movem com a circunferência, as qualidades de Sattwa, etc., ligadas à mente, compreensão e consciência, se movem junto com eles, isto é, seguem aqueles objetos na produção dos quais a mente, etc., são causas.) A mente deve fazer uma lâmpada dos sentidos para dissipar a escuridão que exclui o conhecimento da Alma Suprema. Este conhecimento que é adquirido por Yogins com a ajuda de toda a ação especial de Yoga, é adquirido sem quaisquer esforços especiais pelos homens que se abstêm dos objetos mundanos. O universo é desta natureza (isto é, ele é somente uma criação da compreensão). O homem de conhecimento, portanto, nunca fica entorpecido (pela atração pelas coisas deste mundo). Tal homem nunca se aflige, nunca se regozija, e está livre de inveja (ao ver outro possuindo uma parte maior de objetos mundanos). A Alma não pode ser vista com a ajuda dos sentidos cuja natureza é vagar entre todos os objetos (mundanos) de desejo. Até homens virtuosos, cujos sentidos são puros, fracassam em ver a alma com sua ajuda, o que dizer então dos viciosos cujos sentidos são impuros? Quando, no entanto, uma pessoa, com a ajuda de sua mente, segura firmemente as rédeas deles, é então que sua Alma se revela como um objeto (não visto na escuridão) aparecendo para a visão por causa da luz de uma lâmpada. De fato, como todas as coisas se tornam visíveis quando a escuridão que as envolve é dissipada, assim a alma se torna visível quando a escuridão que a cobre é removida. (Logo que a ignorância da compreensão é dissipada e o verdadeiro conhecimento sucede, a Alma se torna visível.) Como uma ave aquática, embora se movendo sobre a água, nunca fica encharcada por aquele elemento, da mesma maneira o Yogin de alma livre nunca é manchado pelas imperfeições dos três atributos (de Sattwa, Rajas, e Tamas). Do mesmo modo, o homem de sabedoria, por desfrutar de todos os objetos mundanos sem ser apegado a algum deles, nunca é manchado por defeitos de qualquer tipo que surgem de tal desfrute no caso de outros. Aquele que evita os atos depois de tê-los feito devidamente (isto é, que adota o Sannyasa ou o último modo de vida depois de ter passado corretamente pelos precedentes), e tem satisfação na única entidade realmente existente, isto é, a Alma, que se constituiu a alma de todos os seres criados, e que

consegue se manter afastado dos três atributos, obtém uma compreensão e sentidos que são criados pela Alma. As qualidades são incapazes de compreender a Alma. A Alma, no entanto, as compreende sempre. A Alma é a testemunha que observa as qualidades e devidamente as chama à existência. Veja, esta é a diferença entre a compreensão e a Alma, ambas as quais são extremamente sutis. Uma delas cria as qualidades. A outra nunca as cria. Embora elas sejam diferentes uma da outra por natureza, ainda assim elas estão sempre unidas. O peixe vivendo na água é diferente do elemento no qual ele vive. Mas como o peixe e a água formando seu lar estão sempre unidos, da mesma maneira Sattwa e Kshetrajna existem em um estado de união. O mosquito nascido dentro de um figo podre não é realmente o figo mas é diferente dele. Todavia, como o mosquito e o figo são vistos estarem unidos um com o outro, assim mesmo são Sattwa e Kshetrajna. Como a folha em uma moita de grama, embora distinta do grupo, todavia existe em um estado de união com ele, assim mesmo estes dois, embora diferentes um do outro, cada um existindo em si mesmo, são vistos em um estado de união constante.'"

249

"Vyasa disse, 'Os objetos pelos quais alguém está cercado são criados pela compreensão. A Alma, sem estar conectada com eles, permanece afastada, presidindo sobre eles. É a compreensão que cria todos os objetos. As três qualidades primárias estão sendo transformadas continuamente (para a produção de objetos). O Kshetrajna ou Alma, dotado de pujança, preside sobre eles todos, sem, no entanto, se misturar com eles. Os objetos que a compreensão cria partilham de sua própria natureza. De fato, como a aranha cria fios (os quais partilham de sua própria substância material), os objetos criados pela compreensão partilham da natureza da compreensão. Alguns afirmam que as qualidades, quando afastadas por Yoga ou conhecimento, não cessam de existir. Eles dizem isso porque quando uma vez perdidas, somente as indicações de seu retorno não são perceptíveis. (Mas não há evidência de sua real destruição.) Outros dizem que quando dissipadas pelo conhecimento, elas são destruídas imediatamente para nunca retornar. Refletindo apropriadamente sobre essas duas opiniões, uma pessoa deve se esforçar o melhor que pode de acordo com o modo que ela acha apropriado. É dessa maneira que alguém deve obter eminência e se refugiar somente em sua própria Alma. (De acordo com o orador então, não há muita diferença prática entre as duas opiniões aqui consideradas, e o rumo de conduta de uma pessoa não será muito afetado por qualquer uma das teorias que ela possa, depois de reflexão, adotar.) A Alma é sem início e sem fim. Compreendendo sua Alma corretamente o homem deve se mover e agir, sem dar vazão à ira, sem se entregar à alegria, e sempre livre de inveja. Cortando dessa maneira o nó que está em próprio coração, o nó cuja existência é devido à operação das faculdades da compreensão, o qual é difícil (de abrir ou cortar), mas que todavia pode ser destruído pelo conhecimento, alguém deve viver alegremente, sem se entregar à angústia (por qualquer coisa que aconteça), e

com suas dúvidas dissipadas. Saiba que aqueles que se misturam nos assuntos deste mundo são tão afligidos em corpo e mente quanto pessoas ignorantes da arte da natação quando elas escorregam da terra e caem em um rio largo e profundo. O homem de erudição, no entanto, estando familiarizado com a verdade, nunca é afligido, pois ele se sente como alguém caminhando sobre terra sólida. De fato, aquele que compreende sua Alma como tal, isto é, como apresentando somente o caráter de Chit o qual tem somente conhecimento como sua indicação, nunca é afligido. De fato, uma pessoa, por compreender dessa maneira a origem e o fim de todas as criaturas, e por assim perceber suas desigualdades ou distinções, consegue obter a maior felicidade. Esse conhecimento é a posse de um Brahmana em especial em virtude de seu nascimento. Conhecimento da Alma, e felicidade como aquela que foi referida, são, cada um, perfeitamente capazes de levarem à Emancipação. Por adquirir tal conhecimento alguém realmente se torna erudito. Qual é a outra indicação de uma pessoa de conhecimento? Tendo adquirido tal conhecimento, aqueles que são sábios entre homens se consideram coroados com sucesso e se tornam emancipados. Aquelas coisas que se tornam fontes de medo para homens desprovidos de conhecimento não se tornam fontes de medo para aqueles que são dotados de conhecimento. Não há fim maior do que o fim eterno que é alcançado por uma pessoa possuidora de conhecimento. Um vê com aversão todos os objetos mundanos de prazer que são, naturalmente, repletos de imperfeições de todos os tipos. Outro, vendo outros se dirigem com prazer a tais objetos, ficam cheios de tristeza. Com relação a este assunto, no entanto, aqueles que estão familiarizados com ambos os objetos, isto é, aquele que é fictício e aquele que não é assim, nunca se entregam à tristeza e são realmente felizes. Aquilo que um homem faz sem expectativa de resultados destrói suas ações de uma vida anterior. As ações, no entanto, de tal pessoa nesta e em sua vida prévia não podem levar à Emancipação. Por outro lado, tal destruição de ações antigas e tais ações desta vida não podem levar ao que é desagradável (isto é, inferno), mesmo que o homem de sabedoria se engaje em ações.'"

250

"Suka disse, 'Que a tua reverência me fale daquele que é o principal de todos os deveres, de fato, daquele dever acima do qual não existe um superior neste mundo.'"

"Vyasa disse, 'Eu agora te falarei dos deveres que têm uma origem muito antiga e declarados pelos Rishis, deveres que são distintos acima de todos os outros. Ouça-me com total atenção. Os sentidos que são insanos deve ser reprimidos cuidadosamente pela compreensão como um pai reprimindo seus próprios filhos inexperientes sujeitos a caírem em diversos maus hábitos. A retirada da mente e dos sentidos de todos os objetos indignos e sua devida concentração (em objetos dignos) é a maior penitência. Este é o principal de todos os deveres. De fato, este é citado como sendo o maior dever. Dirigindo, pela ajuda da compreensão, os sentidos tendo a mente como seu sexto, e sem, de fato, pensar em objetos

mundanos os quais têm a virtude de inspirar inúmeros tipos de pensamentos, alguém deve viver satisfeito consigo mesmo. Quando os sentidos e a mente, afastados das pastagens entre as quais eles normalmente correm soltos, voltarem para morar em sua própria residência (Brahma), é então que tu verás em teu próprio eu a Alma Eterna e Suprema. Aqueles Brahmanas de grande alma que possuem sabedoria conseguem ver aquela Alma Suprema e Universal que é como um fogo ardente em refulgência. Como uma árvore grande, dotada de numerosos ramos e possuidora de muitas flores e frutos não sabe em qual parte ela tem flores e em qual ela tem frutos, da mesma maneira a Alma como modificada pelo nascimento e outros atributos, não sabe de onde ela veio e para onde ela vai. Há, no entanto, uma Alma interna, que contempla (sabe) tudo. Alguém vê a Alma por si mesmo com a ajuda da lâmpada acesa do conhecimento. Contemplando, portanto, tu mesmo com teu próprio eu, cesse de considerar teu corpo como tu mesmo e obtenha onisciência. Purificado de todos os pecados, como uma cobra que abandonou sua pele, alguém obtém inteligência sublime aqui e se torna livre de toda ansiedade e da obrigação de adquirir um novo corpo (em um nascimento subsequente). Sua corrente se espalhando em diversas direções, terrível é este rio de vida carregando o mundo para a frente em seu curso. Os cinco sentidos são seus crocodilos. A mente e seus propósitos são as margens. Cobiça e estupor de raciocínio são a grama e palha que flutuam sobre ele, cobrindo sua superfície. Luxúria e ira são os répteis ferozes que vivem nele. A verdade forma o tirtha por suas margens lamacentas. A mentira forma suas ondas, raiva seu lodo. Originando-se do Imanifesto, rápida é a sua correnteza, e incapaz de ser cruzada por pessoas de almas impuras. Tu, com a ajuda da compreensão, cruze aquele rio que tem desejos como seus jacarés. O mundo e seus assuntos constituem o oceano em direção ao qual aquele rio corre. Gênero e espécie constituem sua profundidade insondável que ninguém pode entender. O nascimento, ó filho, é a fonte da qual aquela corrente surge. Palavras constituem seus redemoinhos. Difícil de atravessar, somente os homens de conhecimento e sabedoria e compreensão conseguem atravessá-la. Cruzando-a, tu conseguirás te libertar de toda atração, obtendo um coração tranquilo, conhecendo a Alma, e tornando-te puro em todos os aspectos. Confiando então em uma compreensão purificada e elevada, tu conseguirás te tornar o próprio Brahma. Tendo te dissociado de todo apego mundano, tendo adquirido uma Alma purificada e transcendendo todo tipo de pecados, olhe para o mundo como uma pessoa olhando do topo de uma montanha para as criaturas rastejando abaixo na superfície da terra. Sem dar vazão à ira ou alegria, e sem conceber qualquer desejo cruel, tu conseguirás ver a origem e a destruição de todos os objetos criados. Aqueles que são dotados de sabedoria consideram tal ação como a principal de todas as coisas. De fato, este ato de cruzar o rio da vida é considerado pelas principais das pessoas virtuosas, por ascetas conhecedores da verdade, como o maior de todos os atos que alguém pode realizar. Esse conhecimento da Alma onipresente é destinado a ser dado para um filho. Ele deve ser inculcado para alguém que é de sentidos reprimidos, que é honesto em comportamento, e que é obediente ou submisso. Esse conhecimento da Alma, do qual eu agora mesmo falei para ti, ó filho, e a evidência de cuja verdade é fornecida pela própria Alma, é um mistério, de fato, o maior de todos os mistérios, e o maior conhecimento que alguém pode obter. Brahma não

tem sexo, masculino, feminino, ou neutro. Ele não é nem tristeza nem felicidade. Ele tem por sua essência o passado, o futuro, e o presente. Qualquer que seja seu sexo, homem ou mulher, a pessoa que alcança o conhecimento de Brahma nunca tem que passar por renascimento. Este dever (de Yoga) foi inculcado para obter isenção de renascimento. Essas palavras que eu tenho usado para responder tua pergunta levam à Emancipação da mesma maneira como as diversas outras opiniões expostas por diversos outros sábios que têm tratado deste assunto. Eu expliquei o assunto para ti da mesma maneira na qual ele deve ser exposto. Aquelas opiniões às vezes se tornam produtivas de resultados e às vezes não. (As palavras, no entanto, que eu usei são de um tipo diferente, pois estas com certeza levam ao êxito.) Por esta razão, ó bom filho, um preceptor, quando questionado por um filho ou discípulo contente, meritório, e autocontrolado, deve, com um coração muito satisfeito, inculcar, de acordo com seu verdadeiro significado, essas instruções que eu inculquei para o teu benefício, meu filho!'"

251

"Vyasa disse, 'Não se deve mostrar qualquer afeição por perfumes e gostos e outras espécies de prazer. Nem se deve aceitar ornamentos e outros artigos que contribuem para o prazer dos sentidos de olfato e paladar. Não se deve cobiçar honra e realizações e fama. Esse mesmo é o comportamento de um Brahmana possuidor de perspicácia. Aquele que estudou todos os Vedas, tendo servido respeitosamente seu preceptor e observado o voto de Brahmacharya, aquele que conhece todos os Richs, Yajuses, e Samans, não é uma pessoa regenerada. (Isto é, alguém que somente conhece os Vedas tem praticado o voto de Brahmacharya não é um Brahmana superior. Para isso é preciso algo mais.) Alguém que se comporta em direção a todas as criaturas como alguém que é parente delas, e alguém que conhece Brahma, é considerado como sendo conhecedor de todos os Vedas. Alguém que é desprovido de desejo (estando satisfeito com conhecimento da alma), nunca morre. É por tal comportamento e tal estado de espírito que alguém realmente se torna uma pessoa regenerada. Tendo realizado somente vários tipos de ritos religiosos e diversos sacrifícios completados com doação de Dakshina, alguém não adquire a posição de um Brahmana se ele é sem compaixão e não desistiu do desejo. Quando alguém cessa de temer todas as criaturas e quando todas as criaturas cessam de temê-lo, quando ele nunca deseja algo nem nutre aversão por algo, então é dito que ele alcançou a posição de Brahma. Quando ele se abstém de ferir todas as criaturas em pensamento, palavra, e ação, então é dito que ele adquiriu a posição de Brahma. Há somente um tipo de escravidão neste mundo, isto é, a escravidão do desejo, e nenhuma outra. Alguém que está livre da escravidão do desejo obtém a posição de Brahma. Livre do desejo como a Lua emergida de nuvens escuras, o homem de sabedoria, purgado de todas máculas, vive na paciente expectativa de sua hora. Aquela pessoa em cuja mente todos os tipos de desejo entram como os diversos rios caindo no oceano sem poderem aumentar os limites dele por sua descarga, consegue obter tranquilidade, mas não aquela que nutre desejo por todos os

objetos mundanos. Tal pessoa vem a ser feliz pela realização de todos os seus desejos, e não aquela que nutre desejo por objetos mundanos. A última, mesmo que ela alcance o céu, tem abandoná-lo. Os Vedas têm a verdade como seu objeto recôndito. A verdade tem a subjugação dos sentidos como seu objeto recôndito. A subjugação dos sentidos tem a caridade como seu objeto recôndito. A caridade tem a penitência como seu objeto recôndito. A penitência tem a renúncia como seu objetivo recôndito. A renúncia tem a felicidade como seu objeto recôndito. A felicidade tem o céu como seu objeto recôndito. O céu tem a tranquilidade como seu objeto recôndito. (O sentido do verso é que cada uma das coisas mencionadas é inútil sem aquela que vem em seguida; e como tranquilidade ou Brahma não envolvido com atributos é o objetivo final, os Vedas e verdade, etc., são valiosos somente porque eles levam à tranquilidade.) Pelo contentamento tu deves desejar obter uma compreensão serena, que é uma posse preciosa, sendo indicativa de Emancipação, e que, chamuscando aflição e todos os propósitos ou dúvidas junto com sede, os destrói completamente no fim. Alguém possuidor destes seis atributos, isto é, contentamento, liberdade de angústias, liberdade de atração, quietude, alegria, e liberdade de inveja, com certeza se tornará satisfeito ou completo. Aqueles que, transcendendo toda consciência de corpo, conhecem a Alma que reside dentro do corpo e que é compreendida somente por pessoas de sabedoria com a ajuda das seis entidades (já mencionadas, isto é, os Vedas e verdade, etc.), quando dotados somente do atributo de Sattwa, e com a ajuda também dos outros três (isto é, instrução, meditação e Yoga), conseguem alcançar a Emancipação. O homem de sabedoria, por compreender a Alma que preside dentro do corpo, a qual é desprovida dos atributos de nascimento e morte, que existe em sua própria natureza, que não sendo envolvida com atributos não requer ato de purificação, e que é idêntica a Brahma, desfruta de beatitude que não conhece fim. A satisfação que o homem de sabedoria obtém por impedir sua mente de vagar em todas as direções e por fixá-la totalmente na Alma é tal que sua semelhante não pode ser alcançada por alguém por quaisquer outros meios. É considerado como realmente conhecedor dos Vedas aquele que está familiarizado com aquilo que satisfaz alguém cujo estômago está vazio, que agrada a alguém que é indigente, e que revigora alguém cujos membros estão secos. Suspendendo seus sentidos que têm sido devidamente reprimidos de indulgência indigna, aquele que vive engajado em meditação Yoga é considerado um Brahmana. Tal pessoa é citada como sendo eminente sobre outras. Tal pessoa deriva suas alegrias da Alma. Com referência a alguém que vive depois de ter enfraquecido o desejo e que se dedica ao mais elevado tópico de existência, deve ser dito que sua felicidade é continuamente aumentada como o disco lunar (na quinzena iluminada). Como o Sol dissipando a escuridão, a felicidade dissipa as tristezas daquele Yogin que transcende os elementos grosseiros e os sutis, como também Mahat e o Imanifesto. Decrepitude e morte não podem atacar aquele Brahmana que chegou além da esfera das ações, que transcendeu a destruição dos próprios Gunas, (isto é, que desconsidera a verdadeira pujança que a destruição dos gunas ocasiona), e que não é mais ligado a objetos mundanos. De fato, quando o Yogin, livre de tudo, vive em um estado que transcende atração e aversão, ele transcende mesmo nesta vida seus sentidos e todos os seus objetos. Aquele Yogin, que tendo transcendido

Prakriti alcança a Causa Maior, fica livre da obrigação de um retorno para o mundo por ter alcançado àquilo que é o mais sublime.'"

252

"Vyasa disse, 'Para um discípulo que deseja perguntar sobre a Emancipação depois de ter transcendido todos os pares de opostos e efetuado os negócios de lucro e religião, um preceptor ilustre deve primeiro relatar que tudo o que foi dito na seção precedente, a qual é elaborada, sobre o tópico de Adhyatma. Espaço, vento, luz, água e terra contada como o quinto, e bhava e abhava e tempo, existem em todas criaturas vivas tendo os cinco como seus ingredientes constituintes. (Bhava e abhava e kala são incluídos pelo orador dentro de bhutas ou elementos primários. Bhava implica as quatro entidades chamadas karma, samanya, visesha e samavaya. Abhava significa um estado negativo com respeito aos atributos não possuídos por uma coisa. Nós certamente não podemos pensar em uma coisa sem pensarmos nela como não investida com certos atributos quaisquer que sejam os outros atributos que ela possa possuir.) Espaço é intervalo desocupado. Os órgãos de audição constituem em espaço. Alguém conhecedor da ciência das entidades dotadas de forma deve saber que o espaço tem som como seu atributo. Os pés (que auxiliam na locomoção) têm o vento como sua essência. Os ares vitais são feitos de vento. O sentido de tato (pele) tem vento como sua essência, e tato é o atributo do vento. Calor, o fogo digestivo no estômago, a luz que revela todas as coisas, o calor que está no corpo, e o olho contado como o quinto, são todos da luz que tem forma de diversas cores como seu atributo. Erupções liquefeitas, solubilidade, e todas as espécies de matéria líquida são da água. Sangue, medula, e tudo mais (no corpo) que é fresco, deve ser conhecido como tendo água como sua essência. A língua é o sentido do paladar, e o paladar é considerado como o atributo da água. Todas as substâncias sólidas são da terra, como também ossos, dentes, unhas, barba, os pêlos no corpo, cabelo, nervos, tendões, e pele. O nariz é chamado de o sentido do olfato. O objeto daquele sentido, isto é, o cheiro, deve ser conhecido como o atributo da terra. Cada elemento subsequente possui o atributo ou atributos do precedente além do seu próprio. Em todas as criaturas vivas também estão as (três) entidades suplementares (isto é, avidya, kama, e karma; ou ignorância, desejo, e ações). Os Rishis declararam dessa maneira os cinco elementos e os efeitos e atributos que fluem deles ou pertencem a eles. A mente forma o nono no cálculo, e a compreensão é considerada como o décimo. A Alma, que é infinita, é chamada de décimo primeiro. Ela é considerada como isso tudo e como o mais alto. A mente tem dúvida como sua essência. A compreensão discrimina e causa certeza. A Alma (que, como já dito, é infinita), se torna conhecida como Jiva envolvido com corpo (ou jivatman) por consequências derivadas de ações. (Isto é, a alma quando investida com Avidya e desejo se torna uma criatura vivente e se engaja em ações. É por causa de consequências então que são derivadas de ações que a Alma infinita (ou Chit) se torna Jivatman.) O homem que considera todo o conjunto de criaturas vivas como sendo puro (isto é, aquele que as considera como Chit

imaculado, ou seja, aquele que tem um conhecimento da Alma), embora dotado de todas essas entidades que têm o tempo como sua essência, nunca tem que recorrer a ações afetadas pelo erro.'"

253

"Vyasa disse, 'Aqueles que estão familiarizados com as escrituras (Yogins) contemplam, com a ajuda de ações prescritas nas escrituras, (isto é, práticas ligadas com Yoga) a Alma que está vestida em um corpo sutil, que é extremamente sutil e que é dissociada do corpo grosseiro no qual ela reside. Como os raios do Sol que correm em massas densas por todas as partes do firmamento não podem ser vistos pelo olho nu embora sua existência possa ser inferida pela razão, do mesmo modo, seres existentes livres de corpos grosseiros e vagando no universo estão além do alcance da visão humana. Como o disco refulgente do Sol é visto na água em uma imagem contrária, da mesma maneira o Yogin vê dentro dos corpos grosseiros o eu existente em sua imagem contrária. (Isto é, o Yogin vê dentro de seu próprio corpo e naquele de outros as Almas ou Chits residindo lá como envolvidos em formas sutis.) Todas aquelas almas também que estão envolvidas em formas sutis depois de estarem livres dos corpos grosseiros nos quais elas residiam, são perceptíveis para Yogins que subjugaram seus sentidos e que são dotados de conhecimento da alma. De fato, ajudados por suas próprias almas, Yogins vêem aqueles seres invisíveis. Dormindo ou acordados, durante o dia como na noite, e durante a noite como no dia, aqueles que se aplicam ao Yoga depois de rejeitarem todas as criações da compreensão (os objetos dos sentidos ou o mundo externo) e os Rajas nascidos de ações, como também o próprio poderio que Yoga gera, conseguem manter sua forma linga sob completo controle. (Isto é, eles têm suas formas sutis sob completo controle sob todas as circunstâncias e todo o tempo. Eles podem entrar à vontade em outras formas.) O Jiva que mora em tais Yogins, sempre dotados das sete entidades sutis (isto é, Mahat, consciência, e os cinco tanmatras das cinco entidades elementares), vagueia em todas as regiões de felicidade, livre de decrepitude e morte. Eu digo 'sempre', e 'livre de morte' somente de acordo com a forma comum de falar, pois na verdade, aquela forma linga é finita. (O significado óbvio do verso é que Yogins, em seu corpo linga, vagam por todos os lugares, não excluindo as regiões mais bem-aventuradas no próprio céu.) Aquele homem, no entanto, que (sem ser capaz de transcendê-las) está sob a influência de sua mente e compreensão, diferencia, até em seus sonhos, seu próprio corpo daquele de outro e sente (mesmo então) prazer e dor. (O significado é este: como Yogins, até homens comuns têm o linga-sariram. Em sonhos, o corpo grosseiro está inativo. Somente o corpo sutil age e sente.) Sim, mesmo em seus sonhos ele desfruta de felicidade e sofre miséria; e se entregando à ira e cupidez, encontra com calamidades de vários tipos. Em seus sonhos ele adquire grande riqueza e se sente muito satisfeito, realiza atos meritórios, e (vê e ouve, etc.) como ele faz em suas horas de vigília. Maravilhoso é observar que jiva, que tem que jazer dentro do útero e em meio a muito calor interno, e que tem que passar um período de dez

meses completos naquele local, não é digerido e reduzido à destruição como alimento dentro do estômago. Homens oprimidos pelas qualidades de Rajas e Tamas nunca conseguem ver dentro do corpo grosseiro a alma-Jiva, a qual é uma porção da Alma Suprema de refulgência transcendente e que se encontra dentro do coração de toda criatura. Aqueles que se dirigem à ciência de Yoga para o propósito de obter (um conhecimento) daquela Alma transcendem o corpo grosseiro e inanimado, o corpo linga imperceptível, e o corpo karana que não é destruído nem na ocasião da destruição universal. (Os corpos karana são as potencialidades, existentes no tanmatra das substâncias elementares, de formar diversos tipos de corpos linga em consequência das ações de Jiva em períodos anteriores de existência.) Entre os deveres que foram prescritos para os diferentes modos de vida incluindo o quarto modo (ou Sannyasa), estes aos quais eu tenho me referido, os quais têm yoga como seu principal, e que implicam uma cessação de toda operação da Mente e da compreensão, foram declarados por Sandilya (no Chandogya Upanishad). (O que o orador deseja dizer neste verso é que dhyana não é prescrito somente para Sannyasins mas ele é prescrito também para todas as outras classes.) Tendo compreendido as sete entidades sutis (isto é, os sentidos, os objetos da mente, Mente, Compreensão, Mahat, o Imanifesto ou Prakriti, e Purusha), tendo compreendido também a Causa Suprema do universo com os seis atributos (isto é, onisciência, contentamento, compreensão ilimitada, independência, vigilância eterna, e onipotência), e tendo finalmente entendido que o universo é somente uma modificação de Avidya (ignorância) dotado das três qualidades, alguém consegue contemplar (guiado pelas escrituras), o sublime Brahma.'"

254

"Vyasa disse, 'Há uma árvore extraordinária, chamada Desejo, no coração de um homem. Ela é nascida da semente chamada Erro. Ira e orgulho constituem seu tronco largo. O desejo de agir é o vaso ao redor de sua base (para reter a água que é para nutri-la). Ignorância é a raiz daquela árvore, e negligência é a água que lhe dá sustento. Inveja constitui suas folhas. As más ações de vidas passadas a abastecem com energia. Perda de bom senso e ansiedade são seus galhos; aflição forma seus ramos grandes; e medo é seu broto. Sede (por diversos objetos) que é (aparentemente) agradável forma as trepadeiras que se enroscam ao redor dela por todos os lados. Homens excessivamente avarentos, atados em correntes de ferro, sentados em volta daquela árvore produtora de frutos, prestam suas adorações a ela, na expectativa de obter seus frutos. (As correntes de ferro aqui são os diversos desejos nutridos por homens mundanos, ou, talvez, os corpos com os quais os homens estão envolvidos.) Aquele que, subjugando aquelas correntes, derruba aquela árvore e procura rejeitar tristeza e alegria, consegue alcançar o fim de ambas. Aquele homem tolo que nutre esta árvore por indulgência nos objetos dos sentidos é destruído por aqueles mesmos objetos nos quais ele se abandona, assim como uma pílula venenosa destruindo o paciente a quem ela é administrada. Uma pessoa hábil, no entanto, pela ajuda de Yoga,

arranca à força e corta com a espada de samadhi a raiz de grande alcance desta árvore. (A raiz da árvore, naturalmente, é Avidya ou Ignorância.) Alguém que sabe que o fim de todas as ações empreendidas somente pelo desejo de resultado é renascimento ou correntes que prendem, consegue transcender toda tristeza. O corpo é citado como sendo uma cidade. A compreensão é citada como sua mestra. A mente morando dentro do corpo é o ministro daquela mestra cuja principal função é decidir. Os sentidos são os cidadãos que são empregados pela mente (no serviço da mestra). Para cuidar daqueles cidadãos a mente mostra uma forte inclinação para atos de diversos tipos. Na questão daquelas ações, duas grandes falhas são observáveis, isto é, Tamas e Rajas. Dos frutos daquelas ações dependem aqueles cidadãos junto com os chefes da cidade (isto é, a Mente, a Compreensão, e a Consciência). (O significado, em resumo, é este: o corpo é uma cidade. A compreensão é sua mestra. A mente é o principal servidor dela. Os sentidos são os cidadãos sob a liderança da mente. Para nutrir os sentidos a mente se empenha em atos produtivos de resultados visíveis e invisíveis, isto é, sacrifícios e doações, e a aquisição de casas e jardins, etc. Aqueles atos estão sujeitos a Rajas e Tamas. Os sentidos (nesta vida e nas seguintes) dependem dos resultados (felicidade ou miséria) daqueles atos. Os sentidos, a mente e a compreensão, etc., são todos devido às ações. Estes, portanto, são considerados como dependentes dos atos e tirando seu sustento deles.) As duas falhas (já mencionadas) vivem dos frutos daquelas ações que são realizadas por meios proibidos. Este sendo o caso, a compreensão, que por si mesma é inconquistável (por Rajas ou Tamas), desce a um estado de igualdade com a mente (por se tornar tão corrompida quanto a mente que a serve). Então também os sentidos, agitados pela mente maculada, perdem a sua própria estabilidade. Aqueles objetos também por cuja aquisição a compreensão se esforça (por considerá-los benéficos) se tornam produtivos de aflição e no final encontram com a destruição. Aqueles objetos, depois da destruição, são lembrados pela mente, e consequentemente eles afligem a mente mesmo depois de estarem perdidos. A compreensão é afligida ao mesmo tempo, pois a mente é citada como sendo diferente da compreensão somente quando a mente é considerada em relação à sua principal função de receber impressões sobre cuja certeza ela não é para julgar. Na verdade, no entanto, a mente é idêntica à compreensão. O Rajas (produtivo somente de tristeza e mal de todo tipo) que há na compreensão então oprime a própria Alma, que está colocada sobre a compreensão manchada por Rajas como uma imagem sobre um espelho. (O sentido é que a compreensão estando maculada ou afligida, a Alma também vem a ser maculada ou afligida.) É a mente que primeiro se une em amizade com Rajas. Tendo se unido, ela captura a alma, a compreensão, e os sentidos (como um falso ministro capturando o rei e o cidadãos depois de ter conspirado com um inimigo) e os transfere para Rajas (com o qual ela se uniu).'"

255

"Bhishma disse, 'Ó filho, ó impecável, escute mais uma vez, com sentimentos de grande orgulho, às palavras que saíram dos lábios do Rishi Nascido na Ilha sobre o assunto da enumeração das entidades. Como um fogo ardente (por ter transcendido toda ignorância), o grande Rishi disse essas palavras para seu filho que parecia com um fogo envolvido em fumaça; (porque o filho ainda não tinha obtido a luz do conhecimento completo). Instruído pelo que ele disse, eu também, ó filho, explicarei novamente para ti aquele conhecimento certo (que dissipa a ignorância). As propriedades possuídas pela terra são imobilidade, peso, dureza, produtividade, cheiro, densidade, capacidade de absorver cheiros de todos os tipos, coesão, habitabilidade (em relação a vegetais e animais), e aquele atributo da mente que é chamado de paciência da capacidade de suportar. As propriedades da água são frescor, gosto, umidade, liquidez, suavidade, agradabilidade, língua, fluidez, capacidade de ser congelada, e poder de dissolver muitos produtos da terra. As propriedades do fogo são energia irresistível, inflamabilidade, calor, capacidade de amolecer, luz, tristeza, doença, velocidade, fúria, e movimento ascendente invariável. As propriedades do vento são toque que não é nem quente nem frio, capacidade de ajudar o órgão da fala, independência (em relação a movimento), força, rapidez, poder de ajudar todos os tipos de emissão ou descarga, poder de erguer outros objetos, respirações inaladas e expiradas, vida (como o atributo de Chit) e nascimento (incluindo morte). As propriedades do espaço são som, extensão, capacidade de ser cercado, ausência de refúgio por se apoiar sobre a ausência de toda necessidade de tal refúgio, posição de ser imanifesto, capacidade para modificação, incapacidade para produzir resistência, causa material para produzir o sentido de audição, e as partes desocupadas do corpo humano. Estas são as cinquenta propriedades, como declaradas, que constituem a essência das cinco entidades elementares. Paciência, raciocínio ou discussão, lembrança, esquecimento ou erro, imaginação, resistência, propensão para o bem, propensão para o mal, e inquietação, estas são as propriedades da mente. A destruição dos pensamentos bons e maus (isto é, o sono sem sonhos), perseverança, concentração, decisão, e averiguação de todas as coisas que dependem de evidência direta, constituem as cinco propriedades da compreensão.'"

"Yudhishthira disse, 'Como pode ser dito que a compreensão tem cinco propriedades? Como também, os cinco sentidos podem ser citados como propriedades (das cinco entidades elementares)? Explique para mim, ó avô, tudo isso que parece ser muito abstruso.'"

"Bhishma disse, 'A compreensão é citada como possuindo ao todo sessenta propriedades, pois a compreensão inclui os cinco elementos. (Os elementos são cinco em número. Suas propriedades numeram cinquenta. As cinco propriedades especiais da compreensão devem ser adicionadas àquelas cinquenta e cinco. O total, portanto, das propriedade da compreensão chega a sessenta.) Todas aquelas propriedades existem em um estado de união com a Alma. Os Vedas declaram, ó filho, que os elementos, suas (cinquenta) propriedades (junto com a

mente e a compreensão e suas nove e cinco propriedades) são todos criados por Aquele que está acima de toda deterioração. Essas (setenta e uma) entidades, portanto, não são eternas (como a Alma). As teorias contradizendo a Revelação que nos Vedas anteriores, ó filho, foram colocadas diante de ti (acerca da origem do Universo e seus outros incidentes) são todas defeituosas aos olhos da razão. Prestando atenção cuidadosamente, entretanto, neste mundo a tudo que eu tenho dito para ti sobre o Supremo Brahma, depois de obter a pujança que o conhecimento de Brahma oferece, procure ganhar tranquilidade de coração.'"

256

"Yudhishthira disse, 'Estes senhores de terra que jazem na superfície da terra em meio a suas respectivas hostes, estes príncipes dotados de grande poder, estão agora privados de animação. Cada um desses monarcas poderosos era possuidor de força igual àquela de dez mil elefantes. Ai! eles todos foram mortos por homens possuidores de igual coragem e poder. Eu não vejo ninguém mais (no mundo) que pudesse matar qualquer um destes homens em batalha. (Isto é, eles poderiam ser mortos somente por seus iguais que estavam envolvidos em batalha com eles, significando que todos aqueles guerreiros eram homens superiores. Eles possivelmente não poderiam ser mortos por outros exceto aqueles com quem eles lutaram.) Todos eles eram dotados de grande destreza, grande energia, e grande força. Possuidores também de grande sabedoria, eles estão agora jazendo na terra nua, carentes de vida. Com respeito a todos estes homens que estão desprovidos de vida, a expressão que é usada é que eles estão mortos. De bravura terrível, todos estes reis são citados como estando mortos. Sobre esse assunto uma dúvida surgiu em minha mente. De onde vem a animação e de onde vem a morte? Quem é aquele que morre? (É o corpo grosseiro, o corpo sutil, ou a Alma, que morre)? De onde vem a morte? Por que razão também a morte leva (as criaturas vivas)? Ó avô, me diga isso, ó tu que pareces um celestial!'"

"Bhishma disse, 'Nos tempos passados, na era Krita, ó filho, havia um rei de nome Anukampaka. Seus carros e elefantes e cavalos e homens tendo sido reduzidos em número, ele foi trazido sob o domínio de seus inimigos em batalha. Seu filho chamado Hari, que parecia com o próprio Narayana em força, foi morto naquela batalha por seus inimigos junto com todos os seus seguidores e tropas. Afligido pela dor por causa morte de seu filho, e ele mesmo trazido sob o domínio de inimigos, o rei se dedicou portanto a uma vida de tranquilidade. Um dia, enquanto passeando sem um propósito ele encontrou com o sábio Narada sobre a terra. O monarca disse para Narada tudo o que tinha acontecido, isto é, a morte de seu filho em batalha e sua própria captura por seus inimigos. Tendo ouvido suas palavras, Narada, possuidor de riqueza de penitências, então contou para ele a seguinte narrativa para dissipar sua dor por causa da morte de seu filho.'"

"Narada disse, 'Ouça agora, ó monarca, a seguinte narrativa de detalhes muito prolongados como estes ocorreram. Eu mesmo a ouvi antigamente, ó rei! Dotado de grande energia, o Avô, no tempo da criação do universo, criou um grande

número de seres vivos. Estes se multiplicaram imensamente, e nenhum deles encontrou com a morte. Não havia uma parte do mundo que não estivesse superlotada com criaturas vivas, ó tu de glória imorredoura! De fato, ó rei, os três mundos pareciam inchar com seres vivos, e se tornaram como se estivessem sem fôlego. Então, ó monarca, surgiu na mente do Avô o pensamento de como ele deveria destruir aquela população excessivamente grande. Refletindo sobre o assunto, o Auto-nascido, no entanto, não pôde decidir os meios pelos quais a destruição da vida deveria ser ocasionada. Então, ó rei, Brahman cedeu à ira, e por causa de sua cólera um fogo saiu de seu corpo. Com aquele fogo nascido de sua ira, o Avô queimou todos os quadrantes do universo, ó monarca. De fato, aquela conflagração nascida da raiva do Senhor Divino, ó rei, queimou o céu e a terra e o firmamento e o universo inteiro com todos os seus seres móveis e imóveis. Realmente, quando o Avô deu vazão à ira dessa maneira, todos os seres móveis e imóveis começaram a ser consumidos pela energia irresistível daquela raiva. Então o divino e auspicioso Sthanu, aquele matador de heróis hostis, aquele senhor dos Vedas e das escrituras, cheio de compaixão, procurou gratificar Brahman. Quando Sthanu foi até Brahman por motivos de benevolência, o grande Deus queimando com energia se dirigiu a ele, dizendo, 'Tu mereces bênçãos das minhas mãos. Que desejo teu eu realizarei? Eu te farei bem por realizar o que quer que esteja em teu peito.'"

257

"Sthanu disse, 'Saiba, ó senhor, que as minhas solicitações a ti são em nome dos seres criados do universo. Estes seres foram criados por ti. Não fique zangado com eles, ó Avô! Pelo fogo nascido de tua energia, ó ilustre, todos os seres criados estão sendo consumidos. Vendo eles colocados em tal situação, eu estou comovido por compaixão. Não fique zangado com eles, ó senhor do universo.'"

"O senhor de todos os seres criados disse, 'Eu não estou zangado, nem é meu desejo que todos os seres criados cessem de existir. É somente para aliviar a carga da terra que a destruição é desejável. A deusa Terra, afligida com o peso das criaturas, me pediu, ó Mahadeva, para destruí-las, especialmente porque Ela parecia afundar na água sob o peso delas. Quando depois de aplicar minha inteligência mesmo por um longo tempo eu não pude descobrir os meios pelos quais realizar a destruição dessa população enorme, foi então que a fúria tomou posse de meu peito.'"

"Sthanu disse, 'Não te entregue à cólera, ó senhor das divindades, com respeito a este assunto sobre a destruição de criaturas vivas. Fique satisfeito. Não deixe estes seres móveis e imóveis serem destruídos. Todos os reservatórios, todas as espécies de grama e ervas, todos os seres imóveis, e todas as criaturas móveis também das quatro variedades, estão sendo consumidos. O mundo inteiro está prestes a ser desprovido de seres. Fique satisfeito, ó senhor divino! Ó tu de coração justo, este mesmo é o benefício que eu solicito das tuas mãos. Se forem

destruídas, estas criaturas não voltarão. Portanto, que essa tua energia seja neutralizada por tua própria energia. Influenciado por compaixão por todos os seres criados ache algum meio para que, ó Avô, estas criaturas vivas não possam queimar. Oh, não deixe que estas criaturas vivas pereçam até com seus descendentes destruídos dessa maneira. Tu me nomeaste como o superior sobre a consciência de todas as criaturas vivas, ó senhor de todos os senhores do universo. Todo este universo móvel e imóvel de vida, ó senhor do universo, surgiu de ti. Pacificando-te, ó deus dos deuses, eu te rogo que as criaturas vivas possam voltar repetidamente ao mundo, passando por repetidas mortes.'"

"Narada continuou, 'Ouvindo essas palavras de Sthanu, o divino Brahman de fala e mente controladas suprimiu aquela sua energia dentro de seu próprio coração. Suprimindo aquele fogo que estava devastando o universo, o ilustre Brahman, adorado de todos, e possuidor de pujança ilimitável, então providenciou nascimento e morte em relação a todas as criaturas vivas. Depois que o Nascido por Si Mesmo tinha retirado e suprimido aquele fogo, saiu, de todas as saídas do corpo dele, uma dama vestida em mantos de cores preta e vermelha, com olhos pretos, palmas pretas, usando um par de brincos excelentes, e enfeitada com ornamentos celestes. Tendo surgido do corpo de Brahman, a dama tomou seu lugar à direita dele. As duas principais das divindades então olharam para ela. Então, ó rei, o pujante Auto-nascido, a causa original de todos os mundos, a saudou e disse, 'Ó Morte, mate essas criaturas do universo. Cheio de ira e decidido a ocasionar a destruição dos seres criados, eu te chamei. (No caso de deuses e Rishis, pensar e convocar eram a mesma coisa.) Portanto, comece a destruir todas as criaturas tolas ou eruditas. Ó dama, mate todos os seres criados sem fazer exceção em favor de ninguém. Por minha ordem tu ganharás grande prosperidade.' Assim endereçada, a deusa, Morte, adornada com uma guirlanda de lotos, começou a refletir tristemente e a derramar lágrimas copiosas. Sem permitir que suas lágrimas caíssem, no entanto, ela as segurou, ó rei, em suas palmas unidas. Ela então suplicou ao Auto-nascido, impelida pelo desejo de fazer o bem para a humanidade.'"

258

"Narada disse, 'A dama de olhos grandes, controlando sua aflição por um esforço próprio, se dirigiu ao Avô, com mãos unidas e se curvando em um atributo de humildade como uma trepadeira. E ela disse, 'Como, ó principal dos oradores, uma dama como eu que surgiu de ti procederá para realizar tal feito terrível, um feito que com certeza inspirará todas as criaturas vivas com medo? Eu temo fazer qualquer coisa que seja perversa. Designe para mim um trabalho que seja virtuoso. Tu vês que eu estou assustada. Oh, lance um olhar compassivo sobre mim. Eu não serei capaz de matar criaturas vivas, crianças, jovens, e idosas, que não me fizeram mal. Ó senhor de todas as criaturas, eu te reverencio, fique satisfeito comigo. Eu não poderei matar filhos queridos e amigos e irmãos e mães e pais amados. Se estes morrerem (por minha ação), seus parentes sobreviventes certamente me amaldiçoarão. Eu estou cheia de temor pela probabilidade disto.

As lágrimas dos sobreviventes enlutados me queimarão pela eternidade. Eu estou com muito medo deles (cujos parentes eu terei que matar). Eu busco tua proteção. Todas as criaturas pecaminosas (mortas por mim) terão que cair nas regiões infernais. Eu procuro te gratificar, ó deus concessor de bênçãos! Estenda a mim tua graça, ó senhor pujante! Eu procuro a satisfação deste desejo, ó Avô de todos os mundos. Ó principal de todos os deuses, eu busco, pela tua graça, este objetivo, isto é, permissão para praticar austeridades severas.'"

"O Avô disse, 'Ó Morte, tu foste planejada por mim para a destruição de todas as criaturas. Vá, e te dedique à tarefa de matar todos. Não reflita (sobre a retidão ao não deste ato). Isto deve certamente acontecer. Não pode ser de outra maneira. Ó impecável, ó dama de membros impecáveis, cumpra a ordem que eu proferi.' Assim endereçada, ó tu de braços poderosos, a dama chamada Morte, ó conquistador de cidades hostis, não falou uma palavra, mas humildemente ficou lá com seus olhos erguidos na direção do Senhor de todas as criaturas. Brahman se dirigiu a ela repetidamente, mas a dama parecia ela mesma estar sem vida. Vendo ela dessa maneira, o deus dos deuses, aquele senhor dos senhores, ficou silencioso. De fato, o Auto-nascido, por um esforço de sua vontade, ficou satisfeito. Sorrindo, o senhor de todos os mundos então lançou seu olhar sobre o universo. Foi ouvido por nós que quando aquele senhor ilustre e inconquistado subjugou sua cólera, a dama (chamada Morte) partiu de seu lado. Deixando o lado de Brahman sem ter prometido realizar a destruição de criaturas vivas, a Morte procedeu rapidamente, ó rei, para o local sagrado conhecido pelo nome de Dhenuka. Lá a deusa praticou as mais severas austeridades por quinze bilhões de anos, todo o tempo permanecendo sobre um pé. (Um Padmaka consiste em dez dígitos, isto é, mil milhões ou um bilhão de acordo com o método de cálculo francês.) Depois que ela praticou tais austeridades extremamente rígidas naquele local, Brahman de grande energia mais uma vez disse a ela, 'Execute minha ordem, ó Morte!' Desconsiderando este comando, a dama mais uma vez praticou penitências ficando sobre um pé por vinte bilhões de anos, ó dador de honras! E mais uma vez, ó filho, ela levou uma vida nas florestas com os veados por outro longo período consistindo em dez mil bilhões de anos. (Levar uma vida na floresta com os veados e da mesma maneira dos veados confere grande mérito. Veja a história da filha de Yayati, Madhavi, no Udyoga Parva.) E uma vez, ó principal dos homens, ela passou duas vezes dez mil anos, vivendo somente de ar como seu sustento. Uma outra vez, ó monarca, ela cumpriu o voto excelente de silêncio por oito mil anos, passando todo o tempo na água. Então aquela donzela, ó melhor dos reis, foi ao rio Kausiki. Lá ela começou a passar seus dias na observância de outro voto, vivendo todo o tempo somente de água e ar. Depois disso, ó monarca, a donzela abençoada procedeu para o Ganges e então para as montanhas de Meru. Movida pelo desejo de fazer o bem para todas as criaturas vivas, ela ficou lá perfeitamente imóvel como um pedaço de madeira. Procedendo então para o topo de Himavat onde as divindades tinham realizado seu grandioso sacrifício, ela ficou lá por outros cem bilhões de anos, suportando seu peso somente sobre os dedos de seus pés com o objetivo de gratificar o Avô com tal ato de austeridade. Dirigindo-se para lá, o Criador e Destruidor do universo novamente se dirigiu a ela dizendo, 'No que tu estás empenhada, ó filha? Execute aquelas minhas palavras.'

Dirigindo-se ao Avô divino, a donzela mais uma vez disse, 'Eu não posso matar criaturas vivas, ó deus! Eu procuro te gratificar (para que eu possa ser dispensada dessa ordem).' Amedrontada pela probabilidade de demérito ela suplicou ao Avô para ser dispensada da obediência à sua ordem. O Avô a silenciou, e mais uma vez se dirigiu a ela, dizendo, 'Nenhum demérito advirá, ó Morte! Ó donzela auspiciosa, dirija-te à tarefa de destruir criaturas vivas. Aquilo que eu proferi, ó moça amável, certamente não pode ser falsificado. A justiça eterna agora se refugiará em ti. Eu mesmo e todas as divindades sempre estaremos empenhados em procurar teu bem. Este outro desejo que está em teu coração eu te concedo. As criaturas vivas serão afligidas por doenças, e (morrendo) lançarão a culpa em ti. Tu te tornarás um macho em todos os seres masculinos, uma fêmea em todos os seres femininos, e um eunuco em todos aqueles que são do terceiro sexo. (O comentador explica que isso significa que a Morte alcançaria o posto de Brahma que permeia tudo. Essa é a bênção que o Nascido por Si Mesmo concede a ela para protegê-la contra a iniquidade e acalmar seus temores.) Assim endereçada por Brahman, ó rei, a donzela finalmente disse, com mãos unidas para aquele senhor imperecível e de grande alma de todas as divindades, estas palavras, 'Eu não posso obedecer tua ordem.' O grande Deus, sem ceder, falou a ela novamente, 'Ó Morte, mate homens. Eu ordenarei para que tu não incorras em qualquer demérito por fazer isso, ó dama auspiciosa! Aquelas lágrimas que eu vi caírem de teus olhos, e que tu ainda seguras em tuas mãos unidas, tomarão a forma de doenças terríveis e elas mesmas destruirão os homens quando a hora deles chegar. Quando se aproximar o fim de criaturas vivas, tu despacharás Desejo e a Raiva juntos contra elas. Mérito incomensurável será teu. Tu não incorrerás em iniquidade, sendo tu mesma perfeitamente igual em teu comportamento, (isto é, sendo livre de ira e aversão.). Por fazer isso tu somente praticarás virtude em vez de te afundar em iniquidade. Portanto, coloque teu coração na tarefa à mão, e endereçando Desejo e Cólera comece a matar todas as criaturas vivas.' Assim endereçada, aquela dama, chamada pelo nome de Morte, ficou com medo da maldição de Brahman e respondeu a ele dizendo, 'Sim!' Daquele tempo em diante ela começou a despachar Desejo e Cólera como as últimas horas das criaturas vivas, e pela mediação deles a pôr um fim nos ares vitais delas. Aquelas lágrimas que a Morte tinha derramado são as doenças pelas quais os corpos de homens vêm a ser afligidos. Pela destruição, portanto, de criaturas vivas, não se deve, compreendendo com a ajuda da inteligência (à qual causa tal destruição é devido), se entregar à dor. Como os sentidos de todas as criaturas desaparecem quando as últimas estão mergulhadas em sono sem sonhos e voltam novamente quando elas despertam, da mesma maneira todos os seres humanos, após a dissolução de seus corpos, têm que entrar no outro mundo e retornar daquele lugar para este, ó leão entre reis! O elemento chamado vento, que é dotado de energia terrível e bravura poderosa e rugidos ensurdecedores, opera como a vida em todas as criaturas vivas. Aquele vento, quando os corpos das criaturas vivas são destruídos, escapando dos antigos se torna empenhado em diversas funções em diversos corpos novos. Por essa razão, o vento é chamado de o senhor dos sentidos e é distinguido acima dos outros elementos que constituem o corpo grosseiro. Os deuses, sem exceção, (quando seus méritos cessam), têm que tomar nascimento como criaturas mortais sobre a terra.

Similarmente, todas as criaturas mortais também (quando elas adquirem mérito suficiente), conseguem alcançar a posição de deuses. Portanto, ó leão entre reis, não sofra por teu filho. Teu filho alcançou o céu e está desfrutando de grande felicidade lá! Foi assim, ó monarca, que a Morte foi criada pelo Auto-nascido e é desse modo que ela mata regularmente todas as criaturas viventes quando suas horas chegam. As lágrimas que ela derramou se tornaram doenças, que, quando suas últimas horas chegam, arrebata todos os seres dotados de vida.'"

259

"Yudhishthira disse, 'Todos os homens que habitam esta terra estão cheios de dúvidas a respeito da natureza da retidão. O que é isto que é chamado de Retidão? De onde também a Retidão vem? Diga-me, ó avô! A Retidão é para ser útil neste mundo ou é para ser útil no próximo mundo? Ou, ela é para ser útil aqui e após a morte? Diga-me isto, ó avô!'"

"Bhishma disse, 'As práticas dos bons, os Smritis, e os Vedas, são as três indicações (fontes) de retidão. Além disto, os eruditos têm declarado que o propósito (pelo qual uma ação é realizada) é a quarta indicação de retidão. (O trabalho de Vasishtha começa com a pergunta: 'O que é dharmah?' A primeira resposta é 'Algo consistente com os Srutis e os Smritis.') Os Rishis de antigamente declararam quais ações são justas e também as classificaram como superiores ou inferiores em relação a mérito. As regras de retidão têm sido prescritas para a administração dos assuntos do mundo. Em ambos os mundos, isto é, aqui e após a morte, a virtude produz felicidade como seu resultado. Uma pessoa pecaminosa incapaz de adquirir mérito por meios sutis, se torna maculada somente com pecado. Alguns são de opinião que pessoas pecaminosas nunca podem ser purificadas de seus pecados. Em épocas de infortúnio, uma pessoa mesmo por falar uma mentira adquire o mérito de falar a verdade, assim como uma pessoa que realiza uma ação injusta adquire por aquele mesmo meio o mérito de ter feito uma ação justa. A conduta é o refúgio da retidão. Tu deves saber o que é retidão, ajudado pela conduta. (É a natureza do homem que ele nem veja nem proclame suas próprias falhas mas perceba e proclame aquelas de outros.) O próprio ladrão, roubando o que pertence a outros, gasta os produtos de seu roubo em ações de virtude aparente. Durante um tempo de anarquia, o ladrão tem grande prazer em se apropriar do que pertence a outros. Quando outros, no entanto, roubam dele o que ele adquiriu por meio de roubo, ele então deseja em seguida um rei (para invocar punição sobre a cabeça dos criminosos). Mesmo em tal época, quando sua indignação por direitos de propriedade ofendidos está em seu ponto mais alto, ele secretamente cobiça a riqueza daqueles que estão contentes com o que possuem. Destemidamente e sem dúvida em sua mente (quando ele mesmo é vítima de roubo) ele se dirige ao palácio do rei com uma mente purificada de todo pecado. Mesmo dentro de seu próprio coração ele não vê a mancha de qualquer má ação. Falar a verdade é meritório. Não há nada superior à verdade. Tudo é mantido pela verdade, e tudo depende da verdade. Mesmo os pecaminosos e cruéis, jurando manter a verdade entre eles mesmos,

põem de lado todos os motivos de briga e se unindo uns com os outros se dirigem para suas tarefas (pecaminosas), dependendo da verdade. Se eles se comportassem falsamente uns com os outros, eles então seriam destruídos sem dúvida. Alguém não deve pegar o que pertence a outros. Esta é uma obrigação eterna. Homens poderosos consideram isso como algo que foi introduzido pelos fracos. Quando, no entanto, o destino destes homens se torna adverso, esta injunção então encontra sua aprovação. Então também aqueles que superam outros em força ou destreza não se tornam necessariamente felizes. Portanto, nunca coloque teu coração sobre qualquer ação que seja errada. Alguém que se comporta dessa maneira não tem que temer homens desonestos ou ladrões ou o rei. Não tendo feito qualquer injúria para qualquer um, tal homem vive sem medo e com um coração puro. Um ladrão tem medo de todos, como um veado expulso dos bosques para o meio de uma aldeia habitada. Ele pensa que as outras pessoas são tão pecaminosas quanto ele mesmo. Alguém que tem um coração puro está sempre cheio de alegria e não tem medo de qualquer direção. Tal pessoa nunca vê seu próprio comportamento impróprio em outros; (implicando que tal homem está sempre consciente de suas próprias falhas, e nunca pensa que outros são culpados de uma ofensa que ele, em um momento de tentação, possa ter cometido). Pessoas dedicadas a fazer o bem para todas as criaturas dizem que a prática de caridade é outro dever superior. Aqueles que possuem riqueza pensam que este dever foi declarado por aqueles que são pobres. Quando, no entanto, aqueles homens ricos encontram com a pobreza por consequência de uma mudança de sorte, a prática de caridade então se recomenda para eles. Homens que são extremamente ricos não necessariamente encontram a felicidade. Sabendo quão doloroso é para si mesma, uma pessoa nunca deve fazer para os outros o que ela não gosta quando feito a ela por outros. O que pode um homem que se torna o amante da esposa de outro homem dizer para outro homem (culpado da mesma transgressão)? É visto, no entanto, que mesmo tal homem, quando ele vê sua senhora com outro amante, se torna incapaz de perdoar o ato. Como pode alguém que, tomando fôlego ele mesmo pensa em impedir outro por meio de uma ação homicida, de fazer o mesmo? Quaisquer desejos que alguém nutra com relação a si mesmo, ele deve certamente nutrir com relação a outros. Com a riqueza excedente que possa ocorrer de alguém possuir ele deve aliviar as misérias dos indigentes. É por esta razão que o Criador ordenou a prática de aumentar a própria riqueza (por meio de comércio ou por gastá-la por causa de lucro). (O excedente não deve ser cobiçado por sua própria causa mas para tal uso.) Alguém deve trilhar sozinho aquele caminho por prosseguir pelo qual ele possa esperar encontrar com as divindades; ou, em tais tempos quando riqueza é obtida, a aderência aos deveres de sacrifício e caridade é louvável. Os sábios dizem que a realização de objetivos por meio de maneiras agradáveis (pacíficas) é virtude. Veja, ó Yudhishthira, que este mesmo é o critério que foi mantido em vista em declarar as indicações de retidão e iniquidade. Nos tempos passados o Criador ordenou a retidão dotando-a do poder de manter o mundo unido. A conduta dos bons, que é repleta de excelência, está sujeita a (numerosas) restrições para obter virtude a qual depende de muitas considerações delicadas. As indicações de retidão agora foram relatadas para ti, ó

principal da linhagem de Kuru! Portanto, em qualquer época, não coloque tua compreensão sobre alguma ação que seja errada.'"

260

"Yudhishthira disse, 'Tu disseste que a virtude ou dever depende de considerações delicadas, que é indicada pela conduta daqueles que são chamados de bons, e que é repleta de restrições (de numerosas ações), e que suas indicações estão também contidas nos Vedas. Me parece, no entanto, que eu tenho uma certa luz interior pela qual eu posso discriminar entre certo e errado por inferências. Numerosas perguntas que eu tinha planejado te fazer foram todas respondidas por ti. Há uma pergunta, no entanto, que eu farei agora. Ela não é motivada, ó rei, pelo desejo de discussão vazia. Todas essas criaturas incorporadas, parece, nascem, existem, e deixam seus corpos, por sua própria natureza. O dever e seu oposto, portanto, não podem ser averiguados, ó Bharata, somente pelo estudo das escrituras. (O argumento, como explicado pelo comentador é este: Bhishma disse que a virtude e seu oposto surgem dos atos de alguém produzindo felicidade ou miséria para outros, e que ambos afetam sua vida futura em relação à felicidade e miséria desfrutada ou suportada nela. Mas as criaturas vivas, diz Yudhishthira, são vistas tomarem seus nascimentos, existirem, e morrerem, por sua própria natureza. A natureza, portanto, parece ser a causa eficiente de nascimento, existência, e morte, e não as declarações nos Srutis, embora aquelas declarações possam ser consistentes com considerações de felicidade ou o oposto. O estudo dos Vedas, portanto, sozinho não pode levar a um conhecimento da retidão e seu contrário.) Os deveres de uma pessoa que está em boa situação são de um tipo. Aqueles de uma pessoa que caiu em infortúnio são de outro tipo. Como pode o dever a respeito das épocas de infortúnio ser averiguado somente pela leitura das escrituras? (O infortúnio pode ser de uma variedade infinita. Derrogação do dever pode, portanto, ser de uma variedade infinita. É impossível notar essas derrogações (justificáveis em vista do grau de angústia sentido) em qualquer código de ética, embora compreensível.) As ações dos bons, tu disseste, constituem retidão (ou virtude ou dever). Os bons, no entanto, devem ser averiguados por suas ações. A definição, portanto, tem por sua fundação um desvio da questão, com o resultado de que o se quer dizer por conduta dos bons permanece incerto. É visto que uma pessoa comum comete injustiça enquanto aparentemente realizando virtude. Algumas pessoas extraordinárias também podem ser vistas que realizam justiça por cometerem atos que são aparentemente injustos. (O comentador cita o exemplo de Sudras ouvindo escrituras proibidas na expectativa de mérito. Eles cometem pecado por tais atos. Então também Brahmanas como Agastya, por amaldiçoar os habitantes da floresta Dandaka, obtiveram grande mérito. Em pessoas geralmente chamadas de comuns e até inferiores são observáveis indicações de bom comportamento, e naquelas reconhecidas como boas e respeitáveis podem ser notados atos que não são bons. Portanto, aquilo que é chamado de conduta dos bons é extremamente indeterminável.) Então, a prova (do que eu digo) tem sido fornecida até por

aqueles que conhecem bem as escrituras, pois é sabido por nós que as ordenanças dos Vedas desaparecem gradualmente em cada era sucessiva. Os deveres na era Krita são de um tipo. Aqueles na Treta são de outro tipo, e aqueles na Dwapara também são diferentes. Os deveres na era Kali, além disso, são totalmente de outro tipo. Parece, portanto, que os deveres são prescritos para as respectivas eras de acordo com os poderes dos seres humanos nas respectivas eras. Quando, portanto, todas as declarações nos Vedas não se aplicam igualmente a todas as eras, o ditado que as declarações dos Vedas são verdadeiras é somente uma forma popular de falar usada para a satisfação popular. Dos Srutis se originaram os Smritis cujo âmbito também é muito amplo. Se os Vedas são autoridade para tudo, então também se atribuiria autoridade aos Smritis, pois os últimos são baseados nos primeiros. Quando, no entanto, os Srutis e os Smritis contradizem uns aos outros, como um dos dois pode ser autoritário? Então, também, é visto que quando algumas pessoas pecaminosas de grande poder fazem certas partes de certos cursos de ações justas serem paradas, estes são destruídos para sempre. (O comentador usa o exemplo da parada do Sacrifício de Cavalo pela intervenção de Indra com Janamejaya quando o último estava decidido a celebrar um para a aquisição de mérito.) Se nós o conhecemos ou não, se nós podemos averiguá-lo ou não podemos averiguá-lo, o curso de dever é mais fino do que o fio de uma navalha e mais grosso até do que uma montanha. A virtude (na forma de sacrifícios e outras ações religiosas) a princípio aparece na forma de edifícios fabulosos de vapor vistos no céu distante. Quando, no entanto, ela é examinada pelos eruditos, ela desaparece e se torna invisível. (Os edifícios e formas vaporosas vistos no céu distante são chamados de Gandharva-nagara por causa da crença peculiar que eles são cidades habitadas pelos Gandharvas, uma classe de seres superiores ao homem. Eles aparecem para a visão somente para desaparecerem logo. O que o orador deseja dizer é que sacrifícios e atos religiosos a princípio parecem fabulosos e encantadores por causa dos resultados que eles exibem, isto é, céu e felicidade. Mas quando eles são examinados pela luz da filosofia, eles desaparecem ou recuam no nada, pois como ações, eles são transitórios e suas consequências também são do mesmo caráter.) Como os pequenos tanques nos quais o gado bebe ou os aquedutos rasos ao longo de campos cultivados que secam logo, as práticas eternas inculcadas nos Smritis, caindo em descontinuação, finalmente desaparecem totalmente (na era Kali). Entre homens que são bons alguns são vistos se tornarem hipócritas (em relação à aquisição de virtude) por se permitirem serem incitados pelo desejo. Alguns se tornam assim, incitados pelos desejos de outros. Outros, numerando muitos, seguem o mesmo caminho, influenciados por diversos outros motivos de caráter similar. Não pode ser negado que tais ações (embora realizadas por pessoas sob a influência de más paixões) são virtuosas. Os tolos dizem que a virtude é um som vazio entre aqueles chamados de bons. Eles ridicularizam tais pessoas e as consideram como homens desprovidos de razão. Muitos grandes homens, também, virando as costas (para os deveres de sua própria classe) se dirigem aos deveres da classe real). Nenhuma conduta, portanto, é vista (como observada por qualquer homem), que seja repleta de benevolência universal. (O comentador cita o exemplo de Drona e outros daquela classe. Esses homens devem ser considerados como Mahajanas e Sadhus, mas

como sua conduta como ser considerada como correta? O que Yudhishthira quer dizer é que os estandartes de virtude ou aquilo pelo qual bons homens podem ser conhecidos é difícil de averiguar.) Por um certo rumo de comportamento alguém se torna realmente meritório. Aquele mesmo rumo de comportamento obstrui outro na aquisição de mérito. Outro, por praticar como lhe aprouver aquela conduta, isto é visto, permanece inalterado. (O exemplo de Viswamitra, Jamadagnya, e Vasishtha são citados pelo comentador. O primeiro ganhou preeminência por seu domínio sobre armas. O segundo perdeu seu caráter como um Brahmana pela profissão de armas. O terceiro não perdeu nada embora ele tivesse punido a insolência de Viswamitra por usar até armas mundanas.) Assim aquela conduta pela qual alguém se torna meritório impede outro na aquisição de mérito. Pode-se ver assim que todos os rumos de conduta perdem unidade de propósito e caráter. Parece, portanto, que somente aquilo que os eruditos dos tempos antigos chamavam de virtude é virtude até hoje, e através daquele curso de conduta, (que os eruditos assim fixaram), as distinções e limitações (que governam o mundo) se tornaram eternas.'" (O que Yudhishthira diz aqui é que retidão ou virtude ou dever não depende dos Srutis ou dos Smritis, nem de considerações de felicidade ou miséria. Por outro lado, a virtude é arbitrária em relação a seu estandarte, sendo chamado de justo aquilo que era chamado dessa maneira pelos eruditos dos tempos antigos. Em relação à felicidade ou miséria, sua causa é a natureza eterna.)

261

"Bhishma disse, 'Em relação a isso, (isto é, o assunto da verdadeira causa à qual deve ser atribuída a dispensação de felicidade ou seu oposto), é citada a velha narrativa da conversa de Tuladhara com Jajali sobre o tópico da retidão. Havia uma vez um Brahmana de nome Jajali que vivia em certa floresta, praticando os modos de um recluso na floresta. De penitências rígidas, ele procedeu em certa ocasião para o litoral, e tendo chegado lá começou a praticar as penitências mais severas. Observando muitos votos e restrições, com seu alimento regulado por muitas regras de jejum, seu corpo vestido em trapos e peles, portando cabelos emaranhados em sua cabeça, seu corpo inteiro coberto com sujeira e argila, aquele Brahmana possuidor de inteligência passou muitos anos lá, suspendendo a fala (e engajado em meditação Yoga). Possuidor de grande energia, aquele asceta regenerado, ó monarca, enquanto vivendo dentro das águas (do mar), vagou por todos os mundos com a velocidade da mente, desejoso de ver todas as coisas. (Seu corpo grosseiro estava dentro da água. Todavia, por poder de Yoga, ele era capaz de vagar pelo mundo em seu corpo sutil e via tudo o que ele desejava ver.) Tendo visto a terra inteira limitada pelo oceano e adornada com rios e lagos e florestas, um dia o asceta, enquanto sentado sob a água, começou a pensar dessa maneira, 'Nesse mundo de criaturas móveis e imóveis não há ninguém igual a mim. Quem pode viajar comigo entre as estrelas e planetas no firmamento e morar também dentro das águas?' Não vistos pelos Rakshasas enquanto ele repetia isto para si mesmo, os Pisachas

disseram a ele, 'Não cabe a ti falar assim. Há um homem chamado Tuladhara, possuidor de grande fama e dedicado ao negócio de compra e venda. Mesmo ele, ó melhor das pessoas regeneradas, não é digno de dizer tais palavras como tu disseste.' Assim endereçado por aqueles seres, Jajali de penitências austeras respondeu a eles, dizendo, 'Eu verei esse famoso Tuladhara que possui tal sabedoria.' Quando o Rishi disse estas palavras, aqueles seres sobre-humanos o ergueram do mar, e disseram a ele, 'Ó melhor das pessoas regeneradas, vá por esta estrada.' Assim endereçado por aqueles seres, Jajali seguiu adiante com um coração triste. Chegando em Varanasi ele encontrou Tuladhara a quem ele se dirigiu dizendo as seguintes palavras.'"

"Yudhishthira disse, 'Quais, ó majestade, são aquelas façanhas difíceis que Jajali tinha realizado antes pelas quais ele tinha alcançado tal sucesso superior? Cabe a ti descrevê-las para mim.'"

"Bhishma disse, 'Jajali tinha se engajado em penitências das mais rígidas austeridades. Ele costumava realizar abluções de manhã e à noite. Cuidando atentamente de seus fogos, ele era devotado ao estudos dos Vedas. Bom conhecedor dos deveres prescritos para reclusos na floresta, Jajali (por causa de suas práticas) parecia brilhar com refulgência. Ele continuou a viver nas florestas, o tempo todo dedicado a penitências. Mas ele nunca se considerava como alguém que tivesse adquirido algum mérito por suas ações. Na época das chuvas ele dormia sob o céu aberto. No outono ele sentava na água. No verão ele se expunha ao sol e ao vento. Ainda assim ele nunca se considerava como alguém que tinha adquirido algum mérito através de tais ações. Ele costumava dormir em diversos tipos de camas dolorosas e também sobre a terra nua. Uma vez, aquele asceta, enquanto estava sob o céu na estação chuvosa, recebeu sobre sua cabeça repetidos aguaceiros das nuvens. Ele teve que passar pelas florestas repetidamente. Em parte com a exposição às chuvas e em parte com a sujeira que eles pegaram, os cabelos daquele Rishi impecável ficaram emaranhados e entrelaçados uns com os outros. Em uma ocasião, aquele grande asceta, se abstendo totalmente de alimento e vivendo só do ar, ficou de pé na floresta como um poste de madeira. De coração impassível, ele ficou lá, sem nem uma vez se mover uma polegada. Enquanto ele estava lá como um poste de madeira, perfeitamente imóvel, ó Bharata, um par de aves Kulinga, ó rei, construiu seu ninho sobre sua cabeça. Cheio de compaixão, o grande Rishi permitiu aquele casal emplumado construir seu ninho entre seus cabelos emaranhados com tiras de grama. E como o asceta ficou lá como um poste de madeira, as duas aves viveram alegremente e com confiança sobre a cabeça dele. As chuvas passaram e veio o outono. O par, incitado pelo desejo, se aproximou segundo a lei do Criador, e em completa confiança colocaram seus ovos, ó rei, na cabeça daquele Rishi. De votos rígidos e possuidor de energia, o asceta soube disso. Sabendo o que as aves tinham feito, Jajali não se moveu. Firmemente decidido a adquirir mérito, qualquer ação que envolvesse a menor injúria para outros não poderia se tornar atraente para ele. O casal emplumado, partindo e se movendo todo dia de e para sua cabeça, felizmente e confiantemente viveu lá, ó rei pujante! Quando com o passar do tempo os ovos se tornaram maduros e os filhotes saíram, eles

começaram a crescer naquele ninho, pois Jajali não se moveu de modo algum. Firme no cumprimento de seus votos, o Rishi de alma virtuosa continuou a manter e proteger aqueles ovos por ficar sobre aquele mesmo local perfeitamente imóvel e absorto em meditação Yoga. Com o decorrer do tempo os jovens cresceram e vieram a ser equipados com asas. O Muni soube que os jovens Kulingas tinham alcançado aquele estágio de desenvolvimento. Aquele principal dos homens inteligentes, imperturbável na observância de votos, um dia viu aqueles filhotes e se encheu de satisfação. As aves pais, vendo seus filhotes equipados com asas, ficaram muito felizes e continuaram a morar com eles na cabeça do Rishi em perfeita segurança. O erudito Jajali viu que quando as aves jovens ficaram providas de asas elas davam um passeio toda noite e voltavam para sua cabeça sem terem ido longe. Ele ainda permaneceu imóvel naquele local. Às vezes, depois ele viu que, deixados por seus pais, eles saíam por si mesmos e voltavam também por si mesmos. Jajali ainda assim não se moveu. Um pouco depois, as aves jovens partindo de manhã passavam o dia todo fora de sua vista, mas voltavam à noite para residir no ninho. Às vezes, depois disso, deixando seu ninho por cinco dias a fio, eles voltavam no sexto dia. Jajali ainda assim não se moveu. Posteriormente, quando sua força ficou completamente desenvolvida eles o deixavam e não voltavam nem mesmo depois de muitos dias. Finalmente, em uma ocasião, o deixando, eles não voltaram nem depois de um mês. Então, ó rei, Jajali deixou aquele local. Quando eles tinham ido embora dessa maneira para sempre, Jajali se admirou muito, e pensou que ele tinha alcançado sucesso ascético. Então o orgulho entrou em seu coração. Firme na observância de votos, o grande asceta, vendo as aves assim deixá-lo depois de terem sido criadas sobre sua cabeça, pensou orgulhosamente de si mesmo, e se encheu de satisfação. Ele, então, banhou-se em um rio e despejou libações no fogo sagrado, e prestou suas adorações ao Sol nascente. De fato, tendo assim feito aquelas aves chataka crescerem em sua cabeça, Jajali, aquele principal dos ascetas, começou a bater em seu peito e proclamou ruidosamente pelo céu, 'Eu ganhei grande mérito.' Então uma voz invisível ergue-se no céu e Jajali ouviu estas palavras, 'Tu não és igual, ó Jajali, a Tuladhara em relação à virtude. Possuidor de grande sabedoria, Tuladhara vive em Baranasi. Mesmo ele não é digno de dizer o que tu disseste, ó regenerado.' Ouvindo estas palavras, Jajali se encheu de raiva, e desejoso de encontrar Tuladhara, ó monarca, começou a vagar pela terra inteira, cumprindo o voto de silêncio e passando a noite no local onde a noite o alcançasse. Depois de um tempo considerável ele alcançou a cidade de Baranasi, e viu Tuladhara ocupado em vender diversos artigos. (Uma loja de Beniya é um armazém variado. Ele contém principalmente temperos e remédios, mas não há artigo para uso doméstico que não possa ser encontrado em tal loja.) Logo que o lojista Tuladhara viu o Brahmana chegado em sua residência, ele se levantou alegremente e adorou o convidado com saudações apropriadas.'"

"Tuladhara disse, 'Sem dúvida, ó Brahmana, eu sei que tu vieste a mim. Ouça, no entanto, ó principal das pessoas regeneradas, o que eu digo. Vivendo em uma terra baixa perto da costa tu praticaste penitências muito austeras. Mas tu não tinhas consciência de ter obtido virtude ou mérito. Quando tu finalmente alcançaste êxito ascético, certas aves nasceram sobre tua cabeça. Tu tomaste

grande cuidado com as pequenas criaturas. Quando finalmente aquelas aves ficaram equipadas com asas e quando elas começaram a deixar tua cabeça para irem para lá e para cá à procura de comida, foi então que, por teres ajudado dessa maneira no nascimento daqueles Chatakas, tu começaste a sentir o impulso do orgulho, ó Brahmana, pensando que tu tinhas obtido grande mérito. Então, ó principal das pessoas regeneradas, tu ouviste no céu uma voz que se referia a mim. As palavras que tu ouviste te encheram de fúria, e como a consequência disto tu estás aqui. Diga-me, qual desejo teu eu realizarei, ó melhor dos Brahmanas!'"

262

"Bhishma disse, 'Assim endereçado pelo inteligente Tuladhara naquela ocasião, Jajali de grande inteligência, aquele principal dos ascetas, disse estas palavras para ele.'"

"Jajali disse, 'Tu vendes todos os tipos de sucos e perfumes, ó filho de um comerciante, como também (cascas e folhas de) grandes árvores e ervas e suas frutas e raízes. Como tu conseguiste adquirir uma certeza ou estabilidade de compreensão? De onde este conhecimento vem para ti? Ó tu de grande inteligência, diga-me tudo isso em detalhes.'"

"Bhishma continuou, 'Assim endereçado por aquele Brahmana possuidor de grande fama, Tuladhara da classe Vaisya, bem familiarizado com as verdades referentes às interpretações de moralidade e satisfeito com conhecimento, discursou para Jajali que tinha praticado penitências severas, sobre os caminhos da moralidade.'"

"Tuladhara disse, 'Ó Jajali, eu conheço a moralidade, que é eterna, com todos os seus mistérios. Ela não é nada além do que aquela moralidade antiga que é conhecida por todos, e que consiste em amizade universal, e é repleta de beneficência para todas as criaturas. Aquele modo de vida que é fundado sobre uma total inofensividade em direção a todas as criaturas ou (em caso de necessidade real) sobre um mínimo de tal mal, é a moralidade mais elevada. Eu vivo de acordo com aquele modo, ó Jajali! Esta minha casa foi construída com madeira e grama cortadas pelas mãos de outras pessoas. Tintura laca, as raízes de lótus Nymphaea, filamentos de lótus, diversos tipos de bons perfumes e muitas espécies de líquidos, ó Rishi regenerado, com a exceção de vinhos, eu compro da mão de outras pessoas e vendo sem enganar. Ó Jajali, é citado como conhecedor do que é a moralidade ou virtude aquele que é sempre o amigo de todas as criaturas, e que está sempre dedicado ao bem de todas as criaturas, em pensamentos, palavras, e ações. Eu nunca incomodo ninguém. Eu nunca brigo com ninguém, eu nunca nutro aversão por ninguém. Eu nunca nutro desejo por algo. Eu olho igualmente para todas as coisas e todas as criaturas. Veja, ó Jajali, este é meu voto! Minha balança é perfeitamente equilibrada, ó Jajali, com relação a todas as criaturas. (Pesando as criaturas eu as considero como iguais, na minha

balança um Brahmana não pesa mais do que um Chandala, ou um elefante pesa mais do que um cachorro ou gato.) Eu nem louvo nem critico as ações de outros, considerando esta variedade no mundo, ó principal dos Brahmanas, como igual à variedade observável no céu. (O sentido é este: há variedade neste mundo. Ela é, no entanto, como a variedade de aspectos a qual o céu mostra. É a mesma Divindade que se manifesta em diversas formas assim como é o mesmo céu que manifesta vários aspectos por causa do aparecimento e desaparecimento de nuvens.) Saiba, ó Jajali, que eu lanço um olhar igual sobre todas as criaturas. Ó principal dos homens inteligentes, eu não vejo diferença entre um torrão de terra, uma pedra, e um torrão de ouro. Como o cego, o surdo, e aqueles que são desprovidos de racionalidade, estão perfeitamente consolados pela perda de seus sentidos, da mesma maneira eu estou consolado, por seu exemplo (pelos prazeres dos quais eu me abstenho). Como aqueles que foram alcançados pela velhice, aqueles que são afligidos por doenças, e aqueles que estão enfraquecidos e emaciados não participam com prazer de divertimentos de qualquer tipo, da mesma maneira eu parei de sentir qualquer satisfação por riqueza ou prazeres ou divertimentos. Quando uma pessoa não teme nada e ela mesma não é temida, quando ela não nutre desejo e não tem aversão por qualquer coisa, ela então é citada como tendo alcançado Brahma. Quando uma pessoa não se comporta pecaminosamente em direção a alguma criatura em pensamentos, palavras, e ações, então ela alcançou Brahma. Não há passado, nem futuro. Não há moralidade ou virtude. Aquele que não é um objeto de medo para alguma criatura consegue alcançar um estado (Brahma) no qual não há medo. Por outro lado, aquela pessoa que por dureza de palavras e severidade de temperamento, é uma fonte de incômodo para todas as criaturas assim como a própria morte, certamente alcança um estado que é cheio de medo. Eu sigo as práticas de homens de grande alma e benevolentes de idade avançada que com seus filhos e netos vivem na devida observância da ordenança declarada nas escrituras. As práticas eternas (declaradas nos Vedas) são totalmente abandonadas por aquele que se permite ficar entorpecido por alguns erros que ele possa ter reparado na conduta daqueles que são reconhecidamente bons e sábios. Alguém, no entanto, que é dotado de conhecimento, ou alguém que tem subjugado seus sentidos, ou alguém que possui força mental, consegue alcançar a Emancipação, guiado por aquela mesma conduta. (O sentido é este: há um rumo eterno de virtude como prescrito nos Vedas. Aquela que é chamada de a conduta dos bons pode às vezes ser manchada por alguns erros. Tolos, levados por isso, desistem da própria virtude. Por outro lado, homens sábios, evitando aqueles erros, aceitam o que é bom e são salvos. Um velho ditado é citado pelo comentador no sentido de que quando tudo está ameaçado, um homem sábio desiste da metade para salvar o restante. Um tolo, no entanto, desiste do todo quando somente metade está ameaçada pela destruição.) O homem sábio que, tendo controlado seus sentidos, pratica, com um coração limpo de todo o desejo de ferir outros, a conduta que é seguida por aqueles que são chamados de bons, está certo, ó Jajali, de obter o mérito da virtude (e Emancipação a qual é seu fruto). Neste mundo, como em um rio, um pedaço de madeira que está sendo arrastado pela correnteza como ela quer, é visto entrar em contato (por algum tempo) com outro pedaço que está sendo arrastado da mesma maneira. Lá, na

correnteza, outros pedaços de madeira que foram unidos, são vistos também se separarem uns dos outros. Grama, paus, e pedaços de esterco de vaca são vistos serem unidos juntos. Esta união é devido à casualidade e não por propósito ou desígnio. Aquele de quem nenhuma criatura tem o mínimo medo, ele mesmo, ó asceta, nunca é assustado por alguma criatura. Aquele, por outro lado, ó homem erudito, de quem todas as criaturas têm medo como de um lobo, vem a ser ele mesmo cheio de medo como animais aquáticos quando forçados a saltar sobre a margem por medo do crepitante fogo Vadava. Esta prática de inofensividade universal originou-se exatamente assim. Uma pessoa pode segui-la por todos meios em seu poder. Aquele que tem seguidores e aquele que tem riqueza podem procurar adotá-la. Ela com certeza leva também à prosperidade e o céu. Por sua capacidade de dissipar os temores dos outros, homens possuidores de riqueza e seguidores são considerados como os mais importantes pelos eruditos. Aqueles que vivem para a felicidade comum praticam este dever de inofensividade universal por causa de fama; enquanto que aqueles que são realmente hábeis praticam o mesmo para alcançar Brahma. Quaisquer resultados que alguém desfrute por penitências, por sacrifícios, por praticar generosidade, por falar a verdade, e por buscar sabedoria, podem todos ser obtidos pela prática do dever de inofensividade. Aquela pessoa que dá para todas as criaturas a garantia de inofensividade obtém o mérito de todos os sacrifícios e finalmente ganha destemor para si mesmo como sua recompensa. Não há dever superior ao dever da abstenção de ferir outras criaturas. Aquele de quem, ó grande asceta, nenhuma criatura tem o mínimo medo, obtém para si mesmo destemor de todas as criaturas. Aquele de quem todos têm medo como alguém tem de uma cobra abrigada dentro de seu quarto (de dormir), nunca adquire qualquer mérito neste mundo ou no próximo. Os próprios deuses, em sua busca por este, ficam pasmos no caminho daquela pessoa que transcende todos os estados, (isto é, falham em vê-lo ou encontrá-lo, pois tal pessoa transcende as mais elevadas regiões de felicidade, tais como até a região de Brahman, por causa da não eternidade delas), a pessoa, isto é, que constitui ela mesma a alma de todas as criaturas e que considera todas as criaturas como iguais ao seu próprio eu. De todas as doações, a garantia de inofensividade para todas as criaturas é o maior (a respeito de mérito). Eu te digo a verdade, creia-me, ó Jajali! Alguém que se dirige às ações a princípio ganha prosperidade, mas então (após o esgotamento de seus méritos) ele mais uma vez encontra adversidade. Vendo a destruição (do mérito) das ações, os sábios não elogiam as ações. Não há dever, ó Jajali, que não seja incitado por algum motivo (de felicidade). O dever, no entanto, é muito sutil. Os deveres foram declarados nos Vedas por causa de ambos, Brahma e o céu. (Nos Vedas se acham ambos os tipos de deveres, tais como Samah, etc., por Brahma, e sacrifícios, etc., pelo céu.) O assunto dos deveres tem muitos segredos e mistérios. Ele é tão sutil que não é fácil entendê-lo completamente. Entre as diversas ordenanças divergentes, alguns conseguem compreender o dever por observar os atos dos bons. (O comentador cita algumas ordenanças conflitantes a respeito da matança de vacas. O assunto do dever é assim confuso, declarações contraditórias sendo notáveis nos Vedas.) Por que tu não destróis aqueles que castram touros e furam seus narizes e os fazem suportar cargas pesadas, e os amarram e os colocam sob diversos tipos de restrições, e que comem a carne de

criaturas vivas depois de matá-las? Homens são vistos possuírem homens como escravos, e por bater, por amarrar, e por sujeitá-los a restrições de outras maneiras, os fazem trabalhar dia e noite. Essas pessoas não são ignorantes da dor que resulta de bater e de prender em correntes. Em toda criatura que é dotada dos cinco sentidos vivem todas as divindades. Surya, Chandramas, o deus do vento, Brahman, Prana, Kratu, e Yama (estes moram nas criaturas vivas). Há homens que vivem por traficar criaturas vivas! Quando eles ganham a vida por tal conduta pecaminosa, que escrúpulos eles precisam sentir em vender carcaças mortas? A cabra é Agni. A ovelha é Varuna. O cavalo é Surya. A terra é a divindade Virat. A vaca e o bezerro são Soma. O homem que vende estes nunca pode obter êxito. Mas que falha pode se atribuir à venda de óleo, ou de Ghrita, ou mel, ou remédios, ó regenerado? Há muitos animais que crescem em tranquilidade e conforto em lugares livres de mosquitos e insetos que picam. Sabendo que eles são amados ternamente por suas mães, homens os perseguem de diversas maneiras, e os levam para lugares imundos cheios de insetos mordentes. Muitos animais de tiro são oprimidos com cargas pesadas. Outros, também, definham por causa de tratamento não sancionado pelas escrituras. Eu penso que tais atos de dano feitos para os animais não são diferentes, de nenhuma maneira, de feticídio. Pessoas consideram a profissão de agricultura como sem pecado. Aquela profissão, no entanto, está seguramente repleta de crueldade. O arado de face de ferro fere o solo e muitas criaturas que vivem no solo. Lance teus olhos, ó Jajali, naqueles bois unidos ao arado. As vacas são chamadas nos Srutis de ‘Não Matáveis’. Comete um grande pecado aquele homem que mata um touro ou uma vaca. Nos tempos antigos, muitos Rishis com sentidos controlados se dirigiram a Nahusha, dizendo, 'Tu, ó rei, mataste uma vaca que é declarada nas escrituras como sendo semelhante à mãe de alguém. (Por causa da função para a qual ela é útil, pois seu leite nutre toda criança tanto quando o peito da mãe.) Tu também mataste um touro, o qual é declarado como sendo semelhante ao próprio Criador. (Porque como Prajapati ele cria prole e ajuda o homem na produção de alimentos.) Tu cometeste uma má ação, ó Nahusha, e nós estamos extremamente magoados por isso.' (Nahusha tinha matado um touro e uma vaca para honrar os Rishis, eles, no entanto, expressaram sua insatisfação pelo fato.) Para purificar Nahusha, no entanto, eles dividiram aquele pecado em cento e uma partes e transformando os fragmentos em doenças os lançaram entre todas as criaturas. Assim, ó Jajali, aqueles Rishis altamente abençoados lançaram aquele pecado em todas as criaturas vivas, e se dirigindo a Nahusha que tinha sido culpado de feticídio, disseram, 'Nós não poderemos despejar libações em teu sacrifício.' Assim disseram aqueles Rishis e Yatis de grande alma conhecedores das verdades de todas as coisas, tendo averiguado por seu poder ascético que o rei Nahusha não tinha sido intencionalmente culpado daquele pecado. (O comentador explica que os Rishis se dirigiram a Nahusha daquela maneira mesmo quando eles sabiam que ele não tinha matado intencionalmente a vaca e o touro. O objetivo do orador é mostrar a enormidade do ato quando feito intencionalmente.) Estas, ó Jajali, são algumas das práticas pecaminosas e terríveis que são prevalecentes neste mundo. Tu as praticaste porque elas são praticadas por todos os homens desde os tempos antigos, e não porque elas se harmonizam com os ditames da tua compreensão

purificada. Alguém deve praticar o que ele considera ser seu dever, guiado por razões, em vez de seguir cegamente as práticas do mundo. Ouça agora, ó Jajali, qual é meu comportamento em direção àquele que me ofende e àquele que me elogia. Eu considero ambos da mesma maneira. Eu não tenho alguém de quem eu goste e alguém de quem eu não goste. Os sábios aprovam tal rumo de conduta como consistente com dever ou religião. Este mesmo rumo de conduta, que é consistente com o bom senso, é seguido por Yatis. Os justos sempre o observam com olhos possuidores de visão aperfeiçoada.'"

263

"Jajali disse, 'Este rumo de dever que tu pregas, ó proprietário de balanças, fecha a porta do céu contra todas as criaturas e acaba com os próprios meios de sua subsistência. Da agricultura vem o alimento. Aquele alimento oferece subsistência até para ti. Com a ajuda de animais e de colheitas e ervas, os seres humanos, ó comerciante, são habilitados a manter sua existência. De animais e alimentos sacrifícios fluem. Tuas doutrinas têm laivos de ateísmo. Este mundo acabará se os meios pelos quais a vida é sustentada tiverem que ser abandonados.'"

"Tuladhara disse, 'Eu agora falarei sobre o objeto dos meios de sustento. Eu, ó Brahmana, não sou um ateu. Eu não critico Sacrifícios. É muito raro, no entanto, o homem que realmente conhece o Sacrifício. Eu reverencio aquele Sacrifício que é ordenado para Brahmanas. Eu reverencio também aqueles que estão familiarizados com aquele Sacrifício. Ai, os Brahmanas, tendo abandonado o Sacrifício que é ordenado para eles, têm se dirigido à realização de Sacrifícios que são para Kshatriyas. (O fato é, todos os Sacrifícios nos quais é feito algum dano à vida vegetal ou animal são para Kshatriyas. O único Sacrifício que os Brahmanas devem realizar é Yoga.) Muitas pessoas de fé, ó regenerado, que são cobiçosas e afeiçoadas à riqueza, sem terem compreendido o verdadeiro significado das declarações dos Srutis, e proclamando coisas que são realmente falsas mas que têm a aparência de verdade, têm introduzido muitos tipos de Sacrifícios, dizendo, 'Isto deve ser doado neste Sacrifício. Esta outra coisa deve ser doada naquele outro Sacrifício. O primeiro disto é muito louvável.' A consequência, no entanto, de tudo isso, ó Jajali, é que roubo e muitas más ações surgem. (Sacrifícios são sempre atrativos por causa da fama que eles trazem. Sua realização depende de riqueza. A aquisição de riqueza leva ao cometimento de muitos atos maus.) Deve ser conhecido que somente a oferenda sacrifical que foi adquirida por meios justos pode gratificar os deuses. Há indicações abundantes nas escrituras que o culto das divindades pode ser realizado com votos, com libações despejadas no fogo, com recitações ou canto dos Vedas, e com plantas e ervas. Por causa de suas ações religiosas pessoas injustas obtêm prole pecaminosa. De homens cobiçosos nascem filhos que são cobiçosos, e daqueles que são satisfeitos nascem filhos que são satisfeitos. Se o sacrificador e o sacerdote se permitem serem movidos pelo desejo de resultado (em relação aos Sacrifícios que eles realizam ou ajudam a fazer), seus filhos recebem a mácula. Se, por outro lado, eles não se entregam

ao desejo de fruto, os filhos nascidos para eles se tornam do mesmo tipo. De Sacrifícios nasce progênie como água pura do firmamento. As libações despejadas no fogo sacrifical sobem até o sol. Do Sol surge a chuva. Da chuva surge o alimento. Do alimento nascem criaturas vivas. Nos tempos antigos, homens corretamente dedicados a Sacrifícios costumavam obter deles a realização de todos os seus desejos. A terra produzia colheitas sem cultivo. As bênçãos proferidas pelos Rishis produziam ervas e plantas. (O sentido é que nos tempos antigos quando o verdadeiro significado de Sacrifício era compreendido e todos os homens os realizavam sem serem incitados pelos desejo de resultado, as consequências que fluíam eram a produção de colheitas sem cultivo (e sem dano para animais que vivem em buracos e tocas). Os bons desejos que os Rishis nutriam por todas as criaturas eram suficientes para produzir ervas e plantas e árvores.) Os homens dos tempos antigos nunca realizavam Sacrifícios pelo desejo de resultados e nunca se consideravam como qualificados para desfrutar daqueles frutos. Aqueles que de alguma maneira realizam sacrifícios, embora duvidando de sua eficácia, tomam nascimento em suas próximas vidas como homens desonestos, astutos, e avarentos extremamente cobiçosos de riqueza. Aquele homem que pela ajuda de raciocínio falso considera todas as escrituras autorizadas como repletas de males, indubitavelmente irá, por tal ação pecaminosa, para as regiões dos pecaminosos. Tal homem é certamente possuidor de uma alma pecaminosa, ó principal dos Brahmanas, e sempre permanece aqui, desprovido de sabedoria. Aquele homem que respeita aquelas ações obrigatórias que estão prescritas nos Vedas e ordenadas para serem realizadas todos os dias, que é tomado pelo medo se ele falha em realizá-las algum dia, que considera todos os elementos essenciais de Sacrifício como idênticos a Brahma (ou, que acredita que somente Brahma existe no mundo), e que nunca se considera o autor, é realmente um Brahmana. (Nós devemos fazer todos os atos acreditando que somos somente agentes ou instrumentos da Divindade Suprema. Atos são dele, nós somos somente Suas ferramentas. Tal convicção seguramente nos protegerá contra todos os atos maus.) Se as ações de tal pessoa ficarem incompletas, ou se sua conclusão for obstruída por todos os animais impuros, mesmo então aquelas ações são, como sabido por nós, de eficácia superior. (Quando Sacrifícios são feitos por um senso de dever, apesar de sua incompletude, eles se tornam eficazes.) Se, no entanto, aquelas ações são feitas pelo desejo de resultado (e se a sua conclusão for obstruída por tais obstáculos), então expiação se tornará necessária. Aqueles que cobiçam o alcance do maior objetivo da vida (isto é, Emancipação), que são desprovidos de cupidez em relação a todas as espécies de riqueza mundana, que se desfazem de toda provisão para o futuro, e que são livres de inveja, se dirigem à prática da verdade e autodomínio como seu Sacrifício. Aqueles que estão familiarizados com a distinção entre corpo e alma, são dedicados ao Yoga, e que meditam sobre o Pranava (Om), sempre conseguem gratificar outros. O Brahma universal (isto é, Pranava), que é a alma das divindades, mora naquele que conhece Brahma. Quando, portanto, tal homem come e é satisfeito, todas as divindades, ó Jajali, ficam gratificadas e estão satisfeitas. (O que se pretende dizer neste verso é que quando tal homem come e é satisfeito, o universo inteiro fica satisfeito. No Vana Parva, Krishna, por engolir uma partícula de sopa grossa satisfez a fome de

milhares de pupilos de Durvasa.) Como alguém que está satisfeito com todos os tipos de sabores não sente desejo por algum sabor específico, da mesma maneira alguém que está satisfeito com conhecimento tem satisfação eterna a qual para ele é uma fonte de felicidade perfeita. Aqueles homens sábios que são o amparo da virtude e cujo deleite está na retidão, são pessoas que têm conhecimento certo do que deve ser feito e do que não deve ser feito. Alguém possuidor de tal sabedoria sempre considera que todas as coisas no universo têm surgido de seu próprio Eu. (Tal homem considera todas as coisas como Brahma, e ele mesmo como Brahma.) Alguns que são dotados de conhecimento, que se esforçam para alcançar a outra margem (deste oceano de vida), e que são possuidores de fé, conseguem chegar à região de Brahman, que é produtiva de bênçãos grandiosas, altamente sagrada, e habitada por pessoas justas, uma região que está livre de tristeza, de onde não há retorno, e onde não há qualquer tipo de agitação ou dor. Tais homens não cobiçam o céu. Eles não adoram Brahma em sacrifícios caros. Eles andam pelo caminho dos justos. Os Sacrifícios que eles realizam são realizados sem dano para qualquer criatura. Estes homens conhecem árvores e ervas e frutas e raízes como as únicas oferendas sacrificais. Sacerdotes cobiçosos, pois eles são desejosos de riqueza, nunca oficiam nos sacrifícios destes homens (pobres). Estes homens regenerados, embora todas as suas ações estejam completadas, ainda realizam sacrifícios pelo desejo de fazer o bem para todas as criaturas e constituindo a si mesmos como oferendas sacrificais. (Isto é, eles realizam Sacrifícios mentais.) Por esta razão, (isto é, porque eles não podem oficiar nos Sacrifícios daqueles que são realmente bons), sacerdotes ávidos oficiam somente nos Sacrifícios daquelas pessoas mal orientadas que, sem se esforçarem para alcançar a Emancipação, buscam o céu. Com relação àqueles, no entanto, que são realmente bons, eles sempre procuram, por realizarem seus próprios deveres, fazer outros ascenderem ao céu. (Eles cumprem seus próprios deveres não para beneficiar a si mesmos mas para o bem de outros.) Olhando para esses dois tipos de comportamento (aquele dos bons e aquele dos desencaminhados), ó Jajali, eu tenho (me abstido de ferir qualquer criatura no mundo e) vim a considerar todas as criaturas com um coração imparcial. Dotados de sabedoria, muitos dos principais Brahmanas realizam Sacrifícios (que com respeito a seus frutos são de dois tipos, pois alguns deles levam à Emancipação de onde não há retorno, e outros levam para regiões de felicidade de onde há retorno). Por realizar aqueles Sacrifícios, eles procedem, ó grande asceta, pelos caminhos trilhados pelos deuses. De uma classe de Sacrificadores (isto é, daqueles que sacrificam por desejo de resultado) há volta (da região que eles alcançam). Daqueles, no entanto, que são realmente sábios (isto é, aqueles que sacrificam sem serem incitados a isso pelo desejo de resultado), não há volta. Embora ambas as classes de sacrificadores, ó Jajali, procedam pelo caminho trilhado pelas divindades (por causa dos sacrifícios que eles realizam), contudo tal é a diferença entre seus fins derradeiros. Em consequência do sucesso que acompanha os propósitos formados na mente de tais homens, touros, sem serem forçados a isso, colocam de boa vontade seus ombros no arado para ajudar na agricultura, e na canga para puxar seus carros, e vacas emanam leite de úberes não tocados por mãos humanas. Criando estacas sacrificais (e as outras coisas necessárias para Sacrifício) por simples decretos da

vontade, eles realizam muitos tipos de Sacrifícios bem completados com presentes abundantes. (O sentido parece ser que eles realizam Sacrifícios mentais, e não sacrifícios reais depois de terem criado por poder-Yoga todos os artigos necessários.) Alguém que é de tal alma purificada pode matar uma vaca (como uma oferenda em Sacrifício. O pecado não tocará tal pessoa, sua alma estando acima da influência das ações). Aqueles, portanto, que não estão nessa condição devem realizar Sacrifícios com ervas e plantas (e não com animais). Já que a Renúncia tem semelhante mérito, é por essa razão que eu a tenho mantido perante meus olhos ao falar contigo. Os deuses reconhecem como um Brahmana aquele que abandonou todo desejo de resultado, que não se esforça em relação a atos mundanos, que nunca curva sua cabeça para alguém, que nunca profere os louvores de outros, e que é dotado de força embora suas ações tenham sido todas enfraquecidas. (Estas são, naturalmente, indicações de completa Renúncia.) Qual, ó Jajali, será o fim daquele que não recita os Vedas para outros, que não realiza Sacrifícios (corretamente), que não faz doações para Brahmanas (dignos), e que segue uma ocupação na qual cede-se a todo tipo de desejo? Por honrar devidamente, no entanto, os deveres que concernem à Renúncia, alguém indubitavelmente alcança Brahma.'"

"Jajali disse, 'Nós nunca antes, ó filho de um comerciante, ouvimos a respeito dessas doutrinas profundas de ascetas que realizam somente Sacrifícios mentais. Essas doutrinas são extremamente difíceis de compreender. É por esta razão que eu te pergunto (sobre elas). Os sábios de antigamente não eram seguidores daquelas doutrinas de Yoga. Por isso, os sábios que vieram depois deles não as apresentaram (para aceitação geral). Se tu dizes que somente homens de mentes estúpidas falham em realizar sacrifícios no solo da Alma, então, ó filho de um comerciante, por quais ações eles conseguirão realizar sua felicidade? Diga-me isto, ó tu de grande sabedoria! É grande a minha fé nas tuas palavras.'"

"Tuladhara disse, 'Às vezes sacrifícios realizados por algumas pessoas não se tornam sacrifícios (por causa da ausência de fé daqueles que os realizam). Estes homens, isto deve ser dito, não são dignos de realizar qualquer sacrifício (interno ou externo). Com relação ao fiel, no entanto, uma única coisa, isto é, a vaca, é adequada para sustentar todos os sacrifícios por meio de libações abundantes de manteiga clarificada, leite, e coalhos, o pêlo da ponta de seu rabo, seus chifres, e seus cascos. (Com relação àqueles que são pobres, o pó do casco de uma vaca e a água na qual o rabo e os chifres de uma vaca foram lavados são suficientes para capacitá-los a realizar seus sacrifícios.) (Os Vedas declaram que sacrifícios não podem ser realizados por um homem não casado). Ao realizar sacrifícios, no entanto, segundo o modo que eu tenho indicado, (isto é, por se abster da matança de animais e oferecendo somente manteiga clarificada, etc.), alguém pode fazer da Fé sua esposa, por dedicar tais oferendas (inocentes) para as divindades. Por honrar devidamente tais sacrifícios, alguém com certeza alcança Brahma. À exclusão de todos animais (que são certamente impuros como oferendas em sacrifícios), a bola de arroz é uma oferenda digna em sacrifícios. Todos os rios são tão sagrados quanto o Saraswati, e todas as montanhas são sagradas. Ó Jajali, a Alma é ela mesma um Tirtha. (Um tirtha é um local que contém água

sagrada. Uma pessoa deve procurar a aquisição de mérito na alma.) Não ande para cá e para lá sobre a terra para visitar lugares sagrados. Uma pessoa, por cumprir estes deveres (dos quais eu tenho falado e que não envolvem danos para outras criaturas), e por procurar a aquisição de mérito de acordo com sua própria habilidade, (isto é, da melhor maneira que pode, se ele pode realizar um sacrifício com manteiga clarificada ele não deve fazê-lo com o pó dos cascos de uma vaca), sem dúvida consegue alcançar regiões abençoadas após a morte.'"

"Bhishma continuou, 'Estes são os deveres, ó Yudhishthira, que Tuladhara elogiou, deveres que são consistentes com a razão, e que são sempre cumpridos por aqueles que são bons e sábios.'"

264

"Tuladhara disse, 'Veja com teus próprios olhos, ó Jajali, quem, isto é, aqueles que são bons ou aqueles que não são, têm adotado este caminho de dever do qual eu falei. Tu então entenderás devidamente como a verdade permanece. Veja, muitas aves estão pairando no céu. Entre elas estão aquelas que foram criadas sobre tua cabeça, como também muitos falcões e muitas outras de outras espécies. Veja, ó Brahmana, aquelas aves contraíram suas asas e pernas para entrarem em seus respectivos ninhos. Convoque-as, ó regenerado! Lá aquelas aves, tratadas com afeição por ti, estão mostrando seu amor por ti que és pai delas. Sem dúvida, tu és pai delas, ó Jajali! Chame teus filhos.'"

"Bhishma continuou, 'Então aquelas aves, convocadas por Jajali, responderam segundo os ditames daquela religião que não é repleta de injúria para qualquer criatura. Todas as ações que são feitas sem ferir alguma criatura se tornam úteis (para o fazedor) aqui e após a morte. Aquelas ações, no entanto, que envolvem dano para outros, destroem a fé, e a fé sendo destruída, envolvem o destruidor em ruína. Os sacrifícios daqueles que consideram aquisição e não aquisição da mesma maneira, que são dotados de fé, que são autocontrolados, que têm mentes tranquilas, e que realizam sacrifícios por um senso de dever (e não por desejo de resultado), se tornam produtivos de fruto. Fé com respeito a Brahma é a filha de Surya, ó regenerado. Ela é a protetora e ela é a concessora de bom nascimento. Fé é superior ao mérito nascido de recitações (Védicas) e meditação. Uma ação contaminada por defeito da fala (pronúncia incorreta de mantras), é salva pela Fé. Uma ação contaminada por defeito da mente (desatenção, pressa, etc.), é salva pela Fé. Mas nem a fala nem a mente podem salvar uma ação que é contaminada pela falta de Fé. Homens conhecedores das ocorrências do passado recitam sobre isso o seguinte verso cantado por Brahman. 'As oferendas em sacrifícios de uma pessoa que é pura (em corpo e ações) mas desprovida de Fé, e de outra que é impura (em relação à sua dignidade de aceitação); o alimento, também, de uma pessoa conhecedora dos Vedas mas avarenta em comportamento, e aquela de um usurário de conduta generosa, as divindades, depois de consideração cuidadosa, consideraram como sendo iguais (em relação à sua dignidade de aceitação). O Senhor Supremo de todas as criaturas

(Brahman) então disse a elas que elas tinham cometido um erro. O alimento de uma pessoa generosa é santificada pela Fé. O alimento, no entanto, da pessoa que é desprovida de Fé é perdido por tal falta de Fé. A comida de um usurário generoso é aceitável, mas não a comida de um avarento. Somente uma pessoa no mundo, isto é, aquela que é desprovida de Fé, é inadequada para fazer oferendas para as divindades. Somente a comida de tal homem é imprópria para ser comida. Esta é a opinião de homens conhecedores dos deveres. Falta de Fé é um grande pecado. A Fé é um purificador de pecados. Como uma cobra rejeitando sua pele, o homem de Fé consegue rejeitar todos os seus pecados. A religião de abstenção com Fé é superior a todas as coisas consideradas sagradas. Se abstendo de todos os defeitos de comportamento, aquele que se dirige à Fé se torna santificado. Que necessidade tal pessoa tem de penitências, ou de conduta, ou de resistência? Todo homem tem Fé. A Fé, no entanto, é de três tipos, isto é, como afetada por Sattwa, por Rajas e por Tamas, e de acordo com o tipo de Fé que alguém tem, alguém é chamado. Pessoas dotadas de bondade e possuidoras de compreensão clara do verdadeiro significado de moralidade declararam dessa maneira o assunto dos deveres. Nós, como o resultado de nossas indagações, aprendemos tudo isso do sábio Dharmadarsana. Ó tu de grande sabedoria, dirija-te à Fé, pois então tu obterás aquilo que é superior. Aquele que tem Fé (nas declarações dos Srutis), e que age de acordo com seu significado (na crença de que eles são bons para ele), é certamente de alma virtuosa. Ó Jajali, aquele que adere ao seu próprio caminho é sem dúvida uma pessoa superior.'"

"Bhishma continuou, 'Pouco tempo depois, Tuladhara e Jajali, ambos os quais tinham sido dotados de grande sabedoria, ascenderam para o céu e se divertiram lá em grande felicidade (não na felicidade comum do céu mas na pujança de Yoga), tendo alcançado seus respectivos lugares ganhos por suas respectivas ações. Muitas verdades deste tipo foram faladas por Tuladhara. Aquela pessoa eminente compreendia completamente esta religião (da abstenção de ferir). Esses deveres eternos foram proclamados adequadamente por ele. O regenerado Jajali, ó filho de Kunti, tendo ouvido estas palavras de energia célebre, se dirigiu à tranquilidade. Dessa maneira, muitas verdades de grave importância foram proferidas por Tuladhara, ilustradas por exemplos para instrução. Que outras verdades tu desejas ouvir?'"

265

"Bhishma disse, 'Em relação a isto é citada uma antiga narrativa do que foi recitado pelo rei Vichakhy por compaixão por todas as criaturas. Vendo o corpo mutilado de um touro, e ouvindo os gemidos extremamente dolorosos das vacas em um sacrifício no qual vacas eram mortas, e observando os Brahmanas cruéis que se reuniram lá para ajudar nas cerimônias, aquele rei proferiu estas palavras, 'Prosperidade para todas as vacas do mundo!' Quando a matança tinha começado, estas palavras expressivas de uma bênção (para aqueles animais desamparados) foram pronunciadas. E o monarca em seguida disse, 'Somente aqueles que são transgressores de limites definidos, que são desprovidos de

inteligência, ateus e céticos, e que desejam a aquisição de celebridade através de sacrifícios e ritos religiosos falam favoravelmente da matança de animais em sacrifícios. Manu de grande alma tem elogiado (a observância de) inofensividade em todas as ações (religiosas). De fato, homens matam animais em sacrifícios, incitados somente pelo desejo de resultado. Então, guiado por autoridade (em relação à matança e abstenção de matança ou inofensividade) alguém que conhece (as escrituras) deve praticar a verdadeira direção de dever, a qual é extremamente sutil. Inofensividade em direção a todas as criaturas é o maior de todos os deveres. Vivendo na vizinhança de um lugar habitado e ferindo a si mesmo pela observância de votos rígidos, e desconsiderando os frutos indicados de atos Védicos, alguém deve desistir da vida familiar, adotando uma vida de Renúncia. Somente aqueles que são vis são incitados pelo desejo de fruto. Mencionando com reverência sacrifícios e árvores e estacas sacrificais, homens não comem carne corrompida. Esta prática, no entanto, não é digna de louvor. (O significado é este: homens comuns se abstêm de carne corrompida, considerando toda carne que é obtida de animais que não são mortos em sacrifícios e no decorrer de atos religiosos como corrompida. O orador no entanto, considera que esta prática não é digna de aprovação, pois toda carne é corrompida, incluindo aquela de animais mortos em sacrifícios.) Vinho, peixe, mel, carne, álcool, e preparações de arroz e sementes de gergelim, foram introduzidos por patifes. O uso destes (em sacrifícios) não está prescrito nos Vedas. O desejo ardente por eles surge de orgulho, erro de julgamento, e cobiça. Aqueles que são verdadeiros Brahmanas percebem a presença de Vishnu em todo sacrifício. Seu culto, isto foi declarado, deve ser feito com Payasa adequado. (As folhas e flores de) tais árvores como tem sido indicado nos Vedas, qualquer ação que seja considerada como digna e tudo o que é considerado puro pelas pessoas de corações puros e naturezas purificadas, e por aqueles eminentes por conhecimento e santidade, são todos dignos de serem oferecidos à Divindade Suprema e não indignos de Sua aceitação.'"

"Yudhishthira disse, 'O corpo e todos tipos de perigos e calamidades estão constantemente em guerra uns com os outros. Como, portanto, uma pessoa que está totalmente livre do desejo de fazer mal e que por causa disso não está apta para agir, conseguirá sustentar seu corpo?'" (O sentido é este: perigos estão sempre procurando destruir o corpo. O corpo está sempre procurando destruir aqueles destruidores. Essa guerra ou empenho perpétuo implica o desejo de ferir. Como então, pergunta Yudhishthira, é possível para algum homem levar uma vida perfeitamente inofensiva, dano estando implicado no próprio fato da existência continuada?)

"Bhishma disse, 'Alguém deve, quando capaz, adquirir mérito e agir de tal maneira que seu corpo não possa enlanguescer e sofrer dor, e que a morte não possa vir.'" (O sentido, naturalmente, é que alguém deve adquirir mérito religioso sem arruinar seu corpo; alguém não deve fazer seu corpo ser destruído para ganhar mérito.)

266

"Yudhishthira disse, 'Tu, ó avô, és nosso maior preceptor na questão de todas as ações que são de realização difícil (pelas ordens de superiores de um lado e da crueldade que é envolvida nelas no outro). Eu pergunto, como alguém deve julgar uma ação em relação à obrigação de fazê-la ou de se abster dela? Isto é para ser decidido rapidamente ou com demora?'"

"Bhishma disse, 'Sobre isso é citada a velha história do que ocorreu com relação a Chirakarin nascido na linhagem de Angirasa. Duas vezes abençoado é o homem que reflete muito antes de agir. Alguém que reflete muito antes de agir certamente é possuidor de grande inteligência. Tal homem nunca peca em relação a qualquer ato. Havia uma vez um homem de grande sabedoria, de nome Chirakarin, que era o filho de Gautama. Refletindo por um longo tempo sobre toda consideração ligada com ações propostas, ele costumava fazer tudo o ele tinha que fazer. Ele veio a ser chamado pelo nome de Chirakarin porque ele costumava refletir muito tempo sobre todas as questões, permanecer desperto por muito tempo, dormir por um longo tempo, e levar muito tempo para se pôr a realizar os atos que ele realizava. O clamor de ser um homem preguiçoso aderiu a ele. Ele era também considerado como uma pessoa tola, por todas as pessoas de uma compreensão leviana e desprovidas de previdência. Em certa ocasião, testemunhando uma ação de grande falha em sua esposa, o pai Gautama, ignorando os outros filhos, ordenou em cólera este Chirakarin, dizendo, 'Mate essa mulher.' Tendo dito estas palavras sem muita reflexão, o erudito Gautama, aquela principal das pessoas dedicadas à prática de Yoga, aquele asceta altamente abençoado, foi para as florestas. Tendo depois de um longo tempo concordado com isto, dizendo, 'Assim seja', Chirakarin, por sua própria natureza, e devido ao seu hábito de nunca realizar qualquer ação sem refletir bastante, começou a pensar por um longo tempo (sobre a retidão ou não do que ele tinha sido mandado fazer por seu pai). 'Como eu obedecerei a ordem de meu pai e ainda como evitar matar minha mãe? Como eu evitarei afundar, como uma pessoa má, em pecado nessa situação na qual obrigações contraditórias estão me arrastando em direções opostas? Obediência às ordens do pai constitui o maior mérito. A proteção da mãe também é um dever evidente. A posição de um filho é repleta de dependência. Como eu evitarei ser afligido pelo pecado? Quem é que pode ser feliz depois de ter matado uma mulher, especialmente sua mãe? Quem também pode obter prosperidade e fama por desrespeitar seu próprio pai? Respeito pelas ordens do pai é obrigatório. A proteção de minha mãe igualmente é um dever. Como eu irei moldar minha conduta para que ambas as obrigações possam ser cumpridas? O pai coloca a si mesmo dentro do útero da mãe e toma nascimento como o filho, para continuar suas práticas, conduta, nome e linhagem. Eu fui gerado como um filho por ambos, minha mãe e meu pai. Conhecendo como eu conheço minha própria origem, por que eu não devo ter este conhecimento (de meu relacionamento com ambos)? As palavras proferidas pelo pai enquanto realizando o rito inicial depois do nascimento, e aquelas que foram proferidas por ele na ocasião do rito secundário (depois do retorno da residência do preceptor)

são (evidência) suficiente para determinar a reverência devida a ele e, de fato, confirmam a reverência realmente prestada a ele. (Na ocasião do Jata-karma o pai diz 'Seja tu tão firme quanto diamante', 'Seja tu um machado (para todos os meus inimigos).' O rito upakarma ou secundário é realizado na ocasião de samavartana ou retorno da residência do preceptor. Ele é chamado de secundário porque ele não se encontra entre os ritos prescritos nos Griha Sutras. As palavras proferidas naquela ocasião são, 'Tu és meu próprio ser, ó filho.') Por ele criar o filho e instruí-lo, o pai é o principal dos superiores do filho, e a maior religião. Os próprios Vedas declaram como certo que o filho deve considerar o que o pai diz como seu maior dever. Para o pai o filho é somente uma fonte de alegria. Para o filho, no entanto, o pai é tudo em tudo. O corpo e tudo mais que o filho possui tem somente o pai como seu doador. Então, as ordens do pai devem ser obedecidas sem o menor questionamento. Os próprios pecados de alguém que obedece seu pai são purificados (por tal obediência). O pai é o dador de todos os artigos de alimento, de instruções nos Vedas, e de todo outro conhecimento com relação ao mundo. (Antes do nascimento do filho,) o pai é o realizador de tais ritos como Garbhadhana, (cerimonial ligado ao alcance da puberdade pela esposa), e Simantonnayana, (realizado pelo marido no quarto, sexto, e oitavo mês de gestação, o principal rito sendo a colocação de uma marca mínima sobre a cabeça da esposa, na linha de divisão dos cabelos dela). O pai é a religião. O pai é o céu. O pai é a maior penitência. O pai estando satisfeito, todas as divindades são satisfeitas. Quaisquer palavras que sejam pronunciadas pelo pai se tornam bênçãos que recaem sobre o filho. As palavras expressivas de alegria que o pai profere purificam o filho de todos os seus pecados. A flor é vista abandonar o caule. A fruta é vista abandonar a árvore. Mas o pai, quaisquer que sejam suas aflições, movido por afeto paterno, nunca abandona o filho. Essas então são minhas reflexões sobre a reverência devida do filho ao pai. Para o filho o pai não é um objeto comum. Eu agora pensarei (no que é devido) para a mãe. Desta união dos cinco elementos (primordiais) em mim devido ao meu nascimento como um ser humano, a mãe é a (principal) causa como o bastão de fogo. (Na Índia em toda casa dois bastões eram mantidos para produzir fogo por fricção. Estes foram substituídos pela pederneira e um pedaço de aço, e em seguida pelos palitos de fósforo.) A mãe é como o bastão de fogo com respeito aos corpos de todos os homens. Ela é a panacéia para todos os tipos de calamidades. A existência da mãe cobre alguém com proteção; o contrário priva alguém de toda proteção. O homem que, embora desprovido de prosperidade, entra em sua casa, proferindo as palavras, 'Ó mãe!' não tem que se entregar à aflição. Nem a decrepitude alguma vez o ataca. Um homem cuja mãe existe, mesmo se acontecer de ele possuir filhos e netos e mesmo que ele tenha cem anos, parece com uma criança de apenas dois anos de idade. Capaz ou incapaz, magro ou robusto, o filho é sempre protegido pela mãe. Ninguém mais, segundo a ordenança, é o protetor do filho. Então o filho se torna velho, então ele é tomado pela dor, então o mundo parece vazio aos seus olhos, quando ele fica privado de sua mãe. Não há abrigo (proteção contra o sol) como a mãe. Não há refúgio como a mãe. Não há defesa como a mãe. Não há ninguém tão querido quanto a mãe. Por ter carregado ele em seu útero a mãe é a Dhatri do filho. Por ter sido a principal causa de seu nascimento, ela é sua Janani. Por ter alimentado seus membros jovens para o

crescimento, ela é chamada de Amva. Por gerar um filho possuidor de coragem ela é chamada de Virasu. Por cuidar e proteger o filho ela é chamada de Sura. A mãe é o próprio corpo de alguém. Qual homem racional mataria sua mãe, devido a cujo cuidado somente é que sua própria cabeça não se encontra ao lado da rua como uma cabaça seca? Quando marido e mulher se unem para a procriação, o desejo sentido com respeito ao filho (por nascer) é nutrido por ambos, mas em relação à sua realização mais depende da mãe do que do pai. A mãe conhece a família na qual o filho é nascido e o pai que o gerou. Desde o momento da concepção a mãe começa a demonstrar afeição por seu filho e a deleitar-se com ele. (Por esta razão, o filho deve se comportar igualmente para com ela.) Por outro lado, as escrituras declaram que a prole pertence somente ao pai. Se homens, depois de aceitarem as mãos de esposas em casamento e, se empenhando para ganhar mérito religioso sem estarem separados delas, procuram se unir com esposas de outros homens, eles então cessam de serem dignos de respeito. (A mãe tem conhecimento correto de quem é pai. As ordens do pai, portanto, podem ser colocadas de lado pelo motivo da suspeita que se vincula à sua própria posição como pai. Então, além disso, se o pai for adúltero, ele não deve ser respeitado por conta de sua pecaminosidade. Chirakarin pergunta, 'Como eu posso saber que Gautama é meu pai? Como também eu saberei que ele não é pecaminoso?') O marido, porque ele sustenta a esposa, é chamado de Bhartri, e, porque ele a protege, ele é por causa disso chamado de Pati. Quando estas duas funções desaparecem dele, ele cessa de ser ambos, Bhartri e Pati. (Quando Gautama parou de proteger sua esposa ele também deixou de ser marido dela, sua ordem, portanto, de matá-la, não poderia ser obedecida.) Então também a mulher não pode cometer algum erro. É somente o homem que comete erros. Por cometer uma ação de adultério, somente o homem fica manchado pela culpa. É dito que o marido é o maior objeto em relação à esposa e a maior divindade para ela. Minha mãe entregou sua pessoa sagrada para alguém que veio para ela na forma e aparência de seu marido. Mulheres não podem cometer algum erro. É o homem que fica maculado pelo erro. De fato, pela fraqueza natural do sexo como revelada em toda ação, e sua sujeição à importunação, as mulheres não podem ser consideradas como ofensoras. Então também a pecaminosidade (nesse caso) é manifesta do próprio Indra que (por agir da maneira que ele agiu) fez a recordação do pedido que tinha sido feito a ele nos tempos passados por uma mulher, (quando uma terceira parte do pecado de Brahmanicídio do qual o próprio Indra era culpado foi lançado sobre o sexo dela). Não há dúvida que minha mãe é inocente. Ela, a quem eu fui mandado matar, é uma mulher. Aquela mulher é também minha mãe. Ela ocupa, portanto, um lugar de maior reverência. Os próprios animais que são irracionais sabem que a mãe não deve ser morta. O pai deve ser conhecido como sendo uma combinação de todas as divindades juntas. À mãe, no entanto, se atribui uma combinação de todas criaturas mortais e de todas as divindades.' (O sentido é este: o pai é todas as divindades juntas, pois por reverenciar o pai, todas as divindades são satisfeitas. A mãe, no entanto, é todas as criaturas mortais e imortais juntas, pois por gratificá-la alguém com certeza obtém sucesso aqui e após a morte.) Por seu hábito de refletir muito antes de agir, o filho de Gautama, Chirakarin, por se entregar a essas reflexões, passou um longo tempo (sem fazer a ação que ele tinha sido mandado fazer por seu pai).

Quando muitos dias tinham se passado, seu pai Gautama retornou. Dotado de grande sabedoria, Medhatithi da linhagem de Gautama, dedicado à prática de penitências, voltou (para seu retiro), convencido, depois de ter refletido por aquele longo tempo, da impropriedade do castigo que ele tinha mandado ser infligido sobre sua esposa. Queimando de angústia e derramando lágrimas copiosas, pelo arrependimento que tinha vindo a ele em consequência dos efeitos benéficos daquela tranquilidade de temperamento que é ocasionada por um conhecimento das escrituras, ele proferiu estas palavras, 'O senhor dos três mundos, Purandara, veio ao meu retiro, na aparência de um Brahmana pedindo por hospitalidade. Ele foi recebido por mim com palavras (apropriadas), e honrado com um acolhimento (apropriado), e presenteado na forma devida com água para lavar seus pés e as oferendas usuais de Arghya. Eu também concedi a ele o repouso que ele tinha pedido. Eu em seguida disse a ele que eu tinha obtido um protetor nele. Eu pensei que tal conduta de minha parte iria induzi-lo a se comportar em direção a mim como um amigo. Quando, no entanto, apesar de tudo isso, ele se comportou mal, minha esposa Ahalya não poderia ser considerada como tendo cometido algum erro. Parece que nem minha esposa, nem eu mesmo, nem o próprio Indra que, enquanto passando pelo céu tinha visto minha esposa (e ficado privado de sua razão por sua extraordinária beleza), poderíamos ser considerados como tendo pecado. A culpa realmente se atribui ao descuido do meu poder-Yoga. (Gautama culpa seu próprio descuido em não ter se prevenido, por poder-Yoga, contra a comissão da ofensa.) Os sábios dizem que todas as calamidades provêm da inveja, que, por sua vez, provém do erro de julgamento. Por aquela inveja, também, eu fui arrastado de onde eu estava e fui mergulhado em um oceano de pecado (na forma de assassinato de esposa). Ai, eu matei uma mulher, uma mulher que também é minha esposa, alguém que, por ela compartilhar as calamidades de seu marido veio a ser chamada pelo nome de Vasita, alguém que foi chamada de Bharya devido à obrigação sob a qual eu estava de sustentá-la. Quem é que pode me resgatar deste pecado? Agindo negligentemente eu mandei Chirakarin de grande alma (matar aquela minha esposa). Se na presente ocasião ele confirmar seu nome então ele pode me salvar dessa culpa. Duas vezes abençoado sejas tu, ó Chirakaraka! Se nessa ocasião tu adiaste a realização do trabalho, então tu és realmente digno de teu nome. Salve a mim, e tua mãe, e as penitências que eu tenho realizado, como também a ti mesmo, de graves pecados. Seja realmente um Chirakaraka hoje! Geralmente, por tua grande sabedoria tu tomas um longo tempo para reflexão antes de realizar qualquer ação. Que tua conduta não seja outra hoje! Seja um verdadeiro Chirakaraka hoje. Tua mãe esperou tua chegada por muito tempo. Por muito tempo ela te carregou em seu útero. Ó Chirakaraka, que teu hábito de refletir muito antes de agir seja produtivo de resultados benéficos hoje. Talvez, meu filho Chirakaraka esteja demorando hoje (para concluir minha ordem) em vista da tristeza que me causaria (vê-lo executar aquela ordem). Talvez, ele esteja se preocupando muito com aquela ordem, levando-a em seu coração (sem qualquer intenção de realizá-la prontamente). Talvez, ele esteja adiando, por causa da angústia que isto causaria a ele e a mim, refletindo sobre as circunstâncias do caso.' Entregando-se a tal arrependimento, ó rei, o grande Rishi Gautama então viu seu filho Chirakarin sentado perto dele. Vendo seu pai voltar para sua residência, o filho Chirakarin,

oprimido pela angústia, jogou fora a arma (que ele tinha pegado) e curvando sua cabeça começou a acalmar Gautama. Observando seu filho prostrado diante dele com cabeça inclinada, e vendo também sua esposa quase petrificada por vergonha, o Rishi se encheu de grande alegria. Desde aquele tempo o Rishi de grande alma, residindo naquele eremitério solitário, não viveu separadamente de sua cônjuge ou de seu filho cuidadoso. Tendo proferido a ordem que sua esposa deveria ser morta ele tinha ido embora de seu retiro para realizar algum propósito próprio. Desde aquele tempo seu filho tinha permanecido em uma postura humilde, arma na mão, para executar aquela ordem sobre sua mãe. Vendo seu filho prostrado aos seus pés, o pai pensou que, tomado pelo medo, ele estava pedindo perdão pelo delito que ele tinha cometido ao pegar uma arma (para matar sua própria mãe). O pai elogiou seu filho por um longo tempo, e cheirou sua cabeça por um longo tempo, e por muito tempo o segurou em um abraço apertado, e o abençoou, proferindo as palavras, 'Tenha uma vida longa!' Então, cheio de alegria e contente com o que tinha ocorrido, Gautama, ó tu de grande sabedoria, se dirigiu a seu filho e disse estas palavras, 'Abençoado sejas tu, ó Chirakaraka! Sempre reflita muito antes de agir. Pela tua demora em realizar minha ordem tu hoje me fizeste feliz para sempre!' Aquele erudito e melhor dos Rishis então proferiu estes versos sobre o assunto dos méritos de tais homens calmos que refletem por muito tempo antes de colocarem suas mãos para alguma ação. Se a questão é a morte de um amigo, ele deve realizar isto depois um longo tempo. Se é o abandono de um projeto já começado, ele deve abandoná-lo depois de um longo tempo. Uma amizade que é formada depois de um longo exame dura por muito tempo. Em dar vazão à ira, à arrogância, ao orgulho, a disputas, a atos pecaminosos, e para realizar tarefas desagradáveis demorar muito tempo merece louvor. Quando o delito não é claramente provado contra um parente, um amigo, um empregado, ou uma esposa, aquele que reflete muito antes de infligir o castigo é elogiado.' Assim, ó Bharata, Gautama ficou satisfeito com seu filho, ó tu da linhagem de Kuru, por aquela ação de adiamento da parte do último em cumprir a ordem do primeiro. Em todas as ações um homem deve, dessa maneira, refletir por um longo tempo e então decidir o que ele deve fazer. Por se comportar dessa maneira alguém com certeza evita aflição por um longo tempo. Aquele homem que nunca nutre sua raiva por muito tempo, que reflete por muito tempo antes de se determinar à realização de alguma ação, nunca faz qualquer ação que traga arrependimento. Alguém deve servir por um longo tempo aqueles que são idosos, e sentando perto deles lhes mostrar reverência. Ele deve desempenhar seus deveres por um longo tempo e ficar empenhado por um longo tempo em averiguá-los. Servindo por muito tempo aqueles que são eruditos, e servindo com reverência por muito tempo aqueles que são bons em comportamento, e mantendo sua própria alma por muito tempo sob controle apropriado, alguém consegue desfrutar do respeito do mundo por um longo tempo. Alguém dedicado a instruir outros sobre o assunto de religião e dever, quando questionado por outros por informações sobre estes assuntos, deve tomar um longo tempo para refletir antes de dar uma resposta. Ele pode então evitar se entregar ao arrependimento (por dar uma resposta incorreta cujas consequências práticas possam levar ao pecado). Com relação a Gautama de penitências austeras, aquele Rishi, tendo

adorado as divindades por um longo tempo naquele seu retiro, finalmente ascendeu ao céu com seu filho.'"

267

"Yudhishthira disse, 'Como, de fato, o rei deve proteger seus súditos sem prejudicar alguém? Eu te pergunto isto, ó avô, diga-me, ó principal dos homens bons!'"

"Bhishma disse, 'Em relação a isto é citada a velha narrativa da conversa entre Dyumatsena e o rei Satyavat. Nós soubemos que após certo número de indivíduos terem sido levados para execução por ordem de seu pai (Dyumatsena), o príncipe Satyavat disse certas palavras que nunca antes tinham sido ditas por alguém mais. 'Às vezes a justiça assume a forma de injustiça, e a injustiça assume a forma de justiça. Nunca pode ser possível que o assassinato de indivíduos possa ser uma ação correta.'" (Isto é, o príncipe Satyavat disse que as pessoas levadas para execução não deviam ser executadas. O poder dos reis não se estende sobre as vidas de seus súditos. Em outras palavras o príncipe argumentou contra a retidão de infligir punição máxima até sobre graves ofensores.)

"Dyumatsena disse, 'Se poupar aqueles que merecem ser mortos for justiça, se ladrões forem poupados, ó Satyavat, então as distinções (entre virtude e vício) desaparecerão. 'Isto é meu', 'Este (outro) não é dele', idéias como essas (a respeito de propriedade, se os maus não fossem punidos) não prevaleceriam na era Kali. (Se os maus não fossem punidos) os assuntos do mundo chegariam a um beco sem saída. Se tu sabes como o mundo pode seguir em frente (sem punir os maus), então fale para mim sobre isso.'"

"Satyavat disse, 'As três outras classes (isto é, Kshatriyas, Vaisyas, e Sudras) devem ser colocadas sob o controle dos Brahmanas. Se aquelas três classes forem mantidas dentro dos limites da retidão, então as classes secundárias (que surgiram de mistura) os imitarão em suas práticas. Aqueles entre eles que transgredirem (as ordens dos Brahmanas) devem ser apresentados ao rei. 'Este não atende minhas ordens,' após tal queixa ser proferida por um Brahmana, o rei infligirá castigo sobre o ofensor. Sem destruir o corpo do ofensor o rei deve fazer para ele aquilo que é indicado pelas escrituras. O rei não deve agir de outra maneira, deixando de refletir devidamente sobre o caráter da ofensa e sobre a ciência de moralidade. Por matar os pecaminosos, o rei (praticamente) mata um grande número de indivíduos que são inocentes. Veja, por matar um único ladrão, a esposa dele, mãe, pai e filhos são todos mortos (porque eles ficam privados dos meios de vida). Quando ofendido por uma pessoa má, o rei deve, portanto, refletir profundamente sobre a questão do castigo. Às vezes um homem pecaminoso é visto absorver bom comportamento de uma pessoa virtuosa. Então também de pessoas que são pecaminosas, bons filhos podem ser vistos nascerem. Os pecaminosos, portanto, não devem ser arrancados pelas raízes. O extermínio dos maus não é consistente com a prática eterna. Por atingi-los moderadamente eles

podem ser feitos expiarem seus delitos. Por privá-los de todas as suas riquezas, por correntes e prisão em calabouços, por desfigurá-los (eles podem ser feitos expiarem sua culpa). Seus parentes não devem ser perseguidos pela imposição de sentenças capitais sobre eles. Se na presença do Purohita e outros, eles se entregam a ele por desejo de proteção e juram, dizendo, 'Ó Brahmana, nós nunca mais cometeremos qualquer ação pecaminosa,' eles então merecem ser perdoados sem qualquer punição. Esta é a ordem do próprio Criador. Até o Brahmana que usa uma camurça e o bastão de (mendicância) e que tem sua cabeça raspada, deve ser punido (quando ele transgride). (Isto é, o próprio Sannyasin, quando ele peca, merece ser castigado.) Se grandes homens transgridem, seu castigo deve ser proporcional à sua grandeza. Com relação àqueles que pecam repetidamente, eles não merecem ser dispensados sem castigo como na ocasião de sua primeira ofensa.'"

"Dyumatsena disse, 'Enquanto aquelas barreiras dentro das quais os homens devem ser mantidos não forem ultrapassadas elas devem ser designadas pelo nome de Justiça. Se aqueles que ultrapassam aquelas barreiras não forem punidos com a morte, aquelas barreiras logo serão destruídas. Homens de tempos remotos e ainda mais remotos podiam ser governados com facilidade. (As punições não eram necessárias, ou as muito leves já eram suficientes). Eles eram muito verdadeiros (em palavras e comportamento). Eles eram pouco dispostos a disputas e brigas. Eles raramente se entregavam à raiva, ou, se eles o fizessem, sua ira nunca se tornavam incontrolável. Naqueles tempos o mero grito de vergonha, para os ofensores era castigo suficiente. Depois disso veio o castigo representado por palavras duras ou críticas. Então se seguiu o castigo de multas e confiscos. Nesta era, no entanto, o castigo de morte tornou-se generalizado. A medida de maldade aumentou a tal ponto que por matar um os outros não podem ser refreados; (então extermínio é a punição que se tornou desejável). O ladrão não tem ligação com homens, com as divindades, com os Gandharvas, e com os Pitris. O que ele é para quem? Ele não é alguém para qualquer (pessoa, então por matá-lo nenhum dano é feito para alguém neste ou no outro mundo). Esta é a declaração dos Srutis. O ladrão rouba os ornamentos de cadáveres de cemitérios e usa roupas de homens afligidos por espíritos (e, portanto, privados de razão). É um tolo o homem que faz algum acordo com aqueles patifes miseráveis ou exige algum juramento deles (por confiar nisto).'"

"Satyavat disse, 'Se tu não consegues fazer homens honestos daqueles malandros e nem salvá-los por meios não relacionados com matança, então extermine-os por realizar algum sacrifício. (O príncipe fala de exterminar os elementos nocivos por matá-los como animais em um sacrifício por causa da declaração nos Srutis que aqueles mortos em sacrifícios ascendem para o céu, purgados de todos os seus pecados. Tais atos, portanto, parecem ser mais misericordiosos para o príncipe, comparados à morte por enforcamento ou no cadafalso (de guilhotina).) Reis praticam austeridades severas para permitir que seus súditos continuem prosperamente em suas ocupações. Quando ladrões e assaltantes se multiplicam em seus reinos eles ficam envergonhados. Eles, portanto, se dirigem para penitências para suprimir roubos e assaltos e para fazer

seus súditos viverem felizmente. Os súditos podem ser feitos honestos somente por serem amedrontados (pelo rei). Bons reis nunca matam os pecaminosos por motivos de desforra. (Por outro lado, se eles matam, eles matam em sacrifícios, quando o motivo é fazer o bem para o morto.) Bons reis conseguem abundantemente governar seus súditos devidamente com a ajuda de boa conduta (em vez de imposições cruéis ou punitivas). Se o rei age apropriadamente, os súditos superiores o imitam. As pessoas inferiores, por sua vez, imitam seus superiores imediatos. Os homens são constituídos de maneira que eles imitam aqueles a quem eles consideram como seus superiores. Aquele rei que, sem reprimir a si mesmo, procura reprimir outros (de maus caminhos) se torna um objeto de riso para todos os homens por ele ser dedicado ao desfrute de todos os prazeres mundanos como um escravo de seus sentidos. Aquele homem que, por arrogância ou erro de julgamento, peca contra o rei de alguma maneira, deve ser reprimido por todos os meios. É por este caminho que ele é impedido de cometer delitos de novo. O rei deve primeiro controlar a si mesmo se ele deseja controlar outros que pecam. Ele deve punir severamente (se necessário) até amigos e parentes próximos. Naquele reino onde um delinquente vil não encontra com aflições severas, os delitos aumentam e a virtude diminui sem dúvida. Antigamente, um Brahmana, dotado de clemência e possuidor de conhecimento, me ensinou isso. Em verdade, neste sentido, ó majestade, eu fui instruído também por nosso avô nos tempos passados, que deu tais garantias de inofensividade para o povo, movido por compaixão. Suas palavras foram, 'Na era Krita, reis devem governar seus súditos por adotarem modos que sejam totalmente inofensivos. Na era Treta, reis se comportam de acordo com modos que correspondam com a virtude decaída uma quarta parte de sua quantidade total. Na era Dwapara, eles procedem segundo caminhos conformes com a virtude decaída à metade, e na era que se segue, segundo caminhos conformes com a virtude decaída três quartos. Quando a era Kali começa, pela maldade dos reis e pela natureza da própria época, quinze partes mesmo daquela quarta parte de virtude desaparecem, uma décima sexta parte dela é então tudo o que resta dela. Se, ó Satyavat, por adotar o método mencionado primeiro (isto é, a prática da inofensividade), a confusão começa, o rei, considerando o período de vida humana, a força dos seres humanos, e a natureza da época que chegou, deve conceder punições. (O período de vida humana diminui proporcionalmente em cada era sucessiva, como também a força dos seres humanos. Em conceder punições, o rei deve ser guiado por essas considerações.) De fato, Manu, o filho do Auto-nascido, por compaixão pelos seres humanos, indicou o caminho por meio do qual os homens podem aderir ao conhecimento (em vez de maldade) por causa da emancipação.'"

268

"Yudhishthira disse, 'Tu já me explicaste, ó avô, como a religião de Yoga, que leva aos seis atributos bem conhecidos, pode ser adotada e praticada sem ferir qualquer criatura. Fale-me, ó avô, daquela religião que leva a ambos os

resultados, isto é, Prazer e Emancipação. Entre esses dois, isto é, os deveres da vida familiar ou aqueles de Yoga, ambos os quais levam ao mesmo fim, qual é superior?'"

"Bhishma disse, 'Ambos os rumos de dever são altamente abençoados. Ambos são de realização extremamente difícil. Ambos são produtivos de resultados superiores. Ambos são praticados por aqueles que são reconhecidamente bons. Eu agora te falarei sobre a autoridade dessas duas direções de dever, para dissipar tuas dúvidas acerca de sua verdadeira importância. Ouça-me com atenção concentrada. Sobre isso é citada como exemplo a antiga narrativa da conversa entre Kapila e a vaca. Ouça-a, ó Yudhishthira! É sabido por nós que nos tempos antigos quando a divindade Tvashtri chegou à residência do rei Nahusha, o último, para cumprir os deveres de hospitalidade, estava prestes a matar uma vaca de acordo com a injunção verdadeira, antiga, e eterna dos Vedas. Vendo aquela vaca amarrada para ser morta, Kapila de alma generosa, sempre cumpridor dos deveres de Sattwa, sempre empenhado em controlar seus sentidos, possuidor de conhecimento verdadeiro, e moderado em dieta, tendo obtido uma compreensão excelente que era caracterizada pela fé, perfeitamente destemido, benéfico, firme, e sempre dirigido para a verdade, proferiu estas palavras uma vez, isto é, 'Ai os Vedas!' Naquela hora um Rishi, de nome Syumarasmi, entrando (por poder Yoga) na forma daquela vaca, se dirigiu ao Yati Kapila, dizendo, 'Silêncio, ó Kapila! Se os Vedas são meritórios (por aquelas declarações neles que sancionam a matança de criaturas vivas), por que motivo aqueles outros deveres (repletos de total inofensividade por todas as criaturas) vêm a ser considerados como autoritários? (Atos e conhecimento são indicados nos Vedas. Os Vedas, portanto, sendo autoridade com relação a ambos, um ou o outro não pode ser criticado ou elogiado.) Homens dedicados a penitências e dotados de inteligência, e que têm os Srutis e o conhecimento como seus olhos, consideram as injunções dos Vedas, que são declaradas e compiladas por Rishis, como sendo as palavras do próprio Deus. O que alguém pode dizer (como censura ou louvor) com respeito ao conteúdo dos Vedas, quando acontece de estas serem as palavras do próprio Ser Supremo que é livre do desejo de resultado, que é sem a febre (de inveja e aversão), que é afeito à nada, e que é desprovido de todo esforço (por causa da realização imediata de todos os seus desejos)?'"

"Kapila disse, 'Eu não critico os Vedas. Eu não desejo dizer algo em depreciação a eles. É sabido por nós que as diferentes direções de dever prescritas para os diferentes modos de vida, todos levam ao mesmo fim. O Sannyasin alcança um fim sublime. O recluso na floresta também alcança um fim sublime. Os outros dois também, isto é, o chefe de família e o Brahmacharin, alcançam o mesmo fim. Todos os quatro modos de vida sempre foram considerados como caminhos Deva-yana, (isto é, aqueles pelos quais a Alma é alcançada). A relativa força ou fraqueza destes, como representada por sua relativa superioridade ou inferioridade, foram declaradas no caráter de seus respectivos fins. (O Sannyasin alcança Moksha ou Emancipação, o recluso na floresta a região de Brahma, o chefe de família alcança o céu (região das

divindades presidida por Indra), e o Brahmacharin alcança a região dos Rishis.) Conhecendo estes, realize ações que levam para o céu e outras bênçãos, esta é uma declaração Védica. Não realize ações, esta também é outra declaração obrigatória dos Vedas. Se abstenção de ações é meritória, então sua realização deve ser extremamente repreensível. Quando as escrituras colocam dessa maneira, a força ou fraqueza de declarações específicas devem ser muito difíceis de serem averiguadas. Se tu conheces algum rumo de dever que seja superior à religião de inofensividade, e que dependa de evidência direta em vez de aquela das escrituras, então fale para mim sobre isso.'"

"Syumarasmi disse, 'Alguém deve realizar sacrifício pelo desejo de céu, este Sruti é constantemente ouvido por nós. Pensando primeiro no resultado (que é para ser alcançado), ele faz os preparativos para o sacrifício. Cabra, cavalo, vaca, todas as espécie de aves, domésticas ou selvagens, e ervas e plantas, são alimento de (outras) criaturas vivas. Isto é sabido por nós. (O comentador explica que tendo começado com a afirmação que homens devem sacrificar por desejo de céu, o orador teme que o ouvinte possa negar a própria existência do céu. Por isso, ele usa um motivo mais garantido para justificar a matança, isto é, o motivo que está ligado com a consideração de alimento. Criaturas vivas devem comer para viver. A própria manutenção da vida depende da matança de vida. Matança, portanto, é justificada pela maior necessidade.) O alimento também é ordenado para ser comido dia após dia de manhã e à noite. Então também o Sruti declara que animais e grãos são os membros do Sacrifício, (isto é, são os requisitos essenciais do Sacrifício). O Senhor do universo os criou junto com Sacrifício. O Senhor pujante de todas as criaturas fez as divindades realizarem sacrifícios com sua ajuda. No total sete animais (domésticos, que são: vaca, cabra, homem, cavalo, ovelha, mula, e asno) e sete animais (selvagens, que são: leão, tigre, javali, búfalo, elefante, urso, e macaco) são indicados como adequados para sacrifício. Em vez de todos serem igualmente adequados, cada um sucessivo é inferior ao precedente. Os Vedas também declaram que todo o universo é designado para sacrifício. Aquele também que é chamado de Purusha os Vedas designaram para o mesmo propósito. Isto também foi sancionado por homens de tempos antigos e remotos. Que homem de erudição não selecionaria, segundo sua própria habilidade, indivíduos dentre criaturas vivas para sacrifício? Os animais inferiores, seres humanos, árvores, e ervas, todos desejam a obtenção do céu. Não há meios, no entanto, exceto sacrifício, pelos quais eles podem obter a realização daquele desejo. As ervas decíduas, animais, árvores, trepadeiras, manteiga clarificada, leite, coalhos, carne e outras coisas aprovadas (que são despejadas no fogo sacrifical), terra, os pontos do horizonte, fé, e o tempo que cria o total de doze, os Richs, os Yajuses, os Samans, e próprio sacrificador criando o total de dezesseis, e Fogo o qual deve ser conhecido como o chefe de família, estes dezessete são citados como sendo os membros do sacrifício. O Sacrifício, o Sruti declara, é a base do mundo e sua direção. Com manteiga clarificada, leite, coalhos, estrume, coalhos misturados com leite, pele, o cabelo de seu rabo, chifres, e cascos, só a vaca pode fornecer todos os artigos necessários para o sacrifício. Alguns específicos entre estes que são prescritos para sacrifícios específicos, unidos com Ritwijas e presentes (para os próprios sacerdotes e outros

Brahmanas), juntos sustentam sacrifícios. (Todos os produtos da vaca que são citados aqui não são necessários em todos os sacrifícios. Alguns são requeridos em alguns, outros em outros. Aqueles então que são requeridos, quando unidos com Ritwijas e Dakshina, completam os respectivos sacrifícios ou os mantêm ou sustêm.) Por juntar essas coisas, pessoas realizam sacrifícios. Este Sruti, consistente com a verdade, é ouvido: que todas as coisas foram criadas para a realização de sacrifício. Foi dessa maneira que todos os homens dos tempos antigos se puseram a realizar sacrifícios. Com relação àquela pessoa, no entanto, que realiza sacrifícios por causa da convicção que sacrifícios devem ser realizados e não por causa do fruto ou recompensa, é visto que ela não fere qualquer criatura ou se comporta com hostilidade com qualquer coisa, ou se dirige para a realização de alguma tarefa mundana. Aquelas coisas que foram citadas como os membros do sacrifício, e aquelas outras coisas que foram mencionadas como requeridas em sacrifícios e que são indicadas nas ordenanças, todas sustêm umas às outras (para a conclusão de sacrifícios) quando usadas segundo o ritual sancionado. Eu vejo também os Smritis compilados pelos Rishis, nos quais os Vedas foram introduzidos. Homens de erudição os consideram como autoritários por eles seguirem os Brahmanas. (Brahmanas aqui significa aquela parte dos Vedas que contém o ritual.) Sacrifícios têm os Brahmanas como seus progenitores, e realmente eles dependem dos Brahmanas. O universo inteiro depende de sacrifício, e o sacrifício depende do universo. (Cada um constitui o refúgio do outro.) A sílaba Om é a base da qual os Vedas surgiram. (Todos os ritos, portanto, devem começar com a declaração daquela sílaba de vasta importância.) A respeito daquele que tem proferido por ele as sílabas Om, Namas, Swaha, Svadha, e Vashat, e que, segundo a extensão de sua habilidade, tem realizado sacrifícios e outros ritos, não há medo em relação à próxima vida em todos os três mundos. Assim dizem os Vedas, e sábios coroados com sucesso ascético, e os principais dos Rishis. Aquele em quem estão os Richs, os Yajuses, os Samans, e as expletivas (tais como hayi, havu, etc.) necessárias para completar o ritmo dos Samans de acordo com as regras prescritas em gramáticas Védicas, é, de fato, um Brahmana. Tu sabes, ó Brahmana adorável, quais são os frutas do Agnihotra, do Sacrifício Soma, e dos outros grandes sacrifícios. Eu digo, por esta razão, que alguém deve sacrificar e ajudar nos sacrifícios de outras pessoas, sem escrúpulos de qualquer tipo. Alguém que realiza tais sacrifícios que levam ao céu (tais como Jyotishtoma, etc.) obtém grandes recompensas após a morte na forma de beatitude celestial. Isto é certo, isto é, que aqueles que não realizam sacrifícios não têm nem este mundo nem o próximo. Aqueles que realmente conhecem as declarações dos Vedas consideram ambos os tipos de declarações (isto é, aquelas que incitam às ações e aquelas que pregam abstenção) como igualmente autoritárias.'"

269

"Kapila disse, 'Vendo que todos os frutos que são obteníveis pelas ações são finitos em vez de serem eternos, os Yatis, por adotarem autodomínio e

tranquilidade, alcançam Brahma pelo caminho do conhecimento. Não há nada em algum dos mundos que possa impedi-los, (pois por meros decretos de sua vontade eles coroam todos os seus desejos com êxito). Eles estão livres da influência de todos os pares de opostos. Eles nunca curvam suas cabeças para alguma coisa ou alguma criatura. Eles estão acima de todos os grilhões da necessidade. A Sabedoria é deles. Eles são purificados de todos os pecados. Puros e sem mácula eles vivem e viajam por todos os lugares (em grande felicidade). Eles, em suas próprias compreensões, chegaram a conclusões firmes a respeito de todos os objetos destrutíveis e de uma vida de Renúncia (por compararem os dois). Devotados a Brahma, já tendo se tornado como Brahma, eles tomaram refúgio em Brahma. Transcendendo a dor, e livres da (qualidade de) Rajas, são deles as aquisições que são eternas. Quando o fim excelente que é destes homens está ao alcance, que necessidade alguém tem de praticar os deveres do modo de vida familiar?'" (Pois, como o comentador explica, alguém que obteve um império não procura uma esmola de caridade. Em vista do fim sublime que a Renúncia sem dúvida traz, que necessidade uma pessoa tem do modo de vida familiar o qual leva a recompensas que são insignificantes comparadas à outra?)

"Syumarasmi disse, 'Se, de fato, aquele for o maior objeto de aquisição, se aquele for realmente o fim mais elevado (que é alcançado pela prática da Renúncia), então a importância do modo de vida familiar se torna evidente, porque sem o modo familiar nenhum outro modo de vida se torna possível. De fato, como todas as criaturas vivas podem viver por sua dependência de suas respectivas mães, da mesma maneira os três outros modos de vida existem por causa de sua dependência do modo familiar. O chefe de família que leva uma vida familiar realiza sacrifícios, e pratica penitências. O que quer que seja feito por alguém por desejo de felicidade tem por sua base o modo de vida familiar. Todas as criaturas vivas consideram a procriação de prole como uma fonte de grande felicidade. A procriação de prole, no entanto, se torna impossível em algum outro modo de vida (que não seja a vida familiar). Todas as espécies de grama e palha, todas as plantas e ervas (que produzem cereais ou grãos), e outros da mesma classe que crescem em colinas e montanhas, têm o modo de vida familiar como sua base, (porque eles são cultivados ou colhidos por pessoas que levam uma vida familiar). Deles depende a vida de criaturas vivas. E já que nada mais é visto (no universo) que não seja vivo, a vida familiar pode ser considerada o refúgio do universo inteiro. Quem então fala a verdade quando diz que a vida familiar não pode levar à conquista da Emancipação? Somente aqueles que são desprovidos fé e de sabedoria e perspicácia, somente aqueles que são desprovidos de reputação e que são indolentes e cansados de trabalhar, que têm miséria como sua quota em consequência de suas ações passadas, somente aqueles que são desprovidos de conhecimento, vêem a plenitude da tranquilidade em uma vida de mendicância. As distinções eternas e certas (declaradas nos Vedas) são as causas que sustentam os três mundos. Aquela pessoa ilustre da mais alta classe que está familiarizada com os Vedas é adorada desde a própria data de seu nascimento. Além da realização do Garbhadhana, mantras Védicos se tornam necessários para capacitar pessoas da classe regenerada para realizar todos os seus atos em

relação a este e ao outro mundo. (Traduzidas literalmente, as palavras são: 'Sem dúvida, mantras Védicos entram em pessoas das classes regeneradas em relação a atos cujos efeitos são vistos e atos cujos efeitos em vez de serem vistos dependem da evidência das escrituras.') Ao cremar seu corpo (depois da morte), na questão de sua obtenção de um segundo corpo, naquela de sua bebida e comida depois de tal obtenção, da doação de vacas e outros animais para ajudá-lo a cruzar o rio que divide a região de vida daquela de Yama, naquela de afundar os bolos fúnebres em água, mantras védicos são necessários. Então também as três classes de Pitris, isto é, os Archishmats, os Varhishads, e os Kravyads, aprovam a necessidade de mantras no caso dos mortos, e mantras são admitidos como causas eficientes (para a obtenção de objetivos pelos quais estas cerimônias e ritos são mandados serem realizados). Quando os Vedas dizem isso tão sonoramente e quando também seres humanos são citados como tendo dívidas com os Pitris, os Rishis, e os deuses, como alguém pode alcançar a Emancipação?

(Mantras são necessários para cremar o corpo de um Brahmana morto. Mantras também são necessários para ajudar o espírito morto a obter uma forma brilhante (no mundo seguinte ou neste se houver renascimento). Esses mantras são, naturalmente, proferidos em Sraddhas. Depois que o espírito morto foi provido, com a ajuda de mantras, com um corpo, alimento e bebida são oferecidos para ele com a ajuda de mantras. Vacas e animais são doados pelos representantes do morto para capacitar o ancestral morto a cruzar o Vaitarani (o rio que flui entre os dois mundos) e para habilitá-lo a se tornar feliz no céu. O bolo fúnebre, além disso, de acordo com a ordenança, é afundado em água para fazê-lo facilmente obtenível por aquele para quem ele é oferecido. Por se tornar um ser humano alguém herda três dívidas. Por meio de estudo ele paga sua dívida com os Rishis, pela realização de sacrifícios ele paga sua dívida com os deuses, e por gerar filhos ele se livra da dívida que ele tem com os Pitris. O argumento então é este: quando os Vedas, os quais são as palavras da Divindade Suprema, prescreveram esses mantras para a obtenção de tais objetos no mundo seguinte, como pode a Emancipação, a qual envolve uma existência incorpórea transcendente à própria (forma) Karana ser possível? As próprias declarações dos Vedas em favor das ações são inconsistentes com existência incorpórea ou com a negação de existência com consciência dual de conhecedor e conhecido.)

Essa doutrina falsa (da existência incorpórea chamada Emancipação), aparentemente vestida em cores de verdade, mas subversiva do propósito real das declarações dos Vedas, tem sido introduzida por homens eruditos desprovidos de prosperidade e tomados pela ociosidade. Aquele Brahmana que realiza sacrifícios segundo as declarações dos Vedas nunca é seduzido pelo pecado. Através de sacrifícios, tal pessoa alcança regiões elevadas de felicidade junto com os animais que ele matou naqueles sacrifícios, e ele mesmo, satisfeito pela aquisição de todos os seus desejos consegue satisfazer aqueles animais por realizar os desejos deles. Por desconsiderar os Vedas, por fraude, ou por engano, alguém nunca consegue alcançar o Supremo. Por outro lado, é por praticar os ritos prescritos nos Vedas que alguém consegue alcançar Brahma.'"

"Kapila disse, '(Se as ações são obrigatórias, então) há o Darsa, o Paurnamasa, o Agnihotra, o Chaturmasya, e outras ações para o homem de inteligência. Em seu desempenho existe mérito eterno. (Por que então realizar ações que envolvem crueldade)? Aqueles que se dirigiram ao modo de vida Sannyasa, que se abstêm de todas as ações, que são dotados de paciência, que estão purificados (da ira e de todos os defeitos), e que conhecem Brahma, conseguem por tal conhecimento de Brahma pagar as dívidas (das quais tu falaste) com os deuses (os Rishis, e os Pitris) descritos como sendo muito afeiçoados às libações despejadas em sacrifícios. Os próprios deuses ficam pasmos ao traçarem o caminho daquela pessoa sem rastro que constitui ela mesma a alma de todas as criaturas e que olha todas as criaturas com um olhar igual. Pelas instruções recebidas do preceptor alguém sabe que aquilo que mora dentro deste corpo (a Alma Universal) é de uma natureza quádrupla; (tudo envolvente, fina como o fio mais fino e que permeia tudo, possuidora de onisciência, e imaculada), tendo além disso quatro portas e quatro bocas. (Suas quatro bocas são suas quatro fontes de desfrute ou prazer, que são o corpo, os sentidos, a mente, e a compreensão.) Por (possuírem) dois braços, o órgão da fala, o estômago, e o órgão de prazer, os próprios deuses são citados como tendo quatro portas. Alguém deve, portanto, se esforçar o melhor que puder para manter aquelas portas sob controle. (O Kartritwa ou poder de ação é então indicado pela menção às portas que são os dois braços, etc., estes operam como portas para fechar ou confinar a alma dentro de sua câmara. Eles são as telas ou avaranas que escondem sua real natureza. Os próprios deuses sentem sua força, sendo incapazes de transcender a eles ou suas exigências. Aquele que deseja superá-los e brilhar em sua própria natureza imaculada deve procurar controlá-los ou reprimi-los.) Não se deve apostar com dados. Não se deve se apropriar do que pertence a outro. Não se deve ajudar no sacrifício de uma pessoa de nascimento ignóbil. Não se deve, cedendo à cólera, golpear outro com mãos ou pés. Aquele homem inteligente que se comporta dessa maneira é citado como tendo suas mãos e pés bem controlados. Uma pessoa não deve se entregar a insultos ou críticas vociferantes. Não se deve falar palavras que são inúteis. Deve-se se abster da desonestidade e de caluniar outros. Deve-se cumprir o voto de veracidade, ser econômico em palavras, e sempre atento.' Por se comportar dessa maneira alguém terá seu órgão de fala bem dominado. Não se deve se abster totalmente de comida. Não se deve comer demais. Deve-se rejeitar a cobiça, e sempre procurar a companhia dos bons. Deve-se comer somente tanto quanto é preciso para manter a vida. Por se comportar dessa maneira alguém consegue controlar devidamente a porta representada por seu estômago. Não se deve, ó herói, tomar outra esposa lascivamente quando se tem uma cônjuge casada (com quem realizar todas as ações religiosas). Nunca se deve convocar uma mulher para a cama exceto em sua época apropriada. O homem deve se limitar à sua própria esposa sem procurar ato sexual com outras mulheres. Por se comportar dessa maneira alguém é citado como tendo o órgão de prazer devidamente controlado. É realmente uma pessoa regenerada aquele homem de sabedoria que tem todas as suas quatro portas, isto é, o órgão de prazer, o estômago, os dois braços (e os dois pés), e o órgão da fala, devidamente controlados. Tudo se torna inútil daquela pessoa cujas portas não são bem controladas. O que pode fazer a penitência de tal homem? O

que seus sacrifícios podem ocasionar? O que pode ser realizado por seu corpo? Os deuses reconhecem como um Brahmana aquele que rejeitou suas peças de roupa superiores (isto é, que se veste muito escassamente somente por causa de decência e não de esplendor), que dorme na terra nua, que faz de seu braço um travesseiro, e cujo coração possui tranquilidade. Aquela pessoa que, dedicada à contemplação, desfruta sozinha de toda a felicidade que casais desfrutam, e que não dirige sua atenção para as alegrias e angústias de outros, deve ser conhecida como um Brahmana. Aquele homem que compreende corretamente tudo isso como isso existe em realidade e suas transformações multiformes, e que sabe qual é o fim de todos os objetos criados, é conhecido pelos deuses como um Brahmana. (Em realidade todas as coisas são, naturalmente, Brahma. Seus aspectos externos são somente transformações. O fim de todas as criaturas é morte e renascimento até que ocorra absorção em Brahma por meio de Yoga.) Aquele que não tem medo de nenhuma criatura e de quem nenhuma criatura tem medo, e que constitui ele mesmo a alma de todas as criaturas, deve ser conhecido como um Brahmana. Sem terem obtido pureza de coração, a qual é o resultado verdadeiro de todos os atos pios tais como caridade e sacrifícios, homens de compreensões superficiais não conseguem obter um conhecimento do que é preciso para fazer de alguém um Brahmana, mesmo quando explicado por preceptores. Desprovidos de um conhecimento de tudo isso, aqueles homens desejam frutos de uma espécie diferente, isto é, o céu e suas alegrias. Incapazes de praticar até uma pequena parte daquela boa conduta que veio dos tempos remotos, que é eterna, que é caracterizada pela certeza, que entra como um fio em todos os nossos deveres, e por adotar a qual homens de conhecimento pertencentes a todos os modos de vida convertem seus respectivos deveres e penitências em armas terríveis para destruir a ignorância e males da mundanidade, homens de compreensões superficiais consideram as ações que são produtivas de resultados visíveis, que são repletas da maior pujança, e que são imortais, como inúteis afinal e como desvios (do curso apropriado) não sancionados pelas escrituras. Em verdade, no entanto, aquela conduta, envolvendo como envolve práticas exatamente opostas daquelas que são vistas em épocas de infortúnio, é a própria essência da atenção e nunca é afetada pela luxúria e ira e outras paixões de um tipo similar. (Em resumo, o orador, nesses três versos, deseja inculcar que homens sábios, qualquer que seja seu modo de vida, cumprem seus deveres. Mas em virtude do nishkama dharma que eles seguem, eles convertem aqueles deveres e suas penitências em meios eficientes para dissipar a escuridão da ignorância. Tolos, por outro lado, incapazes de praticar aquele nishkama dharma, consideram ele e o próprio Yoga como inúteis e sem valor embora as recompensas que estes conferem sejam visíveis.) Com relação a sacrifícios também, é muito difícil apurar todos os seus detalhes. Se apurados, é muito difícil cumpri-los na prática. Se praticados, os frutos aos quais eles levam são finitos. Note bem isto. (E, notando isto, te dirija ao caminho do conhecimento).'"

"Syumarasmi disse, 'Os Vedas aprovam a ação e as desaprovam. De onde então é sua autoridade quando suas declarações contradizem dessa maneira

umas às outras? A renúncia às ações, também, é produtiva de grande benefício. Ambas são indicadas nos Vedas. Fale-me sobre este assunto, ó Brahmana!'"

"Kapila disse, 'Dirigindo-se para o caminho do bem (isto é, Yoga), percebam mesmo nesta vida seus resultados pela evidência direta de seus sentidos. Quais, no entanto, são os resultados visíveis daqueles outros objetos que vocês (homens de ações) perseguem?'"

"Syumarasmi disse, 'Ó Brahmana, eu sou Syumarasmi por nome. Eu vim aqui para adquirir conhecimento. Desejoso de fazer bem para mim mesmo, eu comecei essa conversa em franqueza natural e não por desejo de discussão. A dúvida sombria tomou posse da minha mente. Ó ilustre, esclareça-a para mim. Tu disseste que aqueles que pegam o caminho do bem (Yoga), pelo qual Brahma é alcançado, percebem seus frutos pela evidência direta de seus sentidos. O que, de fato, é aquilo que é assim perceptível pela evidência direta dos sentidos e que é buscado por vocês mesmos? Evitando todas as ciências que têm somente a disputa como seu principal objetivo, eu estudei o Agama de modo que dominei seu verdadeiro significado. Por Agama eu entendo as declarações dos Vedas. Eu também incluo nesse termo aquelas ciências baseadas na lógica que têm por seu objetivo apresentar o sentido real dos Vedas. Sem evitar os deveres prescritos para o modo de vida específico que alguém possa levar, ele deve seguir as práticas declaradas no Agama. Tal observância das práticas prescritas no Agama coroam alguém com êxito. Pela certeza das conclusões de Agama, o sucesso ao qual o último leva pode ser citado como sendo quase realizável pela evidência direta. Como um barco que está amarrado a outro com destino a um porto diferente não pode levar seus passageiros ao porto que eles desejam alcançar, assim mesmo nós, arrastados por nossas ações devido a desejos passados, nunca podemos cruzar o rio interminável de nascimento e morte (e alcançar o céu de descanso e paz que nós possamos ter em vista). Fale para mim sobre este assunto, ó ilustre! Me ensine como um preceptor ensina um discípulo. Não pode ser encontrado entre os homens alguém que tenha renunciado completamente a todos os objetos mundanos, nem alguém que esteja perfeitamente contente consigo mesmo, nem alguém que tenha transcendido a dor, nem alguém que esteja perfeitamente livre de doenças, nem alguém que esteja absolutamente livre do desejo de agir (para seu próprio benefício), nem alguém que tenha uma aversão absoluta por companhia, nem alguém que tenha se abstido totalmente de ações de todos os tipos. Mesmo homens como vocês mesmos são vistos cederem à alegria e se entregarem à aflição como pessoas como nós. Como outras criaturas os sentidos de pessoas como vocês têm suas funções e objetos. Diga-me em que consiste então, se nós temos que investigar a questão da felicidade, a felicidade pura para todas as quatro classes de homens e todos os quatro modos de vida os quais têm, em relação às suas inclinações, a mesma base.'"

"Kapila disse, 'Quaisquer que sejam os Sastras em conformidade como os quais alguém realize as ações que ele se sinta inclinado a fazer, as ordenanças prescritas neles para regular aquelas ações nunca se tornam inúteis. Qualquer que seja também a escola de opinião segundo a qual alguém se comporte, ele com certeza alcançará o fim mais elevado somente por cumprir os deveres de

autodomínio de Yoga. O conhecimento ajuda aquele homem que o procura a atravessar (este rio interminável de vida e morte). Aquela conduta, no entanto, que homens seguem depois de se desviarem do caminho do conhecimento, os aflige (por sujeitá-los aos males de vida e morte). É evidente que vocês são possuidores de conhecimento e dissociados de todos os objetos mundanos que possam produzir aflição. Mas algum de vocês alguma vez conseguiu adquirir aquele conhecimento pelo qual tudo pode ser olhado como idêntico à única Alma Universal? (Este é aquele estado da mente no qual alguém percebe sua identidade com tudo no universo. Este é aquele conhecimento verdadeiro que traz Emancipação ou que é a própria Emancipação.) Sem uma compreensão correta das escrituras, há alguns, afeiçoados à disputa, que, por serem oprimidos por desejo e aversão, se tornam escravos do orgulho e da arrogância. Sem terem entendido corretamente o sentido das declarações escriturais, aqueles ladrões das escrituras (porque eles procuram privar as escrituras de seu verdadeiro significado), aqueles depredadores de Brahma (porque eles negam a própria existência da Divindade), influenciados por arrogância e erro, se recusam a buscar tranquilidade e praticar autodomínio. Estes homens vêem inutilidade por todos os lados, e se (por acaso), eles conseguem obter a pujança do conhecimento, eles nunca o comunicam para outros para resgatá-los. Compostos totalmente da qualidade de Tamas, eles têm somente Tamas como seu refúgio. Alguém se torna sujeito a todos os incidentes daquela natureza a qual ele absorve. Consequentemente, naquele que tem Tamas como seu refúgio, os sentimentos de inveja, luxúria, ira, orgulho, mentira, e vaidade crescem continuamente, pois as qualidades de alguém têm a natureza desse alguém como sua origem. Pensando desta maneira e vendo esses defeitos (pela ajuda de instruções recebidas de preceptores), os Yatis, que cobiçam o fim mais sublime, se dirigem para Yoga, deixando ambos, o bem e o mal.'"

"Syumarasmi disse, 'Ó Brahmana, tudo o que eu tenho dito (sobre o caráter louvável das ações e o caráter oposto da Renúncia) está estritamente de acordo com as escrituras. É, no entanto, muito verdadeiro que sem uma compreensão correta do sentido das escrituras, alguém não se sente inclinado a obedecer o que as escrituras realmente declaram. Qualquer conduta que seja consistente com equidade é consistente com as escrituras. Isso mesmo é o que o Sruti declara. Similarmente, qualquer conduta que seja inconsistente com equidade não está de acordo com as escrituras. Isto também é declarado pelo Sruti. É certo que ninguém pode fazer uma ação que é escritural por contrariar as escrituras. Não é escritural também aquilo que é contra os Vedas. O Sruti declara isto. Muitos homens, que acreditam somente naquilo que apela diretamente para seus sentidos, vêem somente este mundo (e não o que é endereçado nas escrituras para a Fé). Eles não vêem o que as escrituras declaram como sendo defeitos. Eles têm, consequentemente, como nós, que ceder à aflição. Aqueles objetos dos sentidos com os quais homens como vocês estão relacionados são os mesmos com os quais outras criaturas vivas estão relacionadas. Contudo por causa de seu conhecimento da alma e da ignorância deles sobre isto, como é vasta a diferença que existe entre vocês e eles! Todas as quatro classes de homens e todos os quatro modos de vida, embora seus deveres sejam diferentes, procuram o mesmo

fim único (isto é, a maior felicidade). Tu és possuidor de talentos e habilidades não questionados. Por determinar aquela direção específica de conduta (entre aqueles vários deveres), a qual é bem calculada para realizar o fim desejado, tu, por discursares para mim sobre o Infinito (Brahma), encheste minha alma de tranquilidade. Com relação a nós, por nossa incapacidade de compreender a Alma, nós somos desprovidos de uma compreensão correta da realidade. Nossa sabedoria está relacionada com coisas que são inferiores, e nós estamos envolvidos em densa escuridão. (A direção de conduta, no entanto, que tu indicaste para capacitar alguém para alcançar a Emancipação, é extremamente difícil de se praticar.) Somente aquele que é devotado ao Yoga, que tem cumprido todos os seus deveres, que é capaz de vagar por todos os lugares dependendo somente de seu próprio corpo, que tem trazido sua alma sob controle perfeito, que transcendeu os requisitos da ciência de moralidade e que desconsidera o mundo inteiro (e tudo pertencente a ele), pode contrariar as declarações dos Vedas com relação às ações, e dizer que há Emancipação. (Somente uma vida de Renúncia, tão difícil de seguir, pode levar à Emancipação.) Para alguém, no entanto, que vive no meio de parentes, este rumo de conduta é extremamente difícil de ser seguido. Caridade, estudo dos Vedas, sacrifícios, geração de prole, simplicidade de comportamento; quando mesmo por praticar estes ninguém consegue alcançar a Emancipação, que vergonha para aquele que procura alcançá-la, e para a própria Emancipação que é procurada! Parece que o trabalho gasto em alcançá-la é todo inútil. Alguém se torna acusável de ateísmo se ele desrespeita os Vedas por não fazer as ações que eles ordenam. Ó ilustre, eu desejo ouvir sem demora sobre aquela (Emancipação) que vem nos Vedas depois das declarações em favor das ações. Diga-me a verdade, ó Brahmana! Eu sento aos teus pés como um discípulo. Ensine-me amavelmente! Eu desejo saber tanto acerca da Emancipação quanto é sabido por ti, ó erudito!'”

270

"Kapila disse, 'Os Vedas são considerados como autoritários por todos. As pessoas nunca os desconsideram. Brahma é de dois tipos, isto é, Brahma como representado pelo som, e Brahma como Supremo (e intangível). (Os Vedas são Savda-Brahma ou Brahma como representado pelo som.) Alguém familiarizado com Brahma representado pelo som consegue alcançar o Brahma Supremo. Começando com os ritos de Garbhadhana, aquele corpo que o pai cria com a ajuda de mantras Védicos é purificado (depois do nascimento) pelos mantras Védicos. (Um homem se aproxima de sua esposa depois de realizar o rito de Garbhadhana. Naquele rito, diferentes divindades são invocadas para desenvolverem os diferentes órgãos e partes do corpo da criança a ser gerada. Assim gerado, o corpo da criança é, depois do nascimento, limpo ou purificado. Tudo isso requere a ajuda dos mantras Védicos. O que Kapila deseja ensinar é que começando com ações, o conhecimento deve finalmente ser adquirido.) Quando o corpo foi limpo pelos ritos purificatórios (realizados com a ajuda de mantras Védicos), o dono então vem a ser chamado de um Brahmana e se torna

um recipiente adequado para receber conhecimento de Brahma. Saiba que a recompensa das ações é pureza de coração a qual somente leva à Emancipação. Eu agora te falarei disso. Se pureza de coração foi obtida ou não (por meio da realização de ações), é o que pode ser sabido pela própria pessoa que a obteve. Isto nunca pode ser conhecido com a ajuda dos Vedas ou inferência. Aqueles que não nutrem expectativa, que se desfazem de todo tipo de riqueza por não armazenarem qualquer coisa para uso futuro, que não são cobiçosos, e que estão livres de todo tipo de afeição e aversão, realizam sacrifícios por causa da convicção que sua realização é um dever. Fazer doações para pessoas dignas é o fim (uso correto) de toda riqueza. Nunca afeitos em qualquer tempo a ações pecaminosas, cumpridores daqueles ritos que são prescritos nos Vedas, capazes de coroar todos os seus desejos com realização, dotados de conclusões seguras através do conhecimento puro, nunca cedendo à ira, nunca se entregando à inveja, livres de orgulho e malícia, firmes em Yoga (que é o único caminho para o verdadeiro conhecimento), de nascimento sem mancha, conduta sem mancha, e conhecimento sem mancha, dedicados ao bem de todas as criaturas; haviam antigamente muitos homens que levavam vidas familiares e totalmente dedicados aos seus próprios deveres, haviam muitos reis também com as mesmas qualificações, dedicados ao Yoga (como Janaka, etc.), e muitos Brahmanas também do mesmo caráter (como Yajnavalkya e outros. Estes e homens como eles eram indicados como pessoas dignas de doações). Eles se comportavam igualmente para com todas as criaturas e eram dotados de sinceridade perfeita. O contentamento era deles, assim como a certeza de conhecimento. Eram visíveis as recompensas de sua retidão, e eles eram puros em comportamento e coração. Eles tinham fé em Brahma em ambas as formas (isto é, Brahma como possuidor de atributos e como livre de atributos). A princípio fazendo seus corações puros, eles observavam devidamente todos os votos (excelentes). Eles eram cumpridores dos deveres de virtude mesmo em ocasiões de angústia e dificuldade, sem fracassarem em qualquer pormenor. Unindo-se eles costumavam realizar atos meritórios. Nisto eles encontravam grande felicidade. E visto que eles nunca davam um passo em falso, eles nunca tinham que realizar alguma expiação. Confiando como eles confiavam na verdadeira direção de virtude, eles se tornaram dotados de energia irresistível. Eles nunca seguiam suas próprias compreensões na questão de ganhar mérito, mas seguiam somente os ditames das escrituras para aquele fim. Consequentemente eles nunca eram culpados de fraude na questão da realização de ações de virtude. (O que se quer dizer por fraude na prática de virtude pode ser exemplificado como segue. Grãos de cevada podem ser doados ao invés de roupas por alguém que não pode obter roupas para doar. Mas alguém que doa grãos de cevada sendo perfeitamente capaz de doar roupas seria culpado de fraude.) Por cumprirem unidamente as ordenanças absolutas das escrituras sem se dirigirem alguma vez para os ritos prescritos na alternativa, eles nunca estavam sob a necessidade de realizar expiação. (As escrituras frequentemente prescrevem ordenanças alternativas. As prescrições absolutas ou reais são para os que são capazes, e as alternativas são para os que não são capazes.) Não há expiação para homens que vivem na observância das ordenanças prescritas nas escrituras. O Sruti declara que a expiação existe somente para os homens que são fracos e incapazes de seguir as prescrições

absolutas e essenciais da lei sagrada. Haviam muitos Brahmanas deste tipo antigamente, dedicados à realização de sacrifícios, de conhecimento profundo dos Vedas, possuidores de pureza e boa conduta, e dotados de renome. Eles sempre adoravam Brahma em sacrifícios, e eram livres de desejo. Possuidores de erudição eles superaram todos os vínculos da vida. Os sacrifícios desses homens, seu (conhecimento dos) Vedas, suas ações realizadas em obediência às ordenanças, seu estudo das escrituras nas horas fixadas, e os desejos que eles nutriam, livres como eles eram de luxúria e ira, observadores como eles eram de conduta e ações virtuosas apesar de todas as dificuldades, renomados como eles eram por realizarem os deveres de sua própria classe e modo de vida, purificadas como eram suas almas por sua própria natureza, caracterizados como eles eram por total sinceridade, dedicados como eles eram à tranquilidade, e cuidadosos como eles eram com suas próprias práticas, eram idênticos ao Infinito Brahma. Este mesmo é o Sruti eterno ouvido por nós. (O que se quer dizer pelos sacrifícios, etc., de tais homens sendo idênticos ao infinito Brahma é que esses homens eram idênticos a Brahma e o que quer que eles fizessem era Brahma. Eles não tinham consciência de eu, ou eles não faziam nada pelo eu. Eles eram a Alma do Universo.) As penitências de homens que eram de alma tão nobre, de homens cuja conduta e atos eram tão difíceis de observância e realização, de homens cujos desejos eram coroados com realização por causa do cumprimento rigoroso de seus deveres, se tornaram armas eficazes para a destruição de todos os desejos mundanos. Os Brahmanas dizem que aquela Boa Conduta, a qual é extraordinária, cuja origem pode ser traçada até tempos muito antigos, que é eterna e cujas características são imutáveis, que difere das práticas às quais mesmo os bons recorrem em épocas de infortúnio e representam suas ações em outras situações, que é idêntica à atenção, sobre a qual luxúria e ira e outros maus sentimentos nunca podem prevalecer, e por causa da qual não havia (uma vez) qualquer transgressão em toda a humanidade, posteriormente veio a ser distribuída em quatro subdivisões, correspondendo aos quatro modos de vida por pessoas incapazes de praticar seus deveres em detalhes exatos e totalmente. (O que é dito aqui é que a princípio havia somente um curso de deveres, chamado sadachara ou boa conduta, para todos os homens. Com o passar do tempo os homens vieram a ser incapazes de obedecer a todos os seus ditames em sua totalidade. Então tornou-se necessário dividir aqueles deveres em quatro subdivisões correspondentes aos quatro modos de vida.) Aqueles que são bons, por observarem devidamente aquela direção de Boa Conduta depois da adoção do modo de vida Sannyasa, alcançam o fim mais sublime. Aqueles também que se dirigem ao modo da floresta alcançam o mesmo fim superior (por observarem devidamente aquela conduta). Aqueles também que observam o modo de vida familiar alcançam o fim elevado (por praticarem devidamente a mesma conduta); e, por fim, aqueles que levam o modo Brahmacharya obtêm o mesmo (fim por uma devida observância da mesma conduta). Aqueles Brahmanas são vistos brilharem no firmamento como corpos luminosos derramando raios de luz benéficos por toda parte. Aquelas miríades de Brahmanas se tornaram estrelas e constelações colocadas em seus caminhos fixos. Pelo contentamento (ou Renúncia) eles todos alcançaram o Infinito como os Vedas declaram. Se tais homens têm que voltar para o mundo através dos úteros de criaturas vivas, eles

nunca são maculados por pecados que têm o resíduo não esgotado de ações anteriores como sua causa originária. De fato, alguém que tem levado a vida de um Brahmacharin e servido respeitosamente seu preceptor, que tem chegado a conclusões seguras (a respeito da alma), e que tem se dedicado ao Yoga dessa maneira, é realmente um Brahmana. Quem mais mereceria ser chamado de Brahmana? Quando somente as ações determinam quem é um Brahmana e quem não é, as ações (boas ou más) devem ser consideradas para indicar a felicidade ou miséria de uma pessoa. Em relação àqueles que, por conquistarem todas as más paixões, obtiveram pureza da coração, nós temos ouvido o eterno Sruti que por causa do Infinito ao qual eles alcançam (por contemplarem a alma universal) e do conhecimento de Brahma (que eles adquirem pelas declarações dos Srutis), eles vêem tudo como Brahma. Os deveres (de tranquilidade, autodomínio, abstenção de ações, renúncia, devoção, e a abstração do Samadhi), seguidos por aqueles homens de corações puros, que estão livres de desejo, e que têm somente a Emancipação como seu objetivo, para a aquisição do conhecimento de Brahma, são igualmente prescritos para todas as quatro classes de homens e todos os quatro modos de vida. (Há quatro estados de consciência: vigília, sonho, sono sem sonhos (sushupti), e Turiya, o qual é alcançado por Samadhi (abstração de meditação-Yoga), e no qual Brahma se torna realizável. O que é dito aqui é que os deveres (dharmah), relativos ao Chaturthopanishat ou, o Conhecimento de Paramatman, são comuns para todas as quatro classes de homens e modos de vida. Aqueles deveres, naturalmente, são sama, dama, uparama, titiksha, sraddha, samadhi.) Em verdade, aquele conhecimento é sempre adquirido por Brahmanas de corações puros e alma controlada. (Pela ajuda daqueles deveres estes Brahmanas conseguem obter ou alcançar aquele Turiya ou consciência de Brahma.) Alguém cuja alma é para a Renúncia baseada no contentamento é considerado como o refúgio do verdadeiro conhecimento. A Renúncia, na qual está aquele conhecimento que leva à Emancipação, e que é altamente necessária para um Brahmana, é eterna (e desce de preceptor para pupilo eternamente). A Renúncia às vezes existe misturada com os deveres de outros modos. Mas existindo naquele estado ou por si mesma, alguém a pratica de acordo com a medida de sua força (que depende do grau de ausência de desejos mundanos). A Renúncia é a causa de benefício supremo para todo tipo de pessoa. Somente aquele que é fraco falha em praticá-la. Aquele homem de coração puro que procura alcançar Brahma vem a ser resgatado do mundo (com sua miséria).'"

"Syumarasmi disse, 'Entre aqueles que são dados ao desfrute (de posses), aqueles que fazem doações, aqueles que realizam sacrifícios, aqueles que se dedicam ao estudo dos Vedas, e aqueles que se dirigem para uma vida de Renúncia depois de terem adquirido e desfrutado de riqueza e todos os seus prazeres, quando eles partem deste mundo, quem é que alcança o lugar mais importante no céu? Eu te pergunto isto, ó Brahmana! Diga-me isto realmente.'"

"Kapila disse, 'Aqueles que levam uma vida familiar são certamente auspiciosos e obtêm excelência de todo tipo. Eles não podem, no entanto, desfrutar da felicidade que se vincula à Renúncia. Tu mesmo podes ver isso.'" (O comentador explica que o objetivo deste verso é mostrar que mesmo se houver igualdade em

relação ao fim que é alcançado na próxima vida, há mais de felicidade real em uma vida de Renúncia do que em uma vida de desfrute.)

"Syumarasmi disse, 'Vocês dependem do conhecimento como o meio (para alcançar a Emancipação). Aqueles que levam vidas familiares colocaram sua fé nas ações. No entanto, é dito que o fim de todos os modos de vida é a Emancipação. Nenhuma diferença, portanto, é observável entre eles em relação à sua superioridade ou inferioridade de pujança. Ó ilustre, diga-me então como fica a questão realmente.'"

"Kapila disse, 'Atos somente limpam o corpo. O conhecimento, no entanto, é o fim mais alto (pelo qual alguém se esforça, pois pelo conhecimento a Emancipação é obtida). Quando todas as imperfeições do coração são curadas (pelas ações), e quando a felicidade de Brahma se torna estabelecida em conhecimento, benevolência, clemência, tranquilidade, compaixão, veracidade, e franqueza, abstenção de ferir, ausência de orgulho, modéstia, renúncia, e abstenção de trabalho são obtidos. Estes constituem o caminho que leva a Brahma. Por eles alguém alcança aquele que é O Mais Sublime. Que a cura de todas as imperfeições do coração é o resultado de ações se torna inteligível para o homem sábio quando estes são obtidos. Isso, de fato, é considerado como o maior fim que é alcançado por Brahmanas dotados de sabedoria, afastados de todas as ações, possuidores de pureza e da certeza de conhecimento. Alguém que consegue adquirir um conhecimento dos Vedas, daquilo que é ensinado pelos Vedas (isto é, Brahma como representado em ações), e as minúcias das ações, é citado como estando familiarizado com os Vedas. Qualquer outro homem é somente um saco de vento (pois ele respira ou vive em vão). Alguém que conhece os Vedas conhece tudo, pois tudo está estabelecido nos Vedas. Realmente, o presente, passado, e futuro, todos existem nos Vedas. Esta única conclusão é dedutível de todas as escrituras, isto é, que esse universo existe e não existe. Para o homem de conhecimento isso (tudo o que é percebido) é ambos: sat e asat. Para ele, isso tudo é o fim e o meio. (Enquanto aqueles que são ignorantes consideram o universo como existente e durável como diamante, o homem de conhecimento o considera como realmente não existente embora ele desenvolva a aparência de existência.) Esta verdade se baseia em todos os Vedas, isto é, que quando ocorre a Renúncia completa alguém obtém o que é suficiente. Então também o maior contentamento se segue e se baseia na Emancipação, a qual é absoluta, que existe como a alma de todas as coisas mortais e imortais, que é bem conhecida como alma universal, que é o mais elevado objeto de conhecimento como sendo idêntica a todas as coisas móveis e imóveis, que é completa, que é a perfeita bem-aventurança, que não tem dualidade, que é a principal de todas as coisas, que é Brahma, que é Imanifesta e também a causa de onde o Imanifesto tem surgido, e que é sem deterioração de qualquer tipo. (Na completa abstração de Yoga, isto é, Samadhi, está Brahma. Isso todos os Vedas ensinam. Na Emancipação além disso há a felicidade Suprema de Brahma.) Habilidade de subjugar os sentidos, perdão, e abstenção de trabalho por consequência da ausência de desejo, estes três são as causas da felicidade perfeita. Com a ajuda destas três qualidades, homens que têm a compreensão

como seus olhos conseguem alcançar aquele Brahma que é incriado, que é a causa primordial do universo, que é imutável e que está além da destruição. Eu reverencio aquele Brahma, que é idêntico àquele que o conhece.'"

271

"Yudhishthira disse, 'Os Vedas, ó Bharata, falam de Religião, Lucro, e Prazer. Diga-me, no entanto, ó avô, a obtenção de qual (entre estes três) é considerada como superior.'"

"Bhishma disse, 'Eu irei, em relação a isto, contar para ti a antiga narrativa sobre a bênção que Kundadhara antigamente concedeu para alguém que era devotado a ele. Uma vez um Brahmana desprovido de riquezas procurou adquirir virtude, induzido pelo desejo de resultado. Ele colocou continuamente seu coração na riqueza para empregá-la na celebração de sacrifícios. Para realizar seu propósito se dirigiu à prática das penitências mais austeras. Decidido a realizar seu propósito, ele começou a cultuar as divindades com grande devoção. Mas ele fracassou em obter riqueza por tal culto das divindades. Ele então começou a refletir, dizendo para si mesmo, 'Qual é aquela divindade, até agora não adorada por homens, que possa estar favoravelmente disposta para comigo sem demora?' Enquanto refletia dessa maneira com uma mente calma, ele viu posicionado diante dele aquele servente das divindades, isto é, a Nuvem chamada Kundadhara. Logo que ele viu aquele ser poderosamente armado, os sentimentos de devoção do Brahmana foram excitados, e ele disse para si mesmo, 'Este certamente me concederá prosperidade. De fato, sua forma indica isso. Ele vive em próximo às divindades. Ele até agora não tem sido adorado por outros homens. Ele em verdade me dará riqueza abundante sem qualquer demora.' O Brahmana, então, tendo deduzido dessa maneira, adorou aquela Nuvem com dhupas e perfumes e guirlandas de flores da espécie mais superior, e com diversos tipos de oferendas. Assim adorada, a Nuvem logo ficou satisfeita com seu devoto e proferiu estas palavras repletas de benefícios para aquele Brahmana, 'Os sábios têm ordenado expiação para alguém culpado de Brahmanicídio, ou de beber álcool ou de roubar, ou de negligenciar todos os votos meritórios. Não há expiação, no entanto, para alguém que é ingrato. A Expectativa tem uma filha chamada Iniquidade. A Ira, também, é considerada como uma filha da Inveja. A Cobiça é a filha da Falsidade. A Ingratidão, no entanto, é estéril (e não tem prole).' Depois disso, aquele Brahmana, esticado em uma cama de erva Kusa, e impregnado pela energia de Kundadhara, viu todos os seres vivos em um sonho. De fato, por sua ausência de paixão, penitências, e devoção, aquele Brahmana de alma purificada, permanecendo afastado de todos os prazeres (carnais), viu à noite aquele efeito de sua devoção à Kundadhara. De fato, ó Yudhishthira, ele viu Manibhadra de grande alma de grande refulgência posicionado no meio das divindades, empenhado em dar suas ordens. Lá os deuses pareciam estar ocupados em conceder reinos e riquezas para os homens, induzidos por seus bons feitos, e em tirá-los quando os homens se afastavam da bondade. Então, ó touro da raça Bharata, Kundadhara de grande esplendor,

curvando-se, prostrou-se no chão perante os deuses na presença de todos os Yakshas. Por ordem dos deuses Manibhadra de grande alma se dirigiu ao prostrado Kundadhara e disse, 'O que Kundadhara quer?' Após o que Kundadhara respondeu, 'Se, de fato, os deuses estão satisfeitos comigo, lá, aquele Brahmana me reverencia imensamente. Eu rogo para que algum favor seja concedido a ele, alguma coisa que possa trazer felicidade a ele.' Ouvindo isso, Manibhadra, ordenado pelos deuses, mais uma vez disse para Kundadhara de grande inteligência estas palavras, 'Levante-se, levante-se, ó Kundadhara! Tua petição foi bem sucedida. Sejas feliz. Se este Brahmana está desejoso de riqueza, que riqueza seja dada a ele, isto é, tanta riqueza quanto este teu amigo deseja. Por ordem dos deuses eu darei a ele riqueza incalculável.' Kundadhara, então, refletindo sobre caráter fugaz e irreal da posição de humanidade, colocou seu coração, ó Yudhishthira, em inclinar o Brahmana para penitências. De fato, Kundadhara disse, 'Ó doador de riquezas, eu não peço por riqueza em nome deste Brahmana. Eu desejo a concessão de outro favor a ele. Eu não solicito para este meu devoto montanhas de pérolas e pedras preciosas ou mesmo a terra inteira com todas as suas riquezas. Eu desejo, no entanto, que ele seja virtuoso. Que seu coração encontre prazer na virtude. Que ele tenha a virtude como seu apoio. Que a virtude seja o principal de todos os objetivos para ele. Este mesmo é o favor que encontra com a minha aprovação.' Manibhadra disse, 'Os frutos da virtude são sempre soberania e felicidade de diversos tipos. Que ele desfrute daqueles resultados, sempre livre de dor física de todo tipo.'"

"Bhishma continuou, 'Assim endereçado, Kundadhara, no entanto, de grande celebridade, repetidamente solicitou somente a virtude para aquele Brahmana. Os deuses ficaram muito satisfeitos com isso. Então Manibhadra disse, 'Os deuses estão todos satisfeitos contigo como também com este Brahmana. Ele se tornará uma pessoa de alma virtuosa. Ele dedicará sua mente à virtude.' A Nuvem, Kundadhara, ficou encantado, ó Yudhishthira, por ter sido assim bem sucedido em obter seu desejo. A bênção que ele obteve era uma que era inalcançável por alguém mais. O Brahmana então viu espalhados ao redor dele muitos tecidos de roupa delicados. Sem prestar atenção a eles absolutamente (embora tão caros), o Brahmana veio a sentir aversão pelo mundo.'"

"O Brahmana disse, 'Quando este não põe qualquer valor sobre bons feitos, quem mais o fará? Eu faria melhor indo para as florestas para levar uma vida de virtude.'" (O Brahmana evidentemente se refere à indiferença de Kundadhara em direção a ele. Ele pensou que Kundadhara iria, em retorno por suas adorações, conceder riqueza a ele. Desapontado nisto, ele diz, 'Quando Kundadhara não se importa com minhas adorações, quem mais se importará? Eu farei melhor, portanto, em desistir de todo o desejo por riqueza e me retirar para as florestas.' A passagem, no entanto, parece ser inconsistente com a indiferença do Brahmana aos tecidos finos em volta dele.)

"Bhishma continuou, 'Nutrindo uma repugnância pelo mundo, e através também da graça dos deuses, aquele principal dos Brahmanas entrou nas florestas e começou a passar pelas mais austeras das penitências. Subsistindo das frutas e raízes que restavam depois de servir as divindades e convidados, a mente

daquela pessoa regenerada, ó monarca, estava estabelecida firmemente na virtude. Gradualmente, o Brahmana, renunciando às frutas e raízes, se dirigiu às folhas de árvores como seu alimento. Então, renunciando às folhas, ele tomou somente água como sua subsistência. Depois disso ele passou muitos anos por subsistir só do ar. Todo o tempo, a força dele não diminuiu. Isso parecia muito extraordinário. Devotado à virtude e dedicado à prática das austeridades mais rígidas, depois de muito tempo ele adquiriu visão espiritual. Ele então refletiu, dizendo para si mesmo, 'Se, estando satisfeito com alguém, eu lhe der riqueza, as minhas palavras nunca serão falsas.' (Pois as pessoas que conseguiam sucesso ascético proferiam um desejo e ele era imediatamente realizado.) Com o rosto iluminado por sorrisos, ele novamente começou a praticar austeridades mais severas. E, mais uma vez, tendo ganhado sucesso (superior), ele pensou que ele poderia, por um decreto da vontade, então criar os maiores objetos. 'Se, satisfeito com alguma pessoa eu lhe der até soberania, ele imediatamente se tornará um rei, pois minhas palavras nunca serão falsas.' Enquanto ele estava pensando dessa maneira, Kundadhara, induzido por sua amizade pelo Brahmana e não menos pelo sucesso ascético que o Brahmana tinha alcançado, se mostrou, ó Bharata (para seu amigo e devoto). Encontrando com ele o Brahmana lhe ofereceu culto segundo as observâncias ordenadas. O Brahmana, no entanto, sentiu alguma surpresa, ó rei. Então Kundadhara se dirigiu ao Brahmana, dizendo, 'Tu agora conseguiste uma visão excelente e espiritual. Contemple com essa tua visão o fim que é alcançado por reis, e examine todos os mundos além disso.' O Brahmana então, com sua visão espiritual, contemplou de uma distância milhares de reis caídos no inferno.'"

"Kundadhara disse, 'Se depois de ter me adorado com devoção tu obtivesses tristeza como tua parte, qual então teria sido o bem feito a ti por mim, e qual o valor do meu favor? Olhe, procure qual é o fim dos homens que desejam a satisfação dos prazeres carnais. A porta do céu está fechada para tais homens.'"

"Bhishma continuou, 'O Brahmana então viu muitos homens vivendo neste mundo, abraçando a luxúria, e ira, e cobiça, e medo, e orgulho, e sono e procrastinação, e inatividade.'"

"Kundadhara disse, 'Com esses (vícios) todos os seres humanos são acorrentados. Os deuses temem os homens. Esses vícios, por ordem dos deuses, arruínam e perturbam por toda parte. Nenhum homem pode se tornar virtuoso a menos que permitido pelos deuses. (Pela permissão deles) tu te tornaste competente para doar reinos e riquezas através das tuas penitências.'"

"Bhishma continuou, 'Assim endereçado, o Brahmana de alma justa, curvando sua cabeça para aquela Nuvem, se prostrou no chão e disse, 'Tu, de fato, me fizeste um grande favor. Inconsciente da grande afeição mostrada por ti em direção a mim, eu, pela influência do desejo e da cobiça, falhei em mostrar boa vontade em direção a ti.' Então Kundadhara disse para aquela principal das pessoas regeneradas, 'Eu te perdoei,' e, tendo-o abraçado com seus braços desapareceu imediatamente. O Brahmana então vagou por todos os mundos, tendo obtido sucesso ascético pela graça de Kundadhara. Pela pujança obtida de

virtude e penitências, alguém adquire competência para viajar através dos céus e para frutificar todos os seus desejos e propósitos, e finalmente alcançar o fim mais sublime. Os deuses e Brahmanas e Yakshas e todos os bons homens e Charanas sempre adoram aqueles que são virtuosos, mas nunca aqueles que são ricos ou entregues à indulgência de seus desejos. Os deuses são realmente propícios para ti já que tua mente é dedicada à virtude. Na riqueza pode haver muito pouca felicidade, mas na virtude a medida de felicidade é muito grande.'"

272

"Yudhishthira disse, 'Entre os diversos tipos de sacrifícios, todos os quais, naturalmente, são considerados como tendo somente um objetivo (isto é, a limpeza do coração ou a glória de Deus), diga-me, ó avô, qual é o sacrifício que é ordenado somente por causa da virtude e não para a obtenção de céu ou riqueza!'"

"Bhishma disse, 'Em relação a isto eu relatarei para ti a história antigamente recitada por Narada, de um Brahmana que para realizar sacrifícios vivia de acordo com o modo unchha.'"

"Narada disse, 'Em um dos principais dos reinos que eram famosos também por virtude, vivia um Brahmana. Dedicado a penitências e vivendo em conformidade com o modo unchha, aquele Brahmana estava seriamente dedicado a adorar Vishnu em sacrifícios. (Alguém que subsiste de grãos de cereais colhidos dos campos depois que os ceifeiros os abandonaram é chamado de uma pessoa levando o modo de vida unchha.) Ele tinha Syamaka, (uma variedade de arroz chamada Panicum frumentaceum), como seu alimento, como também Suryaparni e Suvarchala e outras espécies de ervas cozidas em conserva que eram amargas e desagradáveis para o paladar. Por causa, no entanto, de suas penitências, todos esses tinham gosto doce. Abstendo-se de ferir alguma criatura, e levando a vida de um asceta na floresta, ele obteve sucesso ascético. Com raízes e frutas, ó opressor de inimigos, ele costumava adorar Vishnu em sacrifícios que eram planejados para conceder o céu para ele. (Isto é, ele nunca matava animais vivos para oferecê-los em sacrifícios por causa de sua incapacidade de obtê-los. Ele, portanto, colocava produtos vegetais no lugar daqueles animais. Seus sacrifícios, planejados para levá-lo para o céu, eram realmente cruéis em intenção.) O Brahmana, cujo nome era Satya, tinha uma esposa chamada Pushkaradharini. Ela era de mente pura, e tinha emaciado a si mesma pela observância de muitos votos austeros. (Ela mesma sendo de uma disposição bondosa, e seu marido sendo assim dedicado a sacrifícios que eram cruéis), ela não aprovava a conduta dele. Convocada, no entanto, para tomar seu assento ao lado dele como sua cônjuge (para a realização de um sacrifício), ela teve medo de incorrer em sua maldição e, portanto, se conformou com sua conduta. As peças de roupa que envolviam o corpo dela consistiam de plumas de pavões (rejeitadas). Embora relutante, ela ainda assim realizou aquele sacrifício por ordem de seu marido que tinha se tornado seu Hotri. Naquela floresta, perto do retiro do Brahmana vivia um

vizinho dele, isto é, o virtuoso Parnada da linhagem de Sukra, tendo assumido a forma de um veado. Ele se dirigiu àquele Brahmana, cujo nome era Satya, em palavras articuladas e disse a ele estas palavras, 'Tu agirias muito impropriamente se esse teu sacrifício fosse realizado de maneira a ser defeituoso em mantras e outros detalhes do ritual. Eu, portanto, te peço para me matar e me cortar em pedaços para fazer as libações com eles sobre o fogo sacrifical. Faça isso e tornando-te irrepreensível ascenda para o céu.' Então a deusa que preside o disco solar, isto é, Savitri, chegou àquele sacrifício em sua própria forma incorporada e insistiu para aquele Brahmana fazer o que ele desejava fazer por meio daquele veado. Para aquela deusa, no entanto, que insistiu daquela maneira, o Brahmana respondeu, dizendo, 'Eu não matarei este veado que vive comigo nessa mesma vizinhança.' Assim endereçada pelo Brahmana, a deusa Savitri desistiu e entrou no fogo sacrifical pelo desejo de inspecionar o mundo inferior, e desejando evitar a visão dos (outros) defeitos naquele sacrifício. O veado, então, com mãos unidas, mais uma vez pediu para Satya (para ser cortado em pedaços e despejado no fogo sacrifical). Satya, no entanto, o abraçou em amizade e o dispensou, dizendo, 'Vá!' Nisto, o veado pareceu deixar aquele local. Mas depois que ele tinha dado oito passos ele voltou, e disse, 'Realmente, me mate. Verdadeiramente eu digo, morto por ti eu estou certo de alcançar um fim virtuoso. Eu te dou visão (espiritual). Veja as Apsaras celestes e os veículos belos dos Gandharvas de grande alma.' Contemplando (aquela visão) por um espaço de tempo prolongado, com olhos desejosos, e vendo o veado (desejoso de sacrifício), e pensando que residência no céu é alcançável somente pela matança, ele aprovou (os conselhos que o veado tinha dado). Era o próprio Dharma que tinha se tornado um veado que vivia naquelas florestas por muitos anos; (Dharma primeiro se tornou o Rishi Parnada e então, como Parnada, foi metamorfoseado em um veado). (Vendo o Brahmana tentado pela probabilidade que ele via), Dharma tomou providências para sua salvação e o aconselhou, dizendo, 'Isto, (a matança de criaturas vivas) não está de acordo com as ordenanças sobre Sacrifícios.' As penitências, que tinham sido de medida muito grande, daquele Brahmana cuja mente tinha nutrido o desejo de matar o veado, diminuíram imensamente por causa daquele pensamento. Ferir criaturas vivas, portanto, não faz parte do sacrifício. Então o próprio ilustre Dharma (tendo assumido sua forma real), ajudou aquele Brahmana, por cumprir o ofício sacerdotal, a realizar um sacrifício. O Brahmana, depois disso, por suas penitências (renovadas), alcançou aquele estado de espírito o qual era de sua esposa. Abstenção de ferir é aquela religião que é completa em relação às suas recompensas. A religião, no entanto, da crueldade é somente benéfica até o ponto em que ela leva para o céu (o qual tem um término). Eu te falei daquela religião da Verdade que, de fato, é a religião daqueles que são proferidores de Brahma.'"

273

"Yudhishthira disse, 'Por quais meios um homem se torna pecaminoso, por quais ele obtém virtude, por quais ele alcança a Renúncia, e por quais ele ganha Emancipação?'"

"Bhishma disse, 'Tu conheces todos os deveres. Essa pergunta que tu fizeste é somente para a confirmação das tuas conclusões. Escute agora a Emancipação, e Renúncia, e Pecado, e Virtude até suas próprias origens. Percebendo qualquer um dos cinco objetos (isto é, forma, gosto, cheiro, som, e toque), o desejo corre atrás disso a princípio. De fato, obtendo-os dentro do campo de ação dos sentidos, ó chefe da linhagem de Bharata, o desejo ou a aversão surge. Alguém, então, por causa daquele objeto, (ou seja, para a aquisição do que agrada e para evitar o que desagrada), se esforça e inicia ações que envolvem muito trabalho. Alguém se esforça o melhor que pode para desfrutar repetidamente daquelas formas e perfumes (e os três outros objetos dos três sentidos restantes) que parecem muito agradáveis. Gradualmente, atração, e aversão, e cobiça, e os erros de julgamento surgem. A mente de alguém oprimido pela cobiça e erro e afetado por atração e aversão nunca está dirigida para a virtude. Ele então começa com hipocrisia a fazer ações que são boas. De fato, com hipocrisia ele então procura adquirir virtude, e com hipocrisia ele gosta de adquirir riqueza. Quando alguém consegue, ó filho da linhagem de Kuru, ganhar riqueza com hipocrisia, ele coloca totalmente seu coração em tal aquisição. É então que ele começa a fazer ações que são pecaminosas, apesar das admoestações de benquerentes e dos sábios, para todos os quais ele dá respostas plausivelmente consistentes com a razão e obedientes às injunções das escrituras. Nascidos de atração e erro, seus pecados, de três tipos, aumentam rapidamente, pois ele pensa pecaminosamente, fala pecaminosamente, e age pecaminosamente. Quando ele regularmente começa no caminho do pecado, aqueles que são bons notam sua maldade. Aqueles, no entanto, que são de uma disposição similar àquela do homem pecaminoso, estabelecem amizade com ele. Ele não consegue ganhar felicidade nem aqui. Por qual motivo então ele conseguiria ganhar felicidade após a morte? É dessa maneira que alguém se torna pecaminoso. Escute agora a mim enquanto eu te falo de alguém que é justo. Tal homem, visto que ele procura o bem de outros, consegue ganhar bem para si mesmo. Por praticar deveres que estão repletos com o bem de outras pessoas, ele finalmente alcança um fim altamente agradável. Aquele que, ajudado por sua sabedoria, consegue ver de antemão as falhas acima advertidas, que é hábil em julgar o que é felicidade e o que é tristeza e como cada um é ocasionado, e que serve com reverência aqueles que são bons, faz progresso em conquistar virtude, por causa de seus hábitos e tal companhia dos bons. A mente de tal pessoa tem prazer na virtude, e ele vive, fazendo da virtude seu suporte. Se ele coloca seu coração na aquisição de riqueza, ele deseja somente tal riqueza que possa ser adquirida de maneiras justas. De fato, ele rega as raízes somente daquelas coisas nas quais ele vê mérito. Dessa maneira, alguém se torna justo e adquire amigos que são bons. Por sua aquisição de amigos, de riqueza, e de filhos, ele se diverte em felicidade aqui e após a morte. O domínio (em relação ao desfrute) que uma criatura viva obtém sobre som, toque, gosto, forma, e cheiro, ó Bharata, representa o resultado da virtude. (Este é o domínio ou pujança que é trazido por Yoga, de modo que a pessoa consegue, por decretos da vontade, criar tudo o que ela deseja.) Lembre disso. Tendo obtido o fruto da virtude, ó Yudhishthira, tal homem não se entrega à alegria. Sem estar satisfeito com tais resultados (visíveis) da virtude, ele se dirige à Renúncia, levado em frente pela visão do conhecimento. Quando, tendo obtido a visão do

conhecimento, ele pára de ter prazer na satisfação do desejo, no gosto e no aroma, quando ele não permite que sua mente corra em direção ao som, toque e forma, é então que ele consegue se livrar do desejo. Ele, no entanto, mesmo então não rejeita a virtude ou as ações justas. Vendo então que todos os mundos estão sujeitos à destruição, ele se esforça para rejeitar a virtude (com suas recompensas na forma de céu e sua felicidade) e se esforça para alcançar a Emancipação pelos meios (bem conhecidos. Isto é, pela prática dos deveres sem desejo de resultado, pois somente tal rumo de conduta pode levar à Emancipação). Abandonando gradualmente todas as ações pecaminosas ele se dirige à Renúncia, e se tornando de alma justa consegue finalmente alcançar a Emancipação. Eu agora te falei, ó filho, daquilo acerca do qual tu me perguntaste, ou seja, os assuntos de Pecado, Virtude, Renúncia, e Emancipação, ó Bharata! Tu deves, portanto, ó Yudhishthira, aderir à virtude em todas as situações. Eterno é o sucesso, ó filho de Kunti, de ti que aderes à justiça.'"

274

"Yudhishthira disse, 'Tu disseste, ó avô, que a Emancipação é para ser ganha por meios e não de outra maneira. Eu desejo saber devidamente quais são aqueles meios.'"

"Bhishma disse, 'Ó tu de grande sabedoria, essa pergunta que tu endereçaste a mim e que está relacionada com um assunto sutil, é realmente digna de ti, já que tu, ó impecável, sempre procuras realizar todos os teus objetivos pela aplicação de meios. Aquele estado de espírito que está presente quando alguém se põe a fazer um jarro de barro para seu uso, desaparece depois que o jarro está terminado. Da mesma maneira, aquela causa que incita as pessoas que consideram a virtude como a base do avanço e da prosperidade cessa de operar com aquelas que procuram alcançar a Emancipação. (O que é dito nesse verso é isto: quando um homem quer um jarro de barro, ele trabalha para criar um. Quando ele obteve um, ele não mais se encontra no mesmo estado de espírito, sua necessidade tendo sido satisfeita. Similarmente, com homens desejosos de céu e prosperidade mundana como a recompensa da virtude, o meio é Pravritti ou ações. Este ou estes cessam de operar com aqueles que tendo adquirido tal virtude se dirigem para a realização da Emancipação, pois com eles a religião de Nivritti é tudo em tudo.) Aquele caminho que leva ao Oceano Oriental não é o caminho pelo qual alguém pode ir para o Oceano Ocidental. Há um único caminho que leva à Emancipação. (Este não é idêntico a qualquer um daqueles que levam a algum outro objeto de aquisição.) Ouça-me enquanto eu te falo sobre isso em detalhes. Alguém deve, por praticar o perdão, exterminar a ira, e por abandonar todos os propósitos, extirpar o desejo. Por praticar a qualidade de Sattwa (isto é, por abandonar todos os tipos de preguiça), uma pessoa deve conquistar o sono. Pela atenção deve-se afastar o medo, e pela contemplação da Alma deve-se conquistar a respiração. (Isto é, por meditação-Yoga uma pessoa deve regular e finalmente suspender sua respiração. O Yogin pode suspender todas as funções físicas e ainda viver de era em era.) Desejo, aversão, e luxúria devem ser

dissipados por paciência; erro, ignorância, e dúvida, pelo estudo da verdade. Pela busca do conhecimento deve-se evitar despreocupação e indagação sobre coisas de nenhum interesse. Por alimentação frugal e facilmente digerível deve-se afastar todas as desordens e doenças. Pelo contentamento deve-se dissipar cobiça e estupor de raciocínio, e todos os assuntos mundanos devem ser evitados por um conhecimento da verdade. (A verdade é que o mundo é irreal e não tem fim.) Por praticar benevolência alguém deve vencer a iniquidade, e por respeito por todas as criaturas deve-se adquirir virtude. Deve-se evitar expectativa pela reflexão que está relacionada com o futuro; e deve-se rejeitar riqueza por abandonar o próprio desejo. O homem de inteligência deve abandonar afeição por lembrar que tudo (aqui) é transitório. Ele deve subjugar a fome por praticar Yoga. Por praticar benevolência deve-se afastar todas as idéias de presunção, e rechaçar todos os tipos de desejo por adotar o contentamento. Pelo esforço deve-se subjugar a procrastinação, e pela certeza todas as espécies de dúvidas, pela taciturnidade, a loquacidade, e pela coragem, todo tipo de temor. (A fome é para ser subjugada por Yoga, isto é, por regular o vento dentro do corpo. A dúvida é para ser dissipada pela certeza; isto implica que conhecimento indubitável deve ser buscado para rechaçar a dúvida. 'Temor', nesse verso, significa a fonte de temor, ou o mundo. Este é para ser conquistado pela conquista dos seis, isto é, desejo, ira, cobiça, erro, orgulho, e inveja.) A fala e a mente devem ser subjugadas pela Compreensão, e a Compreensão, por sua vez, deve ser mantida sob controle pela visão do conhecimento. O conhecimento, também, é para ser controlado por familiaridade com a Alma, e finalmente a Alma é para ser controlada pela Alma. (O que é declarado aqui é o mesmo curso de treinamento que é indicado por Yoga. Primeiro, os sentidos devem ser fundidos na mente, então a mente deve ser fundida na Compreensão, então a Compreensão deve ser imersa na Alma ou aquilo que é conhecido como o Ego. Este Ego é para ser imerso finalmente na Alma Suprema. Quando o Ego é compreendido, ele vem a ser considerado como Brahma.) Esta última é alcançável por aqueles que são de ações puras e dotados de tranquilidade de alma, (esta tranquilidade é a purificação da alma por expulsar todas as emoções e desejos), os meios sendo a subjugação daqueles cinco impedimentos de Yoga dos quais os eruditos falam. Por rejeitar desejo e ira e cobiça e medo e sono, uma pessoa deve, reprimindo a fala, praticar o que é favorável ao Yoga, isto é, contemplação, estudo, caridade, verdade, modéstia, franqueza, perdão, pureza de coração, pureza em relação à alimentação, e a subjugação dos sentidos. Por estes a energia de alguém é aumentada, pecados são dissipados, desejos coroados com realização, e conhecimento (de diversos tipos) obtido. Quando alguém se torna purificado de seus pecados e possuidor energia e de alimentação frugal e o mestre de seus sentidos, ele então, tendo conquistado desejo e ira, procura alcançar Brahma. A evitação da ignorância (por escutar e estudar as escrituras), a ausência de atrações (pela Renúncia) e liberdade de desejo e cólera (pela adoção de contentamento e perdão), o poder que é ganho por meio de Yoga, a ausência de orgulho e arrogância, liberdade de ansiedade (pela subjugação de todo tipo de medo), ausência de apego a qualquer coisa como casa e família, estes constituem o caminho da Emancipação. Esse caminho é encantador, imaculado, e puro. Similarmente, o controle da fala, do

corpo, e da mente (niyamah), quando praticado pela ausência de desejo (isto é, sem desejar yoga-siddhi), constituem também o caminho da Emancipação.'"

275

"Bhishma disse, 'Em relação a isto é citada a velha narrativa da conversa que ocorreu entre Narada e Asita-Devala. Uma vez Narada, vendo aquele principal dos homens inteligentes, Devala de idade venerável, sentado tranquilamente, questionou-o acerca da origem e da destruição de todas as criaturas.'"

"Narada disse, 'De onde, ó Brahmana, este universo, consistindo em objetos móveis e imóveis, foi criado? Quando também vem a destruição universal, em quem ele imerge? Que tua pessoa erudita fale para mim sobre isso.'"

"Asita disse, 'Aqueles dos quais a Alma Suprema, quando chega a hora, movida pelo desejo de existência em formas múltiplas, cria todas as criaturas, são citados por pessoas conhecedoras dos objetos como sendo as cinco grandes essências. (Depois disso) o Tempo, impelido pela Compreensão cria outros objetos daquelas (cinco essências primordiais). (Kala aqui é, talvez, a encarnação da idéia abstrata da vida de criaturas vivas. Impelido pela Compreensão, Kala ou vida se dirige para a criação de outras criaturas. Estas últimas também são igualmente o resultado das mesmas cinco essências primordiais.) Aquele que diz que há algo mais além destes (isto é, as cinco essências primordiais, Kala, e a Compreensão), diz o que não é verdade. Saiba, ó Narada, que estes cinco são eternos, indestrutíveis, e sem início e sem fim. Com Kala como seu sexto, estas cinco essências primordiais são naturalmente possuidoras de energia poderosa. Água, Espaço, Terra, Vento, e Calor, estes são aquelas cinco essências. Sem dúvida, não há nada maior ou superior a estes (a respeito de pujança ou energia). A existência de nada mais (além dos cinco) pode ser afirmada por qualquer um de acordo com as conclusões deriváveis dos Srutis ou argumentos retirados da razão. Se alguém afirmasse a existência de qualquer coisa mais, então sua afirmação em verdade seria ineficiente ou inútil. Saiba que estes seis entram na produção de todos os efeitos. Aquilo do qual é tudo isso (que tu percebes) é chamado de Asat. (O sentido da última oração é que tudo isso é o efeito daquelas essências primordiais. Tudo isso, portanto, é daquelas essências. As últimas estão incluídas na palavra asat, ou irreal, como distinguido de sat ou real ou substancial. A alma é sat, e tudo mais é asat.) Estes cinco, e Kala (ou Jiva), as potências de ações passadas, e a ignorância; essas oito essências eternas são as causas do nascimento e da destruição de todas as criaturas. (Nos capítulos anteriores foi explicado como quando o Chit, o qual tem conhecimento puro como seu atributo, vem a ser envolvido com Ignorância, ele começa a atrair as essências primordiais em direção a si mesmo em consequência das potências de atos passados e toma nascimento em várias formas. (A idéia de atos passados é devido aos infinitos ciclos de criação e destruição, a exata primeira criação sendo inconcebível.) As causas da criação são, portanto, as cinco essências primordiais, Jiva (ou chit), as potências de atos passados, e Ignorância.) Quando as criaturas são destruídas é

dentro destes que elas entram; e quando elas tomam nascimento, é novamente destas que elas o fazem. De fato, depois da destruição, uma criatura se desintegra naquelas cinco essências primordiais. Seu corpo é feito de terra; seu ouvido tem sua origem no espaço; seus olhos têm a luz como sua causa; sua vida (movimento) é do vento, e seu sangue é da água, sem dúvida. Os dois olhos, o nariz, os dois ouvidos, a pele, e a língua (constituindo o quinto), são os sentidos. Estes, os eruditos sabem, existem para a percepção de seus respectivos objetos. Ver, ouvir, cheirar, tocar e provar são as funções dos sentidos. Os cinco sentidos estão relacionados com cinco objetos de cinco maneiras. Conheça, pela inferência da razão, sua semelhança de atributos. (O olho é o sentido da visão. Ver é sua função. O objeto que ele apreende é a forma. O olho tem a luz como sua causa, e a forma é um atributo da luz. Então o olho entende ou apreende a forma. Pela inferência da razão, há semelhança em relação a atributo ou propriedade entre o olho, a visão, e a forma.) Forma, cheiro, gosto, toque, e som, são as cinco propriedades que são (respectivamente) apreendidas pelos cinco sentidos de cinco modos diferentes. Estas cinco propriedades, isto é, forma, cheiro, gosto, toque, e som, não são realmente compreendidas pelos sentidos (pois estes são inertes), mas é a Alma que os compreende através dos sentidos. Aquilo que é chamado de Chitta é superior à multidão dos sentidos. Superior à Chitta é Manas (Mente). Superior à Manas é Buddhi (Compreensão), e superior à Buddhi é o Kshetrajna (Alma). A princípio uma criatura viva percebe diferentes objetos pelos sentidos. Com Manas ela reflete sobre eles, e então com a ajuda de Buddhi ela chega à certeza de conhecimento. Possuidor de Buddhi, alguém chega à certeza de conclusões a respeito dos objetos percebidos pelos sentidos. Os cinco sentidos, Chitta, Mente e Compreensão (que é o oitavo), estes são considerados como órgãos de conhecimento por aqueles que conhecem a ciência de Adhyatma. As mãos, os pés, o ducto anal, o membro viril, a boca (formando o quinto), constituem os cinco órgãos de ação. A boca é citada como um órgão de ação porque ela contém o aparelho da fala, e aquele de alimentação. Os pés são os órgãos de locomoção e as mãos para fazerem vários tipos de trabalho. O ducto anal e o membro viril são dois órgãos que existem para um propósito similar, isto é, para evacuação. O primeiro é para a evacuação de fezes, o segundo para aquela da urina como também da semente vital quando alguém sente a influência do desejo. Além desses, há um sexto órgão de ação. Ele é chamado de poder muscular. Estes então são os nomes dos seis órgãos de ação segundo os tratados (aprovados) que têm ligação com o assunto. Eu agora mencionei para ti os nomes de todos os órgãos de conhecimento e de ação, e todos os atributos das cinco essências primordiais. Quando, pelos órgãos estarem fatigados, eles cessam de realizar suas respectivas funções, o dono daqueles órgãos, por causa de sua suspensão, é citado como estando dormindo. Se, quando as funções daqueles órgãos estão suspensas, as funções da mente não cessam, mas por outro lado a mente continua a se relacionar com seus objetos, a condição de consciência é chamada de Sonho. Durante a vigília há três estados da mente, isto é, aquele conectado com Bondade, aquele com Paixão, e aquele com Ignorância. No sonho também a mente se torna relacionada com os mesmos três estados. Aqueles mesmos estados, quando eles aparecem em sonhos, ligados com ações agradáveis, vêm a ser considerados com aprovação. Felicidade, sucesso,

conhecimento, e ausência de apego são as indicações (do homem acordado em quem está presente) o atributo de Bondade. Quaisquer estados (de Bondade, Paixão, ou Ignorância) que sejam experimentados por criaturas vivas, como revelados em ações, durante suas horas de Vigília, reaparecem na memória durante suas horas de sono quando elas sonham. A passagem de nossas noções como elas existem durante a vigília para aquelas de sonhos, e aquela de noções como elas existem em sonhos para aquelas de vigília, são diretamente compreensíveis naquele estado de consciência que é chamado de sono sem sonhos. Aquele é eterno, e aquele é desejável. (Isso significa que nos homens comuns, as noções durante a vigília não são as noções que eles nutrem durante sonhos; nem suas noções durante sonhos são identificáveis com aquelas que eles nutrem enquanto despertos. Há similaridade mas não identidade. Em Sushupti eterno, no entanto, o qual é Emancipação, as noções de vigília passam para aquelas de sonho e aquelas de sonho passam para aquelas de vigília, isto é, ambas (ou melhor, a mesma, pois há então perfeita identidade entre elas) vêm a ser diretamente apreensíveis em Sushupti ou Emancipação. Sushupti ou Emancipação, portanto, é um estado no qual não há nem a consciência de vigília nem aquela de sonho, mas ambas correm juntas, suas diferenças desaparecendo totalmente.) Há cinco órgãos de conhecimento, e cinco de ação; com poder muscular, mente, compreensão, e Chitta, e também com os três atributos de Sattwa, Rajas, e Tamas; a conta, é dito, alcança dezessete. O décimo oitavo na enumeração é aquele que possui o corpo. De fato, aquele que vive neste corpo é eterno. Todos aqueles dezessete (com Avidya ou Ignorância fazendo dezoito), residindo no corpo, existem ligados àquele que possui o corpo. Quando o proprietário desaparece do corpo, aqueles dezoito (contando Avidya) cessam de residir juntos no corpo. Ou, este corpo composto das cinco essências (primordiais) é somente uma combinação (que deve se desagregar). Os dezoito atributos (incluindo Avidya), com aquele que possui o corpo, e contando o calor estomacal numerando o vigésimo, formam aquilo que é conhecido como a Combinação dos Cinco. Há um Ser chamado Mahat, o qual, com a ajuda do vento (chamado Prana), mantém esta combinação contendo as vinte coisas que foram citadas, e a respeito da destruição daquele corpo o vento (que é geralmente citado como a causa), é somente o instrumento nas mãos daquele mesmo Mahat. Qualquer criatura nascida é dissolvida mais uma vez nos cinco elementos constituintes após o esgotamento de seus méritos e deméritos; e, incitada novamente pelos méritos e deméritos ganhos naquela vida entra em outro corpo resultante de suas ações. Suas residências sempre resultando de Avidya, desejo, e ações, ele migra de corpo para corpo, abandonando um depois do outro repetidamente, incitado adiante pelo Tempo, como uma pessoa abandonando casa após casa em sucessão. Aqueles que são sábios, e dotados de certeza de conhecimento, não cedem à aflição após verem esta (migração). Somente aqueles que são tolos, erroneamente imaginando relacionamentos (onde em realidade não há relacionamento), se entregam à dor ao verem tais mudanças de residência. Este Jiva não é parente de alguém; não há alguém também que possa ser citado como pertencente a ele. Ele está sempre só, e ele mesmo cria seu próprio corpo e sua própria felicidade e tristeza. Este Jiva nunca nasce, e nunca morre. Livre do laço do corpo, ele consegue às vezes alcançar o fim mais elevado. Privado de corpo,

porque foi liberto, pelo esgotamento das ações, dos corpos que são os resultados dos méritos e deméritos, Jiva finalmente alcança Brahma. Para o esgotamento de méritos e deméritos, o Conhecimento tem sido ordenado como a causa na escola Sankhya. Após o esgotamento de mérito e demérito, quando Jiva alcança a posição de Brahma, (aqueles que são versados nas escrituras) contemplam (com o olho das escrituras) o alcance de Jiva ao fim mais sublime.'"

276

"Yudhishthira disse, 'Cruéis e pecaminosos que nós somos, ai, nós matamos irmãos e pais e netos e parentes e amigos e filhos. Como, ó avô, nós dissiparemos esta sede por riqueza? Ai, por causa daquela sede nós cometemos muitos atos pecaminosos.'"

"Bhishma disse, 'Em relação a isto é citada a antiga narrativa do que foi dito pelo soberano dos Videhas para o perguntador Mandavya. O soberano dos Videhas disse, 'Eu não tenho nada (neste mundo), ainda assim eu vivo em grande felicidade. Se Mithila inteiro (que é citado como sendo o meu reino), queimasse em uma conflagração, nada meu seria incendiado. Posses tangíveis, embora valiosas, são uma fonte de tristeza para os homens de conhecimento; enquanto posses mesmo de pouco valor fascinam os tolos. (O comentador salienta que posses de valor incluem até a região de Brahman. Homens de conhecimento, que buscam Emancipação, não colocam qualquer valor nem na alegria da região do Criador.) Qualquer felicidade que exista aqui, derivável da satisfação do desejo, e qualquer felicidade celestial de alto valor que exista, não alcança nem mesmo uma décima sexta parte da felicidade que está ligada ao desaparecimento total do desejo. Como os chifres de uma vaca crescem com o crescimento da própria vaca, da mesma maneira a sede por riqueza aumenta com aquisições crescentes de riqueza. Qualquer que seja o objeto pelo qual alguém sente um apego, aquele objeto se torna uma fonte de angústia quando ele é perdido. Não se deve nutrir desejo. Ligação com o desejo leva à tristeza. Quando riqueza for adquirida, alguém deve aplicá-la para propósitos de virtude. Deve-se mesmo então desistir do desejo. (O comentador explica que alguém não deve nutrir o desejo por riqueza nem para adquirir virtude com ela. Quando, no entanto, riqueza é obtida sem esforço, tal riqueza deve ser aplicada para a aquisição de virtude. Uma pessoa também é instruída a desistir do desejo de obter riqueza (mesmo por meios inocentes) a razão sendo que o desejo, quando nutrido, seguramente aumenta e tira o melhor do coração de alguém.) O homem de conhecimento sempre olha para outras criaturas assim como ele olha para si mesmo. Tendo purificado sua alma e alcançado o êxito, ele rejeita tudo aqui. Por rejeitar verdade e falsidade, alegria e dor, o agradável e o desagradável, o destemor e o medo, uma pessoa obtém tranquilidade, e fica livre de toda ansiedade. Alguém que consegue rejeitar aquela sede (por coisas mundanas) a qual é difícil de ser rejeitada por homens de compreensão superficial, que não enfraquece com o enfraquecimento do corpo, e que é considerada como uma doença fatal (por homens de conhecimento), sem dúvida encontra felicidade. O homem de alma virtuosa, por observar seu próprio

comportamento que se tornou brilhante como a lua e livre de males de todos os tipos, consegue alegremente obter grande fama aqui e após a morte.' Ouvindo estas palavras do rei, o Brahmana se encheu de alegria, e elogiando o que ele ouviu, Mandavya se dirigiu para o caminho da Emancipação.'"

277

"Yudhishthira disse, 'O Tempo, que é repleto de terror para todas as criaturas, está seguindo seu rumo. Qual é aquela fonte de bem pela qual alguém deve se esforçar? Diga-me isto, ó avô!'"

"Bhishma disse, 'Em relação a isto é citada a velha narrativa de uma conversa entre um pai e um filho. Escute-a, ó Yudhishthira! Uma vez, ó filho de Pritha, uma pessoa regenerada dedicada somente ao estudo dos Vedas teve um filho muito inteligente que era conhecido pelo nome de Medhavin. Ele mesmo conhecedor da religião da Emancipação, o filho um dia fez para seu pai, que não conhecia aquela religião e que estava empenhado em seguir os preceitos dos Vedas, essa pergunta.'"

"O filho disse, 'O que um homem de inteligência deve fazer, ó pai, sabendo que o período de existência concedido para os homens corre rápido? Diga-me isto realmente e na ordem apropriada, ó pai, para que, guiado por tuas instruções, eu possa me dirigir à aquisição de virtude.'"

"O pai disse, 'Tendo estudado os Vedas todo o tempo cumprindo os deveres de Brahmacharya, ó filho, deve-se então desejar progênie para resgatar seus antepassados. Tendo então estabelecido um fogo e realizando os sacrifícios que são ordenados, deve-se então se retirar para as florestas e, (tendo vivido como um asceta na floresta), deve-se então se tornar um Muni (por abandonar tudo e esperar calmamente pela dissolução).'"

"O filho disse, 'Quando o mundo é assim atacado e assim sitiado por todos os lados, e quando tais (raios) irresistíveis estão caindo em todas as direções, como você pode falar tão calmamente?'"

"O pai disse, 'Como o mundo é atacado? Pelo que ele é sitiado? Quais são aqueles raios irresistíveis que estão caindo por todos os lados? Tu me assustas com tuas palavras!'"

"O filho disse, 'O mundo é atacado pela Morte. Ele é sitiado pela Decrepitude. Dias e Noites estão caindo continuamente (como raios). Por que você não presta atenção a eles? Quando eu sei que a Morte não espera aqui por ninguém (mas arrebata de repente e sem aviso prévio), como eu posso possivelmente esperar (por sua vinda) assim envolvido em uma capa de Ignorância e atendendo (descuidadamente) a meus interesses? Quando cada noite passa o período de vida de todos passa com ela, quando, de fato, a posição de alguém é similar àquela de um peixe em uma parte de água rasa, quem pode se sentir feliz? A

Morte encontra alguém no próprio meio de seus interesses, antes do alcance de seus objetivos, encontrando-o tão desatento quanto uma pessoa enquanto ocupada em colher flores. (Todos os Brahmanas têm que colher flores de manhã para oferecê-las às divindades que eles adoram. A tarefa leva muitos minutos, porque muitas têm que ser colhidas para o propósito. Esta sendo uma ocupação diária e, indo como eles vão a lugares cheios de flores, o ato de colher segue enquanto o colhedor está mentalmente envolvido com outras coisas.) Aquilo que é mantido para ser feito amanhã deve ser feito hoje; e aquilo que alguém pensa em fazer à tarde deve ser feito de manhã. A Morte não espera, atenta a alguém ter feito ou não suas ações. Faça hoje o que é para o teu bem (sem deixá-lo para amanhã). Cuide para que a Morte, que é irresistível, não possa te dominar (antes de tu realizares suas ações). Quem sabe se a Morte não virá para si neste mesmo dia? Antes das ações de alguém estarem terminadas, a Morte o leva à força. Alguém deve, portanto, começar a praticar virtude enquanto ainda é jovem (sem esperar pela velhice), pois a vida é incerta. Por adquirir virtude alguém com certeza terá felicidade eterna aqui e após a morte. Dominado por insensatez alguém cinge seus quadris para agir em favor de seus filhos e esposas. Por realizar ações justas ou injustas, ele satisfaz estes (parentes). Aquele que possui filhos e animais, e com mente lealmente apegada a eles, a Morte agarra e foge como tigre carregando um veado adormecido. Enquanto ele está ainda empenhado em ganhar diversos objetos de desejo, e enquanto ele ainda está insatisfeito com seu desfrute, a Morte o agarra e foge assim como uma loba agarrando uma ovelha e fugindo com ela. 'Isto foi feito', 'Isto resta para ser feito', 'Este outro está metade feito', alguém pode dizer assim para si mesmo; mas a Morte, sem consideração pelo desejo dele de terminar suas ações incompletas, o agarra e arrasta à força. Alguém que ainda não obteve o resultado do que ele já fez, entre aqueles apegados à ação, alguém ocupado com seu próprio campo ou loja ou casa, a Morte agarra e leva embora. O fraco, o forte; o sábio, o corajoso, o idiota, o erudito, ou o que ainda não obteve a satisfação de algum de seus desejos, a Morte agarra e leva embora. Morte, decrepitude, doença, tristeza, e muitas coisas semelhantes não podem ser evitadas por mortais. Como, então, ó pai, tu podes sentar-te tão tranquilamente? Logo que uma criatura nasce, a Decrepitude e a Morte vêm e a possuem para sua destruição. Todas essas formas de existência móveis e imóveis são possuídas por estas duas (isto é, Decrepitude e Morte). Quando os soldados que compõem o exército da Morte estão em sua marcha, nada pode resistir a eles, exceto uma coisa, isto é, o poder da Verdade, pois somente na Verdade a Imortalidade reside. O prazer que alguém sente em residir no meio de homens é a residência da Morte. O Sruti declara que aquilo que é chamado de floresta é o verdadeiro curral para os Devas, enquanto o deleite que alguém sente em residir entre os homens é, por assim dizer, a corda para amarrar o habitante (e fazê-lo desamparado). (Devas aqui evidentemente se refere aos sentidos. Os sentidos são, por assim dizer, gado. Seu verdadeiro curral é a floresta e não cidades povoadas. Na floresta não há tentações para atormentá-los como no meio das cidades.) Os justos a cortam e escapam. Os pecaminosos não conseguem cortá-la (e se libertarem). Aquele que não fere outras criaturas em pensamentos, palavras e ações, e que nunca prejudica outros para tirar seus meios de sustento, nunca é ferido por qualquer criatura. Por estas razões deve-se

praticar o voto da verdade, ser firmemente devotado ao voto da verdade, e desejar somente a verdade. Reprimindo todos os seus sentidos e olhando para todas as criaturas com um olhar igual, alguém deve vencer a Morte com a ajuda da Verdade. Imortalidade e Morte estão plantadas no corpo. A Morte é encontrada por causa da tolice, e a Imortalidade é obtida pela Verdade. Transcendendo desejo e ira, e me abstendo de ferir, eu adotarei a Verdade e, realizando alegremente o que é para o meu bem, evitarei a Morte como um Imortal. Empenhado no Sacrifício que é constituído pela Paz, e empenhado também no Sacrifício de Brahma, e controlando meus sentidos, os Sacrifícios que eu realizarei serão aqueles da fala, mente, e ações, quando o sol entrar em seu curso norte. (O Sacrifício da Paz é oposto ao Sacrifício da Matança. O Sacrifício de Brahma é Yoga o qual leva ao conhecimento da Alma. O Sacrifício da Fala é recitação Védica ou Japa. O Sacrifício da Mente é contemplação, e aquele das Ações é banhos, realização de outros atos de pureza, servir devidamente o preceptor, etc.) Como pode alguém como eu realizar um Sacrifício Animal que é repleto de crueldade? Como pode alguém como eu, que é possuidor de sabedoria, realizar como um Pisacha cruel, um Sacrifício de Matança da mesma maneira do que é prescrito para os Kshatriyas, um Sacrifício que é, além disso, dotado de recompensas que são finitas? Em mim mesmo eu fui gerado por meu próprio eu. Ó pai, sem procurar procriar descendência, eu dependerei de mim mesmo. Eu realizarei o Sacrifício do Eu (isto é, fundirei a Alma na Alma Suprema), eu não preciso de prole para me resgatar. Aquele cujas palavras e pensamentos estão sempre bem controlados, aquele que tem Penitências e Renúncia, e Yoga, sem dúvida alcança tudo através destes. Não há olho igual ao Conhecimento. Não há recompensa igual ao Conhecimento. Não há tristeza igual ao apego. Não há felicidade igual à Renúncia. Para um Brahmana não pode haver riqueza como a residência em solidão, igual respeito por todas as criaturas, veracidade de palavras, observância constante de boa conduta, o total abandono da vara (de castigo), simplicidade, e a abstenção gradual de todas as ações. Que necessidade tu tens de riqueza e que necessidade de parentes e amigos, e de cônjuges? Tu és um Brahmana e tu tens a morte para encontrar. Busque teu próprio Eu que está oculto em uma caverna (corpo). Aonde foram teus avôs e aonde foi teu pai também?'"

"Bhishma disse, 'Ouvindo estas palavras de seu filho, o pai agiu da maneira que foi indicada, ó rei! Aja tu também da mesma maneira, dedicado à religião da Verdade.'"

278

"Yudhishthira disse, 'De que comportamento um homem deve ser, de que atos, de que tipo de conhecimento, e ao que ele deve ser devotado, para alcançar a região de Brahma que transcende Prakriti e que é imutável?'" (Prakriti é natureza primordial consistindo nas cinco grandes essências de terra, água, etc.)

"Bhishma disse, 'Alguém que é devotado à religião da Emancipação, moderado em alimentação, e mestre de seus sentidos, alcança aquele lugar elevado que transcende Prakriti e que é imutável. Afastando-se do lar, considerando ganho e perda da mesma maneira, reprimindo os sentidos, e desconsiderando todos os objetos de desejo mesmo quando eles estão preparados (para desfrute), ele deve adotar uma vida de Renúncia. Nem com os olhos, nem com as palavras, nem em pensamentos, alguém deve menosprezar outros. Nem ele deve falar mal de alguma pessoa dentro ou fora de sua audição. Ele deve se abster de ferir qualquer criatura, e se conduzir observando o rumo do Sol, (isto é, vagando como o Sol todos os dias por um caminho diferente, ou seja, nunca se confinando a um local). Tendo entrado nesta vida, ele não deve se comportar com hostilidade em direção a alguma criatura. Ele deve desconsiderar palavras ignominiosas, e nunca em arrogância se julgar superior a outro. Quando alguém procurar irritá-lo, ele ainda assim deve proferir palavras agradáveis. Mesmo quando caluniado, ele não deve caluniar em retorno. Ele não deve se comportar de maneira amistosa ou antipática no meios de seres humanos. Ele não deve circular visitando muitas casas em sua ronda de mendicância. Nem ele deve ir para alguma casa tendo recebido um convite prévio (para jantar). Mesmo quando salpicado com sujeira (por outros), ele deve, apoiando-se firmemente no cumprimento de seus deveres, se abster de se dirigir a tais salpicadores em palavras desagradáveis. Ele deve ser compassivo. Ele deve se abster de retornar uma ofensa. Ele deve ser destemido; ele deve se abster da auto-louvação. O homem de sentidos controlados deve procurar sua doação de caridade na residência de um chefe de família quando a fumaça cessou de se elevar dela, quando o som da vara de debulha foi silenciado, quando o fogo da lareira foi extinto, quando todos os habitantes terminaram suas refeições, ou quando acabou a hora de colocar os pratos. (O Muni deve ser moderado e por isso ele deve escolher uma hora como esta para pedir seu donativo, quando houver muito pouco na casa para dar.) Ele deve se contentar somente com o tanto que é necessário para manter corpo e alma juntos. Mesmo aquele tanto de alimento que produz satisfação não deve ser cobiçado por ele. Quando ele fracassa em obter o que ele quer, ele não deve se permitir nutrir descontentamento. O sucesso, também, em obter o que ele quer, não deve fazê-lo alegre. Ele nunca deve desejar coisas que são cobiçadas por homens comuns. Ele nunca deve comer na casa de alguém quando respeitosamente convidado para isso. Alguém como ele deve reprovar tais ganhos como os que são obtidos com honra, (isto é, quando tal homem é presenteado com alguma coisa, ele deve pegá-la em reprovação). Ele nunca deve achar defeito (por causa de rancidez, etc.) no alimento colocado à sua frente, nem deve elogiar seus méritos. Ele deve cobiçar uma cama e um assento que estejam distantes dos lugares frequentados por homens. Os lugares que ele deve procurar são tais como uma casa abandonada, a base de uma árvore, uma floresta, ou uma caverna. Sem permitir que suas práticas sejam conhecidas por outros, ou ocultando sua real natureza por parecer adotar outras (que são odiosas ou repulsivas), ele deve entrar em seu próprio Eu, (isto é, se afastar de tudo para compreender e contemplar a Alma). Por associação com Yoga e dissociação de companhia, ele deve ser perfeitamente equânime, firmemente estável, e uniforme. Ele não deve ganhar mérito ou demérito por meio de ações. Ele deve estar sempre gratificado, satisfeito, de rosto

alegre e percepção alegre, destemido, sempre ocupado em recitação mental de mantras sagrados, silencioso, e dedicado a uma vida de Renúncia. Observando a repetida formação e dissolução de seu próprio corpo com os sentidos que originam-se de e se dissolvem nas essências elementares, e vendo também a vinda e partida de (outras) criaturas, ele deve se tornar livre de desejo e aprender a lançar olhares iguais para tudo, subsistindo de alimento cozido e não cozido. Frugal em relação à sua alimentação, e subjugando seus sentidos, ele conquista a tranquilidade do Eu pelo Eu. Ele deve controlar os impulsos (nascentes) de palavras, da mente, de ira, de inveja, de fome, e de luxúria. Dedicado a penitências para purificar seu coração, ele nunca deve permitir que as críticas (de outros) aflijam seu coração. Ele deve viver, tendo assumido uma posição de neutralidade com relação a todas as criaturas, e considerar elogio e crítica como iguais. Este, de fato, é o mais santo e mais elevado caminho do modo de vida Sannyasa. Possuidor de grande alma, o Sannyasin deve retrair seus sentidos de todas as coisas e se manter à distância de todas as atrações. Ele nunca deve ir aos lugares visitados por ele e pelos homens conhecidos por ele enquanto seguia os modos de vida anteriores. Agradável para todas as criaturas, e sem uma casa fixa, ele deve ser dedicado à contemplação do Eu. Ele nunca deve se misturar com chefes de família e ascetas da floresta. Ele deve comer tal comida que ele possa obter sem esforço (e sem ter pensado nela antes). (Pensar antes na comida que comerá converte a pessoa em um comilão. O Sannyasin, sem pensar na comida que ele receberá, e sem se entregar mentalmente a um antegozo dela deve comer o que ele obtém sem esforço.) Ele nunca deve permitir que a alegria possua seu coração. Para aqueles que são sábios tal vida de Renúncia é o meio para a obtenção de Emancipação. Para aqueles, no entanto, que são tolos, a prática destes deveres é extremamente penosa. O sábio Harita declarou que tudo isso é o caminho pelo qual a Emancipação é para ser alcançada. Aquele que parte de sua casa, tendo assegurado todas as criaturas de sua perfeita inofensividade, alcança muitas regiões luminosas de felicidade as quais demonstram ser intermináveis ou eternas.'"

279

"Yudhishthira disse, 'Todos os homens falam de nós como altamente afortunados. Na verdade, no entanto, não há pessoas mais desventuradas do que nós. Embora honrados por todo o mundo, ó melhor dos Kurus, e embora nós tenhamos nascido entre homens, ó avô, tendo sido gerados pelos próprios deuses, contudo quando tanta tristeza tem sido nossa sina, parece, ó superior venerável, que só o nascimento em uma forma incorporada é a causa de toda a tristeza. Ai, quando nós adotaremos uma vida de Renúncia que é destrutiva de tristeza? Sábios de votos rígidos livres dos dezessete (isto é, os cinco ares, mente, compreensão, e os dez órgãos de conhecimento e ação), das cinco falhas de Yoga (isto é, desejo, ira, cobiça, medo, e sono) que constituem as causas principais (para atar o homem às repetidas rondas de vida terrestre), e dos outros oito, ou seja, os cinco objetos dos sentidos e os três atributos (de Sattwa, Rajas, e

Tamas), nunca têm que incorrer em renascimento. Quando, ó opressor de inimigos, nós conseguiremos abandonar a soberania para adotar uma vida de renúncia?'"

"Bhishma disse, 'Tudo, ó grande monarca, tem um fim. Tudo tem limites designados para si. Até o renascimento, isto é bem conhecido, tem um fim. Neste mundo não há nada que seja imutável. Tu pensas, ó rei, que isso (isto é, a riqueza com a qual tu foste empossado é uma falha). Isso é verdade, em relação ao nosso assunto de investigação atual, (pois a afluência, por causa do apego que ela gera, fica no caminho da Emancipação). Vocês, no entanto, estão familiarizados com a virtude, e têm boa vontade. É certo, portanto, que vocês alcançarão o fim de sua tristeza, (isto é, Emancipação) em tempo. Jiva equipado com corpo, ó rei, não é o autor de seus méritos e deméritos (ou seus frutos representados por felicidade e tristeza). Por outro lado, ele vem a ser envolvido pela Escuridão (da Ignorância que tem atração e aversão como sua essência) que é nascida de seus méritos e deméritos. Como o vento impregnado com poeira de antimônio mais uma vez pega a eflorescência de realgar e, (embora ele mesmo desprovido de cor) assume as cores das substâncias que pegou e tinge os diferentes pontos do horizonte (os quais representam seu próprio progenitor sem cor, isto é, o espaço); da mesma maneira, Jiva, embora ele mesmo sem cor, assume uma cor por ser envolvido pela Escuridão e matizado pelas frutos das ações, e viaja de corpo para corpo (fazendo seu próprio progenitor sem mancha e imutável aparecer como manchado e mutável). (O vento tem o espaço como se progenitor. Jiva tem o imaculado e imutável Chit como seu progenitor. Como o vento, que é sem cor, apanhando cores de objetos circundantes e fazendo seu próprio progenitor parecer como se ele tivesse cores, Jiva também, embora em realidade sem mácula, apanha máculas de Ignorância e Ações e faz seu próprio progenitor, o imaculado e imutável Chit, mostrar máculas de todos os tipos. Assim é como o comentador formula o símile, completando os pontos que foram omitidos no texto.) Quando Jiva consegue dissipar por meio do Conhecimento a Escuridão que o envolve por causa da Ignorância, então o Imutável Brahma vem a ser revelado (em toda Sua glória). Os Sábios dizem que reversão para o Imutável Brahma não pode ser realizada por meio de Ações. Tu mesmo, outros no mundo, e as divindades também, devem reverenciar aqueles que alcançaram a Emancipação. Todos os grandes Rishis nunca desistem da cultura de Brahma. (Dizer que a obtenção de Brahma não depende de Ações significa isto: Ações são finitas. Suas consequências também são finitas. Ações, portanto, nunca podem ser os meios pelos quais Brahma pode ser alcançado, pois Brahma é infinito e eterno, não como a felicidade do céu a qual é mutável. O único meio pelo qual Jiva pode voltar para Brahma é por dissipar a Ignorância através do Conhecimento; ou, como os Upanishads declaram, alguém alcança àquilo como alguém obtém seu colar de ouro esquecido, o qual todo o tempo está no pescoço embora procurado com assiduidade em todos os lugares. O que se quer dizer pela instrução sobre reverenciar pessoas que alcançaram Brahma é isto: a existência de Brahma e a possibilidade de Jiva voltar para aquele estado Imutável são questões que dependem da concepção de tais homens. Brahma, além disso, é tão difícil de manter, que os grandes sábios nunca desistem por um momento da cultura que é

necessária para sua retenção.) Em relação a isto é citado aquele discurso que foi cantado antigamente (pelo preceptor dos Daityas). Escute, ó monarca, com total atenção a direção de conduta que foi seguida pelo Daitya Vritra depois que ele ficou desprovido de toda sua prosperidade. Dependendo somente de sua inteligência, ele não se entregou à tristeza no meio de seus inimigos, embora ele estivesse privado de soberania, ó Bharata! Para Vritra, quando antigamente ele estava privado de soberania, (seu preceptor) Usanas disse, 'Eu espero, ó Danava, que por causa da tua derrota tu não nutras alguma angústia.'"

"Vritra disse, 'Sem dúvida, tendo compreendido, pela ajuda da verdade e penitências, a chegada e partida de todas as criaturas vivas, eu parei de me entregar à tristeza ou alegria. Incitadas pelo Tempo as criaturas caem sem auxílio no inferno. Algumas também, o sábios dizem, vão para o céu. Todas essas passam seu tempo em contentamento. Passando seus períodos concedidos no céu e no inferno, e com alguma porção de seus méritos e deméritos inesgotada (por gozo e sofrimento), elas tomam nascimento repetidamente, impelidas pelo Tempo. Acorrentadas pelos laços do Desejo, as criaturas passam por miríades de vidas intermediárias (isto é, como animais e aves e répteis e vermes, etc.) e caem desamparadamente no inferno. Eu tenho visto que criaturas vêm e vão exatamente dessa maneira. A lição inculcada nas Escrituras é que as aquisições de alguém correspondem às suas ações; (isto é, se corretas, ele obtém alegria; se não, o oposto.) Criaturas tomam nascimento como homens ou como animais intermediários ou como deuses e vão para o inferno. Tendo agido em vidas, que são passadas de tal maneira quanto a merecê-las, todas as criaturas, sujeitas às ordenanças do Destruidor, encontram com felicidade e miséria, o agradável e o desagradável. Tendo desfrutado da medida de bem estar e angústia que corresponde com suas ações, as criaturas sempre voltam pelo velho caminho, o qual é medido pela medida das ações.' Então o ilustre Usanas se dirigiu ao Asura Vritra que estava assim falando do maior refúgio da criação, dizendo, 'Ó Daitya inteligente, por que, ó filho, tu proferes tais rapsódias tolas?'"

"Vritra disse, 'As penitências severas que eu pratiquei por cobiça de vitória são bem conhecidas por ti como também pelos outros sábios. Apropriando-me de diversos perfumes e diversos tipos de sabores que as outras criaturas tinham para desfrutar, eu me expandi com minha própria energia, afligindo os três mundos. Decorado com miríades de raios refulgentes eu costumava vagar pelos céus (em meu carro celeste), incapaz de ser derrotado por qualquer criatura e temendo ninguém. Eu obtive grande prosperidade pelas minhas penitências e a perdi também através das minhas próprias ações. Confiando em minha firmeza, no entanto, eu não me aflijo por esta mudança. Desejoso (antigamente) de lutar com o grande Indra, o soberano de grande alma dos céus, eu vi naquela batalha o ilustre Hari, o pujante Narayana. (Hari foi ajudar Indra, e por isso Vritra o viu. Ele é chamado de Hari porque ele tira os pecados de alguém.) Ele que é chamado de Vaikuntha (aquele que une todas as criaturas), Purusha (completo), Ananta, Sukla (Puro), Vishnu (aquele que permeia tudo), Sanatana (uniforme ou imutável), Munjakesa (possuidor de cabelo amarelo, ou de cabelo da cor da erva Munja), Harismasru (aquele de barba fulva), e de Avô de todas as criaturas. Sem dúvida,

ainda há um resto (para ser desfrutado por mim) das recompensas ligadas àquela penitência representada por uma visão do grandioso Hari. É por causa daquele resto inesgotado que eu fiquei desejoso de te perguntar, ó ilustre, acerca dos frutos da ação! (Penitências são meritórias. A própria visão de Hari que eu obtive foi tão eficaz quando um curso das penitências mais austeras. Naturalmente, por causa disso e de minhas outras penitências, grandes são as recompensas que eu tenho desfrutado. Parece, no entanto, que a medida completa de recompensas não foi colhida; o resto está para ser desfrutado por mim agora, pois eu estou prestes a te perguntar a respeito dos frutos das ações. Sagrada e altamente auspiciosa é minha indagação. Fazê-la é, em si mesmo, uma recompensa.) Sobre qual classe (de homens) foi estabelecida grande prosperidade Brahma? De que maneira, também, a grande prosperidade decai? De quem as criaturas surgem e vivem? Através de quem também elas agem? Qual é aquele Fruto sublime por alcançar o qual uma criatura consegue viver eternamente como Brahma? Por qual ação ou por qual Conhecimento aquele fruto pode ser alcançado? Cabe a ti, ó Brahmana erudito, explicar isso para mim.'"

"Resumido por mim, ó leão entre reis, escute com toda atenção, ó touro de homens, com todos os teus irmãos, ao que o sábio Usanas então disse depois que ele tinha sido assim endereçado por aquele príncipe dos Danavas.'"

280

"Usanas disse, 'Eu reverencio aquele Ser ilustre e divino e pujante que segura esta terra com o firmamento em seus braços. Eu falarei para ti da grandeza preeminente daquele Vishnu cuja cabeça, ó melhor dos Danavas, é aquele lugar Infinito (chamado Emancipação).'"

"Enquanto eles estavam assim conversando um com o outro aproximou-se deles o grande sábio Sanatkumara de alma justa para o propósito de dissipar suas dúvidas. Adorado pelo príncipe dos Asuras e pelo sábio Usanas, aquele principal dos sábios sentou em um assento suntuoso. Depois que Kumara de grande sabedoria estava sentado (à vontade), Usanas disse para ele, 'Fale para este comandante dos Danavas sobre a grandeza preeminente de Vishnu.' Ouvindo estas palavras, Sanatkumara proferiu o seguinte, repleto de grande importância, sobre a grandeza preeminente de Vishnu para o inteligente chefe dos Danavas, 'Ouça, ó Daitya, tudo sobre a grandeza de Vishnu. Saiba, ó opressor de inimigos, que o universo inteiro repousa em Vishnu. Ó tu de braços poderosos, é Ele quem cria todas as criaturas móveis e imóveis. No decorrer do Tempo é Ele, também, que recolhe todas as coisas, e no Tempo é Ele que mais uma vez as emite para fora de Si Mesmo. Em Hari todas as coisas são absorvidas na destruição universal e dele todas as coisas saem novamente. Homens possuidores de erudição escritural não podem obtê-lo por tal erudição. Nem Ele pode ser obtido por Penitências, nem por Sacrifícios. O único meio pelo qual Ele pode ser alcançado é por controlar os Sentidos. Nem sacrifícios são totalmente inúteis em direção a semelhante fim. Pois alguém, por confiar em ações externas e internas, e na

própria mente, pode purificar (a eles) por sua própria compreensão. Por tais meios, alguém consegue desfrutar de infinidade (Emancipação) no mundo. Como um ourives purifica a escória de seu metal por lançá-lo ao fogo repetidamente com muitos esforços próprios persistentes, da mesma maneira Jiva consegue purificar a si mesmo por seu curso através de centenas de nascimentos. Alguém pode ser visto se purificar em uma única vida por esforços poderosos. Como alguém deve limpar com cuidado as manchas de seu corpo antes que elas se tornem espessas, da mesma maneira alguém deve, com esforços vigorosos, purificar as próprias imperfeições. (A comparação jaz no fato de as duas ações serem desejáveis. Ninguém gosta que as manchas que o corpo pode apanhar permaneçam não lavadas ou não eliminadas. Similarmente, ninguém deve deixar de limpar os defeitos que o coração possa contrair. Não há comparação entre as duas ações com relação ao grau de esforço necessário para realizar cada uma.) Por misturar somente umas poucas flores com eles, grãos de gergelim não podem ser feitos perderem seu odor próprio (e se tornarem fragrantes imediatamente). Do mesmo modo, não se pode, por purificar o coração somente um pouco, conseguir contemplar a Alma. Quando, no entanto, aqueles grãos são perfumados repetidamente com a ajuda de uma grande quantidade de flores, é então que eles perdem seu próprio odor e assumem aquele das flores com as quais eles são misturados. Dessa maneira, imperfeições, na forma de apegos a todos os nossos ambientes, são dissipadas pela compreensão no decurso de muitas vidas, com a ajuda de uma grande dose do atributo do Sattwa, e por meio de esforços nascidos da prática. (‘Esforços nascidos da prática’ se refere a Sadhana interno e externo.) Ouça, ó Danava, por quais meios criaturas ligadas às ações e aquelas não ligadas a elas obtêm as causas que levam aos seus respectivos estados mentais. Ouça-me com total atenção. Eu irei, em sua ordem devida, falar para ti, ó Danava pujante, sobre como as criaturas se dirigem para ação e como elas desistem da ação. O Senhor Supremo cria todas as criaturas móveis e imóveis. Ele é sem início e sem fim. Não dotado de atributos de qualquer tipo, ele assume atributos (quando Ele opta por criar). Ele é o Destruidor universal, o Refúgio de todas as coisas, o Ordenador Supremo, e Chit puro. Em todas as criaturas é Ele quem mora como o mutável e o imutável. É Ele quem, tendo onze modificações como Sua essência, bebe este universo com Seus raios. (O 'mutável' em todas as criaturas é a combinação das cinco essências primordiais. O 'imutável' nelas é Jiva, ou Chit como envolvido em ignorância. As onze modificações que constituem Sua essência são os sentidos de conhecimento e ação com a mente. Equipado com estes onze, Ele bebe o universo, isto é, desfruta dele. Os raios são os próprios sentidos. Equipado com os sentidos, Ele desfruta do universo com os sentidos.) Saiba que a Terra é Seus pés. Sua cabeça é constituída pelo Céu. Seus braços, ó Daitya, são os vários pontos da bússola ou do horizonte. O espaço intermediário é Seus ouvidos. A luz de Seu olho é o Sol, e Sua mente está na Lua; (isto é, sua mente é a Lua). Sua compreensão sempre reside no Conhecimento, e Sua língua está na Água. Ó melhor dos Danavas, os Planetas estão no meio de Sua testa. As estrelas e constelações são provenientes da luz de Seus olhos. A Terra está em Seus pés, ó Danava! Saiba também que os atributos de Rajas, Tamas, e Sattwa são dele. Ele é o fruto (ou fim) de todos os modos de vida, e Ele é quem deve ser conhecido como o fruto (ou recompensa) de todas as ações

(piedosas, tais como Japa e Sacrifício, etc.). O Mais Sublime e Imutável, Ele é também o fruto da abstenção de todo trabalho. Os Chandas são os pêlos em Seu corpo, e Akshara (ou Pravana) é Sua palavra. As diversas classes (de homens) e os modos de vida são Seu refúgio. Suas bocas são muitas. O dever (ou religião) está plantado em seu coração. Ele é Brahma; Ele é a mais elevada Justiça; Ele é Sat e Ele é Asat; Ele é Sruti; Ele é as escrituras; Ele é o recipiente Sacrifical; Ele é os dezesseis Ritwijes; Ele é todos os Sacrifícios; Ele é o Avô (Brahman); Ele é Vishnu; Ele é os gêmeos Aswins; e Ele é Purandara; (Os grahas ou patras (recipientes) Sacrificais são chamados pelos nomes das divindades Indra, Vayu, Soma, etc. Os dezesseis Ritwijes são Brahman, Hotri, Adhyaryu, Udgatri, etc.) Ele é Mitra; Ele é Varuna; Ele é Yama; Ele é Kuvera o senhor dos tesouros. Embora os Ritwijes pareçam vê-lo como separado, Ele é, no entanto, conhecido para eles como único e o mesmo. (O Ser Divino é único. A variedade percebida é somente aparente, não real.) Saiba que todo este universo está sob o controle do Único Ser Divino. O Veda que está na alma, ó príncipe dos Daityas, considera a unidade das várias criaturas. Quando uma criatura viva percebe esta unidade em consequência do conhecimento verdadeiro, ela então é citada como tendo alcançado Brahma. O período de tempo pelo qual uma criação existe ou pelo qual ela cessa de existir é chamado de um Kalpa. As criaturas viventes existem por mil milhões de tais Kalpas. As criaturas imóveis também existem por um período igual. O período pelo qual uma criação específica existe é medido por muitos milhares de lagos (da seguinte maneira), ó Daitya! Conceba um lago que tem um Yojana de largura, um Krosa de profundidade, e quinhentos Yojanas de comprimento. Imagine muitos milhares de tais lagos. Procure então secar completamente aqueles lagos por tirar deles, somente uma vez por dia, tanta água quanto possa ser pega com a ponta de um único cabelo. O número de dias que se passariam em secá-los completamente por meio desse processo representa o período que é ocupado pela vida de uma criação desde seu primeiro início até a hora de sua destruição. A maior Evidência (para todas as coisas) diz que as criaturas têm seis cores, isto é, Escura, Morena, Azul, Vermelha, Amarela, e Branca. Estas cores procedem de misturas em várias proporções dos três atributos de Rajas, Tamas, e Sattwa. Onde Tamas predomina, Sattwa cai abaixo da marca, e Rajas mantém a marca, o resultado é a cor chamada Escura. Quando Tamas predomina como antes, mas as relações entre Sattwa e Rajas estão invertidas, o resultado é aquela cor chamada Morena. Quando Rajas predomina, Sattwa cai abaixo da marca, e Tamas mantém a marca, o resultado é a cor chamada Azul. Quando Rajas predomina como antes e a proporção é invertida entre Sattwa e Tamas, o resultado é a cor intermediária chamada Vermelha. Esta Cor é mais agradável (do que a precedente). Quando Sattwa predomina, Rajas cai abaixo da marca e Tamas mantém a marca, o resultado é a cor chamada Amarela. Esta é produtiva de felicidade. Quando Sattwa predomina e a proporção é invertida entre Rajas e Tamas, o resultado é a cor chamada Branca. Esta é produtiva de grande felicidade. (Isto é elaborado no Vishnu Purana, Parte 1, Capítulo 5. Há três criações primárias, isto é, Mahat, as cinco essências primordiais em suas formas sutis e os sentidos. Das Seis cores também surgiram seis outras criações. À cor Escura são atribuíveis todas as criaturas imóveis; à Morena toda a classe intermediária de criaturas (isto é, os animais inferiores e aves, etc.); à Azul são

atribuíveis seres humanos, à Vermelha os Prajapatyas; à Amarela as divindades; e à Branca os Kumaras, isto é, Sanatkumara e outros.) O Branco é a cor principal. Ele é impecável por ser livre de atração e aversão. Ele é sem dor, e livre da labuta envolvida em Pravritti. Por isso, o Branco, ó príncipe dos Danavas, leva ao sucesso (ou Emancipação). Jiva, ó Daitya, tendo passado por milhares de nascimentos derivados através do útero, alcança o êxito. Aquele êxito é o mesmo fim o qual o divino Indra declarou depois de ter estudado muitos tratados espirituais auspiciosos e que têm por sua essência a compreensão da Alma. O fim também que as criaturas obtêm é dependente de sua cor, e a cor, por sua vez, depende do caráter do Tempo que se manifesta, ó Daitya! Os estágios de existência, ó Daitya, através dos quais Jiva deve passar não são ilimitados. Eles são catorze centenas de milhares em número. Por eles Jiva ascende, permanece, e cai conforme o caso possa ser. (Há dez sentidos de conhecimento e ação. A estes devem ser somados Manas, Buddhi, Ahankara e Chitta, que são às vezes chamados de os quatro Karanas. Por causa destes catorze, catorze diferentes tipos de mérito e demérito podem ser alcançados por Jiva que é seu possuidor. Estes catorze tipos de mérito e demérito também, são subdivididos em centenas de milhares cada um. Jiva, no decorrer de suas viagens pelo universo, ascende na escala de Existência, permanece em degraus específicos, e cai deles para degraus inferiores, conformemente. O que o orador deseja inculcar é que estes catorze devem estar sempre em direção ao atributo de Sattwa ou Bondade.) O fim que é alcançado por um Jiva de cor escura é muito inferior, pois ele se torna viciado em ações que levam ao inferno e então tem que apodrecer no inferno. (Esta vida, isso deve ser notado, leva à transformação de Jiva como um objeto imóvel. Uma criatura de cor Escura vem a ser viciada em atos perversos e apodrece no inferno. Sua existência como um objeto imóvel é o próprio inferno.) Os eruditos dizem que por causa de sua maldade, a permanência (em tal forma) de um Jiva é medida por muitos milhares de Kalpas. Tendo passado muitas centenas de milhares de anos naquela condição, Jiva então obtém a cor chamada Morena (e nasce como uma criatura intermediária). Naquela condição ele vive (por muitos longos anos), em total desamparo. Finalmente, quando seus pecados estão esgotados (por ele ter suportado toda a miséria que eles são capazes de trazer), sua mente, rejeitando todas as atrações, nutre a Renúncia. (As cores Escura e Morena de seus correspondentes estados de existência, isto é, o imóvel e o intermediário, são consideradas como estados de tolerância. Por isso, quando a miséria que é sua porção foi completamente suportada, é subitamente irradiada para a mente a lembrança da virtude que distinguia Jiva em eras muito remotas.) Quando Jiva vem a ser dotado da qualidade de Sattwa, ele então dissipa tudo conectado com Tamas pela ajuda de sua inteligência, e se esforça (para realizar o que é para o seu bem). Como resultado disso, Jiva obtém a cor Vermelha. Se a qualidade de Sattwa, no entanto, não for adquirida, Jiva então viaja em uma ronda de renascimentos no mundo inerte, tendo alcançado a cor chamada Azul. (Depois da Morena vem a Azul, isto é, depois da obtenção de existência como uma criatura intermediária Jiva obtém humanidade. Isso ocorre quando Sattwa não predomina.) Tendo alcançado aquele fim (isto é, Humanidade) e tendo sido afligido pela duração de uma criação pelos vínculos nascidos de seus próprios atos, Jiva então obtém a cor chamada de Amarelo (ou se torna uma divindade).

Existindo naquela condição pelo espaço de cem criações, ele então a deixa (para se tornar um ser humano e) para voltar a ela mais uma vez. Tendo alcançado a cor Amarela, Jiva existe por milhares de Kalpas, se divertindo como um Deva. Sem, no entanto, ser emancipado (até então), ele tem que ficar no inferno, desfrutando ou suportando os resultados de suas ações de Kalpas passados e vagando por dezenove mil cursos. (Quando Jiva se torna um Deva, ele ainda tem os dez sentidos, os cinco Pranas, e as quatro posses internas de mente, compreensão, Chitta, e Ahankara, chegando ao todo a dezenove. Estes dezenove o impelem para milhares de ações. Então, mesmo quando transformado em Deva, Jiva não está livre das ações, mas está em niraya ou inferno, as ações sendo, sob todas as circunstâncias, equivalentes ao inferno.) Saiba que Jiva fica livre do inferno (das ações) como representado pelo céu ou divindade. Da mesma maneira, Jiva escapa de outros nascimentos (correspondentes às outras cores). Jiva se diverte por muitos longos Kalpas no mundo dos Devas. Caindo de lá, ele mais uma vez obtém a posição de Humanidade. Ele então fica naquela condição pelo espaço de cento e oito Kalpas. Ele então alcança mais uma vez a posição de um Deva. Se enquanto na posição de humanidade (pela segunda vez) ele decai através de (maus atos como representados por) Kala (na forma de Kali), ele então cai na cor Escura e assim ocupa o mais baixo de todos os estágios de existência.'"

"Eu te direi agora, ó principal dos Asuras, como Jiva consegue efetuar sua Emancipação. Desejoso de Emancipação, Jiva, confiando em setecentos tipos de ações, cada um dos quais é caracterizado por uma predominância do atributo de Sattwa, segue gradualmente através do Vermelho e do Amarelo e finalmente alcança o Branco. (Os cinco sentidos, com a mente e a compreensão formam um total de sete. As ações realizadas através de cada um destes podem ser subdivididas em uma centena. Como estas sete posses aderem ao Jiva até que ele se torne emancipado, ele age através destes sete de muitas maneiras. Confiando, portanto, neste setecentos tipos de ações (os quais são somente formas variadas de uma única coisa, isto é, Ação), Jiva sucessivamente se torna Vermelho e Amarelo e Branco.) Chegando lá, Jiva viaja por várias regiões que são muito encantadoras e que têm as oito regiões bem conhecidas de felicidade abaixo delas, e todo o tempo procura aquela forma de existência imaculada e refulgente que é a própria Emancipação. (Chegado no Branco, Jiva percorre certas regiões refulgentes que são superiores à região do próprio Brahman, e que deixam para trás ou abaixo delas os Oito Puris (pelos quais, talvez, queira-se dizer o puri de Indra, aquele de Varuna, etc., ou, Kasi, Mathura, Maya, etc., ou estágios de progresso simbólicos, os quais são repletos de grande felicidade). Aquelas regiões refulgentes e adoráveis são obteníveis só por Conhecimento ou pelo resultado de Yoga.) Saiba que as Oito (já referidas e) que são idênticas às Sessenta (subdividas em) centenas, são, para aqueles que são altamente refulgentes, somente criações da mente (sem terem alguma existência real ou independente). (A este número de Sessenta chega-se dessa maneira: 1º, o estado de vigília; 2º, o corpo grosseiro composto das cinco essências primordiais; 3º, os cinco atributos de som, cheiro, forma, gosto, e toque; estes totalizam sete. Então vêm os dez sentidos de ação e conhecimento; os cinco ares; mente, compreensão, consciência, e chitta, estes formam 19. Então vem Avidya, Kama, e

Karma. Com a Alma ou o Observador, a soma chega a 30. O número dobra quando o estado de Sonho é levado em consideração, pois como a vigília existindo com os 29, o Sonho também existe com os 29.) O maior objeto de aquisição de alguém que é de cor Branca, é aquela condição (chamada Turiya) que transcende os três outros estados de consciência, isto é, Vigília e Sonho e Sono sem Sonhos. Com relação àquele Yogin que não pode abandonar as felicidades que a pujança-Yoga traz, ele tem que morar (no mesmo corpo) por uma centena Kalpas em auspiciosidade (em uma forma de vida superior) e depois disso em quatro outras regiões (chamadas Mahar, Jana, Tapas, e Satya). Este mesmo é o fim mais elevado de alguém pertencente à sexta cor (isto é, a Branca), e que é malsucedido embora coroado com sucesso (isto é, que alcançou sucesso em Yoga, mas que ainda não pôde alcançar aquele êxito que consiste em contemplar Brahma), e que transcendeu todas as atrações e paixões. Aquele Yogin, também, que abandona as práticas de Yoga depois de ter alcançado a medida de eminência já descrita, reside no céu por uma centena de Kalpas com o resto inesgotado de suas ações passadas (para ser esgotado por desfrute ou tolerância conforme o caso), e com os sete (isto é, os cinco sentidos de conhecimento e a mente e a compreensão) purgados de todas as máculas por sua predisposição ou inclinação em direção ao atributo de Sattwa. E no término daquele período, tal pessoa tem que vir ao mundo dos homens onde ele obtém grande eminência. Regressando do mundo dos homens, ele parte para alcançar novas formas de existência que seguem cada vez mais alto na escala ascendente. Enquanto dedicado a isto, ele percorre sete regiões, (Bhur, Bhuvar, Swah, Mahar, Jana, Tapas, e Satya ou Brahmaloka), por sete vezes, sua pujança sendo sempre aumentada por seu Samadhi e do re-despertar a partir dele. O Yogin que é desejoso da Emancipação final suprime os sete por Conhecimento-Yoga, e continua a morar no mundo de vida, livre de apegos; e, considerando aqueles sete como meios certos de angústia, ele os rejeita e alcança subsequentemente aquele estado que é Indestrutível e Infinito. Alguns dizem que este é a região de Mahadeva; alguns, de Vishnu; alguns, de Brahman; alguns, de Sesha; alguns, de Nara; alguns, do Chit refulgente; e alguns, daquele que permeia tudo. (Os onze que o Yogin desejoso de Emancipação rejeita são ou as sete regiões já referidas, isto é, Bhu, Bhuva, Swah, Maha, Jana, Tapa, e Satya, ou os cinco sentidos de conhecimento com mente e compreensão. A primeira Devasya se refere a Mahadeva. Os Saivas chamam aquela região de Kailasa. Os Vaishnavas a chamam de Vaikuntha. Os Hiranya-garbhas a chamam de Brahman ou Brahmaloka. Sesha é Ananta, uma forma específica de Narayana. Aqueles que chamam esta região de Nara são, naturalmente, os Sankhyas, pois estes consideram a Emancipação como a meta de Jiva ou toda criatura.) Quando chega a destruição universal, aquelas pessoas que conseguiram consumir completamente pelo Conhecimento os seus corpos grosseiro e sutil e karana, sempre entram em Brahma. Todos os seus Sentidos também os quais têm ação como sua essência, e que não são iguais a Brahma, se fundem no mesmo. Quando chega a hora da destruição universal, aqueles Jivas que alcançaram a posição de Devas e que têm um resto não esgotado dos frutos das ações para desfrutar ou aguentar, voltam àqueles estágios de vida no Kalpa subsequente, os quais eram deles no anterior. Isso é devido à semelhança de cada Kalpa

sucessivo com o anterior. Aqueles também cujos atos, no tempo da destruição universal, foram esgotados por gozo ou tolerância em relação a seus resultados, caindo do céu, tomam nascimento entre homens, no Kalpa subsequente, pois sem Conhecimento alguém não pode destruir suas ações nem em cem Kalpas. Todos os Seres superiores também, dotados de poderes similares e formas similares, voltam para seus respectivos destinos em uma nova criação depois de uma destruição universal, subindo e descendo precisamente da mesma maneira como durante a criação que foi dissolvida. Com relação à pessoa que conhece Brahma, enquanto ela continua a desfrutar ou suportar o resto inesgotado de suas ações de Kalpas anteriores, é dito que todas as criaturas e as duas ciências imaculadas (Paravidya e Aparavidya, isto é, todo o conhecimento incluindo aquele de Brahma) vivem em seu corpo. Quando seu Chitta se torna purificado por Yoga, e quando ele pratica Samyama, este universo perceptível aparece para ele como somente seus próprios sentidos quíntuplos. (O que o orador deseja inculcar neste verso é que para alguém familiarizado com Brahma, o universo inteiro até completa identidade com Brahma é tão contíguo quando uma ameixa na palma da mão. Quando o Chitta é purificado por Yoga como praticado por meio de Dhyana, Dharana, and Samadhi, então o universo perceptível aparece para ele como idêntico aos seus próprios sentidos.) Investigando com uma mente purificada, Jiva alcança um fim elevado e imaculado. ('com uma mente purificada', isto é, com a ajuda de Sarvana (audição), Manana (atenção), Dhyana (contemplação), e Abhyasa (meditação repetida.) Então ele alcança um lugar que não conhece deterioração, e então alcança o eterno Brahma que é tão difícil de ser alcançado. Dessa maneira, ó tu de grande poder, eu te falei da eminência de Narayana!'"

"Vritra disse, 'Essas tuas palavras, eu vejo, estão perfeitamente de acordo com a verdade. De fato, quando isto é assim, eu não tenho (motivo para angústia). Tendo ouvido tuas palavras, ó tu de grandes poderes mentais, eu fiquei livre de tristeza e pecado de todo tipo. Ó Rishi ilustre, ó santo, eu vejo que esta roda do Tempo, dotada de energia imensa, do mais refulgente e Infinito Vishnu, foi posta em movimento. Eterno é aquele local do qual todos os tipos de criações surgem. Aquele Vishnu é a Alma Suprema. Ele é o principal dos Seres. Nele repousa todo este universo.'"

"Bhishma continuou, 'Tendo dito estas palavras, ó filho de Kunti, Vritra abandonou seus ares vitais, unindo sua alma (em Yoga, com a Alma suprema), e alcançou a posição mais elevada.'"

"Yudhishthira disse, 'Diga-me, ó avô, se este Janardana (Krishna) é aquele Senhor ilustre e pujante de quem Sanatkumara falou para Vritra nos tempos passados.'"

"Bhishma disse, 'A Divindade mais Sublime, dotada dos seis atributos de (força, etc.) está na Base. Permanecendo lá, a Alma Suprema, com sua própria energia, cria todas essas diversas coisas existentes. (O comentador diz que o objetivo deste verso é inculcar a Impessoalidade de Deus. Deus é a Base de todas as coisas. Ele existe em sua própria natureza inalterada, como Chit puro. Vidya (Conhecimento) e Avidya (Ignorância ou ilusão) existem nele. Por causa do último

ele é Bhagavan, isto é, dotado dos seis grandiosos atributos de pujança, etc.) Saiba que este Kesava que não conhece deterioração vem de Sua oitava parte. Dotado da maior Inteligência, é este Kesava quem cria os três mundos com uma oitava parte (de Sua energia). Vindo imediatamente depois daquele que se encontra na Base, este Kesava que é eterno (comparado com todas as outras coisas existentes), muda no fim de cada Kalpa. Aquele, no entanto, que se encontra na Base e que é dotado de poder e força supremos, repousa nas águas quando chega a destruição universal (na forma da Semente potencial, (causas e efeitos), de todas as coisas). Kesava é aquele Criador de Alma pura que percorre todos os mundos eternos. Infinito e Eterno como Ele é, Ele enche todo o espaço (com emanações de Si Mesmo) e percorre o universo (na forma de tudo o que constitui o universo). Livre como Ele é de limitações de todo tipo tais como a posse de atributos implicaria, ele se permite ser envolvido com Avidya e despertado para a Consciência. Kesava de Alma Suprema cria todas as coisas. Nele repousa este universo magnífico em sua totalidade.'"

"Yudhishthira disse, 'Ó tu que és conhecedor do maior objeto de conhecimento, eu penso que Vritra viu antes o fim excelente que o esperava. É por isso, ó avô, que ele estava feliz e não se entregou à aflição (em vista de sua morte próxima). Aquele que é de cor Branca, que tomou nascimento em uma linhagem pura ou imaculada, e que alcançou a categoria de um Sadhya não volta, ó impecável, (ao mundo por renascimento). Tal pessoa, ó avô, está livre de ambos, do inferno e da posição de todas as criaturas intermediárias. Aquele, no entanto, que obteve a cor Amarela ou Vermelha, é visto às vezes ser subjugado por Tamas e cair entre a classe de criaturas intermediárias. Com relação a nós, nós estamos muito aflitos e apegados a objetos que são produtivos de tristeza ou indiferença ou alegria. Ai, qual será o fim ao qual nós alcançaremos? Será a (cor) Azul ou a Escura que é a mais baixa de todas as cores?'"

"Bhishma continuou, 'Vocês são Pandavas. Vocês nasceram em uma linhagem imaculada. Vocês são de votos rígidos. Tendo se divertido em alegria nas regiões dos deuses, vocês voltarão ao mundo dos homens. Vivendo felizmente enquanto a criação durar, todos vocês na próxima nova criação serão admitidos entre os deuses, e desfrutando de todos os tipos de felicidades finalmente serão numerados entre os Siddhas. Que nenhum medo seja seu. Sejam alegres.'"

281

"Yudhishthira disse, 'Quão grandioso era o amor de virtude possuído por Vritra de energia incomensurável, cujo conhecimento era incomparável e cuja devoção a Vishnu era tão grande. A posição ocupada por Vishnu de energia incomensurável é extremamente difícil de ser compreendida. Como, ó tigre entre reis, poderia Vritra (que era um Asura) compreendê-la (tão bem)? Tu falaste das ações de Vritra. Eu também te escutei em plena fé. No entanto, por eu ver que um ponto (do teu discurso) é incompreensível (e isso, portanto, requer explicação), minha curiosidade foi despertada para te questionar novamente. Como, de fato, Vritra,

que era virtuoso, devotado a Vishnu, dotado do conhecimento da verdade derivável de uma compreensão correta dos Upanishads e Vedanta, foi derrotado por Indra, ó principal dos homens? Ó chefe dos Bharatas, esclareça esta minha dúvida. De fato, me diga, ó tigre entre reis, como Vritra foi derrotado por Sakra! Ó avô, ó tu de braços poderosos, me diga em detalhes como ocorreu a batalha (entre o chefe das divindades e o principal dos Asuras). Minha curiosidade para ouvi-la é muito grande.'"

Bhishma disse, 'Antigamente, Indra, acompanhado pelas forças celestes, procedia em seu carro, e viu o Asura Vritra posicionado perante ele como uma montanha. Ele tinha quinhentas Yojanas completas de altura, ó castigador de inimigos, e trezentas Yojanas de circunferência. Vendo aquela forma de Vritra, que não podia ser derrotada pelos três mundos unidos juntos, o celestial foi tomado pelo medo e ficou cheio de ansiedade. De fato, vendo de repente aquela forma gigantesca de seu antagonista, ó rei, Indra foi afetado pela paralisia nas extremidades inferiores. Então, na véspera daquela grande batalha entre as divindades e os Asuras, ergueram-se gritos altos de ambos os lados, e baterias e outros instrumentos musicais começaram a ser tocados. Vendo Sakra posicionado à sua frente, ó tu da linhagem de Kuru, Vritra não sentiu nem admiração nem medo, nem ele estava disposto a reunir todas as suas energias para a luta. Então o combate começou, inspirando os três mundos com terror, entre Indra, o chefe das divindades, e Vritra de grande alma. O firmamento inteiro foi envolvido pelos combates de ambos os lados com espadas e machados, lanças, dardos e arpões, maças pesadas e rochas de diversos tamanhos, arcos de vibração alta e diversas espécies de armas celestes, e fogos e madeiras ardentes. Todos os celestiais com o Avô em sua dianteira, e todos os Rishis altamente abençoados, foram testemunhar a batalha, nos seus principais dos carros; e os Siddhas também, ó touro da raça Bharata, e os Gandharvas, com as Apsaras, em seus próprios e belos e principais dos carros, foram lá (para o mesmo propósito). Então Vritra, aquela principal das pessoas virtuosas, rapidamente oprimiu o firmamento e o chefe das divindades com uma chuva grossa de rochas. Os celestiais, nisto, cheios de raiva, dissiparam com suas chuvas de setas aquela chuva grossa de rochas despejada por Vritra em batalha. Então Vritra, ó tigre entre os Kurus, possuidor de força imensa e dotado de grandes poderes de ilusão, entorpeceu o chefe das divindades por lutar totalmente com a ajuda de seus poderes de ilusão. Quando ele de sem sacrifícios, assim afligido por Vritra, foi dominado pelo estupor, o sábio Vasishtha o restituiu aos seus sentidos por proferir Somanas.'"

"Vasishtha disse, 'Tu és o principal dos deuses, ó chefe das divindades, ó matador de Daityas e Asuras! A força dos três mundos está em ti! Por que, então, ó Sakra, tu enlanguesces dessa maneira? Lá se encontram Brahman, e Vishnu, e Siva, aquele senhor do universo, o ilustre e divino Soma, e todos os grandes Rishis (te observando)! Ó Sakra, não ceda à fraqueza, como uma pessoa comum! Firmemente decidido em batalha, mate teus inimigos, ó chefe dos celestiais! Lá, aquele Mestre de todos os mundos, isto é, (Siva) de três olhos, o adorado de todos os mundos, está te olhando! Rejeite este entorpecimento, ó chefe dos

celestiais! Lá, aqueles Rishis regenerados, encabeçados por Vrihaspati, estão te louvando, para tua vitória, em hinos celestiais.'"

"Bhishma continuou, 'Enquanto Vasava de grande energia estava assim sendo restaurado à consciência por Vasishtha de grande alma, sua força veio a ser imensamente aumentada. O ilustre castigador de Paka então, confiando em sua inteligência, recorreu ao Yoga excelente e com sua ajuda dissipou aquelas ilusões de Vritra. Então Vrihaspati, o filho de Angiras, e aqueles principais dos Rishis possuidores de grande prosperidade, observando a destreza de Vritra, foram até Mahadeva, e impelidos pelo desejo de beneficiar os três mundos, o incitaram a destruir o grande Asura. A energia daquele senhor ilustre do universo então assumiu o caráter de uma febre feroz e penetrou no corpo de Vritra, o senhor dos Asuras. O ilustre e divino Vishnu, adorado de todos os mundos, inclinado a proteger o universo, entrou no raio de Indra. Então Vrihaspati de grande inteligência e Vasishtha de energia excelente, e todos os outros principais dos Rishis, indo até Ele de cem sacrifícios, isto é, Vasava concessor de bênçãos, o adorado de todos os mundos, se dirigiram a ele, dizendo, 'Mate Vritra, ó pujante, sem demora!'"

"Maheswara disse, 'Lá, ó Sakra, está o grande Vritra, acompanhado por uma grande tropa. Ele é a alma do universo, capaz de ir a todos os lugares, dotado de grandes poderes de ilusão, e possuidor de grande celebridade. Este principal dos Asuras é, portanto, incapaz de ser derrotado até pelos três mundos juntos. Ajudado por Yoga, mate-o, ó chefe das divindades. Não o desconsidere. Por sessenta mil anos completos, ó chefe dos celestiais, Vritra praticou as mais severas penitências para obter força. Brahman deu a ele as bênçãos que ele pediu, isto é, a grandeza que pertence aos Yogins, grandes poderes de ilusão, excesso de poder, e energia superabundante. Eu te dou minha energia, ó Vasava! O Danava agora perdeu sua frieza. Portanto, mate-o agora com teu raio!'"

"Sakra disse, 'Perante teus olhos, ó principal dos deuses, eu irei, pela tua graça, matar com meu raio este filho invencível de Diti.'"

"Bhishma continuou, 'Quando o grande Asura ou Daitya foi alcançado por aquela febre (nascida da energia de Mahadeva), as divindades e os Rishis, cheios de alegria, proferiram aclamações altas. Ao mesmo tempo tambores, e conchas de clangor alto, e tímpanos e tambores pequenos começaram a ser tocados aos milhares. De repente todos os Asuras ficaram afligidos com perda de memória. Em um instante, seus poderes de ilusão também desapareceram. Os Rishis e as divindades, averiguando que o inimigo estava assim possuído, proferiram os louvores de Sakra e Isana, e começaram a incitar o primeiro (a não se demorar em destruir Vritra). A forma que Indra assumiu na véspera do combate, enquanto sentado em seu carro e enquanto seus louvores estavam sendo cantados pelos Rishis, se tornou de tal maneira que ninguém podia olhá-la sem terror.'"

(Este relato do combate entre Vritra e Indra é substancialmente diferente daquele que se encontra no Vana Parva. Então também a parte que os Rishis tomaram na morte do Asura é sem dúvida criticável. Os grandes Rishis, mesmo para beneficiar os três mundos, certamente não deveriam prejudicar alguma

criatura. No relato acima, Vasishtha e Vrihaspati e os outros são representados como pessoas que apostaram grandemente no sucesso de Indra. No relato que se encontra no Vana Parva, Indra é representado como estando com medo terrível de Vritra e lançando seu raio sem nem fazer pontaria deliberada, e se recusando a acreditar que seu inimigo estava morto até ser assegurado por todas as divindades. O presente relato parece ser muito mais antigo do que aquele no Vana Parva.)

282

"Bhishma disse, 'Ouça-me, ó rei, enquanto eu te digo os sintomas que apareceram no corpo de Vritra quando ele foi dominado por aquela febre (nascida da energia de Mahadeva). A boca do Asura heróico começou a emitir chamas de fogo. Ele ficou extremamente pálido. Seu corpo começou a tremer completamente. Sua respiração se tornou pesada e difícil. Seus cabelos eriçaram-se. Sua memória, ó Bharata, saiu de sua boca na forma de um chacal feroz, terrível, e inauspicioso. Meteoros brilhantes e ardentes caíram à sua direita e esquerda. Urubus e kanakas e grous, se reunindo, proferiram gritos ferozes, enquanto eles circulavam sobre a cabeça de Vritra. Então, naquele duelo, Indra, adorado pelos deuses e armado com o raio, olhou firme para o Daitya quando o último sentava em seu carro. Possuído por aquela febre violenta, o poderoso Asura, ó monarca, bocejou e proferiu gritos inumanos. Enquanto o Asura estava bocejando Indra arremessou seu raio nele. Dotado de energia extremamente grande e parecendo com o fogo que destrói a criação no fim do Yuga, aquele raio derrubou Vritra de forma gigantesca em um instante. Gritos altos foram mais uma vez proferidos pelos deuses em todos os lados quando eles viram Vritra morto, ó touro da raça Bharata! Tendo matado Vritra, Maghavat, aquele inimigo dos Danavas, possuidor de grande fama, entrou no céu com aquele raio permeado por Vishnu. Exatamente naquele momento, ó tu da linhagem de Kuru, o pecado de Brahmanicídio (em sua forma incorporada), feroz e horrível e inspirando todos os mundos com temor, saiu do corpo do morto Vritra. De dentes terríveis e horrível, medonha pela feiúra, e escura e morena, com cabelos despenteados, e olhos terríveis, ó Bharata, com uma guirlanda de caveiras ao redor de seu pescoço, e parecendo com um Encantamento (Atharvan em sua forma incorporada), ó touro da raça Bharata, completamente coberta com sangue, e vestida em trapos e cascas de árvores, ó tu de alma justa, ela saiu do corpo de Vritra. De tal forma e aparência terríveis, ó monarca, ela procurou o manejador do raio (para possuí-lo). Pouco tempo depois, ó tu da linhagem de Kuru, o matador de Vritra, em algum propósito ligado com o bem dos três mundos, estava procedendo para o céu. Vendo Indra de grande energia assim procedendo em sua missão, ela agarrou o chefe das divindades e daquele momento em diante aferrou-se a ele. Quando o pecado de Brahmanicídio assim aferrou-se à sua pessoa e inspirou-o com terror, Indra entrou nas fibras de um talo de lótus e morou lá por muitos longos anos. Mas o pecado de Brahmanicídio o perseguia de perto. De fato, ó filho de Kuru, agarrado por ela, Indra ficou desprovido de todas as suas energias. Ele fez grandes esforços para

afastá-la de si, mas todos aqueles esforços fracassaram. Agarrado por ela, ó touro da raça Bharata, o chefe das divindades finalmente se apresentou perante o Avô e o adorou por inclinar sua cabeça. Compreendendo que Sakra estava possuído pelo pecado de Brahmanicídio, (pois Vritra era um descendente direto do grande sábio Kasyapa, o progenitor comum dos Devas e Asuras, então, ele era certamente uma pessoa muito superior), Brahman começou a refletir, ó melhor dos Bharatas, (sobre os meios de libertar seu suplicante). O Avô finalmente, ó tu de braços poderosos, dirigiu-se ao Brahmanicídio em uma voz gentil como se pelo desejo de acalmá-la, e disse, 'Ó amável, que o chefe dos celestiais, que é um favorito meu, seja liberto de ti. Diga-me o que eu farei por ti. Qual desejo teu eu realizarei?'"

"Brahmanicídio disse, 'Quando o Criador dos três mundos, quando o deus ilustre adorado pelo universo, está satisfeito comigo, eu considero meus desejos como já realizados. Que minha residência seja agora designada. Desejoso de preservar os mundos, esta regra foi feita por ti. Foste tu, ó senhor, que introduziste esta ordenança importante. (As regras ou ordenança referida é a respeito do assassino de um Brahmana estar sujeito a ser tomado pelo pecado de Brahmanicídio.) Como tu estás satisfeito comigo, ó Senhor justo, ó Mestre pujante de todos os mundos, eu certamente deixarei Sakra! Mas me conceda uma residência para morar.'"

"Bhishma continuou, 'O Avô respondeu para o Brahmanicídio, dizendo, 'Assim seja!' De fato, o Avô descobriu os meios para afastar o Brahmanicídio da pessoa de Indra. O Auto-criado lembrou-se de Agni de grande alma. O último imediatamente se apresentou para Brahman e disse estas palavras, 'Ó Senhor ilustre e divino, ó tu que não tens qualquer defeito, eu apareci diante de ti. Cabe a ti me dizer o que eu terei que realizar.'"

"Brahman disse, 'Eu dividirei este pecado de Brahmanicídio em várias partes. Para libertar Sakra dela, pegue uma quarta parte daquele pecado.'"

"Agni disse, 'Como eu serei resgatado dela, ó Brahman? Ó Senhor pujante, aponte uma maneira. Eu desejo saber os meios (de meu próprio livramento) em detalhes, ó adorado de todos os mundos!'"

"Brahman disse, 'Naquele homem que, dominado pela qualidade de Tamas, se abstiver de te oferecer como uma oblação, quando ele te vir em tua forma brilhante, sementes, ervas, e sucos, aquela parte do Brahmanicídio que tu tomarás sobre ti mesmo entrará imediatamente, e te deixando habitará nele. Ó portador de oblações, que a febre do teu coração seja dissipada.'"

"Bhishma disse, 'Assim endereçado pelo Avô o comedor de oblações e oferendas sacrificais aceitou sua ordem. Um quarto daquele pecado então entrou em seu corpo, ó rei! O Avô então convocou as árvores, as ervas, e todas as espécies de grama a ele, e solicitou a elas para tomarem sobre si mesmas um quarto daquele pecado. Endereçadas por ele, as árvores e ervas e gramas ficaram tão agitadas quanto Agni tinha ficado pelo pedido, e elas responderam ao Avô, dizendo, 'Como nós iremos, ó Avô de todos os mundos, nos salvar deste pecado?

Cabe a ti não afligir a nós que já temos sido afligidas pelos destinos. Ó deus, nós temos sempre que suportar calor e frio e as chuvas (das nuvens) impelidas pelos ventos, além do corte e do arrancamento (que nós temos que sofrer nas mãos de homens). Nós estamos dispostas, ó Senhor dos três mundos, a aceitar por tua ordem (uma parte deste) pecado de Brahmanicídio. Que os meios, no entanto, de nosso resgate sejam indicados para nós.'"

"Brahman disse, 'Este pecado que vocês receberão possuirá o homem que, por estupefação do bom senso, cortar ou arrancar alguma uma de vocês quando vierem os dias Parva.'"

"Bhishma disse, 'Assim endereçadas por Brahman de grande alma, as árvores e ervas e gramas adoraram o Criador e então partiram sem se demorarem lá. O Avô de todos os mundos então convocou as Apsaras e gratificando-as com palavras gentis, ó Bharata, disse, 'Esta principal das senhoras, isto é, Brahmanicídio, saiu da pessoa de Indra. A meu pedido, tomem uma quarta parte dela em suas próprias pessoas (para salvar o Chefe das divindades).'"

"As Apsaras disseram, 'Ó Senhor de todos os deuses, por tua ordem nós estamos totalmente dispostas a pegar uma parte deste pecado. Mas, ó Avô, pense nos meios pelos quais nós poderemos nos libertar (dos efeitos) deste acordo (que nós fazemos contigo).'"

"Brahman disse, 'Que a febre de seus corações seja dissipada. A parte deste pecado que vocês tomarão sobre si mesmas as deixará para possuir imediatamente aquele homem que procurar ato sexual com mulheres em sua época menstrual!'"

"Bhishma continuou, 'Assim endereçadas pelo Avô, ó touro da raça Bharata, as diversas tribos de Apsaras, com almas alegres, foram para seus respectivos lugares e começaram a se divertir em alegria. O ilustre Criador dos três mundos, dotado de grande mérito ascético, então se lembrou das Águas que imediatamente foram até ele. Chegando à presença de Brahman de energia incomensurável, as Águas se curvaram e disseram estas palavras, 'Nós viemos diante de ti, ó castigador de inimigos, por tua ordem. Ó Mestre pujante de todos os mundos, diga-nos o que nós devemos realizar.'"

"Brahman disse, 'Este pecado terrível tomou posse de Indra, por ele ter matado Vritra. Peguem uma quarta parte do Brahmanicídio.'"

"As Águas disseram, 'Que seja como tu ordenas, ó mestre de todos os mundos. Cabe a ti, no entanto, ó nosso Senhor pujante, pensar nos meios pelos quais nós podemos (de nossa parte) ser resgatadas da (consequência) deste acordo. Tu és o Senhor de todas as divindades, e o refúgio supremo do universo. Quem mais há a quem nós possamos prestar nossas adorações para que ele possa nos livrar da angústia?'"

"Brahman disse, 'Para aquele homem que, entorpecido por sua compreensão e pouco respeitando vocês, lançar em vocês catarro e urina e fezes, este (pecado)

imediatamente irá e desde então residirá nele. Dessa maneira, em verdade eu digo a vocês que seu resgate será realizado.'"

"Bhishma continuou, 'Então o pecado de Brahmanicídio, ó Yudhishthira, deixando o chefe das divindades, procedeu para as residências que foram ordenadas para ela por ordem do Avô. Foi assim, ó soberano de homens, que Indra veio a ser afligido por aquele pecado terrível (e foi assim que ele se livrou dela). Com a permissão do Avô Indra então resolveu realizar um Sacrifício de Cavalo. É ouvido, ó monarca, que Indra tendo sido assim possuído pelo pecado de Brahmanicídio depois ficou purificado dela através daquele Sacrifício. Recuperando sua prosperidade e matando milhares de inimigos, grande foi a alegria que Vasava obteve, ó senhor da Terra! Do sangue de Vritra, ó filho de Pritha, nasceram galos de cristas grandes. Por essa razão, aquelas aves são impuras (como alimento) para as classes regeneradas, e aqueles ascetas que passaram pelo rito de iniciação. Sob todas as circunstâncias, ó rei, realize o que é agradável para os duas vezes nascidos, pois estes, ó monarca, são conhecidos como deuses sobre a terra. Foi dessa maneira, ó tu da linhagem de Kuru, que o poderoso Asura Vritra foi morto por Sakra de energia incomensurável pela ajuda de inteligência sutil e pela aplicação de recursos. Tu também, ó filho de Kunti, não derrotado sobre a terra, te tornarás outro Indra e o matador de todos os teus inimigos. Aqueles homens que, em todo dia Parva, recitarem esta narrativa sagrada de Vritra no meio de Brahmanas nunca será manchado por qualquer pecado. Eu agora narrei para ti uma das maiores e mais maravilhosas façanhas de Indra relacionada com Vritra. O que mais tu desejas ouvir?'"

283

"Yudhishthira disse, 'Ó avô, tu és possuidor de grande sabedoria e completamente conhecedor de todos os ramos de conhecimento. Dessa mesma narrativa da morte de Vritra surgiu em minha mente o desejo de te fazer uma pergunta. Tu disseste, ó soberano de homens, que Vritra foi (primeiro) entorpecido pela Febre, e que então, ó impecável, ele foi morto por Vasava com o raio. Como esta Febre, ó tu de grande sabedoria, surgiu? Ó senhor, eu desejo ouvir em detalhes sobre a origem da Febre.'"

"Bhishma disse, 'Ouça, ó rei, à origem, célebre por todo o mundo, da Febre. Eu falarei em detalhes sobre este assunto, explicando totalmente como a Febre veio à existência pela primeira vez, ó Bharata! Antigamente, ó monarca, havia um topo, chamado Savitri, das montanhas de Meru. Adorado por todos os mundos, ele era dotado de grande esplendor e adornado com todos os tipos de jóias e pedras preciosas. Aquele topo era imensurável em extensão e para lá ninguém podia ir. Sobre aquele topo de montanha o divino Mahadeva costumava sentar-se em esplendor como se em uma armação de cama adornada com ouro. A filha do rei das montanhas, sentando ao lado dele, brilhava em luminosidade. (Uma ou Parvati, a filha de Himavat, a consorte de Siva.) As divindades de grande alma, os Vasus de energia incomensurável, os Aswins de grande alma, aqueles principais

dos médicos, e o rei Vaisravana servido por muitos Guhyakas, aquele senhor dos Yakshas, dotado de prosperidade e pujança, e tendo sua residência no topo de Kailasa, todos serviam Mahadeva de grande alma. E o grande sábio Usanas, e os principais dos Rishis tendo Sanatkumara como seu principal, e os outros Rishis celestes encabeçados por Angiras, e o Gandharva Viswavasu, e Narada e Parvata, e as diversas tribos de Apsaras, todos iam lá para servir o Mestre do universo. Uma brisa pura e auspiciosa, carregando diversos tipos de perfumes, soprava lá. As árvores que haviam lá eram adornadas com as flores de todas as estações. Um grande número de Vidyadharas e Siddhas e ascetas também, ó Bharata, iam para lá para servir Mahadeva, o Senhor de todas as criaturas. Muitos seres fantasmais, também, de diversas formas e aspectos, e muitos Rakshasas terríveis e Pisachas poderosos, de diversos aspectos, loucos de alegria, e armados com diversos tipos de armas erguidas, formando o séquito de Mahadeva, permaneciam lá, cada um dos quais parecia com um fogo ardente em energia. O ilustre Nandi morava lá por ordem do grande deus, brilhando com sua própria energia e armado com uma lança que parecia uma chama de fogo. Ganga também, aquele principal de todos os Rios e nascida de todas as águas sagradas no universo, servia lá em sua forma incorporada, ó filho da linhagem de Kuru, aquela divindade ilustre. Assim adorado pelos Rishis celestes e pelos deuses, o ilustre Mahadeva de energia incomensurável morava sobre aquele topo de Meru.'"

"Depois que algum tempo tinha passado, o Prajapati Daksha começou a realizar um Sacrifício segundo os ritos antigos (prescritos nos Vedas). (O auto-criado Brahman a princípio criou, por decretos de sua santa vontade, certos seres que foram encarregados de procriar para encher o universo com criaturas vivas. Esses eram os Prajapatis ou senhores de todas as criaturas. Entre eles estava Daksha. Outros relatos representam Daksha como o neto de Brahman.) Para o Sacrifício de Daksha, todas as divindades encabeçadas por Sakra, se reunindo, resolveram ir. É sabido por nós que as divindades de grande alma, com a permissão de Mahadeva, subiram em seus carros celestes parecendo com o fogo ou com o Sol em esplendor, e procederam para aquele local (sobre o Himavat) de onde se diz que o Ganges emerge. Vendo as divindades partirem, a excelente filha do rei das montanhas dirigiu-se ao seu cônjuge divino, o Senhor de todas as criaturas, e disse, 'Ó ilustre, onde aquelas divindades encabeçadas por Sakra estão indo? Ó tu que conheces a verdade, me diga realmente, pois uma grande dúvida encheu minha mente.'"

"Maheswara disse, 'Ó dama que é altamente abençoada, o excelente Prajapati Daksha está adorando os deuses em um Sacrifício de Cavalo. Estes habitantes do céu estão procedendo para lá.'"

"Uma disse, 'Por que, ó Mahadeva, tu não procedes para aquele Sacrifício? Que objeção há em tu ires para aquele local?'"

"Maheswara disse, 'Ó senhora altamente abençoada, as divindades antigamente fizeram um arranjo em consequência do qual nenhuma parte foi atribuída para mim das oferendas em todos os Sacrifícios. De acordo com o modo de ação que foi sancionado por aquele arranjo, ó tu da aparência mais formosa, as

divindades não me dão, seguindo o antigo costume, qualquer parte das oferendas sacrificais.'"

"Uma disse, 'Ó ilustre, entre todos os seres tu és o principal em força. Em mérito, em energia, em fama, e em prosperidade, tu não te sujeitas a ninguém, e tu és, de fato, superior a todos. Por causa, no entanto, desta incapacidade em relação a uma parte (nas oferendas Sacrificais), eu estou cheia de grande aflição, ó impecável, e um tremor me ultrapassa da cabeça aos pés.'"

"Bhishma continuou, 'A deusa (Parvati), tendo dito estas palavras para seu cônjuge divino, o Senhor de todas as criaturas, ó monarca, ficou calada, enquanto seu coração queimava em aflição. Então Mahadeva, compreendendo o que estava em seu coração e quais eram seus pensamentos, (para acabar com aquela ignomínia), se dirigiu a Nandi, dizendo, 'Espere aqui (perto da deusa)'. Convocando toda sua força de Yoga, aquele Senhor de todos os senhores de Yoga, aquele deus de deuses, aquele manejador de Pinaka, possuidor de energia imensa, procedeu rapidamente para o local (onde Daksha estava sacrificando) acompanhado por todos os seus seguidores terríveis e destruiu aquele Sacrifício. Entre aqueles seguidores dele, alguns preferiam gritos altos, alguns riam terrivelmente, alguns, ó rei, extinguiram os fogos (Sacrificais) com sangue; e alguns, possuidores de rostos horríveis, levantando as estacas sacrificais, começaram a girá-las. Outros começaram a devorar aqueles que estavam contribuindo para o Sacrifício. Então aquele sacrifício, assim afligido por todos os lados, assumiu a forma de um veado e procurou fugir pelos céus. Vendo que o Sacrifício estava fugindo naquela forma, o pujante Mahadeva começou a persegui-lo com arco e flecha. Por causa da ira que então enchia o coração daquele principal de todos os deuses, possuidor de energia incomensurável, uma gota terrível de suor apareceu em sua testa. Quando aquela gota de suor caiu na terra, lá em seguida apareceu um fogo ardente parecido com a conflagração (todo-destrutiva) que aparece no fim de um Yuga. Daquele fogo saiu um ser terrível, ó monarca, de estatura muito baixa, possuidor de olhos cor de sangue e uma barba verde. Seu corpo estava totalmente coberto de pêlos como o de um falcão ou de uma coruja e seu cabelo estava ereto. De aspecto terrível, sua cor era escura e seu traje vermelho vivo. Como um fogo queimando uma pilha de grama ou palha seca, aquele Ser de grande energia consumiu rapidamente a forma incorporada do Sacrifício. Tendo realizado aquele feito, ele então se precipitou em direção às divindades e aos Rishis que tinham se reunido lá. As divindades, cheias de medo, fugiram em todas as direções. Por causa do andar daquele Ser, a terra, ó monarca começou a tremer. Exclamações de 'Oh' e 'Ai' ergueram-se por todo o universo. Notando isto, o Avô pujante, se mostrando para Mahadeva, dirigiu-se a ele nas seguintes palavras.'"

"Brahman disse, 'Ó pujante, as divindades de agora em diante te darão uma parte das oferendas sacrificais! Ó Senhor de todas as divindades, que essa tua ira seja retraída por ti! Ó opressor de inimigos, lá, aqueles deuses, e os Rishis, por tua cólera, ó Mahadeva, ficaram extremamente agitados. Este Ser também, que surgiu do teu suor, ó principal dos deuses, vagará entre criaturas, ó tu de grande justa, sob o nome de Febre. Ó pujante, se a energia deste Ser permanecer toda

reunida junta, então a própria terra inteira não poderá suportá-lo. Que ele, portanto, seja repartido em muitas partes.' Quando Brahman tinha dito estas palavras, e quando sua própria parte das oferendas sacrificais foi designada, Mahadeva respondeu para o Avô de grande energia, dizendo, 'Assim seja'. De fato, o manejador de Pinaka, isto é, Bhava, sorriu um pouco e ficou cheio de alegria. E ele aceitou a parte que o Avô designou para ele das oferendas em sacrifícios. Conhecedor das propriedades de tudo, Mahadeva então distribuiu a Febre em muitas partes, para a paz de todas as criaturas. Escute, ó filho, como ele fez isso. O calor que é perceptível nas cabeças de elefantes, o betume de montanhas (uma substância semelhante à laca que goteja das pedras de certas montanhas durante os meses quentes), o musgo que flutua sobre a água, a pele de cobras, as feridas que aparecem nos cascos de touros, as regiões estéreis da terra que estão cheias de substância salina, o embotamento de visão de todos os animais, as doenças que aparecem nas gargantas de cavalos, as cristas que aparecem nas cabeças de pavões, a doença do olho do cuco (que é a ave favorita de poetas indianos), cada um destes foi chamado de Febre por Mahadeva de grande alma. Isso é o que tem sido ouvido por nós. A doença do fígado da ovelha, e o soluço dos papagaios são também conhecidos como formas de Febre. A isto deve ser somado a fadiga que os tigres sofrem, pois isso também, ó rei justo, é conhecido como uma forma de Febre. Além disso, ó Bharata, entre os homens, a Febre entra em todos os corpos na hora do nascimento, da morte, e em outras ocasiões. Isto então que é chamado de Febre é conhecido como a energia terrível de Maheswara. Ele é dotado de autoridade sobre todas as criaturas e deve, portanto, ser considerado com respeito e adorado por todos. Foi por ele que Vritra, aquela principal das pessoas virtuosas, foi surpreendido quando ele bocejou. Foi então que Sakra arremessou seu raio nele. O raio, penetrando no corpo de Vritra, ó Bharata, o dividiu em dois. Dividido em dois pelo raio, o Asura poderoso possuidor de grandes poderes de Yoga procedeu para a região de Vishnu de energia incomensurável. Foi por sua devoção a Vishnu que ele tinha conseguido subjugar o universo inteiro. E foi por sua devoção a Vishnu que ele ascendeu, quando morto, para a região de Vishnu. Assim, ó filho, referente à história de Vritra eu narrei para ti em detalhes a narrativa a respeito da Febre. Sobre o que mais eu falarei para ti? O homem que ler este relato da origem da Febre com atenção cuidadosa e coração alegre se tornará livre de doença e sempre terá felicidade como sua parte. Cheio de alegria, ele terá realizados todos os desejos sobre os quais ele possa colocar seu coração.'"

284

"Janamejaya disse, 'Como, ó Brahmana, o Sacrifício de Cavalo do Prajapati Daksha, filho de Prachetas, foi destruído durante a era de Vaivaswata Manu? Compreendendo que a deusa Uma tinha ficado cheia de raiva e aflição, o pujante Mahadeva, que é a alma de todas as coisas, deu vazão à ira. Como, também, por sua graça, Daksha foi permitido reunir os membros divididos daquele Sacrifício?

Eu desejo saber tudo isso. Diga-me como tudo isso realmente ocorreu, ó Brahmana.'"

"Vaisampayana disse, 'Antigamente Daksha fez arranjos para realizar um Sacrifício no leito de Himavat, naquela região sagrada habitada por Rishis e Siddhas onde o Ganges sai das montanhas. Coberto com árvores e trepadeiras de diversas espécies aquele local abundava com Gandharvas e Apsaras. Cercado por multidões de Rishis, Daksha, aquele principal dos homens virtuosos, aquele progenitor de criaturas, era servido pelos habitantes da terra, do firmamento, e dos céus, com suas mãos unidas em reverência. Os deuses, os Danavas, os Gandharvas, os Pisachas, as Cobras, os Rakshasas, os dois Gandharvas chamados Haha e Huhu, Tumvuru e Narada, Viswavasu, Viswasena, os Gandharvas e as Apsaras, os Adityas, os Vasus, os Rudras, os Sadhyas, os Maruts, todos foram lá com Indra para tomar parte no Sacrifício. Os bebedores de Soma, os bebedores de fumaça, os bebedores de Ajya, os Rishis, e os Pitris foram lá com os Brahmanas. Estes, e muitas outras criaturas vivas pertencentes às quatro classes, isto é, vivíparas e ovíparas e nascidas da sujeira e vegetais, foram convidadas para aquele Sacrifício. Os deuses também, com seus cônjuges, respeitosamente convidados àquele lugar, chegaram em seus carros celestes e sentados sobre eles brilhavam como fogos ardentes. Vendo eles, o Rishi Dadhichi encheu-se de aflição e cólera, e disse, 'Isso não é um Sacrifício nem um rito meritório de religião, já que Rudra não é adorado nele. Vocês estão certamente se expondo à morte e servidão. Ai, quão desfavorável é o curso do tempo. Entorpecidos pelo erro vocês não vêem que a destruição os espera. Uma calamidade terrível se encontra à sua porta no decorrer desse grande Sacrifício. Vocês estão cegos para isso!' Tendo dito estas palavras, aquele grandioso Yogin viu o futuro com olhos de contemplação (Yoga). Ele viu Mahadeva, e sua cônjuge divina, isto é, aquela concessora de benefícios excelentes (sentados no topo de Kailasa) com Narada de grande alma sentado junto da deusa. Familiarizado com Yoga, Dadhichi ficou muito satisfeito, tendo averiguado o que estava prestes a acontecer. Todas as divindades e outros que tinham ido lá eram da mesma opinião com referência à omissão em convidar o Senhor de todas as criaturas. Somente Dadhichi, desejoso de deixar aquele local, então disse, 'Por adorar alguém que não deve ser adorado, e por se recusar a adorar aquele que deve ser adorado, um homem incorre no pecado de homicídio para sempre. Eu nunca antes falei uma inverdade, e uma inverdade eu nunca falarei. Aqui no meio dos deuses e dos Rishis eu digo a verdade. O Protetor de todas as criaturas, o Criador do universo, o Senhor de tudo, o Mestre pujante, o recebedor de oferendas sacrificais, logo virá a este Sacrifício e vocês todos o verão.'"

"Daksha disse, 'Nós temos muitos Rudras armados com lanças e tendo cabelos emaranhados em suas cabeças. Eles são onze em número. Eu conheço eles todos, mas eu não sei quem é este (novo Rudra) Maheswara.'"

"Dadhichi disse, 'Esta parece ser a opinião de todos os que estão aqui, isto é, que Maheswara não deve ser convidado. Como, no entanto, eu não vejo algum deus que possa ser citado como sendo superior a ele, eu estou certo de que esse proposto Sacrifício de Daksha seguramente será alcançado pela destruição.'"

"Daksha disse, 'Aqui, neste recipiente de ouro, planejado para o Senhor de todos os Sacrifícios, está a oferenda sacrifical santificada por mantras e (ritos) segundo a ordenança. Eu pretendo fazer esta oferenda para Vishnu que está além de comparação. Ele é poderoso e o Mestre de todos, e para Ele sacrifícios devem ser realizados.'"

'Enquanto isso', continuou Vaisampayana, 'a deusa Uma, sentada com seu marido, disse estas palavras.'"

"Uma disse, 'Quais são aquelas doações, quais são aqueles votos, e quais são aquelas penitências, que eu devo fazer ou praticar por meio dos quais meu marido ilustre possa obter uma metade ou uma terça parte das oferendas em sacrifícios?' Para sua esposa que estava agitada com angústia e que repetiu estas palavras o ilustre Mahadeva disse com uma expressão alegre, 'Tu não me conheces, ó deusa! Tu não sabes, ó tu de membros delicados e ventre baixo, quais palavras são apropriadas para serem dirigidas ao Senhor dos Sacrifícios. Ó dama de olhos grandes, eu sei que é somente o pecaminoso, que é desprovido de contemplação, que não me compreende. (Tu, no entanto, não és assim, portanto, é causa de surpresa que tu ainda não me conheças.) É através do teu poder de ilusão que as divindades com Indra em sua chefia e os três mundos todos vêm a ser entorpecidos. (És tu que entorpeces outros, como é que tu foste entorpecida dessa maneira?) É para mim que os cantores proferem seus louvores em Sacrifícios. É para mim que os cantores de Samans cantam seus Rathantaras. É para mim que Brahmanas conhecedores dos Vedas realizam seus Sacrifícios. E é para mim que os Adhvaryus oferecem as partes de oferendas sacrificais.'"

"A deusa disse, 'Até pessoas de habilidades comuns louvam e indultam a si mesmas na presença de seus cônjuges. Não há dúvida nisto.'"

"O santo disse, 'Ó Rainha de todos os deuses, eu certamente não louvo a mim mesmo. Veja agora, ó dama de cintura fina, o que eu faço. Contemple o Ser que eu criarei, ó tu da aparência mais formosa, para (destruir) este Sacrifício (que te desagradou), ó minha bela esposa.'"

"Tendo dito estas palavras para sua cônjuge Uma que era mais querida para ele do que sua própria vida, o pujante Mahadeva criou de sua boca um Ser terrível cuja própria visão podia arrepiar os cabelos de alguém. As chamas ardentes que emanavam de seu corpo o tornavam extremamente terrível de se contemplar. Seus braços eram muitos em número e em cada um havia uma arma que afligia o observador com medo. Aquele Ser, assim criado, ficou diante do grande deus, com mãos unidas, e disse, 'Quais ordens eu terei que cumprir?' Maheswara respondeu para ele, dizendo, 'Vá e destrua o Sacrifício de Daksha.' Assim ordenado, aquele Ser de bravura leonina que tinha saído da boca de Mahadeva desejou destruir o Sacrifício de Daksha, sem aplicar toda sua energia e sem a ajuda de alguém mais, para dissipar a cólera de Uma. Incitada por sua cólera, a esposa de Maheswara, ela mesma assumindo uma forma terrível que é conhecida pelo nome de Mahakali, procedeu na companhia daquele Ser que tinha saído da boca de Mahadeva, para testemunhar com seus próprios olhos a ação de

destruição a qual era dela mesma (pois foi ela que tinha impelido seu marido a realizá-la por sua causa). Aquele Ser poderoso então partiu, tendo obtido a permissão de Mahadeva e tendo curvado sua cabeça para ele. Em energia, força, e forma, ele parecia com o próprio Maheswara que o tinha criado. De fato, ele era a encarnação viva da ira (de Mahadeva). De poder e energia incomensuráveis, e de coragem e bravura imensuráveis, ele veio a ser chamado pelo nome de Virabhadra, aquele dissipador da ira da deusa. Ele então criou dos poros de seu corpo um grande número de espíritos superiores conhecidos pelo nome de Raumyas. Aqueles bandos de espíritos ferozes, dotados de energia e destreza terríveis e parecendo com o próprio Rudra por causa disso, moveram-se com a força do trovão para aquele local onde Daksha estava fazendo preparativos para seu sacrifício, impelidos pelo desejo de destruí-lo. Possuidores de formas terríveis e gigantescas, eles constavam de centenas e milhares. Eles encheram o céu com seus gritos e guinchos desordenados. Aquele barulho encheu de medo os habitantes do céu. As próprias montanhas foram rachadas e a terra tremeu. Redemoinhos de vento começaram a soprar. O Oceano ergueu-se em uma onda. Os fogos que foram acesos se recusaram a brilhar. O Sol ficou ofuscado. Os planetas, as estrelas, e constelações, e a lua, não mais brilharam. Os Rishis, os deuses e os seres humanos pareciam pálidos. Uma escuridão geral se espalhou sobre a terra e o céu. Os Rudras insultados começaram a atear fogo em tudo. Alguns entre eles de formas terríveis começaram a bater e golpear. Alguns arrancaram as estacas sacrificais. Algum começaram a triturar e outros a esmagar. Dotados da velocidade do vento ou pensamento, alguns começaram a avançar perto e longe. Alguns começaram a quebrar os recipientes sacrificais e os ornamentos celestes. Os fragmentos espalhados polvilharam o solo como as estrelas salpicando o firmamento. Pilhas de iguarias excelentes, de garrafas de bebida, e de comestíveis que haviam lá pareciam com montanhas. Rios de leite corriam por todos os lados, com manteiga clarificada e Payasa como sua lama, coalhos cremosos como sua água, e açúcar cristalizado como suas areias. Aqueles rios continham todos os seis gostos. Haviam lagos de melado que pareciam muito belos. Carne de diversas espécies, da melhor qualidade, e outros comestíveis de vários tipos, e muitas variedades excelentes de bebida, e várias outras espécies de alimento que podiam ser lambidas e chupadas, começaram a ser comidas por aquele exército de espíritos com diversas bocas. E eles começaram a arremessar e espalhar aquelas variedades de comida em todas as direções. Por causa da ira de Rudra, cada um daqueles Seres gigantescos parecia com o fogo-Yuga todo-destrutivo. Agitando as tropas celestes eles as fizeram tremer de medo e fugir em todas as direções. Aqueles espíritos violentos se divertiam uns com os outros, e agarrando as donzelas celestes as empurravam e arremessavam para todos os lados. De atos selvagens, aqueles Seres, impelidos pela cólera de Rudra, logo queimaram aquele Sacrifício embora ele fosse protegido com grande cuidado por todas as divindades. Altos eram os rugidos que eles proferiam, os quais aterrorizavam todas as criaturas vivas. Tendo arrancado a cabeça do Sacrifício eles se entregaram à alegria e gritos. Então os deuses encabeçados por Brahman, e aquele progenitor de criaturas, isto é, Daksha, unindo suas mãos em reverência, se dirigiram àquele Ser poderoso, dizendo, 'Diga-nos quem tu és.'"

"Virabhadra disse, 'Eu não sou nem Rudra nem sua esposa, a deusa Uma. Nem eu vim aqui para partilhar do alimento (fornecido neste Sacrifício). Sabendo do fato da ira de Uma, o Senhor pujante que é a alma de todas as criaturas deu vazão à ira. Eu não vim aqui para ver estes principais dos Brahmanas. Eu não vim aqui incitado por curiosidade. Saibam que eu vim aqui para destruir este seu Sacrifício. Eu sou conhecido pelo nome de Virabhadra e eu surgi da ira de Rudra. Esta dama (que é minha companheira), e que é chamada de Bhadrakali, surgiu da cólera da deusa. Ambos fomos enviados por aquele deus de deuses, e consequentemente viemos para cá. Ó principais dos Brahmanas, procurem a proteção daquele Senhor das divindades, o consorte de Uma. É preferível até incorrer na cólera daquele principal dos deuses do que obter benefícios de alguma outra Divindade.' Ouvindo as palavras de Virabhadra, Daksha, aquela principal de todas as pessoas justas, reverenciou Maheswara e procurou gratificá-lo por proferir o seguinte hino, 'Eu me jogo aos pés do refulgente Isana, que é Eterno, Imutável, e Indestrutível; que é o principal de todos os deuses, que é dotado de grande alma, que é o Senhor de todo o universo.' [Aqui seguem cinco slokas e meio que parecem ser interpolações.] Seus louvores tendo sido cantados dessa maneira, o grande deus Mahadeva, suspendendo Prana e Apana (os dois mais importantes dos cinco ares vitais) por fechar sua boca apropriadamente, e lançando olhares (bondosos) para todos os lados, se mostrou lá. Possuidor de muitos olhos, aquele subjugador de todos os inimigos, aquele Senhor até dos deuses de todos os deuses, ergueu-se de repente de dentro do buraco no qual era mantido o fogo sacrifical. Possuidor da refulgência de mil Sóis, e parecendo com outro Samvartaka, o grande deus sorriu gentilmente (para Daksha) e dirigindo-se a ele, disse, 'O que, ó Brahmana, eu farei por você?' Nesta conjuntura, o preceptor de todas as divindades adorou Mahadeva com os versos Védicos contidos nas seções Moksha. Então aquele progenitor de todas as criaturas, Daksha, unindo suas mãos em reverência, cheio de terror e medo, extremamente agitado, e com face e olhos banhados em lágrimas, dirigiu-se ao grande deus nas seguintes palavras.'"

"Daksha disse, 'Se o grande deus está satisfeito comigo, se, de fato, eu me tornei um objeto de favor para ele, se eu mereço sua bondade, se o grande Senhor de todas as criaturas está disposto a me conceder bênçãos, então que todos esses meus artigos que foram queimados, comidos, bebidos, engolidos, destruídos, quebrados, e poluídos, que todos esses artigos sejam úteis para mim. Reunidos no decorrer de muitos longos anos com grande cuidado e esforço, que eles não sejam inúteis. Este mesmo é o benefício que eu anseio.' Para ele o ilustre Hara, o arrancador dos olhos de Bhaga, disse, 'Que seja como tu dizes!' Estas mesmas foram as palavras daquele progenitor ilustre de todas as criaturas, aquele deus de três olhos, aquele protetor da justiça. (Mahadeva é chamado de Virupaksha por causa de seus três olhos, o terceiro olho fazendo suas feições terríveis de se olhar. Ele é também chamado de Tryaksha por sua posse de três olhos.) Tendo obtido aquele benefício de Bhava, Daksha se ajoelhou para ele e adorou aquela divindade que tem o touro como sua marca, por proferir seus mil e oito nomes.'"

285

“Yudhishthira disse, ‘Cabe a ti, ó majestade, me dizer aqueles nomes pelos quais Daksha, aquele progenitor de criaturas, adorou a grande divindade. Ó impecável, uma curiosidade reverente me impele a ouvi-los.’”

"Bhishma disse, 'Ouça, ó Bharata, quais são os nomes, secretos e proclamados, daquele deus de deuses, daquela divindade de feitos extraordinários, daqueles asceta de votos secretos.'”

"Daksha disse, 'Eu te reverencio, ó senhor de todos os deuses, o destruidor das tropas dos Asuras. Tu és o paralisador da força do próprio comandante celeste. Tu és adorado por deuses e Danavas. Tu és de mil olhos, tu és de olhos ferozes, e tu és de três olhos. Tu és o amigo do soberano dos Yakshas. Tuas mãos e pés se estendem em todas as direções para todos os lugares. Também teus olhos e cabeça e boca estão virados para todos os lados. Teus ouvidos também estão em todos os lugares no universo, e tu mesmo estás em todos os lugares, ó Senhor! Tu és de orelhas de seta, tu és de orelhas amplas, e tu és de orelhas de pote. Tu és o receptáculo do Oceano. Tuas orelhas são como aquelas do elefante, ou do touro, ou como palmas estendidas. Saudações a ti! Tu tens cem estômagos, cem revoluções, e cem línguas. Eu te reverencio! Os proferidores do Gayatri cantam teus louvores ao proferirem o Gayatri, e os devotos do Sol te adoram ao adorarem o Sol. Os Rishis te consideram como Brahmana, como Indra, e como o (ilimitável) firmamento acima. Ó tu de forma poderosa, o Oceano e o Céu são tuas duas formas. Todas as divindades moram em tua forma assim como gado mora dentro do curral. Em teu corpo eu vejo Soma, e Agni, e o senhor das Águas, e Aditya, e Vishnu, e Brahmana, e Vrihaspati. Tu, ó ilustre, és Causa e Efeito e Ação e Instrumento de tudo irreal e real, e tu és Criação e Destruição. Eu me curvo a ti que és chamado de Bhava e Sarva e Rudra. Eu me curvo a ti que és o concessor de bênçãos. Eu sempre me curvo a ti que és o Senhor de todas as criaturas. Saudações a ti que és o matador de Andhaka. Saudações a ti que tens três madeixas emaranhadas, a ti que tens três cabeças, a ti que estás armado com um tridente excelente; a ti que tens três olhos e que és, portanto, chamado de Tryamvaka e Trinetra! Saudações a ti que és o destruidor da cidade tripla! Saudações a ti que és chamado de Chanda, e Kunda; a ti que és o ovo (universal) e também o portador do ovo (universal); a ti que és o portador do bastão do asceta, a ti que tens ouvidos em todos os lugares, e a ti que és chamado de Dandimunda! Saudações a ti cujos dentes e cabelos são virados para cima, para ti que és imaculado e branco, e que estás estendido por todo o universo; a ti que és vermelho, a ti que és moreno, e a ti que tens uma garganta azul! Saudações a ti que és de forma incomparável, que és de forma terrível, e que és altamente auspicioso! A ti que és Surya, que tens uma guirlanda de Suryas ao redor de teu pescoço, e que tens estandartes e bandeiras portando o emblema de Surya. Saudações a ti que és o Senhor dos espíritos e fantasmas, a ti que tens pescoço de touro, e que estás armado com o arco; a ti que esmagas todos os inimigos, a ti

que és a personificação do castigo, e a ti que estás vestido em folhas (de árvores) e trapos. Saudações a ti que carregas ouro em teu estômago, a ti que estás envolvido em armadura dourada, a ti que és de crista de ouro, a ti que és o senhor de todo o ouro no mundo! Saudações a ti que tens sido adorado, que mereces ser adorado, e que ainda estás sendo adorado; a ti que és todas as coisas, que devoras todas as coisas, e que és a alma de todas as coisas! Saudações a ti que és o Hotri (em Sacrifícios), que és os mantras (Védicos) proferidos (em Sacrifícios), e que possuis bandeiras e estandartes brancos. Saudações a ti que és o centro do universo, que és causa e efeito na forma dos cinco elementos primordiais, e que és o envoltório de todas as coberturas. Saudações a ti que és chamado de Krisanasa, que tens membros magros, e que és magro. Saudações a ti que és sempre alegre e que és a personificação dos sons e vozes confusos. Saudações a ti que estás prestes a ser esticado na terra, que já estás esticado, e que permaneces em posição vertical. Saudações a ti que és fixo, que estás correndo, que és calvo, e que tens cabelos emaranhados em tua cabeça. Saudações a ti que és afeiçoado à dança e que golpeias tuas bochechas inchadas fazendo de tua boca um tambor. (Todo devoto de Mahadeva deve encher sua boca com ar e então, fechando seus lábios, bater em suas bochechas, deixando o ar sair suavemente a cada golpe, e ajudar com o ar dos pulmões para manter a corrente firme. Por fazer isso um tipo de barulho é feito como 'Bom, Bom, Babam, Bom'. Mahadeva é afeiçoado a esta música e é representado fazendo-a muitas vezes.) Saudações a ti que gostas de lotos que florescem em rios, e que sempre gostas de cantar e de tocar instrumentos musicais. Saudações a ti que és o primogênito, que és a principal de todas as criaturas, e que és o aniquilador do Asura Vala. Saudações a ti que és o Mestre do Tempo, que és a personificação de Kalpa; que és a encarnação de todos os tipos de destruição, grandes e pequenas. Saudações a ti que ris terrivelmente e tão alto quanto a batida de um tambor, e que cumpres votos terríveis! Saudações para sempre a ti que és feroz, e que tens dez braços. Saudações a ti que estás armado com ossos e que gostas das cinzas das piras mortuárias. Saudações a ti que és impressionante, que és terrível de se contemplar, e que és um observador de votos e práticas temíveis. Saudações a ti que possuis uma boca feia, que tens uma língua parecida com uma cimitarra, e que tens dentes grandes. Saudações a ti que gostas de carne cozida e não cozida, e que consideras a Vina de cabaça como muito preciosa. Saudações a ti que causas a chuva, que ajudas a causa da justiça, que és identificável com a forma de Nandi, e que és a própria Justiça! Saudações a ti que estás sempre te movendo como vento e as outras forças, que és o controlador de todas as coisas, e que estás sempre empenhado em cozinhar todas as criaturas (no caldeirão do Tempo). Saudações a ti que és a principal de todas as criaturas, que és superior, e que és o dador de benefícios. Saudações a ti que tens as melhores guirlandas, os melhores perfumes, e os melhores mantos, e que dás as melhores bênçãos para as melhores criaturas. Saudações a ti que és afeiçoado, que és livre de todas as afeições, que és da forma da contemplação Yoga, e que és adornado com uma guirlanda de Akshas. Saudações a ti que és unido como causa e desunido como efeitos, e que tens a forma de sombra e de luz. Saudações a ti que és amável, e que és terrível, e que és extraordinariamente de tal maneira. Saudações a ti que és auspicioso, que és tranquilo, e que és o mais tranquilo. Saudações a ti que tens

uma perna e muitos olhos, e que tens somente uma cabeça; a ti que és feroz, a ti que és satisfeito com pequenas oferendas, e a ti que és afeiçoado à equidade. Saudações a ti que és o artífice do universo, e que estás sempre unido com o atributo de tranquilidade. Saudações a ti que carregas um sino para assustar inimigos, que és da forma do tinido feito por um sino, e que és da forma do som quando ele não é perceptível pelo ouvido. Saudações a ti que és como mil sinos retinindo juntos, e que gostas de uma guirlanda de sinos, que és como o som que os ares vitais fazem, que és da forma de todos os aromas e do barulho confuso de líquidos ferventes. Saudações a ti que estás além de três Huns, e que gostas de dois Huns. (Huns são sons místicos que são como emblemas para várias coisas.) Saudações a ti que és extremamente tranquilo, e que tens as sombras das árvores das montanhas como tua habitação. Tu gostas da carne do coração de todas as criaturas, tu purificas de todos os pecados, e és da forma de oferendas sacrificais. Saudações a ti que tens a forma do Sacrifício, que és o próprio Sacrificador, que és o Brahmana em cuja boca é despejada a manteiga sacrifical, e que és o fogo no qual é despejada a manteiga inspirada com mantras. (Em Sacrifício a manteiga é despejada com mantras na boca de um Brahmana escolhido que representa os deuses, e também no fogo sagrado.) Saudações a ti que és da forma de Ritwijes (sacrificais), que tens teus sentidos sob controle, que és feito de Sattwa, e que tens Rajas também em teu feitio. Saudações a ti que és das margens de Rios, dos próprios Rios, e do senhor de todos os Rios (o Oceano)! Saudações a ti que és o dador de alimento, que és o senhor de todo o alimento, e que és idêntico àquele que ingere alimento! Saudações a ti que tens mil cabeças e mil pés, a ti que tens mil tridentes erguidos em tuas mãos, e mil olhos! Saudações a ti que és da forma do Sol nascente, e que és da forma de uma criança, que és o protetor dos servidores, todos os quais são da forma de crianças, (isto se refere aos passatempos de Krishna nos bosques de Vrinda com as crianças rústicas que eram seus companheiros), e que és, além disso, da forma de brinquedos de crianças. Saudações a ti que és velho, que és cobiçoso, que já estás agitado, e que estás prestes a ser agitado. Saudações a ti que tens mechas de cabelo marcadas pela corrente do Ganges, e que tens mechas de cabelo parecidas com folhas da erva Munja! (A corrente sagrada do Ganges, saindo dos pés de Vishnu, é segurada por Brahman em seu Kamandalu ou jarro. De lá ela sai, e percorrendo os céus cai na cabeça de Siva, pois somente Siva é poderoso o suficiente para suportar aquela queda. Os cabelos emaranhados de Siva levam a marca da queda.) Saudações a ti que és gratificado com as seis ações (bem conhecidas), e que és dedicado à realização dos três atos. (As seis ações bem conhecidas são: realizar sacrifícios, ajudar nos sacrifícios de outros, estudar, ensinar, fazer doações e aceitar doações, Siva está dedicado à primeira, à terceira, e à quinta dessas ações.) Saudações a ti que designaste os deveres dos respectivos modos de vida. Saudações a ti que mereces ser louvado em sons, que és da forma da tristeza, e que és da forma do barulho profundo e confuso. Saudações a ti que tens olhos brancos e castanhos, como também pretos e vermelhos. Saudações a ti que dominaste teus ares vitais, que és da forma de armas, que rachas todas as coisas, e que és extremamente magro. Saudações a ti que sempre falas de Religião, Prazer, Lucro, e Emancipação. Saudações a ti que és um Sankhya, que és o principal dos Sankhyas, e que és o introdutor do

Sankhya-Yoga (Vedanta e Yoga). Saudações a ti que tens um carro e que não tens um carro (para tuas viagens. Isto é, capaz de rumar, sem obstrução, através da Água, Fogo, Vento e Espaço). Saudações a ti que tens as intersecções de quatro estradas em lugar de teu carro; a ti que tens a pele de um veado preto como tua peça de roupa superior, e que tens uma cobra como teu fio sagrado. Saudações a ti que és Isana (muito desejado, ou muito cobiçado por todas as pessoas), que és de corpo tão firme quanto o raio, e que tens madeixas verdes. Saudações a ti que és de três olhos, que és o marido de Amvika, que és Manifesto, e que és Imanifesto. Saudações a ti que és Desejo, que és o Concessor de todos os desejos, que és o Matador de todos os desejos, e que és o discriminador entre o gratificado e o não gratificado. Saudações a ti que és todas as coisas, que és o Dador de todas as coisas, e o Destruidor de todas as coisas. Saudações a ti que és as cores que aparecem no céu ao anoitecer. Saudações a ti que és de força imensa, que és de braços poderosos, que és um Ser poderoso, e que és de grande refulgência. Saudações a ti que pareces com uma massa poderosa de nuvens, e que és a encarnação da eternidade! Saudações a ti que és de corpo bem desenvolvido, que és de membros emaciados, que tens cabelos emaranhados em tua cabeça, e que estás vestido em cascas de árvores e peles de animais. Saudações a ti que tens madeixas emaranhadas tão refulgentes quanto o Sol ou o Fogo, e que tens cascas e peles como teus trajes. Saudações a ti que possuis o resplendor de mil Sóis, e que estás sempre engajado em penitências. Saudações a ti que és o excitamento da Febre, e que és dotado de madeixas emaranhadas encharcadas com as águas do Ganges caracterizadas por centenas de redemoinhos. Saudações a ti que repetidamente revolves a Lua, os Yugas, e as nuvens; (isto é, tu crias e destróis estes repetidamente ou os colocas em movimento.) Tu és alimento, tu és aquele que come aquele alimento, tu és o dador de alimento, tu és o cultivador do alimento, e tu és o criador do alimento. Saudações a ti que cozinhas comida e que comes comida cozida, e que és ambos, o vento e o fogo! Ó senhor de todos os senhores dos deuses, tu és as quatro classes de criaturas vivas, isto é, as vivíparas, as ovíparas, as nascidas da sujeira, e as plantas. Tu és o Criador do universo móvel e imóvel, e tu és seu Destruidor! Ó principal de todas as pessoas conhecedoras de Brahma, aqueles que estão familiarizados com Brahma te consideram como Brahma! Os proferidores de Brahma dizem que tu és a Fonte Suprema da Mente, e o Refúgio do qual Espaço, Vento, e Luz dependem. Tu és os Richs e os Samans, e a sílaba Om. Ó principal de todas as divindades, aqueles proferidores de Brahma que cantam os Samans constantemente cantam a ti quando eles preferem as sílabas Hayi-Hayi, Huva-Hayi, e Huva-Hoyi. (Estas são sílabas que todos os cantores de Samans proferem para prolongar palavras curtas para manter o ritmo.) Tu és composto dos Yajuses, dos Richs, e das oferendas despejadas no fogo sacrifical. Os hinos contidos nos Vedas e nos Upanishads adoram a ti! (Isto é, Aquele que é adorado naqueles hinos é tu mesmo e nenhum outro.) Tu és os Brahmanas e os Kshatriyas, os Vaisyas, e os Sudras, e as outras castas formadas por mistura. Tu és aquelas massas de nuvens que aparecem no céu; tu és Relâmpago; e tu és o ribombo do trovão. Tu és o ano, tu és as estações, tu és o mês, e tu és a quinzena. Tu és Yuga, tu és o tempo representado por um piscar de olhos, tu és Kashtha, tu és as Constelações, tu és os Planetas, tu és Kala. Tu és os topos de

todas as árvores, tu és os topos mais altos de todas as montanhas. Tu és o tigre entre os animais inferiores, tu és Garuda entre as aves, e tu és Ananta entre cobras. Tu és o oceano de leite entre todos os oceanos e tu és o arco entre os instrumentos para lançar armas. Tu és o trovão entre as armas, e tu és a Verdade entre os votos. Tu és Aversão e tu és Desejo, tu és afeição e tu és estupor (de raciocínio), tu és Clemência e tu és Inclemência. Tu és Esforço, e tu és Paciência, tu és Cobiça, tu és Luxúria e tu és Ira, tu és Vitória e tu és Derrota. Tu estás armado com maça, e tu estás armado com flechas, tu estás armado com o arco, e tu carregas o Khattanga e o Jharjhara em tuas mãos. Tu és aquele que derruba e perfura e golpeia. Tu és aquele que guia (todas as criaturas) e aquele que lhes dá dor e aflição. Tu és Justiça que é marcada por dez virtudes; tu és Riqueza ou Lucro de todo tipo; e tu és Prazer. Tu és Ganga, tu és os Oceanos, tu és os Rios, tu és os lagos, e tu és os tanques. Tu és as trepadeiras finas, tu és as plantas rastejantes mais grossas, tu és todas as espécies de grama, e tu és as ervas decíduas. Tu és todos os animais inferiores e tu és as aves. Tu és a origem de todos os objetos e ações, e tu és aquela estação que produz frutas e flores. Tu és o início e tu és o fim dos Vedas; tu és o Gayatri, e tu és Om. Tu és Verde, tu és Vermelho, tu és Azul, tu és Escuro, tu és de cor Sangrenta, tu és da cor do Sol, tu és Moreno, tu és Dourado, e tu és Azul Escuro. (Estas são as dez cores conhecidas para os Rishis.) Tu és sem cor, tu és da melhor cor, tu és o fazedor de cores, e tu és sem comparação. Tu és do nome do Ouro, e tu gostas de Ouro. Tu és Indra, tu és Yama, tu és o Dador de bênçãos, tu és o Senhor da riqueza, e tu és Agni. Tu és o Eclipse, tu és o Fogo chamado Chitrabhanu, tu és Rahu, e tu és o Sol. Tu és o fogo sobre o qual manteiga sacrifical é derramada. Tu és Aquele que despeja a manteiga. Tu és Aquele em honra de quem a manteiga é despejada, tu és a própria manteiga que é despejada, e tu és o pujante Senhor de tudo. Tu és aquelas seções dos Brahmans que são chamadas de Trisuparna, tu és todos os Vedas; e tu és as seções chamadas Satarudriya nos Yajuses. Tu és o mais santo dos santos, e a mais auspiciosa de todas as coisas auspiciosas. Tu animas o corpo inanimado. Tu és o Chit que mora na forma humana. Investido com atributos, tu te tornas sujeito à Destruição. Tu és Jiva, que é Aquele que nunca está sujeito à destruição quando não envolvido com atributos. Tu és pleno, contudo tu te tornas sujeito à decadência e morte na forma do corpo que é o acompanhamento de Jiva. Tu és o ar da vida, e tu és Sattwa, tu és Rajas, tu és Tamas, e tu não estás sujeito ao erro. Tu és os ares chamados Prana, Apana, Samana, Udana, e Vyana. Tu és o abrir do olho e o fechar do olho. Tu és a ação de Espirrar e tu és a ação de Bocejar. Tu és de olhos vermelhos (isto é, da cor do lótus) que estão sempre virados para dentro (olhando a própria Alma, em Samadhi). Tu és de grande boca e estômago grande. As cerdas em teu corpo são como agulhas. Tua barba é verde. Teu cabelo está virado para cima. Tu és mais rápido do que o mais rápido. Tu és conhecedor dos princípios de música vocal e instrumental, e gostas de música vocal e instrumental. Tu és um peixe que vaga nas águas (como Jiva vaga no espaço), e tu és um peixe envolvido na rede, (como Jiva envolvido por Ignorância ou Ilusão é obrigado a tomar nascimento). Tu és completo, tu gostas de esportes, e tu és da forma de todas as brigas e disputas. Tu és o Tempo, tu és o mau tempo, tu és o tempo que é prematuro, e tu és o tempo que é maduro demais. Tu és o assassinato, tu és a navalha (que mata), e

tu és aquele que é morto. Tu és o auxiliar e tu és o adversário, e tu és o destruidor de ambos, auxiliares e adversários. Tu és o tempo quando as nuvens aparecem (isto é, o tempo do dilúvio universal), tu és de dentes grandes, e tu és Samvartaka e Valahaka, (que são as nuvens que aparecem na ocasião da destruição universal). Tu estás manifesto na forma de esplendor. Tu estás oculto por estares envolvido por Maya (ou Ilusão). Tu és Aquele que conecta as criaturas com os frutos de suas ações. Tu tens um sino em tua mão. Tu brincas com todas as coisas móveis e imóveis (como com teus brinquedos). Tu és a causa de todas as causas. Tu és um Brahma (na forma de Pranava), tu és Swaha; tu és o portador do Danda, tua cabeça é calva (isto é, tu és um Paramahansa, alguém que renunciou ao mundo e seus costumes), e tu és aquele que tem suas palavras, ações e pensamentos sob controle. Tu és os quatro Yugas, tu és os quatro Vedas, tu és Aquele de quem os quatro fogos (Sacrificais, que são: Treta, Avasathya, Dakshina, e Sahya) têm fluído. Tu és o Diretor de todos os deveres dos quatro modos de vida. Tu és o fazedor das quatro Classes. Tu sempre gostas de jogar dados. Tu és astúcia. Tu és o chefe dos espíritos divididos em ganas (clãs), e seu soberano. Tu estás adornado com guirlandas vermelhas e vestido em mantos que são vermelhos. Tu dormes no leito da montanha, e tu gostas da cor vermelha. Tu és o artesão; tu és o principal dos artistas; e é de ti que todas as artes têm fluído. Tu és o arrancador dos olhos de Bhaga; tu és Feroz, e tu és Aquele que destruiu os dentes de Pushan. Tu és Swaha, tu és Swadha, tu és Vashat, tu és a forma da Saudação, e tu és as palavras Namas-Namas proferidas por todos os devotos. Tuas observâncias e penitências não são conhecidas para outros. Tu és Pranava; tu és firmamento salpicado com miríades de estrelas. Tu és Dhatri (Vishnu), e Vidhatri (de quatro cabeças), e Sandhatri (aquele que junta todas as coisas em uma), Vidhatri (o planejador de destinos), e o Refúgio de todas as coisas na forma da Causa Suprema, e tu és independente de todo Refúgio. Tu conheces Brahma, tu és Penitência, tu és Verdade, tu és a alma de Brahmacharya, e tu és Simplicidade. Tu és a alma das criaturas, tu és o Criador de todas as criaturas, tu és Existência Absoluta, e tu és a Causa de onde o Passado, o Presente, e o Futuro, têm surgido. Tu és Terra, tu és Firmamento, e tu és Céu. Tu és Eterno, tu és Auto-dominado, e tu és o grande deus. Tu és iniciado, e tu és não iniciado. Tu és perdoador; tu és rancoroso; e tu és o castigador de todos os que são rebeldes. Tu és o mês lunar, tu és o ciclo dos Yugas (isto é, Kalpa), tu és Destruição, e tu és Criação. Tu és Luxúria, tu és a semente vital, tu és sutil, tu és grosseiro, e tu gostas de guirlandas feitas de flores Karnikara. Tu tens um rosto como aquele de Nandi, tu tens um rosto que é terrível, tu tens um bonito rosto, tu tens um rosto feio, e tu és sem rosto. Tu tens quatro rostos, tu tens muitos rostos, e tu tens um rosto ardente quando envolvido em batalhas. Tu és de estômago de ouro (isto é, Narayana), tu és (independente de todas as coisas como) uma ave (não ligada à terra de onde ela deriva seu alimento e à qual ela pertence), tu és Ananta (o senhor das cobras poderosas), e tu és Virat (o mais imenso dos imensos). Tu és o destruidor da Injustiça, tu és chamado de Mahaparswa, tu és Chandradhara, e tu és o chefe dos clãs de espíritos. Tu mugiste como uma vaca, tu foste o protetor das vacas, e tu tens o senhor dos touros como teu servidor. (A identidade de Maheswara com Narayana ou Krishna é aqui pregada. Em sua encarnação de Krishna, Vishnu brincava com os filhos dos vaqueiros de Vrinda e mugia de modo

divertido como uma vaca. Ele também protegeu o gado de Vrinda de enchentes, veneno, etc. Govrisheswara é Nandi, o atendente de Mahadeva.) Tu és o protetor dos três mundos, tu és Govinda, tu és o diretor dos sentidos, e tu não podes ser compreendido pelos sentidos. Tu és a principal de todas as criaturas, tu és fixo, tu és imóvel, tu não tremes, e tu és da forma do trêmulo! Tu não podes ser resistido, tu és o destruidor de todos os venenos, tu não podes ser resistido (em batalha), e tu não podes ser superado, tu não podes ser feito tremer, tu não podes ser medido, tu não podes ser derrotado, e tu és vitória. Tu és de velocidade rápida, tu és a Lua, tu és Yama (o destruidor universal), tu suportas (sem vacilar) frio e calor e fome e fraqueza e doença. Tu és todas as agonias mentais, tu és todas as doenças físicas, tu és o curador de todas as doenças, e tu és aquelas próprias doenças as quais tu curas. Tu és o destruidor do meu Sacrifício que tinha se esforçado para fugir na forma de veado. Tu és a chegada e a partida de todas as doenças. Tu tens uma crista alta. Tu tens olhos como pétalas de lótus. Tua habitação é no meio de um bosque de lotos. Tu carregas o bastão do asceta em tuas mãos. Tu tens os três Vedas como teus três olhos. Tuas punições são violentas e severas. Tu és o destruidor do ovo (de onde o universo surge). Tu és o bebedor de veneno e fogo, tu és a principal de todas as divindades, tu és o bebedor de Soma, tu és o senhor dos Maruts. (Siva é representado como aquele que aceita todas as coisas que são rejeitadas por outros. Nisto consiste sua verdadeira divindade, pois para a Divindade nada no universo pode ser inaceitável ou digno de ser rejeitado. As cinzas da pira mortuária são dele, o veneno produzido pelo batimento do oceano foi dele. Ele salvou o universo por engolir o veneno naquela ocasião.) Tu és o bebedor de Néctar. Tu és o Mestre do universo. Tu brilhas em glória, e tu és o senhor de todos os brilhantes. Tu proteges do veneno e da morte, e tu bebes leite e Soma. Tu és o principal dos protetores daqueles que caíram do céu, e tu proteges aquele que é a principal das divindades (Brahman). Ouro é a tua semente vital. Tu és homem, tu és mulher, tu és neutro. Tu és uma criança, tu és um jovem, tu és velho em idade com teus dentes gastos, tu és o principal dos Nagas, tu és Sakra, tu és o Destruidor do universo, e tu és seu Criador. Tu és Prajapati, e tu és adorado pelos Prajapatis, tu és o sustentador do universo, tu tens o universo como tua forma, tu és dotado de grande energia, e tu tens teus rostos virados em todas as direções. O Sol e a Lua são teus dois olhos, e o Avô é teu coração. Tu és o Oceano. A deusa Saraswati é tua fala e Fogo e Vento são teu poder. Tu és Dia e Noite. Tu és todos os atos inclusive o abrir e o fechar dos olhos. Nem Brahman, nem Govinda, nem os Rishis antigos são competentes para compreender tua grandeza, ó divindade auspiciosa, realmente. Aquelas formas sutis que tu tens são invisíveis para nós. Salve-me, ó, e proteja-me como um pai protege seu próprio filho. Ó, proteja alguém! Eu mereço tua proteção. Eu te reverencio, ó impecável! Tu, ó ilustre, és cheio de compaixão por teus devotos. Eu sou sempre devotado a ti. Que seja sempre meu protetor aquele que fica sozinho no outro lado do oceano, em uma forma ser difícil de ser compreendida, e subjugando muitos milhares de pessoas! (O comentador explica que por Mahadeva ficando 'sozinho' quer-se dizer que ele é o conhecedor, o conhecido, e o conhecimento. 'No outro lado do oceano' significa 'no outro lado do desejo e apego, etc.' 'Subjugando muitos milhares de pessoas' significa superando-as por sua energia e conhecimento.) Eu reverencio aquela Alma de

Yoga que é contemplada na forma de uma Luz refulgente por pessoas que têm seus sentidos sob controle, que possuem o atributo de Sattwa, que têm regulado suas respirações, e que têm conquistado o sono, (isto é, os Yogins). Eu reverencio àquele que é dotado de cabelos emaranhados, que carrega o bastão do asceta em sua mão, que é possuidor de um corpo que tem um abdômen alongado, que tem um kamandalu atado às suas costas, e que é a Alma de Brahman. Eu reverencio a Ele que é a alma da água, em cujo cabelo estão as nuvens, nas juntas de cujo corpo estão os rios, e em cujo estômago estão os quatro oceanos. Eu procuro a proteção dele que, quando chega o fim do Yuga, devora todas as criaturas e se estica (para dormir) na ampla extensão de água que cobre o universo. Que Ele que, entrando na boca de Rahu bebe Soma à noite e que se tornando Swarbhanu devora Surya também, proteja-me! (Os eclipses da Lua e do Sol são causados, de acordo com a mitologia Purânica, por Rahu devorando a Lua e o Sol em certos intervalos bem conhecidos. Rahu é um Asura cuja cabeça somente ainda está viva. Veja Adi Parva, no Batimento do Oceano.) As divindades, que são meras crianças e que surgiram todas de ti depois da criação de Brahman, desfrutam de suas respectivas partes (nas oferendas sacrificais). Que elas desfrutem (pacificamente) daquelas oferendas feitas com Swaha e Swadha, e que elas derivem prazer daqueles presentes. Eu as reverencio. Que aqueles Seres que são da estatura do polegar e moram em todos os corpos, sempre me protejam e gratifiquem. (Estes seres são Rudras ou porções do grande Rudra.) Eu sempre reverencio aqueles Seres que, morando dentro das criaturas incorporadas, fazem as últimas gritarem de dor sem elas mesmas gritarem de dor, e que as alegram sem elas mesmas estarem alegres. Eu sempre reverencio aqueles Rudras que moram em rios, em oceanos, em colinas e montanhas, em cavernas de montanhas, nas raízes de árvores, em currais de vacas, em florestas inacessíveis, nas intersecções de estradas, em estradas, em praças abertas, em margens (de rios e lagos e oceanos), em abrigos de elefantes, em estábulos, em abrigos de carros, em jardins e casas abandonadas, nos cinco elementos primordiais, e nas direções principais e secundárias. Eu reverencio repetidamente aqueles que moram no espaço entre o Sol e a Lua, como também nos raios do Sol e da Lua, e aqueles que moram nas regiões inferiores, e aqueles que se dirigiram à Renúncia e outras práticas superiores por causa do Supremo. Eu sempre reverencio aqueles que são incontáveis, que são incomensuráveis, e que não têm forma, aqueles Rudras, isto é, que são dotados de atributos infinitos. Já que tu, ó Rudra, és o Criador de todas as criaturas, já que, ó Hara, tu és o Mestre de todas as criaturas, e já que tu és a Alma que mora em todas as criaturas, portanto tu não foste convidado por mim (para meus Sacrifícios). Já que tu és Aquele que é adorado em todos os sacrifícios com presentes abundantes, e já que Tu és o Criador de todas as coisas, portanto, eu não te convidei. Ou, talvez, ó deus, entorpecido por tua ilusão sutil eu falhei em te convidar. Fique satisfeito comigo, abençoado por ti mesmo, ó Bhava, comigo possuído pela qualidade de Rajas. Minha Mente, minha Compreensão, e meu Chitta todos moram em ti, ó deus!'"

"Ouvindo essas adorações, aquele Senhor de todas as criaturas, Mahadeva, parou (de pensar em infligir danos adicionais sobre Daksha). De fato, muito satisfeita, a divindade ilustre se dirigiu a Daksha, dizendo, 'Ó Daksha de votos

excelentes, eu estou satisfeito com essas tuas adorações. Tu não precisas me louvar mais. Tu alcançarás minha companhia. Pela minha graça, ó progenitor de criaturas, tu ganharás o resultado de mil Sacrifícios de Cavalo, e de cem Vajapeyas (por este teu sacrifício incompleto).'"

"Uma vez mais, Mahadeva, aquele mestre completo de palavras, dirigiu-se a Daksha e disse a ele estas palavras repletas de grande consolação, 'Seja tu a principal de todas as criaturas no mundo. Tu não deves, ó Daksha, nutrir quaisquer sentimentos de angústia por esses danos infligidos a teu Sacrifício. Tem sido visto que em Kalpas anteriores eu também tive que destruir teu Sacrifício. (Então no Kalpa atual eu sou obrigado a fazer o mesmo, pois todos os Kalpas devem ser similares em relação aos eventos que acontecem neles.) Ó tu de votos excelentes, eu te concederei novamente mais algumas bênçãos. Receba-as de mim. Dissipando essa tristeza que cobre tua face, ouça-me com total atenção. Com a ajuda de argumentos dirigidos à razão as divindades e os Danavas têm extraído dos Vedas, que consistem em seis ramos, e do sistema de Sankhya e Yoga, um credo pelo qual eles têm praticado as mais austeras das penitências por muitos longos anos. A religião, no entanto, que eu extraí, é sem paralelo, e produtiva de benefícios por todos os lados. Ela está aberta para homens em todos os modos de vida praticarem-na. Ela leva à Emancipação. Ela pode ser adquirida em muitos anos ou através de mérito por pessoas que têm controlado seus sentidos. Ela está envolta em mistério. Aqueles que são desprovidos de sabedoria a consideram como censurável. Ela é oposta aos deveres declarados em relação às quatro classes de homens e os quatro modos de vida, e concorda com aqueles deveres somente em uns poucos detalhes. Aqueles que são hábeis na ciência de (tirar) conclusões (de premissas) podem compreender sua adequação, e aqueles que transcenderam todos os modos de vida são dignos de adotá-lo. Nos tempos antigos, ó Daksha, esta religião auspiciosa chamada Pasupata foi extraída por mim. A observância apropriada daquela religião produz benefícios imensos. Que aqueles benefícios sejam teus, ó altamente abençoado! Rejeite esta febre do teu coração.' Tendo dito estas palavras, Mahadeva, com sua cônjuge (Uma) e com todos os seus servidores desapareceu da vista de Daksha de destreza incomensurável. Aquele que recitar este hino que foi primeiro proferido por Daksha ou que escutá-lo quando recitado por outro, nunca encontrará nem o menor mal e obterá uma vida longa. De fato, como Siva é a principal de todas as divindades, assim mesmo este hino, em conformidade com os Srutis, é o principal de todos os hinos. Pessoas desejosas de fama, reino, felicidade, prazer, lucro, e riqueza, como também aquelas desejosas de saber, devem escutar com sentimentos de devoção à recitação deste hino. Alguém sofrendo de doença, alguém afligido pela dor, alguém mergulhado em melancolia, alguém afligido por ladrões ou por medo, alguém sob o descontentamento do rei em relação a seu cargo, fica livre do medo (por escutar ou recitar este hino). Por escutar ou recitar este hino, uma pessoa, mesmo nesse seu corpo terrestre, obtém igualdade com os espíritos que formam os servidores de Mahadeva. Alguém vem a ser dotado de energia e fama, e purificado de todos os pecados (através da virtude deste hino). Nem Rakshasas, nem Pisachas, nem fantasmas, nem Vinayakas criam distúrbios na casa onde este hino é recitado. A mulher, também, que escuta este hino com fé piedosa,

enquanto cumpre as práticas de Brahmacharya, consegue culto como uma deusa na família de seu pai e naquela de seu marido. Sempre vêm a ser coroadas com êxito todas as ações daquela pessoa que escuta ou recita com atenção absorta este hino inteiro. Pela recitação deste hino todos os desejos que alguém forma na própria mente e todos os desejos que ele veste em palavras são coroados com fruição. Obtém todos os objetos de desfrute e prazer e todas as coisas que são desejadas por ele aquele homem que, praticando autodomínio, faz segundo os ritos devidos oferendas para Mahadeva, Guha, Uma, e Nandi, e depois disso profere seus nomes sem demora, na ordem apropriada e com devoção. Tal homem, partido desta vida, ascende para o céu, e nunca tem que tomar nascimento entre os animais ou aves intermediários. Isto foi dito até pelo pujante Vyasa, o filho de Parasara.'"

286

"Yudhishthira disse, 'Diga-me, ó avô, o que é Adhyatma com respeito ao homem e de onde ele surge.'"

"Bhishma disse, 'Ajudado pela ciência de Adhyatma alguém pode conhecer tudo. Ele é, também, superior a todas as coisas. Eu irei, com a ajuda da minha inteligência, explicar para ti este Adhyatma acerca do qual tu me perguntaste. Escute, ó filho, a minha explicação. Terra, Vento, Espaço, Água, e a Luz formando a quinta, são as grandes essências. Estas são (as causas da) origem e da destruição de todas as criaturas. Os corpos das criaturas vivas (ambos, o sutil e o grosseiro), ó touro da raça Bharata, são o resultado da combinação das virtudes destes cinco. Aquelas virtudes (cujas combinações produzem os corpos das criaturas) repetidamente começam a existir e repetidamente se fundem na causa original de todas as coisas, isto é, a Alma Suprema. Daquelas cinco essências primordiais são criadas todas as criaturas, e naqueles cinco grandes elementos todas as criaturas se dissolvem, repetidamente, como as ondas infinitas do Oceano se erguendo do Oceano e baixando naquele que as causa. Como uma tartaruga estica suas pernas e as recolhe outra vez em si mesma, assim mesmo o número infinito de criaturas surge de (e entra) naquelas cinco grandes essências fixas. Na verdade, o som surge do Espaço, e toda a matéria densa é o atributo da terra. A vida é do Vento. O gosto é da Água. A forma é citada como sendo a propriedade da Luz. Todo o universo móvel e imóvel é dessa maneira estas cinco grandes essências existindo juntas em várias proporções. Quando chega a Destruição, a diversidade infinita de criaturas se dissolve naquelas cinco, e mais uma vez, quando começa a Criação, elas surgem das mesmas cinco. O Criador coloca em todas as criaturas as mesmas cinco grandes essências em proporções que Ele acha apropriadas. Som, os ouvidos, e todas as cavidades, esses três, têm o Espaço como sua causa produtora. Gosto, todas as substâncias aquosas ou suculentas, e a língua, são citados como sendo as propriedades da água. Forma, o olho, e o fogo digestivo no estômago, são citados como partilhando da natureza da Luz. Aroma, o órgão do olfato, e o corpo, são as propriedades da terra. Vida, toque, e ação são citados como sendo as propriedades do Vento. Eu assim

expliquei para ti, ó rei, todas as propriedades das cinco essências primordiais. Tendo criado estas, a Divindade Suprema, ó Bharata, uniu com elas Sattwa, Rajas, Tamas, Tempo, Consciência de funções, e a Mente formando o sexto. (Karma-buddhi significa consciência ou percepção de funções. Cada sentido ou órgão sabe instintivamente qual é seu objeto e percebe aquele objeto imediatamente. Essa percepção de suas próprias funções, a qual cada sentido possui é aqui designada como Karma-buddhi.) Aquilo que é chamado de Compreensão mora no interior do que tu vês acima das solas dos pés e abaixo do topo da cabeça. No homem os sentidos (de conhecimento) são cinco. O sexto (sentido) é a Mente. O sétimo é chamado de Compreensão. O Kshetrajna ou Alma é o oitavo. Os sentidos e aquilo que é o Ator devem ser averiguados pela compreensão de suas respectivas funções. As condições ou estados chamados Sattwa, Rajas, e Tamas, dependem dos sentidos para seu refúgio ou formação. Os sentidos existem simplesmente para apreender as impressões de seus respectivos objetos. A Mente tem a dúvida como sua função. A Compreensão é para a averiguação. O Kshetrajna é citado como sendo somente uma testemunha inativa (das funções dos outros). Sattwa, Rajas, Tamas, Tempo, e Ações (de vidas passadas), ó Bharata, estes atributos dirigem a Compreensão. A Compreensão é os sentidos e os cinco atributos supracitados. Quando a Compreensão está ausente, os sentidos com a mente, e os cinco outros atributos (isto é, Sattwa, Rajas, Tamas, Tempo, e Ações) cessam de existir. Aquilo pelo qual a Compreensão vê é chamado de olho. Quando a Compreensão ouve, ela é chamada de ouvido. Quando ela cheira, ela se torna o sentido do olfato; e quando ela experimenta os vários objetos de paladar, ela vem a ser chamada pelo nome de língua. Quando também ela sente o toque dos vários objetos de tato, ela se torna o sentido do tato. É a Compreensão que vem a ser modificada diversamente e frequentemente. Quando a Compreensão deseja alguma coisa, ela se torna Mente. Os cinco sentidos com a Mente, os quais separadamente constituem as fundações (da Compreensão), são as criações da Compreensão. Eles são chamados de Indriyas. Quando eles ficam manchados, a Compreensão também se torna manchada. A Compreensão, residindo em Jiva, existe em três estados. Às vezes ela obtém alegria; às vezes ela cede à dor; e às vezes ela existe em um estado que não é nem prazer nem dor. Tendo como sua essência essas condições ou estados (Sattwa, Rajas, e Tamas), a Compreensão revolve por estes três estados, (ou seja, os ocupa um depois do outro). Como o senhor dos rios, isto é, o Oceano que sobe e desce, sempre se mantém dentro de seus continentes, assim mesmo a Compreensão, que existe em conexão com os (três) estados, existe na Mente (incluindo os sentidos). Quando o estado de Rajas é despertado, a Compreensão se torna modificada em Rajas. Êxtases de prazer, alegria, contentamento, felicidade, e satisfação de coração, estes, quando excitados de alguma maneira, são as propriedades de Sattwa. Inveja, aflição, tristeza, descontentamento, e rancor, surgindo de causas específicas, são o resultado de Rajas. Ignorância, apego e erro, negligência, estupor, e terror, avareza, melancolia, sono, e procrastinação, estes, quando ocasionados por causas específicas, são as propriedades de Tamas. Qualquer estado de corpo ou de mente, ligado com alegria ou felicidade, que surge, deve ser considerado como devido ao estado de Sattwa. Tudo o que for repleto de tristeza e desagradável

para alguém deve ser considerado como proveniente de Rajas. Sem começar algum ato de tal maneira, alguém deve dirigir sua atenção para ele (para evitá-lo). Tudo o que é repleto de erro ou entorpecimento em corpo ou mente, e que é inconcebível e misterioso, deve ser conhecido como ligado a Tamas. Dessa maneira, eu expliquei para ti quais coisas neste mundo moram na Compreensão. Por conhecer isso alguém se torna sábio. O que mais pode ser a indicação de sabedoria? Saiba agora a diferença entre estas duas coisas sutis, isto é, Compreensão e Alma. Uma delas, a Compreensão, cria atributos. A outra, a Alma, não os cria. Embora elas sejam, por natureza, distintas uma da outra, ainda assim elas sempre existem em um estado de união. Um peixe é diferente da água na qual ele mora, mas o peixe e a água devem existir juntos. Os atributos não podem conhecer a Alma. A Alma, no entanto, os conhece. Aqueles que são ignorantes consideram a Alma como existindo em um estado de união com os atributos como qualidades existindo com seus possuidores. Este, no entanto, não é o caso, pois a Alma é realmente só uma Testemunha inativa de tudo. A Compreensão não tem refúgio; (isto é, não há materiais dos quais ela é constituída). Aquilo que é chamado de vida (envolvendo a existência da Compreensão), surge dos efeitos dos atributos se unindo. Outros (exceto esses atributos que são criados pela Compreensão), agindo como causas, criam a Compreensão que mora no corpo. Ninguém pode compreender os atributos em sua natureza ou forma de existência real. A Compreensão, como eu já disse, cria os atributos. A Alma simplesmente os contempla (como uma Testemunha inativa). Esta união que existe entre a Compreensão e a Alma é eterna. A Compreensão habitante percebe todas as coisas através dos Sentidos os quais são eles mesmos inanimados e não entendedores. Realmente os sentidos são somente como lâmpadas (que lançam sua luz para revelar objetos para outros sem elas mesmas serem capazes de vê-los). Exatamente esta é a natureza (dos Sentidos, da Compreensão, e da Alma). Sabendo disso, alguém deve viver alegremente, sem se entregar à tristeza ou alegria. Tal homem é citado como estando além da influência do orgulho. Que a Compreensão cria todos estes atributos é devido à sua própria natureza, assim como uma aranha tece fios por sua própria natureza. Estes atributos devem ser conhecidos como os fios que a aranha tece. Quando destruídos, os atributos não cessam de existir; sua existência cessa de ser visível. Quando, no entanto, uma coisa transcende o alcance dos sentidos, sua existência (ou não) é afirmada por inferência. Esta é a opinião de um grupo de pessoas. Outras afirmam que com a destruição os atributos cessam de existir. Resolvendo este problema complicado endereçado à compreensão e reflexão, e dissipando toda dúvida, uma pessoa deve rejeitar a tristeza e viver em alegria. (O que o orador inculca nesses versos é isto: alguns são de opinião que com a aparente destruição do corpo, os atributos que compõem o corpo não cessam de existir. É verdade que eles cessam de ser perceptíveis pelos sentidos, mas então, embora afastados do alcance dos sentidos, sua existência pode ser afirmada por inferência. O argumento é que, se destruídos, seu reaparecimento seria impossível. O reaparecimento, entretanto, é certo. (Pois o renascimento é uma doutrina que é aceita como uma verdade solene que não requere argumento para prová-lo). Por isso, os atributos, quando aparentemente destruídos, continuam a existir. Eles são considerados então como inerentes ao corpo linga ou sutil. A opinião contrária é que, quando destruídos,

eles são destruídos para sempre. A última opinião é condenada pelo orador.) Como homens não familiarizados com seu fundo ficam angustiados quando eles caem sobre esta terra que é como um rio cheio com as águas do adormecimento, assim mesmo é afligido aquele homem que decai daquele estado no qual há uma união com a Compreensão. Homens de conhecimento, no entanto, conhecedores de Adhyatma e armados com fortaleza, nunca são afligidos, porque eles são capazes de atravessar para a outra margem daquelas águas. De fato, o Conhecimento é uma balsa eficiente (naquele rio). Homens de conhecimento não têm que enfrentar aqueles terrores pavorosos que alarmam aqueles que são desprovidos de conhecimento. Com relação aos virtuosos, nenhum deles alcança um fim que é superior àquele de alguma outra pessoa entre eles. De fato, os virtuosos mostram, neste aspecto, uma igualdade. Com relação ao homem de Conhecimento, quaisquer ações que tenham sido feitas por ele em tempos passados (enquanto ele estava imerso em Ignorância) e quaisquer atos repletos de grande iniquidade que ele faça (depois da obtenção de conhecimento), ele destrói ambos pelo Conhecimento como seu único meio. Então, após a obtenção de Conhecimento ele cessa de cometer estes dois males, isto é, criticar as más ações de outros e fazer quaisquer más ações ele mesmo sob a influência da atração.'"

287

"Yudhishthira disse, 'As criaturas vivas sempre têm medo da tristeza e da morte. Diga-me, ó avô, como a ocorrência destes dois pode ser impedida.'"

"Bhishma disse, 'Em relação a isto, ó Bharata, é citada a antiga narrativa da conversa entre Narada e Samanga.'"

"Narada disse, '(Enquanto outros saúdam seus superiores somente por uma inclinação de cabeça) tu saúdas teus superiores por te prostrares no chão até que teu peito entre em contato com o solo. Tu pareces estar empenhado em cruzar (o rio da vida) com tuas mãos. (Isto é, mesmo em tua angústia mais terrível tu dependes de ti mesmo. Cruzar o temível rio da vida sem uma balsa e somente com a ajuda dos braços nus implica em grande independência.) Tu pareces estar sempre livre de tristeza e extremamente alegre. Eu não vejo que tu tens a menor ansiedade. Tu estás sempre contente e feliz e pareces te divertir (em felicidade) como uma criança.'"

"Samanga disse, 'Ó dador de honras, eu sei a verdade sobre o Passado, o Presente, e o Futuro. Então eu nunca fico triste. (Aquilo que não existiu e não existirá, não existe no momento presente. Tudo, portanto, que é da natureza de asat é inexistente. Nossas tristezas estão relacionadas com o asat. Sabendo disso, eu rejeitei todas as tristezas.) Eu sei também qual é o início das ações neste mundo, qual é a acessão de seus frutos, e quão variados são aqueles frutos. Por isso eu nunca me entrego à tristeza. (Eu compreendi que ações são para a tristeza; que os frutos das ações também são para a tristeza apesar do

caráter aparente de alguns; e que os frutos das ações são variados, às vezes aparecendo outros resultados que não são aqueles esperados. Por isso eu não me entrego à tristeza, pois eu evito as ações e não me angustio por não obter os resultados das ações ou pela acessão de frutos que não são aqueles aparentemente agradáveis.) Veja, o analfabeto, o indigente, o próspero, ó Narada, o cego, idiotas e loucos, e nós também, todos vivemos. (Nós que evitamos as ações não estamos mortos; realmente, nós vivemos exatamente como os outros; e aqueles outros, tão desigualmente situados!) Estes vivem em virtude de suas ações de vidas passadas. As próprias divindades, que existem livres de doenças, existem (naquele estado) em virtude de suas ações passadas. Os fortes e os fracos, todos, vivem em virtude de suas ações passadas. É adequado, portanto, que tu nos considere em estima. Os donos de milhares vivem. Os donos de centenas também vivem. Aqueles que são oprimidos pela tristeza vivem. Veja, nós também estamos vivendo! Quando nós, ó Narada, não cedemos à tristeza, o que a prática dos deveres (de religião) ou a observância de ações (religiosas) podem fazer por nós? E já que todas as alegrias e tristezas também não são intermináveis, elas são, portanto, incapazes de nos agitar em absoluto. (A ignorância se encontra na base da tristeza. Por rejeitar a ignorância, nós temos evitado a tristeza. Por isso, nem religião ou atos religiosos tais como Sacrifícios, etc., podem nos fazer algum bem ou mal. Em relação à alegria e miséria também, essas duas não podem nos agitar em absoluto, já que nós conhecemos seu valor, ambas sendo efêmeras em comparação com o período pelo qual nós vivemos.) Aquilo pelo qual homens estão citados como sábios, de fato, a própria base da sabedoria, é a liberdade dos sentidos do erro. São os sentidos que se entregam ao erro e à angústia. Alguém cujos sentidos estão sujeitos ao erro nunca pode ser citado como tendo obtido sabedoria. Aquele orgulho ao qual cede um homem sujeito ao erro é somente uma forma de erro ao qual ele está sujeito. Com relação ao homem de erro, ele não tem nem este mundo nem o próximo. Deve ser lembrado que as angústias não duram para sempre e que a felicidade não pode ser tida sempre. (Por essa razão, ninguém deve se entregar ao orgulho, dizendo, 'Eu sou feliz,' nem se ceder à tristeza, dizendo, 'Eu sou miserável.' Felicidade e miséria são transitórias. O homem de sabedoria nunca deve se permitir ser agitado por esses estados transitórios de sua mente.) A vida mundana com todas as suas vicissitudes e incidentes dolorosos, alguém como eu nunca adotaria. Tal pessoa não se inquietaria por objetos desejáveis de prazeres, e não pensaria em absoluto na felicidade que sua posse pode ocasionar, ou, de fato, nas angústias que se apresentariam. Alguém capaz de depender de si mesmo nunca cobiçaria as posses de outros; não pensaria em lucros não obtidos, não sentiria grande prazer nem na aquisição de riqueza imensa; e não se entregaria à tristeza pela perda de riqueza. Nem amigos, nem riqueza, nem nascimento nobre, nem erudição escritural, nem mantras, nem energia, podem conseguir resgatar alguém da tristeza no mundo seguinte. É somente pela conduta que alguém pode obter felicidade lá. A Compreensão do homem não familiarizado com Yoga nunca pode ser dirigida para a Emancipação. Alguém não familiarizado com Yoga nunca pode ter felicidade. Paciência e a decisão de rejeitar a tristeza, estes dois indicam o advento da felicidade. Qualquer coisa agradável leva ao prazer. O prazer causa orgulho. O orgulho produz tristeza. Por estas razões eu evito todos esses.

Angústia, Medo, Orgulho, estes que entorpecem o coração, e também Prazer e Dor, eu observo como uma testemunha (indiferente), já que meu corpo é dotado de vida e se move continuamente. (Eu sou obrigado a observá-los porque eu sou um ser vivo que tem um corpo, mas então eu os observo como uma testemunha tranquila.) Rejeitando riqueza e prazer, e sede e erro, eu vago pela terra, livre de aflição e todo tipo de ansiedade de coração. Como alguém que bebeu néctar eu não tenho medo, aqui ou na vida futura, da morte, ou iniquidade, ou cupidez, ou de qualquer coisa desse tipo. Eu obtive esse conhecimento, ó Brahmana, como o resultado de minhas penitências severas e indestrutíveis. É por esta razão, ó Narada, que a tristeza, mesmo quando ela vem pra mim, não consegue me afligir.'"

288

"Yudhishthira disse, 'Diga-me, ó Avô, o que é benéfico para alguém que não conhece as verdades das escrituras, que está sempre em dúvida, e que se abstém do autodomínio e de outras práticas que têm como seu objetivo o conhecimento da Alma.'"

"Bhishma disse, 'Cultuar o preceptor, sempre servir com reverência aqueles que são idosos, e escutar as escrituras (quando recitadas por Brahmanas competentes), estes são considerados como sendo de benefício supremo (para uma pessoa como aquela que tu descreveste). Em relação a isto é citada também a velha narrativa da conversa entre Galava e o Rishi celeste Narada. Uma vez Galava, desejoso de obter o que era para seu benefício, se dirigiu a Narada livre de erro e fadiga, erudito nas escrituras, satisfeito com conhecimento, um mestre completo de seus sentidos, e com alma dedicada ao Yoga, e disse, 'Aquelas virtudes, ó Muni, pela posse das quais uma pessoa se torna respeitada no mundo, eu vejo, moram permanentemente em ti. Tu és livre de erro e, como tal, cabe a ti remover as dúvidas que enchem as mentes de homens como nós que estamos sujeitos ao erro e que não conhecemos as verdades do mundo. Nós não sabemos o que nós devemos fazer, pois as declarações das escrituras geram uma inclinação para (a aquisição de) Conhecimento simultaneamente com a inclinação para ações. Cabe a ti nos falar sobre esses assuntos. (As escrituras contêm ambos os tipos de instrução. Há declarações que são totalmente a favor de Atos ou observâncias. Há também declarações a favor do Conhecimento. O que o orador deseja é que o Rishi discurse sobre o que o orador deve fazer, isto é, se ele deve se dirigir para a aquisição de Conhecimento ou para fazer ações.) Ó ilustre, os diferentes asramas aprovam diferentes rumos de conduta. 'Isto é benéfico', 'Este (outro) é benéfico', as escrituras nos exortam muitas vezes dessa maneira. Vendo os seguidores dos quatro asramas, que são assim exortados pelas escrituras e que aprovam totalmente o que as escrituras prescrevem para eles, movendo-se dessa maneira em diversas direções, e vendo que nós também estamos igualmente contentes com nossas próprias escrituras, nós falhamos em compreender o que é realmente benéfico. Se as escrituras fossem todas uniformes, então o que é realmente benéfico se tornaria manifesto. Por

consequência, no entanto, das escrituras serem variadas, aquilo que é realmente benéfico se torna cercado com mistério. Por estas razões, aquilo que é realmente benéfico me parece estar envolvido em confusão. Então, ó ilustre, fale para mim sobre o assunto. Eu me aproximei de ti (para isto), ó, instrua-me!'"

"Narada disse, 'Os Asramas, (formas de credo prevalecentes ao mesmo tempo na Índia), são quatro em número, ó filho! (O primeiro é que não há tal coisa como virtude ou justiça; o segundo é que a virtude consiste somente no culto de árvores, etc.; o terceiro é que a virtude é somente o que os Vedas declaram; e o quarto é que além da virtude e seu oposto há algo por cujo alcance alguém deve se esforçar.) Todos eles servem aos propósitos para os quais eles foram planejados; e os deveres que eles pregam diferem uns dos outros. Averiguando-os primeiro de preceptores bem qualificados, reflita sobre eles, ó Galava! Veja, os anúncios dos méritos daqueles Asramas são variados em relação à sua forma, divergentes em relação a seus assuntos, e contraditórios em relação às observâncias que eles abarcam. Observados com visão vulgar, realmente, todos os Asramas se recusam a revelar claramente sua verdadeira intenção (a qual, naturalmente, é o conhecimento do Eu). Outros, no entanto, dotados de visão sutil, vêem seu maior objetivo. Aquilo que é realmente benéfico, e sobre o qual não há dúvida, isto é, ajuda a amigos, e supressão de inimigos, e a aquisição do agregado de três (Religião, Lucro, e Prazer), têm sido declarados pelos sábios como sendo de excelência suprema. Abstenção de atos pecaminosos, constância de disposição íntegra, bom comportamento em direção àqueles que são bons e piedosos, estes, sem dúvida, constituem excelência. Suavidade para com todas as criaturas, sinceridade de comportamento, e o uso de palavras gentis, estes, sem dúvida, constituem excelência. Uma partilha equitativa do que alguém tem entre as divindades, os Pitris, e os convidados, e lealdade aos servidores, estes, sem dúvida, constituem excelência. Veracidade de palavras é excelente. O conhecimento, no entanto, da verdade, é de aquisição muito difícil. Eu digo que é a verdade aquilo que é extremamente benéfico para as criaturas. (Em capítulos anteriores a natureza da Verdade foi discutida. Uma verdade formal pode ser tão pecaminosa quanto uma mentira, e uma mentira pode ser tão meritória quanto a Verdade. Por isso, a averiguação da Verdade não é fácil.) A renúncia ao orgulho, a supressão da negligência, contentamento, viver por si mesmo, estes são citados como constituindo excelência suprema. O estudo dos Vedas, e de seus ramos, de acordo com as regras bem conhecidas, e todas as indagações e atividades tendo como sua causa a aquisição de conhecimento, estes, sem dúvida, são excelentes. Alguém desejoso de alcançar o que é excelente nunca deve desfrutar de som e forma e gosto e toque e cheiro em excesso, e não deve desfrutar deles somente por causa deles. Vagar durante a noite, dormir durante o dia, indulgência em ociosidade, patifaria, arrogância, indulgência excessiva e total abstenção de toda indulgência em objetos dos sentidos, devem ser abandonados por alguém desejoso de alcançar o que é excelente. Alguém não deve procurar auto-elevação por depreciar outros. De fato, alguém deve, só por seus próprios méritos, procurar distinção sobre pessoas que são eminentes, mas nunca sobre aquelas que são inferiores. Homens realmente desprovidos de mérito e cheios de um senso de auto-admiração depreciam homens de mérito verdadeiro, por afirmarem suas

próprias virtudes e riqueza. Enchendo-se de um senso de sua própria importância, estes homens, quando ninguém interfere com eles (para trazê-los a uma compreensão correta do que eles são), se consideram superiores aos homens de real distinção. Alguém possuidor de sabedoria verdadeira e dotado de méritos verdadeiros obtém grande renome por se abster de falar mal de outros e de se entregar ao auto-elogio. As flores derramam sua fragrância pura e doce sem proclamarem publicamente sua própria excelência. Similarmente, o Sol refulgente espalha seus esplendores no firmamento em perfeito silêncio. Da mesma maneira resplandecem no mundo com celebridade aqueles homens que, pela ajuda de sua inteligência, rejeitam esses e outros defeitos similares e que não proclamam suas próprias virtudes. O tolo nunca pode brilhar no mundo por espalhar o boato acerca de seu próprio louvor. O homem, no entanto, de mérito e conhecimento reais obtém celebridade mesmo que ele esteja escondido em um buraco. Palavras más, proferidas com qualquer vigor de voz, desaparecem (num abrir e fechar de olhos). Palavras boas, embora proferidas suavemente, resplandecem no mundo. Como o Sol mostra sua forma ígnea (na pedra preciosa chamada Suryakanta), assim mesmo a multidão de palavras, de pouco sentido, que tolos cheios de vaidade proferem, mostram somente (a baixeza de) seus corações. Por estas razões, homens procuram a aquisição de sabedoria de diversos tipos. Me parece que de todas as aquisições aquela de sabedoria é mais valiosa. Uma pessoa não deve falar até que seja solicitada; nem ela deve falar quando é solicitada impropriamente. Mesmo se possuidora de inteligência e conhecimento, ela deve ainda ficar em silêncio como uma idiota (até que seja solicitada a falar, e solicitada de forma apropriada). Ela deve procurar morar entre homens honestos dedicados à justiça e generosidade e ao cumprimento dos deveres de sua própria classe. Alguém desejoso de alcançar o que é excelente nunca deve morar em um lugar onde ocorra uma confusão nos deveres das várias classes. Pode ser vista viver uma pessoa que se abstém de todos os trabalhos (para ganhar os meios de seu sustento) e que está bem contente com qualquer coisa conseguida sem esforço. Por viver em meio aos justos, alguém consegue adquirir virtude pura. Da mesma maneira, alguém por viver em meio aos pecaminosos vem a ser maculado pelo pecado. (Mera companhia com os justos leva a atos justos; enquanto aquela com os pecaminosos leva a atos pecaminosos.) Como o toque da água ou fogo ou dos raios da lua imediatamente transmite a sensação de frio ou calor, do mesmo modo as impressões de virtude e vício se tornam produtivas de felicidade ou miséria. Aqueles que são comedores de Vighasa (isto é, homens bons e virtuosos) comem sem tomar qualquer conhecimento dos sabores dos comestíveis colocados diante deles. (Pois eles comem somente para encher seus estômagos, e não porque comer é uma fonte de desfrute e satisfação.) Aqueles, no entanto, que comem distinguindo cuidadosamente os sabores dos alimentos preparados para eles, devem ser conhecidos como pessoas ainda atadas pelos laços da ação. O homem justo deve deixar aquele local onde um Brahmana fala sobre deveres para discípulos desejosos de adquirir conhecimento, como baseado em razões, da Alma, mas que não perguntam sobre tal conhecimento com reverência. Quem, no entanto, deixaria aquele local onde existe em sua totalidade aquele comportamento entre discípulos e preceptores que é consistente com o que está declarado nas escrituras? Qual homem erudito desejoso de respeito para si

mesmo moraria naquele local onde as pessoas espalham boatos sobre os defeitos dos eruditos mesmo quando tais não têm um fundamento em que se apoiar? Quem é que não deixaria aquele local, como uma peça de roupa cuja ponta tivesse pegado fogo, onde homens cobiçosos procuram derrubar as barreiras da virtude? Deve-se permanecer e morar naquele lugar, entre bons homens de disposição justa, onde pessoas dotadas de humildade estão empenhadas em praticar destemidamente os deveres de religião. Lá onde homens praticam os deveres de religião para adquirir riqueza e outras vantagens temporais não se deve morar, pois as pessoas desse lugar devem ser consideradas como pecaminosas. Deve-se fugir com toda a velocidade daquele local, como se de um quarto no qual há uma cobra, onde os habitantes, desejosos de obter os meios de vida, estão engajados na prática de atos pecaminosos. Alguém desejoso do que é benéfico deve, desde o início, abandonar aquele ato pelo qual alguém fica esticado, por assim dizer, em uma cama de espinhos, e pelo qual alguém fica investido com os desejos nascidos das ações de vidas passadas. (Os desejos nascidos dos atos passados de uma pessoa, isto é, atos de vidas anteriores, aderem à mente. Nada pode extingui-los, exceto Nivritti e Tattwajnanam ou conhecimento da verdade. Deve-se, portanto, praticar a religião de Nivritti e procurar adquirir conhecimento da Verdade.) O homem justo deve deixar aquele reino onde o rei e os oficiais do rei exercem autoridade igual e onde eles são dados ao hábito de comer antes de alimentar seus parentes (quando os últimos chegam como convidados). Deve-se morar naquele país onde Brahmanas possuidores de um conhecimento das escrituras são alimentados primeiro: onde eles estão sempre dedicados ao devido cumprimento dos deveres religiosos, e onde eles estão empenhados em ensinar discípulos e oficiar nos sacrifícios de outros. Deve-se morar sem hesitação naquele país onde os sons Swaha, Swadha, e Vashat são proferidos apropriadamente e repetidamente; (isto é, onde as pessoas são virtuosas e dadas à realização de seus deveres). Deve-se deixar aquele reino, como carne envenenada, onde alguém vê Brahmanas obrigados a se dirigirem para práticas profanas, sendo torturados por falta dos meios de vida. Com um coração contente e considerando todos os seus desejos como já satisfeitos, um homem justo deve morar naquele país cujos habitantes doam alegremente mesmo antes que eles sejam solicitados. Alguém deve viver e se mover entre bons homens dedicados a atos de virtude, naquele país onde a punição cai sobre aqueles que são perversos e onde respeito e apoio são a porção daqueles que são de almas subjugadas e purificadas. Deve-se morar sem hesitar naquele país cujo rei é devotado à virtude e o qual o rei governa virtuosamente, rejeitando desejos e possuidor de prosperidade, (isto é, que embora possua riqueza não é apegado a ela), e onde punições severas são dadas àqueles que afligem homens autocontrolados com as consequências de sua ira, que agem de modo perverso em direção aos justos, que são dados a atos de violência, e que são cobiçosos. Reis dotados de tal disposição trazem prosperidade para aqueles que moram em seus reinos quando a prosperidade está a ponto de deixá-los. Eu assim te disse, ó filho, em resposta à tua pergunta, o que é benéfico ou excelente. Ninguém pode descrever, por causa de seu caráter extremamente superior, o que é benéfico ou excelente para a Alma. (Ninguém pode enumerar tudo o que é benéfico para a Alma por causa da vastidão do

assunto.) Muitas e grandiosas serão as excelências, através do cumprimento dos deveres prescritos para ele, do homem que para ganhar seu meio de vida durante o tempo de sua estada aqui se comporta da maneira indicada acima e que dedica sua alma ao bem de todas as criaturas.'"

289

"Yudhishthira disse, 'Como, ó avô, deve um rei como nós se comportar neste mundo, mantendo em vista o grande objeto de aquisição? Quais atributos, também, ele deve sempre possuir para que ele possa ser livre de atrações?'"

"Bhishma disse, 'Eu irei em relação a isto contar para ti a velha narrativa que foi proferida por Arishtanemi para Sagara que tinha procurado seu conselho.'"

"Sagara disse, 'Qual é aquele bem, ó Brahmana, por fazer o qual alguém pode desfrutar de bem-aventurança aqui? Como, de fato, alguém pode evitar aflição e agitação? Eu desejo saber tudo isso!'"

"Bhishma continuou, 'Assim endereçado por Sagara, Arishtanemi da linhagem de Tarkshya, conhecedor de todas as escrituras, considerando o indagador como sendo de todas as maneiras digno de suas instruções, disse estas palavras, 'A felicidade da Emancipação é a verdadeira felicidade no mundo. O homem de ignorância não a conhece, apegado como ele é a filhos e animais e possuidor de riqueza e cereais. Uma compreensão que é apegada a objetos mundanos e uma mente sofrendo de sede, estes dois frustram todo o tratamento habilidoso. O homem ignorante que está atado nas correntes da afeição é incapaz de alcançar a Emancipação. Eu logo te falarei de todos os vínculos que nascem das afeições. Escute-os com atenção. De fato, eles podem ser ouvidos com proveito por alguém que é possuidor de conhecimento. Tendo procriado filhos no devido tempo e os casado quando eles se tornaram homens jovens, e tendo averiguado se eles são competentes para ganhar seus meios de vida, te liberte de todas as afeições e vague em felicidade. Quando tu vires tua esposa ternamente estimada envelhecida em idade e apegada ao filho que ela deu à luz, deixe-a a tempo, mantendo em vista o maior objeto de aquisição (isto é, a Emancipação). Se tu obtiveste um filho ou não, tendo durante os primeiros anos da tua vida desfrutado apropriadamente com teus sentidos dos objetos que são endereçados a eles, te liberte das afeições e viaje sem rumo certo em felicidade. Tendo satisfeito os sentidos com seus objetos, tu deves suprimir o desejo de satisfazê-los mais. Libertando-te então dos apegos, tu deves vagar em felicidade, te contentando com que o que for obtido sem esforço e cálculo prévio, e olhando igualmente para todas as criaturas e objetos. Assim, ó filho, eu te disse em resumo (qual é o caminho para te libertar dos apegos). Ouça-me agora, pois eu agora te falarei, em detalhes, do fato da aquisição da Emancipação ser desejável. Aquelas pessoas que vivem neste mundo livres de apegos e medo conseguem obter felicidade. Aquelas pessoas, no entanto, quem são apegadas a objetos mundanos, sem dúvida encontram com a destruição. Vermes e formigas (como os homens) são

dedicados à aquisição de alimento e são vistos morrerem na busca. Aqueles que são livres de apegos são felizes, enquanto aqueles que são apegados a objetos mundanos encontram com a destruição. Se tu desejas alcançar a Emancipação tu nunca deves conceder teus pensamentos aos teus parentes, pensando, 'Como eles existirão sem mim?' Uma criatura viva nasce sozinha, e cresce sozinha, e obtém felicidade e miséria, e morre só. Neste mundo as pessoas desfrutam e obtêm alimento e vestuário e outras aquisições ganhas por seus pais ou por elas mesmas. Isso é o resultado das ações de vidas passadas, pois nada pode ser tido nesta vida que não seja o resultado do passado. Todas as criaturas vivem sobre a Terra, protegidas por suas próprias ações, e obtendo seu alimento como o resultado do que é ordenado por Aquele que atribui os resultados das ações. Um homem é somente uma massa de barro, e é sempre completamente dependente de outras forças. Alguém, portanto, sendo assim, definitivamente, qual consideração racional ele pode ter por proteger e alimentar seus parentes? Quando teus parentes são arrebatados pela Morte na tua própria visão e mesmo apesar dos teus esforços extremos para salvá-los, esta circunstância sozinha deve te despertar. No tempo de vida de teus parentes e antes que teu próprio dever de alimentá-los e protegê-los esteja concluído, tu podes encontrar com a morte e abandoná-los. Depois que teus parentes forem levados deste mundo pela morte, tu não poderás saber o que será deles lá, isto é, se eles encontrarão felicidade ou miséria. Esta circunstância deve te despertar. Quando por consequência dos resultados de suas próprias ações teus parentes conseguem se manter neste mundo tu vivas ou morras, refletindo sobre isso tu deves fazer o que é para o teu próprio bem. Quando é sabido que este é o caso, quem no mundo é para ser considerado como de quem? Portanto, coloque teu coração na obtenção da Emancipação. Ouça agora o que mais eu te direi. É certamente emancipado aquele homem de Alma firme quem tem conquistado fome e sede e outros tais estados do corpo, como também ira e cobiça e erro. É sempre emancipado aquele homem que não esquece de si mesmo, por tolice, por se viciar no jogo e na bebida e no concubinato e na caça. Aquele homem que é realmente tocado pela tristeza por causa da necessidade que há de comer todo dia e toda noite para manter a vida, é citado como sendo ciente das imperfeições da vida. Alguém que, como resultado de reflexão cuidadosa, considera seus repetidos nascimentos como sendo somente devidos à união sexual com mulheres, é considerado como livre de atrações. É certamente emancipado aquele homem que conhece realmente a natureza do nascimento, da destruição, e do esforço (ou ações) das criaturas vivas. Certamente vem a ser livre aquele homem que considera (como digno de sua aceitação) somente um punhado de cereais, para o sustento da vida, dentre milhões e milhões de carroças carregadas com grãos, e que desconsidera a diferença entre uma choupana de bambu e juncos e uma mansão suntuosa. Certamente se torna liberado aquele homem que vê o mundo sendo afligido pela morte e doença e penúria. De fato, alguém que vê o mundo dessa maneira consegue se tornar contente; enquanto quem falha em contemplar o mundo de tal ponto de vista encontra com a destruição. O homem que está contente somente com um pouco é considerado como liberado. Aquele homem que vê o mundo como consistindo em comedores e comestíveis (e a si mesmo como diferente de ambos) e que nunca é tocado por prazer e dor os quais nascem da ilusão, é

considerado como emancipado. Aquele homem que considera uma cama macia em uma armação de cama excelente e o solo duro como iguais, e que considera bom arroz sali e arroz grosso e duro como iguais, é emancipado. O homem que considera linho e tecido feito de grama como iguais, e em cuja avaliação roupa de seda e cascas de árvores são o mesmo, e que não vê diferença entre pele de carneiro limpa e couro impuro, é emancipado. Aquele homem que considera este mundo como o resultado da combinação das cinco essências primordiais, e que se comporta neste mundo mantendo esta noção em primeiro lugar, é emancipado. Aquele homem que considera o prazer e a dor como iguais, e ganho e perda como equivalentes, em cuja avaliação vitória e derrota não diferem, para quem gosto e desgosto são o mesmo, e que permanece inalterado sob medo e ansiedade, está totalmente emancipado. Aquele homem que considera seu corpo, o qual tem tantos defeitos, somente como uma massa de sangue, urina e fezes, como também de desordens e doenças, é emancipado. Se torna emancipado o homem que sempre lembra que este corpo, quando alcançado pela decrepitude, é tomado por rugas e cabelos brancos e magreza e palidez de cor e uma curvatura de forma. Aquele homem que lembra que seu corpo está sujeito à perda de virilidade, e fraqueza de visão, e surdez, e perda de força, está emancipado. O homem que sabe que os próprios Rishis, as divindades, e os Asuras são seres que têm que partir de suas respectivas esferas para outras regiões, é emancipado. Aquele homem que sabe que milhares de reis mesmo possuidores de grande afluência e poder partiram desta terra, consegue se tornar emancipado. Aquele homem que sabe que neste mundo a aquisição de objetos é sempre difícil, que a dor é abundante, e que o sustento de parentes está sempre ligado ao sofrimento, se torna emancipado. Vendo as abundantes imperfeições de filhos e de outros homens, quem é que não adoraria a Emancipação? Aquele homem que, despertado pelas escrituras e pela experiência do mundo, vê todo interesse humano neste mundo como insubstancial, se torna emancipado. Mantendo em mente essas minhas palavras, te comporte como alguém que se tornou emancipado, seja levando uma vida familiar ou buscando a emancipação sem permitir que tua compreensão seja confundida.' (Não há mal em levar uma vida familiar contanto que a pessoa se comporte da maneira indicada.) Ouvindo estas palavras dele com atenção, Sagara, aquele senhor da terra, adquiriu aquelas virtudes que são produtivas de Emancipação e continuou, com a ajuda delas, a governar seus súditos.'"

290

"Yudhishthira disse, 'Esta curiosidade, ó majestade, está sempre residindo em minha mente. Ó avô dos Kurus, eu desejo ouvir tudo sobre isto de ti. Por que o Rishi celeste, Usanas de grande alma, também chamado de Kavi estava empenhado em fazer o que era agradável para os Asuras e desagradável para as divindades? Por que ele estava empenhado em diminuir a energia das divindades? Por que os Danavas estavam sempre envolvidos em hostilidades com as principais das divindades? Possuidor do esplendor de um imortal, por que

razão Usanas obteve o nome de Sukra? Como também ele adquiriu tal excelência superior? Diga-me tudo acerca dessas coisas. Embora possuísse grande energia, por que ele não conseguiu viajar para o centro do firmamento? Eu desejo, ó avô, aprender tudo sobre todos estes assuntos.'" (Supõe-se que o planeta Vênus seja o sábio Usanas ou Sukra.)

"Bhishma disse, 'Ouça, ó rei, com atenção a tudo isso como realmente ocorreu. Ó impecável, eu narrarei estes assuntos para ti como eu os ouvi e entendi. De votos firmes e honrado por todos, Usanas, aquele descendente da linhagem de Bhrigu, tornou-se empenhado em fazer o que era desagradável para as divindades por uma causa adequada. (Pois antigamente Vishnu, induzido pelas divindades, usou seu disco para cortar a cabeça da mãe de Usanas. Por isso a ira de Usanas contra as divindades e seu desejo de ajudar seus inimigos, os Davanas.) O nobre Kuvera, o chefe dos Yakshas e dos Rakshasas, é o senhor da tesouraria de Indra, aquele mestre do universo. O grande asceta Usanas, coroado com êxito-Yoga, entrou na pessoa de Kuvera, e privando o senhor dos tesouros de sua liberdade por meio de Yoga, roubou dele toda sua riqueza. (Pessoas coroadas com sucesso-Yoga são competentes para entrar nos corpos de outras e privar as últimas do poder de vontade. De fato, a crença é que as últimas então se tornam meros autômatos incapazes de agir de qualquer outra maneira exceto como ordenadas pelo possessor animante.) Vendo sua riqueza roubada por ele, o senhor dos tesouros ficou muito descontente. Cheio de ansiedade, e sua ira também sendo excitada, ele foi àquele principal dos deuses, Mahadeva. Kuvera revelou o caso para Siva de energia incomensurável, aquele principal dos deuses, feroz e amável, e possuidor de várias formas. E ele disse, 'Usanas, tendo espiritualizado a si mesmo por Yoga entrou em minha forma e, me privando de liberdade, roubou toda minha riqueza. Tendo entrado em meu corpo por meio de Yoga ele em seguida o deixou.' Ouvindo estas palavras, Maheswara de supremos poderes-Yoga encheu-se de raiva. Seus olhos, ó rei, ficaram vermelho sangue, e erguendo sua lança ele esperou (pronto para derrubar Usanas). De fato, tendo erguido aquela principal das armas, o grande deus começou a dizer, 'Onde está ele? Onde está ele?' Enquanto isso, Usanas, tendo averiguado o propósito de Mahadeva (através de poder-Yoga) de uma distância, esperou em silêncio. De fato, tendo averiguado o fato da cólera de Maheswara de grande alma de poder-Yoga superior, o pujante Usanas começou a refletir se ele deveria ir até Maheswara ou fugir ou permanecer onde ele estava. Pensando, com a ajuda de suas penitências severas, em Mahadeva de grande alma, Usanas de alma coroada com sucesso-Yoga se colocou na ponta da lança de Mahadeva. Rudra armado com o arco, compreendendo que Usanas, cujas penitências tinham sido bem sucedidas e que tinha se convertido na forma de Conhecimento puro, estava na ponta da sua lança (e percebendo que ele não podia arremessar a lança em alguém que estava sobre ela), dobrou aquela arma com a mão. Quando o ferozmente armado e pujante Mahadeva de energia incomensurável dobrou sua lança dessa maneira (na forma de um arco), aquela arma veio a ser chamada daquele tempo em diante pelo nome de Pinaka. O marido de Uma, vendo Bhargava assim trazido sobre a palma de sua mão, abriu sua boca. O principal dos deuses então jogou Bhargava em sua boca e o engoliu de uma vez. O pujante

Usanas de grande alma da linhagem de Bhrigu, entrando no estômago de Maheswara, começou a vagar lá.'"

"Yudhishthira disse, 'Como, ó rei, Usanas podia conseguir vagar dentro do estômago daquele principal de inteligência superior? O que fez também aquele deus ilustre enquanto o Brahmana estava dentro de seu estômago?'"

"Bhishma disse, 'Nos tempos passados (tendo engolido Usanas), Mahadeva de votos severos entrou nas águas e permaneceu lá como uma estaca imóvel de madeira, ó rei, por milhões de anos (ocupado em meditação-Yoga). Suas Penitências de Yoga do tipo mais austero estando terminadas, ele ergueu-se do lago imenso. Então aquele primevo deus dos deuses, isto é, o eterno Brahman, aproximou-se dele, e perguntou pelo progresso de suas penitências e sobre seu bem-estar. A divindade que tem o touro como seu emblema respondeu, dizendo, 'Minhas penitências têm sido bem praticadas'. De alma inconcebível, possuidor de grande inteligência, e sempre devotado à religião da verdade, Sankara viu que Usanas dentro de seu estômago tinha se tornado maior por consequência daquelas penitências dele. Aquele principal dos Yogins (isto é, Usanas), rico com aquela fartura de penitências e a riqueza (de Kuvera da qual ele tinha se apropriado), brilhava gloriosamente nos três mundos, dotado de grande energia. Depois disso, Mahadeva armado com Pinaka, aquela alma de Yoga, mais uma vez se dirigiu à meditação-Yoga. Usanas, no entanto, cheio de ansiedade, começou a vagar dentro do estômago do grande deus. O grande asceta começou a cantar os louvores do deus de onde ele estava, desejoso de achar uma saída para escapar. Rudra, no entanto, tendo fechado todas as suas saídas, o impediu de sair. O grande asceta Usanas, no entanto, ó castigador de inimigos, de dentro do estômago de Mahadeva, repetidamente se dirigiu ao deus, dizendo, 'Mostre-me tua bondade!' Para ele Mahadeva disse, 'Saia pela minha uretra.' Ele tinha bloqueado todas as outras saídas de seu corpo. Confinado por todos os lados e incapaz de achar a saída indicada, o asceta começou a vagar para lá e para cá, queimando todo o tempo com a energia de Mahadeva. Finalmente ele achou a saída e saiu através dela. Por causa desse fato ele veio a ser chamado pelo nome de Sukra, e foi por consequência também desse fato que ele não pôde alcançar (no decorrer de sua viagem) o ponto central do firmamento. Vendo-o sair de seu estômago e brilhando gloriosamente com energia, Bhava, cheio de raiva, ficou com a lança erguida em sua mão. O deusa Uma então interveio e impediu o senhor zangado de todas as criaturas, seu cônjuge, de matar o Brahmana. E por Uma ter assim impedido seu marido de realizar seu propósito o grande asceta Usanas (daquele dia em diante) se tornou o filho da deusa.'"

"A deusa disse, 'Este Brahmana não merece mais ser morto por ti. Ele se tornou meu filho. Ó deus, alguém que sai do teu estômago não merece ser morto pelas tuas mãos.'"

"Bhishma continuou, 'Acalmado por estas palavras de sua esposa, Bhava sorriu e disse repetidamente este palavras, ó rei, 'Que ele vá para onde quer que ele queira.' Curvando-se para o concessor de benefícios Mahadeva e também para sua esposa, a deusa Uma, o grande asceta Usanas, dotado de inteligência

superior, procedeu para o lugar que ele escolheu. Eu assim narrei para ti, ó chefe dos Bharatas, a história de Bhargava de grande alma acerca da qual tu me perguntaste.'"

291

"Yudhishthira disse, 'Ó tu de braços poderosos, diga-me, depois disto, o que é benéfico para nós. Ó avô, eu nunca fico saciado com tuas palavras as quais me parecem como Amrita. Quais são aquelas boas ações, ó melhor dos homens, por realizar as quais um homem consegue obter o que é para seu maior benefício neste e no outro mundo, ó concessor de bênçãos?'"

"Bhishma disse, 'Sobre isto eu narrarei para ti o que o célebre rei Janaka perguntou, antigamente, para Parasara de grande alma, 'O que é benéfico para todas as criaturas neste mundo e no próximo? Diga-me o que deve ser conhecido por todos em relação a isto.' Assim questionado, Parasara, possuidor de grande mérito ascético e conhecedor das ordenanças de toda religião (isto é, das religiões de todas as classes e todos os modos de vida), disse estas palavras, desejoso de favorecer o rei.'"

"Parasara disse, 'Virtude obtida por meio de ações é benefício supremo neste mundo e no próximo. Os sábios de antigamente disseram que não há nada mais elevado do que a Virtude. Por realizar os deveres de virtude um homem vem a ser honrado no céu. A Virtude, também, das criaturas incorporadas, ó melhor dos reis, consiste na ordenança (declarada nas escrituras) sobre o assunto das ações. (As injunções escriturais são que alguém deve sacrificar em honra dos deuses, despejar libações no fogo sagrado, fazer doações, etc., nestes existe Virtude.) Todos os bons homens pertencentes aos vários modos de vida, colocando sua fé naquela virtude, realizam seus respectivos deveres. (Isto é, acreditando na eficácia da virtude, as pessoas de todos os modos de vida cumprem os deveres de seus respectivos modos.) Quatro métodos de vida, ó filho, têm sido ordenados neste mundo. (Aqueles quatro métodos são: a aceitação de doações para Brahmanas; a realização de impostos para Kshatriyas; agricultura para Vaisyas; e serviço das três outras classes para os Sudras.) Onde quer que homens vivam os meios de sustento vêm a eles por si mesmos. Realizando de várias maneiras ações que são virtuosas ou pecaminosas (para o propósito de ganhar seus meios de sustento), as criaturas viventes, quando dissolvidas em seus elementos constituintes alcançam diversos fins. (Os pecaminosos se tornam animais intermediários. Os virtuosos alcançam o céu. Os que são virtuosos e pecaminosos alcançam a posição de humanidade. Aqueles que adquirem Conhecimento se tornam Emancipados.) Como recipientes de metal branco, quando imersos em ouro ou prata liquefeitos, pegam a cor daqueles metais, assim mesmo uma criatura viva, que é totalmente dependente das ações de suas vidas passadas, pega sua cor do caráter daquelas ações. Nada pode brotar sem uma semente. Ninguém pode obter felicidade sem ter realizado ações capazes de levarem à felicidade. Quando o corpo de alguém é dissolvido (em seus elementos

constituintes), ele consegue obter felicidade somente por consequência das boas ações das vidas anteriores. O cético argumenta, ó filho, dizendo: 'Eu não vejo que alguma coisa neste mundo é o resultado do destino ou das ações virtuosas e pecaminosas das vidas passadas. A inferência não pode provar a existência ou operação do destino. (Destino aqui significa o resultado dos atos de vidas passadas.) As divindades, os Gandharvas e os Danavas se tornaram o que eles são por sua própria natureza (e não por suas ações de vidas passadas). As pessoas nunca lembram em suas próximas vidas das ações feitas por elas nas anteriores. Para explicar a aquisição de frutos em uma vida específica as pessoas raramente citam as quatro espécies de ações, (Nitya, Naimittika, Kamya, e Nishiddha), alegadas terem sido realizadas em vidas passadas. As declarações que têm os Vedas como sua autoridade são feitas para regular a conduta dos homens neste mundo, e para tranquilizar as mentes dos homens.' Estas (o cético diz), ó filho, não podem representar as declarações de homens possuidores de sabedoria verdadeira. Esta opinião está errada. Na verdade, alguém obtém os resultados de quaisquer entre as quatro espécies de ações que ele faça com os olhos, a mente, a língua, e músculos. Como o fruto de suas ações, ó rei, uma pessoa às vezes obtém felicidade totalmente, às vezes miséria da mesma maneira, e às vezes felicidade e miséria misturadas. Sejam justas ou pecaminosas, as ações nunca são destruídas (exceto pelo desfrute ou tolerância de seus resultados). (O comentador mostra que esta é uma resposta para a afirmação do cético sobre a Natureza ser a causa de tudo. O fogo é quente por natureza, portanto, ele não se torna quente em um momento, frio em outro, e morno em outro momento. Uma pessoa se torna ou totalmente feliz ou totalmente infeliz ou totalmente feliz e infeliz ao mesmo tempo. A natureza do homem não deve ser de tal maneira. A diferença de estado é produzida por diferença de causas.) Às vezes, ó filho, a felicidade devido às boas ações permanece oculta e coberta de tal maneira que ela não se manifesta no caso da pessoa que está afundando no oceano da vida até que suas tristezas desapareçam. Depois que tristeza foi esgotada (pela tolerância), alguém começa a desfrutar (dos resultados) de suas boas ações. E saiba, ó rei, que após o esgotamento dos frutos das boas ações, aqueles das ações pecaminosas começam a se manifestar. Auto-domínio, clemência, paciência, energia, contentamento, veracidade em palavras, modéstia, abstenção de ferir, liberdade das práticas más chamadas vyasana, e inteligência, estes são produtivos de felicidade. Nenhuma criatura está eternamente sujeita aos resultados de seus atos bons ou maus. O homem possuidor de sabedoria deve sempre se esforçar para acalmar e fixar sua mente. Alguém nunca tem que desfrutar ou suportar as ações boas e más de outro. De fato, alguém desfruta e suporta somente os resultados daquelas ações que ele mesmo faz. A pessoa que rejeita felicidade e miséria anda por um caminho específico (isto é, o caminho do conhecimento). Aqueles homens, no entanto, ó rei, que se permitem serem vinculados a todos os objetos mundanos, andam por um caminho que é totalmente diferente. Uma pessoa não deve fazer aquela ação que, se feita por outra, provocaria sua crítica. De fato, por fazer uma ação que ela censura em outros, ela cai em ridículo. Um Kshatriya privado de coragem, um Brahmana que aceita todos os tipos de alimento (há muitas regras para regular a alimentação de um Brahmana), um Vaisya não dotado de esforço (em relação à agricultura e

outras atividades lucrativas), um Sudra que é preguiçoso (e, portanto, avesso ao trabalho), uma pessoa erudita sem bom comportamento, alguém de nascimento nobre mas desprovido de conduta íntegra, um Brahmana decaído da verdade, uma mulher que é incasta e perversa, um Yogin dotado de afeições, alguém que cozinha comida para si mesmo (pois comida crua, como frutas, etc., alguém pode ingerir sem oferecer uma parte dela para convidados e outros; mas alimento cozido nunca pode ser comido sem uma parte dele ser dada para outros), uma pessoa ignorante empenhada em fazer um discurso, um reino sem um rei e um rei que não nutre afeição por seus súditos e que é desprovido de Yoga, todos esses, ó rei, são dignos de pena!'"

292

"Parasara disse, 'O homem que, tendo obtido este carro, isto é, seu corpo dotado de mente, segue em frente, refreando com as rédeas do Conhecimento os corcéis representados pelos objetos dos sentidos, deve certamente ser considerado como possuidor de inteligência. A homenagem (na forma de devoção e meditação concentrada no Supremo) por uma pessoa cuja mente é dependente de si mesma e que rejeitou os meios de vida é digna de grande louvor, aquela homenagem, a saber, ó regenerado, que é o resultado de instruções recebidas de alguém que conseguiu transcender as ações mas não obtidas de discussão mútua de homens no mesmo estado de progresso. Tendo obtido o período de vida concedido, ó rei, com tal dificuldade, alguém não deve diminuí-lo (por indulgência dos sentidos). Por outro lado, o homem deve sempre se esforçar, por meio de ações justas, pelo seu progresso gradual. Entre as seis diferentes cores que Jiva obtém em diferentes períodos de sua existência, aquele que decai de uma cor superior merece desonra e crítica. Por isso, alguém que alcançou o resultado de boas ações deve se comportar de tal maneira quanto a evitar todas as ações manchadas pela qualidade de Rajas. O homem alcança uma cor superior por ações justas. Incapaz de adquirir uma cor superior, pois tal aquisição é extremamente difícil, uma pessoa, por fazer atos pecaminosos somente mata a si mesmo (por afundar no inferno e decair para uma cor inferior). Todas as ações pecaminosas que são cometidas inconscientemente ou em ignorância são destruídas por meio de penitências. Uma ação pecaminosa, no entanto, que é cometida de propósito, produz muita tristeza. Por isso, nunca se deve cometer ações pecaminosas que têm somente tristeza como seu resultado. O homem de inteligência nunca faria uma ação que é pecaminosa em caráter mesmo que ela levasse à maior vantagem, assim como uma pessoa que é pura nunca tocaria um Chandala. Quão miserável é o resultado que eu vejo das ações pecaminosas! Pelo pecado a própria visão do pecador se torna perversa, e ele confunde seu corpo e seus acompanhamentos instáveis com a Alma. Aquele homem tolo que não consegue se dirigir à Renúncia neste mundo vem a ser afligido com grande angústia quando ele parte para o mundo seguinte. (Ou, alguém se dirige ao Yoga sem adotar a Renúncia encontra muita tristeza.) Um tecido incolor, quando sujo, pode ser limpo, mas não um tecido que foi tingido com corante preto; exatamente

assim, ó rei, ouça-me com atenção, é o caso com o pecado. Aquele homem que, tendo cometido um pecado intencionalmente age virtuosamente para expiar aquele pecado, tem que desfrutar e suportar os resultados de suas ações boas e más separadamente. (O objetivo deste verso é mostrar que o pecado consciente nunca pode ser destruído por meio de expiação. O único meio pelo qual o pecado pode ser destruído é por aguentar seus resultados.) Os proferidores de Brahma afirmam, sob a autoridade do que está declarado nos Vedas, que todos os atos de injúria cometidos em ignorância são anulados por atos de justiça. Um pecado, no entanto, que é cometido conscientemente nunca é anulado pela justiça. Assim dizem os regenerados proferidores de Brahma que estão familiarizados com as escrituras de Brahmana. Com relação a mim mesmo, meu ponto de vista é que quaisquer ações que sejam feitas, sejam elas justas ou pecaminosas, feitas de propósito ou não, permanecem (e nunca são destruídas a menos que seus frutos sejam desfrutados ou suportados). Quaisquer atos que sejam feitos pela mente com total deliberação, produzem, de acordo com sua grosseria ou sutileza, resultados que são grosseiros ou sutis. Aqueles atos, no entanto, ó tu de alma justa, que são repletos de grande injúria, se feitos em ignorância, sem falha produzem consequências e até consequências que levam para o inferno, com a diferença que aquelas consequências são desproporcionais em relação à gravidade às ações que as produziram. (A opinião do orador é que todas as ações são produtivas de resultados. Se boas, os resultados são bons. Se más, os frutos são maus. Há esta diferença, entretanto, entre atos feitos conscientemente e aqueles feitos em ignorância: os primeiros produzem resultados proporcionais, isto é, se grosseiros, seus resultados são grosseiros; se sutis, os resultados são sutis; mas os últimos produzem frutos que não são assim, de modo que mesmo se abomináveis, os resultados não envolvem uma grande mas somente uma pequena medida de miséria. Não há outra diferença entre os dois tipos de ações.) Quanto àquelas ações (de uma natureza duvidosa ou injusta) que possam ser feitas pelas divindades ou ascetas de reputação, um homem justo nunca deve fazer suas semelhantes ou, informado delas, nunca deve censurá-las. (Tais ações formam a exceção e são mantidas fora da minha visão neste meu discurso sobre as ações. O Rishi Viswamitra causou a morte dos cem filhos de Vasishtha, e contudo ele não teve que ir para o inferno por isto.) Aquele homem que, refletindo com sua mente, ó rei, e averiguando sua própria habilidade, realiza ações justas, certamente obtém o que é para seu benefício. Água despejada em um recipiente não cozido gradualmente diminui e finalmente escapa totalmente. Se mantida, no entanto, em um recipiente cozido, ela permanece sem sua quantidade ser reduzida. Da mesma maneira, ações feitas sem reflexão com a ajuda da compreensão não se tornam benéficas; enquanto ações feitas com discernimento permanecem com excelência não diminuída e produzem felicidade como seu resultado. Se dentro de um recipiente contendo água outra água for despejada, a água que havia lá originalmente aumenta em quantidade; assim mesmo todas as ações feitas com raciocínio, sejam elas equitativas ou não, somente contribuem para o estoque de justiça de alguém. Um rei deve subjugar seus inimigos e todos os que procuram afirmar sua superioridade, e ele deve governar e proteger seus súditos apropriadamente. Um homem deve acender seus fogos sagrados e derramar libações sobre eles em diversos sacrifícios, e se retirando para as

florestas na meia idade ou velhice, deve viver lá (praticando os deveres dos dois últimos modos de vida). Dotado de autocontrole, e possuidor de um comportamento justo, ele deve considerar todas as criaturas como se fossem ele mesmo. Ele deve também reverenciar seus superiores. Pela prática da veracidade e de boa conduta, ó rei, alguém sem dúvida obtém felicidade.'"

293

"Parasara disse, 'Ninguém neste mundo faz bem para outro. Ninguém é visto fazer doações para outros. Todas as pessoas são vistas agirem para si mesmas. As pessoas são vistas rejeitarem seus próprios pais e seus irmãos quando estes param de serem afetuosos. O que dizer então de parentes de outros graus? (Quando tais parentes próximos são rejeitados se percebidos serem desprovidos de afeição, não pode ser negado o fato que as pessoas nunca fazem bem para outras exceto quando elas esperam se beneficiar por meio de tais atos.) Doações para uma pessoa eminente e aceitação de doações feitas por uma pessoa eminente ambas levam ao mesmo mérito. Dessas duas ações, no entanto, a de fazer de uma doação é superior à aceitação de uma doação. (A aceitação de uma doação de uma pessoa superior é igual a respeito de mérito a uma doação feita por uma pessoa pobre. Um homem rico, por fazer uma doação, ganha maior mérito do que por aceitar uma doação). Aquela riqueza que é adquirida por meios apropriados e aumentada também por meios apropriados, deve ser protegida com cuidado para se adquirir virtude. Esta é uma verdade aceita. Alguém desejoso de adquirir virtude nunca deve ganhar riqueza por meios que envolvam danos a outros. Uma pessoa deve realizar suas ações de acordo com seu poder, sem perseguir ardorosamente riqueza. Por dar água, fria ou aquecida pelo fogo, com uma mente devotada, a um convidado (sedento), de acordo com o melhor que pode, alguém ganha o mérito vinculado à ação de dar alimento para um homem faminto. Rantideva de grande alma obteve êxito em todos os mundos por cultuar os ascetas somente com oferendas de raízes e folhas e frutas. O filho nobre de Sivi também alcançou as mais elevadas regiões de bem-aventurança por ter gratificado Surya junto com seu companheiro com oferendas do mesmo tipo. Todos os homens, por tomarem nascimento, incorrem em dívidas com os deuses, convidados, empregados, Pitris, e com eles mesmos. Todos devem, portanto, fazer o seu melhor para se livrarem dessas dívidas. Alguém se livra da dívida com os grandes Rishis por estudar os Vedas. Ele paga as dívidas com os deuses por realizar sacrifícios. Por realizar os ritos Sraddha ele se livra da dívida que tem com os Pitris. Ele paga a dívida para com os membros da raça humana por fazer bons préstimos para eles. Ele paga as dívidas que tem consigo mesmo por escutar as recitações Védicas e refletir sobre seu significado, por comer os restos de sacrifícios, e por sustentar seu corpo. Ele deve cumprir regularmente todas as ações, desde o início, que ele deve para seus empregados. Embora desprovidos de riqueza, homens são vistos alcançarem o êxito por grandes esforços. (Isto é, por Dhyana e Dharana.) Munis, por adorarem devidamente as divindades e por despejarem devidamente libações de manteiga clarificada no fogo sagrado, são

vistos alcançarem êxito ascético. O filho de Richika tornou-se o filho de Vishwamitra. Por adorar as divindades que têm partes nas oferendas sacrificais, com Richs (ele alcançou êxito na vida após a morte). Usanas tornou-se Sukra por ter gratificado o deus dos deuses. De fato, por cantar os louvores da deusa (Uma), ele se diverte no firmamento, dotado de grande esplendor. (Pois alcançou a posição de um planeta, Vênus, no céu.) Então, também, Asita e Devala, e Narada e Parvata, e Karkshivat, e Rama o filho de Jamadagni, e Tandya possuidor de alma purificada, e Vasishtha, e Jamadagni, e Viswamitra e Atri, e Bharadwaja, e Harismasru, e Kundadhara, e Srutasravas, estes grandes Rishis, por adorarem Vishnu com mentes concentradas com a ajuda de Richs, e por penitências, conseguiram alcançar o êxito pela graça daquela grande divindade dotada de inteligência. Muitos homens não merecedores, por adorarem aquela boa divindade, obtiveram grande distinção. Não se deve procurar por progresso por realizar qualquer ato mau ou criticável. Aquela riqueza que é obtida de modo honrado é riqueza verdadeira. Vergonha para aquela riqueza, no entanto, que é obtida por meios injustos! A Justiça é eterna. Ela nunca deve, neste mundo, ser abandonada pelo desejo de riqueza. Aquela pessoa de alma justa que mantém seu fogo sagrado e oferece diariamente suas adorações às divindades é considerada como a principal das pessoas virtuosas. Todos os Vedas, ó principal dos reis, estão estabelecidos nos três fogos sagrados (chamados Dakshina, Garhapatya, e Ahavaniya). É citado como possuidor do fogo sagrado aquele Brahmana cujas ações existem em sua totalidade. É melhor abandonar de uma vez o fogo sagrado do que mantê-lo, enquanto se abstendo de ações. O fogo sagrado, a mãe, o pai que o gerou, e o preceptor, ó tigre entre homens, devem ser todos devidamente servidos e tratados com humildade. Aquele homem que, rejeitando todos os sentimentos de orgulho, visita e serve humildemente aqueles que são veneráveis por idade, que possui conhecimento e é desprovido de luxúria, que olha para todas as criaturas com um olhar de amor, que não tem riqueza, que é justo em suas ações, e que é desprovido do desejo de infligir qualquer tipo de mal (sobre alguém), aquele homem realmente respeitável é adorado neste mundo por aqueles que são bons e piedosos.'"

294

"Parasara disse, 'A classe mais baixa, isto é apropriado, deve derivar seu sustento das três outras classes. Tal serviço, prestado com afeição e reverência, os faz virtuosos. Se os antepassados de algum Sudra não eram dedicados ao serviço, ele todavia não deve se empenhar em alguma outra ocupação (exceto serviço). Realmente, ele deve se aplicar ao serviço como sua ocupação. Em minha opinião, é apropriado para eles se associarem, sob todas as circunstâncias, com bons homens dedicados à justiça, mas nunca com aqueles que são pecaminosos. Como nas colinas Orientais pedras preciosas e metais brilham com grande esplendor por sua adjacência ao Sol, assim mesmo a classe mais baixa brilha com esplendor por sua associação com os bons. Um pedaço de tecido branco assume aquela cor com a qual ele é tingido. Tal é o caso com os Sudras;

(isto é, eles pegam as cores da companhia que eles mantêm. Por isso, é muito desejável viver com os bons). Por isso também, uma pessoa deve se ligar a todas as boas qualidades mas nunca às qualidades que são más. A vida de seres humanos neste mundo é fugaz e transitória. O homem sábio que, em felicidade como também em miséria, realiza somente o que é bom, é considerado como um verdadeiro cumpridor das escrituras. O homem que é dotado de inteligência nunca faria uma ação que é dissociada da virtude, por mais que pudessem ser grandes as vantagens daquela ação. De fato, tal ação não é considerada como realmente benéfica. Aquele rei sem lei que, arrebatando milhares de vacas de seus donos legais, as doa (para pessoas merecedoras), não adquire fruto (daquele ato de doação) além de um som vazio (expressivo da ação que ele faz). Por outro lado, ele incorre no pecado de roubo. O Auto-nascido a princípio criou o Ser chamado Dhatri considerado com respeito universal. Dhatri criou um filho que estava empenhado em sustentar todos os mundos. (Este filho de Dhatri é o deus das nuvens.) Cultuando aquela divindade, o Vaisya se dedica, pelos meios de seu sustento, à agricultura e à criação de gado. Os Kshatriyas devem se empregar na tarefa de proteger todas as outras classes. Os Brahmanas devem somente desfrutar. Com relação aos Sudras, eles devem se engajar na tarefa de reunir humildemente e honestamente os artigos que são para serem oferecidos em sacrifícios, e na limpeza de altares e de outros locais onde sacrifícios são para serem realizados. Se cada classe agisse dessa maneira, a justiça não sofreria qualquer diminuição. Se a justiça fosse preservada em sua totalidade, todas as criaturas que habitam a terra seriam felizes. Vendo a felicidade de todas as criaturas sobre a terra, as divindades no céu se enchem de alegria. Então, aquele rei que, segundo os deveres prescritos para sua classe, protege as outras classes, se torna digno de respeito. Similarmente, o Brahmana que está empenhado em estudar as escrituras, o Vaisya que está empenhado em ganhar riqueza, e o Sudra que está sempre empenhado em servir as três outras classes com atenção concentrada, se tornam objetos de respeito. Por se comportar de outras maneiras, ó chefe de homens, cada classe é citada como decaída da virtude. Mantendo aparte doações às milhares, mesmo vinte cauris que alguém possa dar penosamente, tendo-as obtido justamente, será produtivo de grande benefício. Aquelas pessoas, ó rei, que fazem doações para Brahmanas depois de reverenciá-los devidamente, colhem frutos excelentes compatíveis com aquelas doações. É altamente valorizada aquela doação que o doador faz depois de procurar o donatário e honrá-lo apropriadamente. É mediana aquela doação que o doador faz após solicitação. Aquela doação, no entanto, que é feita desdenhosamente e sem qualquer reverência, é citada como sendo muito inferior (em relação à mérito). Isso mesmo é o que aqueles proferidores da verdade, isto é, os sábios, dizem. Enquanto afundando neste oceano de vida, o homem deve sempre procurar cruzar este oceano por vários meios. De fato, ele deve se esforçar de modo que ele possa ser libertado dos grilhões deste mundo. O Brahmana brilha pelo auto-controle; o Kshatriya por vitória; o Vaisya por riqueza; enquanto o Sudra sempre brilha em glória por inteligência em servir (as três outras classes).'"

295

"Parasara disse, 'No Brahmana, riqueza adquirida por aceitação de doações, no Kshatriya aquela obtida por vitória em batalha, no Vaisya aquela obtida por seguir os deveres prescritos para sua classe, e no Sudra aquela obtida por servir as três outras classes, embora pequena sua quantidade, é digna de louvor, e gasta para a aquisição de virtude é produtiva de grandes benefícios. O Sudra é citado como sendo o constante servidor das três outras classes. Se o Brahmana, oprimido em busca de um meio de vida, se dirige aos deveres do Kshatriya ou do Vaisya, ele não decai da virtude. Quando, no entanto, o Brahmana se dirige para os deveres da classe mais baixa, então ele certamente decai. Quando o Sudra não pode obter seu sustento por serviço das três outras classes, então comércio, criação de gado, e a prática dos ofícios mecânicas são lícitas para ele seguir. Aparecer no palco de um teatro e se disfarçar de várias formas, exibição pública de marionetes, a venda de bebidas alcoólicas e carne, e comércio em ferro e couro, nunca devem ser adotados para propósitos de sustento por alguém que nunca antes tinha se dedicado a estas profissões, todas as quais são consideradas como censuráveis no mundo. Tem sido ouvido por nós que se alguém dedicado a elas pode abandoná-las, ele então adquire grande mérito. Quando alguém que se tornou bem sucedido na vida se comporta pecaminosamente por sua mente estar cheia de arrogância, as ações dele sob tais circunstâncias nunca podem ser tomadas por autoridade. É ouvido nos Puranas que antigamente a humanidade era autocontrolada; que eles tinham a justiça em grande estima; que as práticas que eles seguiam para o sustento eram todas consistentes com a retidão e com as injunções declaradas nas escrituras, e que o único castigo que era necessário para castigá-los quando eles erravam era o grito de vergonha sobre eles. No tempo do qual nós falamos, ó rei, a Retidão, e nada mais, era muito elogiada entre os homens. Tendo alcançado grande progresso em retidão, os homens naqueles tempos veneravam somente todas as boas qualidades que eles viam. Os Asuras, no entanto, ó filho, não puderam tolerar aquela retidão que prevalecia no mundo. Multiplicando-se (em número e energia), os Asuras (na forma de Luxúria e Ira) entraram nos corpos dos homens. Então foi gerado nos homens o orgulho que é tão destrutivo da retidão. Do orgulho surgiu a arrogância, e da arrogância surgiu a ira. Quando os homens se tornaram assim oprimidos pela ira, a conduta envolvendo a modéstia e vergonha desapareceu deles, e então eles foram dominados pela negligência. Afligidos pela negligência, eles não podiam mais ver como antes, e como a consequência disso eles começaram a oprimir uns aos outros e assim adquirir riqueza sem qualquer escrúpulo. Quando os homens se tornaram dessa maneira, o castigo de somente gritar vergonha sobre ofensores deixou de ter qualquer efeito. Os homens, não mostrando reverência pelos deuses ou Brahmanas, começaram fazer a vontade de seus sentidos até sua satisfação. (Isto é, eles começaram a desfrutar de todos os objetos dos sentidos em excesso.) Naquele tempo as divindades foram até aquele principal dos deuses, isto é, Siva, possuidor de paciência, de aspecto multiforme, e dotado dos principais atributos, e procuraram sua proteção. As divindades concederam a ele sua energia conjunta, e nisso o grande deus, com uma única flecha, derrubou na terra aqueles três

Asuras, isto é, Desejo, Ira, e Cobiça, que estavam morando no firmamento, junto com suas próprias habitações. (Este verso é tomado como uma declaração metafórica. Os três Asuras são, naturalmente, Kama, Krodha, and Lobha. 'Morando no firmamento' é interpretado como 'existindo em Maya'. 'Suas habitações' como 'com suas formas grosseiras, sutis, e potenciais;' 'derrubou na terra' é explicado como 'imergiu no puro chit.' O total é considerado como implicando uma destruição espiritual de todos os maus sentimentos e uma restauração do homem ao seu estado original de pureza.) O chefe feroz daqueles Asuras (Mahamoha ou grande Negligência) possuidor de fúria e destreza, que tinha afligido os Devas (ou sentidos) com terror, também foi morto por Mahadeva armado com a lança. Quando este chefe dos Asuras foi morto, os homens mais uma vez obtiveram suas próprias naturezas, e mais uma vez começaram a estudar os Vedas e as outras escrituras como era nos tempos passados. Então os sete Rishis antigos se apresentaram e instalaram Vasava como o chefe dos deuses e o soberano do céu. E eles tomaram sobre si mesmos a tarefa de segurar a vara de castigo sobre a humanidade. Depois dos sete Rishis veio o rei Viprithu (para governar a humanidade), e muitos outros reis, todos pertencentes à classe Kshatriya para governar separadamente grupos separados de seres humanos. (Quando Mahadeva dissipou todas as más paixões das mentes das criaturas) havia, naqueles tempos antigos, certos homens de idade de cujas mentes todos os sentimentos pecaminosos não haviam fugido. Então, por causa daquele estado pecaminoso de suas mentes e daqueles incidentes que estavam relacionados com ele, apareceram lá muitos reis de destreza terrível que começaram a se entregar somente a atos que eram adequados para Asuras. Aqueles seres humanos que eram extremamente tolos aderiram àquelas ações pecaminosas, as estabeleceram como autoridades, e as seguem na prática até hoje. Por esta razão, ó rei, eu te digo, que tendo refletido devidamente com a ajuda das escrituras, que uma pessoa deve se abster de todas as ações que são repletas de injustiça ou malícia, e procurar adquirir um conhecimento da Alma. O homem possuidor de sabedoria não procurará riqueza para a realização de ritos religiosos por caminhos que são injustos e que envolvem um abandono da moralidade. A riqueza obtida por tais meios nunca virá a ser benéfica. Torne-te então um Kshatriya deste tipo. Controle teus sentidos, seja agradável para teus amigos, e cuide, de acordo com os deveres de tua classe, de teus súditos, empregados, e filhos. Pela união de prosperidade e adversidade (na vida do homem), surgem amizades e animosidades. Milhares e milhares de existências estão revolvendo continuamente (em relação a cada Jiva), e em cada modo da existência de Jiva isto deve ocorrer. (Os próprios deuses estão sujeitos à prosperidade e adversidade, e seus efeitos de amores e ódios. Não há modo de vida no qual estes não possam ser encontrados.) Por esta razão, estejas ligado às boas qualidades de todos os tipos, mas nunca aos defeitos. Tal é o caráter das boas qualidades que se a pessoa mais insensata, privada de toda virtude, ouve a si mesma elogiada por alguma boa qualidade, ela fica cheia de alegria. Virtude e pecado existem, ó rei, somente entre homens. Eles não existem entre criaturas exceto homem. Alguém deve, portanto, em necessidade de alimento e outras necessidades da vida ou transcendendo tal necessidade, ser de disposição virtuosa, adquirir conhecimento, sempre olhar para todas as criaturas como a si

mesmo, e se abster totalmente de infligir qualquer tipo de dano. Quando a mente de alguém se torna desprovida de desejo, e quando toda Ignorância é dissipada dela, é então que ele consegue obter que é auspicioso.'"

296

"Parasara disse, 'Eu agora te falei sobre quais são as ordenanças dos deveres em relação a alguém que leva um modo de vida familiar. Eu agora te falarei das ordenanças sobre penitências. Ouça-me enquanto eu falo sobre o assunto. É visto geralmente, ó rei, que por causa de sentimentos repletos de Rajas e Tamas, o sentido de 'meu', nascido do apego, surge no coração do chefe de família. Dirigindo-se ao modo de vida familiar, alguém adquire vacas, campos, riqueza de diversos tipos, cônjuges, filhos, e empregados. Alguém que se torna observador deste modo de vida constantemente lança seu olhar sobre estes objetos. Sob essas circunstâncias, suas atrações e aversões aumentam, e ele cessa de considerar suas posses (transitórias) como eternas e indestrutíveis. Quando uma pessoa vem a ser dominada por afeição e aversão, e se entrega ao domínio dos objetos mundanos, o desejo de prazer então o apanha, tendo sua origem na negligência, ó rei. Pensando que é abençoada aquela pessoa que tem a maior parte de prazeres neste mundo, o homem dedicado ao prazer, por seu apego a isto, não vê que há alguma outra felicidade além da que resulta da satisfação dos sentidos. Dominado pela cobiça que resulta de tal atração, ele então procura aumentar o número de seus parentes e servidores, e para satisfazer estes últimos ele procura aumentar sua riqueza por todos meios em seu poder. Cheio de afeição por filhos, tal pessoa comete, para adquirir riqueza, atos que ele sabe que são maus, e dá vazão à angústia se sua riqueza é perdida. Tendo ganhado honras e sempre se protegendo contra a frustração de seus planos, ele se dirige aos meios que satisfarão seu desejo de prazer. Finalmente ele encontra com a destruição como a consequência inevitável da conduta que ele segue. É bem conhecido, no entanto, que a verdadeira felicidade é daqueles que são dotados de inteligência, que são proferidores do eterno Brahma, que procuram realizar somente ações que são auspiciosas e benéficas, e que se abstêm de todas as ações que são opcionais e que provêm somente do desejo. Da perda de todos os objetos sobre os quais estão centradas nossas afeições, da perda de riqueza, ó rei, e da opressão das doenças físicas somadas à agonia mental, uma pessoa cai em desespero. Deste desespero surge o despertar da alma. De tal despertar procede o estudo das Escrituras. Da contemplação do significado das escrituras, ó rei, vê-se o valor da penitência. Uma pessoa possuidora do conhecimento do que é essencial e do que não é essencial, ó rei, é muito rara, isto é, aquela que procura passar por penitências, impressionada com a verdade que a felicidade que alguém deriva da posse de objetos agradáveis tais como cônjuges e filhos leva no final à miséria. (Aqueles que se dirigem às penitências como consequência do desespero são muitos. São muito raros os homens que adotam as penitências sendo imediatamente convencidos de que felicidade da vida familiar é irreal e termina em miséria.) As penitências, ó filho, são para todos. Elas são ordenadas até para a

classe mais baixa de homens (Sudras). As penitências colocam o homem autocontrolado que tem domínio sobre todos os seus sentidos no caminho do céu. Foi através de penitências que o Senhor pujante de todas as criaturas, ó, rei, cumprindo votos em intervalos específicos, criou todos os objetos existentes. Os Adityas, os Vasus, os Rudras, Agni, os Aswins, os Maruts, os Viswedevas, os Saddhyas, os Pitris, os Maruts, os Yakshas, os Rakshasas, os Gandharvas, os Siddhas e os outros habitantes do céu, e, de fato, todos os outros celestiais, ó filho, foram todos coroados êxito através de suas penitências. Aqueles Brahmanas a quem Brahmana criou no início, conseguiram por suas penitências honrar não só a Terra mas também o céu no qual eles viajavam como lhes agradava. Neste mundo de mortais, aqueles que são reis, e aqueles outros que são chefes de família nascidos em famílias nobres, todos se tornaram o que eles são somente em consequência de suas penitências (de vidas passadas). Os mantos de seda que eles usam, os ornamentos excelentes que enfeitam seus corpos, os animais e veículos nos quais eles passeiam, e os assentos que eles usam são todos o resultado de suas penitências. As muitas mulheres encantadoras e belas, constando de milhares, que eles desfrutam, e sua residência em mansões suntuosas, são todas devido às suas penitências. Leitos caros e diversas espécies de iguarias deliciosas se tornam daqueles que agem justamente. Não há nada nos três mundos, ó opressor de inimigos, que as penitências não possam alcançar. Mesmo aqueles que são desprovidos de verdadeiro conhecimento ganham Renúncia como a consequência de suas penitências. Esteja em circunstâncias afluentes ou miseráveis, uma pessoa deve rejeitar a cobiça, refletindo sobre as escrituras com a ajuda de sua Mente e compreensão, ó melhor dos reis. O descontentamento é produtivo de miséria. (O descontentamento é o resultado da cobiça.) A cobiça leva ao adormecimento dos sentidos. O sentidos estando estupefatos, a sabedoria de alguém desaparece assim como conhecimento não conservado por aplicação contínua. Quando a sabedoria de alguém desaparece, ele falha em distinguir o que é apropriado do que é inapropriado. Então, quando a felicidade de alguém é destruída (e ele fica sujeito à miséria), ele deve praticar as mais austeras das penitências. Aquilo que é agradável é chamado de felicidade. Aquilo que é desagradável é citado como sendo miséria. Quando penitências são praticadas, o resultado é felicidade. Quando elas não são praticadas, o resultado é miséria. Veja os resultados da prática e da abstenção de penitências! Por praticar penitências imaculadas (isto é, sem desejo de resultado), as pessoas sempre encontram com consequências auspiciosas de todos os tipos, desfrutam de todas as coisas boas, e obtêm grande fama. Aquele, no entanto, que por abandonar (as penitências imaculadas), se dirige às penitências por desejo de fruto, encontra com muitas consequências desagradáveis, e desgraça e tristeza de diversos tipos, como os frutos delas, todos os quais têm as posses mundanas como sua causa. (Tais frutos lhes trazem diversos tipos de tristezas). Apesar da prática da virtude, penitências, e caridade ser desejável, surge em sua mente o desejo de realizar todos os tipos de ações proibidas. Por assim cometer diversos tipos de ações pecaminosas, ele vai para o inferno. Aquela pessoa, ó melhor dos homens, que, na felicidade e na tristeza, não abandona os deveres ordenados para ela, é citada como tendo as escrituras como sua visão. É dito que o prazer que alguém deriva da satisfação dos sentidos de tato, paladar, visão, olfato, e audição, ó monarca,

duram somente o tempo que uma flecha impulsionada do arco leva para cair sobre a terra. Após a cessação daquele prazer, que é de duração tão curta, alguém sofre a mais violenta agonia. É somente o insensato que não louva a bem-aventurança da Emancipação que é inigualável. Vendo a miséria que acompanha a satisfação dos sentidos, aqueles que possuem sabedoria cultivam as virtudes de tranquilidade e autocontrole para o propósito de alcançar a Emancipação. Por seu comportamento íntegro, riqueza e prazer nunca podem conseguir afligi-los. Os chefes de família podem, sem qualquer remorso, desfrutar de riqueza e de outras posses que são obtidas sem Esforço. Com relação, no entanto, aos deveres de sua classe que são declarados nas escrituras, estes, na minha opinião, eles devem cumprir com a ajuda do Esforço. (Cônjuges, alimento, bebida, etc., alguém obtém como o resultado de atos passados. Em relação a estes, Esforço é fraco. Então, empregar Esforço para sua aquisição não seria sábio. Com relação à aquisição de virtude, no entanto, o Esforço é eficaz. Por isso, alguém deve, com Esforço procurar agir de acordo com seus próprios deveres como declarados nas escrituras.) A prática daqueles que são honrados, nascidos em famílias nobres, e que têm seus olhos sempre dirigidos para o significado das escrituras, não pode ser seguida por aqueles que são pecaminosos e que possuem mentes descontroladas. Todas as ações que são feitas pelo homem sob a influência da vaidade encontram com a destruição. Então, para aqueles que são respeitáveis e realmente justos não há outra ação neste mundo para se fazer exceto penitência. (Sacrifícios e todas as outras ações empreendidas por um senso de vaidade são destrutíveis com relação às suas consequências, pois o céu é finito. Penitências, no entanto, que são praticadas sem desejo de resultado não são assim, pois estas levam à Emancipação.) Em relação, no entanto, àqueles chefes de família que são viciados nas ações, eles devem, de todo o coração, se dirigir às ações. Seguindo os deveres de sua classe, ó rei, eles devem com inteligência e atenção realizar sacrifícios e outros ritos religiosos. De fato, como todos os rios, masculinos e femininos, têm seu refúgio no Oceano, assim mesmo os homens pertencentes a todas as outras classes têm seu refúgio no chefe de família.'"

297

"Janaka disse, 'De onde, ó grande Rishi, surgiu esta diferença de cor entre os homens pertencentes às diferentes classes? Eu desejo saber. Diga-me isto, ó principal dos oradores! Os Srutis dizem que a prole que alguém gera é a própria pessoa. Originalmente surgidos de Brahmana, todos os habitantes da terra deveriam ter sido Brahmanas. Nascidos de Brahmanas, por que os homens se dirigiram a práticas diferentes daquelas dos Brahmanas?'"

"Parasara disse, 'É como tu dizes, ó rei! A prole procriada não é ninguém mais do que o próprio procriador. No entanto, por se afastarem da penitência, esta distribuição em classes de diferentes cores ocorreu. Quando o solo se torna bom e a semente também é boa, a prole produzida se torna meritória. Se, no entanto, o solo e a semente não são bons ou são inferiores, a prole que nascerá será inferior. Aqueles que estão familiarizados com as escrituras sabem que quando o Senhor

de todas as criaturas se pôs a criar os mundos, algumas criaturas surgiram de sua boca, algumas de seus braços, algumas de suas coxas, e algumas de seus pés. Aqueles que assim surgiram de sua boca, ó filho, vieram a ser chamados de Brahmanas. Aqueles que surgiram de seus braços foram chamados de Kshatriyas. Aqueles, ó rei, que surgiram de suas coxas eram a classe rica, chamados de Vaisyas. E, por fim, aqueles que nasceram de seus pés eram a classe servil, isto é, os Sudras. Somente estas quatro classes de homens, ó monarca, foram assim criadas. Aqueles que pertencem às classes além destas e outras a não ser estas surgiram de uma mistura delas. Os Kshatriyas chamados Atirathas, Amvashthas, Ugras, Vaidehas, Swapakas, Pukkasas, Tenas, Nishadas, Sutas, Magadhas, Ayogas, Karanas, Vratyas, e Chandalas, ó monarca, surgiram todos das quatro classes originais por mistura umas com as outras.'"

"Janaka disse, 'Quando todos surgiram somente de Brahmana, como os seres humanos vieram a ter diversidade em relação à raça? Ó melhor dos ascetas, é vista uma diversidade infinita de raças neste mundo. Como os homens dedicados às penitências poderiam alcançar a posição de Brahmanas, embora de origem indiscriminada? De fato, aqueles nascidos de úteros puros e aqueles de impuros, todos se tornaram Brahmanas.'"

"Parasara disse, 'Ó rei, a posição de pessoas de grande alma que conseguiram purificar suas almas por penitências não pode ser considerada como afetada por seus nascimentos inferiores. Grandes Rishis, ó monarca, por gerarem filhos em úteros indiscriminados, concederam a eles a posição de Rishis por meio de seu poder de ascetismo. Meu avô Vasishtha, Rishyasringa, Kasyapa, Veda, Tandya, Kripa, Kakshivat, Kamatha, e outros, e Yavakrita, ó rei, e Drona, aquele principal dos oradores, e Ayu, e Matanga, e Datta, e Drupada, e Matsya, todos esses, ó soberano dos Videhas, obtiveram suas respectivas posições através de penitências. Originalmente somente quatro Gotras (raças) surgiram, ó monarca, isto é, Angiras, Kasyapa, Vasishtha, e Bhrigu. Por ações e comportamento, ó soberano de homens, muitos outros Gotras vieram à existência com o tempo. Os nomes daqueles Gotras são devidos às penitências daqueles que os fundaram. Boas pessoas os usam.'"

"Janaka disse, 'Diga-me, ó santo, os deveres especiais das várias classes. Diga-me também quais são seus deveres comuns. Tu és conhecedor de tudo.'"

"Parasara disse, 'Aceitação de doações, oficiar nos sacrifícios de outros, e o ensino de pupilos, ó rei, são os deveres especiais dos Brahmanas. A proteção das outras classes é própria para o Kshatriya. Agricultura, criação de gado e comércio são as ocupações dos Vaisyas. Enquanto o serviço das (três) classes regeneradas é a ocupação, ó rei, dos Sudras. Eu agora te disse quais são os deveres especiais das quatro classes, ó monarca. Ouça-me, ó filho, enquanto eu te falo quais são os deveres comuns de todas as quatro classes. Compaixão, abstenção de ferir, atenção, dar a outros o que é devido a eles, Sraddhas em honra de antepassados falecidos, hospitalidade para convidados, veracidade, domínio da ira, contentamento com as próprias esposas, pureza (interna e externa), liberdade de malícia, conhecimento do Eu, e Renúncia, esses deveres, ó

rei, são comuns para todas as classes. Brahmanas, Kshatriyas, e Vaisyas, estas são as três classes regeneradas. Todas elas têm um direito igual à realização desses deveres, ó principal dos homens. Estas três classes, dirigindo-se a outros deveres a não ser aqueles prescritos para elas, fracassam, ó monarca (e caem de sua própria posição), assim como elas sobem e adquirem grande mérito por tomarem como modelo algum indivíduo honrado de suas respectivas classes que é devidamente observador de seus próprios deveres. O Sudra nunca cai (por fazer ações proibidas); nem ele é digno de algum dos ritos de regeneração. A direção de deveres que flui dos Vedas não é dele. Ele não é proibido, no entanto, de praticar os treze deveres que são comuns para todas as classes. Ó soberano dos Videhas, Brahmanas versados nos Vedas, ó monarca, consideram um Sudra (virtuoso) como igual ao próprio Brahmana. Eu, no entanto, ó rei, considero tal Sudra como o refulgente Vishnu do universo, o principal ser em todos os mundos. Pessoas da classe mais baixa, desejando exterminar as más paixões (de luxúria e cólera, etc.) podem se dirigir à observância da conduta dos bons; e, de fato, enquanto agindo dessa maneira, elas podem ganhar grande mérito por realizarem todos os ritos que levam ao progresso, omitindo os mantras que são pronunciados pelas outras classes enquanto realizando as mesmas cerimônias. Seja onde for que pessoas da classe mais baixa adotem o comportamento dos bons, elas conseguem obter felicidade pela qual elas podem passar seu tempo em bem-aventurança aqui e após a morte.'"

"Janaka disse, 'Ó grande asceta, o homem é maculado por suas ações ou ele é maculado pela ordem ou classe na qual ele é nascido? Uma dúvida surgiu em minha mente. Cabe a ti esclarecer isto para mim.'"

"Parasara disse, 'Sem dúvida, ó rei, ambos, ações e nascimento, são fontes de demérito. Ouça agora sua diferença. Aquele homem que, embora maculado por nascimento, não comete pecado, se abstém do pecado apesar do nascimento e ações. Se, no entanto, uma pessoa de nascimento superior comete atos censuráveis, tais atos o maculam. Então, dos dois, isto é, ações e nascimento, as ações mancham o homem (mais do que o nascimento).'"

"Janaka disse, 'Quais são aquelas ações virtuosas neste mundo, ó melhor de todas as pessoas regeneradas, a realização das quais não inflige qualquer dano a outras criaturas?'"

"Parasara disse, 'Ouça de mim, ó monarca, acerca do que tu me perguntaste, isto é, aquelas ações livres de injúria que sempre resgatam o homem. Aqueles que, mantendo de lado seus fogos domésticos, se dissociaram de todas as atrações mundanas, ficam livres de todas as ansiedades. Gradualmente ascendendo passo a passo, no caminho de Yoga, eles finalmente contemplam o estágio da maior felicidade (isto é, Emancipação). (Os estágios aqui referidos são vichara, vitarka, Ananda, e Asmita. O que é afirmado neste verso é que alguém que rejeita todos os apegos, e que se dedica ao Yoga, consegue obter a felicidade da Emancipação.) Dotados de fé e humildade, sempre praticando autodomínio, possuidores de inteligência afiada, e se abstendo de todas as ações, eles obtêm bem-aventurança eterna. Todas as classes de homens, ó rei, por realizarem

apropriadamente atos que são justos, por falarem a verdade, e se absterem da injustiça neste mundo, ascendem para o céu. Nisto não há dúvida.'"

298

"Parasara disse, 'Os antepassados, os amigos, o preceptor, e as esposas dos preceptores de homens que são desprovidos de devoção não podem dar àqueles homens os méritos que se vinculam à devoção. Somente aqueles que são firmemente devotados a tais superiores, que falam o que é agradável para eles, que procuram seu bem-estar, e que são submissos a eles em comportamento, podem obter o mérito da devoção. O pai é maior das divindades para seus filhos. É dito que o pai é superior à mãe. A obtenção de Conhecimento é considerada como a maior aquisição. Aqueles que subjugaram os objetos dos sentidos (pela obtenção de conhecimento), alcançam o que é mais sublime (isto é, a Emancipação). Aquele príncipe Kshatriya que, indo para o campo de batalha, recebe ferimentos em meio a flechas ardentes voando em todas as direções e queima com isso, sem dúvida vai para regiões que são inalcançáveis pelas próprias divindades e, chegando lá, desfruta da felicidade do céu em contentamento perfeito. Um Kshatriya não deve, ó rei, golpear alguém que esteja fatigado, ou assustado, ou desarmado, ou alguém que esteja chorando, ou que esteja relutante em lutar, ou alguém que não esteja equipado com armadura e carros e cavalos e infantaria, ou alguém que parou de se empenhar na luta, ou alguém que esteja mal, ou que grita por piedade, ou alguém que seja muito jovem, ou um idoso. Um Kshatriya deve, em batalha, lutar com alguém de sua classe que esteja equipado com armadura e carros e cavalos e infantaria, que esteja preparado para o esforço e que ocupe uma posição de igualdade. Morte nas mãos de alguém que é igual ou de um superior é louvável, mas não aquela nas mãos de alguém que é inferior, ou de alguém que é um covarde, ou de alguém que é um patife. Isto é bem conhecido. Morte nas mãos de alguém que é pecaminoso, ou de alguém que é de nascimento inferior e má conduta, ó rei, é inglória e leva ao inferno. Alguém cujo período de vida terminou não pode ser resgatado por ninguém. Similarmente, alguém cujo período de vida não está esgotado nunca pode ser morto por alguém. Alguém deve impedir seus superiores afetuosos (como mães, etc.) de fazerem para ele (para seu benefício) atos como os que são feitos por criados, como também todos os atos que sejam repletos de dano para outros. Nunca se deve desejar prolongar a própria vida por tirar as vidas de outros. Quando eles sacrificam suas vidas, é louvável para todos os chefes de famílias cumpridores dos deveres de homens vivendo em lugares sagrados sacrificarem suas vidas nas margens de rios sagrados. Quando o período de vida de alguém se esgota, ele se dissolve nos cinco elementos. Às vezes isto ocorre repentinamente (através de acidentes) e às vezes isto é ocasionado por causas (naturais). Aquele que, tendo obtido um corpo, ocasiona sua dissolução (em um lugar sagrado por meio de algum acidente inglório), vem a ser envolvido com outro corpo de um tipo parecido. Embora estabelecido no caminho da Emancipação, contudo ele se torna um viajante e obtém outro corpo como uma pessoa indo de

um quarto para outro. (Aquele que encontra com uma morte súbita em um tirtha ou local sagrado não se torna emancipado mas obtém outro corpo em sua próxima vida similar àquele que ele perde. Apesar de colocado no caminho da Emancipação ele se torna um viajante: seu estado é devido ao modo inglório de sua dissolução.) Na questão da obtenção de um segundo corpo de tal homem (apesar de sua morte em um local sagrado) a única causa é sua morte acidental. Não há uma segunda causa. Aquele novo corpo que as criaturas incorporadas obtêm (em consequência do caráter acidental de suas mortes em lugares sagrados) vem à existência e se torna ligado a Rudras e Pisachas. (O objetivo desse verso é mostrar que o homem morrendo em um local sagrado vem a renascer como um Rudra ou um Pisacha e alcança rapidamente a Emancipação por causa de sua proximidade a Siva.) Homens eruditos, conhecedores de Adhyatma, dizem que o corpo é uma conglomeração de artérias e tendões e ossos e matéria muito repulsiva e impura e um composto das essências (primordiais), e os sentidos e objetos dos sentidos nascidos do desejo, todos tendo uma cobertura externa de pele envolvendo-os. Desprovido (em realidade) de beleza e outras habilidades, esta conglomeração, pela força dos desejos de uma vida prévia, assume uma forma humana. (O composto das essências primordiais e das outras coisas mencionadas assume diferentes formas através da força dos desejos de vidas anteriores.) Abandonado pelo dono, o corpo se torna inanimado e imóvel. De fato, quando os ingredientes primordiais voltam para suas respectivas naturezas, o corpo se mistura com o pó. Causado por sua união com ações, este corpo reaparece sob circunstâncias determinadas por suas ações. De fato, ó soberano dos Videhas, sob quaisquer circunstâncias que este corpo encontre com a dissolução, seu próximo nascimento, determinado por aquelas circunstâncias, é visto desfrutar e suportar os resultados de todos os seus atos passados. Jiva, depois da dissolução do corpo que ele habitou, ó rei, não toma nascimento em um corpo diferente imediatamente. Ele vaga pelo céu por algum tempo como uma vasta nuvem. Obtendo um novo receptáculo, ó monarca, ele então nasce novamente. A alma está acima da mente. A mente está acima dos sentidos. As criaturas móveis, também, são os principais de todos os objetos criados. De todas as criaturas móveis aquelas que têm duas pernas são superiores. Entre as criaturas de duas pernas, aquelas que são regeneradas são superiores. Entre aquelas que são regeneradas aquelas que possuem sabedoria são superiores. Entre aquelas que são possuidoras de sabedoria aquelas que conseguiram adquirir um conhecimento da alma são superiores. Entre aquelas que possuem um conhecimento da alma, aquelas que são dotadas de humildade são superiores. Morte segue nascimento em relação a todos os homens. Isto está determinado. Criaturas, influenciadas pelos atributos de Sattwa, Rajas, e Tamas, adotam ações as quais têm um fim. (Ações são todas perecíveis em relação às suas consequências.) É considerado como virtuoso aquele homem que encontra com a dissolução quando o Sol está na declinação do norte, e em um tempo e sob uma constelação que são sagrados e auspiciosos. É virtuoso aquele que, tendo se purificado de todos os pecados e realizado todas as suas ações de acordo com o melhor de seu poder e tendo se abstido de causar dor a algum homem, encontra com a morte quando ela chega. A morte que alguém encontra por tomar veneno, por enforcamento, por incêndio, nas mãos de ladrões, e nos dentes de animais, é

citada como uma morte inglória. Aqueles homens que são justos nunca se expõem a tais mortes ou similares mesmo que eles sejam afligidos com doenças físicas e mentais do tipo mais doloroso. As vidas dos justos, ó rei, atravessando o Sol, ascendem para as regiões de Brahma. As vidas daqueles que são justos e pecaminosos vagam nas regiões intermediárias. As vidas daqueles que são pecaminosos caem nas profundidades mais inferiores. Há somente um inimigo (do homem) e nenhum outro. Aquele inimigo é identificável com a ignorância, ó rei. Dominado por ele, alguém é levado a cometer ações que são terríveis e extremamente cruéis. Aquele inimigo para resistir ao qual alguém deve empregar seu poder por servir aos idosos de acordo com os deveres prescritos nos Srutis, aquele inimigo que não pode ser vencido exceto por esforços constantes, encontra com a destruição, ó rei, somente quando é subjugado pelas flechas da sabedoria. O homem desejoso de obter mérito deve inicialmente estudar os Vedas e passar por penitências, se tornando um Brahmacharin. Ele deve em seguida, entrando no modo de vida familiar, realizar os Sacrifícios usuais. Estabelecendo sua linhagem, ele deve então entrar na floresta, reprimindo seus sentidos, e desejoso de ganhar Emancipação. Alguém nunca deve se emascular por se abster de algum prazer. De todos os nascimentos, a posição de humanidade é preferível mesmo se alguém tem que se tornar um Chandala. De fato, ó monarca, esta ordem de nascimento (isto é, humanidade) é a principal, já que por se tornar um ser humano uma pessoa consegue se resgatar por meio de ações meritórias. Homens sempre realizam atos virtuosos, ó senhor, guiados pela autoridade dos Srutis, de modo que eles não possam decair da posição de humanidade. Aquele homem que, tendo alcançado a posição humanidade que é tão difícil de se alcançar, se perde em malícia, desrespeita a justiça e se entrega ao desejo, é certamente traído por seus desejos. Aquele homem que olha para todas as criaturas com olhos guiados por afeição, considerando-as dignas de serem tratadas com ajuda amorosa, que desconsidera todos os tipos de riqueza, que lhes oferece consolação, lhes dá alimento, se dirige a elas em palavras agradáveis, e que se regozija com a felicidade delas e se aflige com suas dores, nunca tem que sofrer miséria no mundo seguinte. Indo ao Saraswati, às florestas Naimisha, às águas Pushkara, e a outros locais sagrados sobre a terra, uma pessoa deve fazer doações, praticar renúncia, apresentar um aspecto amável, ó rei, e purificar seu corpo com banhos e penitências. Aqueles homens que encontram com a morte dentro de suas casas devem ter os ritos de cremação realizados sobre seus corpos. Seus corpos devem ser levados para o crematório em veículos e lá eles devem ser queimados em conformidade com os ritos de purificação que estão declarados nas escrituras. Ritos religiosos, cerimônias benéficas, a realização de sacrifícios, oficiar nos sacrifícios de outros, doações, fazer outros atos meritórios, a realização, de acordo com o melhor que se pode, de tudo o que é ordenado no caso de ancestrais falecidos, tudo isso alguém faz para beneficiar a si mesmo. Os Vedas com seus seis ramos, e as outras escrituras, ó rei, foram criadas para o bem daquele que é de ações imaculadas.'"

"Bhishma continuou, 'Tudo isso foi dito antigamente por aquele sábio de grande alma para o soberano dos Videhas, ó rei, para seu benefício.'"

299

"Bhishma disse, 'Mais outra vez Janaka, o soberano de Mithila, questionou Parasara de grande alma dotado de conhecimento indubitável em relação a todos os deveres.'"

"Janaka disse, 'O que é produtivo de bem? Qual é o melhor caminho (para as criaturas vivas)? O que é aquilo que sendo realizado nunca é destruído? Qual é aquele local indo para o qual alguém não tem que voltar? Diga-me tudo isso, ó tu de inteligência sublime!'"

"Parasara disse, 'Dissociação (de afeições) é a base do que é bom. O conhecimento é o caminho mais elevado. As penitências praticadas nunca são destruídas. Doações também, feitas para pessoas dignas, não são perdidas. Quando uma pessoa, rompendo os laços do pecado, começa a ter satisfação na virtude, e quando ela faz aquela mais sublime de todas as doações, isto é, a garantia de inofensividade para todas as criaturas, ela então alcança o êxito. Aquele que doa milhares de vacas e centenas de cavalos (para pessoas merecedoras), e que dá para todas as criaturas a garantia de inofensividade, recebe em retorno a garantia de inofensividade de todos. Alguém pode viver no meio de todas as espécies de riqueza e prazer, ainda assim, se abençoado com inteligência, ele não vive neles, enquanto aquele que é desprovido de inteligência vive totalmente nos objetos de prazer que são mesmo insubstanciais. O pecado não pode se ligar a um homem de sabedoria assim como a água não pode encharcar as folhas do lótus. O pecado adere mais firmemente àquele que não tem afeições assim como laca e madeira aderem firmemente uma à outra. O pecado, o qual não pode ser extinto exceto pelo sofrimento de seus resultados, nunca abandona o fazedor. Na verdade, o fazedor, quando chega a hora, tem que aguentar as consequências que surgem dele. Aqueles, no entanto, que são de alma purificada e que percebem a existência de Brahma, nunca são afligidos pelos frutos de suas ações. Negligente em relação aos seus próprios sentidos de conhecimento e de ação, alguém que não é consciente de suas ações pecaminosas, e cujo coração está ligado ao bem e ao mal, vem a ser atormentado com grande medo. Alguém que em todos os momentos está totalmente livre de atrações e que domina completamente o sentimento de raiva, nunca é manchado pelo pecado mesmo que ele viva no desfrute de objetos mundanos. Como um dique construído de um lado a outro de um rio, se não levado pela água, faz as águas dele aumentarem, assim mesmo o homem que, sem ser apegado aos objetos de prazeres, cria o dique da justiça cujos materiais consistem nas limitações registradas nas escrituras, nunca tem que enlanguescer. Por outro lado, seus méritos e penitências aumentam. Como a pedra preciosa pura (chamada Suryakanta) absorve e atrai para si mesma os raios do Sol, assim mesmo, ó tigre entre reis, o Yoga procede pela ajuda da atenção concentrada. (Assim como a fabulosa pedra preciosa, Jiva atrai para si mesmo, através de Yoga, a posição de Brahma.) Como sementes de gergelim, por serem repetidamente misturadas com flores (fragrantes), se tornam muito agradáveis em relação à qualidade, assim a

qualidade de Sattwa surge nos homens em proporção à medida de sua associação com pessoas de almas purificadas. Quando alguém fica desejoso de morar no céu, ele rejeita suas cônjuges e riquezas e posição e veículos e diversos tipos de boas ações. De fato, quando alguém alcança tal estado de espírito, a compreensão de tal pessoa é citada como estando dissociada dos objetos dos sentidos. (Por outro lado) aquele homem que, com a compreensão ligada aos objetos dos sentidos se torna cego ao que é para o seu verdadeiro bem, é arrastado (para sua ruína) por seu coração o qual corre atrás de todos os objetos mundanos, como um peixe (arrastado para sua ruína) pela isca de carne. Como o corpo que é composto de diferentes membros e órgãos, todas as criaturas mortais existem dependendo umas das outras. Elas são tão desprovidas de energia quanto o núcleo da bananeira. (Deixadas por si mesmas) elas afundam no oceano do mundo como um barco (feito de materiais fracos). Não há tempo fixo para a aquisição de virtude. A Morte não espera pelo homem. Quando o homem está correndo constantemente em direção às mandíbulas da Morte, a realização de ações virtuosas é apropriada em todos os momentos. Como um homem cego que, com atenção, é capaz de se mover por sua própria casa, o homem de sabedoria, com a mente fixa em Yoga, consegue progredir pelo caminho (que ele deve seguir, aquele do Conhecimento). É dito que a morte surge em consequência do nascimento. O nascimento está sujeito ao domínio da morte. Alguém não familiarizado com a direção dos deveres da Emancipação gira como uma roda entre nascimento e morte, incapaz de se libertar daquele destino. Alguém que anda pelo caminho recomendado pela compreensão ganha felicidade neste e no outro mundo. O Diverso é repleto de miséria, enquanto o Pouco é produtivo de felicidade. Os frutos representados pelo não-Alma são citados como constituindo o Diverso. A Renúncia é (citada como constituindo o Pouco que é) produtivo da felicidade da alma. (Por 'Diverso' quer-se dizer todos aqueles resultados que consistem em prazeres instáveis; consequentemente, os diversos atos declarados nos Vedas e outras escrituras. Por 'Pouco' quer-se dizer Renúncia, ou abstenção de ações. O que é dito, portanto, neste verso é isto: aqueles que se dirigem para as ações, as quais têm como seus frutos todos os tipos de prazer, encontra com a miséria; enquanto aqueles que se abstêm de ações ou praticam a Renúncia encontram com felicidade.) Como o caule do lótus (cresce e) deixa rapidamente a lama ligada a ele, assim mesmo a Alma pode rejeitar rapidamente a mente. É a mente que a princípio inclina a Alma para Yoga. A última então funde a primeira em si mesma. Quando a Alma alcança sucesso em Yoga, ela então vê a si mesma não envolvida com atributos. (O comentador explica que a intenção deste verso é explicar que o universo o qual é criado pela mente é destruído posteriormente pela própria mente.) Envolvido em meio aos objetos dos sentidos, alguém que considera tal envolvimento como sua própria ocupação abandona sua verdadeira ocupação por tal devoção àqueles objetos. A alma do homem sábio alcança, através de seus atos justos, um estado de grande bem-aventurança no céu, enquanto aquela do homem que não possui sabedoria cai muito baixo ou obtém nascimento entre criaturas intermediárias. Como uma substância líquida, se mantida em um recipiente de barro cozido, não escapa de lá mas permanece não diminuída, da mesma maneira o corpo com o qual alguém praticou austeridades desfruta (sem rejeitar) de todos os objetos de prazer (até os que estão contidos na

região do próprio Brahma). Na verdade, aquele homem que desfruta de objetos mundanos nunca pode ser emancipado. O homem, por outro lado, que rejeita tais objetos (neste mundo), consegue desfrutar de grande felicidade futuramente. Como alguém afligido com cegueira congênita e, portanto, incapaz de ver seu caminho, o sensualista, com alma confinada em um estojo opaco, parece estar cercado por uma neblina e fracassa em ver (o verdadeiro objetivo pelo qual ele deve se esforçar). Como comerciantes, atravessando o oceano, fazem lucros proporcionais ao seu capital, assim mesmo as criaturas, neste mundo de mortais, alcançam fins de acordo com suas respectivas ações. Como uma cobra devorando ar, a Morte vaga neste mundo composto de dias e noites na forma de Decrepitude e devora todas as criaturas. Uma criatura, quando nasce, desfruta ou suporta os resultados das ações feitas por ela em suas vidas anteriores. Não há nada agradável ou desagradável que alguém desfrute ou aguente sem isto ser o resultado das ações que ele fez em suas vidas anteriores. Esteja ele deitado ou procedendo, sentado ociosamente ou dedicado às suas ocupações, em qualquer estado em que um homem possa estar, suas ações (de vidas passadas) boas e más sempre se aproximam dele. Alguém que alcançou a outra margem do oceano não deseja cruzá-lo para voltar à margem de onde ele partiu. (O sentido é que alguém que rejeita objetos de prazer e se torna emancipado não obtém renascimento.) Como o pescador, quando ele deseja, ergue com a ajuda de sua corda seu barco afundado nas águas (de um rio ou lago), da mesma maneira a mente, pela ajuda da contemplação-Yoga, ergue Jiva afundado no oceano do mundo e não emancipado da consciência de corpo. (A prática dos pescadores na Índia é afundar seus barcos quando eles os deixam e vão para suas casas, e erguê-los novamente quando precisam deles no dia seguinte. Eles não deixam seus barcos flutuando com medo dos danos que as ondas possam fazer para eles por jogá-los demais.) Como todos os rios, correndo em direção ao oceano, se unem com ele, assim mesmo a mente, quando empenhada em Yoga, vem a ser unida com Prakriti primordial. (Por Prakriti aqui quer-se dizer a harmonia de Sattwa, Rajas, e Tamas. Enquanto essas três qualidades estão em harmonia umas com as outras, isto é, enquanto não há preponderância de alguma delas sobre as outras duas, não pode haver criação ou as operações de buddhi ou compreensão.) Homens cujas mentes se tornam atadas pelas diversas correntes de afeição, e que estão mergulhados em ignorância, encontram com a destruição como casas de areia em água. Aquela criatura incorporada que considera seu corpo somente como uma casa, (isto é, como um acompanhamento da Alma ao invés de considerá-lo como sendo a Alma), e a pureza (interna e externa) como seu rio sagrado, (que sem se dirigir aos rios sagrados aonde outros vão para se purificarem pensa que somente a pureza é capaz de purificá-lo), e que anda pelo caminho da compreensão, consegue obter felicidade aqui e após a morte. O Diverso é produtivo de miséria; enquanto o Pouco é produtivo de felicidade. O Diverso são os frutos representado pelo não-Alma. A Renúncia (que é correspondente ao Pouco), produz o benefício da alma. Os amigos de alguém que surgem de sua determinação, e seus parentes cuja afeição é devido a razões (egoístas), seus cônjuges e filhos e empregados, somente devoram a riqueza de alguém. Nem a mãe, nem o pai podem conceder o menor benefício para alguém no mundo seguinte. Doações constituem a dieta da qual uma pessoa pode

subsistir. De fato, uma pessoa deve desfrutar dos resultados de suas próprias ações. (O objetivo do verso é mostrar que alguém não deve, por causa de amigos e parentes e cônjuges e filhos, se abster de buscar seu verdadeiro objetivo. A prática de caridade além disso é a verdadeira dieta que sustenta um homem.) A mãe, o filho, o pai, o irmão, a mulher, e amigos, são como linhas traçadas com ouro ao lado do próprio ouro (legítimo, isto é, eles não têm valor ou utilidade na aquisição de prosperidade). Todas as ações, boas e más, feitas em vidas passadas vêm para o fazedor. Sabendo que tudo o que alguém desfruta ou suporta no presente é o resultado das ações de vidas passadas, a alma incita a compreensão em diferentes direções (para que ela possa agir de maneira a evitar todos os resultados desagradáveis). Confiando no esforço sério, e equipado com apoios apropriados, aquele que se dirige para realizar suas tarefas nunca encontra com o fracasso. Como os raios de luz nunca abandonam o Sol, assim mesmo a prosperidade nunca abandona alguém que é dotado de fé indubitável. Aquela ação que um homem de alma imaculada faz com fé e seriedade, com a ajuda de meios adequados, sem orgulho, e com inteligência, nunca é perdida. Uma criatura obtém desde o próprio período de sua residência no útero da mãe todas as ações boas e más que foram realizadas por ela em suas vidas passadas. A Morte, que é irresistível, ajudada pelo Tempo que ocasiona a destruição da vida, leva todas as criaturas para seu fim como vento espalhando o pó de madeira serrada. Pelas ações boas e más realizadas por ele mesmo em suas vidas passadas, o homem obtém ouro e animais e esposas, e filhos, e honra de nascimento, e posses de valor, e toda sua riqueza.'"

"Bhishma continuou, 'Assim endereçado em conformidade com a verdade pelo sábio, Janaka, aquela principal das pessoas justas, ó rei, ouviu tudo o que o Rishi disse e obteve grande felicidade disso.'"

300

"Yudhishthira disse, 'Ó avô, homens eruditos louvam a verdade, autocontrole, perdão, e sabedoria. Que é tua opinião sobre estas virtudes?'"

"Bhishma disse, 'Em relação a isto eu contarei para ti uma velha narrativa, ó Yudhishthira, da conversa entre os Sadhyas e um Cisne. Uma vez o Não-Nascido e eterno Senhor de todas as criaturas (isto é, Brahman), assumindo a forma de um Cisne dourado, vagava pelos três mundos até que no curso de suas viagens ele encontrou com os Sadhyas.'"

"Os Sadhyas disseram, 'Ó senhor, nós somos as divindades chamadas Sadhyas. Nós gostaríamos de te questionar. De fato, nós te perguntaremos sobre a religião da Emancipação. Tu a conheces bem. Nós temos ouvido, ó ave, que tu és possuidor de grande erudição, e eloquente e sábio em discurso. Ó ave, qual tu achas que é o maior de todos os objetivos? Ó tu de grande alma, no que tua mente encontra satisfação? Portanto, ó principal das aves, nos instrua quanto a qual é a única ação que tu consideras como a principal de todas as ações, e por

fazer a qual, ó chefe da criação alada, alguém pode ser logo libertado de todos os vínculos.'"

"O Cisne disse, 'Vocês que têm bebido Amrita, eu tenho ouvido que alguém deve recorrer a estes, isto é, penitências, autocontrole, verdade, e domínio da mente. Desatando todos os nós (apegos, desejos) do coração, deve-se também trazer sob seu controle o que é agradável e o que é desagradável. Não se deve ferir os órgãos vitais de outros. Não se deve proferir palavras cruéis. Nunca se deve aceitar preleções escriturais de uma pessoa que é mesquinha. Nunca se deve proferir palavras que infligem dor a outros, que fazem outros queimarem (com tristeza), e que levam ao inferno. Flechas verbais saem dos lábios. Perfurado por elas alguém (para quem elas são dirigidas) queima incessantemente. Aquelas flechas não atingem qualquer parte a não ser os próprios órgãos vitais da pessoa visada. Então aquele que é possuidor de erudição nunca deve apontá-las para outros. Se uma pessoa perfura profundamente um homem de sabedoria com flechas verbais, o homem sábio deve então adotar a paz (sem da vazão à ira). O homem que, embora procurem deixá-lo zangado, se regozija sem se entregar à raiva, toma do provocador todos os seus méritos. Aquele homem de alma justa, que, cheio de alegria e livre de malícia, subjuga sua cólera ardente a qual, se cedida, o levaria a falar mal de outros e em verdade se tornaria sua inimiga, leva os méritos de outros. Com relação a mim mesmo, eu nunca respondo quando outro fala mal de mim. Se atacado verbalmente, eu sempre perdôo o ataque. Os justos são da opinião que o perdão e verdade e sinceridade e compaixão são as principais (de todas as virtudes). A verdade é o arcano dos Vedas. O arcano da Verdade é o autodomínio. O arcano do autodomínio é a Emancipação. Este é o ensino de todas as escrituras. Eu considero como Brahmana e Muni aquela pessoa que domina o impulso crescente de falar, o impulso de raiva aparecendo na mente, o impulso de sede (por coisas indignas), e os impulsos do estômago e do órgão de prazer. Alguém que não cede à raiva é superior a alguém que o faz. Alguém que pratica a renúncia é superior a alguém que não o faz. Alguém que possui as virtudes de humanidade é superior a alguém que não as tem. Alguém que é dotado de conhecimento é superior a alguém que é desprovido dele. Atacado com palavras duras não se deve atacar em retorno. De fato, aquele que, sob tais circunstâncias, renuncia à ira, consegue queimar o atacante e tirar todos os seus méritos. (O atacante, encontrando sua vítima clemente, queima ele mesmo com arrependimento.) Aquela pessoa que quando atacada com palavras ríspidas não profere uma palavra ríspida em resposta, que quando elogiada não profere o que é agradável para ele que elogia, que é dotado de tal firmeza que não golpeia em retorno quando golpeado e nem mesmo deseja mal para o golpeador, encontra sua companhia sempre cobiçada pelos deuses. Aquele que é pecaminoso deve ser perdoado como se ele fosse justo, por alguém que é insultado, golpeado, e caluniado. Por agir dessa maneira uma pessoa obtém êxito. Embora todos os meus objetivos tenham sido realizados, contudo eu sempre sirvo com reverência aqueles que são virtuosos. Eu não tenho sede. Minha raiva tem sido suprimida. Seduzido pela cobiça eu não me afasto do caminho da retidão. Eu também não me aproximo de alguém (com solicitações) por riqueza. Se amaldiçoado, eu não amaldiçôo em retorno. Eu sei que o autodomínio é a porta da

imortalidade. Eu revelo para vocês um grande mistério. Não existe posição que seja superior àquela de humanidade. Livre do pecado como a Lua das nuvens escuras, o homem de sabedoria, brilhando em resplandecência, alcança o sucesso por esperar pacientemente por sua hora. Uma pessoa de alma controlada, que se torna o objeto de adoração para todos por se tornar o principal dos pilares de suporte do universo, e para quem somente palavras agradáveis são faladas por todos, obtém a companhia das divindades. Insultadores nunca se apresentam para falar dos méritos de uma pessoa como eles falam de seus deméritos. Aquela pessoa cujas palavras e mente são devidamente controladas e sempre dedicadas ao Supremo, consegue obter os frutos dos Vedas, Penitências, e Renúncia. O homem de sabedoria nunca deve ultrajar (em retorno) aqueles que são desprovidos de mérito, por proferir sua desaprovação e por insultos. Ele não deve exaltar outros (sendo exaltado por eles) e nunca deve ofendê-los. O homem dotado de sabedoria e conhecimento considera insulto como néctar. Ultrajado, ele dorme sem ansiedade. O insultador, por outro lado, encontra com a destruição. Os sacrifícios que alguém realiza com raiva, as doações que alguém faz com raiva, as penitências que alguém pratica com raiva, e as oferendas e libações que alguém faz ao fogo sagrado com raiva, são de tal maneira que seus méritos são roubados por Yama. O trabalho árduo de um homem zangado se torna completamente inútil. Ó principais dos imortais, é citada como sendo conhecedora da justiça aquela pessoa cujas quatro portas, isto é, o órgão de prazer, o estômago, os dois braços, e a língua, são bem controlados. Aquela pessoa que, sempre praticando verdade, autocontrole, sinceridade, compaixão, paciência e renúncia, se torna dedicada ao estudo dos Vedas, não cobiça o que pertence a outros, e procura o que é bom com uma unidade de propósito, consegue alcançar o céu. Como um bezerro sugando todas as quatro tetas dos úberes de sua mãe, uma pessoa deve se dedicar à prática de todas essas virtudes. Eu não sei se existe alguma coisa que é mais sagrada do que a Verdade. Tendo vagado entre os seres humanos e as divindades, eu declaro que a Verdade é o único meio de alcançar o céu, assim como um navio é o único maio de cruzar o oceano. Uma pessoa vem a ser como aquelas com quem ela mora, e como aquelas a quem ela reverencia, e como aquelas as quais ela deseja ser. Se uma pessoa serve com reverência aquele que é bom ou aquele que não é, se ela serve com reverência um sábio possuidor de mérito ascético ou um ladrão, ela percorre seu caminho e pega sua cor como um tecido pegando a tintura na qual ele é mergulhado. As divindades sempre conversam com aqueles que são possuidores de sabedoria e bondade. Elas, portanto, nunca nutrem o desejo mesmo de ver os divertimentos nos quais os homens têm prazer. A pessoa que sabe que todos os objetos de prazer (que os seres humanos apreciam) são caracterizados por vicissitudes, tem poucos rivais, e é superior à própria Lua e ao Vento. (A Lua é dotada de néctar, e, portanto, poderia ser igual a tal homem; mas a Lua cresce e diminui; portanto, ela não pode se aproximar de uma igualdade com tal homem que é o mesmo sob todas as mudanças. Similarmente, o vento, embora não manchado pelo pó que ele carrega, não é igual a tal homem; pois o vento é mutável, tendo movimentos lentos, medianos e rápidos.) Quando o Purusha que mora no coração de alguém é puro, e anda no caminho dos justos, os deuses têm alegria nele. Os deuses rejeitam à distância aqueles que estão sempre dedicados à satisfação de seus órgãos de

prazer e estômago, que são dedicados ao roubo, e que sempre proferem palavras cruéis, mesmo que eles expiem seus delitos por realizarem os ritos apropriados. Os deuses nunca estão satisfeitos com alguém de alma vil, com alguém que não observa restrições na questão de comida, e com alguém que é de atos pecaminosos. Por outro lado, os deuses se associam com aqueles homens que são observadores do voto de veracidade, que são gratos, e que são dedicados à prática da justiça. Silêncio é melhor do que falar. Falar a verdade é melhor do que silêncio. Além disso falar a verdade que está relacionada com a justiça é melhor do que falar a verdade. Falar aquilo que, além de ser verdadeiro e justo, é agradável, é melhor do que falar a verdade relacionada com justiça.'"

"Os Sadhyas disseram, 'Pelo que este mundo é coberto? Por que alguém falha em brilhar? Por que causa as pessoas rejeitam seus amigos? Por que razão as pessoas fracassam em alcançar o céu?'"

"O Cisne disse, 'O mundo é envolvido (pela escuridão da) Ignorância. Os homens falham em brilhar por causa da malícia. As pessoas rejeitam amigos induzidas pela cobiça. Homens fracassam em alcançar o céu por causa do apego.'"

"Os Sadhyas disseram, 'Quem entre os Brahmanas é sempre feliz? Quem entre eles pode observar o voto de silêncio embora residindo no meio de muitos? Quem entre eles, embora fraco, ainda assim é considerado como forte? E só quem entre eles não disputa?'"

"O Cisne disse, 'Somente aquele que possui sabedoria entre os Brahmanas é sempre feliz. Somente aquele que possui sabedoria entre os Brahmanas consegue observar o voto de silêncio, embora residindo no meio de muitos. Somente aquele entre os Brahmanas que é possuidor de sabedoria, embora realmente fraco, é considerado como forte. Somente aquele entre eles que tem sabedoria consegue evitar disputa.'" (O comentador explica que o objetivo deste verso é mostrar os méritos daquele homem cuja ignorância desapareceu.)

"Os Sadhyas disseram, 'Em que consiste a divindade dos Brahmanas? Em que sua pureza? Em que sua impureza? E em que sua posição de humanidade?'"

"O Cisne disse, 'No estudo dos Vedas está a divindade dos Brahmanas. Em seus votos e observâncias está sua pureza. Na infâmia está sua impureza. Na morte está sua humanidade.'" (Quando Brahmanas incorrem em infâmia eles são citados como impuros; eles são também considerados como possuidores da posição de humanidade somente porque eles morrem.)

"Bhishma continuou, 'Assim eu contei para ti a excelente narrativa da conversa entre os Sadhyas (e o Cisne). O corpo (grosseiro e sutil) é a origem das ações, e a existência ou Jiva é a verdade.'"

301

"Yudhishthira disse, 'Cabe a ti me explicar, ó majestade, qual é a diferença entre os sistemas de filosofia Sankhya e Yoga. Ó principal da linhagem de Kuru, tudo é conhecido por ti, ó tu que és conhecedor de todos os deveres!'"

"Bhishma disse, 'Os seguidores de Sankhya louvam o sistema Sankhya e aquelas pessoas regeneradas que são Yogins louvam o sistema Yoga. Para estabelecer a superioridade de seus respectivos sistemas, cada um qualifica seu próprio sistema como o melhor. Homens de sabedoria dedicados ao Yoga atribuem razões apropriadas e muito boas, ó opressor de inimigos, para mostrar que alguém que não que acredita na existência de Deus não pode alcançar a Emancipação. Aquelas pessoas regeneradas, também, que crêem nas doutrinas Sankhya expõem boas razões para mostrar que alguém, por adquirir conhecimento verdadeiro de todos os fins, se torna dissociado de todos os objetos mundanos, e, depois de sair deste corpo, isto é evidente, se torna emancipado e que isto não pode ser de outra maneira. Homens de grande sabedoria assim expuseram a filosofia Sankhya de Emancipação. Quando as razões estão assim equilibradas em ambos os lados, aquelas que são atribuídas àquele lado ao qual alguém está de alguma maneira inclinado a adotar como suas próprias, devem ser aceitas. De fato, aquelas palavras que são ditas naquele lado devem ser consideradas como benéficas. Bons homens podem ser encontrados em ambos os lados. Pessoas como tu podem adotar qualquer opinião. As evidências de Yoga são dirigidas à compreensão direta dos sentidos; aquelas de Sankhya são baseadas nas escrituras. Ambos os sistemas de filosofia são aprovados por mim, ó Yudhishthira. Ambos aqueles sistemas de ciência, ó rei, têm a minha colaboração e a daqueles que são bons e sábios. Se praticados devidamente de acordo com as instruções prescritas, ambos irão, ó rei, fazer uma pessoa alcançar o maior objetivo. Em ambos os sistemas a pureza é igualmente recomendada como também compaixão por todas as criaturas, ó impecável. Em ambos, também, o cumprimento de votos tem sido igualmente prescrito. Somente as escrituras indicam que seus caminhos são diferentes.'"

"Yudhishthira disse, 'Se os votos, a pureza, a compaixão, e os frutos deles recomendados em ambos os sistemas são os mesmos, me diga, ó avô, por que razão então suas escrituras (em relação aos caminhos recomendados) não são as mesmas?'"

"Bhishma disse, 'Por rejeitar, pela ajuda de Yoga, estes cinco defeitos, isto é, atração, negligência, afeição, luxúria, e ira, uma pessoa alcança a Emancipação. Como peixes grandes, rompendo a rede, passam para seu próprio elemento (para vagarem em felicidade), da mesma maneira os Yogins (atravessando luxúria e ira, etc.) vêm a ser purificados de todos os pecados e obtêm a bem-aventurança da Emancipação. Como animais poderosos, rompendo as redes nas quais os caçadores os enredaram, escapam para a alegria da liberdade, da mesma maneira os Yogins, livres de todos os laços, alcançam o caminho impecável que leva à Emancipação. Realmente, ó rei, rompendo os laços nascidos da cobiça, os

Yogins, dotados de força, alcançam o caminho impecável e auspicioso e sublime da Emancipação. Animais fracos, ó monarca, envolvidos em redes, são sem dúvida destruídos. Tal é o caso com as pessoas desprovidas da força de Yoga. Como peixes fracos, ó filho de Kunti, caídos na rede, ficam envolvidos nela, assim mesmo, ó monarca, homens desprovidos da força de Yoga encontram a destruição (em meio aos laços do mundo). Como aves, ó castigador de inimigos, quando envolvidas nas redes finas dos caçadores de aves (se fracas) encontram com sua ruína, mas se dotadas de força efetuam sua fuga, da mesma maneira isto acontece com os Yogins, ó castigador de inimigos. Amarrados pelos laços da ação, aqueles que são fracos encontram com a destruição, enquanto aqueles que são possuidores de força os rompem. Um fogo pequeno e fraco, ó rei, se extingue quando troncos grandes de madeira são colocados sobre ele. Assim mesmo o Yogin que é fraco, ó rei, encontra a ruína (quando entra em contato com o mundo e suas atrações). O mesmo fogo, no entanto, ó monarca, quando ele se torna forte, queimaria (sem se extinguir) com a ajuda do vento, a Terra inteira. Da mesma maneira, o Yogin, quando crescido em força, queimando com energia, e possuidor de poder, é capaz de chamuscar o Universo inteiro como o Sol que se ergue no tempo da dissolução universal. Como um homem fraco, ó rei, é levado por uma correnteza, assim mesmo um Yogin é carregado sem auxílio pelos objetos dos sentidos. Um elefante resiste a uma correnteza poderosa. Da mesma maneira, um Yogin, tendo adquirido pujança-Yoga, resiste a todos os objetos dos sentidos. Independentes de todas as coisas, os Yogins, dotados de pujança-Yoga e dotados de domínio, entram (nos corações) dos próprios senhores da criação, dos Rishis, das divindades, e dos Grandes Seres no universo. Nem Yama, nem o Destruidor, nem a própria Morte de destreza terrível, quando zangados, alguma vez conseguem prevalecer sobre o Yogin, ó rei, que é possuidor de energia incomensurável. O Yogin, adquirindo pujança-Yoga, pode criar milhares de corpos e com eles vagar sobre a terra. Alguns entre eles desfrutam de objetos dos sentidos e então mais uma vez se dedicam à prática de penitências austeras, e mais uma vez, como o Sol (retraindo seus raios), se afastam de tais penitências. (Os exemplos de Viswamitra e outros podem ser citados neste caso.) O Yogin, que é possuidor de força e a quem vínculos não atam, certamente consegue alcançar a Emancipação. Eu agora te falei, ó monarca, sobre todos esses poderes de Yoga. Eu mais uma vez te falarei quais são os poderes sutis de Yoga com suas indicações. Cultive, ó chefe da linhagem de Bharata, as indicações sutis do Dharana e do Samadhi da Alma (tais como Yoga ocasiona). (Dharana é manter a alma em auto-reflexão, impedindo-a de vagar. Samadhi é a abstração completa.) Como um arqueiro que é cuidadoso e atento consegue atingir o alvo, assim mesmo o Yogin, com alma absorta, sem dúvida alcança a Emancipação. Como um homem fixando sua mente em um recipiente cheio de algum líquido (colocado sobre sua cabeça), sobe uma escada com cuidado, assim mesmo o Yogin, fixado e absorto em sua alma, a purifica e a faz tão refulgente quanto o Sol. Como um barco, ó filho de Kunti, que é lançado na superfície do mar é logo levado à outra margem por um barqueiro atento, assim mesmo o homem de conhecimento por fixar sua alma em Samadhi alcança a Emancipação, que é tão difícil de se alcançar, depois de rejeitar seu corpo, ó monarca. Como um cocheiro atento, ó rei, tendo unido bons corcéis (ao seu carro) leva o guerreiro em carro ao local que ele

deseja, assim mesmo o Yogin, ó monarca, atento em Dharana, logo alcança o local mais elevado (isto é, Emancipação) como uma flecha disparada do arco alcançando o objeto visado. O Yogin que permanece imovelmente depois de ter introduzido seu eu na alma, destrói seus pecados e alcança aquele local indestrutível que é a propriedade daqueles que são justos. Aquele Yogin que, cumprindo atentamente votos superiores, une devidamente, ó rei, sua alma Jiva com a Alma sutil no umbigo, na garganta, na cabeça, no coração, no peito, nos lados, nos olhos, nos ouvidos, e no nariz, queima todas as suas ações boas e más mesmo de proporções como aquelas de montanhas, e tendo recorrido ao excelente Yoga, alcança a Emancipação.'"

"Yudhishthira disse, 'Cabe a ti me dizer, ó avô, quais são os tipos de dieta que por serem adotados, e quais são as coisas por conquistar as quais, o Yogin, ó Bharata, adquire pujança-Yoga.'"

"Bhishma continuou, 'Empenhado, ó Bharata, em subsistir de grãos quebrados de arroz e bolos saturados de gergelim, e se abstendo de óleo e manteiga, o Yogin adquire pujança-Yoga. Por subsistir por muito tempo de cevada em pó não misturada com qualquer substância líquida, e por se limitar a uma única refeição por dia, o Yogin de alma purificada obtém pujança-Yoga. Por beber somente água misturada com leite, primeiro somente uma vez durante o dia, então uma vez durante uma quinzena, então uma vez durante um mês, então uma vez durante três meses, e então uma vez durante um ano inteiro, o Yogin obtém pujança-Yoga. Por se abster totalmente de carne, ó rei, o Yogin de alma purificada adquire força. Por subjugar luxúria, e ira, e calor, e frio e chuva, e medo, e dor, e a respiração, e todos os sons que são agradáveis para os homens, e objetos dos sentidos, e a inquietude, tão difícil de conquistar, que nasce da abstenção do ato sexual, e a sede que é tão terrível, ó rei, e os prazeres do toque, e sono, e a procrastinação que é quase inconquistável, ó melhor dos reis, Yogins de grande alma, desprovidos de afeições, e possuidores de grande sabedoria, auxiliados por suas compreensões, e equipados com riqueza de contemplação e estudo, fazem a alma sutil permanecer manifestada em toda sua glória. Este caminho sublime (Yoga) de Brahmanas eruditos é extremamente difícil de se trilhar. Ninguém pode andar por este caminho com facilidade. Este caminho é como uma floresta terrível cheia de inúmeras cobras e bichos rastejantes, com buracos (ocultos) em todos os lugares, sem água para matar a sede, e cheia de espinhos, e inacessível por causa disso. De fato, o caminho de Yoga é como uma estrada ao longo da qual não há comestíveis, que corre por um deserto tendo todas as suas árvores queimadas em um incêndio, e que se tornou perigosa por ser infestada com bandos de ladrões. Muito poucos homens jovens podem passar com segurança por ela (para alcançar a meta). Como um caminho dessa natureza, poucos Brahmanas podem trilhar sozinhos o caminho-Yoga com facilidade e conforto. Aquele homem que, tendo se dirigido a este caminho, cessa de ir em frente (mas volta atrás depois de ter feito algum progresso), é considerado como culpado de muitos erros. Homens de almas purificadas, ó senhor da Terra, podem permanecer com facilidade em contemplação-Yoga, a qual é como o gume afiado de uma navalha. Pessoas de almas impuras, no entanto, não podem permanecer

nela. Quando a contemplação-Yoga vem a ser perturbada ou obstruída de outra maneira, ela nunca pode levar o Yogin para um fim auspicioso assim como um barco sem capitão não pode levar os passageiros para a outra margem. Aquele homem, ó filho de Kunti, que pratica contemplação-Yoga segundo os ritos devidos, consegue rejeitar nascimento e morte, e felicidade e tristeza. Tudo isso que eu te disse tem sido declarado nos diversos tratados que têm relação com Yoga. Os maiores resultados de Yoga são vistos em pessoas da classe regenerada. Aquele fruto mais elevado é identificação com Brahma. O Yogin de grande alma, possuidor de grandeza, pode entrar e sair, à sua vontade, do próprio Brahma que é o senhor de todas as divindades, e de Vishnu concessor de benefícios, e de Bhava, e de Dharma, e de Kartikeya de seis faces, e dos filhos (espirituais) de Brahmana, da qualidade de Ignorância que produz muita dor, e daquela de Paixão, e daquela de Sattwa que é pura, e de Prakriti que é a mais elevada, e da deusa Siddhi que é a esposa de Varuna, e de todas as espécies de energia, e de toda paciência contínua, e do senhor brilhante das estrelas no firmamento com as estrelas cintilando por todos os lados, e dos Viswas, e das (grandes cobras), e dos Pitris, e de todas as montanhas e colinas, e dos oceanos grandes e terríveis, e de todos os rios, e das nuvens carregadas de chuvas, e das serpentes, árvores, e Yakshas, e dos pontos principais e secundários da bússola, e dos Gandharvas, e de todas as pessoas masculinas e de todas as femininas também. Este discurso, ó rei, que é relacionado com o Ser Supremo de energia imensa deve ser considerado como auspicioso. O Yogin tem Narayana como sua alma. Predominando sobre todas as coisas (por sua contemplação da Divindade Suprema), o Yogin de grande alma é capaz de criar todas as coisas.'"

302

Yudhishthira disse, 'Ó rei, tu expuseste devidamente para mim, da maneira que deve ser, o caminho de Yoga que é aprovado pelos sábios, do mesmo modo de um preceptor carinhoso para seu pupilo. Eu pergunto agora sobre os princípios da filosofia Sankhya. Fale-me sobre aqueles princípios em sua totalidade. Qualquer conhecimento que exista nos três mundos é conhecido por ti!'”

"Bhishma disse, 'Ouça agora quais são os princípios sutis dos seguidores da doutrina Sankhya que tem sido estabelecida por todos os grandes e pujantes Yatis tendo Kapila como seu primeiro. Naquela doutrina, ó chefe de homens, não há erros que possam ser descobertos. Muitos, de fato, são seus méritos. Realmente, não há defeito nela. Compreendendo com a ajuda do conhecimento que todos os objetos existem com imperfeições, de fato, compreendendo aqueles objetos, tão difíceis de serem rejeitados, com os quais os seres humanos e Pisachas e Rakshasas e Yakshas e cobras e Gandharvas e Pitris e aqueles que estão vagando nas classes intermediárias de seres (tais como aves e animais) e grandes aves (tais como Garuda e outros) e os Maruts e sábios reais e sábios regenerados e Asuras e Viswedevas e os Rishis celestes e Yogins investidos com força suprema e os Prajapatis e o próprio Brahman estão ocupados, e entendendo realmente qual é o maior limite do período de existência de alguém neste mundo,

e percebendo também a grande verdade, ó principal dos homens eloquentes, sobre o que é chamado de felicidade aqui, tendo um conhecimento claro de quais são as tristezas que surpreendem quando chega a hora, todas aquelas que estão ligadas com objetos (transitórios) e conhecendo perfeitamente bem as tristezas daqueles que decaíram para as classes de existência intermediárias e daqueles que caíram no inferno, percebendo todos os méritos e todas as imperfeições do céu, ó Bharata, e todos os deméritos que se ligam às declarações dos Vedas e todas as excelências que estão relacionados com elas, reconhecendo os defeitos e os méritos dos sistemas de filosofia Yoga e Sankhya, percebendo também que a qualidade de Sattwa tem dez propriedades (isto é, alegria, satisfação, entusiasmo, fama, justiça, contentamento, fé, sinceridade, generosidade, e domínio); que a de Rajas tem nove, (isto é, crença nas divindades, caridade ostentosa, prazer e tolerância de felicidade e tristeza, desunião, exibição de coragem e luxúria e ira, intoxicação, orgulho, malícia, e disposição para insultar); e que a de Tamas tem oito (inconsciência, estupefação, excesso de estupor, confusão da compreensão; cegueira de resultados, sono, negligência, e procrastinação); que a Compreensão tem sete propriedades (Mahat, consciência, e as cinco essências sutis), a Mente tem seis (a própria Mente e os cinco sentidos), e o Espaço tem cinco (espaço, água, ar, luz, e terra), e também concebendo que a Compreensão (de acordo com uma escola de filosofia diferente) tem quatro propriedades (dúvida, averiguação, orgulho, e memória) e Tamas tem três (inabilidade de compreensão, compreensão parcial, e compreensão totalmente errônea), e Rajas tem dois (inclinação para agir e tristeza) e Sattwa tem um (a Iluminação), e realmente compreendendo o caminho que é seguido por todos os objetos quando a destruição os alcança e qual é a direção do autoconhecimento, os Sankhyas, possuidores de conhecimento e experiência e exaltados por suas percepções de causas, e adquirindo perfeita ventura, obtêm a felicidade da Emancipação como os raios do Sol, ou o Vento tomando refúgio no Espaço. A visão é ligada à forma; o sentido de olfato ao cheiro, o ouvido ao som, a língua aos sucos, e a pele (ou corpo) ao toque. O vento tem o Espaço como seu refúgio. O estupor tem Tamas (Escuridão) como seu refúgio. A cobiça tem os objetos dos sentidos como seu refúgio. Vishnu está ligado (aos órgãos de) movimento. Sakra está ligado (aos órgãos de) força. A divindade do fogo está ligada ao estômago, a Terra está ligada às Águas. As Águas têm Calor (ou fogo) como seu refúgio. O Calor se liga ao Vento; e o Vento tem o Espaço como seu refúgio; e o Espaço tem Mahat como seu refúgio, e Mahat tem a Compreensão como sua fundação. A Compreensão tem seu refúgio em Tamas; Tamas tem Rajas como seu refúgio; Rajas está fundado sobre Sattwa; e Sattwa está ligado à Alma. A Alma tem o glorioso e pujante Narayana como seu refúgio. Aquela divindade gloriosa tem a Emancipação como seu refúgio. A Emancipação é independente de todos os refúgios. Sabendo que este corpo, que é dotado de dezesseis posses, é o resultado da qualidade de Sattwa, entendendo completamente a natureza do organismo físico e o caráter do Chetana que mora dentro dele, reconhecendo o único Ser existente que vive no corpo, isto é, a Alma, a qual permanece à distância de todos os assuntos do corpo e a qual nenhum pecado pode vincular, percebendo a natureza daquele segundo objeto, isto é, as ações de pessoas apegadas aos objetos dos sentidos, compreendendo também o caráter dos sentidos e dos objetos sensuais que têm seu refúgio na Alma,

apreciando a dificuldade da Emancipação e as escrituras que têm relação com isto, conhecendo totalmente a natureza dos ares vitais chamados Prana, Apana, Samana, Vyana,e Udana, como também os dois outros ares, isto é, o que se move para baixo e o outro que se move para cima, de fato, conhecendo aqueles sete ares ordenados para realizarem sete diferentes funções, averiguando a natureza dos Prajapatis e dos Rishis e dos caminhos superiores, muitos em número, da virtude ou justiça, e dos sete Rishis e dos inúmeros Rishis reais, ó opressor de inimigos, e dos grandes Rishis celestes e dos outros Rishis regenerados dotados da refulgência do Sol, vendo todos estes decaindo de sua pujança no decorrer de muitas longas eras, ó monarca, sabendo da destruição mesmo de todos os seres poderosos no universo, compreendendo também o fim inauspicioso que é alcançado, ó rei, por criaturas de ações pecaminosas, e as misérias suportadas por aqueles que caem dentro do rio Vaitarani nos reinos de Yama, e as viagens inauspiciosas das criaturas através de diversos úteros, e o caráter de sua residência nos úteros profanos em meio à sangue e água e fleuma e urina e fezes, todos de cheiro desagradável, e então em corpos que resultam da união de sangue e da semente vital, de medula e tendões, cheios de centenas de nervos e artérias e formando uma mansão impura de nove portas, compreendendo também que aquelas diversas combinações são para o seu próprio bem, as quais são produtivas de bem; vendo a conduta abominável de criaturas cujas naturezas são caracterizadas por Ignorância ou Paixão ou Bondade, ó chefe da linhagem de Bharata, conduta que é repreendida, devido à sua incapacidade de alcançar a Emancipação, pelos seguidores da doutrina Sankhya que são totalmente conhecedores da Alma, vendo o Sol e a Lua sendo engolidos por Rahu, a queda de estrelas de suas posições fixas e os desvios de constelações de suas órbitas, conhecendo a triste separação de todos os objetos unidos e o comportamento diabólico de criaturas ao devorarem umas às outras, vendo a ausência de toda inteligência na infância dos seres humanos e a deterioração e destruição do corpo, notando a pequena ligação que as criaturas têm com a qualidade de Sattwa por serem dominadas por ira e estupor, vendo também somente um entre milhares de seres humanos resolvido a lutar pela obtenção de Emancipação, entendendo a dificuldade de se alcançar a Emancipação de acordo com o que é declarado nas escrituras, vendo a preocupação marcante que as criaturas manifestam por todos os objetos não alcançados e sua comparativa indiferença por todos os objetos que foram alcançados, notando a maldade que resulta de todos os objetos dos sentidos, ó rei, e os corpos repulsivos, ó filho de Kunti, de pessoas privadas de vida, e a residência, sempre repleta de aflição, de seres humanos, ó Bharata, em casas (no meio de cônjuges e filhos), conhecendo o fim daqueles homens terríveis e decaídos que se tornaram culpados de matar Brahmanas, e daqueles Brahmanas pecaminosos que são viciados em beber estimulantes alcoólicos, e o fim igualmente triste daqueles que se tornam criminalmente ligados às esposas de seus preceptores, e daqueles homens, ó Yudhishthira, que não reverenciam devidamente suas mães, como também daqueles que não têm reverência e culto para oferecer às divindades, compreendendo também, com a ajuda daquele conhecimento (que sua filosofia concede), o fim de todos os perpetradores de atos perversos, e os diversos fins que alcançam aqueles que tomaram nascimento

entre as classes intermediárias, averiguando as diversas declarações dos Vedas, o curso das estações, a passagem dos anos, dos meses, das quinzenas, e dos dias, vendo diretamente o crescimento e a diminuição da Lua, vendo a elevação e a baixa dos mares, e a diminuição de riqueza e seu aumento novamente, e a separação de objetos unidos, o lapso de Yugas, a destruição de montanhas, a secagem de rios, a deterioração (da pureza) das várias classes e o fim também daquela deterioração ocorrendo repetidamente, vendo o nascimento, velhice, morte, e tristezas de criaturas, conhecendo verdadeiramente os defeitos ligados ao corpo e as tristezas às quais os seres humanos estão sujeitos, e as vicissitudes às quais os corpos das criaturas estão sujeitos, e compreendendo todas as imperfeições que se vinculam às suas próprias almas, e também todas as imperfeições inauspiciosas que se ligam aos seus próprios corpos (os seguidores da filosofia Sankhya conseguem alcançar a Emancipação).'"

"Yudhishthira disse, 'Ó tu de energia incomensurável, quais são aquelas imperfeições que tu vês que se ligam ao corpo de alguém? Cabe a ti me esclarecer esta dúvida completamente e verdadeiramente.'"

"Bhishma disse, 'Ouça, ó matador de inimigos! Os Sankhyas ou seguidores de Kapila, que são familiarizados com todos os caminhos e dotados de sabedoria, dizem que há cinco imperfeições, ó pujante, no corpo humano. Elas são Desejo e Ira e Medo e Sono e Respiração. Essas imperfeições são vistas nos corpos de todas as criaturas incorporadas. Aqueles que são dotados de sabedoria cortam a raiz da ira com a ajuda do Perdão. O Desejo é removido pela rejeição de todos os propósitos. Pelo cultivo da qualidade de Bondade (Sattwa) o Sono é conquistado, e o Medo é conquistado pelo cultivo de Atenção. A Respiração é conquistada por moderação de dieta, ó rei. Realmente compreendendo os gunas pela ajuda de centenas de gunas, centenas de imperfeições, e diversas causas por centenas de causas, averiguando que o mundo é como a espuma da água, envolvido por centenas de ilusões fluindo de Vishnu, como um edifício pintado, e tão insubstancial quanto um junco, vendo que ele é (tão terrível quanto) uma cova escura, ou tão irreal quanto bolhas de água, pois os anos que compõem sua idade são tão efêmeros (comparados à duração da eternidade) quanto bolhas, vendo-o exposto à destruição imediata, desprovido de felicidade, tendo ruína incontestável como seu fim e da qual ele nunca pode escapar, afundado em Rajas e Tamas, e totalmente desamparado como um elefante afundado em lama, notando tudo isso, os Sankhyas, ó rei, dotados de grande sabedoria, rejeitando todas as afeições provenientes de seus relacionamentos com seus filhos, pela ajuda, ó rei, daquele conhecimento extenso e universal que seu sistema advoga e liquidando rapidamente, com a arma de conhecimento e a maça de penitências, ó Bharata, todos os vestígios inauspiciosos nascidos de Rajas, e todos os vestígios de natureza similar resultantes de Tamas, e todos os vestígios auspiciosos que surgem de Sattwa e todos os prazeres do tato (e dos outros sentidos) nascidos das mesmas três qualidades e inerentes ao corpo, de fato, ó Bharata, ajudados pelo Yoga do conhecimento, aqueles Yatis coroados com êxito cruzam o Oceano da vida. Aquele Oceano tão terrível tem tristeza como suas águas. Ansiedade e dor constituem seus lagos profundos. Doença e morte são seus jacarés

gigantescos. Os grandes temores que afligem o coração a cada passo são suas cobras enormes. Os atos inspirados por Tamas são suas tartarugas. Aqueles inspirados por Rajas são seus peixes. A Sabedoria constitui a balsa para atravessá-lo. As afeições nutridas por objetos dos sentidos são sua lama. A decrepitude constitui sua região de dor e dificuldade. ('Durga' é uma região inacessível tal como uma floresta ou deserto que não pode ser atravessada exceto com grande dor e perigo.) O conhecimento, ó castigador de inimigos, é sua ilha. Ações constituem sua grande profundidade. Verdade é suas margens. Observâncias virtuosas constituem as ervas verdejantes flutuando em sua superfície. A inveja constitui sua correnteza rápida e poderosa. Os diversos sentimentos do coração constituem suas minas. Os diversos tipos de satisfação são suas pedras preciosas valiosas. Aflição e febre são seus ventos. Miséria e sede são seus redemoinhos poderosos. Doenças dolorosas e fatais são seus elefantes enormes. O conjunto de ossos é sua escada, e muco é sua espuma. Doações são suas margens peroladas. Os lagos de sangue são seus corais. Riso alto constitui seus bramidos. Diversas ciências são sua intransitabilidade. Lágrimas são sua salmoura. Renúncia à companhia constitui o maior refúgio (daqueles que procuram cruzá-lo). Filhos e cônjuges são suas inúmeras sanguessugas. Amigos e parentes são as cidades e municípios em suas margens. Abstenção de ferir e Verdade são sua linha divisória. Morte é sua onda de tempestade. O conhecimento de Vedanta é sua ilha (capaz de proporcionar abrigo para aqueles que são lançados sobre suas águas). Atos de compaixão em direção a todas as criaturas constituem suas bóias salva-vidas (no caso desse país jarros de água são usados como bóias), e Emancipação é a mercadoria inestimável oferecida para aqueles que viajam em suas águas à procura de comércio. Como seu arquétipo real com sua cabeça equina expelindo chamas de fogo, este oceano também tem seus terrores ígneos. Tendo transcendido a obrigação, que é tão difícil de transcender, de residir dentro do corpo grosseiro, os Sankhyas entram no espaço puro. Surya então carrega, com seus raios, aqueles homens justos que são praticantes das doutrinas Sankhya, como as fibras do caule do lótus transportando água para a flor para a qual eles todos convergem. Surya, absorvendo todas as coisas do universo, as transporta para aqueles homens sábios e bons. (Por praticarem a doutrina Sankhya os homens cessam de ter alguma consideração por seus corpos grosseiros. Eles conseguem perceber sua existência como independente de todos os objetos terrenos ou celestiais. O que se quer dizer pelo Sol carregando-os em seus raios e transportando para eles todas as coisas de todas as partes do universo é que aqueles homens obtém grande pujança. Esta não é a pujança de Yoga mas do conhecimento. Tudo sendo considerado como insubstancial e transitório, a própria posição de Indra, ou de Brahman é considerada como indigna de aquisição. Convicção sincera desse tipo e o rumo de conduta que é correspondente a ela é literalmente pujança no tipo mais elevado, pois todos os propósitos da pujança podem ser cumpridos por meio disso.) Lá, com afeições todas destruídas, possuidores de energia, dotados de riqueza de penitências, e coroados com sucesso, aqueles Yatis, ó Bharata, são levados por aquele vento que é sutil, refrescante, fragrante, e delicioso para o toque, ó Bharata! Realmente, aquele vento que é o melhor dos sete ventos, e que sopra em regiões de grande bem-aventurança, os leva, ó filho de Kunti, para

aquele que é o maior fim no espaço. (Isto é aceito como significando que os Sankhyas são transportados para o firmamento do coração.) Então o espaço para o qual eles são levados, ó monarca, os transporta ao maior fim de Rajas, (os prazeres do céu). Rajas então os leva ao maior fim de Sattwa. Sattwa então os leva, ó tu de alma pura, ao Supremo e pujante Narayana. O pujante Narayana de grande alma finalmente, por si mesmo, os leva à Alma Suprema. Tendo alcançado a Alma Suprema, aquelas pessoas imaculadas que (nesse meio tempo) se tornaram o corpo do (que é citado), alcançam a imortalidade, e eles nunca têm que voltar posteriormente daquela posição, ó rei! Aquele é o fim mais elevado, ó filho de Pritha, que é alcançado por aqueles homens de grande alma que transcenderam a influência de todos pares de opostos.'"

Yudhishthira disse, 'Ó impecável, aquelas pessoas de votos firmes, depois que eles alcançaram aquela posição excelente que é repleta de pujança e felicidade, têm alguma recordação de suas vidas incluindo nascimento e morte? Cabe a ti me falar devidamente qual é a verdade a este respeito, ó tu da linhagem de Kuru. Eu não acho apropriado questionar ninguém mais além de ti! Observando as escrituras que tratam de Emancipação, eu acho essa grande falha no assunto, (pois certas escrituras sobre o tópico declaram que a consciência desaparece no estado emancipado, enquanto outras escrituras declaram o próprio inverso disso). Se, tendo alcançado aquele estado superior, os Yatis continuam a viver em consciência, parecerá, ó rei, que a religião de Pravritti é superior. Se, além disso, a consciência desaparece do estado emancipado e alguém que se tornou emancipado somente parece com uma pessoa mergulhada em sono sem sonhos, então nada pode ser mais impróprio do que dizer que não há realmente consciência na Emancipação, (pois tudo o que acontece no sono sem sonhos é que a consciência de alguém está temporariamente obscurecida e suspensa, mas nunca perdida, pois ela volta quando ele desperta daquele sono).'"

(A pergunta de Yudhishthira parece ser esta. Há ou não há consciência no estado emancipado? Diferentes escrituras respondem esta questão diferentemente. Se for dito que há consciência naquele estado, então por que descartar o céu e seus prazeres, ou religião de Pravritti ou ações a qual leva àqueles prazeres? Onde está a necessidade da religião e Nivritti ou abstenção de todas as ações? Na suposição de haver consciência no estado emancipado, a religião de Pravritti seria considerada como superior. Se, por outro lado, a existência de consciência fosse negada, isto seria um erro.)

"Bhishma disse, 'Embora possa ser difícil responder a isso, a pergunta que tu fizeste, ó filho, é apropriada. Na verdade, a pergunta é de tal tipo que até aqueles que possuem grande erudição ficam confusos ao respondê-la, ó chefe da linhagem de Bharata. Apesar disso, ouça qual é a verdade como explicada por mim. Os seguidores de grande alma de Kapila têm fixado seu discernimento superior neste ponto. Os sentidos de conhecimento, ó rei, plantados nos corpos de criaturas incorporadas, são empregados em suas respectivas funções de percepção. Eles são os instrumentos da Alma, pois é através deles que aquele Ser sutil percebe. Separados da Alma, os sentidos são como pedaços de madeira, e são sem dúvida, destruídos (em relação às funções que eles servem) como a

espuma que é vista na superfície do oceano. Quando a criatura incorporada, ó opressor de inimigos, cai no sono junto com seus sentidos, a Alma sutil então vaga entre todos os objetos como o vento através do espaço. A Alma sutil, durante o sono, continua a ver (todas as formas) e a tocar todos os objetos de toque, ó rei, e ocupada em outras percepções, assim como quando ela está desperta. Por sua incapacidade de agir sem seu diretor, os sentidos, durante o sono, se extinguem todos em seus respectivos lugares (e perdem seus poderes) como cobras privadas de veneno. Em tais momentos, a Alma sutil, dirigindo-se para o respectivo lugar de todos os sentidos, sem dúvida, cumpre todas as suas funções. (Pois a Alma, em sonhos, vê e ouve e toca e cheira etc., precisamente como ela faz quando acordada.) Todas as qualidades de Sattwa, todos os atributos da Compreensão, ó Bharata, como também aqueles da Mente, e Espaço, e Vento, ó tu de alma justa, e todos os atributos de substâncias líquidas, de Água, ó Partha, e de Terra, esses sentidos com essas qualidades, ó Yudhishthira, que são inerentes às almas-Jiva, junto com a própria Alma Jiva, são dominados pela Alma Suprema ou Brahma. As ações também, boas e más, oprimem aquela alma-Jiva. Como discípulos servindo seu preceptor com reverência, quando os sentidos também servem à alma-Jiva que transcende Prakriti, ela alcança Brahma que é imutável, que é o mais sublime, que é Narayana, e que está além de todos os pares de opostos, e que transcende Prakriti. Livre de mérito e demérito, a alma-Jiva entrando na Alma Suprema que é desprovida de todos os atributos, e que é o lar de toda ventura, não retorna de lá, ó Bharata. O que resta, ó filho, é a mente com os sentidos, ó Bharata. Estes têm para voltar mais uma vez na época estabelecida para cumprirem a ordem de seu grande mestre. (A pessoa que se torna emancipada nesta vida se torna assim em Samadhi, mas quando o estado de Samadhi termina, sua mente e sentidos retornam; e retornando eles cumprem a ordem do Supremo, isto é, ocasionam felicidade e miséria, as quais, naturalmente, são as consequências das ações de vidas passadas, embora aquela felicidade e miséria não sejam sentidas.) Logo depois, ó filho de Kunti, (quando este corpo é rejeitado) o Yati que se esforça pela Emancipação, dotado como ele é de conhecimento e desejoso como ele é de Guna, consegue obter aquela Paz da Emancipação a qual é daquele que se torna incorpóreo. (Há dois tipos de Emancipação: uma é obtenível aqui, neste corpo, ela é Jivan-mukti; a outra é Videha-kaivalya ou aquela que vem a ser de alguém quando ele está sem corpo.) Os Sankhyas, ó rei, são dotados de grande sabedoria. Eles conseguem alcançar o fim sublime por meio desse tipo de conhecimento. Não há conhecimento que seja igual a este. Não ceda a qualquer tipo de dúvida. O conhecimento que é descrito no sistema dos Sankhyas é considerado como o mais elevado. Aquele conhecimento é imutável e é eternamente seguro. Ele é Brahma eterno em plenitude. Ele não tem começo, meio e fim. Ele transcende todos os pares de opostos. Ele é a causa da criação do universo. Ele permanece em plenitude. Ele não tem qualquer tipo de deterioração. Ele é uniforme e eterno. Dessa maneira seus louvores são cantados pelos sábios. Dele fluem criação e destruição e todas as modificações. Os grandes Rishis falam dele e o louvam nas escrituras. Todos os Brahmanas eruditos e todos os homens justos o consideram como fluindo de Brahma, Supremo, Divino, Infinito, Imutável, e Imorredouro. Todos os Brahmanas também que são apegados aos objetos dos sentidos o adoram e louvam por

atribuírem a ele atributos que pertencem à ilusão. (Tais homens cantam seus louvores por considerá-lo como a Divindade Suprema possuidora de atributos. Aqueles atributos, naturalmente, são o resultado de ilusão, pois em sua real natureza não pode haver atributos em Brahma.) O mesmo é o ponto de vista de Yogins observadores de penitências e meditação e de Sankhyas de discernimento incomensurável. Os Srutis declaram, ó filho de Kunti, que a forma de filosofia Sankhya é a forma daquele Informe uno. As cognições (segundo aquela filosofia), ó chefe da linhagem de Bharata, têm sido citadas como sendo o conhecimento de Brahma. (Brahma é conhecimento sem dualidade, isto é, conhecimento sem a consciência de conhecedor e conhecido. O conhecimento ou cognição de um objeto, quando o objeto é aniquilado, assume a forma daquele conhecimento que é chamado de Brahma.)'"

"Há dois tipos de criaturas na Terra, ó senhor da Terra, isto é, as móveis e as imóveis. Destas aquelas que são móveis são superiores. Aquele conhecimento sublime, ó rei, que existe nas pessoas conhecedoras de Brahma, e aquele que se encontra nos Vedas, e aquele que é encontrado em outras escrituras, e aquele em Yoga, e aquele que pode ser visto nos diversos Puranas, são todos, ó monarca, para serem encontrados na filosofia Sankhya. (O comentador explica que o objetivo deste verso é mostrar que entre criaturas móveis aquelas dotadas de conhecimento são superiores, e entre todos os tipos de conhecimento, o conhecimento que se acha no sistema Sankhya é superior.) Qualquer conhecimento que é visto existir em grandes histórias, qualquer conhecimento que se ache, ó rei, nas ciências relativas à aquisição de riqueza como aprovadas pelos sábios, qualquer outro conhecimento que exista neste mundo, todos estes fluem, ó monarca de grande alma, do grande conhecimento que se acha entre os Sankhyas. Tranquilidade de alma, pujança superior, todo o conhecimento sutil do qual as escrituras falam, penitências de força sutil, e todos os tipos de felicidade, ó rei, foram todos devidamente ordenados no sistema Sankhya. Fracassando em adquirir, ó filho de Pritha, aquele conhecimento completo que é recomendado por seu sistema, os Sankhyas alcançam a posição de divindades e passam muitos anos em bem-aventurança. Dominando os celestiais como eles querem, eles caem, após o término do período concedido, entre Brahmanas e Yatis eruditos. (Isto é, se por causa de algum defeito na prática ou Sadhana, os Sankhyas fracassam em obter Emancipação, eles pelo menos vêm a ser transformados em deuses.) Rejeitando este corpo, aqueles regenerados que seguem o sistema Sankhya entram naquele estado superior de Brahma como os celestiais entrando no firmamento por se devotarem completamente àquele sistema encantador que é deles e que é adorado por todos os homens sábios. Aquelas pessoas regeneradas que são dedicadas à aquisição daquele conhecimento o qual é recomendado no sistema Sankhya, mesmo que elas fracassem em obter eminência, nunca são vistas caírem entre criaturas intermediárias, ou caírem para a posição de homens pecaminosos. Aquela pessoa de grande alma que conhece completamente aquele sistema Sankhya vasto, sublime, antigo, semelhante ao oceano, e incomensurável que é puro e bondoso e agradável, se torna, ó rei, igual a Narayana. Eu agora te disse, ó deus entre homens, a verdade sobre o sistema Sankhya. Ele é a encarnação de Narayana, do universo como ele existe desde o tempo mais

remoto, (isto é, ele é tudo). Quando chega o tempo da Criação, Ele faz a Criação a começar a existir, e quando chega o tempo da destruição, Ele consome tudo. Tendo recolhido tudo dentro de seu próprio corpo ele vai dormir, aquela Alma interna do universo.'" (Aquele Narayana que faz tudo isso é a encarnação do sistema Sankhya).

303

"Yudhishthira disse, 'O que é aquilo que é chamado de Indeteriorável e por alcançar ao qual ninguém tem que voltar? O que, também, é aquilo que é chamado de Deteriorável, e por alcançar o qual alguém tem que voltar uma vez mais? Ó matador de inimigos, eu te pergunto a diferença que existe, ó tu de braços poderosos, entre o Deteriorável e o Indeteriorável para compreendê-los realmente. Ó encantador dos Kurus, Brahmanas conhecedores dos Vedas falam de ti como um Oceano de conhecimento. Rishis altamente abençoados e Yatis de grandes almas fazem o mesmo. Tu tens muito poucos dias de vida. Quando o Sol voltar do caminho do sul para entrar no do norte, tu alcançarás teu fim sublime. Quando tu nos deixares, de quem nós ouviremos a respeito de tudo o que benéfico para nós? Tu és a lâmpada da família de Kuru. De fato tu estás sempre brilhando com a luz do conhecimento. Ó perpetuador da linhagem de Kuru, eu desejo, portanto, ouvir tudo isso de ti. Escutando aos teus discursos que são sempre doces como néctar, minha curiosidade, sem ser saciada, está sempre aumentando!'"

"Bhishma disse, 'Eu irei, em relação a isto, te contar a velha narrativa da conversa que ocorreu entre Vasishtha e o rei Karala da linhagem de Janaka. Uma vez quando aquele principal dos Rishis, isto é, Vasishtha, dotado da refulgência do Sol, estava sentado à vontade, o rei Janaka o questionou acerca daquele conhecimento mais elevado que é para o nosso bem supremo. Altamente competente naquele departamento de conhecimento que é relacionado com a Alma e possuidor de conclusões certas a respeito de todos os ramos daquela ciência, como Maitravaruni, aquele principal dos Rishis estava sentado quando o rei se aproximou dele com mãos unidas, e perguntou em palavras humildes, bem pronunciadas e gentis e desprovidas de todo espírito controverso, a questão: 'Ó santo, eu desejo saber a respeito do Brahma Supremo e Eterno por alcançar o qual homens de sabedoria não têm que voltar. Eu desejo também conhecer aquilo que é chamado de Destrutível e Aquilo no qual este universo entra quando destruído. De fato, o que é Aquilo que é citado como sendo indestrutível, auspicioso, benéfico e livre de mal de todo tipo?'"

"Vasishtha disse, 'Ouça, ó senhor da Terra, como este universo é destruído, e, Aquilo que nunca foi destruído e que nunca será destruído em qualquer tempo. Doze mil anos, (de acordo com a medida dos celestiais), fazem um Yuga, quatro de tais Yugas tomados mil vezes fazem um Kalpa que mede um dia de Brahman. A noite de Brahman também, ó rei, tem a mesma medida. Quando o próprio Brahman é destruído (Mahapralaya), Sambhu de alma informe e a quem os

atributos Yoga de Anima, Laghima, etc., são naturalmente inerentes, desperta, e mais uma vez cria aquela Primeira ou Mais Velha de todas as criaturas, possuidora de proporções vastas, de atos infinitos, dotada de forma, e identificável com o universo. Aquele Sambhu também é chamado de Isana (o senhor de tudo). Ele é Refulgência pura, e transcende toda deterioração, tendo suas mãos e pés estendidos em todas as direções, com olhos e cabeça e boca em todos os lugares, e com ouvidos também em todos os lugares. Aquele Ser existe, dominando o universo inteiro. O Ser primogênito é chamado de Hiranyagarbha. Este santo tem sido chamado de Compreensão (no Vedanta). Nas escrituras Yuga Ele é chamado de Grandioso, e Virinchi, e Não-Nascido. Nas escrituras Sankhya, Ele é indicado por diversos nomes, e considerado como tendo o Infinito como sua Alma. De diversas formas e constituindo a alma do universo, Ele é considerado como Único e Indestrutível. Os três mundos de ingredientes infinitos têm sido criados por Ele sem ajuda de qualquer fonte e têm sido subjugados por Ele. Por Suas formas múltiplas, Ele é citado como sendo de forma universal. Sofrendo modificações Ele cria a Si Mesmo por Si Mesmo. Dotado de energia imensa, Ele primeiro cria a Consciência e aquele Grande Ser chamado Prajapati dotado de Consciência. O Manifesto (ou Hiranyagarbha) é criado do Imanifesto. Isto é chamado pelos eruditos de a Criação do Conhecimento. A criação de Mahan (ou Virat) e Consciência, por Hiranyagarbha, é a criação da Ignorância. Imputação de atributos (dignos de culto) e a destruição deles, chamadas respectivamente pelos nomes de Ignorância e Conhecimento por pessoas instruídas pela interpretação dos Srutis, então surgiram, se referindo a isto, aquilo, ou aos outros três (isto é, Akshara, Hiranyagarbha, ou Virat). (Aqui diz que de Akshara surgiu Hiranyagarbha; de Hiranyagarbha surgiu Virat. Isto, aquilo e o outro são reverenciados por homens comuns, enquanto pessoas possuidoras de discernimento verdadeiro não envolvem nenhum deles com atributos dignos de culto. O orador diz que a imputação de tributos, chamada Ignorância, e a não-atribuição para destruição daquelas imputações chamada Conhecimento, (com relação a Virat ou Hiranyagarbha ou Akshara) então surgiram. Pode ser questionado que quando não havia homens naquele momento para cultuar ou condenar tal culto, como os dois poderiam surgir? A resposta é que os dois, em suas formas sutis, vieram à existência e foram posteriormente utilizados pelos homens quando os homens vieram a existir.) Saiba, ó rei, que a criação dos elementos (sutis) da consciência é a terceira. (De Akshara ou o Indestrutível é Hiranyagarbha. De Hiranyagarbha é Mahan ou Virat e Consciência. Do último são os elementos sutis.) Em todos os tipos de consciência está a quarta criação que flui por modificação da terceira. Esta quarta criação compreende Vento e Luz e Espaço e Água e Terra, com suas propriedades de som, toque, forma, gosto e cheiro. Este agregado de dez surgiu, sem dúvida, ao mesmo tempo. A quinta criação, ó monarca, é aquela que resulta da combinação dos elementos primordiais (citados acima). Isto inclui o ouvido, a pele, os olhos, a língua, e o nariz formando o quinto, e a fala, e as duas mãos, e as duas pernas, e o ducto inferior, e os órgãos de geração. Os primeiros cinco destes constituem os órgãos de conhecimento, e os últimos cinco os órgãos de ação. Todos estes, com a mente, surgiram simultaneamente, ó rei. Estes constituem os vinte e quatro princípios que existem nas formas de todas as criaturas vivas. Por compreender estes

corretamente, Brahmanas possuidores de discernimento da verdade nunca têm que ceder à tristeza. Nos três mundos uma combinação destes, chamada corpo, é possuída por todas as criaturas incorporadas. De fato, ó rei, uma combinação destes é conhecida como tal em divindades e homens e Danavas, e Yakshas e espíritos e Gandharvas e Kinnaras e grandes cobras, e Charanas e Pisachas, em Rishis celestes e Rakshasas, em insetos mordentes, e vermes, e mosquitos, e bichos nascidos da sujeira e ratos, e cachorros e Swapakas e Chaineyas e Chandalas e Pukkasas, em elefantes e corcéis e jumentos e tigres, e árvores e vacas. Quaisquer outras criaturas que existam na água ou espaço ou na terra, pois não há outro lugar no qual criaturas existam como nós temos ouvido, têm esta combinação. Todos estes, ó majestade, incluídos dentro da classe chamada de Manifesto, são vistos serem destruídos dia após dia. Por isso, todas as criaturas produzidas por união destes vinte e quatro são citadas como sendo destrutíveis.'"

"Isto então é o Indestrutível. E já que o universo, o qual é composto de Manifesto e Imanifesto, encontra com a destruição, portanto, ele é citado como Destrutível. O próprio Ser chamado Mahan que é o primogênito é sempre citado como um exemplo do Destrutível. Eu agora te disse, ó monarca, tudo o que tu me perguntaste. Transcendendo os vinte e quatro princípios já aludidos há o vigésimo quinto chamado Vishnu. Vishnu, pela ausência de todos os atributos, não é um objeto (de conhecimento) embora como aquele que permeia todos os objetos, ele é chamado assim pelos sábios. Já que aquilo que é destrutível tem causado tudo isso que é Manifesto, portanto, tudo isso é dotado de forma. Os vinte e quatro, que são Prakriti, são citados como presidindo sobre tudo isso (que surgiu das modificações dela). O vigésimo quinto, que é Vishnu, é informe e, portanto, não pode ser citado como presidindo sobre o universo. (Prakriti deve ser citada como sendo a Adhishthatri do universo. Vishnu não é assim. Vishnu, Brahma, Akshara, ou o Destrutível, no entanto, é citado como cobrindo ou permeando o universo (vyapnoti). Vishnu é Vyapka mais não Adhishthatri.) É aquele Imanifesto (Prakriti), que, quando dotado de corpo (em consequência de união com Chit), mora nos corações de todas as criaturas dotadas de corpo. Com relação ao eterno Chetana (o Indestrutível), embora ele seja sem atributos e sem forma, contudo ele (por uma união com Prakriti) assume todas as formas. Unindo-se com Prakriti que tem os atributos de nascimento e morte, ele também assume os atributos de nascimento e morte. E por causa de tal união ele se torna um objeto de percepção e embora realmente desprovido de todos os atributos ainda assim ele vem a ser investido com eles. É dessa maneira que a Alma-Mahan (Hiranyagarbha), tornando-se unido com Prakriti e envolvido com Ignorância, sofre modificações e se torna consciente de Si Mesmo. Unindo-se com os atributos de Sattwa e Rajas e Tamas, ele vem a ser identificado com diversas criaturas pertencentes a diversas classes de Existência, em consequência de seu esquecimento e de servir à Ignorância. Por seu nascimento e destruição resultantes do fato de ele residir com Prakriti, ele acha que ele mesmo não é outro a não o que ele aparentemente é. Considerando-se como isto ou aquilo, ele segue os atributos de Sattwa, Rajas, e Tamas. Sob a influência de Tamas, ele alcança diversos tipos de condições que são afetadas por Tamas. Sob a influência de Rajas e Sattwa, ele obtém similarmente condições que

são afetadas por Rajas e Sattwa. Há três cores em tudo, isto é, Branca, Vermelha, e Preta. Todas essas cores pertencem à Prakriti (de modo que é Ele que se torna Branco ou Vermelho ou Preto de acordo com a natureza da Prakriti com a qual Ele se identifica no momento). Por Tamas alguém vai para o inferno. Por Rajas alguém alcança e permanece na posição de humanidade. Por Sattwa, as pessoas ascendem para as regiões das divindades e se tornam participantes de grande bem-aventurança. Por aderir ao pecado repetidamente uma pessoa cai para a classe intermediária de seres. Por agir justamente e pecaminosamente alguém alcança a posição das divindades. Dessa maneira os vinte e cinco, isto é, Akshara (o Indestrutível), os sábios dizem, por união com o imanifesto (Prakriti), vem a ser transformado em Kshara (destrutível). Por meio do conhecimento, no entanto, o Indestrutível é revelado em Sua natureza verdadeira."

304

"'Vasishtha disse, 'Assim por causa de seu esquecimento a Alma segue a ignorância e obtém milhares de corpos um depois do outro. Ela obtém milhares de nascimentos entre as classes intermediárias e às vezes entre os próprios deuses por sua união com atributos (específicos) e da força dos atributos. Da posição de humanidade, ela vai para o céu e do céu ela volta para a humanidade, e da humanidade ela cai para o inferno por muitos longos anos. Como a lagarta que fabrica o casulo fecha a si mesma completamente por todos os lados por meio dos fios que ela mesma tece, assim mesmo a Alma, embora na verdade transcendendo todos os atributos, se envolve com atributos por todos os lados (e se priva de liberdade). Embora transcendendo (em sua real natureza) felicidade e miséria, é dessa maneira que ela se sujeita à felicidade e à miséria. É assim também que, embora transcendendo todas as doenças, a Alma se considera como sendo afligida por dor de cabeça e oftalmia e dor de dente e afecções da garganta e hidropisia abdominal, e sede ardente, e ampliação das glândulas, e cólera, e vitiligo, e lepra, e queimações, e asma e tuberculose pulmonar, e epilepsia, e quaisquer outras doenças de diversos tipos que são vistas nos corpos das criaturas incorporadas. Considerando-se, por erro, como nascida entre milhares de criaturas nas classes de seres intermediários, e às vezes entre os deuses, ela suporta miséria e desfruta dos resultados de suas boas ações. Envolvida pela Ignorância ela se considera às vezes como vestida em traje branco e às vezes em traje de cerimônia consistindo em quatro peças ou como deitado em chãos (em vez de em camas e armações de camas) ou com mãos e pés contraídos como aqueles de rãs ou como sentado aprumado na atitude de contemplação ascética, ou como vestido em trapos, ou como deitado ou sentado sob o abrigo do céu ou dentro de mansões construídas de tijolos e pedras ou em pedras ásperas ou em cinzas ou em pedras nuas ou na terra nua ou em camas ou em campos de batalha ou em água ou na lama ou em pranchas de madeira ou em diversos tipos de camas; ou, impelida pelo desejo de resultados, ela se considera como vestida em um pedaço escasso de tecido feito de grama ou como totalmente nua ou como vestida em seda ou em pele de antílope preto ou em tecido feito de

linho ou em pele de ovelha ou em pele de tigre ou em pele de leão ou em tecido de cânhamo, ou em cascas de bétula ou em tecidos feitos dos produtos de plantas espinhosas, ou em vestes feitas de fios tecidos por vermes ou em trapos rasgados ou em diversas outras espécies de tecido numerosas demais para mencionar. A alma se considera também como usando diversas espécies de ornamentos e jóias, ou como comendo diversas espécies de alimento. Ela se considera às vezes como comendo a intervalos de uma noite, ou uma vez na mesma hora todos os dias, ou como na quarta, na sexta, e na oitava hora todos os dias, ou como uma vez em seis ou sete ou oito noites, ou como uma vez em dez ou doze dias, ou como uma vez em um mês, como comendo somente raízes, ou frutas, ou como subsistindo só do ar ou água, ou de bolos de casca de gergelim, ou de coalhos ou de esterco de vaca, ou da urina da vaca ou de ervas em conserva ou flores ou musgos ou comida crua, ou como subsistindo de folhas caíras das árvores ou frutas que caíram e que jazem espalhadas no chão, ou de diversos outros tipos de comida, impelida pelo desejo de obter êxito (ascético). A Alma se considera como adotando a observância de Chandrayana segundo os ritos ordenados nas escrituras, ou diversos outros votos e observâncias, e os rumos de dever prescritos para os quatro modos de vida, e mesmo de abandono do dever, e os deveres de outros modos de vida secundários incluídos nos quatro principais, e até diversos tipos de práticas que distinguem os maus e pecaminosos. A Alma se considera como desfrutando de lugares retirados e encantadoras sombras de montanhas e da vizinhança refrescante de nascentes e fontes e margens solitárias de rios e florestas retiradas, e locais sagrados dedicados às divindades, e lagos e águas afastados das caçadas ativas de homens, e grutas solitárias de montanhas fornecendo a acomodação que casas e mansões fornecem. A Alma se considera como empenhada na recitação de diferentes tipos de Mantras ocultos ou como cumprindo diferentes votos e regras e diversos tipos de penitências, e sacrifícios de muitas espécies, e ritos de tipos diversos. A Alma se considera às vezes como adotando o caminho de comerciantes e negociantes e as práticas de Brahmanas e Kshatriyas e Vaisyas e Sudras, e fazendo diversos tipos de doações para aqueles que são indigentes ou cegos ou desamparados. Por estar envolvida pela Ignorância, a Alma adota diferentes qualidades de Sattwa e Rajas e Tamas, e Justiça e Riqueza e prazer. A Alma sob a influência de Prakriti, sofrendo modificações, observa e adota e pratica todos esses e se considera como tal. De fato, a Alma se considera como empenhada na declaração dos mantras sagrados Swaha e Swadha e Vashat, e em se curvar àqueles que ela considera como seus Superiores; em oficiar nos sacrifícios de outros, em ensinar pupilos, em fazer doações e em aceitá-las; em realizar sacrifícios e estudar as escrituras, e em fazer todos os outros atos e ritos desse tipo. A Alma se considera como relacionada com nascimento e morte e disputas e matança. Todos esses, os eruditos dizem, constituem o caminho das ações boas e más. É a deusa Prakriti que causa nascimento e morte. Quando se aproxima o tempo da Destruição universal, todos os objetos e atributos existentes são recolhidos pela Alma Suprema a qual então existe sozinha como o Sol recolhendo à noite todos os seus raios; e quando chega a hora da Criação Ele mais uma vez os cria e os espalha como o Sol derramando e espalhando seus raios quando chega a manhã. Assim dessa maneira a Alma, por esporte, repetidamente se considera investida com todas essas condições, as

quais são suas próprias formas e atributos, infinitos em número, e agradáveis para ela. É dessa maneira que a Alma, embora realmente transcendendo os três atributos, se torna ligada ao caminho das ações e cria por modificação Prakriti envolvida com os atributos de nascimento e morte e idêntica a todas as ações e condições que são caracterizadas pelos três atributos de Sattwa, Rajas, e Tamas. Chegando no caminho da ação, a Alma considera ações específicas como sendo dotadas de características específicas e produtivas de fins específicos. Ó monarca, todo este universo tem sido cegado por Prakriti e todas coisas têm sido diversamente oprimidas (por Prakriti) pelos atributos de Rajas e Tamas. É pela Alma estar envolvida por Prakriti que esses pares de opostos produtivos de felicidade e dor vêm repetidamente. É por causa dessa Ignorância que Jiva considera essas tristezas como suas e as imagina como perseguindo-o. De fato, ó monarca, através dessa Ignorância é que Jiva imagina que ele deve de qualquer modo passar por aquelas tristezas, e que ele deve, entrando nas regiões dos deuses, desfrutar da felicidade que resulta de todas as suas boas ações. É pela Ignorância que ele acha que deve desfrutar e suportar estes prazeres e estas dores aqui neste mundo. Pela Ignorância Jiva pensa 'Eu devo assegurar minha felicidade. Por fazer boas ações constantemente, eu posso ter felicidade nesta vida até seu término e serei feliz em todas as minhas vidas futuras. No entanto, pelas ações (más) que eu fizer nesta vida uma tristeza interminável pode se tornar minha. A posição de humanidade é repleta de grande miséria, pois dela alguém cai no inferno. Do inferno, levará muitos longos anos antes que eu possa voltar à posição de humanidade. Da humanidade eu obterei posição dos deuses. Daquela posição superior eu terei que voltar novamente para a humanidade e então cair no inferno mais uma vez!' Alguém que sempre considera esta combinação dos elementos primordiais e dos sentidos, com reflexo de Chit nela, como estando assim investida com as características da Alma, tem que vagar repetidamente entre deuses e seres humanos e cair no inferno. Estando sempre envolvida com a idéia de 'meu', Jiva tem que fazer uma ronda de tais nascimentos. Milhões e milhões de nascimentos têm que ser passados por Jiva nas formas sucessivas que ele assume, todas as quais estão sujeitas à morte. Aquele que age dessa maneira, que é repleta de frutos bons e maus, tem que assumir sucessivas formas nos três mundos e desfrutar e suportar resultados correspondentes a elas. É Prakriti que causa atos repletos de ações boas e más, e é Prakriti que desfruta e suporta os frutos delas nos três mundos. De fato, Prakriti segue a direção das ações. A posição dos seres intermediários, da humanidade, e dos deuses igualmente, estas três esferas de ação, devem ser conhecidas como se originando em Prakriti que tem sido citada como desprovida de todos os atributos. Sua existência é afirmada somente por causa de suas ações (começando com Mahat). Da mesma maneira, Purusha (ou Alma), embora ele mesmo sem atributos, tem sua existência afirmada por causa das ações que o corpo faz quando ele recebe seu reflexo. Embora a Alma não esteja sujeita a modificações de qualquer tipo e seja o princípio ativo que põe Prakriti em movimento, contudo entrando em um corpo que está unido com os sentidos de conhecimento e ação, ela considera todas as ações daqueles sentidos como suas. Os cinco sentidos de conhecimento começando com o ouvido, e aqueles de ação começando com a fala, se unindo com os atributos de Sattwa e Rajas e Tamas, ficam envolvidos em numerosos

objetos. Jiva imagina que é ele que faz as ações de sua vida e que os sentidos de conhecimento e ação pertencem a ele, embora na verdade ele não tenha sentidos. De fato, embora não equipado com corpo, ele imagina que ele tem um corpo. Embora desprovido de atributos, ele se considera como dotado deles, e embora transcendendo o Tempo, ele se imagina estando sob o controle do Tempo. Embora desprovido de compreensão, ele se considera como dotado dela, e embora transcendendo os (vinte e quatro) objetos, ele se considera incluído entre eles. Embora imortal, ele ainda se considera como sujeito à morte, e embora imóvel se considera dotado de movimento. Embora não possuidor de um invólucro material, ele ainda se considera como possuidor de um; e embora não nascido, ele se considera como investido com nascimento. Embora transcendendo penitências, ele ainda se considera como engajado em penitências, e embora ele não tenha fim (pelo qual se esforçar), ele se considera como propenso a alcançar fins (de diversos tipos). Embora não dotado de movimento e nascimento, ele ainda se considera como dotado de ambos, e embora transcendendo o medo, ele ainda se considera como sujeito ao medo. Embora Indestrutível, ele ainda se considera Destrutível. Envolvida em Ignorância, a Alma pensa dessa maneira sobre si mesma."

305

"'Vasishtha disse, 'É assim, por sua Ignorância e sua associação com outros que estão envolvidos pela Ignorância, que Jiva recorre a milhões e milhões de nascimentos cada um dos quais tem dissolução no fim. Por sua transformação em Chit envolvido com Ignorância, Jiva vai para milhões de residências todas as quais estão sujeitas a terminar em destruição, entre seres intermediários e homens e divindades. Por causa da Ignorância, Jiva, como Chandramas, tem que crescer e minguar milhares e milhares de vezes. Esta é realmente a natureza de Jiva quando investido com ignorância. Saiba que Chandramas tem em realidade dezesseis partes no total. Somente quinze destas estão sujeitas a crescimento e diminuição. A décima sexta (isto é, aquela parte que permanece invisível e que aparece na noite de Lua-Nova) permanece constante. Do mesmo modo que Chandramas, Jiva também tem dezesseis partes ao todo. Somente quinze destas, (isto é, Prakriti com o reflexo de Chit, os dez sentidos de conhecimento e ação, e as quatro faculdades internas) aparecem e desaparecem. A décima sexta (isto é, Chit em sua pureza) não está sujeita à modificação. Envolvido com Ignorância, Jiva repetidamente e constantemente toma nascimento nas quinze partes citadas acima. Com a eterna e imutável parte de Jiva a essência primordial se torna unida e esta união ocorre repetidamente. Aquela décima sexta parte é sutil. Ela deve ser conhecida como Soma (eterna e imutável). Ela nunca é sustentada pelos sentidos. Por outro lado, os sentidos são sustentados por ela. Já que aquelas dezesseis partes são a causa do nascimento das criaturas, as criaturas nunca podem, ó monarca, tomar nascimento sem sua ajuda. Elas são chamadas de Prakriti. A destruição da sujeição de Jiva a ser unido com Prakriti é chamada de Emancipação. A Alma-Mahat, que é a vigésima quinta, se ela estima aquele corpo

de dezesseis partes chamado de Imanifesto (feito de Chit e não-Chit combinados), tem que assumi-lo repetidamente. Por não conhecer Aquilo que é imaculado e puro, e por sua devoção àquilo que é o resultado de uma combinação de Puro e Impuro, a Alma, que na realidade é pura, vem a ser, ó rei, Impura. De fato, por sua devoção à Ignorância, Jiva, embora caracterizado por Conhecimento vem a ser repetidamente associado com a Ignorância. Embora, ó monarca, livre de erro de todo tipo, ainda assim, por sua devoção aos três atributos de Prakriti, ele se torna dotado daqueles atributos.'"

306

"'Janaka disse, 'Ó santo, é dito que a relação entre homem e mulher é como aquela que existe entre o Indestrutível e o Destrutível (ou Purusha e Prakriti). Sem um homem, uma mulher nunca pode conceber. Sem uma mulher um homem também nunca pode criar forma. Por sua união um com o outro, e cada um dependendo dos atributos do outro, as formas (das criaturas vivas) são vistas fluírem. Este é o caso com todas as classes de seres. Por união umas com as outras para propósitos de ato (sexual), e por cada uma depender dos atributos das outras, formas (das criaturas vivas) fluem em períodos menstruais. Eu falarei para ti as indicações disso. Ouça quais são os atributos que pertencem ao pai e quais são aqueles que pertencem à mãe. Ossos, tendões e medula, ó regenerado, nós sabemos, são derivados do pai. Pele, carne, e sangue, nós sabemos que são derivados da mãe. Isso mesmo, ó principal das pessoas regeneradas, é o que pode ser lido nos Vedas e outras escrituras. O que quer que seja lido como declarado nos Vedas e em outras escrituras é considerado como autoridade. A autoridade, também, dos Vedas e outras escrituras (não inconsistentes com os Vedas), é eterna. Se Prakriti e Purusha estão sempre unidos dessa maneira por cada um se opor e depender dos atributos do outro, eu vejo, ó santo, que a Emancipação não pode existir. Tu, ó santo, possuis visão espiritual, de modo que tu vês todas as coisas como se elas estivessem presentes perante teus olhos. Se, portanto, há alguma evidência direta da existência da Emancipação, me fale dela. Nós estamos desejosos de alcançar a Emancipação. De fato, nós desejamos alcançar Aquilo que é auspicioso, incorpóreo, não sujeito à decrepitude, eterno além do alcance dos sentidos, e ao qual não há nada superior.'"

"'Vasishtha disse, 'O que tu dizes sobre as indicações dos Vedas e das outras escrituras (a respeito do assunto) é assim mesmo. Tu aceitas aquelas indicações da maneira na qual elas devem ser aceitas. Tu carregas, no entanto, em tua compreensão, somente os textos dos Vedas e das outras escrituras. Tu não és, ó monarca, realmente conhecedor do real significado daqueles textos. Aquela pessoa que porta em sua compreensão meramente os textos dos Vedas e das outras escrituras sem conhecer o verdadeiro sentido ou significado daqueles textos, os carrega inutilmente. De fato, alguém que mantém os conteúdos de um trabalho na memória sem compreender seu significado é citado como estando carregando uma carga inútil. Aquele, no entanto, que está familiarizado com o sentido verdadeiro de um tratado, é citado como tendo estudado aquele tratado

utilmente. Questionada com relação ao significado de um texto, cabe a uma pessoa comunicar aquele significado que ela compreendeu por um estudo cuidadoso. Aquela pessoa de inteligência embotada que se recusa a explicar os significados de textos em meio a um conclave de eruditos, aquela pessoa de compreensão superficial, nunca consegue explicar o sentido corretamente. (A obrigação de explicar um tratado em meio a um conclave sempre estimula as melhores capacidades, e se for um conclave de eruditos a fricção de intelectos seguramente fará surgir o sentido correto.) Uma pessoa ignorante, indo explicar o sentido verdadeiro de tratados, cai em ridículo. Mesmo aqueles possuidores de um conhecimento da Alma têm que incorrer no ridículo em tais ocasiões (se eles forem explicar o que não foi adquirido por estudo). Escute agora a mim, ó monarca, quanto a como o assunto da Emancipação tem sido explicado (por preceptores para discípulos desde antigamente) entre pessoas de grande alma familiarizadas com os sistemas Sankhya e Yoga de filosofia. Aquilo que o Yogin contempla é exatamente aquilo que os Sankhyas chegam a alcançar. Aquele que vê os sistemas Sankhya e Yoga como idênticos é citado como sendo dotado de inteligência. Pele, carne, sangue, gordura, bílis, medula, e tendões, e estes sentidos (de conhecimento e ação), sobre os quais tu estavas me falando, existem. Objetos fluem de objetos; os sentidos dos sentidos. Do corpo alguém obtém um corpo, como uma semente é obtida de semente. Quando o Ser Supremo é sem sentidos, sem semente, sem matéria, sem corpo, Ele deve ser desprovido de todos os atributos! E por Ele ser assim, como, de fato, Ele pode ter atributos de qualquer tipo? O espaço e outros atributos surgem dos atributos de Sattwa e Rajas e Tamas, e desaparecem neles ao final. Dessa maneira os atributos provêm de Prakriti. Pele, carne, sangue, gordura, bílis, medula, ossos, e tendões, esses oito que são feitos de Prakriti, saiba, ó rei, podem às vezes ser produzidos somente da semente vital (do macho). A alma Jiva e o universo são citados como compartilhando de Prakriti caracterizada pelos três atributos de Sattwa, Rajas, e Tamas. A Alma Suprema é diferente da alma Jiva e do universo. Como as estações, embora não dotadas de formas, são todavia inferidas a partir do aparecimento de frutos e flores específicos, da mesma maneira, Prakriti, embora informe, é inferida a partir dos atributos de Mahat e do restante que provém dele. Dessa maneira da existência de Chaitanya no corpo, a Alma Suprema, privada de todos os atributos e perfeitamente imaculada, é inferida. Sem início e destruição, sem fim, a supervisora de todas as coisas, e auspiciosa, aquela Alma, somente por se identificar com o corpo e outros atributos, vem a ser aceita como investida com atributos. Aquelas pessoas que são realmente familiarizadas com os atributos sabem que somente objetos dotados de atributos podem ter atributos, mas que Aquilo que transcende todos os atributos não pode tê-los. Quando a alma Jiva conquista todos os atributos nascidos de Prakriti e os quais ela assume sob erro, somente então ela vê a Alma Suprema. Somente os maiores Rishis conhecedores dos sistemas Sankhya e Yoga conhecem aquela Alma Suprema que Sankhyas e Yogins e crentes em todos os outros sistemas dizem que está além da Compreensão, que é considerada como o Conhecedor e dotada da mais alta sabedoria por rejeitar toda a consciência de identificação com Prakriti, que transcende o atributo de Ignorância ou Erro, que é Imanifesta, que está além de todos os atributos, que é chamada de Suprema, que está dissociada

de todos os atributos, que ordena todas as coisas, que é Eterna e Imutável, que domina Prakriti e todos os atributos nascidos de Prakriti, e que, transcendendo os vinte e quatro tópicos de investigação, forma o vigésimo quinto. Quando homens de conhecimento, que temem o nascimento, das várias condições da consciência viva, e da morte, conseguem conhecer o Imanifesto, eles conseguem compreender a Alma Suprema ao mesmo tempo. Um homem inteligente considera a unidade da alma Jiva com a Alma Suprema como consistente com as escrituras e como perfeitamente correta, enquanto o homem desprovido de inteligência considera as duas como diferentes uma da outra. Isto forma a diferença entre o homem de inteligência e o homem que é desprovido dela. As indicações de Kshara e Akshara (destrutível e indestrutível) foram agora ditas para ti. Akshara é Singularidade ou Unidade, enquanto multiplicidade ou variedade é citada como sendo Kshara. Quando alguém começa a estudar e compreende corretamente os vinte e cinco tópicos de investigação, ele então se compreende que a Unidade da Alma é consistente com as escrituras e sua multiplicidade é que se opõe a elas. Estas são as várias indicações do que está incluído no número de tópicos ou princípios criados e que transcende aquele número. Os sábios dizem que o número de tópicos é somente vinte e cinco. Aquilo que transcende os tópicos está além desse número e forma o vigésimo sexto. O estudo ou compreensão das coisas criadas (numeradas vinte e cinco) de acordo com seus agregados (de cinco) é o estudo e compreensão dos tópicos. Transcendendo estes está Aquele que é eterno.'"

307

"'Janaka disse, 'Tu, ó principal dos Rishis, disseste que a Unidade é o atributo daquilo que é Akshara (Indestrutível) e a variedade ou multiplicidade é o atributo do que é conhecido como Kshara (Destrutível). Eu, no entanto, não entendi claramente a natureza desses dois. Dúvidas ainda estão espreitando em minha mente. Homens ignorantes consideram a Alma como dotada do incidente de multiplicidade. Aqueles, no entanto, que possuem conhecimento e sabedoria consideram a Alma como única. Eu, no entanto, tenho uma compreensão muito embotada. Eu sou, portanto, incapaz de compreender como tudo isso pode acontecer. As causas também que tu atribuíste à unidade e à multiplicidade de Akshara e Kshara eu quase esqueci por causa da agitação da minha mente. Eu portanto, desejo te ouvir discursar mais uma vez sobre aqueles mesmos incidentes de unidade e multiplicidade, sobre aquele que é instruído, sobre o que é desprovido de conhecimento, sobre a alma Jiva, Conhecimento, Ignorância. Akshara, Kshara, e sobre os sistemas Sankhya e Yoga, em detalhes e separadamente e em conformidade com a verdade.'"

"'Vasishtha disse, 'Eu te direi o que tu perguntaste! Escute, de qualquer modo, a mim, ó monarca, enquanto eu te explico as práticas de Yoga separadamente. A contemplação, que constitui uma prática obrigatória para Yogins, é sua maior força; (pois ela os capacita a vencer a Ignorância). Aqueles conhecedores do Yoga dizem que a Contemplação é de dois tipos. Uma é a concentração da

mente, e a outra é chamada de Pranayama (regulação da respiração). Pranayama é citado como sendo dotado de substância; enquanto a concentração da mente não é dotada dela. (Como Pranayama é realizado com a ajuda de mantras ou yapa, ele é citado como sendo saguna ou sagarbha ou dotado de substância. A concentração da mente, no entanto, é feita sem a ajuda de tal yapa.) Exceto as três vezes quando um homem expele urina e fezes e come, ele deve dedicar todo seu tempo à contemplação. Retirando os sentidos de seus objetos pela ajuda da mente, alguém possuidor de inteligência, tendo se purificado, deve em conformidade com os vinte e dois modos de conduzir o ar Prana, unir a alma Jiva com Aquilo que transcende o vigésimo quarto tópico (chamado Ignorância ou Prakriti), que é considerado pelos sábios como residindo em todas as partes do corpo e como transcendendo decadência e destruição. (Os vinte de dois sanchodans de Preranas são os vinte e dois modos de conduzir o ar Prana do dedo do pé para o topo da cabeça. Aquilo que transcende Prakriti é a Alma Suprema.) É por meio daqueles vinte e dois métodos que a Alma pode sempre ser conhecida, como ouvido por nós. É certo que esta prática de Yoga é daquele cuja mente nunca é afetada por maus sentimentos. Ela não é de alguma outra pessoa. Dissociado de todas as atrações, moderado em dieta, e subjugando todos os sentidos, alguém deve fixar sua mente na Alma, durante a primeira e a última parte da noite, depois de ter, ó rei de Mithila, suspendido as funções dos sentidos, acalmado a mente pela compreensão, e assumido uma postura tão imóvel quanto aquela de um bloco de pedra. Quando homens de conhecimento, conhecedores das regras de Yoga, ficam tão fixos quanto uma estaca de madeira, e tão imóveis quanto uma montanha, então eles são citados como estando em Yoga. Quando alguém não ouve, nem cheira, nem sente gosto, e nem vê; quando ele não está consciente de qualquer toque; quando sua mente se torna perfeitamente livre de todo propósito; quando ele não está consciente de qualquer coisa, quando ele não nutre pensamento; quando ele se torna como um pedaço de madeira, então ele é qualificado pelos sábios como estando em Yoga perfeito. Em tal momento ele brilha como uma lâmpada que queima em um lugar onde não há vento; em tal momento ele fica livre até da sua forma sutil, e perfeitamente unido com Brahma. Quando ele alcança tal progresso, ele não tem mais que ascender ou cair entre seres intermediários. Quando pessoas como nós dizem que há uma completa identificação do Conhecedor, do Conhecido, e do Conhecimento, então o Yogin é citado como contemplando a Alma Suprema. Enquanto em Yoga, a Alma Suprema se revela no coração do Yogin como um fogo ardente, ou como o Sol brilhante, ou como a chama do relâmpago no céu. Aquela Alma Suprema que é Não-Nascida e que é a essência do néctar, que é vista por Brahmanas de grande alma dotados de inteligência e sabedoria e conhecedores dos Vedas, é mais sutil do que o que é sutil e mais vasto do que o que é vasto. Aquela Alma, embora morando em todas as criaturas, não é vista por elas. O criador dos mundos, Ele é visto somente por uma pessoa dotada de riqueza de inteligência quando ajudada pela lâmpada da mente. Ele mora na outra margem da densa Escuridão e transcende aquele chamado Iswara. Pessoas conhecedoras dos Vedas e dotadas de onisciência O chamam de dissipador da Escuridão, imaculado, transcendente à Escuridão, sem atributos e dotado deles.'"

"'Isto é o que é chamado de Yoga dos Yogins. Qual é a outra indicação de Yoga? Por tais práticas os Yogins conseguem ver a Alma Suprema que transcende destruição e decadência. Desse modo eu te falei em detalhes assuntos sobre a ciência de Yoga. Eu agora te falarei daquela filosofia Sankhya pela qual a Alma Suprema é vista através da destruição gradual dos erros. Os Sankhyas, cujo sistema é construído sobre Prakriti, diz que Prakriti, que é Imanifesta, é a principal. De Prakriti, eles dizem, ó monarca, o segundo princípio chamado Mahat é produzido. É ouvido por nós que de Mahat flui o terceiro princípio chamado Consciência. Os Sankhyas abençoados com visão da Alma dizem que da Consciência fluem as cinco essências sutis de som, forma, toque, gosto, e cheiro. Todos esses oito eles chamam pelo nome de Prakriti. As modificações desses oito são dezesseis em número. Elas são as cinco essências grosseiras de espaço, luz, terra, água, e vento, e os dez sentidos de ação e de conhecimento incluindo a mente. Homens de sabedoria devotados ao caminho Sankhya e conhecedores de todas as suas ordenanças e revelações consideram esses vinte e quatro tópicos como abarcando toda a área de pesquisa Sankhya. Aquilo que é produzido vem a ser absorvido no producente. Criados pela Alma Suprema um depois do outro, esses princípios são destruídos em uma ordem inversa. Em toda nova Criação, os Gunas entram em existência na ordem lateral (como declarado acima), e (quando chega a Destruição) eles se fundem, (cada um em seu progenitor) em uma ordem inversa, como as ondas do oceano desaparecendo no oceano que lhes dá nascimento. Ó melhor dos reis, esta é a maneira na qual a Criação e a Destruição de Prakriti ocorrem. O Ser Supremo é tudo o que permanece quando a Destruição Universal ocorre, e é Ele que assume diversas formas quando a Criação começa. Isto é exatamente assim, ó rei, como averiguado por homens de conhecimento. É Prakriti que faz o Purusha que preside assumir assim a diversidade e voltar novamente à unidade. A própria Prakriti também tem as mesmas indicações. Somente aqueles que conhecem completamente a natureza dos tópicos de investigação sabem que Prakriti também assume o mesmo tipo de diversidade e unidade, pois quando vem a Destruição ela volta para a unidade e quando a Criação flui ela assume diversidade de forma. A Alma faz Prakriti, a qual contém os princípios de produção ou crescimento, assumir diversas formas. Prakriti é chamada de Kshetra (ou solo). Transcendendo os vinte e quatro tópicos ou princípios está a Alma que é grandiosa. Ela preside sobre aquela Prakriti ou Kshetra. Então, ó grande rei, os principais dos Yatis dizem que a Alma é a Presidente. De fato, tem sido ouvido por nós que pela Alma presidir sobre todos os Kshetras Ela é chamada de a Presidente. E porque Ela conhece aquele Kshetra Imanifesto, Ela é, portanto, também chamada de Kshetrajna (Conhecedor de Kshetra). E porque também a Alma entra no Kshetra Imanifesto (isto é, o corpo), portanto Ela é chamada de Purusha. Kshetra é algo bastante diferente de Kshetrajna. Kshetra é Imanifesto. A Alma, que transcende os vinte e quatro princípios, é chamada de o Conhecedor. O conhecimento e o objeto conhecido são diferentes um do outro. O conhecimento, também, é citado como sendo Imanifesto, enquanto o objeto de conhecimento é a Alma que transcende os vinte e quatro princípios. O Imanifesto é chamado de Kshetra, Sattwa (compreensão), e também Iswara (o Senhor Supremo), enquanto Purusha, que é o vigésimo quinto princípio, não tem nada superior a ele e não é

um princípio (pois ele transcende todos os princípios e é somente chamado de princípio convencionalmente). Este mesmo, ó rei, é um relato da filosofia Sankhya. Os Sankhyas intitularam a causa do universo, e fundindo todos os princípios grosseiros no Chit contemplam a Alma Suprema. Estudando corretamente os vinte e quatro tópicos junto com Prakriti, e averiguando sua verdadeira natureza, os Sankhyas conseguem ver Aquele que transcende os vinte e quatro tópicos ou princípios. Jiva na verdade é aquela mesma Alma que transcende Prakriti e que está além dos vinte e quatro tópicos. Quando ele consegue conhecer aquela Alma Suprema por se dissociar de Prakriti, ele então se torna identificável com a Alma Suprema. Eu agora te disse tudo sobre o sistema Sankhya realmente. Aqueles que estão familiarizados com esta filosofia conseguem obter tranquilidade. De fato, tais homens cujas compreensões não estão sujeitas ao erro têm conhecimento direto de Brahma. Aqueles que conseguem alcançar aquele estado nunca têm que voltar para este mundo depois da dissolução de seus corpos; enquanto em relação àqueles que são citados como sendo emancipados nesta vida, pujança, e aquela bem-aventurança indescritível que se liga ao Samadhi, e imutabilidade, se tornam deles, por eles terem alcançado a natureza do Indestrutível. (Os Srutis declaram que o conhecedor de Brahma se torna Brahma.) Aqueles que vêem este universo como muitos (em vez de vê-lo como um e uniforme) vêem incorretamente. Aqueles homens estão cegos para Brahma. Ó castigador de inimigos, tais pessoas têm que voltar repetidamente ao mundo e aceitar corpos (em diversas ordens de Existência). Aqueles que estão familiarizados com tudo o que foi dito acima vêm a ser possuidores de onisciência, e consequentemente quando eles saem deste corpo não ficam mais sujeitos ao controle de outros corpos físicos. Todas as coisas, (ou o universo inteiro), é citado como sendo o resultado do Imanifesto. A Alma, que é o vigésimo quinto, transcende todas as coisas. Aqueles que conhecem a Alma não têm medo de voltar para o mundo.'"

308

"'Vasishtha disse, 'Eu assim te falei até aqui sobre a filosofia Sankhya. Ouça-me agora enquanto eu te digo o que é Vidya (conhecimento) e o que é Avidya (ignorância), um depois do outro. Os eruditos dizem que Prakriti, que é repleta dos atributos de Criação e Destruição, é chamada de Avidya; enquanto Purusha, que é livre dos atributos de Criação e Destruição e que transcende os vinte e quatro tópicos ou princípios, é chamado de Vidya. Ouça-me primeiro enquanto eu te falo o que é Vidya entre conjuntos sucessivos de outras coisas, como explicado na filosofia Sankhya. Entre os sentidos de conhecimento e aqueles de ação, os sentidos de conhecimento são citados como constituindo o que é conhecido como Vidya. Dos sentidos de conhecimento e seus objetos, os primeiros constituem Vidya como tem sido ouvido por nós. Dos objetos dos sentidos e a mente, os sábios dizem que a mente constitui Vidya. Da mente e as cinco essências sutis, as cinco essências sutis constituem Vidya. Das cinco essências sutis e Consciência, a Consciência constitui Vidya. Da Consciência e Mahat, Mahat, ó rei, é Vidya. De

todos os tópicos ou princípios começando com Mahat, e Prakriti, é Prakriti, a qual é imanifesta e suprema, que é chamada de Vidya. De Prakriti, e aquela chamada Vidhi que é Suprema, a última deve ser conhecida como Vidya. Transcendendo Prakriti está o vigésimo quinto (chamado Purusha) que deve ser conhecido como Vidya. De todo o conhecimento aquele que é o Objeto de Conhecimento é citado como o Imanifesto, ó rei. (Por isso, como o comentador explica, por conhecer o que é chamado de Imanifesto alguém é capaz de obter onisciência.) Além disso, o Conhecimento tem sido citado como sendo Imanifesto e o Objeto de conhecimento como aquele que transcende os vinte e quatro. Mais uma vez, o Conhecimento é citado como sendo Imanifesto, e o Conhecedor é aquele que transcende os vinte e quatro. Eu agora te disse qual é realmente a significação de Vidya e Avidya. Ouça-me agora enquanto eu te falo tudo o que tem sido dito sobre o Indestrutível, e o Destrutível. Ambos, Jiva e Prakriti, são citados como Indestrutíveis, e ambos são citados como Destrutíveis. Eu te direi a razão disto corretamente como eu o compreendi. Ambos, Prakriti e Jiva, são sem início e sem fim ou destruição. Ambos são considerados como supremos (a respeito da Criação). Aqueles que possuem conhecimento dizem que ambos devem ser chamados de tópicos ou princípios. Por seus atributos de Criação e Destruição (repetidas), o Imanifesto (ou Prakriti) é chamado de Indestrutível. Aquele Imanifesto vem a ser repetidamente modificado para o propósito de criar os princípios. E porque os princípios começando com Mahat são produzidos por Purusha também, e porque também Purusha e o Imanifesto são mutuamente dependentes um do outro, portanto Purusha também, o vigésimo quinto, é chamado de Kshetra (e então Akshara ou Indestrutível). (O que é dito aqui é isto: o Imanifesto ou Prakriti, por modificação, produz Mahat e os outros princípios. Mas a agência de Purusha também é necessária para tal produção, pois Prakriti não pode fazer nada sem Purusha, e Purusha também não pode fazer nada sem Prakriti. Os princípios de Mahat e o restante, portanto, podem ser citados como tendo sua origem tanto em Purusha quanto em Prakriti. Além disso, os dois sendo naturalmente dependentes um do outro, se Prakriti for chamada de Kshara, Purusha também pode ser chamado dessa maneira.) Quando o Yogin recolhe e imerge todos os princípios na Alma Imanifesta (ou Brahma), então o vigésimo quinto, (isto é, Jiva ou Purusha) também, com todos aqueles princípios desaparece nela. Quando os princípios vêm a ser absorvidos cada um em seu progenitor, então o único que resta é Prakriti. Quando Kshetrajna (isto é, Jiva ou Purusha) também, ó filho, é absorvido em sua própria causa produtora então (tudo o que resta é Brahma e, portanto) Prakriti com todos os princípios nela se torna Kshara (ou encontra com a destruição), e alcança também a condição de ser sem atributos por causa de sua dissociação de todos os princípios. Assim é que Kshetrajna, quando seu conhecimento de Kshetra desaparece, se torna, por sua natureza, desprovido de atributos, como tem sido ouvido por nós. Quando ele se torna Kshara ele então assume atributos. Quando, no entanto, ele alcança sua própria natureza real, ele então consegue compreender sua própria condição de ser realmente desprovido de atributos. Por rejeitar Prakriti e começar a perceber que é diferente dela, o inteligente Kshetrajna então vem a ser considerado como puro e imaculado. Quando Jiva cessa de existir em um estado de união com Prakriti, então ele se torna identificável com Brahma. Quando, no entanto, ele

existe unido com Prakriti, ele então, ó rei, parece ser diferente de Brahma. De fato, quando Jiva não demonstra afeição por Prakriti e seus princípios, ele então consegue ver o Supremo e tendo visto Ele uma vez então não deseja se afastar daquela felicidade. Quando o conhecimento da verdade se expande sobre ele, Jiva começa a lamentar dessa maneira: 'Ai, quão tolamente eu tenho agido por cair por ignorância neste corpo composto de Prakriti como um peixe envolvido em uma rede! Ai, por ignorância, eu tenho migrado de corpo para corpo como um peixe de água para água pensando que água é único elemento no qual ele pode viver. De fato, como um peixe que não reconhece nada mais além de água como seu elemento, eu também nunca reconheci algo como meu além de filhos e esposas! Vergonha para mim que por ignorância tenho estado migrando repetidamente de corpo para corpo em esquecimento (da Alma Suprema)! Somente a Alma Suprema é minha amiga. Eu tenho capacidade para ter amizade com Ela. Qualquer que seja minha natureza e quem quer que eu possa ser, eu sou competente para ser como Ela e para alcançar uma igualdade com Ela. Eu vejo minha semelhança com Ela. Eu sou, de fato, como Ela. Ela é imaculada. É evidente que eu sou da mesma natureza. Por ignorância e adormecimento, eu me tornei associado com a inanimada Prakriti. Embora realmente sem ligações, eu passei este longo tempo em um estado de ligação com Prakriti. Ai, por ela eu fui subjugado dessa maneira por tanto tempo sem ter sido capaz de saber disso. Várias são as formas, superiores (como os deuses), medianas (como os seres humanos), e inferiores (como os animais), que Prakriti assume. Oh, como eu morarei naquelas formas? Como eu viverei conjuntamente com ela? Somente por minha ignorância eu me dirijo à sua companhia. Eu estarei agora fixado (em Sankhya ou Yoga). Eu não mais ficarei na companhia dela. Por ter passado um tempo tão longo com ela, eu devo pensar que eu fui enganado por ela todo este tempo, pois eu mesmo sendo realmente isento de modificação, como eu poderia me associar com alguém que está sujeito à modificação? Ela não pode ser considerada como responsável por isto. A responsabilidade é minha, já que me desviando da Alma Suprema eu me tornei ligado a ela por iniciativa própria. Por essa ligação, eu mesmo, embora informe em realidade, tive que residir em formas multifárias. De fato, embora informe por natureza eu vim a ser dotado de formas por causa do meu senso de 'meu', e assim insultado e afligido. Por causa do meu senso de 'meu', relativo ao resultado de Prakriti, eu sou forçado a aceitar nascimento em diversas classes de Existência. Ai, embora realmente desprovido de qualquer senso de 'meu', contudo por assumi-lo, quais diversas ações de uma natureza má foram cometidas por mim naquelas classes nas quais eu tomei nascimento enquanto eu permaneci nelas com uma alma que tinha perdido todo o conhecimento! Eu não tenho nada mais o que fazer com ela que, com essência composta de consciência, se divide em muitos fragmentos e que procura me unir com eles. Foi somente agora que eu fui despertado e compreendi que eu sou por natureza sem qualquer senso de 'meu' e sem aquela consciência que cria as formas de Prakriti que me envolvem por todos os lados. Rejeitando aquele senso de 'meu' que eu sempre tive com relação a ela e cuja essência é composta de consciência, e rejeitando a própria Prakriti, eu me refugiarei naquele que é auspicioso. Eu estarei unido com Ele, e não com Prakriti que é inanimada. Se eu me unir com Ele, isto será produtivo de meu benefício. Eu não tenho semelhança

de natureza com Prakriti!' O vigésimo quinto, (isto é, Jiva), quando ele consegue compreender dessa maneira o Supremo, se torna capaz de rejeitar o Destrutível e obter identidade com aquilo que é Indestrutível e que é a essência de tudo o que é auspicioso. Desprovido de atributos em sua natureza verdadeira e realmente Imanifesto, Jiva vem a ser envolvido com o que é Manifesto e assume atributos. Quando ele consegue ver aquilo que é sem atributos e que é a origem do Imanifesto, ele obtém, ó soberano de Mithila, a identidade do mesmo.''

"'Eu agora te disse quais são as indicações do que é Indestrutível e do que é Destrutível, segundo o melhor do meu conhecimento e segundo o que é explicado nas escrituras. Eu agora te direi, de acordo com o que eu tenho ouvido, como surge o Conhecimento que é sutil, imaculado, e seguro. Ouça-me. Eu já te disse o que são os sistemas Sankhya e Yoga de acordo com suas respectivas indicações como expostas em suas respectivas escrituras. Em verdade, a ciência que é explicada nos tratados Sankhya é idêntica àquela que é declarada nas escrituras Yoga. O conhecimento, ó monarca, que o Sankhya prega, é capaz de despertar todos. Nas escrituras Sankhya, aquele Conhecimento está inculcado muito claramente para o benefício dos discípulos. Os eruditos dizem que este sistema Sankhya é muito extenso. O Yogin tem grande respeito por aquele sistema como também pelos Vedas. No sistema Sankhya nenhum tópico ou princípio transcendente ao vigésimo quinto é admitido. Aquilo que os Sankhyas consideram como seu mais elevado tópico ou princípio foi devidamente descrito (por mim). Na filosofia Yoga, é dito que Brahma, o qual é a essência do conhecimento sem dualidade, se torna Jiva somente quando investido com Ignorância. Nas escrituras Yoga, portanto, ambos, Brahma e Jiva, são mencionados.'"

309

"'Vasishtha disse, 'Ouça-me agora enquanto eu te falo sobre Buddhas (Alma suprema) e Abuddha (Jiva), o qual é a dispensação de atributos de Sattwa, Rajas, e Tamas. Assumindo muitas formas (sob a influência da ilusão) a Alma Suprema, tornando-se Jiva, considera todas aquelas formas como reais. (Budha é Bodha ou conhecimento puro. Abudha é o oposto de Budha. A Alma Suprema é Conhecimento, enquanto Jiva é Ignorância.) Por (se considerar idêntico a) tais transformações, Jiva fracassa em compreender a Alma Suprema, pois ele possui os atributos (de Sattwa, Rajas, e Tamas) e cria e recolhe em si mesmo o que ele cria. Incessantemente por seu esporte, ó monarca, Jiva sofre modificações, e porque ele é capaz de compreender a ação do Imanifesto, portanto ele é chamado de Budhyamana (o Entendedor). (Por causa da união ou ligação de Jiva com Prakriti, Jiva aceita este objeto como um vaso, aquele como uma montanha, e aquele outro como um terceiro. Quando vem o conhecimento, Jiva consegue entender que todas as suas impressões são errôneas e que o mundo externo é somente uma modificação do Eu. Pela capacidade de Jiva entender isso, ele é chamado de Budhyamana ou Entendedor.) O Imanifesto ou Prakriti nunca pode compreender Brahma que é realmente sem atributos mesmo quando ele se manifesta com atributos. Por isso Prakriti é chamada de Ininteligente. Há uma

declaração dos Srutis no sentido de que se Prakriti alguma vez consegue conhecer o vigésimo quinto (isto é, Jiva), Prakriti então, (em vez de ser alguma coisa diferenciada de Jiva) se torna identificada com Jiva que está unido com ela. (Com relação, no entanto, à Alma Suprema, a qual está sempre desunida e dissociada, e que transcende o vigésimo quinto, Prakriti nunca pode compreendê-la.) Por causa disso (isto é, sua ligação ou união com Prakriti), Jiva ou Purusha, que não é manifesto e que em sua natureza real não está sujeito a modificações, vem a ser chamado como o Não-desperto ou Ignorante. De fato, porque o vigésimo quinto pode compreender o Imanifesto, ele é portanto, chamado de Budhyamana (ou Entendedor). Ele, no entanto, não pode compreender facilmente o vigésimo sexto, que é imaculado, que é Conhecimento sem dualidade, que é incomensurável, e que é eterno. O vigésimo sexto, no entanto, pode conhecer ambos, Jiva e Prakriti, numerando o vigésimo quinto e vigésimo quarto respectivamente. Ó tu de grande refulgência, somente homens de sabedoria conseguem conhecer aquele Brahma que é Imanifesto, que inere em sua natureza real a tudo o que é visto e não visto (isto é, que permeia todas as coisas e se une com elas sem ele mesmo ser mudado com relação à sua própria natureza), e que, ó filho, é a única essência independente no universo. Quando Jiva se considera diferente do que ele realmente é (ou seja, quando ele se considera como gordo ou magro, claro ou escuro, um Brahmana ou um Sudra), é somente então que ele fracassa em conhecer a Alma Suprema e a si mesmo e Prakriti com a qual ele está unido. Quando Jiva consegue compreender Prakriti (e sabendo que ela é algo diferente dele), então ele é citado como sendo restabelecido à sua natureza verdadeira e então ele obtém aquela compreensão superior que é pura e imaculada e que está relacionada com Brahma. Quando Jiva consegue, ó tigre entre reis, obter aquela compreensão excelente, ele então alcança aquele Conhecimento Puro (sem dualidade) que é chamado de o vigésimo sexto ou (Brahma). Ele então rejeita o Imanifesto ou Prakriti que é repleto dos atributos de Criação e Destruição. Quando Jiva consegue conhecer Prakriti, a qual é ininteligente e sujeita à ação dos três atributos de Sattwa, e Rajas e Tamas, ele então se torna ele mesmo desprovido de atributos. Por compreender dessa maneira o Imanifesto (como sendo algo diferente dele), ele consegue adquirir a natureza da Alma Suprema. Os eruditos dizem que quando ele está livre dos atributos de Sattwa e Rajas e Tamas e unido em natureza com a Alma Suprema, então Jiva vem a ser identificado com aquela Alma. A Alma Suprema é chamada de Tattwa (isto é, envolvida com alguma forma por causa da Ignorância), assim como não-Tattwa (isto é, sempre dentro do alcance da compreensão), e transcende decadência e destruição. Ó concessor de honras, a Alma, embora ela tenha os princípios manifestados (ou seja, o corpo) como seu lugar de descanso, ainda assim não pode ser citada como tendo adquirido a natureza daqueles princípios. Os sábios dizem que incluindo a alma Jiva há vinte e cinco princípios em tudo. De fato, ó filho, a Alma não é para ser considerada como possuidora de algum dos princípios (Mahat e o restante). Dotada de Inteligência, ela transcende os princípios. Ela rejeita rapidamente até aquele princípio que é a indicação do Conhecedor ou de alguém desperto. (Esta indicação é 'Eu sou Brahma'. Tal convicção ou conhecimento o qual caracteriza aqueles que são despertos ou Buddha, é rejeitado pelo vigésimo sexto.) Quando Jiva vem a se considerar como

o vigésimo sexto, o qual é desprovido de decadência e destruição, é então que, sem dúvida, ele consegue por sua própria força alcançar semelhança com o vigésimo sexto. Embora despertado pelo vigésimo sexto que é Inteligência Pura, Jiva contudo fica sujeito à Ignorância. Isto é a causa de Jiva, grande diversidade (em relação a formas) como explicado nos Srutis e nas escrituras Sankhya. Quando Jiva, que é dotado de Chetana e Prakriti Ininteligente, perde toda a Consciência de um Eu distinto ou individual, ele então, perdendo sua grande diversidade, retoma sua Unidade. Ó soberano de Mithila, quando Jiva, que é encontrado estando em união com felicidade e miséria, e que raramente está livre da consciência do Eu, consegue alcançar uma semelhança com a Alma Suprema que está além do alcance da compreensão, então ele se torna livre de virtude e vício. De fato, quando Jiva, alcançando o vigésimo sexto, o qual é Não-nascido e Pujante e que é dissociado de todas as ligações, consegue compreendê-lo totalmente, ele mesmo se torna possuidor de pujança e rejeita totalmente o Imanifesto ou Prakriti. Por compreender o vigésimo sexto, os vinte e quatro princípios parecem ser insubstanciais ou de nenhum valor para Jiva. Eu assim te falei, ó impecável, segundo a indicação dos Srutis, da natureza do Ininteligente ou Prakriti, e de Jiva, como também daquilo que é Puro Conhecimento, isto é, a Alma Suprema, em conformidade com a verdade. Guiado pelas escrituras, variedade e unidade devem ser compreendidas dessa maneira. A diferença entre o mosquito e o Udumvara, ou aquela entre o peixe e a água, ilustra a diferença entre a alma Jiva e a Alma Suprema. (Estes exemplos são frequentemente usados para explicar a diferença entre a alma-Jiva e a Alma Suprema. O Udumvara é o fruto do Ficus glomerate. Quando maduro e partido, o centro oco é visto conter muitos insetos adultos. O inseto vive na fruta mas não é a fruta, assim como o peixe embora vivendo na água não é a água que é seu lar. Jiva, da mesma maneira, embora vivendo na Alma Suprema, não é a Alma Suprema.) A Multiplicidade e Unidade desses dois são então compreendidas desse modo. Isto é chamado de Emancipação, isto é, esta compreensão ou conhecimento de si mesmo como alguma coisa distinta de Prakriti Ininteligente ou Imanifesta. O vigésimo quinto, que reside nos corpos das criaturas vivas, deve ser emancipado por fazê-lo conhecer o Imanifesto ou a Alma Suprema que transcende a compreensão. De fato, aquele vigésimo quinto é capaz de alcançar a Emancipação somente dessa maneira e não através de qualquer outro meio, isto é certo. Embora realmente diferente do Kshetra no qual ele reside por enquanto, ele compartilha da natureza daquele Kshetra por causa de sua união com ele. Unindo-se com o que é Puro, ele se torna Puro. Unindo-se com o Inteligente, ele se torna Inteligente. Por se unir, ó principal dos homens, com alguém que é Emancipado, ele vem a ser Emancipado. Por se unir com alguém que está livre de atrações de todos os tipos, ele se torna livre de todas as atrações. Por se unir com alguém que se esforça pela Emancipação, ele mesmo, partilhando da natureza de seu companheiro, se esforça pela Emancipação. Por se unir com alguém de ações puras ele se torna puro e de ações puras e dotado de refulgência brilhante. Por se unir com alguém de alma imaculada, ele mesmo se torna alguém de alma imaculada. Por se unir com a única Alma independente, ele se torna Uno e Independente. Unindo-se com Alguém que é dependente de Si mesmo, ele vem a ter a mesma natureza e obtém Independência.'"

"'Ó monarca, eu te disse devidamente tudo isso que é perfeitamente verdadeiro. Eu te falei sinceramente sobre este assunto, isto é, o Brahma Eterno e Imaculado e Primordial. Tu podes comunicar este conhecimento superior, capaz de despertar a alma, para aquela pessoa, ó rei, que embora não conheça os Vedas todavia é humilhe e tem um grande desejo de adquirir o conhecimento de Brahma. Ele nunca deve ser dado para alguém que é apegado à mentira, ou alguém que é astuto ou malandro, ou alguém que não tem alguma força mental ou que tem uma mente desonesta, ou para alguém que tem inveja dos homens de conhecimento, ou para alguém que causa dor a outros. Ouça-me enquanto eu te digo quem são aqueles para quem este conhecimento pode ser comunicado com segurança. Ele deve ser dado para alguém que é dotado de fé, ou alguém que é possuidor de mérito, ou alguém que sempre se abstém de falar mal de outros, ou alguém que é dedicado a penitências pelos mais puros dos motivos, ou para alguém que é dotado de conhecimento e sabedoria, ou alguém que conhece os sacrifícios e outros ritos prescritos nos Vedas, ou alguém que possui uma disposição clemente, ou alguém que é inclinado a ter compaixão e fazer o bem para todas as criaturas; ou alguém que gosta de viver em privacidade e solidão, ou alguém que gosta de cumprir todas as ações declaradas nas escrituras, ou alguém que é contrário a discussões e disputas, ou alguém que é possuidor de grande erudição ou alguém dotado de sabedoria, ou alguém possuidor de benignidade e autodomínio e tranquilidade de alma. Este elevado conhecimento de Brahma nunca deve ser comunicado para alguém que não possui tais qualificações. É sido dito que, por dar este conhecimento para alguém que não pode ser considerado um receptáculo digno para mantê-lo, nenhuma vantagem ou bom resultado pode surgir. Para alguém que não é cumpridor de quaisquer votos e restrições, este conhecimento excelente nunca deve ser comunicado mesmo que ele dê em troca a Terra inteira cheia de pedras preciosas e riquezas de todos os tipos. Sem dúvida, no entanto, ó rei, este conhecimento deve ser dado para alguém que dominou seus sentidos. Ó Karala, que nenhum medo seja teu em tempo algum, já que tu ouviste hoje de mim tudo isso a respeito do Brahma sublime! Eu te falei devidamente sobre Brahma sublime e santo que é sem início e meio (e fim), e que é capaz de dissipar todas as espécies de aflição. Vendo Brahma cuja visão é capaz de dissipar ambos, nascimento e morte, ó rei, que é cheio ventura, que remove todo medo, e que beneficia, e tendo adquirido esta essência de todo o conhecimento, rejeite todo o erro e estupor hoje! Eu adquiri este conhecimento do próprio Hiranyagarbha eterno, ó rei, que o comunicou para mim por eu ter gratificado cuidadosamente aquele Grande Ser de toda Alma superior. Perguntado por ti hoje, ó monarca, eu te comuniquei o conhecimento do eterno Brahma assim como eu mesmo o adquiri do meu professor. De fato, este conhecimento superior que é o refúgio de todas as pessoas conhecedoras da Emancipação foi comunicado para ti exatamente como eu o obtive do próprio Brahman!'"

"Bhishma continuou, 'Eu assim te falei do Brahma sublime de acordo com o que o grande Rishi (Vasishtha) disse (para o rei Karala da linhagem de Janaka), por alcançar ao qual o vigésimo quinto (ou Jiva) nunca tem que retornar. Jiva, por não conhecer realmente a Alma Suprema que não está sujeita à decadência e morte, é

obrigado a voltar para o mundo frequentemente. Quando, no entanto, Jiva consegue adquirir aquele conhecimento excelente, ele não tem mais que voltar. Tendo-o ouvido, ó rei, do Rishi celeste, eu, ó filho, comuniquei para ti este conhecimento superior produtivo do maior bem. Este conhecimento foi obtido de Hiranyagarbha pelo Rishi Vasishtha de grande alma. Daquele principal dos Rishis, isto é, Vasishtha, ele foi adquirido por Narada. De Narada eu adquiri este conhecimento que é realmente identificável com o Brahma eterno. Tendo ouvido este discurso de grande importância, repleto de palavras excelentes, ó principal dos Kurus, não ceda mais à angústia. Aquele homem que conhece Kshara e Akshara se torna livre do medo. De fato, ó rei, é obrigado a nutrir medo aquele que é desprovido deste conhecimento. Por causa da Ignorância (a respeito de Brahma), o homem de alma tola tem que voltar repetidamente para este mundo. De fato, partindo desta vida, ele tem que nascer em milhares e milhares de ordens de Existência todas as quais têm a morte ao final. Ora no mundo das divindades, ora entre homens, e ora entre classes de seres intermediários, ele tem que aparecer repetidas vezes. Se no decorrer do tempo ele consegue cruzar aquele Oceano de Ignorância no qual ele está submerso, ele então consegue evitar totalmente o renascimento e obter identidade com a Alma Suprema. O Oceano de Ignorância é terrível. Ele é sem fundo e chamado de Imanifesto. Ó Bharata, dia após dia, criaturas são vistas caírem a afundarem naquele Oceano. Já que tu, ó rei, foste liberto daquele Oceano eterno e ilimitado de Ignorância, tu, portanto, te tornaste livre de Rajas e também de Tamas.'"

310

"Bhishma disse, 'Uma vez um rei da linhagem de Janaka, enquanto percorrendo as florestas inabitadas à caça de veados, viu um Brahmana ou Rishi superior da linhagem de Bhrigu. Curvando sua cabeça àquele Rishi que estava sentado à vontade, o rei Vasuman tomou seu assento perto dele e obtendo sua permissão fez a ele esta pergunta: 'Ó santo, o que é produtivo do maior benefício, aqui e após a morte, para o homem que é dotado de um corpo instável e que é o escravo de seus desejos?' Devidamente honrado pelo rei, e assim questionado, aquele Rishi de grande alma possuidor de mérito ascético então disse para ele estas palavras que eram altamente benéficas.'"

"O Rishi disse, 'Se tu desejas aqui e após a morte o que é agradável para tua mente, então, com teus sentidos controlados, te abstenha de fazer o que é desagradável para todas as criaturas. A Retidão é benéfica para aqueles que são bons. A Retidão é o refúgio daqueles que são bons. Da Retidão têm fluído os três mundos com suas criaturas móveis e imóveis. Ó tu que estás avidamente desejoso de desfrutar de todos os objetos agradáveis, como é que tu ainda não estás saciado com objetos de desejo? Tu vês o mel, ó tu de pouca compreensão, mas estás cego à queda. (Este é um símile usado muito frequentemente para ilustrar o perigo de perseguir objetos dos sentidos. Coletores de mel costumavam vagar por montanhas, guiados pela visão de abelhas voando. Aqueles homens frequentemente encontravam com a morte por quedas de precipícios.) Como

alguém desejoso de ganhar os frutos do conhecimento deve se dirigir à aquisição de conhecimento, assim mesmo alguém desejoso de ganhar os frutos da Retidão dever se dirigir à aquisição de Retidão. Se um homem mau, por desejo de virtude, se esforça para realizar uma ação que é pura e imaculada, a satisfação de seu desejo se torna impossível. Se, por outro lado, um bom homem, impelido pelo desejo de ganhar virtude, se esforça para realizar uma ação mesmo que seja difícil, sua realização se torna fácil para ele. Se, enquanto residindo nas florestas, alguém age de tal maneira quanto a desfrutar de todos os prazeres de uma residência entre homens nas cidades, ele vem a ser considerado não como um asceta da floresta mas como um habitante das cidades. Similarmente, se alguém, enquanto residindo em cidades, age de tal maneira quanto desfrutar da felicidade que se vincula à vida de um asceta da floresta, ele vem a ser considerado não como um habitante das cidades mas como um asceta da floresta. Averiguando os méritos da religião da Ação e aqueles da Abstenção de ações, com teus sentidos concentrados, te dedique às práticas de retidão que concernem aos pensamentos, palavras, e ações. Avaliando a adequação de hora e lugar, purificado pela observância de votos e outros ritos purificatórios, e solicitado (por eles), sem malícia, faça grandes doações para aqueles que são bons. Adquirindo riqueza por meios justos, uma pessoa deve doá-la para aqueles que são merecedores. Ela deve fazer doações, rejeitando a raiva; e tendo-as feito nunca ela deve ceder à tristeza nem proclamar aquelas doações com sua própria boca. O Brahmana que é cheio de compaixão, que é observador de franqueza, e cujo nascimento é puro, é considerado como uma pessoa merecedora de doações. Uma pessoa é citada como sendo pura em nascimento quando ela é nascida de mãe que tem somente um marido e que pertence à mesma classe à qual seu marido pertence. De fato, tal Brahmana, conhecedor dos três Vedas, isto é, Rich, Yajurh, e Saman, possuidor de erudição, devidamente cumpridor dos seis deveres (de sacrificar por sua própria conta, oficiar nos sacrifícios de outros, aprender, ensinar, fazer doações, e receber doações), é considerado como merecedor de doações. A justiça se torna injustiça, e a injustiça se torna justiça, de acordo com o caráter do fazedor, do tempo, e do lugar. O pecado é rejeitado como a sujeira sobre o corpo de alguém, um pouco com um pequeno esforço e uma quantidade maior quando o esforço é maior. Uma pessoa, depois de purgar seus intestinos, deve tomar ghee (manteiga clarificada), a qual a opera muito beneficamente em seu sistema (como um tônico saudável). Da mesma maneira, quando alguém se purificou de todos os defeitos e se dirigiu à aquisição de virtude, aquela virtude, no mundo seguinte, vem a ser produtiva da maior felicidade. Pensamentos bons e maus existem nas mentes de todas as criaturas. Afastando a mente dos maus pensamentos, ela deve ser sempre dirigida para bons pensamentos. Deve-se reverenciar sempre as práticas de sua própria classe. Esforce-te, portanto, para agir de tal maneira que tu possas ter fé nas práticas da tua própria classe. Ó tu que és dotado de uma alma impaciente, dirija-te à prática de paciência. Ó tu que tens uma compreensão superficial, procure ser possuidor de inteligência! Desprovido de tranquilidade, procure ser tranquilo, e privado de sabedoria como tu és, procure agir sabiamente! Aquele que se move na companhia dos justos consegue, por sua própria energia, adquirir os meios de realizar o que é benéfico para ele neste mundo e no seguinte. Realmente, a base do benefício (que assim se torna dele aqui e após a morte) é

firmeza resoluta. O sábio nobre Mahabhisha, por falta desta firmeza, caiu do céu. Yayati, também, embora seus méritos tivessem se esgotado (por causa de sua ostentação e embora tenha sido arremessado do céu), conseguiu recuperar regiões de bem-aventurança por sua firmeza. Tu seguramente obterás grande inteligência, como também aquilo que é para o teu maior bem, por cortejar pessoas virtuosas e eruditas possuidoras de mérito ascético.'"

"Bhishma continuou, 'Ouvindo estas palavras do sábio, o rei Vasuman, possuidor de uma boa disposição, afastando sua mente das atividades do desejo, fixou-a sobre a aquisição de Retidão.'"

311

"Yudhishthira disse, 'Cabe a ti, ó avô, me falar sobre aquilo que é livre do dever e seu oposto, que é livre de todas as dúvidas, que transcende nascimento e morte, como também virtude e pecado, que é ventura, que é destemor eterno, que é Eterno e Indestrutível, e Imutável, que é sempre Puro, e que está sempre livre do trabalho do esforço.'"

"Bhishma disse, 'Eu sobre isso te contarei a velha narrativa, ó Bharata, da conversa entre Yajnavalkya e Janaka. Uma vez o famoso rei Daivarati da linhagem de Janaka, totalmente familiarizado com a importância de todas as questões, endereçou essa questão para Yajnavalkya, aquele principal dos Rishis.'"

"'Janaka disse, 'Ó Rishi regenerado, quantos tipos de sentidos existem? Quantos tipos de Prakriti existem também? O que é o Imanifesto e o Brahma sublime? O que é mais elevado do que Brahma? O que é o nascimento e o que é a morte? Quais são os limites da Idade? Cabe a ti, ó principal dos Brahmanas, falar sobre todos esses tópicos para mim que estou desejoso de obter tua graça; eu sou ignorante enquanto tu és um Oceano de conhecimento. Então eu te pergunto! Na verdade, eu desejo te ouvir discursar sobre todos esses assuntos!'"

"'Yajnavalkya disse, 'Ouça, ó monarca, o que eu digo em uma resposta a essas tuas perguntas. Eu te darei o conhecimento superior o qual Yogins valorizam, e especialmente aquele que é possuído pelos Sankhyas. Nada é desconhecido para ti. Tu ainda assim me perguntas. Alguém que é questionado, no entanto, deve responder. Esta é a prática eterna. Oito princípios são chamados pelo nome de Prakriti, enquanto dezesseis são chamados de modificações. Do Manifesto, há sete. Estes são os pontos de vista daquelas pessoas que estão familiarizadas com a ciência de Adhyatma. O Imanifesto (ou Prakriti original), Mahat, Consciência, e os cinco elementos sutis de Terra, Vento, Espaço, Água, e Luz, estes oito são conhecidos pelo nome de Prakriti. Escute agora a enumeração daqueles chamados de modificações. Eles são o ouvido, a pele, a língua, e o nariz; e som, toque, forma, gosto, e cheiro, como também a fala, os dois braços, os dois pés, o ducto inferior (dentro do corpo), e os órgãos de prazer. (Estes, incluindo a Mente, formam os dezesseis chamados de Vrikriti ou modificações de Prakriti.) Entre

esses, os dez começando com som, e tendo sua origem nos cinco grandes princípios (sutis ou Tanmatras), são chamados de Visesha. Os cinco sentidos de conhecimento são chamados de Savisesha, ó soberano de Mithila. Pessoas conhecedoras da Ciência de Adhyatma consideram a mente como o décimo sexto. Isto é compatível com tuas próprias idéias como também com aquelas de outros homens eruditos conhecedores das verdades sobre princípios. Do Imanifesto, ó rei, surgiu a alma Mahat. Os eruditos citam esta como a primeira criação relativa a Pradhana (ou Prakriti). De Mahat, ó rei dos homens, é produzida a Consciência. Esta é chamada de segunda criação tendo a Compreensão como sua essência. (Mahat é às vezes chamado de Buddhi por isso a criação da Consciência a partir de Mahat deve ser a criação relativa a Buddha.) Da Consciência surgiu a Mente que é a essência do som e os outros que são os atributos do espaço e o restante. Esta é a terceira criação, citada como relacionada com a Consciência. Da Mente surgiram os grandes elementos, (numerando cinco), ó rei! Saiba que esta é a quarta criação chamada mental, como eu digo. Pessoas conhecedoras dos elementos primordiais dizem que Som e Toque e Forma e Gosto e Cheiro são a quinta criação, relativa aos Grandes Elementos primordiais. A criação do Ouvido, da Pele, da Língua, e do Olfato, forma a sexta e é considerada como tendo por sua essência a multiplicidade de pensamento. Os sentidos que vêm depois do Ouvido e dos outros (isto é, os sentidos de ação) então surgem, ó monarca. Esta é chamada a sétima criação e se relaciona aos sentidos de Conhecimento. Então, ó monarca, vem o ar que sobe (Prana) e aqueles que têm um movimento transversal (Samana, Udana, e Vyana). Esta é a oitava criação e é chamada de Arjjava. (Arjjava significa ‘relativo a caminhos ou cursos retos’, assim chamada por causa da direção reta desses ares ou ventos.) Então vêm os ares que correm transversalmente nas partes inferiores do corpo (isto é, Samana, Udana e Vyana) e também aquele chamado Apana que ruma para baixo. Esta nona criação também é chamada de Arjjava, ó rei. Estes nove tipos de criação, e estes princípios, ó monarca, os quais numeram vinte e quatro, foram declarados para ti segundo o que está declarado nas escrituras. Depois disto, ó rei, ouça-me enquanto eu te falo as durações de tempo como indicadas pelos eruditos a respeito destes princípios ou atributos.'"

312

"Yajnavalkya disse, ‘Ouça-me, ó principal dos homens, enquanto eu te digo qual é a duração de tempo em relação ao Imanifesto (ou o Purusha Supremo). Dez mil Kalpas são citados como constituindo um único dia dele. A duração de sua noite é igual. Quando sua noite termina, ele desperta, ó monarca, e primeiro cria ervas e plantas que constituem o sustento de todas as criaturas incorporadas. Ele então cria Brahman que surge de um ovo dourado. Aquele Brahman é a forma de todas as coisas criadas, como tem sido ouvido por nós. Tendo morado por um ano inteiro dentro daquele ovo, o grande asceta Brahman, chamado também de Prajapati (Senhor de todas as criaturas), sai dele e cria a Terra inteira e o Céu acima. O Senhor então, isto é lido nos Vedas, ó rei, colocou o firmamento entre o

Céu e a Terra separados um do outro. Sete mil e quinhentos Kalpas medem o dia de Brahman. Pessoas conhecedoras da ciência de Adhyatma dizem que sua noite também é de uma duração igual. Brahmana, chamado Mahan, então cria a Consciência chamada Bhuta (por causa de sua capacidade de criar os Grandes Bhutas, cinco em número), e dotada de essência excelente. Antes de criar quaisquer corpos físicos externos dos ingredientes chamados de Grandes elementos, Mahan ou Brahma, dotado de penitências, criou quatro outros chamados de seus filhos. Eles são os pais dos pais originais, ó melhores dos reis, como ouvido por nós. (Estes quatro são Mente, Buddhi ou Compreensão, Consciência, e Chitwa, que são os pais dos pais primordiais porque deles surgiram os Mahabhutas ou Grandes Criaturas, isto é, os cinco elementos primordiais.) Foi também ouvido por nós, ó monarca, que os sentidos (de conhecimento) junto com as quatro faculdades internas, surgiram dos (cinco Grandes Elementos chamados) Pitris, e que o universo inteiro de seres móveis e imóveis tem sido preenchido com aqueles Grandes elementos. (Os Devas são os Filhos dos Pitris; com os Devas, todos os mundos de Existência Móvel têm sido cobertos.) A Consciência pujante criou os cinco Bhutas. Estes são Terra, Ar, Espaço, Água, e Luz numerando o quinto. Esta Consciência (que é um Grande Ser e) de quem surge a terceira criação, tem cinco mil Kalpas como sua noite, e seu dia é de duração igual. Som, Toque, Forma, Gosto, e Cheiro, estes cinco são chamados de Visesha. Eles são inerentes aos cinco grandes Bhutas. Todas as criaturas, ó rei, permeadas incessantemente por estes cinco, desejam a companhia umas das outras, se tornam subservientes umas às outras; e desafiando umas às outras, transcendem umas às outras; e levadas por aqueles princípios imutáveis e sedutores, as criaturas matam umas às outras e vagam nesse mundo entrando em numerosas ordens de Existência. (Estes dois versos se referem ao poder dos atributos de som, etc., sobre Jiva. Amores e ódios, e todos os tipos de relacionamento de Jiva são devido à ação dos atributos citados.) Três milhares de Kalpas representam a duração de seu dia (dos Mahabhutas). A medida de sua noite também é a mesma. A Mente vaga sobre todas as coisas, ó rei, levada pelos Sentidos. Os Sentidos não percebem qualquer coisa. É a Mente que percebe através deles. O Olho vê formas quando ajudado pela Mente mas nunca por si mesmo. Quando a Mente está distraída, o Olho falha em perceber até os objetos inteiramente diante dele. Geralmente é dito que os Sentidos percebem. Isto não é verdade, pois é a Mente que percebe através dos Sentidos. Quando ocorre a cessação da atividade da Mente, a cessação da atividade dos Sentidos se segue. É a cessação da atividade dos Sentidos aquela que é a cessação da atividade da Mente. Deve-se assim considerar os Sentidos como estando sob a dominação da Mente. De fato, a Mente é citada como sendo o Senhor de todos os Sentidos. Ó tu de grande fama, estes são todos os vinte Bhutas no Universo.'"

313

"Yajnavalkya disse, 'Eu te falei, uma depois da outra, a ordem da criação, com seu número total, dos vários princípios, como também a extensão da duração de

cada um. Ouça-me agora enquanto eu te falo da destruição deles. Ouça como Brahman, que é eterno e imperecível, e que é sem início e sem fim, repetidamente cria e destrói todos os objetos criados. Quando seu dia termina e chega a noite, ele fica desejoso de dormir. Em tal hora o imanifesto e santo incita o Ser chamado Maharudra, que é consciente dos seus grandes poderes, (para destruir o mundo). Incitado pelo imanifesto, aquele Ser assumindo a forma de Surya de centenas de milhares de raios, se divide em uma dúzia de partes cada uma parecendo com um fogo ardente. Ele então consome com sua energia, ó monarca, sem qualquer perda de tempo, as quatro espécies de seres criados, isto é, vivíparos, ovíparos, nascidos da sujeira, e vegetais. Dentro de um piscar de olhos todas as criaturas móveis e imóveis sendo assim destruídas, a Terra se torna por todos os lados tão despida quanto uma casca de tartaruga. Tendo queimado tudo sobre a face da Terra, Rudra, de poder incomensurável, então rapidamente enche a Terra nua com Água possuidora de grande força. Ele então cria o fogo-Yuga que seca completamente aquela Água (na qual a Terra nua foi dissolvida). A Água desaparecendo, o grande elemento do Fogo continua a queimar violentamente. Então vem o poderoso Vento de força incomensurável, em suas oito formas, que consome rapidamente aquele fogo ardente de força transcendente, possuidor de sete chamas, e identificável com o calor existente em todas as criaturas. Tendo consumido aquele fogo, o Vento corre em todas as direções, para cima, para baixo, e transversalmente. Então o Espaço de extensão incomensurável consome aquele Vento de energia transcendente. Então a Mente consome alegremente aquele Espaço incomensurável. Então aquele Senhor de todas as criaturas, isto é, a Consciência, que é a Alma de todas as coisas, consome a Mente. A Consciência, por sua vez, é consumida pela alma Mahat que conhece o Passado, o Presente, e o Futuro. A incomparável alma Mahat ou Universo é então consumida por Sambhu, aquele Senhor de todas as coisas, a quem os atributos de Yoga de Anima, Laghima, Prapti, etc., inerem naturalmente, que é considerado como a Refulgência Suprema e pura que é Imutável. Suas mãos e pés se estendem sobre todas as partes; seus olhos e cabeças e rostos estão em todos os lugares, seus ouvidos alcançam todos os lugares, e ele existe subjugando todas as coisas. Ele é o coração de todas as criaturas; Sua medida é a de um dígito do polegar. Aquela Alma Infinita e Suprema, aquele Senhor de tudo, assim consome o Universo. Depois disso, o que permanece é o Imperecível e o Imutável. Alguém que não tem defeitos de qualquer tipo, que é o Criador do Passado, do Presente, e do Futuro; e que é perfeitamente impecável. Eu assim, ó monarca, devidamente te falei da Destruição. Eu irei agora discursar para ti sobre os assuntos de Adhyatma, Adhibhuta, e Adhidaivata.'"

314

'Yajnavalkya disse, 'Brahmanas conhecedores dos tópicos de investigação falam dos dois pés como Adhyatma, da ação de andar como Adhibhuta, e de Vishnu como Adhidaivatam (daqueles dois membros). O ducto inferior é Adhyatma; sua função de expulsar as fezes é Adhibhuta, e Mitra (Surya) é o

Adhidaivata (daquele órgão). O órgão de geração é chamado Adhyatma. Sua função agradável é chamada Adhibhuta, e Prajapati é seu Adhidaivata. As mãos são Adhyatma; sua função como representada por ações é Adhibhuta; e Indra é o Adhidaivata daqueles membros. Os órgãos da fala são Adhyatma; as palavras proferidas por eles são Adhibhuta; e Agni é seu Adhidaivata. O olho é Adhyatma; visão ou forma é seu Adhibhuta; e Surya é o Adhidaivata daquele órgão. O ouvido é Adhyatma; o som é Adhibhuta; e os pontos do horizonte são seu Adhidaivata. A língua é Adhyatma, o gosto é seu Adhibhuta; e a Água é seu Adhidaivata. O sentido do olfato é Adhyatma; o odor é seu Adhibhuta; e a Terra é seu Adhidaivata. A pele é Adhyatma; o toque é seu Adhibhuta; e o Vento é seu Adhidaivata. A mente é chamada de Adhyatma; aquilo com o qual a Mente está ocupada é Adhibhuta; e Chandramas é seu Adhidaivata. Consciência é Adhyatma; a convicção da própria identidade com Prakriti é seu Adhibhuta; e Mahat ou Buddhi é seu Adhidaivata. Buddhi é Adhyatma; aquilo que é para ser compreendido é seu Adhibhuta; e Kshetrajna é seu Adhidaivata. Eu assim realmente expus para ti, ó rei, com seus detalhes tomados individualmente, a pujança do Supremo (em Se manifestar em diferentes formas) no início, no meio, e no fim, ó tu que conheces completamente a natureza dos tópicos ou princípios originais. Prakriti, alegremente e por sua própria iniciativa, como se por esporte, ó monarca, produz, por sofrer modificações em si mesma, milhares e milhares de combinações de suas transformações originais chamadas Gunahs. Como homens podem acender milhares de lâmpadas somente de uma única lâmpada, da mesma maneira Prakriti, por modificação, multiplica em milhares de objetos existentes os (três) atributos (de Sattwa e Rajas e Tamas) de Purusha. Paciência, alegria, prosperidade, satisfação, claridade de todas as faculdades, felicidade, pureza, saúde, contentamento, fé, generosidade, compaixão, perdão, firmeza, benevolência, equanimidade, verdade, quitação de obrigações, suavidade, modéstia, tranquilidade, pureza externa, simplicidade, observância de práticas obrigatórias, desapaixonamento, destemor de coração, indiferença pelo aparecimento ou não de bem e mal como também por ações passadas, apropriação de objetos somente quando obtidos por doações, a ausência de cobiça, respeito pelos interesses de outros, compaixão por todas as criaturas; estas têm sido citadas como as qualidades ligadas ao atributo de Sattwa. A lista das qualidades que se vinculam ao atributo de Rajas consiste em orgulho de beleza pessoal, afirmação de domínio, guerra, desinclinação para doar, ausência de compaixão, desfrute ou tolerância de felicidade e tristeza, prazer em de falar mal de outros, indulgência em discussões e disputas de todos os tipos, arrogância, indelicadeza, ansiedade, indulgência em hostilidades, tristeza, apropriação do que pertence aos outros, cinismo, desonestidade, desuniões, aspereza, luxúria, ira, orgulho, afirmação de superioridade, malícia, e calúnia. Estas são citadas como surgindo dos atributos de Rajas. Eu agora te falarei daquele conjunto de qualidades que surgem de Tamas. Elas são adormecimento do raciocínio, obscurecimento de todas as faculdades, escuridão e escuridão cega. Por escuridão é implicada morte, e por escuridão cega se quer dizer a ira. Além dessas, as outras indicações de Tamas são ganância em relação a todos os tipos e alimento, apetite contínuo por comida e bebida, gostar de perfumes e vestes e esportes e camas e assentos e dormir durante o dia e maledicência e todos os

tipos de ações procedendo da negligência, ter prazer, por ignorância (de fontes mais puras de alegria) em dançar e em música instrumental e vocal, e aversão por todos os tipos de religião. Estas, de fato, são as indicações de Tamas.'"

315

"'Yajnavalkya disse, 'Estes três, ó principal dos homens, (isto é, Sattwa, Rajas,e Tamas), são os atributos de Prakriti. Estes se ligam a todas as coisas do universo e sempre são inerentes a eles. O Purusha Imanifesto dotado dos seis atributos de Yoga se transforma por si mesmo em centenas e milhares e milhões e milhões de formas (por aceitar estes três atributos). Aqueles que estão familiarizados com a ciência de Adhyatma dizem que para o atributo de Sattwa está designado um lugar alto, para Rajas um mediano, e para Tamas, um lugar baixo no universo. Pela ajuda da virtude pura alguém alcança um fim elevado (isto é, aquele das divindades ou de outros seres celestiais). Pela virtude misturada com pecado alguém obtém a posição de humanidade. Enquanto através do pecado puro alguém afunda em um fim vil (por se tornar um animal ou um vegetal etc.). Escute agora a mim, ó rei, enquanto eu te falo da mistura ou combinações dos três atributos de Sattwa, Rajas, e Tamas. Às vezes Rajas é visto existindo com Sattwa. Tamas também existe com Rajas. Com Tamas também pode ser visto Sattwa. Então também podem Sattwa e Rajas e Tamas ser vistos existindo juntos e em proporções iguais. Eles constituem o Imanifesto ou Prakriti. Quando o Imanifesto (Purusha) vem a ser dotado somente de Sattwa, ele alcança as regiões das divindades. Dotado de Sattwa e Rajas, ele nasce entre os seres humanos. Dotado de Rajas e Tawas, ele nasce entre a classe de existência intermediária. Dotado de todos os três, isto é, Sattwa e Rajas e Tamas, ele alcança a posição de humanidade. Aquelas pessoas de grande alma que transcendem a virtude e o pecado, isto é dito, alcançam aquele local que é eterno, imutável, imperecível, e imortal. Homens de conhecimento obtêm nascimentos que são muito superiores, e seu lugar é impecável e imperecível, transcendendo o alcance dos sentidos, livre da ignorância, acima de nascimento e morte, e cheio de luz que dissipa todos os tipos de escuridão. Tu me perguntaste acerca da natureza do Supremo residindo no Imanifesto, (isto é, Purusha). Eu te falarei, ouça-me, ó rei. Mesmo quando residindo em Prakriti, Ele é citado como residindo em Sua própria natureza sem partilhar da natureza de Prakriti. (Purusha, mesmo quando residindo no invólucro que Prakriti fornece para ele, não partilha da natureza de Prakriti mas continua a ser não corrompido por ela.) Prakriti, ó rei, é inanimada e ininteligente. Somente quando presidida por Purusha, ela pode então criar e destruir.'"

"'Janaka disse, 'Ambos, Prakriti e Purusha, ó tu de grande inteligência, são sem início e sem fim. Ambos não têm forma. Ambos são imperecíveis. Ambos, também, são incompreensíveis. Como então, ó principal dos Rishis, pode ser dito que um deles é inanimado e ininteligente? Como, também, o outro é citado como sendo animado e inteligente? E por que o último é chamado de Kshetrajna? Tu, ó principal dos Brahmanas, conheces completamente toda a religião da Emancipação. Eu desejo ouvir em detalhes sobre a religião da Emancipação em

sua totalidade. Fale para mim então da existência e Unidade de Purusha, de sua separatividade de Prakriti, das divindades que se ligam ao corpo, do lugar para o qual as criaturas incorporadas vão quando elas morrem, e daquele lugar para o qual elas podem no final, com o decorrer do tempo, ser capazes de ir. Fale-me também do Conhecimento descrito no sistema Sankhya, e do sistema Yoga separadamente. Cabe a ti também falar dos sintomas premonitórios de morte, ó melhor dos homens. Todos esses tópicos são bem conhecidos por ti assim como um (emblic) myrobalan (fruto da groselheira-espinhosa) em tua mão!'"

316

"'Yajnavalkya disse, 'Aquilo que é sem atributos, ó filho, nunca pode ser explicado por atribuir atributos a ele. Ouça-me, no entanto, enquanto eu te explico o que é possuidor de atributos e o que é destituído deles. Munis de grande alma conhecedores da verdade com relação a todos os tópicos ou princípios dizem que quando Purusha apreende atributos como um cristal capturando o reflexo de uma flor vermelha, ele vem a ser chamado como possuidor de atributos; mas quando livre de atributos como o cristal livre do reflexo, ele vem a ser observado em sua natureza real, ou seja, como além de todos os atributos. A Prakriti Imanifesta é por sua natureza dotada de atributos. Ela não pode transcendê-los. Desprovida de inteligência por natureza, ela se torna ligada aos atributos. A Prakriti Imanifesta não pode conhecer alguma coisa, enquanto Purusha, por sua natureza, é possuidor de conhecimento, 'Não há nada maior do que eu mesmo', disso mesmo é que Purusha está sempre consciente. Por esta razão o imanifesto (ou Prakriti), embora naturalmente inanimado e ininteligente, ainda se torna inanimado e inteligente por sua união com Purusha que é Eterno e Indestrutível em vez de permanecer em sua própria natureza devido à destrutibilidade. (Prakriti, a qual é realmente ininteligente e incapaz de gozo e sofrimento, se torna inteligente e capaz de gozo ou sofrimento por estar unida com Purusha que é inteligente. Dessa maneira quando sensações aprazíveis ou dolorosas são sentidas, é o corpo que parece senti-las somente por causa da Alma que preside sobre ele.) Quando Purusha, por ignorância, se torna associado com atributos repetidamente, ele falha em compreender sua própria natureza real e portanto ele fracassa em alcançar a Emancipação. Pelo domínio de Purusha sobre os princípios que fluem de Prakriti, é dito que ele partilha da natureza daqueles princípios. Por causa também de sua agência na questão da criação, é dito que ele possui o atributo de criação. Por sua agência na questão do Yoga, é dito que ele possui o atributo do Yoga. Por seu domínio sobre aqueles princípios específicos conhecidos pelo nome de Prakriti, é dito que ele possui a natureza de Prakriti. Por sua agência na questão de criar as sementes (de todos os objetos imóveis), é dito que ele partilha da natureza daquelas sementes. E porque ele faz os vários princípios ou atributos começarem a viver, ele é, portanto, citado como estando sujeito à decadência e destruição (pois aqueles mesmos princípios estão sujeitos a isso). Por ele ser também a testemunha de tudo, e também por não haver nada mais além dele, como também por sua consciência de identidade com Prakriti, Yatis coroados com

êxito ascético, conhecedores de Adhyatma, e livres de febre de todos os tipos, o consideram como existindo por si mesmo sem um segundo, imutável, imanifesto (na forma de causa), instável, e manifesto (na forma de efeitos). Isto é o que foi ouvido por nós. Aqueles Sankhyas, no entanto, que dependem somente do Conhecimento (para sua Emancipação) e da prática de compaixão por todas as criaturas, dizem que é Prakriti que é Única mas que Purushas são muitos. (Isto se refere à opinião dos Sankhyas ateístas.) Na realidade, Purusha é diferente de Prakriti, a qual embora instável, ainda aparece como estável. Como uma folha de junco é diferente de sua cobertura exterior, assim mesmo Purusha é diferente de Prakriti. De fato, o verme que está acomodado dentro do Udumvara deve ser conhecido como diferente do Udumvara. Embora existindo com o Udumvara, o verme não deve ser considerado como formando uma parte do Udumvara. O peixe é distinto da água na qual ele vive, e a água é distinta do peixe que vive nela. Embora o peixe e a água existam juntos, ainda assim ele nunca é encharcado pela água. O fogo que está contido em uma panela de barro é distinto da panela de barro, e a panela é distinta do fogo que ela contém. Embora o fogo exista dentro e com a panela, ainda assim ele não deve ser considerado como formando alguma parte dela. A folha de lótus que flutua sobre uma quantidade de água é distinta da parte de água na qual ela flutua. Sua coexistência com a água não a faz uma parte da água. A existência perene daqueles objetos em e com aqueles mencionados nunca é entendida corretamente por pessoas comuns. Aqueles que vêem Prakriti e Purusha de algum outro ponto de vista são citados como possuidores de uma opinião que é incorreta. É certo que eles têm que afundar repetidamente no inferno terrível. Eu assim te falei da filosofia dos Sankhyas, aquela ciência excelente pela qual todas as coisas têm sido averiguadas corretamente. Averiguando a natureza de Purusha e Prakriti dessa maneira, os Sankhyas alcançam a Emancipação. Eu também te falei dos sistemas daqueles outros que estão familiarizados com os grandes princípios do universo. Eu agora te falarei da ciência dos Yogins.'"

317

"Yajnavalkya disse, 'Eu já te falei da ciência dos Sankhyas. Ouça-me agora enquanto eu te falo realmente da ciência dos Yogins como ouvida e vista por mim, ó melhor dos reis! Não há conhecimento que possa se comparar com aquele dos Sankhyas. Não há força que se compare com aquela do Yoga. Estes dois ordenam as mesmas práticas, e ambos são considerados como capazes de levar à Emancipação. Aqueles homens que não são abençoados com inteligência consideram os sistemas Sankhya e Yoga como sendo diferentes um do outro. Nós, no entanto, ó rei, os consideramos como um e o mesmo, de acordo com a conclusão à qual nós chegamos (depois de estudo e reflexão). Aquilo que os Yogins têm em vista é o mesmo que os Sankhyas também têm em vista. Aquele que vê ambos os sistemas Sankhya e Yoga como idênticos é para ser considerado como realmente conhecedor dos tópicos ou princípios que ordenam o universo. Saiba, ó rei, que os ares vitais e os sentidos são os principais meios

para praticar Yoga. Somente por regular aqueles ares e os sentidos, os Yogins vagam por todos os lugares à sua vontade; (em seus corpos sutis ou linga-sarira). Quando o corpo grosseiro é destruído, os Yogins, dotados de corpos sutis possuidores dos oito atributos de Yoga de Anima, Laghima, Prapti, etc., vagam pelo universo, desfrutando (naquele corpo) de todos os tipos de felicidade, ó impecável. Os sábios, nas escrituras, têm falado de Yoga como concedendo oito tipos de força. Eles têm falado de Yoga como possuidor de oito membros. (Que são Pranayama, Pratyahara, Dhyana, Dharana, Tarka, Samadhi, com os dois adicionais de Yama e Niyama.) De fato, ó rei, eles não têm falado de qualquer outro tipo de Yoga. É dito que as práticas dos Yogins, excelentes como elas são (por seus resultados), são de dois tipos. Aqueles dois tipos, segundo as indicações existentes nas escrituras, são práticas dotadas de atributos e aquelas livres de atributos. A concentração da mente (Dharana) nos dezesseis objetos citados (nos tratados sobre Yoga), com regulação simultânea da respiração, ó rei, é um tipo. A concentração da mente de tal maneira quanto a destruir toda a diferença entre o contemplador, o objeto contemplado, e o ato de contemplação junto com a subjugação dos sentidos, é de outro tipo. O primeiro tipo de Yoga é citado como possuidor de atributos; o segundo tipo é citado como sendo livre de atributos. Então, também, a regulação da respiração é Yoga com atributos. No Yoga sem atributos, a mente, livre de suas funções, deve ser fixada. Somente a regulação da respiração que é citada como sendo dotada de atributos deve, em primeiro lugar, ser praticada, pois, ó soberano de Mithila, se a respiração (que é inalada e suspensa) for expirada sem refletir mentalmente durante esse tempo sobre uma imagem definida (fornecida por um mantra restrito), o ar no sistema do neófito irá aumentar para seu grande prejuízo. (Em Saguna Pranayama, quando o ar é inalado, a inalação é medida pelo tempo tomado em recitar mentalmente um mantra bem conhecido. Assim quando a respiração inalada é suspensa, a suspensão é medida pelo tempo tomado para recitar mentalmente um mantra específico. Quando, portanto, o fôlego suspenso deve ser expirado, isto deve ser feito por medir o tempo da expiração da mesma maneira. Para principiantes, este Saguna Pranayama é recomendado. Naturalmente somente a exalação foi citada mas isto se aplica igualmente à inalação e suspensão. Estes três processos, em linguagem de Yoga, são Puraka, Kumbhaka, e Rechaka.) No primeiro Yama da noite, doze meios de reter a respiração são recomendados. Depois do sono, no último Yama da noite, outras doze maneiras de fazer o mesmo são prescritas. Sem dúvida, alguém dotado de tranquilidade, de sentidos subjugados, vivendo em isolamento, se regozijando em si mesmo, e totalmente conhecedor da importância das escrituras, deve (regulando sua respiração dessas vinte e quatro maneiras) fixar a própria Alma (na Alma Suprema). Dissipando as cinco imperfeições dos cinco sentidos, isto é, (retirando-os de seus objetos de) som, forma, toque, gosto, e cheiro, e dissipando aquelas condições chamadas Pratibha e Apavarga, ó soberano dos Mithilas, todos os sentidos devem ser fixados na mente. A mente deve então ser fixada na Consciência, ó rei, a Consciência deve em seguida ser fixada na inteligência ou Buddhi, e Buddhi deve então ser fixada em Prakriti. Fundindo dessa maneira estes um depois do outro, Yogins contemplam a Alma Suprema que é Una, que é livre de Rajas, que é imaculada, que é Imutável e Infinita e Pura e sem defeitos, que é Purusha Eterno, que é Imutável, que é

Indivisível, que é sem decadência e morte, que é eterna, que transcende diminuição, e que é Brahma Imutável. Escute agora, ó monarca, as indicações de alguém que está em Yoga. Todas as indicações de contentamento alegre que são daquele que está dormindo satisfeito são vistos na pessoa que está em Samadhi. A pessoa em Samadhi, os sábios dizem, parece com a chama fixa e ascendente de uma lâmpada que está cheia de óleo e que queima em um local sem brisa. Ele é como uma rocha que não pode ser movida no menor grau mesmo por um aguaceiro pesado das nuvens. Ele não pode ser alterado pelo barulho de conchas e baterias, ou por canções ou pelo som de centenas de instrumentos musicais batidos ou soprados juntos. Esta mesma é a indicação de alguém em Samadhi. Como um homem de coragem fria e determinação, enquanto subindo uma escada com um recipiente cheio de óleo em sua mão, não derrama nem uma gota do líquido se assustado e ameaçado por pessoas armadas com armas, assim mesmo o Yogin, quando sua mente foi concentrada e quando ele contempla a Alma Suprema em Samadhi, por causa da parada total das funções de seus sentidos em tal momento, não se move no menor grau. Exatamente estas devem ser conhecidas como as indicações do Yogin enquanto ele está em Samadhi. Enquanto em Samadhi, o Yogin vê Brahma que é Supremo e Imutável, e que está situado como uma Refulgência ardente no meio da densa Escuridão. É por estes meios que ele alcança, depois de muitos anos, a Emancipação depois de abandonar este corpo inanimado. Isso mesmo é o que o Sruti eterno declara. Isso é chamado de Yoga dos Yogins. O que mais é isso? Conhecendo-o, aqueles que são dotados de sabedoria se consideram coroados com sucesso.'"

318

'Yajnavalkya disse, 'Escute agora a mim, com atenção, ó rei, quanto a quais são os lugares para os quais aqueles que morreram têm que ir. Se a alma Jiva escapa através dos pés, é dito que o homem vai para a região de Vishnu. Se através das panturrilhas, é sabido por nós que o homem vai para as regiões dos Vasus. Se através dos joelhos, ele alcança a companhia daquelas divindades que são chamadas de Sadhyas. Se através do ducto inferior, o homem alcança as regiões de Mitra. Se através dos dorsais, o homem volta à Terra, e se pelas coxas para a região de Prajapati. Se através dos flancos, o homem alcança as regiões dos Maruts, e se através das narinas, a região de Chandramas. Se pelos braços, o homem vai à região de Indra, e se através do peito, para aquela de Rudra. Se através do pescoço, o homem vai para a região excelente daquele principal dos ascetas conhecido pelo nome de Nara. Se através da boca, o homem alcança a região dos Viswadevas e se através das orelhas, à região das divindades dos vários pontos do horizonte. Se através do nariz, o homem alcança a região do Deus do Vento; e se através dos olhos, a região de Agni. Se através das sobrancelhas, o homem vai para a região dos Aswins; e se através da testa, para aquela dos Pitris. Se através do topo da cabeça, o homem alcança a região do pujante Brahman, aquele principal dos deuses. Eu assim te disse, ó soberano de Mithila, os vários lugares para os quais os homens vão de acordo com a maneira

pela qual suas almas Jiva saem de seus corpos. Eu agora te falarei da indicação premonitória, como declarada pelos sábios, daqueles que têm somente um ano de vida. Alguém, que tendo anteriormente visto a estrela fixa chamada Arandhati, falha em vê-la, ou aquela outra estrela chamada Dhruva (a estrela Polar), ou alguém que vê a Lua cheia ou a chama de uma lâmpada ardente ser desviada em direção ao sul, tem somente um ano de vida. Aqueles homens, ó rei, que não podem mais ver imagens deles mesmos refletidas nos olhos de outros, têm somente um ano de vida. Alguém que, sendo dotado de esplendor o perde, ou sendo dotado de sabedoria a perde, de fato, alguém cuja natureza interna e externa é assim mudada, tem somente seis meses mais de vida. Aquele que desrespeita as divindades, ou briga com os Brahmanas, ou alguém que, sendo naturalmente de uma cor escura fica com uma cor pálida, tem somente seis meses mais de vida. Alguém que vê o disco lunar ter muitos buracos como uma teia de aranha, ou alguém que vê o disco solar ter buracos similares tem somente uma semana mais para viver. Alguém que, quando cheirando perfumes fragrantes em lugares de culto, os percebe como sendo tão ofensivos quanto o cheiro de cadáveres, tem somente uma semana mais de vida. O enfraquecimento de atividade do nariz ou dos ouvidos, a descoloração dos dentes ou dos olhos, a perda de toda a consciência, e a perda também de todo calor animal, são sintomas indicando a morte naquele mesmo dia. Se, sem qualquer causa perceptível, uma corrente de lágrimas flui de repente do olho esquerdo de alguém, e se vapores são vistos emanarem de sua cabeça, esta é uma indicação certa de que o homem irá morrer antes daquele dia terminar. Conhecendo todos esses sintomas premonitórios, o homem de alma purificada dia e noite une sua alma com a Alma Suprema (em Samadhi). Assim ele deve continuar até que chegue o dia de sua dissolução. Se, no entanto, em vez de desejar morrer ele deseja viver neste mundo, ele rejeita todos os prazeres, todos os perfumes e gostos, ó rei, e vive em abstinência. Ele assim conquista a morte por fixar sua alma na Alma Suprema. De fato, o homem que é abençoado com conhecimento da Alma, ó monarca, pratica o rumo de vida recomendado pelos Sankhyas e conquista a morte por unir sua alma com a Alma Suprema. Finalmente, ele alcança ao que é totalmente indestrutível, que é sem nascimento, que é auspicioso, e imutável, e eterno, e estável, e que não pode ser alcançado por homens de almas impuras.'"

319

"Yajnavalkya disse, 'Tu me perguntaste, ó monarca, daquele Brahma Supremo que reside no Imanifesto. A tua questão diz respeito a um mistério profundo. Ouça-me com atenção cuidadosa, ó rei! Tendo me comportado com humildade segundo as ordenanças declaradas pelos Rishis eu obtive os Yajushes, ó rei, de Surya. Com as penitências mais austeras eu antigamente adorei a divindade que dá calor. O pujante Surya, ó impecável, satisfeito comigo, disse, ‘Peça, ó Rishi regenerado, o benefício sobre o qual tu colocaste teu coração, embora ele possa ser de aquisição difícil, eu irei, com alma alegre, concedê-lo para ti. É muito difícil me inclinar à graça!’ Reverenciando-o com uma inclinação de minha cabeça,

aquele principal dos corpos luminosos dador de calor foi endereçado por mim nestas palavras, ‘Eu não tenho conhecimento dos Yajushes. Eu desejo conhecê-los sem perda de tempo!’ O santo, assim solicitado, me disse, ‘Eu te darei os Yajushes. Composta da essência da palavra, a deusa Saraswati entrará em teu corpo.’ A divindade então me mandou abrir minha boca. Eu fiz como tinha sido mandado. A deusa Saraswati então entrou em meu corpo, ó impecável. Nisto, eu comecei a queimar. Incapaz de suportar a dor eu mergulhei em um rio. Não compreendendo que o que Surya de grande alma tinha feito para mim era para o meu bem, eu fiquei até zangado com ele. Enquanto eu estava queimando com a energia da deusa, o santo Surya me disse, ‘Aguente essa sensação ardente somente por pouco tempo. Isso logo cessará e tu ficarás frio.’ De fato eu fiquei frio. Me vendo restabelecido à tranquilidade, o Fazedor de luz me disse, ‘Todos os Vedas, mesmo com aquelas partes que são consideradas como seu apêndice, junto com os Upanishads, aparecerão em ti por luz interior, ó regenerado! Os Satapathas inteiros também tu irás editar, ó principal dos regenerados. Depois disso, tua compreensão se voltará para o caminho da Emancipação. Tu também alcançarás aquele fim que é desejável e que é cobiçado por Sankhyas e Yogins!’ Tendo dito estas palavras para mim, o divino Surya procedeu para as colinas Asta. Ouvindo suas últimas palavras, e depois que ele tinha partido do local onde eu estava, eu fui para casa em alegria e então me lembrei da deusa Saraswati. Lembrada por mim, a auspiciosa Saraswati apareceu imediatamente diante de meus olhos, adornada com todas as vogais e as consoantes e tendo colocado a sílaba Om na dianteira. Eu então, de acordo com a ordenança, ofereci para a deusa o Arghya usual, e dediquei outro para Surya, aquela principal de todas as divindades que dão calor. Cumprindo este dever eu tomei meu assento, devotado a ambas aquelas divindades. Então, todos os Brahmanas Satapatha, com todos os seus mistérios e com todos os seus resumos como também seus apêndices, apareceram perante minha visão mental, pelo qual eu fiquei cheio de grande alegria. Eu então os ensinei para uma centena de bons discípulos e assim fiz o que era desagradável para meu tio materno de grande alma (Vaisampayana) com os discípulos reunidos ao redor dele. (Pois Vaisampayana era um reconhecido professor dos Vedas e ficou com ciúmes quando seu sobrinho Yajnavalkya, tendo obtido os Vedas de Surya, começou a ensiná-los.) Então, brilhando no meio de meus discípulos como o próprio Sol com seus raios, eu peguei a administração do Sacrifício do teu pai de grande alma, ó rei. Naquele Sacrifício surgiu uma disputa entre mim e meu tio materno quanto a quem deveria ser permitido se apropriar do Dakshina que foi pago pela recitação dos Vedas. Na própria presença de Devala, eu peguei metade daquele Dakshina (a outra metade indo para meu tio materno). Teu pai e Sumantra e Paila e Jaimini e outros contratados todos concordaram com esse acordo. (Isto mostra que eu fui então considerado como igual ao próprio Vaisampayana na questão de conhecimento Védico. Sumanta e Paila e Jaimini, com Vaisampayana foram os Rishis que ajudaram o grande Vyasa na tarefa de organizar os Vedas).”

'Eu assim obtive de Surya os cinquenta Yajushes, ó monarca. Eu então estudei os Puranas com Romaharshana. Mantendo perante mim aqueles Mantras (originais) e a deusa Saraswati, eu então, ó rei, ajudado pela inspiração de Surya,

me pus a compilar os excelentes Brahmanas Satapatha, e consegui realizar a tarefa nunca antes empreendida por ninguém mais. Aquele caminho o qual eu tinha desejado tomar foi tomado por mim e eu também o ensinei para meus discípulos. De fato, todos aqueles Vedas com seus resumos foram dados por mim para aqueles meus discípulos. Puros em mente e corpo, todos aqueles discípulos, pelas minhas instruções, ficaram cheios de alegria. Tendo estabelecido (para o uso de outros) este conhecimento consistindo em cinquenta ramos que eu obtive de Surya, eu agora medito no grande objeto daquele conhecimento (isto é, Brahma). O Gandharva Viswavas, bom conhecedor das escrituras Vedanta, desejoso, ó rei, de averiguar o que é benéfico para os Brahmanas neste conhecimento e qual verdade se encontra nele, e qual é o objeto excelente deste conhecimento, uma vez me questionou. Ele me fez ao todo vinte e quatro perguntas, ó rei, relativas aos Vedas. Finalmente, ele me fez uma vigésima quinta pergunta, relacionada ao ramo de conhecimento que diz respeito às inferências de raciocínio. Aquelas questões são as seguintes: O que é universo e o que é não-Universo? O que é Aswa e Aswa? O que é Mitra? O que é Varuna? O que é o Conhecimento? O que é Objeto de conhecimento? O que é Ininteligente? O que é Inteligente? Quem é Kah? Quem é possuidor do princípio de mudança? Quem não é possuidor do mesmo? O que é que devora o Sol e o que é o Sol? O que é Vidya e o que é Avidya? O que é Imóvel e o que é Móvel? O que não tem começo, o que é Indestrutível, e o que é Destrutível? Estas foram as perguntas excelentes feitas a mim por aquele principal dos Gandharvas. Depois que o rei Viswavasu, aquele principal dos Gandharvas, tinha me feito estas perguntas uma depois da outra, eu as respondi devidamente. A princípio, no entanto, eu disse a ele, ‘Espere por um breve espaço de tempo, até eu refletir sobre tuas perguntas!’ ‘Assim seja’, o Gandharva disse, e ficou em silêncio. Eu então pensei mais uma vez na deusa Saraswati em minha mente. As respostas então para aquelas questões então surgiram naturalmente em minha mente como manteiga de coalhos. Mantendo em vista a elevada ciência do raciocínio inferencial, eu bati com minha mente, ó monarca, os Upanishads e as escrituras suplementares relativas aos Vedas. A quarta ciência (as outras três sendo os Vedas, cultura Eixo, e a ciência de moralidade e punição), então, que trata da Emancipação, ó principal dos reis, e sobre a qual eu já te falei, e que é baseada sobre o vigésimo quinto, isto é, Jiva, eu então expliquei para ele. Tendo dito tudo isso, ó monarca, para o rei Viswavasu, eu então me dirigi a ele, dizendo, ‘Ouça agora as respostas que eu dou para as várias perguntas que tu me fizeste. Eu agora me dirijo à pergunta, ó Gandharva, que tu fizeste, isto é, ‘O que é Universo e o que é não-Universo? O Universo é Prakriti Imanifesta e original dotada dos princípios de nascimento e morte que são terríveis (para aqueles que desejam a Emancipação). Ela é, além disso, possuidora dos três atributos (de Sattwa, Rajas, e Tamas em proporções exatamente iguais), por produzir princípios todos os quais estão repletos daqueles atributos. (Todos os princípios de Mahat, etc., que fluem de Prakriti, são caracterizados por esses três atributos em diversas proporções.) Aquilo que é Não-universo é Purusha desprovido de todos os atributos. Por Aswa e Aswa se quer dizer o feminino e o masculino, isto é, a primeira é Prakriti e o último é Purusha. Similarmente, Mitra (a divindade que dá luz e calor) é Purusha, e Varuna (as águas que compõem o universo) é Prakriti. O conhecimento, também, é citado

como sendo Prakriti, enquanto o objeto a ser conhecido é chamado de Purusha. O Ignorante (Jiva), e o Conhecedor ou Inteligente são ambos Purusha sem atributos (pois é Purusha que se torna Jiva quando investido com Ignorância). Tu perguntaste o que é Kah, o que é dotado de mudança e o que não é dotado dela. Eu respondo, Kah é Purusha (Ananda ou bem-aventurança). Aquilo que é dotado de mudança é Prakriti. Aquilo não dotado dela é Purusha. Similarmente, aquilo que é chamado de Avidya (o incompreensível) é Prakriti; e aquilo que é chamado de Vidya é Purusha. Tu me perguntaste acerca do Móvel e do Imóvel. Ouça qual é minha resposta. Aquilo que é móvel é Prakriti, a qual, passando por modificação, constitui a causa da Criação e Destruição. O Imóvel é Purusha, pois sem sofrer modificações ele ajuda na Criação e Destruição. (Segundo um sistema diferente de filosofia) aquilo que é Vedya é Prakriti; enquanto aquilo que é Avedya é Purusha. Ambos Prakriti e Purusha são citados como sendo ininteligentes, estáveis, indestrutíveis, não nascidos e eternos, segundo as conclusões às quais chegaram filósofos conhecedores dos tópicos incluídos no nome de Adhyatma. Por causa da indestrutibilidade de Prakriti na questão da Criação, Prakriti, que é não nascida, é considerada como não sujeita à decadência ou destruição. Purusha, também, é indestrutível e imutável, pois ele não tem mudanças. Os atributos que residem em Prakriti são destrutíveis, mas não a própria Prakriti. Os eruditos, portanto, chamam Prakriti de indestrutível. Prakriti também, por sofrer modificações, opera como a causa da Criação. Os resultados criados aparecem e desaparecem, mas não a Prakriti original. Por isso Prakriti também é chamada de indestrutível. Dessa maneira eu te disse as conclusões da Quarta Ciência baseada nos princípios de inferência raciocinativa e que tem Emancipação como seu fim. Tendo adquirido pela ciência de inferência raciocinativa e por servir preceptores, o Rik, os Samans, e os Yajushes, todas as práticas obrigatórias devem ser observadas e todos os Vedas estudados com reverência, ó Viswavasu! Ó principal dos Gandharvas, aqueles que estudam os Vedas com todos os seus ramos, mas que não conhecem a Alma Suprema da qual todas as coisas têm seu nascimento e na qual todas as coisas são absorvidas quando chega a destruição, e que é o único objeto cujo conhecimento os Vedas procuram inculcar; de fato, aqueles que não conhecem aquilo que os Vedas procuram estabelecer, estudam os Vedas inutilmente e carregam sua carga de tal estudo em vão. Se uma pessoa desejosa de manteiga bate leite de jumenta, sem achar o que procura ela simplesmente encontrará uma substância que tem um cheiro tão repugnante quanto esterco. Da mesma maneira, se alguém, tendo estudado os Vedas, fracassa em compreender o que é Prakriti e o que é Purusha, ele somente demonstra sua própria tolice de entendimento e carrega uma carga inútil (na forma de erudição Védica). (A comparação se encontra na tolice das duas pessoas indicadas. Alguém batendo leite de jumenta em busca de manteiga é somente um tolo. Similarmente, alguém fracassando em compreender a natureza de Prakriti e Purusha a partir dos Vedas é somente um tolo.) Uma pessoa deve, com atenção dedicada, refletir sobre Prakriti e Purusha, para que ele possa evitar repetidos nascimentos e mortes. Refletir sobre o fato dos próprios nascimentos e mortes repetidos e evitar a religião das ações que é produtiva na melhor das hipóteses de resultados destrutíveis, ela deve se dirigir à indestrutível religião de Yoga. Ó Kasyapa, se alguém reflete continuamente sobre a natureza da alma Jiva e sua

conexão com a Alma Suprema, ele então consegue se livrar de todos atributos e ver a Alma Suprema. A Eterna e Imanifesta Alma Suprema é considerada por homens inteligência superficial como sendo diferente do vigésimo quinto ou alma Jiva. Aqueles que são dotados de sabedoria vêem ambas como realmente idênticas. Amedrontados pelos repetidos nascimentos e mortes, os Sankhyas e os Yogins consideram a alma Jiva e a Alma Suprema a mesma.'"

"Viswavasu então disse, 'Tu, ó principal dos Brahmanas, disseste que a alma Jiva é indestrutível e realmente indistinta da Alma Suprema. Isto, no entanto, é difícil de entender. Cabe a ti me falar novamente sobre este tópico. Eu tenho ouvido discursos sobre este assunto de Jaigishavya, Aista, Devala, do sábio regenerado Parasara, do inteligente Varshaganya, Bhrigu, Panchasikha Kapila, Suka, Gautama, Arshtisena, de Garga de grande alma, Narada, Asuri, do inteligente Paulastya, Sanatkumara, de Sukra de grande alma, e do meu pai Kasyapa. Posteriormente eu ouvi os discursos de Rudra e do inteligente Viswarupa, de várias das divindades, dos Pitris e dos Daityas. Eu adquiri tudo o que eles disseram, pois eles geralmente falam daquele objeto eterno de todo conhecimento. Eu desejo, no entanto, ouvir o que tu podes dizer sobre aqueles tópicos com a ajuda da tua inteligência. Tu és a principal de todas as pessoas, e um conferencista versado nas escrituras, e dotado de grande inteligência. Não há nada que seja desconhecido por ti. Tu és um oceano de Srutis, como descrito, ó Brahmana, no mundo das divindades e Pitris. Os grandes Rishis que residem na região de Brahma dizem que o próprio Aditya, o senhor eterno de todos os corpos luminosos, é teu preceptor (na questão deste ramo de conhecimento). Ó Yajnavalkya, tu obtiveste toda a ciência, ó Brahmana, dos Sankhyas, como também as escrituras dos Yogins particularmente. Sem dúvida, tu és erudito, totalmente conhecedor do universo móvel e imóvel. Eu desejo te ouvir falar sobre aquele conhecimento, o qual pode ser comparado à manteiga clarificada dotada de grãos sólidos.'"

"Yajnavalkya disse, 'Tu és, ó principal dos Gandharvas, competente para compreender todo conhecimento. Como, no entanto, tu me pedes, ouça-me então discursar para ti de acordo com o que eu mesmo obtive do meu preceptor. Prakriti, que é ininteligente, é compreendida por Jiva. Jiva, no entanto, não pode ser compreendido por Prakriti, ó Gandharva. Por Jiva ser refletido em Prakriti, o último é chamado de Pradhana por Sankhyas e Yogins conhecedores dos princípios originais como indicados nos Srutis. Ó impecável, o outro (isto é, a alma como distinta de seu reflexo sobre Prakriti, em seu caráter real como independente de Prakriti), contemplando, vê o vigésimo quarto (Prakriti) e o vigésimo quinto (Alma); não contemplando, ele vê o vigésimo sexto. (Isto é, quando a Alma, em seu caráter real, contempla ou age como uma testemunha de tudo (isto é, como existe nos estados de vigília e sonho), ela se torna consciente de si mesma (o vigésimo quinto) e de Prakriti (o vigésimo quarto) quando, no entanto, ela cessa de contemplar ou agir como tal testemunha (isto é, no estado de sono sem sonhos do samadhi do Yoga), ela consegue contemplar a Alma Suprema ou o Vigésimo Sexto. Ela é consciente de si mesma e de Prakriti no estado de vigília e sonho, e somente em Samadhi ela contempla a Alma Suprema.) O vigésimo quinto pensa

que não há nada mais alto do que ele mesmo. Na verdade, no entanto, embora contemplando, ele não vê aquilo (isto é, o vigésimo sexto) que o vê. (O vigésimo sexto ou a Alma Suprema sempre vê o vigésimo quinto ou a alma Jiva. A última, no entanto, cheia de vaidade, considera que não há nada superior a ela. Ela pode facilmente, no samadhi-Yoga, ver o vigésimo sexto. Embora assim competente para contemplar a Alma Suprema, ela fracassa ordinariamente em contemplá-la.) Homens possuidores de sabedoria nunca devem aceitar o vigésimo quarto (isto é, Prakriti, que é ininteligente ou inerte) como identificável com o vigésimo quinto ou a Alma que tem uma existência real e independente. O peixe vive na água. Ele vai para lá impelido por sua própria natureza. Como o peixe, embora vivendo na água, deve ser considerado como separado dela, da mesma maneira o vigésimo quinto deve ser compreendido (isto é, embora o vigésimo quinto exista em um estado de contato com o vigésimo quarto ou Prakriti, ele é, no entanto, em sua natureza real, separado e independente de Prakriti.) Quando subjugada pela consciência do 'meu' ou eu, e quando incapaz de compreender sua identidade com o vigésimo sexto, de fato, por causa da ilusão que a envolve, de sua coexistência com Prakriti, e de sua própria maneira de pensar, a alma Jiva sempre cai, mas quando livre de tal consciência ela vai para cima. Quando a alma Jiva consegue compreender que ela é uma, e Prakriti com a qual ela reside é outra, somente então, ó regenerado, ela consegue contemplar a Alma Suprema e alcançar a condição de Unidade com o universo. O Supremo é um, ó rei, e vigésimo quinto (ou alma Jiva) é outro. Em consequência, no entanto, do Supremo revestir a alma Jiva os sábios consideram ambos como iguais. (O exemplo da corda e da cobra é citado. A princípio a corda é erroneamente considerada como a cobra. Quando o erro é dissipado, a corda aparece como a corda. Assim a Alma Suprema e a alma Jiva vêm a ser consideradas como a mesma quando vem o conhecimento verdadeiro.) Por estas razões, os Yogins, e os seguidores do sistema de filosofia Sankhya, apavorados pelo nascimento e morte, abençoados com a visão do vigésimo sexto, puros em corpo e mente, e devotados à Alma Suprema, não recebem com agrado a alma Jiva como indestrutível. (A doutrina comum é que a alma Jiva é indestrutível, pois ela é não nascida e imortal, seus assim chamados nascimentos e mortes sendo somente mudanças das formas pelas quais Prakriti passa no curso de sua associação com ela, uma associação que continua enquanto alma Jiva não consegue efetuar sua emancipação. Neste verso a doutrina comum é abandonada. O que é dito aqui é que a alma Jiva _não_ é imortal, pois quando ela vem a ser identificada com a Alma Suprema, aquela alteração pode ser considerada como sua morte.) Quando alguém vê a Alma Suprema e perdendo toda consciência de individualidade se torna identificado com o Supremo, ele então se torna onisciente, e possuidor de tal onisciência ele fica livre da obrigação do renascimento. Eu assim te falei realmente, ó impecável, sobre Prakriti que é ininteligente, e a alma Jiva que é possuidora de inteligência, e a Alma Suprema que é dotada de onisciência, segundo as indicações que se encontram nos Srutis. Aquele homem que não vê alguma diferença entre o conhecedor e o conhecido, é Kevala e não-Kevala, (isto é, tal pessoa, embora ainda aparecendo como Jiva para outros, é na realidade identificável com a Alma Suprema), é a causa original do universo, é a alma Jiva e a Alma Suprema.'"

"Viswavasu disse, 'Ó pujante, tu falaste devidamente e adequadamente sobre aquilo que é a origem de todas as divindades e que é produtivo de Emancipação. Tu disseste o que é verdadeiro e excelente. Que bênçãos inesgotáveis possam sempre te acompanhar, e que tua mente possa estar sempre unida com a inteligência!'"

"Yajnavalkya continuou, 'Tendo dito aquelas palavras, o príncipe dos Gandharvas procedeu em direção ao céu, brilhando em resplandecência de beleza. Antes de me deixar, ele de grande alma me honrou corretamente por dar as voltas habituais ao redor de minha pessoa, e eu o olhei com respeito, muito satisfeito. Ele inculcou a ciência que ele obteve de mim para aqueles celestiais que moram nas regiões de Brahman e outras divindades, para aquelas que moram sobre a Terra, também para os habitantes das regiões inferiores, e para aqueles que tinham adotado o caminho da Emancipação, ó rei. Os Sankhyas são dedicados às práticas de seu sistema. Os Yogins são devotados às práticas inculcadas por seu sistema. Há outros que desejam alcançar sua Emancipação. Para esses últimos esta ciência é produtiva de resultados visíveis, ó leão entre reis. Emancipação flui do Conhecimento. Sem Conhecimento ela nunca pode ser alcançada. Os sábios têm dito isto, ó monarca. Por isso, uma pessoa deve se esforçar o melhor que pode para adquirir Conhecimento verdadeiro em todos os seus detalhes, pelo qual ela pode conseguir se libertar do nascimento e da morte. Obtendo conhecimento de um Brahmana ou de um Kshatriya ou Vaisya ou até de um Sudra que é de nascimento inferior, alguém dotado de fé deve sempre mostrar reverência por tal conhecimento. Nascimento e morte não podem atacar alguém que é dotado de fé. Todas as classes de homens são Brahmanas. Todas surgiram de Brahma. Todos os homens proferem Brahma. (No sentido de que todos os homens falam, e como a fala é Brahma, todos os homens podem ser considerados como proferidores de Brahma. Se, além disso, Brahma for tomado como significando os Vedas em especial, isto pode implicar que todos os homens proferem os Vedas ou são competentes para estudar os Vedas. Tal sentimento generoso proveniente da boca de Yajnavalkya é compatível somente com a religião de Emancipação que ele ensinava.) Ajudado por uma compreensão que é derivada de e dirigida para Brahma, eu inculquei esta ciência que trata de Prakriti e Purusha. De fato, todo este universo é Brahma. Da boca de Brahma surgiram os Brahmanas; dos seus braços, surgiram os Kshatriyas; do seu umbigo, os Vaisyas; e dos seus pés, os Sudras. Todas as classes, (tendo surgido dessa maneira) não devem ser consideradas como se furtando umas das outras. Impelidos pela Ignorância, todos os homens encontram com a morte e obtêm, ó rei, nascimento que é a causa das ações. (A doutrina é que a menos que as ações sejam destruídas, não pode haver Emancipação.) Desprovidas de Conhecimento, todas as classes de homens, arrastadas pela Ignorância terrível, caem em variadas classes de existência devido aos princípios que fluem de Prakriti. Por esta razão, todos devem, por todos os meios, procurar adquirir Conhecimento. Eu te disse que toda pessoa tem direito a se esforçar por sua aquisição. Alguém que é possuidor de Conhecimento é um Brahmana. Outros, (isto é, Kshatriyas e Vaisyas e Sudras) são possuidores de conhecimento. Então, esta ciência da Emancipação está sempre aberta para eles todos. Isto, ó rei, é dito pelos Sábios. As perguntas que tu

me fizeste foram todas respondidas por mim segundo a verdade. Portanto, rejeite toda aflição. Vá para o outro fim dessa indagação. Tuas questões foram boas. Bênçãos sobre tua cabeça para sempre!'"

"Bhishma continuou, 'Assim instruído pelo inteligente Yajnavalkya, o rei de Mithila ficou cheio de alegria. O rei honrou aquele principal dos ascetas por andar ao redor de sua pessoa. Despedido pelo monarca, ele partiu de sua corte. O rei Daivarati, tendo obtido o conhecimento da religião da Emancipação, tomou seu assento, e tocando um milhão de vacas e uma quantidade de ouro e uma quantidade de jóias e pedras preciosas, os doou para vários Brahmanas. Instalando seu filho na soberania dos Videhas, o velho rei começou a viver, adotando as práticas dos Yatis. Pensando principalmente em todos os deveres comuns e seu abandono (como prescritos nas escrituras), o rei começou a estudar a ciência dos Sankhyas e dos Yogins em sua totalidade. Considerando-se como Infinito, ele começou a refletir somente sobre o Eterno e Independente. Ele abandonou todos os deveres ordinários e suas negligências, Virtude e Vício, Verdade e Mentira, Nascimento e Morte, e todas outras coisas que concernem aos princípios produzidos por Prakriti. Ambos, Sankhyas e Yogins, segundo os ensinos das suas ciências, consideram que este universo é devido à ação do Manifesto e do Imanifesto. Os eruditos dizem que Brahma é livre de bem e mal, é independente, o maior dos maiores, Eterno, e Puro. Portanto, ó monarca, torne-te Puro! O doador, o recebedor da doação, a própria doação, e aquilo que é ordenado para ser doado, são todos para serem considerados como a Alma Imanifesta. A Alma é a única posse da Alma. Quem, portanto, pode ser um desconhecido para alguém? Pense sempre dessa maneira. Nunca pense de outra maneira. Aquele que não sabe o que é Prakriti possuidora de atributos e o que é Purusha que transcende os atributos, somente ele, não possuidor como ele é de conhecimento, vai para águas sagradas e realiza sacrifícios. Nem pelo estudo dos Vedas, nem por penitências, nem por sacrifícios, ó filho de Kuru, alguém pode alcançar a posição de Brahma. Somente quando alguém consegue compreender o Supremo ou Imanifesto ele vem a ser considerado com reverência. Aqueles que servem Mahat alcançam as regiões de Mahat. Aqueles que servem a Consciência, alcançam o local que pertence à Consciência. Aqueles que servem o que é mais elevado alcançam lugares que são mais altos de que esses. Aquelas pessoas, versadas nas escrituras, que conseguem compreender o Brahma Eterno que é mais elevado do que a Prakriti Imanifesta, consegue alcançar aquilo que transcende o nascimento e a morte, que é livre de atributos, e que é existente e inexistente. Eu obtive todo esse conhecimento de Janaka. O último o obteve de Yajnavalkya. O Conhecimento é muito superior. Sacrifícios não podem se comparar com ele. Com a ajuda do Conhecimento alguém consegue cruzar o oceano do mundo que é cheio de dificuldades e perigos. Uma pessoa nunca pode cruzar este oceano por meio de sacrifícios. O nascimento e a morte, e outros obstáculos, ó rei, os homens de conhecimento dizem, não podem ser ultrapassados por esforço comum. Homens alcançam o céu por sacrifícios, penitências, votos, e observâncias. Mas eles têm que cair outra vez de lá na Terra. Portanto, adore com reverência aquilo que é Supremo, o mais puro, abençoado, imaculado, e sagrado, e que transcende todos os estados (sendo a própria

Emancipação). Por compreender Kshetra, ó rei, e por realizar o Sacrifício que consiste na aquisição de Conhecimento, tu serás realmente sábio. Nos tempos antigos, Yajnavalkya fez aquele bem para o rei Janaka, o qual é derivável de um estudo dos Upanishads. O Eterno e Imutável Supremo era o tópico sobre o qual o grande Rishi tinha falado para o rei de Mithila. Isto o tornou apto para alcançar aquele Brahma que é auspicioso, e imortal, e que transcende todos os tipos de tristeza."

320

"Yudhishthira disse, 'Tendo adquirido grande poder e grande riqueza, e tendo obtido um longo período de vida, como alguém pode conseguir evitar a morte? Por qual destes meios, isto é, penitências, ou a realização das diversas ações (prescritas nos Vedas), ou por conhecimento dos Srutis, ou a aplicação de medicamentos, alguém pode conseguir evitar decrepitude e morte?'"

"Bhishma disse, 'Em relação a isto é citada a antiga narrativa de Panchasikha que era um Bhikshu em suas práticas e Janaka. Uma vez Janaka, o soberano dos Videhas, questionou o grande Rishi Panchasikha, que era a principal de todas as pessoas conhecedoras dos Vedas e que tinha suas dúvidas removidas a respeito do propósito e importância de todos os deveres. O rei disse, 'Por qual conduta, ó santo, alguém pode transcender decrepitude e morte? É por penitências, ou pela compreensão, ou por atos religiosos (como sacrifícios e votos), ou por estudo e conhecimento das escrituras?' Assim endereçado pelo soberano dos Videhas, o erudito Panchasikha, conhecedor de todas as coisas invisíveis, respondeu dizendo, 'Não há prevenção desses dois (isto é, velhice e morte); nem é verdade que não podem ser impedidos sob quaisquer circunstâncias. Nem dias, nem noites, nem meses cessam de seguir em frente. Somente aquele homem que, embora transitório, se dirige para o caminho eterno (da religião de Nivritti ou abstenção de todas as ações) consegue evitar nascimento e morte. A destruição alcança todas as criaturas. Todas as criaturas parecem ser incessantemente carregadas pela correnteza infinita do tempo. Aqueles que são levados ao longo da correnteza infinita do tempo que não tem uma balsa (para resgate) e que é infestada por aqueles dois jacarés poderosos, isto é, decrepitude e morte, afundam sem alguém vir ajudá-los. Conforme alguém é levado de roldão por aquela correnteza, ele fracassa em achar algum amigo para ajudá-lo e fracassa em ser inspirado com interesse por alguém mais. Alguém encontra com cônjuges e outros amigos somente de passagem. Nunca antes alguém desfrutou desse tipo de companhia com alguém por alguma duração de tempo. As criaturas, enquanto elas são levadas pela correnteza do tempo, vêm a ser repetidamente atraídas em direção umas às outras como massas de nuvens movidas pelo vento se encontrando com som alto. Decrepitude e morte são devoradoras de todas as criaturas, como lobos. De fato, elas devoram os fortes e os fracos, os baixos e os altos. Entre as criaturas, portanto, que são todas tão transitórias, somente a Alma existe eternamente. Por que alguém deveria então se regozijar quando criaturas nascem e por que ele deveria sofrer quando elas morrem? De onde eu vim?

Quem sou eu? Para onde eu irei? De quem eu sou? Perante o que eu permaneço? O que eu serei? Por que razão então tu te afliges pelo que? Quem mais além de ti irá ver o céu ou inferno (por causa do que tu fazes)? Por isso, sem jogar de lado as escrituras, uma pessoa deve fazer doações e realizar sacrifícios!"

321

"Yudhishthira disse, 'Sem abandonar o modo de vida familiar, ó sábio nobre da linhagem de Kuru, quem já alcançou a Emancipação a qual é a aniquilação da Compreensão (e das outras faculdades)? Diga-me isto! Como o grosseiro e o sutil podem ser rejeitados? Ó avô, me diga também qual é a excelência suprema da Emancipação.'"

"Bhishma disse, 'Em relação a isto é citada a velha narrativa da conversa entre Janaka e Sulabha, ó Bharata! Antigamente havia um rei de Mithila de nome Dharmadhyaja, da linhagem de Janaka. Ele era dedicado às práticas da religião da Renúncia. Ele conhecia bem os Vedas, as escrituras sobre Emancipação, e as escrituras que tinham ligação com seu próprio dever como um rei. Subjugando seus sentidos, ele governava sua Terra. Sabendo de seu bom comportamento no mundo, muitos homens de sabedoria, bem familiarizados com a sabedoria, ó principal dos homens, desejaram imitá-lo. No mesmo Satya Yuga, uma mulher de nome Sulabha, pertencente à classe mendicante, praticava os deveres de Yoga e vagava por toda a Terra. No decorrer de suas viagens sobre a Terra, Sulabha ouviu de muitos Dandis de lugares diferentes que o soberano de Mithila era devotado à religião da Emancipação. Ouvindo este rumor sobre o rei Janaka e desejosa de averiguar se ele era verdadeiro ou não, Sulabha ficou desejosa de ter uma entrevista pessoal com Janaka. Abandonando, por seus poderes de Yoga, sua forma e aspecto anteriores, Sulabha assumiu as feições mais impecáveis e beleza inigualável. Num piscar de olhos e com a velocidade da flecha mais rápida, a dama de bela fronte de olhos como pétalas de lótus dirigiu-se à capital dos Videhas. Chegando na cidade principal de Mithila abundando com uma grande população, ela adotou a aparência de uma mendicante e se apresentou perante o rei. O monarca, observando sua forma delicada, ficou muito surpreso e perguntou quem ela era, de quem ela era, e de onde ela vinha. Dando as boas vindas a ela, ele designou para ela um assento excelente, a honrou por oferecer água para lavar seus pés, e a gratificou com refrescos excelentes. Refrescada devidamente e satisfeita com os ritos de hospitalidade oferecidos a ela, Sulabha, a mendicante feminina, pediu para o rei, que estava cercado por seus ministros e sentado no meio de estudiosos eruditos, (para se manifestar a respeito da sua adesão à religião da Emancipação). Duvidando se Janaka tinha conseguido alcançar a Emancipação, por seguir a religião de Nivritti, Sulabha, dotada de poder de Yoga, entrou na compreensão do rei por meio de sua própria compreensão. Reprimindo, por meio dos raios de luz que emanavam de seus próprios olhos, os raios emanados dos olhos do rei, a dama, desejosa de averiguar a verdade, atou o rei Janaka com laços de Yoga, (isto é, questionou o rei internamente ou por poder de Yoga). Aquele melhor dos monarcas, orgulhando-se de sua própria invencibilidade

e derrotando as intenções de Sulabha, capturou a resolução dela com sua própria resolução. O rei, em sua forma sutil, estava sem o guarda-sol e cetro reais. A dama Sulabha, na dela, estava sem o bastão triplo. Ambos ficando então na mesma forma (grosseira), conversaram dessa maneira entre si. Ouça aquela conversa como ela ocorreu entre o monarca e Sulabha.'"

"Janaka disse, 'Ó senhora santa, a que direção te conduta tu estás dedicada? De quem tu és? De onde tu vens? Depois de terminares teu assunto aqui, para onde tu irás? Ninguém pode, sem questionar, averiguar o conhecimento de outro das escrituras, ou idade, ou classe de nascimento. Tu deves, portanto, responder estas minhas perguntas, quando tu vieste a mim. Saiba que eu estou realmente livre de toda vaidade em relação ao meu guarda-sol e cetro reais. Eu desejo te conhecer completamente. Eu considero que tu és merecedora do meu respeito. Ouça-me enquanto eu te falo sobre a Emancipação pois não há ninguém mais (neste mundo), que possa te falar sobre este tópico. Ouça-me também enquanto eu te digo quem é aquela pessoa de quem antigamente eu adquiri este conhecimento notável. Eu sou o querido discípulo do venerável Panchasikha de grande alma, pertencente à classe mendicante, da linhagem de Parasara. Minhas dúvidas foram dissipadas e eu conheço completamente os sistemas Sankhya e Yoga, e as ordenanças a respeito de sacrifícios e outros ritos, que constituem os três caminhos bem conhecidos da Emancipação. (O valor de Karma no caminho da Emancipação é purificar a Alma.) Vagando sobre a terra e enquanto isso procurando o caminho que é indicado pelas escrituras, o erudito Panchasikha antigamente morou em felicidade na minha residência por um período de quatro meses na estação chuvosa. Aquele principal dos Sankhyas falou para mim, de acordo com a verdade, e de uma maneira inteligível adequada para a minha compreensão, sobre os vários tipos de meios para chegar à Emancipação. Ele, no entanto, não me ordenou desistir do meu reino. Livre de atrações, e fixando minha Alma no Brahma Supremo, e indiferente à companhia, eu vivi, praticando em sua totalidade aquela conduta tripla que é prescrita em tratados sobre Emancipação. Renúncia (a todos os tipos de atrações) é o meio mais elevado prescrito para a Emancipação. É dito que do Conhecimento flui a Renúncia pela qual alguém vem a ser livre. Do Conhecimento surge o esforço por Yoga, e é por aquele esforço que alguém obtém conhecimento do Eu ou Alma. Pelo conhecimento do Eu alguém transcende alegria e tristeza. Ele capacita uma pessoa a transcender a morte e alcançar grande êxito. Aquela inteligência superior (conhecimento do Eu), foi adquirida por mim, e consequentemente eu superei todos os pares de opostos. Mesmo nesta vida eu estou livre de adormecimento e transcendi todos os apegos. Como uma terra, saturada com água e amolecida dessa maneira, faz a semente (semeada) brotar, da mesma maneira, as ações dos homens causam renascimento. Como uma semente, frita em uma panela ou de outra maneira, se torna incapaz de brotar embora a capacidade de brotar estivesse lá, do mesmo modo minha compreensão, tendo sido liberta do princípio produtivo constituído pelo desejo, pela instrução do santo Panchasikha da classe mendicante, ela não mais produz seu fruto na forma de atração pelos objetos dos sentidos. Eu nunca sinto amor por minha cônjuge ou ódio por meus inimigos. De fato, eu me mantenho afastado de ambos, vendo a inutilidade da afeição e cólera. Eu

considero ambas as pessoas igualmente, isto é, aquela que cobre minha mão direita com pasta de sândalo e aquela que fere a minha esquerda. Tendo alcançado meu (verdadeiro) objetivo, eu sou feliz, e olho igualmente para um torrão de terra, uma pedra, e um pedaço de ouro. Eu estou livre de atrações de todos os tipos, embora eu esteja empenhado em governar um reino. Por tudo isso eu sou eminente sobre todos os portadores de bastões triplos. Alguns principais dos homens que estão familiarizados com o assunto da Emancipação dizem que a Emancipação tem um caminho triplo, (estes são conhecimento, Yoga, e sacrifícios e ritos). Alguns consideram o conhecimento tendo todas coisas do mundo como seu objeto como o meio de emancipação. Alguns consideram que a renúncia total às ações (externas e internas) é o meio para isto. Outra classe de pessoas conhecedoras das escrituras sobre Emancipação diz que o Conhecimento é o único meio. Outros, isto é, Yatis, dotados de visão sutil, consideram que as ações constituem os meios. Panchasikha de grande alma, descartando ambas as opiniões sobre conhecimento e ações, considerava a terceira como o único meio de Emancipação. Se os homens que levam o modo de vida familiar forem dotados de Yama e Niyama, eles se tornam iguais aos Sannyasins. Se, por outro lado, Sannyasins foram dotados de desejo e aversão e cônjuges e honra e orgulho e afeto, eles se tornam iguais aos homens que levam o modo de vida familiar. Se alguém pode alcançar a Emancipação por meio do conhecimento, então a Emancipação pode existir em bastões triplos (pois não há nada para impedir os portadores de tais bastões de obterem o conhecimento necessário). Por que então a Emancipação não pode existir no guarda-sol e no cetro também, especialmente quando há razão igual em erguer o bastão triplo e o cetro? (Portar o cetro é somente um modo de vida como aquele dos portadores do bastão triplo. Ambos, o rei e o Sannyasin, são livres para adquirir conhecimento e ambos, portanto, podem chegar à Emancipação apesar de seus respectivos emblemas. Nos próprios emblemas não há eficácia ou desqualificação.) Uma pessoa se torna ligada a todas aquelas coisas e ações das quais ela tem necessidade por si mesma por razões particulares. (Todas as pessoas, levadas por interesse, se tornam ligadas a coisas específicas. A grandeza ou pequenez daquelas coisas não pode ajudar ou barrar o caminho das pessoas para a Emancipação. 'Eu posso ser um rei, diz Janaka, e tu podes ser uma mendicante. Nem tua mendicância nem minha realeza podem ajudar ou impedir nossa Emancipação. Nós dois, por meio do Conhecimento, podemos realizar o que nós desejamos, apesar de nossos circundantes externos.') Se alguém, vendo as imperfeições do modo de vida familiar, o abandona para adotar outro modo (que ele considera repleto de grande mérito), ele não pode, por tal rejeição e adoção, ser considerado como alguém que está livre de uma vez de todos os apegos, (pois tudo o que ele fez foi se vincular a um novo modo depois de ter se livrado do anterior). (Por isso, por trocar minha vida de rei por aquela de um portador do bastão triplo eu não posso ganhar nada.) A soberania é repleta da recompensa e do castigo de outros. A vida de um mendicante está igualmente repleta do mesmo (pois mendicantes também recompensam e castigam aqueles que eles podem). Quando, portanto, os mendicantes são similares aos reis neste aspecto, por que somente os mendicantes alcançariam a Emancipação, e não os reis? Apesar da posse da soberania, portanto, alguém se torna purificado de todos os pecados somente por

meio do conhecimento, enquanto vive no Brahma Supremo. Vestir roupas marrons, raspar a cabeça, carregar o bastão triplo, e o Kamandalu, esses são os sinais externos do modo de vida de alguém. Esses não têm valor em ajudar alguém a alcançar a Emancipação. Quando, apesar da adoção desses emblemas de um modo específico de vida, somente o conhecimento se torna a causa de alguém se emancipar da tristeza, parece que a adoção de meros emblemas é totalmente inútil. Ou, se, vendo o alívio da tristeza nisto, tu te dirigiste a estes emblemas de Sannyasi, por que então o alívio da tristeza não deveria ser visto no guarda-sol e no cetro ao quais eu me dirigi? Emancipação não existe na pobreza; nem escravidão é para ser encontrada na riqueza. Uma pessoa alcança a Emancipação somente através do Conhecimento, seja ela rica ou indigente. Por essas razões, saiba que eu estou vivendo em uma condição de liberdade, embora ostensivamente engajado nos gozos de religião, riqueza, e prazer, na forma de reino e cônjuges, os quais constituem um campo de escravidão (para a maioria dos homens). Os laços constituídos por reino e riqueza, e a escravidão dos apegos, eu cortei com a espada da Renúncia afiada na pedra das escrituras que tratam de Emancipação. Com relação a mim mesmo então, eu te digo que eu me tornei livre dessa maneira. Ó dama da classe mendicante, eu nutro uma afeição por ti. Mas isso não me impede de te dizer que teu comportamento não corresponde às práticas do modo de vida ao qual tu te dirigiste! Tu tens grande delicadeza de formação. Tu tens uma forma muito simétrica. Tu és jovem. Tu tens tudo isso, e tu tens Niyama (subjugação dos sentidos). Eu duvido disto realmente. Tu bloqueaste meu corpo (por entrar em mim com a ajuda do poder Yoga), para averiguar se eu sou realmente emancipando ou não. Essa tua ação mal corresponde àquele modo de vida cujos emblemas tu carregas. Para o Yogin que é dotado de desejo o bastão triplo é inadequado. Com relação a ti, tu não aderiste ao teu bastão. Com relação aos que são livres, cabe a eles mesmos se protegerem da queda. Escute agora a mim quanto a qual foi tua transgressão por teu contato comigo e por teres entrado em meu corpo grosseiro com a ajuda da tua compreensão. À qual razão é para ser atribuída tua entrada em meu reino ou meu palácio? Ao sinal de quem tu entraste em meu coração? (Pois ele, o rei, não tinha feito acordo com a dama pelo qual ela poderia ser justificada de entrar em seu corpo.) Tu pertences à principal de todas as classes, sendo, como tu és, uma mulher Brahmana. Com relação a mim, no entanto, eu sou um Kshatriya. Não há união para nós dois. Não ajude a causar uma mistura de cores. Tu vives na prática daqueles deveres que levam à Emancipação. Eu vivo no modo de vida familiar. Este teu ato, portanto, é outro mal que tu fizeste, pois isto produz uma união antinatural de dois modos de vida opostos. Eu não sei se tu pertences ao meu próprio gotra ou não pertences a ele. Com respeito a ti mesma também, tu não sabes quem eu sou (isto é, a qual gotra eu pertenço). Se tu és do meu próprio grota, tu, por entrares em meu corpo, produziste outro mal, o mal da união antinatural. Se, também, teu marido estiver vivo e residindo em um lugar distante, tua união comigo produziu o quarto mal de pecaminosidade, pois tu não és alguém com quem eu possa ser unido legalmente. Tu cometeste todas essas ações pecaminosas, impelida pelo motivo de realizar um objetivo específico? Tu fizeste isso por ignorância ou por inteligência pervertida? Se, também, por tua natureza má tu te tornaste totalmente independente ou desenfreada em teu

comportamento, eu te digo que se tu tens algum conhecimento das escrituras, tu compreenderás que tudo o que tu fizeste foi produtivo de mal. Uma terceira falha se vincula a ti em consequência dessas tuas ações, uma falha que é destrutiva da paz mental. Por te esforçares para mostrar tua superioridade, a indicação de uma mulher pecaminosa é vista em ti. Desejosa de afirmar tua vitória como tu és, não é só a mim mesmo que tu desejas derrotar, pois é claro que tu desejas obter uma vitória mesmo sobre toda minha corte (consistindo nestes Brahmanas eruditos e muito superiores), por lançar teu olhar dessa maneira em direção a todos estes Brahmanas meritórios, é evidente que tu desejas humilhar eles todos e glorificar a ti mesma (às custas deles). Estupefata por teu orgulho de poder Yoga que nasceu do teu ciúme (à visão do meu poder) tu causaste uma união da tua compreensão com a minha e assim realmente misturaste néctar com veneno. Aquela união, também, de homem e mulher, quando um cobiça o outro, é doce como néctar. Aquela associação, no entanto, de homem e mulher quando a última, ela mesma cobiçando, falha em obter um indivíduo do sexo oposto que não a cobiça, é, em vez de ser um mérito, somente uma falha que é tão nociva quanto veneno. Não continue a me tocar. Saiba que eu sou justo. Aja de acordo com tuas próprias escrituras. A pergunta que tu desejaste fazer, isto é, se eu sou ou não emancipado, foi terminada. Não cabe a ti esconder de mim todos os teus motivos secretos. Não cabe a ti, que te disfarças dessa maneira, esconder de mim qual é teu objetivo, se essa tua visita foi incitada pelo desejo de realizar algum objetivo teu ou se tu vieste para realizar o objetivo de algum outro rei (que é hostil a mim). Alguém nunca deve aparecer enganadoramente perante um rei; nem perante um Brahmana; nem perante sua esposa quando aquela esposa possui todas as virtudes próprias de uma esposa. Aqueles que aparecem em aparência enganadora perante esses três logo encontram com a destruição. O poder dos reis consiste em sua soberania. O poder de Brahmanas conhecedores dos Vedas está nos Vedas. As mulheres manejam um grande poder por sua beleza e juventude e bem-aventurança. Esses então são poderosos na posse desses poderes. Aquele, portanto, que deseja realizar seu próprio objetivo deve sempre se aproximar desses três com sinceridade e franqueza, insinceridade e falsidade fracassam em produzir êxito (nesses três casos). Cabe a ti, portanto, me informar da classe à qual tu pertences por nascimento, da tua erudição e conduta e disposição e natureza, como também do objetivo que tu tens em vista ao vires para este local!""

"Bhishma continuou, 'Embora repreendida pelo rei nestas palavras desagradáveis, impróprias, e mal aplicadas, a dama Sulabha não estava envergonhada em absoluto. Depois que o rei tinha dito estas palavras, a bela Sulabha então se dirigiu a ele dizendo em resposta as seguintes palavras que eram mais belas do que sua pessoa.'"

"'Sulabha disse, 'Ó rei, a fala deve sempre ser livre das nove falhas verbais e das nove falhas de julgamento. Ela deve também, enquanto anunciando o sentido com clareza, ser possuidora dos dezoito méritos bem conhecidos. (Estas falhas e méritos são anunciados nos versos seguintes.) Ambiguidade, averiguação das falhas e méritos de premissas e conclusões, ponderação da relativa força ou

fraqueza daquelas falhas e méritos, estabelecimento da conclusão, e o elemento de persuasão ou não que se atribui à conclusão assim chegada; estas cinco características concernentes ao sentido constituem a autoridade do que é dito. Escute agora as características desses requisitos começando com ambiguidade, um depois do outro, enquanto eu os explico segundo as combinações. Quando o conhecimento depende da distinção pelo objeto a ser conhecido ser diferente de um outro, e quando (com relação à compreensão do assunto) a compreensão depende de muitos pontos um depois do outro, a combinação de palavras (em cujo caso isso ocorra) é citada como sendo contaminada pela ambiguidade. (Por exemplo, uma frase é composta contendo algumas palavras cada uma das quais é empregada em diversos sentidos, como o bem conhecido verso de Parasara o qual tem sido interpretado como sancionando o segundo casamento de viúvas Hindus. Aqui, o objetivo indicado pelas palavras usadas é variado. Chega-se ao conhecimento definitivo do sentido de cada palavra por meio de distinções, isto é, por diferenciar cada sentido de todos os outros. Em tais casos, a compreensão antes de chegar ao sentido definitivo se apóia em sucessão sobre diversos pontos, ora sobre um, ora sobre outro. De fato, é para se chegar ao significado verdadeiro por um processo de eliminação em tais casos. Quando tal processo se torna necessário para apreender o sentido de alguma frase, a falha é citada como sendo a falta de exatidão, ou ambiguidade.) Pela determinação (das falhas e méritos), chamada Sankhya, se quer dizer o estabelecimento, por eliminação, das falhas ou méritos (em premissas e conclusões), adotando significados tentativos. (Usando o mesmo exemplo; primeiro tome as bem conhecidas palavras de Parasara como realmente sancionando o segundo casamento de viúvas. Várias palavras no verso indicam este significado, várias outras não. Pesando probabilidades e justificações, que seja adotado tentativamente o significado que um segundo marido é sancionado pelo Rishi para a viúva Hindu. Isto é Sankhya.) Krama ou ponderar a relativa força ou fraqueza das falhas ou méritos (averiguados pelo processo acima), consiste em decidir a propriedade da prioridade ou subsequência das palavras empregadas em uma frase. Este é o significado dado à palavra Krama por pessoas conhecedoras da interpretação de frases ou textos. Por Conclusão se quer dizer a determinação final, depois desse exame do que foi dito sobre os assuntos de religião, prazer, riqueza, e Emancipação, em relação ao que é especificamente que foi dito no texto. (Tendo adotado tentativamente o significado que um segundo marido é sancionado pelo verso referido, a conclusão deve ser sua aceitação ou rejeição. Por ver a incompatibilidade do significado tentativo com outras conclusões seguras em relação a outros textos ou outros escritores, o significado tentativo pode ser rejeitado, e a conclusão final chegada no sentido de que o segundo marido é para ser aceito somente de acordo com o Niyoga-vidhi e não por casamento.) A tristeza nascida do desejo ou aversão aumenta para uma grande proporção. A conduta, ó rei, que alguém segue em tal questão (para dissipar a tristeza experimentada) é chamada de Prayojanam. (Por prayojanam se quer dizer a conduta que alguém segue para satisfazer seu desejo de adquirir ou evitar algum objeto. Desejo, em relação à aquisição ou evitação, se insatisfeito, se torna uma fonte de dor. A conduta que alguém adota para remover aquela dor é chamada de Prayojanam.) Tome por certo, ó rei, pela minha palavra, que estas características de

Ambiguidade e as outras (cinco ao todo), quando ocorrendo juntas (quando elas são tratadas devidamente por um orador ou escritor), constituem uma sentença completa e inteligível. As palavras que eu proferirei serão repletas de significado, livres de ambiguidade (por cada uma delas não ser símbolo de muitas coisas), lógicas, livres de pleonasmo ou tautologia, polidas, certas, livres de linguagem bombástica, agradáveis ou gentis, verdadeiras, não inconsistentes com o conjunto de três, (isto é, Virtude, Riqueza e Prazer), refinadas (isto é, livres de Prakriti), não elípticas ou imperfeitas, desprovidas de dureza ou dificuldade de compreensão, caracterizadas por ordem adequada, não forçadas em relação a sentido, emendadas umas com as outras como causa e efeito e cada uma tendo um objeto específico. (Estas características, o comentador salienta, embora totalizando dezesseis, incluem as vinte e quatro mencionadas por Bhojadeva em sua Retórica chamada Saraswati-kanthabharana.) Eu não te direi qualquer coisa, incitada por desejo ou ira ou medo ou cobiça ou vileza ou falsidade ou vergonha ou compaixão ou orgulho. (Eu te respondo porque é apropriado para eu responder o que tu disseste.) Quando o orador, o ouvinte, e as palavras ditas, concordam totalmente uns com os outros no decorrer de um discurso, então o sentido ou significado aparece muito claramente. Quando, na questão do que é para ser dito, o orador demonstra desrespeito pela inteligência do ouvinte por proferir palavras cujo sentido é entendido por si mesmo, então, embora aquelas palavras possam ser boas, elas se tornam incapazes de serem apreendidas pelo ouvinte. Aquele orador, também, que, abandonando todo o respeito por seu próprio significado usa palavras que são de som e significado excelentes, desperta somente impressões errôneas na mente do ouvinte. Tais palavras em tal relação se tornam certamente defeituosas. Aquele orador, no entanto, que emprega palavras que, enquanto expressam seu próprio sentido, são inteligíveis para o ouvinte também, realmente merece ser chamado de orador. Nenhum outro homem merece o nome. Cabe a ti, portanto, ó rei, ouvir com atenção concentrada estas minhas palavras, repletas de significado e dotadas de riqueza de vocábulos. Tu me perguntaste quem eu sou, de quem eu sou, de onde eu estou vindo, etc. Ouça, ó rei, com mente indivisa, como eu respondo estas suas questões. Como laca e madeira, como grãos de pó e gotas de água, existem misturados quando juntados, assim mesmo são as existências de todas as criaturas. (O que Sulabha diz aqui é isto: os grandes elementos primordiais são os mesmos eles construam este corpo ou aquele outro corpo; e então é o mesmo Chit que permeia toda combinação dos grandes elementos. O objetivo dessa observação é mostrar que Janaka não deveria ter feito estas perguntas sobre Sulabha, ele e ela sendo essencialmente a mesma pessoa. Considerar os dois como diferentes indicaria obscurecimento de visão.) Som, toque, gosto, forma, e cheiro, estes e os sentidos, embora diversos em relação às suas essências, existem ainda em um estado de mistura como laca e madeira. É bem conhecido também que ninguém questiona algum destes, dizendo, quem és tu? Cada em deles também não tem conhecimento de si mesmo ou dos outros. O olho não pode ver a si mesmo. O ouvido não pode ouvir a si mesmo. O olho, também, não pode cumprir as funções de algum dos outros sentidos, nem algum dos sentidos pode cumprir as funções de algum sentido exceto as suas. Mesmo se todos eles se misturassem, ainda assim eles falhariam em conhecer a si mesmos assim como pó e água misturados não podem

conhecer um ao outro embora existindo em um estado de união. Para cumprir suas respectivas funções, eles esperam o contato de objetos que são externos a eles. O olho, forma, e luz, constituem os três requisitos da operação chamada de visão. O mesmo, como neste caso, acontece em relação às operações dos outros sentidos e das idéias que são seu resultado. Então, além disso, entre as funções dos sentidos (chamadas de visão, audição, etc.) e as idéias as quais são seu resultado (isto é, forma, som, etc.), a mente é uma entidade diferente dos sentidos e é considerada como tendo uma ação própria. Com sua ajuda alguém distingue o que é existente do que é inexistente para chegar à certeza (na questão de todas as idéias derivadas dos sentidos). Com os cinco sentidos de conhecimento e os cinco sentidos de ação, a mente faz um total de onze. O décimo segundo é a Compreensão. Quando surge a dúvida a respeito do que é para ser conhecido, a Compreensão se apresenta e decide todas as dúvidas (para ajudar no entendimento correto). Depois do décimo segundo, Sattwa é outro princípio (que existe nas constituições de criaturas) numerando o décimo terceiro. Com sua ajuda as criaturas são distinguidas como possuindo mais dele ou menos dele em suas constituições. Depois disso, a Consciência (do eu) é outro princípio (numerando o décimo quarto). Ela ajuda alguém a ter um entendimento do eu como diferente do que não é eu. O Desejo é o décimo quinto princípio, ó rei. A ele inere o universo inteiro. (Enquanto existe o princípio do Desejo, o renascimento se torna possível. O universo, portanto, se apóia sobre o princípio do Desejo ou Vasana. Os sentidos, etc., todos surgem deste princípio de Vasana.) O décimo sexto princípio é Avidya. A ele inerem os décimo sétimo e décimo oitavo princípios chamados Prakriti e Vyakti (isto é, Maya e Prakasa). Felicidade e tristeza, decrepitude e morte, aquisição e perda, o fim agradável e o desagradável, estes constituem o décimo nono princípio e são chamados de pares de opostos. Além do décimo nono princípio há outro, isto é, o Tempo, chamado de vigésimo. Saiba que o nascimento e a morte de todas as criaturas são devido à ação deste vigésimo princípio. Esses vinte existem juntos. Além desses, os cinco grandes elementos primordiais, e existência e não-existência, fazem o número subir para vinte e sete. Além desses, há três outros, chamados Vidhi (aquela justiça e seu inverso que constituem a semente do Desejo), Sukra (aquilo que ajuda aquela semente a crescer ou desenvolver seus elementos iniciais), e Vala (o esforço que alguém faz para satisfazer o próprio desejo), fazem o número chegar a trinta. Aquilo no qual esses trinta princípios se encontram é citado como sendo o corpo. Algumas pessoas consideram a Prakriti imanifesta como a fonte ou causa desses trinta princípios. (Este é o ponto de vista da escola ateísta Sankhya.) Os Kanadas de visão grosseira consideram o Manifesto (ou átomos) como sendo a causa deles. Se o Imanifesto ou o Manifesto for sua causa, ou se os dois (isto é, o Supremo ou Purusha e o Manifesto ou átomos) forem considerados como sua causa, ou em quarto lugar, se os quatro juntos (isto é, o Supremo ou Purusha e seu Maya e Jiva e Avidya ou Ignorância) forem a causa, aqueles que estão familiarizados com Adhyatma vêem Prakriti como a causa de todas as criaturas. Aquela Prakriti que é Imanifesta vem a ser manifesta na forma daqueles princípios. Eu mesma, tu mesmo, ó monarca, e todos os outros que são dotados de corpo são o resultado daquela Prakriti (no que diz respeito aos nossos corpos). Inseminação e outras condições (embrionárias) são devido à mistura de semente

vital e sangue. Pela inseminação o resultado que aparece primeiro é chamado pelo nome de 'Kalala'. De 'Kalala' surge o que é chamado de Vudvuda (bolha). Do estágio chamado 'Vudvuda' surge o que é chamado de ‘Pesi’. Da condição chamada 'Pesi' surge aquele estado no qual os vários membros se tornam manifestados. Dessa última condição aparecem unhas e cabelo. Após o término do nono mês, ó rei de Mithila, a criatura nasce de modo que, seu sexo sendo conhecido, ela vem a ser chamada de menino ou menina. Quando a criatura sai do útero, a forma que ela apresenta é tal que suas unhas e dedos parecem ser da cor do cobre polido. O próximo estágio é citado como sendo a infância, quando a forma que foi vista no tempo do nascimento se torna mudada. Da infância a juventude é alcançada, e da juventude, a velhice. Conforme a criatura avança de um estágio para outro, a forma apresentada no estágio anterior vem a ser mudada. Os elementos constituintes do corpo, que são úteis para diversas funções na organização geral, sofrem mudanças em todos os momentos em todas as criaturas. Aquelas mudanças, no entanto, são tão minúsculas que elas não podem ser notadas. O nascimento de partículas, e sua morte, em cada condição sucessiva, não podem ser notados, ó rei, assim como não se pode perceber a mudança na chama de uma lâmpada queimando. (O exemplo citado para ilustrar a mudança de partículas corporais é certamente um muito feliz. A chama de uma lâmpada ardente, embora perfeitamente firme (como em um local sem brisa), é realmente o resultado da combustão sucessiva de partículas de óleo e a sucessiva extinção de tal combustão.) Quando tal é o estado dos corpos de todas as criaturas, quando aquilo que é chamado de corpo está mudando incessantemente assim como a locomoção rápida de um corcel vigoroso, quem então veio ou não veio de onde, ou de quem ele é ou não é, ou de onde ele não surgiu? Que ligação existe entre as criaturas e seus próprios corpos? (Por isso as questões de Janaka, perguntando quem a dama era ou de quem, eram fúteis.) Como do contato da pederneira com ferro, ou de dois paus de madeira quando friccionados um contra o outro, fogo é gerado, assim mesmo as criaturas são geradas da combinação dos (trinta) princípios já citados. De fato, como tu mesmo vês teu próprio corpo em teu corpo e como tu vês tua alma em tua própria alma, por que é que tu não vês teu próprio corpo e tua própria alma nos corpos e almas de outros? Se é verdade que tu vês uma igualdade de ti mesmo com os outros, por que então tu me perguntas quem eu sou e de quem? Se é verdade que tu, ó rei estás livre do conhecimento de dualidade que diz (erroneamente) ‘Isto é meu e este outro não é meu’, então que utilidade há para tais perguntas como ‘Quem és tu, de quem tu és e de onde tu vens?’ Quais indicações de Emancipação podem ser citadas como sendo encontradas naquele rei que age como outros agem em direção a inimigos e aliados e indiferentes e na vitória e trégua e guerra? Quais indicações de Emancipação ocorrem naquele que não conhece a verdadeira natureza do conjunto de três como manifestados de sete maneiras em todos os atos e que, por causa disso, está ligado àquele conjunto de três? (As sete maneiras são as seguintes: Virtude e Riqueza e Prazer independentemente e distintos uns dos outros contam três, então o primeiro e segundo, o primeiro e terceiro, e segundo e terceiro, contam três e por fim, todos os três existindo juntos. Em todas as ações, um ou outro destes sete podem ser encontrados. O primeiro e segundo existem em todas as ações cujo resultado é a aquisição justa de riqueza; o primeiro e

terceiro existem na procriação de filhos em matrimônio legal; o segundo e terceiro em ações comuns de homens mundanos. Das ações nas qual todos os três se combinam, a criação dos filhos pode ser mencionada, pois ela é ao mesmo tempo um dever, um fonte de riqueza, e um prazer.) Quais indicações de Emancipação existem naquele que fracassa em lançar um olhar imparcial para o agradável, o fraco, e o forte? Indigno como tu és dela, tua pretensão de Emancipação deve ser suprimida por teus conselheiros! Esse teu esforço para alcançar a Emancipação (quando tu tens tantas imperfeições) é como o uso de remédio por um paciente que se entrega a todos os tipos de alimentos e práticas proibidos. Ó castigador de inimigos, refletindo sobre cônjuges e outras fontes de apego, uma pessoa deve ver estes em sua própria alma. O que mais pode ser considerado como a indicação de Emancipação? Ouça-me agora enquanto eu te falo em detalhes dessas e certas outras pequenas fontes de apego concernentes às quatro ações bem conhecidas (de deitar para dormir, se divertir, comer, e se vestir) às quais tu ainda estás atado embora tu declares ter adotado a religião da Emancipação. Aquele homem que tem que governar o mundo inteiro deve, de fato, ser um único rei sem um segundo. Ele é obrigado a viver somente em um único palácio. Naquele palácio ele tem também um único quarto de dormir. Naquele quarto ele tem, novamente, somente uma cama na qual à noite ele se deita. Metade daquela cama ele é obrigado a dar para sua Rainha-consorte. Isto pode servir como um exemplo de quão pequena é a parte do rei de tudo o que se diz que ele possui. Este é o caso com seus objetos de prazer, com o alimento que ele come, e com os mantos que ele veste. Ele está assim ligado a uma parte muito limitada de todas as coisas. Ele está, também, ligado aos deveres de recompensa e punição. O rei é sempre dependente de outros. Ele desfruta de uma parte muito pequena de tudo o que se supõe que ele possui, e àquela pequena parte ele é forçado a ser vinculado (assim como outros estão ligados às suas respectivas posses). Na questão também de paz e guerra, o rei não pode citado como independente. Na questão de mulheres, de esportes e outros tipos de divertimento, as inclinações do rei são extremamente restringidas. Na questão de se aconselhar e na assembléia de seus conselheiros, que independência pode-se dizer que o rei tem? Quando, de fato, ele estabelece suas ordens sobre outros homens, ele é citado como sendo totalmente independente. Mas então no momento seguinte, nas várias questões de suas ordens, sua independência é barrada pelos próprios homens a quem ele ordenou. (O rei pode mandar alguns homens fazerem algumas coisas. Aqueles homens, depois de obedecerem aquelas ordens, voltam para ele para relatarem o fato do que eles realizaram. O rei é obrigado a lhes conceder entrevistas para escutá-los.) Se o rei deseja dormir, ele não pode satisfazer seu desejo, impedido por aqueles que têm negócios a realizar com ele. Ele deve dormir quando permitido, e quando dormindo ele é obrigado a acordar para se encarregar daqueles que têm negócios urgentes com ele, --tome banho, toque, beba, coma, despeje libações no fogo, realize sacrifícios, fale, ouça,-- estas são as palavras que reis têm que ouvir de outros e ouvindo-as eles têm que labutar para aqueles que as proferem. Homens vão ao rei em grupos e apelam a ele por doações. Sendo, no entanto, o protetor da tesouraria geral, ele não pode fazer doações nem para os mais merecedores. Se ele faz doações, a tesouraria vem a ser empobrecida. Se ele não faz, solicitadores desapontados o olham de forma

hostil. Ele fica aborrecido e, como o resultado disso, sentimentos misantrópicos logo invadem sua mente. Se muitos homens sábios e heróicos e ricos residem juntos, a mente do rei começa a se encher de desconfiança em consequência. Mesmo quando não há causa de medo, o rei nutre medo daqueles que sempre o servem e adoram. Aqueles que eu mencionei, ó rei, também o criticam. Veja, de que maneira os temores do rei podem provir até deles! Então também todos os homens são reis em suas próprias casas. Todos os homens, também, em suas próprias casas são chefes de família. Como reis, ó Janaka, todos os homens em suas próprias casas castigam e recompensam. Como reis outros também têm filhos e cônjuges e seus próprios interesses e tesourarias e amigos e suprimentos. Nestes aspectos o rei não é diferente de outros homens. 'O país está em ruínas', 'A cidade está consumida pelo fogo', 'O principal dos elefantes está morto', por tudo isso o rei se entrega à aflição como outros, pouco considerando que estas impressões são todas devido à ignorância e erro. O rei raramente está livre de angústias mentais causadas por desejo e aversão e medo. Ele geralmente é afligido também por dores de cabeça e diversas doenças do tipo. O rei é afligido (como outros) por todos os pares de opostos (como prazer e dor, etc.). Ele fica inquieto por causa de tudo. De fato, cheio de inimigos e obstáculos como o reino é, o rei, enquanto desfruta dele, passa noites de insônia. A soberania, portanto, é dotada de uma parte de felicidade extremamente pequena. A miséria da qual ela é dotada é muito grande. Ela é tão insubstancial quanto chamas ardentes alimentadas por palha ou as bolhas de espuma vistas na superfície da água. Quem é que gostaria de obter soberania, ou tendo obtido soberania pode esperar conseguir tranquilidade? Tu consideras este reino e este palácio como teus. Tu pensas também que este exército, esta tesouraria, e estes conselheiros pertencem a ti. De quem, no entanto, eles são na verdade, e de quem eles não são? Aliados, ministros, capital, províncias, castigo, tesouraria, e o rei, estes sete que constituem os membros de um reino existem, dependendo uns dos outros, como três bastões ficando de pé com o apoio uns dos outros. Os méritos de cada um são partilhados pelos méritos dos outros. Qual deles pode então ser citado como superior ao resto? Alguns específicos são considerados como eminentes acima do resto naquelas épocas quando algum fim importante é servido através de sua agência. Superioridade, no momento presente, se atribui àquele cuja eficácia é assim vista. Os sete membros já mencionados, ó melhor dos reis, e os outros três (que são Vriddhi, Kshaya, e Sthana, todos os quais provêm da diplomacia), formando um conjunto de dez, sustentando uns aos outros, são citados como desfrutando do reino como o próprio rei. (Alguns dos sete membros são inanimados, tal como a tesouraria. Mas é dito que a tesouraria mantém os ministros, e os ministros mantêm a tesouraria.) Aquele rei que é dotado de grande energia e que é firmemente ligado às práticas Kshatriya, deve estar satisfeito somente com uma décima parte da produção do campo do súdito. São vistos outros reis que estão satisfeitos com menos do que uma décima parte de tais produtos. Não há ninguém que possua a posição real sem alguém mais possuí-la no mundo, e não há reino sem um rei. (Por isso, quando todo reino tem um rei, e os reis também são muitos, ninguém deve se entregar ao orgulho ao pensamento de que ele é um rei.) Se não houvesse reino, não poderia haver justiça, e se não houvesse justiça, de onde a Emancipação poderia surgir? Qualquer mérito que

seja o mais sagrado e o maior, pertence aos reis e reinos. (O objetivo do verso é mostrar que como Janaka governa seu reino sem de ser afeiçoado a ele, ele não pode reivindicar ao mérito que pertence aos reis.) Por governar bem um reino, um rei ganha o mérito que se atribui a um Sacrifício de Cavalo com a Terra inteira doada como Dakshina. Mas há quantos reis que governam bem seus reinos? Ó soberano de Mithila, eu posso mencionar centenas e milhares de imperfeições como estas que se vinculam a reis e reinos. Então, também, quando eu não tenho conexão real mesmo com meu corpo, como então eu posso ser citada como tendo algum contato com os corpos de outros? Tu não podes me acusar de ter me esforçado para ocasionar uma mistura de castas. Tu ouviste a religião de Emancipação em sua totalidade dos lábios de Panchasikha junto com seus meios, seus métodos, suas práticas, e sua conclusão? Se tu triunfaste sobre todos os teus vínculos e te libertaste de todas as atrações, eu posso te perguntar, ó rei, porque tu ainda preservas tuas conexões com este guarda-sol e esses outros anexos de realeza? Eu penso que tu não escutaste as escrituras, ou, tu as escutaste sem qualquer vantagem, ou, talvez, tu escutaste alguns outros tratados parecidos com as escrituras. Parece que tu possuis somente conhecimento mundano, e como um homem comum do mundo tu és limitado pelos laços de contado e esposas e mansões e semelhantes. Se é verdade que tu estás emancipado de todos os vínculos, que mal eu te fiz por entrar em teu corpo somente com meu Intelecto? Com Yatis, entre todas as classes de homens, o costume é morar em residências inabitadas ou abandonadas. Que mal então eu fiz para quem por entrar em tua compreensão a qual é de conhecimento real? Eu não te toquei, ó rei, com minhas mãos, ou braços, ou pés, ou coxas, ó impecável, ou com qualquer outra parte do corpo. Tu és nascido em uma linhagem nobre. Tu tens modéstia. Tu tens previdência. Se o ato foi bom ou mau, minha entrada em teu corpo foi secreta, dizendo respeito a nós dois somente. Não foi impróprio para ti divulgar aquela ação particular perante toda a tua corte? Estes Brahmanas são todos dignos de respeito. Eles são os principais dos preceptores. Tu também tens direito ao respeito deles, sendo seu rei. Fazendo-lhes reverência, tu tens direito a receber reverência deles. Refletindo sobre tudo isso, não é apropriado para ti proclamar perante estes principais dos homens o fato dessa união entre duas pessoas de sexos opostos, se, de fato, tu és realmente conhecedor das regras de decência em relação a palavras. Ó rei de Mithila, eu estou permanecendo em ti sem te tocar em absoluto assim como uma gota de água em uma folha de lótus que permanece sobre ela sem encharcá-la o mínimo. Apesar das instruções de Panchasikha da classe mendicante, teu conhecimento se tornou abstraído dos objetos sensuais com os quais ele se relaciona? Tu, isto é óbvio, abandonaste o modo de vida familiar mas ainda não alcançaste a Emancipação à qual é tão difícil de se chegar. Tu permaneces entre os dois, fingindo que alcançaste a meta da Emancipação. O contato de alguém que é emancipado com outro que é assim, ou Purusha com Prakriti, não pode levar a uma mistura do tipo que tu temes. Somente aqueles que consideram a alma como idêntica ao corpo, e que pensa que as várias classes e modos de vida são realmente diferentes uns dos outros, está aberto ao erro de supor que uma mistura é possível. Meu corpo é diferente do teu. Mas minha alma não é diferente da tua alma. Quando eu posso perceber isso, eu não tenho a menor dúvida de que minha compreensão não está realmente

permanecendo na tua embora eu tenha entrado em ti por Yoga. Uma panela é carregada na mão. Na panela há leite. No leite há uma mosca. Embora a mão e a panela, a panela e o leite, e o leite e a mosca, existam juntos, ainda assim eles são todos diferentes uns dos outros. A panela não compartilha a natureza do leite. Nem o leite compartilha a natureza da mosca. A condição de cada um é dependente de si mesma, e nunca pode ser alterada pela condição daquele outro com o qual ele possa existir temporariamente. Dessa maneira, cores e práticas, embora elas possam existir juntas com e em uma pessoa que é emancipada, realmente não se vinculam a ela. Como então uma mistura de classes pode ser possível por causa dessa união de mim mesma contigo? Então, também, eu não sou superior a ti em cor. Eu não sou uma Vaisya, nem uma Sudra. Eu sou, ó rei, da mesma classe que tu, nascida de uma linhagem pura. Há um sábio nobre de nome Pradhana. É evidente que tu ouviste falar dele. Eu nasci na linhagem dele, e meu nome é Sulabha. Nos sacrifícios realizados por meus antepassados, o principal dos deuses, Indra, costumava vir, acompanhado por Drona e Satasringa, e Chakradwara (e outros gênios que presidem as grandes montanhas). Nascida em tal linhagem, descobriu-se que nenhum marido que fosse digno de mim poderia ser obtido por mim. Instruída então na religião da Emancipação, eu vago só sobre a Terra, observadora das práticas de ascetismo. Eu não pratico hipocrisia na questão da vida de Renúncia. Eu não sou um ladrão que se apropria do que pertence a outros. Eu não confundo as práticas pertencentes às diferentes classes. Eu sou firme nas práticas que pertencem àquele modo de vida ao qual eu pertenço devidamente. Eu sou firme e imperturbável em meus votos. Eu nunca profiro alguma palavra sem refletir sobre sua adequação. Eu não vim a ti sem ter deliberado devidamente, ó monarca! Tendo ouvido que tua compreensão tinha sido purificada pela religião da Emancipação, eu vim aqui pelo desejo de algum benefício. De fato, foi para te perguntar acerca da Emancipação que eu vim. Eu não digo isso para glorificar a mim mesma e humilhar meus oponentes. Mas eu digo isso impelida somente pela sinceridade. O que eu digo é, aquele que está emancipado nunca se entrega àquele combate intelectual que é implicado por uma discussão dialética pela vitória. Por outro lado, é realmente emancipado aquele que se devota a Brahma, aquele único alicerce da tranquilidade. Como uma pessoa da classe mendicante reside por uma única noite em uma casa vazia (e a deixa na manhã seguinte), da mesma maneira eu residirei por esta única noite em tua pessoa (a qual, como eu já disse, é como um quarto vazio, sendo desprovida de conhecimento). Tu me honraste com palavras e outras ofertas que são devidas de um anfitrião para um convidado. Tendo dormido esta única noite em tua pessoa, ó soberano de Mithila, a qual é como se fosse meu próprio quarto agora, eu partirei amanhã.'"

"Bhishma continuou, 'Ouvindo essas palavras repletas de significado excelente e com razão, o rei Janaka fracassou em dar qualquer resposta a isso.'" (As palavras de Sulabha eram irrefutáveis, pois para alcançar a Emancipação uma pessoa deve praticar uma vida de Renúncia em vez de continuar no modo de vida familiar).

322

"Yudhishthira disse, 'Como Suka, o filho de Vyasa, antigamente, conquistou a Renúncia? Eu desejo te ouvir narrar a história. Minha curiosidade a este respeito é irreprimível. Cabe a ti, ó tu da linhagem de Kuru, me falar sobre as conclusões a respeito do Imanifesto (Causa), do Manifesto (Efeitos), e da Verdade (ou Brahma) que está neles, mas não ligada a eles, como também das ações do auto-nascido Narayana, como elas são conhecidas por tua compreensão.'"

"Bhishma disse, 'Vendo seu filho Suka vivendo destemidamente como homens comuns vivem, em práticas que são consideradas inofensivas por eles, Vyasa lhe ensinou os Vedas inteiros e então um dia lhe falou estas palavras: 'Vyasa disse, 'Ó filho, tornando-te o mestre dos sentidos, subjugue frio extremo e calor extremo, fome e sede, e o vento também, e tendo-os subjugado (como Yogins fazem), pratique a virtude. Observe devidamente verdade e sinceridade, e liberdade de ira e malícia, e autodomínio e penitências, e os deveres de benevolência e compaixão. Permaneça na verdade, firmemente dedicado à justiça, abandonando todo tipo de insinceridade e engano. Mantenha tua vida do que resta de comida depois de alimentar os deuses e convidados. Teu corpo é tão transitório quanto a espuma sobre a superfície da água. A alma Jiva está colocada sobre ele livre como uma ave em uma árvore. A companhia de todo objeto agradável é de duração extremamente curta. Por que então, ó filho, tu dormes em tal esquecimento? Teus inimigos (os sentimentos) estão atentos e despertos e sempre prontos (para surgirem em ti) e sempre alertas à sua oportunidade. Por que tu és tão tolo quanto a não saber disso? Conforme os dias se seguem um depois do outro, o período da tua vida está sendo diminuído. De fato quando tua vida está sendo encurtada incessantemente, por que tu não deverias correr para os preceptores (para aprender os meios de salvação)? Somente aqueles que são desprovidos de fé (na existência da vida seguinte) colocam seus corações em coisas deste mundo que têm o único efeito de aumentar carne e sangue. Eles estão totalmente desatentos a tudo o que está relacionado com o mundo seguinte. Aqueles homens que estão entorpecidos por compreensões errôneas demonstram um ódio pela justiça. O homem que caminha atrás daquelas pessoas enganadas que se dirigiram para caminhos desviados e errôneos é afligido igualmente com elas. Aqueles, no entanto, que são satisfeitos, devotados às escrituras, dotados de grandes almas, e possuidores de grande poder, se dirigem ao caminho da justiça. Visite-os com reverência e procure instrução deles. Aja segundo as instruções recebidas daqueles homens sábios cujos olhos estão fixos na justiça. Com compreensão purificada por tais lições e tornada superior, reprima então teu coração o qual está sempre pronto para se desviar da direção correta. Aqueles cujas compreensões estão sempre relacionadas com o presente, que destemidamente consideram o amanhã como uma coisa bastante remota, aqueles que não observam quaisquer restrições a respeito de comida, são realmente pessoas insensatas que falham em entender que este mundo é somente um campo de provação. (Literalmente, o mundo é somente um campo de ação, implicando que as criaturas, vindo aqui, têm que agir; essas ações levam a recompensas e punições, aqui e após a morte. O caminho da Emancipação é por

esgotar as consequências das ações por gozo ou sofrimento e por se abster de atos adicionais por adotar a religião de Nivritti.) Indo para a escada constituída pela Justiça, suba aqueles degraus um após outro. No momento tu és como um verme que está empenhado em tecer seu casulo ao redor de si mesmo e assim se privando de todos os meios de fuga. Mantenha à tua esquerda, sem qualquer escrúpulo, o ateu que transgride todas as restrições, que está situado como uma casa ao lado de uma correnteza violenta e que vai além dos limites, (pois ele procura a destruição), e que (para outros) parece permanecer como um bambu com sua cabeça erguida em orgulho. Com a balsa do Yoga, cruze o oceano do mundo cujas águas são constituídas pelos teus cinco sentidos. Tendo Desejo e Ira e Morte como seus monstros ferozes, e possuindo nascimento como seu redemoinho. Atravesse, com a balsa da Justiça, o mundo que é afetado pela Morte e afligido pela Decrepitude, e sobre o qual os raios constituídos pelos dias e noites estão caindo constantemente. Quando a morte está te procurando em todos os momentos, isto é, quando tu estás sentado ou deitado, é certo que a Morte pode te pegar como sua vítima a qualquer momento. De onde tu obterás tua salvação? Como uma loba arrebatando um cordeiro, a Morte arrebata alguém que ainda está empenhado em ganhar riqueza e ainda insatisfeito na indulgência de seus prazeres. Quando tu estás destinado a entrar no escuro, segure a lâmpada brilhante feita de compreensão correta e cuja chama tem sido bem economizada. Caindo em várias formas uma após outra no mundo de homens, uma criatura obtém a posição de Brahmana com grande dificuldade. Tu obtiveste esta posição. Então, ó filho, te esforce para mantê-la (adequadamente, isto é, por cumprir os deveres de um Brahmana). Um Brahman não nasceu para a satisfação do desejo. Por outro lado, seu corpo é planejado para estar sujeito à mortificação e penitências neste mundo para que felicidade incomparável possa ser dele no mundo seguinte. A posição de Brahmana é adquirida com a ajuda de penitências muito longas e austeras. Tendo alcançado esta posição, alguém nunca deve desperdiçar seu tempo na satisfação de seus sentidos. Sempre engajado em penitências e autodomínio e desejoso do que é para o teu bem, viva e aja, dedicado à paz e tranquilidade. O período de vida de todos os homens é como um corcel. A natureza daquele corcel é imanifesta. Os (dezesseis) elementos (mencionados anteriormente) constituem seu corpo. Sua natureza é extremamente sutil. Kshanas, e Trutis, e Nimeshas são os pêlos em seu corpo. Os crepúsculos constituem as juntas de seus ombros; as quinzenas iluminadas e escuras são seus dois olhos de igual poder. Os meses são seus outros membros. Aquele corcel está correndo incessantemente. Se teus olhos não são cegos, vendo então aquele corcel se movendo adiante continuamente em seu curso invisível, coloque teu coração na justiça, depois de ouvires o que teus preceptores têm a dizer sobre o assunto do mundo seguinte. Aqueles que abandonam a justiça e se comportam temerariamente, que sempre demonstram malícia em direção a outros e se dirigem para maus caminhos são obrigados a assumir corpos (físicos) nas regiões de Yama e sofrer diversas aflições, por consequência de suas ações injustas de diversos tipos. Aquele rei que é devotado à justiça e que protege e castiga os bons e os maus com discernimento, alcança aquelas regiões que pertencem ao homem de ações justas. Por fazer diversos tipos de boas ações, ele obtém tal felicidade que é impecável e não pode ser alcançada mesmo por passar

por milhares de nascimentos. (O comentador explica que este verso é para assegurar Yudhishthira que reis são competentes para obter felicidade no mundo seguinte.) Cães furiosos de aparência terrível, corvos de bicos de ferro, bandos de corvos e urubus e outras aves, e vermes chupadores de sangue, atacam o homem que desobedece as ordens de seus pais e preceptores quando ele vai para o inferno depois da morte. Aquele patife pecaminoso que, por seu atrevimento, transgride os dez limites que foram fixados pelo próprio Auto-nascido, é obrigado a passar seu tempo em grande aflição no desertos selvagens que se encontram nos domínios do rei dos Pitris. (Os dez limites ou mandamentos, como citados pelo comentador, são os cinco positivos, isto é, Pureza, Contentamento, Penitências, Estudo dos Vedas, Meditação em Deus; e os cinco negativos, isto é, abstenção da crueldade, da mentira, do roubo, do não cumprimento de votos, e da aquisição de riqueza.) Aquele homem que é corrompido pela cobiça, que ama a mentira, que sempre tem prazer na desonestidade e trapaça, e que causa dano a outros por praticar hipocrisia e fraude, tem que ir para o inferno profundo e sofrer grande dor e aflição por seus atos de maldade. Tal homem é forçado a se banhar no rio largo chamado Vaitarani cujas águas são escaldantes, a entrar em uma floresta de árvores cujas folhas são tão afiadas quanto espadas, e então a deitar em uma cama de machados de batalha. Ele tem assim que passar seus dias no inferno terrível em grande aflição. Tu viste somente as regiões de Brahman e outras divindades, mas tu estás cego para aquela que é a mais elevada (isto é, a Emancipação). Ai, tu estás sempre cego também àquilo que traz a Morte em seu séquito, (isto é, decrepitude e velhice). Vá (pelo caminho da Emancipação)! Por que tu tardas? Um terror medonho, destrutivo de tua felicidade, está diante de ti! Tome medidas imediatas para realizar tua Emancipação! Logo depois da morte tu com certeza serás levado perante Yama por ordem dele. Para obter felicidade no mundo seguinte, esforce-te para obter virtude pela prática de votos difíceis e severos. O pujante Yama, indiferente aos sofrimentos de outros, logo tira as vidas de todas as pessoas, isto é, de ti mesmo e teus amigos. Não há ninguém capaz de resistir a ele. Logo o vento de Yama soprará à tua frente (e te levará para a presença dele). Logo tu serás levado àquela presença terrível completamente sozinho. Realize o que será para o teu bem lá. Onde está agora aquele vento da morte que logo soprará perante ti? (Tu estás consciente disso?) Logo os pontos do horizonte, quando aquele momento chegar, vão começar a girar diante dos teus olhos. (Tu estás consciente disso?) Ó filho, logo (quanto chegar a hora) teus Vedas desaparecerão da tua visão quando tu fores sem auxílio àquela presença terrível. Portanto, coloque teu coração na abstração Yoga que é possuidora de grande excelência. Procure chegar àquele único tesouro (Samadhi ou Brahma) para que tu não tenhas que sofrer pela recordação (depois da Morte) de tuas antigas ações boas e más, todas as quais são caracterizadas pelo erro. (Atos, sejam bons ou maus, todos surgem do erro. Abstenção de ações é o verdadeiro caminho para a Emancipação.) A decrepitude logo enfraquece teu corpo e rouba tua força e membros e beleza. Portanto, procure aquele único tesouro. Logo o Destruidor, com Doença como seu cocheiro, irá, com uma mão forte, para tirar tua vida, perfurar e quebrar teu corpo. Portanto pratique penitência ascética. Logo, aqueles lobos terríveis que residem dentro do teu corpo (as emoções), te atacarão por todos os lados. Esforce-te, portanto, para realizar ações de virtude. Logo tu

irás, completamente só, ver uma escuridão densa, e logo tu verás árvores douradas no topo da colina. Portanto, te apresse para realizar ações de virtude. (A visão de árvores douradas é um sinal premonitório de Morte.) Logo aqueles teus maus companheiros e inimigos, (isto é, os sentidos), vestidos na aparência de amigos, te desviarão da visão correta. Então, ó filho, te esforce para obter aquilo que é do maior benefício. Ganhe aquela riqueza pela qual alguém não tem que temer reis ou ladrões, e a qual alguém não tem que abandonar mesmo na Morte. Obtida pelas próprias ações, aquela riqueza nunca tem que ser dividida entre co-proprietários. Cada um desfruta daquela riqueza (no mundo seguinte), a qual cada um ganhou por si mesmo. Ó filho, ofereça para outros aquilo pelo qual eles possam ser capazes de viver no mundo seguinte. Também te dirija para a aquisição daquela riqueza que é indestrutível e durável. Não pense que tu deves primeiro desfrutar de todos os tipos de prazeres e então dirigir teu coração para a Emancipação, pois antes que tu estejas saciado com o prazer tu podes ser alcançado pela Morte. Em vista disso, te apresse para fazer ações de bondade. (Literalmente traduzido, o verso correria dessa maneira: 'Antes do cozimento do Yavaka de um homem rico estar terminado, de fato, enquanto ele ainda não está cozido, tu podes encontrar com a morte. Portanto, te apresse.' Yavaka é um tipo específico de alimento feito de ghee e farinha de trigo ou cevada.) Nem mãe, nem filho, nem parentes, nem amigos queridos, mesmo quando solicitados com honras, acompanham o homem que morre. Para as regiões de Yama uma pessoa tem que ir por si mesma, desacompanhada. Somente aquelas ações, boas e más, que ele fez antes da morte, acompanham o homem que vai para o outro mundo. O ouro e pedras preciosas que alguém ganhou por meios bons e maus não se tornam produtivos de qualquer benefício para alguém quando seu corpo encontra com a dissolução. Dos homens que foram para o outro mundo, não há testemunha, melhor do que a alma, de todas as ações feitas ou não feitas em vida. Que quando o ativo Chaitanya (alma Jiva) entra na testemunha Chaitanya, a destruição do corpo acontece, é visto pela inteligência Yoga quando Yogins entram no firmamento de seus corações. (A existência da Alma quando o corpo não existe é possível, pois Yogins, em Yoga, vivem em sua Alma enquanto estão inconscientes de seus corpos. A entrada do ativo Chaitanya naquele Chaitanya o qual sobrevive como a testemunha significa a morte do corpo.) Mesmo aqui, o deus do Fogo, do Sol e do Vento, estes três residem no corpo. Estes, observando como eles fazem todas as práticas da vida de alguém se tornam suas testemunhas. Dias e Noites, o primeiro caracterizado pela virtude de expor todas as coisas e a última caracterizada pela virtude de ocultar todas as coisas, estão correndo incessantemente e tocando todas as coisas (e assim diminuindo seus períodos concedidos de existência). Portanto, seja observador dos deveres da tua própria classe. A estrada no outro mundo (que leva às regiões de Yama), é infestada por muitos inimigos (na forma de aves de bicos de ferro e lobos) e por muitos insetos e vermes terríveis e repulsivos. Cuide das tuas próprias ações, pois somente as ações o acompanharão ao longo daquela estrada. Alguém não tem que compartilhar suas ações com outros, mas cada um desfruta ou suporta os resultados daquelas ações as quais ele mesmo realizou. Como Apsaras e grandes Rishis alcançam frutos de grande felicidade, da mesma maneira, os homens de atos justos, como os frutos de suas respectivas ações justas, obtêm no outro

mundo carros de brilho transcendente que se movem por todos os lugares à vontade dos passageiros. Homens de ações imaculadas e almas purificadas e nascimento puro obtêm no mundo seguinte frutos que correspondem às suas próprias ações corretas nessa vida. Por andar pela estrada excelente constituída pelos deveres da vida familiar, homens obtêm fins felizes por alcançarem a região de Prajapati ou Vrihaspati ou daquele de cem sacrifícios. Eu posso te dar milhares e milhares de instruções. Saiba, no entanto, que o poderoso purificador (isto é, a Retidão), mantém todas as pessoas tolas no Escuro. Tu passaste dos vinte e quatro anos. Tu tens agora vinte e cinco anos de idade completos. Teus anos estão passando. Comece a preparar teu estoque de virtude. O Destruidor que mora dentro do erro e negligência logo privará teus sentidos dos seus respectivos poderes. Antes que a consumação seja ocasionada, te apresse para cumprir teus deveres, confiando em teu corpo somente. Quando é teu dever seguir ao longo daquela estrada na qual somente tu mesmo estarás na frente e somente tu mesmo estarás na retaguarda (isto é, a estrada do Autoconhecimento), que necessidade tu tens então de teu corpo ou tua esposa e filhos? Quando homens têm que ir individualmente e sem companheiros para a região de Yama, é claro que em vista de tal situação de terror tu deves procurar adquirir aquele único tesouro (isto é, Retidão ou Yogasamadhi). O pujante Yama, indiferente às aflições de outros, arrebata os amigos e parentes da família de alguém pelas próprias raízes. Ninguém pode resistir a ele. Portanto, procure adquirir um estoque de virtude. Eu te dou essas lições, ó filho, que estão todas em conformidade com as escrituras que eu sigo. Pratique-as por agir de acordo com sua importância. Aquele que sustenta seu corpo por seguir os deveres prescritos para sua própria classe, e que faz doações para ganhar quaisquer frutos que possam se vincular a tais ações, vem a ser livre das consequências que nascem da ignorância e erro. O conhecimento que um homem de ações justas adquire das declarações Védicas (tais como Tattwamasi, etc.) leva à onisciência. Aquela onisciência é idêntica ao conhecimento do maior objeto de aquisição humana (isto é, a Emancipação). Instrução, dada ao grato, se torna benéfica (por levar ao alcance daquele maior objeto de aquisição humana). A satisfação que alguém tem em viver em meio às habitações de homens é realmente uma corda que ata rapidamente. Rompendo aquela corda, homens de ações justas vão para regiões de grande bem-aventurança. Homens pecaminosos, no entanto, fracassam em romper aquele laço. Que necessidade tu tens de riqueza, ó filho, ou de parentes, ou de filhos, já que tu tens que morrer? Dedique-te a procurar por tua alma que está escondida em uma caverna. Aonde foram todos os teus antepassados? Faça hoje aquilo que tu deixarias para amanhã. Faça de manhã o que tu deixarias para a tarde. A Morte não espera por ninguém, para ver se ele terminou ou não sua tarefa. Seguindo o corpo depois da morte (para o crematório), os parentes e amigos de uma pessoa voltam, jogando-o na pira mortuária. Sem um escrúpulo evite aqueles homens que são céticos, que são desprovidos de compaixão, e que são devotados a maus caminhos, e te esforce para procurar, sem desatenção ou apatia, aquilo que é para o teu maior bem. Quando, portanto, o mundo é assim afligido pela Morte, tu, com todo teu coração, conquiste virtude, ajudado todo o tempo por paciência inabalável. Aquele homem que conhece bem os meios de chegar à Emancipação e que cumpre devidamente os deveres de sua classe, seguramente obtém grande

felicidade no outro mundo. Para ti que não reconheces a morte na obtenção de um corpo diferente e que não te desvias do caminho trilhado pelos justos, não há destruição. Aquele que aumenta o estoque de virtude é realmente sábio. Aquele, por outro lado, que abandona a virtude é citado como sendo um tolo. Alguém que está empenhado na realização de boas ações alcança o céu e outras recompensas como os frutos daquelas ações; mas aquele que é dedicado às más ações tem que afundar no inferno. Tendo alcançado a posição de humanidade, de aquisição tão difícil, que é o ponto de partida para o céu, uma pessoa deve fixar sua alma em Brahma para que ela não possa decair mais uma vez. Aquele homem cuja compreensão, dirigida ao caminho do céu, não se desvia disso, é considerado pelos sábios como realmente um homem de retidão e quando ele morre seus amigos devem se entregar à aflição. Aquele homem cuja mente não é inquieta e que está dirigida para Brahma e que alcançou o céu, fica livre de um grande terror (isto é, o inferno). Aqueles que nascem em retiros de ascetas e que morrem lá, não ganham muito mérito por se absterem toda a sua vida de prazeres e da satisfação do desejo. Aquele, no entanto, que embora possuidor de objetos de prazer os rejeita e se engaja na prática de penitências, consegue adquirir tudo. Os resultados das penitências de tal homem são, eu penso, muito superiores. Mães e pais e filhos e cônjuges, às centenas e milhares, todos tiveram e terão neste mundo. Quem, no entanto, eram eles e de quem somos nós? Eu estou bastante só. Eu não tenho alguém a quem eu possa chamar de meu. Nem eu pertenço a alguém mais. Eu não vejo aquela pessoa de quem eu sou, nem vejo aquela a quem eu possa chamar de minha. Eles não têm nada a fazer contigo. Tu não tens nada a fazer com eles. (O sentido é que no decorrer dos nossos repetidos renascimentos nós obtemos esses relacionamentos repetidamente e os obteremos repetidamente. Mas nós somos, na verdade, totalmente não relacionados com eles. Sua união conosco é como a união de pedaços de madeira flutuando em um rio, ora unidos temporariamente, ora separados.) Todas as criaturas nascem segundo suas ações de vidas passadas. Tu também terás que partir daqui (para nascer em uma nova classe) determinada por tuas próprias ações. Neste mundo é visto que somente os amigos e seguidores daqueles que são ricos se comportam para com os ricos com dedicação. Os amigos e seguidores daqueles, no entanto, que são pobres, os abandonam mesmo durante a vida dos pobres. Um homem comete numerosas más ações por causa de sua esposa (e filhos). Daquelas más ações ele deriva muita aflição aqui e após a morte. O homem sábio vê o mundo de vida devastado pelas ações realizadas por todos os seres vivos. Portanto, ó filho, aja de acordo com todas as instruções que eu tenho te dado! O homem possuidor de visão verdadeira, vendo este mundo somente como um campo de ação, deve, pelo desejo de felicidade no mundo seguinte, fazer ações que são boas. O Tempo, exercendo sua força irresistível, cozinha todas as criaturas (em seu próprio caldeirão), com a ajuda de sua concha constituída por meses e estações, o sol como seu fogo, e dias e noites como seu combustível, dias e noites, isto é, que são as testemunhas dos frutos de todas as ações feitas por todas as criaturas. Para qual propósito é aquela riqueza que não é doada e que não é desfrutada? Para qual propósito é aquela força que não é empregada em resistir ou subjugar os inimigos? Para qual propósito é aquele conhecimento das escrituras que não impele alguém para ações de virtude? E

para qual propósito é aquela alma que não subjuga os sentidos nem se abstém de más ações?'"

"Bhishma continuou, 'Tendo ouvido essas palavras benéficas faladas pelo Nascido na Ilha (Vyasa), Suka, deixando seu pai, procedeu para procurar um preceptor que pudesse ensinar a ele a religião de Emancipação.'"

323

"Yudhishthira disse, 'Se há alguma eficácia em doações, em sacrifícios, em penitências bem realizadas, e em serviços respeitosos prestados para preceptores e outros superiores veneráveis, ó avô, fale da mesma para mim.'"

"Bhishma disse, 'Uma compreensão associada com o mal faz a mente cair em pecado. Neste estado alguém macula suas ações, e então cai em grande angústia. Aqueles que são de ações pecaminosas têm que nascer como pessoas de condições muito indigentes. De fome para fome, de dor para dor, de medo para medo, é sua mudança. Eles estão mais mortos do que aqueles que estão mortos. Possuidores de riqueza, de alegria para alegria, de céu para céu, de felicidade para felicidade, procedem aquele que possuem fé, que são autodominados, e que estão dedicados a ações virtuosas. Aqueles que são descrentes têm que passar, com mãos tateantes, por regiões infestadas por animais predadores e elefantes e regiões sem trilhas cheias de cobras e ladrões e outras causas de temor. O que mais precisa ser dito desses? Aqueles, por outro lado, que são dotados de reverência por deuses e convidados, que são generosos, que têm respeito apropriado pelas pessoas que são boas, e que fazem doações em sacrifícios, têm como seu o caminho (de bem-aventurança) que pertence aos homens de almas purificadas e subjugadas. Aqueles que não são justos não devem ser contados entre homens assim como grãos sem núcleo não são contados entre grãos e como baratas não são contadas entre aves. As ações que alguém faz o seguem mesmo que ele corra rápido. Quaisquer ações que alguém faça se deitam com o fazedor que se deita. De fato, os pecados que alguém faz sentam quando o fazedor senta, e correm quando ele corre. Os pecados agem quando o fazedor age, e realmente seguem o fazedor como sua sombra. Quaisquer que sejam as ações que alguém faça por quaisquer meios e sob quaisquer circunstâncias, indubitavelmente serão desfrutadas e suportadas (em relação aos seus resultados), pelo fazedor em sua próxima vida. De todos os lados o Tempo está sempre arrastando todas as criaturas, cumprindo devidamente a regra a respeito da distância à qual elas são jogadas e a qual é compatível com seus atos. (O Tempo, como um agente personificado, está jogando todas criaturas a distâncias desiguais. Algumas são jogadas perto e algumas a uma grande distância. Essas distâncias são reguladas pela natureza das ações feitas pelas criaturas jogadas. Algumas são lançadas entre animais, algumas entre homens. Jogando ou lançando-as dessa maneira, o Tempo as arrasta novamente, as cordas de amarrar estando sempre em suas mãos.) Como flores e frutas, sem serem incitadas, nunca permitem que seu tempo apropriado passe sem fazerem seu aparecimento,

assim mesmo as ações que alguém fez na vida passada fazem seu aparecimento no tempo apropriado. Honra e desonra, lucro e perda, destruição e crescimento, são vistos se manifestarem. Ninguém pode resistir a eles (quando eles vêm). Nenhum deles é duradouro, pois ele deve desaparecer depois do aparecimento. A tristeza que alguém sofre é o resultado de suas próprias ações. A felicidade que alguém desfruta flui de suas próprias ações. Desde o momento em que jaz dentro do útero da mãe uma pessoa começa a desfrutar e suportar seus atos de uma vida passada. Quaisquer ações boas ou más feitas na infância, juventude, ou velhice, alguém desfruta ou suporta suas consequências em uma próxima vida em idades similares. Como o bezerro reconhece sua mãe mesmo que a última possa estar entre milhares de sua espécie, do mesmo modo as ações feitas por alguém em sua vida passada chegam a ele em sua vida seguinte (sem qualquer equívoco) embora ele viva entre milhares de sua espécie. Como uma peça de roupa suja é branqueada por ser lavada em água, do mesmo modo os virtuosos, purificados pela exposição contínua ao fogo de jejuns e penitências, finalmente obtêm felicidade interminável. Ó tu de grande inteligência, os desejos e propósitos daquele cujos pecados têm sido purificados por penitências bem realizadas continuadas por longo tempo se tornam coroados com fruição. O caminho dos justos não pode ser percebido assim como aquele das aves no céu, ou aquele dos peixes na água. Não há necessidade de falar mal dos outros, nem de recitar os casos nos quais outros têm errado. Por outro lado, uma pessoa deve sempre fazer o que é encantador, agradável, é benéfico para si mesmo.'"

324

"Yudhishthira disse, 'Diga-me, ó avô, como Suka de grande alma de penitências austeras nasceu como o filho de Vyasa, e como ele conseguiu alcançar o maior sucesso? Em qual mulher Vyasa, dotado de riqueza de ascetismo, gerou aquele filho dele? Nós não sabemos quem foi a mãe de Suka, nem sabemos alguma coisa do nascimento daquele asceta de grande alma. Como foi que, quando ele era um mero menino, sua mente veio a ser dirigida para o conhecimento do (Brahma) sutil? De fato, neste mundo nenhuma segunda pessoa pode ser vista na qual tais predileções pudessem ser notadas tão cedo em idade. Eu desejo saber tudo isso em detalhes, ó tu de grande inteligência. Eu nunca estou saciado com a audição de tuas palavras excelentes e como néctar. Fale-me, ó avô, em sua ordem apropriada, da grandeza e do conhecimento de Suka e de sua união com a Alma (Suprema)!"

"Bhishma continuou, 'Os Rishis não fazem mérito dependendo de idade ou decrepitude ou riqueza ou amigos. Eles disseram que era grande entre eles aquele que estudava os Vedas. Tudo isso sobre o que tu perguntaste tem penitências como seu fundamento. As penitências, ó filho de Pandu, provêm da subjugação dos sentidos. Sem dúvida, uma pessoa cai em erro por largar as rédeas de seus sentidos. É somente por controlá-los que alguém consegue ganhar sucesso. O mérito que se vincula a mil Sacrifícios de Cavalo ou cem Vajapeyas não pode chegar nem a uma décima sexta parte do mérito que provêm

do Yoga. Eu irei, na presente ocasião, narrar para ti as circunstâncias do nascimento de Suka, os frutos que ele ganhou por suas penitências, e o principal fim que ele alcançou (por suas ações), tópicos que não podem ser entendidos por pessoas de alma impura. Uma vez sobre o topo de Meru adornado com flores karnikara, Mahadeva se divertia, acompanhado pelos espíritos terríveis que eram seus associados. A filha do rei das montanhas, isto é, a deusa Parvati, também estava lá. Na vizinhança daquele topo, o Nascido na Ilha (Vyasa) passava por austeridades extraordinárias. Ó melhor dos Kurus, dedicado às práticas de Yoga, o grande asceta se recolheu por Yoga em sua própria Alma, e empenhado em Dharana, praticou muitas austeridades para (obter) um filho. A oração que ele endereçou ao grande Deus foi: 'Ó pujante, me permita ter um filho que tenha a força do Fogo e Terra e Água e Ar e Espaço.' Engajado nas mais austeras das penitências, o Rishi Nascido na Ilha rogou daquele Deus que não pode ser aproximado por pessoas de almas impuras, (não por palavras mas) por sua resolução Yoga. O pujante Vyasa permaneceu lá por cem anos, subsistindo só de ar, empenhado em adorar Mahadeva de formas diversas, o marido de Uma. Para lá foram todos os Rishis regenerados e sábios reais e os Regentes do mundo e os Sadhyas junto com os Vasus, e os Adityas, os Rudras, e Surya e Chandramas, e os Maruts, e os Oceanos, e os Rios e os Aswins, as Divindades, os Gandharvas, e Narada e Parvata e o Gandharva Viswavasu, e os Siddhas, e as Apsaras. Lá Mahadeva, chamado também pelo nome de Rudra, sentou, enfeitado com uma guirlanda excelente de flores Karnikara, e brilhou com refulgência como a Lua com seus raios. Naqueles bosques encantadores e celestiais densamente povoados com divindades e Rishis celestes o grande Rishi permaneceu, dedicado à sublime contemplação Yoga, pelo desejo de obter um filho. Sua força não sofreu diminuição, nem ele sentiu alguma dor. Nisto os três mundos estavam muito surpresos. Enquanto o Rishi, possuidor de energia incomensurável, estava em Yoga, seus cabelos emaranhados, por causa de sua energia, foram vistos resplandecerem como chamas de fogo. Foi do ilustre Markandeya que eu soube disso. Ele sempre costumava contar para mim as ações das divindades. É por isso que os cabelos emaranhados do Krishna de grande alma e (Nascido na Ilha), assim iluminados por sua energia naquela ocasião, parecem até hoje serem dotados da cor do fogo. Satisfeito com tais penitências e tal devoção, ó Bharata, do Rishi, o grande Deus resolveu (conceder a ele seu desejo). A divindade de três olhos, sorrindo com prazer, dirigiu-se a ele e disse, 'Ó Nascido na Ilha, tu obterás um filho como o que tu desejas! Possuidor de grandeza, ele será tão puro quanto o Fogo, o Ar, a Terra, a Água, e o Espaço! Ele possuirá a consciência de ser o próprio Brahma; sua compreensão e alma serão devotadas a Brahma, e ele dependerá completamente de Brahma de tal modo a ser identificável com ele!'"

325

"Bhishma disse. 'O filho de Satyavati, tendo obtido este grande benefício do grande Deus, estava um dia empenhado em friccionar seus gravetos para fazer um fogo. Enquanto estava assim ocupado, o Rishi ilustre, ó rei, viu a Apsara

Ghritachi, que, por sua energia, era então possuidora de grande beleza. Contemplando a Apsara naqueles bosques, o ilustre Rishi Vyasa, ó Yudhishthira, ficou de repente afetado pelo desejo. A Apsara (Ghritachi), vendo o coração do Rishi perturbado pelo desejo, se transformou em um papagaio fêmea e foi àquele local. Embora ele visse a Apsara disfarçada em outra forma, o desejo que tinha surgido no coração do Rishi (sem desaparecer) se espalhou por todas as partes de seu corpo. Convocando toda sua paciência, o asceta se esforçou para suprimir aquele desejo; com todo seu esforço, no entanto, Vyasa não conseguiu controlar sua mente agitada. Por causa da inevitabilidade do que estava para acontecer, o coração do Rishi estava atraído pela bela forma de Ghritachi. Ele se aplicou mais seriamente à tarefa de fazer um fogo para suprimir sua emoção, mas apesar de todos os seus esforços sua semente vital saiu. Aquele melhor dos regenerados, no entanto, ó rei, continuou a friccionar os gravetos sem sentir quaisquer escrúpulos pelo que tinha acontecido. Da semente que caiu nasceu um filho para ele, chamado Suka. Pelas circunstâncias ligadas ao seu nascimento, ele veio a ser chamado pelo nome de Suka. De fato, foi assim que aquele grande asceta, aquele principal dos Rishis e maior dos Yogins, nasceu dos dois gravetos (que seu pai tinha para fazer fogo). Como em um sacrifício um fogo ardente derrama sua refulgência por todos os lados quando libações de manteiga clarificada são despejadas sobre ele, da mesma maneira Suka teve seu nascimento, brilhando com esplendor por sua própria energia. Assumindo a forma e cor excelentes que eram de seu pai, Suka, ó filho de Kuru, de Alma purificada, brilhou como um fogo sem fumaça. O principal dos rios, Ganga, ó rei, chegando ao leito de Meru, em sua própria forma incorporada, banhou Suka (depois de seu nascimento) com suas águas. Lá caiu do firmamento, ó filho de Kuru, um bastão de asceta e uma camurça escura para o uso, ó monarca, de Suka de grande alma. Os Gandharvas cantaram repetidamente e as diversas tribos de Apsaras dançaram; e timbales celestes de som alto começaram a ser batidos. O Gandharva Viswavasu, e Tumvuru e Varada, e aqueles outros Gandharvas chamados pelos nomes de Haha, e Huhu, elogiaram o nascimento de Suka. Lá foram os regentes do mundo com Sakra em sua dianteira, como também as divindades e os Rishis celestes e regenerados. O Deus do Vento despejou chuvas de flores celestes sobre o local. Todo o universo, móvel e imóvel, se encheu de alegria. Mahadeva de grande alma de grande refulgência, acompanhado pela Deusa, e movido por afeição, chegou lá e logo depois do nascimento do filho do Muni o investiu com o fio sagrado. Sakra, o chefe dos deuses, deu a ele, por afeição, um Kamandalu celeste de forma excelente, e alguns mantos celestes. Cisnes e Satapatras e grous aos milhares, e muitos papagaios e Chasas, ó Bharata, voaram de forma circular sobre sua cabeça. Dotado de grande esplendor e inteligência, Suka, tendo obtido seu nascimento dos dois gravetos, continuou a viver lá, empenhado no cumprimento atento de muitos votos e jejuns. Logo que Suka nasceu, os Vedas com todos os seus mistérios e todos os seus resumos vieram para residir nele, ó rei, assim como eles residiam em seu pai. Apesar de tudo isso, Suka escolheu Vrihaspati, que estava familiarizado com todos os Vedas junto com seus ramos e comentários, como seu preceptor, guardando a prática universal. (Embora os Vedas tivessem vindo a Suka por iniciativa própria, contudo ele era, em respeito ao costume universal, obrigado a adquiri-los formalmente de um preceptor.) Tendo

estudado todos os Vedas junto com todos os seus mistérios e resumos, como também todas as histórias e a ciência de administração, ó monarca pujante, o grande asceta voltou para casa, depois de dar para seu preceptor a taxa de ensino. Adotando o voto de um Brahmacharin, ele então começou a praticar as mais penitências mais rígidas concentrando toda sua atenção nelas. Mesmo em sua infância, ele se tornou um objeto de respeito com os deuses e Rishis por seu conhecimento e penitência. A mente do grande asceta, ó rei, não tinha satisfação nos três modos de vida com o familiar entre eles, mantendo em vista, como ele mantinha, a religião da Emancipação.'"

326

"Bhishma disse, 'Pensando na Emancipação, Suka se aproximou de seu pai, e como ele era humilde e desejoso de alcançar seu maior bem, ele saudou seu grande preceptor e disse, 'Tu és bem versado na religião da Emancipação. Ó ilustre, me fale sobre isto, para que a tranquilidade suprema de mente, ó pujante, possa ser minha!' Ouvindo estas palavras de seu filho, o grande Rishi disse a ele, 'Estude, ó filho, a religião da Emancipação e todos os diversos deveres da vida!' À esta ordem de seu pai, Suka, aquele principal de todos os homens justos, dominou a fundo todos os tratados sobre Yoga, ó Bharata, como também a ciência promulgada por Kapila. Quando Vyasa viu seu filho possuindo a resplandecência dos Vedas, dotado da energia de Brahma, e totalmente conhecedor da religião da Emancipação, ele se dirigiu a ele, dizendo, 'Vá até Janaka, o soberano de Mithila. O rei de Mithila te dirá tudo para tua Emancipação.' Cumprindo a ordem de seu pai, ó rei, Suka procedeu para Mithila para indagar seu rei sobre a verdade dos deveres e o Refúgio da Emancipação. Antes de ele sair seu pai lhe disse mais, 'Vá até lá por aquele caminho que os seres humanos comuns tomam. Não recorra ao teu poder-Yoga para proceder pelos céus.' Nisto Suka não ficou surpreso em absoluto (pois ele era humilde por natureza). Em seguida lhe foi dito que ele deveria proceder para lá com simplicidade e não pelo desejo de divertimento. 'Ao longo do teu caminho não procure por amigos e esposas, já que amigos e cônjuges são causas de apego ao mundo. Embora o soberano de Mithila seja alguém em cujo sacrifícios nós oficiamos, tu ainda assim não deves te entregar a qualquer sentimento de superioridade enquanto vivendo com ele. Tu deves viver sob sua orientação e em obediência a ele. Assim ele dissipará todas as tuas dúvidas. (Vyasa era o sacerdote ou Ritwija da casa de Mithila e como tal os reis de Mithila eram seus Yajyas ou Yajamanas. O dever de um Yajamana é reverenciar todos os membros da família do sacerdote. O pai, portanto, adverte o filho de que ele não deve, enquanto estiver vivendo com o rei de Mithila, afirmar sua superioridade sobre ele em nenhum aspecto.) Aquele rei é bem versado em todos os deveres e conhece bem as escrituras sobre Emancipação. Ele é alguém para quem eu oficio em sacrifícios. Tu deves, sem qualquer escrúpulo, fazer o que ele ordenar.' Assim instruído, Suka de alma justa procedeu para Mithila a pé embora ele pudesse percorrer os céus sobre toda a Terra com seus mares. Cruzando muitas colinas e montanhas, muitos rios, muitas águas e lagos, e muitos bosques

e florestas cheios de feras predadoras e outros animais, cruzando os dois Varshas de Meru e Hari sucessivamente e em seguida o Varsha de Himavat, ele finalmente chegou ao Varsha conhecido pelo nome de Bharata. Tendo visto muitos países habitados por Chins e Huns, o grande asceta finalmente alcançou Aryavarta. Em obediência às ordens de seu pai e levando-as constantemente em sua mente, ele gradualmente percorreu seu caminho sobre a Terra como uma ave passando pelo ar. Atravessando muitas cidades encantadoras e populosas, ele viu diversos tipos de riqueza sem parar para observá-las. Em seu caminho ele passou por muitos jardins encantadores e planícies e muitas águas sagradas. Antes que muito tempo tivesse passado ele alcançou o país dos Videhas que era protegido pelo virtuoso Janaka de grande alma. Lá ele viu muitas aldeias populosas, e muitos tipos de comida e bebida e iguarias e habitações de vaqueiros cheias de homens e muitos rebanhos de gado. Ele contemplou muitos campos cheios de arroz e cevada e outros grãos, e muitos lagos e rios habitados por cisnes e garças e adornados com belos lotos. Atravessando o país Videha cheio de pessoas abastadas, ele chegou aos jardins encantadores de Mithila magníficos com muitas espécies de árvores. Abundando com elefantes e cavalos e carros, e povoados por homens e mulheres, ele passou por eles sem parar para observar alguma das coisas que foram apresentadas à sua visão. Portando aquela carga em sua mente e incessantemente apoiando-se nisto (isto é, o desejo de dominar a fundo a religião da Emancipação), Suka de alma alegre e que se deleitava somente em pesquisa interna finalmente alcançou Mithila. Chegando no portão, ele enviou mensagem pelos guardas. Dotado de tranquilidade mental, dedicado à contemplação e Yoga, ele entrou na cidade, tendo obtido permissão. Procedendo pela rua principal cheia de homens prósperos, ele alcançou o palácio do rei e entrou nele sem quaisquer escrúpulos. Os porteiros o impediram com palavras rudes. Por causa disso, Suka, sem qualquer raiva, parou e esperou. Nem o sol nem a longa distância que ele tinha andado o tinham cansado o mínimo. Nem fome, nem sede, nem o esforço que ele tinha feito o tinham enfraquecido. O calor do Sol não o tinha chamuscado ou magoado ou afligido em qualquer grau. Entre aqueles porteiros havia um que sentiu compaixão por ele, vendo-o permanecendo lá como o Sol do meio-dia em seu brilho. Adorando-o de forma devida e saudando-o apropriadamente, com mãos unidas ele o conduziu ao primeiro aposento do palácio. Sentado lá, Suka, ó filho, começou a pensar somente na Emancipação. Possuidor de esplendor uniforme ele olhava igualmente para um local sombreado e um exposto aos raios do Sol. Logo depois, o ministro do rei, chegando àquele local com mãos unidas, o conduziu ao segundo aposento do palácio. Aquele aposento levava para um jardim espaçoso que formava uma parte dos apartamentos internos do palácio. Ele parecia com um segundo Chaitraratha. Belas quantidades de água se encontravam aqui e ali em intervalos regulares. Árvores encantadoras, todas as quais estavam em sua estação florescente, se encontravam naquele jardim. Grupos de donzelas, de beleza transcendente, estavam em serviço. O ministro conduziu Suka do segundo aposento para aquele local encantador. Mandando aquelas donzelas darem um assento para o asceta, o ministro o deixou lá. Aquelas donzelas bem vestidas eram de belas feições, possuidoras de quadris excelentes, jovens, e estavam vestidas em mantos vermelhos de boa textura, e enfeitadas com muitos ornamentos de ouro polido. Elas eram bem hábeis em

conversação agradável e festanças de enlouquecer, e mestras completas das artes de dança e canto. Sempre abrindo seus lábios com sorrisos, elas eram iguais às próprias Apsaras em beleza. Habilidosas em todas as ações de flerte, competentes para ler os pensamentos dos homens a quem elas serviam, possuidoras de todas as habilidades, cinquenta donzelas, de uma classe muito superior e de virtude natural, cercaram o asceta. Presenteando-o com água para lavar seus pés, e cultuando-o respeitosamente com a oferta dos artigos usuais, elas o gratificaram com iguarias excelentes de acordo com a estação. Depois que ele tinha comido, aquelas donzelas então, uma depois da outra, separadamente o conduziram pelos jardins, mostrando para ele todos os objetos de interesse, ó Bharata. Se divertindo e rindo e cantando, aquelas donzelas, conhecedoras dos pensamentos de todos os homens, entretiveram aquele asceta auspicioso de alma nobre. O asceta de alma pura nascido nos bastões de fogo, cumpridor sem escrúpulos de qualquer tipo de seus deveres, tendo todos os seus sentidos sob controle completo, e um mestre perfeito de sua raiva, não ficou nem satisfeito nem zangado com tudo aquilo. Então aquelas principais das mulheres belas lhe deram um assento excelente. Lavando seus pés e outros membros, Suka recitou suas orações noturnas, sentado naquele assento excelente, e começou a pensar no objetivo pelo qual ele tinha ido lá. Na primeira parte da noite ele se dedicou ao Yoga. O asceta pujante passou a parte intermediária da noite dormindo. Logo acordando de seu sono ele praticou os ritos necessários de limpeza de seu corpo, e embora cercado por aquelas mulheres belas, ele novamente se dedicou ao Yoga. Foi dessa maneira, ó Bharata, que o filho do Krishna Nascido na Ilha passou a última parte daquele dia e toda aquela noite no palácio do rei Janaka.'"

327

"Bhishma disse, 'Na manhã seguinte, o rei Janaka, ó Bharata, acompanhado por seu ministro e toda a família, foi até Suka, colocando seu sacerdote na dianteira. Trazendo consigo assentos caros e diversas espécies de jóias e pedras preciosas, e carregando os ingredientes do Arghya sobra sua própria cabeça, o monarca se aproximou do filho de seu preceptor venerável. O rei, pegando com suas próprias mãos, das mãos de seu sacerdote, aquele assento adornado com muitas pedras preciosas, cobriu-o com um lençol excelente, belo em todas as suas partes, e extremamente caro, e o ofereceu com grande reverência para o filho de seu preceptor, Suka. Depois que o filho do Krishna (Nascido na Ilha) tinha tomado seu assento nisto, o rei o adorou segundo os ritos prescritos. Inicialmente oferecendo-lhe água para lavar seus pés, ele então o presenteou com o Arghya e vacas. O asceta aceitou aquele culto oferecido com ritos e mantras devidos. Aquela principal das pessoas regeneradas, tendo assim aceitado o culto oferecido pelo rei, e recebendo também as vacas que lhe foram ofertadas, então saudou o monarca. Possuidor de grande energia, ele em seguida perguntou sobre o bem-estar e prosperidade do rei. De fato, ó rei, Suka incluiu em sua pergunta o bem-estar dos seguidores do monarca e oficiais também. Recebendo a permissão de Suka, Janaka sentou-se com todos os seus seguidores. Dotado de uma alma

nobre e possuidor de nascimento nobre, o monarca, com mãos unidas, sentou-se no chão sem coberta e perguntou sobre o bem-estar e a prosperidade que não decresce do filho de Vyasa. O monarca então perguntou para seu convidado o objetivo de sua visita.'"

"Suka disse, 'Abençoado sejas tu, meu pai me disse que seu Yajamana, o soberano dos Videhas, no mundo inteiro conhecido pelo nome de Janaka, é bem versado na religião da Emancipação. Ele me mandou vir a ele sem demora, se eu tivesse quaisquer dúvidas requerendo solução na questão da religião de Pravritti ou Nivritti. Ele me deu a entender que o rei de Mithila dissiparia todas as minhas dúvidas. Eu, portanto, vim aqui, por ordem de meu pai, com o propósito de receber aulas de li. Cabe a ti, ó principal de todas as pessoas justas, me instruir! Quais são os deveres de um Brahmana, e qual é a essência daqueles deveres que têm a Emancipação como seu objetivo? Como também a Emancipação é para ser obtida? Ela é obtenível pela ajuda do conhecimento ou pela ajuda de penitências?'"

'Janaka disse, 'Ouça quais são os deveres de um Brahmana desde o momento de seu nascimento. Depois de sua investidura, ó filho, com o fio sagrado, ele deve dedicar sua atenção ao estudo dos Vedas. Por praticar penitências e servir respeitosamente seu preceptor e cumprir os deveres de Brahmacharya, ó pujante, ele deve saldar a dívida que ele tem com as divindades e os Pitris, e rejeitar toda a malícia. Tendo estudado os Vedas com atenção cuidadosa e subjugado seus sentidos, e tendo dado para seu preceptor a taxa de instrução, ele deve, com a permissão do preceptor, voltar para casa. Voltando para casa, ele deve se dirigir ao modo de vida familiar e, casando com uma cônjuge, se limitar a ela, e viver se livrando de todos os tipos de malícia, e tendo estabelecido seu fogo doméstico. Vivendo no modo familiar, ele deve procriar filhos e netos. Depois disso, ele deve se retirar para a floresta, e continuar a adorar os mesmos fogos e entreter convidados com hospitalidade cordial. Vivendo virtuosamente na floresta, ele deve finalmente estabelecer seu fogo em sua alma, e livre de todos os pares de opostos, e abandonando todos as afeições da alma, ele deve passar seus dias no modo chamado Sannyasa que também é chamado de modo de Brahma.'"

"'Suka disse, 'Se alguém consegue alcançar uma compreensão purificada pelo estudo das escrituras e conceitos verdadeiros de todas as coisas, e se o coração consegue se libertar permanentemente dos efeitos de todos os pares de opostos, ainda é necessário que tal pessoa adote, um depois do outro, os três modos de vida chamados Brahmacharya, Garhastya, e Vanaprastha? Isto é o que eu te pergunto. Cabe a ti me dizer. De fato, ó soberano de homens, me fale disto segundo a verdadeira significação dos Vedas!'"

"'Janaka disse, 'Sem a ajuda de uma compreensão purificada pelo estudo das escrituras e sem aquele conceito verdadeiro de todas as coisas que é conhecido pelo nome de Vijnana, o alcance da Emancipação é impossível. Aquela compreensão purificada, também, é dito, é inalcançável sem uma ligação com um preceptor. O preceptor é o timoneiro, e conhecimento é o barco (ajudado pelos quais alguém consegue cruzar o oceano do mundo). Depois de ter adquirido

aquele barco, uma pessoa vem a ser coroada com êxito. De fato, tendo cruzado o oceano, ela pode abandonar ambos. Para impedir a destruição de todos os mundos e para impedir a destruição das ações (das quais o mundo depende), os deveres concernentes aos quatro modos de vida foram praticados pelos sábios de antigamente. Por abandonar as ações, boas e más, de acordo com esta ordem de ações alguém consegue, no decorrer de muitos nascimentos, alcançar a Emancipação. (É certo que alguém deve abandonar todas as ações antes que ele possa obter a Emancipação. Mas então as ações não devem ser rejeitadas subitamente. É de acordo com esta ordem que elas devem ser abandonadas, isto é, na ordem dos vários modos de vida.) Aquele homem que, por penitências realizadas no decurso de muitos nascimentos, consegue obter uma mente e compreensão e alma purificadas, certamente se torna capaz de alcançar a Emancipação (em um novo nascimento) até no primeiro modo, isto é, Brahmacharya. Quando, tendo obtido uma compreensão purificada, a Emancipação se torna dele e por isso ele passa a possuir conhecimento em relação a todas as coisas visíveis, qual objeto desejável há para alcançar por observar os três outros modos de vida? (Isto é, quando Emancipação e onisciência foram obtidas no primeiro modo de vida, não existe mais necessidade de sujeitar-se aos três outros modos de vida.) Uma pessoa deve sempre rejeitar aquelas falhas nascidas dos atributos de Rajas e Tamas. Aderindo ao caminho de Sattwa, ela deve conhecer a Si Mesma por Si Mesma. (Isto é, ver a Alma Suprema por meio de sua própria Alma). Vendo a si mesma em todas as criaturas e todas as criaturas em si mesma, ela deve viver (sem estar vinculada a alguma coisa) como animais aquáticos vivendo na água sem serem encharcados por aquele elemento. Aquele que consegue transcender todos os pares de atributos e resistir à sua influência, consegue rejeitar todos os apegos, e obtém felicidade infinita no mundo seguinte, indo para lá como uma ave subindo da terra para o céu. Em relação a isto há um ditado cantado antigamente pelo rei Yayati e mantido na lembrança, ó senhor, por todas as pessoas conhecedoras das escrituras que tratam da Emancipação. O raio refulgente (isto é, a Alma Suprema) existe na Alma de alguém e não em algum outro lugar. Ela existe igualmente em todas as criaturas. Alguém pode vê-la por si mesmo se seu coração estiver devotado ao Yoga. Quando uma pessoa vive de tal maneira que outros não sejam inspirados com medo à sua visão, e quando ela mesma não é inspirada com medo à visão de outros, quando uma pessoa cessa de nutrir desejo e ódio, ela é citada como tendo alcançado Brahma. Quando uma pessoa cessa de nutrir uma atitude pecaminosa em direção a todas as criaturas em pensamentos, palavras, e ações, ela então é citada como tendo alcançado Brahma. Por controlar a mente e a alma, por rejeitar a malícia que entorpece a mente, e por se livrar do desejo e do estupor, ela é citada como tendo alcançado Brahma. Quando uma pessoa assume uma igualdade de atitude em relação a todos os objetos de audição e visão (e às operações dos outros sentidos) como também em relação a todas as criaturas vivas, e transcende todos os pares de opostos, ela então é citada como tendo alcançado Brahma. Quando uma pessoa considera imparcialmente louvor e repreensão, ouro e ferro, felicidade e miséria, calor e frio, bem e mal, o agradável e o desagradável, vida e morte, ela então é citada como tendo alcançado Brahma. Alguém que cumpre os deveres das classes mendicantes deve controlar seus

sentidos e a mente assim como uma tartaruga recolhendo seus membros esticados. Como uma casa envolvida em escuridão é capaz de ser vista com a ajuda de uma lâmpada acesa, da mesma maneira a alma pode ser vista com a ajuda da lâmpada da compreensão. Ó principal das pessoas inteligentes, eu vejo que todo esse conhecimento que eu estou te comunicando reside em ti. Qualquer coisa a mais que deva ser conhecida por alguém desejoso de aprender a religião da Emancipação já é conhecida por ti. Ó Rishi regenerado, eu estou convencido pela graça do teu preceptor e pelas instruções que tu recebeste, que tu já transcendeste todos os objetos dos sentidos. Ó grande asceta, pela graça daquele teu pai eu obtive onisciência, e então eu consegui te conhecer. Teu conhecimento é muito maior do que o que pensas que tu tens. Tuas percepções também que provêm da intuição são muito maiores do que as que tu achas que tu tens. Tua pujança também é muito maior do que tu estás ciente. Por causa da tua idade jovem, ou das dúvidas que tu não foste capaz de dissipar, ou do temor que é devido ao não alcance da Emancipação, tu não estás consciente daquele conhecimento devido à intuição embora ele tenha surgido em tua mente. Depois que as dúvidas de alguém foram dissipadas por pessoas como nós, alguém consegue abrir os nós do próprio coração e então, por um esforço virtuoso ele alcança e se torna consciente daquele conhecimento. Com relação a ti mesmo, tu és alguém que já adquiriste conhecimento. Tua inteligência é firme e tranquila. Tu estás livre da cobiça. Apesar de tudo isso, ó Brahmana, alguém nunca consegue alcançar Brahma, que é o maior objeto de aquisição, sem esforço. Tu não vês diferença entre felicidade e tristeza. Tu não és cobiçoso. Tu não tens desejo de dançar e cantar. Tu não tens apegos. Tu não tens vínculos com amigos. Tu não tens medo de coisas que inspiram temor. Ó abençoado, eu vejo que tu lanças um olhar igual sobre um pedaço de ouro e um torrão de terra. Eu mesmo, e outras pessoas possuidoras de sabedoria, te vemos estabelecido no caminho superior e indestrutível da tranquilidade. Tu permaneces, ó Brahmana, naqueles deveres os quais obtêm para o Brahmana aquele fruto que deve ser dele e que é idêntico à essência do objeto representado pela Emancipação. O que mais tu desejas me perguntar?'"

328

"Bhishma disse, 'Tendo ouvido estas palavras do rei Janaka, Suka de alma purificada e conclusões firmes começou a permanecer em sua Alma por sua Alma, tendo naturalmente visto o Eu por meio do Eu. (Isto é, ele direcionou o olhar de sua alma para sua Alma e se afastou de todos os objetos mundanos.) Seu objetivo sendo realizado, ele se tornou feliz e tranquilo, e sem fazer mais perguntas para Janaka ele procedeu na direção norte, para as montanhas de Himavat com a velocidade do vento e como o vento. (Ele não caminhou mais como homens comuns. Sem seguir ao longo do apoio sólido da Terra, ele procedeu pelo céu.) Aquelas montanhas abundavam com diversas tribos de Apsaras e ecoavam com muitos sons altos. Cheias de milhares de Kinnaras e Bhringarajas (popularmente, Bhimaraja, a Lanius Malabaricus), elas eram adornadas, além disso, com muitos

Madgus e Khanjaritas e muitos Jivajivakas de cores variadas. E haviam também muitos pavões de cores magníficas, proferindo seus gritos agudos porém melodiosos. Muitos bandos de cisnes, e muitos bandos de Kokilas alegres também adornavam o lugar. O príncipe das aves, Garuda, vivia sobre aquele topo constantemente. Os quatro Regentes do mundo, as divindades, e diversas classes de Rishis, costumavam sempre ir lá pelo desejo de fazer bem para o mundo. Foi lá que Vishnu de grande alma tinha praticado as mais severas das austeridades com o objetivo de obter um filho. E foi lá que o generalíssimo celeste chamado Kumara, em seus dias de juventude, desconsiderando os três mundos com todos os habitantes celestes, jogou seu dardo, perfurando a Terra com ele. Jogando seu dardo, Skanda se dirigiu ao universo, dizendo, 'Se existe alguma pessoa que seja superior a mim em poder, ou que considere os Brahmanas como mais queridos, ou que possa se comparar comigo em devoção aos Brahmanas e aos Vedas, ou que seja possuidora de energia como eu, que ela puxe este dardo ou pelo menos o balance!' Ouvindo esse desafio, os três mundos se encheram de ansiedade, e todas as criaturas questionaram umas às outras, dizendo, 'Quem erguerá este dardo?' Vishnu viu todas as divindades e Asuras e Rakshasas perturbados em seus sentidos e mentes. Ele refletiu sobre o que seria o melhor a ser feito sob as circunstâncias. Sem poder tolerar aquele desafio em relação ao arremesso do dardo, ele olhou para Skanda, o filho do Deus do fogo. Vishnu de alma pura agarrou o dardo refulgente com sua mão esquerda, e começou a sacudi-lo. Quando o dardo estava sendo assim sacudido por Vishnu possuidor de grande poder, a Terra inteira com suas montanhas, florestas, e mares, tremeu com o dardo. Embora Vishnu fosse perfeitamente competente para erguer o dardo, ainda assim ele se contentou somente com sacudi-lo. Nisto, o senhor pujante somente manteve a honra de Skanda intacta. Tendo-o sacudido ele mesmo, o divino Vishnu, se dirigindo a Prahlada, disse, 'Veja o poder de Kumara! Ninguém mais no universo pode erguer este dardo!' Incapaz de tolerar isso, Prahlada resolveu erguer o dardo. Ele o agarrou, mas não pôde sacudi-lo em absoluto. Proferindo um grito alto, ele caiu desmaiado no topo da colina. De fato, o filho de Hiranyakasipu caiu sobre a Terra. Dirigindo-se para o lado norte daquelas grandes montanhas, Mahadeva, tendo o touro como seu símbolo, tinha praticado as mais rígidas das penitências. O santuário onde Mahadeva tinha passado por aquelas austeridades é rodeado por todos os lados com um fogo ardente. Inalcançável por pessoas de almas impuras, aquela montanha é conhecida pelo nome de Aditya. Há um cercado de fogo ao redor dela, da largura de dez Yojanas, e Yakshas e Rakshasas e Danavas não podem se aproximar dela. O ilustre de deus do Fogo, possuidor de energia imensa, mora lá em pessoa empenhado em remover todos os obstáculos do lado de Mahadeva de grande sabedoria que permaneceu lá por mil anos celestes, todo o tempo permanecendo sobre um pé. Residindo ao lado daquela principal das montanhas, Mahadeva de votos excelentes (por meio de suas penitências) oprimiu muito as divindades. (Acredita-se que uma pessoa, por realizar penitências ascéticas, oprime os três mundos. É por causa deste efeito das penitências que as divindades superiores eram sempre obrigadas pelos Asuras e Danavas a lhes concederem quaisquer benefícios que eles solicitassem.) Na base daquelas montanhas, em um local retirado, o filho de Parasara de grande mérito ascético, isto é, Vyasa, ensinou os Vedas para seus discípulos. Aqueles

discípulos eram os altamente abençoados Sumantra, Vaisampayana, Jaimini de grande sabedoria, e Paila de grande mérito ascético. Suka procedeu para aquele retiro encantador onde seu pai, o grande asceta Vyasa, estava morando, cercado por seus discípulos. Sentado em seu santuário, Vyasa viu seu filho se aproximar como um fogo resplandecente de chamas espalhadas, ou parecendo com o próprio sol em refulgência. Conforme Suka se aproximava, ele não parecia tocar as árvores ou as rochas da montanha. Completamente dissociado de todos os objetos dos sentidos, engajado em Yoga, o asceta de grande alma se aproximou, parecendo, em velocidade, com uma flecha atirada de um arco. Nascido dos bastões de fogo, Suka, se aproximando de seu pai, tocou seus pés. Com as formalidades adequadas ele então abordou os discípulos de seu pai. Com grande alegria ele então contou para seu pai todos os detalhes de sua conversação com o rei Janaka. Vyasa, o filho de Parasara, depois da chegada de seu filho pujante, continuou a morar lá no Himavat empenhado em ensinar seus discípulos e seu filho. Um dia quando ele estava sentado, seus discípulos, todos bem hábeis nos Vedas, tendo seus sentidos sob controle, e dotados de almas tranquilas, sentaram-se em volta dele. Todos eles tinham dominado completamente os Vedas com seus ramos. Todos eles eram praticantes de penitências. Com mãos unidas eles se dirigiram a seu preceptor nas seguintes palavras."

"Os discípulos disseram, 'Nós, pela tua graça, fomos dotados de grande energia. Nossa fama também se espalhou. Há um favor que nós humildemente te pedimos para nos conceder.' Ouvindo estas palavras deles, o Rishi regenerado respondeu a eles, dizendo, 'Ó filhos, me digam qual é o benefício que vocês desejam que eu lhes conceda!' Ouvindo esta resposta de seu preceptor, os discípulos se encheram de alegria. Inclinando novamente suas cabeças para seu preceptor e unindo suas mãos, todos eles em uma voz disseram, ó rei, estas palavras excelentes: 'Se nosso preceptor está satisfeito conosco, então, ó melhor dos sábios, nós com certeza estamos coroados com sucesso! Todos nós te pedimos, ó grande Rishi, para nos conceder uma bênção. Esteja inclinado a ser bondoso para conosco. Que nenhum sexto discípulo (além de nós cinco) consiga alcançar a fama! Nós somos quatro. O filho do nosso preceptor forma o quinto. Que os Vedas brilhem somente como cinco! Este mesmo é o benefício que nós pedimos.' Ouvindo estas palavras de seus discípulos, Vyasa, o filho de Parasara, possuidor de grande inteligência, bom conhecedor do significado dos Vedas, dotado de uma alma justa, e sempre empenhado em pensar nos objetos que conferem benefícios para uma pessoa no mundo futuro, disse para seus discípulos estas palavras corretas repletas de grande benefício: 'Os Vedas devem sempre ser dados para aquele que é um Brahmana, ou para alguém que esteja desejoso de ouvir instruções Védicas, ou para aquele que deseja avidamente obter uma residência na região de Brahman! Multipliquem, que os Vedas se espalhem (pelos seus esforços). Os Vedas nunca devem ser dados para alguém que não se tornou um discípulo formalmente. Nem eles devem ser dados para quem não é cumpridor de bons votos. Nem eles devem ser dados para residirem em alguém que tem uma alma impura. Estas devem ser conhecidas como as qualificações apropriadas das pessoas que podem ser aceitas como discípulos (para a comunicação do conhecimento Védico). Nenhuma ciência deve ser

comunicada para alguém sem um exame apropriado do seu caráter. Como o ouro puro é testado pelo calor, corte e fricção, da mesma maneira discípulos devem ser testados por seu nascimento e habilidades. Vocês nunca devem colocar seus discípulos para tarefas para as quais eles não devem ser colocados, ou para tarefas que sejam repletas de perigo. O conhecimento de uma pessoa é sempre proporcional à sua compreensão e zelo em estudo. Que todos os discípulos conquistem todas as dificuldades, e que todos eles encontrem com o sucesso auspicioso. Vocês são competentes para fazerem preleções sobre as escrituras para pessoas de todas as classes. Só que vocês devem, enquanto ensinando, se dirigir a um Brahmana, colocando-o na dianteira. Estas são as regras a respeito do estudo dos Vedas. Esta também é considerada como uma tarefa excelente. Os Vedas foram criados pelo Auto-nascido para o propósito de louvar as divindades com eles. Aquele homem que, por entorpecimento do intelecto, fala mal de um Brahmana bem familiarizado com os Vedas, seguramente encontra com a humilhação por consequência de tal ação. Aquele que, desrespeitando todas as regras justas, solicita conhecimento, e aquele que, desconsiderando as regras de justiça, comunica conhecimento, ambos decaem, e em vez daquela afeição que deve prevalecer entre preceptor e discípulo, tal questionamento e comunicação certamente produzem desconfiança e suspeita. Eu agora lhes disse tudo acerca da maneira na qual os Vedas devem ser estudados e ensinados. Vocês devem agir desse modo em direção aos seus discípulos, mantendo estas instruções em suas mentes.'"

329

"Bhishma disse, 'Ouvindo estas palavras de seu preceptor, os discípulos de Vyasa dotados de energia se encheram de alegria e se abraçaram. Dirigindo-se uns aos outros, eles disseram, 'Aquilo que foi dito pelo nosso preceptor ilustre em vista do nosso bem futuro viverá em nossa lembrança e nós certamente agiremos de acordo com aquilo.' Tendo dito isso uns para os outros com corações alegres, os discípulos de Vyasa, que eram mestres perfeitos de palavras, mais uma vez se dirigiram ao seu preceptor e disseram, 'Se te agradar, ó pujante, nós desejamos descer desta montanha para a Terra, ó grande asceta, para o propósito de subdividir os Vedas!' Ouvindo estas palavras de seus discípulos, o pujante filho de Parasara respondeu para eles nestas palavras benéficas que eram repletas, além disso, de virtude e lucro, 'Vocês podem se dirigir para a Terra ou para as regiões dos celestiais, como vocês quiserem. Vocês devem estar sempre atentos, pois os Vedas são de tal maneira que eles estão sempre sujeitos a serem mal interpretados!' Permitidos por seu preceptor de palavras sinceras, os discípulos o deixaram depois de circungirá-lo e de inclinarem suas cabeças para ele. Descendo para a Terra eles realizaram o Agnishtoma e outros sacrifícios; e eles começaram a oficiar nos sacrifícios de Brahmanas e Kshatriyas e Vaisyas. Passando seus dias alegremente no modo de vida familiar, eles eram tratados pelos Brahmanas com grande respeito. Possuidores de grande fama e prosperidade, eles estavam empenhados em ensinar e oficiar em sacrifícios.

Depois que seus discípulos tinham ido embora, Vyasa permaneceu em seu retiro, somente com seu filho em sua companhia. Passando seus dias em meditação ansiosa, o grande Rishi, possuidor de sabedoria, manteve silêncio, sentado em um canto isolado do retiro. Naquele tempo Narada de grande mérito ascético chegou àquele local para ver Vyasa, e dirigindo-se a ele disse estas palavras de som melodioso.'"

"'Narada disse, 'Ó Rishi regenerado da linhagem de Vasishtha, por que os sons Védicos estão silenciosos agora? Por que tu estás sentado silencioso e sozinho engajado em meditação como alguém absorto em um pensamento que prende a atenção? Ai, desprovida de ecos Védicos, esta montanha perdeu sua beleza, assim como a Lua desprovida de esplendor quando atacada por Rahu ou envolvida em poeira. (Em muitas partes da Índia Superior, grandes quantidades de poeira são erguidas por ventos rodopiantes à tarde e à noite chamados Andhi, as nuvens de poeira cobrem a lua por horas.) Embora habitada por Rishis celestes, contudo desprovida de sons Védicos, a montanha não parece mais bela agora, mas parece com uma aldeola de Nishadas. (A classe mais baixa de homens, que vive da matança de animais.) Os Rishis, as divindades, e os Gandharvas, também, não brilham mais como antes por estarem privados do som Védico!' Ouvindo estas palavras de Narada, Krishna Nascido na Ilha respondeu, dizendo, 'Ó grande Rishi, tu és conhecedor das declarações dos Vedas, tudo o que tu disseste é agradável para mim e realmente cabe a ti me dizer isto! Tu és onisciente, tu tens visto tudo. Tua curiosidade também envolve todas as coisas dentro de sua esfera. Tudo o que já ocorreu nos três mundos é bem conhecido por ti. Então, ó Rishi regenerado, ordene-me. Ó, diga-me o que eu devo fazer! Diga-me, ó Rishi regenerado, o que deve ser feito por mim. Separado de meus discípulos, minha mente se tornou muito triste agora.'"

'Narada disse, 'A mácula dos Vedas é a suspensão da sua recitação. A mácula dos Brahmanas é sua não observância de votos. A raça Valhika é a mácula da Terra. A curiosidade é a mácula das mulheres. Recite os Vedas com teu filho inteligente, e com os ecos dos sons Védicos dissipe os temores provenientes de Rakshasas.'"

"Bhishma continuou, 'Ouvindo estas palavras de Narada, Vyasa, a principal de todas as pessoas familiarizadas com os deveres e firmemente devotado à recitação Védica, se encheu de alegria e respondeu para Narada dizendo, 'Assim seja.' Com seu filho Suka, ele se pôs a recitar os Vedas em uma voz alta e sonora, observando todas as regras de Ortoepia e, por assim dizer, enchendo os três mundos com aquele som. Um dia quando pai e filho, que conheciam bem todos os deveres, estava empenhados em recitar os Vedas, ergueu-se um vento violento que parecia ser impelido pelas ventanias que sopram na superfície do oceano. Compreendendo a partir desta circunstância que a hora não era adequada para recitação sagrada, Vyasa imediatamente mandou seu filho suspender a recitação. Suka, assim proibido por seu pai, encheu-se de curiosidade. Ele questionou seu pai, dizendo, 'Ó regenerado, de onde é este vento? Cabe a ti me dizer tudo acerca da conduta do Vento.' Ouvindo esta pergunta de Suka, Vyasa encheu-se de perplexidade. Ele respondeu para Suka, por dizer a ele que aquilo era um

presságio que indicava que a recitação dos Vedas deveria ser suspensa. ‘Tu obtiveste visão espiritual. Tua mente também, por si mesma, se tornou purificada de toda impureza. Assim tu estás livre dos atributos de Paixão e Ignorância. Tu permaneces agora no atributo de Bondade. Tu vês agora tua Alma com tua Alma assim como alguém vê sua própria sombra em um espelho. Permanecendo em tua própria Alma, reflita sobre os Vedas. O caminho da Alma Suprema é chamado de Deva-yana (o caminho dos deuses). O caminho que é composto do atributo de Tamas é chamado de Pitri-yana (o caminho dos Pitris). Estes são os dois caminhos no mundo após a morte. Por um, as pessoas vão para o céu. Pelo outro, as pessoas vão para o inferno. Os ventos sopram na superfície da Terra e no firmamento. Há sete direções nas quais eles sopram. Ouça-me enquanto eu as relato uma por uma. O corpo está equipado com os sentidos que são dominados pelos Sadhyas e muitos grandes seres de força imensa. Estes deram nascimento a um filho invencível chamado Samana. De Samana nasceu um filho chamado Udana. De Udana surgiu Vyana, de Vyana surgiu Apana, e por fim de Apana surgiu o vento chamado Prana. Aquele opressor invencível de todos os inimigos, isto é, Prana, ficou sem filhos. Eu agora narrarei para ti as diferentes funções daqueles ventos. O ar é a causa das diferentes funções de todas as criaturas vivas, e porque as criaturas são habilitadas a viverem por ele, portanto, o ar é chamado de Prana (ou vida). Aquele vento que é o primeiro na enumeração acima e que é conhecido pelo nome de Pravaha (Samana) impulsiona, ao longo da direção principal, massas de nuvens nascidas de fumaça e calor. Percorrendo o firmamento, e entrando em contato com a água contida nas nuvens, aquele vento se expõe em refulgência entre os dardos de relâmpago. O segundo vento chamado Avaha sopra com um barulho alto. É este vento que faz Soma e os outros corpos luminosos se erguerem e aparecerem. Dentro do corpo (o qual é um microcosmo do universo) aquele vento é chamado de Udana pelos sábios. Aquele vento que absorve água dos quatro oceanos, e tendo-a absorvido a dá para as nuvens no céu, e que, tendo-a dado às nuvens oferta-as para a divindade da chuva, é o terceiro na enumeração e conhecido pelo nome de Udvaha. Aquele vento que suporta as nuvens e as divide em diversas porções, que as liquefaz por despejar chuva e mais uma vez as solidifica, que é percebido como o som das nuvens ribombantes, que existe para a preservação do mundo por ele mesmo assumir a forma das nuvens, que sustenta os carros de todos os seres celestiais pelo céu, é conhecido pelo nome de Samvaha. O quarto na enumeração é dotado de grande força de maneira que ele é capaz de destruir as próprias montanhas. O quinto vento é repleto de grande força e velocidade. Ele é seco e arranca e quebra todas as árvores. Existindo com ele, as nuvens vêm a ser chamadas pelo nome de Valahaka. Aquele vento causa fenômenos calamitosos de muitos tipos, e produz sons estrondosos no firmamento. Ele é conhecido pelo nome de Vivaha. O sexto vento carrega todas as águas celestes no firmamento e as impede de cair. Sustentando as águas sagradas do Ganga celeste, aquele vento sopra, impedindo-as de terem um curso para baixo. Obstruído por aquele vento de uma distância, o Sol, que é realmente a fonte de mil raios, e que ilumina o mundo, aparece como um corpo luminoso de um raio somente. Pela ação daquele vento, a Lua, depois de minguar, cresce novamente até que revela seu disco cheio. Aquele vento é conhecido, ó principal dos ascetas, pelo nome de Parivaha

(significando o mais importante de todos em força e energia). Aquele vento que tira a vida de todas as criaturas vivas quando chega a hora apropriada, cujo rastro é seguido pela Morte e o filho de Surya Yama, que se torna a fonte daquela imortalidade que é alcançada pelos Yogins de visão sutil que estão sempre engajados em meditação Yoga, por cuja ajuda os milhares de netos de Daksha, aquele senhor de criaturas, por seus dez filhos, conseguiram antigamente alcançar os fins do universo, cujo toque permite alguém chegar à Emancipação por se livrar da obrigação de voltar para o mundo, aquele vento é chamado pelo nome de Paravaha. O principal de todos os ventos, ele é incapaz de ser resistido por alguém. Maravilhosos são estes ventos, todos os quais são os filhos de Diti. Capazes de irem a todos os lugares e de sustentarem todas as coisas, eles sopram ao redor de ti sem serem ligados a ti em qualquer momento. Isto, no entanto, é muito extraordinário, isto é, que esta principal das montanhas seja assim subitamente sacudida por esse vento que começou a soprar. Esse vento é a respiração das narinas de Vishnu. Quando incitado adiante com velocidade, ele começa a soprar com grande força pela qual todo o universo vem a ser agitado. Por isso, quando o vento começa a soprar com violência, pessoas conhecedoras dos Vedas não recitam os Vedas. Os Vedas são uma forma de vento. Se proferidos com força, o vento externo vem a ser torturado."

"Tendo dito estas palavras, o pujante filho de Parasara mandou seu filho (quando o vento tinha cessado) continuar com sua recitação Védica. Ele então deixou aquele local para mergulhar nas águas do Ganga celeste.'" (É dito que o rio Ganga sagrado tem três cursos ou correntes. Uma flui sobre a superfície da Terra; a segunda flui pelas regiões inferiores, e a terceira flui pelo céu).

330

"Bhishma disse, 'Depois que Vyasa tinha deixado o local, Narada, atravessando o céu, se aproximou de Suka que estava empenhado em estudar as escrituras. O Rishi celeste chegou com o objetivo de perguntar para Suka o significado de certas partes dos Vedas. Vendo o Rishi celeste Narada chegando em seu retiro, Suka o adorou por oferecer a ele o Arghya segundo os ritos prescritos nos Vedas. Satisfeito com as honras concedidas, Narada se dirigiu a Suka, dizendo, 'Diga-me, ó principal das pessoas justas, por quais meios, ó filho caro, eu posso realizar o que é para o teu maior bem!' Ouvindo estas palavras de Narada, Suka disse a ele, ó Bharata, estas palavras: 'Cabe a ti me instruir em relação àquilo que possa ser benéfico para mim.'"

'Narada disse, 'Antigamente o ilustre Sanatkumara disse essas palavras para certos Rishis de almas purificadas que tinham se dirigido a ele para perguntarem sobre a verdade: Não há visão como aquela do conhecimento. Não há penitência como a renúncia. Abstenção de ações pecaminosas, prática firme da retidão, boa conduta, o devido cumprimento de todos os deveres, estes constituem o maior bem. Tendo obtido a posição de humanidade que está repleta de tristeza, aquele que se torna apegado a ela vem a ser entorpecido, tal homem nunca consegue se

emancipar da tristeza. O apego (às coisas do mundo) é uma indicação de tristeza. A compreensão da pessoa que tem afeição por coisas mundanas se torna cada vez mais emaranhada na rede do entorpecimento. O homem que fica emaranhado na rede do entorpecimento obtém tristeza, aqui e após a morte. Uma pessoa deve, por todos meios em seu poder, reprimir desejo e ira se ela procura alcançar o que é para o seu bem. Aqueles dois (desejo e ira) surgem somente para destruir o bem de alguém. Alguém deve sempre proteger suas penitências da cólera, e sua prosperidade do orgulho. Ele deve sempre proteger o próprio conhecimento da honra e desonra e, sua alma do erro. (As penitências devem ser protegidas da cólera. Pelas penitências alguém obtém grande poder. O poder do asceta frequentemente se iguala àquele do próprio Brahman. Se, no entanto, o asceta cede à ira e amaldiçoa alguém por cólera, sua pujança vem a ser diminuída. Por esta razão, o perdão é citado como a maior virtude que um Brahmana pode praticar. O poder de um Brahmana está no perdão. O conhecimento também deve ser protegido de honra e desonra, isto é, alguém nunca deve receber honra por seu conhecimento, ou seja, fazer alguma coisa para o objetivo de obter honra. Similarmente, nunca se deve fazer alguma coisa que possa ter o efeito de desonrar o próprio conhecimento. Estes são alguns dos mais elevados deveres pregados nas escrituras.) A compaixão é a maior virtude. O perdão é o maior poder. O conhecimento do eu é o maior conhecimento. Não há nada superior à verdade. É sempre apropriado falar a verdade. É melhor também falar o que é benéfico do que falar o que é verdadeiro. Eu considero que é verdade aquilo que é repleto do maior benefício para todas as criaturas. (As escrituras não dizem que a verdade deve ser sacrificada em vista de que é benéfico, pois tal ponto de vista iria contra o ditado que não há nada superior à verdade. O ditado se refere àqueles casos excepcionais onde a verdade se torna uma fonte de mal positivo. A história do Rishi que falou a verdade a respeito do lugar onde certos viajantes estavam escondidos, quando questionado por certos ladrões que queriam assassinar os viajantes, é um exemplo disso. O filho do ourives que morreu com uma mentira em seus lábios para permitir que seu príncipe legítimo escapasse das mãos de seus perseguidores fez um ato meritório de lealdade.) É citado como realmente erudito e realmente possuidor de sabedoria aquele homem que abandona toda ação, que nunca cede à esperança, que é completamente dissociado de todos os ambientes mundanos, e que renunciou a tudo o que concerne ao mundo. Aquela pessoa que, sem ser apegada a eles, desfruta de todos os objetos dos sentidos com a ajuda dos sentidos que estão totalmente sob seu controle, que possui uma alma tranquila, que nunca é alterado por alegria e tristeza, que é dedicado à meditação-Yoga, que vive na companhia das divindades que presidem sobre seus sentidos e dissociado também delas, e que, embora dotado de um corpo, nunca se considera como identificável com ele, se torna emancipado e logo alcança aquilo que é o maior bem. Alguém que nunca vê outros, nunca toca outros, nunca fala com outros, logo, ó asceta, alcança o que é para o seu maior bem. Não se deve ferir nenhuma criatura. Por outro lado, alguém deve se comportar com perfeita cordialidade em direção a todos. Tendo obtido a posição de humanidade, alguém nunca deve se comportar com hostilidade em direção a algum ser. Uma total indiferença por todas as coisas (mundanas), contentamento perfeito, abandono de esperança de todo tipo, e paciência, estes

constituem o maior bem de alguém que tem subjugado seus sentidos e adquirido um conhecimento de si mesmo. Rejeitando todas as atrações, ó filho, subjugue todos os teus sentidos, e por estes meios obtenha felicidade neste e no outro mundo. Aqueles que estão livres da cobiça nunca têm que sofrer alguma tristeza. Uma pessoa deve, portanto, expulsar toda cobiça da própria alma. Por expulsar a cobiça, ó amável e abençoado, tu serás capaz de te libertar da dor e tristeza. Alguém que deseja conquistar aquilo que é inconquistável (isto é, alcançar Brahma) deve viver se dedicando às penitências, ao autodomínio, à taciturnidade, e à subjugação da alma. Tal pessoa deve viver no meio de atrações sem ser vinculado a elas. Aquele Brahmana que vive no meio de atrações sem ser apegado a elas e que sempre vive em reclusão logo alcança a maior bem-aventurança. Aquele homem que vive em felicidade por si mesmo no meio de criaturas que são vistas se deleitarem em levarem vidas de união sexual, deve ser reconhecida como uma pessoa cuja sede foi saciada pelo conhecimento. É bem conhecido que o homem cuja sede foi saciada pelo conhecimento nunca tem que se entregar à dor. Alguém alcança a posição das divindades por meio de boas ações, a posição de humanidade por meio de ações que são boas e más; enquanto por ações que são puramente más alguém cai desamparadamente entre os animais inferiores. Sempre atacada pela tristeza e decrepitude e morte, uma criatura viva está sendo cozida neste mundo (no caldeirão do Tempo). Tu não sabes disso? Tu frequentemente consideras benéfico aquilo que é realmente prejudicial; como sendo certo aquilo que é realmente incerto; e como desejável e bom aquilo que é indesejável e não bom. Ai, por que tu não despertas para uma compreensão correta disso? Como o bicho-da-seda se envolve em seu próprio casulo, tu estás te envolvendo continuamente em um casulo feito de tuas próprias ações incontáveis nascidas do entorpecimento e erro. Ai, por que tu não despertas para uma compreensão correta da tua situação? Não há necessidade de te apegar às coisas deste mundo. Apego aos objetos mundanos é produtivo de mal. O bicho-da-seda que tece um casulo ao redor de si mesmo é finalmente destruído por sua própria ação. Aquelas pessoas que se tornam apegadas a filhos e cônjuges e parentes encontram com a destruição no final, assim como elefantes selvagens caídos na lama de um lago são gradualmente enfraquecidos até a Morte. Veja, todas as criaturas que se permitem serem arrastadas pela rede da afeição ficam sujeitas à grande angústia assim como peixes na terra, arrastados a ela por meio de grandes redes! Parentes, filhos, cônjuges, o próprio corpo, e todas as posses armazenadas com cuidado, são insubstanciais e demonstram ser de nenhum auxílio no mundo seguinte. Somente as ações, boas e más, que alguém faz, o seguem para o outro mundo. Quando é certo que tu terás que ir sem ajuda ao outro mundo, deixando para trás todas essas coisas, ai, por que tu então te permites ser apegado a tais coisas insubstanciais de nenhum valor, sem prestares atenção àquelas que constituem tua riqueza real e durável? O caminho que tu terás que percorrer não tem lugares de descanso de qualquer tipo (nos quais descansar). Não há apoio ao longo daquele caminho, o qual alguém possa pegar para se sustentar. O país pelo qual ele passa é desconhecido e encoberto. Ele está, também, envolvido em uma densa escuridão. Ai, como tu procederás por aquele caminho sem te equipares com os custos necessários? Quando tu tiveres que seguir ao longo daquela estrada, ninguém seguirá contigo. Somente os teus

atos, bons e maus, seguirão atrás de ti quando tu partires deste mundo para o próximo. Alguém procura seu objetivo dos objetivos por meio de erudição, ações, pureza (externa e interna), e grande conhecimento. Quando aquele principal dos objetivos é alcançado, ele se torna livre (do renascimento). O desejo que alguém sente por viver no meio de habitações humanas é como uma corda que amarra. Aqueles que são de boas ações conseguem romper aquele laço e se libertar. Somente aqueles de ações pecaminosas não conseguem rompê-lo. O rio da vida (ou o mundo) é terrível. Beleza pessoal ou forma constitui suas ribanceiras. A mente é a velocidade de sua correnteza. Toque forma sua ilha. Sabor constitui sua correnteza. Aroma é sua lama. Som é suas águas. Aquela parte específica dele que leva para o céu está ligada a grandes dificuldades. O corpo é o barco pelo qual alguém deve cruzar aquele rio. O perdão é o remo pelo qual ele deve ser impulsionado. A verdade é o lastro que é para firmar aquele barco. A prática de virtude é a corda que é para ser ligada ao mastro para puxar à força aquele barco ao longo de águas difíceis. Caridade constitui o vento que impulsiona as velas daquele barco. Dotado de velocidade rápida, é com aquele barco que alguém deve cruzar o rio da vida. Rejeite virtude e vício, e verdade e falsidade. Tendo rejeitado verdade e falsidade, rejeite aquilo pelo qual estes são para serem rejeitados. Por rejeitar todo propósito, rejeite virtude; rejeite também o pecado por rejeitar todo desejo. Com a ajuda da compreensão, rejeite verdade e mentira; e, finalmente, rejeite a própria compreensão pelo conhecimento do tópico mais elevado (isto é, a Alma suprema). Rejeite este corpo tendo ossos como seus pilares; tendões como suas cordas e barbantes que amarram; carne e sangue como seu reboco exterior; a pele como sua cobertura exterior; cheio de urina e fezes e, portanto, emitindo um cheiro repugnante; exposto aos ataques de decrepitude e tristeza; formando o assento de doença e enfraquecido pela dor; possuidor do atributo de Rajas em predominância, não permanente ou durável, e que serve como a habitação (temporária) da criatura que o habita. Este universo inteiro de matéria, e aquilo que é chamado de Mahat ou Buddhi, são compostos dos (cinco) grandes elementos. Aquilo que é chamado de Mahat é devido à ação do Supremo. Os cinco sentidos, os três atributos de Tamas, Sattwa, e Rajas, estes (junto com aqueles que foram mencionados antes), constituem um total de dezessete. Estes dezessete, que são conhecidos pelo nome de Imanifesto, com tudo aquilo que é chamado de Manifesto, isto é, os cinco objetos dos cinco sentidos, (ou seja, forma, gosto, som, toque, e cheiro), com a Consciência e a Compreensão, formam o bem conhecido número de vinte e quatro. Quando dotado dessas vinte e quatro posses, alguém vem a ser chamado pelo nome de Jiva (ou Puman). Aquele que conhece o agregado de três (isto é, Religião, Riqueza, e Prazer), como também felicidade e tristeza e vida e morte, realmente e em todos os seus detalhes, é citado como sendo conhecedor do crescimento e decadência. Quaisquer objetos de conhecimento que existam devem ser conhecidos gradualmente, um depois do outro. Todos os objetos que são percebidos pelos sentidos são chamados de Manifestos. Quaisquer objetos que transcendam os sentidos e sejam percebidos somente por meio de suas indicações são citados como sendo Imanifestos. Por reprimir os sentidos, uma pessoa ganha grande satisfação, assim como um viajante sedento e ressecado em uma chuva deliciosa. Tendo subjugado os sentidos uma pessoa vê sua alma

se estender para abarcar todos os objetos, e todos os objetos em sua alma. Tendo suas raízes no conhecimento, nunca é perdida a força do homem que (assim) vê o Supremo em sua alma, do homem, ou seja, que sempre vê todas as criaturas em todas as condições (em sua própria alma). Aquele que pela ajuda do conhecimento transcende todos os tipos de dor nascidos do erro e entorpecimento, nunca pega algum mal por entrar em contato com todas as criaturas. (O homem que transcende todas as atrações nunca é prejudicado se levado à união com outras criaturas.) Tal homem, com a sua compreensão sendo totalmente desenvolvida, nunca encontra erro na direção de conduta que prevalece no mundo. Alguém familiarizado com a Emancipação diz que a Alma Suprema é sem início e sem fim; que ela toma nascimento como todas as criaturas; que ela reside (como uma testemunha) na alma Jiva; que ela é inativa, e sem forma. Somente aquele homem que encontra com a dor em consequência de seus próprios delitos mata numerosas criaturas para o propósito de repelir aquela dor. (O objetivo deste verso é mostrar que homens de conhecimento não realizam sacrifícios, nos quais, como uma coisa natural, um grande número de criaturas é morto. Homens ligados à religião de Pravritti realizam sacrifícios; vindo para o mundo por consequência de atos passados, eles procuram felicidade (por irem para o céu) pelo caminho de sacrifícios e ritos religiosos. Um grande número de criaturas é morto, pois além das vítimas ostensivamente oferecidas, um número infinito de criaturas menores ou minúsculas são mortas nos fogos sacrificais e no decorrer de outras preparações que são feitas em sacrifícios.) Por causa de tais sacrifícios, os realizadores têm que obter renascimentos e necessariamente têm que realizar inúmeras ações por todos os lados. Tal homem, cegado pelo erro, e considerando ser felicidade aquilo que é realmente uma fonte de dor, é continuamente tornado infeliz assim como uma pessoa doente que come alimento que é impróprio. Tal homem é pressionado e triturado por suas ações como alguma substância que é batida. Obrigado por suas ações, ele obtém renascimento, a ordem de sua vida sendo determinada pela natureza de suas ações. Sofrendo muitos tipos de tortura, ele viaja em uma ronda de renascimentos repetidos assim como uma roda gira incessantemente. Tu, no entanto, tens cortado todos os teus laços. Tu te abstiveste de todas as ações! Possuidor de onisciência e o mestre de todas as coisas, que o sucesso seja teu, e venha a ser livre de todos os objetos existentes. Através da subjugação de seus sentidos e do poder de suas penitências, muitas pessoas (antigamente), destruíram os vínculos da ação, e alcançaram grande êxito e bem-aventurança ininterrupta.'"

331

"'Narada disse, 'Por escutar tais escrituras que são abençoadas, que trazem tranquilidade, que dissipam a aflição, e que são produtivas de felicidade, uma pessoa obtém uma compreensão (pura), e tendo-a obtido ela conquista a maior felicidade. Mil causas de tristeza, e cem causas de medo, dia a dia, afligem alguém que é desprovido de compreensão, mas não alguém que possui sabedoria e conhecimento. Portanto, ouça algumas narrativas antigas enquanto eu as recito

para ti, para o objetivo de dissipar tuas aflições. Se alguém pode subjugar sua compreensão, ele com certeza alcançará felicidade. Pela associação do que é indesejável e dissociação do que é agradável, somente homens de pouca inteligência ficam sujeitos à tristeza mental de todo tipo. Quando coisas se tornaram passadas, uma pessoa não deve se afligir, pensando nos méritos delas. Aquele que pensa em tais coisas passadas com afeição nunca pode se emancipar. Alguém deve sempre procurar descobrir as imperfeições daquelas coisas às quais ele começa a se tornar apegado. Ele deve sempre considerar tais coisas como sendo repletas de muitos males. Por fazer isso, ele deve logo se libertar delas. O homem que sofre pelo que é passado fracassa em adquirir riqueza ou mérito religioso ou fama. Aquilo que não existe mais não pode ser obtido. Quando tais coisas terminam, elas não voltam (por mais que seja agudo o pesar ao qual alguém se entregue por sua causa). As criaturas às vezes adquirem e às vezes perdem objetos mundanos. Nenhum homem neste mundo pode ser afligido por todos os incidentes que caem sobre ele. Morto ou perdido, aquele que se angustia pelo que é passado somente obtém tristeza por tristeza. Ao invés de uma tristeza, ele obtém duas. (Tristeza aumenta por indulgência.) Aqueles homens que, observando o rumo da vida e da morte no mundo com a ajuda de sua inteligência, não derramam lágrimas, são citados como observando corretamente. Tais pessoas nunca têm que derramar lágrimas, (por alguma coisa que possa acontecer). Quando alguma calamidade chega, produtiva de dor física ou mental, que não possa ser repelida nem pelos seus melhores esforços, alguém deve parar de refletir sobre ela com tristeza. Este é o remédio para a tristeza, isto é, não pensar nela. Por pensar nela, alguém nunca poderá dissipá-la; por outro lado, por pensar sobre a tristeza, alguém somente a aumenta. Aflições mentais devem ser mortas pela sabedoria; enquanto dor física deve ser dissipada por remédios. Este é o poder do conhecimento. Alguém não deve, em tais questões, se comportar como homens de pouca compreensão. Juventude, beleza, vida, riqueza acumulada, saúde, associação com aqueles que são amados, tudo isso é extremamente transitório. Alguém possuidor de sabedoria nunca deve cobiçá-los. Uma pessoa não deve lamentar individualmente por uma ocorrência triste que diz respeito a uma comunidade inteira. Em vez de se entregar à dor quando ela chega, uma pessoa deve procurar evitá-la e aplicar um remédio logo que ela veja a oportunidade de fazer isso. Não há dúvida que nesta vida a medida de miséria é muito maior do que aquela de felicidade. Não há dúvida que todos os homens demonstram apego pelos objetos dos sentidos e que a morte é considerada como desagradável. Aquele homem que rejeita alegria e tristeza, é citado como tendo alcançado Brahma. Quando tal homem parte deste mundo, homens de sabedoria nunca se entregam a alguma tristeza por causa dele. Em gastar riqueza há dor. Em protegê-la há dor. Em adquiri-la há dor. Então, quando a riqueza de alguém encontra com a destruição, ele não deve ceder à tristeza por isso. Homens de pouca compreensão, obtendo diferentes graus de riqueza, não conseguem ganhar contentamento e finalmente perecem em miséria. Homens de sabedoria, no entanto, estão sempre satisfeitos. Todas as combinações estão destinadas a terminarem em dissolução. Todas as coisas que são altas estão destinadas a caírem e se tornarem baixas. União com certeza termina em desunião e vida com certeza termina em morte. A sede é insaciável. O contentamento é a maior

felicidade. Por isso, pessoas de sabedoria consideram o contentamento como a riqueza mais preciosa. O período de vida concedido a alguém está correndo continuamente. Ele não pára em seu curso nem por um único momento. Quando o próprio corpo não é durável, que outra coisa há (neste mundo) que se deva considerar como durável? Aquelas pessoas que, refletindo sobre a natureza de todas as criaturas e concluindo que ela está além do alcance da mente, dirigem sua atenção para o caminho mais elevado, e que, pondo-se a caminho, alcançam um bom progresso nele, não têm que se entregar à tristeza. (Há homens que estão empenhados em refletir sobre a natureza das coisas, estes devem saber que tal ocupação é inútil, pois realmente a natureza das coisas está além do alcance da mente. O maior filósofo é ignorante de todas as virtudes de uma folha de grama, o propósito para o qual ela existe, as mudanças que ela sofre a todos os instantes de tempo e dia a dia. Aqueles homens, no entanto, que deixam tal ocupação não lucrativa para andar pelo caminho mais sublime, isto é, o caminho que leva a Brahma, se libertam da aflição.) Como um tigre agarrando e fugindo com sua presa, a Morte agarra e leva embora o homem que está empenhado em tal ocupação (não lucrativa) e que ainda não está saciado com os objetos de desejo e prazer. Uma pessoa deve sempre procurar se emancipar da tristeza. Ela deve procurar dissipar a tristeza por começar suas ações com alegria, isto é, sem se entregar à tristeza durante esse tempo. Tendo se livrado de uma tristeza específica, ela deve agir de tal maneira quanto a manter a tristeza à distância por se abster de todos os defeitos de conduta. Os ricos e os pobres igualmente não encontram nada no som e toque e forma e cheiro e gosto, depois do desfrute imediato destes. (A satisfação dos sentidos não deixa nada atrás de si. O prazer dura contanto que continue o contato dos objetos com os sentidos.) Antes da união, as criaturas nunca estão sujeitas à tristeza. Por isso, alguém que não decaiu da sua natureza original nunca se entrega à tristeza quando aquela união vem a terminar. (Um homem tem cônjuges e filhos, ou riqueza, etc. Não havia tristeza quando não haviam estes: com sua união com eles sua tristeza começa. Então, quando estas coisas desaparecem, um homem inteligente não deve se entregar à alguma tristeza. Vínculos ou apegos são sempre produtivos de aflição. Quando os laços são cortados ou destruídos, não deve haver tristeza.) Uma pessoa deve reprimir seu apetite sexual e o estômago com a ajuda de paciência. Ela deve proteger suas mãos e pés com a ajuda dos olhos. A visão e a audição e os outros sentidos devem ser protegidos pela mente. A mente e a fala devem ser governadas com a ajuda da sabedoria. Rejeitando amor e afeição por pessoas que são conhecidas assim como por aquelas que são desconhecidas, uma pessoa deve se comportar com humildade. Tal pessoa é citada como sendo possuidora de sabedoria, e ela sem dúvida encontra felicidade. Aquele homem que está satisfeito com sua própria Alma, (isto é, cujos prazeres não dependem de objetos externos tais como cônjuges e filhos), que é dedicado ao Yoga, que não depende de nada fora de si mesmo, que não tem cobiça, e que se conduz sem a ajuda de alguma coisa exceto ele mesmo, consegue obter felicidade.'"

332

"'Narada disse, Quando as vicissitudes de felicidade e tristeza aparecem ou desaparecem, as transições não podem ser impedidas por sabedoria ou política ou esforço. Sem se permitir decair de sua natureza verdadeira, uma pessoa deve se esforçar da melhor maneira para proteger seu próprio Eu. Aquele que se dirige a tal cuidado e esforço nunca tem que enlanguescer. Considerando o Eu como algo precioso, ele deve sempre procurar se salvar da decrepitude, morte, e doença. Doenças mentais e físicas afligem o corpo, como flechas de pontas afiadas atiradas do arco por um arqueiro forte. O corpo de uma pessoa que é torturada pela sede, que é agitada pela agonia, que é totalmente desamparada, e que está desejosa de prolongar sua vida, é arrastado em direção à destruição. Dias e noites estão correndo sem parar levando em sua corrente os períodos de vida de todos os seres humanos. Como correntes de rios, estes fluem incessantemente sem jamais retroceder. (Vyasa vivia no norte da Índia e era evidentemente não familiarizado com as marés que aparecem nos rios bengaleses.) A sucessão contínua das quinzenas escuras e iluminadas está desgastando todas as criaturas mortais sem parar nem por um momento neste trabalho. Nascendo e se pondo dia após dia, o Sol, que é ele mesmo imperecível, está cozinhando continuamente as alegrias e tristezas de todos os homens. As noites estão passando incessantemente, levando com elas os incidentes bons e maus que acontecem ao homem, que dependem do destino, e que são inesperados por ele. Se os frutos das ações do homem não dependessem de outras circunstâncias, então ele obteria qualquer objeto que ele desejasse. Mesmo os homens de sentidos controlados, de habilidade, e de inteligência, se desprovidos de ações, nunca conseguirão ganhar quaisquer resultados. (O objetivo deste verso é mostrar a utilidade e necessidade de ações. Sem agir ninguém, embora inteligente, pode ganhar algum resultado.) Outros, embora desprovidos de inteligência e não dotados de habilidades de algum tipo, e que são realmente os mais inferiores dos homens, são vistos, mesmo quando não anseiam pelo êxito, serem coroados com a realização de todos os seus desejos. Algum outro, que está sempre pronto para fazer atos de injúria para todas as criaturas, e que está engajado em enganar todo mundo, é visto nadar em felicidade. Alguém que senta preguiçosamente obtém grande prosperidade; enquanto outro, por se esforçar seriamente, é visto perder frutos desejáveis quase dentro do seu alcance. Refira-te a isso como uma das imperfeições do homem! A semente vital, tendo origem na natureza de alguém pela visão de uma pessoa, vai para outra pessoa. Quando concedida ao útero, ela às vezes produz um embrião e às vezes falha. Quando a união sexual falha, ela parece com uma mangueira que lança muitas flores sem, no entanto, produzir um único fruto. Em relação a alguns homens que são desejosos de ter prole e que, para a realização de seu objetivo, se esforçam sinceramente (por cultuarem diversas divindades), eles fracassam em procriar um embrião no útero. Algumas pessoas também, que temem o nascimento de um embrião como alguém teme uma cobra de veneno virulento, encontram um filho de vida longa nascido para eles e que parecem ser eles mesmos de volta aos estágios através dos quais eles passaram. Muitas pessoas com desejo ardente

por prole e tristes por causa disso, depois de sacrificarem para muitas divindades e passarem por austeridades severas, finalmente geram filhos, devidamente carregados por dez longos meses (nos úteros de suas esposas), que demonstram ser verdadeiros canalhas de sua raça. Outros, que foram obtidos por virtude de tais ritos e observâncias abençoados, imediatamente obtêm riqueza e grãos e outras diversas fontes de prazer obtidas e armazenadas por seus pais. Em uma ação de ato sexual, quando duas pessoas de sexos opostos entram em contato uma com a outra, o embrião nasce no útero, como uma calamidade afligindo a mãe. Logo depois da suspensão dos ares vitais, outras formas físicas possuem aquela criatura incorporada cujo corpo grosseiro foi assim destruído, mas cujas ações foram todas realizadas com aquele corpo grosseiro feito de carne e muco. Após a dissolução do corpo, outro corpo, o qual é tão destrutível quanto aquele que foi destruído, é mantido pronto para a criatura queimada e destruída (migrar) assim como um barco vai para outro para transferir para si mesmo os passageiros do outro. Por causa de uma união sexual, uma gota da semente vital, que é inanimada, é lançada no útero. Eu te pergunto, através de quem ou qual cuidado o embrião é mantido vivo? Aquela parte do corpo para a qual vai a comida que é ingerida e onde ela é digerida, é o lugar onde o embrião reside, mas ele não é digerido lá. No útero, em meio a urina e fezes, a estada de alguém é regulada pela Natureza. Na questão de residência ou fuga de lá, a criatura nascida não é um agente livre. De fato, nesses aspectos, ela é totalmente indefesa. Alguns embriões caem do útero (em um estado não desenvolvido). Alguns saem vivos (e continuam a viver). Enquanto alguns encontram com a destruição no útero, depois de serem estimulados com vida, por alguns outros corpos estarem prontos para eles (pela natureza de suas ações, pois seus atos de vidas passadas trazem para eles outros corpos exatamente naquele estágio). Aquele homem que, em uma ação de união sexual, injeta o fluido vital, obtém disto um filho ou filha. A prole assim obtida, quando chega o momento, toma parte em uma ação de união similar. Quando o período de vida concedido a alguém está no fim, os cinco elementos primordiais de seu corpo alcançam o sétimo e o nono estágios e então cessam de existir. A pessoa, no entanto, não sofre mudança. (Os dez estágios da vida de uma pessoa são: (1) residência dentro do útero, (2) nascimento, (3) infância até 5 anos, (4) infância até 12 anos, (5) Pauganda até os 16 anos, (6) juventude até os 48 anos, (7) velhice, (8) decrepitude, (9) suspensão da respiração, (10) destruição de corpo.) Sem dúvida, quando pessoas são afligidas por doenças como animais pequenos atacados por caçadores, elas então perdem os poderes de se levantar e se mexer. Se quando os homens são afligidos por doenças, eles desejam gastar mesmo uma vasta riqueza, os médicos com os seus melhores esforços fracassam em aliviar sua dor. Até os médicos, que são bem hábeis e bem informados em suas escrituras e bem equipados com remédios excelentes, são eles mesmos afligidos por doenças como animais atacados por caçadores. Mesmo que os homens bebam muitos adstringentes e diversas espécies de ghee medicinal, eles são vistos serem quebrados pela decrepitude como árvores por elefantes fortes. Quando animais e aves e feras predadoras e homens pobres estão afligidos por doenças, quem os trata com remédios? De fato, estes não são vistos ficarem doentes. Como animais maiores atacando menores, indisposições são vistas afligirem até reis terríveis de energia feroz e destreza invencível. Todos os

homens, privados até do poder de proferirem gritos que revelam dor, e oprimidos por erro e aflição, são vistos serem carregados pela corrente violenta na qual eles foram lançados. As criaturas incorporadas, mesmo quando procurando conquistar a natureza, são incapazes de conquistá-la com a ajuda de riqueza, de poder soberano, ou das penitências mais austeras. (Natureza aqui significa as grandes leis às quais a existência humana está sujeita: a lei de nascimento, de morte, de doença e decrepitude etc.) Se todas as tentativas que os homens fizessem fossem coroadas com sucesso, então os homens nunca estariam sujeitos à decrepitude, nunca seriam surpreendidos por alguma coisa desagradável, e por fim seriam coroados com realização em relação a todos os seus desejos. Todos os homens desejam obter superioridade gradual de posição. Para satisfazer este desejo eles se esforçam da melhor maneira que podem. O resultado, no entanto, não corresponde com o desejo. (Se alguém se torna rico, ele deseja se tornar um conselheiro; se um conselheiro, ele deseja ser primeiro ministro; e assim adiante. O sentido do verso é que o desejo do homem de se elevar é insaciável.) Mesmo homens que são perfeitamente atentos, que são honestos, e valentes e dotados de destreza, são vistos prestarem suas adorações para homens intoxicados com o orgulho de riqueza e até com estimulantes alcoólicos. Alguns homens são vistos cujas calamidades desaparecem antes mesmo que elas sejam percebidas ou notadas por eles. Há outros que são vistos possuírem nenhuma riqueza mas que estão livres de miséria de todo tipo. Uma grande desigualdade é observável em relação aos resultados provenientes das combinações de ações. Alguns são vistos carregarem veículos em seus ombros, enquanto alguns são vistos passearem sobre aqueles veículos. Todos os homens estão desejosos de riqueza e prosperidade. Somente poucos têm carros (e elefantes e cavalos) puxados (ou andando) em suas procissões. Há alguns que não conseguem ter uma única esposa quando suas primeiras esposas morrem; enquanto outros têm centenas de esposas para chamar de suas. Miséria e felicidade são duas coisas que existem lado a lado. Homens têm ambos, miséria e felicidade. Veja, este é um tema de admiração! Porém, não te permita ser entorpecido pelo erro por causa de tal visão! Rejeite virtude e pecado! Rejeite também verdade e falsidade! Tendo rejeitado verdade e falsidade, rejeite então aquilo com cuja ajuda tu rejeitaste os primeiros! Ó melhor dos Rishis, eu agora te falei daquilo que é uma grande miséria! Com a ajuda de tais instruções, as divindades (que foram todas seres humanos) conseguiram deixar a Terra para se tornarem os habitantes do céu!'”

"'Ouvindo estas palavras de Narada, Suka, dotado de grande inteligência e possuidor de tranquilidade mental, refletiu sobre a força das instruções que recebeu, mas não pôde chegar a alguma certeza de conclusão. Ele entendeu que alguém sofre grande miséria por causa da acessão de filhos e cônjuges; que alguém tem que passar por muito trabalho para a aquisição de ciência e erudição Védica. Ele, portanto, questionou a si mesmo, dizendo, ‘Qual é aquela situação que é eterna e que está livre de miséria de todo tipo mas na qual há grande prosperidade?’ Refletindo por um momento sobre o rumo ordenado para ele seguir, Suka, que conhecia bem o início e o fim de todos os deveres, resolveu alcançar o fim mais elevado que é repleto da maior bem-aventurança. Ele questionou a si mesmo, dizendo, ‘Como eu irei, rompendo todas as ligações e me

tornando perfeitamente livre, alcançar aquele fim excelente? Como, de fato, eu chegarei àquela situação excelente de onde não há volta para o oceano de diversos tipos de nascimento? Eu desejo obter aquela condição de existência de onde não há retorno! Rejeitando todos os tipos de apegos, chegando à certeza por reflexão com a ajuda da mente, eu alcançarei aquele fim! Eu alcançarei aquela situação na qual minha Alma terá tranquilidade, e na qual eu poderei ficar pela eternidade sem estar sujeito à decrepitude ou mudança. É, no entanto, certo que aquele fim sublime não pode ser alcançado sem a ajuda de Yoga. Alguém que alcançou ao estado de conhecimento e iluminação perfeitos nunca recebe uma acessão de ligações inferiores através das ações. (De fato, a aquisição do próprio corpo é uma ligação assim. O que é dito aqui é que Jiva que se tornou iluminado fica livre da obrigação de renascimento ou contado com o corpo novamente.) Eu, portanto, recorrerei ao Yoga, e rejeitando este corpo que é a minha residência atual, eu me transformarei em vento e entrarei naquela massa de refulgência que é representada pelo Sol; (isto é, Brahma, que é pura refulgência, aquela refulgência é adorada no Gayatri). Quando Jiva entra naquela massa de refulgência, ele não sofre mais como Shoma que, com os deuses, após o esgotamento do mérito, cai na Terra e, tendo mais uma vez adquirido mérito suficiente, volta para os céus. (Aquele que entra na refulgência solar não tem que passar por alguma mudança, diferentemente de Shomah e as divindades que têm que sofrer mudanças, pois elas caem após o esgotamento de seu mérito e re-ascendem quando elas adquirem mérito novamente. O fato é, há dois caminhos, archiradi-margah e dhumadi-margah. Aqueles que vão pelo primeiro alcançam Brahma e nunca têm que retornar, enquanto aqueles que vão pelo último caminho desfrutam de felicidade por algum tempo e então retornam.) A lua é sempre vista minguar e crescer novamente. Vendo este aumento e diminuição que continua repetidamente, eu não desejo ter uma forma de existência na qual haja tais mudanças. O Sol aquece todos os mundos por meio de seus raios ardentes. Seu disco nunca sofre alguma diminuição. Permanecendo inalterado, ele absorve energia de todas as coisas. Por isso, eu desejo entrar no Sol de esplendor brilhante. (Aqui as palavras Sol e Lua são indicativas dos dois caminhos diferentes já mencionados.) Lá eu viverei, invencível por todos, e em minha alma interna livre de todo medo, tendo rejeitado este meu corpo na região solar. Com os grandiosos Rishis eu entrarei na energia insuportável do Sol. Eu declaro para todas as criaturas, para estas árvores, estes elefantes, estas montanhas, para a própria Terra, para os vários pontos do horizonte, o firmamento, as divindades, os Danavas, os Gandharvas, os Pisachas, os Uragas, e os Rakshasas, que eu irei, realmente, entrar em todas as criaturas no mundo. (Isto é, ele irá alcançar o Brahma universal e assim se identificar com todas as coisas.) Que todos os deuses com os Rishis vejam o valor do meu Yoga hoje!' Tendo dito estas palavras, Suka informou sua intenção para o mundialmente famoso Narada. Obtendo a permissão de Narada, Suka então procedeu para onde seu pai estava. Chegado na presença do grande Muni, isto é, o Krishna Nascido na Ilha de grande alma, Suka andou ao redor dele e dirigiu a ele as perguntas usuais. Sabendo da intenção de Suka, o Rishi de grande alma ficou muito satisfeito. Dirigindo-se a ele, o grande Rishi disse, 'Ó filho, ó filho querido, fique aqui hoje para que eu possa te ver por algum tempo para satisfazer meus olhos.' Suka, no entanto, ficou

indiferente àquele pedido. Livre de afeição e toda dúvida ele começou a pensar somente na Emancipação, e colocou seu coração na jornada. Deixando seu pai, aquele principal dos Rishis então procedeu para o leito espaçoso de Kailasa que era habitado por multidões de ascetas coroados com êxito.'"

333

"Bhishma disse, 'Tendo subido o topo da montanha, ó Bharata, o filho de Vyasa sentou-se sobre um local plano livre de folhas de grama e afastado dos lugares frequentados por outras criaturas. De acordo com a direção das escrituras e as ordenanças prescritas, aquela asceta, conhecedor da ordem gradual dos processos sucessivos de Yoga, manteve sua alma primeiro em um lugar e então em outro, começando a partir de seus pés e prosseguindo através de todos os membros. Então, quando o Sol não tinha subido muito, Suka sentou-se, com seu rosto virado para o Leste, e mãos e pés contraídos, em uma atitude humilde. Naquele local onde o filho inteligente de Vyasa sentou preparado para se dirigir ao Yoga, não havia bandos de aves, nem som, e nenhuma visão que fosse repulsiva ou que inspirasse terror. Ele então viu sua própria Alma livre de todas as conexões. Contemplando aquela mais sublime de todas as coisas, ele riu em alegria. Ele mais uma vez ficou preparado para Yoga para alcançar o caminho da Emancipação. Tornando-se o grande mestre de Yoga, ele transcendeu o elemento espaço. Ele então circungirou o Rishi celeste Narada, e relatou para aquele principal dos Rishis o fato de ele ter se dirigido para o Yoga mais elevado.'"

"Suka disse, 'Eu consegui ver o caminho (da Emancipação), eu me dirigi a ele. Abençoado sejas, ó tu de riqueza de penitências! Eu irei, pela tua graça, ó tu de grande esplendor, alcançar um fim que é altamente desejável!"

"Bhishma disse, 'Tendo recebido a permissão de Narada, Suka, o filho de Vyasa Nascido na Ilha, saudou o Rishi celeste e mais uma vez se estabeleceu em Yoga e entrou no elemento espaço. Ascendendo então do leito da montanha Kailasa, ele subiu ao céu. Capaz de viajar através do céu, o abençoado Suka de conclusão fixa então se identificou com o elemento Vento. Quando aquele principal dos regenerados, possuidor de refulgência como aquela de Garuda, estava percorrendo os céus com a velocidade do vento ou pensamento, todas as criaturas o olharam. Dotado do esplendor do fogo ou do Sol, Suka então considerou os três mundos em sua totalidade como um Brahma homogêneo, e procedeu por aquele caminho de grande extensão. De fato, todas as criaturas móveis e imóveis lançaram seus olhos sobre ele enquanto ele procedia com atenção concentrada, e uma alma tranquila e sem medo. Todas as criaturas, conforme as ordenanças e segundo seu poder, o adoraram com reverência. Os habitantes do céu derramaram chuvas de flores celestes sobre ele. Vendo-o, todas as tribos de Apsaras e Gandharvas ficaram muito surpresos. Os Rishis também, que eram coroados com sucesso, ficaram igualmente assombrados. E eles perguntaram para si mesmos, 'Quem é este que alcançou o êxito por suas penitências?', 'Com olhar afastado de seu próprio corpo mas virado para cima ele

está nos enchendo de satisfação por seus olhares!' De alma muito virtuosa e célebre pelos três mundos, Suka procedeu em silêncio, seu rosto virado para o Leste e olhar fixo dirigido para o Sol. Conforme ele procedia, ele parecia encher o firmamento inteiro com um barulho que permeava tudo. Vendo-o indo por aquele caminho, todas as tribos de Apsaras, tomadas pela admiração, ó rei, ficaram maravilhadas. Encabeçadas por Panchachuda e outras, elas olharam Suka com olhos arregalados por assombro. E elas se perguntaram, dizendo; 'Qual divindade é esta que alcançou tal fim elevado? Sem dúvida, ele vem para cá, livre de todos os apegos e emancipado de todos os desejos!' Suka então procedeu para as montanhas Malaia onde Urvasi e Purvachitti costumavam morar sempre. Ambas, contemplando a energia do filho do grande Rishi regenerado, ficaram muito surpresas. E elas disseram, 'Extraordinária é esta concentração de atenção (em Yoga) de um jovem regenerado que estava habituado à recitação e estudo dos Vedas! Logo ele irá atravessar todo o firmamento como a Lua. Foi por serviço respeitoso e ajuda humilde para seu pai que ele adquiriu esta compreensão excelente. Ele é firmemente ligado ao seu pai, possuidor de penitências austeras, e é muito amado por seu pai. Ai, por que ele foi despedido por seu pai desatento para proceder (assim) por um caminho de onde não há retorno?' Ouvindo estas palavras de Urvasi, e prestando atenção em seu significado, Suka, aquela principal de todas as pessoas conhecedoras dos deveres, olhou para todos os lados, e mais uma vez viu o firmamento inteiro, toda a Terra com suas montanhas e águas e florestas, e também todos os lagos e rios. Todas as divindades também de ambos os sexos, unindo suas mãos, prestaram reverência ao filho do Rishi Nascido na Ilha e o fitaram com admiração e respeito. Aquele principal de todos os homens justos, Suka, dirigindo-se a todos, disse estas palavras, 'Se meu pai me seguir e repetidamente me chamar por meu nome, vocês todos juntos dêem a ele uma resposta por mim. Movidos pela afeição que todos vocês têm por mim, realizem este meu pedido!' Ouvindo estas palavras de Suka, todos os pontos do horizonte, todas as florestas, todos os mares, todos os rios, e todas as montanhas, responderam a ele de todos os lados, dizendo, 'Nós aceitamos tua ordem, ó regenerado! Será como tu disseste! É dessa maneira que nós respondemos as palavras faladas pelo Rishi!'"

334

"Bhishma disse, 'Tendo falado desse modo (para todas as coisas), o Rishi regenerado de penitências austeras, Suka, permaneceu em seu sucesso rejeitando os quatro tipos de falhas. Rejeitando também os oito tipos de Tamas, ele descartou os cinco tipos de Rajas. Dotado de grande inteligência, ele então rejeitou o atributo de Sattwa. Tudo isso parecia muito extraordinário. Ele então morou naquele lugar eterno que é desprovido de atributos, livre de toda indicação, isto é, em Brahma, brilhando como um fogo sem fumaça. Meteoros começaram a cair. Os pontos da bússola parecia estar em chamas. A Terra tremeu. Todos esses fenômenos pareciam muito admiráveis. As árvores começaram a perder seus ramos e as montanhas seus topos. Foram ouvidos estrondos sonoros (como

do trovão) que pareciam rachar as montanhas Himavat. O sol parecia naquele momento estar privado de esplendor. O fogo se recusou a queimar. Os lagos e rios e mares estavam todos agitados. Vasava despejou chuvas de gosto e fragrância excelentes. Uma brisa pura começou a soprar, carregando perfumes excelentes. Suka, conforme ele procedia pelo firmamento, viu dois topos belos, um pertencendo a Himavat e o outro a Meru. Estes estavam em contato estreito um com o outro. Um deles era feito de ouro e era, portanto, amarelo; o outro era branco, sendo feito de prata. Cada um deles, ó Bharata, tinha cem yojanas de altura e a mesma medida de largura. De fato, enquanto Suka viajava em direção ao norte, ele viu aqueles dois topos belos. Com um coração destemido ele colidiu contra aqueles dois topos que estavam unidos um ao outro. Incapazes de suportar a força, os topos foram subitamente rachados em dois. A visão que eles então apresentaram, ó monarca, era muito esplêndida de se contemplar. Suka atravessou aqueles topos, pois eles não podiam parar seu movimento para diante. Nisto um grande barulho ergueu-se no céu, feito pelos habitantes de lá; os Gandharvas e os Rishis também e outros que moravam naquela montanha sendo partida em duas e Suka passando através dela. De fato, ó Bharata, um barulho alto foi ouvido em todos os lugares naquele momento, consistindo nas palavras 'Excelente! Excelente!' Ele foi adorado pelos Gandharvas e Rishis, por multidões de Yakshas e Rakshasas, e por todas as tribos de Vidyadharas. Todo o firmamento ficou coberto com flores celestes despejadas do céu naquele momento quando Suka atravessou dessa maneira aquela barreira impenetrável, ó monarca! Suka de alma justa então viu de uma região alta o rio celeste Mandakini de grande beleza, correndo abaixo por uma região adornada por muitas flores e arvoredos e florestas. Naquelas águas muitas Apsaras belas estavam se divertindo. Vendo Suka que estava sem corpo, aqueles seres aéreos despidos sentiram vergonha. Sabendo que Suka tinha empreendido sua grande viagem, seu pai Vyasa, cheio de afeição, o seguiu pelo caminho mesmo aéreo. Enquanto isso Suka, procedendo por aquela região do firmamento que está acima da região do vento, mostrou sua destreza-Yoga e se identificou com Brahma. (Os Rishis sabiam que a altura da atmosfera não é interminável.) Adotando o caminho sutil de Yoga superior, Vyasa de penitências austeras alcançou dentro de um piscar de olhos aquele local de onde Suka começou a empreender sua viagem. Prosseguindo pelo mesmo caminho, Vyasa viu o topo da montanha rachado em dois e pelo qual Suka tinha passado. Encontrando o asceta Nascido na Ilha, os Rishis começaram a relatar para ele as realizações de seu filho. Vyasa, no entanto, começou a lamentar, chamando seu filho ruidosamente pelo nome e fazendo os três mundos ressoarem com o barulho que ele fazia. Enquanto isso, Suka de alma justa, que tinha entrado nos elementos, se tornado a alma deles e adquirido onipresença, respondeu para seu pai por proferir o monossílabo Bho na forma de um eco. Nisto, todo o universo de criaturas móveis e imóveis, proferindo o monossílabo Bho, ecoou a resposta de Suka. Desde aquele tempo até este, quando sons são proferidos em cavernas de montanha ou em leitos de montanha, os últimos, como se em resposta a Suka ainda os ecoam (com o monossílabo Bho). Tendo rejeitado todos os atributos de som, etc., e mostrando sua destreza-Yoga no modo de seu desaparecimento, Suka dessa maneira alcançou a região mais elevada. Vendo aquela glória e pujança de seu filho de energia incomensurável, Vyasa sentou-se

no leito da montanha e começou a pensar em seu filho com aflição. As Apsaras que estavam se divertindo nas margens da corrente celeste Mandakini, vendo o Rishi sentado lá, ficaram todas agitadas com grave vergonha e coração perdido. Algumas delas, para esconder sua nudez, mergulharam no rio, e algumas entraram nos bosques ao lado, e algumas pegaram suas roupas rapidamente, ao verem o Rishi. (Nenhuma delas tinha revelado quaisquer sinais de agitação à visão de seu filho.) O Rishi, vendo aqueles movimentos, compreendeu que seu filho estava emancipado de todas as atrações, mas que ele mesmo não estava livre delas. Nisto ele se encheu de alegria e vergonha. Quando Vyasa estava sentado lá, o deus auspicioso Siva, armado com Pinaka, cercado por todos os lados por muitas divindades e Gandharvas e adorado por todos os grandes Rishis chegou lá. Consolando o Rishi Nascido na Ilha que estava queimando de tristeza por causa de seu filho, Mahadeva disse estas palavras para ele. 'Tu antigamente solicitaste de mim um filho possuidor da energia do Fogo, da Água, do Vento, e do Espaço. Procriado por tuas penitências, o filho que nasceu para ti era exatamente daquele tipo. Procedendo da minha graça, ele era puro e cheio da energia-Brahma. Ele alcançou o fim mais elevado, um fim ao qual não pode chegar alguém que não tenha subjugado completamente seus sentidos, nem pode ser obtido até por alguma das divindades. Por que então, ó Rishi regenerado, tu te afliges por aquele filho? Enquanto as colinas durarem, enquanto o oceano durar, a fama do teu filho permanecerá não diminuída! Pela minha graça, ó grande Rishi, tu verás neste mundo uma forma vaga parecida com teu filho, se movendo ao teu lado e nunca te abandonando por um único momento!' Assim favorecido pelo próprio Rudra ilustre, ó Bharata, o Rishi viu uma sombra de seu filho ao seu lado. Ele voltou daquele local, cheio de alegria por isso. Eu agora te disse, ó chefe da linhagem de Bharata, tudo com relação ao nascimento e vida de Suka sobre o qual tu me perguntaste. O Rishi celeste Narada e o grande Yogin Vyasa repetidamente me contaram tudo isso antigamente quando o assunto era sugerido a eles no decorrer de conversação. Aquela pessoa dedicada à tranquilidade que ouve esta história sagrada diretamente ligada ao assunto da Emancipação com certeza alcançará o fim mais elevado." (Neste capítulo, Bhishma narra para Yudhishthira o fato da partida de Suka deste mundo, e a dor Vyasa por causa daquela ocorrência. Ele fala do fato como algo que tinha sido relatado a ele em tempos passados por Narada e pelo próprio Vyasa. Disto é evidente que o Suka que narrou o Srimad Bhagavat para Parikshit, o neto de Arjuna, não poderia possivelmente ser o Suka que era o filho de Vyasa.)

335

"Yudhishthira disse, 'Se um homem for um chefe de família ou um Brahmacharin, um asceta na floresta ou um mendicante, e se ele desejar alcançar sucesso, qual divindade ele deve adorar? Como ele pode certamente chegar ao céu e obter aquilo que é do maior benefício (isto é, Emancipação)? Segundo quais ordenanças ele deve realizar o homa em honra dos deuses e dos Pitris? Qual é a região para a qual alguém vai quando ele se torna emancipado? Qual é a

essência da Emancipação? O que alguém deve fazer para que, tendo alcançado o céu, não tenha que cair de lá? Quem é a divindade das divindades? E quem é o Pitri dos Pitris? Quem é aquele que é superior a ele, quem é a divindade das divindades e o Pitri dos Pitris? Diga-me tudo isso, ó avô!'"

"Bhishma disse, 'Ó tu que estás bem familiarizado com a arte de questionar, esta pergunta que tu me fizeste, ó impecável, é uma que diz respeito a um mistério profundo. Uma pessoa não pode responder a ela com a ajuda da ciência de argumentação, mesmo se ela se esforçasse por uma centena de anos. Sem a graça de Narayana, ó rei, ou uma acessão de conhecimento superior, esta tua pergunta é incapaz de ser respondida. (Pois sem fé este assunto não pode ser compreendido.) Embora este tópico esteja ligado com um mistério profundo, ainda assim eu irei, ó matador de inimigos, explicá-lo para ti! Em relação a isto é citada a antiga história da conversa entre Narada e o Rishi Narayana. Eu a ouvi do meu pai que na era Krita, ó monarca, durante a época do Manu Nascido por Si Mesmo, o eterno Narayana, a Alma do universo, tomou nascimento como o filho de Dharma em uma forma quádrupla, isto é, como Nara, Narayana, Hari, e o Auto-Criado Krishna (Swayambhuvah). Entre todos eles, Narayana e Nara passaram pelas austeridades mais severas por se dirigirem ao retiro Himalayan conhecido pelo nome de Vadari, por viajarem em seus carros dourados. Cada um daqueles carros era equipado com oito rodas, e composto dos cinco elementos primordiais, e parecia extremamente belo. (Os carros dourados referidos aqui são os corpos materiais das duas divindades. O corpo é chamado de carro porque, como o carro, ele é acionado por alguma força exceto a Alma, a qual o possui por algum tempo, a Alma sendo inativa. Ele é considerado como dourado porque todos se tornam apegados a ele como uma coisa muito valiosa. As oito rodas são Avidya e o resto.) Aqueles regentes originais do mundo que tinham nascido como os filhos de Dharma ficaram muito emaciados em pessoa por causa das austeridades que eles tinham praticado. De fato, por aquelas austeridades e por sua energia, as próprias divindades não podiam olhar para eles. Somente aquela divindade com quem eles estivessem propiciados podia contemplá-los. Sem dúvida, com seu coração devotado a eles, e impelido por um desejo ardente de vê-los, Narada desceu sobre Gandhamadana de um topo das altas montanhas de Meru e vagou por todo o mundo. Possuidor de grande velocidade, ele finalmente se dirigiu para aquele local onde estava situado o retiro de Vadari. Impelido pela curiosidade ele entrou naquele retiro na hora de Nara e Narayana realizarem seus ritos diários. Ele disse a si mesmo; 'Este é realmente o retiro daquele Ser em quem estão estabelecidos todos os mundos incluindo as divindades, os Asuras, os Gandharvas, os Kinnaras, e as grandes cobras! Havia somente uma forma deste grande Ser antes. Aquela forma tomou nascimento em quatro formas para a expansão da linhagem de Dharma que foi criado por aquela divindade. Quão maravilhoso é que Dharma tenha sido honrado dessa maneira por estas quatro grandes divindades, isto é, Nara, Narayana, e Hari e Krishna! Neste local Krishna e Hari moraram antigamente. Os outros dois, no entanto, Nara e Narayana, estão agora morando aqui engajados em penitências para o objetivo de aumentar seu mérito. Estes dois são o maior amparo do universo. Qual pode ser a natureza dos ritos diários que estes dois realizam? Eles são os progenitores de todas as criaturas, e as

divindades ilustres de todos os seres. Dotados de inteligência sublime, qual é aquela divindade a quem estes dois cultuam? Quem são aqueles Pitris a quem estes dois Pitris de todos os seres adoram?' Pensando nisto em sua mente, e cheio de devoção por Narayana, Narada apareceu de repente perante aqueles dois deuses. Depois que aquelas duas divindades tinham terminado sua adoração para _suas_ divindades e para os Rishis, eles olharam para o Rishi celeste chegado ao seu retiro. O último foi honrado com aqueles ritos eternos que são ordenados nas escrituras. Observando aquela conduta extraordinária das duas divindades originais em elas mesmas cultuarem outras divindades e Pitris, o ilustre Rishi Narada tomou seu assento lá, bem satisfeito com as honras que ele tinha recebido. Com uma alma alegre ele olhou então para Narayana, e reverenciando Mahadeva ele disse estas palavras.'"

"Narada disse, 'Nos Vedas e nos Puranas, nos Angas e nos Angas secundários tu és cantado com reverência, tu és não nascido e eterno. Tu és o Criador. Tu és a mãe do universo. Tu és a encarnação da Imortalidade e tu és a principal de todas as coisas. O Passado e o Futuro, de fato, o universo inteiro foi fundado em ti! Os quatro modos de vida, ó senhor, tendo o familiar como seu principal, incessantemente sacrificam para ti que és de diversas formas. Tu és o pai e a mãe e o eterno preceptor do universo. Nós não sabemos quem é aquela divindade ou aquele Pitri para quem tu estás sacrificando hoje!'"

"O santo disse, 'Este tópico é um sobre o qual nada deve ser dito. Este é um mistério antigo. Tua devoção por mim é muito grande. Por isso, ó regenerado, eu te falarei sobre isto de acordo com a verdade. Aquilo que é minúsculo, que é inconcebível, imanifesto, imóvel, durável, desprovido de toda conexão com os sentidos e os objetos dos sentidos, aquilo que é dissociado dos (cinco) elementos, aquilo é chamado de Alma que mora em todas as criaturas existentes. Aquilo é conhecido pelo nome de Kshetrajna. Transcendendo os três atributos de Sattwa, Rajas, e Tamas, aquilo é considerado como Purusha nas escrituras. Dele seguiu-se o imanifesto, ó principal dos regenerados, possuidor dos três atributos de Sattwa, Rajas, e Tamas. Embora realmente imanifesta, ela é chamada de Prakriti indestrutível e mora em todas as formas manifestas. Saiba que Ela é a fonte de onde nós dois surgimos. Aquela Alma que permeia tudo, que é composta de todas as coisas existentes e não existentes, é adorada por nós. É Ele mesmo que nós adoramos em todos aqueles ritos que nós realizamos em honra das divindades e dos Pitris. Não há divindade ou Pitri superior a Ele. Ó regenerado, Ele deve ser reconhecido como nossa Alma. É a Ele que nós adoramos. Esta direção de deveres seguida pelos homens, ó regenerado, foi promulgada por Ele. É Sua ordenança que nós devemos realizar devidamente todos os ritos prescritos em relação às divindades e aos Pitris. Brahman, Sthanu, Manu, Daksha, Bhrigu, Dharma, Yama, Marichi, Angiras, Atri, Pulastya, Pulaha, Kratu, Vasishtha, Parameshthi, Vivaswat, Shoma, ele que foi chamado de Karddama, Krodha, Avak, e Krita, essas vinte e uma pessoas, chamadas Prajapatis, nasceram primeiro. Todos eles obedeceram a lei eterna do Deus Supremo. Praticando todos os ritos, em detalhes, que foram ordenados em honra das divindades e dos Pitris, todos aqueles principais dos regenerados adquiriram todos os objetos que eles

procuraram. Os habitantes incorpóreos do próprio Céu reverenciam aquela divindade Suprema e por Sua graça eles alcançam aqueles resultados e aquele fim que Ele ordena para eles. É uma conclusão segura das escrituras que as pessoas livres destes dezessete atributos, (isto é, os cinco sentidos de conhecimento, os cinco sentidos de ação, os cinco ares vitais, e mente e compreensão), que rejeitaram todas as ações, e que estão privadas dos quinze elementos que constituem o corpo grosseiro, são citadas como sendo Emancipadas. Aquilo que os Emancipados alcançam como seu último fim é chamado pelo nome de Kshetrajna. Ele é considerado (nas escrituras) como possuidor e como livre de todos os atributos. Ele pode ser compreendido apenas pelo Conhecimento. Nós dois surgimos dele. Conhecendo-o dessa maneira, nós adoramos aquela Alma eterna de todas as coisas. Os Vedas e todos os modos de vida, embora caracterizados por divergências de opinião, todos adoram a Ele com devoção. É Ele que, movido rapidamente à benevolência, confere a eles fins sublimes repletos de bem-aventurança. Aquelas pessoas neste mundo que, cheias com Seu espírito, se tornam completamente e decisivamente devotadas a Ele, alcançam fins que são muito elevados, pois elas conseguem entrar nele e vêm a ser absorvidas em seu Eu. Eu agora, ó Narada, te falei sobre o que é um grande mistério movido pelo amor que eu tenho por ti pela tua devoção por mim. De fato, por essa devoção que tu professas em direção a mim, tu conseguiste escutar estas minhas palavras!"

336

"Bhishma disse, 'Endereçado por Narayana, aquele principal dos seres, nessas palavras, Narada, o principal dos homens, então disse estas palavras para Narayana para o bem do mundo.'"

"Narada disse, 'Que seja realizado aquele objetivo pelo qual tu, ó Ser nascido por Si mesmo, nasceste em quatro formas na casa de Dharma! Eu agora irei (para a Ilha Branca) para contemplar tua natureza original. Eu sempre cultuo meus superiores. Eu nunca divulguei os segredos de outros. Ó senhor do universo, eu tenho estudado os Vedas com cuidado. Eu tenho passado por penitências ascéticas. Eu nunca falei uma inverdade. Como ordenado nas escrituras, eu sempre protegi os quatros que devem ser protegidos. (Isto é, as mãos, os pés, o estômago, e o órgão de prazer. As mãos são citadas como estando protegidas quando elas são impedidas de cometerem todas as ações impróprias; os pés são devidamente protegidos quando eles são impedidos de tocarem todos os lugares impróprios. O estômago é protegido quando alguém nunca ingere qualquer tipo de alimento impróprio, e quando alguém se abstém de todas as más ações para apaziguar sua fome. E por fim, alguém é citado como reprimindo o órgão de prazer quando ele abstém de todas ações de união sexual imprópria.) Eu sempre me comportei igualmente em direção a amigos e inimigos. Totalmente e decisivamente devotado a Ele, aquela principal das divindades, isto é, a Alma Suprema, eu incessantemente adoro a Ele. Tendo purificado minha alma por essas ações de mérito especial, por que eu não conseguiria obter uma visão

daquele Senhor Infinito do universo?' Ouvindo estas palavras do filho de Parameshthi, Narayana, aquele protetor das escrituras, o despediu, dizendo, 'Vá, ó Narada!' Antes de despedi-lo, no entanto, a grande divindade adorou o Rishi celeste com aqueles ritos e cerimônias que foram declarados nas escrituras por ele mesmo. Narada também deu as honras devidas ao antigo Rishi Narayana. Depois que tais honras tinham sido mutuamente dadas e recebidas, o filho de Parameshthi partiu daquele local. Dotado de grande pujança-Yoga, Narada repentinamente se elevou ao firmamento e alcançou o topo das montanhas de Meru. Procedendo para um local isolado naquele topo, o grande asceta descansou por um tempo curto. Ele então olhou na direção noroeste e contemplou uma visão muito extraordinária. Em direção ao norte, no oceano de leite, há uma grande ilha chamada de Ilha Branca. Os eruditos dizem que sua distância das montanhas de Meru é maior do que trinta e duas mil Yojanas. Os habitantes daquele reino não têm sentidos. Eles vivem sem ingerir alimentos de qualquer tipo. Seus olhos não piscam. Eles sempre emitem perfumes excelentes. Suas cores são brancas. Eles são purificados de todos os pecados. Eles explodem os olhos daqueles pecadores que olham para eles. Seus ossos e corpos são tão duros quanto o trovão. Eles consideram honra e desonra da mesma maneira. Eles todos parecem como se eles fossem de origem celestial. Além disso, todos eles são dotados de marcas auspiciosas e grande força. Suas cabeças parecem ser como guarda-sóis. Suas vozes são profundas como aquela das nuvens. Cada um deles tem quatro Mushkas (ou braços). As solas de seus pés são marcadas por centenas de linhas. Eles têm sessenta dentes, todos os quais são brancos (e grandes), e oito menores. Eles têm muitas línguas. Com aquelas línguas eles parecem lamber o próprio Sol cuja face está virada para todas as direções. De fato, eles parecem ser capazes de devorar aquela divindade de quem surgiu o universo inteiro, os Vedas, as divindades, e os Munis dedicados ao atributo de tranquilidade.'"

"Yudhishthira disse, 'Ó avô, tu disseste que aqueles seres não têm sentidos, que eles não comem nada para sustentar suas vidas; que seus olhos não piscam; e que eles sempre emitem perfumes excelentes. Eu pergunto, como eles nascem? Qual também é o fim superior que eles alcançam? Ó chefe da linhagem de Bharata, as indicações daqueles homens que se tornam emancipados são as mesmas pelas quais os habitantes da Ilha Branca são distinguidos? Dissipe minhas dúvidas! A curiosidade que eu sinto é muito grande. Tu és o repositório de todas as histórias e discursos. Em relação a nós, nós dependemos totalmente de ti para conhecimento e instrução!'"

"Bhishma continuou, 'Esta narrativa, ó monarca, a qual eu ouvi do meu pai, é extensa. Eu agora a contarei para ti. De fato, ela é considerada como a essência de todas as narrativas. Havia, em tempos passados, um rei sobre a Terra de nome Uparichara. Ele era conhecido como o amigo de Indra, o chefe dos celestiais. Ele era devotado a Narayana conhecido também pelo nome de Hari. Ele era cumpridor de todos os deveres prescritos nas escrituras. Sempre dedicado a seu pai, ele estava sempre atento e pronto para a ação. Ele ganhou a soberania do mundo por causa de um benefício que ele obteve de Narayana. Seguindo o ritual

Sattwata (Pancharatra) que tinha sido declarado antigamente pelo próprio Surya, o rei Uparichara costumava adorar o Deus dos deuses (Narayana), e quando seu culto acabava, ele costumava adorar (com o que restava) o avô do universo. Depois de cultuar os Avôs (Pitris), ele adorava os Brahmanas. Ele então dividia as oferendas entre aqueles que eram seus dependentes. Com o que restava depois de servir aqueles, o rei satisfazia sua própria fome. Dedicado à verdade, o monarca se abstinha de fazer alguma injúria para qualquer criatura. Com toda sua alma, o rei era devotado àquele Deus dos deuses, isto é, Janarddana, que é sem início e meio e fim, que é o Criador do universo, e que é sem deterioração de qualquer tipo. Vendo a devoção à Narayana daquele matador de inimigos, o próprio chefe divino dos celestiais dividiu com ele seu próprio assento e cama. Seu reino e riqueza e esposas e animais eram todos considerados por ele como obtidos de Narayana. Ele, portanto, ofereceu todas as suas posses para aquela grande divindade. (Isto é, dedicou suas posses ao serviço de Narayana, e as manteve como o administrador do grande Deus. Em outras palavras, ele nunca considerou sua riqueza como sua propriedade, mas estava sempre pronto para empregá-la para todos os propósitos bons e pios.) Adotando o ritual Sattwata, o rei Uparichara, com alma concentrada, costumava cumprir todos os seus atos e observâncias sacrificais, opcionais e obrigatórios. No domicílio daquele rei ilustre, muitos dos Brahmanas principais, conhecedores do ritual Pancharatra, costumavam comer antes de todos os outros o alimento oferecido ao deus Narayana. Enquanto aquele matador de inimigos continuou a governar seu reino justamente, nenhuma mentira alguma vez escapou de seus lábios e nenhum mau pensamento alguma vez entrou em sua mente. Com seus membros ele nunca cometeu nem o menor pecado. Os sete Rishis célebres, isto é, Marichi, Atri, Angiras, Pulastya, Pulaha, Kratu, e Vasishta de grande energia, que vieram a ser conhecidos pelo nome de Chitra-sikhandins, se reunindo no leito daquela principal das montanhas, Meru, promulgaram um tratado excelente sobre deveres e observâncias que era consistente com os quatro Vedas. Os conteúdos daquele tratado foram proferidos por sete bocas, e constituíam o melhor compêndio dos deveres e observâncias humanos. Conhecidos, como já foi dito, pelo nome de Chitra-sikhandins, aqueles sete Rishis constituem os sete (Pravriti) elementos (de Mahat, Ahankara, etc.) e o Manu Auto-nascido, que é o oitavo na enumeração, constituiu a Prakriti original. Estes oito mantêm o universo, e foram estes oito que promulgaram o referido tratado. Com seus sentidos e mentes sob controle completo, e sempre dedicados ao Yoga, estes oito ascetas, com almas concentradas, conhecem totalmente o Passado, o Presente e o Futuro, e são devotados à religião da Verdade. ‘Isto é bom, isto é Brahma’, ‘isto é altamente benéfico’, refletindo em suas mentes dessa maneira, aqueles Rishis criaram os mundos, e a ciência de moralidade e dever que governa aqueles mundos. Naquele tratado os autores falaram sobre Religião e Riqueza e Prazer, e subsequentemente sobre Emancipação também. Eles também declararam nele as várias restrições e limitações planejadas para a Terra como também para o Céu. Eles compuseram aquele tratado depois de terem adorado com penitências o pujante e ilustre Narayana também chamado de Hari, por mil anos celestes, em companhia com muitos outros Rishis. Satisfeito com suas penitências e culto, Narayana mandou a deusa da fala, Saraswati, entrar na pessoa daqueles Rishis.

A deusa, para o bem dos mundos, fez o que lhe foi ordenado. Em consequência da entrada da deusa da fala em suas pessoas, aqueles Rishis, bem familiarizados com penitências, conseguiram compor aquele principal dos tratados a respeito de vocábulos, significação, e argumentos. (Isto é, o tratado que aqueles Rishis compuseram era o principal do seu tipo a respeito de escolha e harmonia de vocábulos, de significação ou sentido, e de argumentos com os quais cada afirmação era fortalecida.) Tendo composto aquele tratado santificado com a sílaba Om, os Rishis antes de mais nada o leram para Narayana que ficou muito satisfeito com que ele ouviu. O principal de todos os seres então se dirigiu àqueles Rishis em uma voz incorpórea e disse, 'Excelente é esse tratado que vocês compuseram e consistindo em cem mil versos. Os deveres e observâncias de todos os mundos fluirão desse seu trabalho! Em harmonia completa com os quatro Vedas, isto é, os Riks, os Yajushes, os Samans, e os Atharvans de Angiras, o tratado de vocês será uma autoridade em todos os mundos em relação a Pravritti e Nivritti. (Há duas religiões, isto é, aquela de Pravritti, implicando ação e observâncias, e aquela de Nivritti, implicando uma abstenção completa de todas as ações e observâncias. A última é também chamada de religião da Emancipação.) De acordo com a autoridade das escrituras eu criei Brahman do atributo de Graça, Rudra da minha Cólera, e vocês mesmos, ó Brahmanas, como representando os elementos-Pravriti (de Mahat, Ahankara, etc.), Surya, e Chandramas, Vento e Terra, Água e Fogo, todas as estrelas e planetas e constelações, tudo mais que é chamado pelo nome de criaturas, e proferidores de Brahma (ou os Vedas), eles todos vivem e agem em suas respectivas esferas e são todos respeitados como autoridades. Esse mesmo tratado que vocês compuseram será considerado por todas as pessoas da mesma maneira, isto é, como um trabalho da maior autoridade. Esta é minha ordem. Guiado por esse tratado, o próprio Manu Auto-nascido irá declarar para o mundo sua direção de deveres e observâncias. Quando Usanas e Vrihaspati surgirem, eles também promulgarão seus respectivos tratados sobre moralidade e religião, guiados por e citando esse seu tratado. (Se algum trabalho sobre moralidade e religião foi realmente composto pelos sete Rishis ou não, nenhum trabalho semelhante, isto é certo, está em existência agora. Além dessa menção do trabalho no Mahabharata, nenhuma referência a ele foi feita em algum outro lugar.) Depois da publicação de seu tratado pelo Manu Auto-nascido e daquele por Usanas, e depois da publicação do tratado também por Vrihaspati, esta ciência composta por vocês será adquirida pelo rei Vasu (também conhecido pelo nome de Uparichara). De fato, ó principais dos regenerados, aquele rei irá adquirir este conhecimento desse trabalho de Vrihaspati. Aquele rei, cheio de todos os bons pensamentos, virá a ser profundamente devotado a mim. Guiado por esse tratado ele realizará todas as suas ações e observâncias religiosas. Em verdade, esse tratado composto por vocês será o principal de todos os tratados sobre moralidade e religião. Possuidor de excelência, esse tratado é repleto de instruções para adquirir ambos: Riqueza e Mérito Religioso, e é cheio de mistérios. Pela promulgação desse seu tratado, vocês serão progenitores de uma linhagem extensa. O rei Uparichara também virá a ser dotado de grandeza e prosperidade. Após a morte, no entanto, daquele rei, esse tratado eterno desaparecerá do mundo. Eu lhes digo tudo isso.' Tendo dito estas palavras para todos aqueles Rishis, o invisível Narayana os deixou e

procedeu para algum lugar que não era conhecido por eles. Então aqueles progenitores do mundo, aqueles Rishis que concederam seus pensamentos sobre os fins procurados pelo mundo, promulgaram devidamente aquele tratado que é a origem eterna de todos os deveres e observâncias. Posteriormente, quando Vrihaspati nasceu na linhagem de Angiras na primeira era ou era Krita, aqueles sete Rishis o encarregaram da tarefa de promulgar seu tratado, o qual era consistente com os Upanishads e os vários ramos dos Vedas. Eles mesmos que eram protetores do universo e os primeiros promulgadores de deveres e observâncias religiosas, então procederam para o local que eles escolheram, resolvidos a se dedicarem a penitências.'"

337

"Bhishma disse, 'Então após o término do grande Kalpa, quando o Purohita celeste Vrihaspati nasceu na linhagem de Angiras, todas as divindades ficaram muito felizes. As palavras, Vrihat, Brahma, e Mahat todos tinham o mesmo sentido. (Grupos de palavras expressivas da mesma significação são chamados de Paryyayas.) O Purohita celeste, ó rei, veio a ser chamado de Vrihaspati porque ele era dotado de todos esses atributos. O rei Uparichara, também chamado de Vasu, tornou-se um discípulo de Vrihaspati e logo veio a ser o principal dos seus discípulos. Admitido como tal, ele começou a estudar aos pés de seu preceptor aquela ciência que foi composta pelos sete Rishis quem eram (também) conhecidos pelo nome de Chitrasikhandins. Com alma purificada de todos os tipos de males por sacrifícios e outros ritos religiosos, ele governou a Terra como Indra governando o Céu. O rei ilustre realizou um grande Sacrifício de Cavalo no qual seu preceptor Vrihaspati tornou-se o Hota. Os próprios filhos de Prajapati (Brahman), isto é, Ekata, Dwita, e Trita, se tornaram os Sadasyas naquele sacrifício. (O Hotri tem que despejar libações no fogo sacrifical recitando mantras. Sadasyas são pessoas que vigiam o sacrifício, isto é, cuidam para que as ordenanças das escrituras sejam cumpridas devidamente.) Haviam outros também que vieram a ser Sadasyas naquele sacrifício, isto é, Dhanusha, Raivya, Arvavasu, Parvavasu, o Rishi Medhatithi, o grande Rishi Tandya, o abençoado Rishi Santi, também chamado de Vedasiras, o principal dos Rishis, isto é, Kapila, que era o pai de Salihotra, o primeiro Kalpa, Tittiri, o irmão mais velho de Vaisampayana, Kanwa, e Devahotra, ao todo formando dezesseis. Naquele sacrifício grandioso, ó monarca, todos os artigos necessários foram reunidos. Nenhum animal foi morto nele. O rei tinha ordenado assim. Ele era cheio de compaixão. De mente pura e generosa, ele tinha rejeitado todos os desejos, e conhecia bem todos os ritos. Todos os requisitos daquele sacrifício consistiam nos produtos da selva. O antigo Deus dos deuses (Hari), ficou muito satisfeito com o rei por causa daquele sacrifício. Incapaz de ser visto por alguém mais, o Deus sublime se mostrou para seu devoto. Aceitando a parte oferecida a ele por cheirar seu aroma, ele mesmo pegou o Purodasa. (Manteiga clarificada oferecida em sacrifícios, com bolos de cevada em pó molhados nela.) O grande Deus pegou as oferendas sem ser visto por ninguém. Nisto, Vrihaspati ficou zangado. Pegando a

concha ele a arremessou com violência para o céu, e começou a derramar lágrimas de raiva. Dirigindo-se ao rei Uparichara ele disse, 'Aqui, eu coloco isto como a parte de Narayana das oferendas sacrificais. Sem dúvida, ele a pegará diante de meus olhos.'"

"Yudhishthira disse, 'No grande sacrifício de Uparichara, todas as divindades apareceram em suas respectivas formas para pegar suas partes das oferendas sacrificais e foram vistas por todos. Por que é que somente o pujante Hari agiu de outra maneira por pegar sua parte invisivelmente?'"

"Bhishma continuou, 'Quando Vrihaspati cedeu à cólera, o grande rei Vasu e todos os seus Sadasyas procuraram pacificar o grande Rishi. Calmos, todos eles se dirigiram a Vrihaspati, dizendo, 'Não cabe a ti ceder à raiva. Nesta era Krita, a raiva à qual tu deste vazão não deve ser característica de ninguém. A grande divindade para quem a parte das oferendas sacrificais foi designada por ti, é ela mesma livre de raiva. Ele não pode ser visto por nós ou por ti, ó Vrihaspati! Somente pode vê-lo aquele para quem Ele se torna benevolente.' Então os Rishis Ekata, Dwita, e Trita, que conheciam bem a ciência de moralidade e deveres compilados pelos sete Rishis, se dirigiram àquele conclave e começaram a seguinte narração. 'Nós somos os filhos de Brahman, gerados por um decreto de sua vontade (e não da maneira comum). Uma vez nós nos dirigimos para o norte para obtermos o que é para o nosso maior bem. Tendo praticado penitências por milhares de anos e adquirido grande mérito ascético, nós também permanecemos sobre somente um pé como estacas fixas de madeira. O país onde nós passamos pelas mais austeras das penitências está localizado ao norte das montanhas de Meru e nas margens do Oceano de Leite. O objetivo que nós tínhamos em mente era ver o divino Narayana em sua própria forma. Após a conclusão de nossas penitências e depois que nós tínhamos realizado as abluções finais, uma voz incorpórea foi ouvida por nós, ó pujante Vrihaspati, ao mesmo tempo profunda como aquela das nuvens e extremamente suave, e que enchia o coração de alegria. A voz disse, 'Ó Brahmanas, vocês têm realizado bem essas penitências com almas alegres. Devotados a Narayana, vocês procuram saber como vocês podem conseguir contemplar aquele deus de grande pujança! Nas margens norte do Oceano de Leite há uma ilha de grande esplendor chamada pelo nome de Ilha Branca. Os homens que habitam aquela ilha têm compleições tão brancas quanto os raios da Lua e são devotados a Narayana. Devotos daquele principal de todos os Seres, eles são dedicados a Ele com todas as suas almas. Eles todos entram naquela divindade ilustre e eterna de mil raios. Eles são desprovidos de sentidos. Eles não subsistem de algum tipo de alimento. Seus olhos não piscam. Seus corpos sempre emitem uma fragrância. De fato, os habitantes da Ilha Branca crêem e adoram somente um Deus. Vão para lá, ó ascetas, pois lá Eu tenho me revelado!' Todos nós, ouvindo estas palavras incorpóreas, procedemos ao país descrito pelo caminho indicado. Avidamente desejosos vê-lo e com nossos corações cheios dele, nós finalmente chegamos naquela grande ilha chamada de Ilha Branca. Chegando lá, nós não podíamos ver nada. De fato, nossa vista foi cegada pela energia da grande divindade e consequentemente nós não podíamos vê-lo. Nisto, devido à graça do próprio grande Deus, surgiu em nossas mentes a

idéia de que alguém que não tivesse praticado penitências suficientes não poderia ver Narayana rapidamente. Sob a influência dessa idéia nós mais uma vez nos dirigimos à prática de algumas austeridades severas, adequadas ao tempo e lugar, por cem anos. Após a conclusão de nossos votos, nós vimos vários homens de feições auspiciosas. Todos eles eram brancos e pareciam com a Lua (em cor) e possuíam todos os sinais de bem-aventurança. Suas mãos estavam sempre unidas em oração. Os rostos de alguns estavam virados para o Norte e de alguns para o Leste. Eles estavam engajados em pensar silenciosamente em Brahma. (Yapa significa a recitação silenciosa de certos mantras sagrados ou do nome de alguma divindade. No caso dos habitantes da Ilha Branca, a recitação silenciosa não era recitação de mantras ou palavras, mas era uma meditação no Brahma incorpóreo.) O Yapa realizado por aquelas pessoas de grande alma era um yapa mental (e não consistia na real recitação de quaisquer mantras em palavras). Por seus corações estarem totalmente fixados sobre Ele, Hari ficou muito satisfeito com eles. A refulgência que era emitida por cada um daqueles homens parecia, ó principal dos ascetas, o esplendor que Surya assume quando chega a hora da dissolução do universo. De fato, nós pensamos que a Ilha era o lar de toda a Energia. Todos os habitantes eram perfeitamente iguais em energia. Não havia superioridade ou inferioridade lá entre eles. Nós então repentinamente vimos mais uma vez surgir uma luz que parecia ser a refulgência concentrada de mil Sóis, ó Vrihaspati. Os habitantes, se reunindo, correram em direção àquela luz, com mãos unidas em atitude reverente, cheios de alegria, e proferindo somente a palavra Namas (nós te reverenciamos!) Nós então ouvimos um barulho muito alto proferido por todos eles juntos. Parecia que aqueles homens estavam empenhados em oferecer um sacrifício para o grande Deus. Com relação a nós, nós ficamos de repente privados de nossos sentidos por sua Energia. Desprovidos de visão e força e todos os sentidos, nós não podíamos ver ou sentir nada. Nós somente ouvimos um volume alto de som proferido pelos habitantes reunidos. Ele dizia, 'Vitória para ti, ó tu de olhos como pétalas de lótus! Saudações a ti, ó Criador do universo! Saudações a ti, ó Hrishikesa, ó principal dos Seres, ó tu que és o Primogênito!' Este mesmo foi o som que nós ouvimos, proferido claramente e de acordo com as regras de Ortoepia. (A ciência de Ortoepia é um dos Angas (membros) dos Vedas. Os Vedas eram sempre cantados melodiosamente, a ciência de Ortoepia era cultivada pelos Rishis com grande cuidado.) Enquanto isso, uma brisa, fragrante e pura, soprou, portando perfumes de flores celestes, e de certas ervas e plantas que eram de utilidade na ocasião. Aqueles homens, dotados de grande devoção, possuidores de corações cheios de reverência, conhecedores das ordenanças prescritas no Pancharatra, estavam então cultuando a grande divindade com a mente, as palavras, e as ações. (O Pancha-kala, ou Pancha-ratra, ou Sattwatas vidhi, significa certas ordenanças prescritas por Narada e outros Rishis a respeito do culto de Narayana.) Sem dúvida, Hari apareceu naquele local de onde surgiu o som que nós ouvimos. Em relação a nós, entorpecidos por Sua ilusão, nós não pudemos vê-lo. Depois que a brisa tinha parado e o sacrifício tinha terminado, nossos corações ficaram agitados com ansiedade, ó principal da linhagem de Angira. Enquanto nós ficamos entre aqueles milhares de homens, todos os quais eram de descendência pura, ninguém nos honrou com um olhar rápido ou aceno de cabeça. Aqueles ascetas, todos os quais

eram alegres e cheios de devoção e que estavam todos praticando o estado de espírito Brahma, não mostraram qualquer tipo de sentimento por nós. (O sentido é este; como todos eles estavam praticando aquele estado de espírito o qual parece Brahma, eles não nos consideraram, isto é, nem nos honraram nem nos desonraram.) Nós estávamos extremamente cansados. Nossas penitências tinham nos emaciado. Naquele momento, um Ser incorpóreo dirigiu-se a nós do céu e nos disse estas palavras, 'Esses homens brancos, que são desprovidos de todos os sentidos externos, são capazes de ver (Narayana). Somente aquelas principais das pessoas regeneradas a quem estes homens brancos honraram com seus olhares se tornam competentes para ver o grande Deus. Voltem, ó Munis, para o lugar de onde vocês vieram. Aquela grande Divindade não pode nem ser vista por alguém que é desprovido de devoção. Incapaz de ser visto por causa de sua refulgência deslumbrante, aquela Divindade ilustre pode ser contemplada somente por aquelas pessoas que no decorrer de longas eras conseguiram se devotar totalmente e unicamente a Ele. Ó principais dos regenerados, vocês têm um grande dever para realizar. Depois do término desta era Krita, quando a era Treta vier no transcurso do ciclo Vivaswat, uma grande calamidade surpreenderá os mundos. Ó Munis, vocês então terão que se tornar os aliados das divindades (para dissipar aquela calamidade).' Tendo ouvido estas palavras notáveis que eram doces como néctar, nós logo voltamos para o lugar que nós desejávamos, pela graça daquela grande Divindade. Quando mesmo com a ajuda de tais penitências austeras e de oferendas devotamente dadas em sacrifícios nós falhamos em ter uma visão da grande Divindade, como, de fato, você pode esperar vê-lo tão facilmente? Narayana é um Grande Ser, Ele é o Criador do universo. Ele é adorado em sacrifícios com oferendas de manteiga clarificada e outros alimentos ofertados com a ajuda de mantras Védicos. Ele não tem início nem fim. Ele é Imanifesto. Ambos, as Divindades e os Danavas, adoram a Ele.' Induzido por estas palavras faladas por Ekata e aprovadas por seus companheiros, isto é, Dwita e Trita, e solicitado também pelos outros Sadasyas, o generoso Vrihaspati levou aquele sacrifício a uma conclusão depois de oferecer devidamente as adorações habituais para as Divindades. O rei Uparichara também, tendo completado seu grandioso sacrifício, começou a governar seus súditos justamente. Finalmente, rejeitando seu corpo, ele ascendeu para o céu. Depois de algum tempo, pela maldição dos Brahmanas, ele caiu daquelas regiões de felicidade e desceu profundamente nas entranhas da Terra. O rei Vasu, ó tigre entre monarcas, era sempre devotado à religião verdadeira. Embora caído profundamente nas entranhas da Terra, sua dedicação à virtude não diminuiu. Sempre devotado a Narayana, e sempre recitando mantras sagrados tendo Narayana como sua divindade, ele mais uma vez ascendeu para o céu pela graça de Narayana. Ascendendo das entranhas da Terra, o rei Vasu, pelo fim muito elevado que ele alcançou, procedeu para um local que é superior até à região do próprio Brahman.'"

338

"Yudhishthira disse, ‘Quando o grande rei Vasu era tão completamente devotado a Narayana, por que razão então ele caiu do céu e por que também ele teve que descer abaixo da superfície da Terra?’"

'Bhishma disse, 'Em relação a isto é citada uma velha narrativa, ó Bharata, de uma conversa entre os Rishis e os deuses. Os deuses, uma vez, se dirigindo a muitos dos principais Brahmanas, disseram a eles que sacrifícios deveriam ser realizados por oferecer Ajas como vítimas. Pela palavra Aja deve ser entendido a cabra e nenhum outro animal.'”

Os Rishis disseram, ‘O Sruti Védico declara que em sacrifícios as oferendas devem consistir em sementes (vegetais). Sementes são chamadas de Ajas. Não cabe a vocês matar cabras. Ó divindades, não pode ser a religião de pessoas boas e justas aquela na qual a matança de animais é prescrita. Esta, também, é a era Krita. Como animais podem ser massacrados nesta época de retidão?'”

"Bhishma continuou, ‘Enquanto estava ocorrendo esta conversa entre os Rishis e as divindades, aquele principal dos reis, isto é, Vasu, foi visto vir por aquele caminho. Dotado de grande prosperidade, o rei estava se aproximando pelo firmamento, acompanhado por suas tropas e veículos e animais. Vendo o rei Vasu chegando àquele local através dos céus, os Brahmanas se dirigiram às divindades e disseram, ‘Este removerá nossas dúvidas. Ele realiza sacrifícios. Ele é generoso em fazer doações. Ele sempre procura o bem de todas as criaturas. Como, de fato, o grandioso Vasu falará de outra maneira?’ Tendo falado assim uns para os outros, as divindades e os Rishis se aproximaram rapidamente do rei Vasu e o questionaram, dizendo, ‘Ó rei, com o que alguém deve realizar sacrifícios? Ele deve sacrificar com a cabra ou com ervas e plantas? Dissipe esta nossa dúvida. Nós te constituímos nosso juiz nessa questão.’ Assim endereçado por eles, Vasu uniu suas mãos em humildade e disse para eles, ‘Digam-me realmente, ó principais dos Brahmanas, qual opinião é nutrida por vocês nesse assunto?’”

"'Os Rishis disseram, ‘A opinião nutrida por nós, ó rei, é que sacrifícios devem ser realizados com grãos. As divindades, no entanto, afirmam que sacrifícios devem ser realizados com animais. Julgue entre nós e nos diga qual destas opiniões é correta.'”

"Bhishma continuou, 'Sabendo qual era a opinião das divindades, Vasu, movido por predileção por eles, disse que sacrifícios deveriam ser realizados com animais. A esta resposta, todos os Rishis, dotados do esplendor do Sol, ficaram muito zangados. Dirigindo-se a Vasu que estava sentado em seu carro e que tinha (erradamente) tomado o lado das divindades, eles disseram para ele, ‘Já que tu tomaste (erroneamente) o lado das divindades, caia do céu. Desse dia em diante, ó monarca, tu perderás o poder de viajar pelo céu. Por causa da nossa maldição, tu cairás profundamente abaixo da superfície da Terra.’ Depois que os Rishis tinham dito estas palavras, o rei Uparichara caiu imediatamente, ó monarca, e afundou em um buraco na Terra. Por ordem, no entanto, de Narayana, a memória

de Vasu não o deixou. Para a boa sorte de Vasu, as divindades, aflitas pela maldição pronunciada sobre ele pelos Brahmanas, começaram a pensar ansiosamente quanto a como aquela maldição poderia ser neutralizada. Elas disseram, 'Este rei de grande alma foi amaldiçoado por nossa causa. Nós, habitantes do céu, devemos nos unir para fazer o que é bom para ele em retribuição pelo que ele tem feito por nós.' Tendo decidido isso rapidamente em suas mentes com a ajuda de reflexão, as divindades procederam para o local onde o rei Uparichara estava. Chegando em sua presença, elas se dirigiram a ele, dizendo, 'Tu és devotado ao grande Deus dos Brahmanas (isto é, Narayana). Aquele grande Senhor das divindades e dos Asuras, satisfeito contigo, te salvará da maldição pronunciada sobre ti. É apropriado, no entanto, que os Brahmanas de grandes almas sejam honrados. Na verdade, ó melhor dos reis, as penitências deles devem produzir resultados. (Isto é, como eles te amaldiçoaram, a maldição deles deve frutificar. Tu não deves fazer alguma coisa que possa ter o efeito de anular aquela maldição.) De fato, tu já caíste do céu sobre a Terra. Nós desejamos, no entanto, ó melhor dos reis, te favorecer em um aspecto. Enquanto tu, ó impecável, morares neste buraco, tu receberás (o devido sustento, pela nossa bênção)! Aquelas faixas de manteiga clarificada que Brahmanas com mentes concentradas despejam em sacrifícios em acompanhamento com mantras sagrados, e que são chamadas pelo nome de Vasudhara, serão tuas, por nosso cuidado por ti! De fato, fraqueza ou angústia não te tocarão. (Até hoje, em muitos ritos religiosos, essas faixas de ghee são despejadas com mantras sendo recitados. Elas são chamadas de Vasudhara e são derramadas pela superfície de uma parede. Primeiro, uma linha ondulada de vermelho é desenhada horizontalmente na parede. Então sete manchas são feitas sob aquela linha. Então, com a concha sacrifical, o Ghee é despejado de cada uma das manchas de tal maneira que uma listra espessa é derramada pela parede. O comprimento daquelas listras é geralmente de 3 a 4 pés e sua largura cerca da metade de uma polegada.) Enquanto residires, ó rei dos reis, no buraco da Terra, nem fome nem sede te afligirão pois tu beberás aquelas faixas de manteiga clarificada chamadas Vasudhara. Tua energia também continuará sem diminuir. Em consequência também deste nosso benefício que nós te concedemos, o Deus dos deuses, Narayana, ficará satisfeito contigo, e Ele te levará daqui para a região de Brahman!' Tendo concedido estes benefícios para o rei, os habitantes do céu, como também todos aqueles Rishis possuidores de riqueza de penitências, voltaram todos para seus respectivos lugares. Então Vasu, ó Bharata, começou a adorar o Criador do universo e a recitar em silêncio aqueles mantras (Védicos) sagrados que tinham saído da boca de Narayana antigamente. Embora residindo em uma cova da Terra, o rei ainda assim adorou Hari, o Senhor de todas as divindades, nos cinco sacrifícios bem conhecidos que são realizados cinco vezes todos os dias, ó matador de inimigos! Por causa daquelas adorações, Narayana, também chamado Hari, ficou muito satisfeito com ele que assim se mostrou ser totalmente devotado a Ele, por confiar nele totalmente como seu único amparo, e que tinha subjugado completamente seus sentidos. O ilustre Vishnu, aquele dador de benefícios, então se dirigindo a Garuda de grande velocidade, aquela principal das aves, que o servia como seu empregado, disse estas palavras agradáveis: 'Ó principal das aves, ó tu que és altamente abençoado, escute o que eu digo! Há um

grande rei de nome Vasu que é de alma justa e votos rígidos. Pela ira dos Brahmanas, ele caiu em uma cova da Terra. Os Brahmanas foram honrados suficientemente (pois sua maldição produziu resultado). Vá até aquele rei agora. Por minha ordem, ó Garuda, vá até aquele principal dos reis, Uparichara, que está agora residindo em um buraco na Terra e que não pode mais viajar pelo céu, e o traga sem demora para o firmamento.' Ouvindo estas palavras de Vishnu, Garuda, estendendo suas asas e se movendo com a velocidade do vento, entrou naquele buraco na Terra no qual o rei Vasu estava vivendo. Erguendo o rei repentinamente, o filho de Vinata subiu ao céu e lá soltou o rei de seu bico. Naquele momento, o rei Uparichara adquiriu novamente sua forma celestial e reentrou na região de Brahman. Foi dessa maneira, ó filho de Kunti, que aquele grande rei primeiro caiu pela maldição dos Brahmanas por uma falha de palavra, e mais uma vez ascendeu para o céu por ordem do grande Deus (Vishnu). Somente o pujante Senhor Hari, aquele principal de todos os Seres, foi cultuado devotamente por ele. Foi por aquele culto dedicado que o rei conseguiu escapar logo da maldição pronunciada sobre ele pelos Brahmanas e recuperar as regiões felizes de Brahman.'"

"Bhishma continuou, 'Eu assim te disse tudo a respeito da origem dos filhos espirituais de Brahman. Ouça-me com total atenção, pois eu agora narrarei para ti como o Rishi celeste Narada procedeu antigamente para a Ilha Branca.'"

339

"Bhishma disse, 'Chegando ao vasto reino chamado de Ilha Branca, o Rishi ilustre viu aqueles mesmos homens brancos possuidores de esplendor lunar (dos quais eu já te falei). Adorado por eles, o Rishi os adorou em retorno por inclinar sua cabeça e reverenciando-os em sua mente. Desejoso de ver Narayana, ele começou a residir lá, engajado atentamente na recitação silenciosa de mantras sagrados para ele, e cumprindo votos do tipo mais difícil, com mente concentrada, o Rishi regenerado, com braços erguidos, permaneceu em Yoga, e então cantou o seguinte hino para o Senhor do universo, Ele, isto é, que é ao mesmo tempo a alma dos atributos e desprovido de todos os atributos.'"

"Narada disse, 'Saudações a ti, ó Deus dos deuses, ó tu que és livre de todas as ações! Tu és aquele que é desprovido de todos os atributos, que é a Testemunha de todos os mundos, que é chamado de Kshetrajna, que é o principal de todos os Seres, que é Infinito, que é chamado de Purusha, que é o grandioso Purusha, que é o principal de todos os Purushas, que é a alma dos três atributos, que é chamado de o Principal, que é Amrita (néctar), que é chamado de Imortal, que é chamado de Ananta (Sesha), que é Espaço, (no sentido de não ser modificado, assim como o espaço é uma entidade que não pode ser modificada de nenhum modo), que não tem início, que é Manifesto e Imanifesto como coisas existentes e não existentes, que é citado como tendo seu lar na Verdade, (isto é, que está manifestado sem qualquer modificação, tudo mais sendo modificações de Ti mesmo), que é o primeiro dos deuses (Narayana), que é o dador de riqueza

(ou dos frutos das ações), identificado com Daksha e outros Senhores da Criação, que é o Aswattha e outras árvores grandes, que é o Brahman de quatro cabeças, que é o Senhor de todos os seres criados, que é o Senhor da Palavra, (isto é, de quem a palavra fluiu, ou que é Vrihaspati, o sacerdote celeste, tão famoso por sua erudição e inteligência), que é o Senhor do universo (ou Indra), que é a Alma que permeia tudo, que é o Sol, que é o ar chamado Prana, que é o Senhor das águas (Varuna), que é identificável com o Imperador ou o Rei, que é identificável com os Regentes dos vários pontos do horizonte, que é o refúgio do universo quando ele é dissolvido na destruição final, que é Não-Revelado, que é o dador dos Vedas para Brahman, que é identificável com os sacrifícios e estudos Védicos realizados por Brahmanas com a ajuda dos seus corpos, que é identificável com as quatro classes principais das divindades, que é cada uma das quatro classes, que é possuidor de refulgência, que é possuidor de refulgência grandiosa, que é aquele para quem as sete maiores oferendas em sacrifícios são apresentadas com o Gayatri e outros mantras sagrados, que é Yama, que é Chitragupta e os outros servidores de Yama, que é chamado de a esposa de Yama, que é aquela classe das divindades chamada Tushita, que é aquela outra classe chamada Mahatushita, que é o moinho universal (Morte), que é o desejo e todas as doenças que foram criadas para ajudar a chegada da Morte, que é saúde e liberdade de doença, que está sujeito a desejo e paixões, que está livre da influência do desejo e paixões, que é Infinito como manifestado em espécies e formas, que é aquele que é castigado, que é aquele que é o castigador, que é todos os sacrifícios menores (como Agnihotra e outros), que é todos os sacrifícios maiores (como aqueles chamados Brahma, etc.), que é todos os Ritwijas, que é a origem de todos os sacrifícios (isto é, os Vedas), que é fogo, que é o próprio coração de todos os sacrifícios (isto é, os mantras e hinos proferidos neles), que é aquele que é louvado em sacrifícios, que aceita aquelas partes das oferendas sacrificais que são oferecidas para ele, que é a encarnação dos cinco sacrifícios, que é o criador das cinco seções ou divisões de tempo (isto é, dia, noite, mês, estação e ano), que é incapaz de ser compreendido exceto por aquelas escrituras que são chamadas de Pancharatra, que nunca recua diante de alguma coisa, que é invicto, que é só Mente (sem um corpo físico), que é conhecido somente por nome, que é o Senhor do próprio Brahman, que completou todos os votos e observâncias mencionados nos Vedas, (isto é, que realizou o avabhrita ou banho final após a conclusão de todos os votos e observâncias e sacrifícios), que é o Hansa (portador do bastão triplo), que é o Parama-hansa (desprovido do bastão), que é o principal de todos os sacrifícios, que é Sankhya-Yoga, que é a encarnação da filosofia Sankhya, que mora em todos os Jivas, que vive em cada coração, que reside em todos os sentidos, que flutua no oceano de água, que vive nos Vedas, que jaz no lótus (a imagem do ovo de onde o universo surgiu), que é o Senhor do universo, e cujas tropas vão a todos os lugares para proteger seus devotos. Tu tomas nascimento como todas as criaturas. Tu és a origem do universo (de todas as criaturas). Tua boca é fogo. Tu és aquele fogo que percorre as águas do oceano, saindo todo o tempo de uma cabeça Equina. Tu és a manteiga santificada que é despejada no fogo sacrifical. Tu és o motorista do carro (fogo ou calor que impele o corpo e o faz viver e crescer). Tu és Vashat. Tu és a sílaba Om. Tu és Penitências. Tu és Mente. Tu és Chandramas. Tu santificas a manteiga sacrifical.

Tu és o Sol. Tu és os Dikgajas (Elefantes) que estão posicionados nos quatro pontos cardeais do horizonte. Tu iluminas os pontos cardeais do horizonte. Tu iluminas os pontos secundários também. Tu és a cabeça Equina. Tu és os primeiros três mantras do Rig Veda. Tu és o protetor das várias classes de homens (isto é, Brahmanas, Kshatriyas, Vaisyas, e Sudras). Tu és os cinco fogos (começando com Garhapatya). Tu és Aquele que tem acendido três vezes o fogo sacrifical chamado Nachi. (Isto é, tu tens realizado sacrifícios.) Tu és o refúgio dos seis membros. (Os Vedas têm três membros ou divisões.) Tu és o principal daqueles Brahmanas que estão empenhados em cantar os Samans em sacrifícios e outros ritos religiosos. Tu és Pragjyotish (um Saman específico; isto é, tu és o principal dos Samanas), e tu és aquele que canta o primeiro Saman. Tu és o cumpridor daqueles votos que dependem dos Vedas e que são cumpridos por cantores de Samanas. Tu és a encarnação do Upanishad, chamado pelo nome de Atharvasiras. Tu és aquele que é o tópico das cinco principais escrituras (isto é, aquelas que concernem ao culto de Surya, de Sakti, de Ganesa, de Siva, e de Vishnu). Tu és chamado de o preceptor que subsiste somente da espuma da água. Tu és um Valikhilya. Tu és a encarnação daquele que não decaiu do Yoga. Tu és a encarnação da correção de julgamento de raciocínio. Tu és o início dos Yugas, tu és o meio dos Yugas e tu és seu fim. Tu és Akhandala (Indra). Tu és os dois Rishis Prachina-garbha e Kausika. Tu és Purusthuta, tu és Puruhuta, tu és o artífice do universo. Tu tens o universo como tua forma. Teus movimentos são infinitos. Teus corpos são infinitos; tu és sem fim e sem início, e sem meio. Teu meio é imanifesto. Teu fim é imanifesto. Tu tens votos como tua residência. Tu resides no oceano. Tu tens teu lar na Fama, nas Penitências, no Autodomínio, na Prosperidade, no Conhecimento, nas grandes Realizações, e em Tudo o que pertence ao universo. Tu és Vasudeva. Tu és o concessor de todos os desejos. Tu és Hanuman que carregou Rama em seus ombros. Tu és o grande Sacrifício de Cavalo. Tu recebes tua parte nas oferendas feitas em grandes sacrifícios. (O comentador explica que por Mahayajna, grande sacrifício, quer-se dizer Yoga. A alma Jiva é como a libação derramada no sacrifício, pois por meio de Yoga a alma Jiva é aniquilada e fundida à Alma Suprema.) Tu és o concessor de bênçãos, de felicidade, de riqueza. Tu és devotado a Hari. Tu és a Restrição dos sentidos. Tu és votos e observâncias. Tu és mortificações, tu és mortificações severas, tu és mortificações muito severas. Tu és aquele que pratica votos e ritos religiosos e outros ritos pios. Tu estás livre de todos os erros. Tu és um Brahmacharin. Tu tomaste nascimento no útero de Prisni. Tu és aquele de quem têm fluído todos os ritos e ações Védicas. Tu és não-nascido. Tu permeias todas as coisas. Teus olhos estão sobre todas as coisas. Tu não deves ser apreendido pelos sentidos. Tu não estás sujeito à deterioração. Tu és possuidor de grande pujança. Teu corpo é vasto de modo inconcebível. Tu és santo, tu estás além do alcance da lógica ou razão. Tu és incognoscível. Tu és a principal das Causas. Tu és o Criador de todas as criaturas e tu és seu Destruidor. Tu és o possuidor de vastos poderes de ilusão. Tu és chamado de Chittrasikhandin. Tu és o dador de benefícios. Tu és o recebedor da tua parte das oferendas sacrificais. Tu obtiveste o mérito de todos os sacrifícios. Tu és aquele que está livre de todas as dúvidas. Tu és onipresente. Tu és da forma de um Brahmana. Tu és amigo dos Brahmanas. Tu tens o universo como tua forma. Tua forma é muito vasta. Tu és o

maior amigo. Tu és bondoso para todos os teus devotos. Tu és a grande divindade dos Brahmanas. Eu sou teu discípulo devotado. Eu estou desejoso de te ver. Saudações a ti que és da forma da Emancipação!'"

340

"Bhishma disse, 'Assim louvado com nomes que não são conhecidos por outros, o Divino Narayana tendo o universo como sua forma se mostrou para o asceta Narada. Sua forma era um pouco mais pura do que a lua e diferia da lua em alguns aspectos. Ele parecia um pouco com um fogo ardente em cor. O Senhor pujante era levemente da forma de Vishti, (que é uma conjunção específica de corpos celestes. Esta conjunção é representada como tendo uma forma peculiar). Ele parecia em alguns pontos com as penas do papagaio, e em alguns com uma massa de cristal puro. Ele parecia em alguns aspectos com uma colina de antimônio e em alguns com uma massa de ouro puro. Sua cor parecia um pouco com o coral quando inicialmente formado, e era um pouco branca. Em alguns pontos aquela cor parecia com a cor do ouro e em alguns aquela do lápis lazúli. Em alguns pontos ela parecia com a cor do azul lápis lazúli e em alguns com aquela da safira. Em alguns pontos ela parecia com a cor do pescoço do pavão, e em alguns com um colar de pérolas. Tendo esses diversos tipos de cores em sua pessoa, a Divindade eterna apareceu perante Narada. Ele tinha mil olhos e possuía grande beleza. Ele tinha cem cabeças e cem pés. Ele tinha mil estômagos e mil braços. Ele parecia ser ainda inconcebível para a mente. Com uma de suas bocas ele proferiu a sílaba Om e então o Gayatri seguindo o Om. Com a mente sob controle completo, a grande Divindade, chamada pelos nomes de Hari e Narayana, por suas outras bocas, muito numerosas, proferiu muitos mantras dos quatro Vedas que são conhecidos pelo nome de Aranyaka. O Senhor de todas as divindades, o grande Deus que é adorado em sacrifícios, segurava em suas mãos um altar sacrifical, um Kamandalu, poucas pedras preciosas brancas, um par de sandálias, um feixe de folhas Kusa, uma camurça, um palito de dente, e um pequeno fogo brilhante. (Ou seja, Narayana apareceu com todos os requisitos de um Brahmacharin em sua pessoa.) Com alma alegre, aquela principal das pessoas regeneradas, isto é, Narada de fala controlada, curvou-se ao grande Deus e o adorou. Para ele cuja cabeça ainda estava inclinada em veneração, a principal de todas as divindades, que está livre de deterioração, disse as seguintes palavras.'"

"'O Santo disse, 'Os grandes Rishis, Ekata, Dwita, e Trita, vieram para este reino pelo desejo de obter uma visão minha. Eles, no entanto, não puderam ter a realização de seus desejos. Ninguém pode ter uma visão minha salvo aquelas pessoas que são devotadas a mim de todo o coração. Com respeito a ti, tu és na verdade a principal de todas as pessoas devotadas a mim com todas as suas almas. Estes são meus corpos, os melhores que eu assumo. Eles nasceram, ó regenerado, na casa de Dharma. Cultue-os sempre, e realize aqueles ritos que estão prescritos nas ordenanças com relação àquele culto. Ó Brahmana, peça de

mim os benefícios que desejares. Eu estou satisfeito contigo hoje, e eu apareço para ti agora em minha forma universal como livre de decadência e deterioração.'"

"Narada disse, 'Já que, ó santo, eu hoje consegui obter uma visão de ti, eu considero que eu ganhei sem qualquer demora os frutos das minhas penitências, ó Deus, do meu autodomínio, e de todos os votos e observâncias que eu tenho praticado. Este, de fato, é o maior benefício que tu me concedeste por teres te mostrado para mim hoje. Ó Senhor Eterno, tu, ó santo, tens o universo como tua visão. Tu és o Leão. Tua forma é identificável com tudo. Possuidor de pujança, tu, ó Senhor, és vasto e infinito.'"

"Bhishma continuou, 'Tendo assim mostrado a Si Mesmo para Narada, o filho de Parameshthi, o grande Deus se dirigiu ao asceta e disse, 'Vá, ó Narada, e não demore! Esses meus devotos, possuidores de cores lunares, são desprovidos de todos os sentidos e não subsistem de qualquer tipo de alimento. Eles são, também, todos Emancipados; com suas mentes totalmente concentradas em Mim, as pessoas devem pensar em Mim. Tais devotos nunca encontrarão com quaisquer obstáculos. Esses homens são todos coroados com sucesso ascético e são altamente abençoados. Nos tempos antigos eles se tornaram totalmente devotados a mim. Eles estão livres dos atributos de Rajas e Tamas. Sem dúvida, eles são competentes para entrarem em mim e serem absorvidos em meu Eu. --Ele que não pode ser visto com os olhos, tocado com o sentido do tato, cheirado com o sentido do olfato, e que está além do alcance do sentido do paladar. Ele a quem os três atributos de Sattwa, Rajas, e Tamas não tocam, que permeia todas as coisas e é a única Testemunha do universo, e que é descrito como a Alma do universo inteiro; Ele que não é destruído após a destruição dos corpos de todas as coisas criadas, que é não-nascido e imutável e eterno, que está livre de todos os atributos, que é indivisível e inteiro; Ele que transcende os duas vezes doze tópicos de investigação e é considerado o Vigésimo quinto, que é chamado pelo nome de Purusha, que é inativo, e que é citado como sendo percebido somente pelo Conhecimento, Ele em quem as principais das pessoas regeneradas entram e se tornam emancipadas, Ele que é a Alma Suprema eterna e é conhecido pelo nome de Vasudeva. Veja, ó Narada, a grandeza e pujança de Deus. Ele é nunca é tocado por ações boas ou más. Sattwa, Rajas e Tamas são citados como os três atributos (originais). Estes moram e agem nos corpos de todas as criaturas. A alma Jiva, chamada de Kshetrajna, desfruta e endossa a ação desses três atributos. Ele, no entanto, os transcende e eles não podem tocá-lo. Livre desses atributos, Ele também é seu desfrutador e endossante. Tendo-os criado Ele Mesmo, Ele está acima deles todos. Ó Rishi celeste, a Terra, que é o refúgio do universo, desaparece (isto é, imerge, quando chega a hora da dissolução universal) na água, a Água desaparece na Luz, e a Luz no Vento, o Vento desaparece no Espaço, e o Espaço na Mente. A Mente é uma grande criatura, e ela desaparece na Prakriti Imanifesta. A Prakriti Imanifesta, ó Brahmana, desaparece no Purusha inativo. Não há nada mais elevado do que Purusha o qual é Eterno. Não há nada entre as coisas móveis e imóveis no universo que seja imutável, exceto Vasudeva, o Purusha eterno. Dotado de grande pujança, Vasudeva é a Alma de todas as criaturas. Terra, Vento, Espaço, Água, e Luz

formando o quinto, são os elementos primordiais de grande pujança. Misturando-se eles formam o que é chamado de corpo. Possuidor de destreza sutil e invisível para todos os olhos, ó Brahmana, o pujante Vasudeva então entra naquela combinação dos cinco elementos primordiais, chamada de corpo. Tal entrada é chamada de seu nascimento, e ato de tomar nascimento. Ele faz o corpo se mexer e agir. Sem uma combinação dos cinco elementos primordiais nenhum corpo pode ser formado. Sem, também, a entrada de Jiva no corpo, a mente que reside dentro dele não pode fazê-lo se mover e agir. Aquele que entra no corpo é possuidor de grande pujança e é chamado de Jiva. Ele é conhecido também por outros nomes, isto é, Sesha e Sankarshana. Ele que tem sua origem daquele Sankarshana, por suas próprias ações, Sanatkumara, e em quem todas as criaturas imergem quando chega a dissolução universal, é a Mente de todas as criaturas e é chamado pelo nome de Pradyumna. Dele (Pradyumna), surge Aquele que é o Criador, e que é ambos, Causa e Efeito. Deste último, tudo, isto é, o universo móvel e imóvel, tem sua origem. Este é chamado de Aniruddha. Ele também é chamado de Isana, e Ele está manifestado em todos os atos. (Esta cosmogonia está de acordo com as escrituras Vaishnava. Acima de todos, sem início está Vasudeva. De Vasudeva é Sankarshana. De Sankarashana é Pradyumna. De Pradyumna é Aniruddha.) Aquele ilustre, Vasudeva, que é chamado de Kshetrajna, e que está livre de atributos, deve, ó rei de reis, ser conhecido como o pujante Sankarshana, quando ele toma nascimento como Jiva. (O leitor é requisitado a notar o trato 'rei de reis'. Este é evidentemente um deslize da caneta. O discurso inteiro é aquele de Narayana e Narada é o ouvinte.) De Sankarshana surge Pradyumna que é chamado de 'Aquele que é nascido como Mente.' De Pradyumna é Ele que é Aniruddha. Ele é Consciência, Ele é Iswara (Senhor Supremo). É de mim que todo o universo móvel e imóvel surge. É de mim, ó Narada, que o indestrutível e o destrutível, o existente e o inexistente, fluem. Aqueles que são devotados a mim entram em mim e se tornam emancipados. Eu sou conhecido como Purusha. Sem ações, eu sou o Vigésimo quinto. Transcendendo os atributos, eu sou inteiro e indivisível. Eu estou acima de todos os pares de atributos opostos e livre de todos os vínculos. Isto, ó Narada, tu falharás em compreender. Tu me vês como dotado de uma forma. Em um momento, se surgir o desejo, eu posso dissolver esta forma. Eu sou o Senhor Supremo e o Preceptor do universo. Isso que tu vês de mim, ó Narada, é somente uma ilusão minha. Eu agora pareço ser dotado dos atributos de todas as coisas criadas. Tu não és capaz de me conhecer. Eu tenho revelado para ti devidamente a minha forma quádrupla. Eu sou, ó Narada, o Fazedor, Eu sou a Causa, e Eu sou o Efeito. Eu sou a soma total de todas as criaturas vivas. Todas as criaturas vivas têm seu refúgio em mim. Não pense que tu viste o Kshetrajna. Eu permeio todas as coisas. Ó Brahmana, e sou a alma Jiva de todas as criaturas. Quando os corpos de todas as criaturas, no entanto, são destruídos, eu não sou destruído. Aqueles homens altamente abençoados que, tendo alcançado êxito ascético, são totalmente devotados a mim, se tornam livres dos atributos de Rajas e Tamas e conseguem, por causa disso, entrar em mim, ó grande asceta. Aquele que é chamado de Hiranyagarbha, que é o início do mundo, que tem quatro faces, que não pode ser compreendido com a ajuda de Nirukta, que também é chamado de Brahman, que é uma divindade eterna, está empenhado em cuidar de muitos dos

meus assuntos. A divindade Rudra, nascida da minha ira, surgiu da minha testa. Veja, os onze Rudras estão crescendo (com poder) no lado direito do meu corpo. Os doze Adityas estão no lado esquerdo do meu corpo. Veja, os oito Vasus, aquelas principais das divindades, estão em minha frente, e veja, Nasatya e Dasra, aqueles dois médicos celestes (Aswini Kumars), estão em minha retaguarda. Veja em meu corpo todos os Prajapatis e veja os sete Rishis também. Veja também os Vedas, e todos os Sacrifícios consistindo em centenas, o Amrita (néctar), e todas as ervas e plantas (medicinais), e Penitências, e votos e observâncias de diversos tipos. Veja também em mim os oito atributos indicativos de pujança, isto é, aqueles particularmente chamados de atributos de Domínio, todos morando juntos em meu corpo em sua forma unida e incorporada. Veja também Sree e Lakshmi, e Kirti, e a Terra com sua elevação como também a deusa, Saraswati, aquela mãe dos Vedas, residindo em mim. Veja, ó Narada, Dhruva, aquele principal dos corpos luminosos percorrendo o firmamento, como também todos os Oceanos, aqueles receptáculos de água, e lagos, e rios, residindo em mim. Veja também, ó melhor dos homens, os quatro principais entre os Pitris em suas formas incorporadas, como também os três atributos (de Sattwa, Rajas, e Tamas), os quais são informes residindo em mim. As ações feitas em honra dos Pitris são superiores (em relação a mérito) àquelas feitas em honra das divindades. Eu sou o Pitri de ambos, das divindades e dos Pitris, e estou existindo desde o início (isto é, desde um tempo quando eles não existiam). Tornando-me a Cabeça Equina eu vago pelo oceano Ocidental e pelo oceano do Norte e bebo libações sacrificais devidamente despejadas com mantras e alimento sacrifical sólido oferecido com reverência e devoção. Antigamente eu criei Brahman que me adorou em sacrifícios. Satisfeito com ele por conta disso eu concedi a ele muitas bênçãos excelentes. Eu disse para ele que no início do Kalpa ele nasceria para mim como meu filho, e a soberania de todos os mundos seria concedida a ele, junto com diversos nomes outorgados a diversos objetos em consequência do começo de Ahankara à existência. (Como Brahman é para ser o filho de Narayana no começo de um Kalpa quando não há outro objeto existente móvel ou imóvel, o mesmo Brahman é para ser investido com domínio sobre todas as coisas as quais ele mesmo criaria através de Ahankara. Naturalmente, enquanto Brahman está sem Ahankara não pode haver Criação, isto é, objetos móveis ou imóveis a serem conhecidos por diferentes nomes.) Eu também disse a ele que ninguém alguma vez violaria os limites e fronteiras que ele designaria (para a observância das criaturas), e, além disso, que ele seria o concessor de benefícios para as pessoas que iriam (em sacrifícios e por meio de ações apropriadas) pedi-los a ele. Eu em seguida o assegurei que ele seria um objeto de adoração para todas as divindades e Asuras, todos os Rishis e Pitris, e as diversas criaturas que formam a criação. Eu também dei a entender a ele que eu sempre me manifestaria para executar os assuntos das divindades e que no que diz respeito àqueles assuntos eu me permitiria ser comandado por ele assim como um filho por seu pai. (Algumas pessoas acreditam que Narayana tem que se manifestar ele mesmo sempre para realizar os negócios das divindades. Essa Terra não é o único mundo onde tais manifestações são necessárias. Quanto ao objetivo das manifestações uma considerável diferença de opinião prevalece. No Gita, a própria grande divindade explica que aquele objetivo é resgatar os bons e destruir os maus.

Outros afirmam que este é somente um objetivo secundário, o primário sendo alegrar os corações dos devotos por fornecer a eles oportunidades de reverenciá-lo e louvar seus atos, e se entregar a novas alegrias por servir seus próprios adoradores.) Concedendo esses e outros benefícios muito agradáveis para Brahman de energia incomensurável por estar satisfeito com ele eu (mais uma vez) adotei a direção ditada por Nivritti. A mais elevada Nivritti é idêntica à aniquilação de todos os deveres e ações. Por isso, por adotar Nivritti alguém deve se conduzir em completa bem-aventurança. Preceptores eruditos, com convicções seguras deduzidas das verdades da filosofia Sankhya, têm falado de mim como Kapila dotado da pujança do Conhecimento, residindo dentro da refulgência de Surya (Sol), e concentrado em Yoga. (Isso não quer dizer o Sol visível, mas aquela pura fonte de refulgência a qual é inconcebível por seu brilho deslumbrante.) Nos Chcchandas (Vedas) eu tenho sido louvado repetidamente como o ilustre Hiranyagarbha. Nas escrituras Yoga, ó Brahmana, eu tenho sido citado como alguém que se deleita em Yoga. Eu sou eterno. Assumindo uma forma que é manifesta, eu moro, no momento, nos céus. No fim de mil Yugas eu mais uma vez recolherei o universo em mim mesmo. Tendo recolhido todas as criaturas móveis e imóveis em mim mesmo, eu existirei completamente só, somente com o conhecimento como meu companheiro. Depois do lapso de eras eu novamente criarei o universo, com a ajuda daquele conhecimento. Aquela que é minha quarta forma cria o indestrutível Sesha. Aquele Sesha é chamado pelo nome de Sankarshana. Sankarshana cria Pradyumna. De Pradyumna eu mesmo tomo nascimento como Aniruddha. Eu crio (a mim mesmo) repetidamente. De Aniruddha surge Brahman. O último toma nascimento do umbigo de Aniruddha. De Brahman surgem todas as criaturas móveis e imóveis. Saiba que a Criação surge dessa maneira repetidamente no início de cada Kalpa. Criação e destruição sucedem uma à outra assim como o nascer e o pôr do sol neste mundo. Então, também, como o Tempo, dotado de energia incomensurável, forçosamente traz de volta o Sol depois de seu desaparecimento, da mesma maneira eu irei, assumindo a forma de javali e empregando minha força, trazer de volta a Terra com sua faixa de mares para sua própria posição para o bem de todas as criaturas quando ela ficar submersa em água. Eu então matarei o filho de Diti, chamado Hiranyaksha, cheio com orgulho de força. (A grande divindade faz essas ações no início de cada Kalpa quando ele recria a Terra. Todos os ciclos ou Kalpas são similares em relação aos incidentes que ocorrem neles.) Assumindo então a forma de um Homem-Leão (Narsingha), eu irei, para beneficiar as divindades, matar Hiranyakasipu o filho de Diti, que será um grande destruidor de sacrifícios. Para Virochana (o filho de Prahlada) nascerá um poderoso filho de nome Vali. Aquele grande Asura não poderá ser morto em todo o universo consistindo em divindades, Asuras e Rakshasas. Ele tirará Sakra da soberania do universo. Quando depois de derrotar o Senhor de Sachi, aquele Asura pegar para si mesmo a soberania dos três mundos, eu tomarei nascimento no útero de Aditi, por meio de Kasyapa, como o décimo segundo Aditya. Eu irei (tomando a soberania dos três mundos de Vali) devolvê-la para Indra de esplendor incomensurável, e recolocar as divindades, ó Narada, em suas respectivas posições. Com relação a Vali, aquele principal dos Danavas, que não poderá ser morto por todas as divindades, eu o farei habitar nas regiões inferiores. Na era Treta eu tomarei

nascimento como Rama na linhagem de Bhrigu, e exterminarei os Kshatriyas que vão se tornar orgulhosos de sua força e posses. Perto do fim de Treta e do início de Dwapara, eu tomarei nascimento como Rama, o filho de Dasaratha na linha real de Iskshaku. Naquele tempo, os dois Rishis, isto é, os dois filhos de Prajapati chamados pelos nomes de Ekata e Dwita, por causa da injúria feita por eles para seu irmão Trita, terão que tomar nascimento como macacos, perdendo a beleza da forma humana. Aqueles macacos que nascerão na raça de Ekata e Dwita se tornarão dotados de grande força e energia imensa e se igualarão ao próprio Sakra em destreza. Todos aqueles macacos, ó regenerado, se tornarão meus aliados para executarmos os assuntos das divindades. Eu então matarei o terrível senhor dos Rakshasas, aquele vilão da linhagem de Pulastya, isto é, o feroz Ravana, aquela autoridade real de todos os mundos, junto com seus filhos e seguidores. Perto do fim de Dwapara e do início da era Kali, eu novamente aparecerei no mundo tomando nascimento na cidade de Mathura para o propósito de matar Kansa. Então, depois de matar inúmeros Danavas que serão uma fonte de incômodo para as divindades, eu tomarei minha residência em Kusasthali na cidade de Dwaraka. Enquanto residindo naquela cidade eu matarei o Asura Naraka, o filho da Terra, aquele que fará uma injúria para Aditi, como também alguns outros Danavas dos nomes de Muru e Pitha. Matando também outro principal dos Danavas, isto é, o senhor de Pragjyotisha, eu transplantarei sua cidade encantadora equipada com diversos tipos de riqueza para Dwaraka. Eu então subjugarei os dois deuses adorados de todas as divindades, isto é, Maheshwara (Mahadeva ou Siva) e Mahasena (Kartikeya, o generalíssimo das forças celestes), que se tornarão amigos do Danava Vana e farão para ele diversos bons préstimos e que se esforçarão vigorosamente por aquele devoto deles. Derrotando em seguida o filho do Danava Vali, isto é, Vana, que será dotado de mil braços, eu em seguida destruirei todos os habitantes da cidade Danava chamada Saubha. (Vana, o filho de Vali, era um devoto de Mahadeva. A filha de Mina, Usha, se apaixonou pelo neto de Krishna, Aniruddha. Aniruddha foi encarcerado por Vana. Foi para resgatar Aniruddha que Krishna lutou com Vana, depois de ter derrotado Mahadeva e Kartikeya. Os mil e um braços de Vana, menos dois, foram cortados por Krishna. Saubha era o nome de uma cidade voadora dos Danavas. Krishna derrubou aquela cidade no oceano, tendo matado todos os seus habitantes Danavas.) Eu irei em seguida, ó principal dos Brahmanas, empreender a morte de Kalayavana, um Danava que será dotado de grande poder por ele estar equipado com a energia de Gargya. (Perseguido pelo Danava, Krishna se refugiou em uma caverna de montanha na qual um rei do Satya Yuga estava deitado dormindo. Entrando na caverna, Krishna ficou na cabeceira do rei adormecido. O Danava, entrando na caverna depois de Krishna, encontrou o rei adormecido e o despertou. Logo que o rei olhou para o Danava, o último foi reduzido a cinzas, pois os deuses tinham dado uma bênção para o rei que aquele que o despertasse seria consumido por um olhar dele.) Um Asura orgulhoso aparecerá como um rei em Girivraja, de nome Jarasandha, que disputará com todos os outros reis do mundo. Sua morte será realizada por mim através de outro alguém guiado por minha inteligência. Eu em seguida matarei Sisupala no sacrifício do rei Yudhishthira, o filho de Dharma, ao qual sacrifício todos os reis do mundo levarão tributo. Em algumas dessas façanhas, somente

Arjuna, o filho de Vasava, se tornará meu assistente. Eu estabelecerei Yudhishthira com todos os seus irmãos em seu reino ancestral. As pessoas me chamarão e Arjuna como Narayana e Nara, quando, dotados de pujança, nós dois, exercendo nossa força, consumirmos um grande número de Kshatriyas, para fazer bem para o mundo. Tendo aliviado a carga da Terra segundo nossa vontade, eu absorverei todos os principais Sattwatas como também Dwaraka, minha cidade predileta, em meu próprio eu, reunindo meu Conhecimento universal. Dotado de quatro formas, eu irei, dessa maneira, realizar muitas façanhas de grande destreza, e alcançarei finalmente aquelas regiões de felicidade criadas por mim e honradas por todos os Brahmanas. Aparecendo nas formas de um cisne, uma tartaruga, um peixe, ó principal dos regenerados, eu irei então me manifestar como um javali, então como um Homem-leão (Nrisingha), então como um anão, então como Rama da linhagem de Bhrigu, então como Rama, o filho de Dasaratha, então como Krishna o descendente da linhagem Sattwata, e por fim como Kalki. Quando as audições nos Vedas desapareceram do mundo, eu as trouxe de volta. Os Vedas com as audições neles foram recriados por mim na era Krita. Eles mais uma vez desapareceram ou podem ser só parcialmente ouvidos aqui e ali nos Puranas. Muitos dos meus melhores aparecimentos no mundo também se tornaram eventos do passado. Tendo realizado o bem dos mundos naquelas formas nas quais eu apareço, elas têm reentrado em minha própria Prakriti. O próprio Brahman (o Criador) nunca obteve uma visão de mim nesta minha forma, a qual tu, ó Narada, viste hoje por tua total devoção a mim. Eu agora disse tudo, ó Brahmana, para ti que és totalmente devotado a mim, eu te revelei meus aparecimentos antigos e futuros também, ó melhor dos homens, junto com todos os seus mistérios.'

"Bhishma continuou, 'A divindade santa e ilustre, de forma universal e imutável, tendo dito estas palavras para Narada, desapareceu imediatamente. Narada também, dotado de grande energia, tendo obtido o grande favor que ele tinha solicitado, então procedeu com grande velocidade para o retiro chamado Vadari, para ver Nara e Narayana. Este grande Upanishad, perfeitamente consistente com os quatro Vedas, em harmonia com Sankhya-Yoga, e chamado por ele pelo nome de escrituras Pancharatra, e contado pelo próprio Narayana com sua própria boca, foi repetido por Narada na presença de muitos ouvintes na residência de Brahman (seu pai) exatamente da mesma maneira na qual Narayana (quando aquele grande deus tinha se mostrado para ele) o tinha contado, e na qual ele o tinha ouvido de seus próprios lábios.'"

"Yudhishthira disse, 'Brahman, o Criador de todas as coisas, não era familiarizado com esta narrativa extraordinária da glória de Narayana dotado de inteligência que ele a ouviu dos lábios de Narada? O ilustre Avô de todos os mundos é de algum modo diferente ou inferior ao grande Narayana? Como então é que ele não conhecia a pujança de Narayana de energia incomensurável?'"

"Bhishma continuou, 'Centenas e milhares de grandes Kalpas, centenas e milhares de Criações e Dissoluções, ó rei de reis, acabaram e se tornaram incidentes do passado. (A idéia de Eternidade sem algum início e fim concebíveis era tão completamente concebida pelos sábios Hindus que a supremacia do

próprio Céu era para eles o assunto de um momento. Nada menos do que bem-aventurança imutável por todos os tempos era o objetivo que eles buscavam. Todas as outras coisas e estados sendo mutáveis, e somente Brahman sendo imutável, o que eles procuravam era uma identificação com Brahma. Tal identificação com a Alma Suprema era a Emancipação que eles buscavam. Nenhuma outra religião jamais foi capaz de pregar semelhante ideal sublime. A preocupação do Hindu é com a Eternidade. Ele considera sua existência aqui como tendo somente a duração da milionésima parte de um momento. Como impedir renascimento e obter uma identificação com a Alma Suprema é o objetivo de sua busca.) No início de cada ciclo de Criação, Brahman, dotado de grande pujança e que cria todas as coisas, é lembrado (por Narayana). Brahman sabe bem, ó rei, que Narayana, aquele principal de todos os deuses, é muitíssimo superior a ele. Ele sabe que Narayana é a Alma Suprema, que Ele é o Senhor Supremo, que Ele é o Criador do próprio Brahman. Foi somente para aquele conclave de Rishis, coroados com sucesso ascético, que foi à residência de Brahman, que Narada recitou sua narrativa a qual é muito antiga, e que é perfeitamente consistente com os Vedas. A divindade Surya, tendo ouvido aquela narrativa daqueles Rishis coroados com êxito ascético, a repetiu para os sessenta e seis milhares de Rishis, ó rei, de almas purificadas, que seguiam em sua comitiva. E Surya, a divindade que dá calor para todos os mundos, repetiu aquela narrativa para aqueles Seres também, de almas purificadas, que foram criados (por Brahma) para sempre viajarem na dianteira de Surya. Os Rishis de grande alma que seguem na comitiva de Surya, ó filho, repetiram aquela narrativa excelente para as divindades reunidas no leito de Meru. Aquele melhor dos ascetas, isto é, o regenerado Asita, então tendo ouvido a narrativa das divindades, a repetiu para os Pitris, ó rei de reis. Eu a ouvi do meu pai Santanu, ó filho, que a contou para mim antigamente. Eu mesmo tendo-a ouvido do meu pai, eu a repeti para ti, ó Bharata. Divindades e Munis que ouviram esta antiga narrativa excelente, a qual é um Purana, todos adoram a Alma Suprema. Esta narrativa, pertencente aos Rishis e transmitida de um para outro, não deve, ó rei, ser comunicada por ti para alguém que não é um devoto de Vasudeva. Esta narrativa, ó rei, é realmente a essência das centenas de outras narrativas que tu ouviste de mim. Antigamente, ó monarca, as divindades e os Asuras, se unindo, bateram o Oceano e acharam o Amrita. Da mesma maneira, os Brahmanas, se unindo antigamente, bateram todas as escrituras e criaram esta narrativa que parece néctar. Aquele que lê frequentemente esta narrativa, e aquele frequentemente a escuta com atenção concentrada, em um local retirado, e cheio de devoção, consegue se tornar um habitante, possuidor de cor lunar, da ilha espaçosa conhecida pelo nome de Ilha Branca. Sem dúvida, tal homem consegue entrar em Narayana de mil raios. Uma pessoa doente, por escutar esta narrativa desde o início, fica livre de sua doença. O homem que simplesmente deseja ler ou escutar esta narrativa obtém a realização de todos os seus desejos. O adorador devotado, por ler ou por escutar a ela, alcança o fim que está reservado para adoradores devotados. Tu também, ó monarca, deves sempre cultuar e adorar aquele principal de todos os Seres. Ele é o pai e a mãe de todas as criaturas, e Ele é um objeto de reverência para o universo inteiro. Que o Deus ilustre e Eterno dos

Brahmans, isto é, Janarddana de inteligência sublime, fique satisfeito contigo, ó Yudhishthira de braços poderosos!'"

Vaisampayana continuou, "Tendo escutado a melhor das narrativas, ó Janamejaya, o rei Yudhishthira o justo, e todos os seus irmãos, se tornaram devotados a Narayana. E todos eles, ó Bharata, dirigindo-se à prática de meditação silenciosa a respeito de Narayana (daquele dia em diante), proferiram estas palavras para Sua glorificação, 'Vitória para aquele Ser santo e ilustre.' Ele, também, que é nosso melhor dos preceptores, isto é, o Krishna Nascido na Ilha, dedicado a penitências, cantou proferindo a palavra Narayana aquele mantra sublime que é digno de ser recitado em silêncio. Viajando pelo firmamento para o Oceano de Leite que é sempre a residência do néctar, e cultuando o grande Deus lá, ele voltou para seu próprio eremitério.'"

"Bhishma continuou, 'Eu agora repeti para ti a narrativa que foi contada por Narada (para o conclave de Rishis reunidos na residência de Brahman). Aquela narrativa tem passado de uma pessoa para outra desde tempos muito antigos. Eu a ouvi do meu pai que antigamente a repetiu para mim.'"

Suta continuou, "Eu agora disse a vocês tudo o que Vaisampayana narrou para Janamejaya. Tendo escutado a narração de Vaisampayana, o rei Janamejaya cumpriu devidamente todos os seus deveres segundo as ordenanças prescritas nas escrituras. Vocês todos têm passado por penitências muito severas e observado muitos votos superiores e excelentes. Residindo nessa floresta sagrada que é conhecida pelo nome de Naimisha, vocês são as principais de todas as pessoas conhecedoras dos Vedas. Ó principais dos regenerados, vocês todos vieram a este grande sacrifício de Saunaka. Todos vocês cultuem e adorem aquele Senhor Eterno e Supremo do universo em sacrifícios excelentes, despejando apropriadamente libações de manteiga clarificada no fogo com a ajuda de mantras e oferecendo as mesmas para Narayana. Em relação a mim mesmo, eu ouvi esta narrativa excelente que tem passado de geração para geração, do meu pai que a contou para mim nos tempos passados."

341

Saunaka disse, "Como aquele deus ilustre, isto é, o pujante Narayana, que conhece totalmente os Vedas e seus ramos, é ao mesmo tempo o fazedor e o desfrutador de sacrifícios? Dotado de clemência, ele tem adotado, também, a religião de Nivritti (abstenção). De fato, é aquele mesmo santo e pujante que tem ordenado os deveres de Nivritti. Por que então ele fez muitas das divindades as recebedoras de partes em sacrifícios os quais, naturalmente, são todos devido à disposição de Pravritti? Por que ele também criou alguns com uma disposição contrária, em lugar de eles seguirem as ordenanças da religião de abstenção? Ó Suta, dissipe esta nossa dúvida. Esta dúvida parece ser eterna e está relacionada com um grande mistério. Tu ouviste todos os discursos sobre Narayana, discursos que são consistentes com as (outras) escrituras.'"

Sauti disse, “Ó Saunaka excelente, eu narrarei para ti o que Vaisampayana, o discípulo do inteligente Vyasa, disse quando questionado sobre esses mesmos tópicos pelo rei Janamejaya. Tendo ouvido o discurso sobre a glória de Narayana que é a Alma de todas as criaturas incorporadas, Janamejaya, dotado de grande inteligência e sabedoria, questionou Vaisampayana sobre esses mesmos assuntos.

Janamejaya disse, "O mundo inteiro de Seres, com Brahma, as divindades, os Asuras e seres humanos, é visto estar profundamente ligado às ações que têm sido citadas como produtivas de prosperidade. A Emancipação, ó regenerado, foi citada por ti como sendo a maior bem-aventurança e consiste na cessação de existência. Aqueles que, sendo desprovidos de mérito e demérito, se tornam emancipados, conseguem, nós ouvimos, entrar no grande Deus de mil raios. Parece, ó Brahmana, que a religião eterna de Emancipação é de observância extremamente difícil. Desviando-se dela, todas as divindades se tornaram desfrutadoras das libações de manteiga clarificada despejadas com mantras em fogos sacrificais e outras oferendas apresentadas para eles pelos mesmos meios ou similares. Então, também, Brahman, e Rudra, o pujante Sakra, o matador de Vala, Surya, Chandramas (o Senhor das estrelas), o Deus do vento, a Divindade do Fogo, a Divindade das Águas, o Espaço Infinito (como Ser vivo), o Universo também (como um agente consciente), e o restante dos habitantes do céu, eles, parece, são ignorantes do caminho de assegurar aniquilação da existência consciente, que é capaz de ser ocasionada pela auto-realização. (O que o rei diz aqui é, 'Se a religião de Nivritti é tão superior por causa de seu fim superior, por que é que as divindades que são todas superiores a nós não a adotaram? Elas eram ignorantes do método pelo qual a Emancipação é obtenível? Elas eram ignorantes dos meios pelos quais obter cessação de existência?) Por isso, talvez, elas não se dirigiram para o caminho que é certo, indestrutível, e imutável. Por isso, talvez, se desviando daquele caminho eles têm adotado a religião de Pravritti, que leva à existência consciente que é medida pelo tempo. Este, de fato, é um grande erro que se vincula àqueles que são apegados às ações, pois todas as suas recompensas são finitas. Essa dúvida, ó regenerado, está cravada em meu coração como um punhal. Remova-a por narrar para mim alguns discursos antigos sobre este tópico. Grande é minha curiosidade para te escutar. Por qual razão, ó regenerado, as divindades têm sido citadas como sendo recebedoras de suas respectivas partes das oferendas sacrificais feitas a elas com a ajuda de mantras em sacrifícios de diversos tipos? Por que também os habitantes do céu são adorados em sacrifícios? E, ó melhor das pessoas regeneradas, para quem eles, que pegam suas partes das oferendas em sacrifícios realizados para sua honra, fazem oferendas quando eles realizam grandes sacrifícios?"

Vaisampayana disse, "A pergunta que tu me fizeste, ó soberano de homens, se relaciona a um mistério profundo. Nenhum homem que não tenha passado por penitências, e que não conheça os Puranas, pode respondê-la rapidamente. Eu irei, no entanto, te responder por contar para ti o que meu preceptor, o Krishna Nascido na Ilha, também chamado Vyasa, o grande Rishi que tem classificado os Vedas, nos disse em uma ocasião antiga quando questionado por nós. Sumanta,

e Jaimini, e Paila de votos firmes, e eu mesmo numerando o quarto, e Suka formando o quinto, éramos discípulos do ilustre Vyasa. Nós totalizando cinco ao todo, dotados de autodomínio e pureza de observâncias, tínhamos subjugado completamente a ira e controlado nossos sentidos. Nosso preceptor costumava nos ensinar os Vedas, tendo o Mahabharata como seu quinto. Uma vez, enquanto nós estávamos empenhados em estudar os Vedas no leito daquela principal das montanhas, a encantadora Meru, habitada por Siddhas e Charanas, surgiu em nossas mentes essa mesma dúvida que foi expressada por ti hoje. Nós, portanto, questionamos nosso preceptor sobre isto. Eu ouvi a resposta que nosso preceptor deu. Eu agora narrarei aquela resposta para ti, ó Bharata. Ouvindo aquelas palavras que foram endereçadas a ele por seus discípulos, aquele dissipador de todos os tipos de escuridão representada por ignorância, isto é, o abençoado Vyasa, o filho de Parasara, disse estas palavras: 'Tendo praticado penitências muito severas, realmente, as mais austeras das penitências, ó melhores dos homens, eu conheço totalmente o Passado, o Presente, e o Futuro. Em consequência daquelas minhas penitências e da restrição sob a qual eu mantive meus sentidos enquanto eu morei nas margens do Oceano de leite, Narayana ficou satisfeito comigo. Como o resultado da satisfação do grande Deus, essa onisciência com relação ao Passado, ao Presente, e ao Futuro, que era desejada por mim, surgiu em minha mente. Ouçam-me agora enquanto eu falo a vocês, na devida ordem, sobre esta grande dúvida que tem perturbado suas mentes. Eu tenho visto, com a visão do conhecimento, tudo o que ocorreu no início do Kalpa. Ele a quem ambos, os Sankhyas e aqueles familiarizados com Yoga, chamam pelo nome de Paramatma (a Alma Suprema) vem a ser considerado como Mahapurusha (o Grande Purusha) por suas próprias ações. Dele surge Abyakta (o Imanifesto), a quem os eruditos chamam de Pradhana. Do Imanifesto pujante surgiu, para a criação de todos os mundos, o Manifesto (Byakta). Ele é chamado de Aniruddha. Aquele Aniruddha é conhecido entre todas as criaturas pelo nome de Mahat Atma. É aquele Aniruddha que, tornando-se manifesto, criou o Avô Brahman. Aniruddha é conhecido por outro nome, isto é, Ahankara (consciência) e é dotado de todo tipo de energia. Terra, Vento, Espaço, Água, e Luz numerando o quinto, são os cinco Mahabhutas (elementos) que surgiram de Ahankara. Tendo criado os Mahabhutas (cinco em número), ele então criou seus atributos. (Isto é, os atributos de visão para Luz, gosto para Água, som para Espaço, toque para Vento, e cheiro para Terra.) Combinando os Mahabhutas, ele então criou diversos Seres incorporados. Ouçam-me enquanto eu os relato para vocês. Marichi, Angiras, Atri, Pulastya, Pulaha, Kratu, Vasishtha de grande alma, e o Manu auto-nascido, devem ser conhecidos como os oito Prakritis. Destes dependem todos os mundos. Então o Avô de todo mundo, Brahman, criou, para a realização de todas as criaturas, os Vedas com todos os seus ramos, como também os Sacrifícios com seus membros. Daqueles oito Prakritis tem surgido este universo vasto. Então surgiu Rudra do princípio da ira; passando a existir, ele criou dez outros que eram como ele. Estes onze Rudras são chamados pelo nome de Vikara-Purushas. Os Rudras, os (oito) Prakritis, e os vários Rishis celestes, tendo começado a viver, se aproximaram de Brahman com o objetivo de manter o universo e suas operações. Dirigindo-se ao Avô eles disseram, 'Nós fomos criados, ó santo, por ti, ó tu de grande pujança. Diga a cada um de nós, ó Avô, as respectivas jurisdições

com as quais nós seremos investidos. Quais jurisdições específicas foram criadas por ti para supervisionar os diferentes assuntos? Cada um de nós deve ser dotado de que tipo de consciência e tomará conta de qual destas? Ordene também para cada um de nós a medida de força que nós devemos ter para cumprir os deveres de nossas respectivas jurisdições.' Assim endereçado por eles, o grande deus respondeu para eles da seguinte maneira."

"Brahman disse, 'Vocês fizeram bem, ó divindades, em me falarem sobre essa questão. Abençoados sejam todos vocês! Eu estava pensando neste mesmo assunto que tem chamado sua atenção. Como os três mundos devem ser sustentados e mantidos? Como sua força e a minha devem ser utilizadas para aquele fim? Que todos nós, deixando este lugar, nos dirijamos até aquele imanifesto e principal dos Seres que é a testemunha do mundo, para procurar sua proteção. Ele nos dirá o que é para o nosso bem.' Depois disso, aquelas divindades e Rishis, com Brahman, procederam até as margens do norte do Oceano de leite, desejosos de fazer o bem para os três mundos. Chegando lá, eles começaram a praticar aquelas penitências rígidas que são declaradas por Brahman nos Vedas. Aquelas mais austeras das penitências são conhecidas pelo nome de Mahaniyama (os principais votos e observâncias). Eles permaneceram lá com mente estável, imóveis como pilares de madeira, com olhos virados para cima e braços erguidos. Por mil anos celestes eles ficaram engajados naquelas penitências ascéticas. Na conclusão daquele período eles ouviram estas palavras agradáveis em harmonia com os Vedas e seus ramos."

"'O abençoado e santo disse, 'Ó divindades e Rishis possuidores de riqueza de ascetismo, com Brahman em sua companhia, depois das adequadas boas-vindas a vocês todos, eu digo a vocês estas palavras. Eu sei o que está em seus corações. Na verdade, os pensamentos que ocupam vocês são para o bem dos três mundos. Eu aumentarei sua energia e força investindo as mesmas com Pravritti (predileção por ações). Ó deuses, vocês têm praticado bem essas penitências pelo desejo de me adorar. Ó principais dos Seres, desfrutem agora os frutos excelentes das austeridades que vocês têm praticado. Este Brahman é o Senhor de todos os mundos. Dotado de pujança, ele é o Avô de todas as criaturas. Vocês também são as principais das divindades. Vocês todos, com mentes concentradas, realizem sacrifícios para minha glória. Nos sacrifícios que vocês realizarão, sempre me dêem uma parte das oferendas sacrificais. Eu irei então, ó senhores da criação, designar para cada um de vocês suas respectivas jurisdições e ordenarei o que será para o seu bem!'"

Vaisampayana continuou, "Ouvindo estas palavras daquele Deus dos deuses, todas aquelas divindades e grandes Rishis e Brahman se encheram de tal alegria que os pêlos de seus corpos se arrepiaram. Eles em seguida fizeram arranjos para um sacrifício em honra de Vishnu segundo as ordenanças prescritas nos Vedas. Naquele sacrifício, o próprio Brahman ofereceu uma parte das oferendas para Vishnu. As divindades e os Rishis celestes também, do mesmo modo que Brahman, ofereceram porções similares para o grande Deus. As porções, assim oferecidas com grande reverência para Vishnu, em relação à medida e à qualidade dos artigos usados, estavam de acordo com as ordenanças prescritas

para a era Krita. As divindades e os Rishis e Brahman, naquele sacrifício, adoraram o grande Deus como alguém dotado da cor do Sol, como o principal dos Seres, situado além do alcance de Tamas, vasto, permeando todas as coisas, o Senhor Supremo de tudo, o concessor de bênçãos, e possuidor de pujança. Assim adorado por eles, o dador de benefícios e grande Deus, invisível e incorpóreo, dirigiu-se do céu àqueles celestiais reunidos e disse a eles: 'Todas as oferendas dedicadas por vocês nesse sacrifício chegaram a mim. Eu estou satisfeito com todos vocês. Eu lhes darei recompensas que, no entanto, serão repletas de fins de onde haverá retorno. Este será seu aspecto distintivo, ó deuses, deste dia em diante, por minha graça e bondade por vocês. Realizando sacrifícios em todo Yuga, com grandes doações, vocês se tornarão os desfrutadores dos frutos nascidos de Pravritti. Ó deuses, aqueles homens também que realizarão sacrifícios segundo as ordenanças dos Vedas, darão para todos vocês partes de suas oferendas sacrificais. Nos Veda-sutras eu faço ele o recebedor (em tais sacrifícios) de uma parte similar àquela que ele mesmo ofereceu naquele sacrifício. Criados para cuidarem daqueles assuntos que pertencem às suas respectivas jurisdições, sustentem os mundos segundo as medidas de sua força como dependente das partes que vocês recebem naqueles sacrifícios. De fato, retirando força daqueles ritos e observâncias que serão generalizados nos vários mundos, tendo sua origem dos frutos de Pravritti (isto é, tendo sua origem em seu desejo por tais frutos que pertencem à religião de Pravritti ou ações), continuem a apoiar os assuntos daqueles mundos. Fortalecidos pelos sacrifícios que serão realizados pelos homens, vocês me fortalecerão. Estes são os pensamentos que eu nutro para vocês todos. É para este propósito que eu criei os Vedas e sacrifícios e plantas e ervas. Devidamente servidas com estes pelos seres humanos sobre a Terra, as divindades serão satisfeitas. Ó principais das divindades, até o fim desse Kalpa eu ordenei sua criação, fazendo sua constituição depender da consequência da religião de Pravritti. Ó principais dos Seres, então, com relação às suas respectivas jurisdições, se empenhem em procurar o bem dos três mundos. Marichi, Angiras, Atri, Pulastya, Pulaha, Kratu, e Vasishtha, estes sete Rishis foram criados por um decreto da vontade. Eles se tornarão as principais das pessoas conhecedoras dos Vedas. Realmente, eles se tornarão os preceptores dos Vedas. Eles serão devotados à religião de Pravritti, pois eles foram planejados para se dedicarem à ação de procriar descendência. Este é o caminho eterno que eu revelo das criaturas dedicadas às ações e observâncias. O Senhor pujante que é encarregado da criação de todos os mundos é chamado de Aniruddha. Sana, Sanatsujata, Sanaka, Sanandana, Sanatkumara, Kapila, e Sanatana numerando o sétimo, estes sete Rishis são conhecidos como os filhos espirituais de Brahman. Seu conhecimento vem a eles por si mesmo (sem ser dependente de estudo ou esforço). Estes sete são devotados à religião de Nivritti. Eles são as principais de todas as pessoas conhecedoras de Yoga. Eles possuem também conhecimento profundo da filosofia Sankhya. Eles são preceptores das escrituras sobre dever e são eles que introduzem os deveres da religião de Nivritti e os fazem fluir nos mundos. Do Imanifesto (Prakriti) fluiu a Consciência e os três grandes atributos (de Sattwa, Rajas, e Tamas). Transcendendo Prakriti está ele chamado Kshetrajna. Aquele Kshetrajna sou eu mesmo. O caminho daqueles que são dedicados ao Karma que

emerge de Ahankara é repleto de retorno. Por aquele caminho alguém não pode alcançar aquele local de onde não há retorno. Diferentes criaturas são criadas com diferentes fins. Algumas estão destinadas ao caminho de Pravritti e algumas àquele de Nivritti. De acordo com o caminho que uma criatura segue é a recompensa que ela desfruta. (Alguém que segue o caminho de Pravritti não pode esperar chegar ao local de onde não há retorno. É pelo caminho de Nivritti que aquele local pode ser alcançado. O caminho de Pravritti é sempre repleto de retorno. Alguém pode se tornar, por andar por aquele caminho, o próprio chefe dos celestiais, mas aquela posição não é eterna, já que desde o início (se um início pode ser concebido), milhões e milhões de Indras têm se erguido e caído.) Este Brahman é o mestre de todos os mundos. Dotado de pujança é ele que cria o universo. Ele é sua mãe e pai, e ele é seu avô. Por minha ordem, ele será o concessor de bênçãos para todas as criaturas. Seu filho Rudra, que surgiu da sua fronte por sua ordem, dotado de pujança, sustentará todos os seres criados. Vão para suas respectivas jurisdições, e procurem, segundo as ordenanças, o bem dos mundos. Que todas as ações escriturais fluam em todos os mundos. Que não haja demora nisto. Ó principais dos celestiais, ordenem as ações de todas as criaturas e os fins que elas devem alcançar consequentemente. Estabeleçam também os limites dos períodos pelos quais todas as criaturas devem viver. Esta época vigente é a principal de todas as épocas e deve ser conhecida pelo nome de Krita. Neste Yuga as criaturas vivas não devem ser mortas nos sacrifícios que possam ser realizados. Isto deve ser como eu ordeno e que não seja de outra maneira. Nesta era, ó celestiais, a Justiça florescerá em sua totalidade. (Literalmente, com seus quatro quartos completos.) Depois dessa era virá aquela época chamada Treta. Os Vedas, naquele Yuga, perderão um quarto. Somente três deles existirão. Nos sacrifícios que serão realizados naquela era, animais, depois de oferecimento com a ajuda de mantras sagrados, serão mortos. Com relação à Justiça também, ela perderá um quarto; somente três quartos dela vão florescer. No término do Treta virá aquele Yuga misturado conhecido pelo nome de Dwapara. Naquele Yuga, a Justiça perderá dois quartos e somente dois quartos dela irão florescer. Após o término de Dwapara o Yuga que começará será chamado de Kali yuga, o qual virá sob a influência da constelação Tisya. A Justiça perderá três quartos completos. Somente um quarto dela existirá em todos os lugares."

"Quando o grande Deus disse estas palavras, as divindades e os Rishis celestes se dirigiram a ele e disseram, 'Se somente uma quarta parte de Justiça é para existir naquela era em todos os lugares, nos diga, ó santo, para onde nós devemos ir então e o que nós faremos!'"

"O abençoado e santo disse, 'Ó principais dos celestiais, vocês deverão ir, naquela era, para tais lugares onde os Vedas e sacrifícios e Penitências e Verdade e Autodomínio, acompanhados por deveres repletos de compaixão por todas as criaturas, ainda continuarem a florescer. O pecado nunca será capaz de tocar vocês em absoluto!'"

"'Vyasa continuou, 'Assim comandados pelo grande Deus, as divindades com todos os Rishis inclinaram suas cabeças para ele e então procederam para os lugares que eles desejavam. Depois que os Rishis e habitantes do céu tinham

deixado aquele lugar, Brahman permaneceu lá, desejoso de ver a grande Divindade eminente na forma de Aniruddha. A principal das divindades então se manifestou para Brahman, tendo assumido uma forma que tinha uma vasta cabeça equina. Carregando uma tigela (Kamandalu) e o bastão triplo, ele se manifestou perante Brahman, recitando os Vedas com todos os seus ramos. Vendo a grande Divindade de energia incomensurável naquela forma coroada com uma cabeça equina, o pujante Brahman, o Criador de todos os mundos, movido pelo desejo de fazer o bem para sua Criação, adorou aquele Senhor concessor de benefícios com uma inclinação de sua cabeça, e permaneceu diante dele com mãos unidas em reverência. A grande Divindade abraçou Brahman e então disse a ele estas palavras.'"

"O santo disse, 'Ó Brahman, pense devidamente nas direções de ações que as criaturas devem seguir. Tu és o grande ordenador de todos os seres criados. Tu és o mestre e o senhor do universo. Colocando esta responsabilidade sobre ti eu logo estarei livre de ansiedade. Em tais tempos, entretanto, quando for difícil para ti realizares os propósitos das divindades, eu irei então aparecer em formas encarnadas conforme meu autoconhecimento.' Tendo dito estas palavras, aquela forma grandiosa com a cabeça equina desapareceu imediatamente. Tendo recebido sua ordem, Brahman também procedeu rapidamente para sua própria região. É por isso, ó abençoado, que a Divindade eterna, com o lótus em seu umbigo, se tornou o aceitante da primeira parte oferecida em sacrifícios e por isso é que Ele veio a ser chamado como o sustentador eterno de todos os Sacrifícios. Ele mesmo adotou a religião de Nivritti, o fim pelo qual se esforçam aquelas criaturas que desejam frutos indestrutíveis. Ele ordenou ao mesmo tempo a religião de Pravritti para outros, com a intenção de dar variedade ao universo. Ele é o início, Ele é o meio, e Ele é o fim de todos os seres criados. Ele é seu Criador e Ele é seu único objeto de meditação. Ele é o ator e Ele é o ato. Tendo recolhido o universo em Si Mesmo no fim do Yuga, Ele vai dormir, e, despertando no começo de outro Yuga, Ele mais uma vez cria o universo. Todos vocês reverenciem aquele Ser ilustre que possui uma grande alma e que transcende os três atributos, que é não nascido, cuja forma é o universo, e que é a residência ou refúgio de todos os habitantes do céu. Reverenciem Ele que é o Senhor Supremo de todas as criaturas, que é o Senhor dos Adityas, e dos Vasus também. Curvem-se a Ele que é o Senhor dos Aswins, e o Senhor dos Maruts, que é o senhor de todos os Sacrifícios ordenados nos Vedas, e o Senhor dos Vedangas. Reverenciem Ele que sempre reside no Oceano, e que é chamado de Hari, e cujo cabelo é como as folhas da erva Munja. Reverenciem Ele que é Paz e Tranquilidade, e que comunica a religião de Moksha para todas as criaturas. Reverenciem Ele que é o Senhor das Penitências, de todos os tipos de energia, e da Fama, que é sempre o Senhor da Fala e o Senhor de todos os Rios também. Reverenciem Ele que é chamado de Kaparddin (Rudra), que é o Grande Javali, que é Unicórnio, e que é possuidor de grande inteligência, que é o Sol, que assumiu a forma bem conhecida com a cabeça equina; e que está sempre manifestado em uma forma quádrupla. Reverenciem Ele que é não revelado, que só pode ser percebido pelo conhecimento, que é indestrutível e destrutível. A Divindade suprema, que é imutável, permeia todas as coisas. Ele é o Senhor

Supremo que pode ser conhecido somente com a ajuda do olho do conhecimento. Foi assim que, ajudado pelo olho do Conhecimento, eu vi antigamente aquela principal das divindades. Questionado por vocês, eu lhes disse tudo em detalhes, ó discípulos, e ajam de acordo com minhas palavras e sirvam respeitosamente o Senhor Supremo chamado Hari. Cantem Seus louvores em palavras Védicas e adorem e cultuem a Ele também de acordo com os ritos devidos!'"

Vaisampayana continuou, "Foi dessa maneira que o organizador dos Vedas, dotado de grande inteligência, discursou para nós, questionado por nós naquela ocasião. Seu filho, o altamente justo Suka, e todos os seus discípulos (nós) o escutamos enquanto ele proferia aquele discurso. Nosso preceptor, conosco, ó rei, então adorou a grande Divindade com Richs tirados dos quatro Vedas. Eu assim te disse tudo sobre o que tu me perguntaste. Foi assim, ó rei, que nosso preceptor Nascido na Ilha discursou para nós. Aquele que, tendo proferido as palavras: 'Eu reverencio o Senhor divino', ouve frequentemente, com atenção concentrada, a este discurso ou o lê ou narra para outros, vem a ser dotado de inteligência e saúde, e possuidor de beleza e força. Se doente, ele fica livre daquela doença, se atado, livre de seus grilhões. O homem que nutre desejos obtêm (por isto) a realização de todos os seus desejos, e obtém facilmente uma vida longa também. Um Brahmana, por fazer isso, vem a ser conhecedor de todos os Vedas, e um Kshatriya vem a ser coroado com êxito. Um Vaisya, por fazer isso, faz lucros consideráveis, e um Sudra obtém grande felicidade. Um homem sem filhos obtém um filho. Uma donzela obtém um marido desejável. Uma mulher que concebeu dá à luz um filho. Uma mulher estéril concebe e consegue fartura de filhos e netos. Aquele que recita este discurso no caminho consegue passar felizmente e sem obstáculos de qualquer tipo por seu caminho. Realmente, alguém alcança quaisquer objetivos que ele nutra, se ele lê ou recita esta narrativa. Ouvindo estas palavras do grande Rishi, repletas de certeza de conclusão, e incorporando uma narração dos atributos daquele de grande alma que é o principal de todos os seres, ouvindo esta narrativa do grande conclave de Rishis e outros habitantes do céu, homens que são devotados à Divindade suprema derivam grande felicidade.'"

342

Janamejaya disse, "Ó santo, cabe a ti me dizer o significado daqueles diversos nomes por proferir os quais o grande Rishi Vyasa com seus discípulos cantou os louvores do ilustre matador de Madhu. Eu estou desejoso de ouvir aqueles nomes de Hari, aquele Senhor Supremo de todas as criaturas. De fato, por escutar aqueles nomes, eu serei santificado e purificado assim como a brilhante lua outonal."

"Vaisampayana disse, 'Escute, ó rei, quais são os significados dos diversos nomes, devidos a atributos e atos, de Hari como o próprio Hari pujante de alma alegre os explicou para Phalguna. Aquele matador de heróis hostis, Phalguna, questionou Kesava uma vez, perguntando sobre a significação de alguns dos nomes pelos quais Kesava de grande alma é adorado.'"

"Arjuna disse, "Ó santo, ó ordenador Supremo do Passado e do Futuro. Ó Criador de todos os Seres, ó Imutável, ó Refúgio de todos os mundos, ó Senhor do universo, ó dissipador dos medos de todas as pessoas, eu desejo ouvir de ti em detalhes, ó Kesava, o significado de todos aqueles teus nomes, ó Deus, os quais foram mencionados pelos grandes Rishis nos Vedas e nos Puranas em consequência das tuas diversas ações. Ninguém mais além de ti, ó Senhor, é competente para explicar os significados daqueles nomes.'"

"O santo disse, 'No Rigveda, no Yajurveda, nos Atharvans e nos Samans, nos Puranas e nos Upanishads, como também nos tratados sobre Astrologia, ó Arjuna, nas escrituras Sankhya, nas escrituras Yoga, e também nos tratados sobre a Ciência da Vida, muitos são os nomes que têm sido mencionados pelos grandes Rishis. Alguns daqueles nomes são deriváveis dos meus atributos e alguns deles se relacionam com minhas ações. Ouça, com atenção concentrada, ó impecável, qual é o significado de cada um daqueles nomes (em particular) que se referem às minhas ações. Eu os relatarei para você. É dito que antigamente você era metade meu corpo. Saudações para Ele de grande glória, Ele, isto é, que é a Alma Suprema de todas as criaturas incorporadas. (Esta saudação de Krishna à Alma Suprema é muito característica. Ele saúda a si mesmo por saudar a Alma Suprema.) Saudações a Narayana, a Ele que é identificável com o universo, a Ele que transcende os três atributos (primordiais de Sattwa, Rajas e Tamas), a Ele que é, também, a Alma daqueles atributos. Da Sua benevolência surgiu Brahman e de da Sua ira surgiu Rudra. Ele é a fonte de onde têm surgido todas as criaturas móveis e imóveis. Ó principal de todas as pessoas dotadas de Sattwa, o atributo de Sattwa consiste em dezoito qualidades. Aquele atributo é Natureza Suprema tendo como sua alma o Céu e a Terra e conseguindo sustentar o universo por meio de suas forças criativas. Aquela Natureza é idêntica ao fruto de todas as ações (na forma das diversas regiões de bem-aventurança as quais as criaturas alcançam por suas ações). Ela também é o puro Chit. Ela é imortal, e invencível, e é chamada de Alma do universo. Dela fluem todas as modificações de Criação e Destruição. (Ela é idêntica à minha Prakriti ou Natureza.) Desprovida de sexo, Ela ou Ele é as penitências que as pessoas praticam. Ele é o sacrifício que é realizado e o sacrificador que realiza o sacrifício. Ele é o antigo e o infinito Purusha. Ele também é chamado de Aniruddha e é a fonte da Criação e da Destruição do universo. Quando acabou a noite de Brahma, pela graça daquele Ser de energia incomensurável, um lótus fez seu aparecimento primeiramente, ó tu de olhos como pétalas de lótus. Dentro daquele lótus nasceu Brahma, surgindo da graça de Aniruddha. Perto da noite do dia de Brahma, Aniruddha se encheu de cólera, e como consequência disto surgiu de sua testa um filho chamado Rudra investido com o poder de destruir tudo (quando chega a hora da destruição). Esses dois, isto é, Brahma e Rudra, são as principais de todas as divindades, tendo surgido respectivamente da Benevolência e da Ira (de Aniruddha). Agindo de acordo com a direção de Aniruddha, essas duas divindades criam e destroem. Embora capazes de conceder benefícios para todas as criaturas, eles são, no entanto, na questão dos assuntos dos quais eles se encarregam (Criação e Destruição), meramente instrumentos nas mãos de Aniruddha. (É Aniruddha que faz tudo,

fazendo de Brahma e Rudra os agentes visíveis em relação ao universo.) Rudra também é chamado de Kaparddin. Ele tem cabelos emaranhados em sua cabeça, e às vezes manifesta uma cabeça que é calva. Ele adora morar no meio de crematórios, os quais constituem seu lar. Ele é um praticante dos votos mais austeros. Ele é um Yogin de pujança e energia imensas. Ele é o destruidor do sacrifício de Daksha e o arrancador dos olhos de Bhaga. Ó filho de Pandu, Rudra deve ser conhecido como tendo sempre Narayana como sua Alma. Se aquela divindade das divindades, isto é, Maheswara, for adorado, então ó Partha, o pujante Narayana também é adorado. Eu sou a Alma, ó filho de Pandu, de todos os mundos, de todo o universo. Rudra, também, é minha Alma. É por isso que eu sempre o adoro. Se eu não adorasse o auspicioso e concessor de bênçãos Isana ninguém então adoraria a mim mesmo. As ordenanças que eu estabeleço são seguidas por todos os mundos. Aquelas ordenanças devem sempre ser adoradas, e é por isso, portanto, que eu as adoro. Aquele que conhece Rudra conhece a mim, e aquele que conhece a mim conhece Rudra. Aquele que segue Rudra segue a mim, Rudra é Narayana. Ambos são um; e um está manifestado em duas formas diferentes. Rudra e Narayana, formando uma pessoa, permeiam todas as coisas manifestadas e as fazem agir. Ninguém além de Rudra é competente para me conceder um benefício. Ó filho de Pandu, tendo decidido isto em minha mente, antigamente eu adorei o antigo e pujante Rudra para obter a bênção de um filho. Ao adorar Rudra dessa maneira eu adorei a mim mesmo. Vishnu nunca curva sua cabeça para alguma divindade exceto para si mesmo. É por esta razão que eu adoro Rudra, (Rudra sendo, como eu já te disse, eu mesmo). Todas as divindades, inclusive Brahma e Indra e as divindades e os grandes Rishis, adoram Narayana, aquela principal das divindades, também chamada pelo nome de Hari. Vishnu é o principal de todos os Seres passados, presentes, ou futuros, e como tal deve sempre ser cultuado e adorado com reverência. Curve tua cabeça para Vishnu. Curve tua cabeça para Ele que dá proteção para todos. Reverencie, ó filho de Kunti, aquela grande divindade que concede benefícios, aquela principal das divindades, que come as oferendas feitas para ele em sacrifícios. Eu tenho ouvido que há quatro tipos de devotos, isto é, aqueles que anseiam por uma vida religiosa, aqueles que são inquisitivos, aqueles que se esforçam para compreender o que eles aprendem e aqueles que são sábios. Entre eles todos, aqueles que estão dedicados a perceberem o eu e não adoram alguma outra divindade, são os principais. Eu sou o fim que eles procuram, e embora engajados em ações, eles nunca buscam os resultados delas. As três classes restantes de meus devotos são aqueles que desejam os frutos de suas ações. Eles alcançam regiões de grande bem-aventurança, mas então eles têm que cair de lá após o esgotamento de seus méritos. Aqueles entre meus devotos, portanto, que estão totalmente despertos (e, como tais, sabem que toda felicidade é finita exceto a que é alcançável pelas pessoas que se tornam identificadas comigo), obtém o que é mais importante (e inestimável, ou seja, Emancipação ou total identificação com a Alma Suprema). Aqueles que estão despertos, e cuja conduta revela tal iluminação, podem estar engajados em adorar Brahman ou Mahadeva ou as outras divindades que se encontram no céu, mas eles conseguem alcançar a mim de qualquer forma. Eu assim te disse, ó Partha, quais são as distinções entre meus devotos. Tu mesmo, ó filho de Kunti, e eu mesmo, somos conhecidos como

Nara e Narayana. Nós dois assumimos corpos humanos somente para o propósito de aliviar o peso da Terra. Eu sou totalmente conhecedor do autoconhecimento. Eu sei quem eu sou e de onde eu sou, ó Bharata. Eu conheço a religião de Nivritti, e tudo o que contribui para a prosperidade das criaturas. Eterno como Eu sou, Eu sou o único Refúgio de todos os homens. As águas são chamadas pelo nome de Nara, pois elas surgiram daquele chamado Nara. E já que as águas nos tempos passados eram meu refúgio, Eu sou, portanto, chamado pelo nome de Narayana. Assumindo a forma do Sol Eu cubro o universo com meus raios. E porque Eu sou o lar de todas as criaturas, portanto, Eu sou chamado pelo nome de Vasudeva. Eu sou o fim de todas as criaturas e seu progenitor, ó Bharata. Eu permeio todo o firmamento no alto e a Terra, ó Partha, e meu esplendor transcende todo outro esplendor. Eu sou Ele, ó Bharata, a quem todas as criaturas desejam alcançar na hora da morte. E porque Eu permeio todo o universo, Eu vim a ser chamado pelo nome de Vishnu. Desejosas de alcançar sucesso pela restrição de seus sentidos, as pessoas procuram alcançar a mim que sou céu e Terra e o firmamento entre os dois. Por isso Eu sou chamado pelo nome de Damodara. A palavra Prisni inclui alimento, os Vedas, água, e néctar. Esses quatro estão sempre em meu estômago. Então eu sou chamado pelo nome de Prisnigarbha. Os Rishis dizem que uma vez quando o Rishi Trita foi jogado em um poço por Ekata e Dwiti, o aflito Trita me invocou, dizendo, 'Ó Prisnigarbha, salve o caído Trita!' Aquele principal dos Rishis, Trita, o filho espiritual de Brahma, tendo me chamado dessa maneira, foi resgatado da cova. Os raios que emanam do Sol que dá calor ao mundo, do fogo brilhante, e da Lua, constituem meu cabelo. Por isso os principais dos Brahmanas eruditos me chamam pelo nome de Kesava. Utathya de grande alma, tendo fecundado sua esposa, desapareceu do lado dela por uma ilusão dos deuses. O irmão mais novo Vrihaspati então apareceu perante a esposa daquele de grande alma. Para aquele principal dos Rishis que tinha ido para lá pelo desejo de união sexual, a criança no útero da esposa de Utathya, ó filho de Kunti, cujo corpo já tinha sido formado dos cinco elementos primordiais, disse, 'Ó concessor de benefícios, eu já entrei nesse útero. Não cabe a ti atacar minha mãe.' Ouvindo estas palavras da criança por nascer Vrihaspati encheu-se de raiva e pronunciou uma maldição sobre ela, dizendo, 'Já que tu me obstruíste dessa maneira quando eu vim para cá pelo desejo dos prazeres do ato sexual, portanto tu, pela minha maldição, serás afligido pela cegueira, sem dúvida!' Por causa dessa maldição daquele principal dos Rishis o filho de Utathya nasceu cego, e cego ele permaneceu por um longo tempo. Foi por esta razão que aquele Rishi, antigamente, veio a ser conhecido pelo nome de Dirghatamas. Ele, no entanto, adquiriu os quatro Vedas com seus membros eternos e partes secundárias. Depois disso ele frequentemente me invocava por meio desse meu nome secreto. De fato, segundo a ordenança prescrita, ele repetidamente me chamava pelo nome de Kesava. Pelo mérito que ele adquiriu por proferir este nome repetidamente, ele veio a ser curado de sua cegueira e então veio a ser chamado pelo nome de Gotama. Esse meu nome, portanto, ó Arjuna, é produtivo de benefícios para aqueles que o proferem entre todas as divindades e os Rishis de grande alma. A divindade do Fogo (Apetite) e Shoma (alimento) combinados juntos, vêm a ser transformados em uma única substância. É por esta razão que o universo inteiro de criaturas móveis e imóveis é citado como sendo permeado por

aquelas duas divindades. (O objetivo deste verso, o comentador diz, é explicar o significado da palavra Hrishikesa. Agni é o fogo digestivo, e Shoma é alimento. Unindo-se, Agni e Shoma, portanto, sustêm o universo. Na forma de fogo digestivo e alimento, Agni e Shoma são os dois alegradores do universo. Por causa disso eles são chamados de Hrishi (no número dual). E já que eles são, por assim dizer, o kesa ou cabelo de Narayana, portanto ele é chamado de Hrishikesa. A palavra Hrishikesa também pode ser explicada como Isa ou senhor de Hrishika ou os sentidos.) Nos Puranas, Agni e Soma são citados como complementares um do outro. As divindades também são citadas como tendo Agni como sua boca. É por causa de esses dois seres serem dotados de naturezas que levam à unificação que eles são citados como dignos um do outro e sustentadores do universo.'"

343

"Arjuna disse, 'Como Agni e Shoma, antigamente, obtiveram uniformidade em relação à sua natureza original? Esta dúvida surgiu em minha mente. Dissipe-a, ó matador de Madhu!'"

"O sublime e santo disse, 'Eu narrarei para ti, ó filho de Pandu, uma história antiga de incidentes originados da minha própria energia. Ouça-a com atenção absorta! Quando decorrem quatro mil Yugas de acordo com a medida dos celestiais vem a dissolução do universo. O Manifesto desaparece no Imanifesto. Todas as criaturas, móveis e imóveis, encontram com a destruição. Luz, Terra, Vento, tudo desaparece. Escuridão se espalha sobre o universo que se torna uma extensão de água infinita. Quando aquela infinita devastação de água existe só como Brahma sem segundo, não é nem dia nem noite. Nem existente nem inexistente existem; nem manifesto nem imanifesto. Então somente Brahman indiferenciado existe. Quando tal é a condição do universo, o principal dos Seres surge de Tamas (escuridão primordial), isto é, o eterno e imutável Hari que é a combinação dos atributos (de onipotência e o resto), pertencente a Narayana, que é indestrutível e imortal, que não tem sentidos, que é inconcebível e não nascido, que é a própria Verdade repleta de compaixão, que é dotado da forma de existência a qual os raios da pedra preciosa chamada Chintamani têm, que faz diversos tipos de inclinações fluírem em diversas direções, que é desprovido dos princípios de hostilidade e deterioração e mortalidade e decadência, que é informe e que permeia tudo, e que é dotado do princípio de Criação universal e de Eternidade sem início, meio, ou fim. Há autoridade para esta afirmação. O Sruti declara, 'Não havia dia. Não havia noite. Não havia existente. Não havia inexistente. No início havia somente Tamas (a escuridão primordial, não o atributo de Ignorância) na forma do universo, e ela é a noite de Narayana de forma universal. Este mesmo é o significado da palavra Tamas. Daquele Purusha (chamado Hari), assim nascido de Tamas e tendo Brahman por seu pai, veio a existir o Ser chamado Brahman. Brahman, desejando criar criaturas, fez Agni e Shoma surgirem de seus próprios olhos. Depois quando as criaturas vieram a ser criadas, as pessoas criadas apareceram em sua ordem devida como Brahmanas e Kshatriyas. Aquele que veio à existência como Shoma era ninguém mais do que

Brahma; e aqueles que nasceram como Brahmanas na verdade eram todos Shoma. Aqueles que vieram à existência como Kshatriyas eram ninguém mais do que Agni. Os Brahmanas se tornaram dotados de maior energia do que os Kshatriyas. Se você perguntar a razão, a resposta é que esta superioridade dos Brahmanas sobre os Kshatriyas é um atributo que é evidente para o mundo inteiro. Isto ocorreu como segue. Os Brahmanas representam a mais antiga criação em relação aos homens. Ninguém foi criado antes, que fosse superior aos Brahmanas. Aquele que oferece alimento para a boca de um Brahmana é considerado como despejando libações em um fogo ardente (para satisfazer as divindades). Eu digo que tendo ordenado as coisas compreendidas dessa maneira, a criação de criaturas foi realizada por Brahma. Tendo estabelecido todos os seres criados em suas respectivas posições, ele sustém os três mundos. Há uma declaração no mesmo sentido nos Mantras dos Srutis. Tu, ó Agni, és o Hotri em sacrifícios, e o benfeitor do universo. Tu és o benfeitor das divindades, dos homens, e de todos os mundos. Há (outra) autoridade também para isto. Tu és, ó Agni, o Hotri do universo e dos sacrifícios. Tu és a fonte através da qual as divindades e os homens fazem bem para o universo. Agni é realmente o Hotri e o realizador de sacrifícios. Agni é também o Brahma do sacrifício. Nenhuma libação pode ser despejada no fogo sacrifical sem proferir mantras; não pode haver penitências sem uma pessoa para realizá-las; o culto das divindades e homens (mortos ou Pitris) e Rishis é realizado pelas libações despejadas com mantras. Por isso, ó Agni, tu tens sido considerado como o Hotri em sacrifícios. Tu és, também, todos os outros mantras que têm sido declarados em relação aos ritos Homa dos homens. Para os Brahmanas está ordenado o dever de oficiar para outros nos sacrifícios que eles realizam. As duas outras classes, Kshatriyas e Vaisyas, que estão incluídas dentro da classe regenerada ou duas vezes nascida, não têm o mesmo dever prescrito para elas. Então, os Brahmanas são como Agni, que mantém sacrifícios. Os sacrifícios (que os Brahmanas realizam) fortalecem as divindades. Fortalecidas dessa maneira, as divindades fertilizam a Terra (e assim sustentam todas as criaturas vivas). Mas o resultado que pode ser alcançado pelos principais dos sacrifícios pode ser igualmente efetuado através da boca dos Brahmanas. Aquela pessoa erudita que oferece alimento para a boca de um Brahmana é citada como despejando libações no fogo sagrado para gratificar as divindades. Desse modo os Brahmanas vieram a ser considerados como Agni. Aqueles que são possuidores de erudição adoram Agni. Agni é, também, Vishnu. Entrando em todas as criaturas ele mantém seus ares vitais. Em relação a isto há um verso cantado por Sanatkumara. Brahman, ao criar o universo, primeiro criou os Brahmanas. Os Brahmanas se tornam imortais por estudarem os Vedas, e vão para o céu pela ajuda de tal estudo. A inteligência, palavras, atos e observâncias, fé, e as penitências dos Brahmanas sustentam a Terra e o céu como laços de cordas sustentando o néctar bovino. Não há maior dever do que a Verdade. Não há superior mais digno de reverência do que a mãe. Não há ninguém mais eficiente do que o Brahmana para conferir felicidade aqui e após a morte. Os habitantes daqueles reinos onde Brahmanas não têm meios seguros de sustento (de terras e outros tipos de propriedades concedidas para eles) se tornam muito miseráveis. Lá os bois não carregam as pessoas ou puxam o arado, nem veículos de qualquer tipo os conduzem. Lá o leite mantido em jarros nunca é batido para

produzir manteiga. Por outro lado, os residentes ficam privados de prosperidade de todo tipo, e se dirigem aos caminhos de ladrões (em vez de poderem desfrutar das bênçãos da paz). (Nos tempos passados reis e dirigentes sempre costumavam lotear terras isentas de aluguel para Brahmanas eruditos para seu sustento. Aqueles países onde Brahmanas não tinham tais terras designadas para eles eram, por assim dizer, excomungados. O que é dito neste verso é que em tais países as bênçãos da paz estavam faltando.) Nos Vedas, nos Puranas, nas histórias e outros escritos autoritários, é dito que Brahmanas, que são as almas de todas as criaturas, que são os criadores de todas as coisas, e que são identificáveis com todos os objetos existentes, surgiram da boca de Narayana. De fato, é dito que os Brahmanas vieram primeiro no tempo quando o grande deus concessor de bênçãos tinha reprimido sua fala como uma penitência e que as outras classes se originaram dos Brahmanas. Os Brahmanas são eminentes acima das divindades e Asuras, já que eles foram criados por mim mesmo em minha forma indescritível como Brahma. Como eu criei as divindades e os Asuras e os grandes Rishis assim eu coloquei os Brahmanas em suas respectivas posições e tenho que puni-los de vez em quando. Por seu ataque licencioso sobre Ahalya, Indra foi amaldiçoado por Gautama, marido dela, pelo que Indra adquiriu uma barba verde em seu rosto. Por causa daquela maldição de Kausika Indra perdeu, também, seus próprios testículos, cuja perda depois (pela bondade das outras divindades) foi compensada pela substituição dos testículos de um carneiro. Quando, no sacrifício do rei Sarjiati, o grande Rishi Chyavana ficou desejoso de fazer os gêmeos Aswins participantes das oferendas sacrificais, Indra objetou. Após Chyavana insistir, Indra procurou arremessar seu raio nele. O Rishi paralisou os braços de Indra. Exasperado pela destruição de seu sacrifício por Rudra, Daksha mais uma vez se dirigiu à prática de austeridades severas e obtendo grande pujança fez algo como um terceiro olho aparecer na testa de Rudra para a destruição de Tripurasura. (Por causa desse terceiro olho na testa de Rudra ele veio a ser chamado pelo nome de Virupaksha ou o feio ou de olhar feroz.) Quando Rudra se dirigiu para a destruição da cidade tripla pertencente aos Asuras, o preceptor dos Asuras, isto é, Usanas, provocado além da tolerância, arrancou uma madeixa emaranhada de sua própria cabeça e a arremessou em Rudra. Daquela madeixa emaranhada de Usanas surgiram muitas serpentes. Aquelas serpentes começaram a morder Rudra, pelo que a garganta dele se tornou azul. Durante um período passado, isto é, aquele relacionado ao Manu Nascido por Si Mesmo, é dito que Narayana agarrou Rudra pela garganta e então a garganta de Rudra se tornou azul. (Um Manwantarah consiste em cerca de 72 Chaturyugas, isto é, 288 yugas de acordo com a medida dos celestiais. O yuga atual é chamado de Vaivaswat Manwantarah, isto é, o período conectado com Manu o filho de Vivaswat. A cada Manwantarah um novo Manu aparece. O Manu auto-nascido era uma pessoa diferente.) Na ocasião do batimento do Oceano para fazer aparecer o amrita, Vrihaspati da linhagem de Angiras sentou-se nas margens do Oceano para realizar o rito de Puruscharana. Quando ele pegou um pouco de água para o propósito do achamana inicial, a água lhe pareceu estar muito lamacenta. Por isso Vrihaspati ficou zangado e amaldiçoou o Oceano, dizendo, 'Já que tu continuas a estar tão sujo apesar do fato de eu ter vindo a ti para te tocar, já que tu não te tornaste claro e transparente, portanto desse dia em

diante tu serás corrompido com peixes e tubarões e tartarugas e outros animais aquáticos.' Desde aquele tempo, as águas do oceano ficaram infestadas com diversas espécies de animais e monstros marinhos. Viswarupa, o filho de Tashtri, antigamente tornou-se o sacerdote das divindades. Ele era, do lado de sua mãe, relacionado aos Asuras, pois sua mãe era a filha de um Asura. Enquanto oferecendo publicamente para as divindades suas partes das oferendas sacrificais, ele privadamente oferecia partes delas para os Asuras. Os Asuras, com seu chefe Hiranyakasipu em sua dianteira, então foram até sua irmã, a mãe de Viswarupa, e solicitaram um benefício dela, dizendo, 'O filho Viswarupa por Tashtri, também chamado de Trisiras, é agora o sacerdote das divindades. Enquanto ele dá para as divindades a parte delas das oferendas sacrificais publicamente, ele nos dá nossas partes das mesmas privadamente. Em consequência disto, as divindades estão sendo engrandecidas, e nós estamos sendo enfraquecidos. Cabe a ti, portanto, persuadi-lo de que ele pode adotar nossa causa.' Assim endereçada por eles, a mãe de Viswarupa se dirigiu ao seu filho que estava então residindo nos bosques Nandana (de Indra) e disse para ele, 'Como é, ó filho, que tu estás engajado em engrandecer a causa dos teus inimigos e em enfraquecer aquela dos teus tios maternos? Não cabe a ti agir dessa maneira.' Viswarupa, assim solicitado por sua mãe, pensou que ele não deveria desobedecer as suas palavras, e como a consequência daquela reflexão ele mudou para o lado de Hiranyakasipu, depois de ter prestado os respeitos apropriados para sua mãe. O rei Hiranyakasipu, após a chegada de Trisiras, despediu seu velho Hotri, isto é, Vasishtha, o filho de Brahma, e nomeou Trisiras para aquele posto. Enraivecido por isto, Vasishtha amaldiçoou Hiranyakasipu, dizendo, 'Já que tu me despediste e nomeaste outra pessoa como teu Hotri, este teu sacrifício não será completado, e algum Ser cujo semelhante não existiu anteriormente te matará!' Por causa desta maldição, Hiranyakasipu foi morto por Vishnu na forma de um homem-leão. Viswarupa, tendo adotado o lado de seus parentes maternos, se empenhou em austeridades severas para engrandecê-los. Impelido pelo desejo de fazê-lo se desviar de seus votos, Indra despachou para ele muitas Apsaras belas. Vendo aquelas ninfas celestes de beleza transcendente, o coração de Viswarupa ficou agitado. Dentro de um tempo muito curto ele ficou extremamente apegado a elas. Compreendendo que ele tinha ficado apegado a elas, as ninfas celestes disseram para ele um dia, 'Nós não iremos mais nos demorar aqui. Realmente, nós voltaremos para o local de onde nós viemos.' Para elas que falaram dessa maneira, o filho de Tashtri respondeu, 'Aonde vocês vão? Fiquem comigo. Eu lhes farei bem.' Ouvindo-o falar assim, as Apsaras replicaram, 'Nós somos ninfas celestes chamadas Apsaras. Nós escolhemos antigamente o ilustre e concessor de benefícios Indra de grande pujança', Viswarupa então disse a elas, 'Nesse mesmo dia eu ordenarei que todas as divindades com Indra em sua liderança cessem de existir.' Dizendo isso, Trisiras começou a recitar mentalmente certos Mantras sagrados de grande eficácia. Em virtude daqueles Mantras ele começou a crescer em energia. Com uma de suas bocas ele começou a beber todo o Soma que Brahmanas empenhados em Sacrifícios despejavam em seus fogos sagrados com ritos devidos. Com uma segunda boca ele começou a comer todo o alimento (que era oferecido em sacrifícios). Com sua terceira boca ele começou a beber a energia de todas as divindades com Indra como seu líder.

Vendo-o se crescendo com energia em toda parte de seu corpo que era fortalecido pelo Soma que ele estava bebendo, todas as divindades, então, com Indra em sua companhia, foram até o Avô Brahma. Chegando a sua presença, eles se dirigiram a ele e disseram, 'Todo o Soma que é devidamente oferecido nos sacrifícios realizados em todos os lugares está sendo bebido por Viswarupa. Nós não obtemos mais nossas partes. Os Asuras estão sendo engrandecidos, enquanto nós estamos sendo enfraquecidos. Cabe a ti, portanto, ordenar o que é para o nosso bem.' Depois que as divindades cessaram, o Avô respondeu, 'O grande Rishi Dadhichi da linhagem de Bhrigu está agora engajado em praticar austeridades severas. Vão, ó divindades, até ele e peçam um benefício dele. Arranjem de tal maneira que ele possa rejeitar seu corpo. Com seus ossos que seja criada uma nova arma chamada Raio.' Assim instruídas pelo Avô, as divindades procederam para aquele local onde o santo Rishi Dadhichi estava engajado em suas austeridades. As divindades com Indra em sua dianteira se dirigiram ao sábio, dizendo, 'Ó santo, tuas austeridades, nós esperamos, estão sendo bem realizadas e ininterruptas.' Para eles o sábio Dadhichi disse, 'Bem vindos todos vocês. Digam-me o que eu devo fazer por vocês. Eu certamente farei o que vocês disserem.' Eles então disseram a ele, 'Cabe a ti rejeitar teu corpo para beneficiar todos os mundos.' Assim solicitado, o sábio Dadhichi, que era um grande Yogin e que considerava felicidade e miséria da mesma maneira, sem ficar triste em absoluto, concentrou sua Alma por seu poder Yoga e rejeitou seu corpo. Quando sua Alma deixou sua habitação temporária de barro, Dhatri, pegando seus ossos, criou uma arma irresistível chamada Raio. Com o Raio assim feito com os ossos de um Brahmana, o qual era impenetrável por outras armas e irresistível e permeado pela energia de Vishnu, Indra golpeou Viswarupa o filho de Tashtri. Tendo matado o filho de Tashtri dessa maneira, Indra cortou sua cabeça do corpo. Do corpo sem vida, no entanto, de Viswarupa, quando ele foi pressionado, a energia que ainda estava residindo nele deu à luz um poderoso Asura de nome Vritra. Vritra se tornou o inimigo de Indra, mas Indra também o matou com o Raio. Pelo pecado de Brahmanicídio ser assim dobrado, Indra foi dominado por um grande medo como consequência disso ele teve que abandonar a soberania do céu. Ele entrou em um caule de lótus fresco que crescia no lago Manas. Pelo atributo Yoga de Anima, ele se tornou muito minúsculo e entrou nas fibras daquele talo de lótus. (Por praticar Yoga alguém adquire certos poderes sobre-humanos. Estes são chamados de Yogaiswaryya. Eles incluem Anima, pelo qual alguém pode se tornar muito pequeno; Laghima, pelo qual alguém pode se tornar muito bruto, etc.). Quando o senhor dos três mundos, o marido de Sachi, tinha desaparecido de vista assim por medo do pecado de Brahmanicídio, o universo ficou sem soberano. Os atributos de Rajas e Tamas atacaram as divindades. Os Mantras proferidos pelos grandes Rishis perderam toda eficácia. Rakshasas apareceram em todos os lugares. Os Vedas estavam prestes a desaparecer. Os habitantes de todos os mundos, estando sem um rei, perderam sua força e começaram a se tornar vítimas fáceis de Rakshasas e outros seres maus. Então as divindades e os Rishis, se reunindo, fizeram Nahusha, o filho de Ayusha, o rei dos três mundos e o coroaram apropriadamente como tal. Nahusha tinha sobre sua fronte quinhentos corpos luminosos de refulgência fulgurante, os quais tinham a virtude de despojar toda criatura de energia. Assim equipado

Nahusha continuou a reger o céu. Os três mundos foram restaurados à sua condição normal. Os habitantes do universo mais uma vez se tornaram felizes e alegres. Nahusha então disse, 'Tudo o que Indra costumava desfrutar está diante de mim. Só sua esposa Sachi não está perto.' Tendo dito isso, Nahusha procedeu para onde Sachi estava e, dirigindo-se a ela, disse, 'Ó senhora abençoada, eu me tornei o senhor das divindades. Me aceite.' Para ele Sachi respondeu, dizendo, 'Tu és, por natureza, dedicado à justiça de comportamento. Tu pertences, também, à linhagem de Shoma. Não cabe a ti atacar a esposa de outra pessoa.' Nahusha, assim endereçado por ela, disse, 'A posição de Indra está agora sendo ocupada por mim. Eu mereço desfrutar dos domínios e de todas as posses preciosas de Indra. Em desejar desfrutar de ti não pode haver pecado. Tu eras de Indra e, portanto, deves ser minha.' Sachi então disse a ele, 'Eu estou cumprindo um voto que ainda não foi completado. Depois de realizar as abluções finais eu irei até ti dentro de poucos dias.' Arrancando esta promessa da esposa de Indra, Nahusha deixou sua presença. Enquanto isso Sachi, afligida pela dor e aflição, ansiosa para encontrar seu marido e assaltada por seu medo de Nahusha, foi até Vrihaspati (o principal sacerdote dos celestiais). À primeira vista Vrihaspati percebeu que ela estava afligida pela ansiedade. Ele imediatamente recorreu à meditação-Yoga e soube que ela estava planejando fazer o que fosse necessário para restaurar seu marido à sua verdadeira posição. Vrihaspati então se dirigiu a ela, dizendo, 'Provida de penitências e o mérito que será teu em consequência desse voto que tu estás cumprindo, invoque a deusa Upasruti concessora de bênçãos. Invocada por ti, ela aparecerá e te mostrará onde marido teu marido está morando.' Enquanto na observância daquele voto muito austero, ela invocou com a ajuda de Mantras apropriados a deusa Upasruti concessora de benefícios. Invocada por Sachi, a deusa se apresentou perante ela e disse, 'Eu estou aqui por tua ordem. Invocada por ti eu vim. Qual desejo nutrido por ti eu irei realizar?' Reverenciando-a com uma inclinação de cabeça, Sachi disse, 'Ó dama abençoada, cabe a ti me mostrar onde meu marido está. Tu és Verdade. Tu és Rita.' Assim endereçada, a deusa Upasruti a levou ao lago Manasa. Chegando lá, ela apontou para Sachi seu marido Indra residindo dentro das fibras de um caule de lótus. Vendo sua esposa pálida e emaciada, Indra ficou extremamente ansioso. E o senhor do céu disse para si mesmo, 'Ai, grande é a tristeza que me alcançou. Eu caí da posição que é minha. Esta minha cônjuge, afligida com pesar por minha causa, descobriu minha pessoa perdida e veio até mim aqui.' Tendo refletido dessa maneira, Indra se dirigiu à sua esposa querida e disse, 'Em qual condição tu estás agora?' Ela respondeu a ele, 'Nahusha me convidou para me fazer sua esposa. Eu obtive um adiamento dele, tendo fixado o tempo quando eu tenho que ir até ele.' Para ela Indra então disse, 'Vá e diga para Nahusha que ele deve vir a ti em um veículo nunca usado antes, isto é, um ao qual alguns Rishis devem ser arreados, e chegando até ti naquele estado ele deve se casar contigo. Indra tem muitos tipos de veículos que são todos belos e encantadores. Todos esses têm te conduzido. Nahusha, no entanto, deve vir sobre tal veículo que o próprio Indra não possuiu.' Assim aconselhada por seu marido, Sachi deixou aquele local com um coração alegre. Indra também mais uma vez entrou nas fibras daquele caule de lótus. Vendo a Rainha de Indra voltar para o céu, Nahusha dirigiu-se a ela dizendo, 'O tempo que tu fixaste acabou.' Para ele Sachi disse o que Indra a tinha instruído

dizer. Arreando vários grandes Rishis ao veículo que ele usava, Nahusha saiu de seu domicílio para ir para onde Sachi estava vivendo. O principal dos Rishis, Agastya, nascido dentro de um jarro, da semente vital de Maitravaruna, viu aqueles principais dos Rishis insultados por Nahusha daquela maneira. Nahusha bateu nele com seu pé. Para ele Agastya disse, 'Patife, como tu te dirigiste para uma ação altamente imprópria, caia sobre a Terra. Seja transformado em uma cobra e continue a viver naquela forma enquanto a Terra e suas colinas durarem.' Logo que estas palavras foram proferidas pelo grande Rishi, Nahusha caiu daquele veículo. Os três mundos mais uma vez ficaram sem mestre. As divindades e os Rishis então se uniram e procederam para onde Vishnu estava e apelaram para ele ocasionar a restauração de Indra. Aproximando-se dele eles disseram, 'Ó santo, cabe a ti resgatar Indra que está oprimido pelo pecado de Brahmanicídio.' Vishnu concessor de bênçãos respondeu para eles, dizendo, 'Que Sakra realize um Sacrifício de Cavalo em honra de Vishnu. Ele então será restaurado à sua antiga posição.' As divindades e os Rishis começaram a procurar por Indra, mas quando eles não puderam achá-lo, eles foram até Sachi disseram a ela, 'Ó senhora abençoada, vá até Indra e traga-o aqui.' Requisitada por eles, Sachi mais uma vez foi até lago Manasa. Indra, erguendo-se do lago, foi até Vrihaspati. O sacerdote celeste Vrihaspati então fez arranjos para um grande Sacrifício de Cavalo, substituindo um antílope preto por um bom corcel adequado de todas as maneiras para ser oferecido em sacrifício. Fazendo Indra, o senhor dos Maruts, montar sobre aquele mesmo corcel (que foi salvo da morte) Vrihaspati levou-o para o seu próprio lugar. O senhor do céu foi então adorado com hinos por todas as divindades e os Rishis. Ele continuou a governar no céu, purificado do pecado de Brahmanicídio que foi dividido em quatro partes e mandado residir em mulheres, fogo, árvores, e águas. Foi assim que Indra, fortalecido pela energia de um Brahmana, conseguiu matar seu inimigo (e quando, como o resultado daquele seu ato, ele foi dominado pelo pecado, foi a energia de outro Brahmana que o resgatou). Foi dessa maneira que Indra mais uma vez recuperou sua posição.'"

"'Antigamente, enquanto o grande Rishi Bharadwaja estava dizendo suas orações ao lado do Ganga celeste, um dos três pés de Vishnu, quando ele assumiu sua forma de três passos, alcançou aquele local. (Vishnu assumiu sua forma de três passos para enganar Vali da soberania do universo. Com um passo ele cobriu a Terra, com outro ele cobriu o firmamento. Não havia espaço restante para ele dar seu terceiro passo.) Contemplando aquela visão desconhecida, Bharadwaja atacou Vishnu com um punhado de água, após o que o peito de Vishnu recebeu uma marca (chamada Sreevatsa, que é um belo vórtice sobre o peito de Vishnu). Amaldiçoado por aquele principal dos Rishis, isto é, Bhrigu, Agni foi obrigado e se tornar um devorador de todas as coisas. Uma vez, Aditi, a mãe das divindades, cozinhou algum alimento para seus filhos. Ela pensou que, comendo aquele alimento e fortalecidas por isto, as divindades conseguiriam matar os Asuras. Depois que a comida estava cozida, Vudha (a divindade que preside o corpo celeste conhecido por aquele nome), tendo completado a observância de um voto austero, apresentou-se perante Aditi e disse a ela, 'Dê-me esmolas.' Aditi, embora assim solicitada por alimento não lhe deu nenhum, pensando que ninguém deveria comer da comida que ela tinha cozinhado, antes

que seus filhos, as divindades, a comessem primeiro. Enraivecido pela conduta de Aditi que assim se recusou a lhe dar esmolas, Vudha, que era o próprio Brahma pelo voto austero que tinha completado, a amaldiçoou, dizendo que como Aditi lhe tinha recusado esmolas ela teria uma dor em seu útero quando Vivaswat, em seu segundo nascimento no útero de Aditi, nascesse na forma de um ovo. Aditi se lembrou de Vivaswat no momento da maldição de Vudha, e é por essa razão que Vivaswat, a divindade que é adorada em Sraddhas, saindo do útero de Aditi, veio a ser chamado pelo nome de Martanda. O Prajapati Daksha tornou-se o pai de sessenta filhas. Entre elas, treze foram entregues por ele para Kasyapa; dez para Dharma; dez para Mann; e vinte e sete para Shoma. Embora todas as vinte e sete que eram chamadas Nakshatras e concedidas para Shoma fossem iguais em relação à beleza e habilidades, ainda assim Shoma se tornou mais afeiçoado a uma, Rohini, do que ao restante. O restante de suas esposas, cheias de ciúmes, deixando-o, se dirigiram ao seu pai e o informaram dessa conduta de seu marido, dizendo, 'Ó santo, embora todas nós sejamos iguais em relação à beleza, ainda assim nosso marido Shoma é exclusivamente afeiçoado à nossa irmã Rohini.' Enraivecido por essa queixa de suas filhas, o Rishi celeste Daksha amaldiçoou Shoma, dizendo que daquele tempo em diante a doença tísica atacaria seu genro e residiria nele. Por causa dessa maldição de Daksha, a tísica atacou o pujante Shoma e entrou em seu corpo. Atacado pela tísica dessa maneira, Shoma foi até Daksha. O último se dirigiu a ele dizendo, 'Eu te amaldiçoei por causa do teu comportamento desigual para com tuas esposas.' O Rishi então disse para Shoma, 'Tu estás sendo reduzido pela doença tísica que te atacou. Há uma água sagrada chamada Hiranyasarah no oceano Ocidental. Indo até aquela água sagrada, banhe-te lá.' Aconselhado pelo Rishi, Shoma procedeu para lá. Chegando a Hiranyasarah, Soma se banhou naquela água sagrada. Realizando suas oblações ele se purificou de seu pecado. E porque aquela água sagrada foi iluminada (abhasita) por Shoma, portanto desde aquele dia ela foi chamada pelo nome de Prabhasa. Em consequência, no entanto, da maldição pronunciada sobre ele antigamente por Daksha, Shoma, até hoje, começa a minguar a partir da noite de lua cheia até seu desaparecimento total na noite de lua nova, de onde ele novamente começa a aumentar até a noite de lua cheia. O brilho também do disco lunar desde aquele tempo recebeu uma mancha, pois o corpo de Shoma, desde então, veio a apresentar certas manchas escuras. Realmente, o disco esplêndido da lua, desde aquele dia, veio a exibir a marca de uma lebre. Uma vez, um Rishi de nome Sthulasiras estava dedicado a praticar austeridades muito severas sobre o leito norte das montanhas de Meru. Enquanto engajado naquelas austeridades, um brisa pura, carregada com todas as espécies de perfumes deliciosos, começou a soprar lá e abanar seu corpo. Chamuscado como seu corpo estava pelas austeridades muito severas que ele estava praticando, e vivendo como ele vivia só do ar com a exclusão de todo tipo de alimento, ele ficou muito gratificado por aquela brisa deliciosa que soprou ao redor dele. Enquanto ele estava assim satisfeito com a brisa deliciosa que o abanava, as árvores em volta dele (movidas pelo ciúme) desenvolveram suas flores para fazer uma exibição e extorquir seu louvor. Desagradado por essa conduta das árvores porque ela era ditada por ciúme, o Rishi as amaldiçoou, dizendo, 'Daqui em diante, vocês não poderão manifestar suas flores em todas as épocas.' Antigamente, para fazer bem para o

mundo, Narayana nasceu como o grande Rishi Vadavamukha. Enquanto empenhado em praticar austeridades ascéticas no leito de Meru, ele convocou o Oceano à sua presença. O Oceano, no entanto, desobedeceu a sua convocação. Enraivecido por isto, o Rishi, com o calor de seu corpo, fez as águas do Oceano se tornarem tão salgadas em sabor quanto o suor humano. O Rishi em seguida disse, 'Tuas águas de agora em diante cessarão de ser potáveis. Somente quando a cabeça Equina, vagando dentro de ti, beber tuas águas, elas serão tão doces quanto mel.' É por esta maldição que as águas do Oceano até hoje são salgadas para o paladar e não são bebidas por ninguém mais além da cabeça Equina. (As escrituras hindus mencionam que há uma cabeça Equina de vastas proporções que vaga pelos mares. Fogos resplandecentes saem constantemente de sua boca e estas bebem a água do mar. Ela sempre faz um barulho estrondoso. Ela é chamada de Vadava-mukha. O fogo que emana dela é chamado de Vadavanala. As águas do Oceano são como manteiga clarificada. A cabeça Equina as bebe como o fogo sacrifical bebe as libações de manteiga clarificada despejadas sobre ele. A origem do fogo Vadava às vezes é atribuída à cólera de Urva, um Rishi da linhagem de Jamadagni. Por isso ele é às vezes chamado de fogo Aurvya.) A filha, chamada Uma, das montanhas Himavat, foi desejada por Rudra em casamento. Depois que Himavat tinha prometido a mão de Uma para Mahadeva, o grande Rishi Bhrigu, aproximando-se de Himavat, dirigiu-se a ele dizendo, 'Dê-me esta tua filha em casamento.' Himavat respondeu para ele, dizendo, 'Rudra é o noivo já selecionado por mim para minha filha.' Enfurecido por esta resposta, Bhrigu disse, 'Já que tu recusaste meu pedido pela mão da tua filha e me insultaste dessa maneira, tu não mais serás cheio de pedras preciosas e jóias.' Até hoje, por causa das palavras do Rishi, as montanhas de Himavat não têm quaisquer jóias e pedras preciosas. Tal é a glória dos Brahmanas. É pelo favor dos Brahmanas que os Kshatriyas podem possuir a Terra eterna e que não se deteriora como sua esposa e desfrutar dela. O poder dos Brahmanas, também, é composto de Agni e Shoma. O universo é sustentado por aquele poder e, portanto, é sustentado por Agni e Shoma unidos. É dito que Surya e Chandramas são os olhos de Narayana. Os raios de Surya constituem meus olhos. Cada um deles, isto é, o Sol e a Lua, revigora e aquece o universo respectivamente. E por que o Sol e a Lua assim aquecem e revigoram o universo, eles vieram a ser considerados como o Harsha (alegria) do universo. É por estas ações de Agni e Shoma que sustêm o universo que eu vim a ser chamado pelo nome de Hrishikesa, ó filho de Pandu. De fato, eu sou Isana concessor de benefícios, o Criador do universo. (Agni e Shoma são chamados pelo nome de 'Hrishi' no número dual. É chamado de Hrishikesa aquele que tem aqueles dois como seu kesa ou cabelo. Em outro lugar, a palavra é explicada como o Isa ou senhor de Hrishika.) Pela virtude dos Mantras com os quais libações de manteiga clarificada são despejadas no fogo sagrado, eu pego e me aproprio da parte (principal) das oferendas feitas em sacrifícios. Minha cor também é a daquela principal das jóias chamada Harit. É por essas razões que eu sou chamado pelo nome de Hari. Eu sou a mais elevada residência de todas as criaturas e sou considerado pelas pessoas familiarizadas com as escrituras como idêntico à Verdade ou Néctar. Eu sou, por esta razão, chamado por Brahmanas eruditos pelo nome de Ritadhama (residência da Verdade ou Néctar). Quando antigamente a Terra ficou submersa nas águas e perdida para a visão, eu a

encontrei e a ergui das profundidades do Oceano. Por esta razão as divindades me adoram pelo nome de Govinda. Sipivishta é outro nome meu. A palavra Sipi indica uma pessoa que não tem pêlos em seu corpo. Aquele que permeia todas as coisas na forma de Sipi é conhecido pelo nome de Sipivishta. O Rishi Yaksha, com alma tranquila, em muitos sacrifícios me invocou pelo nome Sipivishta. É por esta razão que eu vim a ter este nome secreto. Yaksha de grande inteligência, tendo me adorado pelo nome Sipivishta, conseguiu restaurar os Niruktas que tinham desaparecido da superfície da Terra e caído nas regiões inferiores. Eu nunca nasci. Eu nunca tomo nascimento. Nem eu nascerei alguma vez. Eu sou o Kshetrajna de todas as criaturas. Por isso eu sou chamado pelo nome de Aja (não nascido). (Eu sou a Alma de todas as criaturas, e, portanto, não nascido, a Alma sendo Eterna, sem início e sem fim. Por isso eu sou chamado de Não Nascido.) Eu nunca proferi alguma coisa abjeta ou alguma coisa que fosse obscena. A divina Saraswati que é a própria Verdade, que é a filha de Brahma e que também é chamada pelo nome de Rita, representa minha fala e sempre mora em minha língua. O existente e o inexistente têm sido absorvidos por mim em minha Alma. Os Rishis residentes em Pushkara, que é considerada como a residência de Brahman, me chamaram pelo nome de Verdade. Eu nunca me desviei do atributo de Sattwa, e saiba que o atributo de Sattwa tem fluído de mim. Neste meu nascimento também, ó Dhananjaya, meu antigo atributo de Sattwa não me deixou, de tal modo que mesmo nesta vida, me estabelecendo em Sattwa, eu me dirijo às ações sem jamais desejar seus frutos. Purificado de todos os pecados como eu sou pelo atributo de Sattwa, o qual é minha natureza, eu posso ser visto somente pela ajuda do conhecimento que provém da adoção do atributo de Sattwa. Eu sou contado também entre aqueles que são dedicados àquele atributo. Por essas razões eu sou conhecido pelo nome de Sattwata. (A tribo na qual Krishna nasceu era conhecida pelo nome de Sattwata.) Eu cultivo a Terra, assumindo a forma de uma grande relha (de arado) de ferro negro. E porque minha cor é negra, portanto eu sou chamado pelo nome de Krishna. Eu tenho unido a Terra com Água, Espaço com Mente, e Vento com Luz. Portanto eu sou chamado de Vaikuntha. (Terra, Água, Luz, Vento e Espaço são os cinco elementos primordiais. Cada um desses é dividido em cinco partes e as partes assim formadas são então unidas ou misturadas formando as diferentes substâncias do universo, as proporções nas quais elas são misturadas sendo desiguais.) A cessação da existência consciente separada pela identificação com Brahman Supremo é o maior atributo ou condição para um agente vivo alcançar. E já que eu nunca me desviei daquele atributo ou condição, eu sou, portanto, chamado pelo nome de Achyuta (Inabalável). A Terra e o Firmamento são conhecidos como se estendendo em todas as direções. E porque eu sustenho ambos, portanto, eu sou chamado pelo nome de Adhokshaja. Pessoas conhecedoras dos Vedas e empenhadas em interpretar as palavras usadas naquelas escrituras me adoram em sacrifícios por me chamarem pelo mesmo nome. Antigamente, os grandes Rishis, enquanto empenhados em praticar austeridades severas, disseram, ‘Ninguém mais no universo além do pujante Narayana pode ser chamado pelo nome de Adhokshaja.’ A manteiga clarificada que sustenta as vidas de todas as criaturas no universo constitui minha refulgência. É por esta razão que Brahmanas conhecedores dos Vedas e possuidores de almas concentradas me chamam pelo nome de Ghritarchis. (A

manteiga clarificada é o grande sustentador do universo, pois as libações despejadas no fogo sacrifical sustentam as divindades, e as divindades, assim sustentadas, derramam chuva que faz as colheitas e outros alimentos crescerem, dos quais, naturalmente, vive o universo de criaturas vivas.) Há três elementos bem conhecidos constituintes do corpo. Eles têm sua origem na ação, e são chamados de Bílis, Fleuma, e Vento. O corpo é chamado de uma união desses três. Todas as criaturas vivas são sustentadas por esses três, e quando esses três ficam enfraquecidos, as criaturas vivas também ficam enfraquecidas. É por esta razão que todas as pessoas familiarizadas com as escrituras que tratam da ciência da Vida me chamam pelo nome de Tridhatu. (Os elementos constituintes do corpo, chamados Dhatu são Bílis, Fleuma e Vento. Eles são devidos às ações porque o próprio nascimento é devido às ações. Não pode haver nascimento sem um corpo, e nem corpo sem esses três. Então, esses três têm sua origem nas ações anteriores não esgotadas por desfrute ou tolerância.) O santo Dharma é conhecido entre todas as criaturas pelo nome de Vrisha, ó Bharata. Por isso é que eu sou chamado de o excelente Vrisha no léxico Védico chamado Nighantuka. A palavra 'Kapi' significa o principal dos javalis, e Dharma também é conhecido pelo nome de Vrisha. É por esta razão que aquele senhor de todas as criaturas, isto é, Kasyapa, o progenitor comum das divindades e Asuras, me chamou pelo nome Vrishakapi. As divindades e os Asuras nunca puderam averiguar meu início, meu meio, ou meu fim. É por esta razão que eu sou cantado como Anadi, Amadhya e Ananta. Eu sou o Senhor Supremo dotado de pujança, e eu sou a testemunha eterna do universo (vendo como eu vejo suas sucessivas criações e destruições). Eu sempre ouço palavras que são puras e santas, ó Dhananjaya, e nunca seguro alguma coisa que seja pecaminosa. Então eu sou chamado pelo nome de Suchisravas. Assumindo, antigamente a forma de um javali com uma única presa, ó aumentador das alegrias de outros, eu ergui a Terra submersa do fundo do oceano. Por esta razão eu sou chamado pelo nome de Ekasringa. Quando eu assumi a forma do javali imenso para este propósito, eu tinha três corcovas em minhas costas. De fato, é por esta peculiaridade da minha forma naquele tempo que eu vim a ser chamado pelo nome de Trikakud (de três corcovas). Aqueles que conhecem a ciência proposta por Kapila chamam a Alma Suprema pelo nome de Virincha. Aquele Virincha também é chamado de grande Prajapati (ou Brahman). Na verdade eu sou idêntico a Ele, chamado Virincha, por eu dar animação para todas as criaturas vivas, pois eu sou o Criador do universo. Os preceptores da filosofia Sankhya, possuidores de conclusões definitivas (a respeito de todos os tópicos), me chamam de o eterno Kapila permanecendo no meio do disco solar (Savitri-mandala) somente com o Conhecimento como meu companheiro. Na Terra eu sou reconhecido como idêntico Àquele que tem sido cantado nos versos Védicos como o refulgente Hiranyagarbha e que é sempre adorado por Yogins. Eu sou considerado como a forma incorporada do Rich Veda consistindo em vinte e um mil versos. Pessoas familiarizadas com os Vedas também me chamam de a encarnação dos Samans de mil ramos. Assim mesmo Brahmanas eruditos que são meus adoradores devotados e que são muito raros me cantam nos Aranyakas. Nos Adhyaryus eu sou cantando como o Yajur-Veda de cinquenta e seis e oito e sete e trinta ramos. (O Yajur-Veda consiste, segundo este cálculo, em cento e um ramos.) Brahmanas eruditos conhecedores dos Atharvans me

consideram como idêntico aos Atharvans consistindo nos cinco Kalpas e todos os Krityas. (Os Krityas são atos de encantamento, realizados com a ajuda de Mantras Atharvan. Eles são de grande eficácia. Brahmanas conhecedores dos Atharvans são competentes, com a ajuda de Krityas, para alterar as leis da Natureza e confundir o próprio universo.) Todas as subdivisões que existem dos diferentes Vedas em relação aos ramos e todos os versos que compõem aqueles ramos, e todas as vogais que ocorrem naqueles versos, e todas as regras em relação à pronúncia, saiba, ó Dhananjaya, são meu trabalho. Ó Partha, aquele que se ergue (no início da Criação do Oceano de Leite na mais intensa invocação de Brahmana e todas as divindades) e que dá diversos benefícios para as diversas divindades, é ninguém mais do que eu mesmo. Eu sou Ele que é o repositório da ciência de sílabas e pronúncia que é tratada nas partes suplementares dos Vedas. Seguindo o caminho indicado por Vamadeva, o Rishi Panchala de grande alma, por minha graça, obteve daquele Ser eterno as regras a respeito da divisão de sílabas e palavras (para a leitura dos Vedas). De fato, Galava, nascido na tribo Vabhravya, tendo alcançado êxito ascético e obtido um benefício de Narayana, compilou as regras a respeito da divisão de sílabas e palavras (para a leitura dos Vedas). De fato, Galava, nascido na tribo Vabhravya, tendo alcançado êxito ascético e obtido um benefício de Narayana, compilou as regras a respeito da divisão de sílabas e palavras e aquelas sobre ênfase e acento em elocução, e brilhou como o primeiro estudioso que se tornou conhecedor daqueles dois assuntos. Kundrika e o rei Brahmadatta de grande energia, pensando repetidamente na tristeza que acompanha nascimento e morte, obtiveram aquela prosperidade que é adquirida por pessoas dedicadas ao Yoga, no decorrer de sete nascimentos, por minha generosidade. Antigamente, ó Partha, por alguma razão, eu nasci como o filho de Dharma, ó chefe da linhagem de Kuru, e por causa de tal nascimento meu eu fui celebrado sob o nome de Dharmaja. Eu tomei nascimento em duas formas, isto é, como Nara e Narayana. Viajando no veículo (corpo) que ajuda rumo à realização de deveres escriturais e outros, eu pratiquei, naquelas duas formas, austeridades infinitas no leito de Gandhamadana. Naquele tempo ocorreu o grande sacrifício de Daksha. Daksha, no entanto, naquele seu sacrifício, se recusou a dar uma parte para Rudra, ó Bharata, das oferendas sacrificais. Incitado pelo sábio Dadhichi, Rudra destruiu aquele sacrifício. Ele arremessou um dardo cujas chamas resplandeciam a todo instante. Aquele dardo, tendo consumido todos os preparativos do sacrifício de Daksha, veio com grande força em direção a nós (Nara e Narayana) no retiro de Vadari. Com grande violência aquele dardo então caiu sobre o peito de Narayana. Atacado pela energia daquele dardo, o cabelo na cabeça de Narayana tornou-se verde. De fato, por causa dessa mudança na cor do meu cabelo eu vim a ser chamado pelo nome de Munjakesa. (Munja literalmente significa verde, ou uma erva de espécie específica.) Rechaçado por uma exclamação de Hun que Narayana proferiu, o dardo, sua energia sendo perdida, voltou para as mãos de Sankara. Nisto, Rudra ficou muito zangado e como o resultado disso ele avançou em direção aos Rishis Nara e Narayana, dotados da pujança de austeridades severas. Narayana então agarrou Rudra que avançava com sua mão pela garganta. Agarrado por Narayana, o senhor do universo, a garganta de Rudra mudou de cor e se tornou escura. Desde aquele tempo Rudra veio a ser chamado pelo nome de Sitikantha. Enquanto isso Nara,

para o propósito de destruir Rudra, ergueu uma folha de grama, e a inspirou com Mantras. A folha de grama, assim inspirada, foi convertida em um poderoso machado de batalha. Nara repentinamente arremessou aquele machado de batalha em Rudra mas ele se quebrou em pedaços. Por aquela arma ter sido quebrada em pedaços dessa maneira, eu vim a ser chamado pelo nome de Khandaparasu.'" (Nara e Narayana eram a mesma pessoa. Então, a arma de Nara tendo sido quebrada em pedaços, Narayana veio a ser chamado por este nome. Em outra parte é explicado que Mahadeva é chamado de Khandaparasu por ter desistido de seu parasu (machado de batalha) para Rama da linhagem de Bhrigu.)

"Arjuna disse, 'Naquela batalha capaz de ocasionar a destruição dos três mundos, quem obteve a vitória? Ó Janarddana, diga-me isso!'"

"O abençoado e santo disse, 'Quando Rudra e Narayana ficaram engajados em combate dessa maneira, todo o universo ficou repentinamente cheio de ansiedade. A divindade do fogo parou de aceitar libações até da mais pura manteiga clarificada devidamente despejada em sacrifícios com a ajuda de Mantras Védicos. Os Vedas não brilharam mais por luz interior nas mentes dos Rishis de almas purificadas. Os atributos de Rajas e Tamas possuíram as divindades. A Terra tremeu. A abóbada do firmamento pareceu se dividir em duas. Todos os corpos luminosos ficaram desprovidos do seu esplendor. O próprio Criador, Brahman, caiu de seu assento. O próprio Oceano se tornou seco. As montanhas de Himavat foram rachadas. Quando tais presságios terríveis apareceram em todos os lugares, ó filho de Pandu, Brahma circundado por todas as divindades e os Rishis de grande alma logo chegaram àquele local onde a batalha ocorria. Brahma de quatro rostos, capaz de ser compreendido somente com a ajuda dos Niruktas, uniu suas mãos e dirigindo-se a Rudra, disse, ‘Deixe que aconteça o bem para os três mundos. Jogue ao chão tuas armas, ó senhor do universo, pelo desejo de beneficiar o universo. Aquele que é imanifesto, indestrutível, imutável, supremo, a origem do universo, uniforme, e o supremo ator, aquele que transcende todos pares de opostos, e que é inativo, optando por ser manifestado, ficou satisfeito em assumir esta forma abençoada, (pois embora duplo, os dois representam somente a mesma forma). Este Nara e Narayana (as formas manifestadas do Brahman Supremo) nasceu na linhagem de Dharma. As principais de todas divindades, estes dois são observadores dos votos mais elevados e dotados das penitências mais severas. Por alguma razão melhor conhecida por Ele, eu mesmo surgi do atributo de Sua Graça. Eterno como tu és, pois tu sempre exististe desde todas as criações passadas, tu também surgiste de Sua Ira. Comigo mesmo então, estas divindades, e todos os grandes Rishis, adore esta forma manifestada de Brahma, e que haja paz para todos os mundos sem qualquer demora.’ Assim endereçado por Brahma, Rudra em seguida rejeitou o fogo de sua cólera, e se pôs a gratificar o ilustre e pujante Deus Narayana. (Ele ficou satisfeito em assumir as formas dos Rishis Nara e Narayana.) De fato, ele logo se colocou à disposição do adorável concessor de benefícios e pujante Deus Narayana. Aquele Deus concessor de benefícios, Narayana, que tinha sua ira e os sentidos sob controle, logo ficou satisfeito e reconciliado com Rudra. Bem adorado pelos Rishis, por Brahma, e por todas as divindades, aquele grande Deus, o

Senhor do universo, também chamado pelo nome de Hari, então se dirigiu ao ilustre Isana e disse a ele estas palavras: ‘Aquele que te conhece, me conhece. Aquele que te segue, me segue. Não há diferença entre nós. Nunca pense de outra maneira. A marca feita por tua lança em meu peito desde hoje assumirá a forma de um belo vórtice, e a marca da minha mão em tua garganta também assumirá uma forma bela pelas qual tu irás, deste dia em diante, ser chamado pelo nome de Sreekantha.'"

"O abençoado e santo continuou, 'Tendo mutuamente feito tais marcas no corpo um do outro, os dois Rishis Nara e Narayana assim fizeram amizade com Rudra, e despedindo as divindades, mais uma vez se dirigiram à prática de penitências com uma alma tranquila. Eu assim te disse, ó filho de Pritha, como naquela batalha que ocorreu antigamente entre Rudra e Narayana, o último obteve a vitória. Eu também te disse os muitos nomes secretos pelos quais Narayana é chamado e quais são os significados, ó Bharata, de alguns daqueles nomes, os quais, como eu te falei, os Rishis têm dado ao grande Deus. Desse modo, ó filho de Kunti, assumindo diversas formas eu vago à vontade pela Terra, a região do próprio Brahma, e aquela outra região eterna e sublime de bem-aventurança chamada Goloka. Protegido por mim na grande batalha, tu ganhaste uma grande vitória. Aquele Ser a quem, no tempo de todas as tuas batalhas, tu viste atacando na tua vanguarda, saiba, ó filho de Kunti, não é outro a não ser Rudra, aquele deus dos deuses, também chamado pelo nome de Kaparddin. Ele também é conhecido pelo nome de Kala, (Kala é literalmente Tempo ou Eternidade, mas frequentemente significa morte ou destruição, ou aquele que ocasiona morte ou destruição), e deve ser conhecido como alguém que surgiu da minha ira. Aqueles inimigos os quais tu mataste foram todos, em primeiro lugar, mortos por ele. (Arjuna foi somente o instrumento ostensivo.) Curve tua cabeça para aquele deus dos deuses, aquele marido de Uma, dotado de força incomensurável. Com alma concentrada, curve tua cabeça para aquele Senhor ilustre do universo, aquela divindade indestrutível, também chamada pelo nome de Hari. Ele é ninguém mais do que aquela divindade que, como eu te falei repetidamente, surgiu da minha ira. Tu, antes disto, ouviste, ó Dhananjaya, da pujança e energia que residem nele!'"

344

Saunaka disse, "Ó Sauti, é excelente esta narrativa que tu contaste. Na verdade, estes ascetas, tendo-a ouvido estão todos maravilhados. É dito, ó Sauti, que um discurso que tem Narayana como seu tópico é mais produtivo de mérito do que estadas em todos os retiros sagrados e abluções realizadas em todas as águas sagradas sobre a Terra. Tendo escutado este teu discurso que tem Narayana como seu tópico, que é sagrado e capaz de purificar alguém de todos os pecados, todos nós certamente nos tornamos santos. Adorada por todos os mundos, aquela ilustre e principal das divindades é incapaz de ser contemplada pelas divindades com Brahma numerando entre elas e todos os Rishis. Que Narada pudesse obter uma visão do Deus Narayana, também chamado Hari, foi

devido, ó filho de Suta, à graça especial daquele Senhor divino e pujante. Quando, no entanto, o Rishi celeste Narada tinha conseguido obter uma visão do Senhor Supremo do universo, uma residindo na forma de Aniruddha, por que ele procedeu tão rapidamente (para o retiro de Vadari no leito de Himavat) para ver aqueles dois principais Rishis divinos, Nara e Narayana? Ó Sauti, nos diga a razão de tal conduta da parte de Narada."

Sauti disse, 'Durante a continuação do seu sacrifício de cobras, Janamejaya, o filho nobre de Parikshit, utilizando-se de um intervalo nos ritos sacrificais, e quando todos os Brahmanas eruditos estavam descansando, ó Saunaka, aquele rei de reis dirigiu-se ao avô do seu avô, isto é, o Krishna Nascido na Ilha, também chamado Vyasa, aquele oceano de erudição Védica, aquele principal dos ascetas dotado de pujança, e disse estas palavras.'"

Janamejaya disse, "Depois que o Rishi celeste Narada tinha voltado da Ilha Branca, refletindo, conforme vinha, sobre as palavras faladas a ele pelo santo Narayana, o que, de fato, o grande asceta fez em seguida? Chegando ao retiro conhecido pelo nome de Vadari no leito das montanhas Himavat, e vendo os dois Rishis Nara e Narayana que estavam empenhados em austeridades severas naquele local, por quanto tempo Narada morou lá e quais foram os tópicos de conversação entre ele e os dois Rishis? Este discurso sobre Narayana, que é realmente um oceano de conhecimento, foi criado pela tua pessoa inteligente por bater aquela história vasta chamada Bharata que consiste em cem mil versos. Como manteiga é criada dos coalhos, sândalo das montanhas de Malaia, os Aranyakas dos Vedas, e néctar de todas as ervas medicinais, da mesma maneira, ó oceano de austeridades, este discurso que é como néctar e que tem Narayana como seu objeto foi criado por ti, ó Brahmana, de diversas histórias e Puranas existentes no mundo, Narayana é o Senhor Supremo. Ilustre e dotado de grande pujança, Ele é a alma de todas as criaturas. De fato, ó principal dos regenerados, a energia de Narayana é irresistível. Em Narayana, no fim do Kalpa, entram todas as divindades tendo Brahman como seu principal, todos os Rishis com os Gandharvas, e todas as coisas móveis e imóveis. Eu penso, portanto, que não há nada mais santo sobre a terra ou no céu, e nada mais elevado, do que Narayana. Uma permanência em todos os retiros sagrados da Terra, e abluções realizadas em todas as águas sagradas, não são produtivas de tanto mérito quanto um discurso que tem Narayana como seu tópico. Tendo escutado desde o começo este discurso sobre Hari, o senhor do universo, que destrói todos os pecados, nós sentimos que nós estamos purificados de todos os nossos pecados e totalmente santificados. Nada extraordinário foi realizado por meu antepassado Dhananjaya que foi o vencedor na grande batalha em Kurukshetra, pois deve ser lembrado que ele tinha Vasudeva como seu aliado. Eu penso que não poderia haver nada inalcançável nos três mundos para a pessoa que tivesse como seu aliado o próprio Vishnu, aquele grande Senhor do universo. Extremamente afortunados e meritórios eram aqueles meus antepassados, já que eles tiveram o próprio Janarddana para cuidar de sua prosperidade mundana e espiritual. Adorado de todos os mundos, o santo Narayana só pode ser visto com a ajuda de austeridades. Eles, no entanto, conseguiram ver Narayana, adornado com o belo

vórtice em seu peito. Mais afortunado do que meus antepassados foi o Rishi celeste Narada, o filho de Pramesthi. De fato, eu penso que Narada, que transcende toda destruição, era dotado de uma energia que não era pouca, pois se dirigindo para a Ilha Branca ele conseguiu ver a pessoa de Hari. De fato, é evidente que a visão que ele obteve do Senhor Supremo foi devido somente à graça daquele Ser. Afortunado foi Narada visto que ele conseguiu contemplar Narayana como existente na forma de Aniruddha. Tendo contemplado Narayana naquela forma, por que Narada se apressou novamente para o retiro de Vadari para o propósito de ver Nara e Narayana? Qual foi a razão, ó asceta, desse passo dado por Narada? Por quanto tempo também Narada, o filho de Pramesthi, depois do seu retorno da Ilha Branca e chegada em Vadari e encontro com os dois Rishis Nara e Narayana, viveu lá, e quais conversações ele teve com eles? O que aqueles dois principais Rishis de grande alma disseram para ele? Cabe a ti me dizer tudo isso!'" (As perguntas de Janamejaya, parece, eram endereçadas a Vyasa. Todas as edições, no entanto, fazem Vaisampayana responder aquelas perguntas.)

Vaisampayana disse, "Saudações para o santo Vyasa de energia incomensurável. Por sua graça eu recitarei esta narrativa tendo Narayana como seu tópico. Chegado na Ilha Branca, Narada viu o imutável Hari. Deixando aquele local ele procedeu rapidamente, ó rei, para as montanhas de Meru, levando em sua mente aquelas palavras importantes que Paramatma (o Senhor Supremo) tinha dito para ele. Chegando a Meru ele ficou muito admirado ao pensar, ó rei, no que ele tinha conseguido. E ele disse para si mesmo, 'Quão maravilhoso é isto! A viagem que eu realizei é longa. Tendo procedido para semelhante distância, eu voltei são e salvo.' Das montanhas de Meru ele então procedeu em direção a Gandhamadana. Atravessando os céus ele desceu rapidamente sobre aquele retiro extenso conhecido pelo nome de Vadari. Lá ele viu aquelas divindades antigas, aqueles dois principais dos Rishis, (chamados Nara e Narayana), dedicados à prática de penitências, cumprindo votos excelentes, e devotados ao culto de si mesmos. Ambas aquelas pessoas encantadoras portavam em seus peitos os belos vórtices chamados Sreevatsa, e ambos tinham madeixas emaranhadas em suas cabeças. E pela refulgência com a qual eles iluminavam o mundo eles pareciam superar o próprio Sol em energia. As palmas de cada um tinham a marca chamada de o pé do cisne. As solas dos seus pés tinham a marca do disco. Seus peitos eram muito largos; seus braços alcançavam seus joelhos. Cada um deles tinha quatro 'Mushkas' (juntas de ombros). Cada um deles tinha sessenta dentes e quatro braços. A voz de cada um era tão profunda quanto o ribombo das nuvens. Seus rostos eram extremamente belos, suas testas largas, suas sobrancelhas formosas, suas bochechas bem formadas, e seus narizes aquilinos. As cabeças daquelas duas divindades eram grandes e redondas, parecendo com guarda-sóis abertos. Possuidores dessas marcas, eles eram certamente pessoas muito superiores em aparência. Vendo-os, Narada ficou cheio de alegria. Ele os saudou com reverência e foi saudado por eles em retorno. Eles receberam o Rishi celeste, dizendo 'Bem vindo!', e fizeram as perguntas costumeiras. Contemplando aqueles dois principais dos Seres, Narada começou a refletir dentro de si mesmo, 'Estes dois principais dos Rishis parecem ser muito

semelhantes, em aparência, àqueles Rishis respeitados por todos, os quais eu vi na Ilha Branca.' Pensando dessa maneira, ele circungirou a ambos e então se sentou no assento excelente feito de erva Kusa que tinha sido oferecido para ele. Depois disso, aqueles dois Rishis que eram a residência das penitências, de realizações famosas, e de energia, e que eram dotados de tranquilidade de coração e autodomínio, praticaram seus ritos matinais. Eles então, com corações controlados, adoraram Narada com água para lavar seus pés e os ingredientes usuais do Arghya. (É dito que com a maioria dos homens jovens o que ocorre é que seus corações a princípio os deixam quando eles vêem chegar um convidado respeitado que é para ser recebido com honras devidas. Pouco depois, eles recebem de volta seus corações. Em Nara e Narayana, no entanto, nada desse tipo aconteceu quando eles viram Narada primeiramente, embora Narada fosse alguém a quem sua reverência era devida.) Tendo terminado seus ritos matinais e as observâncias necessárias para receber seu convidado, eles se sentaram em dois assentos feitos de pranchas de madeira. Quando aqueles dois Rishis tomaram seus assentos, aquele lugar começou a brilhar com beleza peculiar assim como o altar sacrifical resplandece com beleza por causa dos fogos sagrados quando libações de manteiga clarificada são derramadas sobre eles. Então Narayana, vendo Narada revigorado da fadiga e sentado tranquilamente e bem satisfeito com os ritos de hospitalidade que ele tinha recebido, se dirigiu a ele, dizendo estas palavras.'"

"Nara e Narayana disseram, 'Tu viste na Ilha Branca o Paramatma (Alma suprema), que é eterno e divino, e que é a fonte sublime de onde nós surgimos?'"

"Narada disse, 'Eu vi aquele Ser belo que é imutável e que tem o universo como sua forma. Nele habitam todos os mundos, e todas as divindades com os Rishis. Agora mesmo eu vejo aquele Ser imutável, ao contemplar vocês dois. Aquelas marcas e indicações que caracterizam o próprio Hari de forma não manifestada, caracterizam vocês dois que são dotados de formas manifestadas diante dos sentidos. (Nara e Narayana são formas manifestadas do Hari não manifestado.) Na verdade, eu vejo vocês ao lado daquele grande Deus. Despedido pela Alma Suprema, eu hoje vim para cá. Em energia e fama e beleza, quem mais nos três mundos pode se igualar a Ele do que vocês dois que nasceram na linhagem de Dharma? Ele me disse a direção inteira de deveres com relação a Kshetrajna. Ele também me falou de todas aquelas encarnações as quais ele irá, no futuro, ter neste mundo. Os habitantes da Ilha Branca, os quais eu vi, são todos desprovidos dos cinco sentidos que são possuídos pelas pessoas comuns. Todos eles são de almas despertas, dotados como eles são do conhecimento verdadeiro. Eles são, também, totalmente devotados ao principal dos Seres, o Senhor Supremo do universo. Eles estão sempre dedicados a cultuar aquela grande Divindade, e a última sempre passa o tempo com eles. A Alma Suprema e santa é sempre amiga daqueles que são devotados a Ele. Ele é amigo também dos regenerados. Sempre afeiçoado àqueles que são devotados a Ele, Ele passa o tempo com aqueles Seus devotos. Desfrutador do universo, permeando tudo, o ilustre Madhava é sempre afetuoso para seus devotos. Ele é o Ator; Ele é a Causa; e Ele é o efeito. Ele é dotado de onipotência e esplendor incomensurável. Ele é Causa

de onde todas as coisas surgem. Ele é a encarnação de todas as ordenanças escriturais. Ele é a encarnação de todos os tópicos. Ele possui grande fama. Unindo-se com penitências, Ele tem iluminado a Si Mesmo com um esplendor que é citado como representando uma energia que é maior do (que a que se encontra na) Ilha Branca. De alma purificada por penitências, Ele tem ordenado Paz e Tranquilidade nos três mundos. Com tal compreensão auspiciosa, ele está dedicado à observância de um voto muito superior o qual é a encarnação da santidade. Aquele reino onde ele reside, engajado em penitências austeras, o Sol não aquece e a Lua não faz brilhar. Lá o vento não sopra. Tendo construído um altar medindo a largura de oito dedos, o ilustre Criador do universo está praticando penitências lá, permanecendo sobre um pé, com braços erguidos, e com rosto virado para o Leste, recitando os Vedas com seus ramos, ele está engajado em praticar as austeridades mais severas. Quaisquer libações de manteiga clarificada ou carne que sejam despejadas sobre o fogo sacrifical segundo as ordenanças de Brahma, pelos Rishis, pelo próprio Pasupati, pelo resto das divindades principais, pelos Daityas, os Danavas, e os Rakshasas, todas alcançam os pés daquela grande divindade. Quaisquer ritos e atos religiosos que sejam realizados por pessoas cujas almas são totalmente devotadas a ele, são todas recebidas por aquela grande Divindade sobre sua cabeça. Ninguém é mais caro para ele nos três mundos do que aquelas pessoas que são despertas e possuidoras de grandes almas. Mais caro ainda do que aquelas pessoas é alguém que é totalmente devotado a ele. Despedido por ele que é a Alma Suprema, eu vim aqui. Isso foi o que o próprio Hari ilustre e santo disse para mim. Eu de agora em diante residirei com você dois, devotado a Narayana na forma de Aniruddha.'"

345

"Nara e Narayana disseram, 'Tu és digno do maior louvor, e tu foste altamente favorecido, já que tu viste o próprio Narayana pujante (na forma de Aniruddha). Ninguém mais, nem mesmo o próprio Brahma que surgiu do lótus primordial, é capaz de contemplá-lo. Aquele principal dos Purushas, dotado de pujança e santidade, é de origem imanifesta e incapaz de ser visto. Estas palavras que nós te dizemos são muito verdadeiras, ó Narada. Não existe ninguém no universo que seja mais querido para ele do que aquele que o adora com devoção. É por isso, ó melhor dos regenerados, que ele se mostrou para ti. Ninguém pode se dirigir para aquele reino onde a Alma Suprema está dedicada à observância de penitências, exceto nós dois, ó principal das pessoas regeneradas. Por aquele local ser adornado por Ele, seu esplendor parece com a refulgência de mil Sóis reunidos juntos. Daquele Ser ilustre, ó Brahmana, dele que é a origem do Criador do universo, ó principal de todas as pessoas dotadas de clemência, surge o atributo de clemência que se atribui à Terra. (Tão perdoador quanto a Terra é uma forma comum de expressão em quase todos os dialetos Indianos.) É daquele Ser ilustre que procura o bem-estar de todos seres, que Rasa (Gosto) surgiu. O atributo de Rasa se vincula às águas que são, também, líquidas. É dele que surgiu o Calor ou Luz tendo o atributo de forma ou visão. Ele se vincula ao sol pelo que o Sol se

torna capaz de brilhar e dar calor. É daquele ilustre e principal dos Seres também que o Tato surgiu. Ele está ligado ao Vento, pelo qual o Vento se move continuamente no mundo produzindo a sensação de toque. É daquele Senhor pujante de todo o universo que o Som surgiu. Ele se vincula ao Espaço, o qual, em consequência disso, existe descoberto e desimpedido. É daquele Ser ilustre que a Mente, a qual permeia todos os Seres, surgiu. Ela se liga a Chandramas, pelo que Chandramas vem a ser investido com o atributo de revelar todas as coisas. Aquele local onde o divino Narayana, aquele participante das libações e outras oferendas feitas em sacrifícios, reside somente com o Conhecimento como seu companheiro, nos Vedas, tem sido chamado pelo nome de causa produtiva de todas as coisas ou Sat. O caminho que é daqueles, ó principal das pessoas regeneradas, que são imaculados e que são livres de virtude e pecado, é repleto de ventura e felicidade. Aditya, que é o dissipador da escuridão de todos os mundos, é citado como sendo a porta (pela qual o Emancipado deve passar). Entrando em Aditya, os corpos de tais pessoas vêm a ser consumidos por seu fogo. Eles então se tornam invisíveis pois depois disso eles não podem ser vistos por alguém em qualquer tempo. Reduzidos a átomos invisíveis, eles então entram (em Narayana em forma manifestada e residindo no meio da região coberta por Aditya) na forma de Aniruddha. Perdendo todos os atributos físicos e sendo totalmente transformados em Mente apenas, eles então entram em Pradyumna. Indo além de Pradyumna, aquelas principais das pessoas regeneradas, incluindo aquelas que são familiarizadas com a filosofia Sankhya e aquelas que são devotadas à divindade Suprema, então entram em Sankarsana que também é chamado de Jiva. Depois disso, desprovidos dos três atributos primordiais de Sattwa, Rajas, e Tamas, aqueles principais dos seres regenerados rapidamente entram no Paramatma (Alma Suprema) também chamado de Kshetrajna e que transcende os três atributos primordiais. Saiba que Vasudeva é Ele quando chamado de Kshetrajna. Na verdade tu deves saber que Vasudeva é a residência ou o refúgio original de todas as coisas no universo. Somente aqueles cujas mentes são concentradas, que são observadores de todos os tipos de restrição, cujos sentidos são controlados, e que são devotados ao Único, conseguem entrar em Vasudeva. Nós dois, ó principal dos regenerados, nascemos na casa de Dharma. Residindo neste retiro encantador e espaçoso nós estamos passando pelas mais austeras das penitências. Nós estamos engajados dessa maneira, ó regenerado, sendo movidos pelo desejo de beneficiar aquelas manifestações da Divindade Suprema, caras para todos os celestiais, que irão ocorrer nos três mundos (para realizar diversas façanhas que não podem ser realizadas por algum outro Ser). De acordo com tais ordenanças que são raras e que se aplicam somente a nós dois, ó melhor das pessoas regeneradas, nós estamos praticando devidamente todos os votos excelentes e sublimes repletos das mais rigorosas das penitências. Tu, ó Rishi celeste, dotado de riqueza de penitências, foste visto por nós na Ilha Branca quando tu foste lá. Tendo encontrado com Narayana, tu tomaste uma resolução específica, a qual é conhecida por nós. Nos três mundos consistindo em seres móveis e imóveis não há nada que seja desconhecido para nós. Do bem ou mal que ocorrerá ou que ocorreu ou que está ocorrendo, aquele Deus dos deuses, ó grande asceta, te informou!'"

Vaisampayana continuou, "Tendo ouvido essas palavras de Nara e Narayana, ambos os quais eram dedicados à prática de penitências severas, o Rishi celeste Narada uniu suas mãos em reverência e tornou-se totalmente devotado a Narayana. Ele empregou seu tempo em recitar mentalmente, com as observâncias apropriadas, inúmeros Mantras sagrados que eram aprovados por Narayana. Cultuando a Divindade Suprema Narayana, e adorando aqueles dois Rishis antigos também que tinham nascido na casa de Dharma, o ilustre Rishi Narada, dotado de grande energia, continuou a residir, assim ocupado, naquele retiro, chamado Vadari, no leito de Himavat, pertencente a Nara e Narayana, por mil anos como medidos pelo padrão dos celestiais.'"

346

Vaisampayana disse, "Em uma ocasião, enquanto residindo no retiro de Nara e Narayana, Narada, o filho de Pramesthi, tendo realizado devidamente os ritos e observâncias em honra das divindades, se pôs a realizar depois disso os ritos em honra dos Pitris. Vendo-o assim preparado, o filho mais velho de Dharma, isto é, o pujante Nara, dirigiu-se a ele, dizendo, 'Quem tu estás cultuando, ó principal das pessoas regeneradas, por estes ritos e observâncias relativos às divindades e os Pitris? Ó principal de todas as pessoas dotadas de inteligência, diga-me isto, de acordo com as escrituras. O que é isto que tu estás fazendo? Quais também são os frutos desejados por ti daqueles ritos que tu te dedicas a realizar?'"

"Narada disse, "Tu me disseste que em uma ocasião anterior que ritos e observâncias em honra das divindades devem ser realizados. Tu disseste que os ritos em honra das divindades constituem o sacrifício mais elevado e são equivalentes ao culto da Alma Suprema eterna. Instruído por aquele ensino, eu sempre sacrifico em honra do eterno e imutável Vishnu, por estes ritos que eu realizo em cultuar as divindades. É daquela Divindade Suprema que Brahma, o Avô de todos os mundos, teve seu surgimento antigamente. Aquele Brahma, também chamado de Prameshthi, cheio de alegria, fez meu pai (Daksha) vir à existência. Eu fui o filho de Brahma, criado antes de todos os outros, por um decreto de sua vontade (embora eu tivesse que tomar nascimento depois como o filho de Daksha por causa de uma maldição daquele Rishi). Ó justo e ilustre, eu estou realizando estes ritos em honra dos Pitris por causa de Narayana, e em conformidade com aquelas ordenanças que foram prescritas por ele mesmo. O ilustre Narayana é o pai, mãe, e avô (de todas as criaturas). Em todos os sacrifícios realizados em honra dos Pitris, é aquele Senhor do universo que é cultuado e adorado. Em uma ocasião, as divindades, que eram pais, ensinaram os Srutis para seus filhos. Tendo perdido seu conhecimento dos Srutis, os pais tiveram que adquiri-lo outra vez daqueles filhos para quem eles o tinham comunicado. Por causa desse incidente, os filhos, que tinham assim comunicado os Mantras para seus pais, adquiriram a posição de pais (e os pais, por terem obtido os Mantras de seus filhos, adquiriram a posição de filhos). (A história é que uma vez as divindades, na véspera de saírem em uma campanha contra os Asuras, comunicaram os Vedas para seus filhos, Agnishatta e outros. Por

consequência, no entanto, da duração do tempo pelo qual eles ficaram ocupados no campo, eles esqueceram seus Vedas. Voltando para o céu, eles tiveram realmente que readquiri-los de seus próprios filhos e discípulos. As Escrituras declaram que o preceptor é sempre o pai, e o discípulo é o filho. Diferença de idade não perturba o relacionamento. Um jovem de dezesseis pode assim ser o pai de um octogenário. Com Brahmanas, a reverência é devida ao conhecimento, não à idade.) Sem dúvida, o que as divindades fizeram naquela ocasião é bem conhecido por vocês dois. Filhos e pais (naquela ocasião) tiveram assim que cultuar uns aos outros. Tendo primeiro espalhado algumas folhas de erva Kusa, as divindades e os Pitris (que eram seus filhos) colocaram três Pindas sobre elas e dessa maneira adoraram uns aos outros. Eu desejo saber, no entanto, a razão por que os Pitris antigamente adquiriram o nome de Pindas.'"

"Nara e Narayana disseram, 'A Terra, antigamente, com sua faixa de mares, desapareceu de vista. Govinda, assumindo a forma de um javali gigantesco, a ergueu (com sua presa imensa). Tendo recolocado a Terra em sua posição anterior, aquele principal dos Purushas, seu corpo coberto com água e lama, se pôs a fazer o que era necessário para o mundo e seus habitantes. Quando o sol alcançou o meridiano, e chegou a hora, portanto, de dizer suas orações matinais, o Senhor pujante, livrando-se repentinamente de três bolas de lama de sua presa, colocou-as sobre a Terra, ó Narada, tendo previamente espalhado sobre ela certas folhas de grama. O pujante Vishnu ofereceu aquelas bolas de lama para si mesmo, de acordo com os ritos prescritos na ordenança eterna. Considerando as três bolas de lama que o Senhor pujante tinha tirado de suas presas como Pindas, ele então, com sementes de gergelim de núcleo oleoso que provieram do calor do seu próprio corpo, realizou ele mesmo o rito de consagração, sentando com o rosto virado para o Leste. Aquela principal das divindades então, impelida pelo desejo de estabelecer regras de conduta para os habitantes dos três mundos, disse estas palavras:

"Vrishakapi disse, 'Eu sou o Criador dos mundos. Eu estou decidido a criar aqueles que devem ser chamados de Pitris.' Dizendo estas palavras, ele começou a pensar naquelas ordenanças superiores que devem regular os ritos a serem praticados em honra dos Pitris. Enquanto assim ocupado, ele viu que as três bolas de lama, sacudidas da sua presa, tinham caído em direção ao Sul. Ele então disse para si mesmo, 'Essas bolas, sacudidas da minha presa, caíram sobre a Terra em direção ao Sul de sua superfície. Levado por isto, eu declaro que essas devem ser conhecidas de agora em diante pelo nome de Pitris. Que essas três que não têm uma forma específica, e que são somente redondas, venham a ser consideradas como Pitris no mundo. Dessa maneira eu crio os Pitris eternos. Eu sou o pai, o avô, e o bisavô, e eu devo ser considerado como residindo nesses três Pindas. Não há alguém que seja superior a mim. Quem há a quem eu mesmo poderia cultuar ou adorar com ritos? Quem, além disso, é meu pai no universo? Eu mesmo sou meu avô. Eu sou, de fato, o Avô e o Pai. Eu sou a única causa (de todo o universo).' Tendo dito estas palavras, aquele Deus de deuses, Vrishakapi por nome, ofereceu aqueles Pindas, ó Brahmana erudito, no leito das montanhas Varaha, com ritos elaborados. Por meio daqueles ritos Ele adorou a Si mesmo, e

tendo terminado o culto, desapareceu. Por isso os Pitris vieram a ser chamados pelo nome de Pinda. Este mesmo é o fundamento da denominação. De acordo com as palavras proferidas por Vrishakapi naquela ocasião, os Pitris recebem o culto oferecido por todos. Aqueles que realizam sacrifícios em honra de e adoram os Pitris, as divindades, o preceptor ou outros convidados superiores veneráveis chegados à casa, vacas, Brahmanas superiores, a deusa Terra, e suas mães, em pensamentos, palavras, e ações, são considerados como adorando e sacrificando para o próprio Vishnu. Permeando os corpos de todas as criaturas existentes, o Senhor ilustre é a Alma de todas as coisas. Inalterado por felicidade ou miséria, Sua atitude em direção a todos é a mesma. Dotado de grandeza, e de grande alma, Narayana é citado como sendo a alma de todas as coisas no universo.'"

347

Vaisampayana disse, 'Tendo ouvido estas palavras de Nara e Narayana, o Rishi Narada se encheu de devoção pelo Ser Supremo. De fato, com sua toda sua alma ele se devotou a Narayana. Tendo residido por mil anos completos no retiro de Nara e Narayana, tendo contemplado o imutável Hari, e ouvido o discurso excelente tendo Narayana como seu tópico, o Rishi celeste dirigiu-se para seu próprio retiro no leito de Himavat. Aqueles principais dos ascetas, isto é, Nara e Narayana, no entanto, continuaram a residir em seu encantador retiro de Vadari, dedicados à prática das mais severas austeridades. Tu és nascido na família dos Pandavas. Tu és de energia incomensurável. Ó perpetuador da linhagem dos Pandavas, tendo escutado este discurso sobre Narayana desde o início, tu foste certamente purificado de todos os teus pecados e tua alma foi santificada. Nem este mundo nem o mundo seguinte, ó melhor dos reis, é daquele que odeia em vez de amar e reverenciar o imutável Hari. Os antepassados daquela pessoa que odeia Narayana, que é a principal das divindades, e também é chamado de Hari, caem no inferno pela eternidade. Ó tigre entre homens, Vishnu é a alma de todos os seres. Como então Vishnu pode ser odiado, visto que ao odiá-lo uma pessoa odiaria a si mesma? Ele que é nosso preceptor, isto é, o Rishi Vyasa, o filho de Gandhavati, ele mesmo narrou para nós este discurso sobre a glória de Narayana, aquela glória a qual é a mais sublime e que é imutável. Eu o ouvi dele e o recitei para ti exatamente como eu o ouvi, ó impecável. Este culto, com seus mistérios e seu resumo de detalhes, foi obtido por Narada, ó rei, daquele Senhor do universo, o próprio Narayana. Tais são os detalhes deste grande culto. Eu, antes disto, ó principal dos reis, o expliquei para ti no Hari-Gita, com uma referência breve às suas ordenanças. (O Hari-Gita é o Bhagavad-Gita. Ele é às vezes chamado também de Narayana-Gita.) Saiba que o Krishna Nascido na Ilha, também chamado de Vyasa, é Narayana sobre a Terra. Quem mais além dele, ó tigre entre reis, poderia compilar tal tratado como o Mahabharata? Quem mais além daquele Rishi pujante poderia falar sobre os diversos tipos de deveres e cultos para a observância e adoção dos homens? Tu resolveste realizar um sacrifício grandioso. Que este teu sacrifício prossiga como determinado por ti. Tendo escutado aos diversos tipos de deveres e cultos, que teu Sacrifício de Cavalo continue."

Sauti continuou, ‘Aquele melhor dos reis, tendo ouvido este grandioso discurso, iniciou todos aqueles ritos que estão prescritos na ordenança para a conclusão do seu grande sacrifício. Questionado por ti, ó Saunaka, eu narrei devidamente para ti e todos esses Rishis que são habitantes da floresta Naimisha, aquele grande discurso tendo Narayana como seu tópico. Antigamente Narada o recitou para meu preceptor na audição de muitos Rishis e os filhos de Pandu e na presença de Krishna e Bhishma também. A divindade Suprema Narayana é o Senhor de todos os principais dos Rishis, e dos três mundos. Ele é o sustentador da própria Terra de vastas proporções. Ele é o receptáculo dos Srutis e do atributo de humildade. Ele é o grande receptáculo de todas aquelas ordenanças que devem ser praticadas para obter tranquilidade de coração, como também de todas aquelas que levam o nome de Yama. Ele está sempre acompanhado pelas principais das pessoas regeneradas. Que aquela divindade sublime seja teu refúgio. Hari sempre faz o que é agradável e benéfico para os habitantes do céu. Ele é sempre o matador de tais Asuras (que se tornam incômodos para os três mundos). Ele é o receptáculo de penitências. Ele é possuidor de grande fama. Ele é o matador dos Daityas conhecidos pelo nome de Madhu e Kaitabha. Ele é o ordenador dos fins que são alcançados por pessoas conhecedoras e observadoras dos deveres escriturais e outros. Ele dissipa os medos de todas as pessoas. Ele pega as principais daquelas oferendas que são dedicadas em sacrifícios. Ele é teu refúgio e proteção. Ele é dotado de atributos. Ele é livre de atributos. Ele é dotado de uma forma quádrupla. Ele compartilha dos méritos provenientes da consagração de tanques e da observância de ritos religiosos similares. Insuperável e possuidor de grande poder, é Ele que sempre ordena o fim acessível somente à Alma, dos Rishis de atos justos. Ele é a testemunha dos mundos; (pois ele tem testemunhado inúmeras Criações de Destruições e as testemunhará pela eternidade). Ele é não nascido. Ele é o único Purusha antigo. Dotado da cor do Sol, Ele é o Senhor Supremo, e ele é o refúgio de todos. Todos vocês curvem suas cabeças para Ele (Vasudeva), já que Ele que surgiu das águas (isto é, o próprio Narayana) curva sua cabeça para Ele. Ele é a origem do universo. Ele é aquele Ser que é chamado de Amrita. Ele é perfeito. Ele é o refúgio do qual todas as coisas dependem. Ele é o único Ser a quem o atributo de imutabilidade se vincula. Os Sankhyas e Yogins, de almas controladas, mantêm Ele que é eterno em suas compreensões.’”

348

Janamejaya disse, 'Eu ouvi de ti a glória da Alma Divina e Suprema. Eu soube também do nascimento da Divindade Suprema na casa de Dharma, na forma de Nara e Narayana. Eu ouvi também de ti a respeito da origem do Pinda a partir do poderoso Baraha (javali) (cuja forma a Divindade suprema assumiu para erguer a Terra submersa). Eu ouvi de ti acerca daquelas divindades e Rishis que foram ordenados para a religião de Pravritti e daqueles que foram ordenados para a religião de Nivritti. Tu também, ó regenerado, nos falaste sobre outros assuntos. Tu nos falaste também daquela forma vasta, com a cabeça Equina, de Vishnu,

aquele participante das libações e outras oferendas feitas em sacrifícios, isto é, a forma que apareceu no grande oceano no Nordeste. Aquela forma foi vista pelo ilustre Brahman, também conhecido pelo nome de Parameshthi. Quais, no entanto, eram as feições exatas, e qual a energia, cuja semelhante entre todos os objetos grandiosos nunca apareceu antes, daquela forma que Hari, o mantenedor do universo, mostrou naquela ocasião? O que Brahman fez, ó asceta, depois de ter visto aquela principal das divindades, cuja semelhante nunca tinha sido vista antes, que era de energia incomensurável, que tinha a cabeça Equina, e que era a própria Santidade? Ó regenerado, esta dúvida surgiu em nossa mente acerca desse assunto antigo de conhecimento. Ó tu da mais notável inteligência, por qual razão a Divindade Suprema assumiu aquela forma e se mostrou nela para Brahman? Tu certamente nos tem santificado por nos falar sobre esses diversos assuntos sagrados!'"

Sauti disse, 'Eu narrarei para ti aquela história antiga, a qual é perfeitamente consistente com os Vedas, e que o ilustre Vaisampayana contou para o filho de Parikshit na ocasião do grande Sacrifício de Cobras. Tendo ouvido o relado da forma poderosa de Vishnu, equipada com a cabeça de cavalo, o filho nobre de Parikshit também teve a mesma dúvida e fez as mesmas perguntas para Vaisampayana.'"

Janamejaya disse, "Diga-me, ó melhor dos homens, por que razão Hari apareceu naquela forma poderosa equipada com uma cabeça de cavalo e a qual Brahma, o Criador, viu nas margens do grande Oceano do norte na ocasião referida por você mesmo?"

Vaisampayana disse, "Todos os objetos existentes, ó rei, neste mundo, são o resultado de uma combinação dos cinco elementos primordiais, uma combinação devido à inteligência do Senhor Supremo. O pujante Narayana, dotado de infinidade, é o Senhor Supremo e Criador do universo. Ele é a Alma interna de todas as coisas, e o dador de benefícios. Desprovido de atributos, ele também é possuidor deles. Ouça-me agora, ó melhor dos reis, enquanto eu narro para ti como a Destruição de todas as coisas é ocasionada. Inicialmente, o elemento Terra imerge na Água e nada então é visto exceto uma vasta extensão de Água por todos os lados. A Água então imerge no Calor, e o Calor no Vento. O Vento então imerge no Espaço, o qual por sua vez imerge na Mente. A Mente imerge no Manifesto (também chamado de Consciência ou Ego). O Manifesto imerge no Imanifesto (ou Prakriti). O Imanifesto (ou Prakriti) imerge em Purusha (Jivatman) e Purusha na Alma Suprema (ou Brahman). Então a Escuridão se estende sobre a superfície do universo, e nada pode ser percebido. Daquela Escuridão primordial surge Brahma (dotado do princípio de Criação). A Escuridão é primeva e repleta de imortalidade. Brahma que surge da Escuridão primeva se desenvolve (por sua própria potência) na idéia do universo, e assume a forma de Purusha. Tal Purusha é chamado de Aniruddha. Privado de sexo, ele também é chamado pelo nome de Pradhana (Supremo ou Primitivo). Ele é também conhecido pelo nome de Manifesto, ou a combinação do atributo triplo, ó melhor dos reis. Ele existe somente com o Conhecimento como seu companheiro. Aquele Ser ilustre e pujante é também chamado pelo nome de Viswaksena ou Hari. Entregando-se ao

sono-Yoga, ele se deita sobre as águas. Ele então pensa na Criação do Universo de fenômenos diversificados e repleto de atributos imensuráveis. Enquanto ocupado em pensar na Criação, ele se lembra de seus próprios atributos superiores. Disto surge o Brahma de quatro faces representando a Consciência de Anirudha. O ilustre Brahma, também chamado de Hiranyagarbha, é o Avô de todos os mundos. Dotado de olhos como pétalas de lótus, ele nasce dentro do Lótus que surge (do umbigo) de Anirudha. Sentado sobre aquele Lótus, o ilustre, pujante, e eterno Brahma de aspecto extraordinário viu que as águas estavam por todos os lados. Adotando o atributo de Sattwa Brahma, também chamado Parameshthi, ele então começou a criar o universo. No Lótus primevo que era dotado da refulgência do Sol, duas gotas de água foram lançadas por Narayana que eram repletas de grande mérito. O ilustre Narayana, sem início e sem fim, e transcendente à destruição, lançou seus olhos naquelas duas gotas de água. Uma daquelas duas gotas de água, de uma forma muito bela e brilhante, parecia com uma gota de mel. Daquela gota surgiu, por ordem de Narayana, um Daitya de nome Madhu composto do atributo de Tamas (Embotamento). A outra gota de água dentro do Lótus era muito sólida. Dela surgiu o Daitya Kaitabha composto do atributo de Rajas. Dotados assim dos atributos de Tamas e Rajas, os dois Daityas possuidores de poder e armados com maças, imediatamente depois de seu nascimento, começaram a vagar dentro daquele vasto Lótus primevo. Eles viram dentro dele Brahma de esplendor incomensurável, empenhado em criar os quatro Vedas, cada um dotado da forma mais encantadora. Aqueles dois principais dos Asuras, possuidores de corpos, vendo os quatro Vedas, inesperadamente os apanharam na própria vista de seu Criador. Os dois Danavas poderosos, tendo se apoderado dos Vedas eternos, mergulharam rapidamente no oceano de águas que eles viram e procederam para seu fundo. Vendo os Vedas tirados de si à força, Brahma encheu-se de angústia. Roubado dos Vedas dessa maneira, Brahma então se dirigiu ao Senhor Supremo nestas palavras.”

"Brahma disse, 'Os Vedas são meus grandes olhos. Os Vedas são minha grande força. Os Vedas são meu grande refúgio. Os Vedas são meu Brahman sublime. Todos os Vedas, no entanto, foram roubados de mim à força pelos dois Danavas. Privados dos Vedas, os mundos que eu criei foram envolvidos em escuridão. Sem os Vedas (junto de mim), como eu conseguirei fazer minha Criação excelente começar a existir? Ai, grande é a angústia que eu sofro em consequência da perda dos Vedas (por tal ação). Meu coração está muitíssimo atormentado. Ele se tornou a residência de uma grande tristeza. Quem me salvará desse oceano de dor no qual eu caí por causa da perda que eu sofri? Quem me trará os Vedas que eu perdi? Quem terá compaixão por mim?’ Enquanto Brahma estava proferindo estas palavras, ó melhor dos reis, surgiu de repente a resolução em sua mente, ó principal das pessoas inteligentes, de cantar os louvores de Hari nestas palavras. O poderoso Brahma então, com mãos unidas em reverência, e pegando os pés de seu progenitor, cantou este mais elevado dos hinos em honra de Narayana.'"

"Brahma disse, 'Eu te reverencio, ó coração de Brahman. Eu reverencio a ti que nasceste antes de mim. Tu és a origem do universo. Tu és a principal de todas as

residências. Tu, ó pujante, és o oceano de Yoga com todos os seus ramos. Tu és o Criador do que é Manifesto e do que é Imanifesto. Tu andas pelo caminho cuja ventura é de extensão inconcebível. Tu és o consumidor do universo. Tu és o Antaratma (Alma Interna) de todos criaturas. Tu és sem origem. Tu és o refúgio do universo. Tu és auto-nascido; pois tu não tens origem que não seja tu mesmo. Com relação a mim, eu surgi através da tua Graça. De ti eu derivei meu nascimento. Meu primeiro nascimento de ti, o qual é considerado sagrado por todas as pessoas regeneradas, foi devido a um decreto da tua Mente. Meu segundo nascimento de ti nos tempos passados foi dos teus olhos. Pela tua Graça, meu terceiro nascimento foi da tua palavra. Meu quarto nascimento, ó Senhor pujante, foi dos teus ouvidos. Meu quinto nascimento, excelente em todos os aspectos, foi do teu nariz. Ó Senhor, meu sexto nascimento foi, por ti, de um ovo. Este é meu sétimo nascimento. Ele ocorreu, ó Senhor, dentro deste Lótus, e é destinado a estimular o intelecto e desejos de todos os seres. Em cada Criação eu nasço de ti como teu filho, ó tu que és privado das três qualidades. De fato, ó tu de olhos de lótus, eu nasço como teu filho mais velho, composto de Sattwa, a principal das três qualidades. Tu és dotado daquela natureza que é Suprema. Tu nasces de ti mesmo. Eu fui criado por ti. Os Vedas são meus olhos. Por essa razão, eu transcendo o próprio Tempo. Os Vedas, que constituem meus olhos, foram roubados de mim. Eu, portanto, fiquei cego. Desperte desse sono-Yoga. Me devolva meus olhos. Eu sou caro para ti e tu és caro para mim.' Assim louvado por Brahma, o ilustre Purusha, com face virada para todos os lados, então se livrou do seu sono, resolvido a recuperar os Vedas (dos Daityas que os tinham roubado). Aplicando sua pujança-Yoga ele assumiu uma segunda forma. Seu corpo, ornado com um nariz excelente, tornou-se tão brilhante como a Lua. Ele assumiu uma cabeça equina de grande esplendor, a qual era a residência dos Vedas. O firmamento, com todos os seus corpos luminosos e constelações, tornou-se a coroa de sua cabeça. Suas madeixas eram muito longas e ondeantes, e tinham o brilho dos raios do Sol. As regiões superiores e inferiores se tornaram seus dois ouvidos. A Terra tornou-se sua testa. Os dois rios Ganga e Saraswati se tornaram seu dois quadris. Os dois oceanos viraram suas duas sobrancelhas. O Sol e a Lua se tornaram seus dois olhos. O crepúsculo tornou-se seu nariz. A sílaba Om se tornou sua memória e inteligência. A relâmpago tornou-se sua língua. Os Pitris bebedores de Soma se tornaram, é dito, seus dentes. As duas regiões de felicidade, isto é, Goloka e Brahmaloka, se tornaram seus lábios superior e inferior. A noite terrível que se segue à destruição universal, e que transcende os três atributos, tornou-se seu pescoço. Tendo assumido esta forma da cabeça equina e tendo diversas coisas como seus diversos membros, o Senhor do universo desapareceu imediatamente, e procedeu para as regiões inferiores. Tendo alcançado aquelas regiões, ele fixou-se em Yoga elevado. Adotando uma voz regulada pelas regras da ciência chamada Siksha, ele começou a proferir Mantras Védicos ruidosamente. Sua pronúncia era distinta e reverberava pelo ar, e era agradável em todos os aspectos. O som de sua voz encheu a região inferior de ponta a ponta. Dotada das propriedades de todos os elementos, ela era produtiva de grandes benefícios. Os dois Asuras, marcando um compromisso com os Vedas em relação à hora em que eles iriam voltar para pegá-los novamente, os jogaram na região inferior, e correram para o local de onde aqueles sons pareciam

vir. Enquanto isso, ó rei, o Senhor Supremo com a cabeça equina, também chamado Hari, que estava ele mesmo na região inferior, pegou todos os Vedas. Voltando para onde Brahma estava, ele deu os Vedas para ele. Tendo devolvido os Vedas para Brahma, o Senhor Supremo mais uma vez retornou para sua própria natureza. O Senhor Supremo também estabeleceu sua forma com a cabeça equina na região Nordeste do grande oceano. Tendo (dessa maneira) estabelecido ele que era a residência dos Vedas, ele mais uma vez se tornou a forma de cabeça equina que ele era. Os dois Danavas Madhu e Kaitabha, não encontrando a pessoa de quem aqueles sons procediam, voltaram rapidamente para aquele local. Eles olharam ao redor mas viram que o lugar no qual eles tinham jogado os Vedas estava vazio. Aqueles dois principais dos Seres poderosos, adotando grande velocidade de movimento, ergueram-se da região inferior. Voltando para onde estava o Lótus primevo que lhes deu nascimento, eles viram o Ser pujante, o Criador original, permanecendo na forma de Aniruddha de aparência formosa e dotado de um esplendor parecido com aquele da Lua. De destreza incomensurável, ele estava sob a influência do sono-Yoga, seu corpo esticado nas águas e ocupando um espaço tão vasto quanto o próprio. Possuidor de grande refulgência e dotado do atributo imaculado de Sattwa, o corpo do Senhor Supremo deitado sobre o excelente capelo de uma cobra parecia emitir chamas de fogo pela resplandecência ligada a ele. Contemplando o Senhor assim deitado, os dois principais dos Danavas deram uma alta gargalhada. Dotados dos atributos de Rajas e Tamas, eles disseram, 'Este é aquele Ser de cor branca. Ele está agora deitado adormecido. Sem dúvida, foi ele quem trouxe os Vedas da região inferior. De quem é ele? De quem é ele? Quem é ele? Por que ele está dormindo assim sobre o capelo de uma cobra?' Proferindo estas palavras, os dois Danavas acordaram Hari do seu sono-Yoga. O principal dos Seres, (isto é, Narayana), assim despertado, percebeu que os dois Danavas pretendiam ter um duelo com ele em batalha. Vendo os dois principais dos Asuras preparados para lutar com ele, ele também decidiu satisfazer aquele desejo deles. Então ocorreu um combate entre aqueles dois de um lado e Narayana do outro. Os Asuras Madhu e Kaitabha eram encarnações das qualidades de Rajas e Tamas. Narayana matou ambos para gratificar Brahma. Ele desde então veio a ser chamado pelo nome de Madhusudana (matador de Madhu). Tendo empreendido a destruição dos dois Asuras e devolvido os Vedas para Brahma, o Ser Supremo dissipou a angústia de Brahma. Ajudado então por Hari e auxiliado pelos Vedas, Brahma criou todos os mundos com suas criaturas móveis e imóveis. Depois disso, Hari, concedendo ao Avô inteligência da principal categoria relacionada à Criação, desapareceu para ir para o local de onde ele tinha vindo. Foi assim que Narayana, tendo assumido a forma equipada com a cabeça de cavalo, matou os dois Danavas Madhu e Kaitabha (e desapareceu da visão de Brahma). Mais uma vez, no entanto, ele assumiu a mesma forma para fazer a religião de Pravritti fluir no universo.'"

"Assim o abençoado Hari assumiu nos tempos passados aquela forma grandiosa tendo a cabeça equina. Esta, de todas as suas formas, dotada de pujança, é celebrada como a mais antiga. A pessoa que frequentemente escuta ou narra mentalmente esta história da adoção por Narayana da forma equipada com

a cabeça equina, nunca esquecerá seu saber Védico ou outro. Tendo adorado com as mais rígidas penitências a divindade ilustre com a cabeça de cavalo, o Rishi Panchala (também conhecido como Galava) adquiriu a ciência de Krama, (isto é, a ciência por cuja ajuda as palavras usadas nos Vedas são separadas umas das outras) por seguir pelo caminho indicado pela divindade (Rudra). Eu assim contei para ti, ó rei, a velha história de Hayasiras, consistente com os Vedas, sobre a qual tu me perguntaste. Quaisquer formas que a Divindade Suprema deseje assumir com a intenção de ordenar os vários assuntos do universo, ele assume aquelas formas imediatamente dentro dele mesmo por exercício dos seus próprios poderes inerentes. A Divindade Suprema, dotada de toda prosperidade, é o receptáculo dos Vedas. Ele é o receptáculo das Penitências também. O pujante Hari é Yoga. Ele é a encarnação da filosofia Sankhya. Ele é aquele Para Brahman do qual nós ouvimos. A Verdade tem seu refúgio em Narayana. Rita tem Narayana como sua alma. A religião de Nivritti, na qual não há retorno, tem Narayana como sua residência sublime. A outra religião que tem Pravritti como sua base tem igualmente Narayana como sua alma. O principal de todos os atributos que pertence ao elemento Terra é o Aroma. O Aroma tem Narayana como sua alma. Os atributos da Água, ó rei, são chamados de Sabores (de vários tipos). Estes Sabores têm Narayana como sua alma. O principal atributo da Luz é a forma. A Forma também tem Narayana como sua alma. O Toque, o qual é o atributo do Vento, é também citado como tendo Narayana como sua alma. O Som, o qual é um atributo do espaço, tem como os outros Narayana como sua alma. A Mente também, a qual é o atributo do imanifesto (Prakriti), tem Narayana como sua alma. O Tempo o qual é computado pelo movimento dos corpos celestes luminosos tem similarmente Narayana como sua alma. As divindades presidentes da Fama, da Beleza, e da Prosperidade, têm a mesma Divindade Suprema como sua alma. Ambas, a filosofia Sankhya e Yoga, têm Narayana como sua alma. O Ser Supremo é a causa de tudo isso, como Purusha. Ele é, também, a causa de tudo, como Pradhana (ou Prakriti). Ele é Swabhaba (a base sobre a qual todas as coisas se apóiam). Ele é o fazedor ou agente, e é a causa daquela variedade que é testemunhada no universo. Ele é os diversos tipos de energia que agem no universo. Dessas cinco maneiras ele é a influência invisível controladora de tudo da qual as pessoas falam. Aqueles empenhados em investigar os vários tópicos de investigação com a ajuda de razões que são de ampla aplicação, consideram Hari idêntico às cinco razões referidas acima e como o refúgio final de todas as coisas. De fato, o pujante Narayana, dotado do maior poder de Yoga, é o único tópico (de indagação). Os pensamentos dos habitantes de todos os mundos incluindo Brahma e os Rishis de grande alma, daqueles que são Sankhyas e Yogins, daqueles que são Yatis, e daqueles, geralmente, que são familiarizados com a Alma, são totalmente conhecidos por Kesava, mas nenhum desses pode saber quais são os pensamentos dele. Quaisquer atos que sejam realizados em honra dos deuses ou dos Pitris, quaisquer doações que sejam feitas, quaisquer penitências que sejam realizadas, têm Vishnu como seu refúgio, que está estabelecido sobre suas próprias ordenanças supremas. Ele é chamado de Vasudeva por ele ser a residência de todas as criaturas. Ele é imutável. Ele é Supremo. Ele é o principal dos Rishis. Ele é dotado da maior pujança. É dito que ele transcende os três

atributos. Como o Tempo (que corre suavemente sem algum sinal) assume indicações quando ele se manifesta na forma de estações sucessivas, assim mesmo é Ele, embora realmente privado de atributos (para manifestar a Si mesmo). Mesmo aqueles que são de grandes almas não conseguem compreender seus movimentos. Somente aqueles principais dos Rishis que têm conhecimento de suas Almas conseguem contemplar em seus corações aquele Purusha que transcende todos os atributos."

349

Janamejaya disse, "O ilustre Hari se torna benevolente para aqueles que são devotados a ele com todas as suas almas. Ele aceita também todo culto que é oferecido para Ele em conformidade com a ordenança. Daquelas pessoas que queimaram seu combustível (isto é, aquelas que se livraram do desejo), e que são desprovidas de mérito e demérito, que obtiveram Conhecimento como passado de preceptor para preceptor, tais pessoas sempre chegam àquele fim que é chamado de o quarto, isto é, a essência do Purushottama ou Vasudeva, através dos outros três. (Vasudeva é chamado de Quarto porque abaixo dele estão Sankarshana, Pradyumna, e Aniruddha.) Aquelas pessoas, no entanto, que são devotadas a Narayana com todas as suas almas imediatamente obtêm o fim mais sublime. (O que é dito nesses dois versos é a diferença entre os fins daqueles que confiam no Conhecimento, e aqueles que são devotados a Narayana com todas as suas almas. Os primeiros alcançam Vasudeva, é verdade, mas então eles têm que passar gradualmente pelos outros três um após outro, isto é, Aniruddha, Pradyumna, e Sankarshana. Os últimos, no entanto, alcançam Vasudeva imediatamente.) Sem dúvida, a religião da devoção parece ser superior (àquela do Conhecimento) e é muito querida para Narayana. Esses, sem passarem pelos três estágios sucessivos (de Aniruddha, Pradyumna, e Sankarshana), alcançam imediatamente o imutável Hari. O fim que é alcançado por Brahmanas, que, desempenhando as devidas observâncias, estudam os Vedas com os Upanishads segundo as regras declaradas para regular tal estudo, e por aqueles que adotam a religião de Yatis, é inferior, eu penso, àquele alcançado por pessoas devotadas a Hari com todas as suas almas. Quem promulgou primeiro esta religião da Devoção? Foi uma divindade ou um Rishi que a declarou? Quais são as práticas daqueles que são citados como devotados com todas as suas almas? Quando aquelas práticas começaram? Eu tenho dúvidas sobre esses tópicos. Remova aquelas dúvidas. Grande é minha curiosidade para te ouvir explicar estes vários pontos."

Vaisampayana disse, "Quando as diversas divisões dos exércitos Pandava e Kuru estavam alinhadas em formação de combate e quando Arjuna ficou desanimado, o próprio divino explicou a questão sobre qual é o fim e qual não é o fim alcançado por pessoas de diferentes qualidades. Eu antes disso já narrei para ti as palavras do santo. A religião pregada pelo santo naquela ocasião é de compreensão difícil. Homens de almas impuras não podem compreendê-la em absoluto. Tendo criado esta religião nos tempos antigos, na era Krita, em perfeita

consonância com os Samans, ela é mantida, ó rei, pelo Senhor Supremo, isto é, o próprio Narayana. Este mesmo tópico foi levantado pelo altamente abençoado Partha para Narada (pelas palavras do último) no meio dos Rishis e na presença de Krishna e Bhishma. Meu preceptor, o Krishna Nascido na Ilha, ouviu o que Narada disse. Recebendo-a do Rishi celeste, ó melhor dos reis, meu preceptor a comunicou para mim exatamente da mesma maneira na qual ele a tinha obtido do Rishi celeste. Eu agora a relatarei para ti, ó monarca, da mesma maneira como ela foi recebida de Narada. Escute, portanto, a mim. Naquele Kalpa quando Brahma, o Criador, ó rei, nasceu na mente de Narayana e saiu da boca do último, o próprio Narayana realizou, ó Bharata, seus ritos Daiva e Paitra de acordo com esta religião. Aqueles Rishis que vivem da espuma da água então a obtiveram de Narayana. Dos Rishis comedores de espuma, esta religião foi obtida por aqueles Rishis levam o nome de Vaikanasas. Dos Vaikanasas, Shoma a obteve. Depois, ela desapareceu do universo. Depois do segundo nascimento de Brahma, ou seja, quando ele surgiu dos olhos de Narayana, ó rei, o Avô (Brahma) então recebeu esta religião de Shoma. Tendo-a recebido dessa maneira, Brahma comunicou esta religião, a qual tem Narayana como sua alma, para Rudra. Na era Krita daquele Kalpa antigo, Rudra, devotado ao Yoga, ó monarca, a comunicou para todos aqueles Rishis que são conhecidos pelo nome de Valikhilyas. Pela ilusão de Narayana, ela mais uma vez desapareceu do universo. No terceiro nascimento de Brahma, o qual foi devido à fala de Narayana, esta religião surgiu mais uma vez, ó rei, do próprio Narayana. Então um Rishi de nome Suparna a obteve daquele principal dos Seres. O Rishi Suparna costumava recitar esta religião excelente, este principal dos cultos, três vezes durante o dia. Por isto ela veio a ser chamada pelo nome de Trisauparna no mundo. Esta religião foi apresentada no Rigveda. Os deveres que ela inculca são de observância extremamente difícil. Do Rishi Suparna, esta religião eterna foi obtida, ó principal dos homens, pelo Deus do vento, aquele sustentador das vidas de todas as criaturas no universo. O Deus do vento a comunicou para os Rishis que subsistiam do que restava das oferendas sacrificais depois de alimentarem convidados e outros. Daqueles Rishis esta religião excelente foi obtida pelo Grande Oceano. Ela mais uma vez desapareceu do universo e imergiu em Narayana. No nascimento seguinte de Brahman de grande alma, quando ele surgiu do ouvido de Narayana, escute, ó chefe de homens, o que aconteceu naquele Kalpa. O ilustre Narayana, também chamado Hari, quando decidiu sobre a Criação, pensou em um Ser que seria poderoso suficiente para criar o universo. Enquanto pensando nisto, surgiu de seus ouvidos um Ser competente para criar o universo. O Senhor de tudo o chamou pelo nome de Brahma. Dirigindo-se a Brahma, o Supremo Narayana disse para ele, 'Ó filho, crie todas as espécies de criaturas da tua boca e pés. Ó tu de votos excelentes, eu farei o que for benéfico para ti, pois eu te darei energia e força suficientes para te tornar competente para essa tarefa. Receba também de mim esta religião excelente conhecida pelo nome de Sattwata. Ajudado por esta religião crie a era Krita e ordene-a devidamente.' Assim endereçado, Brahma curvou sua cabeça para o ilustre Hari, o deus dos deuses, e recebeu dele aquele principal de todos os cultos com todos os seus mistérios e seu resumo de detalhes, junto com os Aranyakas, isto é, aquele culto que emergiu da boca de Narayana. Narayana então instruiu Brahma de energia incomensurável naquele culto, e dirigindo-se a

ele, disse, ‘Tu és o criador dos deveres que devem ser cumpridos nos respectivos Yugas.’ Tendo dito isso para Brahma, Narayana desapareceu e procedeu para aquele local que está além do alcance de Tamas, onde o Imanifesto reside, e que é conhecido pelos homens de ações sem desejo de resultados. Depois disso, o concessor de bênçãos Brahma, o Avô dos mundos, criou os diferentes mundos com suas criaturas móveis e imóveis. A era que começou primeiro era altamente auspiciosa e veio a ser chamada pelo nome de Krita. Naquela era, a religião de Sattwa existia, permeando o universo inteiro. (Isto é, todas as criaturas eram justas e compassivas. De mau, não havia nada naquela era.) Com a ajuda daquela religião primeva da virtude, Brahma, o Criador de todos os mundos, adorou o Senhor de todas as divindades, o pujante Narayana, também chamado Hari. Então para a difusão daquela religião e desejoso de beneficiar os mundos, Brahman instruiu aquele Manu que é conhecido pelo nome de Swarochish naquele culto. Swarochish-Manu, aquele Senhor de todos os mundos, aquela principal de todas as pessoas dotadas de força, então alegremente deu o conhecimento daquele culto para seu próprio filho, ó rei, que era conhecido pelo nome de Sankhapada. O filho de Manu, Sankhapada, comunicou aquele conhecimento para seu próprio filho Suvarnabha que era o Regente dos pontos principais e secundários do horizonte. Quando, após o término do Krita Yuga, chegou o Treta, aquele culto mais uma vez desapareceu do mundo. Em um nascimento subsequente de Brahman, ó melhor dos reis, isto é, aquele que foi derivado do nariz de Narayana, ó Bharata, o ilustre e pujante Narayana ou Hari com olhos como pétalas de lótus cantou ele mesmo esta religião na presença de Brahma. Então o filho de Brahma, criado por um decreto de sua vontade, Sanatkumara, estudou este culto. De Sanatkumara, o Prajapati Virana, no início da era Krita, ó tigre entre os Kurus, obteve este culto. Virana, tendo-o estudado dessa maneira, o ensinou para o asceta Raivya. Raivya, por sua vez, a comunicou para seu filho de alma pura, bons votos, e grande inteligência, isto é, Kukshi, aquele Regente justo dos pontos cardeais e secundários do horizonte. Depois disso, aquele culto, nascido da boca de Narayana, mais uma vez desapareceu do mundo. No próximo nascimento de Brahma, aquele do qual ele foi originado de um ovo que emergiu de Hari, este culto mais uma vez emanou da boca de Narayana. Ele foi recebido por Brahma, ó rei, e praticado devidamente em todos os seus detalhes por ele. Brahma então o comunicou, ó monarca, para aqueles Rishis que são conhecidos pelo nome de Varhishada. Dos Varhishadas ele foi obtido por um Brahmana bem versado no Sama-Veda, e conhecido pelo nome de Jeshthya. E porque ele era bem versado nos Samans, portanto ele foi também conhecido pelo nome de Jeshthya-Samavrata Hari. (Um dos principais dos Samans é chamado pelo nome de Jeshthya. Alguém conhecedor do Jeshthya Saman teria esse nome.) Do Brahmana conhecido pelo nome de Jeshthya, este culto foi obtido por um rei de nome Avikampana. Depois disso, aquele culto, derivado do poderoso Hari, desapareceu mais uma vez do mundo. Durante o sétimo nascimento de Brahma devido ao lótus, que surgiu do umbigo de Narayana, ó rei, aquele culto foi uma vez mais declarado pelo próprio Narayana, para o Avô de alma pura, o Criador de todos os mundos, no início deste Kalpa. O Avô o deu nos tempos passados para Daksha (um de seus filhos criados por um decreto de sua vontade). Daksha, por sua vez, o comunicou para o mais velho de todos os filhos

de suas filhas, ó monarca, ou seja, Aditya, que é mais velho do que Savitri em idade. De Aditya, Vivaswat o obteve. No início do Treta Yuga, Vivaswat comunicou o conhecimento deste culto para Manu. Manu, para a proteção e sustento de todos os mundos, então a deu para seu filho Ikshaku. (Ikshaku foi o progenitor da raça solar de reis.) Promulgado por Ikshaku, aquele culto se difundiu por todo o mundo. Quando chegar a destruição universal, ele mais uma vez voltará para Narayana e será absorvido nele. A religião que é seguida e praticada pelos Yatis, ó melhor dos reis, foi narrada para ti antes disso no Hari Gita, com todas as suas ordenanças em resumo. O Rishi celeste Narada a obteve daquele Senhor do universo, o próprio Narayana, ó rei, com todos os seus mistérios e resumo de detalhes. Assim, ó monarca, este principal dos cultos é primevo e eterno. Incapaz de ser compreendido com facilidade e extremamente difícil de ser praticado, ele é sempre mantido por pessoas unidas ao atributo de Sattwa. É por meio de atos que são bem realizados e efetuados com um total conhecimento dos deveres e nos quais não há nada que prejudique alguma criatura, que Hari, o Senhor Supremo, vem a ser satisfeito. Algumas pessoas adoram Narayana como possuidor de uma só forma, isto é, aquela de Aniruddha. Algumas o adoram como dotado de duas formas, a de Aniruddha e Pradyumna. Algumas o adoram como tendo três formas, isto é, Aniruddha, Pradyumna, e Sankarshana. Uma quarta classe o adora como consistindo em quatro formas, Aniruddha, Pradyumna, Sankarshana, e Vasudeva. Hari é Ele mesmo o Kshetrajna (Alma). Ele é sem partes (sendo sempre inteiro). Ele é o Jiva em todas as criaturas, transcendendo os cincos elementos primordiais. Ele é a Mente, ó monarca, que dirige e controla os cinco sentidos. Dotado da maior inteligência, Ele é o Ordenador do universo, e o Criador dele. Ele é ativo e inativo. Ele é a Causa e o Efeito. Ele é o único Purusha imutável, que se diverte como Ele quer, ó rei. Assim eu recitei para ti a religião dos Devotos sem desejos, ó melhor dos reis, incapaz de ser compreendida por pessoas de almas impuras, que eu adquiri pela graça do meu preceptor. São muito raras, ó rei, as pessoas que são devotadas a Narayana com todas as almas. Se, ó filho da linhagem de Kuru, o mundo estivesse cheio de tais pessoas, que são cheias de compaixão universal, e dotadas do conhecimento da alma, e estão sempre empenhadas em fazer bem para outros, então a era Krita teria começado. Todos os homens se dirigiriam à realização de ações sem desejo de resultado. Foi exatamente desta maneira, ó monarca, que aquela principal das pessoas regeneradas (o ilustre Vyasa), meu preceptor, totalmente conhecedor de todos os deveres, falou para o rei Yudhishthira, o justo, sobre esta religião da Devoção, na presença de muitos Rishis e na audição de Krishna e Bhishma. Ele a obteve do Rishi celeste Narada dotado de riqueza de penitências. Aquelas pessoas que são devotadas a Narayana com todas as suas almas e não têm desejo conseguem chegar à região da maior das divindades, idêntica a Brahma, pura em cor, possuidora da refulgência da lua e dotada de imutabilidade.'"

Janamejaya disse, "Eu vejo que aquelas pessoas regeneradas cujas almas despertaram praticam diversos tipos de deveres. Por que é que outros Brahmanas em vez de praticarem aqueles deveres se dirigem à observância de outros tipos de votos e ritos?"

Vaisampayana disse, "Três tipos de tendência, ó monarca, foram criadas em relação a todas as criaturas incorporadas, isto é, aquela que se relaciona com o atributo de Sattwa, aquela que se relaciona com o atributo de Rajas, e por fim aquela que se relaciona com o atributo de Tamas, ó Bharata. Em relação às criaturas incorporadas, ó perpetuador da linhagem de Kuru, é a principal aquela pessoa que é unida ao atributo de Sattwa, pois, ó tigre entre homens, é certo que ela chegará à Emancipação. É com a ajuda deste mesmo atributo de Sattwa que alguém dotado dele consegue compreender a pessoa que conhece Brahma. Com relação à Emancipação, ela depende totalmente de Narayana. Por isso é que as pessoas que se esforçam pela Emancipação são consideradas como compostas da qualidade de Sattwa. Por pensar em Purushottama, o principal dos Seres, o homem que é devotado com toda sua alma a Narayana, adquire grande sabedoria. Aqueles pessoas que são dotadas de sabedoria, que têm se dirigido para as práticas de Yatis e à religião da Emancipação, aquelas pessoas de sede extinta, sempre descobrem que Hari as favorece com a realização de seu desejo. (Esse desejo, naturalmente, se relaciona com a aquisição de Emancipação.) O homem sujeito a nascimento (e morte) sobre quem Hari lança um olhar bondoso deve ser conhecido como dotado da qualidade de Sattwa e dedicado ao alcance da Emancipação. A religião seguida por uma pessoa que é devotada com toda sua alma a Narayana é considerada como semelhante ou igual em mérito ao sistema dos Sankhyas. Por adotar aquela religião alguém alcança o fim mais sublime e chega à Emancipação que tem Narayana como sua alma. Aquela pessoa para quem Narayana olha com compaixão consegue se tornar desperta. (Buddha ou Pratibuddha literalmente significa _desperto_. O sentido é que tal pessoa conseguiu rejeitar todas as impurezas e desejos. Ela, por assim dizer, despertou do sono da ignorância e escuridão.) Ninguém, ó rei, pode se tornar desperto por meio de seus próprios desejos. Aquela natureza que partilha de Rajas e Tamas é citada como sendo misturada. Hari nunca lança um olhar benigno sobre a pessoa sujeita a nascimento (e morte) que é dotada de tal natureza misturada e tem, por causa disso, o princípio de Pravritti em si. Somente Brahma, o Avô dos mundos, olha para a pessoa que está sujeita a nascimento e morte por sua mente estar dominada pelos dois atributos inferiores de Rajas e Tamas. (Aqueles que seguem a religião de Pravritti obtêm céu, etc., através de seus méritos. Méritos, no entanto, são esgotáveis. Eles têm, portanto, que cair do céu. O Criador Brahma lança seu olhar sobre aqueles que seguem Pravritti. A religião de Nivritti leva à Emancipação. É Narayana que olha para os homens que se dirigem a Nivritti.) Sem dúvida, as divindades e os Rishis são unidos aos atributos de Sattwa, ó melhor dos reis. Mas então aqueles que são desprovidos daquele atributo em sua forma sutil são sempre considerados como sendo de natureza mutável." (O que é dito aqui é que as divindades e Rishis são seguramente dotados de Sattwa. Mas então aquele Sattwa é de uma grande forma. Por isso, eles não podem chegar à Emancipação. É somente aquele Sattwa que é de forma sutil que leva à Emancipação. As divindades, sem serem capazes de alcançar a Emancipação permanecem em um estado que é mutável ou repleto de mudança.)

Janamejaya disse, "Como pode alguém que é repleto do princípio de mudança conseguir chegar àquele Purushottama (o principal Purusha)? Diga-me tudo isso, que é, sem dúvida, conhecido por ti. Fale-me também de Pravritti na devida ordem."

Vaisampayana disse, "Aquilo que é o vigésimo quinto (na enumeração dos tópicos feita no sistema Sankhya) ou seja, quando ele é capaz de se abster totalmente das ações, consegue alcançar o Purushottama que é extremamente sutil, que é investido com o atributo de Sattwa (em sua forma sutil), e que é repleto das essências simbolizadas por três letras do alfabeto (isto é, A, U, e M). O sistema Sankhya, o Aranyaka-Veda, e as escrituras Pancharatra, são todos o mesmo e formam partes de um total. Esta mesma é a religião daqueles que são devotados com todas as suas almas a Narayana, a religião que tem Narayana como sua essência. (Ou seja, as práticas que constituem a religião dos Ekantins não são realmente diferentes daquelas declaradas nas escrituras referidas acima.) Como ondas do oceano, erguendo-se do oceano, se movem para longe dele somente para voltar para ele no fim, assim mesmo diversos tipos de conhecimento, emergindo de Narayana, voltam para Narayana no fim. Eu assim expliquei para ti, ó filho da linhagem de Kuru, qual é a religião de Sattwa. Se tu fores qualificado para isto, ó Bharata, pratique esta religião devidamente. Assim o altamente abençoado Narada explicou para meu preceptor, o Krishna Nascido na Ilha, o eterno e imutável processo, chamado Ekanta, (terminando em Um), seguido pelos Brancos (chefes de família ou os habitantes da Ilha Branca), como também pelos Yatis de mantos amarelos. Vyasa, satisfeito com o filho de Dharma Yudhishthira, comunicou esta religião para o rei Yudhishthira, o justo, que era possuidor de grande inteligência. Recebida do meu preceptor eu também a comuniquei para ti! Ó melhor dos reis, esta religião é, por essas razões, de prática extremamente difícil. Outros, ouvindo-a, ficam tão confusos quanto tu te permitiste ficar. É Krishna que é o protetor do universo e seu enganador. É Ele que é o destruidor e a causa, ó monarca."

350

Janamejaya disse, "O sistema Sankhya, as escrituras Pancharatra, e os Aranyaka-Vedas, esses diferentes sistemas de conhecimento ou religião, ó Rishi regenerado, são prevalecentes no mundo. Todos esses sistemas pregam o mesmo método de deveres, ou os métodos de deveres pregados por eles, ó asceta, são diferentes uns dos outros? Questionado por mim, me fale sobre Pravritti na devida ordem!"

Vaisampayana disse, "Eu reverencio aquele grande Rishi que é o dissipador da escuridão, e a quem Satyavati deu à luz por Parasara no meio de uma ilha, que é possuidor de grande conhecimento e que é dotado de grande generosidade de alma. Os eruditos dizem que ele é a origem do Avô Brahma; que ele é a sexta forma de Narayana; que ele é o mais importante dos Rishis; que ele é dotado de pujança-Yoga; que como o único filho de seus pais ele é uma porção encarnada

de Narayana; e que, nascido sob circunstâncias extraordinárias em uma Ilha, ele é o receptáculo inesgotável dos Vedas. Na era Krita, Narayana de pujança grandiosa e energia imensa o criou como seu filho. Na verdade, Vyasa de grande alma é não nascido e antigo e é o receptáculo inesgotável dos Vedas!"

Janamejaya disse, "Ó melhor das pessoas regeneradas, foste tu que disseste antes que o Rishi Vasishtha teve um filho de nome Saktri e que Saktri teve um filho de nome Parasara, e que Parasara gerou um filho chamado Krishna Nascido na Ilha dotado de grande mérito ascético. Tu me disseste também que Vyasa é o filho de Narayana. Eu pergunto, foi em algum nascimento antigo que Vyasa de energia incomensurável nasceu de Narayana? Ó tu de inteligência sublime, fale-me daquele nascimento de Vyasa que foi devido a Narayana!"

Vaisampayana disse, "Desejoso de compreender o significado dos Srutis, meu preceptor, aquele oceano de penitências, que é extremamente dedicado à observância de todos os deveres escriturais e à aquisição de conhecimento, morou por algum tempo em uma região específica das montanhas Himavat. Dotado de grande inteligência, ele ficou fatigado com suas penitências por causa da grande tensão em suas energias ocasionada pela composição do Mahabharata. Naquele tempo, Sumanta e Jaimini e Paila de votos firmes e eu mesmo numerando o quarto, e Suka, seu próprio filho, o atendíamos. Todos nós, ó rei, em vista da fadiga que nosso preceptor sentia, o servíamos respeitosamente, empenhados em fazer tudo o que era necessário para dissipar aquela fadiga dele. Cercado por aqueles seus discípulos, Vyasa brilhava em beleza no leito das montanhas Himavat como o Senhor de todos os seres fantasmais, Mahadeva, no meio daqueles seus servidores fantasmais. Tendo resumido os Vedas com todos os seus ramos como também os significados de todos os Versos no Mahabharata, um dia, com atenção absorta, todos nós nos aproximamos do nosso preceptor que, tendo controlado seus sentidos, estava na hora absorto em pensamento. Nos aproveitando de um intervalo na conversação, nós pedimos àquela principal das pessoas regeneradas para explicar para nós os significados dos Vedas e dos Versos do Mahabharata e para narrar para nós os incidentes também do seu próprio nascimento a partir de Narayana. Conhecedor como ele era de todos os tópicos de indagação, ele a princípio discursou para nós sobre as interpretações dos Srutis e do Mahabharata, e então se pôs a narrar para nós os seguintes incidentes relativos ao seu nascimento de Narayana."

"Vyasa disse, 'Escutem, ó discípulos, a esta principal das narrativas, a esta melhor das histórias que diz respeito além disso ao nascimento de um Rishi. Pertencente à era Krita, esta narrativa foi conhecida por mim através das minhas penitências, ó regenerados. Na ocasião da sétima criação, ou seja, aquela que foi devido ao Lótus primevo, Narayana, dotado das mais penitências mais severas, transcendendo bem e mal, e possuidor de esplendor inigualável, a princípio criou Brahma, a partir de seu umbigo. Depois que Brahma tinha nascido, Narayana dirigiu-se a ele, dizendo; 'Tu nasceste do meu umbigo. Dotado de pujança em relação à criação, ponha-te a criar diversas espécies de criaturas, racionais e irracionais.' Assim endereçado por seu criador, Brahma com sua mente penetrada pela ansiedade, sentiu a dificuldade de sua tarefa e ficou relutante em fazer o que

ele tinha começado a fazer. Curvando sua cabeça ao ilustre Hari dador de bênçãos, o Senhor do universo, Brahma, disse estas palavras a ele, 'Eu te reverencio, ó Senhor das divindades, mas eu pergunto: qual pujança eu tenho para criar diversas criaturas? Eu não tenho sabedoria. Ordene o que deve ser ordenado em vista disso.' Assim endereçado por Brahma, o Senhor do universo, Narayana, desapareceu imediatamente da vista de Brahma. O Senhor Supremo, o deus dos deuses, o principal daqueles dotados de inteligência, então começou a pensar. A Deusa da Inteligência em seguida fez seu aparecimento diante do pujante Narayana. Ele mesmo transcendendo todo Yoga, Narayana então, por força de Yoga, aplicou a Deusa da Inteligência apropriadamente. O ilustre e poderoso e imutável Hari, dirigindo-se à Deusa da Inteligência que era dotada de presteza e bondade e toda a pujança de Yoga, disse a ela estas palavras: 'Para a realização da tarefa de criar todos os mundos entre em Brahma.' Ordenada assim pelo Senhor Supremo, a Inteligência em seguida entrou em Brahma. Quando Hari viu que Brahma tinha se unido com a Inteligência, Ele mais uma vez se dirigiu a ele, dizendo, 'Crie agora diversas espécies de criaturas.' Respondendo a Narayana por proferir a palavra 'Sim', Brahma aceitou reverentemente a ordem do seu progenitor. Narayana então desapareceu da presença de Brahma e em um momento foi para seu próprio lugar, conhecido pelo nome de Deva (Luz ou Refulgência). Voltando para Sua própria disposição (de Não Manifestação), Hari permaneceu naquele estado de unidade. Depois da tarefa de criação, no entanto, ter sido realizada por Brahma, outro pensamento surgiu na mente de Narayana. De fato, ele refletiu dessa maneira: 'Brahma, também chamado Parameshthi, criou todas essas criaturas, consistindo em Daityas e Danavas e Gandharvas e Rakshasas. A Terra desamparada ficou sobrecarregada com o peso das criaturas. Muitos entre os Daityas e Danavas e Rakshasas na Terra se tornarão dotados de grande força. Possuidores de penitências, eles diversas vezes conseguirão obter muitos benefícios excelentes. Enchendo-se de orgulho e poder por causa daqueles benefícios que eles conseguirão obter, eles oprimirão e afligirão as divindades e os Rishis possuidores de poder ascético. É, portanto, apropriado que eu deva de vez em quando aliviar a carga da Terra, por assumir diversas formas uma após outra como a ocasião requerer. Eu realizarei essa tarefa por castigar os maus e defender os justos. (Assim cuidada por mim), a Terra, a qual é a encarnação da Verdade, conseguirá suportar sua carga de criaturas. Assumindo a forma de uma cobra imensa eu mesmo tenho que manter a Terra no espaço vazio. Sustentada por mim dessa maneira, ela sustentará a criação inteira, móvel e imóvel. Encarnado na Terra, portanto, em diferentes formas, eu terei que resgatá-la em tais tempos de perigo.' Tendo refletido dessa maneira, o ilustre matador de Madhu criou diversas formas em sua mente nas quais aparecer de tempos em tempos para realizar a tarefa em vista. 'Assumindo a forma de um Javali, de Homem-Leão, de um Anão, e de seres humanos, eu dominarei ou matarei tais inimigos das divindades que se tornarem perversos e incontroláveis.' Depois disso, o Criador original do universo mais uma vez proferiu a sílaba, Bho, fazendo a atmosfera ressoar com ela. Desta sílaba de palavra (Saraswati) surgiu um Rishi de nome Saraswat. O filho, assim nascido da Palavra de Narayana, veio também a ser chamado pelo nome de Apantara-tamas, (que significa alguém cuja ignorância ou escuridão foi dissipada). Dotado de grande pujança, ele conhecia

completamente o passado, o presente, e o futuro. Firme na observância de votos, ele era verdadeiro em palavras. Àquele Rishi que, depois do nascimento, tinha curvado sua cabeça para Narayana, o último, que era o Criador original de todas as divindades e possuidor de uma natureza que era imutável, disse estas palavras: 'Tu deves dedicar tua atenção à distribuição dos Vedas, ó principal de todas as pessoas dotadas de inteligência. Portanto, ó asceta, faça o que eu te ordeno.' Em obediência a esta ordem do Senhor Supremo de cuja Palavra o Rishi Apantaratamas surgiu, o último, no Kalpa que recebeu o nome do Manu Nascido por Si mesmo, distribuiu e arranjou os Vedas. Por aquela ação do Rishi, o ilustre Hari ficou satisfeito com ele, como também por suas penitências bem realizadas, seus votos e observâncias, e seu controle dos sentidos ou paixões. Dirigindo-se a ele, Narayana disse, 'Em cada Manwantara, ó filho, tu agirás dessa maneira em relação aos Vedas. Tu, por causa dessa tua ação, serás imutável, ó regenerado, e incapaz de ser superado por alguém. Quando a era Kali começar, certos príncipes da linhagem de Bharata, a serem chamados pelo nome de Kauravas, irão nascer de ti. Eles serão famosos sobre a Terra como príncipes de grandes almas governando reinos poderosos. Nascidos de ti, dissensões irão irromper entre eles terminando em sua destruição pelas mãos uns dos outros com exceção de você mesmo. Ó principal das pessoas regeneradas, naquela era também, dotado de penitências austeras, tu distribuirás os Vedas para diversas classes. De fato, naquela idade escura, tua cor se tornará escura. Tu farás fluir diversos tipos de deveres e diversos tipos de conhecimento também. Embora dotado de penitências austeras, contudo tu nunca poderás te livrar do desejo e apego ao mundo. Teu filho, no entanto, será livre de todo apego como a Alma Suprema, pela graça de Madhava. Isto não será de outra maneira. Ele a quem Brahmanas eruditos chamam de filho nascido da mente do Avô, isto é, Vasishtha, dotado de grande inteligência e como um oceano de penitências, e cujo esplendor transcende aquele do próprio Sol, será o progenitor de uma linhagem na qual um grande Rishi de nome Parasara, possuidor de energia e destreza imensas, terá seu nascimento. Aquela principal das pessoas, aquele oceano de Vedas, aquela residência de penitências, se tornará teu pai (quando tu nasceres na era Kali). Tu nascerás como o filho de uma donzela residindo na casa do pai dela, por meio de um ato sexual com o grande Rishi Parasara. Tu não terás nenhuma dúvida com relação à significação de coisas passadas, presentes, e futuras. Dotado de penitências e instruído por mim, tu verás os incidentes de milhares e milhares de eras passadas há muito tempo. Tu verás através de milhares e milhares de eras no futuro também. Tu, naquele nascimento, me verás, ó asceta, eu que sou sem nascimento e morte, encarnado na Terra (como Krishna da linhagem de Yadu), armado com o disco. Tudo isso acontecerá para ti, ó asceta, pelo mérito que será teu por tua devoção incessante a mim. Estas minhas palavras nunca serão diferentes. Tu serás uma das principais criaturas. Grandiosa será tua fama. O filho de Surya, Sani (Saturno) irá, em um futuro Kalpa, nascer como o grande Manu daquele período. Durante aquele Manwantara, ó filho, tu serás, em relação a méritos, superior até aos Manus dos vários períodos. Sem dúvida, tu serás assim pela minha graça. O que quer que exista no mundo representa o resultado do meu esforço. Os pensamentos de outros podem não corresponder às suas ações. Com relação a mim, no entanto, eu sempre ordeno o que eu penso, sem o mínimo

impedimento!’ Tendo dito estas palavras para o Rishi Apantaratamas, também chamado pelo nome de Saraswat, o Senhor Supremo o despediu, dizendo a ele, ‘Vá’. Eu sou aquele que nasceu como Apantaratamas pela ordem de Hari. Mais uma vez eu nasci como o célebre Krishna-Dwaipayana, um alegrador da linhagem de Vasishtha. (O filho ou o neto é chamado de 'alegrador' por ele ser uma fonte de alegria para o pai ou o avô com os outros membros da família.) Eu assim disse a vocês, meus caros discípulos, as circunstâncias do meu próprio nascimento anterior que foi devido à graça de Narayana, de tal maneira que eu era mesmo uma parte do próprio Narayana. Ó principais das pessoas inteligentes, eu passei, antigamente, pelas mais severas das penitências, com a ajuda da maior abstração da mente. Ó filhos, movido por minha grande afeição por vocês que são devotados a mim com reverência, eu lhes disse tudo relativo ao que vocês desejavam saber de mim, ou seja, meu primeiro nascimento em dias de antiguidade remota e aquele outro nascimento posterior àquele (isto é, o atual)!”

Vaisampayana continuou, "Eu assim narrei para ti, ó monarca, as circunstâncias ligadas ao nascimento anterior do nosso venerável preceptor, Vyasa de mente pura, como pedido por ti. Ouça-me mais uma vez. Existem diversos tipos de cultos, ó sábio nobre, que levam nomes diversos tais como Sankhya, Yoga, o Pancha-ratra, Vedas, e Pasupati. É dito que o promulgador do culto Sankhya é o grande Rishi Kapila. O primevo Hiranyagarbha, e ninguém mais, é o promulgador do sistema Yoga. O Rishi Apantaratamas é citado como o preceptor dos Vedas, alguns chamam aquele Rishi pelo nome de Prachina-garbha. O culto conhecido pelo nome de Pasupata foi promulgado pelo Marido de Uma, aquele mestre de todas as criaturas, ou seja, o alegre Siva, também conhecido pelo nome de Sreekantha, o filho de Brahma. O ilustre Narayana é ele mesmo o promulgador do culto, em sua totalidade, contido nas escrituras Pancharatra. Em todos esses cultos, ó principal dos reis, é visto que o pujante Narayana é o único objeto de explicação. Segundo as escrituras desses cultos e a medida de conhecimento que eles contêm, Narayana é o único objeto de culto que eles inculcam. Aquelas pessoas cujas visões, ó rei, foram cegadas pela escuridão, falham em compreender que Narayana é a Alma Suprema que permeia o universo inteiro. Aquelas pessoas de sabedoria que são os autores das escrituras dizem que Narayana, que é um Rishi, é o único objeto de culto reverente no universo. Eu digo que não há outro ser como Ele. A Divindade Suprema, chamada pelo nome de Hari, reside nos corações daqueles que conseguiram (com a ajuda das escrituras e de inferência) dissipar todas as dúvidas. Madhava nunca reside nos corações daqueles que estão sob o domínio de dúvidas e que questionariam tudo com a ajuda de falsa dialética. Aqueles que conhecem as escrituras Pancharatra, que são devidamente cumpridores dos deveres prescritos nelas, e que são devotados a Narayana com todas as suas almas, conseguem entrar em Narayana. Os sistemas Sankhya e Yoga são eternos. Todos os Vedas, também, ó monarca, são eternos. Os Rishis, em todos esses sistemas de culto, têm declarado que este universo existindo desde os tempos antigos é o próprio Narayana. Tu deves saber que quaisquer atos, bons ou maus, que são declarados nos Vedas e ocorrem no céu e na Terra, entre o céu e as águas, são todos causados por e fluem daquele antigo Rishi Narayana.”

351

Janamejaya disse, "Ó regenerado, existem muitos Purushas ou há somente um? Quem, no universo, é o principal dos Purushas? O que, também, é citado como a fonte de todas as coisas?"

Vaisampayana disse, 'Nas especulações dos sistemas Sankhya e Yoga muitos Purushas são mencionados, ó jóia da linhagem de Kuru. Aqueles que seguem esses sistemas não aceitam que há somente um Purusha no universo. Da mesma maneira na qual os muitos Purushas são citados como tendo origem no Purusha Supremo, pode ser dito que todo este universo é idêntico àquele único Purusha de atributos superiores. Eu explicarei isto agora, depois de reverenciar meu preceptor Vyasa, aquele principal dos Rishis, que é conhecedor da alma, dotado de penitências, autodominado, e digno de culto reverente. Essa especulação sobre Purusha, ó rei, ocorre em todos os Vedas. Isto é bem conhecido como igual a Rita e Verdade. O principal dos Rishis, Vyasa, pensou sobre isso. Tendo se ocupado com reflexão sobre o que é chamado de Adhyatma, diversos Rishis, ó rei, tendo Kapila como seu principal, têm declarado suas opiniões sobre o tema, de modo geral e detalhadamente. Pela graça de Vyasa de energia incomensurável, eu irei expor para ti o que Vyasa disse em resumo sobre esta questão da Unidade de Purusha. Em relação a isto é citada a velha narrativa da conversa entre Brahma, ó rei, e Mahadeva de três olhos. No meio do Oceano de leite há uma montanha muita alta de grande refulgência como aquela do ouro, conhecida, ó monarca, pelo nome de Vaijayanta. Indo para lá completamente só, a partir da sua própria residência de grande esplendor e felicidade, a divindade ilustre Brahma costumava passar seu tempo muito frequentemente, empenhado em pensar no curso de Adhyatma. Enquanto Brahma de quatro faces de grande inteligência estava sentado lá, seu filho Mahadeva, que tinha surgido de sua testa o encontrou um dia no decorrer de suas viagens pelo universo. Nos tempos antigos, Siva de três olhos dotado de pujança e Yoga superior, enquanto procedendo pelo céu, viu Brahma sentado naquela montanha e, portanto, desceu rapidamente em seu topo. Com um coração alegre ele se apresentou perante seu progenitor e adorou seus pés. Vendo Mahadeva prostrado aos seus pés, Brahma o levantou com sua mão esquerda. Tendo assim erguido Mahadeva, Brahma, aquele pujante e único Senhor de todas as criaturas, então se dirigiu ao seu filho, a quem ele encontrou depois de muito tempo, nestas palavras."

"O Avô disse, 'Tu és bem vindo, ó tu de braços poderosos. Por boa sorte eu te vejo vir à minha presença depois de um longo tempo. Eu espero, ó filho, que esteja tudo certo com tuas penitências e teus estudos e recitações Védicas. Tu és sempre observador das mais austeras penitências. Então eu te pergunto sobre o progresso e bem-estar daquelas tuas penitências!'"

"Rudra disse, 'Ó ilustre, pela tua graça, tudo está bem com minhas penitências e estudos Védicos. Está tudo bem, também, com o universo. Eu vi tua pessoa

ilustre há muito tempo atrás em teu próprio lar de felicidade e refulgência. Eu estou vindo daquele lugar para esta montanha que é agora a residência dos teus pés (isto é, tua residência). Grande é a curiosidade provocada em minha mente por essa tua retirada para tal local solitário da tua região habitual de felicidade e esplendor. Deve haver uma grande razão, ó avô, para tal ato da tua parte. Tua própria residência principal é livre dos tormentos de fome e sede, e habitada pelas divindades e Asuras, por Rishis de esplendor incomensurável, como também por Gandharvas e Apsaras. Abandonando tal local de felicidade, tu resides sozinho nesta principal das montanhas. A causa disso deve ser importante."

"Brahma disse, 'Esta principal das montanhas, chamada Vaijayanta, é sempre minha residência. Aqui, com mente concentrada, eu medito no único Purusha universal de proporções infinitas.'"

"Rudra disse, 'Tu és auto-nascido. Muitos são os Purushas que foram criados por ti. Outros, também, ó Brahma, estão sendo criados por ti. O Purusha Infinito, no entanto, de quem tu falas, é um e único. Quem é aquele principal dos Purushas, ó Brahma, que está sendo meditado por ti? É grande a curiosidade que eu sinto sobre este assunto. Dissipe amavelmente a dúvida que tomou posse da minha mente."

"Brahma disse, 'Ó filho, muitos são aqueles Purushas dos quais tu falas. O único Purusha, no entanto, em quem eu estou pensando, transcende todos os Purushas e é invisível. Os muitos Purushas que existem no universo têm aquele Purusha como sua base; e já que um Purusha é citado como sendo a fonte de onde todos os inúmeros Purushas têm surgido, por isso todos os últimos, se eles conseguirem se despojar de atributos, se tornam competentes para entrar naquele único Purusha que é identificado com o universo, que é supremo, que é o principal dos principais, que é eterno, e que é ele mesmo desprovido de e que está acima de todos os atributos."

352

'Brahma disse, 'Escute, ó filho, como aquele Purusha é indicado. Ele é eterno e imutável. Ele é imperecível e incomensurável. Ele permeia todas as coisas. Ó melhor de todas as criaturas, aquele Purusha não pode ser visto por ti, ou por mim, ou por outros. Aqueles que são dotados da compreensão e dos sentidos mas desprovidos de autocontrole e tranquilidade de alma não podem obter uma visão dele. O Purusha Supremo é citado como alguém que pode ser visto somente com a ajuda do conhecimento. Embora privado de corpo, Ele mora em todos os corpos. Embora morando, também, em corpos, Ele nunca é tocado pelas ações realizadas por aqueles corpos. Ele é meu Antaratma (alma interna). Ele é tua alma interna. Ele é a Testemunha que tudo vê habitando dentro de todas as criaturas incorporadas e empenhado em observar suas ações. Ninguém pode pegá-lo ou compreendê-lo em qualquer tempo. O universo é a coroa de sua cabeça. O universo é seus braços. O universo é seus pés. O universo é seus olhos. O

universo é seu nariz. Só e único, ele vagueia por todos os Kshetras (corpos) incontido por quaisquer limitações à sua vontade e como lhe agrada. Kshetra é outro nome para corpo. E porque ele conhece todos os Kshetras como também todos os atos bons e maus, portanto ele, que é a alma do Yoga, é chamado pelo nome de Kshetrajna. (Atos são chamados de sementes. Sementes produzem árvores. Atos levam à obtenção de corpos. Para a produção de corpos, portanto, atos operam como sementes.) Ninguém consegue perceber como ele entra nas criaturas incorporadas e como ele sai delas. Segundo o modo Sankhya, como também com a ajuda de Yoga e a devida observância das ordenanças prescritas por este, eu estou ocupado em pensar na causa daquele Purusha, mas ai, eu não posso compreender aquela causa, excelente como ela é. Eu irei, no entanto, segundo a extensão do meu conhecimento, falar para ti sobre aquele Purusha eterno e sua Unidade e grandeza supremas. Os eruditos falam dele como o único Purusha. Aquele Ser eterno merece o título de Mahapurusha (o grande Purusha supremo). O Fogo é um elemento, mas ele pode ser visto queimar em mil lugares sob mil circunstâncias diferentes. O Sol é um e único, mas seus raios se estendem pelo amplo universo. Penitências são de diversos tipos, mas elas têm uma origem comum de onde elas têm fluído. O Vento é um, mas ele sopra em diversas formas no mundo. O grande Oceano é o único pai de todas as águas no mundo vistas sob diversas circunstâncias. Privado de atributos, aquele único Purusha é o universo manifestado em infinidade. Fluindo dele, o universo infinito entra novamente naquele único Purusha, que transcende todos os atributos, quando chega a hora de sua destruição. Por rejeitar a consciência de corpo e os sentidos, por rejeitar todas as boas e más ações, por rejeitar verdade e falsidade, alguém consegue se despojar de atributos. A pessoa que percebe aquele Purusha inconcebível, e compreende sua existência sutil na forma quádrupla de Aniruddha, Pradyumna, Sankarshana, e Vasudeva, e que, por tal compreensão, obtém perfeita tranquilidade de coração, consegue entrar em e se identificar com aquele único Purusha auspicioso. Algumas pessoas possuidoras de conhecimento falam dele como a alma suprema. Outras o consideram como a única alma. Uma terceira classe de homens eruditos o descreve como a alma. (No sistema Yoga Ele é chamado de Alma Suprema, pois Yogins afirmam a existência de duas almas, a Jivatman e a Alma Suprema, e asseveram a superioridade da última sobre a primeira. Os Sankhyas consideram a alma Jiva e a Alma Suprema como uma e a mesma. Uma terceira classe de homens pensa em tudo como Alma, não havendo diferença entre a única Alma e o universo manifestado em infinidade.) A verdade é que ele que é a Alma Suprema é sempre desprovido de atributos. Ele é Narayana. Ele é a alma universal, e ele é o único Purusha. Ele nunca é afetado pelos frutos das ações assim como a folha do lótus nunca é encharcada pela água que alguém possa jogar sobre ela. O Karamta (Alma ativa) é diferente. Esta Alma está às vezes engajada em ações e quando ela consegue rejeitar as ações alcança a Emancipação ou identidade com a Alma Suprema. A Alma ativa é dotada de dezessete propriedades. (A Alma ativa está abrigada no Linga-sarira com o qual ela se torna ora um ser humano, ora uma divindade, ora um animal, etc. As dezessete posses são os cinco pranas, mente, inteligência e os dez órgãos dos sentidos.) Dessa maneira é dito que há inúmeros tipos de Purushas em ordem devida. Na verdade, no entanto, há somente um Purusha. Ele é a residência de

todas as ordenanças em relação ao universo. Ele é o maior objeto de conhecimento. Ele é ao mesmo tempo o conhecedor e o objeto a ser conhecido. Ele é ao mesmo tempo o pensador e o objeto do pensamento. Ele é o comedor e o alimento que é comido. Ele é aquele que cheira e o perfume que é cheirado. Ele é ao mesmo tempo aquele que toca e o objeto que é tocado. Ele é o agente que vê e o objeto que é visto. Ele é o ouvinte e o objeto que é ouvido. Ele é aquele que concebe e o objeto que é concebido. Ele é possuidor de atributos e é livre deles. O que foi anteriormente, ó filho, chamado de Pradhana, e é a mãe do Mahat tattwa não é outro a não ser a Refulgência da Alma Suprema; porque Ele é que é eterno, sem destruição e nenhum fim e sempre imutável. Ele é quem cria a primeira ordenança em relação ao próprio Dhatri. Brahmanas eruditos o chamam pelo nome de Aniruddha. Quaisquer atos, possuidores de méritos excelentes e repletos de bênçãos, que fluem dos Vedas no mundo, têm sido causados por Ele. Todas as divindades e todos os Rishis, possuidores de almas tranquilas, ocupando seus lugares no altar, dedicam a ele a primeira parte de suas oferendas sacrificais. Eu, que sou Brahma, o mestre primevo de todas as criaturas, nasci dele, e tu nasceste de mim. De mim tem fluído o universo com todas as suas criaturas móveis e imóveis, e todos os Vedas, ó filho, com seus mistérios. Dividido em quatro partes (isto é, Aniruddha, Pradyumna, Sankarshana, e Vasudeva), Ele se diverte como Ele quer. Aquele Senhor ilustre e divino é de tal maneira, despertado por Seu próprio conhecimento. Eu assim te respondi, ó filho, de acordo com tuas perguntas, e em conformidade com a maneira na qual a questão é exposta no sistema Sankhya e na filosofia Yoga."

353

"Sauti disse, 'Depois que Vaisampayana tinha explicado para o rei Janamejaya dessa maneira a glória de Narayana, ele começou a falar sobre um outro tópico por narrar a pergunta de Yudhishthira e a resposta que Bhishma deu na presença de todos os Pandavas e dos Rishis como também do próprio Krishna. De fato, Vaisampayana começou por dizer o seguinte.'"

"Yudhishthira disse, 'Tu, ó avô, nos falaste sobre os deveres pertencentes à religião da Emancipação. Cabe a ti agora nos dizer quais são os principais deveres das pessoas pertencentes aos vários modos de vida!'" (O objetivo da pergunta é averiguar qual é o principal de todos os modos de vida. Embora a Renúncia tenha sido descrita como o melhor de todos os modos, no entanto os deveres daquele modo são de prática extremamente difícil. Por isso, Yudhishthira deseja saber se os deveres de algum outro modo podem ser considerados como superiores.)

"Bhishma disse, 'Os deveres ordenados a respeito de cada modo de vida são capazes, se bem realizados, de levar para o céu e ao fruto sublime da Verdade. Deveres são como muitas portas, para grandes sacrifícios e doações, e nenhuma das práticas inculcadas por eles é inútil em relação à consequência. Alguém que adota deveres específicos com fé firme e imperturbável, louva aqueles deveres

adotados por ele à exclusão do resto, ó chefe da linhagem de Bharata. Este tópico específico, no entanto, sobre o qual tu desejas que eu fale foi antigamente o assunto de conversação entre o Rishi celeste Narada e o chefe das divindades, Indra. O Rishi grande Narada, ó rei, reverenciado por todo o mundo é um siddha, isto é, seu sadhana encontrou realização. Ele vaga por todos os mundos totalmente desimpedido, como o próprio vento que tudo permeia. Uma vez ele foi à residência de Indra. Devidamente honrado pelo chefe das divindades, ele sentou perto de seu anfitrião. Vendo-o sentado à vontade e livre de fadiga, o marido de Sachi dirigiu-se a ele, dizendo, 'Ó grande Rishi, há alguma coisa extraordinária que tenha sido vista por ti, ó impecável? Ó Rishi regenerado, coroado com sucesso ascético, tu vagas, movido pela curiosidade, pelo universo de objetos móveis e imóveis, testemunhando todas as coisas. Ó Rishi celeste, não há nada no universo que seja desconhecido para ti. Fale-me, portanto, de algum incidente admirável que tu possas ter visto ou ouvido ou sentido.' Assim questionado, Narada, aquele principal dos oradores, ó rei, então começou a narrar para o chefe dos celestiais a história extensa que se segue. Ouça-me enquanto eu conto aquela história que Narada contou diante de Indra. Eu a narrarei da mesma maneira na qual o Rishi celeste a narrou, e para o mesmo propósito que ele tinha em vista!'"

354

"Bhishma disse, 'Em uma cidade excelente chamada pelo nome de Mahapadma, que era situada no lado sul do rio Ganga, vivia, ó melhor dos homens, um Brahmana de alma concentrada. Nascido na linhagem de Atri, ele era dotado de amabilidade. Todas as suas dúvidas tinham sido dissipadas (pela Fé e contemplação) e ele conhecia bem o caminho que ele tinha que seguir. Sempre cumpridor dos deveres religiosos, ele tinha sua raiva sob controle total. Sempre contente, ele era o perfeito dominador de todos os seus sentidos. Dedicado a penitências e ao estudo dos Vedas, ele era honrado por todos os bons homens. Ele adquiriu riqueza por meios justos e sua conduta em todas as coisas correspondia ao modo de vida que ele levava e à classe à qual ele pertencia. A família à qual ele pertencia era grande e célebre. Ele tinha muitos amigos e parentes, e muitos filhos e esposas. Seu comportamento era sempre respeitável e impecável. Observando que ele tinha muitos filhos, o Brahmana se dirigiu à realização de ações religiosas em grande escala. Suas observâncias religiosas, ó rei, tinham relação com os costumes da sua própria família. (Costumes de família são sempre observados com grande cuidado. Mesmo quando inconsistentes com as ordenanças das escrituras, tais costumes não perdem sua força obrigatória. Repreensível como é a venda de uma filha ou irmã, o grande rei Salya, quando ele entregou sua irmã Madri para Pandu, insistiu em receber uma soma de dinheiro, alegando costume familiar não somente como uma desculpa mas como algo que era obrigatório. Até hoje, animais são mortos em sacrifícios de muitas famílias que seguem a fé Vaishnava, a justificação sendo costume de família.) O Brahmana refletiu que três tipos de deveres foram formulados para observâncias. Havia em

primeiro lugar os deveres ordenados nos Vedas a respeito da classe na qual ele era nascido e ao modo de vida que ele estava levando (isto é, um Brahmana na observância de vida familiar). Havia em segundo lugar, os deveres prescritos nas escrituras, ou seja, aqueles especialmente chamados de Dharmasastras. E, em terceiro lugar, havia aqueles deveres que homens eminentes e veneráveis dos tempos antigos tinham seguido embora não se encontrassem nem nos Vedas nem nas escrituras. (Os Vedas, no sentido exato da palavra, não são escrituras, pois eles são _ouvidos_, as escrituras sendo aquelas ordenanças que são escritas. Naturalmente, os Vedas foram postos em forma escrita, mas apesar disso, eles continuam a ser chamados de Srutis.) ‘Qual desses deveres eu devo seguir? Quais deles, também, seguidos por mim, provavelmente levarão ao meu benefício? Qual, de fato, deve ser meu refúgio?’ Pensamentos como esses sempre o incomodavam. Ele não podia esclarecer suas dúvidas. Enquanto incomodado com tais reflexões, um Brahmana de alma concentrada e praticante de uma religião muito superior chegou à casa dele como um convidado. O chefe de família honrou seu convidado devidamente segundo aquelas ordenanças de culto que são prescritas nas escrituras. Vendo seu convidado refrescado e sentado tranquilo, o anfitrião dirigiu-se a ele nas seguintes palavras."

"O Brahmana disse, 'Ó impecável, eu me tornei extremamente afeiçoado a ti por causa da gentileza da tua conversação. Tu te tornaste meu amigo. Ouça-me, pois eu desejo te dizer uma coisa. Ó principal dos Brahmanas, depois de transferir os deveres de um chefe de família para meu filho, eu desejo cumprir os mais elevados deveres do homem. Qual, ó regenerado, deve ser meu caminho? Confiando na alma Jiva, eu desejo alcançar existência na única Alma (Suprema). Ai, amarrado pelos vínculos do apego, eu não tenho coração para realmente me dirigir para a realização daquela tarefa. E já que a melhor parte da minha vida foi passada na observância da vida familiar, eu desejo dedicar o resto da minha vida a ganhar os meios de custear as despesas da minha viagem em relação à hora que se aproxima. Surgiu na minha mente o desejo de cruzar o oceano do mundo. Ai, de onde eu obterei a balsa da religião (com a qual realizar meus propósitos)? Sabendo que até as próprias divindades são perseguidas e têm que aguentar os resultados de suas ações, e vendo as fileiras das bandeiras e estandartes de Yama (isto é, as diversas doenças) flutuando sobre as cabeças de todas as criaturas, meu coração falha em derivar prazer dos diversos objetos de prazer com os quais ele entra em contato. Vendo também que os Yatis dependem para seu sustento de esmolas obtidas no decurso de suas rondas de mendicância, eu também não tenho respeito pela religião dos Yatis. Ó meu convidado venerável, ajudado por aquela religião que é fundada sobre as bases da inteligência e razão, estabeleça para mim o cumprimento de um método específico de deveres e observâncias!'”

"Bhishma continuou, 'Dotado de grande sabedoria, o convidado, ouvindo este discurso de seu anfitrião, o qual era consistente com a retidão, disse estas palavras gentis em uma voz melodiosa.'”

"O convidado disse, 'Eu mesmo também estou confuso com relação a este assunto. O mesmo pensamento ocupa minha mente. Eu não posso chegar a

conclusões definitivas. O Céu tem muitas portas. Há alguns que louvam a Emancipação. Algumas pessoas regeneradas louvam os frutos obteníveis pela realização de sacrifícios. Há alguns que se refugiam no modo de vida da floresta. Alguns, também, se dirigem ao modo de vida familiar. Alguns confiam nos méritos alcançáveis por uma observância dos deveres dos reis. Alguns confiam nos resultados daquele treino que consiste em controlar a alma. Alguns pensam que os méritos resultantes de uma obediência respeitosa aos preceptores e superiores são eficazes. Alguns se dirigem a restrições impostas sobre a fala. Alguns, por servirem respeitosamente suas mães e pais, vão para o céu. Alguns vão para o céu por praticarem o dever da compaixão, e alguns por praticarem a Verdade. Alguns vão para a batalha, e depois de sacrificarem suas vidas alcançam o céu. Alguns, também, obtendo sucesso por praticarem o voto chamado Unccha, se dirigem ao caminho de céu. Alguns se dedicam ao estudo dos Vedas. Dotados de boa ventura e dedicados a tal estudo, esses homens, possuidores de inteligência, com almas tranquilas, e tendo seus sentidos sob controle completo, chegam ao céu. Outros caracterizados por simplicidade e verdade são mortos por homens de perversidade. Dotados de almas puras, tais homens de verdade e simplicidade se tornam honrados habitantes do céu. Neste mundo, é visto que homens se dirigem ao céu através de mil portas de dever, todas totalmente abertas. Minha mente ficou agitada pela tua pergunta, como uma nuvem macia perante o vento.'"

355

"O convidado continuou, 'Apesar disso, ó Brahmana, eu me esforçarei para te instruir devidamente. Ouça-me enquanto eu narro para ti aquilo que eu ouvi do meu preceptor. Naquele lugar de onde, no decorrer de uma criação anterior, a roda da justiça foi posta em movimento, naquela floresta que é conhecida pelo nome de Naimisha, e que está situada nas margens do Gomati, há uma cidade que recebeu o nome dos Nagas. Lá, naquela região, todas as divindades, se reunindo, realizaram antigamente um sacrifício grandioso. Lá o principal dos reis terrestres, Mandhatri, derrotou Indra, o chefe dos celestiais. Um Naga poderoso, de alma justa, mora na cidade que fica naquela região. Aquele grande Naga é conhecido pelo nome de Padmanabha ou Padma. Andando pelo caminho triplo (de ações, conhecimento, e adoração) ele gratifica todas as criaturas em pensamentos, palavras, e atos. Refletindo sobre todas as coisas com grande cuidado, ele protege os justos e castiga os maus por adotar a política quádrupla de conciliação, provocar dissensões, fazer presentes ou subornos, e de usar a força. Indo para lá, tu deves fazer para ele as perguntas que desejares. Ele te mostrará realmente qual é a religião mais elevada. Aquele Naga é sempre afetuoso com convidados. Dotado de grande inteligência, ele conhece bem as escrituras. Ele possui todas as virtudes desejáveis, iguais às quais não são percebidas em nenhuma outra pessoa. Por disposição ele é sempre observador daqueles deveres que são realizados com ou na água. Ele é dedicado ao estudo dos Vedas. Ele é dotado de penitências e autodomínio. Ele tem grande riqueza. Ele realiza sacrifícios, faz doações, se abstém de infligir dano e pratica bondade.

Sua conduta em todos os aspectos é excelente. Verdadeiro em palavras e livre de malícia, seu comportamento é bom e seus sentidos estão sob controle adequado. Ele come depois de alimentar todos os seus convidados e servidores. Ele é de fala gentil. Ele tem conhecimento do que é benéfico e do que é simples e certo e do que é censurável. Ele avalia o que ele faz e o que ele deixa inacabado. Ele nunca age com hostilidade em direção a alguém. Ele está sempre dedicado a fazer o que é benéfico para todas as criaturas. Ele pertence a uma família que é tão pura e imaculada quanto a água de um lago no meio do Ganges.'"

356

"O anfitrião respondeu, 'Eu ouvi essas tuas palavras, que são tão confortantes, com tanta satisfação quanto a que é sentida por uma pessoa pesadamente carregada quando aquela carga é tirada da sua cabeça ou ombros. A satisfação que um viajante que fez uma longa viagem a pé sente quando ele deita em uma cama, aquela que uma pessoa sente quando ela encontra um assento depois de ter ficado em pé por longo tempo por falta de espaço, ou aquela que é sentida por uma pessoa sedenta quando ela encontra um copo de água fresca, ou aquela que é sentida por um homem faminto quando ele encontra comida saborosa colocada à sua frente, ou aquela que um convidado sente quando um prato de alimento desejável é colocado diante de si na hora apropriada, ou aquela que é sentida por um homem velho quando depois de desejar por muito tempo ele consegue um filho, ou aquela que é sentida por alguém quando encontrando com um amigo querido ou parente sobre quem ele tinha ficado extremamente ansioso, parece com essa que eu sinto por causa dessas palavras proferidas por ti. Como uma pessoa com olhar fixo virado para cima eu ouvi o que saiu dos teus lábios e estou refletindo sobre sua importância. Com estas tuas palavras sábias tu realmente me instruíste! Sim, eu farei o que tu me ordenaste fazer. Tu podes partir amanhã no alvorecer, passando a noite alegremente comigo e dissipando tua fadiga por tal descanso. Veja, os raios do divino Surya foram obscurecidos parcialmente e o deus do dia está prosseguindo em seu rumo para baixo!"

"Bhishma continuou, 'Servido com hospitalidade por aquele Brahmana, o convidado erudito, ó matador de inimigos, passou aquela noite na companhia de seu anfitrião. De fato, ambos passaram a noite felizmente, conversando animadamente um com o outro sobre o assunto dos deveres do quarto modo de vida, isto é, Sannyasa (renúncia). Tão interessante era a natureza da sua conversa que a noite passou como se fosse dia. Quando chegou a manhã, o convidado foi adorado com os ritos devidos pelo Brahmana cujo coração estava colocado ansiosamente na realização do que (segundo as palavras do convidado) era considerado por ele como benéfico para si. Tendo dado licença para seu convidado partir, o Brahmana justo, decidido a realizar seu propósito, despediu-se de seus amigos e parentes, e saiu na hora apropriada para a residência daquele principal dos Nagas, com o coração firmemente dirigido para isto.'"

357

"Bhishma disse, 'Procedendo por muitas florestas encantadoras e lagos e águas sagradas, o Brahmana finalmente chegou ao retiro de certo asceta. Chegando lá, ele perguntou para ele, em palavras apropriadas, acerca do Naga de quem ele tinha ouvido de seu convidado, e instruído por ele prosseguiu sua viagem. Com uma idéia clara do objetivo de sua viagem, o Brahmana então chegou à casa do Naga. Entrando nela devidamente, ele se anunciou em palavras adequadas, dizendo, 'Ho! Quem está aí? Eu sou um Brahmana, vim para cá como um convidado!' Ouvindo estas palavras, a casta esposa do Naga, possuidora de grande beleza e dedicada à observância de todos os deveres, apareceu. Sempre atenta aos deveres de hospitalidade, ela adorou o convidado com os ritos devidos, e dando as boas-vindas a ele, disse, 'O que eu posso fazer por você?'"

"O Brahmana disse, 'Ó senhora, eu sou suficientemente honrado por ti com as palavras gentis que tu me disseste. A fadiga da minha viagem também foi dissipada. Eu desejo, ó senhora abençoada, ver teu marido excelente. Este é meu grande objetivo. Este é o único objetivo do meu desejo. É por esta razão que eu vim hoje à residência do Naga, teu marido.'"

"A esposa do Naga disse, 'Senhor venerável, meu marido foi puxar o carro de Surya por um mês. Ó Brahmana erudito, ele estará de volta em quinze dias, e irá, sem dúvida, se mostrar para ti. Eu assim te disse a razão da ausência de meu marido de casa. Seja como for, o que mais eu posso fazer por ti? Diga-me isto!'"

"O Brahmana disse, 'Ó senhora casta, eu vim para cá com o objetivo de ver teu marido. Ó dama venerável, eu morarei na floresta adjacente, esperando pelo retorno dele. Quando teu marido voltar, diga-lhe gentilmente que eu cheguei neste lugar impelido pelo desejo de vê-lo. Tu deves também me informar da volta dele quando aquele evento ocorrer. Ó senhora abençoada, eu irei, até então, residir nas margens do Gomati, esperando por seu retorno e todo o tempo vivendo de alimentação frugal.' Tendo dito isto repetidamente para a esposa do Naga, aquele principal dos Brahmanas procedeu para as margens do Gomati para residir lá até a hora do retorno do Naga.'"

358

"Bhishma continuou, 'Os Nagas daquela cidade ficaram extremamente aflitos quando eles viram que aquele Brahmana, dedicado à prática de penitências, continuou a residir na floresta, se abstendo totalmente de alimento, na expectativa da chegada do chefe Naga. Todos os amigos e parentes do grande Naga, incluindo seu irmão e filhos e esposa, se reunindo, foram ao local onde o Brahmana estava permanecendo. Chegando às margens do Gomati, eles viram aquela pessoa regenerada sentada em um lugar retirado, se abstendo de alimento de todo tipo, enquanto observava votos excelentes, e ocupada em recitar silenciosamente certos Mantras. Aproximando-se da presença do Brahmana e

oferecendo a ele culto apropriado, os amigos e parentes do grande Naga disseram para ele estas palavras repletas de franqueza: ‘Ó Brahmana, dotado de riqueza de ascetismo, este é o sexto dia da tua chegada aqui, mas tu não disseste uma palavra a respeito da tua alimentação. Ó regenerado, tu és dedicado à virtude. Tu vieste até nós. Nós estamos aqui a teu serviço. É absolutamente necessário que nós façamos os deveres de hospitalidade para ti. Nós somos todos parentes do chefe Naga com quem tu tens negócio. Raízes ou frutas, folhas, ou água, ou arroz ou carne, ó melhor dos Brahmanas, cabe a ti pegar para teu sustento. Por causa da tua residência nesta floresta sob tais circunstâncias de total abstenção de comida, toda a comunidade de Nagas, jovens e velhos, está sendo afligida, já que este teu jejum implica negligência da nossa parte em cumprir os deveres de hospitalidade. Nós não temos ninguém entre nós que seja culpado de Brahmanicídio. Nenhum de nós jamais perdeu um filho imediatamente após o nascimento. Ninguém nascido em nosso povo se alimenta antes de servir as divindades ou convidados ou parentes chegados à sua residência.’”

"O Brahmana disse, 'Por causa desses apelos de vocês todos, eu posso ser considerado como tendo quebrado meu jejum. Estão faltando oito dias para o dia do retorno do chefe dos Nagas. Se, no término da oitava noite a partir de hoje, o chefe dos Nagas não voltar, eu irei então quebrar meu jejum por me alimentar. De fato, este voto de me abster de todo alimento que eu estou cumprindo é por meu respeito pelo chefe Naga. Vocês não devem se afligir pelo que eu estou fazendo. Vocês todos retornem para o lugar de onde vocês vieram. Este meu voto está por conta dele. Vocês não devem fazer alguma coisa por consequência da qual este meu voto possa ser quebrado.’ Os Nagas reunidos, assim endereçados pelo Brahmana, foram dispensados por ele, depois do que, ó principal dos homens, eles voltaram para suas respectivas residências.'"

359

"Bhishma disse, 'Após o término do período de quinze dias completos, o chefe Naga (Padmanabha), tendo terminado sua tarefa de arrastar o carro de Surya e obtendo a permissão do último, voltou para sua própria casa. Vendo-o de volta, sua esposa aproximou-se dele rapidamente para lavar seus pés e cumprir respeitosamente outras tarefas de natureza semelhante. Tendo realizado aquelas tarefas, ela tomou seu assento ao lado dele. O Naga então, revigorado da fadiga, dirigiu-se à sua esposa casta e respeitosa, dizendo, ‘Eu espero, minha cara esposa, que durante a minha ausência tu não tenhas te descuidado de cultuar as divindades e convidados de acordo com as instruções que eu te dei, e segundo as ordenanças declaradas nas escrituras. Eu espero que sem cederes àquela compreensão impura que é natural nas pessoas do teu sexo, tu tenhas, durante a minha ausência de casa, sido firme no cumprimento dos deveres de hospitalidade. Eu confio que tu não tenhas ultrapassado os limites do dever e retidão.'”

"A esposa do Naga disse, 'O dever dos discípulos é servir seu preceptor com reverência executando suas ordens; o dos Brahmanas é estudar os Vedas e

mantê-los na memória; o dos empregados é obedecer as ordens de seus patrões; o do rei é proteger seu povo por cuidar dos bons e castigar os maus. É dito que os deveres de um Kshatriya incluem a proteção de todas criaturas do mal e da opressão. O dever do Sudra é servir com humildade pessoas das três classes regeneradas, Brahmanas, Kshatriyas e Vaisyas. A religião do chefe de família, ó chefe dos Nagas, consiste em fazer o bem para todas as criaturas. Frugalidade de alimentação e observância de votos na devida ordem constituem mérito (para pessoas de todas as classes) por causa da conexão que existe entre os sentidos e os deveres de religião. (Frugalidade de alimentação e observância de votos constituem mérito para pessoas de todas as classes. Esses implicam na restrição dos sentidos, pois se os sentidos não forem controlados ninguém pode cumprir votos ou praticar moderação. Há uma conexão, dessa maneira, entre os deveres de religião e os sentidos.) ‘Quem sou eu? De onde eu vim? O que são os outros para mim e o que eu sou para os outros?’ Estes são os pensamentos para os quais deve sempre ser dirigida a mente daquele que leva o modo de vida que conduz à Emancipação. Castidade e obediência ao marido constituem os maiores deveres da esposa. Pela tua instrução, ó chefe dos Nagas, eu aprendi bem isto. Eu, portanto, que conheço bem o meu dever, e tenho a ti como meu marido, tu que és dedicado à retidão, ó, por que eu iria, me desviando do caminho do dever, trilhar o caminho da desobediência e pecado? Durante tua ausência de casa, as adorações às divindades não decaíram em nenhum aspecto. Eu também, sem a mínima negligência, me encarreguei dos deveres de hospitalidade em direção às pessoas que chegaram como convidados em tua residência. Quinze dias atrás um Brahmana veio aqui. Ele não me revelou seu objetivo. Ele deseja ter uma entrevista contigo. Morando no momento nas margens do Gomati ele está esperando teu retorno ansiosamente. De votos rígidos, aquele Brahmana está sentado lá, empenhado na recitação dos Vedas. Ó chefe dos Nagas, eu fiz uma promessa para ele no sentido de que eu iria te enviar até ele logo que tu voltasses para tua residência. Ouvindo estas minhas palavras, ó melhor dos Nagas, cabe a ti ir para lá. Ó tu que ouves com teus olhos, cabe a ti conceder para aquela pessoa regenerada o objeto que o trouxe para cá!'" (Acredita-se que os Nagas ou cobras não têm ouvidos, mas usam seus olhos para ver e ouvir. Os Nagas parecem ter sido uma classe de seres muito superiores, tendo sua residência nas regiões inferiores.)

360

"O Naga disse, 'Ó tu de doces sorrisos, por quem tu tomas aquele Brahmana? Ele é realmente um ser humano ou ele é alguma divindade que veio para cá no disfarce de um Brahmana? Ó tu de grande fama, quem entre os seres humanos estaria desejoso de me ver ou seria competente para o propósito? Pode um ser humano, desejando me ver, deixar tal ordem contigo para me enviar até ele para lhe fazer uma visita no lugar onde ele está morando? Entre as divindades e Asuras e Rishis celestes, ó senhora amável, os Nagas são dotados de grande energia. Possuidores de grande velocidade, eles são também dotados de

fragrância excelente. Eles merecem ser adorados. Eles são capazes de conceder benefícios. De fato, nós também merecemos ser seguidos por outros em nosso séquito. Eu te digo, ó senhora, que nós não podemos ser vistos por seres humanos.'"

"A cônjuge do Naga chefe disse, 'Julgando por sua simplicidade e franqueza eu sei que aquele Brahmana não é alguma divindade que subsiste de ar. Ó tu de grande cólera, eu também sei disto: que ele te reverencia com todo seu coração. Seu coração está colocado na realização de algum objetivo que depende da tua ajuda. Como a ave chamada Chataka, a qual gosta muito de chuva, espera na mais intensa expectativa de uma chuva (para matar sua sede), assim mesmo aquele Brahmana está esperando na expectativa de um encontro contigo. (O pássaro indiano Chataka tem um buraco natural na parte superior de seu longo pescoço por causa do qual ele é visto sempre ficar com bico virado para cima, de modo que a parte de cima do pescoço mantém o buraco coberto. O Chataka não pode matar sua sede em um lago ou rio, pois ele não pode inclinar seu pescoço para baixo. Água da chuva é o que ele deve beber. Expectativa ávida com relação a alguma coisa é sempre comparada à expectativa do Chataka de água da chuva.) Não deixe alguma calamidade acontecer a ele por sua incapacidade de obter uma visão de ti. Nenhuma pessoa nascida como tu em uma família respeitável pode permanecer respeitável por negligenciar um convidado chegado à sua casa. Rejeitando aquela ira que é natural pata ti, cabe a ti ir e ver aquele Brahmana. Não cabe a ti te permitir ser consumido por desapontar aquele Brahmana. O rei ou o príncipe, por se recusar a secar as lágrimas das pessoas que vão até ele com esperanças de alívio, incorre no pecado de feticídio. Por se abster de falar alguém obtém sabedoria. Por praticar caridade alguém adquire grande fama. Por aderir à veracidade de palavras, alguém adquire o dom da eloquência e vem a ser honrado no céu. Por doar terra alguém alcança aquele fim elevado que é ordenado para Rishis que levam o modo de vida sagrado. Por ganhar riqueza por meios justos, alguém consegue obter muitos frutos desejáveis. Por fazer em sua totalidade o que é benéfico para si mesmo, alguém pode evitar ir para o inferno. Isso é o que os justos dizem.'"

"O Naga disse, 'Eu não tive arrogância devido ao orgulho. Por causa, no entanto, do meu nascimento, a medida da minha arrogância era considerável. De ira, a qual é nascida do desejo, ó senhora abençoada, eu não tenho nada. Ela foi toda consumida pelo fogo das tuas instruções excelentes. Eu não vejo, ó dama abençoada, uma escuridão que seja mais densa do que a ira. No entanto, pelos Nagas terem excesso de ira, eles se tornaram objetos de repreensão com todas as pessoas. Por sucumbir à influência da ira Ravana de dez cabeças de grande coragem tornou-se o rival de Sakra e foi por aquela razão morto por Rama em batalha. Sabendo que o Rishi Rama da linhagem de Bhrigu tinha entrado nos aposentos internos de seu palácio para levar o bezerro da vaca Homa de seu pai, os filhos de Karttaviryya, cedendo à cólera, tomaram tal entrada como um insulto à sua casa real, e como a consequência disto eles encontraram com a destruição nas mãos de Rama. De fato, Karttaviryya de grande força, parecendo com o próprio Indra de mil olhos, por ter cedido à ira, foi morto em batalha por Rama da

linhagem de Jamadagni. Realmente, ó senhora amável, pelas tuas palavras eu reprimi minha fúria, aquela inimiga de penitências, aquela destruidora de tudo o que é benéfico para mim. Eu louvo a mim mesmo imensamente já que, ó tu de olhos grandes, eu sou afortunado o suficiente para ter a ti como minha esposa, tu que és possuidora de toda virtude e que tens méritos inesgotáveis. Eu agora irei para aquele local onde o Brahmana está. Eu certamente me dirigirei àquele Brahmana em palavras apropriadas e ele certamente irá embora, seus desejos sendo realizados."

361

"Bhishma disse, 'Tendo dito essas palavras para sua querida esposa, o chefe dos Nagas procedeu para aquele local onde o Brahmana estava na expectativa de uma entrevista com ele. Enquanto ele procedia, ele pensou no Brahmana e se perguntou quanto a que assunto poderia tê-lo trazido para a cidade Naga. Chegando à sua presença, ó chefe de homens, aquele principal dos Nagas dedicado por natureza à justiça, dirigiu-se ao seu convidado em palavras gentis, dizendo, 'Ó Brahmana, não ceda à ira. Eu me dirijo a ti em paz. Não fique zangado. Atrás de quem tu vieste aqui? Qual é teu objetivo? Vindo até ti, eu te pergunto em amizade, ó regenerado, a quem tu adoras neste lugar retirado nas margens do Gomati!'"

"O Brahmana disse, 'Saiba que meu nome é Dharmaranya, e que eu vim para cá para obter uma visão do Naga Padmanabha, ó principal de todas as pessoas regeneradas. Com ele eu tenho um assunto. Eu soube que ele não está em casa e que, portanto, eu agora não estou perto do seu abrigo atual. Como um Chataka esperando na expectativa das nuvens, eu estou esperando por ele a quem eu considero como caro para mim. Para afastar todo mal dele e fazer o que é benéfico para ele, eu estou ocupado em recitar os Vedas até que ele venha e estou em Yoga e passando meu tempo alegremente.'"

"O Naga disse, 'Na verdade, tua conduta é extremamente boa. Tu és virtuoso e dedicado ao bem de todas as pessoas justas. Ó Brahmana altamente abençoado, todo louvor é devido a ti. Tu vês o Naga com olhos de amizade. Eu sou aquele Naga, ó Rishi erudito, a quem tu procuras. Ordene-me, como tu desejares, em relação ao que é agradável para ti e o que eu devo fazer por ti. Sabendo pela minha cônjuge que tu estás aqui, eu me aproximei deste local, ó regenerado, para te ver. Como tu vieste aqui, tu com certeza voltarás daqui com teu objetivo cumprido. Cabe a ti, ó principal das pessoas regeneradas, me empregar em qualquer tarefa com toda confiança. Todos nós fomos certamente comprados por ti com teus méritos, (uma forma de expressão significando que 'nós somos seus escravos') já que tu, desconsiderando o que é para o teu próprio bem, empregaste teu tempo em procurar o nosso bem.'"

"O Brahmana disse, 'Ó Naga altamente abençoado, eu vim para cá movido pelo desejo de obter um visão de ti. Eu vim aqui, ignorante como eu sou de todas as

coisas, para te perguntar acerca de uma coisa. Ó Naga, confiando na alma Jiva, eu desejo alcançar a Alma Suprema a qual é o fim da alma Jiva. Eu não sou nem ligado ao mundo nem dissociado dele. Tu brilhas com a refulgência dos teus próprios méritos cobertos por pura fama, com uma refulgência que é tão agradável quanto aquela da lua. Ó tu que vives só do ar, responda primeiro uma pergunta que eu desejo te fazer. Depois eu te informarei do objetivo que me trouxe para cá!'"

362

"O Brahmana disse, 'Tu partiste para puxar o carro de uma roda de Vivaswat de acordo com teu turno. Cabe a ti descrever para mim qualquer coisa extraordinária que tu possas ter reparado naquelas regiões pelas quais tu viajaste!'"

"O Naga disse, 'O divino Surya é o refúgio ou lar de inúmeras maravilhas. Todas as criaturas que habitam os três mundos fluíram de Surya. Incontáveis Munis, coroados com sucesso ascético, junto com todas as divindades, residem nos raios de Surya como aves pousando nos ramos de árvores. O que, também, pode ser mais extraordinário do que isto, que o Vento poderoso, emanando de Surya, se refugie em seus raios e se mova pelo universo? O que pode ser mais maravilhoso do que isto, ó Rishi regenerado, que Surya, dividindo o Vento em muitas porções por desejar fazer bem para todas as criaturas, crie chuva que cai na estação chuvosa? O que pode ser mais maravilhoso do que isto, que a Alma Suprema, de dentro do disco solar, ela mesma banhada em resplendor fulgurante, observe o universo? O que pode ser mais maravilhoso do que isto, que Surya tenha um raio escuro que se transforma em nuvens carregadas de chuva e derrama chuvas quando chega a estação? O que pode ser mais maravilhoso do que isto, que absorvendo por oito meses a chuva que ele despeja, ele as despeje outra vez na estação chuvosa? Em certos raios de Surya, é dito que reside a Alma do universo. Dele é a semente de todas as coisas, e é Ele que sustenta a Terra com todas as suas criaturas móveis e imóveis. O que pode ser mais extraordinário, ó Brahmana, do que isto, que aquele principal dos Purushas, eterno e de braços poderosos, dotado de refulgência excelente, eterno, e sem início e sem fim, resida em Surya? Escute, no entanto, a uma coisa que eu te direi agora. Isto é a maravilha das maravilhas. Eu vi isto no céu claro, por causa da minha proximidade com Surya. Nos tempos antigos, um dia na hora do meio-dia, enquanto Surya estava brilhando em toda sua glória e dando calor para tudo, nós vimos um Ser vindo em direção a Surya, que parecia brilhar com uma refulgência que era igual àquela do próprio Surya. Fazendo todos os mundos brilharem com sua glória e enchendo-os com sua energia, ele se aproximou, como eu já te disse, em direção a Surya, rasgando o firmamento, por assim dizer, para fazer seu caminho através dele. Os raios que emanavam de seu corpo pareciam com o brilho fulgurante de libações de manteiga clarificada despejadas no fogo sacrifical. Por sua energia e esplendor ele não podia ser olhado. Sua forma parecia ser indescritível. De fato, ele para nós parecia ser como um segundo Surya. Logo que ele se aproximou, Surya estendeu suas duas mãos (para dar a ele uma recepção

respeitosa). Para honrar Surya em retorno, ele também estendeu sua mão direita. O último então, atravessando o firmamento, entrou no disco de Surya. Misturando-se então com a energia de Surya, ele parecia estar transformado no próprio Surya. Quando as duas energias assim se reuniram, nós estávamos tão confusos que não podíamos mais distinguir qual era qual. De fato, nós não podíamos decifrar quem era Surya que nós levávamos em seu carro, e quem era o Ser que nós tínhamos visto vindo pelo céu. Cheios de perplexidade, nós então nos dirigimos a Surya, dizendo, 'Ó ilustre, quem é este Ser que se misturou contigo e foi transformado no teu segundo eu?'"

363

"Surya disse, 'Este Ser não é o deus do fogo, ele não é um Asura. Nem ele é um Naga. Ele é um Brahmana que alcançou o céu por ter sido coroado com sucesso na observância do voto chamado Unccha. (Foi explicado nos capítulos anteriores que o voto Unccha consiste em subsistir de grãos recolhidos dos campos depois que os cereais foram colhidos e levados embora pelos donos. Ele é um voto muito difícil de praticar. O mérito vinculado a ele é, portanto, muito grande.) Esta pessoa subsistia de frutas e raízes e das folhas caídas das árvores. Ele às vezes subsistia de água, e às vezes só de ar, passando seus dias com alma concentrada. A divindade Mahadeva foi satisfeita por ele com recitação constante dos Samhitas. Ele se esforçou para realizar aqueles atos que levam para o céu. Pelos méritos daqueles atos ele agora chegou ao céu. Sem riqueza e sem desejo de qualquer tipo, ele tinha observado o voto chamado Unccha a respeito de seu sustento. Este Brahmana erudito, ó Nagas, era dedicado ao bem de todas as criaturas. Nem divindades, nem Gandharvas, nem Asuras, nem Nagas podem ser considerados como superiores àquelas criaturas que alcançam este fim excelente de entrar no disco solar.' Esse mesmo, ó regenerado, foi o incidente extraordinário que eu observei naquela ocasião. Aquele Brahmana, que foi coroado com sucesso pela observância do voto Unccha e que assim obteve um fim que pessoas coroadas com sucesso ascético alcançam, até hoje, ó regenerado, circunda a Terra, permanecendo no disco de Surya!'"

364

"O Brahmana disse, 'Sem dúvida, isso é muito extraordinário, ó Naga, eu estou muito satisfeito por escutar-te. Por estas palavras tuas que estão repletas de significado sutil, tu me mostraste o caminho que eu devo seguir. Abençoado sejas tu, eu desejo partir daqui, ó melhor dos Nagas, tu deves te lembrar de mim ocasionalmente e perguntar sobre mim por enviar teu empregado.'"

"O Naga disse, 'O maior objetivo que te trouxe aqui ainda está em teu peito, pois tu ainda não o revelaste para mim. Aonde então tu irás? Diga-me, ó regenerado, o que deve ser feito por mim, e qual é o objetivo que te trouxe aqui. Depois da realização do teu negócio, qualquer que ele seja, expressado ou não

expressado em palavras, tu podes ir, ó principal das pessoas regeneradas, me saudando e despedido por mim alegremente, ó tu de votos excelentes. Tu concebeste uma amizade por mim. Ó Rishi regenerado, não cabe a ti partir deste local depois de ter somente me visto, tu mesmo sentado sob a sombra desta árvore. Tu te tornaste caro para mim e eu me tornei caro para ti, sem dúvida. Todas as pessoas nessa cidade são tuas. Qual objeção há, então, ó impecável, em passar algum tempo em minha casa?"

"O Brahmana disse, 'É assim mesmo, ó tu de grande sabedoria, ó Naga que adquiriste um conhecimento da alma. É realmente verdade que as divindades não são superiores a ti em nenhum aspecto. Aquele que é tu mesmo, é em verdade eu mesmo, como aquele que é eu mesmo é realmente tu mesmo. Eu mesmo, tu mesmo, e todas as outras criaturas, todas teremos que entrar na Alma Suprema. Uma dúvida entrou em minha mente, ó chefe dos Nagas, a respeito da melhor maneira para ganhar virtude ou mérito. Aquela dúvida foi dissipada pelas tuas palavras, pois eu aprendi o valor do voto Unccha. Eu por essa razão seguirei este que é muito eficaz em relação a consequências benéficas. Esta, ó abençoado, tornou-se minha conclusão certa agora, baseado em razões excelentes. Eu me despeço de ti. Bênçãos para ti. Meu objetivo foi concluído, ó Naga.'"

"Bhishma disse, 'Tendo saudado aquele principal dos Nagas dessa maneira, o Brahmana (chamado Dharmaranya), firmemente resolvido a seguir o modo de vida Unccha, procedeu à presença, ó rei, de Chyavana da linhagem de Bhrigu, pelo desejo de ser oficialmente instruído e iniciado naquele voto. (A iniciação formal ou diksha é uma cerimônia de grande importância. Nenhum sacrifício ou voto, nenhum rito religioso, pode ser realizado sem o diksha. O rito de diksha é realizado com a ajuda de um preceptor ou sacerdote. Ao deixar o modo de vida familiar pela vida de um asceta na floresta, o diksha é necessário. Ao seguir o voto Unccha, este rito é necessário. Qualquer ato religioso realizado por alguém sem ter passado pelo diksha formal vem a ser estéril de resultados.) Chyavana realizou os ritos Samskara do Brahmana e o iniciou formalmente no modo de vida Unccha. O filho de Bhrigu, ó monarca, contou essa história para o rei Janaka. O rei Janaka, por sua vez, narrou-a para o Rishi celeste Narada de grande alma. O Rishi celeste Narada também, de atos imaculados, indo em uma ocasião à residência de Indra, o chefe das divindades, deu para Indra essa história após ser questionado por ele. O chefe dos celestiais, tendo-a obtido assim de Narada, contou essa história abençoada para um conclave consistindo em todos os principais Brahmanas, ó monarca. Na ocasião, também, do meu terrível combate com Rama da linhagem de Bhrigu (no campo de Kurukshetra), os Vasus celestes, ó rei, me contaram essa história. Pedido por ti, ó principal dos homens justos, eu narrei essa história que é excelente e sagrada e repleta de grande mérito. Tu me perguntaste sobre o que constitui o dever mais elevado, ó rei. Essa história é minha resposta à tua pergunta. Era um homem valente aquele, ó monarca, que se dirigiu à prática do voto Unccha dessa maneira, sem esperança de qualquer resultado. Firmemente decidido, aquele Brahmana, instruído pelo chefe de Nagas dessa maneira sobre seu dever, dirigiu-se à prática de Yama e Niyama, e enquanto subsistia do alimento que era permitido pelo voto Unccha, procedeu para outra floresta.'"

Fim do Santi Parva.